BOLETIM de ARIEL

Mensario Critico-Bibliographico

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

I-310-1-2

ESCREVEM NESTE NUMERO:

Adoasto de Godoy — Agrippino Grieco
Alberto Ramos — Alcides Bezerra
Antonio Gabriel — Antonio Torres
Arthur Coelho — Augusto Frederico Schmidt
Francisco Venancio Filho — Gastão Cruls
Gilberto Amado — Heitor Marçal
Hilario Cintra — Lucia Miguel Pereira
Marguerite Picard-Loëwy — Roquette-Pinto
Sauld Borges Carneiro — Theodemiro Tostes
Ubaldo Soares — V. Miranda Reis
Valdemar Cavalcanti

Rio de Janeiro, Outubro 1932 **Anno II - N. 1**

Preço para todo o Brasil: 2$000

BOLETIM DE ARIEL

DIRECTOR: — GASTÃO CRULS

REDACTOR-CHEFE: — AGRIPPINO GRIÉCO

EXPEDIENTE

Preços para todo o Brasil

Assignatura, 12 numeros	18$000
Numero avulso	2$000
Numeros atrazados	2$000

Os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O *Boletim de Ariel*, em sua parte editorial, só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o *Boletim* só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos doze mezes.

O *Boletim* não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

Não ha restituição de originaes.

São correspondentes desta revista:

Na França — Sra. Picard-Loëwy, Paris.
No R. G. do Sul — Sr. Paulo Arinos, Porto Alegre.
No E. S. Paulo — Dr. Waldmir Malheiros, S. Paulo.
Em Sergipe — Sr. Ernesto Abreu, Aracajú.
Em Alagôas — Sr. Valdemar Cavalcanti, Maceió.
Em Pernambuco — Sr. Aloysio Branco, Recife.
Na Parahyba do N.— Dr. Adhemar Vidal, J. Pessôa.
No Pará — Dr. Gastão Vieira, Belém.

Direcção, Redacção, Publicidade:

ARIEL, EDITORA LTDA.

Rua 1º de Março, 105 - 1º andar, Sala 3. Tel. 3-1310

Endereço telegr. *Ariel* (Western)

RIO DE JANEIRO — BRASIL

A apparecer brevemente:

PAULERY BERGADO

PARA RIR

A mais rica e variada collecção de engraçadissimas anecdotas que já se fez no Brasil. E' livro que pode ser lido por todos e que a todos agradará.

PREÇO: 5$000

Pedidos desde já a

ARIEL, EDITORA LTDA.

Rua 1º de Março, 105 - 1º andar — Rio de Janeiro

ARIEL, EDITORA LTDA.

acaba de lançar a collecção

"OS MESTRES DA AVENTURA",

encetada com os seguintes romances do sensacional escriptor francez GEORGES SIMENON:

O MYSTERIO DE UM MORTO
O CÃO AMARELLO
UM CRIME NA HOLLANDA

——— e tambem a collecção: ———

"OS MESTRES DO AMOR",

publicando os seguintes romances do finissimo psychologo das ligações galantes

NICOLAS SÉGUR:

A CORTINA VERMELHA

——— E ———

O ANNEL SENSUAL

Pedidos a

ARIEL, EDITORA LTDA.

105 - Rua 1º de Março, 1º andar, Sala 3. Tel. 3-1310

Rio de Janeiro

Litteratura — Artes — Sciencias — Direito.

Livros sobre todos os assumptos.

LIVRARIA AMERICA

ASSEMBLÉA, 92 — TEL. 2-9423

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Lávreiros Editores e Importadores)

166 — Rua do Ouvidor — 166

RIO DE JANEIRO

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49-A, S. Paulo | Rua da Bahia n. 1052, Bello Horizonte

A NOSSA CORRESPONDENTE EM PARIS

Mme. M. Picard-Loëwy

234 FAUBOURG SAINT-HONORE'

(Téléphone Carnot 19.73)

encarrega-se de trabalhos de traducção do portuguez para o francez, de rever traducções já feitas, de auxiliar conferencistas na preparação de conferencias em lingua franceza e no aperfeiçoamento da sua pronuncia.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

OUTUBRO 1932 ANNO II SETEMBRO 1933

Caetano Cardoso

Indice de Autores e Titulos

A

Accacio França: — Vicente Licinio Cardoso, 262.

Adhemar Vidal: — Duas figuras de revolucionarios, 37; Pela razão ou pela força, 104; Enamorados do Brasil, 127; Trechos de um prefacio, 170; Deante da "Realidade Brasileira", 211; Murilo Mendes, 284; "Noroeste e outros poemas do Brasil", 322.

Agosto de Godoy: — A vida aventurosa de Patrocinio Filho, 9; O triste fim de Lima Barreto, 30.

Affonso d'E. Taunay: — A proposito dos primeiros épos escriptos no Brasil, 137; Ineditos de Antonio Vieira?, 251, 282.

Afranio Peixoto: — Constancio Alves, 166; Juliano Moreira, 223.

Agrippino Grieco: — Musa parlamentar, 24; Anthologia de Sonetos, 24; "A illusão litteraria", 46; Sobre Ferdinand Denis, 52; "A alma dos livros", 70; Tres assumptos, 101; "Oropa, França e Bahia", 112; Felippe d'Oliveira, 145; Caricaturistas, 184; "O cavalleiro de Itararé", 208; José de Carvalho, 229; "Virages", 261; "Rabelais et le rire de la Renaissance", 297; Guilherme Tell e Djalma Andrade, 306.

Albertino Moreira: — Escola de Sociologia e Politica, 318.

Alberto de Oliveira: — Maldito consoante, 221.

Alberto Passos Guimarães — "Brasil errado", 87; A proposito de um romance: "Cacau", 288.

Alberto Ramos: — Homem de partido, 7; De Goethe (trad.), 20; Pensar no ar livre, 29; Analogias, 55; Arte poetica, 82; Epigramma, 116; Duas conversões, 139; Vieira, 168; Christiana Vulpius, 195; Hymno da tarde, 214; *Tout est dit*, 222; Ser breve, 250; Um conto inedito de Oscar Wilde, 307.

Alcides Bezerra: — "Noções de Historia de Litteratura Geral", 6; Guts Muths, 56; Capistrano, ensaista e critico, 84; Morphologia de um seculo de Historia do Brasil, 121; Conjecturas, 176; Socialismo e Democracia, 197; Os melhores livros brasileiros, 258.

Aldo Moraes: — Lettras amazonenses, 326.

Aloysio de Paula: — Amiel, 178.

Amando Fontes: — A morte de Bella, 172.

Annibal M. Machado — "Historia do Brasil", 260.

Antenor Nascentes: — Uma critica ao meu Diccionario Etymologico, 280.

Antonio Gabriel: — "No tempo dos Vice-Reis", 21.

Antonio Sá Pereira: — O segredo de Brailowsky, 232.

Antonio Torres: — A laurea do futurismo, 21; Academia Irlandeza de Lettras, 11; Elogio do Poeta, 278; O Rio dos Vice-Reis, 311.

Arnaldo Tabayá: — "Cartilha da probidade", 46; Os contos de Marques Rebello, 327.

Arthur Coelho: — Novo livro de Langdon Davies, 17; Filmes, 38; Cinema e cinema de verdade, 78; O "Diario" de Arnold Bennett, 125; Que é technocracia?, 144; A actualidade do cinema americano, 160; "Cavalcade", 246.

Arthur Ramos — A poesia modernista e a psychanalyse, 266.

Augusto Frederico Schmidt: — Retrato de Katherine Mansfield, 4; Nestor Victor, 26; A "Anthologia", 53; Momento, 117; Soneto, 130; Fim, 194; A actualidade de Flaubert, 212.

B

Benjamin Lima: — A vida de M. Bomfim, 68; Um typo novo de amorosa, 98; "O sertão social", 175; Um romance philogyno, 291.

Bezerra de Freitas: — O "Diario" de Katherine Mansfield, 172; Dynamismo Litterario, 297.

C

Carlos Dante de Moraes — Paulo Corrêa Lopes, 243.

Cesar Luiz Cavalcanti: — "Poemas Escolhidos", de Jorge de Lima, 149; A proposito de "Urucungo", 208.

Clovis Ramalhete: — O momento nas letras capichabas, 200.

Cyro Martins: — Fim de Batalha, 236.

D

Damaso Rocha: — Raça, 244.

Dante Costa: — O Brasil está na curva, 289.

Deabreu: — Noite de S. João, 117; Elles, 138.

Decio Olinto: — Graça Aranha, epileptico?, 40.

D. Milano: — Imagens, 116; Saudades da minha vida, 143; Descobrimento da poesia, 250; Canção indolor, 294.

E

Edgard Cerqueira Falcão: — Hoover e Roosevelt, 95.

Edgard Liger-Belair — "Aventures de Mer", 92.

E. di Cavalcanti: — Augusto Frederico Schmidt, 295.

Eugenio Gomes: — Liam O' Flaherty, 43; A preamar das novellas populares, 105.

Evaldo Coutinho: — Religião estatica e dynamica, 77.

F

F. Contreiras Rodrigues: — "El gaucho florido", 54; Laura Cortinas e seus romances de these, 93; Em torno da ortographia de um escriptor brasileiro, 199, 269.

Flausino R. Valle: — Nona symphonia de Beethoven, 106.

Francisco Venancio Filho: — O mundo maravilhoso das creanças, 20; Decroly, 34; *Litterature enfantine et collaboration internationale*, 62; 5ª Conferencia Nacional de Educação, 134; *La escuela nueva*, 136; Heroes, 224; O centenario de Paul Bert, 283.

G

Gastão Cruls: — La Pavlova, 5; "Menino de Engenho", 14; "*Défense de Lady Chatterley*", 16; Um vaqueano do desconhecido, 74; "Portugal na Historia", 87; "*To te gallows I must go*", 124; "A caminho da fôrca", (trad.), 180; Echos, 183; Os "descobridores" de Fawcett,

209; "Maria Luiza", 264; Visitantes estrangeiros, 316.
Gilberto Amado: — Um Casanova preto, 3; "Atenea politica", 13; Castro Alves, 31; A nossa litteratura, 109; Augusto Frederico Schmidt, 148; Pergunta difficil, 281; "Os Corumbas", 313.
Gilberto Freyre: — Relações diplomaticas entre o Brasil e os Estados Unidos, 28.

H

Helena de Irajá: — A singeleza poetica de Anthero do Quental, 64.
Helena de Souza Dantas: — O novo feiticeiro, 323.
Heitor Marçal: — Alba Valdez, 18; "Evolução da poesia brasileira", 57; Juvenal Galeno, 271.
Helio Vianna: — "Brasil errado", 75.
Hilario Cintra: — Bibliomania, 14; Um cultor das litteraturas de lingua hespanhola, 51.
Hugo Antunes: — Litteratura e revolução, 102; O silencio é de ouro, 189.

J

Jack Sampaio: — Exotismo, 97; *"Les bien aimées"*, 114; Technocracia, 131; *"A farewell to arms"*, 159; *"The adventures of the black girl in her search for God"*, 194; *"By the waters of Manhattan"*, 227; Intermezzo com Jean Giraudoux, 257; *"They winter abroad"*, 296; Mundos Novos, 314.
Jayme Cardoso: — A lição do Proteu, 146; Um gymnasta da alegria, 185; Um esthéta, 213.
João Ribeiro: — Livros esgottados e livros raros, 81.
Jonathas Serrano: — As cartas jesuiticas e Afranio Peixoto, 249.
Jorge Amado: — "Sinhá Dona", 42; Raul Bopp, macumbeiro, 73; Collecção, 91; Um juiz, 170; Um mestre e um discipulo, 215; Dois ensaistas, 225; Infancia, 268; P. S., 292; "Feira Desigual", 315.
Jorge de Lima: — Na carreira do vento, 97.
José Lins do Rego: — O cinema, 298; Gordos e magros, 305.
José Maria Bello: — Em torno do Sr. Gilberto Amado, 308.
José Mariano (filho): — Urbanismo, 88.
José Sergio: — *"Les nouvelles tendances du Droit Constitutionnel"*, 123; *"La vie de Tamerlan"*, 152.

L

Léon Kochnitzky: — *Singularités de l'Amérique Australe*, 169.
Luiz Annibal Falcão: — José Albano, o poeta louco, 33.
Luiz da Camara Cascudo: — Imprensa monarchista, 256.
Lucia Miguel Pereira: — Os novos barbaros, 1; *"Le livre de ma vie"*, 41; A proposito de Dostoiewski, 61; *"Le monde tel que je l'ai vu"*, 113; As reliquias da morta, 158; O mundo do menino impossivel, 179; Numa pagina de jornal, 198; "Psychologia pedagogica da adolescencia", 222; *"Le mystère Frontenac"*, 244; *"Printemps"*, 255; Gente rica, 310.

M

Manlio Giudice: — "Lucrece Borgia", 85; Du Guesclin, 97.
Manuel Bandeira: — Tragedia brasileira, 138.
Marguerite Picard-Loëwy: — A Livraria Flammarion, 12; Novidades Litterarias, 48; Charles Dullin e o Theatro do Atelier, 71; Porque as escriptoras usam pseudonymos masculinos, 150, 190; André de Billy, 177; Léo Poldès e o Club du Faubourg, 202; Um "Coração innumeravel", 233; Aurélien Scholl, 293; Uma obra prima: "Crime e Castigo", 330.
Mario Sette: — O frêvo, 187.
Marques Rebello: — Tres Caminhos, 234.
Mauricio Wellisch: — A proposito do amor cégo e do outro..., 59; A proposito da ethica de Aristoteles e da felicidade, 126; A proposito de arte, 162; O philosopho e a lanterna magica, 286.
Mello-Nobrega: — Baptista Cepellos, o esquecido, 235; O romance de Baptista Cepellos, 270; O cochilo de Marte, 328.
Miguel Couto: — Maldades, 25.
Miguel Ozorio de Almeida: — *"La vie des Huns"*, 27; "Parlamentarismo e presidencialismo no Brasil", 45; *"La vie de Benjamin Constant"*, 50; *"De la connaissance de soi"*, 63; *"The age of reason"*, 83; *"Les deux sources de la morale et de la religion"*, 110; Richard Wagner, 171; Organização, 193; Manhã de Petropolis, 216; *"Les affranchis"*, 228; *"The story of San Michele"*, 254.
Miran M. de Barros Latif: — A' margem do livro "Mauá", de Castro Rebello, 132; Um livro doutrinario de Affonso Arinos de Mello Franco, 241.
Mozart Firmeza: — "Tentação de ser feliz", 321.
Murilo Mendes: — A namorada de Lazaro, 30; Apresentação da "Gallinha Céga", 41; O concerto, 55; O credor, 55; A estatua do alferes, 168; Carta de Pero Vaz, 168; O heroe sae da estatua, 186; Nota sobre "Cacau", 317.

O

O. B. de Couto e Silva: — *"A league of minds"*, 230;
Octavio de Faria: — O "Lenine" de Malaparte, 58; Ludwig e Mussolini, 115; Um novo critico litterario, 167; Mauá e o os Marxistas, 207; "Tres caminhos", 285.
Olivio Montenegro: — Um romance brasileiro, 153.
Olmiro de Azevedo: — Poema da terra loura e verde, 76; Domingo, 296.
Onestaldo de Pennafort: — De Paul Verlaine, 123, 127.
Oscar Mendes: — Machado de Assis e os Mineiros, 86; Poetas de velho cantar, 267.
Osmar Pimentel: — Affonso Schmidt, novellista, 188; Os amores de Tolstoi, 324.
Osorio de Oliveira: — Infelicidade dos escriptores portuguezes, 226.
Osorio Dutra: — Perolas d'agua, 232.

P

Paulo Velloso: — O "Menino de Engenho" atravez da psychanalyse, 273.
Paulo Werneck: — Exposição Sylvia Meyer, 42.
Peregrino Junior: — Problemas modernos de sexualidade, 39; Nosotherapia, conquista moderna da medicina, 128; Amazonia, 205; A vida imitando a arte, 257; Explicação scientifica da morte de Schaaf, 329.

R

Raul Bopp: — Negro, 89; Tapuya, 89.
Raymundo Moraes: — "Hydrographia do Amazonas", 290.
R. Magalhães Junior: — Romanceadores nacionaes, 231; A proposito de "Deserto Verde", 309.
Ribeiro Couto: — São Vicente, 166.
Roberto Moreira: — Realidade e poesia, 141.
Rodrigo M. F. de Andrade: — Memorias, 117.
Rodrigo Octavio Filho: — Recúo nostalgico, 174.
Roquette-Pinto: — A poesia da acção, 5; "O exercito e o sertão", 60; A casa do medico, 127; "Almas sem abrigo", 279.

S

San Tiago Dantas: — *"Thérèse Desqueiroux chez le docteur"*, 140.
Saul Borges Carneiro: — Karl Vossler, 8; A tragedia de Antonio José, 35; A crise da philologia romanica, 65; Um novo diccionario etymologico, 90; "A dansa sobre o abysmo", 120; "Evolução da prosa brasileira", 201; Camões e os brasileiros, 250; "Serafim Ponte Grande", 312.

T

Theodemiro Tostes: — Canção pueril, 11; Poeminha N. 1, 94.
Tristão da Cunha: — A tragedia de Hamleto, 114.

U

Ubaldo Soares: — O liberalismo politico de Dostoiewsky, 15; As origens intellectuaes da revolução russa, 32; "Confession", 49; Dr. Ribas, professor de economia, 69; Bacterias da revolução, 103; A missão planetaria do Brasil, 118; Aristocracia da intelligencia, 239; Charles Andler, 247; "La Pomeranie Polonaise", 247; Paul Bourget, 263; Bem haja o 14 de Julho, 299; Visões falsas do Oriente, 325.

V

Valdemar Cavalcanti: — Noticia sobre Bernanos, 10; A proposito de Gorki, 44; Os "Poemas Escolhidos" de Jorge de Lima, 96.
V. Miranda Reis: — *"Handwoerterbuch der Soziologie"*, 19; Que é o feminismo?, 47; Esboço de uma introducção á critica de "Politica", 66; *Errare divinum est*, 99; Pedagogia e politica, 130; *"Geschichte des Bolschewismus"*, 155; Bergson, Durkheim e o problema moral, 181; A religião segundo Bergson, 204; A sociologia Bergsoniana, 237; Constituições, 265; Do homogeneo confuso, 277; *"Le socialisme constructif"*, 319.

Z

Zuleika Lintz: — Da biographia, 49; Pessimismo e conscio esthetico, 236.

Indice de assumptos e principaes allusões

A

Abreu (Modesto de), 151; Academia Goncourt, 219; Adam (Paul), 300; Adour da Camara (J.), 112, 127; Adrian (E. D., 4; Albino Esteves, 301; Albuquerque (Ulysses de), 275; Alencar (Clodoaldo de), 323; Alexandrowska (Y. L., 231; Almeida Renato de), 107; Alves (Constancio), 165; Amado (Genolino), 8; Amado (Gilberto), 120, 135, 146, 239, 281, 308; Amado (Jorge), 89, 192, 240, 288, 317; Amaral (Luiz), 272; Amaro (Juvenal), 107; Amazonia, 205, 290; America do Sul, 169; Americo de Almeida (José), 264; Amiel (F.), 178; Amor, 59; Analogias, 5; Anchieta, 261; Andler (C.), 246; Andrade (Djalma), 306; Andrade (Euclides de), 275, 331; Andrade (Nuno de), 203; Andrade (Oswald de), 312; Anthologia, 53; Antonio Bento, 133; Antonio José, 35; Antunes (Hugo), 207; Araujo (Murillo), 151; Araujo Lima, 120, 188, 205; Architectura, 20; Arinos de Mello Franco (Affonso), 188, 241; Arinos Sobrinho (Affonso), 211; Aristoteles, 126; Arte, 162; Arte poetica, 82, 221; Aston (James), 296; Athayde (Tristão de), 66, 89, 99, 138, 220; Aubry (O.), 246; Auernheimer (R.), 44; Autographos, 56; Assis Cintra, 238, 303; Avelino (Camillo), 15; Azevedo (Fernando de), 154; Azevedo (Raul de), 79.

B

Backheuser (E.), 264, 304; Bakounine (M.), 49; Baptista (Pedro), 301; Baptista Cepellos, 235, 270; Barbagelata (H. D.), 159; Barbosa (Ruy), 20, 145; Baring (M.), 32; Baron (J.), 218; Barreto (Tobias), 220; Barros (João de), 54; Barroso (Gustavo), 300; Beethoven, 106; Belleza (Newton), 152; Belloc (H.), 65; Belmonte, 321; Benjamin (René), 11; Benjamin Constant, 60, 183; Bennett (Arnold), 125; Benoist (Charles), 27; Benson (S.), 45; Beriberi, 20; Bergson, 77, 110, 139, 181, 204, 237; Bernanos, 10; Beronville (G.), 303; Bert (Paul), 283; Bontempelli (M.), 65; Brion (M.), 23, 27; Brunschvieg, 63; Brussolo (A.), 124; Bruzon (M. M. de), 133.

C

Cainby (A.), 79; Calmon (Pedro), 191, 246, 264, 304; Camargo (Jorsey), 291; Camões, 250; Campos (Humberto de), 117; Candioti (A. M.), 331; Cané (L.), 247; Capistrano de Abreu, 84, 101; Cardoso (Jayme), 310; Caricaturistas, 184; Carpeaux, 183; Carpenter (L. F. S.), 79; Carrère (Jean), 72; Carvalho (José), 229; Carvalho (Ronald de), 218, 297; Casasanta (M.), 80; Cassiano Ricardo, 85; Castellane (B. de), 72; Castro (Augusto de), 274; Castro (J. D.), 26; Castro (Sertorio de), 164; Castro Alves, 31; Castro Rebello, 79, 132, 189, 207; Cazaes Monteiro (Adolpho), 323; Cecchi (E.), 31; Céline (L.-F.), 119; Chadourne (Marc), 97, 316; Charrúas do Amarante, 154; Chaucer, 98; Chevalier (M.), 38; Civinini (G.), 45; Cinema, 78, 160, 246, 286; Clementel, 115; Coelho (Jayme), 80; Coelho Cavalcanti, 203; Coelho Cintra (M.), 301; Coelho Lisboa (R.), 275; Cogniat (R.), 183; Collaboradores do *Boletim de Ariel*, 22; Colin (P.), 65; Collins (W.), 70; Conan Doyle, 45; Contreiras Rodrigues (F.), 229; Corrêa (R.-A.), 129, 327; Corrêa (Viriato), 163; Corrêa Lopes (C.), 188; Corrêa Lopes (P.), 243; Cortinas (L.), 93; Costa (Dante), 315; Costa Filho (O.), 126; Costa Montenegro (J. da), 163; Costa Palmeira, 89, 104; Cruls (G.), 199, 257, 269, 303; Cunha (Euclydes da), 307.

D

D'Annunzio (G.), 8; Dantas (Julio), 2; Dante, 270; Daudet (Léon), 185; Deabreu, 263; Decroly, 34; Dekobra, 330; Delamain (J.), 27, 65; Delarue Mardrus, 253; Democracia, 197, 299; Descoudres (A.), 224; Dias (Alexandre), 301; Dietrich (M.), 38; Diniz (Z.), 162; Diplomacia, 28; Direito Constitucional, 123; Disraeli, 217; Domingues (O.), 329; Dominique (P.), 98; Dorgelès (R.), 255; Dostoiewski, 10, 15, 61, 330; Dourado (M.), 255; Du Bos (Ch.), 135; Du Guesclin, 97; Dumont Wilden (L.), 50; Dumesnil (R.), 212; Duriau (J.), 101, 183; Durkheim, 181; Durtain (L.), 264, 275, 316; Dutra (Osorio), 300; Duvernois (H.), 332; Duvida, 7.

E

Educação, 83, 134; Einstein, 332; Escravatura, 25; Estrellita Junior, 154; Estylo, 250; Ethnologia, 20; Exercito, 60.

F

Faria (A. de), 132, 189; Faria (O. de), 219, 225; Faria (W.), 275; Farinelli, 73; Fauconnier (H.), 97; Faugier (S.), 38; Fawcett, 209; Feminismo, 47; Ferdinand Denis, 52; Fernandes (A.), 101; Fernandez (R.), 40, 121, 129; Fibich (D.), 228; Figueira (G.), 147; Figueira de Almeida, 191; Filgueiras Lima, 143; Flammarion (E.), 12; Flaubert (G.), 76, 212, 332; Fleuret (F.), 8; Fontes (A), 292, 313; Fontes (N.), 259; Fogazzaro, 31; Fontoura Xavier, 9; Franc-Nohain, 11, 120; França (Acacio), 107; Freiro (E.), 46; Fouquier (151, 220, 272); Fourier, 211; Futurismo, 211.

G

Gahisto (M.), 225, 259; Gaiffe (F.), 44; Galeno (J.), 271; Galsworthy, 57, 147; Garcia Calderón (V.), 36, 261; Garrie (R.), 253, 263; Gastronomia, 163; "G.E.G.H.P.", 80; Genevoix (M.), 120; Ghende (Ch.), 8; Gibbs (P.), 83; Gide (A.), 138, 332; Gill (A.), 184; Giraudoux, 257; Godoy (Armand de), 67, 192, 194, 225; Góes (Carlos), 276; Góes (E. de), 108; Goncourt (Ed.), 32; Gorki, 44; Graça Aranha, 40; Gracciotti (M.), 157; Grammatica, 326; Grieco (A.), 57, 201, 245, 281, 302; Guedes de Mello (H.), 272; Guenet (Ch.), 32; Guerra, 25; Guimarães (João), 133; Guts Muths, 56; Guzman (R.-A.), 13; Gwynn (D.), 57.

H

Harry (G.), 101; Harry (M.), 300; Historia, 231; Historia do Brasil, 121; Hisquin (H.), 98; Hitler, 37; Hofmannsthal (H.), 62; Hoover, 95; Hunos, 27; Huxley (A.), 183, 332.

I

Iago (José), 136; Imprensa, 256; Irlanda, 11.

J

Jardim (R.), 303; Jessa (N.), 163; João Alphonsus, 41; Jobim (A), 331; Jobim (J.), 127; José Albano, 33; Jouhandeau (M.), 65.

K

Karm (F.), 310; Kaseff (L.), 122; Kautzky, 240; Kehl (R.), 272; Kierkegaard, 70; Kipling, 300; Klinger (B.), 242; Kochanowski, 90; Kochnitzky, 3, 60, 168; Knut Hamsun, 50.

L

Ladislau (A.), 283; Laet (C. de), 203; Lamartine, 73; Lamb (H.), 152; Langdon Davies, 17; Le Braz (A.), 57; Lawrence (D. H.), 16, 332; Lefèvre (F.), 90; Lenine, 58; Leonardos (T.), 16; Lespinasse (J. de), 98; Lessa (O.), 135, 238; Lettras amazonicas, 326; Lettras cathalinenses, 136; Liberalli (C. H.), 294; Licinio Cardoso (V.), 262, 301; Liga das Nações, 230; Lima (Adonias), 107; Lima (Benjamin), 203; Lima (Herman), 104; Lima (Hermes), 217; Lima (Jorge de), 96, 149, 179, 203; Lima (Matheus), 276; Linhares (A.), 186; Lins do Rego (J.), 14, 153, 273, 281; Litteratura, 6, 297, 305; "Litteratura", 300; Litteratura brasileira, 200; Litteratura infantil, 62; Litteratura portugueza, 226; Litteratura proletaria, 102; Loti (P.), 57; Lucrecia Borgia, 85; Ludwig, 98, 113, 115, 141; Luiz Carlos, 7; Luiz Edmundo, 21, 311; Luz Filho (Fabio), 245, 276; Lyra Filho (João), 175, 238; Lyra (Roberto), 245.

M

Mac Donald (Jeannette), 38; Machado de Assis, 86; Machado Guimarães (A.), 245; Madeira (Carlos), 272; Madureira

de Pinho (D.), 275; Madureira de Pinho (P.), 275; M. Carlos, 240; Maeterlinck, 300; Magalhães (Fernando de), 46; Magalhães (L. A. de), 222; Maistre (J. D.), 27; Malaparte, 58, 98, 103; Malo (H.), 47; Mann (H.), 101, 319; Mansfield, 4, 172; Marañon (G.), 39, 78; Marçal (H.), 42; Marguerite (V.), 48; Maria Bello (J.), 266; Marianno Filho (J.), 248; Marinetti, 2; Marques Rebello, 240, 285, 327; Martins de Almeida, 75, 87, 127; Matta Machado, 240; Matthews (T. S.), 124, 175, 272; Mattos (Annibal), 52, 133; Mattos Pimenta, 177; Mauá, 79, 132, 189, 207; Maupassant, 65, 196; Mauriac, 140, 244; Maurois, 217; Mazeline (G.), 119, 183; Mc Kay (C.), 3; Medeiros e Albuquerque, 45; Medicina Legal, 192; Mello (Arnon de), 259; Mello Leitão, 151; Memento bibliographico, 24, 52, 80, 108, 136, 164, 192, 220, 248, 276, 304, 332; Memorins, 119; Mendes (Lamartine F.), 107; Mendes (Murillo), 175, 248, 260, 284; Mendes (Oscar), 70; Mendonça (Olympio), 170; Menezes (Djacir), 107; Menge (Alves), 318; Menotti del Picchia, 154; Meyer (Sylvia), 42; Michaut (G.), 101; Miguel Pereira (L.), 229, 264; Mirkine-Guezévitch (B.), 123; Misoffe (M.), 40; Mocchini, 47; Monfreid (H.), 92; Moniz (H.), 332; Moore (C.), 218; Moore (G.), 166; Monteiro (E.), 90; Monteiro (M.), 24; Monteiro Lobato, 70; Montenegro Cordeiro, 314; Moral, 110; Morand (P.), 97, 316; Moreaux (P.), 300; Moreira (Albertino), 248, 265; Moreira (Juliano), 223; Moreyra (Alvaro), 247; Motta Filho, 107; Munthe (Axel), 254; Musica, 20; Mussolini, 2, 65, 115; Mustaphá Kemal, 37.

N

Nascentes (A.), 90, 186, 280; Nay (Aldo), 104; Nery (Fernando), 20, 252; Nestor (Odilon), 154, 256, 304; Nestor Victor, 26; Neves (João), 186; Nev, 328; Nina Rodrigues, 247; Noailles (Comtesse de), 41, 233; Nobre de Mello (M.), 271; Nobrega de Siqueira, 247; Nogueira (A.), 326; Nosotherapia, 128; Novellas populares, 105.

O

Ociamic (L.), 126; O'Flaherty (L.), 43; Ojetti (H.), 98; Oliveira (A. de), 24, 140; Oliveira (Armando), 247; Oliveira (Felippe de), 145, 174, 321; Oliveira e Silva, 19; Oliveira Vianna, 154; Organização, 193; Originalidade, 222; Orthographia, 199, 269; Osorio de Oliveira, 240, 323; Osorio Dutra, 300; Ossietzky, 11; Ozorio de Almeida (M.), 256, 279, 313.

P

Papini, 300; Partidarismo, 7; Passos Cabral (J.), 161; Patrocinio (José do), 203; Patrocinio Filho, 9; Pascal, 116; Paulery Bergado, 85; Paulino Jacques, 104; Paulo Gustavo, 104; Pavlova, 5; Pedagogia, 34, 130; Peguy (C.), 23; Peixoto (Afranio), 250, 301; Penteado Medici, 301; Pereira (B.), 24; Pereira Lessa (F.), 243; Pessimismo, 236; Philologia, 8, 65; Philosophia, 63, 286; Picard (Ch.), 3; Pinto (Esteban), 323; Pinto Antunes, 136; Pinto da Silva (J.), 176; Pintura, 42; Pirandello, 54; Pires (Cornelio), 151; Pires Wynne (J.), 97; Pitigrilli, 206; Poesia, 267; Poldès (L.), 202; Politica, 66, 130; "Politica", 107; Pongetti (H.), 309; Pontes de Miranda, 118, 197; Porché (F.), 332; Possolo (E.), 245; Pouchkine, 73; Prado Junior (C.), 211; Prado Valladares, 215; Prevost (J.), 74; Pseudonymos de escriptoras, 150, 190; Psychanalyse, 266; Purinton (E. E.), 186.

R

Rebello (Laurindo), 220; Raeders (G.), 95, 218; Raja Gabaglia, 284; Ramos (Alberto), 278; Ramos (Arthur), 20, 104, 225; Rangel (Alberto), 310; Ratel (S.), 183; Reboux (P.), 48, 331; Reinach (S.), 72; Reis Perdigão, 303; Religião, 77, 110, 204; Resnikoff (C.), 227; "Revista do Ensino", 20; Revolução, 102, 103; Revolução russa, 32; Reyes (A.), 13; Reyles (C.), 54; Ribas Carneiro, 69; Ribeiro (Leonidio), 294; Ribeiro Couto, 314, 322, 323; Ribeiro Lessa (C.), 147; Ridder Haggard, 332; "Rio Magazine", 300; Rivière (J.), 129; Rodrigues (Fernando), 124; Rodrigues Valle, 166; Rodrigo Octavio Filho, 211, 331; Romance policial, 189; Romero (Nelson), 114; Roosevelt, 95; Rosa Maria, 135; Rosenberg (A.), 155; Ross (R.), 9; Rotschild (H. de), 94; Rousseaux (A.), 167; Royère (J.), 196; "Runo", 300; Rueda (S.), 196; Russia, 155, 192.

S

Sabedoria, 7; Saboia Lima (A.), 143; Saboia Ribeiro, 301; Salgado (P.), 208; Sampaio Doria, 264; Sandy, 65; Santos (F.), 135, 163; Sarrault (A.), 5; Sauvage (M.), 65; Savoir (A.), 183; Schaaff, 329; Schmidt (Affonso), 83, 104, 188; Schmidt (A. F.), 148, 295; Scholl (A.), 276; Seabrook (W. B.), 34; Ségur (N.), 85; Serrano (J.), 198, 259; Sertão, 60; Sette (M.), 175; Setubal (P.), 242; Severo (A.), 246; Shakespeare, 114; Shaw (B.), 194; Sherrington, 64; Sienkiewicz, 275; Silencio, 307; Silva (Henrique), 161; Silva (Herculano), 163; Silva Mello (A. da), 196, 276; Silveira (Tasso), 164; Simenon (G.), 51, 52, 77, 107, 218, 331; Simões Coelho, 126; Sinclair Lewis, 98; Soares (J. J.), 330; Socialismo, 319; Sociologia, 19, 237, 277, 289, 318; Souza Aguiar, 135; Souza Carneiro (N.), 245; Souza Docca, 322; Souza Lobo, 188; Spitzer (L.), 8, 65; Stevenson (R. L.), 317; Stalin, 74, 272; Sud Menucci, 99, 130; Sylos (H. de), 151; Sylvio Julio, 74.

T

Tabajara de Oliveira (N.), 272; Taine, 27; Tamerlão, 152; Technocracia, 144; Teixeira (Anisio), 247; Tharaud (J. et J.), 114; Theatro, 71; Therive (A.), 101; Thiollier (R.), 101; Thibaudet (A.), 94; Tinoco (D.) 137; Tolstoi, 324; Torres (Alberto), 327; Torres (Antonio), 291; Tostes Malta, 85; Tourguenief, 327; Traducções, 218; Trotsky, 188.

U

Undset (Sigrid), 255; Urbanismo, 88; Ussani (V.), 108; Utopistas, 314.

V

Vachias (R.), 80; Valdez (A.), 18; Valery (P.), 332; Vallès (J.), 5; Vauban, 57; Veiga Cabral (M.), 220; Velasco (Helena), 164; Vergel (Roger), 97; Vianna (A. G.), 244; Vidal (Adhemar), 294; Vieira, 168, 251, 282, 301; Vieira (A. L.), 26; Vieira da Cunha (C.), 200; Vilalba (M.), 315; Villa-Lobos, 5; Vilhena (H. de), 213; Vilhena de Moraes, 266; Violencia, 1; Viollis (A.), 325; Vioux (M.), 182; Viveiros (C. de), 245, 291; Vogué (Vicomte de), 239; Voronoff, 332; Vossler (Karl), 8; Wulpius (C.), 195.

W

Wagner, 17; Wanderley (Rubey), 240, 317; Wanderley de Pinho, 283; Webster (J.), 113; Wellisch (M.), 201; Werneck Sodré (N.), 275.

X

Xavier de Araujo, 186.

Z

Zischka (A. E.), 38.

Officina Industrial Graphica — Misericordia, 74 — Rio.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls

Anno II - Outubro 1932 - N. 1

REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

OS NOVOS BARBAROS

VAE para mais de cem annos, no termo da sua vida, Napoleão, o homem talvez que mais tenha devido á força, reconhecia a incapacidade da violencia para construir. O tempo passou, a humanidade estudou, soffreu, viveu, e hoje, deante da desorganização das instituições liberaes, a violencia vae de novo campeando. Estamos assistindo a um renascimento da crença na força. Quasi a uma mystica da violencia. Não tanto da violencia material como da espiritual. No momento em que se multiplicam as conferencias para o desarmamento militar e se tenta o desarmamento moral entre os povos, no seio das sociedades sulcam-se fundamente — e combativamente — as divergencias de opinião. Por toda parte, as barreiras se levantam, alteiam-se as muralhas, enrijam-se as couraças. Cada corrente de idéas é uma bandeira desfraldada, sob a qual o toque de reunir agrega os fieis. Ha como uma necessidade de se affirmar, não somente por *alguma cousa, mas ainda* contra *alguma cousa. E de sobrepôr aos demais o ponto de vista de cada clan. Raras, rarissimas, são as intelligencias capazes ainda da largueza, da serenidade, que fazem a doçura da vida. E estas, temol-as como antiquadas, como "avant-guerre". A cultura vae lentamente deixando de ser uma fonte de finos prazeres para se fazer uma arma de combate. Pensamos aggressivamente. Talvez porque nos sintamos compellidos a viver perigosamente.*

Na hora angustiosa que tocou á nossa geração é quiçá necessario saber ser unilateral. Não ser tão comprehensivo, para ser mais efficiente. Canalizar para um mesmo ponto todas as energias, afim de evitar o desperdicio. "Tout comprendre, c'est tout pardonner" — e a mais dura das nossas provações consistirá nisso, em não termos mais o direito de comprehender tudo, para não nos sentirmos inclinados a tudo perdoar. Um dos crimes imputados aos nossos antepassados pelos modernos extremistas, é justamente o de haverem comprehendido demais, acceitado todas as doutrinas, todos os credos. Tentador crime, esse, humano... humano demais. Mas já não ha como pratical-o. "Le mouvement dort au milieu d'une roue qui tourne. Plus on s'éloigne du centre, plus on se trouve entraîné", observou Cocteau naquella estranha e profunda carta em que narra a Maritain a sua conversão. No mundo antigo, que gravitava — ou cria gravitar, o que para o caso vem a dar mais ou menos no mesmo — sobretudo em torno de factores moraes, a intelligencia podia ficar immovel, como um observador sereno e desapaixonado. Mas, na nossa desgraçada epoca, a posição central foi brutal e repentinamente occupada pelos problemas sociaes e economicos. A materia desalojou o espirito. Atirado assim á peripheria, elle foi forçado a entrar no movimento.

No fundo, pois, a aspereza é um symptoma de fraqueza. E' a resposta do individuo acuado, reduzido a fechar os olhos e a se metter na peleja. Do homem que se vê obrigado a viver os seus ideaes até o fim, para não perdel-os.

Extremada como o vamos principiando a ser, foi a idade media, em que muitos estudiosos da historia veem agora a grande epoca do mundo. Aquella sobre a qual ainda reposamos.

A violencia será um mal necessario, a preparação de um melhor porvir? Poderão decidir disso os sociologos, ou dil-o-á somente o futuro?

Para nós, que não sabemos prever, e nos limitamos a notar os acontecimentos — e a soffrer com elles! — uma conclusão resalta. O barbarismo do homem do seculo XX, a despeito de todo o seu progresso. Com effeito, a civilização sendo considerada principalmente como uma harmonia, o homem moderno — e com maior razão o intellectual — não pode deixar de ser taxado de barbaro. Barbaro da intelligencia, como os Hunos ou os Lombardos o foram do corpo. Como elles da sua pujança physica, abusa do seu poder intellectual. Está em ruptura de equilibrio, e pende naturalmente para um só lado, para o lado mais pesado, o das paixões do momento. E põe a intelligencia a serviço da força, esquecido de que o verdadeiro forte é o que não se deixa dominar pelos excessos da violencia.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

A Laurea do Futurismo

Não mais a corôa de louro: um elmo! Fiquem os ramos de loureiro-rosa para Homero, Virgilio, Tasso e Shakespeare, esses pigmeus do passado. O poeta moderno, ou melhor, o gigante da poesia moderna (porque todo poeta moderno é, por definição, um gigante) esse despreza aromaticas folhinhas de arvore que poderão servir, quando muito, para condimentar e perfumar pratos passadistas...

O caso é que houve ha pouco na Italia um concurso de poesia futurista. Concurso? Esta palavra cheira a mofo. Torneio? Que torneio, nem meio torneio! Então futuristas fazem lá torneios nem quejandas velharias, senhores! Ora não faltava mais nada! Disputa? Duello? Combate? Pugna? Tudo isso é supinamente velho. Emfim houve lá uma coisa profundamente nova, espantosamente moderna, que consiste em trazer cada poeta sua composição perante tres ou cinco cavalheiros que, depois de examinal-as (ou fingir que as examinam) dão o premio ao que tiver apresentado a melhor de todas ou, pelo menos, a que, no momento, lhes parecer a melhor...

O poeta premiado foi um senhor Farfa, que pelo nome não se perca e de quem só agora ouço fallar pela primeira vez. Peço misericordia para a minha ignorancia. Marinetti, na sua qualidade de chefe do futurismo universal, incumbiu-se de coroar o vencedor. Para isso tomaram ambos um aeroplano. Quando o apparelho estava a 900 metros de altura, Marinetti collocou um elmo de aluminio na cabeça do vate: estava finda a ceremonia.

Depois houve jantar futurista para commemorar o feito heroico. Para mim o verdadeiro acto de heroismo consistiu em comer do dito jantar, pelo menos a regular pela descripção que do mesmo li num jornal hamburguez. Um dos pratos, chamado *Porco assustado*, constava de salame descascado, nadando em molho de café preto e agua de Colonia. Outro, chamado *Homem e Mulher á meia noite*, invenção do critico de arte P. A. Saladin, era creme de ovos tinto de vermelho e com talhadas de cebola e castanhas doces.

Ceos! E chama-se isto futurismo! E' romantismo e do melhor. Para ficar perfeitamente romantico, á Byron e á Musset, só faltou que bebessem absintho com groselha num craneo humano... artificial.

A propria coroação, ou *elmificação*, do poeta a tamanha altura, si forçarmos um pouco as cordas á historia litteraria, já estava prevista ha dois mil annos. Com effeito, Horacio, na sua conhecidissima ode a Mecenas, a primeira que todos nós traduzimos no terceiro anno de latim, já diz que, si Mecenas o inscrever no numero dos poetas lyricos, elle, Horacio, tocará as nuvens com a fronte radiante:

> Quod si me lyricis vatibus inseres,
> Sublimi feriam sidera vertice.

Não ha duvida que o poeta Farfa tocou as nuvens mas não foi com a fronte: foi com a prôa da aeronave.

Estou quasi arrependido de ter descripto essa festa de escriptores, artistas, poetas e criticos que, pertencendo a paiz velho, sentem certa tendencia para escandalisar o meio tradicionalista em que vivem, *pour épater les bourgeois*. Tenho medo de que os instinctos macacaes do brasileiro não o impillam a imitar essas pilherias de gentes civilisadas, que não fazem disso programma de vida e sim apenas divertimento de um dia...

Direi porque. A razão dos meus receios. Em 1921, estando em Roma, procurei em vão, por toda a parte, um bilhete para a conferencia que ia fazer Marinetti. Tudo vendido. Mais tarde ouvi a distinctissimas senhoras romanas, que tinham estado na conferencia, dizer que Marinetti fallára muito bem. Alguem perguntou si não tinha havido vaia. Uma das damas respondeu, apparentemente um pouco surprehendida pela pergunta, que isso de vaiar Marinetti pertencia ao dominio do passado... Tres ou quatro annos depois, achando-me no Rio, lá esteve o poeta e foi fazer uma conferencia no Lyrico, por signal que repleto. Não se conseguiu ouvir-lhe uma só phrase. O publico prorompeu, antes mesmo de ouvil-o, na mais desabalada vaia de que ha memoria no Rio. Estudantes, caixeiros, senhores gordos e suarentos, provavelmente commendadores, engenheiros, advogados, medicos, todos tomavam suas barrigadas (é o termo), barrigadas de riso. O maior *clown* que ali houvesse apparecido, um dos Fratellini, ou um Grock, não teria obtido tamanho successo.

No mesmo anno esse mesmo publico applaudiu deliciadamente... O' Furias Infernaes! Fazei desapparecer Portugal num terremoto cem vezes maior do que o de 1755! No mesmo anno esse mesmo publico applaudiu deliciadamente, lambendo os beiços, revirando os olhos, com arrepios de gozo, o barbeiro Julio Dantas que disse as coisas mais surradas, mais rançosas a respeito de... Brummel! O' Deus piedoso! Nada de terremotos! Conservae Portugal como está, para nossa humilhação e nosso divertimento!

A approximação destes dois nomes — Julio Dantas, traçazinha de livraria, psychologo para colleteiras, cabelleireiro-estheta, e Marinetti, um combatente e um renovador de valores, é muito mais instructiva do que á primeira vista parece. Era de suppôr que a mocidade brasileira, pertencendo a paiz sem tradições, a paiz que só conta e só deve contar com o futuro, preparando-o intelligente e energicamente, nascida numa patria da qual grande porção do proprio solo (Amazonia) ainda está *in fieri*, em processo de formação geologica, si é que não érro muito, era de suppôr que essa mocidade ouvisse embevecida Marinetti, o poeta revoltado, o propheta do futuro, o pregador de energia, o adorador de todas as fôrças novas. E como reciproca, seria natural que essa mesma juventude, depois de cobrir de flôres a Marinetti, fizesse desapparecer debaixo de um montão de batatas e ovos podres o pacovio Julio Dantas, que lhes vinha fallar de um vagabundo, um jogador, um parasita, um má lingua, um liberto ingrato, e um pulha como Brummel, a quem Jorge IV acabou enxotando da sua companhia como se enxota um rafeiro sarnento e era o que elle merecia. Nenhum daquelles moços, nenhum daquelles velhos suados saberia dar o motivo por que vaiava Marinetti. Vaiavam-no, porque suppunham ser chic vaial-o. E suppu-

nham ser chic vaial-o, porque elle fôra vaiado em Bolonha vinte ou vinte e cinco annos antes! A incultura de todos esses cavalheiros não lhes permittia pensar que naquelle anno já dominava a Italia um typo cesareo chamado Mussolini, amigo de Marinetti, e que dizia que o fascismo devia muito ás idéas renovadoras do poeta revolucionario, hoje membro da *Reale Academia*, com pensão annual, condecorações, fardão, precedencias e... o tratamento protocollar de Excellencia! Si, antes de Marinetti iniciar o seu discurso, viesse ao palco um orador e o apresentasse ao publico, dizendo que elle era amigo de Mussolini, *o homem que estava mandando na Italia* (isto é essencial), todos os rapazes e homens gordos o teriam applaudido, dissesse elle o que entendesse. O empresario, porém, não se lembrou disso...

Em todo o caso, ó Marinetti, leio e lerei os teus discursos, mas tambem te juro, sim, juro-te por um aeroplano, por dois submarinos e por tresentos motores Diesel, quatrocentos Maybach, e quinhentos Junker que jamais comerei da cozinha futurista!

Hamburgo — 1932.

ANTONIO TORRES.

NOSSOS VISITANTES

Como representante do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, annexo á Universidade do Rio de Janeiro, vem realizando, no salão nobre da nossa Academia de Lettras, um erudito e interessantissimo curso acerca da vida privada dos antigos gregos, o professor Charles Picard, illustre membro do Instituto de França e da Faculdade de Lettras da Universidade de Paris. O prof. Picard, que é uma das maiores summidades no assumpto, além de numerosas monographias e memorias publicadas em revistas da especialidade, é autor das seguintes obras: Hippolyte Taine, (1908), *ensaio, que foi coroado pela Academia Franceza, a respeito da philosophia artistica desse grande critico e historiador;* Ephèse et Claros (1922), *estudo acerca de dois santuarios da Jonia;* Histoire de la Sculpture Antique (1922-1924); La sculpture greeque à Delphes (1926); La vie privée dans la Grèce classique (1928); e Origine du polythéisme hellénique, *ainda em elaboração, mas já com dois volumes publicados* (1928-1932).

— *Visita-nos neste momento o poeta e escriptor belga Léon Kochnitzky, um dos principaes redactores das* Nouvelles Litteraires, *de Paris, onde mantem com assiduidade a interessante secção* Le Strapontin volant, *e tambem collaborador de outros conhecidos jornaes como* Vu *e* Candide. *Muito moço ainda, cheio de vida e enthusiasmo pelas novas theorias litterarias, esse publicista de tantas facetas caracteriza-se particularmente pela variedade de themas colhidos directamente em varios paizes, pois que já muito viajou, e pretende agora demorar-se deste lado do Atlantico no sentido de colher uma bôa documentação sobre homens e cousas da America. Conferencista brilhante, durante a sua permanencia aqui, deu-nos o Sr. Kochnitzky, em fórma de palestras amenas e coloridas, attrahentes retratos de alguns poetas belgas da velha e nova gerações, esta com figuras bastante curiosas e muito pouco divulgadas em nosso meio.*

Um Casanova Preto

Claude Mc Kay é um preto americano autor de uma especie de romance chamado *Banjo* que appareceu aqui ha mezes traduzido em francez. Nesse livro se contam as aventuras de um jovem negro que, partindo para a guerra na Europa com as tropas americanas, não regressou depois aos Estados Unidos, e ficou andando pelo mundo sem destino, ao sabor dos acontecimentos, trabalhando o menos possivel e procurando divertir-se de todas as maneiras.

Esse livro descosido, escripto sem composição, sem ordem, serie de episodios artificiosamente encadeiados, é no emtanto uma cousa saborosissima. Tem do canto e do poema, da epopéa e da farça. Nelle Mc Kay se nos revela um poeta e homem livre, isto é, um verdadeiro negro, pois nesse mundo de technica e de mecanica em que vivemos, são ainda os negros os unicos seres que conservam o senso da liberdade absoluta, da desambição total, da capacidade de viver sem ser para ganhar dinheiro ou posição, de viver por viver, por sentir a vida, amar, communicar-se com as cousas e outros seres pelo coração, pela sensibilidade e pelo espirito, e não somente pelo interesse ou pelo dever.

Temos nesse livro além do mais uma psychologia da moralidade negra, do estado de cultura espiritual do preto americano em geral, sua consciencia do valor da grande raça a que pertence, comprehensão dos proprios defeitos, etc.

*

Agora nos apparece outro livro do mesmo Mc Kay — *Quartier Noir* — (*Home to Harlem*) em que o poeta narra a volta do seu personagem aos pagos nativos, a esse Harlem fantastico e attrahente que é para alguns a melhor cousa que ha nos Estados Unidos.

Esse livro não tem a mesma variedade do primeiro, de *Banjo*. Mas nelle o caracter do personagem central de *Banjo* se define ainda mais nitidamente, e se completa. Esse personagm é um verdadeiro Casanova preto. Com a transposição natural de epoca, de meio, de origem e forçadamente de raça, é elle o mesmo typo do aventureiro que procura o prazer, sobretudo aquelle que lhe pode ser dado pelas mulheres. Uma differença. Casanova arranjava dinheiro e usava do dinheiro. Jake não põe entre elle e nenhum sêr humano, muito menos mulher, a torpeza do *money*. As mulheres vêm para elle (mulheres pretas naturalmente) porque elle é bello, é bravo, é forte, e possue o dom de encantal-as. E' tudo. Mas a narração das aventuras desse bom rapaz colorado é feita por um escriptor cheio de musica na alma. Seu livro, leve, ligeiro, facil, é um canto. De dentro delle sobe uma voz que ultrapassa a simples notação verbal. Essa voz é um murmurio profundo. Nella se ouve como que toda a Africa mysteriosa, rica de luz e de sombra no seu humilde ardor...

Livro sem litteratura, sem arte apparente, mas livro de verdade e de belleza, obra de homem superior ao seu destino, e sobretudo tão superior áquillo que os philistinos amam na terra da vitrola, do radio, da lei seca. Livro que só poderia ser escripto por seres assim como Mc Kay que, por estarem mais proximos da natureza, podem sem querer quasi, nelles deixar falar a mesma natureza. Livro que poderia ser escripto no Brasil, se no Brasil não quizessemos antes de tudo ser o que não somos.

Mas quem o conceberia entre nós? E que escriptor preto brasileiro me perdoaria que eu lhe chamasse preto e tirasse justamente dessa circumstancia a essencia do seu merito e a razão do seu valor?

GILBERTO AMADO.

Retrato de Katherine Mansfield

Conheço apenas de Katherine Mansfield os dois volumes, as *Cartas* e o *Jornal*, que ha pouco appareceram em traducção franceza. Mas conhecer apenas o *Jornal* e as *Cartas* já é conhecer um dos mais bellos mundos interiores de que temos noticia, neste miseravel mundo exterior. Poucas vezes, realmente, tenho tido uma impressão tão profunda de poesia, diante de documentos, como esses de Katherine Mansfield, que revelam o instantaneo de uma alma, ou mais propriamente o retrato de uma alma em estado natural. Lembro-me de outras collecções de cartas que li com interesse. A de Fournier e de Jacques Rivière, por exemplo, ou a correspondencia deste com Paul Claudel — e tantas outras mais, de valor maior do que a de Katherine Mansfiel, como expressão de angustia metaphysica, como itinerario de uma geração, ou como depoimento de um sêr deante das coisas, mas não creio que jamais, neste genero, em que surprehendemos, em que chegamos derepente á intimidade dos autores, nada de mais *bello*, de mais tocado de harmonia e de graça, tenha eu lido até então, do que as paginas rapidas e simples dessa joven ingleza, que viveu, na melancolia de uma tuberculose, os dias mais vivos da sua mocidade. E tão bella como as *Cartas* ou talvez mais, é o seu *Jornal*, que torna mais nitida ainda a impressão que temos de Katherine Mansfield.

A grande harmonia de um sêr é um acaso de sons. As almas nascem harmoniosas ou núas de musica. Nellas ha o silencio que é um rythmo infinito, ou o ruido vão que é a negação da harmonia. Como a belleza exterior que é varia e independe do trato, assim é a belleza interior, euja expressão pode ser melhorada, mas que é invariavel na sua essencia. Cada alma é bella á sua maneira, como a belleza visivel dos homens, é differente e unica. Ha as almas que tememos porque nos dão a impressão de abysmos, de geladas regiões purissimas, essas, que se amamos imaginar, não queremos conhecer. A alma de Katherine Mansfield é uma tarde de primavera. A impressão final que nos deixa o seu *Jornal* é de que ella está voltada para a luz de uma tarde. Ha ouro de sol sobre o seu rosto branco, ouro de um sol já sem calor mas com uma luz mysteriosa e longinqua.

Contam os seus biographos, que Katherine Mansfiel ficou doente muito cedo, pouco depois de casada, e que sua vida se passou, desde então, em quartos de hoteis e sanatorios, para onde a levava a sua necessidade de experimentar climas novos, que lhe trariam o milagre da saúde perdida. Para uma natureza como a da autora de *Felicidade*, que supplicio não foi essa contingencia de viver sempre em quartos de aluguel, em casas de todos, sem fixação! Ella mesma se queixa em diversas cartas, fallando sempre que num desses quartos, numa dessas mudanças, encontrará a *morte*.

Tenho nas minhas primeiras lembranças o ambiente de sanatorios em terras da Suissa. E o que isto é realmente, não me parece incomprehensivel. A espera da morte, o rythmo escuro das relações entre doentes, que são como que prisioneiros todos, numa prisão terrivel, em que a esperança brilha pallidamente fóra das grades, toda a ambiencia da vida em que a escriptora ingleza se arrastou, com o seu desejo forte de realizar a sua obra, me toca de uma maneira muito profunda porque particular. Resistir a isso tudo, conservar a crença na belleza, não se diluir no desespero, manter a grande capacidade de se elevar sobre as coisas como a Mansfield manteve, é participar de um heroismo mysterioso e quasi imperceptivel aos pouco delicados.

Quer no *Jornal*, quer nas *Cartas* vemos a influencia que o mundo objectivo teve em Kathe. No mundo e na sua representação de paizagens, encontrou ella analogias, profundas resonancias com os seus estados de alma. E isto no sentido baudelaireano: Assim, por exemplo, *exprimindo uma realidade*, Baudelaire para transmittir a impressão que recebeu de alguem, escreve: "Vous êtes un beau ciel d'automne clair et rose!"

E' que somos obrigados, na ausencia de uma outra linguagem, a linguagem propria para as verdades imponderaveis, somos obrigados a recorrer ás *imagens* que evocam o original, se posso assim chamar ao que é a *physionomia propria* e *inicial* da impressão. Para a Mansfield o que ella olhava de sua janella: um crepusculo descendo sobre os campos, a noite clara, as flores, uma creança brincando, uma creada com meninos pela mão, lavadeiras purificando roupas nos rios, tudo se reflectia nella, ganhava em sua alma uma expressão de profunda poesia. Os sêres que a cercavam ella os via todos com uma comprehensão tambem de belleza. Os simples, como ella os sentia! No seu *Jornal* encontramos a *historia da cozinheira*, pungente e natural revelação dos soffrimentos de um sêr entregue á vida, e por ella maltratado.

O que, porém, é o grande traço distinctivo da personalidade de Mansfield é a sua capacidade de solidão. Era uma alma que podia viver sózinha. Os movimentos de approximação dos outros eram mais *don de soi*, que necessidade de apoio. Nem todas as almas precisam de ser sózinhas para serem grandes — os egoistas profundos se bastam tambem — mas a solidão de uma Kathe Mansfiel é uma grande conquista de equilibrio interior. Para ella, o amor humano não seria capaz de assassinar sua alma. Não notamos nem os traços de uma perturbação amorosa nesses dois volumes que nos deixaram vêr esta alma. Não sei se John Middleton Murry, seu marido, e que é quem publica esses seus livros posthumos, tenha deixado de parte outras cartas de Katherine mais intimas, mas nos cingindo ao que ha de publicado, temos essa sensação de amor a si mesmo, de independencia de alma, de não submissão ao amor e seus supplicios. O sentimento mais forte que temos é o que ella experimenta por um irmão e que a faz escrever algumas das mais bellas paginas do *Jornal*. Esse irmão ella o perdeu na guerra. Temos, delle, um pequeno retrato simples e admiravel que a grande escriptora nos traça. O seu ultimo encontro com o irmão é alguma coisa de vivo. O ultimo passeio, que deram, conversando, num jardim. A evocação de toda a infancia commum, os pequenos detalhes apagados e que se agitam na memoria adormecida, tudo isso Katherine Mansfield nos dá a conhecer. E de que maneira, com que sentido da poesia das coisas e das almas!

Não foi uma alma tragica. A vida apresentava-lhe aspectos que a interessavam profundamente. Acreditava na sua arte e seu soffrimento maior era o temor de se não realizar inteiramente. Apenas, nas ultimas paginas do seu jornal descobrimos uma angustia mais forte, isto

A Poesia da Acção

Ouvir, nesta hora triste, o Orpheon dos Professores, superiormente dirigido por Villa-Lobos, é um consolo. Em poucos mezes, o poeta ardente que é musico dos maiores, alistou, organizou, plasmou, burilou a massa choral já imponente daquelle grupo de elite.

Que lindos resultados de um labor sincero e alto!

Naquella noite, o Orpheon dava as despedidas á Senhora Long, professora parisiense que durante algum tempo manteve um curso de interpretação musical nesta cidade. O programma abriu com alguns numeros de *Camera*: uma Sonata de Debussy, uma *suite* de Villa-Lobos e um *Trio* de Ravel.

Depois cantou o Orpheon. O *Tambourin*, de Rameau, um *Preludio*, de Bach, *As costureiras*, de Villa-Lobos e o interessantissimo côro *O Ferreiro* foram inesqueciveis.

Milagres de educação: Villa-Lobos apresentou mais uma vez os seus naipes disciplinados e attentos e nenhuma delicadeza de interpretação falhou no jovem conjunto.

Na sala foi distribuida uma proclamação, ou que melhor nome tenha. Dizia assim:

"Todos os povos fortes sabem cantar em côro. Nas horas tristes e nos momentos felizes, unem-se as vozes nas canções da Patria, onde resôam as lembranças dos maiores, sublimando o jubilo ou espantando das almas o mal do desespero. O canto choral fortalece corpo e espirito. Amplia o folego dos fracos; disciplina suavemente os impacientes e os tardos. A massa choral é um symbolo da sociedade moderna em que os interesses humanos se confundem. Todos nella figuram. Velhos, moços, creanças, homens, mulheres, operarios, camponezes, soldados, sabios, poetas e artistas. E', porém, em todas as escolas que o canto orpheonico tem o seu viveiro maior. Só a educação resolverá os problemas brasileiros. O canto orpheonico praticado na infancia e propagado pelas creanças nos seus lares — dará gerações renovadas na disciplina dos habitos da vida social, homens e mulheres que saibam, pelo bem da sua terra, cantando trabalhar e por ella cantando dar a vida."

Villa-Lobos parece que ensina só canto orpheonico, mas o que faz é renovar a sua gente...

ROQUETTE-PINTO.

---

nas linhas que deixou para o marido. Nellas, temos uma queixa um pouco mais amarga contra o destino, um pouco da infelicidade da moça que não poude viver a sua vida, ao lado do companheiro, na placidez de sua casa. No resto, corrigia as lagrimas com um sorriso, dominando as suas queixas com a visão de belleza que Deus lhe deu.

O sobrenatural a preoccupa muito. Procurou Deus, mas sem gemidos. Suas duvidas eram pequeninas e subtis. Uma creança soffrendo trazia-lhe a incomprehensão da bondade de Deus. Aos poucos, porém, foi abrindo o seu caminho para a vida do espirito. Creio que Deus a encontrou quando ella fechou os olhos para as paizagens da terra, como ella mesmo tanto o desejava, segundo a sua pequena oração: "Senhor, tornae-me como o crystal, para que a tua luz brilhe atravez de mim!"

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

O centenario de Jules Vallès veiu pôr de novo em destaque a figura desse rebelde, desse vehemente contendor dos ricos e dos satisfeitos, eterno petroleiro do pamphleto e amargo romancista autobiographico de *L'Enfant* e livros analogos em que ha muita bilis pessimista contra a França dos burguezes e dos argentarios. Admirado pelo conservador Bourget, Vallès, que era um inimigo dos escriptores classicos, tomou parte saliente na Communa e, ao menos indirectamente, lhe cabe certa responsabilidade nas matanças, pilhagens e incendios em que foi prodigo esse sinistro levante de destruidores a todo transe. E não se esqueça a dedicação da escriptora Sévérine, fallecida não ha muito, pela figura desse velho refractario, desse homem que se orgulhava de viver sempre de relações cortadas com a lei.

— Albert Sarraut publica o volume *Grandeur et servitude coloniales*. E' elle especialista em assumptos exoticos e bem se explica que lhe tenham confiado a pasta das Colonias. Ninguem mais enthusiasta, de um enthusiasmo vigilante e lucido, em relação ao antigo sonho dos francezes de enriquecer a metropole através da prosperidade das suas possessões africanas ou asiaticas. O bello programma expansionista dos Bugeaud e dos Lyautey encontra nelle um adepto dos mais fervorosos.

WALFORD HYDEN — *LA PAVLOVA — Traduit de l'Anglais par Jean Romanche. Libr. Gallimard, Paris.*

No inicio do anno passado, os fios telegraphicos espalharam por todo o mundo que o *cysne*, aquelle maravilhoso cysne branco que tantas vezes havia morrido no palco, aos derradeiros accórdes da musica de Saint-Saens e sob o olhar attonito das multidões, exhalara o ultimo suspiro nas vascas de uma pneumonia que o assaltara de subito, num hotel da Haya, quando se preparava para iniciar mais uma das suas gloriosas *tournées*.

Anna Pavlova encarnava de tal modo o espirito da dansa, o genio alado do rythmo, a expressão plastica da graça que, felizmente para nós e quantos a viram ao menos uma vez, é de todo impossivel realizar esse instante tragico, esse derradeiro e penoso quadro de uma agonia das mais humanas, quando só temos á nossa frente, transmudando-se na mais attrahente das phantasmagorias, borboletas polychromicas, libellulas de asas irisadas, sylphides leves como uma pluma, menades provocantes como um cacho de uvas maduras, e ainda passaros de fogo, rosas de corolla rubra e setinosa, a chuva dourada de uma desfolha de outomno e, sobretudo, e mais uma vez ainda, a imagem inapagavel daquelle niveo cysne elanguescente, — pois que tudo isso soube tirar do seu corpo admiravel essa creatura predestinada á belleza e cujos bailados foram verdadeiros poemas de harmonia.

Lendo agora o livro que o Sr. Walford Hyden dedicou á grande dansarina, com quem teve largo convivio, pois que por mais de duas decadas foi seu chefe de orchestra e tambem acompanhador ao piano nas insistentes repetições, nada se accrescenta áquella extraordinaria *féerie* e antes fôra melhor que ignorassemos muito do que é dito ou se pode concluir das suas paginas.

Na verdade, que nos importa saber que a virtuosidade de Anna Pavlova, o recorte inimitavel das suas attudes, a graça prodigiosa dos seus movimentos, nunca lhe custaram menos de quinze esfalfantes horas de exercicios diarios? Que o seu rosto seraphico, sempre aberto num sorriso para o publico, muitas vezes se convulsivava e vinham-lhe então á bocca grosseiras expressões contra os seus companheiros de scena? Que o coração, naquelle sêr de infindas resonancias, vivendo entre musculos cantantes e nervos em perpetua alegria, foi talvez o unico orgão que nunca tomou parte na grande festa do seu corpo?

GASTÃO CRULS.

WELTLITTERATUR

Afranio Peixoto - Noções de Historia de Litteratura Geral - 1932

Até a epoca de Goethe ninguem pensou houvesse litteratura universal. Todos acreditavam apenas na existencia das litteraturas nacionaes, quando muito na de nacionalidades oriundas do mesmo tronco.

Precisamente no centenario da morte do poeta insigne apparece entre nós um compendio de historia de litteratura geral. Fel-o grande nome de nossas lettras — romancista, poeta, historiador, folklorista... e muitas coisas mais — pois do sr. Afranio Peixoto pode repetir-se o que disse Gil Vicente de Garcia de Rezende: de tudo entende.

Em rigor, o compendio trata da historia litteraria do Occidente desde o Egypto até a America do Sul: a parte consagrada ao Oriente é muito menos desenvolvida, por ser para nós occidentaes muito menos interessante.

Se eu fizesse uma historia da litteratura universal (Presumpção e agua benta cada qual toma a que entende!) a dividiria em tres partes: uma consagrada ao Oriente, outra ao Occidente, e a tereeira para discutir os contactos e influencias reciprocas desses dois mundos que quasi se desconhecem.

Li, com vivo interesse, o compendio do prof. Afranio Peixoto, onde tanta informação preciosa condensou para dar ideia da evolução da arte de exprimir os sentimentos e os pensamentos em lettras. E, posto não seja critico e pense da critica, principalmente da que se faz em nosso meio, pouco mais ou menos o que della affirma o polygrapho, ás paginas 28 e 29 das *Noções*: "Os criticos resignados á mediania de julgar a obra feita, clerigos traidores á clerizia, trahiram á litteratura, tornando-se "criticos" politicos, "criticos" religiosos, "criticos" moralistas, que julgam a obra litteraria pelo aspecto sectario e tendencioso. *Nul n'aura d'esprit hors nous et nos amis.*" — animo-me a vir noticiar o apparecimento desse livro interessante.

E' que, encontrando-me, ha poucos dias, com o prof. Frenkel, allemão que vive no Rio e se preoccupa com as nossas lettras, trocamos impressões sobre o alludido livro e seu eminente autor, a quem aquelle meu amigo conhece atravéz da obra multifaria e admira.

Frenkel gostou sobretudo das piadas contra os criticos, e relembrou-me até as argutas observações do esquecido Nordau sobre elles, quando, nos *Paradoxos*, os comparou aos parasitas.

Ponderei ao Frenkel que as melhores criticas jamais eram escriptas, fazem-se nos encontros casuaes de bonde e de café, e, ás vezes, em casa em rodas intimas.

Pensei em resumir para gaudio do Sr. Afranio Peixoto as impressões do prof. Frenkel sobre as *Noções de historia de litteratura geral*. O seu julgamento é verdadeiramente desinteressado. Frenkel, além de estrangeiro, vive de suas rendas, não póde ser candidato á Academia, nem pretende do Brasil mais do que gozar a paizagem natural e humana, para de volta a Berlim escrever sobre as nosas lettras tratado modesto, bem informado, e justo.

Pedi ao prof. Frenkel autorização para tornar publico o seu juizo feito na intimidade. Elle m'a deu de bom grado, ponderando que relativamente ao prof. Afranio Peixoto, a quem não conhecia senão de vista, poderia ser considerado a posteridade.

— "Sim, nós estrangeiros, quando nos occupamos de paizes exoticos desinteressadamente, com espirito scientifico, temos pelo menos da posteridade a serenidade e a sympathia.

Um allemão não faria o livro interessante que o Dr. Afranio Peixoto acaba de publicar. Durante annos e annos colheria dados, esmerilharia fontes, elaboraria meia duzia de hypotheses, e já velho, cansado e myope daria a lume formidavel calhamaço, causando prejuizo ao editor.

A arte de resumir possue-a melhor o francez superficial, embora alliada ao bom gosto, que nos falta.

O seu patricio deve ter no sangue algumas gottas de sangue gaulez. Resume bem, diz com graça, julga com facilidade.

— Mas qual foi o capitulo que mais lhe agradou, o melhor do livro?

Frenkel, com malicia, respondeu:

— Aquelle que elle não escreveu... Os outros são todos muito bons.

Frenkel é spengleriano e não concebe mais a historia universal em linha recta. Para elle, como para o mestre, essa historia não existe. O que ha são historias das diversas culturas. Portanto, a morphologia das culturas (aqui elle falou com emphase metaphysica) se oppõe a que haja uma historia geral ou universal da litteratura.

— O dr. Afranio Peixoto, continuou elle, devia era escrever uma morphologia litteraria, mostrar como nas diversas culturas as phases da litteratura se succedem num certo rythmo. Mostrar, por exemplo, que os egypcios tiveram um romantismo e que em certa phase de decadencia elles discutiram muito a pureza da lingua. Em geral os povos quando não têm mais nada a crear, lêem os classicos e adeus frescura e originalidade em suas producções litterarias.

— Um romantismo egypcio para mim é novidade.

— Leia o Moret — *Le Nil et la Civilisation égyptienne*, ultimo capitulo. Já que falamos dos egypcios penso que o dr. Afranio devia ampliar o primeiro capitulo das *Noções*, sobretudo na parte referente a elles para tratar mais de espaço da litteratura mais antiga.

— Mas, prof. Frenkel, se o Dr. Afranio Peixoto tivesse enchido o compendio de morphologias culturaes, leis de evolução, deducções metaphysicas, o seu livro perderia justamente a clareza, a leveza, o bom gosto francez, que o Sr. encarece e louva. Não seria mais compendio didactico, feito para moços e meninos se iniciarem nas lettras...

— O Sr. engana-se redondamente. A adolescencia é a idade das acquisições metaphysicas, da provisão das ideias geraes. Quem não fizer o conhecimento dos systemas nessa epoca, nunca mais adoptará um delles, e se torna perdido definitivamente para a philosophia.

— Ha por acaso philosophia nas *Noções?*

— Sim. Ha, e por signal materialista. Veja como o prof. Afranio começa o livro: "O homem não vive só: é um animal gregario. Vive na

sociedade, porque a sociedade é anterior ao homem. Sociedades animaes existem e a nossa vem dos parentes que nos precederam na escala zoologica". Puro Darwin! Os neothomistas d'aqui não o perdoarão.

Mas, ao lado desse pequeno senão, quanta coisa bem apanhada no livro do prof. Afranio Peixoto, sobretudo no tocante á psychologia do continente americano. Por exemplo, essa mania de classicismo e de grammatica. Esse desejo de falar como os antepassados europeus falavam ha seculos... Essa mania de fazer revoluções por dê cá aquella palha. Lá, na Europa, por falta de espaço e excesso de população, nós brigamos estupidamente por pedacinhos de terra. Aqui, o homem se perde nos desertos, a terra sobra, no emtanto os americanos se engalfinham sem motivo, ou talvez por atavismo, só pelo prazer de luctar. Por isso não é possivel medrarem as lettras e só florescem cá do lado do Atlantico "sub-litteraturas" na feliz expressão do professor Aframio.

A America não deu ainda um livro á humanidade!"

Ahi está o que o prof. Frenkel pensa das saborosas *Noções de historia de litteratura geral* que o sr. Afranio Peixoto acaba de estampar, resumindo as lições dadas na Universidade do Rio de Janeiro.

Tivesse eu autoridade para tanto, subscreveria quasi todas as observações feitas. Todavia farei umas tantas considerações para dar ao leitor commum uma ideia do livro.

Segue quanto possivel o methodo chronologico. Vem em primeiro logar a chronologia geral para orientar o leitor no dedalo dos acontecimentos em meio dos quaes surgiu a obra de arte litteraria. Adoptando aquelle methodo, occupa-se primeiramente dos egypcios, portadores da civilização mais antiga, todavia allude á cultura de Glozel, na qual já apparecem caracteres alphabetiformes. A ligação da prehistoria ás épocas historicas de certo houve; é problematico, porém, que tenha existido relação daquella cultura com a do Egypto. Porque a cultura egypcia não foi autochtone? A discussão dessa these nos levaria longe do assumpto principal.

A chronologia tem a vantagem didactica de precisar bem os acontecimentos. De certo não contém ella toda a historia, desconhece-lhe o causalismo, mas dá o essencial do ponto de vista descriptivo.

A chronologia geral orienta a comprehensão dos factos litterarios, que são factos psycho-sociaes e como taes determinados pelos pretores historicos.

Uma vez apparecidos, os livros passam a ser tambem factores. Quanto não influiram nos destinos humanos no Occidente o *Contracto Social* de Rousseau e o *Espirito das leis* de Montesquieu? Hoje ninguem mais os lê comquanto respire a atmosphera que purificaram.

A' chronologia geral segue-se apanhado historico de cada litteratura, no qual é apreciado em conjuncto o evoluir da mesma, as influencias que soffreu e as obras notaveis que deixou, bem como o influxo que exerceu nas que vieram posteriormente. Depois a parte biographica — da vida e obra de cada autor, noticia synthetica e julgamento do valor.

Vê-se dessa exposição que o livro tem grande valor didactico. Resume um material formidavel. E absolutamente não poderia ser escripto por quem não tivesse leitura ampla e conhecimento systematico do assumpto. O plano é original, a execução corresponde ao bom nome de que gosa o autor no meio brasileiro.

Todos lhe admiram o talento polymorphico, a capacidade admiravel de trabalho, a cultura geral, que lhe facilita sentir-se bem no seu, quer tratando de um problema de hygiene, quer perlustrando os dominios da criminologia e do direito penal, quer fazendo historia, pedagogia ou creando typos de phantasia que poderiam ter vivido.

Não ha ainda uma litteratura universal, mas o mundo caminha para esse sonho de Goethe. Em que pese aos regionalismos, aos provincialismos, aos nacionalismos estreitos, a humanidade se conhece, se interpenetra, se desprende das faixas da infancia para tomar conhecimento dos seus grandes destinos e sentir-se una e eterna, a mesma em toda a parte como a sua mãe, a Natureza.

ALCIDES BEZERRA.

Acaba de apparecer:

GEORGES SIMENON

UM CRIME NA HOLLANDA

Preço: 5$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

HOMEM DE PARTIDO

O individuo superior, dotado de qualidades excepcionaes de bravura, lealdade e independencia, não póde existir na sociedade contemporanea, populista e syndicalista, communista, bolchevista, libertaria e egualitaria, sinão isolado e á margem. E' dizer que a época actual, a mais negra de quantas tem vivido a humanidade e, a despeito do progresso das machinas e retortas, a mais arida no terreno espiritual, seria incapaz de produzir homens da especie de um Leonardo, de um Cellini e até mesmo de um Montaigne, para só citar tres exemplos illustres.

O partido aferra com tentaculos de aço o homem moderno; constringe-o, absorve-o, tritura-o, para rejeital-o em seguida, massa amorpha conglutinada, que passa a chamar-se opinião collectiva, suffragio universal, soberania popular, maioria compacta, todo o mundo e ninguem.

O homem superior não póde ser homem de partido; ou então o homem é o partido.

SABER, DUVIDAR

Socrates sabia que nada sabia e com este nada saber foi Socrates o mais sabio dos homens.

Tão pouco saber e tanta sabedoria como se entende?

A seculos de distancia responde-lhe a palavra de Gœthe: com o saber augmenta a duvida.

De sorte que aquelle que menos sabe é o que menos duvida e conseguintemente que na summa ignorancia está a summa certeza.

Por isso teve Socrates de beber a cicuta. Nem por outro motivo se armaram as forcas e as fogueiras.

ALBERTO RAMOS.

LUIZ CARLOS

O autor das Columnas *foi, sem duvida, um dos melhores sonestistas dos ultimos tempos. Figura de relevo na segunda geração parnasiana, conseguiu extrahir novos effeitos de um genero poetico que muitos suppunham exgottado depois de Olavo Bilac e Emilio de Menezes. Seus alexandrinos sobre o* Canhão *ou sobre uma velha egreja do interior encontraram dezenas de enthusiastas e destinam-se, certamente, a tomar lugar nos futuros florilegios.*

KARL WOSSLER

A recente estada do professor Karl Vossler no Rio de Janeiro, onde apesar de ter realizado duas conferencias sobre Goethe, passou quasi despercebido, offerece opportunidade para recordar alguns traços da sua personalidade, fixando ao mesmo tempo certos aspectos mais expressivos da sua doutrina philologica. Por um feliz acaso, acontece que esse mesmo thema vem de ser tratado por outro philologo de não menor vulto, e tambem allemão, o professor Leo Spitzer, em artigo inserto na *Revue d'Allemagne*, numero de 15 de julho ultimo.

Foi talvez Karl Vossler quem mais contribuiu na Allemanha para a mudança de orientação verificada no estudo e no ensino da linguistica e da philologia romanica, sobretudo depois da guerra. Os seus trabalhos iniciaes, *Positivismo e Idealismo na sciencia da linguagem* e *A linguagem como creação e evolução*, vindos a lume em 1904 e 1905, podem comparar-se a duas nascentes de agua crystalina e fresca brotando num solo resequido e arido.

Com effeito, os estudos romanicos, a que Frederico Diez e seus continuadores deram um cunho scientifico, tinham-se tornado, no começo deste seculo, excessivamente grammaticaes, desoladoramente seccos. A linguistica geral, por outro lado, com a sua feição de sciencia descriptiva, limitando-se a accumular factos sobre factos, sem curar dos "nexos causaes", já ia igualmente desagradando aos espiritos novos, fartos da chatice dos methodos positivistas. Nos dominios da phonetica, por exemplo, já não bastaria possuir a certeza de que algumas linguas romanicas conservaram surdo o *s* intervocalico do latim, ao passo que em outras esse mesmo *s* sonorizou-se. Necessario seria tambem conhecer, pelo menos em conjectura, as causas de taes phenomenos. E assim em todos os sectores da sciencia da linguagem: na morphologia, na semantica, na syntaxe, na estilistica.

E' certo que todos os factos da lingua teem uma historia, mas essa historia só se deixa perfeitamente aclarar pela psychologia. "O espirito que vive na linguagem humana constitue *o periodo* e *a proposição*, a *palavra* e *o som*, e não somente o constitue, mas o cria."

Com esta concepção, a que chamou *idealista*, dos factos da linguagem, iniciou Vossler curiosas e fecundas investigações no campo das linguas romanicas, especialmente no francez e no italiano.

Note-se, porém, que procurando explicar a vida das linguas pela vida espiritual dos individuos e dos povos que as fallam, Vossler não se revelou propriamente um innovador. O factor psychologico na evolução das linguas já vinha sendo realçado desde Whitney, e a linguagem como phenomeno esthetico, fazendo parte do systema geral de expressão, era uma these de Benedetto Croce.

Mesmo entre os philologos antigos, da phase prescientifica, não faltou quem presentisse os postulados do moderno idealismo linguistico. Assim, já Condillac affirmava que: "Se uma lingua tem poucas palavras, é signal de que a nação dos que a fallam tem poucas idéas; — e se a significação das palavras é mal determinada é signal de que as idéas dos que a fallam são confusas."

Mais de um seculo depois de Condillac, e tendo já a linguistica positiva catalogado sufficiente material de factos, dirá Vossler, a proposito da tendencia das linguas germanicas para encadear consoantes, e das linguas romanicas para accumular vogaes: "As linguas romanicas em geral são mais sensuaes, e melhor construidas e harmonizadas nas fórmas exteriores. Nellas parece que o espirito, expandindo-se, tenha penetrado a fórma; nas linguas germanicas, dir-se-ia que a fórma cedeu ao espirito. Destas emergem os grandes philosophos e moralistas, daquellas os grandes artistas."

Precursor das theorias da escola de Vossler foi tambem, nos dominios do portuguez, o velho Evaristo Leoni, autor do *Genio da lingua portugueza*, livro hoje um tanto desprestigiado, mas onde repontam por vezes observações interessantes. O ultimo capitulo desse livro, intitulado *Do genio imitativo ou dos meios de que a lingua se serve para a perfeita elocução do discurso*, versa com methodo ainda inseguro alguns themas da linguistica idealista e da estilistica. "Mas sendo a linguagem *pintura do pensamento*, e, como tal, objecto de arte e de gosto, não podia deixar de participar do espirito, do genio, e do pensar do povo que a falla."

Explorando o mesmo precioso filão da linguistica psychologica, haveria de explicar em nossos dias o eminente João Ribeiro os brasileirismos *me diga, me faça o favor*, por uma particularidade ethnica. "Em — *me diga* — pede-se: em — *diga-me* — ordena-se. Assim, pois, somos inimigos da emphase e mais inclinados ás intimidades. Eis o supposto erro que, afinal, é apenas a expressão diversa da personalidade."

Procurando estudar as linguas como funcção das nacionalidades, fundou Karl Vossler a *neo philologia*, que renovou a romanistica allemã. Referindo-se a outro livro de Vossler, *Cultura e lingua da França*, no qual as suas idéas melhor se fixaram, disse Leo Spitzer: "Na obra de Vossler a evolução concreta da lingua e da litteratura franceza foi identificada á civilização franceza. A historia espiritual foi applicada ao francez, o romance da lingua e da litteratura dum povo teem desde então um heroe commum: sua *civilização*."

Antes da guerra, antes da *nova philologia*, predominava nas faculdades de philologia romanica da Allemanha a feição linguistica. Hoje dominam as litteraturas, como definições concretas da alma dos povos. E essa transformação, feita num sentido mais humano, mais pratico, tudo deve ao nosso visitante deste mez.

SAUL BORGES CARNEIRO.

— Charles Ghende, editor da litteratura de viagens, dedica um tomo impressionista ás terras de Hespanha. Desfilam ahi, em notas bem pinceladas, o Escurial, com os fantasmas dos seus reis tenebrosos; Avila, com as recordações de Santa Thereza; Toledo, o recanto enigmatico que tanto preocupa os inquiridores de almas á maneira de Barrès; Segovia, cheia de archaismos architectonicos; Granada, com os seus jardins floridos que puzeram em contribuição a palheta de Russiñol, etc., etc.

— E' frequente indagarem da edade de Gabriele d'Annunzio. Nem todos sabem que o celebre poeta chegará aos setenta annos muito breve, em 1933.

— Fernand Fleuret consagra um livro a dois rapinantes famosos: Mandrin e Cartouche.

— Raymond Escholier escreve sobre a "consoladora" de Delacroix, Josephine de Lavalette, baroneza de Forget, pondo em fóco a desinteressada dedicação dessa fidalga em relação a um dos pintores mais combatidos do seu tempo. Sabe-se, com effeito, que Delacroix, a par dos férvidos louvores de Baudelaire, soffreu os duros sarcasmos dos mestres academicos, dos caudatarios de Ingres e David, sendo que, quando expôz a admiravel téla do *Massacre de Scio*, os criticos officiaes asseguraram que na realidade se tratava mas era do massacre da arte...

A vida aventurosa de Patrocinio Filho

Quem se lembrará por ahi, mesmo nos meios de imprensa, de José do Patrocinio filho?

Poucos, muito poucos, quasi ninguem.

E todavia elle foi, n'um dado momento (muito antes da revelação de Antonio Torres nas chronicas pamphletarias da *Gazeta de Noticias*) o mais evidente, o mais lido dos nossos chronistas, pelo nervosismo do seu estylo, pelo ineditismo das suas *trouvailles*, pela audacia de suas imagens. Sem duvida era um crapula como o fôra o pae... no conceito daquelles a quem aggrediu com a *verve* da sua prosa. Pobre Zéca! A sua allegada ausencia de caracter ficava muito aquém da dos patrões que o pagavam parcamente para escrever artigos por vezes fulgurantes de brilho e de ironia. N'um de seus livros ha mesmo um capitulo emocionante contando, com amarga verdade, os ultimos dias, a agonia, a morte do pae, numa desconfortavel casa de suburbio, sem recursos para os remedios e para o pão, abandonado, de todo abandonado pelos amigos, por aquelles mesmos que sustentára, embora parcimoniosamente, na *Cidade do Rio*.

Conheci-o na *Imprensa* que Alcindo Guanabara dirigia com superior bonhomia, porta aberta a quantos provincianos com velleidades litterarias ou jornalisticas aqui chegavam ávidos de successo, gloria e dinheiro e onde os salarios eram hypotheticamente pagos ou pagos em "vales" minguados.

Era uma figura magrissima, escura, de cabellos muito lisos, falando de tudo e de todos num sotaque carregado de francez, todo elle um feixe de nervos vibrantes. E mentiroso! Meu Deus, como o "Zéca" sabia nos encantar com suas prodigiosas phantasias, as suas aventuras pittorescas pela Europa!

Na Belgica batera-se em duello a florete, a pistola, não sei quantas vezes. O rei Leopoldo II ("Leopoldo", como elle o chamava familiarmente) era seu intimo e fazia-lhe confidencias das suas escapadas amorosas pelos bastidores e restaurants "chics" de Paris. Ahi tambem conhecera o principe de Galles, o futuro Eduardo VII, com quem se amezendára em ceias famosas, com quem percorrera os *cabaret* de Montmartre!

Tudo isso era narrado, á luz das lampadas da redacção, aos saltos, andando de mesa em mesa. E com tal força de convicção que, por vezes, nós proprios nos interrogavamos, hesitantes: — Quem sabe si não seria verdade?!

Essa gabolice permanente ia-lhe custando a vida.

No principio da guerra européa Patrocinio filho estava na Hollanda, quartel-general da espionagem internacional, e d'ali, não me recordo bem porque motivo, seguiu para Londres. A bordo falava, falava como sempre com abundancia tropical, das suas ligações com a aristocracia do Kaiser e de quantas outras babozeiras lhe vinham á mente. A consequencia, facil é de prevêr. Mal pisava em Londres era agarrado e conduzido á prisão, depois de um interrogatorio cerrado em que se atordoára.

A noticia chegou até cá.

Immediatamente agitaram-se os meios litterarios em pról do Zéca. Nenhum de nós tinha duvidas do destino que o esperava... Semanas antes, Sir Roger Casement fôra enforcado na Torre de Londres, accusado de espionagem! Jornalistas, politicos, associações de classe correram ao Itamaraty, que começou a agir para salvar a vida áquelle bohemio destemperado, um paranoico da basofia.

A justiça ingleza parecia insensivel a esses appêllos diplomaticos e continuava a perquirir, a interrogar, sem pressa, mas, inflexivel. Patrocinio mofava no carcere. Contou elle depois que só de uma vez recebera visita d'um secretario da Legação brasileira que, em nome do ministro Antonio Fontoura Xavier, lhe levára uma libra esterlina, "papel", accrescentava elle maliciosamente. Devia ser mentira...

Esta libra esterlina creou, posteriormente, quando Zéca, livre, regressára ao Rio de Janeiro, um incidente na verdade comico. E' o caso que Candido Campos, então director secretario da *Gazeta de Noticias*, se apoderou de Zéca para que escrevesse chronicas naquelle jornal, narrando o seu "caso". Zéca contou a historia da libra aggredindo a Fontoura. João Baptista Fontoura Xavier, irmão do ministro e redactor do *Jornal do Commercio*, revidou. Olhem já o Zéca, abespinhado, a pretender deitar artigo de columna e tanto desancando toda a raça dos Fontouras. Conteve-o Antonio Torres que lhe insinuou umas linhas breves. Por ellas Patrocinio confessava o recebimento da moeda e accrescentava que não a gastára, que a trouxera comsigo, que ia pôl-a em moldura com esta legenda vistosa: "Libra esterlina "papel" que Antonio Fontoura Xavier, ministro do Brasil em Londres, deu a José do Patrocinio, filho, em recordação das muitas, em ouro, que recebeu de José do Patrocinio, pae." Fontoura fôra redactor da *Cidade do Rio!* O incidente terminou em riso.

Tempos depois, Patrocinio regressa á Europa. Doente, enfraquecido, uma "grippe" matou-o.

O seu corpo embalsamado voltou ao Brasil e jaz por ahi enterrado em qualquer cemiterio, tão esquecido como o do pae, o grande abolicionista.

ADOASTO DE GODOY.

ELEGANCIAS

Acaba de receber uma fina Collecção de Vestidos e Chapéos. Modelos das grandes Casas de Paris. Lingerie, Carteiras, Almofadas, etc., etc.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

RONALD ROSS

As gerações medicas que passaram pela nossa Faculdade a partir do inicio deste seculo, habituaram-se a decorar o nome de Ross, ao lado do de Laveran, quando estudavam a etiologia do impaludismo. E' que se esse medico francez se tornara verdadeiramente notavel com a descoberta do parasita sanguineo causador da malaria, áquelle não menos illustre scientista inglez assistia a gloria de haver verificado a transmissão do mesmo pelos mosquitos do genero anopheles, — acquisição de valor inestimavel, pois nella ainda hoje se apoia em grande parte a prophylaxia do terrivel mal.

Ronald Ross acaba de morrer, em Londres, aos 75 annos de idade, e após uma vida de completo devotamento á sciencia e a altruisticas obras de benemerencia publica. Se toda a humanidade lhe deve ser grata, nós, os habitantes de uma zona tropical, cruelmente castigada pelo impaludismo, devemos votar um particular carinho ao culto da sua memoria.

Noticia sobre Bernanos

Depois de *La Joie*, de 1929, nunca mais Georges Bernanos frequentou o movimento editorial francez. Aliás, dentre os romancistas catholicos, é elle o unico entregue a tal afastamento, porque os outros continuam *habitués*, como Mauriac — publicando sempre um ou dois volumes por anno, e Julien Green, que acaba de lançar com successo o seu *Épaves*.

E' talvez Bernanos o mais profundo novellista burguez da França de hoje. Os seus conflictos moraes, explorados com uma minucia de myope, dão sempre uma impressão de grandeza.

Conheço o *Sous le Soleil de Satan*, um admiravel romance em dois planos, com alguma cousa de genio. Primeiro plano — a historia da humilde, da desgraçada Mouchette, feita amante e assassina de mr. le Marquis de Cadignan e depois suicida: um suicidio, este, que deu a Bernanos uma pagina dostoiewskiana de drama. O segundo plano desta epopéa mystica é a vida de um padre degenerado, com fome de purificação, o abbade Donissan, tentado pelo sobrenatural como por um abysmo. Dois planos distinctos que Bernanos harmoniza por um pequeno fio de narrativa.

Devo explicar a minha admiração de agnostico por escriptor tão catholico: é que eu entrei na obra de Bernanos como esses turistas que visitam as igrejas por um simples interesse esthetico. Era o romancista que eu procurava. E o grande de Bernanos, no entanto, não é o que ha de propriamente romance em seu romance. O que ha ali de impressionante é a perscrutação crúa da consciencia, a sondagem lenta de suas almas allucinadas.

Disse acima que existe em Bernanos uma profundeza psychologica á Dostoiewski, e disse bem. Porque é de Dostoiewski que muito se approxima esse explorador dos conflictos metaphysicos. O suicidio de Mouchette, rasgando "ferozmente, conscientemente" a carotida, com a navalha do pae, diante do espelho; os cilicios do santo de Lumbres, no seu desespero de conquistas sobrenaturaes; o achado do cadaver desse extraordinario asceta, no confessionario, de pé, "dans une immobilité grotesque, l'attitude d'un homme que la surprise met debout" — paginas destas põem-no pelos arredores do maior romancista russo. E até mesmo o defeito de Dostoiewski nós encontramos em Bernanos: a "extensão" prejudicando muita vez a "intensidade". Porque a verdade é que em certos momentos sentimos cansaço; não que seja tedio: é uma indefinivel sensação de angustia. O leitor de Bernanos precisa ter alguma cousa de heróe. E explica-se: na sua lenta visão introspectiva, nas suas minucias de analyse consciencial, Bernanos exige ás vezes de seus leitores uma quasi identica capacidade de folego na submersão. E em certas paginas dá-nos a impressão desses sujeitos que vão a pique-niques com bagagem de mudança de casa.

Esse egoismo intellectualista do autor burguez, essa idéa de dominio sobre o leitor, são bem caracteristicos de uma litteratura em fallencia, voz cansada de uma época de transição. Em suas fronteiras com a litteratura proletaria, que quer trazer um novo sentido do real e do humano, perde terreno dia a dia essa litteratura da burguezia e para a burguezia, de fundo byzantino, e, por isso mesmo, já sem resonancia, num exgottamento proporcional ao desmoronamento do capitalismo. Desse conflicto de litteratura traçou um mappa admiravel o escriptor peruano Cesar Vallejo (1).

O individualismo absorvente, em seu aspecto litterario (aliás decorrente natural de outros factores sociaes — economicos, philosophicos e politicos) — é o que nos dá esse vazio, essa impressão de decadencia sem remedio. Bernanos, apesar de muito grande, não consegue afastar esse ar de ruina em preparo. Elle ha de ser o explorador genial mas burguez do "eu", ao contrario de um Kurt Kläber, de um Michael Gold, de um Gladkow — narradores collectivistas, ou melhor, especuladores do "não-eu".

A respeito de Bernanos eu não comprehendo é o epitheto de René Lalou — "um Balzac hereje" (2). E' preciso partir do principio de que tenha sido Balzac um escriptor catholico, o que me parece bem difficil provar. Porém mais problematico ainda é chegar depois ao atheismo de Bernanos. Si ha um escriptor para quem existem, realmente, as lutas entre as forças temporaes e as forças sobrenaturaes, este é Bernanos. Nenhum escriptor contemporaneo mais crente em Deus, mais temente de sua economia politica celestial. E este é até um defeito dos grandes de Bernanos: é um romancista escravizado demais á metaphysica, um romancista mais para theologos. (Me parece que isto mesmo já foi notado por um ensaista catholico meu amigo). Não fosse a sua extraordinaria força dramatizadora, não fosse o seu poder criativo de poeta, e não teriamos nelle o grande romantista que é, mas um extenuante scenographo do mysticismo.

Bernanos alimentou, com a sua obra, uma pequena população de sêres infinitamente desgraçados pelas suas allucinações divinatorias. Almas em gothico, soffrem o desespero da tentação do divino, enchem a consciencia do peccado egoistico do homem ansiando caminhos extra-temporaes, imaginarios.

A proposito, André Malraux, sobre *L'Imposture*, disse uma cousa curiosa: "Ce livre est composé d'une façon que j'appellerai musicale: je veux dire que ce ne sont pas les personnages qui y créent les conflicts qui y font naitre les personnages" (3). Desta maneira musical estão compostos os seus tres romances, cuja atmosphera criada pelo halito de santidade nos autoriza a chamar de trilogia da purificação.

VALDEMAR CAVALCANTI.

---

(1) Prefacio á traducção portugueza de *Passageiros de 3ª*, novella de Kurt Kläber.

(2) *Histoire de la Litterature Française Contemporaine*, pag. 774.

(3) *Nouvelle Revue Française*, n. 174.

La Balance fausse é o titulo do ultimo romance de Edmond Jaloux. Mas quasi todos preferem esse escriptor nos dominios da critica litteraria, achando-o, como romancista, de physionomia um tanto vaga e imprecisa.

— O volume de memorias do marechal Mac-Mahon, que vem de ser publicado, trata das suas reminiscencias da Argelia. Mac-Mahon foi heróe victorioso em varias campanhas, alto figurão do Segundo Imperio francez e presidente da Terceira Republica, mas, ao que asseguram os seus desaffectos, de uma ignorancia integral. Os humoristas do tempo attribuiram-lhe quasi tantos disparates quanto os posteriormente attribuidos aqui a um marechal do nosso exercito. Deante disso, será o caso de indagar quem redigiu as memorias que surgem agora como sendo do duque de Magenta...

ACADEMIA IRLANDEZA DE LETTRAS

A Irlanda não é apenas a patria pequenina de um povo heroico ás devéras, que lucta ha seculos contra o colosso britannico na defesa da sua independencia espesinhada por conquistadores inplacaveis e avidos de tudo, sem exceptuar o sangue. A Irlanda não é apenas a Ilha dos Santos e a terra dos mais brilhantes e indomaveis patriotas revolucionarios que a historia conhece nos nossos tempos. E' tambem patria de poetas, romancistas, pensadores, theatrologos e artistas em todos os generos. Esses intellectuaes, classicos, revoltados e modernos, resolveram agora fundar a Academia Irlandeza de Letras. A iniciativa é do illustre W. B. Yeats, que tudo planejou. Um nucleo de escriptores será formado (talvez a esta hora já o esteja e esses elegerão os demais membros, cujo numero não excederá a 20. Autores, criticos litterarios, escriptores de merito incontestado. A importancia da tentativa reside nisto que, não possuindo a Irlanda, ao contrario de muitos paizes, imprensa critica, a Academia prestará esse serviço aos leitores e offerecerá melhor typo de leitura. Concederá tambem annualmente medalhas a autores de obras excepcionaes pelo valor e publicará criticas e *surveys* que formarão authoridade. Antes de tudo Yeats não quer nenhum auxilio de governo algum, e a Academia, para viver, dependerá do interesse que despertar entre o publico, assim como de legados, doações e recursos do mesmo genero.

Interrogado por um reporter sobre quaes os possiveis membros da Academia, respondeu Yeats: "Está claro que certas escolhas são obvias. Tenho promessa de Mr. Bernand Shaw de que será socio. Quando, haverá dois annos, conversamos sobre o projecto, elle concordou em dar o seu apoio. Mr. George Russel (o celebre "A. E.") tambem é um dos provaveis socios. Entre os romancistas e os contistas, tenho certas preferencias pessoaes que incluem Mr. James Stephens, Mr. Liam O'Flaherty e, já se vê, Mr. James Joyce. Entre os dramaturgos são nomes de primeira linha Mr. Sean O'Casey e Lady Gregory. Erudição será tomada em linha de conta onde quer que predomine certo interesse pela fórma, como é o caso de Mr. Stephen Mc Kenna, o traductor de Plotino."

Depois de curta pausa, continuou Yeats: "Uma academia destas só ligará importancia á qualidade do trabalho apresentado pelo individuo. Pouco importará que elle escreva em irlandez ou em inglez. Existe ahi um velho camponez, vivendo actualmente nos Blaskets, que *dictou* a sua autobiographia em irlandez e o governo da Irlanda vae publical-a. Si fôr, em todos os sentidos, obra tão bôa como eu tenho ouvido dizer que é, será certamente eleito membro. *Eu nem estou bem certo de que elle saiba ler e escrever, mas o que eu quero é uma academia truculenta.*"

A Yeats foi offerecido ha pouco tempo em Londres um banquete pela Irish Literary Society, banquete esse ao fim do qual, segundo o constume das Ilhas de John Bull, houve muitos discursos, que enalteceram os eminentes serviços prestados por elle ao theatro e á arte irlandeza em geral. Robert Lynd disse entre outras coisas: "Na revolução litteraria da Irlanda Mr. Yeats foi a suprema figura. *Elle fez mais do que ninguem para collocar a Irlanda no mappa litterario da Europa.*"

Assim, pequena a Irlanda, com uma pleiade de escriptores, poetas, artistas e dramaturgos taes como nós, pobres de nós, não teremos nem daqui a 300 annos, si até lá ainda existir Brasil, contenta-se com 20 academicos, um dos quaes não é certo que saiba assignar o nome no livro de presença em dias de sessão. Yeats pensa talvez que, admittindo na sua "truculenta academia" um genio analphabeto, pratica o supra-summo da originalidade? Pois olhe, eminente senhor, olhe que se engana, porque eu conheço certo paiz da Sul-America tropical que possue uma academia de 40 cidadãos, muitos dos quaes tambem não sabem ler nem escrever. Apenas... não são genios como o camponez dos Blaskets. Analphabetos mas modestos...

ANTONIO TORRES.

N. DO AUTOR — Exactamente agora acaba de apparecer em Londres o ultimo romance (chronologicamente) de Liam O' Flaherty. Tem por titulo *Skerrett*. Vida irlandeza. Bem recebido pela critica.

CANÇÃO PUERIL

As sombras embebem as dobras das ondas
A noite se estende no mar
Cadê Viramundo que veiu de longe
que veio de longe pra se encontrar.

A noite seu mano desperta nas aguas
as cem mil pupilas que o sol cegou
A lua nuinha na rede franjada
embala que embala seu corpo de flôr.

Cadê Viramundo que veiu vindo
deixando uma esteira nas aguas do mar
As ondas seu mano têm gosto de lagrimas
Não queira provar.

Os olhos que fogem na espuma das aguas
A mão que parou
E o vento que bota nas azas quebradas
o sonho de um vôo.
O céu se despenca nas aguas sem fundo
Si eu fosse um peixinho e soubesse nadar,
salvava as estrellas e os olhos dos poetas
das ondas do mar...

THEODEMIRO TOSTES.

DE TUDO E DE TODOS

Franc-Nohain é o mais interessante dos fabulistas vivos. A rigor, não houve nenhum grande fabulista depois de La Fontaine e póde dizer-se que o genero nasceu e morreu com elle. Mas, á falta de melhor, contentemo-nos com Franc-Nohain...

— O publicista allemão Carl von Ossietzky foi posto na cadeia por ter estampado em seu jornal um artigo em que fazia sensacionaes revelações sobre preparativos militares clandestinos da Allemanha.

— A peça de theatro *Paris*, de René Benjamin, foi azedamente atacada e o autor respondeu azedissimamente aos seus criticos.

— Descobriram que Wolfgang Goethe era aparentado com Lucas Cranach, os irmãos Schlegel, Jacob e Guilherme Grimm, Hegel, etc., etc.

DE PARIS

A Livraria Flammarion

Esta casa foi fundada ha mais de meio seculo, pelo Sr. Ernesto Flammarion, que já entrou para esse genero de negocios com grandes conhecimentos e um sincero e profundo amor á litteratura.

Do inicio até 1878, o Sr. Flammarion, installado sob as galerias do Odeon, entregava-se apenas ao commercio de livros. Desde então a sua casa, quasi ao ar livre, era o *rendez-vous* de todos, professores e empregados, engenheiros e poetas, que vinham e vêm ainda folhear o ultimo volume apparecido. Foi durante aquelle ultimo anno que, tentado pelas edições, o Sr. Ernesto Flammarion lançou uma primeira obra, da autoria de seu irmão Camillo Flammarion, *A Astronomia Popular*, e que obteve um grande successo.

Encorajado por essa estreia, o jovem editor comprou uma officina typographica e installou seu escriptorio, em 1900, na Rua Racine, immovel que abriga ainda hoje a sua casa de edições.

Os collaboradores de que elle se soube cercar, permittiram á sua casa tomar um rapido desenvolvimento, e Hector Malot e Alphonse Daudet foram os primeiros, seguidos logo depois por Georges Courteline. Esses tres nomes bastavam como symbolo e signal de successo. Emilio Zola confiou pouco depois á mesma casa a execução das suas edições populares.

O Sr. Ernesto Flammarion conservou de Zola e de Daudet uma recordação affectuosa e reconhecida. De Alphonse Daudet elle conta que apenas conheceu dois movimentos de impaciencia. O primeiro provocado por uma representação inexacta do texto de um dos seus romances. O illustrador do livro havia representado uma mulheraça em vez de uma sylphide. O segundo por motivo da ausencia reiterada do traço de união no titulo da commovente historia de um barco e sua tripulação: *La Belle-Nivernaise*. "Não se trata de uma bella rapariga, a minha bella niverneza... meu caro Flam... mas é o nome do meu barquinho", dizia-lhe elle.

A respeito de Zola, o Sr. Flammarion recorda o quanto esse escriptor se documentava com paixão. Quando elle preparava o *Germinal*, colleccionaram-lhe todos os trabalhos recentes sobre a exploração das minas. O mesmo aconteceu com relação a *Pot-Bouille*, quando os tratados de obstetricia foram lidos pelo Mestre com o mesmo fervor de um candidato aos exames na Faculdade de Medicina.

Todos esses grandes escriptores tinham o seu editor na conta de um verdadeiro collaborador.

Proseguindo a sua rota, a casa, cujo esforço augmenta sempre, apresenta depois as obras de Georges Cain, que constituem uma verdadeira historia de Paris e da região parisiense, assim como os albuns de Armand Dayot sobre a Historia de França desde a idade-media até os nossos dias.

A seguir, succedem-se as edições baratas para os freguezes avidos de bôa litteratura, mas cujas posses são precarias.

Flammarion inaugura mais tarde a Bibliotheca de Philosophia Scientifica com o concurso de Gustavo Le Bon e não tarda em orgulhar-se de vêr figurar no seu catalogo as obras de Henri Poincaré, Boutroux, Binet, le Dantec e tantos outros. E pouco antes da guerra, afim de poder collocar nas mãos de todos as bôas edições classicas, creou a Collecção dos Melhores Autores Classicos, francezes e estrangeiros, cujos volumes, naquella época, podiam ser adquiridos por menos de um franco.

Foi em 1909 que Ernesto Flammarion, sentindo em seus filhos Alberto e Carlos o fogo que sempre o animara, associou-os aos destinos da casa, para dez annos depois se retirar completamente dos negocios e ir desfrutar um repouso ganho por uma vida de trabalho intenso e fecundo.

A partir da guerra, a casa orientou-se cada vez mais para as lettras puras.

Seria de todo impossivel citar as obras publicadas pelas Edições Flammarion. Que nos baste recordar o triumpho prodigioso alcançado pelo *Feu* de Barbusse, que foi o primeiro desses immensos successos de livraria só conhecidos depois da guerra. Em alguns mezes, 100.000 exemplares do *Feu* foram vendidos e os amadores da época divertiam-se em vêr o numero "mil" subir sem desfallecimentos. Era um espectaculo de que elles não tinham o habito.

Entre multiplos talentos e ao azar do catalogo, podem-se ainda destacar os nomes de Léon Daudet, fiel ao editor de seu pae; as obras encantadoras de Henri Duvernois; os grandes exitos de Claude Farrère, que foi o primeiro a obter o Premio Goncourt (1905); as obras de Maurice Genevoix e Abel Hermant, este ultimo animador de épocas já delidas, ainda que bastante proximas; Victor Marguerite com triumphos estrepitosos; Charles Maurras, Paul Reboux e J. H. Rosny ainé, com o seu talento tão probo, — isso sem esquecer o grande Courteline, o primeiro dos nossos classicos modernos. Citemos ainda Gyp, perda recente e irreparavel das nossas lettras, o sorridente Tristan Bernard, Blasco-Ibanez, Henri Bordeaux, Louis Barthou, Joseph Caillaux, Colette, tão diversa e tão sensivel, Charles Henri Hisch, Alfred Machard, Marcel Prévost e Fernand Vanderem.

A casa Flammarion deu um grande desenvolvimento á sua "Select-Collection", monumento de toda a litteratura contemporanea e a nova Bibliotheca Flammarion, além de apresentar uma selecção de excellentes autores, reune a obra completa de Maupassant e Marcel Prévost.

Duas outras colleções, a das "Vidas Amorosas" e a dos "Grandes Corações", foram igualmente lançadas com grande successo.

O Sr. Ernesto Flammarion pode sentir-se ufano do seu trabalho. Em cincoenta annos, elle e seus filhos crearam, sozinhos, uma das casas editoras mais poderosas de nosso paiz, e cuja actividade, longe de esmorecer, é cada vez maior e mais fecunda, pois que abrange todos os ramos da actividade humana e vae da litteratura aos conhecimentos medicos.

A Casa Flammarion soube adquirir um logar de primeira ordem entre os guias do pensamento francez.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

"ATENEA POLITICA"

(ALFONSO REYES)

Nas linhas que se seguem não quero nem de longe fazer uma apreciação da obra de Alfonso Reyes. Tambem não é um estudo da sua personalidade que emprehendo. Da obra não tenho lido senão o que tem sido publicado aqui. Do homem só conheço a actuação do embaixador, figura a parte em nosso mundo diplomatico, e atravez de encontros occasionaes, em conversas ligeiras, algumas opiniões typicas e agudas, dessas que marcam um individuo como as arestas que definem a natureza de um terreno.

Nestas linhas é minha intenção hoje apreciar apenas e ligeiramente, nos limites do espaço de *Ariel*, a conferencia que assisti dias atraz, pouco antes da Revolução, no salão do Itamaraty. Essa conferencia — *Atenea Politica* — acaba de ser publicada em mimiographia, na collecção de trabalhos semelhantes que Alfonso Reyes vem distribuindo entre nós. E' ella uma pagina extraordinaria de philosophia social. Resumil-a é impossivel. O que me tentaria, a proposito della, seria fixar ou melhor identificar o espirito de Alfonso Reyes no campo da cultura moderna. Definir o seu lugar. Saber de onde elle vem, quaes suas origens, qual o caminho que segue, o alvo a que se destina. Nessa conferencia, não faltam os indicios de tudo isto. Mas a tarefa é demasiado vasta, e a materia de que disponho é por demais insufficiente para estudo completo. Atenhamo-nos pois, aos limites traçados pelo assumpto, mas frisemos desde logo que o homem vem de longe. E' uma mistura terrivel, uma especie de terreno de formação complexa sob o qual palpita o Mexico mysterioso e profundo...

Salientemos antes de tudo, uma nitidez de attitude *intellectual* (não espiritual, pois que ainda estamos em tempo em que taes distincções se fazem mister), que não é commum em Hespanha, em escriptores de lingua hespanhola, em geral pittorescos, racioeinantes alguns, raramente originaes no ponto de vista cultura comquanto não raro originaes no ponto de vista da personalidade. Em geral quando lemos hespanhoes, principalmente aquelles da banda de cá, não ficamos sabendo qual sua concepção da vida. Isto quanto á attitude intellectual. E quanto á originalidade, sempre nos domina em face delles, a impressão de já ter lido ou ouvido o que elles dizem, ás vezes não sabemos onde. Dão-nos elles a impressão de interpretar, de commentar, de desenvolver alguma cousa já sabida.

Estou sendo injusto? Talvez. Tambem não ligo neste particular importancia maior á minha opinião.

•

Em Alfonso Reyes o timbre é sempre proprio, e nessa conferencia, verdadeiramente, nos disse elle cousas raras, cousas finas, cousas novas. Minha surpreza foi grande ao ouvil-o. Já em Paris, uma vez, numa das sessões desse *Pen-Club*, cuja fundação aqui parece ter sido o unico mallogro da missão Durtain, a voz de Alfonso Reyes, falando da unificação intellectual do mundo, me soara com um accento interessante. Nessa conferencia do Brasil, feita aos estudantes, com um serio de alma emocionante, Alfonso Reyes nos deu pela primeira vez aqui (digo sem offensa a ninguem) depois de Maurtua, a noção de que nem tudo é palavra, côr, brilho, eloquencia entre homens de lettras da America hespanhola. Invoco minha qualidade de não *habitué* do meio sul-americano para exculpar-me do que houver de superficial e de antipathico no que estou dizendo.

Mas occupemo-nos de *Atenea Politica*. Ahi procura Alfonso Reyes lançar as bases de uma concepção da vida de acção sobre a funcção unificadora da intelligencia. "O caracteristico do homem entre todas as cousas e creaturas é *participar na intelligencia*, unico sêr que se sente hospede na natureza e não parte della, e por isso mesmo creador de ordem intellectual." A obra do homem sobre esta materia prima que é a terra, se confunde com a obra da intelligencia que é uma obra unificadora.

O desenvolvimento desse pensamento central é feito magistralmente. Antes de tudo, nota bem Alfonso Reyes, unificação não significa revogação do valor individual das cousas, dos sêres, e muito menos "renuncia áquella parte de aventura que a vida ha de possuir para ser vida." (Phrase admiravel). "Unificação significa uma circulação maior da vida dentro da vida." Estamos a ver aonde vae o autor. "Uma vida é tanto mais vida quanto maior é a relação entre as differentes partes do sêr." Assim o individuo mais uno é o individuo mais vital; a sociedade mais una é a sociedade mais viva; um mundo mais uno será o mundo mais cheio de vida, onde a vida se poderá mais ampla e intensamente exaltar. "O processo unificador da intelligencia tem um corpo e tem uma alma, o corpo se chama geographia humana." "A alma da intelligencia nol-a explica a historia da humanidade."

A intelligencia trabalhando como agente unificador sobre esse corpo, sobre essa alma faz civilização. Mas quando a intelligencia trabalha como agente unificador sobre o seu proprio sêr, sobre a intelligencia mesma, faz o que se chama cultura. Não é mais processo physico — nivelação geographica, não é mais processo historico — cosmopolitismo. Não é mais historia, não é mais civilização, é continuidade, passado, presente, futuro. Continuidade não quer dizer lentidão. O salto não é, por outro lado, uma interrupção. Salta o aligero Achilles e não o vemos senão antes e depois do salto. "Não diremos que Achilles deixou de existir durante o salto: supera simplesmente nossa sensação psychologica do momento, a decima sexta parte de um segundo. E Achilles em camara lenta é perfeitamente continuo."

A amplificação, o desdobramento da idéa central se ramifica durante quarenta paginas em altas, finas e agudas franças carregadas de rebentos tumidos de idéas e nutridos de belleza. Tem-se a sensação de estar sob uma arvore florente de onde cae uma chuva de alegria creadora.

Bem desejara colher todas as petalas aqui nesta columna. Que os leitores se contentem, porém, com o seu raro e estimulador perfume.

GILBERTO AMADO.

BIBLIOMANOS

A bibliomania degenera ás vezes em doença fatal. O marquez de Chalabre morreu por não poder alcançar uma Biblia que havia imaginado e que procurou inutilmente por toda a parte.

Com os bibliomanos dá-se uma cousa curiosa: nunca estão satisfeitos com o que possuem. Querem mais, muito mais. Se têm esté volume, falta-lhes outro. Esse outro é que elles nem sabem direito qual seja...

Tambem uma livraria é infinita como o desdobrar dos algarismos. Alberto Pimentel compara-a a um edificio que se constróe lentamente, dia a dia, e ao qual o proprio constructor não chega nunca a pôr a cupola. Diz elle que, por muito longa que seja uma vida, toda ella se gasta a fazer uma bibliotheca, que se deixa sempre incompleta no momento em que a vida foge.

Existem bibliomanos que soffrem de insomnias e são capazes de crimes por causa de um livro. Ha alguns annos um desses matou, na Belgica, um conhecido, por lhe ter negado a devolução de uma obra emprestada.

Casados, apaixonam-se pelos infolios não menos que pela esposa. Certa vez pediram a Gifanius um manuscripto que elle estimava muito. E, por ser raridade, sabem o que elle respondeu?

— Pedir emprestado o meu livro?! E' como se me pedissem emprestado minha mulher!...

A historia conta-nos episodios interessantes e curiosos de escriptores que soffreram do mal da bibliomania. O cardeal Passionei era grande colleccionador e tinha, como bibliothecario, um typo ignorante. E dava a razão disso:

— A minha bibliotheca é o meu serralho; dahi fazel-a guardar por um eununcho...

Camillo Castello Branco tem o interessante episodio de um bibliomano que se privou muitas vezes de reformar a coçada casaca para comprar uma das edições raras de Luiz de Camões, por quem tinha grande enthusiasmo. Chamava-se elle Mathias Salazar, era lisboeta e muito versado em litteratura. Herdou de seu velho pae as melhores edições venezianas dos classicos latinos, e a camoneana ainda incompleta. Dahi, com certeza, a sua paixão pelos livros e ambição pela bibliographia do altissimo poeta. Possuia grande quantidade de edições dos *Lusiadas* e quasi nada de pão em casa. A mania e o gosto pelos livros fizeram-no pauperrimo. Certo dia, um abastado livreiro, sabedor da extrema miseria em que elle se debatia, propoz-lhe a venda do seu maior thesouro. E Mathias Salazar respondeu:

— Primeiro venderia o sangue das minhas veias, senhor!

— Mas é que talvez não saiba que lhe dou quatrocentos mil réis pela camoneana!

— Não vendo por preço nenhum. E acredite que vivo do magro jantar de hontem, porque no principio do mez comprei o tomo VII das *Memorias da Academia* em que vem impresso o *Discurso do Conde da Barca contra La Harpe*, detrator do nosso Camões.

— Sendo assim, redarguiu o livreiro, o senhor tem a cabeça desarranjada!

E asseverava Camillo que Mathias Salazar, sorrindo amargamente á injuria, reteve no peito a resposta e a desaffronta...

Filante de livros era Victor Cousin. Quando ministro da Instrucção Publica, em França, alguem lhe emprestou um manuscripto de Malebranche e elle se recusou a restituil-o. "Que o dono tinha o seu direito, é verdade, mas eu tenho a minha paixão", disse elle, e ficou com o manuscripto...

HILARIO CINTRA.

"Menino de Engenho"

Em numero recente das *Nouvelles Litteraires*, François Mauriac lamenta a sorte das novas gerações litterarias que, surgindo na confusão do após-guerra, não encontraram, como a delle e outras anteriores, o apoio de circulos intellectuaes bem constituidos e onde avultavam, a attrahir todos os olhares, algumas figuras de velhos mestres prestigiosos, que lhes poderiam servir de modelo e incentivo á iniciação da aspera jornada.

Entre nós, se taes cenaculos nunca existiram e o escriptor só deixa de ser um pobre diabo quando se arrima a outras muletas profissionaes, temos tambem que de uns annos para cá, nesse permanente tumultuar de agitações politicas que passou a ser a vida no Brasil, cada vez se torna mais difficil que um nome inteiramente novo, embora cercado das melhores credenciaes, se possa impôr, já não dizemos á grande massa, mas aos mil ou dois mil leitores de escol que lhe podem trazer um relativo triumpho litterario.

Essas observações nos occorrem a proposito de uma estreia que reputamos das mais promissoras, mas que pelos motivos expostos acima, talvez não logre despertar a attenção que merece e os applausos com que deve ser recebida. Queremo-nos referir ao romance *Menino de Engenho* (1), da autoria de José Lins do Rego, jovem escriptor nordestino que, até então, apenas assignara alguns trabalhos de critica, assim mesmo de pequena divulgação, pois que insertos nos jornaes da provincia, mas que surge agora com um livro por muitos titulos notavel e digno da melhor acolhida.

João Ribeiro e Augusto Frederico Schmidt, aquelle o grande mestre que todos acatamos, este uma expressiva voz da nova geração, já disseram o que é essa saborosa e commovente historia de uma creança criada á solta num engenho, entre a vida incontinente da senzala e o gado que se acasala nos curraes, e que aos 12 annos, quando entra para o collegio, já leva uma alma escarvada pelo vicio e arida como um sapezal.

O que mais nos agrada nesse livro é a maneira clara e despretenciosa com que tudo isso é narrado, sem arrebiques de estylo e a preoccupação dos adjectivos, sem torneio de periodos e a balofa rhethorica da nossa falsa litteratura.

Entretanto, aqui e ali, porque o escriptor tem o que dizer e sabe como dizer, encontramos phrases como esta: "Perdera a innocencia, perdera a grande felicidade de olhar o mundo como um brinquedo maior do que os outros." Ou ainda: "E um sonho de menino é maior que de gente grande, porque fica mais proximo da realidade."

GASTÃO CRULS.

(1) Adersen, editores. Rio.

O liberalismo politico de Dostoiewski

O romance na litteratura russa tem duplo caracter: obra de arte e propaganda politica. Analysando esse phenomeno, um avisado publicista, o Prof. Sarolea, considerou-o heroico por excellencia. Nem sempre, porém, a critica occidental decifrou completamente as tendencias dos autores russos. Dahi, não raro, interpretações absurdas sobre as opiniões das figuras mais notaveis da heroica litteratura. O caso de Dostoiewski é singular. Todos os que conhecem as opiniões que professou, com especialidade em sua vasta correspondencia e alguns romances, não duvidam de suas preferencias. Ninguem, talvez, entre os vultos de importancia, divinizou a autocracia com tanto fervor. Dois factos, entretanto, contribuem a julgamento contrario: sua participação no processo Petrachewski, pelo qual a justiça o condemnou á morte, e a publicidade, dez annos mais tarde, do livro em que relatou a vida dos exilados nas prisões da Siberia. São muitos os criticos, que apoiados no que acabamos de enunciar, insistem no alistamento de Dostoiewski entre os revolucionarios.

Nesse numero, acaba de filiar-se, recentemente, o Sr. Camillo Avelino, através de artigo sobre "A litteratura e a evolução social russa".

Dostoiewski — affirma — foi o escriptor russo mais ligado ao movimento socialista, já em lucta aberta contra o governo, quer pessoalmente, fazendo parte de complots nihilistas, o que lhe valeu uma condemnação á pena de morte, commutada em exilio para a Siberia, quer através de seus romances, todos de combate e de revolta".

Sem intuitos professoraes, como é de habito entre nós, vae permittir-nos o Sr. Avelino algumas observações ao trecho acima. Evidentemente o nosso patricio se equivoca quando nos diz que a condemnação de Dostoiewski resultou de sua participação nos *complots* nihilistas. E' facil demonstrar o contrario. A pena capital applicada a Dostoiewski derivou-se da sua inclusão entre os conjurados no processo Petrachewski e verificou-se em Dezembro de 1849. O nihilismo só começou em 1860 (1) e o primeiro attentado sanguinario organizado pelo partido deu-se em 1878. Praticou-o, Vera Sassoulitch, na pessoa do General Trepof. (2)

A presença de Dostoiewski num circulo de agitação politica não implica, necessariamente, como á primeira vista póde parecer, que elle tenha, jámais, sympathizado com a revolução. Quando se conhece a verdadeira natureza do processo Petrachewski e as attitudes do celebre autor, chega-se, facilmente, á conclusão opposta.

O movimento em que foi envolvido teve um caracter tão doutrinario que a commissão official, encarregada do inquerito, apurou "que a unica accusação contra os conjurados era a da propaganda de idéas socialistas". (3)

"No terreno doutrinario, Dostoiewski as considerava como sonhos honestos, mas sem nenhuma significação para os russos. (4) Infenso á Europa e particularmente á França, declarava, abertamente, que o povo russo não marcharia na trilha das revoluções européas." (5)

Nenhum testemunho é mais positivo que o de Merejkowski: "E' difficil — escreve — nos representarmos a causa que atirou Dostoiewski ao circulo Petrachawski. Os sonhos socialistas eram, não sómente estrangeiros, como antipathicos á sua natureza. Dizia, sempre, que não pertencia a nenhum systema social, persuadido que a realização de qualquer delles conduziria á ruina inevitavel. A circumstancia que o afastava do socialismo era o materialismo moral da doutrina. Petrachewski produzia sobre elle uma impressão repugnante: era atheu e zombava da fé. (6)

De Vogüe opina: "E' fóra de duvida que Dostoiewski fazia parte do grupo moderado. O mysticismo da piedade era tudo o que elle esperava de uma doutrina politico; sua incapacidade de acção tornava-o um metaphysico pouco perigoso. (7)

Por fim, a propria filha de Dostoiewski nos relata que o General Rostovzof, inquiridor de seu pai, "considerando-o um jovem escriptor de grande talento, homem de alta cultura que tinha a infelicidade de ser envolvido num complot politico, indicava a Dostoiewski o meio de salvar-se de punição severa. (8)

Com os testemunhos de Perski, Merejkowski, Vogue e a propria filha do genial romancista, acabamos de ver que a natureza do processo Petrachewski, toda de caracter idealistico-doutrinario, conforme reconheceram os agentes do governo, não tinha, em substancia, um fim alarmante. Não fosse a severidade da época e o processo Petrachewski jámais resultaria em condemnação a pena ultima, da qual escaparam, felizmente, o chefe e seus innocentes comparsas. A participação de Dostoiewski, inexplicavel no dizer de Merejkowski, não basta para que se venha a filial-o na corrente dos revolucionarios russos. Ainda mesmo que admittamos que o ardor da mocidade haja impulsionado tão nobre coração, essa hypothese se desmorona por completo quando o vamos encontrar integrado no seu verdadeiro sentir "escrevendo, por humildade, um hymno ao proprio tzar que o condemnara á morte." (9)

(9) Stephan Zweig, *Dostoiewski*, Paris, Rieder, 1928, p. 51.

Liquidemos assim o primeiro equivoco do Sr. Camillo Avelino.

II

Se na vida e obra de Dostoiewski é possivel divisar, num sentido objectivo, determinada prefencia de ordem politica, essa preferencia, qualquer que ella seja, antes de tudo jámais passou do terreno puramente theorico. Extranhamos, pois, que o Sr. Camillo Avelino haja escripto "que Dostoiewski foi o escriptor russo mais ligado ao movimento socialista". As tendencias dominantes em seu espirito jámais poderiam approximal-o, quer dos sociaes democratas, quer dos socialistas revolucionarios, só para fallarmos das grandes correntes de opinião, em opposição ao tsarismo no seio da sociedade russa.

Não basta que elle tenha sido um coração humanitario, cheio de piedade e ternura pelos soffredores, para consideral-o alistado entre os socialistas. Não. O socialismo, atra-

(1) J. B. Arnaudo, *Le nihilisme et les nihilistes, Paris*, s/d., p. 68.

(2) J. B. Arnaudo, Op. cit., p. 212.

(3) Bienstock, *Histoire du mouvement revolut. en Russie*, 1° vol., p. 43, Paris, Payot, 1920.

(4) Serge Perski, *La vie et l'œuvre de Dostoiewski*, p. 69, Paris, Payot, 1924.

(5) Serge Perski, Op. cit., p. 68.

(6) Merejkowski, *Tolstoi e Dostoiewski*, p. 88.

(7) Vogüe, *Le roman russe*, Paris, Plon, 1916, p. 218.

(8) Aimée Dostoiewski, *Vie de Dostoiewsky*, Paris, 1926, p. 77.

vés de suas varias modalidades, constitue um corpo de doutrinas perfeitamente concretas e definidas quanto a seus fins. Entre ellas, duas pelo menos seriam sufficientes para impedir as sympathias do genial romancista: o atheismo e o cosmopolitismo.

Profundamente christão e profundamente russo, Dostoiewski só "foi o escriptor russo mais ligado ao movimento socialista" no terreno de combate aos nobres idealistas, que satirizou e offendeu, com violencia, num livro inteiro: *Os possuidos*. Só este livro é o bastante para destruir a leviana affirmação do nosso patricio. Em uma de suas cartas dirigida precisamente a um dos reaccionarios mais odiados na Russia, o Procurador do Synodo, Pobiedonostzef, escreveu: "Eis um homem que se compromettteu para sempre com seu romance *Os Possuidos*, quero dizer, por seu CONSERVATISMO e esse homem é reconhecido por nossa mocidade dissoluta, nihilista, etc." (10)

Passagens desse genero são muitas as que se encontram em vasta correspondencia que deixamos de citar para não nos alongarmos, em demasia. O homem que prégou no discurso á memoria de Pouchkine (11) a reconciliação de todos os russos, reconciliação que só poderia aproveitar ao governo, em detrimento dos revolucionarios; o homem que attribuia á Russia o messianismo da direcção de todos os povos, idéa cara aos conservadores e que se expressava na corrente dos slavophilos; o homem que, esquecendo o mais elementar sentimento de gratidão pessoal, só teve injurias para com o critico Bielinski, a quem deveu sua gloria inicial, tão sómente em virtude daquelle nobre espirito haver, em sua presença, negado o Christo; o homem que por humildade religiosa, aliás respeitavel, enalteceu a seu proprio inquisidor; o homem, por fim, que odiava os estrangeiros, demonstrando fanatico patriotismo, jámais poderia ser socialista, quer no sentido theorico e ainda menos no terreno da acção.

Para finalizar diremos ainda que, nas ceremonias dos funeraes de Dostoiewski, a familia imperial, sem duvida como demonstração politica, depositou flores no ataude e orou nos templos. Nenhuma demonstração symbolica teve tanta propriedade e expressão.

UBALDO SOARES.

(10) Dostoiewski, *Les inédits*, Paris.
(11) Dostoiewski, *Les inédits*, Paris.

D. H. LAWRENCE — *DÉFENSE DE LADY CHATTERLEY — Traduit par J. Benoist-Méchin. — Librairie Gallimard — Paris.*

Não diremos cousa nova ao affirmar que as obras de arte se explicam por si mesmas, ainda aquellas mais ousadas, que trazendo uma nova mensagem e fugindo aos canones convencionaes, difficilmente possam ser comprehendidas pelos seus contemporaneos.

Dahi, em consequencia, a inutilidade dos prefacios esclarecedores do ponto de vista em que se collocou o escriptor ao executar esse ou aquelle trabalho. E' que ao tratar com o publico, á luz fria da razão e premido por preceitos moraes e sociaes, o autor entra apenas com a parte raciocinante do seu cerebro, emquanto que para a confecção da obra ideativa, mesmo sem o sentir, fôra elle buscar o melhor e mais rico material ao fundo mysterioso do subconsciente.

Occorrem-nos essas considerações ao ler o "a proposito" com que D. H. Lawrence se julgou na obrigação de vir em soccorro do seu tão discutido romance *O amante de Lady Chatterley*, cujo apparecimento se assignalou por estrepitoso escandalo e custou-lhe ao nome illustre os mais grosseiros baldões. Interdicto pelas autoridades britannicas, os primeiros exemplares desse livro que pretenderam entrar na Inglaterra foram logo apprehendidos e queimados em Dover, como já acontecera com o *Ulysses*, de Joyce, e caso houvessem conseguido chegar a Londres, esperal-os-ia, nas livrarias, a mesma sorte que coube aos livros de Wilde por occasião de seu processo.

Defesa de Lady Chatterley nada explica e melhor será que o leitor acceite ou condemne a heroina de Lawrence tal como a ideou o artista, que ao argumentador inhabil sobrepunha a força do seu genio.

Aliás, como elle mesmo o confessa, quando interpellado por uns e outros por que fizera paralytico um dos seus personagens, que muito melhor fôra se apresentasse como um individuo sadio e viril, Lawrence tergiversava, sem saber o que dizer, senão que aquella mesma figura, desde o inicio, ao tempo em que todo o entrecho ainda era um debuxo no seu cerebro, sempre se lhe apresentara assim e que, por isso, elle não poderia tel-a feito de outro modo. Como se vê, puro trabalho do inconsciente.

Além do mais, a exegetica de Lawrence quando se propõe a explicar a luta dos sexos e os complicados processos affectivos, é bastante confusa, e, talvez á falta de uma solida base biologica, trae qualquer cousa de magia antiga e culto secreto das religiões do oriente.

Fiquemos, portanto, com o romance, — obra de um grande e corajoso escriptor.

GASTÃO CRULS.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Na certeza de que vimos envidando esforços para realizar o programma de cultura que é o unico escopo do Boletim de Ariel, *esperamos continuar a merecer o apoio daquelles que nos prestigiaram desde a primeira hora e cujas assignaturas terminaram com a publicação do ultimo numero.*

Outrosim, conforme verificará o leitor, a este numero está annexado um indice remissivo, de autores e materias contidas na collecção annual do Boletim *e que muito facilitará a sua consulta, no caso em que alguem pense conserval-a ou mesmo transformal-a em volume.*

Procurando corresponder á gentileza dos nossos assignantes, resolvemos fazer-lhes a reducção de 20 % sobre as edições Ariel, que sejam adquiridas directamente em nosso escriptorio, e de 10 % sobre as que nos forem encommendadas do interior, ficando a nosso cargo as despesas do respectivo porte.

THOMAZ LEONARDOS — OS INADAPTADOS — *Edições A. S. R.* — Rio, 1932.

O autor é muito joven e seria exorbitante que estreasse logo com um livro perfeito, de uma technica e um estylo impeccaveis. Mas, desculpados alguns excessos realistas da sua interpretação de habitos da nossa vida burgueza, existe nelle substancia de romancista e a este mesmo livro não faltam os trechos em condições de reter o leitor. Vimos de falar em notas realistas. Não que o autor seja um epigono retardado do naturalismo á Zola e á Julio Ribeiro. Longe disso, o seu ideal é fazer litteratura dentro dos postulados scientificos do "venerando Freud", o que é posto em fóco pelo prefaciador do volume, o sr. Julio Porto-Carrero, indiscutivel autoridade no assumpto, ao escrever no sr. Thomaz Leonardos: "Pinta V. com fidelidade a inquietude da moderna civilização, em cuja crise a mór parte da gente apenas quer enxergar o factor economico, esquecendo o factor sexual que está na base".

DE NOVA YORK

Novo Livro de Langdon-Davies

John Langdon-Davies é um espirito irrequieto, que aos estudos scientificos allia aquella insaciavel curiosidade geographica, que o leva de terra em terra.

Conhecedor do que disse Bacon na apologia das viagens, Langdon-Davies fez-se philosopho ambulante, como Keyserling, e, em lhe dando a venêta do allemão, é capaz de ainda estourar um dia ahi pelo Brasil, para uma visita amistosa aos nossos bugres...

Professor de anthropologia na universidade de Oxford, fatigava-o a estagnação academica, e um dia, cansado de ensinar, eil-o que se deita ao mundo para aprender. Abala da sua frigida ilha e vae veranear no "perpetual summer" da Africa do Sul, lá onde a curva sociologica encontra pés com cabeça.

De volta do Continente Negro, fez demorada escala nos Estados-Unidos, pondo em lettra de fôrma o que observara em Africa. Da America dá um salto â Hespanha, e de lá nos traz *Dancing Catalans*, primoroso e amplo estudo das dansas e cantos populares da patria de Verdaguer, o immortal autor do poema *Atlantida*.

Nas suas repetidas pervagações, Langdon-Davies tem tentado varios offícios de passa-tempo, além do "steady-job" de scientista-edueador. Noviço na politica ingleza, chegou a candidatar-se ao Parlamento; nos Estados-Unidos, dirigiu a propaganda de uma companhia de cinema, foi director de scena de uma empresa theatral e, depois, durante a sua residencia em Hespanha, correspondente de jornaes inglezes.

A obra de Langdon-Davies compõe-se de poucos tômos, pois o autor é ainda muito moço, mas são todos de modo a revelar a polpa succulenta do philosopho, observador e preciso. Vejamol-a: *The New Age of Faith*, *The Future of Nakedness*, *Man and his Universe*, *Dancing Catalans*, *A Short History of Women* e *Man Comes of Age* (Harper & Brother, editores. — New-York, 1932) — livro em que o autor estuda exhaustivamente a influencia que a disseminação dos conhecimentos scientificos possa exercer sobre a maneira de pensar (que é maneira de viver) do "homem da rua", esse cidadão apparentemente despreoccupado, que casa, tem filhos, divorcia, trabalha, compra, vende, vae á egreja, ao cinema, joga na Bolsa, faz politica, trafica, ri, canta, chora — vive, emfim — e que, aos poucos, se desarraiga das suas noções seculares, por meio das quaes comprehendia o seu modesto universo, para, passo a passo, ir se amoldando ás ideias novas, que a Sciencia deste seculo, numa successividade incrivel, lhe põe debaixo da vista.

Comparando a unilateralidade das antigas concepções do espaço, do tempo, da luz, da materia, da vida, com o que hoje nos ensinam os mestres da Sciencia — um Einstein, um Millikan, um Jeans, um Eddington — conclue o autor que a comprehensão do universo que vamos formando (nós, meros espectadores do drama scientifico destes dias), é de significação bem mais dynamica, porque nos leva a novas e mais justas conjecturas, — do que as concepções mystico-religiosas de éras passadas, pois estas, baseadas no que aos nossos sentidos parecia real, não passavam de meras apparencias, de todo estagnadas e incompletas.

Langdon-Davies sustenta, com justa razão, que antes de Darwin, a Sciencia não tinha nenhuma significação para o homem da rua. O gigantesco edificio das leis newtoneanas, só comprehendidas e explanadas na esphera abstracta dos grandes mathematicos, em nada affectava a maneira de pensar do cidadão das "streets". Ignorando a razão basica da queda da maçã de Newton, elle preferia filiar os seus ideaes de Bem e de Mal áquelloutra maçã — a fruta paradisíaca, que não cahira por força da gravitação, mas fôra peccaminosamente arrancada do galho pelas mãos dadivosas de Eva, como de começo lhe haviam ensinado as sagradas lettras...

Mas, quando o velho Darwin deu a lume o seu evangelho novo da *Origem das Especies*, cuja doutrina, explanada por discipulos como Huxley e Haeckel, punha á mostra a procedencia biologica do Homem, isso calou profundamente na alma daquelles que, de uma fórma ou de outra, não se conformavam de todo com a estagnação das ideias mystico-religiosas, que até ahi tinham governado o pensamento das idades.

Huxley definia a Sciencia por elle disseminada como "trained and organised common sense", e esse rotulo descriptivo collocava desde logo a nova ordem de ideias num plano de todo humano.

O homem da rua, que nunca se governára por lei alguma que não fôra o seu velho e enraizado "sentido commum", via agora, na Sciencia uma amiga e collaboradora, que lhe offerecia o methodo preciso de organizar e joeirar esses conhecimentos empiricos, dando-lhe mais extensão, quando assim lhe aprazia, livrando-o outras vezes de erroneas derivações.

O autor de *Man Comes of Age* mostra, porém, que essa facilidade de absorpção foi apenas para começar; a Sciencia de hoje, complexa e multiforme como as leis de Newton, avança para um plano cada vez mais distante da mentalidade forçosamente rudimentar do homem da rua. Os instrumentos de precisão de que se serve a Sciencia de hoje, bem mais perfeitos que os sentidos humanos, vieram provar que o chamado "bom senso" era um grandissimo burlão, que só ao erro nos conduzia!

A constatação desse facto, longe de ser um mal, é antes um bem, porque atira o homem por direcções novas, talvez de mais amplos e beneficos resultados. "We are out — diz Langdon-Davies — to discover what contemporary science has to tell us about a reality beneath appearances, and this seems worth while because we feel that it will throw light on our practical problems, our duty to ourselves, our neighbours, and the world in general, our prospects and those of the Universe".

Como do transcripto se deduz, Langdon-Davies vê a Sciencia contemporanea não só facilitando a vida em geral (as difficuldades economicas do momento, não nos esqueçamos, dericam de um estupido systema social que nos herdou a "idade da pedra", o qual, queiram ou não queiram, tem de ser reformado), não só facilitando a vida em geral, mas, tambem, imprimindo-lhe uma com-

prehensão mais racional da moralidade e, implicitamente, de religião.

Essa maneira de ver do nosso autor está aliás de pleno accordo com as ideias geraes de Bertrand Russell em *Mysticism and Logic* — "...mysticism as a way of *feeling* (o grifo é de Russell, que, parece-nos, se refere aqui ás contribuições do mysticismo nas obras de Arte) has something of great value to contribute to life, but as a way of *thinking* it is a source of error".

E prova patente dessa affirmação de que o mysticismo conduz ao erro é a que encontramos no artigo *Science and Religion* (Forum Magazine, New York), por Albert Einstein, em que aquelle grande mystico affirma que a Sciencia nada tem que ver com a moral, sendo esta da alçada e da competencia das religiões...

Essa affirmação de Einstein é justa quanto á missão da Sciencia que, é sabido, trabalha fria e independentemente, catalogando e esmiuçando factos. Mas, o proprio desvendar de mysterios millenarios, que, a despeito da guerra que lhe fazem os detentores das ideias mystico-religiosas, vae perpetrando a Sciencia, mysterios sobre os quaes a grande maioria dos crentes baseava a sua fé, — não terá valor algum na formação da moral e da religião dos povos?

Evidentemente que sim! E Langdon-Davies é desta opinião.

Além do mais, se a Sciencia só servisse para mover trens electricos, fazer falar ás machinas, revelar a base miero-organica das doenças, transmittir a voz humanna de polo a polo, alçar pontes de aço sobre rios, talhar canaes entre os mares, encurtando assim o curso das navegações; se só servisse a Sciencia para crear milagres de chimica e mecanica, para fazer cinema falante, televisão, aeroplano, navios que são palacios, para dar á agricultura machinas que centuplicam o trabalho nos campos, augmentando dest'arte as possibilidades de subsistencia na terra — e com tudo isso, embora indirectamente, não modificasse a Sciencia a nossa moral e não nos désse — como nos dá — uma comprehensão mais racional da vida, bem differente, porque é mais real, daquella que nos vinha do rotinismo religioso, então de nada nos valeria a Sciencia!

ARTHUR COELHO.

ALBA VALDEZ

Devido ao meio provinciano, que só usa o termo "litterata" em sentido pejorativo, raras são as mulheres que, no Ceará, deixando de parte as agulhas de "crochet" e os bilros das almofadas de renda, se aventuraram a fazer litteratura... Desse já diminuto contingente temos que alijar não só as que produzem materia de carregação como, tambem, as contrabandistas intellectuaes, as que se banqueteiam com as gallinhas do vizinho... Gente que vive dos trabalhos do proximo fazendo cortezias com o chapéo alheio... Não se póde incluir neste ról de kleptomanas litterarias Alda Valdez, ou melhor Maria Rodrigues, como reza o seu baptisterio.

Alba Valdez surgiu ao tempo em que no Estado septentrional quem não tomava chá de torem, nem usava chapeo tapioca, nem tão pouco havia lido o *Quo Vadis* não era considerado de boa gente, nem de tal classe vinha... E se eu citei essa phrase é por que ella, como ahi está, foi moeda de curso franco, legal, por muitos annos e mostra em que gráo andavamos quanto á medicina, elegancia e litteratura... Logo aos primeiros ensaios de Alba Valdez, estampados nas columnas floridas de vinhetas da *Republica*, todo o mundo a reconheceu. Os seus escriptos traziam tanto da sua personalidade, eram tão ella mesma que foi de prompto afastada a hypothese de que, como nos casos que citei acima, fosse da estreante apenas a rubrica. A gente leitureira da terra viu que estava diante de um caso de excepção. E assim um plebiscito entre lettrados organizado por uma folha volante do periodismo da ribeira do Pajehú, sagrou-a "a penna mais aparada do bellettrismo feminino" para falarmos mais ao sabor daquelle tempo... E' que Alba, ao invés de ir dansar "lanceiros" e "quadrilhas" nos salões de então, preferia a paz severa de seu gabinete onde ia enchendo as folhas de papel com a sua prosa de grande intensidade poetica.

Sobre ella Antonio Salles compôz uma redondilha, a qual terminava trocadilhando:

A penna da Alba val'dez...

Isso deu lugar a que um humorista da terra affirmasse:

— Máo trocadilho, grata verdade!

Essa escriptora que hoje veste o habito da Ordem Terceira Franciscana, isso nos dias de procissão, e mora numa casa como aquella do soneto de Ricardo Gonçalves: "casa de porta e janella", é uma Concha Espina brasileira, uma George Sand nossa, se George Sand tivesse tido uma vida purissima, sem Mussets, nem Venezas...

Publicou dois livros, pouco, muito pouco, dirão todos, mas, diabo!, ha um mundo dentro de uma gotta dagua, e só um gastronomo intellectual reclamaria que lhe enchessem o prato até as bordas... Os livros que resumem a sua vida são: *Em sonho...* e *Dias de luz*.

Os seus escriptos impressionaram tanto, pelo colorido e pela belleza, a um nordico, esse suéco Göran Bjorkman de grandes bigodes e physionomia mansa, que elle não se furtou de a traduzir, apresentando-a ao publico do seu paiz. E os trechos da escriptora cearense, depois inclusos numa Anthologia "ad usum escolarum", foram lidos por mais de uma geração na Suecia. No periodo pre-grande-guerra não foi uma nem duas vezes que o seu nome figurou nas paginas do *Le Matin*, para onde a transplantava um traductor conscienciosо. A sua prosa lembra essas rendas cearenses que os nossos avós não usaram porque as tinham de Vianna e do Porto, isso pela delicadeza de feitio.

Arredia das capellinhas litterarias, foi pouco ou quasi nada elogiada na sua terra mas, tambem, não teve que gastar em retribuição, a boa cera de um elogio com quanto defunto ruim anda por ahi... De um tempo a esta parte recolheu-se por completo, e, como não creou personagens, uma vez que foi apenas uma paizagista das lettras, não podemos dizer que viva entre as figuras que pintou... Lamento que tenha sido victima do gosto da época, não indo além da chronica, da phantasia, do conto ligeiro. E já agora, depois de tanto tempo, deixa que lhe durma na pasta os capitulos de um romance inacabado, o qual se obstina em não concluir. Alba Valdez é sem favor um dos nomes mais expressivos dessa velha guarda litteraria do norte que a morte e as innovações modernistas estão reformando compulsoriamente, passando-os para a segunda linha...

HEITOR MARÇAL.

"Handwoerterbuch der Soziologie"

Novidade... do anno passado. Mas é que não queriamos annuncial-a louvando-nos apenas na lombada bonita, nas lettras douradas ou no prestigio intellectual da *Kultur*. Queriamos, antes de tudo, lêr o livro. E setecentas paginas massiças, sobre assumptos, ás vezes, encyclopedicos, a pedir meditação, releitura, confronto e manuseio doutras obras, não se perlustram em seis dias. Nesse espaço de tempo foi possivel, é verdade, crear-se o mundo. Mas setecentas paginas atochadas, quem as pode lêr em seis dias? Mormente se consideramos que nem só de ler, mas tambem de pão, vive o homem. Mormente — ajuntará o leitor — se considerarmos que o livro é escripto em allemão... *Meinetwegen!* Que mal fazem apartes de personagens hypotheticas?

Apresentadas as desculpas com explicarmos as razões do atraso, digamos agora da empresa a que metteram hombros numerosos e notaveis sociologos allemães, sob a direcção do não menos conspicuo dr. Alfredo Vierkandt, professor de sociologia da Universidade de Berlim.

E' esse o primeiro diccionario de sociologia que se publica. A *Grande Encyclopédie*, a *Encyclopædia Britannica*, o *Konversations-Lexicon*, o *Grand Dictionnaire* de Larousse, todos consagram artigos tanto á sociologia geral, quanto ás differentes instituições que lhe constituem o objecto, cada qual desses artigos redigido, não raro, por um especialista. Mas taes diccionarios não são exclusivamente sociologicos. Por outro lado, o *Wörterbuch des Staatswissenschaften* adstringe-se, conforme o titulo deixa ver, ás sciencias politicas.

O *Handwörterbuch der Soziologie*, que sahiu em 1931 dos prelos de Ferdinand Enke Verlag, Stuttgart, é, assim, o primeiro no genero. E, se não apresenta a vastidão dos demais, é, em parte, precisamente por ser especifico, em parte, por ser trabalho de pura sciencia, que é ainda, neste capitulo, pauperrima. Nelle se deparam artigos de grande valor, que mais recommendam ainda seus signatarios ao bom conceito universal, a que já se impuzeram por obras anteriores. Citando ao acaso, os artigos sobre *Revolução* (Geiger), *Economia, Capitalismo* (Sombart), *Communidade e Sociedade* (Tönnies), *Guerra* (Steinmetz), *Industria* (Briefs) e tantos outros dizem muito do merito do Diccionario. Especial registro neste *Boletim* estão a exigir os artigos *Bildende Kunst u. Literatur* e *Wissens-soziologie*. *Pauca sed bona* é o que se poderia com justeza dizer do brevissimo mas substancioso artigo do prof. Eberle sobre *Sociographia*. Notavel é emfim o artigo do Prof. Geiger, que estuda com profundeza as differentes escolas, correntes e theorias sociologicas, desde as antigas até ás contemporaneas, omittindo entretanto, não sabemos porque, certas theorias de uns quantos sociologos brasileiros, *connus dans l'univers et dans mille autres lieux*...

O *Handwörterbuch der Soziologie* não é todavia um diamante sem jaça. Ha nelle, de onde em onde — falhas; mais raramente — equivocos; menos raros — byzantinismos. Destes é exemplo a passagem em que o Prof. Geiger, na sua "theoria das relações", pretende que não existe "sociedade", mas, sim, o "social". Sem espaço para expôr claramente o pensamento do autor e examinar por miudo essa these difficil, perguntamos apenas se não ha ahi uma logomachia; se esse "social" não é a substituição de um adjectivo; se esse *Geschehnis*, em que o Prof. Geiger vê um caracter verbal, não é um substantivo tão bom como o substantivo "sociedade"; se não é isso, emfim, a velha, famosa e byzantina questão entre substantivo e verbo, em que até hoje, sem solução, *grammatici certant*.

De passagens como esta, lamentavelmente abundantes no *Handwörterbuch*, não seria talvez illogico inferir que os sociologos allemães têm, ás vezes, a subtileza futil, ou, se quizerem, a futilidade subtil dos theologos de Byzaneio.

A despeito de obra collectiva, elaborada por autores que possuem idéas proprias, até certo ponto divergentes, ha comtudo no trabalho em questão relativa unidade e, até, concatenação das materias tratadas, se lidas na ordem do indice systematico. Esse indice obvia ao inconveniente da ordem alphabetica dos assumptos .

Tratando-se de obra portatil, facilmente se comprehenderá que nem tudo quanto forma objecto de sociologia encontra rubrica especial no *Handwörterbuch*. Isso, porém, não implica omissão; e o *Sachregister*, ao fim do volume, mostra bem quantos problemas, embora de passagem, foram abordados.

A relativa unidade, referida ha pouco, explica-se pelo proprio caracter scientifico da obra. A sciencia, sabemos todos que é uma só. E o esplendido esforço collectivo dos organizadores do Diccionario teve justamente por fim a codificação do que de certo e scientifico anda por ahi de envolta com muito joio em materia sociologica. Coherentes comsigo mesmos, não podiam deixar de criticar todas as attitudes extra-scientificas. Lá estão, cada qual com seu alfinete fincado na espinha, pregados, catalogados, classificados todos os cortejadores dessa irmã gemea da astrologia e da alchimia, á qual um dos collaboradores do *Handwörterbuch*, Theodoro Geiger, dá o nome feliz de *Sociosophia*. Lá está, como um desmentido a quantos se queixam (mania de perseguição) de vedado a Marx, porque revolucionario, o ingresso no pantheão da sciencia e da philosophia, lá está a sua obra tantissimas vezes referida, estudada, commentada e criticada.

Gostariamos de assignalar e apreciar muitos capitulos e trechos dessa obra de mestres. Mas não temos o direito, nem o mau gosto, de nos esparramarmos pelas paginas deste *Boletim*, em que, á semelhança das modernas casas de apartamentos, cada qual deve ficar no seu cantinho. Com esta differença, aliás: que não temos — e felizmente! — o radio do outro lado da parede.

V. de Miranda Reis.

Oliveira e Silva — GOTTA D'AGUA — Officinas Graphicas Alba — Rio, 1932.

O autor é o poeta consagrado do *Horizonte*, do *Poema da Humildade*, do *Vôo Interrompido*. Já escreveu tres peças de theatro, uma dellas versando, com ternura evocativa, o caso pathetico de Marilia de Dirceu. Agora, nesta collectanea de aphorismos e pequenos ensaios, o sr. Oliveira e Silva faz uma especie de revisão dos motivos humanos ou divinos que tanto lhe têm interessado a sensibilidade de artista. Palavras sobre a arte, a alma brasileira, a vida, o pensamento, a moral, a mulher e o destino, o tempo e o amor. Tudo num tom de confidencia discreta, de quem ama as lentas reflexões solitarias e, desdenhoso dos applausos faceis, evita as exterioridades berrantes em que se comprazem os caçadores de fama.

DE GOETHE

Musica e Architectura.

Disse certa vez um nobre philosopho a proposito da architectura — não sem muito abanar de cabeça no auditorio — que era uma musica *immobilisada*. Creio que não é possivel reproduzir melhor esse formoso conceito do que chamando á architectura uma *musica emmudecida*.

Imagine-se Orpheu, collocado diante de um vasto local por construir, indo tranquillamente sentar-se no sitio mais apropriado e com os prodigiosos accordes da lyra suscitando em torno de si primeiramente o espaçoso mercado: os pesados blocos irresistivelmente attrahidos pelos magicos sons do divino instrumento desaggregando-se da massa informe dos rochedos, acudindo em movimentos rythmicos, ajuntando-se e ajustando-se exactamente segundo os preceitos da arte e as regras do officio, ordenando-se e alteiando-se harmoniosamente em alicerces e paredes. Ruas e ruas se alinhariam assim como por encanto; nem faltariam as solidas muralhas das fortificações urbanas.

Os sons passam, mas a harmonia fica. Os habitantes de tal cidade vivem e movem-se numa atmosphera de eternas melodias; o espirito não póde succumbir nem a actividade adormecer; os olhos adquirem funcção e privilegio de ouvido, e a população, ainda nos dias mais communs, sente-se como que transportada num estado de alma ideal: inconscientemente, sem nem siquer indagar da causa, os habitantes commungam no mais elevado sentimento espiritual e religioso. Quem se habituasse a perlustrar abaixo e acima a basilica de S. Pedro haveria de experimentar sentimento analogo e certificar-se da justeza deste conceito.

Ao contrario o habitante de uma cidade mal construïda, onde o acaso parece ter amontoado com furia insana casas e edificios, vive emparedado na desolação de um estado de alma oppressivo e mesquinho; e a primeira impressão do forasteiro, á chegada, é de estar ouvindo gaitas, matracas e assobios e de ter de preparar-se para assistir a alguma dansa de ursos ou pantomima de macacos.

(Trad. de Alberto Ramos).

"REVISTA DO ENSINO"

Alegra-nos o successo obtido pelos dois primeiros numeros dessa publicação pedagogica, realmente destinada a prestar bons serviços á discussão e solução de muitos dos nossos problemas de cultura. Dirigida pelos nossos illustres patricios Nelson Rodrigues e Heitor Rocha Faria, a *Revista do Ensino* segue os mais recentes modelos no genero, numa intelligente adaptação aos interesses da educação intellectual, moral e physica em terras brasileiras. Este segundo numero, que é um dos mais legiveis e apreciaveis, publica, entre outros, substanciosos trabalhos de Atilio Vivacqua, Ronald de Carvalho, Adriano Metello, Maria R. Campos, Silvio Rangel e outros homens de lettras ou especialistas em questões didacticas.

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO BERIBERI — Pub. N. 3 do Dep. Nacional de Saude Publica do Estado de Pernambuco. Imprensa Nacional, Recife.

Trata-se de um relatorio a respeito da recente epidemia de beriberi occorrida no presidio de Fernando de Noronha, e para o estudo da qual, pelo governo do mesmo Estado, fôra nomeada uma commissão de technicos sob a competente direcção do Dr. Decio Parreiras, que dirige actualmente os serviços de hygiene naquella importante unidade da Federação. E' trabalho de valia e onde se reunem, sobre o mesmo assumpto e no dominio das respectivas especialidades, as interessantes conclusões a que chegaram os Drs. Decio Parreiras, Edgard Altino, Mario Ramos, Barreto Gonçalves, R. Rego Barros, J. Lucena e outros.

Arthur Ramos — NOTAS DE ETHNOLOGIA — Bahia, 1932.

Não ha muito, tivemos opportunidade de nos referir a interessante trabalho do mesmo autor, que se vem dedicando com carinho e proficiencia ao estudo da raça negra entre nós. Agora, numa separata da *Bahia-Médica*, dá-nos o Sr. Arthur Ramos estas Notas ethnologicas em que passa em revista os instrumentos musicaes dos *candomblés* da Bahia e examina o culto idolatrico de *Yemanjá*, da mythologia gêgo-nagô dos afro-bahianos.

Ruy Barbosa — DICTADURA E REPUBLICA — Editora Guanabara — Rio.

E' mais um precioso volume em que se divulgam algumas das melhores paginas de Ruy Barbosa e que, certamente, ha ha de lograr o mesmo exito já obtido por outros de igual genero, todos lançados a publico pela mesma casa editora. O Sr. Fernando Nery, digno commentador da obra de Ruy, como já fizera com os anteriores, prefacia o volume, que, além de outros trabalhos de vulto, insere o celebre discurso de Ruy, sobre a Justiça, proferido na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1909.

Leiam o extraordinario romance

O CÃO AMARELLO

O mundo maravilhoso das Creanças

Ha, neste mundo, varios mundos. Mundos que se ignoram, que se contrachocam e se contrabatem.

Falam, ás vezes, não idiomas diversos, mas estranhos e que não se correspondem, porque não se traduzem nas idéas e nos sentimentos. Differentes na sua estructura e nas suas dimensões.

Entre elles o mais lindo e o mais maravilhoso e que agora começa apenas a ser conhecido, está o das creanças. Sobre elle M. Lahy-Hollebecque acaba de nos dar um transumpto formoso no *L'enfant.— Une cause de l'avenir*, com uma emoção e uma ternura a que já nos acostumara o seu *Charmeurs d'enfants*.

Na eloquencia convicta e convincente com que reclama os direitos da creança se encontram os mesmos accentos de Ellen Key no *Seculo da Creança*.

A creança é a eterna esperança da especie.

As gerações se succedem nos tumultos dos erros biologicos e sociaes, de herança e de educação, e a meio caminho, clamam pelos seres pequeninos, cuja fragilidade supporta o peso tremendo do futuro, de que não têm culpa.

Felizmente nos ultimos tempos os povos mais cultos vêm olhando para a infancia, como alguma cousa sagrada, alguma cousa em que só se se póde tocar de mãos limpas e coração purificado.

O conceito de outr'ora de que a creança era um adulto em escala reduzido ruiu por terra, deante das acquisições dessa sciencia nova, que é a psychologia infantil, de que foi marco o livro fundamental de Claparède.

O livro de Lahy-Hollebecque não esquece nenhum dos aspectos do problema palpitante e seductor. Os seus capitulos apreciam-nos todos: a creança não é conhecida, não é desejada, não é protegida, não é educada, não é divertida, a que se seguem os direitos da creança e os deveres do Estado e a salvação da creança pela creança.

E' um destes livros de coração, que ensinam a amar a creança aos que o não sabem e a maneira mais util de os amar aos que já sabem.

Francisco Venancio Filho.

"No Tempo dos Vice-Reis"

Até hoje nunca surgiu, sobre a historia desta Guanabara maravilhosa, livro tão interessante, tão real, tão formoso, como este que Luiz Edmundo acaba de offerecer á nossa curiosidade.

Grande pelo formato e pelo numero de paginas, a obra é immensa pelo encantamento que encerra, dentro de uma rigorosa e documentada visão da época. A maior originalidade que o trabalho possue é ter devassado, não apenas os fastos politicos do Rio de Janeiro, como acontece em obras congeneres, mas ainda o historico de todos os costumes de outrora; é ter, magistralmente, reconstruido aquelle mundo colonial brasileiro; sociedade polymorphica, immunda, sensual e desengonçada, a verdadeira "flor amorosa de tres raças tristes", na sua vida primitiva... E' o panorama das menores agitações que constituiram a existencia dos reinóes, negros e mestiços, nossos avós, no tempo em que a Corôa era representada pelos Vice-reis. Panorama vivo. Com desenhos encantadores illustrando as narrações.

Começa o livro com os aspectos da cidade e das ruas. Todas as figuras pittorescas da época, do Vice-rei ao capoeira, todos os recantos da nossa urbs, praças, conventos, igrejas, lojas de mercadores, já desapparecidos hoje, tudo que possa impressionar o observador que atravessa uma cidade, é deliciosamente narrado, com o prestigio da penna de Luiz Edmundo. Inicia-se a leitura e não se póde parar mais. Vêm os transportes rudimentares, na complicação colorida dos banguês, cadeirinhas, serpentinas, coches, berlindas, estufas, paquebotes, etc., seguidos pelos andas, cocheiros da época, negros "indefectivelmente descalços" envergando librés pomposas e de luvas brancas. O genio satirico do carioca logo lhes dedica verso:

Negro de luva
E' signal de chuva...

Immediatamente em seguida, passamos a assistir ás festas populares, organizadas pelo Senado da Camara: allegorias, cavalhadas, touradas, congadas, a serração da velha, o imperador do Divino; festejos symbolicos, mixtos de ingenuidade, bravura e sensualismo, num fundo de pieguice beata. Um carnaval antigo que se iniciava á tarde, depois do Te-Deum e do beija-mão. O carioca divertia-se, mercê de Deus e do Vice-rei. Seu temperamento fogoso, ainda no calor dos primeiros caldeamentos, buscava expansão nas festanças do populacho, tecendo o berço do samba dos nossos dias. Era toda a brasilidade que se ia fundindo, semi-barbara, mergulhando, na volupia de agitações violentas, a agonia do exilado das aringas. A turba embriagava-se, combatia, ás vezes, amava, soffria mas tinha o esquecimento. Depois, uma prece sincera, num nicho de esquina, onde ardesse uma flamma aos pés da Virgem. Era assim o nosso avô do seculo XVIII...

Luiz Edmundo não perde uma minucia. Depois dessas narrações, mais de caracter urbano, principia o estudo da vida dentro dos lares, na existencia da familia colonial: a moda masculina e feminina, as cortezias e obrigações, as assembléas, que èram as reuniões e recepções da época, o namoro e o casamento, a cozinha, o theatro, a medicina, a justiça, etc., etc.

Uma das boas curiosidades do tempo, em relação á moda masculina, por exemplo, era o habito da pintura na face e nos labios, ainda com o uso de signaesinhos de tafetá, de grande alcance esthetico, habito a que não escapavam as mais graves e sisudas personalidades. Havia tambem um codigo de polidez, o *Tratado pratico da civilidade portugueza*, de Porta Siqueira, guia absoluto das boas maneiras lusitanas, cujos conceitos extravagantissimos ultrapassam a melhor comicidade.

Sobre o namoro e o casamento, então, nada de mais delicioso. Basta dizer que o beliscão era a maior prova de affecto que um apaixonado podia dar inicialmente. Diz um versinho do seculo:

Trazem ellas (as namoradas)
Rodelas de tafetás
Na gracinha dos carões,
E em carnes não parallelas
Desaforados signaes,
Rodelas de beliscões...

"Ficava uma nodoa preta na carne de Sinhá-moça, porém outra lhe ficava, côr de rosa, na alma", affirma Luiz Edmundo. As caricias tambem evolvem...

Logo no primeiro encontro, o namorado que tinha rarissimas opportunidades de ver a Dulcinéa, havia de dizer, numa phrase, tudo que fosse esmagador em materia de affeição, que valesse por muitos encontros. Sahia-se então com estas: desgraço-me por ti; meu amor e meu martyrio! Tu me apunhalas, tu me trucidas, monstro gostoso de minha vida! Esplendido! Não?...

E assim vae todo o livro. Através dos menores aspectos dos costumes d'antanho, o leitor vive integralmente a sociedade colonial, com a donzellinha *fanée* precocemente, a familia truculenta, o medico empolado e charlatão, a ronda nocturna, sempre ás voltas com o espadachim-capoeira, o frade patusco que maculava o habito nos delirios de reproductor, o desembargador ignaro, o escravo, pária dos párias, o mulato, lubrico e musico, assassinando a esmo, as mulheres-damas, os actores e os Vice-reis...

E' uma obra profundamente real. Não é apenas um ensaio sobre a tristeza brasileira, como o magnifico estudo de Paulo Prado, porque envolve na sua amplitude todos os sentimentos da existencia colonial. E' um quadro de legitima brasilidade, gravado com alma, escripto com documentação serena, veridico e sobretudo bem exposto. Cada pagina é uma revivescencia fiel do Rio antigo. E' o trabalho de um artista que comprehendeu e interpretou a Historia de uma raça ardente que se formava numa cidade bonita... E' um livro como não poderiamos deixar de possuir algum dia, esse *Rio de Janeiro no tempo dos Vice-reis*...

ANTONIO GABRIEL.

— Especialista em assumptos judiciarios, Pierre Bouchardon, que foi o interrogador de Bolo-Pachá num dos mais sensacionaes inqueritos dos tribunaes parisienses, prosegue na sua série de livros em torno aos processos famosos do seculo passado. Já se referiu a madame Lafarge, supposta ou real envenenadora do marido e inspiradora de uma contenda historica em que uns a põem nas nuvens e outros a jogam no lamaçal. Tambem consagrou a Troppmann, selvagem destruidor de uma familia inteira, um volume denso de documentos não de todo conhecidos e que provam não haver Shakespeare ou Eschylo capaz de inventar as monstruosidades com que a vida real, de onde em onde, desconcerta as civilizações mais requintadas.

NOSSOS COLLABORADORES

A. CARNEIRO LEÃO. — Especialista em assumptos de pedagogia. Foi director da Instrucção publica no Districto Federal.

ADHEMAR VIDAL. — Politico e publicista do Norte. Biographou o presidente João Pessoa e ha alguns annos publicou uma novella.

AFRANIO PEIXOTO. — Homem de sciencia e homem de lettras. Romancista e ensaista, professor da Universidade e membro da Academia de Lettras.

AGRIPPINO GRIECO. — Autor dos *Caçadores de Symbolos* e longo tempo critico litterario d'*O Jornal*, em substituição a Tristão de Athayde.

A. J. DE SAMPAIO. — Botanico. Serve no Museu Nacional e plantou a "goethea" no jardimzinho do Petit Trianon.

ALBERTO PASSOS GUIMARÃES. — E' de Maceió e dá-se a pesquisas de sociologia.

ALBERTO RAMOS. — Poeta das *Elegias e Epigrammas*. Filho de Pelotas, pouco se demorou no Rio Grande, fazendo a sua educação na Suissa. Lê Nietzsche e Goethe no original.

ALBERTO RANGEL. — Percorreu longamente a selva amazonica e hoje vive em França, remexendo nos archivos do castello d'Eu. Contista e creador da litteratura em torno á Marqueza de Santos.

ALCIDES BEZERRA. — Director do Archivo Nacional. Publicou um volume de ensaios e faz parte do Instituto Historico.

ALOYSIO BRANCO. — E' de Alagôas. Poeta e prosador, em dia sempre com os melhores livros europeus.

AMERICO FACÓ. — Jornalista e critico, já tendo feito um inquerito litterario para *A Noite*. Cearense.

ANTONIO TORRES. — Polemista e historiador das *Razões da Inconfidencia*. E' de Minas e serve presentemente no consulado brasileiro de Hamburgo.

ARTHUR COELHO. — Brasileiro, muito preoccupado com as questões de cinema. Viveu no Amazonas e hoje trabalha em Nova York.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT. — Poeta néo-romantico do *Passaro Cégo* e do *Navio Perdido* e critico litterario do *Diario de Noticias*.

BEZERRA DE FREITAS. — Antigo redactor d'*A Patria*, onde trabalhou ao lado de Paulo Barreto. Escriptor de expressão modernista.

CARNEIRO AYROSA. — Psychiatra, dos que mais se interessam pela divulgação de Freud em nosso paiz.

EDGAR CERQUEIRA FALCÃO. — Medico residente em Santos. Nada do que se prende á Russia lhe é estranho.

EDGAR CORTE REAL. — Nos lazeres que lhe deixa a medicina, vae aos concertos e acompanha a boa litteratura musical.

EDGAR LIGER-BELAIR. — Autor dos *Iris Noirs*, premiados pela Academia Franceza em 1926. Tem-se demorado muito no Rio, cidade de sua especial predilecção.

EUGENIO GOMES. — Caçador de analogias litterarias, estampou um opusculo sobre o poeta Manoel Bandeira. E' da Bahia.

EVALDO COUTINHO. — Dos novos de Recife, mandou-nos um trabalho sobre o ultimo livro de Maeterlinck.

F. CONTREIRAS RODRIGUES. — Sociologo e economista riograndense, traductor de Charles Gide e enthusiasta das theorias de Maurras e outros membros da *Action Française*.

FRANCISCO VENANCIO FILHO. — Physico e professor. Cultor fervoroso da memoria de Euclydes da Cunha. Um dos seus livros intitula-se *Educar-se para Educar*.

GASPAR SALDANHA. — Intellectual e politico do Sul.

GASTÃO CRULS. — Contista e romancista da *Coivara* e da *Amazonia Mysteriosa*. Filho do astronomo Luiz Cruls, é carioca e formado em medicina.

GENOLINO AMADO. — Irmão de Gilberto Amado. Chronista, escreveu abundantemente em diarios de São Paulo e agora trabalha n'*O Jornal*, do Rio.

GILBERTO AMADO. — Ensaista e politico sergipano. Autor da *Chave de Salomão* e do *Espirito do Nosso Tempo*. Professor da Faculdade de Direito.

HAMILTON NOGUEIRA. — Medico e docente da Faculdade de Medicina, dirige um hospital em Santa Cruz e é autor de um ensaio sobre Jackson de Figueiredo.

HEITOR MARÇAL. — Cearense. Tomou parte no grupo do "Maracajá". Está no Rio e tem um romance no prélo.

HELIO VIANNA. — Critico, especialmente voltado para as questões de sociologia e historia.

HENRIQUE PONGETTI. — Chronista e autor theatral. Seus livros intitulam-se *Pan sem Frauta*, *Camera Lenta* e *Historia de Carlitos*.

HILARIO CINTRA. — Familiar das litteraturas hispano-americannas e collaborador de varios jornaes do Rio.

JACK SAMPAIO. — Filho do engenheiro Carlos Sampaio, tem viajado e lido muito. Mostra um particular interesse pelos problemas da cinematographia e da bibliophilia.

JOÃO DORNAS FILHO. — Investigador do passado mineiro, rejubila quando encontra um documento ainda não aproveitado pelos Diogo de Vasconcellos e pelos Lucio dos Santos.

JOÃO RIBEIRO. — Ensaista e historiador sergipano. Dezenas de volumes publicados. Membro da Academia de Lettras e critico litterario do *Jornal do Brasil*.

JONATHAS SERRANO. — Publicista e educador. Lente de historia e participe de todos os nossos movimentos em favor do catholicismo.

JORGE AMADO. — Escreveu, de parceria com outros, o volume *Lenita*, mas a sua verdadeira estréa foi com *O Paiz do Carnaval*. Bahiano, dos mais jovens.

JOSÉ LINS DO REGO. — Critico alagoano, amigo de Jorge de Lima e Gilberto Freyre. Vem de estampar a novella *Menino de engenho*.

LINA HIRSCH. — Escriptora allemã e grande estudiosa das cousas e homens do Brasil.

LOURIVAL FONTES. — Um dos directores da *Hierarchia*. Sociologo e enthusiasta do fascismo.

LUCIA MIGUEL PEREIRA. — Filha de Miguel Pereira. Tem um romance a ser lançado pelo editor Schmidt.

LUIZ DA CAMARA CASCUDO. — E' do Rio Grande do Norte. Ligou seu nome a publicações em torno ao Brasil antigo, não obstante o seu apêgo ás theorias litterarias mais recentes.

MANLIO GIUDICE. — Riograndense do sul. Formou-se em direito e foi promotor num municipio de São Paulo. Trabalha presentemente no Palacio da Justiça e mostra um particular interesse pelas litteraturas estrangeiras.

MANOEL BANDEIRA. — Poeta do *Carnaval* e do *Rythmo dissoluto*, tambem conhecedor de questões de arte e movido sempre pelo desejo de um perfeito intercambio intellectual entre os sul-americanos.

MARGUERITE PICARD-LOEWY. — Viuva de um engenheiro civil que trabalhou aqui no Rio e morreu na Grande Guerra. Reside em Paris, onde se fez a divulgadora de muitos escriptores nossos, alguns dos quaes traduziu com a maior attenção.

MARIA EUGENIA CELSO. — Filha do Conde de Affonso Celso. Autora do *Vicentinho*, "in-memoriam", transportado para o francez em formosa versão de um notavel escriptor.

MARIO DE ANDRADE. — Poeta da *Paulicéa desvairada* e um dos chefes do movimento modernista em que tambem figuraram Graça Aranha, Oswald de Andrade e Ronald de Carvalho.

MARIO DE BRITTO. — Professor da Escola Polytechnica. Jornalista, redigiu *A Ordem*, ao lado de Mattos Pimenta.

MARQUES REBELLO. — Contista da *Oscarina*. Collabora na *Revista Nova* de São Paulo e pertence ao grupo litterario de Prudente de Moraes Netto e Sergio Buarque de Hollanda. Seu verdadeiro nome de familia é Dias da Cruz.

MAURICIO WELLISCH. — Mora em Paris, onde tem robustecido a sua cultura litteraria e artistica. Collaborou n'*O Jornal*, discorrendo, de preferencia, sobre pintores e esculptores.

MIGUEL COUTO. — Professor da Faculdade de Medicina e membro da Academia de Lettras.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA. — Biologista. Professor da Universidade, conduz longas e lentas investigações no laboratorio de Manguinhos e tem feito diversas conferencias em Paris, especialmente sobre questões do systema nervoso, sendo ouvido por scientistas do quilate de Marchoux e George Dumas. Autor de muitos ensaios sobre homens e mulheres de sciencia, reunidos alguns delles na *Vulgarização do Saber*.

MIRAM M. DE BARROS LATIF. — Estudioso das velhas civilizações, figura num dos numeros do *Boletim de Ariel* com um artigo sobre os ultimos historiadores de Byzancio.

MONTEIRO LOBATO. — Autor dos *Urupês* e, consequentemente, creador do typo de Jeca-Tatú. Esmera-se nas historias para creanças. Esteve alguns annos nos Estados Unidos, em funcções do nosso governo, trouxe de lá o volume *America*.

MURILLO MENDES. — Poeta supra-realista, já discutido até por um jornal francez. Trabalha num banco e tem

no prélo uma *Historia do Brasil* em verso. E' mineiro.

O. B. DO COUTO E SILVA. — Medico, physiologista, tomou a iniciativa de uma exposição de pintores brasileiros na America do Norte.

OCTAVIO DE FARIA. — Filho de Alberto de Faria, o biographo de Mauá, e cunhado de Tristão de Athayde e Afranio Peixoto. Venderam-se de prompto os dois mil volumes do seu ensaio *Macchiavel e o Brasil*.

OLIVEIRA VIANNA. — Sociologo, de uma producção inexhausta. E' fluminense, residindo em Nietheroy, onde exerceu ou exerce um cargo de relevo na administração estadual.

OSMAR PIMENTEL. — Talvez não tenha ainda vinte annos. Redige um semanario em Lorena, no Estado de São Paulo. Bate-se em favor das idéas de Alberto Torres.

PAULO LABARTHE. — Periodista no Rio Grande do Sul e cooperador ali em importantes movimentos partidarios.

PAULO SILVEIRA. — Polemista e pamphletario das *Azas e patas*. Serviu na diplomacia e vem trabalhando no jornalismo desde os tempos da *Boa Noite*, fundada por seu pae, o jornalista Victor da Silveira.

PEREGRINO JUNIOR. — Chronista mundano e escriptor regionalista da *Pussanga*. E' do Rio Grande do Norte, mas viveu muitos annos no Pará. Formou-se em medicina e tem redigido uma publicação consagrada a assumptos medicos.

PHOCION SERPA. — Medico, romancista da *Cachoeira do Inferno* e organizador de um florilegio com os melhores versos pantheistas do sr. Alberto de Oliveira.

PORTINARI. — Pintor, varias vezes laureado pela nossa Escola de Bellas Artes, que chegou a dar-lhe o ensejo de ir aperfeiçoar os seus estudos na Europa, de onde regressou, aliás, saturado de idéas modernistas e disposto a romper com os mestres que o haviam premiado.

RACHEL DE QUEIROZ. — Romancista do *Quinze* e do *João Miguel*. Cearense. Ainda não ultrapassou o periodo da adolescencia.

RAJA GABAGLIA. — Professor do Collegio Pedro II.

RIBEIRO COUTO. — Poeta do chamado grupo "penumbrista" e prosador de *Cabocla*. Em Marselha, divulgou os escriptores e livros brasileiros. Está presentemente no Rio, vindo de lançar o volume *Espirito de São Paulo*.

RODRIGO M. F. DE ANDRADE. — Da familia de Affonso Arinos. Advogado, ex-director d'*O Jornal*, é autor de um ensaio sobre Raul de Leoni, accrescentado á segunda edição da *Luz Mediterranea*.

ROQUETTE PINTO. — Naturalista da *Rondonia*, director do Museu Nacional e propagandista das cousas de radio. Pertence á Academia de Lettras.

SAUL BORGES CARNEIRO. — Professor do Instituto de Surdos Mudos, tomou sempre grande interesse pelos themas de philologia, embora os satirize um tanto com o pseudonymo de Barão d'Ascurra.

S. FRÓES ABREU. — Professor da Escola Normal e funccionario do Ministerio da Agricultura. Publicou o volume *Na terra das palmeiras*, allusivo ao Maranhão e particularmente dedicado a minucias de geologia.

SYLVIO JULIO. — Especialista em litteraturas de lingua hespanhola. Tem ensinado em varios collegios e foi laureado pela Venezuela, graças ao seu estudo sobre Bolivar. E' tambem autor da collectanea *Apostolicamente* e de uma these sobre os *Fundamentos da Poesia Brasileira*.

THEODEMIRO TOSTES. — Ao lado de Augusto Meyer, é um dos poetas mais modernos do Rio Grande. Extráe inspirações de elementos folk-loricos.

TRISTÃO DA CUNHA. — Muitos annos collaborador do *Mercure de France*, ahi publicou ensaios sobre Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Catullo Cearense. Está elaborando uma traducção do *Hamlet* de Shakespeare, que sairá em edição de luxo.

THOMAZ MURAT. — Filho de Luiz Murat. Tem estampado estudos, mais ou menos longos, sobre Hermes Fontes, Moacyr de Almeida, Arnaldo Tabayá e outros.

TRISTÃO DE ATHAYDE. — Seu nome real é Alceu Amoroso Lima. Appareceu como critico litterario d'*O Jornal*. Depois, unido a Jackson de Figueiredo, entrou a bater-se em favor dos postulados catholicos e nesse sentido continúa a desenvolver uma intensa propaganda.

UBALDO SOARES. — Admirador da Polonia, examina e coordena tudo quanto se prenda a esse paiz amigo.

VIRGINIO SANTA ROSA. — Autor da *Desordem*, mostra-se attrahido pelos debates politicos.

V. MIRANDA REIS. — Professor, está recolhendo elementos para um exame de conjunto da nossa philosophia.

WALDEMAR CAVALCANTI. — Costuma assignar-se com o pseudonymo de Rubens Cardoso. E' critico litterario de um jornal de Alagôas, sendo que lhe chegam ás mãos livros mandados de todos os pontos do Brasil.

WILLY LEVIN. — Tem-se distinguido em Recife pelas suas tendencias em favor da escola suprarealista. Poeta rebelde aos preconceitos academicos.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.

Todas as garantias.

As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4º, s. 419
(Edificio Guinle)

— Charles Pèguy comprova em *L'Argent* que o dinheiro é hoje o Moloch omnipoténte, o deus dos atheus e o senhor dos suppostos homens livres. Graças a esse volume admiravel, que a opinião franceza acolheu com tanto enthusiasmo, continúa a ser ouvida uma das ultimas grandes vozes christãs do começo do seculo, e ouvida no seu justo clamor contra aquillo que Papini, na historia de Christo, classificou de "esterco do Demonio".

"BOLETIM DE ARIEL"

No numero de 13 de Agosto passado, das *Nouvelles Litteraires*, na sua movimentada secção *A actualidade litteraria no estrangeiro*, o brilhante escriptor francez Marcel Brion, cujos livros são tão conhecidos entre nós, teve opportunidade de se referir á nossa revista com as palavras que abaixo transcrevemos e que muito nos penhoraram:

"*A obra do escriptor brasileiro Gastão Cruls está cheia de vargiedade e interesse. Um volume de contos* Coivara (*Rio de Janeiro*), *em que abundam a fantasia e a imaginação, um curioso romance* A creação e o creador (*Companhia Editora Nacional, S. Paulo*) *de uma technica muito original, e um estudo psychologico delicado e vivo* Elsa e Helena (*Livraria Castilho, Rio de Janeiro*), *compõem a sua parte mais importante e significativa. E' preciso ainda não esquecer, todavia, que o Sr. Cruls, grande viajante, visitou a bacia do Amazonas, ainda tão mysteriosa, e dahi trouxe dois livros que se reunem áquelles já citados mais acima:* A Amazonia que eu vi *é uma narrativa de viagem extremamente attrahente, que dá os sedentarios a nostalgia do immenso rio, das suas florestas e tribus selvagens, e um romance de aventuras, que se inspira no mysterio da Amazonia, verosimil e alertamente contado,* A Amazonia mysteriosa (*Companhia Editora Nacional, São Paulo*). *O Sr. Gastão Cruls resuscita para nós as tribus de mulheres guerreiras que Orellana viu outróra e que deram seu nome ao rio, e a fascinação das aventuras vividas por seu heroe nessas terras desconhecidas evoca um mundo longinquo, estranho e seductor. Ajuntemos emfim que o autor desses interessantes trabalhos dirige no Rio de Janeiro uma revista,* Boletim de Ariel, *attenta a todas as manifestações da litteratura americana e européa, e particularmente sympathica aos escriptores francezes, cujo pensamento é largamente acolhido, estudado e commentado. Esse bello esforço de união intellectual, collocado sob o signo e o vocabulo de Ariel, merece ser assignalado e encontrar em França uma sympathia igual áquella que a litteratura franceza encontra entre os escriptores brasileiros.*"

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Bôletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Oliveira e Silva — GOTTA D'AGUA — Rio.
Thomaz Leonardos — OS INADAPTADOS — Edições A. S. R. — Rio.
Mario Casasanta — AS RAZÕES DE MINAS — Bello Horizonte.
Thomé Cabral — OS 19 — Empreza Graphica — Crato, Ceará.
Arthur Ramos — ACTAS DE ETHNOLOGIA — Bahia.
ARCHIVOS DO INSTITUTO MEDICO-LEGAL — N. 5 — Imprensa Nacional — Rio.
CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO BERIBERI — Departamento de Saude Publica de Pernambuco. Publ. n. 3 — Imprensa Nacional — Recife.
REVISTA DO ENSINO — Anno I, N. 2 — Rio.

Musa Parlamentar

A proposito de umas notas publicadas no *Boletim de Ariel*, um distincto patricio esteve a recordar comnosco alguns parlamentares pernambucanos que se deram ao trato das Musas.

Um delles foi Maciel Monteiro (1804-1869), segundo barão de Itamaracá, director da Faculdade de Direito de Olinda, ministro dos Estrangeiros, ministro junto á côrte portugueza. Poeta assucarado, não estampou nenhum volume, mas o seu soneto "Formosa, qual pincel em têla fina..." ficou em todas as anthologias, não havendo, além disso, morrido de todo na memoria dos recitadores provincianos. Era a Maciel Monteiro que os desaffectos chamavam de Bode Cheiroso. Estudando em Paris, conheceu elle de perto a França do Romantismo.

Villela-Tavares (1815-1869) jurista, publicista e versificador notavel no tempo, daria hoje muito cansaço ás meninges de quem pretendesse restaurar-lhe ás direitas a physionomia poetica.

Em dias mais proximos, encontramos Bellarmino Carneiro, republicano historico, deputado á Constituinte, redactor d'*O Paiz*. Deixou um livro de poesias. Outra medalha de contornos já meio apagados.

O sr. Affonso Costa (não confundir com o seu homonymo, tambem escriptor e funccionario publico federal) foi congressista em varias legislaturas. Professor de portuguez, publicou as *Questões grammaticaes*. Entanto, esse inspector do vernaculo exclamou de uma feita, na Camara Estadoal, dirigindo-se a um confrade: "V. Ex. não *reveu* o seu discurso." Só frequentava a tribuna para ferir o grave binomio: cabotagem nacional e ensino. Em 1905 pretendeu deslumbrar os contemporaneos com um volume de coisas rimadas. Serviu no ministerio da Agricultura e serve agora no do Trabalho. Tambem, entre as suas brochuras economicas, já deitou exegese litteraria a proposito do autor dos *Lusiadas*. O que levou um malicioso a observar: "Este Affonso Costa bate-se pela exportação dos cereaes e pela importação do genio de Camões!..."

Balthazar Pereira foi jornalista de combate, permanecendo na opposição durante os vinte annos em que escreveu n'*A Provincia*, de Recife, onde estreara com os versos humoristicos *Graves e Agudos*, sob o pseudonymo de Bemol. Deputado duas vezes reeleito, pertenceu á Commissão de Finanças. Fugindo, por temperamento, ás exhibições da tribuna, preferia (disseram) circumscrever-se ao trabalho meditado dos pareceres de pouca repercussão no applauso das galerias. Compôz um *Livro de Fabulas*, que talvez não prime pela sentenciosa concisão indispensavel ao genero, mas ainda assim foi conduzido com dignidade de linguagem e dons indiscutiveis de fino moralista ironico.

Professor de direito penal na Faculdade de Recife, Gervasio Fioravanti (bello nome!) só discursou uma vez em duas legislaturas, e isso mesmo para tecer um necrologio, deixando cair longos véos de crepe sobre um figurão illustre. Em 1895, lançou no mercado litterario a collectanea *Os Mezes*, com prefacio de Martins Junior.

Clinico official, medico dos governadores, o dr. Antonio Austregesilo representou longamente Pernambuco na Camara Baixa. Esse homem de sciencia, que se pôz a serviço dos homens de Estado, é autor da famosa digressão sobre a "alma do serrote" e tem um soneto no florilegio do Laudelino.

Lasthenia e *Ad Lucem*, expressões que fazem pensar em coisas medicas e em lemmas de sociedades beneficentes, são titulos de dois poemetos do ex-deputado Bianor de Medeiros.

O sr. Carlos Lyra Filho, periodista e rimador desenvolto, distinguiu-se nos dominios do Legislativo.

Finalmente, o talentoso Jader de Andrade, jornalista e poeta de feição satirica, nem por isso descontentou muito os chefes politicos da sua região, porque se viu guindado uma ou duas vezes a congressista, successo que nunca obtiveram um Laurindo Rabello ou um Emilio de Menezes...

A. G.

Anthologia de Sonetos

Já tive ensejo de dizer que, em detalhe, discordo do processo de selecção seguido pelo sr. Alberto de Oliveira nos *Cem melhores sonetos brasileiros*. Evidentemente os pendores classicos do notavel artista, seu gosto pelo antigo, levaram-no a dar espaço excessivo, no florilegio, a alguns poetas que não faziam jús a uma tão larga hospitalidade. Gregorio de Mattos não devia entrar senão com o seu soneto de pagão convertido "in extremis". De Claudio Manoel da Costa bastavam quatorze versos. José Bazilio da Gama podia ser omittido sem deixar brecha sensivel. Mais modernamente, Raymundo Corrêa, sonetista irreprochavel, nada perderia se figurasse apenas com os sonetos *Beijos do céo*, *A cavalgada* e *O Monge*, tão admiraveis, tão perfeitos são elles e de qualidades que não careciam de ser referendadas pelos trabalhos que os circumdam. Olavo Bilac tambem foi festejado demais, e cabendo maior parte ao sonetista da *Tarde*, que me parece um tanto maçador, nas suas pretenções a philosopho, em detrimento do delicado rimador voluptuoso da *Via Lactea*.

Até ahi, porém, é peccado por excesso de admiração do seleccionador. Mas como perdoar-lhe, inversamente, o peccado de indifferença ou frieza em relação a poetas como Alphonsus de Guimaraens, cujos sonetos amorosos ou mysticos são milagres de ternura idyllica? Como comprehender uma anthologia de sonetos brasileiros onde não appareçam Carvalho Junior e Theophilo Dias, onde não estejam o *Lenço* de Guimarães Passos e a *Cegonha* de Annibal Theophilo? E Azevedo Cruz, por que não lhe salvar de injusto olvido ao menos uma das peças lapidares em que se afidalgava a mais ardorosa sensibilidade de mestiço?

Agrippino Grieco.

CORRESPONDENCIA

Sr. JOSE' N. CORRÊA, Sabará. — *Completando as informações do numero passado, temos a indicar-lhe, sobre a historia do ensino secundario no Brasil*: L'instruction publique au Brésil, *de Pires e Almeida*; O Collegio Pedro II, *de Raja Gabaglia*; O Ensino Secundario, *de Henrique Dodsworth* (*no volume do centenario da Camara dos Deputados*), e Chronica Inactual, *artigos de Primitivo Moacyr no* Jornal do Commercio. *Sobre psychologia e pedagogia geraes*: Psychologie appliquée à l'education, *de A. Piffault* (*Livraria A. Colin, Paris*); Psychologie pédagogique, *de J. Vaissière* (*Livr. Gabriel Bauchesne, Paris*), *e todos os volumes da Bibliotheca de Educação da Companhia de Melhoramentos de S. Paulo, dirigida pelo professor Lourenço Filho. Sobre a psychologia do adolescente: além do referido volume de Vaissière*, a Educacion de la adolescencia, *de Ciril Andrews* (*edição de Madrid*). *Se necessario, poderemos indicar-lhe uma vasta bibliographia ingleza sobre esses mesmos assumptos.*

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls

Anno II - Novembro 1932 - N. 2

REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

MALDADES

EM materia de historia só me ensinaram a fazer anamneses, e eu não sei contar desde quando ficou a humanidade separada em duas classes, — os senhores e os mancipios, os livres e os servos; apenas assevero que essa divisão era tão profunda que os jurisconsultos romanos a denominariam summa divisio, *embora accrescentando logo — contra a natureza,* contra naturam. *Os vencidos não foram mais decapitados, empalados ou escorchados, como mostram os baixos relevos de Ninive, para serem conduzidos á patria dos vencedores, os homens articulados pelos élos das grilhetas, as mulheres atadas a carros de bois ou cosidas por fios que lhes atravessavam os labios. A primeira consequencia desta escravisação em massa foi o predominio successivo dos povos rusticos e bravios sobre os adiantados e pacificos. Hoje em dia a guerra é um encontro de* machinas *e triumpha quem as possue melhores; outróra era um encontro de musculos e triumphava quem os tinha mais rijos; foram assim alternadamente crescendo e afundando, subjugadas umas pelas outras, a Assyria, a Media, a Persia, a Grecia, a Macedonia... Tal, porém, no homem a supremacia da intelligencia sobre a força, que, em vez das nações cultas submettidas barbarizarem-se, eram as barbaras victoriosas que ao seu contacto e por seu contagio se civilizavam e a seu turno se enfraqueciam para futuras presas. Não ha quem desconheça aquelles admiraveis e insuspeitos versos latinos, que descrevem como, suppondo conquistar a Helade sublime, a Roma selvagem foi de facto conquistada:*

Græcia capta ferum victorem cepit, et artes
Intulit agresti Latio...

(Horacio — *Epistolarum* — Lib. II - 156).

Desde então tambem começou o fadario da escravatura. Imagine-se de quanto é capaz um homem que dispõe a seu talante e a seu salvo de outro homem. Negocial-o como mercadoria, apartal-o de paes e filhos, offerecel-o como dadiva era um nada e não raro chegava a ser uma esperança. Narra Homero, na Illiade, que Agamemnon, para applacar a colera de Achilles, deu-lhe de presente nada menos de sete das afamadas mulheres de Lesbos, e prometteu-lhe vinte troyanas tão formosas quanto a sinistra Helena; narração que o nosso Odorico Mendes tirou em portuguez:

Sete accrescentarei prendadas moças
Que elle apresou na Lesbos popular
E entre as escravas elegi mais guapas:
.....teuelas vinte escolho
As mais bellas depois de Argira Helena.

Do seu lado Achilles não hesitou em se desfazer da joven e seductora Lyceon, filha de Priamo, em troca de umas garrafas de vinho; diga-se então que em maior estima teve Enéas a pulchra Phóloe, cretense de origem, e, segundo o depoimento de Virgilio, sabida em cousas de Minerva — operum haud ignara Minervæ — *porque só a mimoseou a Sergesto por lhe ter sálvo uma naveta em plena tempestade.*

José do Egypto é vendido por seus proprios irmãos enciumados a negociantes ismaelitas, e revendido depois para a sua patria, onde — se me permittem o brasileirismo — perante uma mulher de grande situação e pequeno juizo, bancou o Freud, decifrando sonhos e provocando Libido.

No fim da batalha naval que pôz termo á guerra com Veneza, Cesar, segundo elle mesmo o commenta, passou a fio de espada todos os senadores e levou em hasta a restante população abatida — omni senatu necato, reliquos sub corona vendidit, *e foram 53 mil cabeças! Informa Seneca que nestes actos de almoeda os venaes ficavam expostos na feira em absoluta nudez, para não encobrirem defeitos* — ne qua vitia corpuris lateunt —, *de sorte que, quando o pregoeiro, do alto da catasta, que era uma especie de tribuna de pedra, pronunciava o "fronta faço" e arrematava os lanços, já havia cada licitante apalpado minuciosamente o lote. Nesse tempo, áquelle que se deixava peitar e corromper por dinheiro, lançavam-lhe em rosto: vendido em leilão, comprado na lapide* — a lapide emptus.

A humilhação andava sempre ao lado da malvadez em praticas monstruosas, trabalhos incompativeis, castigos sobrehumanos. Os scythas furavam os olhos dos captivos para que não fugissem e melhor ordenhassem o

gado, perversidade tamanha que só recontada por Herodoto. Depois das formidaveis e pesadissimas obras que assignalavam a civilização do antigo Egypto, sumptuarias umas, de utilidades outras, como fossos, barragens, enroccamentos, sarcophagos, templos e pyramides, foi gravada a seguinte inscripção: Aqui não se fatigou o braço de um egypcio. Nos amphitheatros homens se laceravam friamente até á morte ou eram devorados vivos por féras esfaimadas para regalo de espectadores em delirio. Em 123 dias consecutivos de festas que acclamavam a victoria de Trajano sobre os dacios, dez mil cadaveres juncaram a arena. Ora, salvo algum ou outro nobre que, por jactancia descia a campo, a totalidade das victimas eram servos, desde a infancia endurecidos para o "gladio". Nos prelios eleitoraes ai do candidato que não possuisse sufficiente escravaria, treinada neste genero de cabala.

A principio, como ficou dito, a principal fonte da escravatura era a guerra, que afinal se foi tornando um mau negocio, dispendioso, arriscado, mais vezes deficitario; um dia é do caçador, outro da caça, o fraco em sua casa triplica a força, e não raro quem ia buscar lã voltava tosquiado. Foi quando atinaram com o manancial perenne em Africa, terra de ninguem. Os sêres inferiores que a habitavam, de uma classificação zoologica difficil, mais proximos comtudo dos irracionaes, não teriam porventura sido criados pelo Criador para servir ao verdadeiro homem? E como não vinha a resposta, foram logo admittindo que sim. Não acabaria mais de fatigar o meu problematico leitor se tentasse descrever os embustes e negaças, embellecos e engodos, iscas e cevos inventados para a apanha e préa, nesta especie de caçada, em que se havia de fazer o levanto da peça e seguir-lhe a abalada sem feril-a. Ensardinhadas nos porões dos navios negreiros, lá iam conduzidas para todas as partes do mundo. Desta sorte, até ao seculo passado o captiveiro era uma instituição ecumenica; todas as nações possuiam escravos, se não nas suas metropoles, nas suas colonias.

Na historia antiga só existia a excepção assignalada por Plinio: quando invadiu a India, Alexandre surpreso não deparou um só escravo, servum nemini, *porque naquellas terras vigorava como principio sagrado que o homem era livre e devia respeitar no outro o seu semelhante e seu igual.*

Em todos os tempos, entretanto, e por toda parte se levantavam vozes de condemnação. O Divino Mestre sentenciou: Meu Pae, que está no Céu é um só para todos; e S. Paulo, na Epistola aos Corynthios, repetia: Não ha captivos nem senhores; Christo veio para todos.

MIGUEL COUTO.

Nestor Victor

Nestor Victor, que vem de morrer, foi um homem de lettras. Não teve outra ambição senão esta; não desejou se metter em politica, nem montar jornal, nem teve outros grandes sonhos praticos. Dava suas aulas nos cursos secundarios para ganhar o pão de cada dia, pois Nestor era pobre e tinha uma grande familia — e o homem de lettras aqui é um ente absurdo e sem collocação.

Quando o autor destas linhas principiou a se interessar por esse negocio de lettras, e isto por seu máo destino, Nestor Victor comparecia aos jornaes com os seus artigos de critica um pouco confusos, mas sempre sinceros — e com idéas e observações.

Tenho como remorsos, e dos mais graves, algumas brincadeiras que fiz, repetindo certas phrases que o velho critico pronunciava nas rodas litterarias que eu frequentava então. Elle tinha um modo curioso de enfrentar as questões, tanto as de arte, como as sociaes e politicas — e isto, approximando-as da vida, personalizando-as, tornando-as extremamente pittorescas.

A Academia Brasileira de Lettras não quiz Nestor Victor. E tinha razão, pois se tratava de um homem culto, muito lido e curioso das coisas da intelligencia, tratando dos *novos* constantemente nos seus artigos, desses *novos* que, máos ou bons, são os unicos que significam alguma coisa nessa vida das lettras, tão gratuita e tão ingrata.

De uns tempos para cá Nestor Victor tinha silenciado inteiramente. Deixou de escrever. Deixaram de escrever sobre elle. Encontrei-o diversas vezes, muito abatido physicamente, para os lados da rua 1º de Março, marchando para as aulas que o iam exgottando aos poucos.

Ha pouco mais de um mez fez-me parar na Galeria Cruzeiro e disse-me bruscamente: "O Collatino morreu e não teve uma noticia nos jornaes, nada."

Então eu comprehendi a tragedia de Nestor Victor. Aquellas palavras me tocaram fundo. Collatino morrera em silencio absoluto. Tinha sido um litterato, máo litterato, mas soffrera por esta coisa; sonhára a Gloria, a gloria pobre deste paiz comido de revoluções e de indifferença. Nestor Victor sabia que o seu esforço fôra quasi inutil, que o não escutaram jamais e que todas as suas palavras sobre arte e pensamento desappareceriam como os cantos carnavalescos no recolhimento da quarta-feira.

Agora que morreu, que não o veremos mais caminhando absorto na Avenida, balançando a sua pasta pesada de livros e de provas de alumnos para corrigir, sinto que o Brasil perdeu nelle um *clerigo*, um homem fiel ás suas idéas. Cruz e Souza deve a elle muito ou quasi tudo da sua celebridade posthuma. Sua amizade pelo poeta negro, tinha algo de commovente. Foi uma dessas raras e grandes dedicações litterarias. Ainda ha poucos annos discutia pelos jornaes com Alberto de Oliveira, sobre *o Cruz*, como Nestor Victor o chamava. E foi do proprio Alberto de Oliveira que ouvi no dia seguinte ao da morte do autor das *Cartas aos Novos* as seguintes palavras sobre o velho escriptor desapparecido: "Foi um homem de bem. Sempre o conheci aspero e honesto."

E' possivel que se possa accrescentar algumas palavras mais a este elogio funebre.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

— O poeta lusitano Affonso Lopes Vieira despertou bastante interesse com o seu livro sobre Santo Antonio de Lisboa.

— O escriptor portuguez João de Castro respondeu ao ensaio em que o hespanhol Salvador de Madariaga explica que Portugal só se afastou da Herpanha, deixando de realizar o velho sonho da unidade iberica, que ainda preoccupou Oliveira Martins, devido á intrusão da Inglaterra nos negocios peninsulares.

"La Vie des Huns"

MARCEL BRION — *Librairie Galimard*, Paris, 1931.

O volume de Marcel Brion é o numero 1 de uma nova collecção intitulada *Le Roman des Peuples*, e sem duvida alguma constitue um bello exemplo desse genero que promette ser fecundo. Não deixa de formar um formidavel romance, cujas scenas se desenrolam por mais de tres mil annos, essa historia dos Hunos, violenta, brutal, por vezes quasi inverosimil, terrificante na repetição de suas carnificinas, de suas destruições. Esses Mongóes, que durante seculos e seculos só abandonavam suas planicies miseraveis para invadir o Imperio chinez, movidos mais pelo amor da lucta do que pela ambição de glorias e de riquezas, contra os quaes a China se protegia mantendo em pé de guerra innumeraveis exercitos e construindo suas intransponiveis muralhas, esses Hioung-Nou, cuja disciplina de ferro não lhes permittia conhecer uma só das doçuras da vida, que rejeitavam qualquer manifestação de sentimento como um indice de amollecimento e de fraqueza, apresentaram atravez de sua longa historia uma homogeneidade de acção, uma unidade de caracter, uma tenacidade no modo de ser que dão á Nação uma personalidade isolada e inconfundivel. Esse povo temido forma uma especie de personagem cuja psychologia simples e toda feita de um só blóco, póde ser seguida em sua longa duração. Sua psychologia pouco evoluiu, até que os Hunos, que repetiram na Europa façanhas semelhantes ás que os tinham celebrizado na Asia mil annos antes, se fixaram definitivamente na Hungria. Ahi elles se desenvolveram em cruzamentos com as raças vizinhas, ahi pouco a pouco elles se humanizaram, e a sua historia termina. Só então acabou o longo pesadello, só então se dissipou o terror despertado pelos cavalleiros vestidos de couro, de faces imberbes sulcados por cicatrizes, de olhos bridados, fortes, retacos, incansaveis e inexoraveis, sem fraquezas e sem piedade.

A historia dos Hunos é uma longa repetição de assaltos e ataques aos povos vizinhos. Incapazes de organizarem a vida em bases de trabalho pacifico, só o saque podia formar para elles uma fonte de lucros. E a nação inteira foi sempre constituida por um verdadeiro bando, nomade, tendo por morada os carros que facilmente podiam se deslocar e ser transportados para onde mais convinha. E os homens necessitavam cultivar ao maximo essa mentalidade feroz do salteador, que nada respeita, nada teme, não conhece moral, não dispõe de outro principio senão o desprezo pela vida e a obediencia ao chefe.

Para dirigil-os encontraram numerosos chefes notaveis. Estes excediam em deshumanidade a todos os demais. Métê, ainda no periodo asiatico da historia dos Hunos, desejou ter um exercito invencivel, composto de soldados sem nenhum sentimento humano. Tendo inventado uma nova especie de flechas, ordenou a seus homens que as experimentassem atirando-as contra as mulheres e os cavallos, os unicos bens que elles prezavam. Depois de obedecido, depois de punidos os que haviam hesitado, estava constituida a sua tropa prompta para todos os acontecimentos. No setimo século da éra christã, um chefe huno, o Kha-Khan cujo nome não foi conservado pela Historia, tendo esta guardado só o seu appellido — o Maldito — não recuava deante das mais atrozes barbaridades e de actos da mais repugnante felonia e perfidia. Massacres, ciladas, enganos, embustes de toda ordem, nada o fazia recuar. E o mais illustre dos reis hunos, Attila, ao qual o Snr. Marcel Brion dedicou um volume especial, apezar de culto, de sua educação feita em Roma, de sua intelligencia desenvolvida, ficou como o modelo classico do barbaro feroz.

O livro actual de Brion, de uma leitura facil e attrahente, tendo em suas primeiras paginas o encanto ingenuo de antiquissimas legendas, e a partir de um certo ponto, o cunho seguro de uma historia bem informada, apresenta-nos como interesse maximo, esse de ser um documento de psychologia collectiva. Poucos povos puderam, como os Hunos, conservar-se tanto tempo fóra do contacto apaziguador de outros, puderam manter tão longamente os seus caracteres proprios. E o estudo desses caracteres offerece larga margem ás reflexões.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

OPINIÕES

Segundo Pierre Chardon, as paginas de René Johannet sobre Joseph de Maistre são de um enthusiasmo communicativo. O autor do *Papa* viveu sempre dominado pelo espirito de associação e proselytismo, não lhe sendo estranho nenhum alto problema da intelligencia, da politica, da metaphysica e da moral. Pairava acima da animalidade. Sua obra, anti-revolucionaria e instigadora da ordem, constitue uma das forças da Gallia christã.

— Charles Benoist publica o seu primeiro volume de *Souvenirs*, allusivos a Leão XIII, o papa humanista, de perfil ironico e finas respostas aos que pretendiam abusar da sua benignidade catholica; a Crispi, o estadista italiano que, tomado de um furioso sonho de megalomania, desejoso talvez de imitar a Germania, arrastou a Italia a terriveis desastres de que difficilmente se reergueria, e a Bismarck, uma das figuras mais controvertidas do seu seculo, o homem de ferro que fez a unidade (talvez precaria) da Allemanha, arrastou os francezes á humilhação de Sedan e foi afinal desalojado do poder pela juvenil petulancia de Guilherme II.

— O critico Robert Brasillach elogia o professor Jacques Delamain, que fala encantadoramente da vida das aves e, além de um farto peculio de observações de naturalista, possue a vantagem de realmente saber escrever. Seus livros são odorantes como uma tarde dos fins de Setembro. E' o amor intelligente da natureza. Nenhum segredo da vida dos ninhos escapou a esse pantheista amoroso dos seres alados. Distingue as tonalidades dos cantos dos varios passaros e sobre as migrações dos habitantes do beiral das casas enumera detalhes dos mais interessantes.

— Na opinião de Gonzague True, Hyppolite Taine foi uma victima do excesso de raciocinio. Discipulo de Spinoza e Hegel, conduzido por uma intelligencia eminentemente logica, sonhava "fazer uma zoologia do espirito humano com a psychologia como principio physiologico e anatomico." Tudo o conduzia á idolatria da sciencia e tudo procurou comprehender dentro da razão. Sobrepunha a todas as outras as verdades do caracter mathematico. Dahi — quem sabe? — ter sido ludibriado pelas apparencias, deixando de comprehender certos phenomenos em que os factores moraes predominam, alheiando-se ao mysterio, ás profundezas da alma, aos desvãos inaccessiveis do sub-consciente. Querendo caminhar sempre pelos caminhos amplos e seguros, faltou-lhe um pouco mais o gosto das vagas perspectivas e de certas estradas sinuosas que levam a sitios paradisiacos.

Relações diplomaficas entre o Brasil e os E. Unidos

O professor Lawrence F. Hill acaba de publicar interessante trabalho sobre as relações diplomaticas entre os Estados Unidos e o Brasil: *Diplomatic Relations between the United States and Brazil* (Duke University Press, 1932).

São paginas, as deste livro, do mais vivo interesse para o leitor brasileiro. Gritam por uma traducção immediata ao portuguez.

Não se confunde o estudo do professor Hill com os livros côr-de-rosa dos propagandistas do Pan-americanismo. Tem a coragem de atacar de frente os problemas das relações entre os dois povos; de escrever por extenso os nomes dos peccados que as teem compromettido. Os dos pecados e os dos peccadores.

Nem sempre foram lyricas as relações entre o Brasil e os Estados Unidos, antes andaram algumas vezes turvas e agitadas. A principio, o choque entre o republicanismo dos Estados Unidos e o monarchismo do Brasil. Em varias occasiões, o imperialismo americano a querer arranhar-nos a dignidade ou a soberania; noutras, o sentimento anti-yankee no Brasil aguçado ou estimulado pelos interesses do capitalismo europeu em conflicto com o americano; isso, sem falarmos nos frequentes casos de irritação ou malquerença entre os dois povos causados pela falta de tacto de diplomatas, ranzinzas uns, impertinentes, outros, alguns simplesmente mal-educados.

Imagine-se que um destes, ministro de sua poderosa Republica na Côrte imperial, teve o desplante, num discurso de baptizado, de ostentar sentimentos anti-monarchicos. O baptizado era o de uma menina americana chamada Alta California cuja origem humilde o orador achou de confrontar com a da Princeza Imperial. Tudo para concluir pela excellencia da Republica, da Democracia e da Igualdade; tudo para o effeito oratorio.

Um caso deveras irritante foi o do *Florida*. Occorreu durante a Guerra de Seccessão. O Brasil, seguindo o exemplo da Inglaterra e da França, reconhecera a belligerancia dos Estados do Sul, revoltados contra o governo de Washington.

Navios de guerra dos Confederados vieram até os nossos portos: o *Sumter* ao Maranhão; o *Alabama* a Fernando de Noronha. Mas sempre provocando reclamações dos consules, protestos do ministro.

Foi quando o *Florida* veiu a São Salvador. O presidente da então provincia da Bahia, cioso dos deveres de neutralidade do Brasil, deu ao commandante o prazo de quarenta e oito horas para demorar-se no porto com o seu navio. Pois antes de expirado o prazo succedeu este facto incrivel: o navio de guerra federal *Wachusett* entrou no porto brasileiro, atacou o navio confederado, e á sombra da bandeira Imperial, estupidamente ultrajada, capturou-o e conduziu-o aos Estados Unidos.

A indignação foi tremenda por todo o Brasil. Grandes as manifestações anti-yankees. Na Bahia o povo arrancou á varanda do Consulado americano o escudo nacional dos Estados Unidos.

Um caso claro e insophismavel de violação de soberania, a captura do *Florida* em aguas brasileiras. O Governo Imperial, faça-se justiça, agiu com absoluta dignidade. Exigiu satisfações. Manteve-se firme e altivo no seu ponto de vista. Observa, aliás, o professor Hill que a attitude do Governo americano pretendendo negar ao do Brasil o direito de neutralidade em face da Guerra Civil, foi de flagrante incoherencia; varias das medidas então adoptadas "so asinine as to need no characterization". "Asinine" quer dizer "asnaticas".

Varias figuras de estadistas diplomatas emergem claras e cheias de vida das paginas fortemente documentadas do livro de Lawrence Hill. Uma dellas é a do general Webb, de quem a amizade politica ou a gratidão partidaria de Steward lembrou-se de fazer ministro no Rio. O typo do homem de negocios desgarrado na diplomacia. Ou o typo do *virtuoso* da "dollar diplomacy". Seus olhos gulosos de quasi negocista, uma vez habituados á luz crua dos tropicos, fixaram-se com volupia nas possibilidades de fazer fortuna immediata e facil. Andou querendo organizar uma companhia de colonização afro-americana da Amazonia de que seria elle o presidente. Depois uma companhia de vapores de que o filho seria o director e por traz do filho, elle, general Webb, o concessionario. E no caso da *Caroline* parece que metteu no bolso grossa quantia. O evidente é que o general, uma vez installado á doce sombra das palmeiras imperiaes do Rio e á beira da maravilhosa bahia de Guanabara, não quiz limitar-se a vêr navios — alheios e de longe.

Em compensação, teve o Governo da Republica Americana representantes no Rio que souberam reunir ao tacto, ás bôas maneiras, ao cavalheirismo, á seducção pessoal, delicados escrupulos e nobre desinteresse. No proprio caso de Webb, deve-se salientar que, nos seus projectos de fazer negocios com navios, elle sempre levou contra-vapores do Departamento de Estado. Teve de manobrar por outros meios não de todo esclarecidos.

Dentre os diplomatas norte-americanos que se teem salientado no Brasil por aquellas finas virtudes é justo recordar o nome de um que o "clima" enervante do Rio — o Rio antigo da febre amarella, das sentinas immundas, dos sepultamentos nas egrejas e de outros tantos males de pura falta de hygiene vaga e indistinctamente attribuidos ao "clima" — cedo prostrou, roubando-o á mais util das actividades. Quasi que era do céo, difficil de criar-se na terra, esse extraordinario William Tudor que tanto fez para desenvolver a amizade e as bôas relações entre o seu paiz e o nosso. Foi nomeado *chargé* em 1827. Logo depois de Raguet que tinha sido um desastre. Pois desempenhou-se com uma habilidade, com uma sabedoria de contemporisação, com um senso de justiça raros, invulgares em diplomatas. Só se lendo o capitulo que o professor Hill consagra a William Tudor faz-se idéa do homem fóra de commum que foi o successor de Raguet.

Um glorioso nome brasileiro que vamos encontrar nas paginas, nem sempre discretas, do livro de Hill, ligado a uma historia meio sombria de sangue, é o do Marechal Duque de Caxias. A historia vae por conta do ministro americano no Paraguay, de 1868 a 1869, M. T. Mc Mahon. Diz Mc Mahon, citado por Hill, que a legação americana em Assumpção, depois de abandonada por Washburn, foi saqueada dos seus moveis e objectos, no valor de um quarto de milhão de dollars, não por Paraguayos, mas por Brasileiros. Que os moveis do antigo

Ministro dos Estados Unidos foram servir e adornar a residencia de Sua Excellencia o Commandante dos Exercitos Alliados, Marechal Duque de Caxias.

O autor consagra capitulos interessantissimos á Guerra do Paraguay, ao trafico de escravos africanos, á abertura do Amazonas ao commercio mundial, ás colonias de Confederados que depois da victoria Yankee na Guerra Civil vieram estabelecer-se no Brasil, ao reconhecimento da independencia brasileira, ao da Republica, iniciando o seu trabalho com admiraveis paginas sobre as relações do Governo dos Estados Unidos com a Côrte Portugueza no Rio.

Ao nosso Cabugá o professor Hill faz referencias; mas vê-se que a acção do pernambucano foi quasi insignificante nos Estados Unidos. Quando Antonio Gonçalves da Cruz surgiu em Boston, falando, talvez, patrioticamente mal o seu inglez, já um subdito da Grã-Bretanha, um certo Mr. Bowen, cochichara aos ouvidos do Secretario de Estado Americano Richard Rush informes os mais sympathicos sobre o movimento pernambucano de 1817. Os jornaes americanos chegaram a tratar Mr. Bowen de Embaixador da Nova Republica (a de Pernambuco, separado do Brasil fiel ao Imperador). E é provavel que por influencia de Bowen Pernambuco tenha chegado a receber armamento e munições de Baltimore. O ministro portuguez em Washington, o abbade Corrêa da Serra, andou deveras apprehensivo, aperreado mesmo, com as actividades do inglez Bowen, não se sabe por que cargas d'agua tão amigo dos revolucionarios de Pernambuco de 1817. Bowen muito se empenhou, ao que parece, pelo reconhecimento da belligerancia da nova Republica. E' um caso digno de estudo, o desse subdito da Grã-Bretanha que se associou tão intimamente á causa dos patriotas pernambucanos de 17.

O livro de Lawrence Hill, repetimos, está a gritar por uma traducção ao portuguez. E' dos mais interessantes que teem ultimamente apparecido sobre o Brasil. Outro, de genero diverso, mas igualmente digno de traducção, é o do allemão prof. Guenther; mas este, dizem-me que já um frade franciscano ou benedictino está a vertel-o para o portuguez.

E' pena que a revisão tenha varias vezes cochilado no trabalho de Hill. Varios nomes proprios de brasileiros veem escriptos lamentavelmente errados. Um delles o do pobre do general Deodoro que apparece transformado em *Deodora*. A palavra portugueza *ensaio* apparece solettrada a hespanhola com um enorme *y*: *ensayo*. Esses hespanholismos, não devemos perdoar aos americanos; do contrario, elles acabam nos escrevendo todos os nomes e titulos de livros a hespanhola. E' um povo cuja mania de standardização não tem limites.

Deve-se ainda notar que no Brasil ninguem chama *Prudente de Moraes* de *Moraes Barros;* e sim Prudente de Moraes. E' um erro que já observei num trabalho do meu amigo Percy Martin e agora observo neste, do professor Hill. Moraes Barros é outro.

GILBERTO FREYRE.

PENSAR AO AR LIVRE

Pensar andando. Bello e soberano preceito. Sabem-n'o por experiencia propria os que teem o habito das grandes caminhadas matinaes na montanha, á hora em que mesmo a flor do cardo á beira do precipicio pompeia o seu diadema de orvalho, ou nocturnas ao longo das praias solitarias.

Essa gymnastica ao ar livre opera simultaneamente no estylo. A phrase como que adquire propriedades dos corpos elementares, viço e uberdade da terra, densidade e transparencia da agua, elasticidade do ar, e por vezes, em circumstancias particularmente favoraveis, a tenebrosidade e o fulgor das noites cravejadas de astros.

O opposto desse estylo por excellencia leve aereo alcyoneo é o que se poderia chamar com muita propriedade o estylo sedentario, em que o periodo dá a impressão de um aleijado coberto de emplastos e ataduras numa atmosphera abafada de alcova: arrasta-se pesadamente, plumbeo, tropego, claudicante, com estalidos de ossos e cartilagens, impregnando o ar de um cheiro acre e nauseante de drogas, excrementos e humores malignos.

O estylo sedentario — diga-se para remate — infecciona deploravelmente a maior parte da litteratura que se faz hoje no Brasil.

SIMPLES, FACIL

No estylo, como de um modo geral em arte, contrariamente ao que se poderia pensar e com effeito ha muito quem pense, o simples não é o facil. Simplicidade, em arte, é perfeição. E' gosto, equilibrio, medida: o resto é mysterio que só se revela ao artista, ao poeta. Tal na sua graça adoravel e radiosa complexidade acabada e perfeita sae das mãos do divino architecto a maravilha das maravilhas, esta obra-prima incomparavel, a rosa.

Arte é precisamente superar o difficil com facilidade. O artista — fallo do sêr privilegiado verdadeiramente digno desse nome — é uma especie de Hercules thebano que decepa as sete cabeças da hydra de Lerna, estrangula o leão de Neméa, vence o Cerbéro, sem ranger de dentes nem crispações musculares. Nisto consiste a sua victoria suprema, que os deuses mesmos celebram com evohés nas alturas, e a pedra de toque da sua arte: realizar a maior proeza *sem esforço apparente*.

Como o incrivel burlantim rodopiando nos ares dextramente vára circulos de fogo, atravessa incolume enfiadas de punhaes, cem vezes desafia a lei da gravidade, outras tantas desafia a morte e num prestissimo final da orchestra torna a cahir exactamente a prumo na arena com um sorriso que parece dizer: "Viram como é facil?"

ALBERTO RAMOS.

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

O triste fim de Lima Barreto

Lima Barreto foi um revoltado.

Desde o berço a vida correu-lhe amarga e aspera. As lendarias fadas bemfazejas que cercam os recemnascidos e lhes promettem futuros venturosos primaram pela ausencia. E aquelle mestiço intelligente, estudioso, com vontade de ser alguem, atravessou a existencia a soffrer as injustiças de uns, os preconceitos de outros, como um tronco de arvore, rio abaixo, ora célere nas corredeiras, ora repousando por instantes nos remansos, até mergulhar-se para sempre nas aguas dos mares.

Como Machado de Assis fez-se tambem burocrata: era amanuense do Ministerio da Guerra e á noite procurava emprego nas redacções dos jornaes. Eu estava por essa epoca (ahi pelas alturas de 1904) fazendo identicas e desconsoladoras peregrinações e como escrevesse umas chronicas para a *Imprensa*, o secretario da redacção, Luiz Quirino dos Santos deu-me certa vez um livro de capa vermelha com o titulo vistoso *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, para lêr e commentar.

Era uma caricatura viva, exaggerada, descosida por vezes, da vida de um jornal carioca, com as scenas tão conhecidas de quem já se perdeu nesse officio doloroso e ingrato, com os typos e as figuras traçadas a nankin e vermelhão. Isaias Caminha fôra o continuo da redacção; e trocando mais tarde esse lugar pelo de escrivão de paz de uma cidade do interior, deliberou compôr as suas memorias que, como as de Theodorico Raposo da *Reliquia*, encerravam uma lição lucida e forte.

Romance *à clef*, e contra uma poderosa empreza jornalistica, em torno delle se fez um silencio muito singular. A critica no Brasil é uma senhora prudente e conservadora... E embora os nossos jornaes vivessem sempre de lueta accesa e pessoal entre elles, o facto é que o livro de Lima Barreto passaria despercebido si um ou outro jornalista mais audacioso não ousasse a elle referir-se com os elogios e restricções que merecia.

O *Isaias Caminha* foi vendido e commentado... pelo menos entre os officiaes do mesmo officio, deleitados com aquella *charge* interessantissima.

Ha ali, na verdade, capitulos de um grotesco prodigioso. Entre outros lembra-me o do critico musical que, após um concerto de musicas classicas, chega á meia-noite á redacção, despe a casaca, tranca-se n'um gabinete com varias tiras de papel em branco e um litro de aguardente para noticiar a festa musical. Ao cabo de hora e tanto de angustia, tendo esgotado toda a aguardente e por mais que espremesse o cerebro delle não arrancando siquer uma idéa, desesperado, suicida-se com uma bala de revólver no craneo. Isaias é incumbido de communicar o "doloroso acontecimento" aos redactores chefes da folha. Encontra-os n'uma bachanal formidavel em casa de gente alegre!

Outra figura bem traçada é a do encarregado da secção grammatical da folha. Esse de tanto corrigir a collocação de pronomes dos redactores, acaba completamente doido e internado no Hospicio de Alienados, onde não quer ouvir mais a fala de ninguem, porque ninguem mais fala o portuguez correcto dos classicos lusitanos.

Depois do *Isaias Caminha*, Lima Barreto deu-nos o *Triste fim de Policarpo Quaresma*, com os mesmos defeitos e qualidades do primeiro. Policarpo Quaresma, a figura central do romance, é um idealista e patriota. Cuidando que a riqueza do Brasil está — como tanto se apregôa — no cultivo da terra, adquire um sitio, uma fazendola á margem da estrada de ferro Central e começa a cultival-a com afinco e zêlo, plantando tudo quanto lhe indicavam. Uma bella manhã, ao despertar, abre as janellas para contemplar a "sua" lavoura vicejante ainda ao entardecer da vespera. E — ó amarga desillusão! — as formigas, as terriveis saúvas no curto espaço de uma noite haviam devorado tudo; nem uma folha nas arvores, nem uma herva nos campos! Tudo irremediavelmente destruido! Para aggravar a situação estourára a revolta da armada contra o marechal Floriano. O patriota exaltado e indignado telegrapha ao chefe da nação: "*Peço energia! Sigo já.*" E parte effectivamente para a Capital Federal, onde após algumas peripecias, é preso como conspirador e fusilado n'uma das ilhas da bahia de Guanabara.

Afóra alguns contos, Lima Barreto publicou ainda *Numa e a Nympha* em folhetins, n'um vespertino.

Estava, porém, já em franca decadencia. O alcool, a sua bohemia inveterada, tornaram-no quasi um mulambo humano.

E foi assim que em certa e chuvosa manhã de novembro alguns amigos prevenidos removeram o seu corpo para uma cova de S. João Baptista, talvez mais confortavel do que o catre humilde onde exhalou o ultimo suspiro.

Polycarpo Quaresma tivera um fim bem menos triste que o de Lima Barreto que lhe traçára a historia...

ADOASTO DE GODOY.

A NAMORADA DE LAZARO

Aqui na terra eu deixei
uma mulher carinhosa
que rezava dia e noite
para mim resuscitar.

Tanto tempo ella rezou,
com tanta fé, tanto ardor,
com força no pensamento,
que os espaços tremeram,
os santos se concentraram,
a musica desse pedido
não deixava elles dormirem...
E um dia resuscitei.

A pobre da namorada,
de tanto rezar por mim,
coitada, perdeu a força,
levaram num carro azul
com tres corôas bem pobres,
mas de flôres naturaes.

Que adiantou me levantarem,
si meu amor já morreu?
Resuscitem ella tambem,
sinão, não quero milagre,
dou um tiro na cabeça,
dispenso resurreição.

MURILO MENDES.

TRAJANO DE MIRANDA VALVERDE

A FALLENCIA NO DIREITO BRASILEIRO

Preço: 25$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

CASTRO ALVES

Cada qual tem sua ou suas manias, mais ou menos accentuadas. Uma das que me dominaram desde cedo é a de que Castro Alves foi o maior poeta da lingua portugueza em todos os tempos. Com o ardor de todos os maniacos tenho conseguido converter alguns incredulos e recalcitrantes que confundem poesia com cultura. Não falo naturalmente dos que confundem ainda poesia com eloquencia ou com rhetorica.

Castro Alves foi ao meu ver o unico poeta que *cantou* em lingua portugueza. Deixemos por favor de lado as melancolias *analysaveis* de Anthero do Quental que não pertencem propriamente ao dominio da poesia, e muito menos á essencia do canto. Quanto a Camões, *c'est toute autre histoire*... Camões é mais do que um poeta; é a propria lingua portugueza. Sem Camões não haveria Portugal. Talvez não existissemos nós tambem.

E' claro que estas linhas não são escriptas para aquelles que admiram por ouvir dizer e que situam Gonçalves Dias acima do logar, aliás grande, em que elle deve ser collocado.

No Brasil o unico poeta que pode ser posto ao lado de Castro Alves é José de Alencar. A prosa de Iracema *canta* como o verbo de Castro Alves.

*

Não tem havido no mundo muitos phenomenos como Castro Alves. Se o Brasil pode se considerar uma nação deve-o em grande parte á circumstancia de ter produzido tal phenomeno. Todas as proporções consideradas, elle está para nós no mundo espiritual, como o Niagara no mundo physico está para os Estados Unidos. Se o Amazonas cantasse deveria chamar-se Castro Alves.

Sua vida, como sua morte, nos faz pensar em Keats. Adolescencia, musica, e morte. O verbo de Keats marca um *momento* eternamente vivo no coração humano. O verbo de Castro Alves diz, pela primeira vez, debaixo dos tropicos, uma nação. Marca o momento *de um mundo*.

*

De poesia só subsiste o que canta. As imagens poeticas só perduram quando sua visibilidade se amplia no esplendor da musica, isto é, quando cantam. Tudo que em poesia é historia, narração, objecto, facto, é condemnado a morrer. Vive só o que canta. Porque sua poesia foi canto é que Baudelaire está cada vez mais vivo. Porque sua poesia foi canto é que Edgar Poe não morre. Dos grandes, de Shakespeare a Victor Hugo, só continua o que ficou cantando. Não esqueçamos que as grandes figuras, as grandes creações poeticas, as imagens eternas do drama shakespeareano, são musica. Cleopatra é um canto. Julieta, Miranda, Ophelia, Rosalinda, Desdemona são trechos de musica.

O verbo de Hugo, em certos momentos, se encorpora á musica mesma da vida. Esses momentos vitaes do poeta são os que ficam. Quem procura hoje no Dante a historia, a politica, ou a theologia da Idade Média?

Em poesia tudo que é assumpto desapparece, perde o valor. Dante são as imagens transmittidas e transfiguradas pelo canto. Pode haver nada mais musical do que Francesca? Emfim, tudo o que não podemos *ouvir* no coração não é poesia.

Castro Alves nos encheu o coração de resonancias. Seus amores são o facto mais importante da historia sentimental do Brasil.

Um povo se assignala pelas attitudes que alguns dos seus representantes typicos tenham tomado deante da vida e dos seus aspectos principaes.

Essas attitudes são no terreno moral os accidentes caracteristicos do solo, as montanhas que definem a paizagem.

A palavra de Castro Alves é o cume do Brasil. O ponto mais alto a que já attingiu o Brasil são as *Vozes da Africa*. Nesse poema se affirmou em seu gráo maximo a capacidade de *sentir* do Brasil. Nelle como em tantas outras obras primas de Castro Alves se elevou tambem ao auge a capacidade de *fazer* do Brasil.

A estructura do verso de Castro Alves, quando este lhe sae cantando, quando é verso mesmo, quando o poeta se alheia das contingencias da rhetorica e da declamação, é uma das raras provas dadas pela gente brasileira do seu poder de realização. De facto, a sciencia verbal de Castro Alves, seu conhecimento innato da lingua, seu dom de compôr, de reunir, dispôr e coordenar os vocabulos para obter o maximo do effeito e não raro o effeito justo, — tendo-se em consideração o máo gosto da época e do meio participam da natureza do milagre. São inexplicaveis. Mesmo naquelles poemas prejudicados pelos exaggeros romanticos, em meio ás estrophes retumbantes e vasias, abre-se de improviso, ao impulso do instincto de perfeição do poeta, uma claridade nitida cortada de columnas gregas.

A estreiteza do espaço me impede a demonstração do que affirmo. Ella se faz agora mesmo na onda sonora que ouço cantar dentro de mim. E longamente penso no sublime adolescente.

Vejo-o marchar carregado de luz para a morte. Dos vinte aos vinte e quatro annos. — Castro Alves. O mais bello instante do Brasil.

GILBERTO AMADO.

A cidade de Vicenza, na Italia, presta uma significativa homenagem á memoria do romancista Antonio Fogazzaro. Trata-se do monumento em que os habitantes da zona reverão sempre a figura discreta e amavel daquelle que soube effigiar, com tanta ternura, as almas de um dos mais bellos recantos da peninsula. Possuindo convicções catholicas que os estudos scientificos jámais conseguiram obliterar, Fogazzaro não se afastou da Egreja nem mesmo quando pretendeu fazer uma fusão, talvez abstrusa, de darwinismo e biblicismo, procurando conciliar o anjo e o macaco. E' nos dias amargos em que viu o seu romance *Il Santo* incluido no *Index*, esteve longe de tomar attitudes de rebeldia e, fugindo aos excessos do modernismo catholico, tratou logo de reintegrar-se de todo nos dogmas do Vaticano. Homem de sentimentos puríssimos, Fogazzaro comprazia-se nos aspectos curiosos e simples da velha Italia, evocando um "piccolo mondo antico" em que os typos de excentricos se manifestavam á vontade, ainda não corrompidos pela civilização mediocrizadora dos grandes centros populosos.

— Emilio Cecchi, autor modernista dos *Peixes vermelhos*, é tambem um critico dos mais dextros na explicação dos talentos e temperamentos litterarios. Seu livro sobre Pascoli é já agora indispensavel á comprehensão desse poeta que chegou aos cabellos brancos com uma alma e uma sensibilidade de creança ainda não desprendida das saias maternas.

As origens intellectuaes da Revolução Russa

CHARLES GUENET — TCHADAIEV ET LES LETTRES PHILOSOPHIQUES — Paris, 1931.

As origens intellectuaes da revolução russa! Que thema mais seductor aos historiadores de talento? Sobre o phenomeno bolchevista bibliothecas se hão escripto analysando-o em todos os aspectos; no emtanto, ao que saibamos, nenhum livro de synthese nos veio revelar a acção e a influencia dos precursores mentaes na *debacle* autocratica. Talvez a grandeza da tarefa tenha sido uma das difficuldades de vulto maior, das que hão impedido o trato do assumpto. De facto, salientar, na evolução russa, qual dos escriptores cooperou mais de perto no lento processo historico do esphacelamento do tzarismo, quasi importa fazer o inventario de toda uma litteratura.

Por mais estranho que pareça, duvidas não subsistem de que a implantação do occidentalismo na estructura da Russia social, implantação devida a Pedro o Grande e Catharina II, facilitou de certo modo, a tarefa dos intellectuaes que viriam a atacar os fundamentos do tzarismo. Chronologicamente, o primeiro revolucionario russo, Radichtchef, appareceu, precisamente, no tempo da grande Catharina.

Deve-se-lhe a autoria do primeiro livro subversivo, *A Viagem de São Petersburgo a Moscou*, publicado em 1790. Este livro, em parte declamatorio, em parte eloquente, como seu modelo, a obra de Raynal, continha energica condemnação ao regimen da servidão dos camponezes, cuja liberdade reivindicava, verberando ao mesmo tempo, a burocracia oppressora.

Permittido pela censura, o volume cahiu, infelizmente para o autor, nas mãos de Catharina que condemnou o autor á morte, agraciando-o depois com o desterro para a Siberia. O apparecimento do trabalho de Radichtcheft constitue facto tão importante que o ultimo historiador do movimento revolucionario na Russia, por elle inicia seu bello volume (1). A reedição, no texto original, só foi autorizada em 1888 sob condição de que a tiragem fôsse restricta e os exemplares vendidos ao prohibitivo preço de cem rublos (2). A despeito de sua importancia, Radichtchef ficou no esquecimento quasi completo, não influindo nos autores que lhe succederam.

O solapamento de maior importancia nos fundamentos culturaes do tzarismo foi dado por Tchadaiev. Esquecido, até mesmo por historiadores de monta na litteratura russa (3), temol-o, agora, estudado no alentado volume de Quenet, *Tchadaiev et les lettres philosophiques*. Trabalho extraordinario, espantosamente erudito, claro, methodico, reunindo emfim os caracteristicos das grandes obras scientificas, revive nos minimos detalhes a figura moral e as idéas do philosopho, conduzindo-nos ao ambiente em que se desenvolveram, narrando-nos, assim, uma especie de evolução do pensamento russo na época de Nicolau e Alexandre I. O livro de Quenet honra sobremodo a historiographia franceza actual. A acção destruidora de Tchadaiev não visou nenhum problema particular. Propriamente com o povo, a despeito do seu liberalismo, jámais se preoccupou. Encontramol-a, porém, nas idéas e na influencia que teve sobre vultos da maior importancia, entre outros, Pouchkine, Bielinski e Herzen.

Para elle, todos os males da Russia provinham da ausencia de tradições nacionaes. "O russo nada tem de commum com os gregos, romanos e germanos. E' incapaz de perseverança, indifferente ao bem e ao mal, á verdade e á mentira. Encontra-se fóra do mundo como nação, é solitario e inutil." Para Tchadaiev, todo mal derivava do byzantinismo religioso; aconselhava, pois, a união da Russia com o mundo occidental atravéz do catholicismo. Por essa fórma indirecta, atacando a tradição, a Egreja, solapava a columna maxima em que se esteiava a autocracia. Seus successores, com especialidade Herzen, foram as principaes alavancas que destruiram o tzarismo, systema de governo que teve nelle o primeiro oppositor espiritual.

UBALDO SOARES.

(1) Bienstock, *Hist. du mouvement révol. en Russie*, Paris, 1924.

(2) Ivanof, *Histoire de la pensée russe*, Petersb., 1910, vol. 1°, p. 45.

(3) Não ha sobre Tchadaiev nenhuma referencia em Couvière, *Litt. Contemporaine en Russie*, Paris, 1857. Igual ausencia na obra de Golovine, *La Russie sous Nicolas I*, Paris, 1845.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.

Todas as garantias.

As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

NOVIDADES E VELHARIAS

Edmond de Goncourt não dava a menor importancia á musica ou á poesia. Quando em casa de Alphonse Daudet, deixava-se ficar com este parolando a um canto, absolutamente insensivel aos trechos de Hugo que o actor Mounet-Sully declamava no salão, ou ás deliciosas melodias que Reynaldo Hahn cantarolava ao piano.

— Maurice Baring vem de dar-se, em *Robert Peckham*, a uma especie de romance historico. E' a narração da vida complexa dos tempos de Maria Tudor e Elisabeth de Inglaterra, quando tantas religiões e tantos sentimentos ethnicos de caracter contradictorio provocavam os mais perigosos conflictos familiares e sociaes. Romancista que não comprehende litteratura sem um grãozinho de sonho, de bizarrice, de idealização romantica, misturando presente e passado, vivos e mortos, Baring, antigo diplomata e intrepido varejador de terras longinquas, vae muito bem nessas descripções retrospectivas, especialmente ao accentuar os pendores de lealdade monarchica e de fidelidade catholica de certas personagens suas.

José Albano, o poeta louco

José Albano reeditou a tragedia cerebral do Tasso. Louco nas cousas mais simples da vida quotidiana, era lucido para tudo quanto dissesse com a poesia.

Conheci-o por volta de 1919. Na confusão do após-guerra, nesse Paris invadido pelos estrangeiros attrahidos pelo franco barato, sequiosos de gozo e de prazer, naquelle momento dramatico de reajustamento geral da vida da Cidade, José Albano vivia na bizarra serenidade do seu espirito doente. As arterias centraes estrugiam, apinhadas; carissimos automoveis seguiam-se, inexgottaveis, alardeando o fausto dos novos ricos e dos forasteiros donos de moedas altas; as vitrines regorgitavam de joias e objectos de luxo; era um delirio de ostentação, de prodigalidade, de requintes. E por entre a turba elegante e vaidosa que enchia as ruas de la Paix e de Castiglione e os boulevards, Albano, teso, importante, soberbo, considerava aquella humanidade leviana e futil atravez do crystal do indefectivel monoculo. Vestindo sempre um terno de velludo marron, que me dizia ser a ultima moda de Londres, não dispensava as luvas, que de tão gastas lhe mostravam todas as pontas dos dedos, nem a bengala curva de falso junco. Um chapéu machucado e já com mais de um furo cobria-lhe a basta cabelleira negra, que lhe cahia em cachos sebosos sobre a nuca. O rosto cheio, de linhas puras e finas, de severos olhos escuros, de nariz estreito e recto, tinha a sua pallidez quasi transparente realçada pela larga barba de azeviche. Assim, na sua majestade innata, na sua belleza desdenhosa, José Albano relembrava algum rei assyrio, poderoso e displicente.

Recebendo do Brasil uma mezada no principio de cada mez, Albano não possuia nem sequer um franco dois dias depois. E como vivia elle os vinte e oito dias restantes? De subscripções. Perfeitamente. Os brasileiros que se abateram naquella época sobre Paris graças ao franco a 290 réis, chamavam-nas de esmolas ou de facadas. Mas attesto á face desses burguezes que eram subscripções. Com effeito, Albano nunca se apresentou a um compatriota solicitando um auxilio: dizia estar preparando uma nova edição de luxo das suas obras esgottadas e aconselhava que se subscrevesse essa reedição, fadada a uma infallivel valorisação. A sobranceria do poeta não lhe teria permittido acceitar uma esmola nem sequer um emprestimo, e a sua candura suggeria-lhe esse meio de conseguir dinheiro para a sua subsistencia e o seu agasalho. De todas essas "subscripções", guardava apontamentos meticulosos, num archivo de contas correntes assentas em tiras de papel que se iam apagando e rasgando nos seus bolsos. E assim, forte do seu direito, voltava o poeta aos seus bemfeitores, não para pedir novo auxilio e sim para reclamar um novo pagamento a credito da famosa edição que, excusado é dizer, nunca veiu á luz, devorada que foi, aos poucos, pelos restaurantes baratos e pelos albergues nocturnos.

Duas ou tres vezes por semana, e sempre aos domingos, dia malsinado em que o consulado fecha e os habitantes de Paris deixam a cidade para as corridas ou qualquer excursão, José Albano vinha á nossa redacção antes do jantar. O continuo, que temia o olhar duro e os rompantes do poeta, entreabria a porta do meu escriptorio e, o rosto apavorado, advertia-me em voz sumida: "Monsieur, é o leão!..." De facto, a alcunha não lhe assentava mal: com a sua juba e a sua voz grave e rude, Albano lembrava bastante o rei dos animaes.

Mas quando se installava no ambiente quente (abafado para mim, mas tão gostoso para elle...) esquecia a atmosphera inhospita das ruas calçadas de lama gélida, e não era mais um leão que eu tinha ao meu lado e sim o meigo poeta, o cultor da lingua perfeita, o erudito amante dos vates do passado. E esquecido das horas, o meu bom amigo relembrava as suas viagens, piedosas peregrinações aos sitios mais illustres: a Grecia, e Troya, onde fôra relêr a Illiade, e Weimar, onde evocára Goethe, e a velha Castella, onde refizera o itinerario de don Quichotte, indo procurar, na obscura aldeia de Toboso, a casa da tão amada Dulcinéa.

Albano possuia na perfeição diversas linguas, que comparava em doutas exposições, mas o seu amor ia todo á lingua portugueza, na sua fórma quinhentista; o idioma que falamos ou escrevemos deixava-o irritado e desdenhoso; crystallizára-se na disciplina camoneana e nada o podia demover. Dil-o elle proprio em suas *Cantigas*: (1)

> Já quiz tentar fórmas novas,
> Foi mais ou menos em vam:
> Hoje nestas velhas trovas
> Falará meu coraçam.

Quatro seculos de evolução de nada valiam para Albano; sua obsessão, fazendo-o abstrahir o mundo circumdante, mantinha-o sempre no passado, lamentando por vezes a decadencia da lingua:

> Lingua minha dulcisona e canora,
> Em que mel com aroma se mistura,
> Agora leda, lastimosa agora,
> Mas nam isenta nunca de brandura. (2)

Seu grande desejo, sua maior ambição consistiam em fazel-a voltar ás fórmas obsoletas:

> Sempre e sempre te eu veja meiga e pura
> Naquella singelleza primitiva,
> Naquella verdadeira formosura
> Que farei que no verso meu reviva. (3)

A indignação que sente perante as novas fórmas, leva-o a perseverar no seu esforço:

> Quanta e quamanha dôr me surge e nasce
> De nunca ouvir aquelle antigo estylo,
> Mas eu fiz que elle aqui se renovasse
> Para que o mundo agora possa ouvil-o.
> E com todo o poder de engenho e de arte
> Foi sempre o meu desejo
> Vêr-te qual te óra vejo — e celebrar-te. (4)

Sabe que não é acompanhado, mas prosegue:

> Embora solitario eu te defendo:
> Eu te defenderei sem ter descanço. (5)

O brasileiro reponta por vezes em José Albano, e quando, na sua *Allegoria*, o portuguez, a conselho do "padre Zeus":

---

(1) *Redondilhas*. Nas officinas de Fidel Giró, Barcelona, 1912.
(2) *Ode á Lingua Portugueza*, idem.
(3) *Ibid*.
(4) *Ibid*.
(5) *Ibid*.

Vai pelo mar azul á verde terra
Tam fertil, tam fecunda e tam formosa,
Em cujo seio a Natureza encerra
Tudo que o coraçam deseja e goza;
Em cujo bosque, valle, prado e serra
Corre um perfume de assucena e rosa,
Em cujas grutas, cheias de primores,
Ham-de morar as Musas e os Amores,

o poeta, esquecendo por um momento, Arcadia e Latium, evoca a sua:

...terra que ledo aspecto assume

e onde ha

Ondas de som, de luz e de perfume.

Nesse devaneio, retomado um instante pela patria distante, vaticina glorias para ella:

Aqui a vossa lingua bella e branda
Que da latina fonte se deriva,
Ha-de escutar-se, pois o Fado manda
Que novamente aqui floreça e viva;
E que a doce musica se expanda
Nam alcançando fama fugitiva.

Incansavel, elle reaffirma a sua fé na nossa lingua:

Porque da lingua Lusitana sabe
Nam deixará que a Poesia acabe,
Pois nella manda o Céo que, nova e núa,
A formosura Hellenica admiremos
E o Latino vigor se restitúa,

mas sempre na limitação habitual, avessa á sua evolução:

"Segundo a tradiçam que conhecemos."

Coherente comsigo mesmo, inabalavel na sua aspiração de fixar a lingua nos moldes rigidos do seculo de Camões, elle termina a sua *Allegoria* declarando com emphase:

"Sobre columnas dóricas levanto
Um novo Parthenon eterno e santo."

Pobre Albano! Elle que declarava, com a sua pompa habitual, que "os poetas tinham direito ao nectar", foi morrer de miseria em Vienna, ao que me consta; elle que no seu delirio se dizia descendente directo de David e unico herdeiro do throno da Judéa, foi terminar a sua vida, o seu sonho demente, em algum quarto inconfortavel e frio, solitario como vivêra entre os homens. Com elle perdemos uma exquisita flôr do passado, brotada paradoxalmente na rude terra do Ceará, uma formosa intelligencia que a loucura manteve piedosamente numa atmosphéra de illusão acima e bem longe da triste realidade que ahi temos.

LUIZ ANNIBAL FALCÃO.

D E C R O L Y

Nos primeiros dias de Abril de 1927 a celebre escola fundada por Decroly, na rua Ermitage, em Bruxellas, mudava-se do predio em que nascera e onde adquirira justo renome universal. Viajante, que, de passagem, foi visital-a, teve uma surpreza ao penetrar no edificio, onde notou, desde a entrada, um aspecto estranho. As salas da frente quasi sem nada, apenas nas paredes alguns desenhos de creanças, frescos e primitivos como a agua que jorra limpida da rocha. Em outras dependencias apenas alguns moveis, toscos, em sua maioria. Mas, a estranheza maior era a de não ter ninguem. Ao fim de algum tempo surgiu uma moça, a quem se dirigiu elle, explicando o motivo da visita, attrahido pelo que lera no livro admiravel de Mlle. Hamaïde.

"C'est moi même". Foi a resposta.

Explicou, então, toda a causa da surpreza. Lamentou que não tivesse vindo ás primeiras horas do dia, que offereceram um lindo espectaculo: todo o preparo de desarrumação para a mudança fôra feito pelos proprios alumnos, de tal sorte que ao chegarem os carregadores nada mais tiveram a fazer, pois que aquelles para o proprio transporte trabalharam. Estavam agora ajudando na nova casa. Se lhe fosse possivel, poderia assistir ao que dizia, com enthusiasmo e carinho de suas queridas creanças. E sobretudo de Decroly. Que grande animador, grande educador! Esta grande figura, — Decroly — um dos pioneiros da renovação dos methodos e processos de educação desappareceu, ha um mez, em meio a uma injusta indifferença.

*

A partir dos primeiros annos deste seculo, por toda parte, foi-se verificando que a escola estava a exigir uma remodelação completa, na sua estructura.

As contribuições foram de diversas origens.

Ha grande semelhança entre a obra de Decroly e a de Maria Montessori — dois precursores e realizadores. Vieram ambos da medicina. Ambos iniciaram-se no estudo de anormaes, applicando os processos usados aos anormaes. Entretanto os dois systemas são independentes e, se apresentam necessariamente pontos de contacto, têm caracteristicas especificas, que os distinguem não só entre si, como dos demais.

No 1º Congresso de Educação Nova de 1921, reunido em Calais, O. Decroly fixava estes principios: A escola deve ser estabelecida no quadro natural, dando á actividade da creança as condições da sua vida mesma; coeducação; organização interna das classes, transformada em aula-officina ao em vez de aula-auditorio; homogeneidade das classes e limite de numero de alumnos; collaboração intima da familia; regime de disciplina educativa; actividade collectiva de todos para um resultado commum.

Decroly teve a gloria de realizar e praticar o seu systema. Não deixou obra nenhuma de conjuncto. Delle ficaram escriptos alguns artigos de collaboração em revistas ou conferencias. Os trabalhos expositivos da doutrina foram feitos por seus discipulos: Melles. Degrand, Montchamp, Deschaud, Gerardo Boom, L. Dalhem e sobretudo Melle. Amelia Hamaïde, que já nos visitou.

Decroly costumava dizer que o seu methodo não podia ser reduzido á graphia, porque não comportava senão instantaneos, que differiam entre si. Entretanto, nas imitações ficis e rigorosas, elle appareceu cristalizado e não raro os "centros de interesse" não tinham para as pobres creanças interesse algum...

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

A tragedia de Antonio José

A Antonio José da Silva poderia applicar-se o dito de Camillo Castello Branco com referencia a Dom Francisco Manoel de Mello: teve a celebridade do talento e a da desgraça. Todavia, a desgraça foi para ambos o maior factor de gloria. E em nossos dias, quando pouca gente os lê, são as suas biographias, cortadas de lances tragicos, que ainda chamam sobre elles curiosidades e sympathias.

As aventuras e desventuras do D. Francisco Manoel galanteador e espadachim são bem mais attrahentes dos que os insipidos *Apologos Dialogaes;* e se as comedias d'"O Judeu" hoje difficilmente fariam rir, a simples narrativa dos seus soffrimentos ainda pode arrancar lagrimas.

A vida do nosso patricio Antonio José da Silva, christão novo executado como "relapso" em Lisbôa, em auto da fé, a 18 de outubro de 1737, tem sido esmiuçada com largueza. Varnhagen, o conego Fernandes Pinheiro, o francez Ernest David, o dr. Mendes dos Remedios e João Ribeiro dedicaram-lhe em varias épocas pesquizas mais ou menos aturadas, e Camillo fantasiou sobre ella um romance em dois tomos.

Como se sabe, o momento dramatico da vida de Antonio José é a perseguição do Santo Officio, que elle começou a experimentar cedo, aos sete annos, e não o abandonou senão com a morte ignominiosa. Entretanto, quasi todos aquelles biographos e pesquizadores acreditavam que fôra o talento do comediographo, a verve irrespeitosa do satyrico, o motivo principal das perseguições e da sentença final. Para Ernest David, "l'accusation de judaisme dont le chargea le Saint Office, ne fut qu'un pretexte", pois Antonio José "a flagellé dans ses opéras les vices de son temps: clergé, justice, médicine, tout a passé sous sa férule"... Segundo o Dr. Mendes dos Remedios, o alvo dos inquisidores, ao condemnarem o "Judeu", era "pura e simplesmente inutilizar um homem, cujo talento theatral os incommodava pelas tendencias e idéas geraes manifestadas."

Essas e analogas affirmações, acceitas sobretudo pelo horror que inspira hoje o tribunal da fé, vêm de ser meticulosamente destruidas por Lucio de Azevedo nas *Novas Epanáforas*.

Um dos capitulos desse novo livro do autor da *Historia de Antonio Vieira*, d'*O Marquez de Pombal e a sua época* e de tantos outros admiraveis volumes em que se faz historia com methodos objectivos, á luz de documentos, e sem preconceitos nem anachronismos, é todo consagrado a Antonio José da Silva.

Estudando nos archivos do Santo Officio todos os processos relativos á primeira metade do seculo XVIII, pôde o historiador portuguez entroncar a perseguição pessoal a Antonio José na perseguição systematica a todos os membros da sua familia, praticantes todos elles, na realidade, da religião proscripta.

Acompanhemos de relance, guiados por Lucio de Azevedo, a marcha fatal da má estrella de Antonio José.

No começo do seculo XVIII havia no Brasil tres nucleos de christãos novos, no Rio de Janeiro, na Bahia e na Parahyba. O nucleo do Rio de Janeiro, composto de mais de cem familias, era prospero: contavam-se nelle advogados, medicos, fazendeiros. Uma das figuras notaveis desse agrupamento de christãos camuflados era o jurista e poeta João Mendes da Silva, autor de um poema lyrico, *Christiados*, e de outras peças de poesia religiosa, nunca publicadas. João Mendes já nascera no Brasil e aqui se casara com uma christã nova, Lourença Coutinho, de quem houve tres filhos, Balthazar, André e Antonio José.

Vivia João Mendes folgadamente, pois além da banca de advogado, possuia uma plantação de canna onde mourejavam uns oito escravos.

Apesar de todas as apparencias de catholico fervoroso, o casal Mendes entregava-se em segredo ás praticas judaicas. "Mas que praticas eram essas? pergunta Lucio de Azevedo. "As mesmas que duzentos annos seguidos e só com leves discrepancias todas as confissões nos deparam: jejuns, abstinencias, rezas judaicas — eram taes consideradas o Padre Nosso, sem o nome de Jesus depois do *Amen* e os psalmos de David sem lhes accrescentar um *Gloria Patri* — e o nefando acto de pôr aos sabbados camisa lavada."

Como no Rio de Janeiro não havia representante do Santo Officio, Varnhagen attribue a perseçuição desencadeada nesta cidade, a partir de 1710, contra os christãos novos, ao bispo D. Francisco de S. Jeronymo. As *Novas Epanáforas* convencem-nos do infundado dessa supposição.

Com effeito, quem apontou ao implacavel tribunal os christãos novos do Brasil, occasionando a prisão de innumeras familias, foi a portugueza Catharina Soares Brandão, iniciada na lei de Moysés alguns annos antes, no Rio de Janeiro. Regressando a Lisbôa, e sabendo que o christão novo Francisco Gomes da Silva, que conhecera no Rio, ajustára contas com a Inquisição, entrou a viver "em permanente susto de qualquer revelação." A consequencia desse estado de espirito foi a delação, feita em varias audiencias, de todos os correligionarios que conhecera no Brasil. No rol das novas victimas dos fanaticos zeladores da fé estava a familia de João Mendes, que aportou a Lisboa, presa, em outubro de 1712. Decorridos todos os tramites do processo em que marido e mulher confessaram as culpas, recuperaram emfim a liberdade, depois de publicamente penitenciados em auto da fé.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Na certeza de que vimos envidando esforços para realizar o programma de cultura que é o unico escopo do Boletim de Ariel, *esperamos continuar a merecer o apoio daquelles que nos prestigiaram desde a primeira hora e cujas assignaturas terminaram com a publicação do ultimo numero.*

Procurando corresponder á gentileza dos nossos assignantes, resolvemos fazer-lhes a reducção de 20% sobre as edições Ariel, que sejam adquiridas directamente em nosso escriptorio, e de 10 % sobre as que nos forem encommendadas do interior, ficando a nosso cargo as despezas do respectivo porte.

Outrosim, communicamos áquelles a quem isso possa interessar que, tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias do Rio, já se encontram á venda volumes encadernados reunindo os doze numeros do primeiro anno do Boletim de Ariel.

Despojado de todos os haveres, João Mendes deixou-se ficar em Lisboa, e ahi, graças á sua intelligencia e operosidade, conseguiu angariar clientela. Elle, pessoalmente, parece que nunca mais judaizou, mas Lourença Coutinho, sendo de animo menos tibio, nunca esqueceu a Thora. Passaram-se os annos e Antonio José, entrado na adolescencia, vem a saber por uma creada interessada no caso, que a religião de Israel é menos rigorosa do que a catholica a respeito de certas exigencias da carne... Para conhecer ao vivo a doçura de alguns versiculos do *Cantico dos Canticos*, o futuro comediographo iniciou-se, e para sempre, no culto prohibido.

Algum tempo depois outros e alheios amores haveriam de influir no socego da familia Mendes.

Uma irmã de Lourença Coutinho, viuva, tinha duas filhas, melindrosas e brincalhonas, em cuja casa se cantava e dansava frequentemente. Um dos *habitués* dessas reuniões alegres era o padre Bartholomeu de Gusmão, o *Voador*, farrista de boa fibra, segundo se dizia. Outro era o estudante bahiano Luis Soares de Barbuda, duma familia de christãos velhos. Ora aconteceu que Luis Barbuda e Brites Eugenia (assim se chamava uma das moças) vieram a amar-se. A moça, porém, impoz uma condição ao matrimonio: a conversão do christão velho á lei de Moysés. O apaixonado cedeu, abraçou o judaismo, mas em breve, antes mesmo de casar, arrependeu-se. Resolveu então denunciar ao Santo Officio a noiva e toda a familia da noiva. E fêl-o de maneira tão infame que Lucio de Azevedo, perdendo a sua habitual serenidade, commenta: "Que antro de dissimulação e vileza devia ser a alma deste homem! Emquanto com palavras de ternura illudia a sua victima e lhe idealizava a vida, aguardava que os esbirros chegassem para leval-a á masmorra, e a elle o libertarem de um compromisso funesto."

Denuncias provocaram denuncias. O resultado foi que, ao findar o anno de 1726, toda a familia de Antonio José estoreia-se nos tentaculos da Inquisição. A mais accusada era Lourença Coutinho, reincidente, e quizeram queimal-a. Ella, porém, não confessou e os filhos, suppliciados embora na *polé* e no *potro*, innocentaram-na. Antonio José, com os dedos quasi esmagados, pasou tempos sem poder escrever; mas os verdugos não puderam "entregal-a á justiça secular", euphemismo com que indicavam a condemnação á morte.

Assignado a rogo o termo de abjuração, a 13 de outubro, penitenciou-se Antonio José publicamente no auto da fé de 23 do mesmo mez, recuperando a liberdade. Foi depois desses factos que "O Judeu" começou a escrever farças para o theatrinho de fantoches, então em moda. Sobre o que fosse este genero de theatro e do valor das composições do nosso patricio informa Lucio de Azevedo: "Não é sabido se os bonifrates eram dos movidos por cordeis, mais ou menos visiveis, ou se algum mecanismo lhes dava apparencia de creaturas vivas." Quanto aos scenarios "a imaginação dos espectadores suppria as faltas, assim como nas personagens a expressão das physionomias ausente, e o gesto impreciso." Não obstante as imperfeições dessa technica theatral, "as peças do *Judeu* tiveram grande voga. O comico das situações e dos ditos provocava a galhofa, e os nomes dos graciosos — o Simicupio, o Esfusiote, o Sacatrapo — imprimiram-se na memoria popular. Os typos conhecidos de Esopo e D. Quixote, dirigiam-se a uma parte da assistencia mais lettrada. A esta igualmente a critica aos poetastros dos Outeiros e odes laudatorias, e ás pedantes Academias. No total das composições a permanente satyra, pesadona, correspondia ao gosto nacional."

Assim, escrevendo "operas", advogando provavelmente com o irmão mais velho, Balthazar, misteres esses que lhe davam os necessarios recursos para manter-se com modestia a si e a esposa, pois casara com a christã nova Leonor de Carvalho, viveu Antonio José até 1737. Mas eis que sobrevem a catastrophe.

No dia 5 de outubro desse anno, pela tarde, dia precisamente em que se celebravam as cerimonias judaicas do *Yom Kippur*, era presa toda a familia de Antonio José. Denunciara-a, com ignobil traição, o christão novo Simão Rodrigues da Fonseca, tambem brasileiro, natural da Parahyba. Recolhido ao carcere, observado pelos inquisidores e por dois espiões que lhe introduziram na cella, onde o infeliz commetteu a imprudencia de praticar actos do culto prohibido, foi Antonio José, afinal, julgado "reincidente, negativo e pertinaz". "Membro corrupto do corpo catholico, tinha de ser amputado."

Após anno e meio de prisão, concluidos todos os interrogatorios do accusado e das testemunhas, lavraram a sentença de morte a 13 de março de 1739. E a 18 de outubro, acompanhado de um padre jesuita e de um fidalgo, caminhou Antonio José para a fogueira. Mais dez judaizantes tiveram nesse momento igual destino.

As criações litterarias do "Judeu" em nada concorreram para a sua desgraça. Satyras inoffensivas, condimentadas do grosso sal portuguez e despidas de allusões claras ou occultas aos *tabús* da época, nenhuma animosidade poderiam provocar contra o seu autor. Tanto assim que o mesmo inquisidor geral, D. Nuno da Cunha, que ordenara a prisão de Antonio José, autorizava, passados apenas seis annos, a publicação integral das suas comedias.

Não deixa de ser profundamente commovedora a tragedia intima desse homem, empolgado por um irreprimivel determinismo religioso, soffrendo desde a infancia os mais duros tormentos moraes, e absorvido pela idéa de fazer rir os outros. A Inquisição queimou-o, mas em compensação as chammas da fogueira serviram para melhor fixar-lhe a figura na memoria dos posteros.

SAUL BORGES CARNEIRO.

VENTURA GARCIA CALDERÓN

Como Ministro Plenipotenciario do Perú junto ao nosso Governo, temos o prazer de hospedar desde alguns dias a figura altamente sympathica deste illustre homem de letras, que já representou com grande brilho o seu paiz na Liga das Nações e é hoje um dos vultos mais preeminentes da intellectualidade hispano-americana.

Autor de numerosas obras escriptas tanto em hespanhol como em francez, e que lhe levaram o nome ao apreço dos meios culturaes europeus, longo seria fazer a ennumeração completa dos seus trabalhos, entre os quaes destacaremos: Del romanticismo al modernismo, Parnaso peruano, Don Quichote à Paris et dans les tranchées, e La venganza del condor, *interessantissima collectanea de contos já vertidos para o francez*.

Duas figuràs de revolucionarios

Entre os homens de pugnacidade deste seculo o presidente Mustapha Kemal é o que mais impressiona pela aspereza de refregas intensas que antecederam o seu actual poderio politico. Desde menino começou a mostrar o seu instincto pelejador de revoltado contra as injustiças da sociedade. Certo dia não quiz mais voltar á escola por desgosto com o mestre que apenas chegara a duvidar de uma affirmativa sua. A mãe de Kemal fez tudo para que o filho regressasse e não interrompesse os estudos. Inuteis seus esforços porque não conseguiram demovel-o da attitude assumida.

Depois de concluida a educação militar, emprehende viagens ao extrangeiro, e como consequencia de suas observações, chegam os sonhos de reforma politica e social.

A Turquia atrazara-se quando seu povo de reconhecidas virtudes merecia civilização mais compativel com as necessidades contemporaneas. E' quando nasce o partido dos "jovens turcos" com o ideal de "união e progresso" que de alguma fórma concorreu para o desfecho da guerra balkanica. Não soube resolver a situação por meios pacificos, luctando para perder em toda linha. Mais tarde outra guerra e desta vez com a Italia, na Tripolitania, tendo sido ambas fataes á unidade territorial. Vem finalmente 1914, ficando livre a linha ferrea Berlim-Bagdad, devido á solidariedade da Bulgaria. Mas a liberdade durou sómente até o dia em que a Allemanha pediu e assignou armisticio dentro de um carro blindado.

A ambição invasora das nações alliadas, penetrando o Oriente proximo, em commum accôrdo, outra coisa não pretendia senão o fraccionamento do antigo imperio do estandarte verde do Propheta. Durante esses dias de angustia foi dura a assistencia de Ghazi ao lado dos seus companheiros Enver e Ismet tão cheios de mocidade e competencia. Por esse tempo tudo parecia perdido para sempre.

Dentro do cahos a nova Turquia recolheu então as derradeiras forças para se reunir em Erzerum — "posto militar da vanguarda e ultima grande cidade perto da fronteira russa; uma cidade de aspecto sombrio, cercada de immensas fortificações, com suas casas baixas e primitivas, com suas ruas estreitas e sinuosas; uma cidade oito mezes no anno coberta de neve." Ahi é exactamente onde começa o fôgo da actividade revolucionaria em contraste com o gêlo da esteppe melancolica. E do fundo do coração da Armenia a onda se levantou furiosa.

Os gregos conheceram nessa occasião as côres da mais completa das catastrophes. O seu notavel poderio guerreiro ficou inteiramente esphacelado. Foram batidos e expulsos da Asia Menor com uma energia que tudo indicava desapparecida no tumulto de tantas derrotas e desillusões accumuladas. Na Grecia o desastre se reflectiu em tragedia que fez com que todo um ministerio fosse fuzilado na praça publica.

Ghazi Mustapha Kemal é dono de uma indole tristonha e fria; muito calmo; passo medido; pouco falando — possue predicados directos e ajustados ao tranquillo homem de acção. Deante da victoria resolveu tomar conta do poder, proclamando a Republica e pondo em pratica reformas absolutas, assim iniciando, para completar dois lustros depois, a resurreição do velho povo musulmano. E' sobre a personalidade admiravel do general e do estadista que o allemão sr. Dagobert von Mikusch acaba de publicar um livro bem interessante.

*

O outro personagem curioso é o sr. Adolf Hitler, um homem que já foi garçon de café e tem paixão pela pintura, fez a guerra e foi ferido, escreve livros na cadeia, salientando um seu biographo que elle não pode esconder a qualidade de "hysterico por natureza", notavel em quasi todos os gestos de sua ondeante existencia.

Espirito combativo, amando a vanguarda, logo que terminou o maior conflicto da historia entendeu de ser politico militante e, para iniciar os passos, adoptou como systema falar alto e dizer desaforos nos logares mais publicos.

Sua intelligencia sentiu ao primeiro contacto com as ruas de Berlim a miseria generalizada que por lá vivia. A hora lhe era propicia para uma experiencia de technica fascista. E dahi a idéa de um partido que principiou ajudado pelos seus não menos violentos amigos dr. Goebels e capitão Strasser, partido esse que teve logo como programma o mais radical nacionalismo da actualidade. Hoje é uma potencia de projecção internacional. Producto evidentemente da miseria popular; producto do mysticismo social, tudo indica não passar o hitlerismo de um movimento puramente intermediario.

O "bello Adolf" é terrivel de arrogante e bellicoso, combate, sobretudo, os judeus e os communistas, distingue o capitalismo creador do capitalismo parasitario, isto por entender que aquelle é representado pela industtria e pela agricultura, emquanto este tem os seus tentaculos na Bolsa e nos Bancos. A campanha hitlerista que se orienta em fundamentos scientificos, sabe que o marxismo se occupa do materialismo historico e, talvez, por este motivo, tomou outro rumo, se interessando pelo materialismo biologico.

Vê-se, portanto, que se trata de uma ampla acção politica de contagio irresistivel, servida pela expansão de sentimentos os mais diversos como o enthusiasmo, o mysticismo, o desespero, o furor, a allucinação.

Não resta duvida que a Allemanha vencida e escravizada pelas obrigações de um tratado de paz que não é mais do que um tratado de guerra, repleta de desoccupados, vae pouco a pouco entrando em estado de loucura collectiva, cuja expressão mais complexa é o racismo que ora a empolga.

Hitler grita e braceja na sua oratoria bravia e facil, mostrando-se, além de aventureiro de talento, um luctador extraordinario. "Nós somos actualmente oitenta milhões de allemães na Europa. Dentro de cem annos seremos duzentos e cincoenta milhões se dominarmos os outros povos e cumprirmos a missão que nos foi confiada pelo Creador."

Sóbe a escada na certeza de dominar, pondo em execução os seus planos originaes de assalto, vencendo eleições turbulentas, fazendo propaganda habil, fomentando o terrorismo, matando os adversarios e, em meio dessa lucta de todos os momentos, realiza a desmoralisada e perigosa doutrina de Macchiavel: "Divide et impera!" Os sociaes-democratas, entretanto, affirmam, sem dar a co-

DE NOVA YORK

FILMES

"AMA-ME ESTA NOITE" — *com Chevalier e Jeanette MacDonald.*

E' truismo vulgar o dizer-se que o director é o verdadeiro dono dos filmes. Nisso, aliás, não vae nenhuma novidade, porque se o architecto já era o "dono" do edificio e o general o "vencedor" das batalhas, impunha-se levar a analogia um pouco mais avante — e atirou-se ás costas do *metteur-en-scène* a responsabilidade das fitas.

Como os artistas nada fazem sem a permissão desses senhores, justo é que elles respondam, a uma vez, pelo exito e pelo fracasso das producções que dirigem.

Ha pouco, foram os russos ao extremo, segundo telegrammas de Moscou, de lavrar pena de morte contra dois directores que estavam traindo, nos filmes, os ideaes revolucionarios dos Soviets. Não sabemos em que consiste esse ideal cine-politico da Russia; se se trata porém de condemnar os filmes ôcos de ideia, sem nenhuma significação esthetica ou pratica, tiveram as suas razões as autoridades moscovitas, pois nada ha que mais deponha contra o bom senso de um povo do que um filme mal feito.

Commutada embora aquella sentença em prisão perpetua, não deixou a noticia de causar estremecimentos em Hollywood, onde, em muitos casos, caberia a penalidade nova instituida pelos communistas.

Mas, se a severidade das leis russas fosse applicada aos *metteurs-en-scène* de Hollywood, temos a certeza de que um, pelo menos, escaparia á sanha justiçadora dos mosqueteiros: Rouben Mamoulian, o director de Chevalier e Jeanette em *Ama-me esta noite,* filme-lyrico que actualmente corre na téla do "Rivoli", na Broadway.

Logo ao *fade-in* inicial do filme, o que sentimos é o pulso do seu director, antes de surgirem os artistas, a encaminhar intelligentemente os sons, que entram a ter funcção descriptiva no argumento.

Paris dorme, envolto nas brumas da manhã. O silencio desse principio fala por si, typificando o repouso. Depois, vibram mansamente por dentro da nevoa as cinco badaladas de um sino, á distancia. As lampadas electricas, vencidas pela claridade do dia, extinguem-se de subito. Um calceteiro surge na pracinha que temos deante dos olhos, e dispondo a sua ferramenta, começa de picaretear o calçamento. A seguir, dois sapateiros, um amolador, um ferreiro, o rolar de uma carroça sobre os pedrouços da rua são sons que vêm, por seu turno, augmentar a symphonia rumorosa da cidade, que desperta para a vida urbana.

Ha nessa intelligente introducção uma victoria direccional, que é toda de Mamoulian, o novo Lubitsch do filme americano.

Ama-me esta noite tem muito de opereta e de conto de fada, pois, para conjurar os genios máus que andam a truncar a felicidade da Princeza Jeanette, lá estão aquellas tres velhotas, suas tias, como bruxas da boa-sorte.

Maurice Courtelin, um alfaiate de Paris, é o "principe encantado" dessa deliciosa historia da Carochinha — que termina pela voluntaria entrega da princeza ao humilde official de agulha, que como um trovador de antanho, soube leval-a, numa noite de luar, pelo mundo das loucas phantasias...

"A VENUS LOURA" — *com Marlene Dietrich. — Direcção de Sternberg.*

Poucos filmes têm causado tanta celeuma e tanto têm dado que falar á imprensa e á gente cinemeira desta terra, como *Blonde Venus,* a nova producção de Marlene, que ha duas semanas se exhibe simultaneamente no Cine-Paramount de Nova York e no de Brooklyn.

A principio foi o escandaloso rompimento de Sternberg com o director do Studio Paramount, que não queria fossem certas scenas do filme feitas como Sternberg as escrevera, e com o seu director sahia tambem Marlene. Depois, apaziguados os animos, chegaram os contendentes a um accôrdo e a fita entrou em producção.

Mais tarde correu pela imprensa a noticia de que a filmação estava sendo feita "entre portas fechadas" e que nem aos repórteres de categoria permittiam entrada no *set* onde a Venus se exhibia para as camaras. Essa declaração, feita sobre as outras reportagens já do conhecimento do publico, despertou nova curiosidade ácerca de Marlene e do seu director benedictino, augmentando tambem a gula dos *fans* sobre o filme que se tramava por trás dos biombos, no recesso das muralhas fortificadas da Bastilha cinematographica. Que estaria o monje Sternberg a fazer com tanto segredo?

Prompto o filme, a sua estreia foi feita de surpreza, em Nova York, numa sessão de cinema que começou á 1 hora da manhã.

Agora, que já conhecemos a *Venus Loura,* comprehendemos o motivo daquellas reservas do director Sternberg quando filmava: é que a fita começa pelo banho, num regato, de um bando de coristas de um theatro de Berlim, onde o argumento se inicia, e em taes condições, está claro, não podia o Studio receber a visita de estranhos. Por muito pouco que pilhasse a abelhudice de um visitante, era pilhar de mais!

O que o olho da camara viu e agora nos mostra em *close-ups* de allegoria pagã, vem envolto em ramagens de salgueiro, para não escandalizar a censura, — mas quem estivesse á margem do regato, vendo aquillo a olho nú, havia de ver muito mais do que o que o filme regista...

ARTHUR COELHO.

---

nhecer as razões, que Adolf Hitler jamais alcançará o poder.

O escriptor inglez Wyndham Lewis fez um livro apreciando todos esses aspectos com uma destreza e uma penetração socialista que collocam seu trabalho entre os melhores conhecidos sobre a Allemanha de agora.

ADHEMAR VIDAL.

Anton E. Zischka descreve, num jornal francez, a vida e as aventuras dos nossos garimpeiros, em cuja companhia parece ter andado á cata de punhados de diamantes.

— Entrou para a redacção d'*O Jornal* o sr. Genolino Amado, um dos melhores chronistas do Brasil de hoje e que, com a abreviatura de Geno, tanto tempo encantou os leitores paulistas.

— Em livro recente, Stéphane Faugier prova que persiste uma funda incomprehensão entre brancos e negros, o que difficultará ainda por muitos annos o trabalho dos europeus em suas possessões da Africa.

Problemas modernos de sexualidade

Os problemas da sexualidade, depois de Freud, ficaram definitivamente na ordem do dia. São objecto de toda sorte de pesquizas e interpretações. Uns vêem a questão sob o aspecto literario ou artistico; outros sob a ponto de vista philosophico ou moral. E ha ainda aquelles — e são a minoria — que estudam o assumpto do ponto de vista scientifico. Pertence a esta categoria o professor Gregorio Marañon, que é, na materia, uma notabilidade mundial. Ainda não ha muito, n'uma sizuda revista de medicina, *El Dia Medico*, de Buenos Ayres, o professor Marañon, fixando a figura surprehendente de Frederico Amiel, deu-nos um capitulo actualissimo de psychologia amorosa e interpretação sexual. Estudando "a timidez masculina — enfermidade do instincto", — elle nos revela alguns aspectos literalmente ineditos da psychologia dos conquistadores. Antes de nada, elle demonstra, por A + B, esta coisa inacreditavel: a monogamia é a expressão mais perfeita da actividade sexual — e é a mais alta prova de virilidade no homem. Quanto mais differenciado o individuo, tanto mais especifico o seu senso amoroso. "A eleição differencial, affirma elle, não occorre, quer no homem, quer na mulher, em materia de amor, senão na madureza". Dahi a tragedia de certos matrimonios precoces, que correm o perigo de romper-se inesperadamente ao surgir, entre os conjuges, essa tardia differenciação do instincto. E' esta a explicação biologica — e portanto honesta e nobre — de certos divorcios tardios de casaes que viveram longos annos vida feliz, tendo casado muito cedo. Essas surprezas são mais frequentes sobretudo nas mulheres, cuja evolução sexual é mais lenta que a do homem.

*

Entretanto, segundo observa Marañon, ha pessoas, de sexualidade elementar, que não soffrem jamais esse processo superior de differenciação. São individuos primarios, de sexualidade inferior, que vão até ao fim da vida n'uma attitude cynica, amando a todas as mulheres, por inaptidão organica para amar a uma só mulher. Correm de mulher em mulher, numa especie de "impotencia paradoxal", porque o motivo de sua attracção não é uma mulher determinada — senão as mulheres em geral, como sexo. E' o caso de D. Juan. E' o caso de Casanova. E' o caso de todos os conquistadores profissionaes, cuja felicidade nós admiramos, sem suspeitar que elles são eminentemente infelizes — porque são individuos inferiores, primitivos, elementares, que não attingiram o grau mais alto de differenciação do instincto. O prof. Marañon declara que esses conquistadores famigerados que toda gente inveja, não demoram junto de nenhuma mulher por incapacidade constitucional para localizar sua attracção amorosa em nenhuma das infinitas creaturas que passam pelas suas mãos... Elle considera, por isso, o amor donjuanesco como um amor inferior, indeterminado, um amor vizinho do amor freudiano das creanças ou do de certas mulheres, o que equivale a dizer um "amor effeminado."

*

Fixando dest'arte o donjuanismo sob o seu aspecto scientifico, o grande professor hespanhol affirma que a evolução do instincto sexual se divide em tres etapas distinctas: a primeira, o amor não procura propriamente um objecto especifico — é indeciso, indefinido, indifferenciado, como occorre em certos estados inferiores da vida animal e em certos periodos da infancia; a segunda, é mais differenciada: já se define no sentido de um ser de sexo differente, mas sem caracter rigorosamente especifico, como succede na puberdade; a terceira, é a phase da differenciação mais completa: o amor escolhe um certo individuo, por suas qualidades psychicas ou morphologicas. Depois desta etapa, vem uma ultima, que é a da perfeição excepcional: a monogamia absoluta, na qual só existe para o individuo no mundo um sêr digno do seu amor. Esta derradeira etapa, que só raros attingem, é a que caracteriza o homem mais altamente viril, no seu mais perfeito grau de differenciação sexual. E foi o caso de Amiel, que era um timido e passou entre as mulheres, fugidio e esquivo, quasi sem aventuras...

*

Proseguindo o seu estudo interessantissimo, o prof. Gregorio Marañon, neste ponto de accôrdo com alguns analystas e biographos do famigerado domador de mulheres, nega Casanova como amoroso. Nega, de resto, tambem D. Juan. Diz elle que quem fez o prestigio de Casanova e D. Juan entre as mulheres foram... os homens. O despeito e a inveja dos homens, erigiu-lhes a fama, conduziram para elles a curiosidade das mulheres... Eis o segredo da fascinação irresistivel dos dois "grandes amorosos", que, aliás, em verdade, nunca amaram. As mulheres de Casanova e Don Juan são sempre indifferenciadas, inespecificas — não têm nome, não têm personalidade, não têm importancia. Por isso mesmo a vida amorosa de ambos é scenographica, exterior, peripherica, quasi theatral. Elles deslumbravam os homens durante o dia, para recolherem os fructos desse deslumbramento á noite com as mulheres... Coincidem, neste modo de julgar Casanova e Don Juan, as opiniões de certos historiadores e certos pesquizadores. E' que a sciencia e a historia, tendo fixado Casanova e Don Juan de um ponto de vista glacial de analyse ou de pesquiza, não lhes descobrem nenhuma superioridade. Os historiadores os desmoralizam, brandindo contra elles os documentos da pesquiza historica. Marañon fulmina-os com o escalpello de uma inexoravel analyse scientifica. Encontrando-se, afinal, nessa encruzilhada, uns e outros collaboram n'uma obra melancolica: desfazer alguns dos idolos mais prestigiosos da imaginação feminina de todos os tempos...

*

Emfim, desde o velho tempo de Ovidio, que deu aos romanos a *Ars amandi*, até o sr. Quevedo, que acaba de nos revelar os segredos da *Arte de conquistar as mulheres*, o assumpto tem sido objecto de graves e innumeraveis cogitações. Uma interrogação desconcertante, porém, continúa a fazer piruetas na nossa cabeça: — Arte ou sciencia, a conquista amorosa?

— Nem uma, nem outra coisa, certamente. Apenas — um dom. Ou uma vocação. Ou um defeito congenito, como quer Marañon. Mas, em todo caso, uma aptidão mysteriosa e invejavel... Discutindo o caso singular de Amiel, o professor hespa-

Graça Aranha, epileptico?

O acaso fez-me vir ás mãos um livro recente do Snr. Americo Valerio sobre Graça Aranha. Não pretendo julgar aqui este trabalho, nem pretendo criticar as apreciações do Snr. Valerio; quero somente fazer algumas considerações em torno da epilepsia que ahi, tão summariamente, se attribue a Graça Aranha. E' evidente que estas considerações não implicam em um desaggravo á memoria do autor de *Chanaan*, pois não creio que alguem o sentirá diminuido si realmente elle soffreu do mal comicial. Estará, até, em optima companhia, tanto de autores nacionaes como extrangeiros. Mas uma vez que já se principia a discutir a personalidade do vulto extincto, é de justiça procurar a verdade sobre o seu estado mental, pois raros são os epilepticos nos quaes não se associem nitidas perturbações psychicas durante a vida commum.

Ora, como medico, acompanhei nos seus ultimos annos a Graça Aranha, cuja immortalidade academica não consegui, ai de mim, estender ao seu organismo, já profundamente combalido. Do que soffria e o que o levou á sepultura, não importa no momento. Importa, porém, a affirmação de que jámais assisti a uma crise comicial no meu illustre cliente, nem mesmo a um desses equivalentes epilepticos, que difficilmente deixam de coexistir em taes estados morbidos. Jámais fui informado, mesmo pelos intimos e familiares — e que todos os esforços faziam para me pôrem ao corrente dos menores detalhes sobre o seu estado anterior — de que Graça Aranha houvesse sido presa de algum symptoma que se pudesse, sem reservas, rotular como pertencendo ao quadro classico da epilepsia.

Bem sei que em duas ou tres occasiões, não resistindo a fortes emoções, desfalleceu momentaneamente. Assim, quando assistia a um destes terribilissimos espectaculos de *grand-guignol*, que parecem inventados expressamente para aquilatar o limite de tolerancia emotiva de cada um; assim tambem, ao lhe prestarem excepcional homenagem, em Paris, após a representação de *Malazarte*.

E' possivel, sem duvida, que taes desfallecimentos ou "tonteiras" traduzissem uma epilepsia frustra, larvada, de raros symptomas proeminentes, daquellas que acompanham o paciente pela vida a fóra, sem maiores consequencias. Onde, porém, o drama do ataque comicial a surgir bruscamente, sem causa conhecida, salteando a victima nos momentos os mais inesperados, nas situações as menos previsiveis?

Na verdade, alguns psychiatras têm chamado a attenção sobre a influencia das emoções e até mesmo das perturbações organicas no desencadear de ataques epilepticos; mas isto se dá, principalmente, naquelles que já soffreram crises typicas ou em individuos que apresentam equivalentes epilepticos caracteristicos, quer de ordem psychica, como as manias simples ou furiosas, as impulsões e as psychoses, quer de ordem sensitiva, sensorial ou motora.

Si não posso negar, com segurança, a possivel existencia do *morbus divinus* em Graça Aranha, por outro lado não vejo como documentar, sem reservas, o difficil diagnostico pósthumo; tanto mais quanto é manifesta, nos dois casos citados, a relação de causa e effeito, a influencia de um forte abalo moral sobre um organismo dotado de uma exaggerada emotividade.

E' facil chamar de epileptico ao primeiro mortal que apresente a menor exquisitice, a mais inoffensiva das originalidades, áquelle que não se enquadre totalmente em *El hombre mediocre* do grande Ingenieros, pois é notorio que o *morbus sacer* vem sendo, abusivamente, estendido ás mais leves inflexões de uma perfeita normalidade psychica.

Emfim, dando um justo valor aos termos, é temeraria a affirmação categorica de que Graça Aranha era um epileptico. Ao menos, nos ultimos annos de sua agitada existencia — e disto dou o meu testemunho de medico — o illustre escriptor não apresentou symptoma algum de epilepsia e, si por acaso della soffreu anteriormente, é certo que não foi atfingido por symptomas typicos da doença.

Em sciencia, nem mesmo o manto diaphano da phantasia!

DECIO OLINTO.

---

nhol colloca no cartaz um dos problemas mais modernos e palpitantes da sexualidade: a monogamia como signal de differenciação instinctiva e superioridade viril. Freud é omisso a respeito... Em todo caso, a revelação, que é surprehendente e desconcertante, será um consolo para os timidos que invejam de longe a progenie turbulenta e atrevida de Don Juan...

PEREGRINO JUNIOR.

LITTERATURA

Num dos seus ultimos rodapés das *Nouvelles Littéraires*, Edmond Jaloux vem de occupar-se do volume de Ramon Fernandez sobre André Gide. Aqui no Brasil, não ha muito, falou-se em Ramon Fernandez a proposito da sua procedencia. O nosso collaborador Paulo Labarthe affirmara ser elle hespanhol e o diplomta Alfonso Reyes, em carta ao sr. Peregrino Junior, reivindicou para o seu querido Mexico a honra de ter visto florescer um tão nobre espirito. Mas o que nos cumpre especialmente accentuar, em se tratando do ensaio sobre Gide, é que esse trabalho foi publicado por um patricio nosso, o editor R.-A. Corrêa, que se estabeleceu em Paris e ali prospera cada vez mais, constituindo sem duvida optimo exemplo para os outros brasileiros que se proponham a metter-se em edições ousadas.

— Michel Misoffe publica um volume de reminiscencias em torno a Gyp e seus amigos. Revive ahi a estranha creatura que, apesar de escrever centenas de volumes, não foi apenas uma gallinha poedeira das lettras e possuiu tambem uma forte sensibilidade humana, mesclando-se a todas as lutas e clamores da sua época, tomando partido no caso Dreyfus, fazendo-se intima de Maurice Barrès, protegendo os escriptores novos, franqueando o seu salão citadino ou a sua casa de campo a quantos homens de lettras, mesmo desconhecidos, a procurassem. Cria-se ella, acima de tudo, uma mulher de acção, e até confessava que, no fundo, a litteratura a entediava, preferindo, ás longas e lentas elaborações de romances, o movimento, a vida directa, as passeatas e as aventuras pelos sitios em que se tinham movido livremente os seus antepassados da Bretanha.

— Henri Bordeaux estampa um volume intitulado *Sibylle*. Como vêem, é o nome de uma heroina de Octave Feuillet e não sabemos se as duas historias se assemelharão. Considerando-se bem, não deixa de haver certa analogia entre o romancista elegante do Segundo Imperio e o narrador burguez da Terceira Republica franceza. O primeiro não desdenhava de obter grandes successos de lagrimas junto á clientela aristocratica e o segundo, por sua vez, não comprehende drama e poesia senão nas casas bem mobiladas e bem atapetadas...

" Le Livre de ma Vie "

COMTESSE DE NOAILLES — *Hachette*, 1932.

Mme. de Noailles declara, logo no inicio do seu livro auto-biographico, ter-se resignado a escrevel-o quasi sem o desejar. Nas poesias onde canta as alegrias e as tristezas de um "cœur innombrable", julga se haver mostrado tal qual é. Só o receio de uma possivel interpretação erronea levou-a a precisar alguns pontos no recente volume. Isso é o que ella diz, e crê ter conseguido. Mas, na verdade, não o fez. Os versos continuam a ser as verdadeiras memorias. As memorias, estas, dão-nos simplesmente vontade de conhecel-a.

Com uma faceirice bem feminina — ella é, aliás, terrivelmente, profundamente, encantadoramente mulher — limita-se a contar a infancia e a adolescencia. Apenas uma ou outra velada confidencia sobre a vida depois disso, sobre a sua verdadeira vida, aquecida e desdobrada por paixões e soffrimentos, por arrebatamentos e desillusões. Essa existencia fremente, o leitor vislumbra-a, entretanto, sente-a surdamente palpitar sob a narrativa. A illustre condessa diz o bastante para aguçar-nos a curiosidade, e depois se esquiva, bregeira, fugidia, contando sem duvida com a seducção do mysterio. Faz como certas bellezas maduras demais — põe um véu sobre a propria figura.

Artimanhas de "coquette"? Conveniencias sociaes? Talvez... mas, neste caso, terá deixado escapar algumas perigosas indiscrições, o sufficiente para mostrar que não diz mais porque não quer, ou não deve, mas que poderia fazel-o. Que haveria ainda muito, muito, a dizer. Sabe se calar de uma reticente, suggestiva maneira!...

Mas talvez haja meditado sobre o que, antes de Freud, observou o seu patricio Carrière, pintor e homem de largo espirito: "L'homme vit toute sa vie sur son enfance". Os factos estão ao alcance de todos, e ella deixa aos seus futuros historiadores o prazer de os descobrir; do seu eu interior — o unico importante — da sua personalidade intima, dá a chave com a explicação desses primeiros annos da existencia. Como dois pontos determinam a direcção de uma recta, a infancia e a adolescencia estabelecerão o curso de toda uma vida humana — que não tem, entretanto, geralmente, a menor semelhança com as linhas rectas...

Terá sido sincera? *That is the question*: — o tom parece, por vezes, meio artificial, os sentimentos ligeiramente arrumados *a posteriori*; aliás, é muito difficil evocar sem retocar; todos nós o fazemos, quasi inconscientemente. E um poeta mais do que ninguem, pelo habito de ver tudo atravez de uma sensibilidade aguçada, e de tudo dizer de um modo elegante. Será permittido, porém, alludir á deformação profissional quando se trata de uma poetisa, e de uma poetisa com fóros de mulher bonita e cortejada? O que de affectação do livro não se explicará tambem por essa ultima qualidade da sua autora?

Penso sempre que nós somos algum tanto parecidas com as nossas modas. A moda feminina não é uma cousa sem significação como a masculina. Não sei si as mulheres influem sobre a moda, ou se a moda influe sobre as mulheres. O certo é que se parecem. E Mme. de Noailles, que deve ter tido o seu periodo aureo no começo do seculo, no tempo dos portes donairosos, das saias farfalhantes e dos roçagantes chapeus, na epoca talvez mais futil dessa futil e poderosa divindade, não pode deixar de se resentir de um certo preciosismo de maneiras e de espirito. Ella é muito feminina, e tem, muito perto, uma ancestralidade grego-turca — sua mãe, de origem grega, nasceu em Constantinopla — para não ser, tambem, um pouco, escrava.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

APRESENTAÇÃO DA "GALLINHA CEGA"

A *Gallinha Céga* já foi apresentada mas não faz mal. Eu torno a apresentar. Participo a todas as pessoas de destaque que não sou critico. Como ia dizendo, a *Galinha cega* passou a enxergar depois que João Alphonsus a tirou da sua cachola. João Alphonsus é um sujeito entre gordo e magro, com, possivelmente 1m,70 de altura, promotor em Bello Horizonte, e, é inerivel! promotor intelligente e poeta. Tenho a impressão que João Alphonsus vive numa eterna conspiração com reporteres, dactylographas, costureiras, quasi suicidas, motorneiros, garçons, gatos, boticarios, e que, apesar de casado, deixa uma noiva em cada esquina. O livro delle é indirectamente um pamphleto contra o espirito do seculo. Elle abandona o plano quinquennal, as paradas de Hitler, as correrias dos *gangsters*, os *meetings* dos semtrabalho, os concursos de Los Angeles e volta-se para os individuos que estão sendo postos á margem, acreditando que o sentimento, anarchista como é, jámais nivelará os povos. Continúa calmamente a escrever novellas em Bello Horizonte durante a revolução, que nem Beethoven compondo a 4ª Symphonia emquanto Napoleão bombardeava Vienna. Tem tempo de soccorrer uma gallinha que bate as azas, tonta, sem enxergar — considerando que uma gallinha é uma entidade biologica como outra qualquer, com seu codigo proprio e seus direitos. Lembrando-se da noiva morta, não a descreve nos resplendores da gloria, num circulo de anjos, mas fazendo funccionar continuamente a humanidade que todas as coisas têm. Creio que difficilmente João Alphonsus tomará partido, se inscrevendo numa fórmula rigida ou numa das categorias politicas do seculo. Não quero dizer com isto que elle seja um, digamos, sceptico, mas sim que a visão poetica dos phenomenos é que constitue propriamente a sua disciplina. Machina por mais aperfeiçoada que seja nunca arrancaria do homem o instincto poetico — pelo contrario, o progresso continuo dos machinismos poupará o tempo do homem — e que irá elle fazer depois senão inventar novos mundos poeticos? De resto a propria machina já nos conduziu a uma mystica nova. — Parece que este final é mesmo só para atrapalhar... E' a penninha no rabo da *Gallinha Cega*.

MURILO MENDES.

ACABA DE APPAEECER

AGRIPPINO GRIECO

EVOLUÇÃO DA POESIA BRASILEIRA

Longa e escrupulosa serie de ensaios critico-bibliographicos, formando um estudo homogeneo, e pelo qual se póde ter uma visão exacta de todas as escolas poeticas do Brasil.

PREÇO: 8$000

Pedidos a ARIEL, EDITORA LTDA.
Rua 1º de Março, 105, 1º and., s. 3 - Rio de Janeiro

"Sinhá-Dona"

Heitor Marçal fez modernismo no Ceará. Alguem já notou que alguns dos melhores prosadores moços do Brasil foram máos poetas futuristas.

Heitor Marçal, depois de tentar a poesia modernista resolveu fazer cousa mais seria e o resultado foi *Sinhá-Dona*, romance que em breve será entregue ao publico ledor. E' mais um romancista que desce do Norte. O Norte tem sido ultimamente prodigo em bons romancistas: Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, José Americo de Almeida, Graciliano Ramos e outros que andam aqui pelo Rio com romances em baixo do braço á busca dessa cousa rarissima que é um editor.

Sinhá-Dona é a historia triste de um homem indeciso, um desses homens meio-termo que se contentam em imaginar as cousas sem ter coragem de realizal-as. A gente não chega a ter sympathia por esse infeliz Antonio Neves que "saiu do seminario magro e de mãos suadas", que casou com a propria irmã e que soffre a vida toda sem coragem siquer para fugir do soffrimento. Todos os personagens deste romance são assim tristes, pessoas com uma visão cinzenta da vida, desde *Sinhá-Dona*, respeitavel matrona de alguns amores escabrosos na juventude, até Antenor Fontes, o provinciano litterato revoltado em eterna luta contra o meio. Só Maria Clara, a menina a quem Antonio Neves ensinou o *abc* da carne, tem um pouco de alegria, espalha um pouco de luz naquella tristeza toda. Assim mesmo Maria Clara vae terminar rameira de ultima classe, deixando no coração do timido Antonio Neves um eterno remorso de lhe haver desvendado naquelle lyrico namoro os segredos do sexo.

O enredo desse romance admiravel é desses que pedem um grande escriptor para contal-o. Heitor Marçal conta-nos essa historia commovente numa linguagem simples, bonita mesmo (influencia do modernismo), sem rhetorica, sem termos de diccionario. Antonio Neves julga ser sobrinho de *Sinhá-Dona* e primo de Felicia. Depois do beijo traiçoeiro Antonio quer casar e explica tudo á tia que morre após lhe revelar a terrivel verdade: elle não é primo de Felicia. E' irmão.

Antonio Neves foge. E' então jornalista fracassado e ama Maria Clara. Mas Felicia tem uma filha e obrigam (a sociedade moralista e as velhas beatas) os irmãos (Antonio Neves conta tudo, mas ninguem acredita. "O que elle quer é não casar...") a se juntarem conjugalmente. Depois de casados vivem como irmãos. Mas a carne moça de Felicia grita. E ella se entrega a outro homem. Como ha de agir Antonio Neves? Como irmão, que comprehende e desculpa o acto da irmã? Como marido enganado?

Elle não sabe. E morre em meio de toda essa tortura. A morte vem como uma libertação. E' desejada. O livro de Heitor Marçal nos commove e nos enternece. Que mais se póde pedir a um romancista?

*

Antonio Neves é um homem de detalhes. Heitor Marçal anima o seu personagem de tal modo que nós o sentimos viver. Elle existe. Homem que não crê e reza, no emtanto, todas as vezes que um perigo o ameace. Triste Antonio Neves. Pobre Antonio Neves. Tem algo de feminino essa alma de indeciso que nunca se define, que sendo contra a moral dominante, não tem coragem de romper com ella. Elle teve varios annos de seminario e lá aprendeu a curvar a cabeça.

Heitor Marçal ficará entre os romancistas do Brasil. *Sinhá-Dona* o fará conhecido entre os poucos homens que sabem lêr neste paiz. E' mais um cearense que consegue livrar-se de José de Alencar. José de Alencar pesa sobre o Ceará como o finado Ruy Barbosa sobre a Bahia. Peores flagellos que a secca e Lampeão.

JORGE AMADO.

EXPOSIÇÃO SYLVIA MEYER

Na 1ª quinzena de Outubro, a pintora Sylvia Meyer expoz seus ultimos trabalhos, conseguindo surprehender pela renovação de sua pintura.

Sylvia Meyer não comprehendera logo o movimento moderno. Sendo sincera, não adheriu. Em 1930 foi á Europa a passeio. Em rapidas visitas a exposições e museus distinguiu o bom do máu e este facto, que parece tão simples, foi o principio de sua reacção contra a arte estagnada que via, que acceitava, e mesmo que fazia. Porém não produziu nada, por esta occasião. Voltou a trabalhar quando chegou ao Rio. Deste periodo de transição, expoz alguns retratos no "Salão Lucio Costa".

Percebendo, então, que o pastel não lhe bastava para attingir á pintura de verdade, retomou corajosamente o óleo, que abandonára no principio de seus estudos, conseguindo logo firmar-se para fazer os trabalhos vigorosos que nos mostrou no Palace Hotel. Renovou seu desenho, compoz com simplicidade e belleza, transmudou em quadros as materias verdadeiras dos motivos felizes que escolheu com visão clara para pintar.

Seus retratos dão-nos a impressão de uma longa convivencia com os modelos, mostrando-nos as pessôas e os caracteres plenamente focalizados nos traços marcantes de suas personalidades e em seus aspectos physicos essenciaes.

Foge a processos bastardos, desprezando os truques de que lançam mão os falsificadores da grande pintura. Sem litteratura, sem decorativismo, Sylvia Meyer mostra-nos, com naturalidade, uma simples caixa de prata, um vaso, uma fruta, ou uma flôr, com o seu volume e colorido exactos.

Sua pintura modernissima é serenamente equilibrada. Agrada por seu vigor, sua alegria e sua sinceridade, e não por ser feita, servilmente, para agradar.

PAULO WERNECK.

Acaba de apparecer:

AGRIPPINO GRIECO

EVOLUÇÃO DA POESIA BRASILEIRA

Preço: 8$000

Pedidos a ARIEL, EDITORA LTDA.
Rua 1º de Março, 105, 1º and., s. 3
Rio de Janeiro

Leiam:
CIUME
admiravel romance de
RENÉ-ALBERT GUZMAN

LIAM O'FLAHERTY

Lançando á venda, no inicio deste anno, uma traducção do *I went To Russia* de Liam O'Flaherty, a Espasa Calpe tornou, desse geito, perfeitamente accessivel a esta parte da America um escriptor que carece conhecido. Principalmente, no Brasil, que deu materia para dois capitulos do *Two Years*, o livro autobiographico em que relata as suas primeiras aventuras de furamundo.

Liam O'Flaherty é irlandez. Ilhéo de Aran, essa celta que acredita trazer "o mar no sangue" parece contagiado mesmo da mobilidade oceanica. E, vale assignalado, o Brasil foi a terra dos tropicos que primeiro fascinou e attrahiu essa gaivota avida de espaço e de horizontes novos. Vinha elle de refazer-se do gravissimo ferimento com que um casco de granada o puzera fóra de combate, na grande guerra, quando, após algumas tentativas frustadas de readaptação de vida, resolveu engajar-se como foguista de um cargueiro que se destinava á America do Sul. Fôra, antes, porteiro de hotel e, vagabundo em Londres, passeou muitos dias a sua inquietação ao longo do Tamisa até que se decidisse a ceder aos impulsos do seu temperamento febril de aventureiro.

A intenção de O'Flaherty, ao emprehender a travessia do Atlantico, era abandonar o navio no porto do Rio de Janeiro e realizar uma grande aventura em nosso paiz. Dahi, a sua alegria (*I danced with joy!*) ao avistar pela primeira vez a terra do Brasil. A visão da Guanabara o deixou maravilhado. "Eu duvido — escreveu elle, abrindo o capitulo *On the Beach* — que haja no mundo um lugar tão bello como o Rio de Janeiro. No momento em que o nosso navio transpoz a estreita garganta do seu magnifico porto eu fiquei extasiado. Através da tranquilla bahia, repleta de navios e lindas embarcações, repousa a cidade, sobre terraços, com majestosas montanhas por traz e, á esquerda, o grande pão de assucar. Arvores e plantas tropicaes por toda a parte. Tudo resplandecia sob o brilho da luz solar. Nem lama, nem fumo e, apparentemente, nem bairros pobres. Maravilhoso como uma historia de fadas! Deante desse phenomeno de belleza, eu me esquecera de que não tinha dinheiro, que os meus olhos, as minhas narinas e as minhas unhas estavam ennegrecidos pelo pó do carvão, que as minhas vestes estavam rotas e que eu era um desconhecido e um indesejavel estrangeiro."

Nesse extase, vio elle, ao fixar as vistas em certo ponto da cidade, um annuncio em letras descommunaes — "Bebam Antarctica" — que lhe atiçou mais vivamente o desejo de galgar o caes. Emquanto o navio permanecia ao largo, entreteve-se agradavelmente com a algaravia, em calão portuguez, mesclado de palavras inglezas, dos vendedores de frutas e, clandestinamente, de cachaça (*gashasa*) que, em pequenos botes, acercavam o navio.

Os homens da descarga o impressionaram estranhamente e, merecendo-lhe elogios, alternados de repulsa, deram ensanchas ás suas primeiras "blagues" sobre a nossa gente: "Os trabalhadores brasileiros são espantosos. Elles trabalham núa da cintura ácima, a tagarellar todo o tempo. Parecia não haver ordem entre si. Eram quasi todos de côr. Os portuguezes, no meio delles, pareciam completamente decadentes, mas os negros tinham bellos physicos e disposição alegre. Eu os conversei por algum tempo. Elles se manifestavam muito interessados em saber se a Europa e a America do Norte eram semelhantes. Tinha eu visto a neve? Que era isso? Morria-se de frio no norte? Elles eram como creanças, mas sem a delicada belleza das creanças. Causavam-me repulsa."

Esse trecho é caracteristico da maneira como Liam O'Flaherty confeccionou as suas impressões sobre a nossa terra e, posteriormente, sobre a Russia sovietica, retratada ou caricaturada por elle no *I went To Russia*.

Ao saltar no Rio (trazia elle no bolso apenas oito shillings...), novos enthusiasmos o assaltam, simultaneamente com outras decepções: "A esplendida cidade começou a perder o seu brilho tão depressa eu me puz em contacto com os seus habitantes. Os vadios, no caes, pareciam mais decadentes que os trabalhadores. Tinham as faces macilentas e os seus movimentos eram tardos. Pareciam gastos. Mas eu estava disposto a agarrar-me fielmente á minha romantica visão e me dizia a mim mesmo que era simplesmente a escória da população que rondava o cáes. Adeante, em magnificentes vias publicas, eu deparei gloriosos typos da humanidade, dignos de tal sumptuosa cidade."

A Avenida Rio Branco o enthusiasmou até ao estonteamento: "Parecia-me que o meu sonho se tornára realidade, pois a belleza daquelle trecho me empolgou. Eu caminhava acima e abaixo sem poder abandonal-o." Um pequeno vendedor de jornaes veio, porém, arrebatal-o a tal magia, insinuando-lhe, maliciosamente, a direcção da rua Vasco da Gama. O'Flaherty hesitou um pouco; afinal, pôz um pence na mão do garoto e deixou-se conduzir ao quarteirão, *to the brothel quarter*... Achou-o mais attrahente que o de Dublin. Mas não foi bem succedido. Escorraçado de certo bordel por uma patricia que lhe fizera grandes festas antes de saber que elle não dispunha de dinheiro, foi aboletar-se num pequeno café e mais tarde, na "Casa do Machaco" (!), como elle o diz querendo referir-se a um estabelecimento denominado "A Casa do Macaco". Dentro em pouco, porém, viu-se elle envolvido numa altercação de maritimos e, esgueirando-se da "Casa do Machaco", já então "desapontado com a cidade", tomou o rumo do caes para se metter a bordo. Mas a fadiga o venceu a meio do caminho e O'Flaherty, deitando-se sobre um grammado, proximo do mar, ahi adormeceu.

Havia já tres dias que elle errava pela cidade quando resolveu pôr em pratica o seu plano de abandonar o navio e internar-se na floresta para "conquistar o Brasil, tornando-se Deus" (*conquering Brasil and becoming God*), segundo os designios de sua exaltada phantasia de celta. Afastando-se, nesse proposito, da cidade, deparou elle, ainda no suburbio, um grande estabelecimento, onde funccionava certo collegio, o que veiu a saber por um conterraneo que ensinava ali o francez, aprendido entre nós... Esse irlandez que livrou de maiores vexames tal estrangeiro surprehendido a errar pelo parque, que circumdava o collegio, custou a acreditar não estivesse elle maluco quando informado de seus planos de vida no Brasil e, meio apiedado, procurou sustar-lhe a insolita jornada, arranjando-lhe um emprego no estabelecimento. O'Flaherty deteve-se, ali, uma semana e foi o sufficiente, insinúa, sempre "blagueur", para aprender tão bem o portuguez que, ao voltar á cidade, na ancia de obter no-

A PROPOSITO DE GORKI

Maximo Gorki recebeu, nos fins do mez passado, a mais carinhosa manifestação que até hoje já consagrou a Russia Sovietica a um homem de lettras. Os intellectuaes proletarios conseguiram elastecer essa homenagem de um modo inedito para com escriptor vivo: sabe-se que tomou o nome de Gorki o primeiro Theatro Academico de Moscou, que se fundou um premio Gorki para distribuição annual entre estudantes superiores, que foi iniciada a edição especial de suas maiores obras, e, ainda, que a cidade de Nijni-Novgorod, onde elle nasceu e passou a sua infancia, hoje se chama Gorkigrado. E' o que de mais importante nos informam noticias esparsas de jornaes.

Mas não é a um estheta que a Russia homenageia, a um dilettante da litteratura. E' toda essa festa dirigida a um intellectual que reune em si um homem, um artista e um revolucionario.

Foi Gorki quem mais a branco e preto revelou á Russia o seu mundo de miseria na epoca czarista. Elle viu a vida cara a cara, foi o adolescente que não viu o mundo por intermedio dos romances, mas através da realidade mais palpavel, mais accessivel ao appetite dos seus cinco sentidos. Gorki experimentou a vida, encheu os seus ternos olhos azues da sombria paizagem russa e aprendeu assim — aproveitamos aqui o que elle proprio disse de Dickens — a mais difficil das artes: a de amar os homens. Aventureiro por instincto, com um temperamento de cigano, alimentado por essa meio mysteriosa inquietude que orienta certos destinos como uma bussola bohemia — Gorki é hoje um homem que póde dizer como Baudelaire: "J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans."

A sua obra é toda uma lição de fraternidade; um espectaculo simples mas extraordinario da dôr humilde e das tragedias anonymas. A vida dos "va-nu-pieds", dessa legião infinitamente desgraçada do bagaço da sociedade burgueza, era isso todo o grandioso de Gorki. E o seu milagre — Wladimir Gozner tambem nota isso — era saber dizer tudo simplesmente. Póde-se, a proposito, notar que talvez não exista em Gorki um romancista realmente grande, um romancista da força imaginativa de um Dostoiewski, encarando-se ahi o romance dentro daquelle sentido restrictamente creacionista que Ramon Fernandez lhe quiz dar, num seu antigo e admiravel ensaio sobre Balzac. Mas o insuperavel em Gorki é o narrador, manejando quasi voluptuosamente as côres, todo se desdobrando em movimento; o narrador que tem talvez muito a ensinar aos escriptores proletarios de hoje. E' o "novellista" de Ramon Fernandez.

Hoje, com os seus sessenta e tantos annos, vive Gorki durante seis mezes ao anno recolhido em Sorrento, com o seu ar que não cansou de olhar a vida, com os amplos bigodes ruivos em "marquise" sobre os labios, com o terrivel oito dos buracos dos pulmões, com o mesmo pensamento marxista-leninista a orientar a sua visão melancolica do mundo burguez. Nos outros seis mezes, está na Russia, e a sua volta descobre nelle o homem de acção. São seis mezes de visitas e conferencias continuas, de acção livre de critica e doutrina, vendo tudo claro com os seus olhos claros.

A homenagem da Russia, portanto, se explica: não pertence Gorki, como nunca pertenceu, áquella classe de esthetas a que Trotsky chama de "insulares", classe de homens submettidos tristemente a um barbaro dominio do intellectualismo, a ponto de se refinarem numa ausencia da vida real. E' ao seu primeiro escriptor proletario que a Russia quiz mostrar o tamanho de sua admiração. Depois, Gorki, que tem para as idolatrias e para as vaidades pessoaes um desprezo superior, sabe comprehender a razão e os effeitos dessa fraternal manifestação collectiva. Amoroso de sua vida á meia luz, Gorki saberá conservar a simplicidade antiga, saberá voltar para Sorrento a rever suas duas netinhas e para salubrizar os pulmões em ruina. Será o mesmo a escrever artigos para o *Izvestia* e as ultimas paginas do *A Vida de Klim Samguine*. No fundo, assim, continuará o mesmo homem, o mesmo artista, o mesmo revolucionario.

VALDEMAR CAVALCANTI.

---

ticias da Europa pôde ter conhecimento da declaração da republica irlandeza simplesmente através da "manchette" de um jornal carioca, talvez *O Paiz*, que, na sua graphia, passou a ser *O Paz*.

Essa noticia veio espavorir a idéa que o atenazava, de "conquistar o Brasil, tornando-se Deus". E ao encerrar o capitulo, que iniciára a atirar braçadas de rosas sobre a cidade, fel-o em detrimento do homem, que a aformoseou, corrigindo, aqui e ali, a natureza, para regalo dos civilizados, ao frizar que regressava ao velho continente com a sua fé renovada na superioridade do homem europeu. O'Flaherty não é, aliás, o primeiro a proclamar que só ha de pequeno e inferior no Brasil o homem que o habita. Pena é que a sua leviandade de aventureiro preoccupado em produzir livros sensacionaes se compraza em querer assimilar paizes, como o Brasil e a Russia, em poucos dias de perambulação pelos *bas-fonds* de suas capitaes. Não obstante esse defeito fundamental, a obra de Liam O'Flaberty delata um observador agudissimo quando realça, por exemplo, os contrastes que differenciam o homem brasileiro do portuguez.

EUGENIO GOMES.

BIBLIOGRAPHIA: NOVELLAS — *The Neighbour's Wife* (1924); *The Black Soul* (1924); *The Informer*, traduzida em varias linguas (1925); *Mr. Gil Hooley* (1926); *The Life of Tim Healy* (1927); *The Assassin* (1928); *The House of Gold* (1929); e *The Return of the Brute* (1929).

NARRAÇÕES IRLANDEZAS — *The Tent* e *Spring Sowing* (1926); *The Fairn Goose* (1927); *Red Barbara* (1928); e *The Mountain Tavern* (1929).

IMPRESSÕES DE VIAGEM — *Two Years* (1930) e *I went to Russia* (1931).

— Armand Somès procura resuscitar o pharmaceutico Homais de Flaubert.

— No volume *Le rire et la scène française*, Félix Gaiffe não estuda o riso nem sob o aspecto scientifico nem nas suas projecções estheticas. Seu desejo é apenas evidenciar que o riso se modifica segundo os costumes, as idéas, os sentimentos.

— Um dos bons prosadores viennenses vivos é Raul Auernheimer, que se filia á escola de Schnitzler, de quem possue a leveza e a graça, sem acompanhal-o em certas manifestações de pessimismo que amarguraram o fim da vida de seu modelo. Amigo de pôr em scena as personagens celebres, Auernheimer fez de Henrique IV a figura central de uma peça e noutra evocou, em bellos versos, a passagem de Casanova pelo ambiente aristocratico de Vienna.

— Exhibiu-se aqui no Rio, com o titulo *Não matarás!*, uma fita baseada na peça *L'Homme que j'ai tué*, de Maurice Rostand.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE — PARLAMENTARISMO E PRESIDENCIALISMO NO BRASIL — *Calvino Filho, editor* — Rio de Janeiro, 1932.

No Brasil muito pouca attenção se tem prestado ás bases e caracteristicas de funccionamento do regimen parlamentar. As massas quasi esqueceram ou preferem ignorar o parlamentarismo. Pude ter bem a impressão disso, quando alguns dias após a revolução victoriosa de 1930, quando a todos parecia que iriamos entrar em um agitado periodo de discussões ácerca do novo regimen politico a adoptar, escrevi alguns artigos, mostrando ser o parlamentarismo o que menos mal satisfaria ás complexas condições de nossa organização e ás indecisas tendencias de nossa mentalidade geral. Mesmo nos meios cultos, os meus artigos foram acolhidos com frieza ou com espanto, e não raro ouvi, expressas com cortezia, opiniões que consideravam minhas idéas como interessantes mas perigosas. Si me deixasse levar pelo que me diziam, quasi me convenceria serem ellas originaes, tão novas e mesmo insolitas appareciam ellas em nosso meio. Capacitei-me então da necessidade immediata de uma grande propaganda, essencialmente de esclarecimentos, de aspecto preponderantemente educador, em uma palavra, de uma vasta acção de ensino, que mostrasse em termos precisos e simples, a essencia do regimen parlamentar, como elle funcciona e se desenvolve, quaes as suas vantagens, e, tambem, com grande imparcialidade, quaes os seus defeitos. Porque defeitos elle tem sem duvida alguma, mas uma das qualidades proprias desse regimen é sua grande elasticidade, é a faculdade de se amoldar a condições novas, é, em summa, sua perfectibilidade indefinida. Não é rigido, inteiriço, intangivel, estreito e acanhado, como se nos apresenta o regimen presidencial. Mostra uma capacidade indefinida de differenciação, de progresso, de melhoria, e sobretudo de adaptação ao meio.

Essa propaganda, essa vasta acção social de doutrina politica, afigurava-se ao meu espirito tentadora e util, mas eu sentia bem não competir a mim fazel-a de um modo por demais activo. Faltava-me auctoridade em questões politicas, e sobretudo seria a mim impossivel achar o tempo necessario para isso. Mas foi sempre com especial prazer, e por vezes com verdadeiro enthusiasmo, que acompanhei os differentes ensaios de luta por um ideal que julgo digno dos melhores esforços.

Não poderia, pois, deixar de correr apressado á procura do livro do Snr. Medeiros e Albuquerque, logo que delle tive noticia. Nessas paginas se encontram, postas ao serviço da causa parlamentarista, as preciosas qualidades de clareza, de simplicidade e de sinceridade a que nos habituou o seu auctor. Declara-nos este ser o seu volume um livro de doutrina. De pleno accôrdo; mas a doutrina é exposta com a espontaneidade de uma palestra despretenciosa e encantadora. Tem-se a impressão que, para documentar suas asserções, o auctor não recorre aos textos da historia politica. Deixou principalmente que de sua memoria accorressem as recordações, os commentarios em tal ou tal época suscitados por taes ou taes acontecimentos. Dir-se-hia ter utilizado de preferencia os elementos variados e numerosos de uma vasta experiencia, os resultados de uma grande observação pessoal.

Util para os que estudam systematicamente as grandes questões politicas, o escripto do Snr. Medeiros e Albuquerque põe ao alcance de todas as intelligencias o essencial da questão, e isso o consegue sem nenhuma schematização excessiva, sem as deformações difficeis de evitar no esforço de simplificação que tantas vezes prejudica o trabalho do vulgarizador.

As idéas parlamentaristas do auctor não são de hoje. A maior parte do volume é a reproducção de escriptos antigos, e, em mais de uma occasião, o commentario ainda se refere a actualidades que o foram ha quasi vinte annos. Apezar de não temer pessoalmente as mudanças de opinião, o Snr. Medeiros e Albuquerque nos demonstra assim que o estudo e a reflexão, longe de leval-o a outras tendencias, cada vez mais o mantêm em suas antigas idéas parlamentaristas e isso é bem significativo.

Livro sincero, o volume actualmente posto em circulação era necessario. Serve á bôa causa e certamente concorrerá para preparar melhores dias para nosso paiz.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

— Os francezes continuam a exaltar a obra de Léon Bloy, mystico e pamphletario, escriptor flammejante, fecundo em apostrophes e vaticinios á moda dos prophetas de Israel. O prosador anti-burguez por excellencia, defensor dos judeus, inimigo de Bourget e enthusiasta da memoria de Barbey d'Aurevilly, aquelle que converteu Jacques Maritain e tantos outros ao catholicismo, já se vae transmudando em figura official e já se escrevem memorias e theses de caracter meio academico a proposito da singularissima creatura que rilhava os dentes ou cahia em tremendas vociferações sempre que lhe falavam em academias e reitores.

LIVROS NOVOS

Guelfo Civinini não desfructa de bom renome entre os modernos da Italia. Seja pelo gosto das aventuras romanescas, da falsa psychologia cosmopolita, ou pela morbidéza de estylo, o caso é que os moços da peninsula nunca o tomaram muito a sério e não estão longe de egualar-lhe as poesias ás cantilenas musicadas por Tosti e Toselli. Quando, por exemplo, Papini, ao organizar uma anthologia, incluiu versos de Civinini ao lado dos de Jahier e Govoni, não faltou quem protestasse, accentuando que o autor da *Stella confidente* não merecia as honras de uma tão illustre companhia. Mas, agora, a publicação de um seu novo livro, *Odor d'erbe buone*, dá ensejo a que um critico francez elogie Civinini, assignalando que elle tende a melhorar, por isso que vae abandonando os artificios de narrador internacional e voltando-se para o estudo directo da Italia provinciana, em paginas que possuem realmente o gosto do seu torrão.

— Em *Tobie et l'Ange*, Stella Benson faz uma especie de parodia, não de todo irreverente e por vezes mesmo sentimental, á velha narração biblica. Nenhum processo de deformação capciosa, mas apenas a adaptação de uma antiga moldura poetica a scenas e figuras de um caracter de modernidade que os nomes e as allusões judaicas mal conseguem disfarçar.

— Está circulando em França, com grande successo de livraria, uma nova *Resurreição de Sherlock Holmes*. Mantem-se assim a nomenda posthuma desse copioso e sympathico Conan Doyle que, embora sem a arte de Poe e mesmo sem as subtilezas judiciarias de Gaboriau, tanto prestigio infundiu ás machinações e ás tramas do romance policial. E, lendo-lhe as novellas, ha quem tambem releia o seu volume autobiographico, sincero e despretencioso sempre, mesmo em trechos que não redundam na glorificação do autor, como quando este confessa os seus insuccessos de medico, as suas derrotas eleitoraes de candidato a deputado ou a frieza com que as altas autoridades militares da Inglaterra acolheram os inventos bellicos do creador de Sherlock...

"Cartilha da Probidade"

(Fernando Magalhães)

Quando menino, o livro de nossa geração infantil foi o *Porque me ufano de meu paiz*. Cheio de patriotismo e fé, o livro de Affonso Celso peccava pela exaltação. Não que o livro fosse mentiroso: era omisso.

Apenas as bellezas de nossa terra figuravam nelle e aos nossos olhos extasiados o Brasil era uma herança magnifica e perfeita. Com o tempo aprendemos quanta cousa ha ainda a fazer e a nossa desillusão foi grande e quasi nos levava de vencida.

Que tarefa pesada nos tocou! Mas temos caminhado e reagido debaixo de soffrimentos enormes e dolorosas experiencias. E, não queremos mais enganar aos que chegam. A tarefa é grande e desmedida. O livro da geração que apparece será a *Cartilha da probidade* de Fernando Magalhães. Não ha nella exaggeros mas uma realidade bondosa e humilde, um desejo que é fé.

Ha um collegio a que estamos ligados por velhos laços do coração. Costumamos mandar cinco livros para premios no final de cada anno. Parece facil, mas sempre nos foi uma tarefa difficil a escolha. Que livro mandar? Como achar um que diga o que vemos? Um que não exalte demais, que não desanime, que diga a verdade e que estimule?

Este anno os livros que mandámos foram todos iguaes: cinco cartilhas da probidade. E os meninos premiados hão de ler: "Nada escapa á communhão disciplinada e imperecivel. O seixo a rolar será barreira que segura, a folha vacillante humo que fecunda, o galho resequido chamma que aquece, e até o vento que sopra, vadio ou raivoso, transporta a semente capaz de vestir de verde a nudez da montanha pedregosa." E mais além: "Dá ao teu braço aptidão e obediencia. Não o deixes bandear para a rebeldia, caminho da destruição. Tudo quanto é permittido alcançares póde variar na serventia. A pedra levanta o templo ou lapida o innocente; a agua gira o moinho ou inunda a seára; o fogo refaz o tiritante ou destróe o abrigo."

O capitulo: "Exultarás de bondade e de justiça pela grandeza do Brasil", devia ser lido por todos que têm responsabilidade nesta terra. E até a poesia, a poesia superior e cheia de ternura, veiu envolver todo o livro.

Este pequeno poema, quando fala de amor, dirá melhor que nós: "Amor cheio de viço embora os annos o tenham desafiado, velhor amor que não envelhece; que não tem edade, nem môfo, nem fastio; que não lamenta a côr fugitiva de um cabello, a luz mureha de um olhar, o tom desmaiado de uma voz; mas que se alerta firme e dadivoso para se desdobrar no recreio de sumir-se e se esconde, brando e sujeitado, para se encantar na delicia de render-se."

Arnaldo Tabayá.

"A Illusão Litteraria"

Que prazer para nós o reencontro de um bello espirito como o do sr. Eduardo Frieiro! A proposito de um livro anterior, já lhe tinhamos accentuado as finissimas qualidades de ensaista lucido e culto, e este volume da *Illusão litteraria* dá-nos a alegria de ver que não nos haviamos equivocado ao confiar num moço que, residindo em Bello Horizonte e alheando-se aos inuteis estardalhaços de escolas mais ou menos falliveis, pensa e escreve com uma subtileza que lhe podem invejar centenas de cariocas rumorosos.

Nada do que occorre de essencial no mundo da intelligencia é estranho a esse incansavel turista dos livros. Antigos e modernos são egualmente pessoas das suas intimas relações. E como a penna desenvolta do sr. Frieiro circula através dos assumptos! Ha uma doçura liquida nos seus periodos, uma flúidez não frequente em nosso idioma, e um nobre desinteresse de homem de lettras transluz-lhe a cada passo nos escriptos, evidenciando não estar elle deformado por qualquer especie de tara professional.

Tendo a felicidade de não fazer da arte um mistér, como os jornalistas escravos do minguado vintem das gerencias, e só escrevendo sobre os assumptos que lhe são sympathicos, diz sempre coisas suggestivas sobre linguagem e estylo, grandiloquencia e vaniloquencia, exaggeros de originalidade, criticos e critica, mulheres escriptoras, etc., etc.

Sem se envergonhar de ser ainda, entre tantos cacographos e apedeutas, um devoto da religião flaubertiana da "obra bem acabada", nada negligencéia, nada deixa incompletamente inexplorado em suas rebuscas de humanista.

Deplorar-se-á, no sr. Eduardo Frieiro, um excessivo apego a varios modelos lisboetas já agora caducos e lamentar-se-á que elle não estime tanto quanto deve a carta de alforria que nos outorgou, em materia de lingua litteraria, o grande, o immenso Alencar, mas a verdade é que elle só o faz na defesa de determinados preceitos da tradição em arte e não para afagar a colonia, caçar commendas ou receber pelo correio livros com dedicatorias affaveis do sr. João Grave ou de outro qualquer dos Joões Lusos que permanecem na propria Lusitania...

Agora, dois ou tres detalhes, apenas para comprovar a attenção com que percorremos esse excellente volume de ensaios e aphorismos. A phrase de Stendhal, que o sr. Frieiro cita á pag. 68, é "Vengo adesso da Cosmopoli". Ao menos assim a encontramos numa obra de Paul Bourget, não tendo tido ensejo de a encontrar directamente em livro de mestre Henri Beyle. Ao seu "liber libertas" de p. 118, preferimos o "liber liberat", que era a divisa de Paul Groussac. A' p. 156, diz o autor que Flaubert "votava odio" a Voltaire. Não será bem assim. Ao menos, em passagens da *Correspondance*, Flaubert confessa haver-se empanturrado da leitura de Voltaire e, mesmo assignalando a sua inferioridade como theatrologo e poeta puro, não deixa de reconhecer que diversas paginas do *Candide* são verdadeiras "maravilhas da prosa". Quanto a Daniel de Foe, do qual o sr. Frieiro escreve ter sido "um commerciante que jámais sahiu do seu habitaculo", tambem a expressão nos parece demasiadamente restrictiva. O creador de Robinson foi commerciante, mas tambem jornalista, pamphletario, esteve exposto no pelourinho, esteve na cadeia e até foi encarregado de uma especie de missão diplomatica na Escossia, o que tudo afasta a idéa de uma completa immobilidade atraz do seu balcão e das suas mercadorias...

Agrippino Grieco.

Que é o Feminismo?

A situação de expectativa em face de uma nova carta magna e a promulgação da nova lei eleitoral vieram ultimamente retemperar as forças das nossas feministas.

A litteratura feminista que, na velha Europa, como na joven America, já tem, pode dizer-se, a sua historia, tambem aqui já tem o seu passadismo. Tambem aqui ella evolveu, cresceu e multiplicou-se, deixando para trás a phase empirica e romantica, phase de que as sras. Albertina Bertha, Gilka Machado e talvez outras nos deram, faz annos, a expressão artistica. Tambem aqui a litteratura feminista entra hoje em seu periodo scientifico e desabrocha viçosa em um jardim de doutoras e psychologas e sociologas e criminologistas e... *j'en passe!*

Ora, se ha uma campanha ingloria em que se embalam muitas illusões e em que muita tinta, muito papel, muito dinheiro e muita energia se têm gasto, é, sem duvida, essa a que por ahi chamam o movimento feminista. Essa campanha, emprehendem-na hoje doutas militantes, cujas theses, depois de discutidas nas associações, federações e confederações, dahi extravasam para as columnas dos "interpretes da opinião", que muito bem sabem quão anodyno é esse feminismo de "élite".

Certo, ninguem ousaria hoje, sem paradoxo, recusar ás mulheres o lugar ao sol, a que têm, como todos, um direito inconcusso. Certo, não são sómente os discipulos de Comte, mas somos todos nós, os que reconhecem que o grau de civilização de um povo se mede pela condição da mulher. Animal domestico primeiro, escrava depois, depois criada, subdita em seguida e, emfim, menor, — taes as differentes posições que, dos tempos prehistoricos até a idade moderna, a mulher tem occupado na familia e na sociedade. Nas antigas legislações escriptas, no codigo de Manú, nas legislações de Athenas, e Roma, tem-se bem a prova do que era a posição da mulher na antiguidade. E ainda hoje, em muitas das sociedades chamadas p r i mitivas, como em varios paizes do Oriente, essa situação não mudou. Na India, não faz muito tempo, era obrigatorio o suicidio da mulher na fogueira após a morte do marido. E se tal pratica está hoje prohibida, todavia a viuva não pode sahir á rua, apparecer em publico, simplesmente porque "dá azar". (Cf. André Philip — *L'Inde Moderne*).

Já não é bem assim, certamente, nas civilizações occidentaes: a dignidade da mulher cresce aqui dia a dia e os privilegios do homem vão sendo atacados em todos os pontos. A mulher já intervem na educação, já pode, pelo trabalho, pelo exercicio de uma profissão, deixar de ser a manteúda do homem, pois já encontra accesso no commercio e na industria, no magisterio, nos cargos publicos e até, em certos paizes, na politica. De sorte que hoje, pode bem dizer-se, a mulher triumpha.

Mas, para que esse triumpho seja e continue a ser a dignidade da mulher, importa que jámais deixe de ser o triumpho tambem do individuo de um ou do outro sexo. O contrario seria o descredito do individualismo, que prega a emancipação do individuo independentemente da raça, da religião e do sexo e de que o feminismo, para ter sentido, tem que ser simplesmente um dos aspectos. Porque foi possibilitando o individualismo e o estatismo e, em consequencia, o socialismo, que a grande industria tornou igualmente possivel o movimento feminista. Foi ella, a grande industria, que veio dissociar os membros da familia, destruir a pequena officina que era o lar, separar marido, mulher e filhos, obrigando-os a buscar trabalho nas fabricas, nas profissões liberaes, nos empregos publicos, que, repetimos, se foram tornando accessiveis ás mulheres. Aspecto, portanto, do individualismo, o feminismo reclama os direitos do individuo tambem para a mulher, proclama-a a igual do homem nos dominios domestico, juridico, politico, profissional e intellectual, traçando todo um programma de reivindicações, cuja realização gradativa vem concorrendo para uma modificação de valores na sociedade e determinando alguns dos muitos problemas de reajustamento social.

Logo, se é em nome do individualismo, dos direitos do individuo, que o feminismo defende os direitos da mulher, forçoso é convir que elle tem que ser igualitario, anticapitalista, contra a hierachia economica, contra a burguezia exploradora, contra a mulher burgueza e rica que explora e opprime directa ou indirectamente o proletariado de ambos os sexos. Mas, nesse caso, chegamos a uma *contradictio in terminis*, isto é, a um feminismo contra a mulher. E' que na sociedade contemporanea o sexo, cousa biologica, de ha muito deixou de constituir unidade social, de ser caracteristica de um grupo, de uma classe. Esta, após o advento da grande industria, define-se mais que tudo pelo dinheiro. E o dinheiro, não somos dos que pensam com Vespasiano, que elle não tem cheiro, mas somos dos que affirmam que elle não tem sexo. Ha mais, porém: alli onde os homens não são socialmente iguaes, a mulher não pode ser a igual do homem; e alli onde as mulheres ricas opprimem e exploram as mulheres pobres e onde não ha, pois, igualdade economica e social entre as mulheres, qual é essa Mulher, com letra grande, cujos direitos o feminismo defende?

Conhecido chefe syndicalista dos Estados Unidos explicava certa vez ao sociologo allemão Goetz Briefs que "Democracy and equality are the fundamental principles of this country". "And the negro?" objectou Briefs. E o Americano: "The negro is no man." Não sabemos com segurança que idéa fazem da operaria negra, ou mesmo branca, as nossas doutoras feministas. Mas, a julgar pelo movimento que chefiam, tal idéa deve ser que "isso" não é mulher...

O feminismo é, assim, uma dessas tantas palavras de que se serve amiude o *homo loquens*, na doce convicção de ser o *homo cogitans*. Ou mais exactamente — e se *Ariel* nos permitte a linguagem das ruas — uma tapeação.

V. de Miranda Reis.

— Alberto Mocchini estuda Virgilio e de preferencia os varios aspectos que essa creatura millenaria vem assumindo através dos seculos, ora tomando a figura de mago, de propheta, de annunciador da vinda de Christo, ora a de mestre de energias civicas, de precursor talvez da obra de imperialismo e unidade romana dos fascistas.

— Henri Malo, em livros ou em conferencias, continúa a tratar da vida dos corsarios e das aventuras desses depredadores por vezes pittorescos. Conhece bem os habitos dos flibusteiros e tem o dom de efabular com relativa elegancia.

DE PARIS

Novidades Litterarias

Debout les vivants! de Victor Marguerite.

"Emquanto eu viver, não haverá guerra", declarava Aristides Briand. Dir-se-ia que Victor Marguerite — que acaba justamente de consagrar um grande livro a uma grande memoria — retomou por sua conta a formula do grande desapparecido. Nada existe de mais commovedor, nesta epoca cahotica, angustiante, de crises interiores e de perigos externos, em que se debate a Europa e o mundo inteiro, que o esforço persistente, obsedante de um homem, de um escriptor de tal tempera, que poderia seguir o caminho facil dos puros exitos litterarios.

Outróra no *La patrie humaine*, hontem neste poderoso romance *Non!*, Victor Margueritte lançava a publico e popularizava de um golpe a idéa de objecção de consciencia capaz de ferir de morte o "bellicismo berrante", de accôrdo com uma expressão de Bernard Shaw. Hoje, no seu novo livro *Debout les vivants!*, elle nos traz um novo projecto graças ao qual o "rebanho" povo encontraria o meio — um meio immediato e legal — de preservar dos horrores guerreiros a carne tenra de seus filhos.

O *Referendum!* Como isto é simples! O referendum — pura expressão da vontade popular — tornado obrigatorio antes de qualquer mobilização. Se essa medida, consagrando, emfim, o direito dos povos de disporem, realmente, de si mesmos, tivesse tido entre nós, força de lei, poderemos pensar que o conflicto de 1914 não se teria realizado. E' espantoso, mas é exacto.

O *Referendum*: Victor Margueritte não traz para aqui apenas a sua visão de apostolo e de poeta. Logicamente, elle desce aos menores detalhes da lei de organização que, amanhã, seria bastante para que um senador ou deputado propuzesse ao Parlamento e á Assembléa de votar, afim de que não se pudesse mais, no futuro, lançar a França na fogueira, como se fosse um graveto.

A grande voz de Victor Margueritte não se dirige somente á França; mais uma vez ella lança, além fronteiras, um appello humano. Que á sua volta, que ao seu grito magnanimo de *Debout les vivants!* os vivos, de facto, se reunam, que as bôas vontades se congreguem, que as opiniões se alliciem, que se encontrem, emfim — seja embora um minimo por nação, — alguns representantes do povo, ousados, fervorosos, cheios de talento e coração, e talvez que o universo, libertado do espectro que faz tremer as mães, poderá porfiar na obra de reconstrucção que é, neste momento, o unico dever.

*

Une merveilleuse: Madame Tallien, de Paul Reboux

Eis uma das figuras mais curiosas da Historia, na longa galeria das mulheres celebres.

A' margem da Revolução e do Directorio, Madame Tallien levou uma vida de festas e de prazeres, começada cedo, logo na mocidade. Ella se dividiu entre esse parlamentar loquaz e cupido, que foi Tallien, um terno amoroso de quatorze annos, Bonaparte nos seus primordios, Barras no seu apogeu, o financista Ouvrard e não sei que outros... Emfim, princeza de Caraman-Chimay, ella morreu de despeito de não ter sido admittida na alta sociedade. Tal foi a mulher que presidiu á longa orgia do Directorio, epoca em que os refinamentos da gastronomia, da volupia e da elegancia fazem pensar no nosso periodo de após-guerra.

Com a sua arte de contar, uma lingua alerta e viva, Paul Reboux evoca admiravelmente essa vida toda consagrada ao amor, á ambição e ao prazer. O novo Thermidor é esclarecido neste livro de uma maneira inesperada. Vê-se que Tallien desejava a morte de sua amiga. Policiaes jacobinos urdiram, num estylo de aristocrata, afim de perdel-a, a famosa carta de exhortação de que, mais tarde, a propria Madame Tallien chamaria a si a autoria, afim de fortificar o enthusiasmo popular.

Nisso tudo existe um caso de erro collectivo, de hallucinação das multidões, que Paul Reboux desenvolve com magistral talento.

Mémoires d'un gangster, guarda da brigada de Al Capone, por Jack Bilbo. Traduzido do allemão por Charles Burghard.

O espanto será vivo, sem duvida nenhuma, no immenso publico para o qual a actividade dos gangster é um problema apaixonado, quando forem lidas essas memorias, cujo autor não é outro senão um dos collaboradores immediatos do famoso Al Capone. O impressionante retrato que elle fez de seu chefe, a sua narrativa de alistamento no bando, as suas primeiras surpresas á medida que descobria as diversas engrenagens da machina, cuja caixa de corrupção para emprestimos aos funccionarios não é das menos curiosas, — emfim os differentes ataques a mão armada nos quaes o autor tomou parte, extraordinarios não só pela habilidade da sua concepção como pela audacia fria com que eram executados, eis as diversas partes do prodigioso "canhenho secreto" de que cada parte tem um interesse particular e isola-se num quadro cheio de sabor e colorido.

Sem discorrer sobre as causas ou as consequencias moraes de seus actos, o homem que se assigna Jack Bilbo não quer mais do que dizer o que viu e como viu. Um travo de verdade, de confidencias bastante cynicas, mas sobremodo empolgantes, é o que marca o interesse dessas paginas, de leitura attrahentissima.

*

Un nègre très aimé (romance americano) — Traducção de Nad de Cyon.

Numa epoca em que a attenção universal se volta, em todos os dominios, para o "problema negro", este livro de Gilmore Milien despertou a curiosidade dos muitos milhares de leitores yankees. Neste romance conta-se a vida, vida instinctiva, natural, sensual, de um preto americano, John Henry. Vida sensual, o facto é exacto, pois que mais do que em qualquer outra raça, o desenvolvimento, a expansão, a carreira de um *coloured man* são estrei-

MICHEL BAKOUNINE —

"CONFESSION"

Edição Rieder — Paris, 1932

Alguem que intentasse reviver, hoje, a empolgante figura de Bakounine, examinando objectivamente sua acção e importancia no movimento de renovação social do seculo XIX, viria reparar o incomprehensivel esquecimento em que resta o grande russo nos dias actuaes. Prestaria, ainda, um serviço de grande valimento mostrando que se póde consideral-o, com justeza, um dos symbolos de idéas que não pereceram. Até o limite — tão precario — em que é possivel conjecturar sobre a evolução das tendencias do amanhã, deve-se acreditar que Bakounine tornará a exercer nas multidões o imperio que galhardamente exercera.

A floresta do marxismo não chegou de todo a escurecel-o. Já se divisa a clareira em que nos apparece aquelle sonhador da liberdade *à outrance*. Não fôra a transformação psychologica da mentalidade proletaria, que ao invés de Bakounine preferiu Marx, — transformação que a conduziu a aspirar o poder para o exercicio do odio que se deriva da chamada theoria da lucta de classes — e, talvez, a corrente vencedora seria aquella de Bakounine, prégando a liberdade para todos, sem classes, sem rancores, sem hierarchias e castas...

Todos os apostolos encontraram sempre detractores de suas nobres e alevantadas acções. Bakounine não fugiu a essa idiosynerasia da humana maldade. Em sua biographia se nos depara o motivo escolhido para deprimil-o. E' o da celebre "Confissão", agora publicada pelos editores Rieder, de Paris, traduzida do russo pela senhora Paulette Brupbacher.

Documento p o u c o conhecido, através delle Bakounine relata ao imperador Nicolau I, seus crimes e solicita, por fim, a graça do Csar soldado. Os criticos avessos a Bakounine verberam-lhe o tom de humildade que se nota na curiosa peça e entendem ver o heroe deshonrado capitulando ao sopro do infortunio. No entanto, quando se lê, attentamente, a "Confissão" de Bakounine, ainda mais se lhe admira a coragem moral. A submissão, a humildade, os elogios, a delicadeza da fórma em que se exprimiu, alli não se acham senão como artificios habeis da sua grande intelligencia, para fugir ás galés siberianas e retornar á lucta desabrida contra a autocracia, contra as tyrannias todas! Os factos assim o demonstraram. Exilado de 1857 a 1861, vamos encontral-o, após a fuga, em Londres, ao lado de Herzen na liça encarniçada. Ha na "Confissão" passagens que estremeceram Nicolau, passagens fulminantes para o orgulho imperial do Senhor de todas as Russias. São aquellas em que o democrata, o liberal, se colloca ao lado da Polonia, elogia seus symbolos e refere, com calor, os impulsos patrioticos de Mickiewicz.

A "Confissão", humilde na apparencia e na fórma, mas audaciosa na essencia, restabelece a verdadeira figura moral do grande sonhador-realista que foi Bakounine.

UBALDO SOARES.

---

tamente dirigidos pela sua evolução amorosa.

Tomae este heroe, este negro "muito amado" que é John Henry, e acompanhae-o nas suas primeiras experiencias. Elle se delicia com a carne branca, o patife! Elle a saboreia na sua ligação com Ida, que se orgulha de tel-o acorrentado ao seu amor. Puro engano! O instincto procreador, o generoso dom polygamico que aquece os rins de John Henry, arrasta-o para longe do Mississipi, até a velha Europa, onde elle vem a conhecer as aventuras mais inesperadas e perturbadoras. Necessidade de ganhar a vida... Como é muito melhor não ter que fazer nada! Não ter que fazer nada senão adorar mulheres já maduronas. Uma dellas dirige um "conventilho" e é, talvez, a mais suave etapa na vida agitada do nosso Adonis de pelle fusca. De como elle volta á terra natal e torna a rever Ida, justamente no instante em que é todo carinho e attenções junto á rica Madame Barbara Penfield... De como, ao fim, perpetra-se um crime, de que o azar foi, talvez, o unico protagonista... Tudo isso são cousas impossiveis de resumir, mas que fazem deste romance, rico, vigoroso, singular, e humano, cheio de quadros novos e notações intelligentes, uma das obras mais curiosas que tenhamos lido nestes ultimos tempos. Não ha duvida: a alma profunda e os habitos estranhos deste "negro muito amado" merecem ser conhecidos.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

DA BIOGRAPHIA

Quem desejar conhecer a fundo a personalidade de um escriptor, deve ler as suas obras, não a sua biographia.

Sem duvida, é sempre de utilidade conhecer os principaes traços biographicos, mas a individualidade do artista, a individualidade intima, esta só se mostra em toda a sua verdade através das differentes imagens e idéas espalhadas em suas obras. E isto é natural, inevitavel mesmo. Não ha ninguem que escape ao seu "eu", muito menos um artista. Assim, toda obra de arte deve estar impregnada do cunho pessoal daquelle que a escreveu. Longe dahi deduzir que deva ser um livro uma especie de autobiographia. No mais das vezes, as circumstancias em que se movem as personagens são completamente estranhas á vida do autor, e as proprias personagens nada têm de commum com elle. Mas, de qualquer modo, elle imprime áquellas personagens e áquellas circumstancias uma parcella do seu sêr, pelo mero facto de lhe passarem pelo cerebro e pela sensibilidade ao se exteriorizarem. Pode-se comparar o escriptor a essas lampadas coloridas que, ao receberem e transmittirem a luz, lhe imprimem a propria côr.

A personalidade do escriptor, através das biographias, sae muitas vezes alterada. Quando essa alteração deforma, a gente se lembra da phrase de Wilde:

"Hoje todos os grandes homens têm seus discipulos, e é sempre Judas que escreve a biographia."

Lendo-se a vida de um escriptor antes de se conhecer suas obras, tem-se muitas vezes falsa impressão, pois elle nos apparece sob o prisma que lhe deu o autor.

Tudo isto não quer dizer ser superflua a arte biographica, uma das mais fascinantes, e tão realçada ultimamente com a apparição dos grandes escriptores Ludwig e Maurois. Mas seria aconselhavel, para se apreciar plenamente esses trabalhos, fazer antes um estudo das obras do biographado. Então poderiamos confrontar nossa propria impressão com a do biographo, e veriamos na biographia, não sómente uma obra de arte, mas tambem uma parcella luminosa da verdade.

ZULEIKA LINTZ.

"La Vie de Benjamin Constant"

L. DUMONT-WILDEN — *Libr. Galimard*, Paris.

Benjamin Constant foi o objecto de innumeras analyses psychologicas, serviu de assumpto para aquelles que queriam procurar a origem das taras da mentalidade moderna. Sua vida passou-se em fins do seculo XVIII e principios do seculo XIX. Foi a partir de quarenta e cinco annos que sua acção politica o fez conhecido, odiado por muitos, admirado por alguns, mas nunca verdadeiramente estimado. Póde portanto parecer paradoxal que seja elle considerado um dos exemplos caracteristicos de um modo de ser, que, por opposição dos solidos e coherentes aspectos do homem antigo, mereça a denominação de moderno. E' que elle foi um dos primeiros a ter a coragem de ser sincero, de não temer os prejuizos que lhe adviriam de uma attitude devendo traduzir em cada momento o que elle era nesse momento mesmo.

Essa sinceridade, essa lealdade para comsigo mesmo e para com os outros, deparava, porém, com obstaculos quasi invenciveis. Em sua auto-analyse não achava sua definição propria. Descendo profundamente em sua consciencia, procurando desvendar os moveis secretos que agiam do sub-consciente, nada encontrava de definitivo, de permanente, de estavel. Sua intelligencia hypertrophiada não permittia o desenvolvimento de crenças; nem crenças religiosas, nem crenças politicas ou sociaes, nem a fé nos individuos; nada resistia á sua implacavel capacidade de analyse, que tudo destruia, tudo disseccava. Muito menos acreditava em si. E o grande drama de sua vida foi essa contradicção entre uma sensibilidade fina e ardente, que tinha exigencias, que procurava applicação, e a impossibilidade de satisfazel-a, pelo menos completamente, em momentos de abandono e de intima confiança. Certamente perseguia-o a sensação, curiosa mas amarga, de ser em cada instante um actor. Um actor que representa papeis não préviamente escriptos, papeis improvisados, mas sempre um actor. E como elle proprio assistia mais ou menos divertido ao desenrolar da comedia, em um dado momento era assaltado por um tédio invencivel; interrompia bruscamente o espectaculo, deixando os outros espectadores, que mais ou menos o haviam tomado a sério, inteiramente desconcertados.

Uma alma profunda, mas vazia, uma sensibilidade aguda mas indisciplinada, uma intelligencia penetrante demais para poder ser satisfeita, e como resultante de tudo uma constante ironia exercendo-se sobre os outros e não poupando a si proprio; que se accrescente a isso uma necessidade inilludivel de agir, sem ter bases solidas para a acção; imagine-se um homem assim feito, vivendo em uma época de grande renovação, de effervescencia politica, de profundas transformações sociaes.

Benjamin Constant nunca pertenceu a ninguem. Nem Madame de Charrière, nem Madame de Staël, nem Madame Recamier, nenhuma dessas mulheres superiormente intelligentes puderam algum dia ter o sentimento de o dominarem, apezar de todas as apparencias. Muito menos ainda as suas mulheres legitimas. E muito menos ainda os grupos politicos que por vezes acreditavam utilizal-o disciplinadamente como instrumento a serviço de tal ou qual corrente de idéas. Como todo emotivo, elle procurava não fazer o mal e poupava a sensibilidade alheia, o que creava de vez em quando situações absolutamente inextricaveis. Mas no fundo, sua verdadeira personalidade, multipla e complexa, conservava-se livre e subtrahia-se a todas as paixões.

O livro de Dumont-Wilden permitte-nos, tanto quanto possivel, acompanhar o desenvolvimento desconcertante e apparentemente incoherente dessa vida tão cheia e tão attrahente. Ella nos offerece um dos mais bellos exemplos do que para muitos poderia parecer um paradoxo. a fecundidade do scepticismo, a extraordinaria acção de uma grande intelligencia incomprehendida e extranha, mas que se exerce plenamente segundo as leis occultas de sua mysteriosa formação. Benjamin Constant foi um dos creadores do romance psychologico, e seu *Adolphe* marca uma época na litteratura. Longos annos permaneceu desconhecido como escriptor, e sua gloria litteraria só fulgiu muito tempo após sua morte. Mas mais do que isso, foi um dos primeiros theoricos do liberalismo politico, e sua acção parlamentar caracterizou-se pelo ensino concreto e doutrinario, realizado a proposito de cada questão, desenvolvido de accôrdo com cada problema que surgia e que era um pretexto para a plena expansão de sua luminosa intelligencia. Permanecendo acima, ou melhor ao lado das paixões, julgando-as friamente, era sempre irritante ao sectarismo estreito de seus contemporaneos. Mas isso dava-lhe sua verdadeira superioridade: fazia alguma coisa que era independente das contingencias immediatas. Varias vezes foi accusado de fazer politica sem nella acreditar; é, em todo caso, uma attitude mais interessante do que a daquelles que acreditam na politica sem pratical-a.

Sua completa negação de principios, sua proclamada incapacidade de se prender a alguma coisa de profundo, quer como homem publico, quer como homem privado, suas accentuadas tendencias para a dissolução das idéas, não foram obstaculos á sua extraordinaria capacidade de trabalho. E á custa de uma assustadora instabilidade de sentimentos, aos quaes se submettia sem se deixar vencer, á custa de uma inquietadora dispersão de opiniões, acima das quaes sempre podia ficar, construiu conscientemente, mas sem enthusiasmo, uma obra definitiva. E' que seu espirito, como ás vezes acontece com os grandes sceptícos, não era um deserto. Ao contrario: tudo nelle medrava, tudo nelle se desenvolvia, mas nelle nada podia crear raizes profundas. Sómente quando transportados para outros dominios os fructos de sua intelligencia mostravam toda a sua riqueza e todo o seu saber.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

Está circulando em França uma boa traducção do *Pan*, de Knut Hamsun, publicada pelo editor Rieder. Muitos acham esse livro superior á *Fome* do mesmo escriptor escandinavo. Na *Fome* eram scenas autobiographicas de um aventureiro, um emigrado que tem de engalfinhar-se com a vida hostil, numa das horriveis babeis modernas, desfazendo-se em farrapos, curtindo longos jejuns bem perto das feéricas bacchanaes dos ricos. Mas em *Pan* vê-se melhor o poeta, o lyrico, o pantheista, em largas effusões deante das bellezas da terra, extrahindo calorosos poemas dos recantos e dos episodios mais humildes. E', a justificar o titulo, a verdadeira exaltação panica de um homem que se sente tão mergulhado na terra quanto as fontes occultas ou as raizes das velhas arvores.

Um culfor das lifferaturas de lingua hespanhola

Sylvio Julio, com extensa e variada cultura, alcançou justo renome em assumptos litterarios de lingua hespanhola. No genero, creio ser elle um dos poucos escriptores nossos que vêm divulgando, através de artigos e volumes, algo das lettras castelhanas. Deve-se-lhe a publicação de varios livros, entre os quaes *Apostolicamente*, *Estudos Hispano-Americanos*, *Idéas e Combates*, *Bolivar*, laureado pela Venezuela, e outros.

As suas producções, de um estylo sobrio e original — resultado de leituras e meditações — são simplesmente modelares. Estudou, com muita lucidez, o sublime autor do *Don Quijote de la Mancha*, obra prima da litteratura iberica, "livro que zomba de todos os outros", segundo o conceito de Montesquieu. Evocou o espirito classico de Santa Thereza de Jesus, reformadora do Carmello, autora de magistraes poesias asceticas; e analysou, com brilho, uma por uma, todas as novellas do valenciano Blasco Ibáñez, o "maestro incomparable", na opinião de Luiz Morote.

Aliás, bem merecidos os louvores ao romancista de *La Catedral*, indiscutivelmente uma das forças intellectuaes da Hespanha de hoje. Seus romances, bem como os seus contos e as suas narrações de viagem, correm nações, propagam-se por si mesmos, logrando traducções em francez, inglez, allemão, russo, italiano, etc. Vale a pena reler, de quando em quando, algumas paginas desse homem, morto ha cinco annos, que foi, tambem, um politico vigoroso, terrivel polemista e pamphletario. Sobre tão robusta personalidade tem Sylvio Julio um substancioso estudo. Além de analysar-lhe a obra, dá-nos a conhecer a sua biographia, bastante original. Porque elle, como Gorki, e tantos outros, chegou a passar fome. Aconselhou, certa vez, o córte da cabeça de Affonso XIII. Em consequencia disso, esteve preso durante seis mezes. Preparou-se para seguir a carreira da marinha de guerra, desistindo em seguida. Como se vê, uma existencia aventurosa.

São, tambem, de Sylvio Julio os ensaios sobre Pio Baroja, o novellista doutrinario; Perez Galdós, autor do romance *Misericordia;* José Maria de Pereda, "el primer novelista español después de Cervantes"; González Peña, escriptor mexicano, creador de *La chiquilla;* Zorrila de San Martin, politico, orador e poeta uruguayo, a quem se deve *La epopeya de Artigas*, onde existem paginas com falhas historicas, mas "de qualquer modo é modelo de inspiração, fonte de bellezas, que figurarão nas anthologias a titulo de trechos perfeitos"; Santos Chocano, Blanco Fombona, Eugenio Noel, Antonio Zozaya, Ricardo León, José Mas...

Os homens, as figuras mais representativas da cultura hespanhola estão bem desenhados por Sylvio Julio. São observações firmes, exactas, e obras assim, de divulgação, ajudam-nos a conhecer litteraturas tão proximas da nossa, quando não perfeitamente unidas pelas mesmas raizes communs.

A vinda ao Rio de Janeiro do poeta lyrico e épico Salvador Rueda muito deveu, não só á colonia hespanhola daqui, como a Sylvio Julio, um dos seus mais dedicados amigos. E aqui, em 1913, o homem coroado em Cuba, ao ser saudado no Collegio Militar, tinha nas mãos um album, onde se via impressa a imagem da bandeira brasileira. Dahi corresponder á saudação com um gesto puramente hespanhol, e muito significativo: "Yo no sé hablar, pero sé besar". E, emocionando o auditorio, beijou varias vezes, o pavilhão da terra que o festejava...

HILARIO CINTRA.

O SUCCESSO DE GEORGES SIMENON

Ha pouco tempo era René Lalou, um dos primeiros criticos da França, quem elogiava Georges Simenon, autor do *Mysterio de um morto*, do *Cão amarello* e do *Crime na Hollanda*, publicados pela Editora Ariel. Agora, o elogio é de Pierre Mille, um dos melhores narradores europeus contemporaneos.

Mille, tratando do romance policial, accentua, antes de tudo, que os principaes productos do genero são inglezes. "Cada anno apparecem dezenas, do outro lado da Mancha, que possuem todas as qualidades necessarias: uma especie de falsa sinceridade, de verosimilhança, mesmo uma impressionante apparencia de credibilidade. A mór parte dos congeneres francezes não têm o ar de tomar a sério o assumpto, as personagens não passam de titeres, emquanto nos nossos vizinhos, frequentemente ellas vivem, e vivem numa ambiencia social que existe, de modo a sempre ficar qualquer cousa, mesmo prescindindo da attracção do mysterio. No romance policial inglez ha sempre alguma psychologia, ao passo que no de França bem pouca subsiste. Tudo devido, sem duvida, ao nosso culto tradicional pela divisão dos generos."

Mas Pierre Mille accrescenta: "Venho, todavia, de descobrir nesse genero um francez bastante excepcional. Um francez? Não sei se o é e nunca o vi. Ignoro se é francez, belga ou suisso. Tudo o que posso dizer é que elle escreve em francez e até num optimo francez. E, na verdade, tenho a impressão de estar em jogo um animal extraordinario. Chama-se elle Georges Simenon. Visivelmente é um fabricante. Tanto quanto posso verificar, publica um romance por mez. Um contracto põe-no certamente na dependencia de um editor. Mas elle possue o dom. Ou melhor, seus dons vão muito além do mistér de fabricante. E chega-se a lamentar que elle os malbarate assim. Um pouco mais e seria a verdadeira, a boa litteratura.

Seu ultimo romance, *Chez les Flamands*, decorre em Givet, á orla da fronteira belga. A receita da praxe é observada. A historia começa pelo fim. Trata-se de averiguar quem fez desapparecer, ou assassinou, uma pobre rapariga, operaria da usina. Accusam uma familia flamenga, que recorreu, como de costume, a um detective parisiense. Nada de mais simples, como vêdes, nada de mais banal. Mas, justamente, é-se retido pelo que não se esperava encontrar. Não é só a surpresa das imagens novas que nem parecem rebuscadas, que parecem estar lá apenas impostas pela situação. Mas — o que é bem raro — encontra-se um ambiente, a pintura exacta de um meio, de uma casa, de uma familia flamenga.

Em Givet, ha o Meuse, e esse Meuse, no *Chez les Flamands*, é verdadeiramente o Meuse, em nada semelhante aos outros rios, com os seus bateleiros differentes uns dos outros, por isso que francezes, flamengos ou wallões. E depois um caracter de mulher — precisamente a criminosa — desenhado de maneira forte, com discreção, mysterio, enthusiasmo, sympathia. E' curiosissimo. E' bem o inesperado. E ha, em duas ou tres paginas, um fim original que faria o successo de um romancista russo. Tudo isso de quebra, de vendagem, como se o autor não o fizesse de proposito, e creio que é bem o caso: a obra de alguem que seria capaz de fazer alguma cousa de superior, e que não sabe disso, ou não quer saber disso..."

Ao que se vê, Pierre Mille, o saboroso creador de Barnavaux, aquelle que fixou, depois do Tartarin de Daudet, o mais delicioso typo de francez das colonias, lamenta que Simenon não insista um pouco mais na analyse das almas e não se faça logo o admiravel romancista psychologico que todos entrevêm nelle. Mas isso não importaria em prejudicar os milhões de leitores que acompanham, mundo a fóra, as proezas do commissario Maigret? E sem proveito talvez da alta litteratura, porque Simenon, se pretender mesmo o titulo de doutor em sciencias moraes, é capaz de vir a estragar-se e, assim, nem Gaboriau nem Proust...

Sobre Ferdinand Denis

O facto de se ter Ferdinand Denis interessado tanto pelo Brasil não significa fosse elle uma figura desprezivel nas lettras francezas. Escreveu longamente sobre a nossa litteratura e os nossos costumes, tratou amplamente da ida dos nossos selvagens a Ruão, mas nem por isso os outros litteratos gaulezes veriam nelle um escriptor para uso exclusivo dos americanos, para consumo do continente do cocar e da tanga. Ao menos Sainte-Beuve, que não era um elogiador complacente e frouxo, referiu-se varias vezes a elle, seja explicitamente, em paginas de critica, seja implicitamente, num retrato allegorico em que o dá como um homem sensivel, instruido, trepidante.

Muita coisa publicou em vida esse Ferdinand Denis. Mas, ao mesmo tempo, ia elle redigindo, para uma especie de represalia ou apologia posthuma, o seu *Diario intimo*, publicado não ha muitos mezes e finamente commentado pelo polygrapho Victor Giraud. Denis, que foi o André Bellessort da sua época e certamente valia mais que o medianissimo Xavier Marmier, especialista em autores do norte da Europa, teve o senso do exotico e o gosto das idéas, sendo capaz de felizes syntheses e não soffrendo de myopia ou estrabismo para ver e julgar creaturas nascidas fóra da França.

Em seus cadernos confidenciaes, mostra elle qualidades de habil reporter que marca no vôo de uma phrase o essencial de uma figura encontrada na rua ou num salão, a nota pessoal de um livro, o caracter predominante de uma casa ou de uma paizagem. Acima de tudo, porém (não fosse elle parisiense!), preoccupa-o o homem, o animal humano. Com que prazer mexeriqueiro via elle os burlescos infortunios de certos contemporaneos seus! Como se diverte com o casamento do gordo critico Jules Janin, tão temido pelos cantores e actores de sua época, ou com o egoismo grotesco de um Gustave Planche, o terrivel contendor dos romanticos, inimigo de Hugo e do banho, o tal a quem George Sand mandou de presente um sabonete, coisa ignorada por elle e que elle, suppondo tratar-se de uma guloseima, saboreou com a volupia de quem se regala num novo producto de confeitaria!

Admirador de Chateaubriand, que tambem viajara aqui pela America e narrara as suas viagens de modo muito menos fidedigno que elle Ferdinand Denis, o redactor do *Diario* jámais conseguiu ver o seu idolo de muito perto, só conseguindo entreter-se a respeito do mesmo com o seu secretario Danielo, por intermedio de quem mandou um dos seus livros ao velho René, sem, de resto, receber uma unica palavra de encorajamento ou de simples agradecimento.

A Lamartine chegou elle com mais falilidade e o cantor de Julie confessou-lhe descender espiritualmente dos italianos e dos inglezes, de Petrarca e de Byron. A parte de Byron era conhecida, mas a dos italianos é um tanto esquecida pela critica, preferindo esta insistir no debito do poeta para com alguns elegincos da propria França, Parny e outros.

Um que não lhe inspira nenhum medo, nenhum terror, é Victor Hugo. Fala delle sem se deixar impressionar muito pelas suas attitudes de futuro mago, observa-lhe a tendencia para a enfatuação verbal ou moral, parece divertir-se um pouco com as suas visitas ás torres da Notre-Dame, onde localizaria o monstruoso Quasimodo, e insiste nas faculdades de improvisação, na estranha virtuosidade desse homem incomparavel.

Finalmente, gosta da vida boheмia de George Sand e não se indigna, de modo algum, com os seus innumeros amores successivos...

A. G.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Agrippino Grieco — EVOLUÇÃO DA POESIA BRASILEIRA — Ariel, editora ltda. — Rio.

Eduardo Frieiro — A ILLUSÃO LITTERARIA — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte.

Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto — O CRIME, O CRIMINOSO E A PENA — 1º vol. — Officinas Graphs. Mundo Medico — Rio.

Affonso Celso, Afranio Peixoto, etc. — SEGREDO CONJUGAL — Civilização Brasileira — Rio.

Antonio Bôtto de Menezes — DA INVESTIGAÇÃO DA PATERNIDADE — Imprensa Official — João Pessôa.

A. Felicio dos Santos — CASOS REAES A REGISTAR — Livraria Catholica — Rio.

"BOLETIM DE ARIEL"

A respeito do primeiro anniversario da nossa revista, o *Jornal de Alagôas*, diario que se publica em Maceió, inseriu, no seu numero de 15 do mez passado, a seguinte noticia, que muito nos captivou e é para aqui trasladada com prazer:

"UMA REVISTA DE LETTRAS

A optima revista de lettras que os conhecidos escriptores brasileiros srs. Gastão Cruls e Agrippino Grieco lançam mensalmente á rua — o Boletim de Ariel, *inicion, com o numero de outubro, o seu segundo anno de vida.*

Ahi está uma quasi inedita prova de resistencia em cousas de litteratura no Brasil: nossas melhores revistas sempre se acabam nos primeiros numeros, fracassam sempre com os primeiros vagidos dos prélos. Tanto assim que como que se tornou uma tradição bem nossa, essa de matarmos na infancia as mais bem intencionadas iniciativas litterarias, com uma indifferença de barbaros. Indifferença que dá de nossa cultura uma pessima informação.

Por isso é que mais se salienta essa victoria meio magica do Boletim de Ariel. *O que parecia, aos "de fóra", uma simples aventura de intellectuaes, hoje, com um anno e tanto de luta premiada se torna cousa séria.*

Suas paginas, em que predomina um caracter irrestricto de independencia critica, foram visitadas, neste anno, por todos ou quasi todos os escriptores velhos e moços do maior relevo no Brasil. Todo o anno intellectual e editorial do mundo foi passado em revista no Boletim. *Oitenta homens de lettras falaram, analysaram e discutiram, entre elles alguns estrangeiros, o que dá maior valor ao caracter selectivo de sua collaboração: brasileiros e estrangeiros, com a maior liberdade, se acharam juntos, se sentiram amigos. E o* Boletim de Ariel *foi assim se firmando como o nosso mais interessante "rendez-vous" da intelligencia."*

UM CRIME NA HOLLANDA — Georges Simenon — (Col. *Os Mestres da Aventura*) — Ariel, Editora Ltda. — Rio, 1932.

Os *fans* dessa litteratura universal de crime e de aventuras encontraram em M. Georges Simenon, entre outras, duas qualidades especiaes e caracteristicas: a discreção, no emmaranhar suas historias de mysterio e o amor á realidade, isso que o faz afastar-se do puro fantastico e do pathetico excessivo e que o faz um como romancista a aproveitar sobejos dos inqueritos policiaes.

Servindo-se de umas muito perspicazes inducções psychologicas, Simenon aproveita em suas novellas em penumbra um mundo estranho de degenerados em luta com os seus destinos desgraçados, pobres homens impellidos por taras ancestraes aos crimes os mais monstruosos.

E automato do raciocinio destaca-se então o seu conhecido chefe de policia Maigret, Sherlock Holmes francez, heroe de uma espantosa força deductiva, analysando friamente os grandes casos criminaes como si se tratasse de um delicado sport para intelligencia.

Neste seu volume traduzido agora para o portuguez, *Um Crime na Hollanda*, desenvolve Simenon, com aquelles seus dotes de escriptor francez, o mysterio de um assassinato em Delfziji, uma pequena e pittoresca cidade do norte da Hollanda. E temos então uma historia impressionante, dessas que ama um meu amigo, um voluptuoso do crime em litteratura, a reservar sempre um volume de Simenon ou Edgar Wallace para sobremeza ás suas fartas refeições mentaes de Alberto Torres e Oliveira Vianna.

Rubens Cardoso."

Transcripto do *Jornal de Alagôas*, de 15-9-32.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | Anno II - Dezembro 1932 - N. 3 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

A "ANTHOLOGIA"

ACABO de folhear a Anthologia Nacional *de Fausto Barreto e Carlos de Laet, numa velha edição, inteiramente mutilada, com paginas manchadas de pingos de tinta, e esboços de bonecos, livro que encontrei entre varios papeis e brochuras incompletas, que se destinavam a desapparecer pelo fogo. Abri machinalmente esse grosso volume, mas aos poucos, uma desconhecida impressão de angustia e de saudade foi se apossando de mim. Como um cégo reconheci o livro de vagar, com os dedos; reconheci physicamente o objecto primeiro. Depois é que vieram vivos os outros reconhecimentos unidos com velhas imagens de tempos passados, imagens que traziam pela mão com um uniforme kaki, de raros botões pregados, um menino, o menino que eu fui.*

Encontro estranho o dessa Anthologia! *Nunca poderei transmittir a sensação complexa que esse achado me trouxe. Direi, apenas, que desci a mim bruscamente, e que nessa descida experimentei as intensas angustias da minha meninice, e isso de uma maneira precisa, como se a ambiencia em que me encontro se tivesse acabado de subito e tudo o que compoz o meu passado houvesse resurgido, de uma forma exacta e inesperada. Ainda estou, neste minuto em que escrevo, indeciso, com o pudor de quem vae revelar algo de profundamente secreto. Essa* Anthologia *que ha muito não olhava, e cuja lembrança não estava mesmo em mim viva, foi para a minha vida de menino internado, o grande amigo, o grande consolo, a unica companhia verdadeiramente amada que tive. Foi nella, nessa anthologia litteraria, que encontrei aos poucos o meu caminho!*

Cada poeta, cada prosador citado tem a sua pequena nota biographica neste livro. E eu os conheço a todos os que estão alli, mesmo a alguns classicos obscuros que o capricho dos autores do florilegio fez figurar.

Por essas resumidas notas eu imaginava tudo. A casa em que os poetas moravam, o armazem paterno em que Casemiro trabalhou em Barra de São João, a morte de Gonçalves Dias, no mar; Camões miseravel, amparado pela bondade de um creado fiel (isto não era da nota biographica mas de todo um trecho de um velho autor luso). Todas essas vidas se tornavam em mim terrivelmente verdadeiras, me commoviam muitas, de maneira dolorosa mesmo. Alguns poemas me enchiam de admiração e assombro. Outros tinham encantos mysteriosos, eram como lampadas azues de casas fechadas, onde ha uma senhora que não sahe nunca. Entre estes, com que amoroso interesse eu não lia o Minueto *de Gonçalves Crespo, com seu discreto palor, suas açafatas, o seu perfume de antigamente, de moças desapparecidas e jarras e tapeçarias do velho tempo. A proposito do* Minueto, *lembro-me que tendo ficado de castigo precisamente no dia das ferias, e obrigado a permanecer no estudo emquanto os outros sahiam para a grande felicidade da casa, o padre-prefeito me impoz uma tarefa, a qual consistia em decorar um trecho da* Anthologia Nacional. *Para esse fim se dirigiu á minha carteira e me pediu o meu exemplar, da* Anthologia. *Abriu-o ao acaso, e sorriu lendo as primeiras linhas. Pensou de certo, que seria muito difficil. Atraz dos oculos de vidros grossos, seus olhos piscaram maliciosos. Mas, para mim, o castigo pareceu excepcionalmente suave. Tratava-se do* Minueto *de Gonçalves Crespo. Fiquei sósinho no estudo, cujas janellas davam para um grande mar azul. Fiquei olhando o tecto lavrado, as carteiras vasias dos outros alumnos que já deviam naquelle momento estar livres, fóra dos muros austeros do collegio. Uma hora depois eu comparecia diante do prefeito e recitava todo o poema de Gonçalves Crespo! Olhou-me o padre admirado e foi o primeiro elogio que recebi ás minhas inclinações litterarias.*

Manoel Bandeira tratando de Silva Ramos, na occasião da morte deste seu velho professor, lembrou o enthusiasmo com que ouvia a leitura da Ultima corrida de touros em Salvaterra, *que se encontra tambem na* Anthologia! *Para mim, tambem, essas paginas magnificas de Rebello da Silva tinham um encanto innenarravel. A minha imaginação se transportava para a arena em que o Marialva vingativo afrontou o touro feroz...*

Se eu quizesse citar o que encheu as minhas longas horas de estudo, citaria quasi toda a Anthologia. *Teria que fallar de Moema, de Dido, das narrações do Padre Manoel Bernardes, e de tanta coisa mais. O tempo, porém, é curto para as recordações e pouco para ser vivido!*

Vamos correndo para a outra infancia, a que está

"El Gaucho Florido"

— de CARLOS-REYLES, *o romancista crioulo*.

Acaba de apparecer, com grande rumor, — *El Gaucho Florido*, — de Carlos-Reyles, o autor de — *El-Embrujo-de-Sevilla* — que mui merecidos louvores lhe valeu. Romance sem enredo, mais parece a descripção da vida real segundo a successão esporadica e accidental dos factos, do que a elaboração de uma urdidura imaginada, tal qual fio de arame espichado de *mestre* a *mestre* e que não dá mais a impressão de ter sahido de um rôlo ou de uma massaroca. Não é a historia de um homem, como poderia pensar-se pelo titulo, mas a de uma estancia; não é uma biographia, porque tem mais de *sociographia*, de descripção de grupo. Mas, quantos traços moraes de todos os homens dessa estancia, desse clan, naquelle que o autor apresenta como protagonista!

Florido, porque gostava de flores e costumava ostentar esta sua predilecção, é o seu heroe, modelo verdadeiramente authentico dos gaúchos de ha sessenta annos atraz, com todas as baldas e excellencias da gente daquelle tempo; presumido, mas audaz e temerario; gauderio, mas pertinaz em tudo; feroz e meigo; docil ás leis do coração como compensação á sua rebeldia contra as autoridades constituidas. Com essa carga de bem e de mal no corpo, viveu tropeando, domando, campereando numa estancia grande das costas do Rio-Negro — a estancia da Tala-Grande — até que o amor e os ciumes por uma chinoca do pago — Mangacha — fez delle homicida e matreiro, sem outros ideaes que a vingança e o cultivo da saudade daquella que lhe mataram entre os braços no instante em que ia ser sua, em pleno matto, sobre uma cama de fôfos pellegos e sob a baeta cálida do poncho. Cruza e recruza campos do Uruguay e do Rio-Grande, movido pelo instincto de errar; e, quando volta, annos passados, á estancia, amargura-se vendo-a transformada em estancia moderna, sem mais aquelle sabor antigo; e, então, nem mais os acenos de outra mulher, o perfume de outra flor, que cultivava amor para elle e lhe reservava todo o seu filtro, puderam retel-o; e volton para a araganiee dos *malevos*, para a solidão dos preeitos.

"Aonde vai esse amargurado guasca,
"Mudo, alheio aos gemidos do lombilho,
"E ás queixas do bagoal que a espora rasca?
"Vai desertando os pagos de onde é filho,
"Em busca de outros onde ha campo aberto,
"Onde não haja gringos, mais deserto."

Essa é a simples historia de um grande romance.

Até esse momento, porém, viveu na Tala-Grande machucando corollas do campo com as patas de seus bagoaes e pisando corações femininos. Assim foi pisoteada e despedaçada a terra uruguaya pelos gaúchos sem lei. Enamorados até a loucura de sua gleba, não conseguiram fecundal-a emquanto gaúchos.

Quando nos braços de um partido cheio de ardor e nobres ideaes, prestes a possuil-a inteiramente, cahia exangue, qual Mangacha, aos golpes de outro.

Para nascer esta patria, como varias outras da America, foi preciso que o typo classico da bravura americana, aquelle cujo classicismo foi romantico porque se desenvolveu sob os impulsos de paixões sem peias, de almas sem religião, foi preciso que esse typo de homem desapparecesse,

"hasta que las siluetas gauchas fueron achicandose, borrandose, desvaneciendose y que se hundiesen en la sombra".

Assim termina o livro symbolicamente, como fecho de paginas e paginas de saudades e evocações de um viver que já morreu, mas deixou para immortalizal-o um aroma que ainda embalsama o ambiente e embriaga as almas dos campeiros de hoje. Não ha nenhum que não ache que a existencia de outr'ora era mais linda, que os campos eram mais largos, que os homens eram mais homens.

Este sentimento generalizado Carlos Reyles interpreta-o com exactidão admiravel. Parece-lhes, hoje, que sua patria era maior, então, porque a enxergam composta de titans, de cidadãos transbordantes como resacas de mar bravio, violentos como rajadas de pampeiro. Até as barbaridades dos paes-da-patria lhes parecem bellas, só porque provam a sua humanidade, o poder de suas vontades, as possbilidades de seus corações. Não admira, pois, que aos homens automatos de nossos dias pareça mais cheio de encantos o viver dos homens autonomos de antanho. E, effectivamente, quantas sublimidades nos seus proprios desatinos!

F. Contreiras Rodrigues.

---

do lado de lá — para a sepultura que não é a materna, do poeta — e parece que temos urgencia de chegar, porque pensamos sempre ser superfluo, o nos lembrarmos de nós mesmos.

Estranho achado o dessa Anthologia *dilacerada, em que aprendi a conhecer os poetas e a saber que a vida dos que sonham é quasi sempre escura e molhada de lagrimas! Estranho tempo esse, que me veio agora á lembrança, que subiu a mim, como a poeira dos caminhos sóbe quando é chegado o vento — estranho tempo esse em que me nasceu o ideal absurdo, e que todos os desenganos não desenganaram ainda, de um dia figurar numa Anthologia tambem e ser conservado tambem num cerebro de menino, e assim defendido da dissolução irremediavel nas lembranças humanas...*

Augusto Frederico Schmidt.

AUTORES E LIVROS

— O poeta portuguez João de Barros, que foi grande amigo do nosso João do Rio e andou aqui pela nossa capital, vem de fazer em Lisboa uma conferencia sobre o escriptor Antonio Patricio, autor do *Fim*, allegoria da quéda de uma casa reinante, e do *Serão tragico*, impressionante série de narrações traçadas por uma penna mordente como os acidos dos aguafortistas.

— Pirandello, que já nos visitou á frente de uma companhia theatral, nasceu em 1867, na Sicilia, em Girgenti, cidade em que existem innumeros vestigios de uma civilização millenaria. Estudou philosophia e philologia na Allemanha, formando-se em Bonn com uma these que foi bastante louvada pelos sabios e humanistas germanicos. Fez tambem versos, em livros hoje quasi totalmente olvidados. Mas as suas novellas, os seus romances e as suas peças de theatro entraram a amontoar-se. No principio, não constituiram successos de livraria ou de palco, e Pirandello teve de esperar longamente pela gloria, que, como tantas vezes acontece, lhe veiu do estrangeiro. Foi preciso que Shaw e outros inglezes, os tedescos e os francezes entrassem a pôl-o nas nuvens, a traduzil-o e represental-o com enthusiasmo, para que os italianos percebessem que tinham em casa, desdenhado, um grande nome e uma obra admiravel.

O CONCERTO

Então o santo chegou
nos arredores de Assis,
tira uma gaita do bolso,
leva na bocca ferida,
as flôres vêm caminhando
bem na pontinha dos pés,
com os besouros nas corollas
fazendo um grande zunzum;
as aguas se levantaram
do leito em que descançavam,
vêm andando assim com geito,
fazendo tantan de espumas;
os rouxinóes escutaram
o convite p'ro concerto,
já estão perto da estação,
trazendo sanfona a bordo;
as féras que estão mammando
no seio do bosque escuro
vêm penduradas nas mães,
na frente dellas o lobo,
fazem um barulho de bombos,
tambôres e bombardinos;
as moças que estão passeando
na avenida principal
chegam bem perto do santo,
com santa Clara na frente,
dilacerando violões;
os olhos da santa mexem
com tanta graça no olhar
que a força do santo augmenta,
elle sopra com mais força
na gaita que tem na bocca;
homens que estão no trabalho
carregam com as baterias,
tambem adoptam o concerto,
vae um leproso na frente,
o santo tem muita pena,
a força delle cresceu,
o sopro tocou na lepra,
então a lepra sumiu;
a multidão vae andando
com o santo sempre na frente
e a gaita na frente delle;
de repente um serafim
com o corpo crucificado
desprega os braços da cruz,
toca com os braços no tronco,
sae um som de violoncello
que vae arrastando a turma;
o santo olhou p'ra mão delle,
a mão do santo já sangra,
bem como seus pés tambem,
mas o santo continúa,
aperta a gaita com força,
olha mais p'ro serafim,
vem o som do violoncello
mais ondulante, mais doce,
a multidão vae subindo,
subiram, subiram mais,
uma estrella vae passando,
se incorpora no concerto,
o santo aperta na gaita,
os raios da estrella viram
em clarins e saxofones,
o santo sopra com força,
o sopro da gaita abriu
então as portas do céo,
o serafim vae na frente,
os anjos sopram vibrantes
nas trombetas, nos pistons;
uma pomba triangular
solta um cantico tão puro
que os rouxinóes baixam a voz,
o Pae então manda um grito
tão na distancia, tão longe,
um grito com raio X,
que o corpo do mundo treme,
até os ossos transparecem,
que todos ficam de pé,
até os mortos levantam,
os que estão para nascer
já nasceram, se levantam,
os inimigos se abraçam,
os máos mudaram de côr,
creanças mammando no seio
se levantam, estão de pé;
paron a roda da terra,
todos escutam o jazz-bande
mas no meio do jazz-bande
se ouvia a gaita apitar
chamando os mortos, — bom dia! —
chamando a lua, — minha irmã! —
chamando os que estão nascendo,
que cresceram, viram monges,
foram á procura do santo,
mas quando chegam no céo
o santo não é mais homem,
se mudou num serafim.

MURILO MENDES.

O CREADOR

Eu reposava batuta como Deus
antes do capitulo primeiro,
na inercia dos increadores.
A minha vida afinal
não tinha principio nem fim.
Eu nunca vi o principio
nem inda cheguei ao fim.
Estava no banho de mar
me movendo sobre as aguas,
dei um estalo na cabeça,
gritei "surja num instante,
appareça uma mulher."
E o mundo nasceu Clotilde.

Namorámos oito mezes.
No nono mez, afinal,
pensam que nasceu alguem?
Resolvemos mas brigar.
Clotilde arranjou um noivo.
E eu não arranjei mais ninguem.

MURILO MENDES.

ANALOGIAS

Ha uma grande dóse de ingenuidade, para empregar um euphemismo honesto e bemsoante, naquella santa indignação com que antigos chronistas e modernos historiadores estigmatizam o zelo, a obstinação, e por vezes mesmo a fereza das perseguições do paganismo contra o christianismo nascente. Porque em summa, é forçoso reconhecer — e os successos posteriores cabalmente o demonstraram para maior gloria do christianismo — o que este visava era nada menos que a derrocada do imperio romano. A obra prima do paganismo ameaçava ruir e desapparecer, mordida na base por uma propaganda insidiosa e tenaz; com as medidas de repressão adoptadas, o Imperio usava simplesmente do direito de legitima defesa, que assiste ainda hoje aos Estados modernos.

Porque o christianismo — a phrase é de Goethe — foi um plano de revolução politica abortado, que se fez moral. Prégando o celibato, insurgindo-se contra o serviço militar, verberando os horrores do circo, negando-se a queimar o incenso no altar de Roma e Augusto, erigindo-se em oppositores systematicos de todas as razões de viver, das alegrias da familia, do amor da patria e do civismo, virtudes por excellencia romanas, os christãos violavam abertamente as instituições, attentavam contra a ordem legal estabelecida, tornavam-se reus do crime de lesa-majestade. Estavam, portanto, fóra da lei.

De maneira que, longe de nos admirarmos de tal ou qual excesso de zelo na applicação das medidas coercitivas adoptadas pelo paganismo em defesa de instituições reputadas eternas, o que nos deve encher de pasmo, e porque não dizer de respeitosa inveja, a nós modernos que testemunhamos o rigor da disciplina empregada na repressão de certas ideologias contrarias á ordem legal vigente, que inquietam a sociedade burguesa, é a tolerancia, a brandura, a benignidade que usaram a seu tempo, em condições não menos perigosas para o organismo social e as instituições, os Neros, Trajanos, Adrianos, Dioclecianos, Maximilianos.

ALBERTO RAMOS.

Illustrações, capas de livros:
Paulo Werneck — Tel. 5-2388

G U T S M U T H S

A muitos dos nossos compatricios esse nome soará como inaudito. Um novo romancista, um novo poeta, acaso algum critico ou historiador recente?

— Não! Trata-se de um velho geographo amigo do Brasil, que merece ser conhecido e admirado.

Raros terão lido o seu livro notavel sobre o nosso paiz, publicado ha mais de um seculo. A não ser Capistrano de Abreu, que possuia conhecimento verdadeiramente phenomenal do passado brasileiro, ninguem mais o cita ou o recommenda. Desconhecem-no as bibliographias, não o mencionam os catalogos das bibliothecas e dos antiquariados.

Entretanto, Guts Muths escreveu verdadeiro tratado sobre o Brasil, uma geographia mais ampla e completa do que a de Cazal, a qual, se tivesse sido traduzida, teria influido poderosamente no desenvolvimento da geographia brasileira.

Mas, quem foi esse mysterioso autor que se não conhece aqui, cujo nome não figura já não digo nos compendios, mas no proprios tratados?

Apenasmente o professor de geographia de Carlos Ritter, por quem tinha este uma admiração que o acompanhou á maturidade.

O primeiro volume da grande obra de Ritter lhe é dedicado e a Pestalozzi.

Ritter guardou do seu mestre lembrança indelevel, tanto que escreveu sobre elle longo artigo, que não conheço, mas que vejo citado por Ernst Plewe, como tendo sahido nas *Zs. f. Pädagogik*, Julho de 1806, p. 198 a 219. Não ha, no Brasil, collecção dessa revista. Bem poderia algum brasileiro residente na Allemanha copial-o, traduzil-o e remettel-o á Sociedade de Geographia ou ao Instituto Historico. Esse artigo de Ritter intitula-se: *Algumas observações sobre o ensino methodico na Geographia. Guts Muths.*

Noutros ensaios de Ritter o nome de Pestalozzi vem sempre ligado ao do nosso homem, todavia emquanto que aquelle é universalmente celebre o de Guts Muths é universalmente ignorado.

Não figura no Larousse, mas se encontra na Espasa. Já se vê que o não esqueceram as encyclopedias allemãs. Da de Meyer copiarei seus principaes dados biographicos.

Johann Christoph Friedrich Guts Muths naseeu em 9 de Agosto de 1759, em Quedlinburg, e falleceu a 21 de Maio de 1839 em Ibenhain. Estudou theologia em Halle. Foi professor de gymnastica e de geographia até 1837 no Instituto de Educação de Schnepfenthal, fundado, como se sabe, por Salzmann. Morava perto d'alli, na villa de Ibenhain desde 1797.

Guts Muths muito propugnou pelo desenvolvimento da educação physica na Allemanha. Tem varias edições o seu livro *Gymnastik für die Jugend*, seguido de outros tratando do mesmo assumpto ou correlato, como jogos.

Além de um compendio de geographia escolar, Guts Muths publicou com Gaspari, Hassel e outros uma grande geographia universal — *Vollständiges Handbuch der neuesten Erdbeschreibung*, cabendo-lhe redigir os volumes 19 e 20 sôbre os paizes sul-americanos. No volume 19, a descripção do Brasil occupa 861 paginas in-8º.

Das Kaisertum Brasilien synthetiza Casal e o que observaram os viajantes inglezes e allemães do primeiro quartel do seculo XIX. O livro sahiu, em Weimar, por 1827. De certo Goethe o leu. O plano é admiravel, vai descendo das maiores generalidades ás menores particularidades. Nada de significativo escapou ao poder synthetizador de Guts Muths.

O sabio não se limitou a ler os seus compatriotas que vieram cá e os inglezes, leu o Casal linha a linha e o aproveitou.

Saberia portuguez ou se arranjaria sómente com o seu latim?

O que é facto é que aqui e alli se encontram em *Das Kaisertum Brasilien* informações que o autor só poderia ter colhido em Ayres de Cazal.

Ayres de Cazal, *Corographia brasilica*, II, p. 183, rematando a descripção da Parahyba com noticia sobre Pombal e Villa nova de Souza, observa: "No anno de 1806 não havia as quasi indispensaveis laranjeiras em nenhum dos districtos das ultimas duas villas, onde todas as outras arvores estão inclinadas para o poente, tão constantes e impetuosos são aqui os levantes."

Guts Muths aproveitou a informação sobre a direcção dos ventos: "Hier herrschen die Ostwind so stark, dass alle Bäume nach W. geneigt stehn".

Não se pense que é um mero copista do geographo portuguez. Leva-lhe muita vantagem.

Aproveitando as informações de Eschwege, Guts Muths esboça as linhas geraes do relevo brasileiro, antes de estudar as bacias hydrographicas; estende-se, em seguida, sobre a cobertura vegetal e a fauna. Passa, depois, a examinar a nossa formação historica escudado em Southey. Não desconhece Grant, Henderson, Schäffer, Lindley, Mawe, Koster o principe de Wied, o grande Martius, Freireiss e até Saint-Hilaire. Abeberou-se, portanto, das melhores fontes. Na segunda parte occupa-se de cada provincia isoladamente.

Graças a Guts Muths tiveram os allemães do segundo quartel do seculo XIX um livro admiravelmente bem feito sobre o Brasil. Pena foi que não tivesse sido posto em vernaculo ou mesmo em francez para exercer uma benefica influencia.

O nome de Guts Muths deve figurar ao lado do de Wapäus e do de Handelmann como um dos maiores conhecedores do Brasil.

Não seria demais que se mandasse pôr ao pé da sua estatua, em Gmedlinburg, uma corôa de bronze com estas simples palavras: "Lembrança do Brasil".

ALCIDES BEZERRA.

— Foram leiloadas em Paris varias cartas dirigidas por escriptores celebres aos redactores do *Figaro*, Villemessant e outros. Entre ellas, ha uma epistola de Laurent Tailhade a Calmette (o que foi assassinado por madame Caillaux) e em que o atrevido pamphletario, tão violento nos escriptos publicos, se desfaz em agradecimentos á redacção do *Figaro*, arminhando as suas cerdas de porco-espinho da critica. Tambem são muito interessantes as missivas de Marcel Proust, collaborador, no tempo, do jornal collocado sob o patronato espiritual do aventureiro de Beaumarchais.

O Premio Nobel de Litteratura

John Galsworthy, que vem de obter o premio Nobel deste anno, é, no romance, um admiravel critico de costumes.

Nasceu elle em 1867, no Surrey, estudou direito e teve sempre o gosto das viagens, sendo que, mesmo sexagenario, andou aqui pelo Brasil, encantando-se com a nossa gente e desmanchando-se em louvores á natureza tropical.

Alguns dos seus principaes livros intitulam-se *A Villa Rubein, Os Phariseus da Ilha, O Proprietario, Fraternidade, Cinco Contos*, e, para o theatro escreveu, entre outras peças, *Justiça* e *O Primogenito*.

E' um homem de lettras na absoluta pureza e dignidade da expressão. A rigor, nunca se preoccupou senão com litteratura e, sem dispersar-se em aventuras politicas ou em empreitadas commerciaes, consagrou-se todo ás suas novellas e aos seus dramas.

Segundo um critico avisado, os tres mestres de Galsworthy foram Dickens, de quem recebeu um pouco da piedade ironica, Turgueneff, que lhe transmittiu o atticismo e a polidez da phrase, e Maupassant, que lhe ensinou a precisão realista de certos pormenores amargos da vida em commum. Tambem leu Conrad, Tolstoi e Anatole France, mas estes, evidentemente, influenciaram muito menos nelle, sendo que, dos russos mais recentes, o seu predilecto é Tchekhov, em que varios enxergam uma especie de Maupassant eslavo.

A parte central da obra corajosa e nobre de Galsworthy é o horror ao pharisaismo, ás tradições hypocritas, ás convenções que mascaram ignominias bem pouco christãs. Inimigo instinctivo dos ricos inuteis, dos parasitas brazonados, dos aristocratas que são uma ridicula superfetação nos tempos que correm, o grande romancista vê tambem os pontos vulneraveis, as partes enfermas da burguezia britannica e, com um criterio bem juridico, de quem versou em moço os textos dos mestres do direito, insurge-se contra as iniquidades em que é prodigo o actual conceito da propriedade.

Moralista talvez sem querer, como tantos da sua raça, vae não raro ás fronteiras do pamphleto e da prégação puritana, nas investidas contra uma sociedade que lê a Biblia de manhã á noite mas segue de preferencia os tratados de uma contabilidade gananciosa e cupida. Dahi á satira não medeia grande distancia, e Galsworthy, que não receia metter-se no romance de these, na obra demonstrativa, algo didactica, perdeu muitos leitores superficiaes devido a esse seu pendor de fazer sociologia em trabalhos de ficção.

Pouco importa. E' elle um soberbo retratista de caracteres, um escriptor que sabe decifrar as almas e os temperamentos mais complexos, vendo bem os moveis secretos de cada destino, as violencias ou as astucias da paixão pessoal em presença da lei impessoal. Em ultima instancia, mesmo não indo ás desoladas conclusões de um Hardy, será um pessimista e, ao prégar a fraternidade buddhica entre os homens, não estará muito convencido de que venham a desapparecer algum dia os prejuizos de casta, as volupias do ganho e do mando, os jogos do amor e do acaso que fazem de cada homem o coveiro de si mesmo ou o demonio da sua propria familia...

"Evolução da Poesia Brasileira"

Em torno de Agrippino Grieco ha uma atmosphera densa de despeito formada por uns tantos escreventes de toda a classe que lhe bateram á porta á cata de coroinhas de papel dourado ou pintadas a agua de banana e sahiram de lá com as cabeças tosquiadas a zéro.

Essas creaturas voltaram com o ar desilludido com que costumam ficar esses anjos de procissão quando a chuva bate, desbotando a pintura, amollecendo o grude das azas e ensopando as vestes de papel crepon tchecoslovaco.

Passado o primeiro impeto, como se dizia nas paginas floridas da *Iracema*, arremetteram contra Agrippino Grieco de unhas e dentes e orelhas, que as têm de sobra, frisemos de passagem.

E como já se dizia biblicamente, antes mesmo do Brasil nascer, que o numero dos parvos é infinito, muitos lhes foram á missa com a ladainha preparada... E concorreram então para a formação de uma corrente erronea, para a qual Agrippino não passava de um lingua amarga, um bocca de inferno em edição napolitana e actual, um cidadão como aquelle satirizado de Voltaire que se envenenaria quando mordesse a propria lingua...

Tudo mercê de algumas carécas litterarias postas á mostra, de meia duzia de estafermos que se julgavam em litteratura oitos deitados, symbolos do infinito de mathematica e que após a sua critica ficaram reduzidos a dois zeros xiphopagos... Em que pese ao sr. Agostinho de Campos, que ainda se ufana dos barbaças que tomaram Ormuz e choraram pranto grosso nos funeraes da linda Ignez, Aggrippino Grieco é, sem favor, uma das poucas pessoas que possuem o seu logar marcado na nossa litteratura.

Escriptor desabusado, escreve e diz o que tem a dizer e a escrever sem rebuços, sem hypocrisia e sem recorrer ás entrelinhas, especie de subconsciente da phrase...

Agrippino Grieco vem de lançar aos quatro ventos da publicidade o seu novo livro *Evolução da Poesia Brasileira*, série de estudos sobre todos os que, ao sol dos tropicos, tangeram a lyra com aprumo.

Visão panoramica da nossa Musa, o livro em seu conjuncto é uma grande lição, uma vez que nos veiu revelar o mundo de esforços perdidos que tem sido a nossa litteratura.

A *Evolução da Poesia Brasileira* é uma galeria de retratos. Uns feitos á pressa, a lapis... Noutros sente-se que foram trabalhados a tinta.

Boas paginas em que os nossos aedos, bardos e vates apparecem com a physionomia propria, com a sua feição peculiar. Cada um como cada qual no seu logar, com o posto de merecimento a que na sua vida fez jús.

E nisso está o grande merito do livro, que se nos apresenta como um trabalho de revisão da critica brasileira.

HEITOR MARÇAL.

— Ha cincoenta annos, Pierre Loti publicava *Le Roman d'un Spahi*, narração dos amores de um europeu com uma pobre filha de terras menos civilizadas. A proposito desse cincoentenario todos recordam os dons de estylo e emoção discreta desse fixador de paizagens distantes, eterno cultor do exotico, preoccupado sempre com a fuga do tempo, obsedado pela idéa da morte; todos lembram os seus disfarces, a sua maquilhagem de actriz, as suas fugas mysteriosas, os seus retratos em roupas de turco ou de egypcio, todas as singularidades e bizarrices que fizeram delle a mais sensivel das creaturas, capaz, como disse um dos seus criticos, de ficar com os nervos desarranjados uma semana só por ver a quéda de um vaso de Saxe ou ouvir um som desafinado de violino.

— Denis Gwynn estuda o estranho caso, a complicada aventura de Roger Casement, o irlandez rebelde que se viu sacrificado pelas suas possiveis ligações com a Allemanha, na época tormentosa em que os dirigiveis tedescos despejavam dezenas de bombas sobre a população de Londres.

— Anatole Le Braz é recordado pelo successo posthumo de um dos expressivos volumes em que fixou as velhas historias do seu paiz bretão.

— Marthe de Fels estuda Vauban, que de filho de um gentilhomem pobre chegou a marechal de França, tornando-se mestre na arte das fortificações e revolucionando a technica militar com os seus golpes de genio, elle a quem o málingua do Saint-Simon não podia deixar de classificar de grande patriota.

O "Lenine" de Malaparte

Na extraordinaria affluencia de livros que focalizam o problema social dos nossos dias — impressões de jornalistas e de homens de pensamento sobre os paizes onde as experiencias sociaes são mais vivas, retratos de figuras revolucionarias ou estudos sobre theorias economicas — já é raro se encontrar qualquer obra que se leia sem a immediata impressão de se estar deante de um assumpto já tratado e quasi exgottado.

Mussoline e Lenine já passaram vinte vezes deante dos nossos olhos. Staline e Hitler continuam á espera de quem lhes fixe a verdadeira significação, mas não faltam sobre elles ensaios superficiaes e cheios de incomprehensão. Os livros de Trotsky já agora rezam todos a mesma ladainha, ainda que cada vez pareça estar sendo dita com mais talento. E é realmente necessario que escriptores que quasi pretendem ao titulo de philosophos vão conversar com os grandes chefes politicos para que se consiga ouvir alguma coisa nova sobre elles...

Poucos assumptos, de facto, terão sido tão exhaustivamente explorados como essa questão social que preoccupa o mundo inteiro nesse momento. Em poucos a originalidade se tornou coisa mais rara...

Precisamente por isso, um livro como o que Malaparte escreveu sobre Lenine tem um interesse realmente espantoso, — maior ainda que o que o autor conseguiu despertar com a sua *Technica do Golpe de Estado*, publicada ha tempos.

*

De ha uns annos para cá tem sido preoccupação de muitos engrandecer a significação historica de Trotsky a custa da de Lenine. Ha pouco mesmo a biographia de Trotsky, escripta — e mal escripta — por Pierre Fervacque vinha se collocar dentro desse movimento, ao lado de outros movimentos.

E' no mesmo sentido que Malaparte caminha, — e caminha desde a *Technica do Golpe de Estado*, onde essa posição já era facilmente assignalavel. Escrevendo agora a biographia de Lenine, Malaparte fixa definitivamente a sua posição deante do problema.

A traducção franceza do volume intitula-se: *Le Bonhomme Lénine*, e nada define melhor o ponto de vista do autor que a escolha do qualificativo que acompanha o nome de Lenine. Essa é a these que defende com o mesmo talento e com a mesma capacidade de exaggero que as paginas da *Technica do Golpe de Estado* já testemunhavam (especialmente aquellas mais ardentes em que proclamava a mediocridade de Hitler e o seu fracasso politico inevitavel...).

A posição de Malaparte deante de Lenine parece-me absolutamente a regeitar. Baseado em factos reaes: — ausencia de Lenine do campo de acção nos momentos da luta revolucionaria (1905. 1917), personalidade nitidamente de homem de gabinete, de theorico que conspira e prepara situações mas que não sabe agir no momento opportuno, de funccionario publico — e de "funccionario pontual e zeloso da desordem" — Malaparte, tomando armas contra a lenda do Lenine-Gengis-Khan que a Europa burgueza parece ter creado, chega a um Lenine a quem faltam quasi todas as qualidades, a um mediocre que não se comprehende como conseguiu dominar todo um mundo de individuos e, por occasiões, de acontecimentos.

Foram sempre outros que agiram — foi Trotsky quem actuou em 1905, foi Trotsky quem derrubou Kerensky, foi Trotsky quem salvou a revolução proletaria — foram sempre os outros que agiram nos momentos decisivos. Lenine, esse, — segundo Malaparte, — assistiu sempre de fóra ou de longe, recuou ou quiz recuar deante da acção, conspirou no estrangeiro, intrigou, preparou um partido para ser o seu chefe, sempre movido pela ambição de dominar. E depois de ter o poder nas mãos, deante do fracasso do sonho communista que a "resistencia do real" (a realidade russa) provocou, Lenine só fez ir cedendo, ir desistindo de tudo até que a doença o tirasse definitivamente do campo da luta...

A these não me parece acceitavel. O exaggero o mais violento domina o volume inteiro. Qualquer dos biographos serios de Lenine, do mais vermelho Guilbeaux ao "burguez" Lafue, offerece dados sufficientes para que se encare a obra de Lenine de um modo bem differente, ainda que seja necessario acceitar alguns pontos de partida communs aos de Malaparte...

Da verdadeira grandeza de Lenine seria impossivel falar aqui. Mas mesmo assim convém lembral-a como correctivo aos excessos de visão do estudo de Malaparte, onde sem duvida não ha influencia de visão "fascista" como já se pretendeu (dada a posição pessoal de Malaparte), mas exaggero ou erro de um temperamento talvez por demais extremado ou que tenha enveredado por caminho errado.

Quem conheça a *Technica do Golpe de Estado* não estranhará a observação. Não obstante, achará sem duvida inteiramente desnecessaria qualquer referencia ao interesse que o livro desperta. A verdade é mesmo que o novo livro de Malaparte excede de muito o outro em interesse e valor.

Poucos livros se leem com tanto prazer. Talvez a novidade da these influa, mas mesmo assim não se póde deixar na sombra o que o talento "constructivo" do autor, se assim se póde dizer, trouxe para cada pagina do seu ensaio. Concordando ou não com as suas affirmações, segue-se com verdadeira paixão o seu Lenine-francez medio, o seu "bonhomme Lénine", de principio de vida a fim de vida. Apezar de pequenas repetições e de algumas passagens por demais rapidas sobre momentos essenciaes (especialmente sobre o periodo posterior á paz de Brest-Litovsk, talvez o momento em que Lenine seja mais extraordinario) é um livro verdadeiramente raro. Ainda que seja necessario controlar sempre as affirmações, dados os exaggeros e a these que regeitamos, não póde deixar de ser lido e estudado. Ha nelle, admiravelmente focalizados, aspectos de Lenine que são essenciaes á sua verdadeira comprehensão.

Octavio de Faria.

Meditações sobre as causas e os effeitos

A PROPOSITO DO AMOR CÉGO E DO OUTRO...

Todo amor é facilmente tyrannico. Por toda a parte onde ha amor, existe um odio escondido — que não deixará de explodir assim que o amor se transformar em paixão. Esta se torna logo a verdade do apaixonado, ou, pelo menos, o que elle julga ser a sua verdade...

O Amor, deusinho de olhos vendados, — é um symbolo que tão eloquentemente prova o infinito da sabedoria humana que nos faz pensar nesta phrase de Aristoteles: "O homem faz seus deuses á sua imagem, e dá-lhes tambem as suas attitudes" (1). Com effeito, o amor cégo não póde ver a verdade, que deve vir do exterior. Então, o deusinho astuto forja uma verdade que corresponda exactamente á necessidade de unidade do apaixonado, isto é: á necessidade que este sente de conhecer a sua propria vida pelo contacto com uma outra vida.

No que consiste o maior erro do apaixonado; pois, por um lado, elle applica nisso todo o seu espirito, e o amor se produz então por acto da vontade, independentemente da fatalidade das paixões; por outro lado, o apaixonado não vê mais o sêr amado, "e sim, no seu lugar, um idolo, que elle paramenta, e diviniza, e crêa..." (2)

Essa cégueira, entretanto, não é mais do que um desejo ardente de verdade. Provam-n'o todos os movimentos do apaixonado, que só têm em mira a vida do sêr amado. O amante quer então conhecer, nos mais pequeninos pormenores, tudo o que se liga á actividade moral, intellectual, psychica, até material, do seu idolo. Coitado! procurando a verdade do outro sêr, elle não encontra neste, quasi sempre, mais do que a sua propria verdade. D'onde, a sua inquietação progressiva. Pois o homem apaixonado só sente realmente o que elle *julga* sentir. "Os artistas, sobretudo, — constata Nietzsche — não são os homens das grandes paixões, apezar de o imaginarem e de nol-o dizerem..."

O amor cégo, como todas as paixões, só póde crescer cada vez mais, sob pena de derrocar completamente. O menor desfallecimento póde produzir logo uma morte: o crime, ou sómente a desillusão, que é um suicidio moral. Digo bem: suicidio, pois cada um de nós só póde matar as illusões creadas por si proprio. Aquelle que com um tiro de revólver destróe o seu idolo, porque se julgava mal, ou pouco, ou mesmo nada amado, carece tanto de senso commum e é tão egoista quanto aquelle outro que se mata pelas mesmas razões. E esse que não commette o gesto mas que se enternece e se lamenta sobre si proprio, dizendo-se desilludido e infeliz, não é menos egoista nem menos privado de bom senso.

Amor e odio coexistem pois, sempre. E todos os gestos do amor, mesmo os que nos parecem mais bellos e mais desprendidos, hão de conter uma parcella imperceptivel de odio. Sem nos deixarmos levar até ao amor da patria, nem á meditação sobre os actos dos verdadeiros heróes (os que são bravos sem serem temerarios), consideremos apenas o amor no casamento, num casamento de amor. Dentro d'um maior ou menor espaço de tempo decorrido após o contracto que parecia ser, para as partes contractantes, a realização de um ideal, achamo-nos, ainda aqui, deante de dois inimigos que se espreitam. Representam elles então a grossa farça, que me agrada contar sempre, de dois sêres humanos revestidos, cada qual em segredo do outro, de uma pelle de leão e jogados juntos numa arena, para se devorarem de amor... Como cada um pensa que o outro é uma féra de verdade, os dois ridiculos leões de mentira se olham primeiro muito desconfiados, e, de repente, subitamente aterrorizados, largam em disparada pela arena, cada qual procurando cahir, antes do outro, no alçapão salvador do adulterio. Quanto ao publico, que pagou para rir, ri, na razão inversa do preço dos logares... Os estoicos diziam: "Os destinos te arrastam, si lhes resistes; mas, si consentes, elles te conduzem". Por bem ou por mal, não podemos fazer outra coisa senão correr para o alçapão, si cahirmos na brincadeira de máu gosto da pelle do leão. Tal como na minha historia, raramente o condemnado á morte sorri, mesmo si os seus guardas, como os destinos, o conduzem com gentileza.

*

No amor sem paixão, não explode o odio. O sentimento apparece então em toda a sua pureza, e o bello nelle canta com o verdadeiro. A razão o sustenta, reforça-o a confiança, a ternura o envolve e o aquece. Aqui, a anciedade, que é a dôr, dá o logar á paz, que é prazer. E o sabio encontra neste sentimento calmo e forte a verdade una, que, mesmo si não trouxer alegrias, não levará ao desespero. Si Jean de la Lune, na peça immortal de Marcel Achard, não fosse esse grande philosopho da felicidade, que acha o amor porque procura o amor e não a paixão, elle se teria abandonado, como todo o mundo, ao desespero do marido enganado; e, então a peça não seria mais do que um "fait divers" como outros, como muitos, como todos, sem o menor interesse artistico. Mas Jean de la Lune não se resigna a acceitar a sua sorte; tambem não se insurge contra ella. Forte, como um verdadeiro heróe, fortificado pelo seu sentimento sublime, elle néga a verdade da sua mulher, deslumbra e subjuga esta com uma verdade de circumstancia que elle inventa, que elle constróe sobre a mentira, e attinge d'este modo á verdade una, que é para elle o amor e a felicidade conjugal.

Sem duvida, é arriscado fazer, na vida, de Jean de la Lune. Este papel, apezar da simplicidade apparente que lhe empresta a poesia um pouco louca da personagem, a qual tira d'isto mesmo os seus effeitos mais surprehendentes, requer uma enorme coragem ao serviço de uma profunda sabedoria e de um sentimento inabalavel. Essa apparente ingenuidade de Jean de la Lune, que desconcerta um pouco o espectador como sempre desconcertou a mulher d'elle, é um sublime esforço do amor do heróe, do que este será recompensado.

Assim, não existe um só amor que não se torne heroico, desde que encontre o seu heróe. Basta não o expôr aos fogos da paixão. Mas, antes, escondel-o no coração, como um thesouro venerado...

Paris, 1932.

MAURICIO WELLISCH.

---

(1) *Politica*, Liv. I, cap. 1º § 7º.
(2) Gide, *Les faux monnayeurs*.

O Exercito e o Sertão

por XAVIER DE OLIVEIRA — Rio, 1932.

Por culpa de multiplos factores anthropogeographicos ha, no Brasil dos nossos dias, entre outros, um phenomeno social que difficulta, mais que tudo, a organização. E' o que eu mesmo chamei, ha algum tempo, a *dephasagem* das populações. O sertão, — no sentido mais amplo do termo — sente, pensa e age, em muitos pontos da sua vida moral, de maneira differente. Melhor? Peor? Não sei. Mas differente. Melhor em muita coisa; peor em quai tudo. Não anda em phase com os grandes nucleos urbanos.

O radio, o correio aereo, a estrada de rodagem estão combatendo esse *handicap;* mas ainda falta muito. E' o que o livro do Sr. Xavier de Oliveira documenta de maneira admiravel.

O exercito e o sertão é um volume aspero, mas sincero. A's vezes tem laivos de pamphleto. De libello tem sempre o tom. E', porém, obra digna da maior consideração. Litteratura que fica.

"Este livro, diz elle, é feito da minha consciencia..." Disse a verdade. Palpita naquellas paginas a alma sertaneja do autor. Com sympathia, mas honestamente, elle traça quadros fortes da vida do nordeste.

Estuda cuidadosamente a genese do banditismo, o surto da miseria e da fome, a *sedimentação* da ignorancia daquella pobre gente, que eu não me arrependo de haver chamado de feia e forte.

Xavier de Oliveira teve a virtude e o bom gosto de não tentar fazer um simples livro de ensaios litterarios. Soube conter-se nos limites de uma obra documentaria. E tão pouco limitou-se a carnear o assumpto. Propoz, ali, uma solução que lhe parece boa: entregar o sertão ao Exercito para que elle o eduque, o limpe, o saneie, o instrua, o civilize. Numa palavra, para o autor o Exercito poderia em pouco tempo levar o sertanejo a *entrar em phase*, marchando um pouco mais depressa para acompanhar o passo dos outros compatriotas.

Actualmente, para o Sr. Xavier de Oliveira, o Exercito, em vez de civilizar o sertanejo, arranca-o das suas caatingas e depois o degrada nas cidades do litoral onde elle fica terminado o tempo de soldado, engrossando a ralé vadia dos grandes centros.

O sorteio militar é, na phrase do autor, o "despovoador dos sertões".

Critica o Sr. Xavier de Oliveira, do ponto de vista sertanejo, a organização actual das nossas regiões militares.

Foram distribuidas, de accôrdo com as instrucções da Missão Franceza. Todas estão localizadas no Sul. Não ha lugar para generaes no extremo norte do paiz, o que, para o autor, é desolador. No entanto a Missão, evidentemente, não foi contractada para exercer as funcções de escola normal...

Seja como fôr, com generaes ou sem elles, concordo plenamente com o Sr. Xavier de Oliveira: na hora actual não ha para o Exercito Nacional missão mais nobre do que a educação do povo. Para o Exercito e para nós paizanos...

ROQUETTE-PINTO.

UM VISITANTE AMAVEL

O poeta e prosador belga Léon Kochnitzky, que realizou algumas conferencias aqui e deixou entre nós uma bella impressão de saude e juventude intellectuaes, mandou para as *Nouvelles Littéraires* algumas impressões sobre o Rio de Janeiro.

O chronista internacional do *Strapontin Volant* indaga o que sentiria Paul Valéry se, fazendo o seu passeio quotidiano pelos Campos Elyseos, encontrasse de repente a sua propria estatua. Talvez o monoculo lhe tombasse da orbita e se reduzisse em estilhaços no pedestal de granito. Pois aqui no Rio, o sr. Alberto de Oliveira, que não traz monoculo, tem monumento anthumo, embora, ao dirigir-se ás sessões semanaes da Academia de Lettras, passe modestamente de largo, deixando de ir narcisar-se na effigie de bronze com que o mimoscaram os admiradores, entre as palmeiras ondulantes da avenida Beira-Mar.

A proposito do Petit-Trianon de cá, o sr. Kochnitzky fornece, *cum grano salis*, diversas indicações historicas sobre o Grand-Trianon de lá, da França para onde escreve, accentuando faltar ao nosso edificio a pátina do tempo, com o ar de quem insinúa que aos nossos quarenta immortaes tambem falta a pátina de uma verdadeira cultura que só os seculos conseguem trazer aos povos...

Grandes são os louvores do escriptor cosmopolita á nossa urbe, "cidade do paradoxo e do irreal, dois milhões de almas e cem mil palmeiras, e milhões de passaros de todas as côres". Cidade "onde os pobres são invisiveis, talvez inexistentes", e onde a mendicancia, dada a abundancia de sol, de fructas e de peixe, será apenas uma diversão de caracter esportivo...

Accentúa que o Rio possue, como no caso da "Mercería" de Verona, um trecho em que os vehiculos não podem circular: a rua do Ouvidor, e possue um funicular que leva á maior estatua de Christo existente no mundo. No Mercado ha garoupas de tres metros e pesando trezentos kilos. Um aqueducto recorda a ponte do Gard, e nas lojas os perfumes francezes custam menos caro que em Paris e os chapéos italianos são mais baratos do que na propria Italia.

Curioso é que entre nós os polonezes passem a chamar-se polacos e os syrios se convertam em turcos.

As questões litterarias occupam aqui o primeiro plano das preoccupações geraes, sem a correspondente super-estructura economica. O peor é que não sabemos de onde procede o nome da nossa terra e se Brasil é com "s" ou com "z". Tambem, em organizando o seu diccionario, a Academia não fez outra cousa senão compilar os vocabularios lusos. Dahi a indagação de Kochnitzky: por que não escrevemos á brasileira, como Dreiser e Sinclair Lewis escrevem á americana, por que não repellimos de vez os archaismos importados de Coimbra, os arcadianismos que nos impedem de desenvolver uteis estudos folkloricos e de conduzir, neste paiz novo, uma obra de espirito "moderno e original"?

E — ao falar de modernismo — o jornalista belga recorda a acção renovadora que exercem entre nós o romancista Graça Aranha, egresso da farda academica, antes de ir morrer junto á collina da Gloria, uma especie de Fiesole austral, com palmeiras em logar de cyprestes...

★

Louis Bertrand, em *Histoire d'Espagne*, apresenta aspectos novos sobre a terra e a gente iberica e, por vezes, algumas originalidades suas não deixam mesmo de tomar o aspecto de possiveis paradoxos. Acha elle que os hespanhóes não tinham outro remedio senão liquidar os Incas, aliás combatendo-os sempre com formidavel inferioridade numerica, e que esses adoradores do sol e ferozes chacinadores de victimas propiciatorias, não mereciam maior consideração dos invasores. Pensa que o contingente arabe na civilização castelhana foi bem menor do que se suppõe e que a Peninsula tem a sua physionomia, as suas caracteristicas proprias, não carecendo da cooperação alheia e a tudo sobrepondo as singularidades de um genio inconfundivel entre os demais povos. E' um livro, esse de Louis Bertrand, que se lê com prazer ou com vontade de contradictar o autor, jámais com indifferença...

A proposito de Dostoiewski

Não são muito recentes as memorias publicadas sobre seu marido pela segunda mulher de Dostoiewski (*); a traducção franceza já data de uns dois annos. Mas, como não tiveram entre nós larga divulgação, não estão fóra dos limites do *Ariel*. Além disso — e esse é um dos mais seguros indices da grandeza de Dostoiewski — tudo o que toca ao romancista russo tem um estranho sabor de actualidade. A sua repercussão ainda não soffreu com as oscillações da moda. Ao contrario. Parece estar sempre crescendo. Um genio como o seu, feito da essencia mesma da vida, não se póde prender a circumstancias passageiras.

.. A nossa geração tem-no, e com razão, como um dos seus, tanto elle responde á nossa inquietação. Mas elle é de hontem tanto quanto de hoje; no seu tempo, na Russia, sobretudo nos ultimos annos de vida, projectou-se gigantescamente sobre a mocidade. O discurso pronunciado por elle durante os festejos a Pouchkine, em 1880, e a apotheose que foi o seu enterro attestam como estava enraizado na alma do seu povo e da sua época. E os nossos netos terão, quiçá, o prazer de pensar que Dostoiewski escreveu para elles...

Encarado por si mesmo, pelo seu valor intrinseco, o livro de Anna Grigorievna não deverá ser considerado notavel. Sobre o mesmo assumpto existem innumeros estudos que lhe são superiores. Aliás, ella não parece ter tido velleidades litterarias, nem pretensões a fazer a critica do escriptor. Contou apenas, simplesmente, a vida do marido. E, sob esse prisma, foi admiravel. Conseguiu uma cousa rara: ser sincera, revelar a intimidade, sem nunca ser banal nem ridicula. A sua personalidade, fundida na do companheiro depois da morte como o fôra em vida, numa longa e incansavel dedicação, permittiu-lhe mostral-o tal qual deve ter sido. Tal qual o conhecemos atravez da sua obra. Realizou, por isso, um trabalho precioso, e particularmente meritorio para a esposa apaixonada que foi: focalizar com essa objectivação perfeita um ente querido é muito difficil aos homens, e quasi impossivel ás mulheres, que julgam com o coração...

Já o livro de Aimée Dostoiewski, filha do casal, que precedeu o seu, não logrou vencer tal difficuldade. Querendo pintar o pae muito bom, como naturalmente o achava, ella o deforma e de algum modo o amesquinha. Tenta — talvez inconscientemente, e num intuito muito desculpavel e até louvavel — enquadral-o na bitola commum dos homens bons. Polil-o para o fazer brilhar.

Como se Dostoieweski, esse mundo, pudesse ser domesticado!

E faz o leitor soffrer a decepção de quem, procurando um deus, encontra apenas um bom homem.

Agora, ao contrario, terminada a leitura tem-se a revelação maravilhosa, que Diogenes buscou em vão, de ter encontrado, — afinal! — um homem.

Um homem indelevelmente marcado pela vida, trabalhado pelos soffrimentos, lavrado pelas fraquezas, mas por isso mesmo ainda mais humano.

E, para a comprehensão de um temperamento como o de Dostoiewski isso é de summa importancia. Alguns artistas podem ser entendidos mesmo por quem lhes ignore a existencia; são sem duvida aquelles que teriam sido os mesmos em quaesquer circumstancias. Serão os mais fortes, porque não os abalam as vicissitudes? ou os mais superficiaes, não entrando no amago dos acontecimentos? E' facil, por exemplo, conceber-se Victor Hugo sem Guernesey ou Machado de Assis sem a epilepsia. Mas é impossivel imaginar-se Dostoiewski sem a Siberia, sem a doença, sem as difficuldades materiaes que o enleiaram. E o enrijaram. E o afinaram pelo rythmo obscuro e profundo da vida. E lhe formaram o seu poderoso substratum christão. Porque se, a Dostoiewski mais do que a ninguem, é perigoso classificar — essa mania da critica moderna — se todos os rotulos só o podem diminuir, esse, o de christão, é bastante amplo para enfeixal-o sem o limitar.

A existencia do mal, a grande tragedia christã — os inimigos do christianismo não o accusam de haver, com isso, ennegrecido e entristecido a humanidade? — é a grande tragedia dos dramas de Dostoiewski.

Nicolau Berdiaeff, um dos seus mais agudos criticos, poude chamal-o, com precisão, de apocalyptico. E é justamente essa concepção apocalyptica — e portanto christã — das cousas que torna tão humanos os seus personagens. E tão inquietantes. Têm alma, uma alma immortal — e experimentam a volupia quasi macabra de poder perdel-a...

E' isso tambem que faz tão rudes, tão desconfortaveis os seus livros. Elle põe o homem a sós, defrontando o enigma do universo. Nada de bem-educado, de domado, de civilizado na sua obra.

E' a historia da humanidade recondita, subterranea, que leva a duvidar e a se debater sem nunca alcançar uma resposta; é a historia atormentada da propria mentalidade de hyper-sensivel que lemos nos seus livros.

E' um christão que encontramos nas recordações da sua mulher.

Esse escriptor apocalyptico, o unico que ensinou alguma cousa a Nietzsche em psychologia, foi tambem — e não ha nisso a menor incompatibilidade — o chefe de uma familia burgueza, bom pae e bom marido como nol-o revela o livro da sua companheira. Foi o melhor calmante para as suas angustias de pensador e de doente nervoso, essa placida existencia familiar. Mas não a conservou alheia á sua vida intellectual, não viveu em dois planos distinctos. Se não havia nada de litterario no seu viver, tambem não o ha nos seus livros. Pensava como vivia, *porque* vivia. Simplesmente, naturalmente.

E por isso penetrou tão fundo na consciensia dos homens.

O livro de Anna Grigorievna permitte conhecel-o justamente porque não o tenta explicar. Elle é inexplicavel, denso e contradictorio como a propria vida. Ella procura apenas fixar-lhe os multiplos aspectos.

Na prodigiosa floresta, obscura, exuberante, emmaranhada e confusa da obra do marido, o seu estudo traça um atalho estreito mas seguro.

O grande amor que os uniu foi-lhe o melhor dos guias.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

(*) *Les contemporains vus de près: Dostoiewski par sa femme Anna Grigorievna Dostoiewskaia*. Traduit par André Beucler.

Litterature Enfantine et Collaboration Internationale

Bureau International d'Éducation — Genève — 1932.

Marcel Proust, no prefacio á tradução franceza de *Sésame et les lys* de Ruskin, escrevia este pensamento: "Il n'y a peut-être pas de jours de notre enfance que nous ayons si pleinement vécus que ceux que nous avons cru laisser sans les vivre, ceux que nous avons passées avec un livre préféré".

Basta cada um de nós rever o fundo distante do passado para verificar a justeza do conceito. No subsolo da personalidade de cada homem ha a radicula imperceptivel das emoções vivas e fortes, que pela primeira vez se beberam nestas fontes eternas do pensamento da especie, que são os livros.

Dahi a delicadeza do problema, que só recentemente foi abordado e tratado com o carinho merecido.

O bello volume que acaba de sahir do Bureau de Genebra, de cerca de 200 paginas, bem impressas, possivel graças ao donativo do Payne Fund de Nova York, representa o opuleto resultado de inquerito sobre litteratura infantil.

A introducção, da penna de uma notavel especialista, Blanche Weber, em inglez e francez, explica os dois objectivos do inquerito: — o primeiro, de reunir o maior numero possivel de dados, em toda parte, sobre livros de creanças, pondo-se em contacto com educadores, autores, traductores, editores, de todos os paizes; — o segundo, a indagação dos "melhores livros", não só na opinião dos educadores, como das creanças.

O Bureau mantém uma exposição permanente de livros que procuram desenvolver a amizade entre os povos, livros que representam a vida da infancia e que são amados das creanças, classicos da infancia e juventude, livros de imagens, trabalhos de creanças.

Os inqueritos procuram investigar em todos os meios que possam fornecer dados uteis ao objectivo em vista.

Todas estas questões são abordadas com criterio e discutidas com lucidez admiraveis. O problema da Paz, a que a litteratura infantil pode prestar inestimavel serviço pelo conhecimento dos differentes povos, nos seus habitos, costumes, meios de vida, aspectos physicos e culturaes, é preoccupação dominadora neste trabalho.

Vem, a seguir, a lista dos paizes que collaboraram, em numero de 32 com a indicação das fontes de informações.

Ao contrario do que costuma acontecer, mesmo nos boletins da União Pan-Americana, o Brasil ahi figura, com os elementos fornecidos pela Associação Brasileira de Educação, graças aos trabalhos realizados por D. Armanda Alvaro Alberto.

A segunda parte contém a lista de livros, classificados em 4 grupos:

a) livros que estimulam o espirito de collaboração internacional entre as creanças;

b) livros particularmente populares entre as creanças, representando a vida da juventude de cada paiz;

c) livros classicos da juventude de cada paiz, constituindo de algum modo o patrimonio commum das creanças, de cada nação;

d) livros escriptos por creanças.

Esta relação não se limita a ser apenas ennumerativa com as indicações bibliographicas habituaes, pois contem breve resumo do conteúdo de cada livro.

O inquerito prosegue e o Bureau Internacional de Educação se empenha em traduzir, autorizadamente, os livros typicos de cada paiz, de interesse infantil.

Este trabalho apresenta tantos aspectos de applausos, que não é necessario encarecer.

E' um grande emprehendimento de collaboração internacional.

Uma grande fonte de informações para todos os que se preoccupam com a educação, o que deve ser toda gente.

Uma grande esperança de que se possa dar á infancia, em breve, uma quantidade maior e mais escolhida de combustivel, com que alimentar o fogo sagrado de sua imaginação e de sua phantazia, fonte das reservas eternas do idealismo da especie.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

Acaba de apparecer:

AGRIPPINO GRIECO

EVOLUÇÃO DA POESIA BRASILEIRA

Preço: 8$000

"IEDERMANN"

Os scepticos poderiam rir-se de um brasileiro que se propuzesse a ir editar livros em Paris, allegando que o nosso cancquinho de agua não aguentaria de modo algum o volume das aguas civilizadas do Sena.

Mas o caso é que um patricio nosso, o sr. R.-A. Corrêa, de que já temos falado varias vezes, continúa a distinguir-se, na capital da França e para tantos capital do espirito humano, pela excellencia das suas edições, todas de obras de autores da melhor categoria intellectual: Charles Du Eos, Benjamin Crémieux, Ramon Fernandez, Edmond Jaloux, Jacques Maritain, René Schwob, Jean Cassou, etc.

A par de trabalhos originaes, não faltam as traducções valiosas. Ainda ha pouco, era a *Tempestade* de Shakespeare, onde figura o nosso querido Ariel, transportada ao francez por Pierre-Louis Matthey, com introducção de Jacques Copeau. Agora é o *Hedermann* de Hugo von Hofmannsthal, em transcripção gauleza de Alix Bodenheimer e René Philipon.

Hofmannsthal — ninguem o ignora — foi nos ultimos tempos um dos mais vigorosos representantes do néo-romantismo em lingua allemã. Dannunziano extremado, colorista de um grande fausto de allegorias entre pagãs e christãs, reavivou na Austria e na Prussia o gosto pelos espectaculos sumptuosos, pelas evocações historicas, pelas tragedias de rica indumentaria e de attitudes estylizadas. Reviveu diversos themas classicos, fazendo resurgir nos palcos de uma época prosaica as figuras dolorosas e estranhas de Edipo e Electra.

Entanto, esse amigo dos mythos pomposos, dos paineis decorativos, dos ambientes da Grecia ou da Renascença, não desdenhava tambem as notas sobrias, discretas, que lhe contivessem a fantasia desbridada numa expressão de melhor classicismo. Um exemplo disso são as scenas e os dialogos de *Iedermann*, em que elle modernizou, sem tirar-lhe o sabor do tempo e da côr local, uma especie de mysterio da Edade Média, de conto popular allemão, já aproveitado por um inglez e um hollandez e até por essa curiosa personalidade de poeta-sapateiro que foi Hans Sachs.

Iedermann é o rico de pouca alma, dado apenas a desfructar vertiginosamente os bens terrestres e que de repente se vê ás voltar com Dona Morte, forçado a comparecer deante do Padre Eterno, sem que para tanto esteja sufficientemente preparado em sua contabilidade moral. Mas, como de praxe, não tarda o arrependimento do agonizante e este desce ao tumulo confortado por aquellas virtudes catholicas que repellira nos seus annos de plena força e opulencia.

Assumpto, ao que vêem, sem grande novidade e sem grande relevo. Todavia, a linguagem de Hugo von Hofmannsthal, na finissima interpretação franceza de Bodenheimer e Philipon, é um encanto que mais e mais se accentúa ao volver das paginas. Pullulam os detalhes dramaticos ou de leve comicidade, sublinhando observações das mais sagazes em torno á psychologia dos potentados e á horda de parasitas que lhes referve em derredor.

Uma obra de notavel merito litterario e que, ainda uma vez, dignifica o subtil criterio de seleção do illustre editor patricio.

"De la connaissance de Soi"

Léon Brunschvicg — Librairie Félix Alcan — Paris, 1931

Que se pergunte a cada um o que define e caracterisa sua personalidade, sua verdadeira entidade, em uma palavra o seu eu profundo; quaes os elementos que permittem destacar esse qualquer coisa do mundo que o cerca e que apparece já como um mundo nitidamente separado ou pelo menos exterior. Que se peça um esforço ainda; uma pesquiza, pela observação, pela reflexão, ou pela contribuição de todos os elementos necessarios, do que nos póde dar plena conscienceia da essencia propriamente humana. Com essas perguntas, que logicamente deveriam se apresentar a todos os espiritos como essenciaes, como sendo as mais importantes, senão as mais urgentes, levantam-se de chofre os mais angustiantes e obscuros problemas da Philosophia.

Sem duvida, em sua immensa maioria os homens não se entregam a esforço algum de meditação original sobre essas questões, não perdem tempo na analyse do sentimento de si proprios, acceito como um dado elementar, mas no fundo amoldado e por assim dizer estylisado pelo convivio social e pela educação. A sociedade offerece typos de personalidades em serie, crêa insensivelmente generos onde é facil encaixar, na maior parte dos casos, os individuos. Para o equilibrio geral, para as necessidades da vida pratica, essa simplificação é necessaria. Poderia parecer-nos artificial, mas, a um exame mais aprofundado, se nos afigura ella uma consequencia natural de uma tendencia pragmatica de organização, de classificação, apparece-nos como um compromisso tacito com a ignorancia em que ainda nos achamos; lança-se assim sobre esta um grande véo que não poderia, sem perigos, ser dilacerado. Obtem-se o afastamento de uma irritante e perturbadora difficuldade, que talvez deva ser occulta ás massas.

No estudo da questão do conhecimnto de si proprio, o ponto de partida deveria ter uma significação particular. Logo de inicio tem-se a impressão da impossibilidade de ver claro nesses problemas. Como destacar, segundo as normas habituaes da pesquiza, o objecto do conhecimento, da consciencia, ou do espirito, ou, para não prejulgar, do agente do conhecimento, se nesse caso os dois se confundem! Seria logo necessaria uma decomposição em duas partes, uma que observa e estuda, outra que é observada e estudada, e essa divisão já compromette o todo, já o destróe, senão totalmente pelo menos de modo a tornar suspeitos os resultados. E' o grande obice que encontra sempre deante de si a introspecção. E se, sahindo de si propria, a consciencia procura em outros os elementos de suas informações, ella depara ainda com as barreiras intransponiveis que separam duas consciencias distinctas. Torna-se indispensavel, por um esforço sobre si mesmo, partindo dos signaes exteriores dos estados d'alma, crear na propria consciencia estados analogos; eis ahi um primeiro perigo, uma primeira fonte de erros. E, depois, recahe-se na difficuldade peculiar á introspecção. A analyse da consciencia ou dos estados de espirito de outrem só póde ter como base a reproducção em nós mesmos de uma consciencia analoga ou de estados de espirito semelhantes. O maximo que podemos obter é uma tradução mais ou menos approximada, em termos de nossa linguagem intima, de um texto escripto em uma lingua que nos ha de ser sempre extranha.

O isolamento, a concentração sobre si, o esforço de penetração intima e profunda, afastando o que ha de accessorio, o que se apresenta como menos essencial, não deu e não promette dar resultados definitivos; a observação exterior em si mesma, ou, pelos reflexos de sua influencia sobre cada personalidade, a pesquiza dos contrastes ou das analogias entre o universo exterior e o mundo interior, mais complexa, apresenta-se sempre com uma tara fundamental: a impossibilidade de uma attitude de objectivação, em questões essencialmente de ordem subjectiva. E tanto em um caso como em outro, o eu desesperadoramente fóge deante de si mesmo, furta-se á submissão, e escapa ou dissolve-se nos momentos em que parece formar-se a illusão que ia se deixar prender e dominar.

Considerada elementarmente, a questão já se apresentou a Pascal: "O homem é visivelmente feito para pensar; eis ahi toda a sua dignidade e todo o seu merito; e todo o seu dever é de pensar correctamente. Ora, a ordem do pensamento é de começar por si, e por seu autor e seu fim". Em um de seus pensamentos Pascal aborda a grande questão: "Qu'est-ce que le moi?" Esse *moi* não póde, segundo elle, ser caracterizado pelo corpo, nem tão pouco pela alma. Elle se nos apresenta sempre pelas qualidades de um ou de outra. "Amar-se-ia a substancia da alma de uma pessôa abstractamente, quaesquer que fossem as qualidades que nella se contivessem? Seria impossivel e seria injusto. Logo, nunca se ama ninguem, mas somente qualidades".

E' pela recordação deste ultimo pensamento de Pascal, que o Sr. Brunschvicg inicia as suas reflexões sobre o problema do eu. Mas o Sr. Brunschvicg não podia nem devia permanecer, nessa serie de lições professadas na Sorbonne, nesse estado de espirito simples que assumem alguns philosophos, que seriam levados a considerar como impurezas os pensamentos de outros, collecionados pela paciente erudição. Intimamente familiarizado em todas as correntes philosophicas, pensador original e critico de systemas, habil no discernir sob as vagas de palavras as tendencias reaes do pensamento, Brunschvicg não se defendeu contra sua propria erudição. Não estudou a personalidade humana como ella poderia ser avaliada e julgada por um espirito que a encontrasse pela primeira vez em seu complexo aspecto actual. Procurou, ao contrario, em sua lenta formação, em sua evolução ramificada segundo necessidades originaes e de accordo com as imperiosas necessidades impostas pelo progresso da humanidade, o que melhor poderia caracterizal-a.

E' esse methodo de pesquiza que forma o valor de seu volume. Evidentemente, elle não chega a conclusões, ou melhor suas conclusões apenas se esboçam, fugitivas, incertas, em uma nevoa que parece tender para formas ainda imprecisas. Sobre a substancia primitiva propriamente humana, a historia accumulou elementos novos e importantes. "O conhecimento de si... exige que a historia seja accrescentada á natureza". E qual dos aspectos tomados pela actividade humana é preponderante na sua caracterização actual? Successivamente Bruns-

chvig analysa os effeitos do trabalho, da actividade manual para a satisfação das necessidades da vida, em uma palavra as caracteristicas do *Homo faber;* as aspirações religiosas, individuaes ou collectivas, balbuciantes e indecisas, caminhando para uma espiritualisação cada vez mais accentuada, dando em resultado o aspecto humano designado pela expressão *Homo religiosus*, e ahi, por uma digressão natural, é abordado o problema da magia.

A linguagem, a verdadeira significação dessa forma de expressão, que, inicialmente destinada a traduzir pensamentos e emoções, acaba no homem civilizado por impôr idéas e suscitar estados d'alma por assim dizer estandardizados, e a vida em sociedade que levanta os inextricaveis problemas da actividade politica (e Brunschvieg intitula um capitulo: *o animal politico*) são objecto de duas conferencias distinctas. Finalmente a arte que forma o *Homo artifex*, a sciencia que crêa o *Homo sapiens*, o agente moral, o ser espiritual, fecham o livro.

Para Brunschvieg, o homem isolado não poderia chegar á solução de seu problema basico de se conhecer a si proprio. "Como predizer o que os homens em seu conjuncto farão da humanidade, quando o problema a resolver se apresenta precisamente em termos inversos? Elle consiste, para cada um de nós, em decidir o que a humanidade fará delle na medida em que terá sabido se reconciliar comsigo, attingindo ao gráo de intelligencia e de consciencia ao qual ella effectivamente chegou pelo progresso de um esforço secular". Mas isso não impede que o conhecimento de si proprio seja uma empreza individual que se desenvolve na "intimidade de cada consciencia por essa luta sem treguas contra a natureza e contra a tradição, á qual temos assistido nos differentes dominios de nossa actividade".

Terminada a leitura do livro de Brunschvieg, expontançamente veiu-nos á memoria um dos pensamentos de Pascal; quando sahimos da ordem do espirito, da razão ,só sabemos por onde começar quando já acabámos.

Miguel Ozorio de Almeida.

A singeleza poefica de Anthero do Quenfal

Hoje, quando apezar dos esforços envidados por symbolistas, néo-symbolistas e futuristas para conseguirem a simplificação da poesia, vemos que esta se sobrecarrega sempre de artificios, quasi nos espanta o verificarmos a singeleza inerivel com que versejava Anthero do Quental.

Esse bardo philosophico, "Santo Anthero", segundo qualificativo do Eça, traçava suas rimas como se molhasse a penna na tinta fresca das madrugadas portuguezas; e com o seu methodo despretencioso, máo grado as idéas graves e profundas enunciadas, conseguiu harmonia de linhas e verdadeira riqueza melodica.

Não sou em absoluto partidaria da emoção sem arte, qual a que bróta, por exemplo, dos cancioneiros populares. Mas Anthero realizou o quasi-contrasenso de subir ao seu Parnaso de metaphysica empregando, valendo-se de um vocabulario commum, sem recorrer senão poucas vezes aos "grands mots", e nunca forçando a nota *simples* que voluntariamente se arrogou.

O cantor apaixonado da Idéa, que mergulhava frequentemente no incuravel inferno da neurasthenia, soube dizer como poucos do mal do mundo, da precaria incerteza humana. Quando escreveu *Desalento*, (*Despondency*, amethysta poetica d'*Os Sonetos*), attingiu esse estado de angustia que só a palavra franceza exprime, com *détresse* que chega á alma:

"Deixal-a ir!"

E' o grito supremo de soffrimento, a vibrar entretanto como despedaçador anhêlo de libertação, sendo a ultima esperança, e mostrando a alma que preferiu o anniquilamento á traição ou á resignação.

E, abandonando o lado psychico da segunda estrophe da Idéa,... que singeleza! Como poude o artista, com palavras tão vulgares, obter esse effeito de plenitude ao illuminar, em rima e sonho, a Encoberta Peregrina?

Oliveira Martins considerava a grande série dos sonetos de Quental, como *crepuscularmente desolados*. Esse seu annotador, critico conseciente, descreve-nos o mal do poeta, duas paginas escriptas com sangue e lagrimas, e accrescenta, convicto: "Dóe ver a vida do mais bello espirito consumir-se em agonias de uma alma em lucta comsigo mesma!"

Mystico, Anthero do Quental, num dos seus assomos de lyrismo, faz lembrar São Francisco em Dante, ao se dirigir á Pura das Puras, em *A' Virgem Santissima*; e mais uma vez se verifica o seu singelo modo de escrever, no final que sôa meigo como um entardecer flamengo, em silenciosa igreja, onde rezasse a meia-voz um côro de beguinas.

— Fita-me assim calada, assim chorosa,
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Helena de Irajá.

ACABA DE APPARECER
A CARNE
EM TODAS AS LIVRARIAS
Preço: 6$000

A Sciencia e o Premio Nobel

O premio Nobel de Medicina foi dado, este anno, a dois physiologistas inglezes.

O primeiro, C. S. Sherrington, notabilizou-se pelas suas pesquizas experimentaes e suas concepções sobre a physiologia geral do systema nervoso. Innumeros foram os factos novos e importantes revelados por Sherrington no tocante aos reflexos, á coordenação dos movimentos, ao mecanismo do tonus muscular, á innervação reciproca. Experimentador cauteloso e seguro, o physiologista inglez fez uma analyse experimental minuciosa dos principaes phenomenos basicos da physiologia nervosa, apoiando suas concepções geraes nos resultados de suas observações. Entre essas concepções geraes, destacam-se a da acção integrativa do systema nervoso, a do tonus como um reflexo de posição e sustentação, e a do papel das synapses, que, comquanto anteriormente apresentada pelo physiologista francez Morat, só com os trabalhos de Sherrington teve o seu pleno desenvolvimento. A influencia de Sherrington sobre a moderna physiologia nervosa foi immensa, e muitos de seus discipulos e collaboradores, hoje professores de Universidades, continuam suas pesquizas, seguindo os caminhos abertos pelo eminente physiologista. De uma actividade infatigavel, Sherrington, que nasceu em 1859, prosegue sempre em suas investigações.

E. D. Adrian, o segundo premiado, dedicou sua actividade ao estudo das correntes de acção dos nervos sensitivos. Utilisando-se das valvulas de tres electrodios para a ampliação das pequenas differenças de potencial, e empregando principalmente o electrometro capillar, Adrian, não só confirmou muitos factos cujos caracteres essenciaes não podiam ainda ser definitivamente affirmados, como poz em evidencia phenomenos novos de grande importancia. Entre estes destaca-se a demonstração de ser a intensidade da sensação dependente da frequencia das correntes de acção. Sua technica chegou a uma grande perfeição e os resultados de suas pesquizas tiveram uma grande repercussão no mundo scientifico.

A crise da philologia romanica

A philologia romanica atravessa na Allemanha, no presente momento, uma phase critica. Quem nol-o diz é o professor Leo Sptizer, docente da Universidade de Colonia e nome laureado na sua especialidade. Falando recentemente em Paris sobre "O estado actual dos estudos romanicos na Allemanha", desenhou em traços seguros o quadro da evolução desses estudos no seu paiz, evolução de que a sua propria carreira de sabio é um exemplo vivo.

Discipulo de Meyer Lübke, educado nos methodos de investigação de que a famosa *Grammatica das linguas romanicas* constitue o producto mais expressivo, viu-se Leo Sptizer, depois da guerra, na contingencia de ter de desprezar toda a sua preciosa bagagem philologica e de substituil-a por *qualquer coisa* que melhor correspondesse ás aspirações e ás necessidades das gerações egressas das trincheiras. O ensino da philologia romanica peccava até então por ser excessivamente linguistico. Miudas e obscuras evoluções phoneticas, impertinentes e singularissimos casos de morphologia e de syntaxe, ou controversias etymologicas em torno de fórmas dialectaes, forneciam o material mais appetecido por mestres e discipulos. A linguistica e a historia litteraria consideravam-se dois campos separados, sendo que a primeira merecia em geral mais respeito por ser "mais positiva, mais scientifica que a segunda, escripta quasi sempre por imaginativos, gente um tanto amalucada e por vezes perigosa".

Além de irritantemente pedantescos, esses estudos apresentavam duvidosa utilidade. Nos exames universitarios davam-se até episodios como este, narrado pelo professor Schuchardt:

Professor — Traduza-me em francez antigo: "O imperador chamou o duque".

Alumno — "Li emperere a le duc appelet".

Professor — Agora traduza-me isso em francez moderno.

Alumno — Impossivel, sr. professor, de francez moderno nunca ouvimos fallar...

Aridez, pedantismo, inutilidade eram, pois, os caracteristicos dos estudos romanicos na patria da philologia romanica. Contra a primeira já vinha protestando, desde 1904, Karl Vossler, cuja concepção — a historia espiritual espelhada na lingua — apparecia, "no meio do pantanal positivista e materialista da sciencia *d'avant guerre* como uma ilha de espiritualidade e idealismo". Contra a ultima insurgiram-se afinal as exigencias da vida pratica. "Os antigos combatentes ansiavam por conhecimentos essenciaes e totaes e tinham pressa de adquiril-os porque a patria lhes retardara demasiado a carreira".

Diante disso só havia um alvitre: mudar de rumo, queimando, primeiro, a papelada já então imprestavel, os milhares de fichas cobertas de toda especie de *chinoiseries* linguisticas. O novo rumo encontrou-o Leo Spitzer na *analyse estylistica das grandes obras litterarias*, ponte de ligação da linguistica com a historia litteraria. Mas ainda ahi foi necessario avançar alguns passos para explicar a historia litteraria pela historia geral da cultura dos povos romanicos. E a philologia foi penetrando insensivelmente nos dominios da historia espiritual.

O *Ensaio sobre a França*, de Ernest Robert Curtius, é por ora a obra mais representativa das novas tendencias.

Sabe-se que a linguistica romanica naseeu do estudo da poesia provençal. François Raynouard havia publicado em França, em 1816, uma collecção de poesias trovadorescas e Frederico Diez, a conselho de Goethe, começou a estudal-as, a comparal-as com textos litterarios coevos, francezes, italianos e hespanhoes. Da comparação esthetica possou á comparação linguistica e alguns annos depois creava definitivamente a linguistica néo-latina, com a publicação da primeira grammatica das linguas romanicas.

Assim, tornam na Allemanha os estudos romanicos ao seu ponto de partida, voltando ao terreno mais attrahente das creações artisticas e fugindo ao carrascal emmaranhado das minucias grammaticaes. Mas será essa uma etapa definitiva ou será apenas o resultado da transformação geral dos valores, e uma consequesncia dessa *incerteza*, assignalada pelo proprio Spitzer, em que vive a Allemanha nos dias que correm?

SAUL BORGES CARNEIRO.

— Massimo Bontempelli continúa a obter na Italia brilhantes successos de dramaturgo. O porta-voz dos chamados "novecentistas" anda longe de pertencer á geração nova, por isso que já passou dos cincoenta annos de edade, mas é um lutador valente em prol das reformas scenicas que o vêm apaixonando desde a adolescencia. Começou poeta, com umas éclogas e umas odes sicilianas, mas cedo se bandeou para um humorismo entre romantico e sarcastico, em que são frequentes as notas lunares ou lunaticas, mas tambem as passagens de um agudo modernismo, de quem considera um automovel cousa tão maravilhosa quanto os milagres dos contos de fadas. E' tambem conferencista dos mais lépidos e musicista á altura de encher todo um concerto deante do publico mais exigente.

— O romance *Un homme à la mer*, de Isabelle Sandy, é o caso de uma creatura indecisa entre o tumulto de Paris e a quietude da provincia.

— Assignalam que Guy de Maupassant já devia estar doido quando redigiu o *Horla*, trabalho em que ha uma referencia ao Brasil.

— Marcel Sauvage compôz uma fantasia humoristica em que as estatuas de heróes das ruas e praças de Paris, Rolando, Carlos Magno, Joanna d'Arc e Napoleão, sáem do seu torpor de bronze e, descendo do pedestal em que as immobilizaram, vêm applicar uma formidavel tunda na prosaica humanidade que lhes fervilha em derredor (*La fin de Paris*).

— *Les jours et les nuits des oiseaux*, eis o ultimo volume de Jacques Delamain, que já escrevera outro para explicar-nos a razão por que os passaros cantam.

— Sahiu agora em francez o diario de guerra de Mussolini, notas de trincheira garatujadas entre dois tiroteios pelo então *bersagliere* do exercito italiano.

— Em *Marie-des-Angoisses*, de Marcel Prévost, ha um typo complicadissimo de adolescente hespanhola.

— Marcel Jouhandeau, excellente romancista, escreve agora o *Elogio da Imprudencia*.

— Hilaire Belloc vê augmentar cada vez mais o successo em torno ao seu estudo sobre Maria Antonietta.

— Paul Colin consagra uma obra de luxo ao pintor Manet, que aprendeu com o sol do Brasil a ser um grande colorista.

— O actor Yonnel desempenhou o papel de Hamlet na Comédie-Française.

— A Philarmonica de Berlim foi realizar varios concertos de musica allemã em Paris.

Esboço de uma introducção á critica de "Politica"

E' pensando, sobretudo, na phrase de Montesquieu: "les lois sont des rapports nécessaires dérivant de la nature des choses", que vemos nelle o creador da sociologia. De que as leis são relações necessarias que derivam da natureza das cousas, conclue Montesquieu que ellas "devem ser proprias do povo para o qual são feitas e que o melhor governo é o que conduz os homens do modo o mais convinhavel ás inclinações delles". Os erros — e são tantos — que se deparam na obra de Montesquieu, mais do que por sua propria, devem correr por conta da epoca em que elle viveu; e o seu grande livro *O Espirito das Leis*, em cuja claboração foram consumidos 25 annos de estudo, bem poderia chamar-se *Tratado de Sociologia*, tivesse Augusto Comte apparecido um pouco mais a tempo... A elle, mais que a Comte, parece caber o titulo de creador da sciencia nova.

De Montesquieu até aos nossos dias, quasi dois seculos, a sociologia muito se desenvolveu e, se hoje já não pensamos exactamente como o autor das *Cartas Persas*, isso não obsta a que certos sociologos modernos, lendo a historia ás avessas, vão descobrir a sociologia no Doutor Angelico... Está nesse numero o sr. Tristão de Athayde, que acaba de nos dar, aliás, vender *Politica*, livro em que repisa idéas medievaes com que vem conquistando, entra anno sáe anno, seus "successos de livraria"... catholica.

Ora, esse sr. Santo Thomaz de Aquino, philosopho elle o foi e grande, mas sociologo, nunca. E isso por esta simplissima razão que a historia da sociologia tem apenas dois seculos incompletos e tudo quanto para tráz se haja dito ou escripto constitue tão somente a sua prehistoria. A Antiguidade não conheceu sociologos, se bem que haja tido os precursores, os que prepararam a sociologia. Esses pioneiros foram os historiadores, os compiladores dos factos sociaes, taes como Herodoto, Thucydides, Pausanias, Aulu Gelio, Strabão, Pomponius Mela, Plinio, Valerio Maximo e tantissimos outros. Mas foram, sobre todos, dois sabios gregos que, sobre contemplar, comparar e explicar os factos sociaes, tambem souberam "philosophar" e legaram á posteridade idéas geniaes que, acceitas ou não, são ainda hoje meditadas, interpretadas e discutidas — Platão e Aristoteles; esse Aristoteles cuja *Politica*, sem intenção de melindrar, preferimos á do sr. Thristão de Athayde... Da Antiguidade á Idade Média não medeia, neste terreno, grande distancia. Na propria opinião de Jacques Valdour, autor insuspeito para o sr. Tristão, pois que, como este, pensa que "não se pode fazer sciencia social com uma razão independente das verdades metaphysicas e religiosas", os factos sociaes eram na Idade Média apreciados, de começo, á luz de uma moral deduzida do dogma e de certas instituições que a tradição consagrara, taes como a propriedade e a desigualdade das condições. Os pensadores medievaes estudavam então as questões moraes creadas pelo exercicio do poder, pela posse e uso dos bens materiaes e consolidavam assim a moral christã. Dos principios dessa moral ás leis que presidem á producção das riquezas, ao problema da estructura social, da constituição politica e das instituições juridicas, a tanto não lograva ir o espirito então dominante, que só do ponto de vista moral, isto é, normativamente, sabia apreciar o facto social. A explicação, por exemplo, economica dos factos economicos só começa a ensaiar-se ao fim do seculo XIII com Henrique de Gand e, no seculo seguinte com Gilles de Roma, Francisco de Mayronis, Buridan, Nicolau Oresmo e, sobretudo, com Ibn Khaldoun, que foi unico, excepcional, verdadeiro phenomeno do seculo XIV, com uma visão sociologica adeantadissima, não só relativamente aos seus contemporaneos, mas ainda com relação aos Montesquieu, aos Comtes e aos aprioristas, unilateralistas e sobrenaturalistas actuaes, dos quaes não poucos muito teriam que aprender com elle.

Assim era a Idade Média em seus primordios. Foi preciso se descobrisse Aristoteles para que se começassem a adoptar o methodo da observação e a analyse dos factos sociaes. E foi o que a seu modo fizeram Thomaz de Aquino e outros menores, discutindo, observando e analysando os factos sociaes e especialmente os phenomenos juridicos, pretendendo completar a doutrina dos jurisconsultos romanos. Todavia, a verdade revelada como que os cégа ante a verdade verdadeira, isto é, aquella que só o methodo *a posteriori* e a observação guiada pela razão podem fornecer-nos. Pois Sto. Thomaz, depois de dizer que o objecto do direito é a direcção dos actos humanos (o que está certo), que a sua forma é a expressão de uma relação objectiva entre actividades livres (o que está certo), que o seu meio de applicação é a coacção (o que tambem está certo), que o sujeito do direito é a communidade organizada, isto é, a autoridade publica (o que igualmente está certo), conclue que a essencia da lei está na justiça, mas numa justiça eterna e sempre a mesma, independente das variações humanas, e tambem está no bem que essa justiça exprime, definindo o direito "*quædam ordinatio ad bonum commune*". Emfim, o direito é, para o commentador de Aristoteles, immutavel e universal, porque é uma ordem emanada da razão de Deus.

Para Sto. Tomaz o Estado não resulta sómente da natureza sociavel do homem, como ensina o Stagyrita, mas ainda de sua actividade voluntaria: "*Civitates sunt institutæ humana industria*". E' a idéa de contrato, que avultou mais tarde em Hobbes e Locke, para culminar em Rousseau; idéa de contrato que, mais tarde ainda, Fouillée tenta conciliar com a idéa de organismo; idéa de contrato que, como observa Guiau, citado pelo mesmo Fouillée, vem desde Epicuro; idéa de contrato que Sto. Thomaz tomou de Sto. Agostinho, que, por sua vez a herdou de Cicero (*Cœtus juris consensu et utilitatis communione sociatus*); idéa de contrato, emfim, que o sr. Tristão de Athayde, condemnando-a vivamente embora, tambem acceita sem o perceber.

Mas não é nessa idéa de pacto que está para Sto. Thomaz o elemento principal do Estado e, sim, nesta ficção a que elle chama a "Razão Divina", razão divina de que como vimos, decorre o direito eterno, immutavel, absoluto. E' verdade que a sua concepção de Estado coincide até certo ponto com a moderna doutrina objectiva, pois segundo ambas existe estreita união entre a noção de Estado e a de direito, a existencia de um implica a do outro e é o Estado a força coactiva do direito, "sendo, pois, o Principe um malfeitor, se

não fôr uma lei viva" (*Si condemnatur aliquid injuste... tale judicium simile est violentiæ latronum*). Todavia esse bem commum de que nos fala Sto. Thomaz não é, como hoje o entendemos, o que a communidade concebe como sendo bom; essa justiça não é, como igualmente o entendemos, o que o grupo tem por justo; essa ordem, essa força coercitiva, essa autoridade não emanam, como hoje nos mostra a ethnographia, da vida em commum do grupo, mas são eternas, universaes e immutaveis, por isso que emanam de Deus.

Tal é, em apressado escorço, a "*scientia principalissima*" de Thomaz de Aquino, que o sr. Athayde repete sem fundamentar, sem provar, só porque o mestre disse. Como Thomaz de Aquino, o sr. Tristão de Athayde considera o estudo dos phenomenos sociaes uma sciencia. Como Thomaz de Aquino, o sr. Tristão de Athayde entende que só o que é real lhe pode servir de objecto. Apenas, para um e outro, o conceito de sciencia não é o conceito geralmente admittido. Esse conceito geralmente admittido é que a razão humana está na base mesma da sciencia e que é pelo principio racionalista que se distingue o que é real do que é irreal, porque "nada existe na realidade, que se possa considerar como refractario á razão humana". O conceito que da sciencia formam o sr. Tristão e seu santo mestre dá-lhe por base, não a razão, mas a fé, fé que nos revela verdades sobrenaturaes constitutivas da sciencia divina. O que vale dizer que a base da sciencia é em ultima analyse o sentimento. Como não é esse o conceito geralmente admittido, toda vez que, para explicar os factos sociaes, o autor nos fale do Creador, da razão divina, do Bem-em-si, do direito divino, do Sobrenatural em summa, que a cada passo surge como um fantasma nas paginas de *Politica*, toda vez que isso se der, ninguem que da sciencia tenha uma noção racionalista — e somos todos nós — jámais o entenderá.

O que é simplesmente pasmoso é que todo esse apriorismo sobrenaturalista não impede o sr. Tristão de Athayde de julgar que segue o methodo *a posteriori*, de accusar de aprioristas a outros que de facto o são, porém não mais do que elle, e de pretender estear sua "sociologia" na observação. Oservar é, parece-nos, ver o que está deante, o objecto. Mas, como o criterio para decidir da realidade desse objecto não é racional, senão sobrenatural, a conclusão é que a observação do sr. Tristão é differente da dos demais observadores, mais poderosa, mais transcendente e as cousas "reaes" que elle vê, nós, racionalistas obtusos, quem diz que as enxergamos?

Portanto, a quem queira ler o trabalho do sr. Athayde e tenha mais o que fazer, uma cousa se impõe preliminarmente: passar systematicamente por cima, ou antes, por baixo do "sobrenatural" e ater-se exclusivamente ás suas affirmações de outra ordem; deixar que a Igreja "responda aos incredulos inveterados como Diogenes a Zenon — *caminhando*", e não esquecer que o sr. Tristão de Athayde se refere ahi a Diogenes, o cynico...

Muitas affirmações se encontram em *Politica* que são perfeitamente exactas, que exprimem bem a realidade social e que não precisariam, para serem comprehendidas, da explicação sobrenatural, que não chega, aliás, a ser uma explicação. A base sobrenatural lhes é sotoposta, por assim dizer, *après coup* e nada adeanta para a sua comprehensão. Noutras affirmações, igualmente certas, o autor desconhece, ou faz que desconhece a verdadeira causa do que affirma. Noutras, emfim, esse sobrenaturalismo o obcceca a tal ponto, que o faz incidir em erros palmares indignos de uma vasta cultura e uma brilhante intelligencia, as quaes, alliadas, produziriam um verdadeiro sociologo, se não fosse esse sectarismo incompativel com a probidade intellectual.

Indicar os erros do sr. Tristão de Athayde já não cabe neste simples esboço de uma introducção. Fal-o-iamos no proximo numero, se Deus quizesse...

V. de Miranda Reis.

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

Armando Godoy

POETA CUBANO E FRANCEZ

★

Armando Godoy, que nos remette gentilmente todas as suas obras, em magnificas edições, é um singularissimo caso de transplantação e adaptação intellectual.

Filho de Cuba, tambem patria de José Maria de Heredia, Godoy, como o autor glorioso dos Trophéos, *dirigiu-se á França e ali apoderou-se do idioma classico por excellencia, do mais perfeito talvez dos instrumentos de divulgação litteraria, para espalhar os seus versos pela terra. Ainda Heredia fôra habitar em terras francezas muito creança. Diversamente, Armando Godoy já era um tanto edoso quando estabeleceu domicilio em Paris. Isso, porém, não o impediu de assenhorear-se integralmente da lingua de Boileau e, especialmente, de Baudelaire, o seu idolo, o santo maximo do seu calendario de artista.*

E o caso é que presentemente, nenhuma nuança, nenhum escaninho, nenhuma subtileza do francez lhe é estranha. Seus versos não possuem sotaque de ilhéo das Antilhas. São de uma absoluta perfeição technica e, ao mesmo tempo, ricos em effeitos de musica e plastica. Sem perder a faustosidade verbal propria de um descendente de castellhanos e de um sonhador nascido em ambiente voluptuoso qual o de Cuba, Godoy assimilou habilmente as finuras, os entretons, os subentendidos que convertem os rythmos e as cadencias da terra de Ronsard numa especie de adoravel melodia psychologica.

Intelligencia impregnada de sensibilidade, não temendo parecer ridiculo em certas effusões estheticas desconcertantes para os nossos policiados tempos burguezes, o autor do Marcel *tomou logar (para empregar uma expressão grata a Sar Peladan) na "aristie" intellectual gaulesa e, em polyanthéas expressivas, não lhe têm faltado os louvores de Paul Fort, Henri de Régnier, Camille Mauclair, Francis de Miomandre, Valéry-Larbaud, René Lalou, Claude Farrère, Ventura Garcia Calderon, Georges Normandy e tantos outros. Vê-se ser de grande cordialidade a atmosphera reinante na França em torno dessa sympathica e pittoresca figura de romantico retardatario, de homem do seculo XX que não receia retratar-se em attitudes cavalheirescas, e numa dellas a cavallo em meio ás arvores da sua região natal.*

E a impressão produzida pela vida physica do poeta não se amesquinha quando lhe percorremos os bellos poemas, inflados de uma seiva entre tropical e mediterranea, com tantas modulações cantantes que não excluem os nobres pensamentos, com os impulsos de viril sensualidade que muitas vezes concluem em delicadas notas liturgicas, de um accento christão purissimamente verlainеano.

Teve razão um dos seus panegyristas ao accentuar que, mão grado as diversas reminiscencias antigas, Armando Godoy "não deixa de ser um poeta modernissimo pela inspiração, pela acuidade do senso musical, pelo fundo de mysterio que perdura sob a claridade do verbo".

A vida de M. Bomfim

Seria mais de accôrdo com as fórmulas correntes, quasi cacoetes verbaes, falar em "vida e obra". Eu, porém, hesitei, escrupulisei em face da redundancia imminente. Quando se trata de autores como esse, não ha distinguir entre aquellas duas coisas.

Particularidade interessante: da vida de Manoel Bomfim, propriamente dita, bem pouco se conhece. Mas — para recordar uma discriminação, ao mesmo tempo eloquente e subtil, de Gounod — a isso deve chamar-se tão só existencia, qualquer coisa de contingente e relativo, ao passo que a verdadeira vida tem a caracterizal-a muito de transcendente e absoluto.

Não sei de obra mais intensamente vivida que a desse escriptor. Sempre que o leio, afigura-se-me vel-o fremindo e sangrando até na logica do seu temperamento de emotivo que nunca procurou deixar de o ser, e, sem a minima reserva, se entregava aos motivos predilectos de exaltação.

E' sómente nos casos de tal categoria que a immortalidade litteraria perde algo de sua feição mythica.

Si, todavia, póde affirmar-se que, em Bomfim, o homem se apagou por traz do pensador e do publicista, já o mesmo não é licito dizer-se do cidadão. Jamais o contagiaram extremos partidarios. Jamais o corromperam as ambições politicas. Apezar disso, ou melhor, devido a isso, quer dizer, graças á distancia, em que se conservou, dos meios sempre suspeitos, sempre mais ou menos mephiticos, onde, sob o calvo pretexto de promover a felicidade do povo, se disputam as vantagens do poder, continuamente ardeu na chamma do mais lúcido e puro patriotismo. Historiador que se familiarizára previamente com todos os problemas da psychologia e da sociologia, nunca o fizeram esquecer-se do Brasil presente as incursões realizadas no Brasil passado. Creio, mesmo, que taes buscas perderiam o melhor de seu interesse para elle, si não o movesse, acima de tudo, a esperança de assim lograr surprehender a origem remota, a causa primaria ou, pelo menos, preponderante, dos grandes males, dos grandes erros, da nacionalidade. Percebe-se que o torturava o enigmatismo, forçosamente ignominioso, da regularidade com que nossa historia vem registrando phenomenos denunciadores de vergonhosas táras collectivas. E' principalmente um sociologo que, no interesse da obra de analyse e de synthese collimada, se fez historiographo. E dahi, desse fecunda symbiose, procede, não sómente a segurança de suas pesquizas, como a firmeza de suas conclusões.

Assistia-lhe, pois, o direito de, parodiando Taine, dar á notavel série dos seus ultimos livros a denominação de *As origens do Brasil contemporaneo*. Todas as mazellas de que nos pretende curar, por methodos cirurgicos e com o recurso a medicamentos heroicos, o revolucionarismo agora predominante, M. Bomfim, apoiado a uma argumentação formidanda, estuda-as como outros tantos rebates da infecção psychologica e moral, contrahida pela nacionalidade do proprio berço bragantino.

Escrevendo, ha tempos, sobre esse ponto de vista, eu perguntava-me si os defeitos da colonização portugueza não são inherentes a toda espécie de colonização. Verdade é, porém, que, á luz do tremendo retrospecto levantado por Bomfim, se fica inclinado a considerar passavelmente hygidas as condições de um agrupamento humano, cuja primeira phase de vida, necessariamente a mais critica, decorreu sob a influencia de tantos factores negativos.

Não ouso lamentar que M. Bomfim se tenha circumscripto ao magisterio e ao publicismo. Não me atrevo a dizer que lhe cumpria levar o clarão e o ardor de suas doutrinas sobre as fontes da degradação dos nossos costumes politicos e administrativos, a uma esphera onde ellas pudessem contribuir para a reacção desde muito necessaria. E' que, além de não poder assegurar a possibilidade do acto material dessa interferencia, dada a systematica selecção inversa dos corrilhos governantes, sou constrangido, pela mais elementar das logicas, a exprimir o receio de que, uma vez perto do scenario, perdesse o emérito observador boa parte de sua clarividencia. E a fidelidade da observação era condição precipua dos enthusiasmos em que o doutrinador se abrazava.

Prefaciando *Pensar e dizer*, livro que faria, por si só, a gloria de Bomfim, escreveu elle: "Nas condições do viver humano ha categorias de pessoas com a funcção explicita de pensar para a communidade. Sabios, philosophos, artistas, inventores, são intelligencias votadas a esta missão: organizar os conhecimentos, formular os modelos de acção, suggerir os tons dos sentimentos, definir os motivos dos affectos, e de tudo isso inferir as nórmas do viver collectivo".

Pensaria o escriptor em si mesmo, quando recortou o perfil a que tão perfeitamente se lhe ajusta a personalidade? Claro que não. Manoel Bomfim era genio, um dos mais authenticos, dos mais portentosos até agora produzidos pela nossa raça, e o proprio do genio é ignorar a propria genialidade, como da santidade e do santo Papini asseverou tão lindamente, numa das melhores passagens da biographia de Santo Agostinho. Em qualquer hypothese, o que não comporta dúvida é a justaposição perfeita do modelador ao modelo.

Professor, vulgarizador da arte difficilima de pensar: eis o que elle foi, e eis o que principalmente lhe faz a grandeza e a gloria.

Outros aspectos de sua vida não serão menos illuminados e nobres. Teve a prioridade da divulgação, entre nós, dos methodos da psychologia experimental, isto é, da physiologia do espirito — para usar da maravilhosa expressão adoptada por Maudsley. Coube-lhe discorrer pela primeira vez, nos meios educacionaes brasileiros, sobre essa hoje misera pedagogia, da qual se permittem dizer tantas professorinhas e tantos professoretes que andam a tomar a nuvem por Juno, e, a pretexto de ensinar scientificamente, acabam por não ensinar de modo algum. Foi quem despertou a attenção da nossa elite pensante para os dominios, seductoramente penumbrosos, da psycho-physiologia; e, viajor solitario, genuino pioneiro, para lá caminhou, procurando a clareira em que fosse possivel dar-se começo ao estudo de quantas questões peculiares um educacionismo verdadeiramente brasileiro, aquelle que se faz mistér, porventura suggerisse.

E', porém, como precursor da alforria moral e men-

Dr. Ribas, professor de Economia...

No *Mercurio*, pequena revista dos alumnos da Escola Amaro Cavalcante, numero de Agosto ultimo, o Dr. Ribas Carneiro, professor de economia politica, escreve longo artigo sobre *Esboço das doutrinas politicas relativas á questão social*. Expõe o Dr. Ribas, a evolução da escola liberal, do anarchismo, communismo e socialismo, bordando sobre as diversas tendencias de renovação social rapidos commentarios.

Ha no seu trabalho algo de apressado e julgamentos inexactos. Como dilettante, entretanto, o Dr. Ribas tem bôa vontade. Carencia de espaço, obriga-nos a destacar, apenas, as confusões mais escandalosas.

Expondo a evolução do communismo, escreve: "O dominicano Campanella, autor da *Cidade do sol*, é considerado o primeiro escriptor que trouxe a idéa do communismo, tendo a doutrina, entretanto, só se apresentado sob traços mais definidos, no fim do seculo XVIII, atravéz da obra de Babeuf, *Manifesto dos Iguaes*".

Se deixarmos de lado a antiguidade classica com Platão e, mais tarde, os communistas mysticos da idade média, vamos encontrar, no fim do seculo XVI, a figura de Muntzer enchendo todo o primeiro periodo do movimento anabaptista. Todavia, no sentido theorico mais definido, póde-se dizer que o communismo moderno foi prégado, pela primeira vez, na celebre obra de Thomas Morus, *Utopia*, publicada em 1516. Aliás, o communismo de Morus, por suas tendencias, é muito mais moderno do que o de Campanella, sendo este ultimo, como monge, imbuido de aspirações theocraticas e despoticas. O Dr. Ribas, sem noção de chronologia, esqueceu Morus para referir-se a Campanella, cujo livro, *A Cidade do Sol*, apparecido em 1630, foi inspirado precisamente no de Morus, que o precedeu, como acabamos de ver, de mais de um seculo (1).

De Campanella, o Dr. Ribas salta ao fim do seculo XVIII, para nos citar Babeuf. Deste modo, não incluiu, em sua resenha, Morelly — *Code de la nature*, 1755, Mably, *Doutes sur l'ordre naturel essentiel des sociétés*, 1768, e Brissat de Warville, *Recherches philosophiques sur le droit de propriété et le vol*, 1780, obras em que se apoiou Babeuf (2).

O Dr. Ribas attribue a Babeuf a autoria da obra *Manifesto dos Iguaes*. Ha equivoco. Babeuf nunca escreceu livros. Chefiou, durante a Revolução franceza, uma conspiração de caracter communista, historicamente cognominada "Conspiração da Igualdade", e um de seus membros, Sylvain Maréchal, redigiu o *Manifesto dos Iguaes* (3).

Após Babeuf, o Dr. Ribas nos fala contra Proudhon, declamando a celebre phrase "a propriedade é o roubo" (4) e continúa: "O communismo manteve-se numa atmosphera de puro intellectualismo, até o anno de 1903, quando iria receber formidavel impulso de uma das mais impressionantes individualidades do mundo contemporaneo, o moscovita Lenine" (já estava faltando).

De modo que, no carnet da evolução historica do Dr. Ribas, ficou excluida a communa parisiense de 1871. Edificante!

Referindo-se ao *Capital* de Marx, chama a essa obra de varios volumes "opusculo".

Baptisar de "branco e christão" o anarchismo de Kropotkine é não ter lido, pelo menos, a autobiographia desse grande homem (*Autour d'une vie*).

Alista, entre os anarchistas, Gorki e Ibsen. Gorki, sem idear qualquer doutrina, seguiu sempre, na Russia, os Sociaes Democratas que eram, como todos o sabem, marxistas orthodoxos. Quanto a Ibsen, bastaria ao Dr. Ribas a leitura do livro de Ossip-Lourié — *La philosophie sociale dans le théatre d'Ibsen*, para se convencer que o celebre autor, nesse terreno, nunca passou de um declamador, ao modo germanico. Nunca atacou o Estado nem nenhuma de suas instituições positivas."

UBALDO SOARES.

(1) Sudre, *Histoire du communisme*, Paris, 1856, p. 170.

(2) Sudre, op. cit., ps. 282 e 293.

(3) O leitor curioso póde ler o velho documento que se encontra nas Notas do 2º vol. da obra de Louis Reybaud, *Études sur les réformateurs*, Paris, 1849, pagina 357.

(4) Detalhes sobre a evolução das idéas de Proudhon sobre a propriedade, encontra-os o leitor na obra de Isambert, *Les idées socialistes en France*, Alcan, 1905, pags. 347 a 356.

A APPARECER:

Vida e Morte de Maria Lafarge, a Envenenadora

Preço: 5$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

colonos, do ponto de vista espiritual. Um jacobinismo á tal da sua gente que M. Bomfim ha de ficar nos fastos da nossa litteratura. Fundou a historia brasileira do Brasil, isto é, uma historia liberta do influxo dos sentimentos e idéas, cujas sementes os colonisadores haviam por toda parte infiltrado. Accusam-n'o de tendencioso e preconceituoso no julgamento de tudo quanto se refere á antiga metrópole. E' provavel que exaggére, bem assim que ás vezes, generalize indevidamente. Mas, não ha discutir-se a fatalidade dos excessos que sempre caracterizam as reacções. A independencia que manhosamente se nos outorgou, afim de não alcançarmos, mediante conquista violenta, o melhor processo de iniciação na prática da soberania, deixou até hoje todos os brasileiros mais ou menos maneira do de Bomfim é o tributo, possivelmente pezado, que á nossa pieguice tem de cobrar essa emancipação retardada de mais de um século.

A vida do eminente pamphletario foi, até o derradeiro instante, um só acto de exaltação patriotica. Si a outros contundia, era porque ao seu povo sempre amou com arrebatamento. E quem desejar conhecer até onde iam, nesse pelejador infatigavel e intemerato, a volupia do perigo, a flamma do civismo, a loucura da coragem, leia o postfacio de *O Brasil Nação*, escripto em Agosto de 1931, dias antes de sua morte, e saboreie, como de justiça e de bom gosto, aquellas ironias sobre certas ideologias de agora, mais ou menos "agaloadas e gagas"...

BENJAMIN LIMA.

UNS E OUTROS

Diz André Billy que a obra de Mac Orlan "é uma mistura artificial e insidiosa, um veneno, uma droga. Na syphilis romantica introduziu elle um microbio desconhecido, singularmente vivaz e perigoso."

— Para muita gente, Wilkie Collins, que foi um dos collaboradores de Dickens, não passava de um mediocre fabricante de romances melodramaticos, apenas preoccupado com as scenas de effeito e com as temiveis apparições de espectros. Mas agora os inglezes começam a fazer-lhe justiça e Chesterton, que é juiz litterario dos mais seguros, accentua ter sido elle um homem de genio incontestavel e em tudo digno de ter convivido com o admiravel autor do *David Copperfield*.

— Kierkegaard foi uma das almas mais enigmaticas da frigida Escandinavia. Romantico irrequieto, insulou-se numa visão pessimista das almas e do mundo, teve uma carreira litteraria accidentadissima, suscitou antipathias ferozes e finou-se sem conhecer a gloria a que fazia jús pela robustez e originalidade do seu talento creador. Muitos querem ver nelle um clinico de cerebros, mas elle era o primeiro a reconhecer-se, a proclamar-se o mais doente dentre todos os doentes do seu seculo. Um dos seus idolos foi Schopenhauer, em cuja furia sarcastica se comprouve nos ultimos mezes de vida, reconhecendo talvez um irmão no perigoso felino que arranhou tanta gente com as suas garras de misogyno e epigrammista.

MONTEIRO LOBATO E A LITTERATURA INFANTIL

No momento, o autor dos *Urupês* é um dos nossos melhores narradores de historias para creanças. O pendor para a satira, revelado nas paginas amargas do seu livro de estréa, e o gosto dos typo monstruosos á maneira de Boca-Torta, figura digna de Maupassant, não o impediram de voltar-se depois para a nossa humanidade em miniatura, fornecendo-lhe narrações das mais encantadoras. Em suas deliciosas invenções destinadas aos garotos, Lobato evita egualmente os dois escolhos do genero: o preciosismo ou a vulgaridade. Escreve numa linguagem lindamente popular, que os meninos apprehenderão quasi sem esforço, mas tambem, como quem não quer a cousa, vae insinuando, aqui e ali, trechos de boa prosa, de prosa realmente artistica, que farão o deleite dos cidadãos taludos.

Os tres ultimos volumes da série de Monteiro Lobato intitulam-se *Viagem ao Céo, O Saci* e *Aventuras de Hans Staden*. O primeiro é uma fantasia estarrecente em que intervêm estrellas e planetas, a lua e a via-lactea, tudo de envolta com mil aventuras de fedelhos endiabrados, de bichos estranhos e de uma excellente preta de coração maternal, a pittoresca Tia Nastacia. *O Saci* decorre num ambiente de fazenda provinciana ou em meio á floresta repleta de assombramentos, com todas as apparições em que foi prodiga a imaginação dos nossos patricios, fabricando a Yara, o Boitatá, a Mula sem cabeça. E quanto aos feitos de Hans Staden, reflectem uma personalidade historica, ou seja a do homem "que naufragou nas costas do Brasil em 1549 e esteve oito mezes prisioneiro dos indios tupinambás". Mas os casos desse aventureiro são narrados por Dona Benta aos seus netinhos Narizinho e Pedrinho, e isso é pretexto para que Lobato tudo desenvolva numa tonalidade deliciosamente familiar, com interrupções e commentarios das creanças ás tiradas da velha, o que tudo compõe uma creação de historia absolutamente original e de um encanto unico em nossas lettras para a infancia.

Accentue-se que a confecção dos tres livros é um verdadeiro primor. A Companhia Editora Nacional, de São Paulo, conduziu-se com grande apuro na apresentação desses volumes da sua "Bibliotheca Pedagogica Brasileira" e, seguindo os bons modelos inglezes do genero, offerece-nos algo que põe muito alto a industria do livro em terras da Paulicéa.

"A Alma dos Livros"

Se alguma cousa se deve deplorar, no caso do sr. Oscar Mendes, é que elle não disponha de um auditorio bem maior, do numerosissimo auditorio de que é digno. Promotor em Brumadinho e, agora, em Pará de Minas, esse joven escriptor nortista (a avaliar por algumas linhas do seu estudo sobre Manoel Bandeira é pernambucano) tem publicado num jornal de Bello Horizonte dezenas de ensaios que qualquer dos diarios da nossa capital, hoje tão desprovidos de bons criticos, poderia publicar com honra para as suas columnas e enriquecimento intellectual dos seus leitores.

No momento, esse moço corajoso e honesto é dos que melhor entendem os nossos livros e melhor discorrem sobre os nossos livros. Começa por lel-os na integra, o que não é commum, vae desenvolvendo um claro raciocinio julgador á proporção que os lê e depois fornece-nos a summula das suas impressões com toda a lealdade, sem recear descontentar os senhores que lhe mandaram cousas impressas.

Tendo a felicidade de dispôr de um solido corpo de doutrina, não temendo julgar os factores estheticos á luz de certos principios ethicos e não achando obrigatorio que moral e belleza se contradictem nas obras de arte, o autor da *Alma dos Livros*, firme em seus principios catholicos, está nas lettras ainda como representante da magistratura, embora nem sempre accuse os seus criticados. Discipulo de Massis, Maritain e outros, mas discipulo com boa dóse de personalidade, elle diz o que tem a dizer, mesmo aos poetas e prosadores do Estado em que vive, Carlos Drummond de Andrade, João Lucio, Godofredo Rangel, e, não receando que o acoimem de reaccionario, de retardatario, apresenta honradas e intelligentes restricções aos desvairados excessos de certos modernistas, como ao falar dos máos alumnos de Manoel Bandeira, cultores a todo transe de um "bandeirismo" fanatico.

Ao que se vê, o sr. Oscar Mendes não quer converter a critica numa "republica de camaradas" e não faz questão de figurar entre os fabricantes de gloria da imprensa. Com um rico peculio de leituras, não só em materia litteraria como em materia philosophica e pedagogica, apto a julgar as obras de sociologia como as de historia (vejam-lhe o solido estudo sobre Tristão de Athayde), o illustre confrade é em tudo digno da cultura do tempo e é um desses censores que podem melhorar os autores de livros e aquellas creaturas innocentes que ainda se dão á doce mania de ler os livros.

A esta altura poderão estranhar os meus elogios, sincerissimos, a um critico que, dentro das suas convicções catholicas e dos seus postulados de moral em arte, pratica uma critica tão differente da do autor destas linhas. Mas não ha razão para estranhar. Em primeiro logar, dentro dos principios mesmo do meu genero de critica impressionista, o que principalmente me interessa é a somma de talento com que qualquer escriptor se dê a qualquer especie de litteratura e, mercê de Deus, o material "talento" não falta ao sr. Oscar Mendes. Depois, encarando-se bem, isso de critica subjectiva ou objectiva não passa de simples rotulo e a rigor o que todos nós, julgadores de livros, desejamos é o ennobrecimento da consciencia litteraria, o combate ao dilettantismo ignorante ou á rhetorica banal, a guerra ao enxerto de escolas importadas ás pressas e ao utilitarismo convertido em padrão de uma litteratura de arrivistas. E nesse terreno, amigos ambos das formulas de franqueza e enthusiastas ambos da verdadeira cultura, tanto se encontram Oscar Mendes quanto aquelle que humildemente se assigna

AGRIPPINO GRIECO.

DE PARIS

Charles Dullin e o Theatro do Atelier

E' de verdadeiro destaque a situação occupada hoje por Charles Dullin na Historia do Theatro. Dullin é um director dos mais avançados e que só leva á luz da ribalta o que ha de mais moderno e mais audacioso.

Ultimo rebento de um casal saboiardo que poz ao mundo dezenove filhos, Dullin nasceu em 1885. Um dia, ao villarejo em que habitava, chega um bando de ciganos. Funambulos, cartomantes e fasceistas captivam de vez o fedelho que era então Charles Dullin, e que dahi por diante só deseja uma cousa: encorporar-se ao grupo dos bohemios e com elles poder representar. Esses, apenas entrevistos na vespera, pelo menor, na praça principal da localidade, já no dia seguinte, se vão embora, pela madrugada, e Dullin abandona a casa paterna para seguil-os. Reconduzido ao lar, internam-no num collegio, pois que elle é demasiadamente franzino para se entregar ao trabalho da terra como todos os seus. Emquanto cresce, augmenta nelle o desejo do palco e, logo que se torna adolescente, mesmo a pé, alcança a cidade vizinha Chambery, onde faz amizade com o filho dum padeiro: Henri Béraud. Ambos são então caixeiros de pequenas lojas, mas, á noite, na mansarda occupada por Dullin, os dois lêm e declamam Baudelaire, Claudel e outros, até que um bello dia partem juntos para Paris.

Paris! Este paraiso, esta cidade feérica, verdadeiro iman para o universo inteiro, onde as duas ingenuas creanças suppunham que era bastante chegar para logo alcançar a gloria e a fortuna! Foi ahi que o futuro escriptor Béraud e o futuro comediante Dullin conheceram os dias mais sombrios de sua vida: a miseria, o frio e a fome.

Uma tarde, porém, Dullin surgiu transbordante de alegria. Acabava de ser contractado no Théâtre des Gobelins com sessenta francos por mez. Puzera o pé no estribo. Dahi por diante Dullin só tem uma idéa que jámais o abandonará antes que seja realizada: possuir um tablado, ter uma peça e actores á sua disposição.

Mas a guerra explode! O soldado Dullin, com os pés na lama e os olhos na mira, mesmo sob a chuva da metralha, quando tem um instante de repouso, é para sonhar com as possibilidades de realização do seu maior desejo.

Todavia, só em 1921 é que elle alcança os seus fins. Estimulado e sustentado pela mulher, encorajado por fieis amigos como J. Priel e Lucien Arnaud, secundado por discipulos que elle já formara, foi num villarejo do Seine e Marne, numa velha hospedaria, que nasceu e se consolidou esse espirito de communidade entre a pequena "troupe" do Atelier. Ahi, então, auxiliado por seus adeptos, poude emfim crear um theatro de accôrdo com suas concepções: nada de decorações, o jogo de scena deve realizar a atmosphera e o ambiente. E' preciso saber utilizar a plastica e o rythmo e envidar esforços para que possam ser reproduzidas fielmente as menores intenções do autor. Os primeiros ensaios foram offerecidos a um publico esclarecido, numa sala privada, summariamente adaptada a seus fins. Dullin e seus discipulos construiram a scena, emquanto Madame Dullin desenhava e executava o vestiario auxiliada pelo elemento feminino do elenco. O espectaculo se compunha de improvisações plasticas cujo thema era dado pelo publico, de improvizações dialogadas cujo assumpto era igualmente imposto pelos espectadores. Os encorajamentos do publico enthusiasta presente a esse primeiro espectaculo permittiram de encarar uma campanha mais ousada. Vieram então os primeiros espectaculos ambulantes. Charles Dullin voltou-se immediatamente para a comedia italiana e depois montou uma peça de Regnard, *O Divorcio*, em que scenas escriptas com uma liberdade encantadora alternavam com diversões improvizadas e *lazzis* á maneira italiana.

Esses espectaculos conheceram exitos diversos. De regresso a Paris, o elenco installou-se numa lojinha da Rua Honoré Chevalier. Levantou-se o palco, ao qual foi accrescido um proscenio em fórma de prôa de navio. Ao mesmo tempo em que proseguiam os cursos da nova escola fundada por Dullin, trabalhava-se na preparação de um segundo espectaculo constituido por dois intermedios espanhóes: *A hospedaria*, de Cervantes, e *Visita de pesames*, de Calderon, assim como *A occasião*, de Merimée. Esta ultima peça, que não era desconhecida, mas nunca fôra representada, appareceu como uma revelação a muitos amadores esclarecidos. A sobriedade do desempenho pôz em fóco a força de um drama todo interior, e o scenario, propositadamente cinzento e neutro, creou o ambiente daquelle convento em que muito fogo ainda existia sob as cinzas. A principio, esses espectaculos eram apenas assistidos por um pequeno grupo de amigos que se reunia á volta da obra em inicio, mas pouco depois já era preciso uma sala mais vasta que pudesse abrigar um publico mais numeroso, e foi num outro local que se deu a interpretação d'*O avaro*, obra que Dullin apresentou sem qualquer decoração e levando apenas para a scena os accessorios indispensaveis: tres cadeiras e um lustre. "As comedias de Molière, dizia Dullin, se desenrolam na vida e todas ellas, pelo fundo, dizem respeito á humanidade em geral. E' essencial, portanto, tudo traduzir pelo texto e pelo desempenho". A seguir, elle montou *A vida é um sonho*, de Calderon, em cuja traducção Arnoux prestou uma insigne homenagem ao autor, dando ao drama uma versão vigorosa e sonora, sem se desviar, entretanto, de uma absoluta fidelidade ao texto espanhol. E assim se terminou a primeira campanha do Atelier. Charles Dullin sentia, porém, que era chegado o momento de fixar o seu esforço, e foi então que um de seus amigos da primeira hora, o Sr. Paul Simon, organizou uma pequena sociedade baseada na cooperação dos espectadores e dos comediantes. Acontecia que o Theatro de Montmartre estava justamente livre e o organizador lançou-se corajosamente na aventura. A estreia foi feita com *A vida é um sonho*. Nem tudo foram rosas no inicio e fez-se necessario que a "troupe" tivesse reservas de paciencia, vontade e enthusiasmo para poder resistir e manter-se.

Um dos fins essenciaes do Atelier era ampliar o horizonte dramatico. Representou-se depois, na tra-

Mortos illustres ou bizarros

Salomon Reinach, irmão do publicista Joseph, que tomou a defesa de Dreyfus e escreveu durante a guerra os *Commentarios de Polybio*, foi um philologo e archeologo dos mais eminentes. Forte em grammatica, tendo passado pela Escola de Athenas, ensinou archeologia na Escola do Louvre e dirigiu um museu, até ser eleito membro da Academia de Inscripções. Mas é curioso como todos esses contactos com as sciencias pedantes e com as cousas do passado, todos esses titulos academicos, todas essas distincções officiaes não o tornassem um espirito incolor, um fetichista das velharias. Longe disso, foi um humanista desenvolto e agil, de um raciocinio prompto e brilhante, sem horror ás novidades e amigo de praticar uma pedagogia sem lagrimas. Seus manuaes concentram assumptos dos mais complexos em breves paginas e poucos o excederam no dom do resumo intelligente e preciso, que parece encerrar bibliothecas inteiras em rapidas definições destinadas a fixar-se facilmente na memoria de moços e velhos. Assim a philologia classica teve nelle um explicador que rejuvenesceia os themas, as questões mais vetustas. Suas digressões sobre a epigraphia grega, as exeavações na Tunisia, as terras-cottas encontradas na necropole de Myrina, as antiguidades da Russia meridional, os bronzes da Gallia romana, a origem dos Arianos, os vasos etruscos e a estatuaria hellenica fazem grande autoridade em materia de erudição bem assimilada e honestamente exposta em formulas incisivas e claras. Especialmente os seus volumes *Apollo* e *Orpheus*, epitomes da historia das artes e da historia das religiões, correram o mundo inteiro, tendo obtido entre os leitores um sério prestigio que anda longe de decrescer.

— Boni de Castellane, que era marquez de boa estirpe, extinguiu-se aos sessenta e cinco annos de edade. Viveu bastante para a sua vida aventurosa de fidalgo dissipador e irrequieto. Velho amigo do boulevard e das noitadas de esturdia aristocratica, era bem uma dessas creaturas que o conflicto de 1914-18 deixou um pouco desorientadas e como que perdidas numa outra planeta, em meio a uma outra humanidade. Classificaram-no de espirito de ante-guerra e a classificação é exacta. Frequentador de salões e grande apostador nas corridas de cavallos, prodigalizando-se em festas palacianas, como quem acha que a moeda é redonda para circular pelo globo, acabou divorciando-se da sumptuosa miss Gould e atravessou o Atlantico, desejoso de fazer a America como qualquer emigrante vulgar. Suas aventuras algo romanescas no novo mundo, contou-as elle em dois volumes admiraveis, de memorialista risonho e lepido: *Como descobri a America* e a *Arte de ser pobre*. Elle, que mais tarde procuraria fazer industria e politica, antes de confinar-se numa solidão orgulhosa, em que morreu reintegrado na religião dos avoengos, narrou tambem *Vinte annos de Paris*, cousas vistas, de um impressionismo delicioso, traçando silhuetas mundanas, referindo-se ironicamente ao seu divorcio e aos seus proprios credores, mostrando saber sorrir até nas peores catastrophes, como os francezes dos seculos heroicos. Seus trechos sobre Robert de Montesquiou, bibeloteiro infatigavel; Roosevelt, caçador de leões na Africa, e Gabriele d'Annunzio, caçador de bichos côr de rosa nas alcovas galantes; o politico inglez Balfour, a barriga do marechal Joffre e os longos cabellos e os dedos vertiginosos de Paderewski, são de um narrador que poderia aboletar-se numa das mesas do café Procope ou do terraço do Tortoni.

— Parece-nos que Jean Carrère esteve aqui no Rio ou em S. Paulo e foi até amigo do nosso collaborador Alberto Ramos. Era uma figura bohemia e pittoresca de escriptor sem sujeição ás escolas e aos grupelhos immobilizados num credo mais ou menos pueril. Gostava de viajar e, como ia vagando através dos paizes, tambem o ia através dos assumptos. Andou pela Italia e pela Africa romana e fez versos, exaltou o papado, investiu contra os máos mestres, os máos pastores litterarios, que corrompem as fontes da emoção poetica e servem aos moços um pão e um vinho envenenados. Quando estudante no Bairro Latino, fôra meio brigão, tomando parte em manifestações bulhentas contra a policia, mas com o tempo tornou-se conservador, reaccionario, inclinando-se deante da dynastia tonsurada do Vaticano e insurgindo-se contra as ironias dissolventes de Renan e, especialmente, dos plagiadores do sorriso e do mercio de cabeça de Renan. Conversador exuberante, dos que enchem os cafés e os botequins com os seus gestos meridionaes, Carrère era bem acolhido em todos os grupos, como quem traz sempre uma farta provisão de anecdotas a distribuir entre os ouvintes. Foi um homem simples e bom, que não pretendeu muito da gloria e jámais dependeu da carteira dos argentarios.

---

ducção de Francis de Miomandre, um autor espanhol contemporaneo mas totalmente desconhecido, Grau, e foi assim que *Monsieur de Pygmalion* foi levado em Paris antes de ser conhecido na Espanha. Tratava-se de uma curiosa fantasia a meio caminho do sonho e da realidade, pois que a acção trazia á scena, entre os humanos, um punhado de fantoches, e á medida que a intriga se desenvolvia os dois mundos, tão differentes, chegavam quasi a fundir-se. O Atelier pode tambem reivindicar a honra de haver introduzido na scena franceza um italiano de marca: Luiz Pirandello, pois que a traducção d'*A volupia da honra*, feita por Melle. Camille Mallarmé, assignala uma data memoravel no nosso movimento theatral contemporaneo. Successivamente, foram interpretadas as seguintes peças: *Voulez-vous jouer avec moi?*, de Marcel Achard e *Je ne vous aime pas*, do mesmo autor; *Les risques de la vertu*, de J. Priel, inseparavel amigo de Dullin, e *Le chevalier sans nom*, de Jean Variet.

Apezar de tudo, esses esforços não recebiam os encorajamentos materiaes indispensaveis e porque a actuação dos officiaes de justiça tivesse excedido aquella do *Chevalier sans nom*, Charles Dullin viu-se na contingencia de filmar *Le miracle des loups*, afim de garantir as necessidades mais immediatas da pequenina *troupe* tão fielmente unida e vivendo sempre em communidade.

Seria quasi impossivel fazer a relação completa de todo o repertorio do Atelier, e aqui nada mais faremos do que assignalar algumas das peças que alcançaram maior exito e por muitas noites deleitaram o publico. *Volpone*, cuja magistral adaptação foi feita por Jules Romains e Stephan Zweig; *Le veau gras* e *Les Zouaves*, ambas de Bernard Zimmer, que foi tambem quem ajustou á scena franceza, e com insuperavel habilidade, *Os passaros*, de Aristophanes; *Harakiri*, curiosissima farça de Jean Blanchon, em que scenarios e demais petrechos de scena se animavam e ganhavam vida afim de traduzir o estado mental de um dos personagens; emfim, varias peças de Pirandello, e outras tantas de Steve Passeur e Marcel Achard. Isso, para não citar outros não menores exitos, como *L'admirable visite*, de Raymond Rouleau, *Patchouli*, de Armand Salacrou, *Numéro huit*, de Jarl Priel, etc., etc.

Para terminar, podemos dizer que constitue um prazer incomparavel passar uma noite no Theatro do Atelier, assistindo a qualquer um desses espectaculos verdadeiramente unicos. Unicos pela atmosphera de arte e verdade que nelles se encontra sempre e da qual ainda recentemente eu pude me certificar, assistindo mais uma vez a uma de suas representações. E' que ali não existe nenhuma hierarchia, nenhum protocollo. Do mais humilde machinista até o proprio director, todo mundo collabora numa mesma obra e persegue um mesmo ideal, com igual constancia e simplicidade.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

Raul Bopp, macumbeiro

De lá do outro lado do mundo, do Japão, Raul Bopp manda-me dizer: "a maior volta do mundo que eu dei foi no Amazonas". Isso falando sobre *Cobra norato* que elle diz ser o seu "don Quixote de la Mancha". Raul Bopp conseguiu o milagre de se distribuir pelo Brasil todo. Os deputados brasileiros davam passeios pelos cabarets e pelas igrejas da Europa. Muitas vezes não conheciam siquer o Estado que os elegera. Raul Bopp, que possue o delirio ambulatorio, começou por percorrer o Brasil. Formou-se fazendo um anno em cada faculdade e assim nada de pittoresco neste paiz lhe é desconhecido. Após uma viagem de dois annos á volta do mundo Bopp publicou um poema sobre o Amazonas. E agora do Japão envia para os seus amigos os originaes de um livro de poemas negros, a sair breve. Toda a historia do negro escravizado está nestes poemas. A saudade da mãe patria abandonada, da liberdade perdida, apparece a cada instante nos versos do poeta gaúcho. E' um livro muito mais feito, muito mais trabalhado que *Cobra norato*, que é puro instincto, que é sexo da primeira á ultima pagina. Livro muito mais para o publico que o primeiro. Ao leitor brasileiro quasi que só agradavam em *Cobra norato* as imagens originalissimas que Raul Bopp empregava a cada passo. Escapava-lhe a intenção que o autor classifica de exoterica; "intenção exoterica era fazer um livro para creanças", explica elle. Já *Urucungo*, tal é o titulo do novo livro, agradará a qualquer leitor de mediana sensibilidade e que saiba sentir a belleza de um verso como este:

"alongam-se no teu olhar as noutes do Amazonas,
e no langor tropical do teu corpo
ficou dormindo a sombra das cinco estrellas do Cruzeiro."

Talvez que Raul Bopp ame demasiadamente o pittoresco. E' natural isso em quem tem os olhos acostumados com as paizagens mais diversas. No entanto toda a alma ingênua e boa do negro, toda a poesia das suas superstições, todo o seu soffrimento de raça escravizada, está no novo livro do creador de "Anthropophagia". Nelle não temos mais o Bopp varador dos sertões, furando as selvas amazonicas, atraz da *filha da rainha Luzia*. Raul Bopp virou macumbeiro, fazedor de sambas e de côcos. Appareceu de repente pae de santo, fazendo feitiço e sendo pistolão junto a Xangô e a Orixa-lá. Alguem já affirmou que de Bopp só se pode aguardar o inesperado. Foi assim que do Japão elle nos mandou esse livro negro. Si não estivesse inteiramente desmoralizada pelos jornaes, nos elogios aos amigos, a phrase "esse livro vem preencher uma lacuna", eu a empregaria em referencia aos poemas de Raul Bopp. De facto, não sei de poeta brasileiro, excepto Jorge de Lima, que se tenha preocupado com o negro. Não falo preocupar-se no sentido de fazer versos sobre o negro. Isso Castro Alves fez com um brilho extraordinario. Falo de fazer poesia negra como Raul Bopp em *Urucungo*. Poesia com sentimento negro. Samba. Côco. Tragedia do negro que "bate pilão" a vida toda. Nada do sentimentalismo impaludado dos fados luzos a chorar tuberculosas amadas ingratissimas. E' a tragedia monstruosa de uma raça cuja

"primeira inscripção em alto relevo
foi uma chicotada no lombo."

Raul Bopp novamente traz, na expressão de Oswald de Andrade, o Brasil nos dentes. Se extendeu pelo Brasil todo. Fez a poesia do indio. Faz agora a do negro.

*

Talvez falte um certo conjunto ao livro. Mas o poeta Raul Bopp é mesmo assim. Dispersivo como elle só. Ao lado dos poemas negros ha alguns sobre indios e outros motivos. Se tiram a unidade do livro não lhe tiram todavia a belleza. *Tapuia* é um dos poema mais bonitos do volume. Da serie dos poemas propriamente negros é difficil escolher um melhor que o outro. Mas quasi que o *Cata piolho do rei congo* bate o celebre *Essa negra fulô* de Jorge de Lima.

*

Raul Bopp avisa que com esse livro terminará uma sequencia lyrica: "Gostaria dessa publicação para obedecer uma sequencia lyrica, para cair noutra phase." Publicará depois o seu ensaio que tem o titulo gostosissimo de *Origens christãs da syphilis*. O ensaista que será Raul Bopp a gente adivinha pelo prefacio do *Urucungo*. Nelle o poeta faz um admiravel estudo do Brasil, da sua litteratura e da situação dos seus homens de lettras. Estuda o modernismo. E pergunta: "Quem fala em Oswald de Andrade feito de barro, que tirou o modernismo de uma costela de Tarsila?" Arranca a tanga do Brasil e o deixa nú, exposto á curiosidade do publico. E não é só isso. Arranca depois, uma por uma, as tangas dos nossos "genios" e os expõe, enormemente ridiculos, á admiração dos leitores desses brazis divertidissimos.

JORGE AMADO.

Tem despertado enthusiamo em França *La fille du capitaine*, vertida do poeta russo Pouchkine, que, como se sabe, foi morto em duello aos trinta e oito annos de edade. Esse homem de genio que, pelo lado materno, descendia de africanos, é por muitos reputado o verdadeiro eponymo da litteratura slava e outro grande mestre da Russia costumava dizer delle: "Pouchkine é nosso pae e, quer queiramos quer não, todos procedemos delle intellectualmente."

— Ha um seculo, Lamartine partia para o Oriente, numa viagem faustosa em que perderia a filha e dissiparia boa parte da sua fortuna. Porque o zequito do poeta era sumptuoso, fazendo elle talvez mais questão de ser visto que propriamente de vêr. Note-se que o grande elegiaco sempre se mostrara attrahido pelas terras orientaes e lamentaria não poder estender a sua viagem ás zonas em que o critico Lemaitre, approximando-o dos poetas pastoris da India antiga, veiu a encontrar depois os ancestraes do seu genio.

— Farinelli, cujas conferencias no Brasil impressionaram um publico intelligente, é escriptor dos mais complexos. Nada ignora de litteratura comparada, conhece bem a historia das artes e nem os problemas politicos lhe são estranhos á curiosidade absorvente e multipla. Seus ensaios sobre Dante, sobre Calderon ou sobre os romanticos allemães incluem-no entre os confraternizadores de povos pelos affectivos pendores da intelligencia e ninguem se insurge mais contra os prégadores de odios de raça, de ferozes dissidios politicos. De passagem aqui pelo Brasil, assimilou elle, com uma adoravel força de intuição immediata, todos os nossos poetas e prosadores mais significativos e é bem provavel que, nos lazeres da sua cathedra, esteja agora a preparar alguma cousa sobre nós outros.

Um vaqueano do Desconhecido

W. B. Seabrook é um joven e destemeroso escriptor americano que foge por vezes ao tumulto da Broadway e ás recepções de Park Avenue e vae viver sob o sol inclemente da Arabia, ao vento largo das Antilhas ou ainda entre as tribus mais ferozes da Africa.

Observador atilado, intelligencia aberta a todas as emoções, ainda as mais inéditas, dessas viagens elle traz sempre um livro attrahentissimo, e foi mesmo devido ao grande exito alcançado com *The Magic Island*, narrativa de uma longa permanencia entre os pretos feiticeiros do Haiti, que para elle se voltaram as vistas de Paul Morand durante uma de suas passagens pelos Estados Unidos, levando mesmo este escriptor não só a apresental-o ao publico do seu paiz, quando esse livro foi trasladado para o francez, como ainda a incital-o a ir conhecer a Costa do Marfim e os curiosos povos que nella habitam.

E' por esse motivo que se deve tambem ao autor de *Rien que la terre* o prefacio dos *Secrets de la Jungle* (*Jungle Ways*, no original), talvez o mais recente livro de Seabrook, e no qual elle nos relata a sua ousada incursão pelo continente negro, onde poude ver cousas espantosas e até tomar parte numa refeição cannibalesca.

Diga-se desde logo que Seabrook é escriptor dos mais honestos, incapaz de tiradas munekauseanas ou requififes de estylo com que se avive o paladar de certos leitores, e se de sua penna caem conceitos estranhos e lances inverosimeis, accuse-se antes o mundo *real* mas para nós verdadeiramente phantasmagorico por onde se tem perdido o escriptor yankee.

São na realidade ineriveis as scenas de magia a que elle assistiu extatico e de olhos pasmados e nas quaes duas tenras creancinhas, depois de servirem aos azares de um jogo arriscadissimo entre as mãos de dois eximios malabaristas, acabaram por ser empaladas, mas litteralmente empaladas, sobre longas e ponteagudas lanças... para apparecerem ou, melhor, resuscitarem horas depois, risonhas e satisfeitas, como se nada lhes houvesse acontecido.

Igualmente assombrosa a vida na côrte do rei Moro-Naba, um magestoso potentado negro que em signal de grande deferencia á visita do homem branco, recebeu Seabrook usando e abusando daquella trombeta a que Dante allude ao fim do 21º canto do seu *Inferno*, e cercado tambem por um exdruxulo serralho como nem mesmo existiria em Sodoma: algumas dezenas dos mais bellos adolescentes.

Isso para não falar na tribu dos Habbés, ainda com seu culto priapico á maneira dos antigos egypcios e assyrianos, mas em compensação com um codigo matrimonial que deixaria longe os mais avançados preceitos da republica sovietica.

O que, entretanto, mais parece ter interessado a Seabrook, foi poder rilhar entre os dentes um boccado de carne humana e conhecer o seu sabor. Ainda que a anthropophagia seja cada vez mais rara, rara por mais difficil devido á fiscalização das autoridades (referimo-nos sempre á Africa Occidental Franceza), offereceu-se-lhe essa occasião ao tempo da sua hospedagem entre os Guerés e quando foi morto em combate um homem de tribu vizinha e inimiga. Diz Seabrook que o acepipe, comido tanto em *ragout* como num assado feito ao espeto, não lhe soube com a repugnancia esperada, pois que tinha o aspecto e o sabor de um bello pedaço de vitella não muito nova, embora a sua coloração seja, talvez, um pouco menos vermelha, quando crúa. Informações colhidas então fizeram-no saber que não existe differença entre a carne do branco e a do preto, e que os boccados mais appeteciveis são o trem posterior, sobretudo o alto das coxas, e as costellas. Para o chefe da tribu, porém, nada é tão saboroso como uma succulenta palma de mão.

O livro termina com uma visita a Tombuctú, curiosissima nos seus aspectos e cheia de perspectivas surprehendentes. A' noite, a pequenina cidade é tragada pelas trevas sem que ninguem ouse accender uma unica luzinha e, durante o dia, mesmo á luz do sol mais claro, todo o seu commercio é clandestino e feito a portas fechadas. Todos esses habitos, que ella ainda conserva agora, mas já sem os riscos de antanho, foram adquiridos ha uns trinta annos, quando a sua população vivia em sobresalto e amiude era atacada e saqueada pelos Tuaregues, ferozes habitantes das vizinhanças.

Em Tombuctú, Seabrook travou relações com a figura patriarchal e quasi lendaria do Padre Yakouba, um francez que para lá foi ainda muito moço, como missionario, mas que logo abandonou as ordens para casar-se com uma indigena que lhe deu trinta filhos, hoje multiplicados em numerosos netos e bisnetos. O padre Yakouba, que se fez um nome em litteratura arabe e dialectos africanos, e já assignou varias obras editadas em Paris, vive cercado de livros e é verdadeiramente notavel a sua collecção de classicos, tanto antigos como modernos, gregos e latinos, italianos, allemães e inglezes, para não falar nos francezes, que todos elle lê no original. Mas como não é só nos livros que está a verdade, elle tem tambem carinhos especiaes com a sua adega e parece ter sido epico o pifão com que ambos, Seabrook e elle, commemoraram juntos certo transcurso de Anno Bom, enfrascando-se com uma infernal e até então inédita mistura de Pernod e Amer Picon. Mas, tambem, como festejar condignamente os *Christmas holidays* na pasmaceira daquellas paragens?

GASTÃO CRULS.

— Em seu trabalho *Histoire de France depuis la guerre*, Jean Prévost continúa a mostrar-se desenvolto de linguagem no seu desejo de novas perspectivas para o estudo da vida contemporanea. Não ha muito lançára um romance cujo inicio é um tanto escatologico. Enthusiasta do remo como Guy de Maupassant, documentou-se elle agora para uma obra de responsabilidade, por isso que evocadora de factos ainda muito controvertidos.

— O livro de Bessedovsky e Laporte sobre Staline apresenta muitas facetas desse typo complicadissimo, com algo de legendario, apesar de ainda não se haver ausentado do planeta. Tendo convivido com o chamado "homem de aço", os dois autores bem lhe conhecem a existencia irrequieta, destinada a subverter os factores classicos da politica européa.

"BRASIL ERRADO"

DE MARTINS DE ALMEIDA

Um livro dedicado á exposição dos principaes problemas politicos e materiaes do Brasil, embora incompletamente e desordenadamente tratados, merece receber toda a attenção que os depoimentos sinceros e intelligentes solicitam dos interessados na vida nacional. E quando traz um titulo audacioso, como este do volume do sr. Martins de Almeida — *Brasil errado*, julga-se logo estar presente um desses manuaes de pessimismo damninho que contêm mais provas da fraqueza de seus proprios autores do que mesmo os attestados de uma outra inferioridade qualquer que visavam demonstrar. Não é este o caso da obra em apreço. Se o jovem escriptor mineiro não imprime ao seu trabalho a grandeza supervisionadora de causas de Oliveira Vianna, se não pode ter a particularisante dissecabilidade dos escriptos de polemica, de doutrina e de critica de Tristão de Atrayde, se não consegue a objectividade luminosa das notas politicas de Plinio Salgado, se não possúe, emfim, a segurança de um sociologo completo, — cousa que deve tocar as raias do excepcional, — tem entretanto uma seriedade de julgamento, uma honestidade de observação e uma bôa vontade em acertar que lhe produzem, não raramente, vigorosas paginas de analyses, acceitaveis quasi sempre, sob a reserva natural que ordena a orientação diversificada dos que laboram nesse terreno.

Livro forte, portanto, o exame daquellas affirmações que não constituem propriamente os seus erros, mas que são as suas asserções menos baseadas e mais audaciosas — attrahe naturalmente a critica bem intencionada, que se viu nascer com prevenções, extinctas ao chegar ás explicações, muito necessarias com que o autor se definiu num interessante "Postfacio".

Infelizmente, para rebater todas aquellas asseverações, seria necessaria a elaboração de um estudo mais longo, de modo que o simples registro das discordancias, a ser conferido com a leitura sempre util do *Brasil errado*, podesse dar idéa das dissenções em que ficamos. Pois que as transcripções comprovativas e as exposições de pontos de vista differentes exigem espaço que nem a importancia do assumpto concede.

Indo desde logo a elles, quanto ao valor dos problemas que suscita, o sr. Martins de Almeida exaggera na significação do caso do café e não comprehende tambem, em sua inevitabilidade historica, e em sua attenuada perniciosidade aqui, o dos latifundios.

Exaltando tambem um ruralismo, que antes tivesse na verdade existido, acompanhando e presidindo, mesmo de longe, as directrizes politicas nacionaes, esquece-se o autor do sempre tão repisado artificialismo urbanico, cultural e politicante, que comprimiu bastante aquella aliás innegavel tendencia interna, alliando-se a ella para estrangulal-a como um "mata-páo". E' o caso dos senhores de engenhos e dos fazendeiros cujos filhos doutores abandonavam as terras agricolas e pastoris de suas origens para se dedicarem a mais estereis occupações citadinas, mesmo sob o Imperio e depois, mais activamente ainda, sob a Republica, conformando toda a sua politica.

Enganos de apreciações historicas apresenta muitos o *Brasil errado* e aqui é até impossivel a justificação de muitos periodos do volume. Porque o desconhecimento da significação exacta de tantos acontecimentos importantes da formação nacional condiciona fatalmente os juizos errados de suas consequencias sociaes. Nem de outras bases se utilisa a sociologia: faltando a exactidão historica de um facto faltará forçosamente tambem a justeza no commentario mais profundo que se faça depois, mesmo de suas mais longinquas repercussões. Exemplificando, basta affirmar que o sr. Martins de Almeida incide em erros lamentaveis quando na sua artificial e dispensavel demonstração de que "a historia do Brasil se prende a dois movimentos historicos da nacionalidade desenvolvidos parallelamente... um de fundo outro de superficie" — trata da Independencia, de D. Pedro II, das causas e das consequencias da Abolição, do advento da Republica. Cedeu ahi á necessidade de demonstração da these que antecipadamente delineara, não examinando decerto as opiniões que encamparia por commodismo, o que é de se lastimar, num sociologo, tão attento noutros assumptos, como é o autor do *Brasil errado*.

Comprerende-se que elle tenha insistido mais no registro das variações européas contemporaneas que no aspecto, mais proximo em tantos sentidos, da louca dispersão revolucionaria de forças que se produz na propria America. E' até natural que repita o côro ingenuamente condemnador de um "porquemeufanismo" que só faz mal aos que com elle se irritam. Entende-se bem a sua demasiada insistencia numa obcessão eleitoral que não houve no Brasil, onde a ambição das posições folgadas, vitalicias por exemplo, sempre sobrepujou a das electivas. Erro mais forte, embora já repetido por alguns e tambem acceito pelo sr. Martins de Almeida, o de ter sido anti-economica a colonisação portugueza no Brasil — tem egualmente explicada a sua apparição no *Brasil errado*.

Mas analyses muito primarias e obedientes a preconceitos de pseudo-historiadores para aquelles grandes momentos da vida nacional, da integralisação brasileira que vae da Independencia á Abolição, não se perdôam num conjuncto de capitulos dedicados ao exame intelligente e imparcial de problemas, tantos delles vitaes para o paiz.

Sahe ás vezes o autor do seu assumpto exclusivamente brasileiro: é quando, por exemplo, se refere longamente á desordem politica e economica que vae pelo mundo, como se isto podesse justificar a nossa, não lhe sendo mais que uma concomittante, causa subsidiaria talvez, mas não justificadora.

Faz bem em não conceder importancia primordial ás discussões sobre raça, para o estudo da realidade brasileira, embora lhes reconhecendo a significação que nisto têm.

Sobre a revolução de Outubro de 1930 affirma generalidades que devem andar na consciencia mas que não estão ainda nas palavras de todos, quanto ás suas origens mais proximas e suas consequencias, totalmente provindas de motivos personalissimos. Mas se preenche uma necessidade assegurando tal opinião, a insis-

Poema da Terra Loura e Verde

Eu canto a terra loura e verde
em que fiz meu pouso,
entre os simples que amam o vinho e a charrúa.
Eu canto a terra loura pelos trigáes maduros,
e o milharal que esplende nas espigas cheias,
á hora da fartura...

Eu canto a terra loura pelo vinho louro e amavel
que vem das vinhas prodigas.
E a terra verde eu canto, pelas frondes
dos salsos, dos álamos e pinheiros
que dão sombra amena ás hervas humildes,
desde a gramma em que o bibi floresce
em sombrinhas azues
até á avenca ingenua e melindrosa.

E a terra verde, eu canto, ferida
pelo arado e pela enxada rude,
para ostentar, pelo sulco aberto,
na estação propicia,
o trevo, a aveia e a cevada, em prados verdes
que escorrem das encostas, como a lava
bemfazente do trabalho...

Eu canto a terra verde onde os passaros morreram
para que os montes e as baixadas verdes
cantassem por elles...
E para que as lavouras e os jardins modestos
não soffressem
e melhor erguessem para a luz
os ramos cheios de frutos e as hastes floresc idas...

Eu canto a terra loura pelo sol
que doura o pó das estradas longas
e a carne sadía das colonas moças...
E a terra verde, eu canto, pelo mesmo sol
que leva a chlorophylla ás folhas da nogueira
e dá perfume doce á flôr lilaz do cinamomo.

Essa — a terra loura e verde
que canto nestes poemas!

OLMIRO DE AZEVEDO.

---

tencia demasiada na alliança do movimento subversivo com a crise do café mais uma vez abre caminho para a falta de medida que sempre mostra ao tratar de questões economicas.

Onde um seu excesso não perde em bôa intenção é no da exaltação do valor da terra brasileira, feito não com simples lôas á sua fertilidade, mas com a demonstração de que no seu aproveitamento e no seu amor poderão estar muitas das soluções desejadas. Essa comprehensão será talvez a alliada da idéa, tão urgentemente necessaria, da integridade territorial, do unionismo nacional, tão precisado hoje de fortes incentivos affirmadores da sua inatacabilidade.

O volume do sr. Martins de Almeida ainda se torna mais sympathico na corrigenda tão pessoal e creio que bem sincera do "Postfacio", onde o autor se penitencia de todos os amargores com que o exame dos problemas brasileiros lhe obrigou a balisar a obra e faz uma profissão de fé nos destinos nacionaes, crença apezar de tudo, confiança que só a força de um sentimento purissimo pode produzir. Approxima-se nisto de outro joven e energico critico da situação brasileira actual, o sr. Octavio de Faria, autor do *Machiavel e o Brasil*.

Esta falta de pessimismo em quem sabe ver os erros assegura a possibilidade do advento das bôas soluções. Embora não as querendo preconisar, o sr. Martins de Almeida deixa bem nitida a sua condemnação ao parlamentarismo, ao presidencialismo, ao predominio de quaesquer classes, ás doutrinas liberaes de todas as formas. E é naturalmente pelo Estado totalitario, o que se percebe nas suas entrelinhas, não se aterrorisando com a hypothese mesma de uma "dictadura technica". Nisto se avizinha, provavelmente, do pensamento politico de Plinio Salgado, o nitido doutrinador da *A Razão*, de São Paulo, pois a elle se assemelha ao condemnar os erros mais proximos da formação politica do paiz e ao esboçar orientações mais de accôrdo com as realidades nacionaes.

Deante disto, a conclusão natural que a analyse do *Brasil errado* provoca é a de que mais errados que o paiz são os homens que o têm desvirtuado de suas directrizes normaes de evolução. Errado não será elle, portanto, pois que o simples facto da sua existencia ainda incolume de fragmentações garante bastante a seriedade da sua missão como nacionalidade unida, cohesa, dentro dos seus nunca exaggerados e sempre apenas rhetoricos oito milhões de kilometros quadrados.

Contra essa unidade territorial que é o seu problema maximo — ou o seu problema unico — nada têm podido os frouxos separatismos em cujo relevo erra tambem o sr. Martins de Almeida. Mais valiosos e mais animadores que tantos exemplos de incomprehensão que hoje vemos infelizmente generalizados são os depoimentos que embora amargos têm a sinceridade de confessar tambem aquella confiança no Brasil que o "Postfacio" deste volume assegura inesperadamente e com singular desassombro.

HELIO VIANNA.

CRITICAS

— Um critico aconselha a reler Flaubert, romancista que se submetteu sempre ao real, e só foi á creação de indiscutiveis obras primas pelo seu absoluto respeito á verdade das almas e das paizagens. Sua memoria registrava os factos como um cannehno em que tudo se gravasse sem deformação ou contrafacção. Nada ignorava elle dos costumes e das tradições da zona em que habitava. Homens e pedras vivem em seus livros. Soube contornar as silhuetas, lançar para a frente as figuras de caracter decisivo na acção do romance. Levava o amor das personagens ao extremo de confundir-se com ellas: "Madame Bovary sou eu!" costumava elle dizer aos seus intimos. Existencia mediocre, de burguez prosaico, de rendeiro timorato, mas espirito e sonho que transbordavam por todo o planeta, pelo Egypto, pela Italia, pelo presente e pelo passado, pela historia e pela legenda. Percorrel-o na adolescencia é por vezes oppressivo, desencorajador, mas relêl-o nas proximidades da velhice é uma especie de tonico revivescente.

Religião esfafica e religião dynamica

Les deux sources de la moral et de la religion — Henri Bergson — Alcan — Paris, 1932.

Num livro prodigiosamente bem feito que Bergson nos offerece este anno, *Les deux sources de la moral et de la religion*, themas complexos que se relacionam com o problema moral são tratados com uma tal engenhosidade e força persuasiva, que nós preferimos ficar immoveis deante delles com receio de, ao tocal-os, ferir a sua construcção imponente. Não iremos até a perfidia de Benda (o seu *Le bergsonisme* é, além de uma má vontade, uma odiosa perfidia) de destacar apenas desse seu ultimo volume a pura forma que de tão brilhante muito auxilia a convencer, como a parte capital. Não. Bergson não tem culpa nenhuma de escrever bem, e, apezar disso, elle é um philosopho antes que um litterato, um tanto poeta, sem duvida, e por isso mesmo mais convincente e seductor.

O problema moral-religioso que Bergson deixou para o fim de sua carreira, embora não chegue áquella alta dignidade que lhe imprimiu Kant, filia-se ao conjuncto bergsoniano como uma parte indispensavel para melhor comprehensão desse *élan* creador que é a *poussée* de sua philosophia orientada para o sentimento e para a vida. Religião e moral são estudadas aqui com um carinho especial, sem a displicencia de certos racionalistas sisudos. Hoje em dia, como aconteceu sempre, um philosopho sentimentalista nos agrada mais em questões de ethica do que qualquer rebuscador da theoria do conhecimento de Badens ou de Marburgo. Ha mais sinceridade, quando não maior identidade mesmo com o thema.

Estão mais perto da vida e, como diria Bergson, para se raciocinar é preciso primeiro viver.

Moral e religião são productos da vida como tudo o que existe. E Bergson introduz a natureza como um factor a um só tempo creador e creação, que possue intenções e talvez vontade, cujo grão de resistencia é sem limites. E' uma entidade mysteriosa, a que Bergson não deu uma precisão necessaria nem dedicou um trabalho mais detalhado. Perfilou-a mal, em algumas linhas apenas, deixando-nos soltos para toda a especie de apreciação. A's vezes a sua natureza approxima-se da natureza naturante de Spinoza (somente quanto á necessidade de sua essencia em si, independente da existencia dos attributos) e em outras surge como o instrumento de uma potencia superior que seria a vida. Surge-nos sempre impreisamente. No começo essa natureza teria sido a força conciliadora de todos os homens, guiando-os harmoniosamente, cuidadosa da existencia dos sêres humanos. E as sociedades de então seriam as *sociétés closes*, como vivendo entre muros, sem ambições de progresso, estaveis, á maneira de um formigueiro. Deve ter sido aquelle "estado de vigilia" apontado por Nietzsche como o responsavel por todo o pendor metaphysico das creaturas.

Mas o homem possuia a intelligencia de cujo valor a natureza sempre tivera receio, e foi em se precavendo contra uma possivel investida da força intellectual que appareceram as religiões. Formas incipientes de culto a principio, religiões de grande aparato mais tarde, eram sempre defesas de que a natureza dispunha contra o poder dissolvente da intelligencia. Forças de superstições taes como o desejo de sobreviver, o *sentimento tragico* de Unamuno, creadas pela natureza para manter o seu dominio sobre os homens, não conseguiram, porém, vigôrar.

A intelligencia, então, despregou-se da natureza e tudo o que ia apparecendo feito pelos individuos humanos levava um caracter dynamico em opposição á anterior organização estatica. O *élan* creador que a vida entregara para sempre ao homem, sentia-se mais a commodo com esse movimento incontido, porque a sua essencia mesma é a plena mobilidade.

Coubera aos mysticos a origem dessa reacção. E' nesse instante que o livro de Bergson attinge os seus melhores momentos. Dá-nos a impressão de um começo de epilogo em que a nossa ansia não sente mais o numero de paginas. O mysticismo como movimento dynamico e libertador, é encarado de um modo tão apaixonado e o estado d'alma é exteriorisado tão incisivamente que ficamos persuadidos de que Bergson não lêra somente o Novo Testamento ou a vida dos santos, mas que elle fôra mystico tambem!

Este mysticismo que o grande pensador considera como o unico existente até hoje, sobretudo pela intensidade de movimento que requer dia a dia formas mais variadas para a sua expressão, vive apenas no occidente, dentro das linhas geraes do christianismo. O oriente, ao mantermos o criterio da mobilidade, nunca possuiu uma grande mystica, como a de S. Francisco de Assis, cujos vestigios notamos em todas as formas de vida desde a technica industrial á arte pura. Bergson com o seu conceito de mystica passa pelas figuras da religião e da moral chinezas ou hindú como por imagens de pedra, embora Confucio tenha sempre exigido dos seus discipulos mais do que elles davam e na banheira do imperador T'ang estivesse gravada esta phrase inquieta: Renova-te em cada dia!

EVALDO COUTINHO.

ACABA DE APPARECER

A CARNE

Preço: 6$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

O SUCCESSO DE "UM CRIME NA HOLLANDA"

Um dos melhores romances de Georges Simenon, editado ultimamente, em formosa traducção, pela Ariel Editora Ltda., fez e continúa a fazer o encanto de innumeros leitores que, mesmo no terreno da novella policial, sabem distinguir o psychologo e o estylista dos simples manufactores de livrecos absurdos e inuteis.

Mas, acima de tudo, o que, a proposito dessa magnifica narração, interessou os compradores de jornaes diarios foi o facto de terem verificado que o trabalho de Simenon deleitou e distrahiu, no percurso do Rio a Recife, os nossos patricios que seguiram para a Europa a bordo do paquete "Pedro I" e, posteriormente, do "Siqueira Campos".

Entre outros, *O Globo* de 14-11-32 fornece longos detalhes a respeito. Assim é que, desejando testemunhar a sua gratidão a uma distincta autoridade policial que os acompanhou até Pernambuco, o general Klinger, o poeta Guilherme de Almeida, o politico Altino Arantes, o jornalista Julio Mesquita Filho e outros fixaram as suas palavras de louvor exactamente num exemplar do *Crime na Hollanda*.

Isto quer dizer que Georges Simenon, grande amigo das viagens maritimas, ainda desta feita viajou, sem o saber, num grupo de patricios nossos que a esta hora já desembarcaram em paragens européas...

DE NOVA YORK

Cinema - e cinema de verdade

A base dessa coisa complexa, de que muito paiz carece, chamada civilização, assenta, segundo o meu sabio Hu Shih, sobre tres grandes achados do homem: a descoberta do fogo, a invenção da escripta e a arte de imprimir. A essa prodigiosa trempe do pensador chinez poderiamos ajuntar mais uma perna — o Cinema, que muito breve será radio-visual, televisão.

Facil é de ver que se a arte de alphabetizar ideias e o methodo pratico de as imprimir, preservar e disseminar tiveram a significação civilizadora que com justiça lhes confere aquelle oriental de genio, mais concludente é verificar a importancia assombrosa do Cinema, que de um jacto amplia ao quasi infinito a utilidade daquelles inventos, abrindo-lhes horizontes ainda desconhecidos.

A palavra escripta a mão ou gravada em chumbo não deixa de ser palavra, pertencente a este ou áquelle idioma, e por isso mesmo tem a sua raia de acção limitada pelas fronteiras do paiz ou região onde se fale essa lingua; o Cinema, ao contrario disso, ao verter em symbolos pictóricos o que dantes estava em linguagem escripta, dá-lhe logo amplitude universal, e o feito entra livremente a correr mundo.

Muitos sabios e curiosos da sabedoria queimaram as pestanas, num modo de dizer, escrevendo paginas e paginas de linguagem confusissima para nellas explicar a theoria de Einstein — e mesmo assim poucos a entenderam. Entretanto, numa fita de celluloide, como ha pouco o constatámos, pôz-se aquelle inconcebivel aranhol mathematico ao alcance de uma creança de escola. O Museu de Historia Natural de Nova York fez incluir no seu curso de conferencias publicas, no anno passado, uma sobre a Relatividade, essa coisa incomprehensivel, que escapava pelas pontas dos cabellos a muita gente. Pois bem, com a ajuda da projecção filmica, o enigma se fez claro como agua!

A despeito, porém, desse enorme poder do Cinema como vehiculo de educação e cultura, só agora começa o filme a ter o seu devido logar nas escolas. Mas é do Cinema esthetico, do Cinema objecto de diversão artistica e espelho reflector de civilização, que queremos tratar.

De ha muito se fala no Brasil numa cinematographia brasileira, de producções brasileiras, para o supremo deleite de brasileiros. Escusado é dizer, nesse projecto, de brasileiro só ha a vontade. Onde estão as nossas fabricas de filme virgem, os nossos fabricantes de projectores, de reflectores, de dynamos, de caminhões para tomada de vistas exteriores, de microphonios, de camaras, de mil e um instrumentos delicados e apetrechos e inventos, graças aos quaes é o verdadeiro Cinema o que é? No dia em que désse na veneta do estrangeiro de não mais nos supprir do material necessario ao nosso cinema, acabar-se-ia a industria.

E seria um desastre vergonhosissimo para a nação!

Em Portugal acha-se já organizada a Companhia Portugueza de Filmes Sonoros Tobis-Klangfilm que, embora nada se tenha dito a respeito, visa, está claro, lançar o seu producto no mercado brasileiro, pela população e pelos meios cincoenta vezes maior que o de Portugal. Contra esse plano, porém, levanta-se a enorme differenciação da linguagem falada, de cuja existencia os pobres allemães nem suspeitam. Ora, se em Portugal, como ha pouco affirmava a revista *Cinéfilo*, de Lisboa, se supportam filmes falados em inglez, francez, allemão, russo, grego, hebraico, comtanto que tenham legendas explicativas na lingua da terra — mas, nunca, um filme falado em portuguez do Brasil — no paiz do Cruzeiro não é menor a ojeriza pelo falar luso, que só tróça nos inspira. Assim, só á *colónia* restará o dever de ir patrioticamente ao cinema, para matar saudades...

Falhando o lado economico da empresa lusa, adeus, seu Tobias!

E' curioso notar que esses paizes — Portugal e Brasil — que ainda não conseguiram domar a technica chã do cinema sem som, cujo producto, até hoje, tem sido uma copia inferiorissima do que se produz na America, queiram agora, por mero luxo patriotico, fazer cinema falado, mil vezes mais difficil que o outro. Accresce ainda que esses paizes, cégos pela ignorancia, até bem pouco estragavam espaço sem conta na sua imprensa, procurando provar a inviabilidade do cinema falado.

Faziam o papel de pobres labregos, que por estarem satisfeitos com o carro de boi, queimavam até o ultimo cartucho contra o automovel. E são elles, agora, que tomados de um enthusiasmo subito pelo que ha pouco condemnavam, dizem cheios de arroubo patriotico: Vamos fazer automovel! Ah, mas ha de ser automovel puramente nacional — cem por cento nacional!

Try and get!

Tomamos o seguinte a umas declarações feitas pelo *Doutor* Ricardo Jorge (na *Tobis-Portugueza* só os allemães escapam de ser *doutor* — tal como em igualdade de circumstancia succederia no Brasil): "Os studios portuguezes serão inicialmente assistidos, até que haja pessoal portuguez devidamente adestrado, por technicos da Klangfilm. Não quer isto dizer que se vae sujeitar a producção portugueza á orientação artistica estrangeira".

Como se vê, Portugal, antes de começar a trabalhar, já se propõe a crear uma orientação cinematographica nacional, isenta da influencia estrangeira. Mas em cinema a technica e a arte como que se confundem; uma não vive sem a outra. Onde irão os valientes lusitanos metter a cunha nacionalizadora, para as separar?

*

O brasileiro, por seu turno, antevê o seu cinema não com os olhos do cinematographista, mas com os do patriota. Diz *Cinearte*: "Devemos encarar com firmeza o problema da producção nacional, do nosso filme, que traduza os nossos estados d'alma e interprete a nossa natureza (perdão, senhores, a Natureza não se interpreta; é padrão eterno!), encarando-o porém sempre sob o ponto de vista superior de sua importancia como meio de propaganda, como fonte de conhecimento do que temos, do que é nosso, aqui e fóra do paiz."

Ha de parecer estranha áquella revista a affirmação paradoxal de que um dos grandes attractivos e talvez a mais positiva garantia de exito do cinema americano nesses paizes é o ser elle estrangeiro, reflectir aspectos de

uma civilização nova, que todos admiramos, phenomenal, palpitante de novidades, dynamica, cheia de bizarrismos, centrifuga. Até os typos anonymos, que desfilam pelas ruas do filme americano, são flagrantes humanos que nos deleitam pelo seu ineditismo. Supponhamos num filme brasileiro, falado em portuguez, naturalmente mal feito, um desses nossos cambistas, tão cariocas, a atucanar um visitante para que lhe compre bilhetes da Loteria Federal!

Desses "estados d'alma", muito nossos, anda empapado o janota que perneia a sua elegancia de manequim de uma a outra esquina da avenida, cheio de tedio e de inutilidade. O que elle quer ver são os typos esgalgos das Crawfords, das Garbos, das Marlenes, das Stanwicks, e em estados de corpo — não d'alma — os mais desnacionalizados possiveis. O que lhe attrae a vista e o encanta é o desconhecido, o raro, o inusitado — o que numa palavra não é nacional. O facto do cinema americano ser falado em inglez até augmenta essa attracção do desconhecido. Offerece ansas á vaidade dos pedantes... Depois, convenhamos, aprender mais uma lingua não faz mal a ninguem.

O duplo fracasso dos poucos filmes que se fizeram, falados no nosso idioma, veio provar que o povo, asnatico como englobadamente parece, tem lá o seu geito de patrocinar o que lhe agrada e, coisa que já Sócrates o notára, prefere sempre aquillo que não tem.

Se a lingua dos livros inglezes de litteratura, de arte e de sciencia fosse por todos os nossos comprehendida como o são as coisas que se estampam e se traduzem no Cinema, podemos affirmar que no Brasil e em Portugal quasi nada se escreveria além dos estudos regionaes — folk-lore e sociologia nativista — porque, não ha duvidal-o, o que se produz cá fóra, em materia de romance psychologico, de ensaio scientifico, de estudos das bellas-lettras é infinitamente superior ao producto nacional, e isso, parece-nos, ninguem terá a coragem de negar.

Ha Cinema e Cinema de verdade...

O primeiro é photographia em movimento, ao alcance de qualquer pessoa que possua uma camara e saiba lidar com ella, inda que rudimentarmente.

O outro, o Cinema de verdade, é um caso seriissimo, não se improvisa assim. E' uma questão de alta technica, de eugenía e photogenía, de sciencia applicada, de gente que inventa, conhece de mecanica, de chimica, de physica, de tudo — porque o Cinema de verdade, além da sua esthetica perfeita, arrebatadora, que irmana todas as artes e tem por base o bello deleitavel, é reflexo directo da civilização que o produz, a qual tem o que mostrar.

Se o Brasil e Portugal não produzem ainda machinas de escrever, aviões, motores, radios, locomotivas, automoveis, telegraphos, telephones, prélos rotativos, linotypos, submarinos, dreadnoughts, dirigiveis, etc., etc., coisas estas que são de padrão fixo, umas identicas ás outras, conforme o molde — como hão de querer fazer Cinema de verdade, em que tudo isso entra, sendo cada filme uma nova batalha, de ineditos resultados, requerendo novos e especializados estudos?

Portugal e o Brasil poderão fazer o seu cineminha, não o duvidamos; mas para produzirem Cinema de verdade ainda lhes falta o que dentro de um seculo talvez não o tenham: civilização technica e justa comprehensão das coisas.

ARTHUR COELHO.

E. DE CASTRO REBELLO — MAUA' — Editorial Universo — Rio, 1932.

E' um livro escripto em resposta á obra homonyma de Alberto de Faria. Longa série de restricções a serem confrontadas com uma longa série de louvores. E, pagina a pagina, repontam no autor, a par de um profundo conhecimento da historia do nosso Segundo Imperio e de raras qualidades de raciocinador e argumentador vehemente, solidas affirmações de uma grande cultura juridica, especialmente no que concerne ás questões de direito commercial.

AMANDO CAIUBY — O MYSTERIO DO CABARET — São Paulo Editora Limitada, 1931.

O autor figura entre os nossos bons especialistas em materia de litteratura de sensação. Longo tempo delegado de policia em São Paulo, conhece de perto o ambiente em que crimes e criminosos, patenteando o phantastico do Real, excedem os lances de imaginação de todos os Gaboriau e de todos os Wallace, e, assim, offerece-nos agora uma curiosa narração em que se amontôam emocionantes detalhes até uma solução engenhosa que o desenrolar dos successos não faria de modo algum prever. Evidentemente, não falta ao novellista o dom de observar, de dialogar e de insinuar, de onde em onde, observações tocadas de um leve humorismo realista.

RAUL DE AZEVEDO — AMORES DE GENTE NOVA — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre.

Entre nós, paiz em que se lê tão pouco e são tão precarios os exitos litterarios, livro que vae á segunda edição, está por assim dizer definitivamente consagrado. Assim acontece com a novella de Raul de Azevedo, *Amores de Gente Nova*, aliás muito bem recebida pela critica quando do seu primeiro apparecimento e que hoje temos o prazer de vêr novamente em circulação numa bella edição da Livraria do Globo, com magnifica capa illustrada.

LUIZ F. S. CARPENTER — SOCIEDADE NOVA E REPUBLICA NOVA — Cooperativa de Edições Sociaes — Rio,

A dedicação e o desinteresse com que esse illustre professor se vem de ha longo tempo consagrando á cultura intellectual e moral dos jovens explica a sua idéa de elaborar agora um plano completo de remodelação social para o nosso paiz. Os espiritos superficiaes poderão acoimal-o de utopista, mas quem quer que lhe percorra attentamente o livro verá que ha ahi muita cousa solidamente documentada, estructurada no conhecimento directo dos factos. Naturalmente, a pratica, se os projectos do sr. Carpenter viessem a ser praticados, modificaria alguns dos detalhes apresentados por esse culto e operoso mestre de Direito. Mas o essencial da sua these talvez não fosse attingido e haveria talvez proveito em applicar ao Brasil os resultados dos sérios estudos em que se vem empenhando o esforçado jurista em torno ás questões que dizem respeito ao trabalho, á industria, ao sentimento corporativo e ás modalidades do ensino nas democracias modernas.

CARLOS MAUL — O HOMEM QUE SE ESQUECEU DE SI MESMO — Editor Coelho Branco — Rio, 1932.

O sr. Carlos Maul, que lançou em 1917 o manifesto do titanismo como base de uma esthetica nacionalista e obteve depois grande exito com a publicação de uma historia da independencia do Brasil e da collectanea de versos *Barbaros*, frequentemente reeditada, lança agora um nobre romance de manifestas intenções sociaes, em que os seus dons de ficcionista redundam num forte prazer daquelles leitores que não procuram apenas nos livros uma diversão de momentos ephemeros. Sabendo realmente narrar, com a desenvoltura de quem longo tempo se adestrou na pratica quotidiana do jornalismo, o illustre escriptor fluminense põe em jogo, no seu novo livro, destinado ao mesmo successo dos anteriores, ambientes e personalidades dos mais significativos, interessando especialmente ao evocar sitios agrestes e almas rudes ás quaes de modo algum prejudicariam os favores da instrucção e da hygiene, se se dignassem de chegar até lá.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Raul de Azevedo — AMORES DE GENTE NOVA — 2ª edição — Livraria do Globo. Porto Alegre.

Mario Casasanta — MINAS E OS MINEIROS NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS — "Os Amigos do Livro" — Bello Horizonte.

Oscar Mendes — A ALMA DOS LIVROS — Ensaios de critica — "Os Amigos do Livro" — Bello Horizonte.

Christovão de Camargo — O GRANDE PROBLEMA DA INSTRUCÇÃO POPULAR NO BRASIL — Edições Alba. Rio.

Jayme Coelho — LEITURAS HISTORICAS — (Para o ensino secundario) — F. Briguiet & Cia. Rio.

Acacio França — VICENTE LICINIO CARDOSO — (Fóra do commercio) — Rio.

Gondin da Fonseca — PORTUGAL NA HISTORIA — A. Coelho Branco, editor. — Rio.

E. de Castro Rebello — MAUA' — Restaurando a verdade. — Editorial Universo. Rio.

Menotti del Picchia — A REVOLUÇÃO PAULISTA — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Renato Jardim — A AVENTURA DE OUTUBRO E A INVASÃO DE S. PAULO — Civilização Brasileira Editora — Rio.

Monteiro Lobato — VIAGEM AO CEU — Lit. infantil — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.

Monteiro Lobato — O SACY — Lit. infantil — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.

Monteiro Lobato — AVENTURAS DE HANS STADEN — Lit. infantil. — Comp. Editora Nacional. — S. Paulo.

Exupéro Monteiro — MUSA MATUTA — Poemas. — Officina Graphica da *Voz do Operario*. Aracajú.

Mario Pinto Serva — A RECONSTRUCÇÃO DO BRASIL — S. Paulo.

A. E. Mason — AS QUATRO PENNAS — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

G. Zaidan — A NOIVA DO REVOLTOSO — Editor Calvino Filho. Rio.

Hugo von Hofmannsthal — IEDERMANN — *Éditions R.-A. Corrêa* — Paris.

REVISTA NACIONAL DE EDUCAÇÃO — Anno I. N. 1. — Museu Nacional. Rio de Janeiro.

C T C (Cultura, técnica, ciencia). — Publ. do Dir. Academico da Esc. Polytechnica — Rio. Nº 2.

REVISTA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

E' este o primeiro numero de uma publicação que, de accôrdo com o decreto governamental que a creou e visando fins educacionaes, "redigida em linguagem accessivel, será amplamente illustrada e terá tiragem sufficiente para que o Ministerio da Educação e Saúde Publica possa distribuil-a por todos os institutos de ensino federaes, estaduaes e municipaes, gratuitamente." O trabalho da sua edição foi confiado ao professor Roquette-Pinto, illustre director do Museu Nacional, onde a mesma se imprime com todos os recursos das suas magnificas officinas graphicas, de que já são attestado dos mais auspiciosos as bellas estampas em rotogravura que abrilhantam as suas paginas, ricas, além disso, da mais variada e instructiva materia. Emfim, uma iniciativa que ha de realmente corresponder a seus fins.

Jayme Coelho — LEITURAS HISTORICAS — F. Briguiet & C. — Rio, 1932.

Trata-se de uma selecta, mas de uma selecta muito bem conduzida, com o perfeito dominio dos textos e uma séria comprehensão do que convém á leitura dos discentes, para a boa organização da sua cultura historica. A escolha partiu de quem é mestre em taes assumptos e tem o habito de transmittil-os aos alumnos dentro dos melhores methodos da pedagogia moderna. E isto explica o cuidado com que o autor procurou de preferencia attender ás necessidades dos leitores brasileiros, seleccionando, em tantos livros estrangeiros e nacionaes, aquelles capitulos, aquelles trechos que, directa ou indirectamente, dissessem respeito ao nosso paiz. As paginas sobre a civilização antiga ou sobre a Edade Media servem de intelligente preparação ao conhecimento dos tempos modernos, em que o nosso Brasil se iria edificando aos poucos e, quando entramos na historia da nossa terra e do nosso povo, já nos sentimos sufficientemente habilitados a comprehendel-os e a acompanhar passo a passo, através de transcripções valiosas dos nossos historiadores, a marcha ascendente de uma das grandes nacionalidades da America.

Raul Vachias — A IRLANDA — Schmidt Editor — Rio, 1932.

Num livro de abundante informação, embora com deficiencias de estylo, o sr. Raul Vachias, que foi dois annos consul do Brasil em Dublin, trata da evolução historica da Irlanda, estudando-lhe o symbolo nacional, as ceremonias catholicas, as luctas pela independencia, a lingua, o intercambio commercial e os varios factores economicos. Prova esse trabalho que o sr. Vachias, ao invés de esterilizar-se nos rituaes de uma diplomacia meramente decorativa, á moda dos velhos tempos, soube penetrar intelligentemente os elementos de vida e progresso da terra em que nos foi representar, esforçando-se por uma approximação mais fecunda entre o nosso paiz e a linda esmeralda celtica, a verde Erin dos pastores e dos guerreiros legendarios. Especialmente, em seu volume, interessou-nos a parte relativa á litteratura irlandeza, onde vêm diversas notas sobre Goldsmith, Moore, Yeats, Russell, algumas traducções em verso e um resumo, habilmente feito, do *Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde.

Mario Casasanta — MINAS E OS MINEIROS NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS — *Os Amigos do Livro* — Bello Horizonte.

Com pequeno intervallo, o autor nos dá dois trabalhos de generos inteiramente diversos: um ensaio politico *As razões de Minas* e essa brilhante conferencia. Alguma cousa entretanto os approxima. São os attributos de um homem de lettras, os dons do verdadeiro escriptor que existe no Sr. Mario Casasanta, uma das figuras de maior projecção no scenario mineiro da actualidade.

Exupéro Monteiro — MUSA MATUTA — Officina Graphica da Voz do Operario — Aracajú, 1932.

Trata-se de um joven poeta nortista que occupa, na Academia Sergipana de Lettras, a cadeira deixada vaga com a morte do seu conterraneo Hermes Fontes. Ao que o titulo do seu livro está indicando, o sr. Exupéro Monteiro é um cultor da poesia regionalista, explorando, com emoção e ternura sinceras, os motivos essenciaes da alma e da paizagem do Norte. Louvando-se nos exemplos dos cantores agrestes como Ignacio da Catingueira e Manoel do Riachão ou dos rimadores mais civilizados como Juvenal Galeno ou Catullo da Paixão Cearense, o autor deste volume de duzentas paginas celebra, em notas espontaneas e simples, a secca, a vaquejada, o retirante, os desafios á viola e os fervorosos idyllios dos caboclos.

G E G H P

O Gabinete de Estudinhos de Geographia e Historia da Parahyba ou, melhor, o G E G H P, abreviatura que tambem dá titulo á pequena publicação dos seus estudos, completa com o numero ora apparecido desse periodico e correspondente ao mez de Outubro, um anno de porfioso trabalho, por tudo digno de applausos e estimulo, tão rico de dados curiosos e utilissimos ensinamentos vem sendo para um melhor conhecimento daquella unidade da Federação o interessante mensario que se publica em João Pessôa.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | N. 4 - JANEIRO 1932 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

A crise da livre critica no Brasil

DESEJAM dominar o Brasil no momento actual, no campo das preoccupações intellectuaes, duas correntes absolutas e intransigentes. Visam ambas a mesma cousa: estrangular o livre pensamento, a livre critica.

Não preciso dizer que essas duas correntes traduzem movimentos reflectidos do Exterior. Repetem o que se passa na Europa em luta contra o espirito do seculo XIX. Mas como no Brasil tudo toma um caracter simplista, como aliás em todas as tribus não differenciadas pela cultura, essas correntes se reduzem a fórmas bruscas violentamente oppostas uma a outra: a corrente catholica e a corrente communista.

*

O catholicismo no Brasil, que era a religião de todos nós, religião de paiz de sol, religião de mãe de familia, de carinho, de casa grande, de altares immensos e festivos, religião em que todo o mundo se sentia bem e á qual com mais ou menos ardor pertenciam todos os brasileiros com raras excepções e para cujos symbolos se voltavam, todos de vez em quando na vida e sempre á hora da morte, o catholicismo assume agora attitude militante e aggressiva no terreno das idéas. Não satisfeito de dominar a sociedade, deseja dominar o pensamento. Exige dos brasileiros adhesão enthusiasta. Qualquer divergencia ou distracção, mesmo sobre detalhe, é combatida sem piedade. Ao "quem não é contra mim é por mim" oppõe o "quem não é por mim é contra mim". Até onde chegam certos leaders intellectuaes do catholicismo actual na sua intolerancia — não preciso assignalar nestas linhas que não têm intenção de polemica. E até onde poderão elles levar o catholicismo no Brasil — dil-o-á o futuro.

Por emquanto, não ha como dissimular a tristeza em que se encontram muitos brasileiros de se verem obrigados a não ser catholicos só por não o poderem ser como o exigem certos chefes theoricos da Egreja, chefes aliás improvisados ainda que dignos do maior acatamento. Felizmente que ha innumeros padres e innumeros catholicos não politicos, catholicos da velha cepa, embebidos da tradição brasileira, que pelo facto de serem catholicos sinceros não se julgam no dever de odiar o genero humano. Nem todo o mundo tem a capacidade de apaixonar-se que têm certos lettrados.

A nossa esperança é que o catholicismo ainda possa, pela reconquista do prestigio que sempre desfructou em todas as camadas do Brasil, livre de influencias mal analysadas, algum dia voltar ao que era: o seio espiritual, universal e sympathico a que nos aconchegavamos todos sem constrangimento.

O padre no Brasil sempre foi um bom companheiro, um collaborador plausivel, objectivo, muito pouco inquisitorial e, sobretudo, humano, relativo, razoavel. Disculidor mas capaz de admittir a divergencia sem prejuizo do essencial. Nada mais bello do que as relações do nosso catholicismo com o nosso positivismo. Nunca poderemos esquecer o cardeal Arcoverde vindo á porta do Palacio Episcopal saudar o corpo de Teixeira Mendes. Dentro do catholicismo trabalhamos todos nós. E será um desastre que na defesa do patrimonio sagrado da sociedade em cujo nome o catholicismo reage, ao que dizem os seus leaders actuaes, com tanta violencia, não possam entrar quantos se acham no mesmo circulo de interesses. Desse circulo se achariam excluidos para logo, de accordo com a doutrina de eminente escriptor catholico do Brasil contemporaneo, sob a pecha de inimigos da sociedade, os chefes mesmos dos partidos conservadores na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Allemanha, em toda a Europa, em toda a America, em todo o mundo.

O presidente Hoover, á luz dessa doutrina, é um reprobo. Bruening um communista. Poincaré um sceleredo, igual aos da Hespanha. Quanto a Briand, nem preciso falar. Não ha exaggero no que digo.

A corrente contraria a esta se avoluma assim pelo concurso dos desesperados e perseguidos e por obra de uma tactica politica de uma inhabilidade sem precedentes nos annaes da Egreja entre nós.

Esta ultima, a communista, ameaça absorver toda a nossa mocidade, curiosa, como em toda a parte, do que é novo e desconhecido.

*

Em meio ao torvelinho creado pelo choque de ambas essas correntes, naufraga o livre pensamento. Poucos os que exercem a livre critica. Não é pequeno o perigo que os ameaça.

São por isso benemeritos aquelles que, como neste Boletim, *ficam assim na ilha do pensamento desinteressado, lendo, commentando e discutindo com o espirito aberto a todas as idéas e sympathico aos movimentos multiformes do mundo.*

GILBERTO AMADO.

NOVIDADES FRANCEZAS

ROBERT POULET — LE TROTTOIR — (Denoel et Steele), Paris.

Breve novella cujo assumpto não sáe de uma estricta realidade. O autor narra um drama de studio ao qual não faltam colorido, movimento e pittoresco de personagens. Encontram-se nelle todos os elementos de um romance picaresco, de uma "tranche de vie" naturalista, de um conto policial. No emtanto, Le trottoir *não é nada disso a rigor. Tudo ahi apparece estranho em excesso e o ar que ahi circula é pesado demais. Sáe-se dessas paginas surprehendentes com uma especie de allivio, deixando, sem pesar, a companhia da principal figura, esse operador de cinema que acaba por estrangular a rapariga que amava, e que não experimenta, para sua grande estupefacção, nem espanto, nem remorso.*

⁂

HENRI DUVERNOIS — LA POULE — (Bernard Grasset), Paris.

Um dos mestres do romance ironico é certamente o escriptor que ahi fica. Elle pinta o genero humano com tinta malicia e piedade que os seus livros guardam sempre o bom humor que mascara os momentos dramaticos desta comedia que é a vida. La poule *não é o que o titulo podia fazer esperar. A* poule *— é aqui representada sob os traços de um pequeno burguez descuidado e necessitado, com cinco filhas que o azucrinam. Uma viagem á Côte d'Azur perturba toda esta sympathica familia Silvestry, cuja autoridade era difficilmente mantida pela filha mais velha, a interessante Guillaumette. Frederico Chapuis, verdadeiro heróe do romance, acabará por salvar toda essa ninhada em perigo, fazendo com que quatro jovens ricos e obtusos desposem as adolescentes em disponibilidade. E quando todos o tiverem renegado e lhe voltarem o dorso, elle resolve o seu caso, com plena independencia, casando-se com Guillaumette. Tal romance, que é no fundo um libello ao Dinheiro, faz pensar no* humour *do Dickens que punha em scena personagens a um tempo commoventes e grotescos.*

⁂

JACQUES DEVAL — MARIE GALANTE — (Albin Michel), Paris.

"Li Marie Galante *com interesse apaixonado e um muito vivo e profundo prazer", escreveu Henri de Régnier no* Figaro.

Em meio ás obscuras rivalidades de tres espiões, um japonez, um allemão e um americano, é conduzida ao canal do Panamá uma joven galante que não tem senão uma paixão, paixão exigente, exclusiva: rever a França em que nasceu. Para amontoar o peculio necessario á passagem, ella se tornará a amante do ignobil espião germanico e acceitará o desempenho de uma missão perigosa que o japonez lhe confia. Mas, emquanto ella rejubila com o facto de poder recentrar em França, o agente americano, sabedor da qualidade da tarefa que lhe fôra confiada, fará matal-a por um policeman, sob o pretexto de contravenção á lei secca... Esse assumpto dá uma impressão muito colorida da vida do canal do Panamá e o entrecho principal de Marie Galante *prende-se a um drama pungitivo que se desenvolve numa atmosphera mysteriosa e termina com uma surpreza inolvidavel. Jacques Deval accrescentou um nome á galeria das filhas do vicio e o seu nome tomo logar entre os dos melhores romancistas de hoje.*

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

Miguel Couto - Selecção Social - Rio, 1931

Miguel Couto reuniu neste opusculo — editado em numero reduzido de exemplares — alguns admiraveis artigos publicados em differentes occasiões, para combater a livre entrada dos japonezes no Brasil.

E' adversario, por todos os titulos, terrivel.

Mesmo porque sabe dizer com apuro e graça, sabe lembrar a proposito um documento. Não é rhetorico.

O opusculo é distribuido aos seus amigos e discipulos no justo momento em que o Mundo assiste ao martyrio da China.

Que General daria Miguel Couto!

Sou, penso, insuspeito para tratar destes casos porque fui, aqui, um dos primeiros a mostrar que não ha lei de Eugenia alguma capaz de condemnar os japonezes. E, na mesma occasião, deixei bem claro que motivos de ordem politica ou esthetica, fóra de qualquer consideração anthropologica, poderiam ser invocados pelos brasilianos infensos aos nipponicos. E' justamente o que faz o meu querido mestre, no seu opusculo.

O procedimento japonez na Mandchuria está justificando Miguel Couto.

A favor da theoria de que ás Nações cabe o direito de invadir os territorios alheios em que se encontram seus filhos installados, *para protegel-os* —, repete-se na Asia, em 1931, o que o Imperio bragantino julgava seu direito, na Sul America, ha quasi um seculo.

E si jamais essa doutrina anti-social poude encontrar abrigo na minha consciencia, mesmo quando praticada pelos meus avós, não ha de ser agora, quando o sonho da paz universal começa a se plasmar em multiplas deliberações dos povos cultos — que ella ha de ser acceita por este modesto amigo dos japonezes.

"Tocar na Mandchuria, onde o Japão tem enormes capitaes empregados, assevera o embaixador Yoshiana, é attentar contra a existencia mesma do Japão." "Substitua-se — commenta Miguel Couto — Mandchuria por Amazonia, China por Brasil, onde existem 523.449 hectares de terras japonezas, e as prophecias mais arriscadas e obscuras se illuminam como realidades presentes."

Entre as suas perdas de guerra, na conquista da China — póde o Japão incluir, na certa, a sympathia do Mundo.

A guerra é instituição exhausta, como a escravidão. Nossos antepassados orgulhavam-se de ter escravos. Ha cincoenta annos perguntavam abertamente, ingenuamente, "quem ha de capinar as roças, si forem libertados os negros?" Já hoje ha milhões de homens — e eu sou desses — que olham para as metralhadoras como para creações antigas de idades mortas ou agonizantes.

Coisas que a humanidade *creou* e *destruiu*.

Fosse alguem dizer ao anthropophago que a sua anthropophagia seria mais tarde a vergonha e o horror dos seus descendentes. A resposta seria a mesma que a respeito da guerra alguns ainda formulam:

"— Isso é coisa de poeta..."

"Os inimigos sempre foram comidos... são comidos... e serão comidos. E' impossivel abolir a luta..."

Mas a historia prova que á humanidade o que é impossivel — é deixar de progredir.

ROQUETTE PINTO.

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE — — MEU SERTÃO — Officina Industrial Graphica, Rio, 1931.

Os admiradores do grande cantor da nossa vida sertaneja, vão ter ensejo de reler-lhe os magnificos poemetos nesta nova edição, revista pelo proprio autor e onde se encontram notas biographicas das mais expressivas.

PAPANGÚS

(Apologo de Natal)

Era junto do velho muro do cemiterio que o grupo de papangús do reisado se reunia. Um logar manso, isolado; e ali podiam á vontade preparar os disfarces, acabar o arranjo do boi, mascarar as damas, vestir as saias complicadas da burrinha.

Naquella hora, porém, da missa do gallo, estava vasio de comparsas o ponto de reunião. E, abandonados, na hora santa do Nascimento, o boi branco e enorme como um fantasma de panno jazia malhado nos pés imaginarios, e o babau, enfeitado de fitas, encostava a queixada á cal do muro.

Ambos tinham um ar lasso de fadiga e de spleen. O boi, principalmente. O babau, por uma fatalidade de conformação, por mais que se aborrecesse e entediasse, tinha de mostrar, constantemente, a dentuça entreaberta, num grande riso sem labios.

Ao toque de meia noite, quando o sino bateu festivo, a musica rompeu e os foguetes estrondaram, o boi pareceu despertar de sua modorra, exclamando para o babau garrido:

— Um anno, heim, compadre? Por que será que a gente só póde trocar idéas de anno em anno, em cada noite de Natal?

— Porque a noite é milagrosa. E você ainda se queixa?

— E por que não? Você vive então muito satisfeito da vida?

Um grande suspiro doloroso passou por entre os dentes immensos do babau velho:

— Satisfeito, eu? Então você acha que eu posso estar satisfeito, eu, que fui um cavallo de estimação, um cavallo de luxo, andar, depois de morto, emprestando a caveira pra matraca dessa canalha?

O boi enorme suspirou mais fundo:

— E eu, compadre, e eu? A você só fizeram, ao menos, articular a queixada com arame, sem mais massadas. A mim, puzeram-me este corpo de varas, horrendo e disforme, este lençol a servir de couro, salpicaram-me a cara de papel de seda, pintaram-me os chifres de encarnado. Você continúa a ser o que é, — uma caveira de cavallo, embora com algumas fitas. E eu? Eu sou a hedionda caricatura do que fui!

O babau exclamou, amargamente:

— Pra que você fala no que se fôi, compadre? Deante da miseria do presente, até faz vergonha recordar o passado...

— E diga, compadre, e diga! Quem teve um passado como eu! o boiote mais corredor desta ribeira toda... Quem me viu, quem me vê... Eu ter sido o que fui, e, agora, com a cabeça separada dos ossos, andar pregado na desgraça deste boneco de vara e panno, que é mesmo o judas de um boi... Eu, que fiz tanto vaqueiro de fama dar carreirão na caatinga brava, atraz de mim...

O babau confirmou:

— O meu finado irmão Rompe-Nuvem me falou muitas vezes em você...

Dentro de sua amargura, a vaidade do velho boi cresceu como uma bexiga soprada:

— Isso mesmo! Corremos muito, nós dois! Ah! Que tempos, compadre, que tempos! Se não me engano, foi montado no Rompe-Nuvem, correndo pra me pegar, que o velho João Assaré escangotou da pancada dum pau...

O babau, que não tinha essas velhas recordações de liberdade e bohemia, interrogou:

— E você levou a vida nisso, compadre? Solto no matto?

O outro gemeu:

— Ah! Qual o quê, compadre! Um dia, em que eu andava fraco das pernas, um amaldiçoado veio e me derrubou. Botou-me a peia e a mascara e eu entrei no curral debaixo dessa vergonha...

— E depois?

— Depois, fui pra um cercado... Ahi, veio o verãozão, o trato faltou, e eu, com três mezes cahi... Os urubús deram em mim tão depressa, que não se aproveitou nem o couro...

Seguiu-se uma pausa lenta, dolorosa. Ao cabo, o boi, mais loquaz, perguntou:

— Você foi cavallo de campo, como o Rompe-Nuvem?

O babau assumiu uns ares pretenciosos de importancia posthuma:

— Eu não! Fui cavallo de sella; aliás eu só era irmão do Rompe-Nuvem por parte de mãe. Meu pai era um garanhão raceado do capitão Zuzinha... E cavallo de sella fino. Baralha e estrada era meu natural, como se fosse campolino... Eu, sim, compadre, fiz muita proeza bôa!

O boi amavelmente, pediu:

— Conte lá, compadre, alguma...

— Alguma?... Ah, sim! Você reparou hontem numa velha, que estava olhando a vadiação, encostada na forquilha grande da latada? E' a viuva do Chico Ventura. Pois aquella, meu compadre, aquella, foi este seu criado que roubou...

O boi sorriu, com uma malicia velhaca e decrepita:

— O que?! Você metteu-se nessas cavallariças?

— Era a cunhã mais bonita da redondeza... moção famosa! Quando ella me trepou na garupa, parecia que eu carregava uma santa no andor! Corri seis leguas! E, por signal, quando elles entraram em casa, iam tão embebidos, que me botaram no cercado sem me dar de beber, e curti toda a noite de sêde...

O boião riu:

— Foi a lua de mel...

O velho babau abanou amargamente as fitas multicôres:

— E, quando acaba, a mal agradecida, ainda hontem, quando o diabo do papangú me chegou pra junto della, gritou furiosa: "Carrega essa dentuça de cão, excommungado!"

— E' tudo assim... Você não vê, aquelle moleque Alexandre, que se criou com o leite de minha mãe?! Pois não é quem se põe debaixo deste mundéu de varas e sae commigo dansando?

O babau gemeu lamentoso:

— Deshonram-nos os ossos...

E cavamente, o grande boi branco repetiu:

— Deshonram-nos os ossos...

Momentos depois, o babau fixava as orbitas vazias

A proposito de "Cobra Norato"

Raul Bopp não tem apenas uma alma de poeta; tem acção como poucos. Organizador, já deu de si provas que ficarão assignalando passagem em varias iniciativas de caracter particular mas de innegavel espirito publico. Em meio dessa existencia que elle tão energicamente justifica, vemos o homem de feitio aventuroso, geito largo, voltado sempre ás manifestações do que é humano e eterno. Para que relatar aquillo que procede dessa creatura singularmente marcada para a vida? Conrad sem ser marujo, escriptor quasi epistolar — Raul Bopp, para se fazer dentro do Brasil, viajou o mundo todo. Distanciou-se da patria para melhor sentil-a. E agora se destaca na geração dos trinta annos como aquelle que mais penetrado se acha de enthusiasmo pelas coisas nacionaes. Pelo que é unicamente e caracteristicamente nacional. Sua preoccupação da Madeira-Mamoré, Acre, Iguassú e Paulo Affonso, Nordeste brasileiro, Matto Grosso — tanta sinceridade de preoccupação chega a commover os mais indifferentes. Só liga importancia aos problemas do paiz: a propaganda no estrangeiro, café, algodão, caçáu, canna — e, entretanto, nem é estadista, nem é politico, nem dispõe da menor parcella de poder official. Dahi tudo ficar mergulhado num enorme sonho de Brasil cheio de força que possa espantar e arregalar os olhos das poderosas nacionalidades do mundo contemporaneo.

Os intimos conheciam os seus poemas de raro sabor nativo. Um dia — e foi o mez passado — alguns delles lhe fizeram uma traição: roubaram a *Cobra Norato* e arranjaram que sahisse em linda edição. O poeta resmungou. Sentiu-se mal. Quiz zangar-se. Porém não havia geito não — tinha que submetter-se á vontade daquelles que se exaltam ante as simplicidades emotivas do seu lyrismo. E o *Nheengatú da margem esquerda do Amazonas* circulou. Anda de mão em mão porque nas livrarias os exemplares expostos já emigraram.

Nas "sebes decotadas" onde mora a irmã da fada, vae o poeta buscar o consolo para as suas ancias... Mas o rio é solteiro, vae sózinho, atôa, mundo afóra — tal o poeta. Para andar sózinho é preciso cantar. A lenda amazonica tem muito de nebuloso. Qualquer cousa significando o tamanho da região onde Ford começa a crear um caso internacional. Bopp conhece e interpreta sua estupenda expressão. Entanto não esquece de amenizar a cara fechada de quem sente a maravilha no abandono. Dahi a advertencia sensual:

> Quando as moças tiverem dormindo
> vocês se enrosquem pelo corpo molle
> chupem os seios mansinho devagarinho
> para ficarem redondos...

Depois retoma a direcção para não se perder. Torna-se como que elastico. Torna-se duro sem poder nunca esconder as influencias subtis que o sexo faz dansar na intelligencia. E' quando chama a attenção para as arvores arrastadas que nadam no meio da correnteza movendo os galhos contrariados. Que significa isto? Significa muita coisa. Talvez algum destino esquecido do rumo que o conduza melhor ás regiões do Sem-Fim.

Putirum Putirum — nada mais gostoso. E depois "me pegou pela cintura" e "depois o que aconteceu?" Que pergunta!? Ora o que aconteceu...

Cobra Norato vae ficar na nossa litteratura como uma das coisas mais bonitas e mais expressivas desse paiz civilizado pelo Lloyd Brasileiro. Raul Bopp não precisa fazer nada para ser mais do que é. O diabo é que elle não póde estar parado. Sempre em movimento de pernas e de espirito. Sua inquietação geographica procede da necessidade que elle descobriu em afastar-se da terra habitada para encontrar as bellezas que dormem silenciosas. Seu enthusiasmo dá para isso: mostrar o que nós ainda não vimos para que nos espantemos com a sua visão panoramica do Sem-Fim...

ADHEMAR VIDAL.

---

além do muro, num tumulo novo, coberto de corôas espalhafatosas, envoltas em enormes laços roxos.

E murmurou:

— Console-se, compadre. Aquelle ali, debaixo daquellas corôas todas, ainda está mais enfeitado do que você ou eu...

O immenso boi, com o espirito divinatorio que a morte dá, decifrou os dizeres das lettras douradas, adheridas ás fitas das corôas. E, ante o comico e estapafurdio exaggero dos adjectivos lacrimosos e das saudades eternas, accrescentou, esearninho:

— E parece que se riem mais delle do que de nós...

RACHEL DE QUEIROZ.

ACTOR E AUTOR

Esse famoso comediante que se extinguiu ha poucos dias em França — Félix Galipaux — escreveu tambem, com o pseudonymo de Félix Meyran, um grande numero de monologos, saynetes, operetas, pantomimas e até de monomimas, genero este ultimo de que foi o pittoresco inventor. As suas collectaneas correm mundo: *Monologues et Récits, Les Galipettes, Encore des Galipettes*, etc. Tendo nascido em Bordôos, Galipaux infundia á sua arte de divertidor do proximo as mesmas qualidades generosas e fortes dos magnificos vinhos da região natal. Emquanto Mounet-Sully trovejava na ribalta, interpretando Sophocles ou Corneille, elle, avesso ás declamações dramaticas, ia recitando muito calmamente os seus monologos comicos, especialidade em que só era egualado pelo mais joven dos irmãos Coquelin. Uma vez, trabalhara Galipaux na peça extrahida do romance dos dois Goncourt intitulado *Manette Salomon*, mas parece que o successo de bilheteria e de applausos não foi dos mais animadores e o actor bordalez, abandonando de todo as altas concepções esthetieas, passou a concentrar-se no beneficio mistér de fazer os burguezes de Paris e da provincia esquecerem, através de boas gargalhadas, a depreciação do franco e o mal das vinhas...

A JUSTIÇA ABRANDA-SE...

Toulemon, no seu recente *Droit Criminel*, obra que teve certa repercussão nos meios juridicos francezes, traça, num milagre de synthese, a historia commovida dos crimes.

Tal como na vida, os delictos nascem e morrem. A historia da pena, disse Ihering, é a historia da sua abolição constante. No codigo francez, bem como nos demais codigos civilizados, o instituto do adulterio entrou a agonizar. Assim, longe estamos do tempo em que a adultera, com uma pedra atada ao pescoço, era atirada ao mar, depois de um prolongado e tetrico ceremonial em que appareciam os homens da lei vestidos de negro, empunhando tochas, e um padre, tambem de sotaina preta, por entre litanias, lhe exprobrava a falta inexpiavel. Tudo isso se realizava á noite, talvez para que a misera levasse na retina a imagem lugubre do peccado.

Com o evolver dos tempos, o homem apurando sentimentos, libertando-se de preconceitos mornes, e influenciado por novas idéas philosophicas e modernas acquisições scientificas, olha com maior complacencia o seu semelhante.

Dia virá, conclue o autor, em que os tribunaes não terão mais razão de existir e todos os criminosos, como hoje já acontece com muitos delles, serão entregues aos psychiatras.

M. G.

VIVER

Vivemos o espaço de um momento num mundo que não teve principio e provavelmente não terá fim, que os instinctos e as paixões governam, onde a razão é a mascara da loucura e a belleza mesma tem a visagem da morte. Caminhamos titubeando na treva para o abysmo que nos espera, rodeados de forças obscuras e insidiosas que desconhecemos, e como crianças medrosas entoamos canticos e preces aos deuses que inventámos, repetindo monotonamente as syllabas ineffaveis — Elohim, Adonai, Jechua — até que um sopro nos arrebata e mergulhamos para todo o sempre na grande noite.

FALLAR E ESCREVER

Fallar e escrever com o seu tempo. Os antigos, os que chamamos classicos, são mais para serem lidos e estudados que copiados. Os bons autores antigos, os mestres, dignos de tanto preito e reverencia, timbraram sempre em affeiçoar o idioma ás exigencias e ás necessidades da época, dando-lhe assim maior elasticidade e por consequencia maior poder de expressão verbal. Respeitosos embora da tradição, enriqueceram o thesouro commum da lingua, modernizando-a e actualizando-a.

Rebuscar o glossario onde exhumar o termo insolito e carunchoso, o adjectivo obsoleto e desodorante para o nosso apurado olfacto de modernos é officio de coveiro e positivamente obra de pedante.

O veso é antigo e, parece, de todos os tempos. Releia-se o que já dizia Favorino, citado por Aulu-Gello:

"Curio, Fabricio, Coruncanio, esses primeiros heróes da republica, os tres Horacios, ainda muito mais antigos, fallavam aos contemporaneos em termos claros e intelligiveis; fallavam a lingua do seu tempo e não a dos Auruncios, Sicanios e Pelagios, que, segundo é fama, foram os primeiros habitantes da Italia. Mas tu, como si fallasses á mãe de Evandro, saes-te com vocabulos ha muitos seculos cahidos em desuso, provavelmente para que ninguem te entenda. Cala-te, necio! e chegarás mais depressa ao fim. Allegas que présas os antigos pela probidade, pela temperança, pelo commedimento; pois muito bem: pauta os teus costumes pelos dos antigos mas falla a lingua do teu tempo. Grava bem na memoria este preceito de C. Cesar, espirito superior e justo, no primeiro livro do seu tratado *Da Analogia*: Fugir de uma expressão extranha e obsoleta como quem evita um rochedo."

O que présa e estima a lingua é o que falla e escreve no seu tempo, á maneira do seu tempo e, com os recursos mais simples, como o harpista insigne das vinte e cinco cordas do seu instrumento, tira os effeitos mais raros e as mais profundas resonancias.

Quem escrevesse hoje em dia no estylo de Camões e Vieira não escreveria como Vieira e Camões, mas como Laudelino.

O IDIOMA BRASILEIRO

Houve quem dissesse que em francez não ha ruins escriptores.

Certos idiomas teem, com effeito, uma tal riqueza de vocabulario, tanta variedade de fórmas e inflexões, tanta profusão de imagens, relações, analogias, tantos rythmos; tantos toques, tantas sonoridades, que o mysterio da creação verbal é por assim dizer um simples exercicio de memoria e, para o escriptor ainda o mais bisonho, tentação e recreio. Idiomas plasmados no molde da eternidade, afinados pelo uso, polidos pelo gosto, apurados pela technica de infinitos mestres, cristallizados através de seculos e seculos de cultura.

O nosso, não. Trabalhamos na rocha viva, rebelde e resistente, só aqui e alli mordida da maceta do canteiro, herculeo e solitario. A tarefa que nos cabe é carregar penosamente um por um os pesados blocos, as vigas massiças, as immensas moles calcareas, para o edificio grandioso que algum dia se elevará cantando freneticamente no infinito azul por todas as flammulas de seus torreões despregadas aos ventos a alleluia da nossa redempção e os hymnos da nossa alegria de vida, de mocidade e belleza. Em summa, a nossa tarefa (obscura e gloriosa tarefa!) consiste por hoje em preparar, ajuntar e desbastar do limo e das escorias a materia bruta com que outras mãos mais felizes, de operarios mais robustos, edificarão o monumento que ha de vir a ser, tarde ou cedo, segundo nos mostrarmos dignos de tamanha empreza, o idioma brasileiro.

ALBERTO RAMOS.

PEDRO H. PINTO — *Brasileirismos e suppostos brasileirismos de OS SERTÕES* — de Euclydes da Cunha.

Euclydes da Cunha teve a vida sulcada de infortunios, que lhe acompanham a propria memoria. Mas tem despertado como talvez nenhum outro dos nossos homens de pensamento, admirações efficientes no estudo de sua vida e de sua obra.

Obra de tal vulto e vida de tal porte estão ainda na phase preliminar de pesquizas e analyses indispensaveis, antes que venha a visão geral do trabalho de conjuneto.

Entre os que lhe têm dedicado carinho e esforço está o prof. Pedro Pinto, trabalhador infatigavel. Deu-nos em dois annos tres estudos sobre Euclydes: *Estudos Euclydeanos, Vocabulario e notas lexicologicas dos "Sertões"* e, agora, os *Brasileirismos e suppostos brasileirismos de "Os Sertões" de Euclydes da Cunha*.

Ao contrario dos outros seus livros, este contem um prefacio de grande penetração e utilidade. Fixa de modo claro e preciso o conceito de brasileirismo. Este conceito é ainda um pouco impreciso, ao menos na applicação.

A lingua portugueza transportada para o Brasil naturalmente soffreu a influencia de diversos factores modificadores. E o meio, as gentes de outras raças e a technologia moderna trouxeram ao vocabulario uma farta contribuição.

Mas que são precisamente brasileirismos? O autor assim os define: "Como brasileirismos considero expressões ou accepções peculiares do falar e escrever brasileiro e de uso do povo, uso generalizado ou uso regional." E desenvolve o seu pensamento com exemplos caracteristicos de vocabulos que, embora aqui formados, de origem erudita, não se podem ter por brasileirismos ou outros cujo genero varia aqui e em Portugal. Aprecia tambem os casos de segregação aqui e lá.

O prof. Pedro Pinto tem a paixão do vocabulo, em cujas variações a sua cultura vê como que trechos estratificados da historia da lingua. Dahi todos esses livros de paciente pesquiza em que, ao largo do estudo vocabular, sae-se accrescido em variadas especies de conhecimentos.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

NOTICIAS LITTERARIAS DA ALLEMANHA

O Centenario da morte de Gœthe

A 22 de março de 1832, não apenas cercado de gloria popular, superficial, mas *velado pela Gloria* com o que a deusa possue de mais alto e de mais nobre, morria Gœthe em Weimar. Não é meu intuito aqui nem resumir-lhe a biographia, que todos conhecem, nem fazer uma synthese da sua obra (o que seria impossivel num artigo) nem siquer narrar os seus ultimos momentos. Acerca de todos esses items ha bibliothecas ao alcance de quem as quizer em todas as linguas, excepto, creio eu, a nossa, as dos negros, as dos canaques e outros pittorescos povos dos mares do sul. A respeito da sua morte nada ha tambem a dizer de novo. O que se podia dizer já foi dito por K. W. Müller, Eckermann e outros contemporaneos do grande allemão. Esse centenario me permitte apenas attrahir a attenção dos que se interessam por taes assumptos para um estado de espirito muito curioso que neste momento se póde observar em certas zonas do mundo intellectual da Allemanha. Discute-se aqui *si se deve ou não festejar o primeiro centenario da morte de Gœthe...* Foi um conhecido jornal litterario de Berlim, *Die Literarische Welt*, que abriu a esse respeito um inquerito a que responderam romancistas, criticos, professores de universidades, etc., cujas opiniões, como é natural, variaram.

Como deve ser festejado o centenario de Gœthe? Tal a pergunta que faz o jornal no principio do artigo energico e brilhante que precede as respostas colhidas. Com pessimismo bem comprehensivel para quem nota as difficuldades phenomenaes com que lucta actualmente a Allemanha, diz o articulista que a esta pergunta a esmagadora maioria dos allemães de hoje daria a seguinte resposta: *Haben Sie wirklich keine andere Sorgen?* O que é como quem dissesse entre nós: *O senhor não tem realmente mais nada que fazer?* E porque? Porque, diz o artigo, o povo allemão perdeu contacto com a herança gœtheana, com o espirito gœtheano de tal maneira que, do legado por elle deixado aos posteros não se percebe mais o menor vestigio no espirito do seu povo. Devo prevenir de que não estou dando opinião, mas apenas resumindo lealmente o que leio. Mesmo as novas biographias de Gœthe que apparecerem (e varias já estão apparecendo, ou sendo annunciadas) assim como os commentarios que se fizerem em torno da sua obra, diz o *Literarische Welt*, nenhuma contribuição realmente nova trarão á sciencia depois de um seculo das mais intensas e minuciosas pesquisas. "Onde não se sente nenhum vinculo realmente vivo com a amplidão e profundeza do conhecimento existente no proprio povo, continúa o jornal, ahi é que se empregam mais as phrases ôcas. Talvez o mais alto e austero dever dos que pretendem honrar esta magica, mysteriosa e gigantesca personalidade seja o de afastar della as phrases dos discursos festivos. E que outra coisa podemos esperar a não ser phrases? Nas escolas de hoje ainda se lê isto e aquillo de Gœthe, de década para década cada vez menos e com uma especie de remorso: de facto como póde em bôa consciencia ensinar Gœthe um instituto que foi abandonando pouco a pouco, aos pedaços, os seus superiores principios acerca da vida, o seu cosmopolitismo, o seu pantheismo, o seu humanismo, o seu respeito pela antiguidade grega, o seu quietismo patriarchal? Que outra coisa poderá elle dar aos alumnos durante o festival sinão phrases e interpretações forçadas?" Depois de outras considerações, que lamento não poder transcrever, diz o *Welt* que, aos poucos que ainda têm direito de fallar sobre Gœthe, si quizerem realmente honral-o, só lhes resta um meio digno: *calar-se...* Seria isso, na sua opinião, um gesto historico de protesto perante o mundo. E prosegue: "A memoria de Gœthe não precisa de ser conservada por meio de festas. Elle sobreviverá a todos nós e ainda a muitas gerações, sem que para tanto tenhamos de fazer o minimo esforço. Não faz parte da sua enigmatica natureza, ás vezes estar á sombra, muitas vezes estar solitario, outras tantas dado como morto? Toda a sua vida, depois do *Gœthz* e do *Werther*, está cheia de semelhante mudez. O Gœthe classico, o homem dos melhores annos, o Gœthe da *Iphigenia*, foi mais ou menos puramente abandonado pelos seus coetaneos, quer pela geração mais nova, excepção feita de Schlegel. E o velho Gœthe, o ancião, o Gœthe de 1830, difficilmente estaria menos isolado do que o está hoje. Repetidamente tem reinado em torno delle essa grande mudez gelada do mundo, o abandono, o modo de pensar geral: *é homem liquidado*. Reiteradamente, depois de intervallos de silencio e de esquecimento, tem elle renascido com outra personalidade. Estamos vivendo em um desses intervallos. Não é nossa culpa. Muito menos delle."

Até aqui, o *Literarische Welt*. Que responderam, porém, os escriptores allemães á sua pergunta? Resumirei apenas tres opiniões, por não dispor de espaço para mais.

Emil Ludwig foi conciso e severo: "Proponho, disse elle, que, pela fôrça de uma lei de emergencia (durch den Zwang einer Notverordnung) seja publicada no dia do centenario uma *Selecta de Juizos Gœthcanos sobre os Allemães* em todos os jornaes allemães, universidades, escolas, parlamentos, e uniões. Com isso poderiam os allemães exactamente agora aprender mais do que com todos os discursos solemnes..."

Jacob Wassermann está de accordo com o jornal. O momento, diz elle, não permitte commemorar a morte de Gœthe, cujo pensamento não póde ser comprehendido no meio deste furacão de odio e medo em que vivemos. O ritual da festa seria uma palhaçada; os canticos de louvor, uma mentira. "Pensar numa Festa de Gœthe parece-me de facto algumas vezes tão absurdo como si de repente entrasse num matadouro de Chicago um apostolo protector dos animaes e se pozesse a pregar com toda unção o seu evangelho a favor dos bois." E termina assim: "O que nos convem é Silencio. Alguma coisa como uma *Directoria de Arte da Liga das Nações* devia promulgar uma lei de emergencia ordenando silencio. Quanto a Gœthe, esse póde ainda esperar durante um par de seculos. Elle tem tempo. Só de ver esses esforços hypocritas a esta hora elle já se ri..."

Tal, porém, não é a opinião de Thomaz Mann. O creador de *Buddenbrooks* diz com effeito ao jornal: "Queira perdoar-me, mas não posso tomar a sua proposta

a serio, por mais excellentemente que seja fundamentada. O mundo prepara-se para festejal-o. O *Theatre Français* representará o *Fausto*. A Universidade de Columbia, em N. York convidou Gerhart Hauptmann para fallar e lhe conferirá o grau de doutor. Mettido nas vestes doutoraes elle deve ficar uma preciosidade. A *Comission Permanente des Lettres et des Arts* da Liga das Nações realisará suas sessões em Frankfurt-am-Mein no principio de 1932 e consta que a primeira dellas será dedicada exclusiva e festivamente á commemoração de Gœthe. E a Allemanha deve envolver-se num sombrio e ambiguo silencio? Não, isso não vae. Não é coisa que se faça. Levariamos a nossa monstruosidade ao auge. Assim, bem ou mal andem as coisas, devemos definitivamente portar-nos como gente que se préza."

Omitto o resto do que disse Th. Mann por ser muito longo, assim como tambem supprimo — e com que pezar! — as opiniões de homens como Paul Ernst, Wilhelm Schäfer, Prof. Oskar Walzel e varios outros.

O pessimismo de muitos, entretanto, não tem conseguido impedir que as casas editoras já estejam lançando numerosos livros sobre Gœthe. As revistas especialisadas em letras trazem artigos e mais artigos em que ora este, ora aquelle aspecto da vida do poeta é estudado com o espirito de hyper-critica, o prazer do detalhe, o methodo rigoroso, que caracterisam o universitario allemão. Como a vida de Gœthe, depois das de Da Vinci e de Miguel Angelo, é uma das mais completas na sua harmonia e mais complexas na sua evolução creadora que a humanidade tem conhecido, cada especialista estuda uma faceta deste maravilhoso diamante. Este estuda o poeta lyrico; aquelle, o tragico. Estoutro examina o philosopho; aquelloutro, o naturalista. O seu classicismo, a sua technica, os seus amores (e este capitulo é, alémde vasto, divino), o seu olympismo, a profunda honestidade do seu ser intimo, a sua bondade para com os amigos, tudo é estudado, esquadrinhado com escrupulo e consciencia. O *Deutscher Almanach für das Jahr* 1932 (Verlag von Philipp Reclam — Leipzig) é, com excepção de algumas poucas paginas de generalidades, todo dedicado a estudar Gœthe. Nelle apparece até um grave sr. Von Albert von Pflugk, que publica um curioso e synthetico estudo sobre: *Os oculos no tempo de Gœthe!* Mas que tem Gœthe a ver com oculos? — perguntarão. Tem muito. De facto, nas *Affinidades Electivas*, o diario de Ottilia contem umas observações pouco lisonjeiras para com os cavalheiros que usam lunetas encarapitadas na bicanca...

Para os que tiverem coragem de arriscar o seu dinheiro nas altitudes stratosphericas em que paira o *Rentenmark* em relação ao nosso defuncto milréis, indico aqui, tirados dentre innumeros, alguns livros que acabam de apparecer sobre o assumpto: *Gœthe — Ein Bekenntnis* (Verlag Emil Roth Giessen — Leipzig) de Robert Zilchert. — *Gœthe — Leben und Werk* por Philipp Witkop — (Cotta Verlag — Stuttgart und Berlin) — *Gœthe*, por Eugen Kühnemann (Insel — Verlag — Leipzig). E fiquemos por aqui porque talvez eu já tenha excedido a medida de espaço que me era facultada. *Sat prata biberunt...*

Hamburgo — 1931.

ANTONIO TORRES.

Pierre Lasserre — MISE AU POINT — Paris, 1931

Neste volumezinho de pouco mais de cem paginas, reuniu um amigo do critico francez seus ultimos artigos publicados nas *Nouvelles littéraires*, e tendentes todos elles a explicar e fixar suas attitudes mentaes em face de diversas correntes do pensamento contemporaneo. A sua famosa these de doutoramento em letras, na qual estudava, num estylo vivo e pessoal, o romantismo francez em algumas das suas modalidades e consequencias, vinha impregnada dos ensinamentos de Maurras e collocou-o, naturalmente, no grupo dos escriptores da *Action Française*. Todavia, o homem para quem "les disciples intégraux sont toujours médioeres" não permaneceu por muitos annos fiel ao mestre do nacionalismo integral. A sua originalidade e a sua independencia na apreciação de idéas e de factos acarretaram a inevitavel separação. E Pierre Lasserre foi por vezes duramente atacado pelos companheiros da vespera.

Em defesa dos seus pontos de vista escreveu Lasserre os artigos agora enfeixados em livro, e pretendia ainda, quando a morte o colheu, analysar por miudo a obra politica e litteraria de Maurras, num trabalho que se intitularia *Bienfaits et Méfaits de Charles Maurras*.

As qualidades mais seductoras da intelligencia e do feitio mental de Lasserre eram justamente a independencia com que formulava os seus julgamentos e a objectividade com que observava e interpretava a historia da cultura humana. Essa objectividade, possivel apenas nos espiritos verdadeiramente livres, é, aliás, para elle, o melhor fructo do progresso moral da humanidade. E é o que elle denomina, no primeiro capitulo de *Mise au point*, de "espirito liberal".

Esse espirito liberal é ainda para Pierre Lasserre o que crê na possibilidade do progresso moral, reconhecendo em todas as creações da mentalidade occidental, etapas necessarias e inapagaveis desse mesmo progresso. Adstricto a esse methodo de critica e fugindo sempre ás estreitezas das escolas, quer se chamem thomismo, maurrasianismo ou marxismo, mas assignalando nellas o que possuem de verdadeiro e util, passa o autor em revista algumas das questões mais interessantes para o homem de hoje. O livro posthumo de Pierre Lasserre, se não é o mais volumoso, é talvez o que com mais nitidez caracterize a sua inconfundivel personalidade de critico e pensador.

SAUL BORGES CARNEIRO.

No proximo numero: um artigo de PAULO SILVEIRA, actualmente em Roma.

MONTEIRO LOBATO — *As Reinações de Narizinho* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1931.

Como são deliciosas as historietas para creanças de Monteiro Lobato! Como o creador do Jéca sabe pôr-se ao alcance do entendimento da gente miúda! Não ha garoto que não entre pela noite a lel-o, sem sentir a poeira do somno pesar-lhe sobre as palpebras. Esse brasileiro conta como um neto de Schcherazade e até os adultos se encantam quando elle falla no Picapão Amarello, no Marquez de Rabicó, no Gato Felix, no Irmão de Pinocchio, no Pó de Pirlimpimpim. Monteiro Lobato é indiscutivelmente um dos bemfeitores da nossa infancia e tambem — por que não? — dos nossos patricios de edade madura.

GEOGRAPHIA PATRIA

Sob o titulo *Ensaio sobre as montanhas do Brasil e sua genesis*, realizou o engenheiro Luiz Flores de Moraes Rego, em Outubro p. p., notavel conferencia na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. Conhecedor profundo da estructura geologica do Brasil, observador, durante mais de um decennio, do solo e do relevo do paiz, dispunha o autor de grande cópia de dados para abordar o complexo problema da genese do relevo do Brasil.

O assumpto, de tão grande monta, foi tratado nas suas linhas geraes, sem cuidar de detalhes descriptivos, tendo sido salientado o papel precipuo das phases de peneplenização, extensivas a formações geologicas diversas e processadas no eoceno e no plioceno.

O grande levantamento post-pliocenico, que não affectou integralmente, nem com a mesma intensidade, todo o territorio brasileiro, deu origem ao grande planalto que se ergue entre as grandes planuras da Amazonia, do Paraguay e do littoral.

Explicando e discutindo varias questões de geographia physica, como a formação do valle do Parahyba, a generalização dos aspectos tabulares das nossas serras, termina mostrando a unidade geographica do planalto brasileiro e as consequencias manifestadas sobre o elemento humano.

Isolado das planicies costeiras por uma orla de montanhas e por uma zona semi-arida, surgiu no planalto interior um typo nacional ethnographicamente muito semelhante, "sensivelmente uniforme e independente dos Estados a que se filia".

Parece-nos que aqui se torna necessario fazer uma resalva com relação á parte meridional do planalto, onde influencias preponderantes do clima e do sangue estrangeiro originaram typos que, diante da mais leve observação, accusam sensiveis divergencias somaticas e psychicas, quando cotejados aos sertanejos do norte e centro.

No centro e norte, sim, o homem das caatingas ou dos cerrados tem traços geraes que predominam sobre as caracteristicas consequentes a influencias locaes. A observação de que frequentemente são mais accentuadas as diversidades de habitos entre gente da praia e do sertão, num mesmo Estado, do que entre sertanejos de varias unidades administrativas, é facto, geralmente pouco salientado, que o autor teve o cuidado de frizar. Não é, aliás, surprehendente para os que olham para a terra e apprehendem o conjuncto de factores que lhe dão uma physionomia propria, para os que veem as "regiões naturaes".

Termina a conferencia tratando das grandes vias de communicação no planalto e dos caminhos de accesso ainda pouco cuidados — justamente os que offerecem melhores condições naturaes. Para esses facto chama a attenção o autor, que fez trabalho de verdadeiro cunho scientifico e patriotico, aproveitando escolhidas fontes bibliographicas e o abundante manancial de dados pessoaes.

Esboçado o relevo através dos phenomenos que o originaram, aponta-nos o autor os caminhos seguros para mais depressa alcançar-se a preeminencia que cabe ao Brasil pela grandiosidade dos seus dominios e pela energia dos seus filhos.

A *Revista do Club Militar*, dirigida pelo General Moreira Guimarães, illustre presidente da Sociedade de Geographia, será o orgão divulgador de tão interessante trabalho.

S. Fróes Abreu.

CABOCLA de Ribeiro Couto — Comp. Editora Nacional, S. Paulo.

O brasileiro escreve em portuguez, lê em francez e fala em brasileiro. Talvez por isso lhe seja tão difficil pensar...

O preço prohibitivo do livro importado, entretanto, parece ir agora valorizando a prata de casa. Se a alta continuar, a litteratura indigena dominará o mercado como a industria da casimira e das meias de seda — por falta de concorrentes estrangeiros. O factor economico apresentará uns aos outros os brasileiros que sabem ler e os que sabem escrever. O dinheiro póde tanto... Resolverá assim um caso espinhoso. Autores e publico lucrarão. Até aqui viveram separados, quasi antagonicos, por culpa de ambos os lados. Não é só por snobismo que os livros francezes são apreciados. E' por serem mais accessiveis.

A angustia de querer viver pela intelligencia num paiz onde a media de cultura vae pouco além da simples alphabetização cava nos espiritos um sulco de revolta. As obras nacionaes são, em sua grande maioria, obras dolorosas, de reacção contra o meio. A amenidade, a agradabilidade soffrem com isso. Para quem quer distrahir-se — e é o que a massa procura — a litteratura patricia não offerece largos recursos. Editam-se mais ensaios do que romances, e mesmo estes são as mais das vezes atormentados, cheios de inquietação. Rareiam entre nós o tacto, a medida, e sobretudo, o sereno equilibrio dos bons *conteurs*.

Esses dons, Ribeiro Couto é um dos poucos a possuil-os. Não sei se é mentalmente um homem feliz — mas, se não é, parece ser.

E' impossivel, justamente por isso, que o seu romance não seja apreciado pelo publico. *Cabocla* é um livro encantador. Fresco, limpido, claro. Lê-se de um trago, como se sorve, num dia de calor, um copo de agua pura. Um idyllio ingenuo, contado nessa linguagem facil, rica de entre-tons, que põe em valor o assumpto, e á vontade o leitor. Um livro com o qual não se pode fazer cerimonia; fica-se logo intimo, sem apresentações nem protocollos.

O bucolismo é ligeiramente estylizado, porém. A indicação: Marseille, Outubro de 1931, no fim do volume, é desnecessaria. Sente-se que foi escripto de longe. O enternecimento da saudade esbate talvez inconscientemente os contornos. Apára, concerta, emenda, retoca — muito de leve, com muito geito, quasi com meiguice. A pastoral sáe deliciosa de todos esses embellezamentos, mas tem alguma cousa de artificial, de sobreposto, alguma cousa que se percebe sem poder precisar, a modificar todo o ambiente. Uma nevoa impalpavel, translucida, generosa.

Aliás, como a historia é narrada pelo personagem central, o defeito torna-se quasi uma qualidade. O estado de espirito do autor enquadra-se no do heróe, desse Jeronymo que descobre o Brasil através dos olhos quebrados de uma caboca bonita.

Ribeiro Couto tambem vê a sua terra poetizada, idealizada, não pelo "engano da alma, ledo e cego", mas pela ausencia. A distancia póde, por vezes, substituir o amor...

Lucia Miguel Pereira.

O maravilhoso livro de Alain Fournier

Citei de passagem num artigo sobre Rosamond Lehmann que *Ariel* publicou em seu ultimo numero, e chamando-o de maravilhoso, o *Le Grand Meaulnes*, de Alain Fournier. E verifiquei com pasmo que elle era entre nós um daquelles livros que ninguem lê. Diversas perguntas me foram feitas a respeito. Os mais entendidos tinham ouvido referencias vagas apenas a essa verdadeira obra prima da litteratura franceza, que jamais se tornará popular embora simples e pura como outra não conheço mais.

Ha certos livros que estabelecem entre os homens sempre tão dramaticamente sózinhos, verdadeiras zonas de comprehensão e de encontro. E' que elles descobrem em nós pontos obscuros que nos explicam aos outros. Livros que nos identificam, que buscam illuminar regiões desconhecidas que possuimos e onde a luz das alheias comprehensões não penetram senão de raro em raro. Quantas vezes encontramos um sentido, em determinado gesto cuja percepção nos faltava lendo certa passagem de livro, certo verso perdido. E deante de nós tudo se esclarece; e se combinam detalhes pequenos que dormiam ignorados em nossa memoria. Porque litteratura (digamos essa palavra que vamos desprezando insensivelmente porque a temos decerto pouca e má) é experiencia, arte é experiencia, e, a rigor, nada imaginamos de bom e de verdadeiro. Com Proust, por exemplo, que avançou na mechanica do amor, (perdôem-me a mechanica) a ponta pelo menos desse mysterio foi levantada. E todos que estamos sujeitos a essa calamidade, como a terra está sujeita ás chuvas, encontramos um pouco de consolo, em seguirmos o modo porque Swann amou Odette de Crécy ou a historia de Gilberte com o personagem que narra o romance. Assim como elle, Proust, seguindo a sua analyse exasperada e doentia, vamos dominando em parte o indominavel, porque muitas vezes comprehender é dominar. Claro que no amor ha uma parte que é inteiramente gratuita, mas o tormento que o amor provoca (tormento physico em que não raro conseguimos surprehender a alma *doendo*) póde ser minorado com o conhecimento proximo desse tormento. Nessa lucta interior em que nos debatemos, lucta entre a realidade e a imaginação, não será melhor, porém, o partido de Meaulnes, o heróe desse livro unico, que não é partido mas um destino, em que aconteceu da maneira mais absoluta a mistura entre o real e o imaginario?

Sinto-me na obrigação de fazer um resumo do livro de Fournier, aliás o mais difficil livro que existe para resumir porque o mais importante nelle é o que não acontece, o que fica no ar, o ambiente de sonho em que tudo se desenvolve. Grande Meaulnes — era assim que chamavam no collegio ao heróe porque era o maior de todos. Só quem esteve em collegio interno é que póde perceber a auréola de prestigio que cerca o *maior de todos*. A maneira porque os outros o olham, o sabor que têm as suas ousadias, a sua coragem em desobedecer. Depois delle, só ha uma classe de meninos que seduzem as imaginações acordadas da confusão da infancia (quem poderá dizer em consciencia que é mesmo confusão?) — são uns raros bem pequenos mas que estão cursando as classes mais adeantadas. O *maior de todos*, o *grande*, significa, porém, sempre mais, pois a intelligencia tem o destino melancolico de vir depois, possivelmente porque comprehende antes.

Mas voltemos ao assumpto, pois o se fallar de tal livro é um convite permanente á divagação e ao infixavel.

Certa vez Augustin Meaulnes desappareceu do collegio. Durante tres dias o esperaram alumnos e professores temendo que elle tivesse desapparecido para sempre. Quando voltou foi como se nada tivesse acontecido. Assentou-se naturalmente no seu logar na aula. O tempo lá fóra era feio e o vento e a neve batiam nas vidraças. Pouco depois pediu licença e foi se deitar porque estava cançado. Apenas a um collega confiou o que se tinha passado durante a sua ausencia mysteriosa. Os outros todos se moveram em torno delle numa curiosidade desesperada e inutil. Esse segredo era um logar mysterioso que Meaulnes descobrira, onde a vida tinha um aspecto admiravel, onde as cousas eram bellas e principalmente differentes.

O mais grave, todavia, a tragedia terrivel é que Meaulnes perdera a chave do seu palacio encantado, esquecendo-se das chaves para a volta. E todo o livro é essencialmente a procura desse caminho tão mais anciadamente desejado quanto mais difficil. No emtanto, seria bastante que elle tivesse fallado e lhe teriam dito onde era. O menino mais mediocre do collegio tinha as chaves, ignorando apenas que essa estada num velho dominio constituisse o tormento e a felicidade de alguem. E é exactamente por meio desse menino insignificante e desprezado que toda a felicidade se acorda e que o mundo mysterioso é trazido dos confins da imaginação castigada, á luz das cousas reaes e, porisso, despida desse grande prestigio e encantamento.

Mas eu não quero revelar a historia do livro aos leitores de *Ariel*. Nem o poderia fazer. Porque eu mesmo não conheço bem. Peço, porém, que o leiam, pois é um dos passeios mais bellos que é possivel fazer ás fontes puras da poesia e da innocencia. Para cada leitor, a historia se colloca de uma maneira differente como tudo que é vivo em arte. Sente-se e não se precisa. Muitos acharão, por exemplo, que o grande drama, a grande personagem é o confidente de Meaulnes, que nem sequer tem o seu sonho, contentando-se em viver do sonho alheio. Confidente que aos poucos se vê personagem anciado, amando como o outro a mesma menina, essa Yvonne de Galais, poeira da imaginação perdida, princeza que é uma doce creança, placida e soccegada, por quem ardem imaginações em delirio. Heroina sem querer, como todas as outras heroinas dessa especie, de um grande amor pelo qual nada fez. Mas que acceitou e correspondeu como era natural, pois nesse livro nada é demais. Nada sobra, nem falta — e tudo corre claro e simples como a agua das fontes, num ambiente fóra da vida. E isto está lembrando um verso de Rimbaud embora decerto empregado num outro sentido mais distante:

La vraie vie est absente. Nous ne sommes [pas au monde.

A vida de Meaulnes foi uma vida que se realizou na ausencia. Fóra dos objectos, acima dos objectos mirados. Obedecendo a um rythmo interior admiravel.

Baldus (Herbert) — INDIANER — STUDIEN IM NORDÖSTLICHEN CHACO — C. L. Hirschfeld, ed. — Leipzig — 1931.

O Sr. Herbert Baldus já era conhecido aqui por interessantes apontamentos ethnographicos publicados na *Revista do Museu Paulista*.

O seu livro sobre os indios do Chaco oriental é repositorio de uteis informações a respeito de algumas tribus daquella região.

Baldus, alem de ser um viajante apaixonado — neste momento prepara grande excursão á Africa — é observador culto e diligente.

Sua primeira viagem ao Chaco foi emprehendida em 1923, á frente da expedição cinematographica Teuto-brasiliana "Aso". A segunda foi feita, á propria custa, em 1928, segundo affirma no prefacio do livro.

As collecções realizadas pelo A. acham-se recolhidas ao grande Museu Ethnographico de Hamburgo, superiormente dirigido pelo Prof. Thilenius.

Baldus incluiu no livro algumas observações colhidas em visita feita aos Guaranys da costa de São Paulo, pobres remanescentes de velhas nações poderosas.

No primeiro capitulo ha uma excellente descripção do Chaco, territorio que, na Era Terciaria, andava submerso no grande mar interior que ia dos Andes ao planalto brasilico. Uma das boas referencias desse Capitulo é dedicada ao *Lolach*, nome local do *Lepidosiren*, que elle chama com propriedade *Lungen-fisch* (peixe de pulmões). Os *mosquitos polvora* — e outras delicias da viagem — não foram esquecidas.

Muita gente, no Brasil, pensa que *Chaco* significa *pantanal*. Está errado. O *Chaco*, fóra da estação das chuvas, é até muito secco.

Na lingua *Quichua*, segundo Baldus, *Chaco* significa: Floresta grande, lugar de grandes caças.

No emtanto, acredito que o nome *Chaco* seja apenas o mesmo appellativo da grande ave que no Brasil se chama *Jacú*, muito abundante naquellas paragens.

As aves que os zoologos incluem no grupo dos Cracides (*Penelopinae*) encontram-se por toda a Sul America, do Mexico ao Paraguay. S. E. O. E. como dizem os guarda-livros.

De passagem, Baldus discute a questão Bolivia-Paraguay, sobre a posse do Chaco. Acha que os titulos do Paraguay são melhores: "Bolivien stützt sich auf falsche Akten"...

No segundo capitulo começa a estudar os selvicolas. Situação geographica, vestuarios e ornatos, alimentação, armas, industria, commercio e todos os aspectos da vida familiar e social dos indios da região, acham-se extensamente considerados no livro de H. Baldus.

A parte maior do seu volume é mesmo a consagrada á religião, á arte, á vida physica em summa. O autor analysa e compara, ás vezes minuciosamente, o que se tem dito a respeito do caracter, da moral e dos costumes dos Indios.

Bibliographia exhaustiva. A sua opinião a respeito dos pobres americanos é que somente os que não quizerem se dar ao trabalho de penetrar na psyché dos indios, podem consideral-os desleaes (treulos) (pagina 124).

Por outro lado: "Rock und Hose sind bei den Naturvölkern, Symbole beginnender Demoralisation."

J. J. Rousseau — que não viu nenhum indio *nature* — gostaria de ler estas paginas de Baldus...

ROQUETTE PINTO.

Le grand Meaulnes é um romance da entrada da vida. Nunca foi ella melhor pintada no seu aspecto romanesco, no seu lado aventuroso. E' o sonho que é vida. Um mundo imaginario que se estende por toda uma existencia cortada de angustias e soffrimentos. Charles Péguy que foi um grande amigo de Fournier mandava-lhe no dia em que recebeu o livro duas palavras assim: "Acabo apenas de ler as primeiras linhas e já tenho medo do que vae acontecer."

Para Alain Fournier, como para seu amigo *que tinha medo do que ia acontecer*, a guerra foi o *paiz encantado* que encontraram. Foram levados ambos para o sacrificio no campo da honra. Destino aliás de toda uma geração, sacrificada por interesses ignobeis.

Estou fallando de coisas antigas, mas que não serão jámais velhas. E, fazer lêr um livro desses, creio, é como que um cumprimento de dever.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

AMADEU AMARAL — *Poesias* — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1931.

Eis ahi um poeta algodoado de delicadeza e inimigo das notas fortes, dos abusos de pathetico, da mais leve demonstração de exhibicionismo verbal. Entre tantos escravos da popularidade, muito orgulhosos da sua libré, conservou-se o autor das *Névoas* e das *Espumas* um artista de caracter intimo, discreto, incapaz de atropelar os demais para abrir caminho nas lettras, para a obtenção de premios de qualquer especie. Seguindo o conselho de Voltaire, cultivou serenamente o seu jardimzinho poetico, ao invés de atirar-se criminosamente ás fructas do pomar alheio. Dahi o carinho com que os amigos o recordam sempre e dahi o successo que sem duvida obterá esta edição posthuma dos melhores versos de Amadeu Amaral.

★

MARIO DA VEIGA CABRAL — *Lições de Cosmographia* — Editor, Jacintho Ribeiro dos Santos, Rio. 1931.

Este operoso patricio já escreveu proximamente uns trinta volumes didacticos, todos elles largamente diffundidos, em resultado de um interesse de acolhida que anda longe de esmorecer. Expondo os factos com aquella clareza que já se classificou de lealdade do raciocinio, o sr. Mario Da Veiga Cabral, incansavel na coordenação de assumptos historicos e geographicos, offerece-nos agora as suas *Lições de cosmographia*, onde tudo se encontra no seu devido logar e na linguagem que melhor convém á clarificação e divulgação dos themas scientificos versados. E' um livro a recommendar ás nossas casas de ensino, sem receio de concorrer para que os leitores, acceitando a recommendação, venham a queixar-se, mais tarde, da perda de dinheiro e da perda de tempo.

★

XAVIER DE OLIVEIRA — *Espiritismo e loucura* — Editor, Coelho Branco — Rio, 1931.

Lêm-se estas valiosas observações do dr. Xavier de Oliveira sobre os casos de mysticopathia com a mesma facilidade com que se lê uma reportagem de sensação. Ha um jornalista fluente e persuasivo no medico que tão bem esmiuça aqui assumptos clinicos como a loucura de Antonio Conselheiro e os milagres do chamado propheta da Gaven, depois de haver, em livros anteriores, examinado, não menos habilmente, os beatos e cangaceiros do Norte e os pretensos impulsos justiçadores do "magnicida" Manso de Paiva. Por isso que polido de expressão e cauteloso nas conclusões, o dr. Xavier se está constituindo um especialista de questões dessas em relação ao grosso publico, tornando, tanto quanto possivel, accessiveis ao commum dos leitores os in-folios puramente technicos de varios theoristas da psychiatria.

ALL IS GRIST

by Chesterton — Methuen & Co. Ltd.

Apezar de ter enriquecido a litteratura universal com uma trintena de volumes, Gilbert Keith Chesterton é sempre inesperado e inédito.

Ha, em verdade, um motivo central dominador de quasi toda sua obra, porém não chega a enfastiar, tal a fascinadora improvisação deste malabarista da phrase, pontifice do paradoxo.

Rindo de todos e de si mesmo, não ha insolencia no seu riso. A ironia, traço preferencial da sua maneira, posto que, ás vezes, contundente e caustica, é, quasi sempre, suave como uma caricia.

Pagão a principio, mais tarde agnostico, finalmente catholico, as fluctuações do seu espirito não lhe embotaram as faculdades creadoras, nem a erudição adquirida no compulsar assumptos varios lhe diminuiu a inventiva.

Não admitte, nem mesmo na natureza, leis immutaveis e necessarias; exige liberdade integral, sem restricções, mas, contradictorio, como todas as grandes intelligencias, submette-se aos dogmas catholicos, ás suas formulas rigidas, e depois de ter apedrejado a Egreja, penitencia-se, tornando-se o mais intrepido e invencivel de seus defensores.

Nos seus livros, cheios de mobilidade e colorido, falta qualquer cousa que, por si só tem bastado para tornar imperecivéis algumas obras litterarias: falta ternura.

Mystico no sentido etymologico da palavra, elle cerra os olhos ao mundo para melhor vêr dentro de si. Que verá dentro de si esse maravilhoso espirito? — Paizes exoticos povoados de sereias e elfos, santos e heroes. Por isso seus personagens são irreaes, symbolicos e, ás vezes, tão subtis que permanecem impenetraveis.

Uma addição, diz Chesterton, nós não a terminamos ao nosso talante, mas o conto ou narrativa que comporihho começa e finaliza como eu o desejo e quero. A sciencia é escrava e a arte livre: eis um dos seus conceitos favoritos.

Assim, ao em vez de analyzar contemporaneos, prefere retratar desapparecidos, porque estes, diluidos pela distancia e pelo tempo, dão-lhe mais possibilidade para expandir a transbordante phantasia.

S. Francisco de Assis surge de suas mãos milagrosas, como se fôra um feiticeiro singular, fascinando todos os sêres vivos pelo amôr.

Dickens e Browning apparecem irreconheciveis quasi, transfigurados pelo sôpro divino do escriptor.

O proprio Deus que adora, não é o Deus aristotelico, tendo consciencia de si mesmo e cuja occupação consiste em contemplar a essencia das cousas; é um Deus exuberante de verve, de graça, de humour, de alegria, feito á imagem e semelhança de Chesterton.

Esse ultimo livro seu sahido a lume, collecção de ensaios, surprehendente e variada, é difficil, senão impossivel resumir.

Nelle vêm a baila Bernard Shaw e o nudismo; Mencken e o fundamentalismo; o mundo contemporaneo e a renascença. Themas alguns repetidos, mas sempre renovados, por quem possue, a par de um requintado senso da musicalidade do verbo, fôrça e magia de expressão.

Devido á sequencia logica em tudo que escreve, faz-se mistér lêl-o integralmente para bem comprehendel-o.

***

Talvez estejamos errados interpretando, por esta forma, Chesterton e as suas creações.

Uma obra de arte vale tanto mais quanto maior fôr a multiplicidade das suas suggestões. A de Chesterton inspirou-nos estas linhas temerosas da publicidade, mas ousando affirmar, sem receios, que os vindouros lerão, nas paginas desse perturbante pensador, o mais bello e sincero acto de contricção do seculo.

MANLIO GIUDICE.

DE TODA PARTE

Henri de Régnier, com os seus ares de tartaro monoculado, esguio e carilongo, continúa a desfiar as suas lembranças da vida literaria, na série *Faces et Profils*, desde Mallarmé, joalheiro do enigmas, a Anatole France, o mandarim lettrado do cães Malaquais. Sabe-se que Régnier é um dos genros de Heredia, o sumptuoso cubano que fumava tão bons charutos, usava colletes furta-côres e escreveu sonetos cheios de metaes e pedrarias coruscantes. Os outros dois genros chamavam-se Maurice Maindron e Pierre Louys, o primeiro romancista historico de uma linguagem severa e archaica e o segundo evocador do mundo pagão das cortezãs e dos esculptores de Alexandria.

— Biographo de Théophile Gautier e poeta incuravelmente romantico, Léo Larguier publica novos artigos em que, memorialista lyrico, proseguirá na série de livros iniciada pelo volume *Avant le Déluge*, que Léon Daudet elogiou com tanto calor affectivo. Visivel é a ternura, a saudade, a emoção com que Larguier se refere aos seus antigos companheiros de bohemia sentimental em Montmartre e adjacencias, quando, mal chegado da provincia, se propunha a tomar Paris de assalto, impondo-se á admiração dos confrades e á devoção meio amorosa das lindas leitoras dos bairros ricos...

— Quem suscita as opiniões mais desencontradas é o joven Drieu de la Rochelle. Uns o dão como um talento carregado de promessas e outros o incluem entre os fructos seccos de uma litteratura pedante, sem sensibilidade e sem elementos de dignidade humana. Ainda agora, renova-se a pendencia, a proposito dos escriptos sobre Genebra, em que elle, com attitudes de pensador, dogmatiza sobre os destinos da Europa...

— Arnold Bennett, que vive quasi sempre em França, fugindo aos nevoeiros insulares, vem de obter um expressivo successo posthumo com as repetidas edições franczas do seu romance *Un conte de bonnes femmes*. As melhores qualidades do narrador inglez, em que ha sempre um fiozinho de malicia a circular em meio a muita bondade, apparecem nessa historia, tão prosaica e tão poetica ao mesmo tempo, de duas mulheres que, após diversas aventuras na cidade tumultuosa e não mais temendo as emboscadas do vicio, vão terminar os seus dias num retiro quasi bucolico e encontram nas reminiscencias de um passado inquieto um novo encanto para a serenidade em que concluem. Bennett é um admiravel reproductor da mediocracia burgueza e sabe entrelaçar num unico texto duas ou tres narrações differentes, dando-se á complexidade sem chegar jámais á confusão.

— São muito uteis as notas biographicas que Arnold Naville acaba de consagrar ao complicadissimo André Gide. Se o trabalho não vale o solido ensaio de Ramon Fernandez, reune dados dos mais interessantes sobre a obra do autor da *Symphonie Pastorale*, do homem perverso em que, mão grado o tom sarcastico de tantas paginas suas, sobrevivem inocultaveis residuos da educação protestante. Gide, discipulo de Calvino e parente de um economista famoso, é — queira-o ou não — um atormentado pela idéa do Diabo, do Bem e do Mal, e, mesmo quando blasphema, quando faz a apologia dos amores prohibidos, dos amores que constituem uma fraude ao Amor authentico, não deixa de estar penitenciando-se lá por dentro com a ruminação de um velho psalmo biblico...

FALSA HISTORIA

Com os dois tomos do *Brasil Nação* encerrou o sr. Manoel Bomfim uma trilogia em torno da historia nacional.

Por dois motivos apenas deve ser feito o registro desse facto. Primeiro, porque para a Historia do Brasil esses volumes nada trazem de novo, a não ser a mais disparatada das criticas que já lhe foi dirigida. Segundo, porque o methodo de que se serviu o sr. Bomfim foi tambem especialissimo, baseado principalmente na negação systematica do que tem sido até agora acceito como verdadeiro por parte dos melhores historiographos e sociologos brasileiros. Para isso não apresenta outros dados que os da sua propria interpretação, alliados a testemunhos os mais suspeitos.

Sem apresentar nenhuma fonte de documentação original, os commentarios e as conclusões a que chega quando não são os mesmos sahidos de todos os rancores, despeitos e mesquinharias dos autores citados — são os seus complementos elaborados já depois da sua epocha opportuna. Têm, repetidos agora, o fito unico de servir de apoio a uma these inteiramente absurda — a da existencia de um "bragantismo" que tivesse marcado inferiorizantemente toda a vida nacional imprimindo-lhe tudo quanto de pessimo possa ter acontecido. Tão pobre de originalidade é uma these como essa, que nem merece detido exame.

Da mesma fórma, a falta de justificativas para a dissolução da Constituição de 1823, o portuguezismo do Primeiro Reinado, o olygarchismo senatorial anterior ao sete de Abril, os ideaes republicanos ou democraticos que lhe foram posteriores, a grandiosidade moral da regencia de Feijó, a importancia dos levantes de 1824, 32, 35, 42 e 48, as feias origens da repressão ao trafico africano, o caracter de interveneionismo imperialista das luctas platinas, a desvalia da lei do Ventre Livre, a valiosidade da propaganda republicana, a má vontade governamental contra o abolicionismo e, afinal, o caracter libertador da proclamação do novo regimen — constituem apriorismos inconsistentes, cabiveis na argumentação opposicionista das suas epochas, mas totalmente ridiculos se encampados agora por historiadores que de facto pretendam sel-o.

O exame dessas allegações não se póde fazer exclusivamente nas paginas variaveis de Armitage ou nos testemunhos mais do que suspeitos de Vasconcellos Drummond, Saldanha Marinho, Mello Moraes, José de Alencar (depois do despeito), Landulpho Medrado (mais do que mediocre verrineiro), Mello Moraes (sempre azedo registrador de boatos), Christiano B. Ottoni (depois de 89), Eugenio Êgas (biographo de Feijó, arrazado pelo terceiro Martim Francisco), Souza Carvalho, José Joaquim da Rocha, do portuguez Bruno (pulverizado a seu tempo por Eduardo Prado), Timandro e Francisco Luiz da Veiga (ambos em suas phases iniciaes), até chegar ao ultimo da série, o bahiano sr. Austricliano de Carvalho (autor de um "volumoso pamphleto" segundo o sr. Conde de Affonso Celso). Nesta lista, a que faltaram ainda os Suetonio, os Silva Jardim e os Carlos Sussekind de Mendonça, muito póde extrahir de seu azedume o sr. Bomfim, incontestavel campeão do pessimismo nacional. Nenhuma importancia têm, portanto, as apreciações que faz sobre D. Pedro I, os Marquezes de Barbacena, de Paraná, de Olinda e outros, Bernardo de Vasconcellos, D. Pedro II, etc., — uma vez que de taes fontes são ellas oriundas.

Emquanto o mesmo Armitage assim como Southey, Porto Seguro, Pereira da Silva, Moreira de Azevedo e Oliveira Lima sómente quando convêm e mais raramente são citados e quasi nunca seguidos — cabe áquelles pamphletarios a maior parte do "material" de que se serviu o autor do *Brasil Nação*. Quem analyse o desvalor de uma tal bibliographia é naturalmente levado a situal-a exclusivamente nas occasiões em que appareceram os seus volumes. E quem queira fazer hoje uma obra de critica historica, se tem de computar aquelles elementos, forçosamente necessitará fazer o seu exame, acceitando-a como subsidiaria apenas, nunca como definitiva e sufficiente para a elaboração de julgamentos.

No segundo tomo do *Brasil nação* ha uma grande digressão sobre a significação da poesia brasileira durante o Segundo Reinado, assumpto devéras interessante se o *parti-pris* do sr. Bomfim não o encaminhasse logo para as conclusões exaggeradas de um anti-monarchismo insustentavel.

Na parte da republica o tom de pamphleto virulento, que aliás é o de toda a obra, toma mais fortes côres, de modo a tornal-o insupportavel mesmo por quem não tolere de fórma alguma o regimen politico instaurado em 1889. Continúa, pois, sem historiadores o militarismo e a politica dos governadores que enchem os quarenta annos das instituições republicanas. O endeusamento de Floriano (como já antes houvera o de Feijó) vem a ser uma prova do vigor do *caciquismo* que é uma tendencia permanente do primitivismo dos povos em formação.

Neste tomo, como já o fizera e mais longamente no do *O Brasil na America*, ha uma excursão ás questões ethnologicas em que, com pretensões a uma infinita superioridade de cultura, o sr. Bomfim (que aliás inicia o *Brasil nação* com um tal excesso de reticencias que bem demonstra o favor que elle julga estar fazendo ao ignorantismo nacional esclarecendo-o com suas descobertas) desanca a autoridade consagrada do maior entendedor do assumpto no Brasil, o illustre autor das *Populações meridionaes* (pag. 246, II).

Nada é mais caracteristico, porém, que as conclusões do trabalho, quer as que prevêm a nossa "verdadeira revolução", quer as que exaltam a significação da democracia, tal como a entende o sr. Bomfim, ou as que, feitas depois de 1930, apontam ao paiz os remedios para a sua salvação (no *post-facio*) em que apenas foram esquecidos como recursos salvadores o uso do pão-mixto e do alcool-motor...

Mais vale, porém, transcrever dois importantes trechos para que se avalie bem do valor da obra. Diz o sr. Bomfim: "Falta-nos a verdadeira revolução — conquista do poder por uma classe que nunca o occupára, em vista de impôr ao grupo todo um novo padrão de valores..." (pag. 337, II). Compare-se agora com esta outra citação: "Senhora delle (do capital), uma minoria póde subordinar o apparelho democratico aos interesses capitalistas, e, arrimada nos direitos patrimoniaes, pessoaes, exige a garantia dos privilegios que significam justamente o sacrificio do grande numero. E' esta, uma

O mais fecundo dos sociologos

Esse Gustave Le Bon que, morrendo aos noventa annos, mostrou ter, além de muitas outras virtudes, o merito da durabilidade, disposto talvez a egualar o chimico Chevreul, que morreu centenario, — era medico e sociologo. Espirito divulgador, clarificador por excellencia, passou a vida a resumir, a explicar, a mastigar a marmelada philosophica para os leitores de dentes frageis. De um profundo bom senso, dirigindo-se de preferencia á mediania burgueza, tudo elle commentou e elucidou engenhosamente, em livros que o mundo inteiro leu e ficaram em todas as estantes, occupando no minimo duas prateleiras compactas. Nada lhe foi estranho. Da equitação ao socialismo, da psychologia politica á psychologia religiosa, da pedagogia á mentalidade guerreira, da archeologia á photographia, todos os assumptos, estrictamente technicos ou de finalidade mais popular, couberam nas cogitações e no claro estylo desse escriptor de raciocinio honesto.

Desde a guerra de 1870, quando servira numa ambulancia militar de Paris, tratando com o mesmo devotamento clinico de francezes e prussianos feridos, não passou elle um dia sem trabalhar e, mais talvez que a Pelletan e a Zola, cabia-lhe a famosa divisa: *nulla dies sine linea*. Quasi que se arruinou em desinteressadas pesquisas de laboratorio e uma quéda de cavallo levou-o a metter-se em longas e fatigantes indagações em torno aos habitos e ás bizarrices dos equinos.

Amigo e enthusiasta de Henri Poincaré, que não temia em classificar de homem de genio, Le Bon, sempre que o encontrava, onde quer que fosse, obrigava-o a falar, a dizer coisas, a ser genial, o que levava os circumstantes a murmurarem com um geito meio ironico: "Lá está Le Bon ordenhando o Poincaré..."

Era o proprio sociologo quem contava isso aos reporters entrevistadores, num sorriso de maliciosa bonhomia por debaixo dos copiosos bigodes de soldado celta, não sendo menos attraente o bom humor com que elle evocava a sua estadia na India, onde fôra, em missão official, estudar os monumentos buddhicos, trazendo de lá um volume hoje esgotado e que os bibliophilos se disputam furiosamente nos leilões do hotel Drouot ou junto aos *bouquinistes* do cáes do Sena.

Até sobre a morte apparente e as inhumações prematuras, sobre a physiologia da geração e a dispersão da materia, escreveu esse productor de fertilidade assustadora e penna jámais rombuda.

Mas o homem e a sociedade eram-lhe os themas predilectos. As questões de chimica social absorveram-no annos e annos e as suas paginas sobre o caracter instavel das multidões, mais sujeitas á sensibilidade que á razão, sentindo mais do que pensando, estão longe de haver caducado e reunem, para uma leitura facil, a vivacidade instrospectiva ao pittoresco da linguagem...

Quanto ao seu in-folio sobre a civilização dos arabes, Le Bon, que tinha os seus instantes de vaidade, era o primeiro a admiral-o com fervor invulgar, gabando-se de que esse in-folio lhe tenha assegurado entre os orientaes uma importancia de propheta e seja commentado quasi como livro santo á sombra das mesquitas da Arabia...

Ha varios annos, o seu principal editor estampou-lhe um volume portatil de aphorismos, de comprimidos philosophicos, extrahidos das suas obras mais notaveis e que eram uma especie de pastilhas peitoraes para uso dos clientes não de todo fortes em sociologia applicada e que fizeram ahi a sua rapida aprendizagem do assumpto, tornando-se capazes de um brilhareto em artigo de jornal ou numa palestra de mesa de café. Vê-se que Le Bon acabou autor dos mais prestantes, elle que nunca figurou entre os distribuidores de tedio a domicilio e, sem a acidez verbal dos que possuem mão estomago, não precisava de dar aos leitores seis mezes para lhe entenderem um pensamento...

De resto, além de trabalhar tanto por conta propria, e com uma juventude espiritual que horrorizaria os nossos litteratos já velhissimos aos vinte annos, o intrepido Gustave, fazendo-se um chefe de clan intellectual com as suas barbas torrentosas, ainda dirigiu, na livraria Flammarion, a celebre collecção de capa côr de tijolo e que, informativa sempre, de modo algum constitue entulho nas bibliothecas. Collecção em que figuram dezenas de mathematicos, historiadores, psychiatras, etc., conspicuos especialistas orientados pelo homem multanime, verdadeiramente polygonal, que lhes seleccionava as obras e os preparava, tanto quanto possivel, para um contacto victorioso com o grosso publico e ás vezes em tiragens que excediam de trinta milheiros.

E toda essa formidavel tarefa, que daria a qualquer outro attitudes de bonzo erudito, de mandarim impertinente, Gustave Le Bon a desenvolveu sem carantonha pedante e, quando o presidente Roosevelt lhe affirmava, num banquete de lettrados, que o volume leboniano das *Leis psychologicas da evolução dos povos* era o seu livro de cabeceira, elle não se zangava se os confrades sorriam ironicamente, como quem suggere que muito livro é chamado de cabeceira porque a gente lhe dorme em cima...

Finalmente, a simplicidade de Le Bon transluzia ainda na modestia com que confessava não existir verdadeira vocação scientifica, accrescentando que todas as suas descobertas, todas as descobertas, são devidas ao acaso, e que elle, Le Bon, foi *obrigado* a descobrir o que descobriu...

A. G.

---

situação que só se póde resolver revolucionariamente. Não fôra essa usurpação do Estado pelas minorias privilegiadas do capitalismo, e a *democracia, a verdadeira, teria a plena realização do individuo, ao mesmo tempo que se confundiria legitimamente no communismo*. O Direito existiria pela vantagem do jogo social, mas valeria no avesso (sic), o sincero *dever*, em toda a essencia religiosa (sic) do conceito." (Pag. 345, II).

Em materia de confusionismo não póde haver maior, evidentemente.

HELIO VIANNA.

Nada perturba tanto a critica como o que foge á banalidade e pede uma maior força de attenção.

G. Meredith.

A condição fundamental de uma bôa prosa é que seja natural e rythmica como um movimento respiratorio.

Remy de Gourmont.

O QUE SE DEVE COMER

NOUVEAUX RÉGIMES, por PAUL REBOUX

Homem que, não sendo nem santo como S. Francisco de Assis, nem doente do estomago como Timotheo (a quem S. Paulo aconselhou *modico vino utere propter stomachum*) não se interessa pelo que come, é typo perigoso. Não queiram negocio com elle. Individuo indifferente aos prazeres sublimes da mesa, homem que diz: — *Eu como qualquer coisa* — é inferior aos irracionaes. Estes não comem *qualquer coisa*. Escolhem. O cão não bebe vinho porque não gosta. Cabrito não come presunto porque lhe faz mal. Cada animal tem lá suas razões para comer ou deixar de comer isto ou aquillo. O homem complicou a sua alimentação, por ser elle proprio o mais complexo dos animaes. Complicando-a, rendeu homenagem ao Creador, que lhe deu intelligencia para comprehender o quanto podia tirar da uva, do trigo, dos legumes, das carnes e das fructas. Não comer carne de especie alguma nem beber vinho é a mais estulta de todas as pretensões. E' blasphemia. E' desprezar os dons de Deus. A mesa deve ser um logar sempre festivo. Nos banquetes não ha apenas viandas e comedorias: ha tambem musica e flôres. No dia em que a humanidade se tornar tão intelligente que consiga fazer uma racional distribuição da riqueza, haverá musica e flôres em todas as casas á hora das refeições. Com o radio já é possivel comer ouvindo sempre musica. E' pena que a musica distribuida pelo radio seja de tão má qualidade, pelo menos no Brasil... Genios como Rabelais e Cervantes têm dedicado paginas cheias de vida á exaltação da bôa, vasta e opipara comilancia. Abrem o appetite aquellas folhas do *Dom Quixote* em que vemos o nosso egregio Sancho recebendo uma pingue gamellada de *olla podrida* no dia das bôdas de Camacho. Já comeram ôlha podrida? Quem nunca provou desse saboroso e tonificante prato hespanhol (um pouco parecido com a nossa panellada) não sabe o que é bom. Quem não inveja os banquetes gigantescos dos heroes de Walter Scott? Charles Lamb nos seus *Essays of Elia* tem uma deleitosa *Dissertação sobre o porco assado* em que elle mostra como este succulento pitéo foi descoberto na China e por acaso, como a lei da gravitação universal, como as lentes, como o Brasil, como tantas outras coisas notaveis. Gœthe, no dia da sua morte, a 22 de março de 1832, horas antes de morrer, lembra-se de ter convidado o seu amigo, o conselheiro Vogel, para jantar no dia 24, chama o criado e lhe recommenda que prepare certo prato que o conselheiro muito aprecia. "Assim, diz o seu amigo K. W. Müller, elle pensou com solicitude nos seus amigos até os ultimos instantes..." Não é commovente o episodio?

Comecei a recordar taes coisas depois de ter lido o novo livro de Paul Reboux: *Nouveaux Régimes*. E' uma collecção de tresentas receitas culinarias "conformes aux règles medicales... mais combinées selon la gastronomie." O livro é tudo quanto ha de mais appetitoso. Delicioso como um leve almoço segundo a arte franceza em manhan de maio, quando o ar é diaphano como a innocencia, e as flôres nos jardins desafiam as estrellas no ceo a serem durante a noite lá por cima o que ellas são cá por baixo durante o dia... Dedicado ao Dr. Robert Chantemesse, que orientou o autor nas suas pesquisas gastronomicas, póde ser um guia seguro para todos os doentes que, embora estejam passando mal, gostem de passar bem... Ha nelle regimens para todos os enfermos: diabeticos, albuminuricos, hepaticos, nephreticos, obesos, cacheticos, anemicos, etc.. E as receitas são appetitosas, tão appetitosas que dá vontade da gente ficar doente só para poder comer petiscos tão gostosos. Aqui está, por exemplo, um almoço para arthriticos e gottosos:

Poularde en pate.
Salade verte.
Brioches à la framboise.

Para o jantar:

Potage aux crevettes.
Pommes de terre aux cèpes.
Salade au roquefort.
Pruneaux aux riz.

Sinto não poder transcrever aqui, por ser muito longa, a receita do empadão de gallinha (*poularde en pate*), segundo o *recipe* de Monsieur Bilion "qui reçut le premier diplome", diz o autor. Ora, receber o primeiro diploma numa exposição de arte culinaria em França é mais difficil do que ter um livro laureado pela Academia Franceza. A politica, as intrigas de clans litterarios, podem influir para que tal autor obtenha a laurea academica, mas não ha politica nem intrigas que influenciem o honesto paladar de um authentico mestre cosinheiro francez, como sejam, por exemplo, um Escoffier, um Philéas Gilbert, um Émile Fetu e ainda outros do mesmo grau. Aqui vae um cardapio de almoço de regimen para obesos ou magros indifferentemente:

Poularde gros sel.
Salsifis au jus de viande.
Salade verte.
Pomme cuite individuelle.

Esta *poularde au gros sel* é um prato delicioso e por isso transcrevo aqui o respectivo *recipe* que talvez interesse a alguma dona de casa si por ventura lhe cahirem sob os olhos estas linhas: "Choisissez une volaille très tendre. Faites cuire à l'eau froide les légumes suivants: carottes, navets, poireaux, une tomate, un oignon piqué de 3 clous de girofle. Salez, poivrez, ajoutez une pincée d'épices. Au bout d'une heure de cuisson, mettez la volaille dans le bouillon et laissez la cuire environ trente minutes. Retirez alors la casserole sur le coin du fourneau. Finissez de les cuire avec quelques cuillerées de beurre et de crème. Liez-les ensuite avec des jaunes d'œufs. Servez la poularde avec bouillon et légumes."

Não traduzo a receita: primeiro, porque não estou escrevendo para jecas-tatús; segundo, porque o francez, assim como se fez a lingua diplomatica por excellencia, tambem se tornou a lingua culinaria do planeta, o que é perfeitamente natural e até logico, pois não se comprehende bôa diplomacia com maus jantares... O rei da Inglaterra, embora seja muito bom inglez, tem cosinheiro francez no seu palacio de Buckingham.

O brasileiro em geral pouco se preoccupa com o que deve comer. *Qualquer coisa serve...* E' o que se diz e

Miguel Ozorio de Almeida — A VULGARIZAÇÃO DO SABER — Ariel, editora ltda. — Rio.

Continúa Miguel Ozorio de Almeida, com este bello volume, a serie de ensaios iniciados ha alguns annos por *Homens e Coisas de Sciencia*.

O autor, além de ser um dos maiores nomes do nosso meio scientifico, é artista de raça, dono de um bom gosto apurado. E' o que os francezes chamam *un charmeur*. Todas as suas qualidades de sabio, professor e estheta repontam na collectanea editada por *Ariel*.

Os perfis de algumas figuras no seu livro magistralmente evocadas são tersos e vivos. De Sophia Kovalewsky, Amoroso Costa, Eugène Gley, Miguel Couto, elle fala de maneira tal que o leitor consegue conviver alguns instantes com os seus heroes.

"Muitos admiram-se — diz Miguel Ozorio, tratando de Sophia Kovalewsky — da coexistencia em uma mesma pessôa de dois talentos que habitualmente se julgam antagonicos: o da mathematica e o da litteratura." No emtanto o autor pensa como a grande russa: a imaginação, em muitos pontos, auxilia o raciocinio mathematico. No caso de Miguel Ozorio eu diria que a sua cultura mathematica em nada prejudica seus dotes artisticos.

Um capitulo interessantissimo do livro é consagrado a *Philosophos e Scientistas*. Numa passagem diz o autor: "os scientistas vivem de algumas crenças acceitas quasi como dogmas; o philosopho analysa essas crenças e procura, *sem os achar*, os seus fundamentos." O grypho é meu. E é por causa disso que, para mim, philosophia ou é o conjuncto das leis geraes da propria sciencia, ou é discurso vão. Não sou positivista. Mas devo ao Positivismo a salvação do meu espirito... do inferno metaphysico.

Outros capitulos que se lêm de um folego, tão seductores são, referem-se á psychologia animal, ao estudo scientifico da morte, á vivisecção, ao methodo historico e seu valor pedagogico.

Tratando das *Mulheres na Sciencia*, Miguel Ozorio escreve um dos mais lindos ensaios da collectanea e, para alegria dos leitores, transcreve o discurso com que recebeu Mme. Curie, na *Academia Brasileira de Sciencias*.

O estylo de Miguel Ozorio é sempre limpido; e pelo imprevisto de muitos conceitos que frizam elegantemente espirituosos laivos paradoxaes, prende o leitor, como se o proprio autor ali estivesse, fino, culto, delicado e amavel, a conversar com a gente.

ROQUETTE PINTO.

---

o que se pratica. Por isso não ha no Rio de Janeiro nem um restaurante que mereça de facto o titulo de casa de primeira ordem. Ha *caravanserails* onde a gente entra, engole, paga e sae o mais depressa possivel. Mas o bom restaurante tranquillo, calmo e bem servido, assim como o café onde se póde ir flanar com amigos e até combinar negocios graves, isso nos é desconhecido no Brasil. O que não impede os nossos jornaes de proclamar diariamente que o Rio é a mais bella e a mais civilisada capital sul-americana! E ai de quem não admittir esse dogma! Vae para a lista negra dos brasileiros sem patriotismo...

ANTONIO TORRES.

VINCENT D'INDY

O desapparecimento de Vincent d'Indy priva, sem duvida, a musica franceza de um dos seus representantes maximos.

Com uma physionomia que denunciava voluntariedade e, apesar de parisiense, com uma cabeça de camponio rude que parecia talhada a golpes de faca numa das arvores possantes da França montanheza, esse homem fez do ensino musical uma especie de carreira apostolica e tinha, se necessario, uma nota persuasiva de tom que ia direitinho ao coração dos mais rebeldes. Foi um illuminado em materia de arte, um mystico, e nem um instante sequer duvidou da nobreza, da utilidade de uma bôa symphonia, mesmo — ou especialmente — numa época de mercantilismo qual a nossa.

Casando a religiosidade á cultura; evocando o drama de Santa Maria Magdalena, dirigindo um curso de harmonia ou biographando o genial César Franck, patenteou sempre um caracter e uma sensibilidade invulgares. A arte não foi nelle um simples episodio, mas a vida toda. Amava as figuras antigas, como o gigantesco e doce São Christóvão, que celebrou em notavel partitura, e punha algo de medieval, de cathedral gothica, no que escreria para as orchestras.

Pedagogo dos sons, era um mestre incomparavel, um orientador de musicos jovens, inclinando-se, com humildade, deante dos talentos moços, com a mesma humildade com que se inclinava deante das velhas verdades, das verdades eternas, immutaveis, da sua "ars magna". Enthusiasta de Monteverdi e Bach, autor do Wallenstein, *de* Fervaal, *da* Forêt enchantée, *fez muito pela arte moderna, sem preoccupação de ser novidadeiro e sem desrespeito aos classicos, não sendo culpa sua se Strawinsky não podia fazel-o esquecer os gloriosos precursores da* Camerata fiorentina.

Em summa: ainda quando apegado a themas profanos, o grande morto de Dezembro parecia um compositor sacro. Se houve um christão na musica moderna, esse christão se chamou Vincent d'Indy.

Este numero de Anno Bom tem, excepcionalmente, vinte e quatro paginas.

JEAN FAYARD

O premio Goncourt de 1931 coube a Jean Fayard. Este homem de lettras, ainda muito novo, é autor do volume Madeleine et Madeleine, *em que figuram paginas bastante elogiadas por Léon Daudet. O grande pamphletario encontra em Jean Fayard certa originalidade de tom, observações penetrantes e finas, dialogos compostos com habilidade. Ha nelle muita destreza manual, a par de uma sobriedade pungente, sem nada de inferiormente cinematico e sem que as situações difficeis sejam escamoteadas pelo narrador. Não falta nunca aos seus trabalhos o que se póde chamar "a synthese dos movimentos da alma".*

O trecho melhor da collectanea, Dialogues après dîner, *trata do conhecimento que dada mulher vem a ter de um crime do marido no decorrer de uma conversa. Justissima a gradação de nuanças da suspeita á certeza. O jogo de luzes e sombras é magnificamente distribuido. As personagens fazem mais que gesticular: vivem. Nenhuma dispersão borboleteante, nenhum abuso do processo introspectivo. Segura é a perspectiva dos caracteres e dos factos.*

Jean Fayard, que começou a sua carreira preoccupado apenas com os themas do "prazer", aprofundou o seu sulco, alargou os seus dominios. Filho de um editor de audazes iniciativas e amigo das edições populares, cresceu entre livros e litteratos de todas as escolas e de todos os credos, ironico e bem humorado como o pae e como todo o francez que se preza. Mas, sabendo rir, é tambem um homem que pensa e, nelle, a ironia não equivale jámais a uma fórma de incomprehensão.

L e i a m :

A VULGARIZAÇÃO DO SABER

de Miguel Ozorio de Almeida.

"O Paiz do Carnaval"

Cousa bem sabida, repito aqui: a caracteristica da geração que surge é o maximo desprezo pela litteratura, litteratura no sentido pejorativo que actualmente se emprega.

Jorge Amado, em *O Paiz do Carnaval*, que Schmidt-editor publicou, não foge a esta nitida caracteristica, pois todo seu romance é um combate constante aos typos artificialmente intellectuaes que acreditam na acção como consequente da cultura livresca (a peor, quasi sempre sentimental, não raro mystificante) e de attitudes poeticas.

Raros são os seus personagens que fogem a esta definição e, quando assim, exactamente para, pelo confronto, caracterizar mais aquelles. E medroso da comprehensão clara do seu thema, pois que *O Paiz do Carnaval* é livro premeditado, bota na bocca de Ruth, personagem que quer viver uma vida verdadeira e normal com a tranquillidade dum casamento burguez, a explicação daquelles typos fracassados pelo excesso de pesquisa: — "Isto tudo é litteratura!"

Paulo Rigger, José Lopes, Ricardo Bias fingem ignorar a vida, saturados que estão daquillo que os livros trazem. Peor que todos o primeiro. Vem da França, requintado, extranhando o ambiente brasileiro e, desembarcando no Rio pelo Carnaval, não comprehende toda a poesia util desta festa que faz a melancolia sahir sambando pela cidade. Desconhecedor do seu povo e da sua terra, forja programmas que aqui não poderiam ser levados avante. Destróe com phrases a sociedade que não acceitou os seus traçados, esquecendo-se que terra inculta é ainda a nossa para se interessar por problemas de maior alcance. Tudo faz crêr que Paulo Rigger, que tivera noções de cultura, não tinha a comprehensão da cultura. E debate em phrases, nunca em acções, no grupo indigena que encontrou e a que se aggregou, isto já na Bahia, seu estado natal, para onde se fôra a vêr a familia em companhia duma franceza de carregação. Elles se combatem dolorosamente em todas as paginas do livro na procura duma finalidade. Amor, religião (que é uma fórma do amor), instincto? Elles não atinam. Procuram resolver estes problemas tão complexos nas mesas dos cafés, na redacção de um jornal rebelde. Rebelde pela ignorancia do proprietario que os convidara para redactores e que depois se sentia lesado nos interesses economicos com as descomposturas que do "seu" jornal elles, honestos no fundo, passavam nos figurões ôcos e brilhantes da cidade, e que pela posição politica ou financeira poderiam auxilial-o mais positivamente.

Ticiano é o genio do mal, homem que estava faltando nos romances de agora e que era tão commum nos romances wildeanos, personagem cynica e sympathica de cuja bocca chovem os paradoxos que enthusiasmam as multidões leitoras. E' cousa de rifão: ha palavras que envenenam. A bocca de Pedro Ticiano é um vidro de strychnina. Se ella em doses pequenas tem effeitos curativos (e o leitor intelligente já percebe que eu estou fallando da Verdade), em dosês como as que o sceptico nos joga matam a quarenta jardas, qual o celebre whisky dum conto de Bret Harte. Como o romance apezar de real não é humano, os personagens podem aguentar tudo e aguentam a strychnina abundante até á morte de Ticiano. Esta é que é o antidoto. Dahi algum personagem se salvar, vendo-se longe do verbo do velho que tudo negava e destruia. Jeronymo, o salvado, é personagem mais sympathico do livro e, com Ruth e Maria de Lourdes, forma a trinca humana do romance.

Romance admiravel, romance no sentido que se exige, por necessidade, falta-lhe, todavia, a *acção*. Tudo acontece na bocca dos personagens e tudo vem através de dialogos firmes e rapidos, na maioria das vezes, cheios de graça natural e verdadeira, graça da giria, da blague, da rua.

Não me choca achar-lhe falta de acção e adjectivar o romance de admiravel. Acção presuppõe quasi sempre dotes de observação, que o tempo traz mais que tudo (Jorge Amado tem vinte annos) e mais do que isto é producto duma tendencia pessoal e increavel para a anecdota, para o desenrolar de scenas, umas obrigando outras, o enredo, emfim. O detalhe é a alma dos romances deste genero. E é a noção do detalhe que falta em Jorge Amado. Elle vê tudo em ponto grande. Dahi se imaginar o esforço para conseguir caracterizar os seus typos sem o auxilio das circumstancias. E consegue.

A crise religiosa que assola o paiz e que vira a cabeça das criaturas mais sensatas, o perigo communista que, segundo consagrados ensaistas, faz com que o Brasil seja um vulcão vermelho onde os incautos burguezes habitam, tudo isto não deveria deixar de apparecer no *Paiz do Carnaval* em forma de dialogos deliciosos com que o loquaz Ticiano estarrece a admiração dos seus ouvintes.

Ticiano é o vento que faz vibrar aquelles papa-ventos. E a sua morte deixa-os mais desorientados ainda. Alguns enfiam-se por veredas que acreditam caminhos, e o romancista fecha o romance antes que possamos vel-os cahir completamente.

Ricardo Braz, que casara por amor e fugira para o Piauhy (tudo se passa no Norte, raras scenas no Rio), não se cura com os ares palermas, mas saudaveis, da cidadezinha esquecida, da intoxicação violenta e perniciosa, negativa e demolidora, e Ruth, sua esposa, que mereceria viver, é que vae soffrer, soffrimento que o romancista nos dispensa piedosamente, pudorosamente.

Paulo Rigger, lubrico, gastador de amantes francezas e nacionaes, perdido pela carne, escravo dos instinctos, trazendo da velha Europa requintes sensuaes para a terra em que a obscenidade pouco differe da virtude, homem que se acreditava liberto, cáe preso dos preconceitos (elle achava que se devia acabar com isto...) e perde uma mulher que talvez lhe fosse a unica salvação, por sabel- a desvirginizada.

Maria de Lourdes encontra num modesto professor publico a superioridade do esquecimento e a tranquillidade de um lar.

E' este Paulo Rigger, incongruente, insatisfeito e rico, que, tentando num ultimo instante do livro se salvar, volta-se para Deus, pede serenidade e foge para sempre do *Paiz do Carnaval* que como na sua chegada se esquecia lyricamente entre cavaquinhos e pandeiros.

Inquieto, soffrendo pelo mal dos seus personagens, Jorge Amado, no melhor romance do anno, é um grito de alarma aos que, fugindo da vida, por medo ou por duvida, se inutilizam sem remedio.

MARQUES REBELLO.

Uma romancista norueguêza

Assim como as sensuaes paizagens crioulas daquellas ilhas mornas do Pacifico são o que deve haver de mais voluptuoso nos tropicos para esse appetite europeu do exotico, assim tambem aquellas platonicas paizagens geladas da Escandinavia, pelo que têm de mais contrastante com as daqui, pela sua tyrannia da bruma, devem ser o que a cançada Europa póde nos offerecer de mais interessante a esse appetite, que tambem existe em nós. Esse appetite, que nada tem de snob, que é, aliás, bem humano, bem antigo, que vem de Ahasverus até Morand e que não é mais do que aquelle *appel d'ailleurs* que encheu de tanto romantismo de latitudes a obra de Loti. E por que razão aquelle *appel* das distancias ignotas não será tão imperioso em nós tambem, que vivemos num continente cortado de tantos rios immensos, cujas aguas vagabundas vivem num permanente convite ás partidas?

Por isso, quando me chega ás mãos um livro de qualquer um desses escandinavos interessantes, experimento sempre um estranho deleite. E' como se viajasse numa absoluta independencia das companhias de navegação.

Assim é que tenho varias vezes errado, com o maior prazer, através das paginas longinquas de Johan Bojer e de H. E. Kinck e de Knut Hamsun e de Karin Michaelis. E agora, mais recentemente, dessa Sigrid Undset, a grande romancista norueguêza de cujo livro: *Jenny* quero dizer algumas palavras.

O que primeiramente me seduz nesses romances escandinavos é essa profunda impressão de claridade intensa que elles fornecem. Não sei de outro romance, nem mesmo o inglez, que seja assim tão claro e que possúa o poder de luminosidade interior desses romances que nos vêm, no emtanto, da mais nevoenta das terras, onde até mesmo as visitas do sol se fazem debaixo de sombras, como visitas de pessoas de luto. E é bastante curioso a gente verificar como esses romances viram tão violentamente pelo avesso aquelle pedante dogma do criticismo scientifico de Taine, de que a influencia mesologica é invariavelmente fatal na obra de arte.

E' verdade, que o sabio Taine poderia apresentar o caso da obra nublada de Ibsen como exemplo illustrativo deste acerto determinista de sua philosophia esthetica. Mas é preciso ver que essas pesadas e mysteriosas sombras que envolvem os dramas de Ibsen foram talvez mais o resultado daquella brumosa visão das cousas, que a escola symbolista impunha, do que o reflexo crepuscular do doce clima norueguez.

A verdade é que todo romance nordico que conheço é profundamente limpido, cheio duma transparencia primaveril, apezar de toda a sua funda atmosphera introspectiva. E o facto singular é que elle é tanto mais intensamente psychologico quanto mais claro. O que não acontece, geralmente, com o romance do Sul que se escurece, terrivelmente, toda a vez em que nelle se tentam aventurosas excursões dentro dos obscuros subterraneos da alma.

O interessante, porém, é que é justamente devido a esse gosto da introspecção que o romance de Johan Bojer ou Sigfrid Undset, por exemplo, se torna tão simples e tão illuminado e accessivel, quando no romance de Proust é esse gosto que complica tudo. Mas convém notar que em Proust esse gosto deveria nascer dum artificialismo intellectualista, ao passo que no romance escandinavo elle apparece como uma sincera e organica necessidade de reacção intima contra o clima da peninsula nevoenta de Hamlet. E si os pintores flamengos do seculo passado não escaparam á acção obscurecedora do seu clima, é que certamente o impressionismo não lhes pedia nada além duns olhos ageis em pegar os valores de sombra e de luz. O impressionismo os escravizava muito á natureza.

O romance de Sigfrid Undset, *Jenny*, participa fortemente de toda essa claridade caracteristica dos romances da sua terra. E o amor, a obsessão quasi da claridade é tão profunda e visceral na alma dessa norueguêza lyrica — autora tambem de um outro admiravel romance com o nome da mais romantica e mais clara estação do anno: o romance *Primavera* — que ella mostra a sua heroina, na viagem de volta á Noruega, a achar a primavera nordica, acordando a somnolencia liquida do Fjord, mais vibratil de luz e de côr do que mesmo a exuberante primavera meridional.

Jenny não é *romance para moças*, como me disse meio ironicamente o pintor Cicero Dias, quando eu sahi do Garnier com o volume de Sigrid nas mãos. E' um livro duma crueza dolorosa. Nem tampouco póde ser considerado como uma especie de *Educação sentimental de uma moça norueguêza*. Flaubert haveria de achar essa extranha Jenny muito rebelde a qualquer disciplina nervosa. *Jenny* é o tremendo drama dessa incompatibilidade que existe entre as innatas tendencias delicadas da mulher e a diabolica *moral voluntaria*.

A heroina, cujo nome intitula o livro, é uma bohemia pintora que procura o ambiente classico de Roma para o aperfeiçoamento de sua arte. Lá, entre os transeuntes da *Via Condotti*, Jenny se encontra com um joven patricio inexperiente e sonhador, que se julgava um grande intimo da Cidade Eterna pelo motivo de conhecer apenas alguns quadros celebres que a representavam no museu de Copenhague.

Para Jenny não existe nenhuma lei religiosa e ella tem um corpo joven e dilettante de sensações desconhecidas. Um corpo que vivia numa *sauvage attente d'un bonheur ardent*.

Finalmente, Jenny conhece com Helge Gram todos os gráos da febre idyllica da carne. Mas chega um dia o momento dramatico dos nervos saciados, e ella, que, no fundo, era uma grande espiritualista, começa a soffrer. Ella tinha se ligado a Helge numa ligeira phase de exaltação physica e quando sobreveio o tedio sexual, essa ligação, que tinha sido feita sem a ordem de Deus, quebrou-se facil e amargamente. E era precisamente neste momento, quando terminava o fogo do amor physico, que devia ter inicio o amor espiritual, se houvesse a ordem de Deus a obedecer. Mas como não havia essa ordem, Jenny passou então a considerar o amado o cumplice do seu desastre moral. Dahi todo o drama, até Jenny chegar ao suicidio.

Um romance como *Jenny*, com um ambiente moral tão livre, não é lá portanto muito recommendavel para as meninas do Sion. E apesar desse romance ser tido na Europa como uma especie de ante-camara daquella sua outra famosa obra: *Kristin Lavransdatter*, onde, segundo dizem, está contido todo o drama de sua conversão ao catholicismo, não encon-

tro, francamente, em *Jenny* nenhum sabor de these catholica. Isto porque nesse livro o suicidio é até praticado como uma solução bem logica sobre que não ha a mais leve reflexão religiosa.

A scena final, quando Heggen, o seu outro amigo, o que encarnava para ella a ultima e vaga possibilidade do amor puro, vae procurar no cemiterio a sombra da amada, é dum tragico lyrismo de côres.

Não se queira, porém, suppôr que haja ali nem de longe nada daquelle funebre e choroso alambicamento de *Noivado do Sepulcro*. Porque ali tudo é dum tom humano muito pungente.

Gunnar Heggen, cuja absorvente timidez lhe criava a solidão sexual do amor, está tão possuido da lembrança de Jenny e tão enlouquecido pela sua ausencia eterna, que tem, entre os cyprestes contemplativos daquelle cemiterio de Roma, uma exaltação amorosa verdadeiramente posthuma. E ahi é como se esse pobre Heggen quizesse gritar, para que os vermes famintos ouvissem aquelles versos desesperados de Baudelaire.

Não obstante a grande clareza, a clareza bem nordica com que esse livro é escripto, o drama interior de suas paginas, de tão intenso, quasi que nos deixa uma turva impressão de luto.

Poderia ainda fallar sobre o processo da romancista norueguêza, sobre os outros destinos que se movimentam dentro das paginas de *Jenny*. Mas o artigo já vae demasiado longo e cacete.

Jenny, não ha duvida, é um livro interessantissimo. Mas é que ainda estou bem lembrado do caso do meu caro amigo sr. Sergio Buarque de Hollanda, que escreveu, uma vez, a proposito do grande Thomas Mann, umas cousas tão mediocres, tendo, porém, sobre o notavel jurista sr. Pontes de Miranda, escripto uma deliciosa pagina que o Eça assignaria, sem quebrar pelo menos a pose ironica do monoculo.

ALOYSIO BRANCO.

LION FEUCHTWANGER — SUCCESS — *Three years in the life of a Province*. — Traduzido do allemão por Willa e Edwin Muir — 1930.

A acção se passa na Baviera, com breves fugas a Paris ou a Berlim. E' o processo impiedoso e preciso da justiça naquelle paiz, e da justiça "tout court". Contém capitulos crueis, verdadeiros summarios de accusação contra a humanidade pseudo-civilizada contemporanea. Começa com um quadro symbolico e revolucionario. Leva-nos, a seguir, nos tribunaes, á cella do prisioneiro; introduz-nos nos meios sociaes mais influentes da politica, das industrias e da imprensa. Faz-nos participar da vida e das opiniões dos *beer-gartens*, dos cabarets, das estações de inverno e de verão, deixando-nos, no final, amargurados, descrentes e revoltados contra a época. E tudo isso gyrando em torno de uma mulher corajosa e tenaz.

O estylo é simples, bello e são. A traducção optima.

JACK SAMPAIO.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

VESTIDOS — CHAPEUS
LINGERIE

(da alta costura de Paris)

CARTEIRAS — COLLARES
FLORES, ETC.

(artigos da ultima moda, recentemente recebidos de Paris)

A ACTUALIDADE DO PROCESSO DREYFUS

Les Carnets de Schwartzkoppen, Les editions Rieder, Paris, 1930.

A despeito da rehabilitação a mais completa, outorgada após emocionantes peripecias, Alfredo Dreyfus, o celebre capitão francez accusado de trahir a patria, entregando aos agentes duma potencia extrangeira documentos militares considerados importantes, não estava, perante a historia, completamente a coberto daquella infamante pécha.

O decisivo testemunho de sua innocencia apenas um personagem podia offerecel-o: o então addido militar allemão, em Paris, Coronel Von Schwartzkoppen, que entretivera relações de espionagem com o verdadeiro culpado.

Após toda uma vida de silencio não quiz, porém, Schwartzkoppen levar para o tumulo o segredo avaramente guardado.

Dest'arte, em seu leito de morte exclamou: "francezes, eu vos declaro que Dreyfus foi innocente".

Ainda que varios circumstantes tivessem assistido á scena empolgante do desabafo duma consciencia atormentada, a prova da innocencia não seria completa se Schwartzkoppen não deixasse um volume de memorias, traduzidas para o francez por A. Kayré e recentemente editadas pela casa Rieder, de Paris, sob o titulo *Les carnets de Schwartzkoppen*.

*

A narrativa convence ou deve convencer aos mais obstinados.

Assistimos o traidor Esterhazy propôr a entrega dos documentos, verificamos a repugnancia do addido ao gesto villão do "official hungaro", sentimos a honestidade e a circumspecção do Embaixador Conde de Munster, admiramos a perspicacia e o valor moral do commandante Piequart, vemos os sinistros caracteres de Henry e Du Paty de Clam, todos os principaes personagens do processo se defrontam emfim, aos nossos olhos, como a nos indicaram quão falsa póde ser a applicação da justiça, quando a manejam homens movidos pela paixão.

O livro de Schwartzkoppen era um livro necessario, um depoimento historico indispensavel aos que se interessam pelo velho caso do capitão Alfredo Dreyfus.

*

Se alguma cousa de positivo é possivel concluir das peripecias do processo, desde logo se observa que elle foi o ultimo arranco dos reaccionarios contra a democracia dominante.

Na lucta entre os tradicionalistas impenitentes, apoiados no exercito, e os adiantados, com esteio na consciencia civil da nação, triumpharam estes.

O nacionalismo militarista, como partido politico, na França, não vicejou; destruiu-o por completo, a conclusão do processo Dreyfus, que foi o grande choque, a grande batalha entre as correntes de opinião que acabámos de assignalar.

UBALDO SOARES.

UM MORTO ILLUSTRE

Alberto de Faria deixou mais que uma vaga na Academia de Letras: deixou a reputação de um excellente advogado, nutrido da melhor cultura juridica, e de um conversador delicioso, aprovisionado sempre de anecdotas, epigrammas e reminiscencias da campanha republicana e da vida academica nos tempos de Silva Jardim e Raul Pompeia. Mas deixou especialmente um livro nuclear, que ha de ser, que já está sendo estimulo a muitos estudos de egual natureza: o volume sobre Mauá, *admiravel retrato de corpo inteiro de um grande, de um dos maiores servidores do Brasil.*

GODOFREDO FILHO — *Poema de Ouro Preto* — Editor Schmidt, Rio. 1931.

O sr. Godofredo Filho é um bom poeta romantico e, apesar de expressar-se em versos livres á moderna, o seu romantismo transluz, inoccultavel, no assumpto mesmo que escolheu. Assumpto essencialmente romantico, ou seja essa encantadora Cidade do Silencio, essa Bruges montanheza que é a antiga Villa Rica, a Ouro Preto de Marilia, enlevo de Arinos, Bilac e outros contemplativos do passado.

Arthur Ramos — ESTUDOS DE PSYCHANALYSE — Bahia — Livraria Scientifica, 1931.

A infiltração que a Psychanalyse tem desenvolvido pelos centros cultos, não poderia deixar incolume o Brasil, apezar das resistencias que por toda parte encontra de inicio.

Todavia, "agua molle em pedra dura, tanto bate até que fura" e, de quando em quando, o granito vae cedendo...

Os primeiros movimentos psychanalyticos do Rio e de S. Paulo encontraram logo echo pelo Norte e Sul, destacando-se cedo, entre todos, Arthur Ramos (1926), a quem já deve a psychanalyse contribuições serias e eruditas.

O trabalho de agora, *Estudos de Psychanalyse*, offerecendo um golpe de vista "panoramico" da doutrina de Freud e das que nasceram sob sua fronde, colloca o A. em posição de critico, como se vê do Prefacio: "Não se veja assim uma oscillação da posição pessoal do autor entre os polos "orthodoxo - heterodoxo" da psychanalyse, porque se procura aqui justamente demonstrar a sem-razão de uma pretensa "orthodoxia" da theoria freudiana."

E' assim que, revelando o A. solidos conhecimentos das doutrinas em questão, servido por linguagem escorreita e clara, fica o leitor ancioso pelo conceito eclectico, porém, ao em vez delle chega o ultimo capitulo "A sordicie nos alienados e o complexo analerotico", como o mais tacito reconhecimento de todas as acquisições da escola de Freud.

Ao passo que este capitulo vale por uma profissão de fé de pura psychanalyse, os anteriores, dedicados aos dissidentes, apenas expõem os conceitos segundo seus creadores, restringido-se a um unico pronunciamento pessoal.

Fica-se, por isto, a procurar onde e como "...ir reunindo, agora, o que ficar, definitivamente, de todas as progressivas e sensacionaes descobertas", na expressão do A., a não ser que de uma caiadada acceite todos os conceitos.

A posição é tão incongruente que preferimos acreditar não seja esta a intenção do A. o qual demonstra, aliás, conhecer o artigo de Freud *Contribuição á historia do movimento psychanalytico*, profundamente discriminativo das disparidades que afugentam do seio da psychanalyse as theorias dissidentes.

O facto é que o A. gaba a todas, entretanto, para trabalhar só usa da psychanalyse verdadeira.

Dá a impressão de um joalheiro a encomiar variadas pedras, mas quando escolhe para si prefere sempre a mesma. Seria para desconfiar...

O leitor tambem desconfiará e pensará que, sendo muito bellas todas as especulações de Jung, Maeder, Adler, Jeliffe e quantas outras, falta-lhes, quando se afastam do mestre commum, a comprovação concreta dos casos objectivos.

Por isto, certamente, é que o A. enamorado de suas bellezas, enaltece-as, mas para casar (psychologicamente fallando, bem entendido) vae procurar a mais velha e, portanto, a menos bella talvez, porém a mais experimentada da familia. E é seguro que será bem recebido pelo pae da noiva, taes os reaes dotes do candidato.

O tempo, pela experiencia prolongada, ha de derimir a questão, confirmando que não se trata propriamente de "orthodoxia".

Admittindo a psychanalyse como sciencia que é, será preferivel não usar a seu respeito de expressões que poderão emprestar uma côr pouco opportuna em assumpto scientifico.

Apesar de Freud mesmo empregal-a com a significação de "official" ou verdadeira (*Historia do movimento psychanalytico*), *orthodoxia* (de *ortho*, recto, correcto, direito, certo, etc. e *dox*, opinião, doutrina, etc.) tem sido mais usualmente empregada para exprimir fé religiosa, bem provavelmente porque opinião recta, correcta, certa, só o dogma religioso, que é infallivel para os crentes, desde que sabemos como os factos e as opiniões em sciencia estão sujeitos a evoluções e correcções, si bem que em face de outros factos bem estabelecidos.

Quando Galileu defendeu que a terra era um globo movel, os "orthodoxos" não acceitaram o facto scientifico e os que passaram a acreditar em Galileu não mereceriam aquella expressão, assim como não é orthodoxia assegurar que a agua é H^2O.

Questões de simples termos, pois que os conhecimentos expostos pelo A. não deixam se pense pretenda envolver a escola de Freud de ambiente mystico, em que a fé seja chamada a opinar, o que poderá succeder a um leitor menos avisado.

E só por isto é que merece aqui ser alvejado o assumpto.

Ainda no dominio de expressões depara-se com a proposta, e mesmo uso, de *pulsão* para traduzir *Trieb* do allemão, á imitação dos francezes que crearam *poussion* para sua traducção: estes dispunham de *poussée* e *impulsion*.

Poussée na linguagem medica franceza significa accesso, crise, que não é o sentido psychologico desejado e *impulsion* não tem justo cabimento aqui, emquanto que o nosso *impulso*, com o sentido de estimulo, fica a calhar, aliás, já habitualmente usado entre nós (Porto-Carrero, Murillo de Campos, Durval Marcondes, Carneiro Ayrosa, etc.).

Alem de mais, si acceitavel o gallicismo, resultaria, como resultou, um impasse quando o A. traduz Aggres*sionstrieb*, a pags. 70, por "instincto de aggressão" que, segundo sua proposta, deveria ser traduzido por "pulsão de aggressão", expressão tão pouco recommendavel que o A. mesmo della fugiu.

O allemão possue as duas expressões *Instinct* e *Trieb* que commumente se equivalem, porém, Freud, estabelecendo a natureza biologica dos dous instinctos fundamentaes, deve para estes ser reservado o uso de *instincto*, restando o *Trieb*, impulso, que, aliás, dá o verbo *Treiben*, (impellir) para as manifestações mais ou menos disfarçadas do instincto; a este, o allemão dá até a significação de "impulso natural" — *naturtrieb*.

Nugas sem maior importancia, como, tambem, a designação de *libidinoso*; a terminação *oso* (*osa*) adjectiva o vocabulo dando-lhe significação de *cheio de*, mas o que se pretende exprimir quando se disser, a exemplo, "impulso libidinoso" não é que este impulso esteja *cheio de* libido, porém, que é um impulso *da* libido, sendo mais expressivo empregar "impulso libidinal". Com o que haverá ainda a vantagem de não se confundir a significação psychanalytica com a outra pejorativa.

Deixando, todavia, estas questões, que só despertaram o reparo para frisar o cuidado que deve presidir á linguagem psychanalytica, ainda por poucos utilisada (emquanto a Sociedade Brasileira de Psychanalyse não

firmar definitivamente a terminologia), é de deter agora a attenção sobre o pronunciamento acima referido.

Considera o A. que "a divergencia fundamental que existe entre Freud e Jung, neste particular, é que, emquanto aquelle procura applicar á psychologia collectiva os methodos de trabalho da psychologia analytica, o ultimo procedeu de modo inverso, explicando a psychologia individual com os dados da psychologia collectiva. O interessante, porém, é que applicando Freud á psychologia os materiaes de estudo da psychanalyse, do outro lado, por uma petição de principio, affirma que a symbolica analytica não é mais do que a somma dos symbolos legados pela mythologia, a linguistica, o folklore, etc., em summa, materiaes que pertencem á historia collectiva. Será talvez mais commodo admittir-se um inconsciente de formação super-individual, como o faz Jung (pg. 106).

Lança o A. um veredictum sobre Freud em que o colhe em falta. Todavia, houve aqui serio equivoco.

Freud estudando casos particulares verificou que algumas de suas manifestações (symbolos dos sonhos) não permittiam interpretação propria e objectiva, ao mesmo tempo que observava que estas mesmas manifestações surgiam em situações populares ou mythologicas, como assignalando um subentendido ou allusão de conteúdo affectivo remoto.

A transposição feliz destes conteúdos para as situações symbolicas individuaes resolveu o problema scientifico, demonstrando que o collectivo influenciava o material pessoal, como não poderia deixar de ser.

Aliás a primasia contemporanea da alludida transposição não é de Freud, que diz: "Si se quizer, a todo preço, deslocar para os tempos modernos a descoberta do symbolismo nos sonhos, deve-se considerar como seu autor o philosopho K.-A. Scherner (1861). A psychanalyse forneceu uma confirmação á maneira de ver de Scherner, introduzindo-lhe, entretanto, profundas modificações." (Sigm. Freud — *Introduction à la Psychanalyse* — Payot, Paris — Trad. de Jankelevitch, 1926).

Por outro lado, sendo a collectividade um conjuncto de individuos, forçoso é que suas acções, por mais amplas e caracteristicas, obedeçam a traços fundamentaes que se contêm em cada individuo, só podendo ser feito o estudo collectivo com o confronto das acções individuaes nos dous comportamentos, porque a fonte da acção é a mesma; ha a conhecer a natureza da transformação do comportamento e os motivos desta transformação.

Este será o unico caminho rigorosamente certo.

Mais do que tudo, entretanto, Freud (de inicio com J. Breuer), estudou um caso clinico, pelo seu comportamento conformou um conceito, verificou que outros casos confirmavam a interpretação, deparando os mesmos elementos, até que as verificações sempre insistentes, objectivamente, permittiram a generalização e a extensão aos estados não anormaes; dahi para a collectividade era um passo que se impunha, pela razão mesma que a collectividade é uma reunião de individuos.

Foi, portanto, o conceito de Freud resultante dos dados concretos que surgiam; nasceu e cresceu á proporção que a observação offerecia novos dados, ao passo que o de Jung, como tambem o de Adler e outros, obedece a um systema, adrede imaginado, "como um esforço para fugir ao phantasma da sexualidade", no justo dizer do A., systema que deverá assentar sobre um manequim que, justamente, é o que se pretende conhecer. Caberá agora dizer que neste prelogismo é que reside petição de principio.

E' de admirar, aliás, o erro de critica do A. que mostra conhecer a evolução do pensamento do creador da psychanalyse e sabe que só o reconhecimento de factos foi o seu guia; attingiu a cupola do seu edificio sem idéa preconcebida.

A abstracção e a especulação vieram após, com a resalva competente do proprio.

Houve, assim, um erro historico da critica, tanto mais lamentavel quanto sabe o A. que Jung procurou "libertação do phantasma da sexualidade" em que transborda o preconceito orientador da dissidencia na razão directa de seu enfraquecimento como aspiração scientifica.

Em todo trabalho, entretanto, revela Arthur Ramos capacidades reaes para um psychanalysta aprimorado; o tirocinio completará, seguramente, a erudição, pela vibração dos casos observados que mais alto fallam de que todos os tratadistas, e então, terá respondido que *a psychanalyse com suas ultimas investigações, sempre com raizes na experiencia, acabará englobando todo o acervo das "psychologias dissidentes", como quem acolhe o filho prodigo que um dia desertára da casa paterna...* convencido, no regresso, da falta e arrependido.

CARNEIRO AYROSA.

A. C. GERMANO DA SILVA CORREIA, Professeur à l'École de Médecine de Nova-Goa, Inde Portugaise. — **Les enfants et les adolescents luso-descendants de l'Inde Portugaise**. — Nova Goa, 1931.

A anthropologia vem apresentando em Portugal surto notavel nos ultimos tempos. O illustre professor de Nova Goa pertence ao grupo de brilhantes pesquizadores que, na metropole, conta com os nomes de Mendes Corrêa, Mascarenhas de Mello, Costa Ferreira, Alves dos Santos, Tamagnini, Barros Cunha.

De Silva Correia tivemos, em 1928, uma interessantissima contribuição sobre os Luso-descendentes da India. Agora recebemos o bello volume sobre o crescimento, a anthropometria e a morphologia media dos jovens néo-goenses. E' trabalho que póde servir de paradigma para quem deseje e possa prestar serviço identico ao Brasil. Conheço alguns ensaios dignos de attenção realizados neste paiz. Mas até hoje nenhum chegou a ter as proporções necessarias á boa exploração do assumpto.

Sendo certo que *o crescimento é a chave da morphologia humana* — todos comprehendem logo o interesse que deverá apresentar um trabalho deste genero realizado no Brasil. Innumeros graphicos e boas photographias illustram o volume, cujas conclusões mais importantes são pela não influencia degenerativa do clima tropical.

"Posso affirmar, diz o A., que a porcentagem de escolares atrazados ou enfezados no seu desenvolvimento physico, em consequencia de alimentação insufficiente, attinge a cerca de 86 %. Não são degenerados e sim enfraquecidos por deficiencia nutritiva."

Tal qual acontece aos filhótes de *Géca Tatú* ou de *Mané Chiqui-Chiqui*...

ROQUETTE PINTO

ENRICO CORRADINI

Os jornaes do Rio noticiaram summariamente a morte de Enrico Corradini, dizendo tratar-se de um "senador italiano". Emtanto, Corradini foi um robusto escriptor politico, dramaturgo e romancista que teve as suas horas de forte repercussão. Toscano e — o que é mais — nascido nos dominios de Florença, fundou o celebre jornal denominado *Marzocco* e instigou felizes movimentos litterarios nos circulos florentinos. Para o theatro compôz alguns dramas historicos em que eram evocadas de preferencia figuras de vertiginosos conquistadores á Julio Cesar, e a grande Eleonora Duse animou-lhe no palco uma deliciosa silhueta de apaixonada. A uma collectanea de novellas formosissimamente intitulou: *Le sette lampade d'oro*. Durante a guerra de Tripoli redigiu cartas á mocidade da Italia, concitando-a a ir bater-se pela civilização latina nos areaes da Africa. Foi um dos chefes do partido nacionalista e, como tal, combatente dos mais intrepidos, provocando fecundos debates em torno ás idéas e ás doutrinas que espalhava. Mas, para nós outros brasileiros, Corradini possue um titulo de recommendação muito especial: o de haver, no seu romance *La patria lontana*, descripto, com côres quentes e variadas, a nossa bahia de Guanabara, affrontando um assumpto em que já se havia esmerado um notavel compatriota seu, o sempre encantador Edmondo De Amicis.

LASAR SEGALL

De Paris chegam-nos noticias do exito alcançado por este artista na sua recente exposição de pintura, realizada na Galeria Vignon, *entre 13 e 26 de Novembro ultimo.*

Lasar Segall, de origem slava e formação germanica, é hoje um pouco nosso, pois que pelos laços do casamento se ligou a distincta familia paulista e ha muito tem residencia fixa no Brasil.

Para os que guardam a saudade visual das bellas cousas, não póde estar esquecida a mostra que esse pintor fez aqui, ha uns tres annos, e em muitos de cujos quadros, de forte colorido e clara luz tropical, surgem aspectos bem nossos, como em Aldeia brasileira, Bananal *e* Mulata com o filho, *tão em contraste com algumas outras de suas telas, de não menor sabor, em que Segall, ātido á indole russa e ao judaismo oriental que lhe revigora o sangue, fixa impressionantes figuras do Ghetto, como certas mascaras de longevos rabbinos, de tez macerada, nariz secco e dominador, e longas barbas patriarchaes.*

G. C.

Tres attitudes de Arnold Bennett

Os criticos de Arnold Bennett resumem em tres palavras toda a vida litteraria desse singular creador de ficções: dinheiro, popularidade, arte.

O dinheiro fel-o adherir á doutrina do exito material; a popularidade arrastou-o á reportagem activa nos grandes diarios londrinos, onde as suas faculdades de observação attingiram um alto grão de anlyse e receptividade; finalmente, a arte trouxe-o sempre escravizado ao detalhe, ás minucias psychologicas, aos pequenos accidentes da vida quotidiana. O debate fundamental da critica ingleza consiste em saber se Arnold Bennett deve ser considerado um artista ou um simples ganhador. O romancista freudiano de *The Card* possuia uma consciencia litteraria quasi feminina. Cheio de pudores, aggressivo á menor restricção á sua obra, Enoch Arnold Bennett não sabia nunca até onde iria no revide e na polemica. Todavia, o traço caracteristico da sua obra era a bondade. Desde *A Great Man*, o seu encanto pelas cousas humanas tomou fórmas e expressões singulares. Methodico na construcção das suas novellas, zeloso na apresentação dos seus typos, era elle entretanto um descendente em linha recta dos nobres mestres da litteratura slava, e descrevendo as aventuras de uma familia provinciana ou contando os horrores de uma casa povoada de phantasmas, Arnold Bennett trahia a influencia dos genios da Russia asselvajada dos cossacos.

Bennett modelou a sua galeria á feição dos realistas modernos. Seu realismo derivava da tristeza, uma tristeza tyrannica, absorvente, que alguns biographos desapontados tentaram filiar ás suas origens humildes. Bom irlandez, atravessou a existencia com o ar prophetico de um interprete de versiculos biblicos, mas essa attitude não o define, quer dizer, não traduz toda a essencia artistica e litteraria da sua obra.

A ridente Inglaterra de Dickens não se reconhece no fundo mesmo de *The Babylon Hotel*, nem o surrealismo de Levis poderá exhibir raizes orgulhosas de terra tão fresca e generosa. Em toda a obra de Bennett, assignala Ch. Duff, ha um romantico e assombroso interesse pelas pequenas cousas, pelos logares communs, o que levava, a cada passo, a alludir a um objecto sem importancia com a gravidade de quem narra um acontecimento sobrenatural. Tudo annotou e fixou nos seus livros: os artificios da moda feminina e o quadro desolador da hypocrisia britannica; o espiritualismo de alguns salões de pintura e a graça da vida ao ar livre; os rugidos do proletariado faminto e as conversas vaidosas da aristocracia. Bennett constitue, então, um problema inquietante. Por muito tempo, a critica o considerou um discipulo de Balzac, mais ou menos disposto a galvanizar a comedia humana, mas o seu processo mental, o seu inabalavel dogmatismo de professor da arte de viver, cathedra tambem occupada por lord Balfour, certamente o distancia do clavicularío supremo do romance latino. Do imaginario desabusado de Hanley jámais se separou um philosopho tranquillo, modesto, commovido, e esse a Grã-Bretanha conheceu de perto, estimulou e saudou nas horas calmas de reflexão ou nos momentos afflictivos das reivindicações operarias. Era o Arnold Bennett ao alcance dos mineiros revoltados e dos tecelões diminuidos nos salarios, dramatico preludio da super-producção e da crise dos nossos dias. Resta o artista sem dinheiro nem popularidade. Deste ficou um friso que só o tempo, juiz impavido, saberá ampliar e glorificar.

BEZERRA DE FREITAS.

CORAGEM... LITTERARIA

Sob o suggestivo titulo *Fauves humains de l'Amazonie*, o editor Fasquelle promette para muito breve a reunião em volume de certos folhetins que a Sra. Roger Courteville andou a publicar em successivos numeros do semanario *Gringoire*. Parece que essa franceza já esteve mesmo por aqui e da sua autoria existe um outro livro tambem de impressões sul-americanas: *De l'Argentine à l'Amazones*. Acontece, porém, que justamente agora, quando lhe apregôam o trabalho de maior exito, o Dr. George Montandon, pelas columnas do *Mercure de France*, com algumas transcripções edificantes, demonstra que a "grande exploradora" não limitou a sua afoiteza em defrontar as féras amazonicas, mas investiu tambem de rijo contra trabalhos alheios, surripiando-lhes tudo o que pudesse dar mais brilho ás suas paginas, inclusive um trecho de certa communicação do proprio Dr. Montandon ao *Journal de la Société des Americanistes de Paris*...

LETTRAS INGLEZAS

Mais do que nunca, está em voga na Inglaterra o processo das biographias criticas ou romanceadas.

David Loth trata de *Lorenzo the Magnificent*, dando ao volume o colorido da edade que evoca, mostrando-lhe a grandeza e a corrupção, a figura central e os typos subsidiarios. O maior dos Medicis, homem de Estado e artista, diplomata e organizador de cortejos carnavalescos, preferindo o contacto dos humanistas ao dos fidalgos emproados, indeciso entre o paganismo e o christianismo, entre as bellas cathedraes da Peninsula e as reminiscencias da velha Grecia, — Lourenço o Magnifico empresta um grande valor ao trabalho de David Loth.

The Friend of Shelley, o livro de H. J. Massingham, versa sobre Edward John Trelawny, um mixto de salteador, pirata e heróe, que foi popular em França, através de escriptos seus divulgados por Alexandre Dumas Pae. Trelawny era um enthusiasta de Shelley e, menos amigo de Byron, teve para com este algumas phrases amargas e nem sempre muito honrosas. Redigia com facilidade as suas aventuras, e as memorias que nos legou ainda hoje podem ser percorridas sem cansaço.

Stephen Gwyn consagrou a *Sir Walter Scott* uma biographia sã e affectuosa, informativa e bem desenvolvida. Procedendo do austero ambiente de Edimburgo, traduzindo Goethe e Burger, cinzelando balladas lyricas e expandindo os amores do ultimo menestrel, Scott foi, acima de tudo, o verdadeiro creador do romance historico, das resurreições cavalheirescas, e sua obra é por assim dizer o guarda-roupa em que se foram aprovisionar todos os cultores do genero, Manzoni, Dumas, Bulwer-Lytton, sem mesmo exceptuar Alexandre Herculano. Um tanto megalomaniaco, mettendo-se em despesas excessivas, arruinou-se e teve de entregar-se a uma labuta esfalfante para satisfazer os credores avidos, o que o levou a matar-se antes do tempo, com uma dignidade verdadeiramente aristocratica. Esse visionario do Passado, somnambulo da Historia, é um paizagista unico, um bom descriptor de batalhas e as suas heroinas possuem muito mais psychologia do que pretendia Balzac. Uniu a phantasia á realidade, soube dosar habilmente o grotesco e o dramatico e ás vezes parecia um archeologo exacto, tal a precisão com que se dava a certas excavações nos archivos seculares. Competiam, nelle, nobreza intellectual e nobreza de caracter. Seu estylo, fluido, flexivel, é uma das glorias e um dos modelos da prosa britannica.

Uma figura mais moderna, *Rudyard Kipling*, é posta em scena por Thurston Hopkins. O filho de Bombay, vigoroso temperamento de "reporter sublimado", enche esse formoso ensaio com os seus bons romances e as suas visões imperialistas. Já os irmãos Tharaud, no começo da carreira litteraria, em novella premiada pela Academia Goncourt, havia fixado o typo meio bohemio mas profundamente patriotico do cantor, do incentivador da energia ingleza, sempre interessado pelos soldadus, pelos marinheiros da velha Albion e não comprehendendo que esta possa deixar de ser dominadora e rainha em tantos continentes. Hoje é provavel que, com a decadencia da libra, Kipling esteja um pouco triste. Nada, porém, o impedirá de, com a incoercivel abundancia que se lhe conhece, continuar a enriquecer os jornaes londrinos com as suas chronicas e os seus contos redigidos numa linguagem especial, meio lyrica e meio épica, na linguagem, em summa ,das impressões de viagem que por lá espalhou ao regressar de uma excursão ao Brasil.

Paginas realmente substanciosas as que Edith Sitwell dedica a *Alexander Pope*. Filho de paes catholicos, Pope celebrizou-se como traductor de Homero e, logo, como admirador da cultura pagã. A sua transposição dos versos do poeta grego ao idioma inglez foi-lhe, de resto, grandemente frutuosa, dando-lhe casa para morar e uma renda que lhe permittia manter-se longe da côrte e das vaidades dos falsos gentishomens. No fundo, era um puritano e, ao paraphrasear Horacio, não applaudiria de todo os enthusiasmos bacchicos do mestre e o seu pendor para o culto de certas senhoras de moralidade suspeita. Talvez mais didactico que lyrico, inspirou a Taine algumas restricções ironicas, a que Sainte-Beuve responden com vivacidade pouco frequente nelle. Nada de romantico em Pope e o seu classicismo meio empertigado só se comprazia nos modelos de bom-gosto e bom-tom do seculo de Luiz XIV. Mais do que as suas estrophes academicas sobre o roubo da trança, os seus versos sobre a solidão garantem-lhe a immortalidade dos florilegios.

Hilaire Belloc, amigo de Chesterton e adorador de Roma, publica um estudo relativo a *Richelieu*. Reencontra-se ahi o mecenas dos escriptores francezes, dado a corrigir os autores que protegia e soffrendo elle tambem da comichão de celebridade através da litteratura, querendo ser um mediocre rimador quando era — desculpem se é pouco — o maior estadista europeu do seu tempo. Falhando como autor, Richelieu valeria bem mais como inspirador e, se as suas criticas ao *Cid* e as suas demonstrações de ciume deante da gloria de Corneille o tornaram, em vida, um boccado ridiculo, ninguem maculará jámais o renome posthumo daquelle que, lutando contra os Cinq-Mars, os Condé e o proprio rei, foi o honesto mantenedor da unidade politica e territorial da França.

VENENO INTERIOR

O escriptor Orris Soares dirigiu ao romancista C. da Veiga Lima, a proposito do seu romance *Veneno interior*, a seguinte carta:

VEIGA LIMA:

Não trabalha V. para a maioria. Procura o grupo. E dentro do grupo ainda faz restricções. Nem todos lhe corresponderão claramente.

O leitor seu tem que ser, na ordem do espirito, um parente proximo: typo sensivel-amoroso, amando os dados intellectuaes. Os eus que V. espalha nos seus livros, são sensibilidades incontidas, por onde passam certos themas de especulação mental. Veja: não digo intuitiva, digo mental, mais especulação, isto é, investigação theorica, que instincto. Seja menos *Bergson (a despeito de seu querer, meu caro) e tenha mais preoccupação de viver intellectualmente um sentimento onde o amor tende a certa finalidade esthetica.*

Seu Claudio *"querendo tudo analysar para a glorificação do amôr", analysar, reparé, é outes e acima de tudo e por todos os caminhos de sua vida de intensa trepidação nervosa, um cerebral.*

No romance V. procura moldura para seu sentimento, e como este representa-se por vibrações luminosas, esforça-se V. por um processo de arte que seja tambem todo vibração luminosa. Subjectivismo puro. Não estivesse hoje a palavra astral mal acompanhada, procuraria eu forjar com ella um ismo para lhe applicar.

E' o amôr de Claudio sentimento agonico que se expande procurando certo cabalismo. Achei o termo: V. faz especie de cabala atomistica, e dentro della seu heroe vive dolorosamente. Julga Claudio que Maria Eleonora não o allucinou, entretanto o estado delle é de constante allucinação. E quando a perde definitivamente (porque ella é a belleza que não pertence a um só) passa a viver como quem desce ao tumulo.

Fará V. bem de praticar semelhante arte, de caracter muito pessoal? Depende: sentindo coragem de trabalhar dispensando o dynamismo que vem para o escriptor da repercussão de sua obra mantenha seus processos, guardando fidelidade completa a V. mesmo, sempre desattento ao leitor. Se este, porém, representado no grande numero e não no pequeno grupo, lhe é indispensavel, opere algumas concessões, objectivando mais a finalidade de seus futuros romances.

Quanto a mim prefiro a primeira fórma; cacura no sentido de nebulosa com tendencias para o abstruso. Na claridade todo mundo sabe andar; na escuridão, só certas féras, certas aves, certos homens. Tudo que é grande vem do seio da escuridão.

Nos seus livros não devemos procurar viver os personagens; procuremos alcançar-lhes o pensamento, para depois lhes comprehender a vida.

Fôra eu critico, mandar-lhe-ia dez laudas. Tenho medo do caminho...

ORRIS SOARES.

ENTRE O ROMANCE E O THEATRO

Pierre Frondaie, que escreveu *Montmartre*, *L'Appassionata*, *Beatrice devant le désir*, dá-nos hoje *Iris perdue et retrouvée*, um romance. O romance de uma jovem que se destina ao convento e, em caminho, resolve optar pela bohemia. Nasce, então, no espirito do leitor o parallelo entre a quietude do claustro e o tumulto da vida mundana. Theatrologo poeta, romancista, Frondaie, embora discutido, é sempre admirado. Condemnam-lhe a syntaxe suspeita, a lingua complicada e certo catonismo com que vê homens e cousas. Accusam-no de estar sempre de mão estendida, a esperar a esmola dos applausos. Fernand Gregh disse delle que era um homem capaz de despertar odio, inveja, malevolencia e todos os sentimentos, salvo a indifferença.

M. G.

LETTRAS HESPANHOLAS

No caso de *El Criticón*, de Baltasar Gracián, parece verificar-se, ainda uma vez, que quem quizer o mais novo deve sempre procural-o no mais velho. Assim é que esse livro de critica ao genero humano, esse passeio através das miserias e grandezas terrestres, datando de meiados do seculo XVII, recomeça a desfrutar de um renome verdadeiramente europeu. O trabalho do religioso de Belmonte impõe-se á estima de homens que têm tres dedos de testa e nunca se descobrem deante de baboseiras. Primeiro, Schopenhauer o traduziu com amor, contente por encontrar na calida e derramada Hespanha um "spiritus asper" como o seu e um grande contendor das vaidades humanas, tão desdenhoso dos frequentadores das tascas hespanholas quanto elle, Schopenhauer, dos burguezes das tavernas de Francfort. Depois, Farinelli, forte em litteratura comparada, collocou Baltasar Gracián acima de Quevedo, pela força e pelo poder da reflexão philosophica. E, mais recentemente, o francez Rouveyre, cujas caricaturas foram comparadas a calumnias e cujos escriptos sobre Gide e Gourmont são de um escriptor retorcido como escada de caracol, prefaciou a traducção dos ensaios selectos desse prosador bem pouco exaltado em vida e que, cioso das suas tarefas liturgicas, quasi nada se preoccupou com as feiras de livros e as corôas academicas...

— Santa Thereza de Jesus, tão mal comprehendida num drama inepto do versatil Catulle Mendés, interessa no momento a dezenas de analystas de almas. A creatura de excepção, autora do soneto a Christo, que alguns attribuem a S. Francisco Xavier, e que, apesar dos seus fervores mysticos, das suas crises de illuminismo, foi uma admiravel organizadora de collegios e conventos, desdobrando-se numa energia verdadeiramente masculla, continúa a ser o thema central de varios estudos consagrados ás lettras de Hespanha. Angiolo Marcori e Robero Weiss põem-lhe a autobiographia em italiano, numa edição para eruditos, rico de confrontos historicos e de indicações bibliographicas. As singulares virtudes de contemplação e acção proprias da raça que dominou a Europa com Carlos V, descobriu a America e fez dos jesuitas o estado-maior intellectual da Egreja, têm, ainda hoje, a sua melhor figura representativa na chamada Virgem d'Avila. Nada de mais importante occorreu na Hespanha catholica que a vida e mesmo a legenda dessa incomparavel creatura e bem se explica que frei Luiz de León affirmasse encontrar nos escriptos da Santa "uma voz sobrehumana".

— Andam agora recolhendo em Madrid as cartas trocadas entre Juan Valera e Menéndez y Pelayo. Valera foi o mais seductor dos diplomatas. Assimilador por excellencia, comprehendeu todas as litteraturas e todos os paizes que, atravessou. Indo á America do Norte, leu e paraphraseou Edgar Poe, Walt Whitman e Russell Lowell, admirando a prosa enjoiadada do primeiro, o torrentoso impulso democratico do segundo e a nota bonacheirona do terceiro. De tudo extrahia elle miuncias para os seus romances cosmopolitas. De passagem aqui pelo Rio, viu muito bem o ambiente carioca do Segundo Imperio, focalizando, no excellente romance *Genio y Figura*, o coquettismo de uma linda mulher que civiliza e ennobrece um commerciante grosseiro, de modo a arrancal-o da animalidade do armazem para os encantos da vida sociavel. Conheceu a Italia e a Russia, sabendo de cór versos de Foscolo, dando muita attenção á bizarra psychologia moscovita e não se equivocando quanto ás surpresas que ainda sahiriam de lá para confusão do resto do mundo. Seus trabalhos, especialmente a inconfundivel *Pepita Jiménez*, mostram-no o homem que, apesar de eclectico, desejava fosse a arte um continuo festim de delicadezas... Quanto ás suas cartas ao critico Menéndez y Pelayo, então ainda adolescente, ao passo que Valera já passara do meio seculo, provam que Valera não tinha horror ás gerações novas, não era misoneista em litteratura, e, mesmo celebre, não se isolava num silencio e num retiro orgulhosos. Dando pouca importancia aos detalhes profissionaes da carreira diplomatica, apparece-nos elle, em seu epistolario, todo humanista e artista. Desfrutando semanas de ocio campestre, entre os seus livros e as suas arvores das vizinhanças de Cordôva, Juan Valera aconselhava e orientava o futuro historiador das lettras castelhanas, ainda não atacado pela super-alimentação erudita que o contaminaria depois. Propunha-se até a escrever com Menéndez y Pelayo uma historia universal e a organizar, com elle, uma série de classicos para uso da juventude patricia. Traductor de *Daphnis e Chloé*, o notavel romancista pensou ainda em traduzir Eschylo para os rapazes do seu tempo. Accentue-se finalmente que, com uma curiosidade intellectual só comparavel á de Farinelli, Valera se fez, durante a sua estada em Portugal, um grande conhecedor dos autores lusitanos e era capaz de citar, sem um tropeção de memoria, estrophes inteiras de Camões ou de Bocage...

Da série *MES CAHIERS*, de MAURICE BARRÈS, 3º vol., 1931.

— Objecção de Jules Soury á religião da humanidade: "Nada mais vil que a humanidade. Fôra melhor render um culto aos cães, tão bons, excellentes."

— Pensar em Hugo. Sua avidez de gozar o Universo.

— "Tres côres", diz Forain do Greco.

— Atirar no molde tradicionalista, no molde do bello, um pensamento moço.

— ...toda litteratura, Balzac, Taine, nos ensina a desprezar os homens.

— Soury retorna á these de que elle não se permittiria augmentar a dôr, a velhice, a morte no mundo. Dahi seu celibato.

— A' distancia persuadimo-nos de que as cidades famosas são mulheres novas: apressamo-nos, o coração em desordem, para uma entrevista de amor, e a alcova está vazia, tudo é de pedra.

— Madame de Noailles é o poeta dos jardins e da juventude. O genio de que ella é dotada, ou melhor, affligida... Que familiaridade! Ella traz o sol, como uma flôr, em sua mão.

— Fui a Paris e ahi não consegui achar a França.

— As leis do mundo que outros chamam Deus e vós chamaes a sciencia...

— Contaram-me que Rodin acreditava a arte grega anonyma e Phidias uma especie de empreiteiro.

— Gautier dizia: "Quando percebo que estou fazendo versos com muita facilidade, passo seis mezes sem escrever nenhum."

— As qualidades de um artista são de ordem interior e não podem depender dos seus leitores, do seu successo.

— Roma é para mim, muitas vezes, a Inglaterra, e a França a Grecia.

— Luiz XIV é um Medicis, Bonaparte um toscano. Sublime Toscana.

— Bella phrase de Pontmartin sobre Balzac: "Ha nelle uma perigosa propensão a sonhar qualquer coisa de mais elevado que o dever."

— A arte faz ver e reconhecer aquillo que nunca se viu.

— Vigny. Alma bem maior que o talento.

— Uma anthologia é sempre um erro.

— De Luthero: "A musica é a mais bella coisa do mundo, depois da theologia."

— Os gregos chamam Prometheu de "obreiro" e dizem que por isso elle é superior aos deuses.

— Tristeza de vel-a assim bella, satisfeita...

— A lingua franceza, a despeito dos nossos revezes militares, permanece ainda o que foram o grego e o latim, a lingua das pessoas bem educadas de todos os climas.

— Goethe, homem do Norte, amou a luz do Sul e, catholico protestante, quiz no Sul reencontrar a serenidade pagã.

— As gentes da Renascença se serviam da Antiguidade para justificar seu sensualismo desbridado.

— Flaubert, escriptor mediocre...

— Vejo como as minhas faculdades me limitam e como o meu destino me limitará.

— ...a juventude que ha na palavra Provença.

— Meus gostos do semestre...

REVISTA DE CULTURA

Eis ahi uma revista que tem sido realmente um instrumento de cultura. Dirigida pelo padre Thomaz Fortes, nome [illegible] figura de humanista catholico, forte em estudos latinos e germanicos, amigo de Silva Ramos e Mario Barreto, — essa publicação é das que trazem prestigio ás lettras do Brasil. Publicação que vale por um appello aos bons estudos linguisticos, á erudição intelligente, ao humanismo creador. Deseja ella obter, nas pesquisas philologicas, a unidade pela continuidade, e, desprezando os aspectos precarios e secundarios, só se preoccupa com o que ha de verdadeiramente duradouro nos problemas de pedagogia. Tradicionalista de bom gosto, o padre Fontes não impede o accesso dos moços ás columnas da sua revista, certo de que assim a tonifica, a anima no sentido de um contacto directo, efficiente, com a vida de hoje. O director de um tal mensario é dos que, segundo o conceito de um moderno, julgam ser a qualidade mestra da creação litteraria "uma aspiração á harmonia superior, á ordem elevada, á arte como transfiguração do homem e figuração de Deus."

A PROPOSITO DO BOLETIM DE ARIEL

Damos a seguir uma carta do autor da *Nova Maneyra de Fallar*:

Solar d'Azcurra, dezembro de 1931.
Muy insigne Senhor Gastam Cruls:

Por via daquelle nosso amaravil amigo que bem sabeys, houve conhocença de que naquelle folheto de que soys impressor — Boletim d'Ariel — *se fez publica huma lettra enderençada por mi a honrrado academico. Amostrastes com esto que grau fiuza haveis nos meus humildosos meritos de letterado, & mettendo-me em tam illustre companha, jaa soys polo certo acredor da minha segura affeçom. Mas porêm a bem sabida lialdade dos Carrazedos, & Mendonças, me obriga de pagar com roim galardam a vossa bondade pera commigo. Assi cumpre que seja, & seraa:* Amicus Plato, sed magis amica veritas. *Ademays, antre varoens de prol, como vós, & eu, to dalas rezoens, & propositos, que brotam nos entendimentos, ham de ser pera logo despejados polas boccas, ca fidalgos querem-se liaes, & francos, como Nunalvarez, & D. Fuas Roupinho.*

Por que haveis posto por rotulo ao vosso folheto — Boletim d'Ariel? *Boletim soi ser dicção em uso nas milicias, & posto que seja eu, como sabeys, grand' amigo de cousas bellicas, & feytos d'armas, & até polo partido dos mancebos lugares-tenentes, nam na considero assaz de polida pera aquelle mester. Pera gançar mays sonoridade lhe havereis de chamar* Boleto d'Ariel, *porque, consoante os preceptos do Diaz Gomes, sam as vozes em eto mays graciosas, & vernaculas, que as em* im. *Este nome d'Ariel me parece outrossi algo desapossado. Se amaes a fabula, porque o nam bautizastes entam co nome de* Boleto d'Adamastor, *ou co poetico, & melindroso nome de* Sospiro das Tagides? *Mas porém a denominação que melhor houvera de calhar ao vosso folheto devera de ser esta* — Sentinella espivitada na guarita das boas lettras. *Por que tam alongado rotulo? me heis pera logo de preguntar, & eu vos direy: porque o que pertendeys co vosso folheto he doutrinar os povos nescios, & indoutos, no caminho das sãs leyturas, amostrando-lhe quaes os cartapacios, & livros, que cumpre lerem pera sua instrucção, & deleyte, & defendendo-lhe que nam leiam os livros maus, ante os quaes devem de fogir como de bivoras peçonhentas. Pois este he o mester que cumpre ao sentinella espivitada, com mil olhos pera enxergar o mal, & mil boccas pera denunciallo.*

Ainda neste capitolo me hei de querelar com arroido ante vós. Li, & reli todo o vosso folheto, & quedei-me alfim co espirito em jajun! He que tudo o que lá havia pera ler era cousa pouco estavil, & lixosa, & mui leve pera a minha insaciavil gargantuyce de boa prosa lusitana. Onde as saboridas, & succulentas fatias dos Luises de Sousa, dos Fernoens Mendez, dos Jooens de Ceuta? Nem lhes senti sequer o almiscar nas regras do vosso boleto. O que hi avondava eraes formygas em cangiram d'oxymel, eram esses insipidos confeytos que saem das pennas dos tarelos, dos francelhos de maa morte, de todos esses pitta verdes que devastam as boas lettras.

Por todalas rezoens que hi compus pesa-me assaz de nam vos poder dar aqui os prolfaças que me cumpria, mas cuido que esto vos nam ha de molestar em demasia. E pera vos amostrar que muito fio do vosso engenho, rogo-vos que me deys, como fisico, & letterado, o vosso parecer num caso de monta. Ha hi hum fisico per nome Perez Rabello, com officina montada acerca da casa da mala-posta, o qual, segundo se soa, possue miraculosa mezinha pera desmanchar, & desfazer pregas da pell. Seraa esto verdade, ou seraa engodo pera tontos? Dizey-me se he certo, porque se o for hey de la ir asinha, ca o meu mayor desejo hojendia he haver a pell tam lisa, & çetinosa, como a do nosso amado Aloysius.

Vosso humilde servo

BARÃO D'ASCURRA.

MICHAEL ARLEN — MEN DISLIKE WOMEN — 1931.

Um romance "up to date" desenrolando-se no paiz "up to date" por excellencia: os Estados Unidos. No emtanto, o principal personagem nada tem de americano. Michael Arlen fal-o educar-se na Inglaterra "to learn to be a nice little English boy" e na França "to learn to be a beastly little French boy", donde um amalgama sympathico de sensibilidade, de sceptiçismo, de boas maneiras e até de acção. O enredo, muito movimentado, é cheio de lances imprevistos. As criticas, finissimas, têm tanto do materialismo excessivo do paiz dos dollares como do espiritualismo exaggerado dos latinos. Ha personalidades admiravelmente bem observadas e reaes ao extremo. Ha phantasias originaes e divertidas. Ha emoção intensa e inesperada. E' um livro que, sem ter a pretenção de ser um estudo profundo, nos mostra muitos ridiculos, nos explica muita cousa incomprehendida, distrahindo sempre.

JACK SAMPAIO.

J. CANUTO MENDES DE ALMEIDA — CINEMA CONTRA CINEMA — Comp Edit. Nacional — São Paulo, 1931.

O sub-titulo desta obra é o seguinte: "Bases geraes para um esboço de organização do Cinema Educativo no Brasil". Titulo e sub-titulo que se justificam plenamente no decorrer do volume. O autor, com uma grande somma de observações directas ou de documentos alheios, mostrando que acompanha ha muitos annos as peliculas mais significativas e os mais significativos commentarios dos criticos da chamada arte muda, insurge-se, em boa hora, contra o cinema simplesmente divertidor e por vezes perversor, oppondo-lhe o cinema didactico, no melhor sentido da expressão. Quer elle o cinema não só aspectos materiaes, mas tambem intellectuaes e moraes, o cinema que vale por um elemento educativo e accrescenta algo ao espectador que despende cinco mil réis para ver uma fita e sáe apenas alliviado na carteira, sem trazer nenhum accrescimo de gosto ou cultura. O livro do sr. J. Canuto Mendes de Almeida, bastante opportuno, é dos mais legiveis, sendo bem escripto porque, antes de tudo, bem raciocinado.

KOCHANOWSKI

A litteratura dos povos slavos, exceptuada a russa, cujos principaes autores são traduzidos para o francez, não é sufficientemente conhecida, a despeito do valor intrinseco de muitas obras de seus principaes representantes. Póde-se dizer que a poloneza, por exemplo, não logrou diffundir, no mundo inteiro, senão dois nomes: Mickiewicz e Sienkiewicz. No emtanto, trabalhos de excepcional talento nella se encontram, em todos os generos, com especialidade no romance e na poesia.

No primeiro ultimamente surgiram: Ladislás Reymont (premio Nobel) e Zeromski, já louvados pela critica occidental. Na poesia, porém, Mickiewicz, continúa a ser, no extrangeiro, não diremos que o unico, porém o mais representativo vate da Polonia.

O nobre paiz está festejando, n'este momento, um dos principes da poesia nacional: Jean Kochanowski. Evoca-se por certo uma antiqualha, pois que a ephemeride commemorada é, simplesmente, a do quarto centenario do nascimento do poeta. Plena Renascença. Periodo de ouro das lettras polonezas, todo elle dominado pelo vetusto autor. Affirma a critica autorizada que Kochanowski, antes de tudo, primou pela fórma, e a fórma é tudo ou quasi tudo no verso.

Outros o cognominaram: o amigo das rosas, pois, como Sadi, o vate, persa, entre ellas viveu feliz e descuidado, até a morte de Ursula, sua filha. O triste acontecimento marcou um poema, não sabemos se no genero do nosso conhecido Fagundes Varella. Opiniões de monta o comparam a Dante, no sentido da creação da fórma litteraria na lingua.

Taes, em rapidos traços, o que nos é possivel significar de Kochanowski, recentemente analysado pela palavra de João do Norte, em magnifica conferencia na Academia.

U. S.

LEIAM:
MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA
A VULGARIZAÇÃO DO SABER
(Ensaios)
ARIEL, editora ltda.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS & ARTES & SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | N. 5 - FEVEREIRO 1932 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

O crepusculo da Litteratura

O MAIS divertido dos jogos do espirito, para um sceptico, deve ser pesquizar a verdade humana, a que depende de nós, a nossa "sabedoria", já condensada pelo povo em maximas e proverbios. Adagios, ad agendum apta, *regras de bem viver: é só tomar por um delles, e está certo. Desgraçadamente, para cada situação humana, ha dois, em sentido contrario: Pró e contra. Só os dois estão certos.*

*Não só nos proverbios. Em tudo. Um dos logares communs do ideario é aquelle postulado de De Bonald: "a litteratura é a expressão da sociedade". Oscar Wilde pretendendo demonstrar que a vida copia a arte, e não o contrario, podera dizer: "a sociedade é expressão da litteratura". A razão intima e profunda, já sem paradoxo, daria Anatole France: "lentamente, porém sempre, a humanidade realiza o sonho dos sabios". Esses "*sages*", que desejam no futuro, vaticinam como poetas, e essas lettras, são litteratura.*

Mestre desta arte, Fernand Baldensperger, depois de mostrar que a litteratura é muitas vezes o que falta á sociedade, e, portanto, "compensadora", chega ao avesso contrario, mostrando como, ás vezes, "a litteratura é o inverso da sociedade". Bem entendido, um paiz não será um livro; mas todos os livros de uma época serão esta epoca na sua realidade ou na sua aspiração; no que é, e no que será. De Bonald e Wilde, Baldensperger e France.

*O gesto quixotesco de Grasset-editor, querendo "*casser les reins au roman*", empurra uma porta aberta. Poderia extender a formula a toda a litteratura sumptuaria ou imaginativa, a litteratura desinteressada.*

*Estão morrendo os grandes "litteratos" do mundo e os que ainda subsistem vêm de antes da guerra. Falo das expressões universaes. Hardy, Conrad, Verhaerem se foram; Kipling, D'Annunzio, Shaw estão decrepitos. A França, depois de France, não tem um nome universal; Proust, Gide ou Claudel pertencem a capellas ou seitas e ainda são "*avant-guerre*". O interesse mesmo francez pelas traducções, havendo agora descoberto as litteraturas extrangeiras, attesta que não se contentam com os seus Maurois, Green ou Bernanos...*

Só nos paizes nordicos ha "renascença"... litteraria. A afortunada distribuição dos premios Nobel, se agora corôa preferentemente sub-productos regionaes, dosadamente suecos, noruegos e dinamarquezes, acabará por incitar a producção litteraria nestes paizes preferidos. Mas, isso, confirma meu postulado.

As epocas de intensa producção litteraria foram os periodos de esperança, de tranquillidade relativa, de abastança geral, que dava para o sumptuario da arte e da litteratura. O tempo de Pericles na Grecia; o de Augusto, em Roma; o Renascimento em toda a parte subculta da Europa — com a imprensa, as navegações, a Reforma —; o de Luiz XIV; o da Rainha Victoria .. foram esses periodos, e a situação politica e economica do mundo os explica, litterariamente.

Quando sobrevem a ameaça Macedonica; quando os Barbaros invadem o imperio, collaborando com os imperadores; quando ha necessidade de repellir tambem espiritualmente a invasão mussulmana; quando a victoria, tambem infiel aos velhos, trae o Rei-Sol; quando os Dominios começam a emancipar-se de Albion; quando o mundo péga fogo na mais espantosa das guerras... não ha mais logar para o sumptuario, para a ficção, para a litteratura pura.

A litteratura dagora é social, como foi a de Demosthenes, protestando; como foi a de Tacito, castigando; como a Escolastica, reensinando a crer e a pensar; como a do Seculo XVIII, philosopho-encyclopedica, da Aufklärung; *como a do começo do Seculo XX, politico-marxista... Oratoria eleitoral, historia tendenciosa, religião e conhecimento, divulgação scientifica, economia, technica... São valores immediatos.*

Estamos assistindo a um crepusculo litterario, a que se vae seguir ainda a noite — desejemos seja curta noite de verão... — cheia apenas de preoccupações pragmaticas, que tiram o somno, ou talvez traga algum sonho errante... Não ha logar para poesia, embora haja ainda um ou outro poeta. Os individuos são excepções, ás vezes aberrantes. Conta a sociedade. E a litteratura apenas lhe exprime a felicidade.

AFRANIO PEIXOTO.

O Inferno Verde do "Britisher"

A casa Payot de Paris acaba de publicar um livro de Julian Duguid. O original em inglez intitula-se *Green Hell*, que o francez traduziu litteralmente: *L'Enfer Vert*. E' a relação de uma travessia no chaco boliviano.

Para o autor o Inferno Verde tem uma extensão bem maior que a attribuida ao meu pobre *Inferno Verde*. O largo trecho da terra encarapinhada de florestas, que Duguid assim nomeia, vae do alto da Argentina ao seio das Antilhas e apresentar-se-ia com a fórma de um corpo humano. Os pés no Pilcomaió, o tronco constitue-se pelo Brasil, Paraguay e Bolivia d'Este. Os hombros chegam aos oceanos no Equador e em Pernambuco. O pescoço recurva-se nas entranhas da America Central. Tres arterias principaes, o Amazonas, o Orenoco e o Paraguay desenham-se-lhe no vulto. Esse Inferno Verde não parece ter ganho muito, ganhando taes dimensões geographicas. Outro virá que o emendará com as selvas do Congo e do Indostão...

Duguid refere-se a umas seiscentas raças differentes de indios, errando como persevejos nos pellos da mattaria do seu Inferno Verde. Não é essa a menor das bobagens ethnologicas do seu tomo de pilherias, onde como num *mixed pickles* de segunda qualidade apparecem certos pepininhos mais corneos.

A expedição tem todos os ares de um conto abreviado numa fita de cinema pela tesoura sensata de um cineasta medroso. Poderá ter sido toda ella realizada *in loco*, mas a apparencia é de ter sido manipulada no gabinete, ao lado de uma bibliotheca prenhe de todos os máos fazedores de livros de aventuras, entre os quaes se inclua como *chef de rayon* o proprio Gustavo Aimard.

O entrecho do conto desenvolve-se na companhia de um diplomata boliviano, de um filmeador e do proprio autor do livro. Annexa-se-lhes um caçador fortuito que é um páo para toda obra.

A outros a opinião que seja o volume superficial, mediocre e sobretudo falso. Mas o molho inglez do *humour*, que habitalmente o britannico mistura á sua cozinha litteraria, não parece haver-lhe mudado a marca. Para começar ha uma giboia agarrada á unha, uma caranguejeira que foi tomada por um gato. O simples tucano toma o aspecto extranho e raro de um gallo de quatro patas. Os jacarés metuendos vestem uma roupa de chifre...

O autor toma a liberdade de não gostar de Corumbá. Mas não diz muito mal dos brasileiros, mesmo quando os encontra vencidos, na columna Prestes, roendo o pão do exilio, depois que como um bando de caitetús, conduzidos pelo espirito do defuncto tactico que se chamou Jomini, andaram sem maior proveito para todos nós, revirando a mandioca das roças do centro do Brasil.

O silencio da floresta é distinguido por Guid dos demais silencios. Mas essas inesqueciveis horas nocturnas, que o nosso nativo chama *kiriri*, conjuncto poetico do assombro dos astros pingados na treva ao murmurejo com a matta em extasis, colhendo o orvalho na sua urna de sombras, no fremito intraduzivel de um sonho de creação micro-organica, não merecem senão commentarios de uma vulgaridade de caixeiro viajante perdido numa pagina da *A Jangada* de Julio Verne. Guid accusa o *kiriri* de más intenções: "E' elle que vos faz armar o revolver, com a idéa que, aconteça o que acontecer, não tereis tempo para reflectir." Ora, essa musica de fluidos é uma orchestração da luz estellar, dos reflexos d'aço das aguas quasi paradas, das copas coalhadas das grandes arvores, da capoeira toda vibrando na symphonia ultra delicada dos mysterios da noite, quando tamborila o sereno num xylophone servindo-se como vaquetas dos palpos dos mosquitos despertados...

Tambem o *kiriri* é accusado de não dar somno. Quanto a mim não sei de melhor canto de embalo que esse triturar de sons imperceptiveis, repercussão da tal *musica das espheras* nas cordas d'essa harpa eolia, tendida de sapopema a sapopema nos sertões de nossa terra. O inglez ouvindo-a pensou num Smith Wesson, a mim lembrava-me Ariel e seus balbucios indefiniveis, divertindo-se a fazer tremer o luar. E assim lambusava-me de uma colla-forte as palpebras cansadas.

Green Hell parece ter provocado a zanga dos bolivianos, antes mesmo que podessem dizer alguma cousa os manes de Crévaux.

A denominação de *Inferno Verde* dada aos meus primeiros contozinhos e que tantas vezes se applicou pelos nossos patricios á região amazonica não suscitou protestos. Comprehendendo a importancia litteraria de um rotulo, o brasileiro mais intelligente e sobretudo mais ladino, adoptou sem rancor a epigraphe geographica do inferno que a nossa paciencia, a nossa coragem, o nosso trabalho e a nossa fortuna hão de tornar um paraiso...

ALBERTO RANGEL.

Valdomiro Silveira — NAS SERRAS E NAS FURNAS — Comp. Edit. Nacional, S. Paulo.

Ha alguns annos, quando Monteiro Lobato, com o impeto e a intelligencia que empresta ás suas iniciativas, lançou-se á industria do livro, entre o punhado de obras, escolhidas com alto discernimento critico, que logo chamaram a attenção para a sua casa editora, estava um livro de contos, *Os Caboclos*, da autoria de Valdomiro Silveira.

Este nome soava como o de um estreante aos ouvidos do grande publico, embora para um circulo restricto de intellectuaes, sobretudo paulistas, fossem muito conhecidos certos trabalhos, de perfeito acabamento litterario — pequenos contos, rapidas narrativas — sempre de eminente espirito regionalista, espalhados de longa data por jornaes e revistas, e que eram assignados por aquelle nome.

Na verdade, Valdomiro Silveira é quasi um precursor no genero que fez a gloria de muitos patricios nossos e se até a publicação do seu primeiro livro, as suas producções ainda não haviam logrado o apreço e a divulgação que mereciam, era tão só devido ao feitio do escriptor, que sabemos modesto, retrahido, e absolutamente infenso a qualquer ordem de alarde em torno da sua personalidade.

Com admiraveis dotes de observação e um perfeito conhecimento do meio que descreve, Valdomiro Silveira, numa prosa bem brasileira, cheia de naturalidade e frescor, rica de modismos e expressões peculiares ao linguajar caipira, traz para as suas paginas impressivos painéis agrestes, suggestivos aspectos da vida rural paulistana, em que o nosso caboclo surge e se retrata como jámais fôra representado.

Os contos ora reunidos em volume sob o titulo *Nas serras e nas furnas* continuam e por assim dizer completam a serie iniciada com *Os caboclos*, que tanto exito alcançou quando da sua publicação. O livro de agora, entretanto, tem uma particularidade que não nos occorre estar tambem presente na outra collectanea, e vem a ser a total ausencia de entrecho amoroso ou mesmo de representação feminina em qualquer dos muitos themas desenvolvidos pelo autor. Isso, porém, não passará de um capricho curioso e que em nada arrefece o sabor dessas encantadoras historietas, todas de igual interesse.

G. C.

Um Mestre no Epigramma e na Polemica

Por uma destas manhans glaciaes, nevoentas e humidas de inverno, typicamente hamburguezas, iniciadoras dos corpos mais athleticos nas delicias do rheumatismo e da bronchite, entro na sala de trabalho e encontro sobre a minha mesa o livro de Agrippino Grieco *Vivos e Mortos*. Um raio de sol meio brasileiro meio sul-italiano penetrando este nevoeiro esbranquiçado-pardacento que nos envolve por todos os lados, como se estivessemos em perenne banho frio. Neurasthenia... *Spleen*...

Grieco é um bello talento, forte cultura artistico-litteraria, estylo feito de petardos, assovios, garrochas de toureador, buscapés e estyletes bem brunidos, tudo isso, porém, fundido e soldado num conjuncto harmonioso que nem musica, e sonoro como o canto de alegre *posteggiatore* napolitano em dia de maio. Porque Agrippino, cujos paes são oriundos da Basilicata, tem sangue que veio puro d'entre Napoles e a Calabria — *honny soit qui mal y pense*... Os seus juizos são por vezes asperos e hispidos como as anfractuosidades das montanhas abruptas de Potenza. A sua origem italiana e meridional é que, a meu ver, dá frequentemente ao seu estylo esse timbre argentino que produz quasi em cada phrase sua um tinir, um resoar para exprimir o qual têm os italianos na sua lingua maravilhosa um verbo inimitavel: *squillare*. O casal destinado a nos dar o Grieco emigrou de uma terra de sol para outra de mais sol ainda, de sorte que este escriptor, em vez de ver a luz em Foggia ou em Avellino, veio nascer, para alegria nossa, proveito das nossas letras anemicas e desespero de medalhões, medalhaços e medalhoides, em Valença, ou Barra Mansa, não estou bem certo, mas foi ahi por essas alturas.

Devo com franqueza dizer que para meu gosto (eu adoro a poesia mas aprecio mediocremente a prosa de D'Annunzio) o estylo do Grieco é um pouco turgido e espumejante. Entretanto não deixa por isso de ser incisivo. E' que elle conhece perfeitamente os segredos da lingua do Brasil. O seu sangue e o convivio com os autores italianos é que imprimem por vezes, embora nem sempre, á sua maneira de escrever a tumescencia impregnada de sonoridades, a meu ver superfluas, que caracterisa os prosadores da peninsula italica. Mas tambem, reconheçamol-o, que plasticidade adquire a nossa lingua na sua penna!

* * *

Este livro compõe-se de ensaios polemisticos já publicados em jornaes, mas isso não lhes tira nem o valor, nem o sabor. O primeiro, sobre Castro Alves, é um hymno. O segundo, sobre o veneravel pliocenico Laudelinus, é uma surra.

Como se sabe, Laudelinus occupa (ou não occupa) a cadeira que foi de Ruy Barbosa!... Por isso a ultima tacada é de mestre, quando diz o Grieco, num epigramma digno da Roma papal, digno de ser affixado no Pasquino em tempos de Leão X ou de Bonifacio VIII, pouco importando a era: *Vós, sr. Laudelino, conciliastes os dois modos de vêr: occupastes a cadeira e foi como si a vaga continuasse aberta*... Isto é uma joia *in genere suo*. E' como um camafeu cinzelado por Benevenuto Cellini em momento de bom humor. Não ha Marforio, nem Facchino, nem Madama Lucrezia capaz de retrucar a esta arlequinada.

E' justo tambem o que diz o Grieco a respeito do Brummel de Lisbôa, o glorioso caixeiro de perfumaria que acode ao nome aureolado de Julio Dantas. Portugal, assim como é o unico paiz do globo onde, nestes nossos hygienicos e attribulados tempos, os estudantes ainda acham bonito andar immundos e cheirar a carniça, assim tambem é a unica terra do planeta capaz de produzir specimen tão sublime como Julio Dantas. E' um dos entes mais pittorescos que eu conheço. Si as letras podessem formar uma cidade, Julio Dantas seria nella um desses typos populares com quem a gente ás vezes gosta de conversar dois ou tres minutos para rir á custa das suas ingenuidades. Porque elle é de facto um simplorió. Querem ver? Julio esteve em Londres uma ou duas semanas e isto lhe bastou para escrever sobre a metropole britannica, um livro que é uma delicia. Ha em Londres um grande restaurante, caro, que se chama *Berckeley's*. Fica no fim de Piccadilly. Como o *Berckeley's* ha ainda outros. Julio conta que lá esteve, levado por um amigo. Para mostrar que tambem bebe do fino... A certo trecho diz: "Eu contemplava as sanefas amarellas que tanto caracter dão á sala Luiz XVI do *Berckeley's*." Cito de cór. Essa dum escriptor, academico, gran-cruz de não sei quantas ordens equestres e pedestres, fazer critica de arte a proposito das sanefas dum vulgar restaurante cheio de *yankees* fanhosos e grosseiros, essa é inedita. Dessa, realmente, só seria capaz um lusiada. Julio falla das sanefas e architectura do restaurante com a mesma seriedade esthetica com que um Modigliani, ou um Ugo Ojetti, fallaria de Fontana ou de Vignola. Assignalemos entretanto que o Grieco usa para com Julio Dantas de exaggerada violencia e tal, que me dá a impressão de um general esperdiçando artilharia grossa para exterminar um simples camondongo.

Grieco é apreciador da biographia romanceada e acha "maravilhoso" o *Ariel* do solerte judeu André Maurois, que por signal nunca foi Maurois, pois o seu nome de familia é uma voz muito rebarbativa que começa por K. Neste ponto estamos, Agrippino e eu, em franco desaccordo. Biographia romanceada é cruzamento monstruoso, intoleravel. Quanto ao *Ariel* do sr. Maurois, não consegui ler nem metade delle. E' livro idiota, que reduz um grande homem, figura luminosa, um dos pincaros da raça aryana como Shelley ás mesquinhas proporções de um rapazinho trefego e desmiolado. Si Grieco deseja ler uma critica recta desse *Ariel* terra a terra, veja si encontra o numero do *Mercure de France* de 15 de janeiro de 1929. Talvez o possúa o nosso illustre poeta Alberto Ramos, que é assignante da revista. Ha nesse numero um artigo de Georges Batault, que reduz ao que realmente é, o livreco desse descendente dalgum daquelles vendedores de pombos e carneiros que Jesus muito justa e divinamente expulsou a chicote das escadarias do Templo. O livro do sr. Maurois sobre *Disraeli* é bom. Ahi está elle no seu elemento. E' um judeu fallando de outro judeu. Quando, porém, elle publicou o seu *Byron*, abstive-me cuidadosamente

SEMPRE ELLE!

Devenir dur, lentement, lentement, comme une pierre precieuse — et finalement demeurer là tranquillement pour la joie de l'éternité.

FREDERIC NIETZSCHE — AURORE.

JACQUES BAINVILLE — *NAPOLÉON — A. Fayard et Cie. — Paris.*

Nenhum genio tem brilhado mais para alegria da eternidade que Napoleão. Com a força cosmica da sua imaginação creadora elle transformou o mundo em palco para representação do drama magestoso da sua vida. Autor e actor ao mesmo tempo escreveu e representou para a humanidade deslumbrada a parabola maravilhosa de uma existencia que projectada da Corsega vae cahir em Santa-Helena. Sempre a fatalidade das ilhas cercando com o desespero das ondas o genio magico desse insaciavel architecto de batalhas. Quatro ilhas procuram isolal-o do mundo, segregal-o dessa Europa prodigiosa que elle, como Julio Cesar, queria dominar para illustral-a com as imagens romanas do seu sonho. E nunca alma humana semeou pela terra sonhos mais bellos. A sua vida é uma festa épica, cheia de sol e campanhas alegres. E' o arreból magnifico de uma primavera sonora crepitando seivas impacientes.

E o livro calculado, desenhado de Jacques Bainville, vae despertando em nossas almas esses pensamentos inuteis sobre a existencia do Corso magnifico. Atravez das paginas frias do pedante internacionalista da *L'Action Française* vamos acalentando, pouco a pouco, com a nossa imaginação, a vida magica do heroe que o estylo algido do historiador francez tirou do sol das victorias para frigorifical-a num livro friorento onde a temperatura da critica desce abaixo de zero. Jacques Bainville com a sua intelligencia cuidadosa de jardineiro, acostumada ás perspectivas geometricas dos parques de porcellana de Le Nôtre, não tem capacidade panoramica para dar liberdade aos movimentos épicos do vencedor de Austerlitz. Napoleão, que sempre se agitou em scenarios largos e profundos fica tolhido, amarrado, na *boite* do parcimonioso psychologo da sua existencia. Falta natureza no livro. Bainville com a sua mentalidade de aquarella não possue na sua palheta de escriptor, cores fortes, cores alegres que dêm á figura de Napoleão aquelle impeto colorido dos temperamentos meridionaes, das almas italianas... E depois esses escriptores nacionalistas da França enxergam sempre no fogoso marido de Josephina um producto italiano. Enxergam, mas não confessam...

Mas, apezar desses rigores technicos com que o livro foi meticulosamente manufacturado, encontramos nelle observações bem interessantes. O autor transforma o seu espirito num espelho de fino cristal e reflecte com uma serenidade de lago suisso a paizagem moral e heroica do prisioneiro da Inglaterra. O volume não perde um movimento, um gesto, uma palavra desse formidavel personagem da historia. O estylo lucido de Bainville é uma lamina de aço polido... Mas sempre a mesma temperatura fria, a mesma tranquillidade polar...

Que extraordinaria differença entre o Napoleão de Bainville e o Napoleão de Ludwig!

O biographo allemão tem uma alma wagneriana cheia de sons florestaes e de tintas mysteriosas de Rembrandt. Escreveu sobre o Corso com a alma em fogo, com o coração transbordando de emoções heroicas. O seu volume é o producto do enthusiasmo que não respeita as leis da critica e inunda os espiritos com a sinceridade da admiração. A sua obra perto da de Bainville é uma forja junto de um *iceberg*. O francez é precioso, inimigo do enthusiasmo, cheio de preconceitos e de *cacoêtes* psychologicos. Quer a todo transe metter Napoleão numa tragedia de Racine envolvendo-o com aquelles versos em que Renan sentia o incenso dos salões de Madame de Maintenon... Mas Napoleão não é personagem para o theatro francez. Shakespeare lá no céo deve andar com vontade de vir aqui em baixo para aproveitar esse assumpto e immortalizal-o como fez com a tragedia de Julio Cesar.

Emquanto isso o martyr de Longwood que tanto amou o theatro e que nas horas resignadas do exilio discutia e criticava as peças de Corneille, Racine e Voltaire, espera o seu dramaturgo, o homem de genio emocional que dê á sublime transfiguração de Santa-Helena o ambiente sobrenatural das tragedias de Shakespeare.

Actor e autor Napoleão não está longe da phrase desconsolada de Pio VII: *comediante! tragediante!...* Elle foi o artista maximo do seu tempo, o homem de theatro que o soffrimento do rochedo infernal transformou em Prometheu...

Nouveau Prométhée, je suis cloué à un roc où un vautour me ronge. Oui, j'avais derobé le feu du ciel pour en doter la France, le feu est remonté à sa source et me voilà!

Elle sabia o papel que estava representando...

Castel Gandolfo — Roma 1931.

PAULO SILVEIRA.

---

de lel-o. Quem não comprehendeu Shelley não póde comprehender Byron.

O livro do Grieco contem ainda muitos outros capitulos, alguns dos quaes valem por pequenos ensaios. As vezes mostra-se elle um moralista amargo e rispido, como quando trata de certo concurso de belleza. Não foi á tôa que escolheu para modelo o propheta Isaias... Mas permitte o autor que lhe diga uma verdade filha da experiencia? Com as suas objurgatorias, pragas, invectivas, satiras e indignações nada conseguirá a não ser protervos inimigos. O Brasil infelizmente torna-se, do ponto de vista moral, cada dia peor, mais infeliz. Destino. Fatalidade. Ora criticas, ainda que vasadas no mais bello estylo deste mundo, não conseguirão regeneral-o. O melhor é cada um ir ficando quieto no seu canto, lendo os seus livros, meditando sem odio, philosophando para si mesmo, contemplando interiormente a Belleza e rindo-se da tolice humana. Porque afinal de contas a vida é muito curta, a humanidade, muito estupida, e este nosso planetinha, um dos mais insignificantes que rolam ahi pelo espaço a fóra...

Hamburgo, pelo Natal de 1931.

ANTONIO TORRES.

Figuras do Imperio

por Baptista Pereira, Rio, 1931.

Com o titulo de *Figuras do Imperio e outros ensaios* enfeixou o sr. Baptista Pereira em volume varios escriptos, alguns já publicados, outros não sei se ainda ineditos. A parte central do livro, que se extende por mais de cem paginas, consta de longa polemica com o sr. Oliveira Vianna e não revela, da parte do autor, especiaes dotes de argumentador nem muita coherencia de principios. Foi motivo dessa polemica o "idealismo da constituição", thema versado em trabalho de igual nome pelo sr. Oliveira Vianna, que julga o pacto politico de 1891 obra de utopistas alheios á realidade social brasileira. A replica do sr. Baptista começa, porém, tratando de outro assumpto, isto é, da queda do ministerio Zacharias, acontecimento esse mal apreciado, a seu ver, pelo sr. O. Vianna no *Occaso do Imperio*.

Declarando-se um "neurologista" da historia, e não um simples "histologista", como o sr. O. Vianna, accusa este senhor de não ter estudado, nas vibrações do seu cylindro-eixo, a verdadeira causa do revéz soffrido, em 1868, pelo partido liberal. De facto, esquecendo-se, ou afastando-se de Nabuco, attribue o sr. O. Vianna, no já citado livro, a queda de Zacharias exclusivamente á escolha de Torres Homem para o Senado, quando na verdade o motivo fôra outro. Zacharias, liberal, chefe do Gabinete, não poderia ter por mais tempo sob suas ordens a Caxias, conservador, e commandante supremo das forças em luta com o Paraguay. A nomeação de Caxias, que constituira um cheque para os liberaes, os agastara profundamente. E prorromperam então numa impatriotica e inconveniente "guerra de alfinetes" contra o grande marquez, que afinal, cansado das picuinhas dos adversarios politicos, resolveu demittir-se do commando. O Imperador, collocado acima da politicagem dos partidos, e reconhecendo que Caxias era naquelle momento absolutamente indispensavel, não hesitou. Negada a demissão de Caxias, cahiu o gabinete. Mas o motivo apparente, o pretexto, foi a escolha de Salles Torres Homem. Já nesse momento, entretanto, não faltaram liberaes que lobrigassem no incidente o caracter de um pronunciamento militar. Fallou-se então, abertamente, na Camara e na Imprensa, de *caudilhagem*. Diga-se entre parentheses que uma das notas curiosas deste incidente foi a estranha attitude do conselheiro Nabuco de Araujo. Logo que Caxias apresentou o pedido de demissão, em começo de 68, o Imperador reuniu o Conselho de Estado, a 20 de fevereiro, e ahi ouviu de Nabuco que "o ministerio estava fraco pela luta em que tinha vivido" e que "seria melhor conceder-lhe a demissão." Não obstante isso, e apesar de conhecer melhor do que ninguem o que se passara nos bastidores, pronunciou o explosivo discurso de 17 de julho, inicio, na opinião de seu filho Joaquim Nabuco, do declinio da monarchia. Para o sr. Baptista Pereira, historiador "neurologo", o pedido de demissão de Caxias foi uma imposição da espada, e o primeiro symptoma de caudilhagem fardada na vida politica da nação. Entretanto, de todas as manifestações do militarismo no Brasil, paiz onde o militarismo parece ser vicio constitucional, talvez tenha sido essa a menos accentuada.

Ajustadas as contas com o sr. Oliveira Vianna sobre o caso Caxias-Zacharias, aliás já explorado com larguezas em outro capitulo, entra o sr. Baptista a discutir o *Idealismo da Constituição*. Comparando a legitimidade de poderes dos constituintes de 1823 com a dos constituintes de 1891, opina o sr. Baptista que estes eram mais genuinos representantes da nação. Como não se conhecem as actas das eleições da primeira constituinte, o sr. Baptista não pôde pesquisar a verdade á luz do methodo "neurologico", nem sequer do "histologico", e decidiu por palpite. Dos annaes das duas assembléas verifica-se, entretanto, que existia entre os homens de 23 mais variedade de opiniões e mais independencia politica, tanto assim que a assembléa acabou dissolvida. E o que se sente sobretudo, pelo menos em alguns de seus membros, é esse *espirito realista*, assignalado ainda ha pouco pelo sr. Tarquinio de Souza, o qual se exprimia pelo desejo de não querer legislar abstractamente, como fizeram os autores da constituição *bovarysta* de 1891.

Reconhece o sr. Baptista que o grosso das nossas populações se compõe de individuos analphabetos e doentes, e pugna mesmo por que se lhes ministrem quanto antes "cartilhas, vermicidas e quinino"; mas defende a todo transe a carta politica de 91, com o seu chefe do executivo e todo o poder legislativo eleitos mediante suffragio universal. Partidario da constituição democratica de 91, lança não obstante tiradas como a seguinte, do mais puro sabor aristocratico: "As nacionalidades, a meu ver, não se constroem debaixo para cima e sim de cima para baixo. São as elites que edificam as nações. E' sempre de um nucleo central que irradiam as energias creadoras. A collaboração das massas é indispensavel; mas quem lhes dá o impulso é meia duzia de capacidades, que formam o sensorio collectivo, o ponto de convergencia dos sentimentos nacionaes." Tudo isto é sem duvida muito acertado, e já o havia notado Renan, na *Réforme intellectuelle et morale*. Mas o que a constituição de 24 de fevereiro, essencialmente democratica, estabeleceu, não foi apenas a collaboração das massas. Pelo espirito do finado codigo politico, são as proprias massas semi-analphabetas que hão de escolher a *élite* dirigente. Na theoria do sr. Baptista é á *élite* que cumpre impulsionar as massas; na ideologia do pacto de 24 de fevereiro, pelo contrario, são as massas que devem criar e impulsionar a *élite*. Logo, o sr. Baptista aristocrata terá de devorar o sr. Baptista democrata, ou *vice-versa*.

Completam o volume alguns perfis de estadistas e politicos do Imperio, uma narrativa do primeiro triumpho de Ruy Barbosa em Haya e descripções de passeios através do Rio de Janeiro, em companhia de Kipling. O estylo do autor, na discussão com Oliveira Vianna, é gongorico, pernostico e tão constellado de metaphoras, que faz lembrar a Baroneza de Canindé. Dos perfis do imperio, escriptos em linguagem mais sobria e com menos luxo de palavras peregrinas, ha alguns interessantes pelo traço anecdotico. Mas o sr. Baptista usa por vezes dos commodos processos de decalcomania, revelando-se tambem apreciavel consummidor de aspas. No perfil de Silveira Martins, por exemplo, mais de metade das nove paginas em que vem impresso pertencem ao Visconde de Taunay. Em todo caso, repetir in-

EDITOR DE GOSTO

De uns tempos para cá, surgem, por vezes, no mostruario das nossas livrarias, certos livros que trazem á capa a seguinte indicação: Editions R.-A. Corrêa. 8, rue Sarasate, Paris. *São sempre obras escolhidas, de perfeito acabamento material, e que demonstram fino tacto na preferencia dos autores apresentados, todos escriptores de nota, como Charles Du Bos, Benjamin Crémieux, Eugenio D'Ors, etc. Mas o que, talvez, nem todos saibam é que esse editor Corrêa é um distincto patricio nosso, o sr. Roberto Alvim Corrêa, que ha muito reside no estrangeiro e está hoje fixado em Paris, onde gosa do melhor conceito entre as elites intellectuaes. Entre os mais recentes trabalhos editados pelo sr. R. A. Corrêa, queremos aqui assignalar, principalmente, o admiravel ensaio de Ramon Fernandez a respeito de André Gide e uma magnifica collectanea de chronicas litterarias que Edmond Jaloux reuniu sob o titulo de* Au pays du roman.

BENJAMIN JARNÉS

Benjamin Jarnés, novel escriptor espanhol, começa a se impôr. As notas criticas do seu livro *Rubricas*, são vivas, penetrantes; admiraveis alguns de seus pensamentos. Cocteau, Dostoiewsky, Joyce reapparecem agudamente analysados.

Convém, desde logo, assignalar as paginas referentes ao *Decameron Negro*, colligido por Léon Fabronius. E' a rhapsodia barbara de uma raça que vive ás margens do Niger. O poema distingue-se dos seus congeneres pela ausencia quasi total do mundo divino. Nelle não ha Deuses, mas homens que lutam, que soffrem, que amam e afogam as suas dôres valendo-se dos proprios elementos psychicos, despresando as divindades inuteis e neutras.

M. G.

formações de Taunay sempre é uma virtude...

Agora um pouquinho de grammatiquice, para terminar. O *noli me tangere* de Ruy Barbosa, como escriptor, era o casticismo vernaculo do vocabulo e da syntaxe. Que assomos de indignação não sentiria o summo pontifice da "sã linguagem" se, resuscitando hoje, ouvisse o seu genro e fiel discipulo dizer que a Camara ficou "pasma" e que só "haviam" em Haya tres automoveis de aluguel? O sr. Baptista Pereira empregando plebeismos! *Tempora mutantur*. Graças a Deus.

SAUL BORGES CARNEIRO.

MUNDÉO e LIMITE

Dois dos nossos maiores poetas, Mario de Andrade e Manoel Bandeira, consagraram já *Mundéo* de Mario Peixoto como uma revelação de primeira ordem, como um dos nossos poucos livros de versos realmente de um "poeta".

Não me parece que haja possibilidade de discussão a esse respeito. Mas mesmo assim não me interessa aqui analysar o valor poetico desses poemas que se distendem e se desdobram com inerivel rapidez, dividindo todas as coisas em imagens sem numero que se repetem e combinam em rythmos poderosos, infelizmente aqui e ali com preoccupações "modernistas" (*Jongo*, por exemplo), mas commummente com um tal senso poetico que chega por vezes a uma inacreditavel percepção dos rythmos mais intimos da natureza.

De facto, o que procuro aqui é lembrar que não foi *Mundéo*, apezar de todas as suas qualidades, que "revelou" em Mario Peixoto o *poeta*, pois bem antes *Limite* já mostrára como um *poeta* se exprime em imagens.

E o poeta que em *Mundéo* conseguiu muito, conseguira entretanto mais ainda em *Limite* — esse filme que quanto mais se vê, mais extraordinario parece pela sua capacidade de expressão pela imagem e pela sua força poetica. Nesse particular *Mundéo* não consegue tanto, apezar de todos os seus grandes poemas.

Em imagens como em versos Mario Peixoto "sente" a natureza como poucos poetas e é todo o sentido de *Mundéo* como de *Limite* que surge dente de nós. Não foi sem razão pois que Mario de Andrade na sua admiravel critica de *Mundéo* viu na "terra" um dos dois elementos principaes do livro.

Mas o que me parece é que essa obcessão da "terra", da natureza, é muito mais intensa em *Limite*, que attingiu pela expressão em imagens um gráo de angustia e de tragedia que apenas alguns versos de *Mundéo* conseguiram.

Difficil será esquecer o drama intensamente "pantheistico", se assim se póde dizer, com que as "imagens" da "grande Curva" evocam a colheita. Mas eu creio que muito mais alto ainda falam as imagens de natureza desnorteada das grandes scenas de *Limite*. As tragedias de *Mundéo* parecem menos importantes e todos os seus rythmos mais fracos quando se seguem as tres vidas arruinadas de *Limite*, que se vão quasi perder no scenario de uma natureza em convulsões, onde por vezes (especie de "mimetismo" esthetico) se confundem mesmo com os elementos allucinados da natureza em desespero.

Não ha duvida. Quem consegue mostrar a natureza em taes momentos de angustia que se pensa por vezes descobrir nos gritos das arvores torcidas e das casas em ruina, essa "carne" que é o fundo do desespero humano, é realmente um *poeta*, exprima-se em imagens ou em versos mesmo.

Tudo aliás no filme e nos versos revela um mesmo poeta. Se as imagens de Mario Peixoto se agrupam lentamente em verdadeiros poemas, tambem os seus poemas são imagens que se juntam com extrema rapidez, como essas — entre mil:

"Salvina fugida
porteira aberta
mato amassado
malungo
e a rêde crúa
grande."

Apezar da "rapidez" que em *Mundéo* se oppõe á technica lenta e desesperada de Limite, é invencivelmente no filme que se pensa quando se faz a ligação entre imagens como essas que acabam de "passar" deante dos nossos olhos.

O poeta está sem duvida no livro como no filme. Mas é o poeta cinematographico que me parece maior, é elle que é mais sensivel á "terra e ao mysterio" de que Mario de Andrade falou.

OCTAVIO DE FARIA.

D. Manoel de Mello e a 3.ª edição das "Epanaphoras"

Acaba de vir a lume a terceira edição das *Epanaphoras*, commentada pelo Snr. Edgar Prestage, lusophilo inglez a quem as lettras portuguezas já devem uma fundamentada biographia do grande classico, talvez o maior do seculo XVII.

As *Epanaphoras* interessam particularmente ao Brasil. Uma dellas, a triumphante, versa sobre a expulsão dos hollandezes e é um hymno á bravura pernambucana.

O proprio D. Francisco Manoel de Mello tambem nos interessa um pouco. Aqui esteve na Bahia cerca de 3 annos, carregado de desgostos e de nostalgia de suas peregrinações pelas côrtes européas. Tinha então 47 annos e estava no esplendor da vida e do talento. Comquanto fosse feio, impressionava agradavelmente as mulheres.

Uma brasileira de bôa familia, D. Maria Cavalcanti, por elle se apaixonou, delle teve uma filha, de nome Bernarda, e por sua causa tornou-se freira do convento de Oudivellas, onde se recolhiam as moças erradas de relevo social. Essa D. Maria Cavalcanti era irmã de D. Felippa Cavalcanti de Albuquerque, amante de Bernardo Vieira Ravasco, proprietario do officio de juiz do peso da cidade da Bahia, secretario de Estado, grande proprietario rural (só de uma vez conseguiu 10 leguas de sesmarias) e irmão do padre Antonio Vieira.

Essas irmãs Cavalcanti, filhas do pernambucano Lourenço Cavalcanti, que tão valentemente usaram do direito de amar no Brasil colonial, podem ser consideradas precursoras da liberdade sexual das mulheres brancas no meio brasileiro. Nem por o terem usado deixaram de figurar na nobiliarchia de Jaboatão as bisnetas de Filippo Cavalcanti, o florentino, unico tronco dessa familia no paiz.

A filha natural de D. Francisco Manoel de Mello creou-se em casa rica de Cotegipe e casou com Gaspar de Araujo, "pessoa nobre", deixando descendencia.

Commentando Varnhagen, *Historia geral do Brasil*, III, p. 356, chama Rodolpho Garcia a attenção para aquellas illustres senhoras e lamenta que "a indiscrição do frade linhagista tenha passado despercebida aos biographos de D. Francisco Manoel, que não se referem a essa circumstancia de sua vida". Com vistas ao Sr. Edgar Prestage, que de certo aproveitará a nota na segunda edição do esboço biographico de D. Francisco Manoel de Mello, a qual já se impõe, por estar a primeira ha muito tempo esgotada.

O celebre polygrapho lusitano chegou á Bahia a 1º de Agosto de 1655, tendo vindo na armada do general Brito Freire, o autor da *Guerra brasilica*. Por essa época contava D. Maria Cavalcanti seus vinte e sete annos, se se baptizou, como era costume, poucos dias depois de nascida. Sabe-se, por Jaboatão, que foi baptizada a 27 de Abril de 1628.

De certo conheceu-a o escriptor em casa de Vieira Ravasco, que vivia maritalmente com a alludida irmã. Pouco durou o romance de D. Francisco Manoel de Mello com a fidalga bahiana, pois elle só demorou no Brasil dois annos e onze mezes e ella entrava para o convento de Oudivellas afim de expiar christãmente a sua experiencia amorosa. Quem sabe se não levaria comsigo a *Carta de Guia de Casados*, cuja primeira edição é de 1651?

A Bahia que D. Francisco conheceu era uma pequena cidade meio africana meio européa, cheia de população mestiçada em todos os gráos, dada a todas as fórmas de libertinagem. Francisco Correal, que a visitou em 1685, notou, com uma agudeza á Freud, que "as igrejas são alli muito frequentadas, a confissão muitissimo frequente, sem duvida por causa da multidão dos peccados".

O intenso mestiçamento do povo feriu a attenção do classico portuguez, que planejou escrever um livro assim intitulado: *Brasil, Paraiso de Mulatos — Purgatorio dos Brancos — e Inferno de Negros*. Será este identico ao *Diario del Brazil?* — pergunta Prestage. Se adoptara aquelle titulo para o seu livro sobre o Brasil, D. Francisco Manoel teria aproveitado um proverbio de que Antonil dá, na *Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas*, 1711, uma variante mais expressiva, que diz: — *Que o Brazil he Inferno de Negros, Purgatorio dos Brancos, e Paraiso dos mulatos, e das Mulatas*.

A primeira edição das *Epanaphoras de varia historia portugueza* appareceu em 1660, com todas as licenças necessarias, dedicado o livro a El Rey nosso Senhor. A segunda veio a lume em 1676. "E' em tudo inferior á primeira, sendo em ambas pessima a pontuação." Agora, mais de dois seculos e meio depois surge a terceira edição, em que se tomou por base a primeira.

Aquellas duas edições estavam rarissimas e caras. Compulsando a terceira feita com meticuloso cuidado e sabedoria, podem os estudiosos da lingua e da historia commum a Portugal e ao Brasil ter em mão uma das obras primas de D. Francisco Manoel, sujeito de fama immorredoura, pela plenitude de vida que gosou e pelos desconcertos da fortuna que soffreu.

ALCIDES BEZERRA.

Leonidas Korintsky — RUSSIA NO PASSADO E NO PRESENTE — Traducção dos Drs. João Augusto Mac Dowell e Leonidas Korinfsky (Civilização Brasileira Editora). Rio, 1932.

Actualmente escreve-se muito sobre a Russia, — toda especie de propaganda pró e contra-communista. Quasi sempre são obras muito subjectivas, cheias de paixão politica. A *Russia no passado e no presente*, que é uma compilação dos artigos de diversos historiadores, economistas e sociologos que, embora russos, são independentes, — uma compilação mais de estudos do que trabalho propriamente de propaganda, tem como principal objectivo uma exposição serena e veridica de cousas e de factos, para que o leitor possa por si mesmo fazer uma idéa sobre a situação do vasto paiz do norte.

A disposição desses varios artigos obedece a um plano bem traçado: a principio são alguns escorços historicos a respeito da colonização, população e estradas de ferro da grande nação eslava. Seguem-se depois um estudo sociologico sobre o estado da Russia antes da revolução; o lugar que compete á patria de Lenine na industria mundial; as considerações puramente estatisticas sobre o que trouxe a revolução ao operario e ao camponez moscovitas; as palavras dos principaes chefes communistas e actuaes dirirgentes do paiz. O restante do volume expõe, em linhas aliás muito vagas, os varios programmas de acção dos elementos nacionalistas. Como se vê, um livro bastante interessante.

Fernando de Azevedo — **Novos Caminhos e novos Fins** — *A nova politica de educação no Brasil* — 1931. — Cia. Editora Nacional, S. Paulo.

Expressiva é por vezes a simples leitura dos titulos das varias obras de um escriptor. No caso de Fernando de Azevedo, por exemplo, basta examinar os themas predilectos que deram assumpto aos volumes anteriores a 1926: *Antinous* (estudo de cultura athletica), *No tempo de Petronio* (ensaios sobre a antiguidade latina), *Jardins de Sallustio* (á margem da vida e dos livros), *O Segredo da Renascença* (conferencias) :— ahi está, em poucas linhas, a revelação do humanista, do pensador que se dessedentou nas fontes classicas, mas sem fartar de todo a sua sêde, como nol-o revela a sua obra integral. O critico, o ensaista, já em 1924 e 1925 demonstrara a finura de sua analyse no *Estado de S. Paulo*, em chronicas reunidas no volume de *Ensaios*. Mas a grande revelação, para os proprios amigos de Fernando de Azevedo, surpreza crescente, de 1927 a 1930, foi a capacidade de acção, a energia de vontade e a visão de conjuncto do reformador da instrucção publica no Districto Federal.

O volume publicado em 1929, sob o titulo *A Reforma do Ensino no Districto Federal*, contém os discursos e entrevistas que o autor da grande revolução pedagogica em nosso meio teve de realizar para exposição e defesa de sua obra, ousada e por alguns tida por inexequivel. São paginas de intensa vibração, — pensadas, proferidas e enfeixadas em livro ainda no calor, pode-se dizer na febre do enthusiasmo renovador dos velhos moldes, defendidos as mais das vezes pela rotina, pela preguiça intellectual, pela ignorancia das correntes modernas, para não citar outras razões de ordem subalterna...

Novos Caminhos e novos Fins, que a Companhia Editora Nacional agora nos dá em magnifica veste, como volume da Série IV da Bibliotheca Pedagogica Brasileira, fundada e dirigida pelo proprio Fernando de Azevedo — é obra de maior tomo, de estructura mais solida, em que os dotes do artista, a visão do sociologo e o alto idealismo constructor do pedagogo se combinam da maneira mais feliz, para o fino gozo espiritual do leitor.

A analyse do livro, a critica dos seus pontos de vista, acceitando-os no todo ou em parte, combatendo-os ou encarando-os de outros angulos, exigiria pelo menos um opusculo. Registamos aqui apenas o formoso volume. Não ha, porém, como calar a impressão de belleza, de eurythmia, de nobre surto idealista, de superior finalidade humana, em larga projecção no tempo e no espaço, que se desprende dessas paginas. Bastaria, para proval-o, transcrever as ultimas palavras do derradeiro capitulo (pagina 251).

Uma pergunta de mera curiosidade: — porque está citado o mesmo pensamento, attribuindo-o ora a Seneca (pag. 27), ora a Marco Aurelio (no rosto do volume!)?

Jonathas Serrano.

L E I A M :

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

A VULGARIZAÇÃO DO SABER

(Ensaios)

A R I E L , e d i t o r a l t d a .

Antoine de Saint Exupéry — **Vol de Nuit** — *Novelle Revue Française*, Paris, 1931.

Só mesmo num paiz como a França, de alta expressão cultural, um jury feminino voltaria as suas vistas para uma obra como *Vol de Nuit*, de Antoine de Saint Exupéry, que acaba de obter o premio *Femina*.

Nada nesse livrinho, de paginas ralas e breves, e que se lêm em menos de tres horas, do que se convencionou chamar "um bello romance". Nelle, nada visa ao effeito, á *litteratura*, no que essa palavra pode ter de mais nefasto, e todo o seu entrecho, ajustado num estylo sobrio e viril, decorre numa atmosphera de contida emotividade, sem que a intriga amorosa ou o lance passional venham uma só vez captivar a attenção do leitor.

Vol de Nuit é o romance do dominio e da acção, da disciplina e da luta, da energia e do progresso. Quasi todas as suas scenas se passam, quer em pleno ceu e a uma altura só conhecida dos aviões, quer num campo de aterrissagem que a *Aeropostale* mantem em Buenos Ayres, e é ponto obrigatorio á baldeação da correspondencia que, trazida do Chile, do Paraguay e da Patagonia por esses mesmos aviões, com o recurso de outros apparelhos, mas sempre por via aerea, deverá ser levada até a Europa, passando pelo Brasil, e depois pela Africa.

Dirige esse aerodromo um francez de vontade firme e tempera inamolgavel, que só vê deante de si o dever a cumprir e é tanto mais duro para os seus subordinados quanto mais perigosa é a missão que lhes ha de ser confiada. Comtudo, e por mais que elle a esconda, no seu coração ha sempre uma recondita ternura por aquelles rapazes que fizeram do heroismo um logar-commum e para transportar um punhado de cartas arriscam diariamente a vida. Mas a sua responsabilidade é muito grande para que lhe possa vir um só instante de fraqueza. Contra a opinião de todos, foi elle — Rivière — o propugnador dos vôos nocturnos, pois que no seu entender só assim não se perderia durante a noite o avanço ganho á luz do sol sobre os trens de ferro e os navios.

Dahi, ante a messe de beneficios trazidos ao correio aereo por um tal emprehendimento, a sua apparente impassibilidade quando o T. S. F. lhe traz a noticia que o piloto Fabien, esperado do Chile, se debate, em plena noite, sobre os Andes, tomado entre as rajadas de um cyclone. Na descripção dessa tempestade e da luta que o aviador trava com os elementos enfurecidos, Saint Exupéry consegue tirar algumas paginas de uma dramaticidade insuperavel e sem duvida das mais bellas do seu livro. Ao lel-as, tem-se a certeza de que Fabien está irremediavelmente perdido, mas é tão nobre a morte que o espera, tão cyclopico o embate a que se entrega, que não nos apiedamos da sua sorte, e antes nos vem a inveja de não participarmos tambem daquelle excelso espectaculo que se desenvolve entre as nuvens, a tres mil metros de altura.

Antoine de Saint Exupéry é um az da aviação e são sem conta os seus feitos gloriosos e os lances de bravura nessa mesma linha da *Aeropostale*, que já lhe foi thema para outro livro, *Courrier-Sud*, e mais uma vez acaba de inspiral-o para esse esplendido *Vol de Nuit*, agora posto em evidencia pelo premio *Femina*, mas que já tivera a honra de ser prefaciado por André Gide.

Gastão Cruls.

A proposito de Carlos Gide

Carlos-Gide, o economista, o doutrinador do Cooperativismo, o representante maximo do ramo protestante da familia, de quem é proximo parente o grande litterato — André — ramificado da familia catholica, Carlos-Gide, o professor de Montpellier e de Paris, ainda vive apesar dos seus 87 annos. E' elle mesmo quem acaba de declarar entre as expressões de carinhosa missiva:

"Je suis toujours sur cette terre et assez bien portant".

Mas seria dizer muito pouco do muito que já é estar vivo e sadio aos 87 annos. Para os homens, como Gide, cujo unico motivo de existir é o trabalho, mas o trabalho com finalidade sobrenatural, viver por viver nada significa. E ainda é elle mesmo quem o prova: *"Je suis maintenant tout à fait à la retraite comme professeur. Cependant, je donne encore des léçons ou conférences dans quelque école privée. J'écris toujours beaucoup d'articles pour journaux ou Révues et je réedite mes livres. Ils vieillissent moins vite que leur auteur; car leur vente, surtout celle des Principes-d'Economie-Politique, ne diminue pas."*

Ha em sua alma severa de calvinista de Nimes o proposito formado de expirar escrevendo, porque a penna lhe não cae da mão, a traçar ensinamentos, com graça ás vezes, outras com ironia ou sarcasmo; ou de morrer orando nalguma tribuna de conferencia, porque esse ancião de quem falo ao *Boletim de Ariel* tem a volupia da enunciação oral das idéas. E' o maior orador que ouvi até hoje, pela calma, pela graça, pela substancia dos conceitos. Aos seus 77 annos, quando plantei no coração o pesar de não mais ouvil-o, que não deixa de crescer, elle tinha ainda no espirito e na palavra a frescura e ao mesmo tempo o calor que a gente acha conjugados na mocidade luminosa. Ao chocar-se contra as barreiras de uma complicação social inexpugnavel pela razão, costuma assaltar o reducto armado de argumentos moraes, com tal *à-propos* que não encontrei ainda nos outros sociologos e menos nos economistas. E' *um biblia*, diria o matuto do interior de S. Paulo e Minas.

Foi desse genero a sua eloquencia, no Collegio-de-França, quando da abertura do curso de Cooperativismo creado pelo Governo francez, em 1921, para elle, e na mesma cathedra de que pontificou durante annos o respeitavel Le Roy-Beaulieu diffundindo o seu Liberalismo. Nesse dia, que foi de densa bruma pelas ruas, houve muita luz no amphitheatro do Collegio, a luz que emanava do Mestre; e o seu auditorio, mais de velhos e docentes do que de moços e discentes, teve a ventura de apreciar a seriedade e a serenidade de um apostolo que lucta por arrancar a Democracia ás voragens a que começa a ser arrastrada.

O autor do *Curso-d'Economia-Politica*, do *Principios-d'Economia-Politica*, de *Cooperação*, de *Sociedades-Cooperativas*, de *Instituições-de-Progresso-Social*, de todos os opusculos que encerram as suas lições no Collegio-de-França, de centenas ou de milhares de artigos, ainda vive e trabalha, reedita seus livros e produz outros:

"Le petit livre que je vous ai envoyé sur les Colonies-Communistes a eu certain succès aux Etats-Unis où il a été traduit".

E não perde de vista as quinze ou dezeseis traducções do seu *Principios-d'Economia-Politica*, pois a portugueza já foi a decima-quinta ao tempo em que se procedia a sua versão para o chinez, que seria a decima-sexta:

"Et votre traduction brésilienne, que devient elle?"

Tem, sem duvida, clara a percepção de que esses desdobramentos da sua palavra são como os tentaculos que apalpam o terreno para a diffusão do Cooperativismo integral, unico remedio possivel que acha para os males da humanidade, remedio curativo quanto aos defeitos da organização social e politica, remedio preventivo quanto aos males moraes, porque a cooperação é a attitude social do homem que já é tambem moral, e uma sociedade cooperativa uma escola onde se aprende a colher todo o bem material que é permittido a cada um e semear todo o bem moral que é de preceito.

Que Carlos-Gide exista ainda e continue a produzir é uma felicidade para os povos; mas que aquelles que já lhe ouviram a voz persuasiva, edificante e paternal, não possam continuar ouvindo-a, já é uma tristeza.

As estadas em Paris têm desses caprichos — despertam n'alma a louca alegria de lá andar saturada de luz; e, depois,... a tristeza da saudade...

F. Contreiras Rodrigues.

O CURSO DE DIREITO ROMANO

do Prof. Abelardo Lobo

Os pendores para os assumptos historicos levam-nos a redigir algumas linhas sobre um livro de real merito e que ha de ser estudado, a seu tempo e como merece, pelos especialistas. Trata-se do monumental *Curso de Direito Romano*, do illustre Prof. Abelardo Lobo e do qual acabam de ser publicados tres volumes.

Diremos algo apenas do primeiro volume, que trata da organização do Direito Romano. Começa, após um brilhante prefacio de Lacerda de Almeida, com um capitulo de verdadeira Philosophia do Direito, sob o titulo de *Historia Externa e Interna do Direito Romano*, onde é posto em evidencia o elemento chronologico para explicar o phenomeno juridico. Este primeiro capitulo, o que se segue sobre as fontes do Direito Romano (estudo exhaustivo) e aquelle em que o mestre expõe a *Codificação e evolução do Direito Romano*, são dos mais suggestivos do livro que, escripto por um romanista de verdade, está destinado a se tornar classico, tal o seu valor intrinseco, revelador de uma erudição invulgar.

O livro, embora naturalmente destinado ao ensino universitario, é dos que, pela amplitude em que foi vasado, fica bem em mãos dos mais doutos. Todavia, mesmo nos pontos de maior profundeza, tráe o professor e, assim, é um livro realmente objectivo. O ultimo capitulo, o X, é um interessante exame do *Corpus Juris Civilis*, origem da expressão, sua composição e as principaes edições, terminando por ensinar os modos de citar as partes que o compõem e como manuseal-o.

Emfim, o tratado do Prof. Abelardo Lobo é uma excellente amostra do valor do ensino na nossa Faculdade de Direito, em boa hora officializada pelo Governo Provisorio.

Raja Gabaglia.

Dialogos entre dois Mundos

O jornalista francez Gérard de Catalogne acaba de publicar um livro curioso: um inquerito sobre os Estados Unidos, a que chamou, um pouco pomposamente, *Dialogue entre deux mondes*. A discussão aberta nas columnas do *Figaro* visava saber se a civilização americana constitue ou não um perigo para a cultura.

Obteve 72 respostas: 34 indecisas, limitando-se a discutir o assumpto, evitando o perigo — e a vaidade — das conclusões precisas; assim as de Stéfan Zweig, Emil Ludwig, Keyserling, André Siegfried e Luc Durtain; 18 foram francamente hostis aos americanos: em algumas palavras, Henri Massis, Camille Mauclair, Julien Benda e outros condemnaram sem appello nem aggravo; 11, entre as quaes a de Paul Morand, foram não menos galharda e primariamente favoraveis ao paiz do jazz; finalmente 5 americanos, Mencken, John Dos Passos, Upton Sinclair, Sherwood Andersen e Ford Maddox Ford tomaram a palavra e atacaram egualmente a sua patria e a Europa.

Para quem acredita no valor dos votos, a balança pende ligeiramente para o velho mundo, por 7 votos. Victoria fraca, victoria por pontos, e não por *knock-out*.

Em todo caso, mesmo para os scepticos em materia de suffragio, uma cousa ficou bem clara; acredita-se, na Europa, na existencia de uma civilização yankee, senão na de um perigo yankee. Uma civliização diversa da européa, contraria a ella. O Atlantico vae refazendo o cyclo do Mediterraneo; é hoje o mar interior, atravez do qual conversam os continentes; e não é maior, no tempo dos navios motores, do que era o outro, na epoca das galeras. Nessa intimidade, o europeu gaba-se de ser o elemento espiritual, de possuir a qualidade; a quantidade, o materialismo, estão do lado de cá.

Entretanto, o genio subtil de Paul Valéry aborda mais ou menos o mesmo thema no seu clarividente *Regards sur le monde actuel*, onde fala, aliás de passagem, nos Estados Unidos como uma nação "deduzida e desenvolvida da Europa". Nesse volume publica um prefacio para o *Ma Mère* do chinez Gheng Tcheng; uma pagina deliciosa, cheia de cousas finas e verdadeiras sobre o Oriente e o Occidente, sobre a incomprehensão reciproca dos povos.

"Nada, diz elle, nada nos é tão difficil de conceber como a limitação das vontades do espirito, e a moderação no uso do poder material... A bussola, a polvora, a imprensa mudaram o andar do mundo. Os chinezes, que os inventaram, nem perceberam que possuiam meios de perturbar indefinidamente o repouso da terra. Para nós, isso é um escandalo... Nossa obrigação não é tornar o universo pequeno demais para os nossos movimentos, de acachapal-o com o nosso espirito, não tanto pela infinidade indistincta do que ignora como pela quantidade actual do que poderia e não poderá jamais saber?... Queremos que as cousas sejam cada vez mais intensas, mais rapidas, mais precisas, mais concentradas, mais surprehendentes."

Isso foi escripto por um francez — e que francez! — sobre a mentalidade occidental, a mentalidade do seu povo.

Que inovaram então os americanos?

Por outro lado, Sinclair Lewis, depois do Babitt, que encheu de gozo os europeus, escreveu Arrowsmith. Um estudo um pouco longo, mas nada esfalfante, dos meios medicos e scientificos norte-americanos; e a vida de um homem, de um homem que nada tinha de extraordinario, timido, um nada vaidoso, ligeiramente ambicioso, apreciador moderado de whisky. Discipulo de um velho judeu allemão, um typo interessante, pesquizador apaixonado, torna-se tambem biologista. E a sua existencia — elle era pobre, clinicou algum tempo para poder sustentar-se — passa-se a luctar contra a mercantilização da sciencia, a defender as suas descobertas contra a philantropia reclamista que as quer fazer "servir" antes de completas. E afinal quando um casamento rico lhe proporciona o conforto para os seus trabalhos — a par da situação onerosa de marido de uma senhora elegante — foge, mette-se no matto, num laboratorio improvizado, cioso, antes de tudo, da liberdade de espirito.

Um livro que faz pensar, e que commove tambem um pouco, com scenas muito humanas, de um sentimentalismo disfarçado, escondido na banalidade da vida de todos os dias.

Não desmente o Babbitt; mostra apenas um outro aspecto do homem da America, mais attrahente. O *businessman*, de duas dimensões, construido só em superficie, não parece ser o unico a existir por lá; ha tambem gente facetada, de tres, e talvez até de quatro dimensões.

O problema americano é muito complexo, muito intrincado, não cabe nas paginas do *Figaro*.

Para decifral-o, não bastaram a Waldo Frank os seus estudos de sociologo, tão penetrantes. Accrescentou-lhes um poema em prosa, *Holiday*, traduzido para francez nas edições da *Nouvelle Revue Française* com o titulo de *Jour de Fête;* a traducção já data de algum tempo, mas creio-a pouco conhecida entre nós. Entretanto, é um admiravel poema, lembrando o lyrismo de Claudel, e tambem vagamente as tragedias gregas, obedecendo ás tres unidades classicas, com dialogos interiores que intervêm á maneira dos antigos córos. E sobretudo, enxertado na obra do pensador, adquire uma significação profunda. Frank parece ter deixado á intuição, á inspiração poetica, a missão de exprimir o que o raciocinio não soube — ou não ousou — patentear. A lucta entre as duas Americas, a Branca e a Negra. O drama obscuro dos sangues inimigos.

Transplantando para condições climatericas e hygienicas favoraveis a raça preta, mantendo-a pura e unida pelo desprezo, instruindo-a e chicoteando-lhe as energias, não terá o americano provocado a eclosão de um povo adormecido? Os negros de Waldo Frank pensam e sentem como brancos. São homens, e homens que a adversidade enfibra. Não puderam, como no Brasil, esgueirar-se no mundo branco por baixo da porta, e tentar diluir-se nelle, confundir-se com elle. Estão presos, enjaulados, mas dentro da jaula a cultura vae penetrando, e a voz que della se eleva não é o gemido da senzala. E' o brado do homem conciente, que reclama o seu lugar ao sol.

O John Cloud de Waldo Frank, o Martin Arrowsmith de Sinclair Lewis não serão americanos, tão americanos como o Babbitt?...

Margarida Yerta Melera, respondendo ao inquerito do *Figaro*, conta uma anecdota que vem a ca-

CESAR BORGIA

PAUL RIVAL — *Grasset*, 1931.

Ha, sempre, uma attracção mysteriosa na vida dos bandidos.

A imaginação collectiva, desdenhando tabús sociaes, torna-os lendarios.

Robin Hood, *outlaw* inglez, perturba, ainda hoje, os espiritos juvenis. A Egreja santificou Dimas.

O povo, complacente, attenúa os crimes, seduzido pela belleza das façanhas. Cesar Borgia foi o mais fascinante bandido da historia. Musculos robustos, intelligencia aguda, coração de aço e fino gosto artistico fazem delle o perfeito esthéta dos massacres e das matanças.

O cardeal Rodrigo Borgia, seu pae, cansado de santos, baptizara-o com um nome pagão. O filho da cortezã, diziam os astrologos, seria, como seu homonymo, poderoso, despotico, invencivel. Seria Papa.

Quando menino, Cesar despertava-se altas horas da noite. Ao seu lado dormia, placidamente, o irmão. Odiava-o. Vinham-lhe impetos de estrangulal-o, talmente o irritava a placidez daquelle somno. Distrahia-o, porém, um tropel de cavallos, gritos de morte, symphonia de gemidos mal ensaiada pela garganta apavorada dos moribundos. Depois, novamente, o silencio apossava-se do palacio. Cesar tornava ao leito, dormindo, desta vez, profundamente, embriagado pelo espectaculo. Sonhava. Sonhava com heroes e assassinos, seducções e amores duraveis.

Roma era a cidade predilecta dos criminosos. Francheschetto, filho de Innocencio VIII, vendia sentenças. O preço variava consoante a importancia da victima. Um medico judeu degolla tres creanças para banhar no seu sangue callido o corpo do pontifice enfermo. Apunhalam de noite, de dia; nos jardins, nas ruas, nos templos. Manipulam-se venenos. Espalha-se veneno pelas roupas. Havia veneno na agua, no vinho, nas hostias, nos perfumes. Veneno nas almas.

Um dos divertimentos de Cesar adolescente consistia em matar touros bravios. Enterrando a lança nas carnes palpitantes, preparava-se para torar, mais tarde, carotidas humanas.

Foi respirando esse ambiente que Cesar Borgia cresceu e fez-se homem. Estranham os senhores que tenha sido grande scelerado?

* * *

Paul Rival escreveu um trabalho notavel sobre assumpto trilhadissimo. Aqui, ainda procurando acompanhar o estylo do autor, mal podemos dar uma pallida idéa do que seja esse livro admiravel.

A parte documentaria é por demais conhecida. Conhecidos os episodios, os incestos, as rixas sangrentas do heroe. Desfilam aos nossos olhos o cardeal Rodrigo, mais tarde Alexandre VI, seductor, querido das mulheres, insaciavel, cruel, tambem incestuoso, mas nutrindo um sentimento basico: um desmedido amôr pelos filhos; Lucrecia Borgia, graciosa, bella, sensual, demoniaca, cheia de reticencias, não satisfeita dos homens, querendo ser amante de Deus; Catharina Sforza, guerreira de um heroismo igual á sua sensualidade. O livro é todo um mundo. Não ha nelle frouxidão nos periodos, nem preoccupações moraes. E' um livro amoral: um livro de arte. O escriptor se não deixou suffocar pela poeira dos archivos. Antes extrahiu delles suggestões novas. Depois de lêl-o e relêl-o, concluimos, ainda certos de contrariar alguem, que essa personalidade singular, sobre a qual se escreveram obras exhaustivas, como as de Gregorovius, Sabatini, Buchard e outros, viveu esplendidamente a sua vida, viveu com belleza.

MANLIO GIUDICE.

---

lhar. Tres cegos esbarraram num elephante. "E' uma colina" exclama um, apalpando o flanco do animal. "Uma columna" opina o que se encostára á perna. "Uma vassoura" declarou o outro, espannejado pela cauda.

E todos tres pareciam ter razão. E' muito facil julgar quando não se vê.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

FANTASIA DE ANNO BOM

Crepusculo de ultima tarde do anno, hora dourada pendente da cupula da eternidade, hora indeciza e suprema, hora de sortilegio povoada de myriades de fluidos vagantes e lucilantes: pela janella aberta entraram furtivamente, coseram-se de vagarinho ao tecto e ás paredes, invadiram insidiosamente o aposento, sobrepticiamente assediaram o solitario; tolheram-lhe os sentidos, premeram-lhe as palpebras, reclinaram-lhe a cabeça, imperceptivelmente o enleiaram nas malhas invisiveis do somno. Adormeceu. Em sonho reviveu os dias longinquos do passado, desde os mais remotos da primeira infancia, lá numa pittoresca cidade do seu caro Rio Grande, entre o repicar festivo dos sinos da igreja, (na praça as crianças brincavam á cabra-cégа com os filhos do vigario, Deus lhe perdoe, um santo homem!) e o cavernoso mugir dos bois em marcha para o curral (passavam á bocca da noite levantando nuvens de poeira e a toada monotona dos tropeiros — venha, venha, venha! — ouvida por detraz das grades do portão massiço, fazia bater com força o pequenino coração assustado), até os tormentosos dias da adolescencia e da idade madura, na grande Capital inquieta e rumorosa, breves de escassa alegria, infinitos de atribuladas ancias e luctas estereis. Vultos queridos, meigas e adoraveis imagens rodearam-n'o: oscillavam, recuavam, sumiam-se, fantasmas evanescentes, com um gesto de amizade, ao longe, e de despedida. Só um não se afastava delle, anjo silencioso aureolado de cabellos louros. Approximou-se de mansinho, tomou-lhe as mãos, enxugou-lhe as lagrimas, affagou-lhe o rosto, beijou-lhe amoravelmente a larga testa sulcada de gloriosas rugas. — Quem és, exclamou o solitario, e si para tanto milagre de formosura existe um nome, como te chamas? "Chamo-me *A Esperança que nunca te abandona*", respondeu-lhe com a voz dos anjos do céo a creatura maravilhosa.

O homem estendeu os braços, fez por levantar-se, acordou: uma infinita musica misturando-se ás ultimas claridades do dia como invisivel côro de harpas de serafins dedilhadas nos ares enchia a casa transfigurada e a porta abriu-se com estrepito. Sergio, o netinho, fazia irrupção na sala, S. Jorge redivivo aureolado de cabellos louros caracolando no cavallinho da alegria.

ALBERTO RAMOS.

O Theatro de Natal na Allemanha

Uma das passagens mais fascinantes do anno por toda a Europa (excepto a Russia sovietica) é o Natal. Na Allemanha, mais que em qualquer outro paiz, esta festa familiar por excellencia absorve todas as attenções, paira sobre todas as preoccupações, ainda as mais graves. Este anno, comtudo, a alegria não tem sido das mais estrondosas. A crise, a inevitavel e enfadonha crise, não permitte que se divirta a seu gosto a grande massa da população. O *Weihnachtsmann*, que corresponde ao *Papa Noel* dos francezes, não trouxe os seus alforges cheios dos presentes que os allemães esperavam e ainda esperam mais anciosamente, isto é, a suppressão das dividas de guerra, a diminuição das reparações, emprestimos a longo prazo, revisão de fronteiras pelo menos a léste... De sorte que, embora as vitrines regorgitem de bellas e attrahentes especialidades, desde a joalheria e a indumentaria até o crysolithico Mosella, o ganso enxundioso, o porco, primor da Germania, adiposo, lusidio, sorsidente, venturoso no seu culinario destino, todo enfeitado de fitinhas azues e roseas, assim como de verdes e frescos ramos de pinheiro prateado, nem por isso se desenrugam de todo as frontes preoccupadas dos que pensam...

E' certo que os sinos repicam festivos, os orgãos nos templos gemem as phrases mysticas do *Stille Nacht*, as orchestras pelos cinemas, pelos theatros e pelos hoteis, entre um *fox-trot* e uma *Rumba* (esse plagio cynico do *chôro* brasileiro) escutam o velho e bellissimo *Weihnachtslied* que começa: *O Tannenbaum, wie treu sind deine Blätter!*

Tudo se faz para dar aos espiritos e aos corações essa atmosphera subtil, essa suave ambiencia de Natal que os allemães traduzem por uma expressão linda, embora difficil de verter litteralmente: *Weihnachtsstimmung*. Mas ahi está a crise, a crise... A mingua de trabalho para milhões de trabalhadores, a estagnação na industria, a falta de credito no commercio, a geral miseria, em muitissimos casos, a fome e o frio. Ah! o povo allemão, *o povo*, tem sido bem duramente castigado pelos crimes daquella pandilha de militares pedantes e bandidos dynasticos que o dominavam em 1914, isto sem fallar nos financeiros judeus... Assim, não houve aqui este anno, sinão para poucos, a *bonne chère* que cantam pantagruelicamente velhas rimas inglezas:

Christmas comes but once a year,
But when it comes it brings good cheer...

Uma das feições mais encantadoras do Natal entre elles é a variedade de peças para crianças que exhibem todos os theatros. Lessing, Schiller e Goethe cedem o passo nesses dias aos irmãos Grimm, a Andersen, a Perrault, a W. Hauff... Na casa da Opera Wagner e Mozart têm que abrir alas para a deliciosa musica de *Hänsel und Gretel* por Humperdinck. Esta lenda é a mesma que nós conhecemos sob o nome de *Historia de João-sinho e Maria*, as duas crianças irmãs que, perdendo-se na matta, são apresadas por horrivel velha feiticeira que deseja devoral-as mas é por ellas atirada a um forno ardente, de dentro do qual angustiada, grita: — *Agua, meus netinhos!* — emquanto o casal irmão responde, rindo-se: — *Azeite, minha avó!* Humperdinck, justo é reconhecel-o, fez em torno disso, baseando-se muito em cantos populares, uma musica seductora. Um dos theatros hamburguezes está dando o *Chapeozinho Vermelho*, com uma série de scenas comicas que são para as crianças o paraiso na terra. Vi tambem no *Schauspielhaus* a adaptação alleman de uma phantasia norueguеza de Barbara Ring, com o titulo de *Das verlorene Herz*. E' a historia de certo rei que se tornou mau por ter perdido o coração, o qual, achado por linda pastorinha, lhe é por ella restituido. O monarcha, recuperado o musculo cardiaco, torna-se bom para com todos e, já se vê, casa-se com a salvadora do seu coração... Ha interessantes scenas comicas na peça, mas infelizmente menos do que seria para desejar. O que nella predomina é a melancholia, essa tristeza densa, plumbea, que parece parte integrante da alma norueguеza e que tão pathetica e ao mesmo tempo tão suffocante nos esmaga no *Peer Gynt* de Ibsen, principalmente no arranjo que os allemães fizeram desta *pochade*, entremeando-a com a expressiva, emocionante musica de Grieg. As crianças pouco comprehendiam... Ora, nessas condições, senti-me um pouco roubado, porque, quando compro cadeira para ver peça de Natal na Allemanha, como na Inglaterra, é com a certeza de ter dois espectaculos: o de scena e o da platéa cheia de gurys e guryas. E' o publico infantil o mais generoso que eu conheço. Vale a pena escrever para elle. Mas é publico honesto, e difficil, perante o qual não ha successos de estima. Si gosta, applaude ruidosamente. Si não comprehende, retrahe-se. Não dá applausos de cortezia. E foi o que aconteceu em grande parte com *O Coração Perdido*, farça mais para adultos do que para pequenos.

Quando vejo estas phantasias, organisadas especialmente, para a miuçalha, penso logo no Brasil, onde ninguem cogita de escrevel-as. O' minha patria! Terra em que as crianças não têm infancia, os moços não têm juventude, e os velhos encanecem sem dignidade, que é o prazer glorioso da velhice... Que se offerece á infancia do Rio como divertimento? Ah! os bailes infantis durante o Carnaval em certos theatros... A policia o consente e as familias exultam! Não ha melhor escola de educação social... Entretanto ha ahi theatrologos de talento verdadeiro e comprovado no officio, como Bastos Tigre, Viriato Corrêia, Oscar Lopes, Luiz Peixoto, Armando Gonzaga e outros que podiam, si o quizessem, não adaptar servilmente Andersen, ou Grimm, mas transformar as nossas lendas e fabulas brasileiras de origem india e africana em phantasias maravilhosas, usando dos recursos abundantes da moderna technica theatral, e assim dar umas duas ou tres horas de felicidade a alguns milhares de crianças. Porque não o fazem? Ignoro-o. Desanimo, apathia, não o sei bem...

Hamburgo — Natal de 1931.

ANTONIO TORRES.

A Poesia é uma sobrevivencia.

Poesia, numa época de simplificação de linguagem, de alteração das formas, de insensibilidade ás formas, de especialisação — é cousa *preservada*. Quero dizer que hoje em dia não se inventariam os versos. Nem tampouco os ritos de nenhuma especie. — *Paul Valéry.*

A Perfeição do Inutil

Um dia destes, o Rodolpho Carvalho falou-me, sorrindo, de certo patricio nosso que o procurou para tratar da publicação de um diccionario portuguez-rumeno da sua lavra.

Respondi ao director da *Hierarchia* que os brasileiros primaram sempre pelo capricho com que executam tudo aquillo que não traz nenhum proveito a quem quer que seja. Ninguem, no mundo, mais cuidadoso em se tratando das obras primas da inutilidade.

Correndo ha semanas uma resenha bibliographica, encontrei, por exemplo, o nome de um Anfrisio Fialho, que escreveu em francez a defeza de Bazaine, refutando as accusações de inepcia, covardia ou traição á patria, que eram feitas áquelle marechal de França.

Isto foi em 1874. Nessa occasião tinhamos nós dezenas de problemas em condições de inquietar-nos, como a liquidação do elemento servil e a necessidade de attrair ás nossas fazendas o colono branco, para substituir o escravo prestes a libertar-se. Mal nos refizeramos da guerra do Paraguay. O regalismo de Pedro II contendia com certos preconceitos religiosos. Os republicanos entravam a fazer demagogia em jornaes e comicios.

Mas Anfrisio não dava nenhuma importancia ao que nos ia aqui por casa. Na perpetua fascinação da Europa, preferia participar da ruidosa polemica aberta em torno ao desastre de Metz, e fez estampar em Bruxellas, á custa do seu bolsinho, a fervorosa apologia da grande victima dos planos de Moltke.

Trabalho que naturalmente constituiu grosso encalhe livresco, acabando um ou outro exemplar nas montras dos sebistas ao ar livre, para divertimento dos bohemios de lá ou encanto dos colleccionadores de singularidades americanas...

Mais ou menos nessa época, um dos nossos maiores scientistas, que tem retrato nas casas de ensino, confeccionava, para demonstrar os seus conhecimentos polyglotticos, uma anthologia de poetas de todo o universo, no idioma de cada um e em tal abundancia de linguas que a gente sentia a impressão de ver os mil bicharôcos da area de Noé em conflicto com os constructores da torre de Babel.

Depois disso, o polygrapho A. Sergipe fechou-se num quarto, longos e longos annos, afim de ensinar allemão a uma cabra. Um camarada meu, aliás excellente creatura, desandou a fazer retratos e paizagens com pedacinhos de sellos do Correio utilizados e, de tanto ficar preso a uma cadeira, acabou padecendo de males hemorrhoidarios.

Outro filho dos tropicos organizou um diccionario de palavras monosyllabicas, talvez para gasto dos senhores charadistas. E um dos nossos jovens pedagogos, compositor da valsa intitulada *Religião do Amor* e pae de um volume de contos rotulado *Tentações de Eva*, costumava perguntar aos examinandos de geographia, com uns ares de quem está empanturrado de sciencia até estourar, qual a distancia exacta entre Juiz de Fóra e Tókio.

Prova de innocencia só comparavel á do rapazelho provinciano que escreveu um soneto contra Jesus Christo e, nas noites em que soffria de dôr de dentes, propunha um accôrdo á Santissima Trindade, dando-se como disposto a retirar o soneto sacrilego, uma vez que os cacos da dentuça não o atormentassem mais.

Ainda a proposito de guerras, vimos, durante a chacina européa de 1914-18, surgir aqui um novo Anfrisio, ou seja o democrata Lopes Trovão, medico de uma insolente ignorancia, que investiu, de penna rombuda em punho, contra o espadagão do Kaiser, ameaçando-lhe o capacete pontudo e dando-lhe severas lições de fraternidade christã.

Entre França e Allemanha, os canhões estrondavam, milhares de moços eram ceifados pelas metralhadoras, viuvas e orphams enlutavam a tradicional alegria das terras sociaveis da Gallia, dos povoados carrilhonantes da Flandres ou dos Edens de cerveja e salsicha das bordas do Rheno.

Mas tudo isso, aos olhos do nosso ex-propagandista da Republica, era apenas pretexto para o fabrico de ruim litteratura. Deitado em rêde, á sombra de uma velha mangueira suburbana, Trovão, de pyjama e gorro de velludo, cofiando o bigode ou coçando as pernas estampilhadas de emplastros, ruminava, somnolento, as suas ameaças a Guilherme II e dava-lhe mesmo a entender que, não fôra a distancia entre a estação de Rocha e Berlim, era muito homem para ir quebrar-lhe a cara...

Na rua, comprido como um eucalypto, ageitando o monoculo na orbita escaveirada e alongando um pescoço de frango hectico no eterno collarinho concavo, o antigo berrador de meetings não deixava de demorar-se, em extase, deante das livrarias que lhe punham o volume á venda, entre manuaes de culinaria e os contos frascarios do Conselheiro X.X.

E, no emtanto, Trovão julgava-se uma creatura pratica, positiva, realista. De uma feita, á porta do extincto café Bellas Artes, onde se reuniam o hierophante Mucio, o inspector escolar Fabio Luz e o funebre humorista Raul Pederneiras, ouvi-o rir-se longamente á custa de um engenheiro que, em immenso cartapacio, transmittiu ao governo a sua idéa de modificar-se o curso do rio São Francisco.

Sim, senhores, de desviar-se o rio formidavel, levando-o ao extremo norte do paiz, afim de irrigar as zonas devastadas pelas seccas. Não sei quantos milhões de contos eram necessarios á realização desse romance scientifico. Mas o autor, technico do Reino da Utopia, propunha-se, com geito de alchimista das finanças, a arranjar em tres tempos o dinheiro indispensavel a tudo isso, muito seguro de exceder o Lesseps do canal de Suez ou os yankees do canal de Panamá.

O seu livro vinha entulhado de mappas, schemas, orçamentos e outros elementos impressionantes. E era difficil pôr-se em duvida a seriedade, a exequibilidade de um projecto que se apresentava de tal maneira apoiado em cifras, diagrammas, cartas topographicas, demonstrações geologicas, o diabo a quatro...

Mas nem se diga que isso só occorre com gente de somenos. Acaso um Ruy Barbosa não falou durante duas ou tres horas no Senado, para accentuar a differença que existe entre "lei annua" e "lei annual", e

não chegou a zangar-se com os bondes que passavam fazendo barulho ou com os demais senadores que se mostravam desattentos?

Tal qual na discussão entre Alencar e Zacharias, nos bons tempos do Imperio, a proposito da melhor maneira de pronunciar a expressão "pall-mall"...

E outra bizarrice da Republica foi quando o fallecido Mendes de Aguiar, humanista gordo e affavel, intrepido carregador das proprias banhas, verteu para o latim tantos poetas nossos, como se, lingua morta por lingua morta, não pudessem elles ficar mesmo em lingua portugueza...

AGRIPPINO GRIECO.

OBRA DE VULTO

La cité des livres, casa editoral de Paris, iniciou a publicação do *Diccionario Politico e Critico* de Charles Maurras. Essa obra, executada sob a direcção de Pierre Chardon, constará de uma vintena de fasciculos, a apparecerem incessantemente e cujo primeiro já foi posto á venda em Novembro ultimo. Conhecido o grande numero de admiradores e discipulos que tem o infatigavel batalhador da *Action Française*, o *Diccionario Politico e Critico* está despertando justificado interesse e terá segura repercussão nos meios intellectuaes francezes. Nelle se procuram definir, atravez do pensamento maurraseano, as idéas e os objectos tal como elle os concebe e formam hoje um verdadeiro corpo de doutrina, espalhado não só nos seus muitos livros, como no sem numero de artigos que tem escripto para jornaes e revistas, pois que Charles Maurras ha mais de trinta annos milita assiduamente na imprensa.

VICTOR BÉRARD

A morte de Victor Bérard priva a França de um dos seus maiores humanistas.

Bérard fez por assim dizer o reconhecimento geographico dos sitios em que se desenrolam os principaes lances da Odysséa *de Homero. Peregrino das zonas classicas, consagrou muitos annos de existencia ao cantor de Ulysses e Nausicaa e evidenciou que, longe de deixar arrastar-se por uma phantasia desbridada, Homero descreveu com uma precisão quasi scientifica todos os mares e terras em que decorrem as aventuras dos seus heróes.*

Taes estudos, nesse particular, exhauriram o assumpto e Victor Bérard quasi nada deixou para os futuros commentadores da Odysséa.

Professor e publicista sinceramente devotado aos seus mistéres, folheando centenas de tomos com mão diurna e nocturna, pondo-se em amistoso contacto com os discipulos, esse mestre sem emphase e sem ronha pedagogica muito concorreu para a intensificação dos cursos de humanidades em seu paiz.

Partido da celebre Escola Normal de Paris que foi sempre uma sementeira de eruditos, Bérard, desde moço, tomara-se de amor pelas pesquizas historicas e uma estadia no Oriente, seguida de longos passeios entre as ruinas de Athenas, fel-o voltar a Paris abastecido de documentos pessoaes para uma admiravel these de doutorado litterario, a proposito da Origem dos cultos arcadianos, *e em que elle demonstrava perdurarem no sólo e nos habitos gregos inapagaveis vestigios da passagem dos phenicios.*

Persistindo nessa série de estudos cyclicos em torno á civilização hellenica, que lhe tomaram dois terços da vida, provou que os antigos eram bem mais realistas do que se pretende, decalcando os seus escriptos nas almas e paizagens circumstantes, de modo a nos legarem trabalhos possuidores de uma fidelidade, de uma fidedignidade bem superior á que julgam os inimigos do Passado.

Em particular, o que occorreu nos dominios do Mediterraneo interessava a esse latino de boa estirpe intellectual.

Nas horas que o classicismo lhe deixava disponiveis, Victor Bérard analysava as questões de politica contemporanea, talvez para aprovisionar-se de alguns francos mais, commentando os casos bellicos ou pacificos da Macedonia, de Creta, do imperialismo inglez, do sultanato, da acção austro-russa, tudo com dignidade, limpidez e segurança de visão julgadora.

Nascera elle em 1866 e era um senhor dos mais attrahentes, com a sua barbicha de pintor do Bairro Latino e uns ares algo bohemios que talvez lhe adviessem da vagabundagem physica ou espiritual pelos livros e pelas terras de Homero...

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

VESTIDOS — CHAPEUS
LINGERIE

(da alta costura de Paris)

CARTEIRAS — COLLARES
FLORES, ETC.

(artigos da ultima moda, recentemente recebidos de Paris)

MIQUELARENA

A ironia facil e sympathica de Miquelarena já produziu alguns livros: *O sabôr da Hollanda, ...mas elles não têm bananas* e agora *Vinte e tres*. Todos editou-os primorosamente a Casa Espasa-Calpe, de Madrid.

Vinte e tres é obra de chronicas e noticulas humoristicas. Ha até, entre ellas, uns contos meio narrativas, que agradam por sua rapidez e graça.

Miquelarena especializa-se em viajens. Nas pelliculas vertiginosas, onde ficam traços de cidades e personagens, é que sua penna-pincel se destaca. Por isto, — predilecção que se casa esplendidamente ao seu estylo syncopado, — o autor de *Vinte e tres* parece discipulo simultaneo de Paul Morand e Julio Camba.

Como quem apenas se diverte, Miquelarena ás vezes observa com proficiencia e assevera coisas graves. Testemunho: o capitulo intitulado: *Elogio da espanholada*.

De facto. Nega-lhes a seus compatriotas motivos de zanga, por se verem pintados á romantica. Peor acontece aos francezes, que no resto do mundo surgem sempre alheios ás virtudes conjugaes. Peor aconte aos inglezes, que, para a humanidade, são eternamente rigidos e incultos. Peor acontece aos yankees, que os outros povos imaginam incapazes de distinguirem um soneto de um ról de roupa suja.

O espanhol (sustenta Miquelarena) não se deve queixar, pois é a unica gente da actualidade que, para o extrangeiro, possue ardorosas mulheres de navalha á liga e vóz de agua impolluta, cavalheiros indomaveis e vingativos, que só tratam da honra e do desinteresse, mesmo quando se atiram aos chifres de um touro...

As paginas de *Vinte e tres* a respeito de Schreiber, o clandestino do avião *Passaro amarello*, valem cinco minutos de attenção. E' uma reportagem.

O jornalista pergunta ao estranho passageiro a causa de sua idéa de metter-se occulto na cauda do aeroplano.

— Nasceu-me a vontade de o fazer depois da leitura de um livro de Mopeisan. Com certeza o senhor leu Mopeisan...

— Tenho pouquissimas noticias da litteratura norte-americana.

— Não... Mopeisan... Com certeza o senhor leu...

E, tomando papel e lapis, escreve Schreiber e entrega a Miquelarena um nome. Era Maupassant.

Vinte e tres é, desta fórma, cinematographo. Aquillo corre aos olhos do curioso em segundos. Nada de quadros sentimentaes. Nada de discursos. Impressões. Ou melhor, sensações.

SILVIO JULIO.

DE PARIS

A proposito do "Crapouillot"

Existem em Paris numerosas revistas, numerosos jornaes illustrados, mas não se pode deixar de admirar o espantoso esforço realizado por Jean Galtier-Boissière que, fundando o seu *Crapouillot* com a opposição de todos, não visava mais do que realizar duas idéas igualmente elevadas:

1º, Crear uma revista nova, composta e realizada por novos;

2º, Espalhar, tanto nas nossas colonias como no estrangeiro, por intermedio do livro, o pensamento francez.

Conheci Jean Galtier-Boissière pouco depois da guerra. Elle ainda conservava os gestos rudes do *poilu* que fez toda a campanha nas trincheiras. No meio do cháos que reinava no seu pequeno escriptorio da Praça da Sorbonna, nada impediu que eu o tratasse de criminoso, vendo a maneira por que elle abria as paginas de um numero do *Crapouillot*. (A mão grossa e larga servia-lhe de corta-papel). Eu vos deixo a reflectir sobre o que seria esse massacre. Mas passemos.

"Eu quero — disse-me Galtier-Boissière — crear o Escriptorio do Livro e espalhar por toda a parte o pensamento francez. Não repare na desordem que me cerca. Ella não me atrapalha. O que me atrapalharia seriam os empregados inuteis e o telephone (esses apparelhos não foram inventados senão para fazer perder tempo). Quero evitar as despesas geraes. Nada de cousas inuteis ou luxuosas. Mas, em compensação, muita publicidade, — uma publicidade intelligentemente feita. Quero trabalhar e vencer."

Jean Galtier-Boissière é filho do celebre Dr. Galtier-Boissière, autor do *Larousse Medical*. Elle começou por ser pintor e os seus assumptos preferidos eram os *Bals Musettes* e as prostitutas. Elle fez o seu serviço militar em 1911, quando a lei dos tres annos acabava de ser votada, e a guerra encontrou-o ainda no regimento. Fez, portanto, parte daquella geração que se convencionou chamar do "serviço de sete annos". Durante a guerra, fundou um pequeno jornal do *front* com a collaboração de alguns escriptores e pintores, todos soldados como elle. Esse jornal tinha por titulo *Le crapouillot*, do nome dos pequenos canhões empregados então nas trincheiras.

Liberto do serviço militar, Galtier-Boissière teve a idéa de continuar a publicação desse jornal, transformando-o numa revista artistica de tendencias novas e assaz avançadas. Para esse mesmo jornal elle escreveu então as suas recordações da guerra, mais tarde reunidas em volume sob o titulo *Loin de la rifflette* (*rifflette* em gyria de soldado significa *fogo*). Tendo sabido cercar-se de collaboradores de talento, Galtier-Boissière fez rapidamente do *Crapouillot* uma das revistas mais procuradas depois da guerra. Por esse tempo, elle havia abandonado completamente a pintura pela litteratura e publicou um romance sobre o meio que outróra fôra o thema da maior parte dos seus desenhos. Esse romance, intitulado *La bonne vie*, havia sido escripto para provar, contra Charles-Louis Philippe e outros escriptores, que certos heróes das camadas inferiores eram felizes, muito felizes na sua situação; e que certas mulheres, tidas como victimas pela litteratura, não trocariam a sua vida por outra. *La bonne vie* obteve um grande exito.

Seguiu-se a esse um livro de guerra: *La fleur au fusil*.

Para luctar contra a crise do livro, de que se queixavam os editores, Galtier-Boissière teve idéa de publicar numeros especiaes do *Crapouillot* sobre assumptos mais ou menos de actualidade. Esses numeros especiaes, de que o mais importante foi *A guerra desconhecida*, trouxeram para a revista um grande numero de leitores novos, que a encorajaram por esse caminho. Os principaes numeros especiaes que se seguiram foram consagrados aos *Americanos*, aos *Mysterios da Guerra*, aos *Allemães*, ao *Automovel*, *Vinhos de França*, *Viajem a Paris*, etc. O ultimo desses numeros, dedicado aos *Inglezes*, e que continha revelações sensacionaes, foi interdictado a pedido da Embaixada da Inglaterra. Tal medida provocou em todos os jornaes um movimento consideravel de opinião contra esse attentado á liberdade da imprensa.

O trabalhador infatigavel que é Jean Galtier-Boissière venceu em toda a linha e foi mesmo muito além das suas esperanças. Elle é hoje uma personalidade marcante no mundo das lettras e a victoria do *Crapouillot* pertence-lhe exclusivamente.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

ADHEMAR VIDAL — **O Incrivel João Pessôa** — (Editorial Universo) — Rio, 1931.

Referindo-se a este livro, disse delle Azevedo Amaral ser o mais interessante e instructivo dentre quantos já se escreveram em torno da revolução de Outubro. Tem, talvez, razão o brilhante jornalista patricio, pois embora *O incrivel João Pessôa* se confine no ambito estreito do pequenino Estado nordestino e tenha por principal objectivo traçar um perfil do grande homem que, além de ter sido um administrador excepcional, tanto elevou a dignidade da funcção publica no Brasil, é nas suas paginas que vamos encontrar o maior repositorio de factos e documentos já de si bastantes, se outros e innumeros não houvesse, para explicar o movimento subversivo que se alastrou de norte a sul do paiz e deu por terra com o regimen constituido.

Somos dos que sempre olharam o rincão parahybano com enternecido carinho, feito da saudade com que nos voltamos para dois lustros atraz e lá nos vemos, ao lado de Accacio Pires, captivos da melhor hospitalidade, trabalhando numa Commissão de Prophylaxia Rural. Dahi a amargura d'alma com que sempre acompanhamos a serie infindavel de males que se abateram, tão injustamente, sobre o altivo povo parahybano e culminaram na perda irreparavel do seu glorioso Presidente.

Ainda que Adhemar Vidal qualifique modestamente o seu trabalho de "singela reportagem", *O incrivel João Pessôa* trae o escriptor de fino gosto que já nos deu algumas paginas de boa ficção, e por mais que elle se esforce por não fugir á narrativa serena dos acontecimentos, de que foi figura em evidencia, ha capitulos do seu livro, principalmente aquelle ultimo intitulado *Homem e Santo*, que não se lêm sem muita emoção.

GASTÃO CRULS.

A LITTERATURA INFANTIL E MONTEIRO LOBATO

A conquista do mundo maravilhoso das creanças é recente. Durante muito tempo foram ellas consideradas apenas abreviaturas de adultos sem marcas e caracteres proprios. Só neste seculo foi que os estudos de psychologia revelaram a personalidade dessas encantadoras creaturas.

A arte, aqui como em muita cousa mais, precedeu á sciencia. Dahi toda a litteratura infantil, que vem de longe. Litteratura, é claro, de livros destinados a serem lidos.

Estudos a respeito, em lingua portugueza, são escassos. Lembram-se todos da carta admiravel de Eça de Queiroz sobre a litteratura ingleza de Natal. Em nenhum povo, talvez, o alimento da imaginação infantil é preoccupação tão forte como entre os inglezes e, no fim de cada anno, o abastecimento se renova.

Em 1921, a *Revista do Brasil*, Nº 70, publicava um interessante artigo de Marcel Braunschving, em que o thema foi tratado de modo completo, embora rapido, desde os albuns para as primeiras idades até os livros classicos. No Congresso da Creança, de 1922, Afranio Peixoto apresentou uma encantadora memoria, em que fixa nitidamente o papel do maravilhoso na leitura infantil. Tristão de Athayde, em algumas chronicas, tambem abordou luminosamente o assumpto em relação á prosa e ao verso. E, na *Associação Brasileira de Educação*, a nossa maior especialista em litteratura infantil, D. Armanda Alvaro Alberto estuda a questão em todos os aspectos, tendo realizado dois inqueritos entre creanças do Rio, sendo o ultimo em cerca de seis mil votantes. Analoga iniciativa teve na *Escola de Aperfeiçoamento*, de Bello Horizonte, Madame Antipoff. Em ambos os inqueritos, o daqui e o de Bello Horizonte, Monteiro Lobato apresentou, a rigor, a maior votação. Arnaldo Barreto e Figueiredo Pimentel, que obtiveram maior numero de votos, não escreveram realmente historias originaes. Lobato trouxe para a litteratura infantil a graça nova, o imprevisto das situações, o pittoresco das narrativas da sua obra de ficção. E accrescentou ainda muito ao tecido de imaginação, que mantem suspenso o folego dos seus leitorzinhos e a attenção presa. Todos os livrinhos que vem publicando têm hoje um grande publico de pequeninos.

Inventando e aproveitando, faz sempre trabalho original. Mas nenhum, talvez, mais agradavel (até para as creanças grandes que todos somos mais ou menos), do que este volume, inaugural da *Bibliotheca Pedagogica Brasileira*, emprehendida em S. Paulo pelo impeto renovador de Fernando de Azevedo.

E' o *Reinações de Narizinho*, onde os seus personagens, já populares, são as figuras principaes e onde surgem, com uma graça inimitavel, todos os habitantes do maravilhoso mundo infantil.

Fogem o Pequeno Pollegar e a Gata Borralheira do livro de D. Carocha, que os sae a procurar. Intervêm Peter Pan, Gato Felix, o velho La Fontaine, o ancião Esopo, numa combinação admiravel de lembranças antigas e modernas, que mantem vivo e constante o interesse de qualquer leitor.

Adaptou tambem, em excellente versão, o *Robinson Crusoe* e *Alice no Paiz das Maravilhas*, de Lewis Carroll.

E' preciso accentuar a feição graphica destes livros, que lembram os congeneres inglezes.

Pela larga preferencia das creanças brasileiras, é, hoje, Monteiro Lobato escriptor singular e isolado, com a mesma grandeza que lhe deu destaque entre os que fazem ficção no Brasil.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

Mal d'Amour — Premio Goncourt

O premio Goncourt, este anno, foi conferido a um livro que estava longe de ser dos mais cotados a essa distincção, distincção que tem o poder de attrahir para qualquer autor obscuro os olhares difficeis e caprichosos da Gloria. Gloria que dura muitas vezes dias apenas. Os inimigos da academia dos "dez" não se cansam, de resto, de espalhar que o premio Goncourt nada mais tem feito do que illuminar o que é por sua natureza ephemero, embora não lhes seja possivel esquecer que sem elle, premio Goncourt, teria passado quasi desconhecido entre seus contemporaneos, pois encontrára difficuldade até em ter editor, o maior romancista do seculo, e um dos maiores da litteratura francesa: Marcel Proust. O escolhido deste anno foi um escriptor joven, Jean Fayard, que não é precisamente um escriptor novo. *Mal d'amour* é aliás livro que se enquadra perfeitamente na tradição do romance francez onde culmina o *Rouge et Noir* de Stendhal. Veio, o livro de Fayard, como a critica de sua patria mesmo o observou, marcar uma especie de volta a essa tradição. A maneira por que o autor conduz a sua historia, a feição clara da sua psychologia, a nitidez da sua analyse, fazem de *Mal d'amour* um romance typicamente francez. Não é um grande livro, que tome lugar muito importante nessa litteratura enorme que por nos dar sempre muita cousa nos leva a della tudo exigir com um rigor sempre crescente; mas é um livro que se lê com interesse, e que adquire nas suas ultimas paginas uma grande força de realidade e soffrimento.

Existe mesmo o *mal d'amour?* Parece que existe, pois os homens pasmados continuam a estudal-o atravez dos seculos. No romance de Jean Fayard dois homens são victimas de uma mesma mulher que lhes transmitte essa doença. Ella os ama a cada um de uma vez. E vae se fixar num outro, a quem inutiliza tambem, e desta vez porque morre, deixando-o, com os outros dois, acabados para toda a renovação, para toda a participação de felicidade (digamos assim para facilitar) humana.

O que constituia o encanto dessa heroina, sem nada, absolutamente nada, de mulher fatal, coisa que não se encontra lá com muita facilidade na litteratura franceza, como vem de observar num livro terrivel, *Le Bourgeois et l'amour*, o terrivel Emmanuel Berl, o que fazia o encanto dessa Florence, não seria o amor que ella dedicava ao proprio amor bem maior que aos homens que corporificam esse amor? O autor parece, elle proprio, não ter conseguido grande intimidade com a sua personagem, pois o retrato que della nos dá, é rapido e mais exterior do que interior, aspecto esse que conhecemos mais pelo effeito que ella produz nos que a ama-

Protecção á Natureza

Datam de 1905 os primeiros esforços para universalizar a protecção á natureza.

Um voto de Raoul de Clermont, na reunião conjunta do 2º Congresso Internacional de Arte Publica com o Congr. da Associação Litteraria Internacional, determinou a serie de congressos internacionaes de 1909, 1910, 1911, 1913, 1923, etc.

No Congresso de 1923, em Paris, foi creada uma Commissão Permanente que desde então vem tornando dia a dia mais fecundas essas conferencias internacionaes.

Tenho em mãos o relatorio geral do Congresso de 1923, em que foram apresentados numerosos trabalhos sobre fauna, flora, solo e sub-solo, sitios, paysagens e a natureza em geral.

Varios projectos foram então approvados, visando estabelecer leis protectoras ou aperfeiçoar as existentes, nos paizes que se fizeram representar.

Seria interminavel a lista do que urge proteger, dentre os bens naturaes que o egoismo humano vem destruindo e que destruiria até a devastação completa, se uma salutar reacção não se tivesse levantado contra a ganancia e a imprevidencia.

O lemma dos devastadores, segundo o Prof. Humbert, é o fatidico "*Après-moi le déluge*"; elle se exprime tambem pela phrase bem significativa: "Quem vier depois que se arranje!"

A baleia da Groenlandia a que Sarasin chamou "o monarcha do oceano" já não figura nos registros de pesca nos mares arcticos da Europa, desde 1914; por egual a baleia antarctica nos mares austraes já não se encontra.

O bisão da America só existe ainda graças á protecção que lhe é dispensada, especialmente na America do Norte.

Das aves uteis cuja lista seria interminavel, basta que lembremos o condor dos Andes, cada vez mais raro.

O chimpanzé e o gorilla da Africa, o orango-tango da Malasia, o "colobus" da Africa central, o "racoon" da America do Norte, o "chimehilla" do Equador, do Perú e do Chile; os antilopes, a phoca gigante de Guadelupe, o urso pardo, o rhinoceronte branco do Transvaal são alguns exemplos de que poderia citar centenas, de especies que desappareceram, ou que estão em perigo de extincção.

A flora espontanea, as grutas, as paizagens, os bellos sitios naturaes, tudo tem soffrido a acção devastadora do homem egoista que de tudo procura obter proventos immediatos, sem cogitar do futuro.

No que concerne á protecção da natureza na America do Sul, o congresso de 1923 apenas registrou a critica do Prof. Hornaday, Director da "Trustee Permanent Wild Life Protection Fund" e do Jardim Zoologico de New York, de que os paizes de nosso continente parecem ignorar a necessidade dessa protecção.

Felizmente já temos hoje alguma cousa que demonstra o contrario, mas ainda estamos muito longe da ampla protecção a estabelecer.

A leitura dos "Comptes-rendus" do Congresso de Paris é altamente instructiva neste particular, pelo que recommendo-a vivamente aos que busquem argumentos para essa protecção.

A. J. de Sampaio.

EXPOSIÇÃO BRUNO LECHOWSKI

O pintor polonez Bruno Lechowski interessou bastante os amadores do Rio com a sua exposição de trezentos quadros, paizagens brasileiras, motivos symbolicos, etc.

Tendo percorrido grande parte do nosso paiz, a estudar-lhe a natureza e as figuras typicas, esse artista europeu mostra-se um deslumbrado pelos bellos aspectos terrestres, procurando, todavia, expressal-os, segundo confessa, através de uma nobre emoção philosophica.

Não dá titulos ás suas télas, "pois o autor não deseja suggerir idéas, julgando que qualquer elucidação só contribuiria para paralysar a observação subjectiva do espectador".

---

ram do que pela explicação do mechanismo dos seus proprios actos.

Ha um capitulo do livro realmente admiravel, o que tem o titulo de *Ausencia*. Só quem passou por phase identica é capaz de comprehender a justeza dos detalhes desse tormento terrivel, o maior do mundo talvez, que é a separação do objecto amado pela propria vontade desse objecto, phase em que os doentes do *mal de amor* teem a impressão de que o céo desabou sobre elles e que é impossivel qualquer interesse pelas cousas que antes constituiam o ambiente em que os "atacados" viviam. Sensação de humilhação, em que os mais fortes perdem completamente qualquer noção do seu valor proprio, ficando com a impressão de que a natureza os expulsou, de que não são dignos de tomar parte na vida e no seu rythmo. A espera desesperada, a insomnia, a solidão, a impossibilidade de se libertar do *inimigo* que só o tempo reduz e vence, o desejo de matar o amor e o trabalho desconhecido do que Stendal chamou a "glandula da esperança", ultima coisa que morre no homem e que é uma especie de coração da alma, que quando deixa de pulsar faz com que tudo silencie para sempre em torno; tudo isso está nessa parte final do *Mal d'amour*. E' uma analyse lenta de um flagello que é poderoso porque é invisivel e joga com o que temos de mais delicado na natureza e na alma, que provoca em nós o que temos de mais distante, de mais recatado, que é "a felicidade de se dar", de "se offerecer", de abandonar as garras que a vida nos offereceu para não sermos a todo o momento sacrificados por ella mesma.

O peior é que não amamos apenas a carne, mas as almas tambem; amamos e confundimos o que contém e o que é contido.

No livro de Fayard é uma mulher que se entrega a um rapaz; que por elle esquece o velho amante; que lhe dá toda a impressão de que é delle para sempre e, depois de abrir as portas do seu paraiso e se deixar crystallizar inteiramente, para fallar á Stendhal, retira e corta todas as communicações, com o que já passara a ser para a victima toda a sua razão de ser.

O mais dramatico é o que o amor continúa, apesar de tudo e que a crystallização do objecto augmenta sempre até... acabar. E tudo porque, o amoroso mais revoltado, tem em si uma grande sabedoria e bem comprehende que ninguem, nesse particular, é realmente culpado do que acontece, pois ha forças alheias ás nossas vontades e que nos dirigem.

O livro termina com uma especie de romaria dos tres amantes, depois de morta a heroina, a um lugar em que a tiveram viva e feliz. Fim um pouco de effeito, mas que é bem perigoso chamar de impossivel porque tudo é possivel, principalmente nesse assumpto.

Augusto Frederico Schmidt.

Georges Simenon

Estão obtendo grande successo as narrações policiaes de Georges Simenon. E' elle agora um dos mestres do romance de largas tiragens.

Conversando com G. Charensol, Simenon contou-lhe que leva, em média, quatro dias para fazer um livro e já redigiu até hoje uns duzentos e oitenta volumes, sob dezeseis pseudonymos diversos. Acorda todos os dias ás cinco e meia e, ás seis, está deante da machina de escrever, de cachimbo na bocca e com um litro de vinho branco ao lado. Jámais desprevenido de phrases de espirito e não sendo nunca um aborrecedor profissional, escreve um capitulo por hora. Sem gemer ou arquejar, diverte-se bastante no trabalho. Ao meio-dia, concluida a tarefa diuturna e esgotado o litro de vinho, atravessa a ponte do Iiate e vae estender-se animalmente na relva...

Porque Simenon, que apenas conta vinte e oito annos, mora numa pequena embarcação de sua propriedade, na qual já atravessou todos os canaes da França, havendo reflexos dessas excursões em varias obras suas, onde se fala abundantemente em eclusas, peniches, pharóes, etc. Visitou a Hollanda e ahi localizou uma de suas historias impressionantes; conhece a Allemanha, a Escandinavia, e não ha muito retornou da Laponia. Quando nas proximidades do pólo, esse filho do norte, naturalmente inimigo do calor, gostava de quebrar gelo em torno ao seu navio ou de mergulhar a cabeça em agua gelada, talvez para melhor fustigar as suas idéas de ficcionista.

Sonha, ainda, com uma viagem a Calcuttá, a Tahiti, no velho sonho aventuroso dos Cook e dos Stevenson...

Não se dá muito bem em terra firme e só se distrâe a bordo, isto mesmo compondo diversos romances por mez, como agora.

De resto, é mais que um simples confeccionador de trabalhos em série para o grosso publico, e Charensol reconhece que nesse romancista popular existe tambem um romancista "tout court". Não é Simenon dos que ficam surpresos se lhe fallam em litteratura e pedem candidamente informações a respeito... Sente-se nelle a possibilidade de um Jack London ou de um Curwood francez, nada se lhe notando de baixamente melodramatico, como nos Richebourg, nos Decourcelle e em outros idolos dos porteiros e cocheiros parisienses.

Tanto quanto possivel, senão no entrecho, ao menos no ambiente, procura ser um realista, e a moldura de certas ficções suas, qual Un crime en Hollande, *é perfeitamente exacta.* Le chien jaune *quasi lhe trouxe um processo criminal, porque os moradores de Concardeau se reconheceram como personagens da narração.*

Um tal escriptor vive catando typos pelo mundo, e sua memoria de viajante, de observador, pullula de figuras e scenarios que Simenon vae aproveitando no instante opportuno. O autor de Le charretier de la Providence, *que ganha enormemente, gasta uns quinhentos mil francos por anno, e, para experimentar emoções que attribue aos seus heróes, joga em Monte-Carlo, provoca desastres de automovel e lamenta não ter ainda participado de um incendio e de um naufragio sensacionaes.*

Suas obras obedecem ao rythmo do tempo, sendo incisivas, syntheticas, e indo certeiras ao fim visado. O commissario de policia Maigret é a figura central dos livros e, sem os raciocinios illogicos á força de logica, de um Sherlock, é bem mais humano e verosimil, possuindo algo da bonhomia, tradicionalmente gaulesa, do Lecoq de Gaboriau.

E tudo isso explica não haver sido immerecido o premio Mac Clure, de muitos milhares de dollares, com que Georges Simenon foi galardoado por uma grande casa editora da America do Norte...

LETTRAS ITALIANAS

Corrado Tumiati publica *I tetti rossi*. Prezzolini disse que escriptores como esse, oriundos de outra profissão, trazem á litteratura o enriquecimento de uma nova experiencia e de uma realidade humana que os escriptores profissionaes nem sempre conhecem. Medico psychiatra, Tumiati bem sabe que na alma profunda existe sempre, á guisa de metal muito occulto, um pensamento mysterioso a recolher. Mas, apesar de frequentador de hospitaes e manicomios, o autor dessas memorias clinicas não se circumscreve á evocação da gente enferma. Observa tambem a gente sã e sabe egualmente pintar a ventura e a desventura com um pincel que não lhe treme entre os dedos.

— Domenico Giuliotti, pamphletario á Bloy e á Papini que chamou o nosso tempo de "hora de Barrabas", alludiu com grande sympathia ao romance de Bino Sanminiatelli intitulado *L'urto dei simili*, trecho de uma historia domestica, dolorosa, cinzenta, narração que lembra uma casa de janellas fechadas e onde as creaturas fallam baixo e os parentes trocam sombrios olhares sempre que se encontram nas salas ou nos corredores cheios de teias de aranha.

— Um homem austero, o professor Francesco d'Ovidio, cooperou numa edição revista e annotada das *Metamorphoses* do seu quasi homonymo, o fraseario Ovidio dos cosmeticos e da arte de amar.

— Continúa a ser reunida em volume a obra de critica musical de Arrigo Boito, autor do *Mefistofele*, opera levada aqui no Rio centenas de vezes e vasada, como ninguem ignora, no *Fausto* de Goethe, tal qual os trabalhos famosos de Gounod e Berlioz. Muito antes de atirar-se á confecção do libreto e da partitura do *Nerone*, outra opera impingida aos amadores cariocas e que só terminou ás duas da madrugada, deante de um publico somnolento, Boito escrevia nos jornaes da Italia sobre Mendelssohn e Wagner, tratando bem o primeiro e maltratando o segundo. Quanto a Meyerbeer, é classificado por elle de "genio soberano" e comparado nada mais nada menos que a Beethoven...

— A. Traglia encontra reflexos homericos nos fragmentos de Empedocles.

— Admiravel commentador de Dante e conhecedor de todas as minucias da Renascença, Corrado Ricci estampa a collectanea *Figure e fantasmi*, série de pequenos ensaios que constituem, para elle, momentos de diversão, de repouso ao seus tomos de maior robustez e solidez. São assumptos varios, das Naves de Nemi, que tanto preoccuparam Mussolini, ao castello de Sant'Angelo, onde o melodramatico Sardou localizou o fecho sensacional da *Tosca*. Humanista de gosto e tacto subtilissimos, Ricci sabe fazer excavações nas almas, dando-se a uma especie de archeologia moral das mais suggestivas e animadas. Bellas, em particular, as paginas em que elle focaliza a passagem de Leopardi pelo desoladissimo ambiente de Ravenna, cidade que compunha as melhores perspectivas architectonicas para o genio solitario e pessimista que escreveu certa vez: "*nasce l'uomo a fatica — ed è rischio di morte il nascimento*".

— M. F. Canella, no opusculo *Julien Benda e la funzione dei Clerici*, aponta o que elle chama "as contradicções de um racionalista".

— Morrendo ainda muito novo, Virgilio Procacci mal teve tempo de pôr o ponto final no seu excellente estudo sobre o poeta Boiardo, obra de devoção, de sincero fervor litterario, em que resurge a figura do cantor do *Orlando Innamorato*. Precursor de Ariosto, havendo rasgado através da floresta de legendas o caminho que este percorreria com desenvoltura, Boiardo, bem mais romantico que o seu continuador, infundiu ao cyclo de aventuras medievaes uma riqueza phantasiosa e um colorido sentimental que o tornam ainda facil de ler-se nos dias que correm. As oitavas do *Innamorato* encantam ainda agora como uma successão espectacular de episodios de heroismo e galanteria em que vibra uma alma de verdadeiro fidalgo e a imaginação decorativa de um authentico homem da Renascença.

— A titulo de simples curiosidade: G. Alpi traça, em 108 paginas, o perfil biographico do sr. Carlos Magalhães de Azeredo, "poeta e humanista americano".

— Savonarola, o inquieto dominicano que acabou na fogueira, depois de na fogueira ter feito torrar as obras de Petrarca e dos classicos pagãos, está merecendo longas e attentas analyses de escriptores allemães e inglezes e, a esse proposito, os seus patricios voltam a tratar delle. Frederico Chabod insiste em reavivar os traços da physionomia moral do censor que destoou dos festins florentinos e foi um grito de revolta e maldição entre tantos dithyrambos jubilosos dos contemporaneos dos Medicis. O professor de ethica e o reformador religioso que coexistiram em "fra' Gerolamo" são bem recordados e tambem o é o pensamento de amor com que Savonarola sempre luctou e trabalhou pela unidade politica da Italia, exactamente como Dante e Machiavel.

Podemos annunciar desde já, para o proximo numero, novos trabalhos dos nossos collaboradores Roquette-Pinto, Antonio Torres, Aloysio Branco, e uma interessante digressão do Barão d'Ascurra sobre a "Antigua & Nova Gnomonia".

A 4ª CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Realizou-se, entre 13 e 20 de Dezembro, a 4ª Conferencia promovida pela benemerita *Associação Brasileira de Educação* no seu objectivo de propagar e agitar o grande problema nacional que constitue o seu programma. Iniciativa e realização do prof. Fernando de Magalhães, estes congressos têm a vantagem de reunir os interessados, interessados ou desinteressados, que se conhecerão pessoalmente, permutarão impressões e suggestões, mostrando a cada qual o que foi feito e mesmo o que não foi, ao mesmo tempo que offerece a opportunidade de se vêr muita cousa que se desconhece.

As sessões plenarias servem de pouco. Ha sempre muita rhetorica em disponibilidade á espera destes momentos e a conferencia se reuniu na Camara... Mas as palestras realizadas pelos professores Jonathas Serrano, Lourenço Filho, Anisio Teixeira, Gustavo Lessa, Léon Renault e Bello Lisbôa, de doutrina ou de documentação, deram uma visão variada e panoptica da educação de hoje, na complexidade de seus ideaes e problemas.

A *Escola de Aperfeiçoamento*, de Bello Horizonte, veio ao Rio, nas palestras de Madame Antipoff, Mlle. Milde, D. Amelia Monteiro e D. Lucia Monteiro de Castro, conseguindo esta educadora trazer, na simplicidade e suavidade de sua palavra, a propria escola, um pedaço mesmo de sua propria vida aos que tiveram a fortuna de ouvil-a.

Não esquecer as excursões e visitas, parallelas, que são sempre uteis e pittorescas. E tambem foi notavel a exposição pedagogica, na Escola de Bellas Artes, em que havia muito material didactico interessante e uma magnifica documentação de livros nacionaes, permittindo um balanço rapido, em que se poude vêr o que temos e o que nos falta...

F. V. F.

PAUL MORAND — **1900** — (*Les Éditions de France*), Paris, 1931.

O retrato de uma época, a época dos nossos paes, uma época que já está longe, muito longe.

O que ha de admiravel nesse livro é a arte com que o autor soube traduzir na linguagem de hoje as cousas de hontem. Tão bem feito está que entendemos e compartilhamos do modo de pensar da gente daquelle tempo; comprehendemos o espanto delles perante o automovel e o aeroplano, comprehendemos as suas paixões em torno das questões politico-religiosas, comprehendemos o seu orgulho deante da machina, da industria.

Esse livro, apezar de só tratar de Paris, nos retrata o mundo, ou pelo menos o mundo civilizado de 1900. Epoca de orgulho satisfeito, de despreoccupação pelo futuro, de grandes pompas e de pouco pensamento. Foi quando se formou e preparou a guerra que, em boa hora, veio mostrar aos homens o quanto eram imperfeitos, obrigando-os a partir em busca de um novo ideal e trazendo-lhes a exacta percepção dos seus problemas sociaes.

JACK SAMPAIO.

CANDIDO MOTTA FILHO — **O thema da nova geração** — Editor Schmidt — Rio, 1931.

O pensamento social e humano de Alberto Torres enche as paginas deste notavel sociologo moço de São Paulo. Enche-as, todavia, numa adaptação intelligente aos tempos que correm e sem nenhum mimetismo servil. O autor é dos que desejam dar um alto sentido moral aos nossos factores partidarios e é dos que pretendem, na vida administrativa do paiz, cultura, caracter e dedicação desinteressada á cousa publica. Possuindo uma grande erudição nos assumptos de sociologia de que se fez especialista e expressando-se sempre com uma clareza avessa á rhetorica, não quer senão que a politica deixe de ser no Brasil uma profissão, para que os politicos se tornem, realmente, creadores de felicidade commum.

CARLOS DANTE DE MORAES — **Viagens interiores** — Editor Schmidt, Rio, 1931.

Encontra-se nas *Viagens interiores* a revelação de um excellente ensaista gaúcho. Os estudos sobre Cruz e Souza e Graça Aranha são dos mais definidores, dos que mais lucidamente exprimem o poeta e o prosador evocados. Respeitando a intelligencia alheia, por isso que muito préza a sua propria, o sr. Carlos Dante de Moraes sobrepõe a critica das bellezas á dos defeitos. Não desce nunca ao tom pamphletario e a equanimidade com que conclue sobre os figuras de que trata assegura um forte prestigio a esse estreante já agora victorioso. Póde-se incluir, sem medo, o autor das *Viagens* entre os nossos melhores retratistas de espiritos.

D. MARTINS DE OLIVEIRA — **No paiz das carnaúbas** — Rio, 1931.

São innegaveis os meritos narrativos deste joven escriptor do Norte, que se apresenta com uma série de descripções, ora litteraes, ora romanceadas, da gente e do viver das margens do rio São Francisco, desse rio que mestre João Ribeiro classificou de "grande caminho da civilização brasileira". O começo do livro, com o attrahente episodio do padre e dos barqueiros, vae interessando o leitor, e, máo grado uma ou outra scena talvez excessivamente sentimental, uma ou outra paizagem de chromo ou idyllio de vinheta, o volume faz-se ler com satisfação que não decresce. Se, nos proximos trabalhos, o sr. D. Martins de Oliveira se apegar ainda mais á verdade objectiva de figuras e ambientes bahianos, bem poderá unir o seu nome a uma obra litteraria destinada a perdurar.

THEODERICK DE ALMEIDA — **Ouro, Incenso e Myrrha** — Guido & C. — Rio, 1931.

Esse talentoso poeta é um epigono retardado, mas não mediocre, da escola parnasiana. Talvez lhe desejassemos uma comprehensão mais aguda da vida moderna, mais emoção e maior sensibilidade vivificadora. Acceitos, porém, os dogmas do credo litterario que elle prolonga com tamanho brilho, forçoso é convir que os seus versos são excellentes. O sentimento decorativo, o gosto das pompas, das grandes fidalgas, é intenso nelle, e o seu livro impõe-se, quando não pelo pensamento, pela musica e pintura das palavras, encantadoras sempre. Autor mais descriptivo que introspectivo, o Oriente sedul-o immenso e as suas melhores estrophes aproveitam, como thema essencial ou nota subsidiaria, a lampada de Aladino, os punhaes asiaticos, a Samaritana, um leque chinez, os bailados de Salomé. Mas, dentro mesmo da inspiração dramatica, sabe elle dar-nos versos commoventes, como os consagrados á memoria de seu pae, o espirituoso Antonio Pinheiro, uma das mais nobres figuras da nossa antiga bohemia jornalistica.

VICTOR ALVES E OTHON COSTA — **Diccionario da Lingua Nacional** — Editor Saverio Fittipaldi, Rio,

Tiveram larga diffusão os primeiros fasciculos do minucioso diccionario dos srs. Victor Alves e Othon Costa, e a operosidade dos jovens membros da Academia Carioca, incentivada por um editor de corajosas iniciativas, já mereceu o significativo louvor do grande philologo João Ribeiro, que assim se manifestou a respeito: "Esse começo de acção que não julgamos prematuro, nem precipitado, assegura-nos um acabamento sério e talvez magistral. Será essa, depois da obra de Moraes, a tentativa mais completa e mais digna de credito que até hoje realizamos. Possam os dois autores do *Diccionario Nacional* levar a cabo a gigantesca empresa a que em tão boa hora puzeram hombros."

KARIN MICHAELIS — FEMMES — (*Les sept sœurs*) — Romance traduzido do dinamarquez por Léon Laurent. Librairie Stock, 1931.

E' a correspondencia trocada entre sete irmãs. São cartas sem data, apenas com a indicação dos nomes da remettente e da destinataria, interrompidas duas ou tres vezes com a transcripção de algumas considerações destacadas das notas do marido de uma dellas.

Não é um romance: são sete romances, mais ou menos completos, muito reaes, profundamente emocionantes. O drama é que é um só. O mesmo de sempre. O que nos preoccupa a todos. O drama da solidão. Todas desejam e procuram ligar-se a alguem, sentir-se junto a outro sêr, fazer parte de uma outra alma. Cada qual luta para isto segundo seu temperamento. Umas procuram um palliativo no trabalho, na arte, na vaidade. Outras, mais primitivas, mais espontaneas, correm em busca do homem, do marido. Como e até que ponto são bem ou mal succedidas, é esta a historia que seguimos atravez dessas cartas admiraveis, profundamente humanas, que nos revelam perfeitamente a personalidade de cada uma, com suas imperfeições e suas qualidades.

Este livro, franco, corajoso, humano, é escripto com extrema delicadeza num estylo puro e simples. Interessará sobremodo a todas as mulheres e surprehenderá a muitos homens. JACK SAMPAIO.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Samuel Roder — MANUAL DO ARCHITECTO. Normas para orçamentos — (Typ. das Flôres). São Paulo.

Pericles de Moraes — A VIDA LUMINOSA DE ARAUJO FILHO — (Livraria Classica). Manáos.

M. Carlos — A SYNTHESE UNIVERSAL E SUAS LEIS — (Paulo Pongetti & Cia.). Rio.

M. Carlos — O COMMUNISMO SCIENTIFICO A' LUZ DO NOVO TESTAMENTO DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO — (Typ. d'*A Vida dos Campos*). Rio.

Waldomiro Silveira — NAS SERRAS E NAS FURNAS — (Comp. Editora Nacional). S. Paulo.

D. Martins de Oliveira — NO PAIZ DAS CARNAÚBAS — Rio, 1931.

Leonidas Korinsfsky — RUSSIA NO PASSADO E NO PRESENTE — (Civilização Brasileira Editora), Rio.

Victor Alves e Othon Costa — DICCIONARIO DA LINGUA NACIONAL — 1º ao 10º fasciculos — (Editor: Saverio Fittipaldi). Rio.

Waldemar Falcão — O EMPIRISMO MONETARIO DO BRASIL — (Comp. Editora Nacional) — São Paulo.

Baptista Pereira — FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS — (Comp. Editora Nacional). S. Paulo.

Sigmund Freud — LICÇÕES DE PSYCHANALYSE — Trad. do allemão por Durval Marcondes e J. Barboza Corrêa — (Comp. Edit. Nacional). S. Paulo.

Raymundo de Moraes — PAIZ DAS PEDRAS VERDES — 2ª edição — (Civilização Brasileira Editora). Rio.

Ruy Barbosa — A GRANDE GUERRA — Collecção Benjamin Costallat — (Editora Guanabara), Rio.

Avio Brasil — ULTIMA AVENTURA — (Galdino Loureiro & Cia.). Bahia.

Carlos Alberto — OS BRASILEIDAS — Tomo I. — (S. Paulo Editora Limitada).

Rogerio Coelho — PARA MEMORIA DE FACTOS — (Imprensa Nacional). Rio.

Osório de Oliveira — GEOGRAPHIA LITTERARIA — (Imprensa da Universidade). Coimbra.

Ramon Fernandez — ANDRE' GIDE — (Éditions R.-A. Corrêa). Paris.

Edmond Jaloux — AU PAYS DU ROMAN — (Éditions R.-A. Corrêa). Paris.

V. Ivanov et M. O. Gerschenson — CORRESPONDANCE D'UN COIN À L'AUTRE. — Trad. du Russe. — (Éditions R.-A. Corrêa). Paris.

Jean Fayard — MAL D'AMOUR — (A. Fayard & Cie.). Paris.

Georges Simenon — LA GUINGUETTE A DEUX SOUS — (A. Fayard & Cie.). Paris.

Fernando Nery — CORRESPONDENCIA DE MACHADO DE ASSIS — (Bedeschi - editor) Rio.

DE TODA PARTE

— Um editor de Paris annuncia para breve a publicação integral do romance *Jude l'Obscur*, de Thomas Hardy. Sabe-se que a traducção anterior havia sahido truncada, para não ferir o bom gosto francez, se bem que, na versão parisiense desse livro tragico, ainda perdurassem muitas scenas terriveis que não passaram sem aturdir um pouco os burguezes sensatos das margens do Sena.

E' que Hardy, morto em 1928 quasi nonagenario, foi, como theatrologo, poeta ou romancista, o cultor de um nihilismo atroz. Espirito de absoluta negação, conduzido por um senso da fatalidade só comparavel ao dos gregos antigos ou dos arabes modernos, fazia por assim dizer pessimismo com meiguice, narrando os peores casos com um ar de resignada doçura que dóe nos nervos do leitor.

Jámais se desprendeu da sua região predilecta, desse Wessex que lhe enche os trabalhos em prosa ou verso. Tendo começado como reconstructor das velhas egrejas dos seus sitios preferidos, não tardou em abandonar a architectura para consagrar-se de todo ás lettras e, embora não requestasse a popularidade, veiu a ser requestado por ella e o seu jubileu litterario constituiu acontecimento historico em toda a Grã-Bretanha, sendo que, ao morrer, teve os despojos conduzidos para o recanto dos poetas na abbadia de Westminster.

Duas vezes casado, talvez encontrasse na propria vida domestica assumpto para algumas curtas e amargas narrações.

Realista e meditativo, tamizando as suas observações na reflexão, olhou para as pequenas miserias, para os pequenos vicios e tambem para os pequenos heroismos de certas almas incomprehendidas que o preconceito e a falsa moral trituram e aniquilam. Viu que o homem está sózinho no mundo, que um homem é sempre contra o outro, e a natureza e a sociedade contra tudo e todos. Ninguem sentiu melhor o chamado pathetico quotidiano. Rural e citadino, foi ainda mais sombrio que Georges Eliot, escrevendo, de resto, com muito mais arte.

Utilizando-se de uma analyse implacavel, objectivo não raro como um scientista, até a sua piedade era meio feroz. Os mais simples dos seus camponios acabam tornando-se complicadissimos, á força de inesperadas surpresas ou descobertas psychologicas.

Producto de um determinismo brutal, *Jude l'Obscur*, biographia das decepções e amarguras de um pobre operario idealista, aterrorizou muitos dos proprios admiradores de Hardy, já affeiçoados á sua maneira tenebrosa. As blasphemias e maldições que estão no volume, implicita ou explicitamente, revoltaram os puritanos, e Hardy comprehendeu que tinha ido um tanto longe, recolhendo-se a um altivo silencio e passando muito tempo sem publicar obra nenhuma.

Quanto aos seus versos, são de um doloroso lyrismo philosophico, e os *Dynastas*, vasto afresco épico destinado ao theatro, mas talvez mais á leitura, evocam as batalhas e os ardentes sonhos de Napoleão através da Europa. Algo da maneira shakespeareana de fazer historia em symbolos, pelo relevo das acções realmente caracteristicas e pelo desdem dos detalhes inuteis. Os sentimentos elementares ou requintados possuem ahi qualquer cousa que faz pensar em Eschylo ou num combate de centauros.

Osorio de Oliveira — **Geographia litteraria** — Imprensa da Universidade, Coimbra, 1931.

Robustecido por uma solida armadura de erudição, argumentando com logica e escrevendo com uma real vivacidade impressionista, o illustre escriptor portuguez Osorio de Oliveira offerece-nos um livro que, se é de um constatador de verdades antigas, é tambem de um descobridor, de um revelador enthusiasta de nomes pouco familiares a nós outros brasileiros. Gostando das viagens, viagens em vagão ou transatlantico, viagens do espirito, o prosador da *Geographia litteraria* tende naturalmente a exaltar os que, como elle, não mais se contentam com a vida quasi sem surpresas da Europa e sonham com os imprevistos do "ailleurs" baudelaireano. Assim ao fallar do japonista Wenceslão de Moraes, não menos interessante que Lafcadio Hearn; de Carlos Selvagem, africanista eximio que levou as suas cogitações coloniaes ao theatro, e de Souza Dias, que se affirmou um sociologo á moderna na sua visão, militar ou pacifica, da Angola.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | N. 6 - MARÇO 1932 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

GOETHE

A NATUREZA concebeu um dia a sua obra-prima e deu-lhe por nome Goethe. Foi em Francoforte no Meno. Fosse em Oxford, Upsala, Philadelphia, o nome teria mudado, o homem seria o mesmo, homem de todos os climas e de todas as latitudes, homem total e universal, numa palavra: homem. Não sei si o simples appellativo aqui conferido como o mais alto e soberano titulo de nobreza será convenientemente apreciado ou mesmo entendido no Brasil, onde a especie de passaro azul que elle designa não figura na ornithologia local; no Brasil onde — seja dito de passagem — é bastante afoitar-se alguem a exceder o nivel de uma mediania conspicua e modorrenta para que inopinadamente lhe voe em cima a chusma dos gallinaceos cacarejantes, exasperados até o paroxismo com tamanha infracção dos privilegios da madraçaria nacional, para o depennarem a bicadas e o reduzirem logo alli a um silencio desdenhoso e precatado. Mas Goethe nos offerece realmente esta singularidade unica entre os grandes do seu tempo — e talvez mesmo de todos os tempos — que nelle o homem foi maior que a obra, e que tendo creado como artista e poeta um poema só comparavel aos mais bellos, profundos e solitarios cantos desferidos na terra, edificou parallelamente um monumento incomparavel, que é a sua propria vida. Não foi um santo — passou o tempo dos santos — tão pouco foi um heroe no sentido vulgar da palavra, e muito menos o Jupiter olympico da lenda. Foi simplesmente isto: um homem, com os seus erros, as suas fraquezas, as suas imperfeições, sciente e consciente da sua humanidade: homo sum.

Mas que sendo homem, mortal entre os mortaes, tenha sabido ascender gradualmente por uma disciplina constante e fervorosa na escala da perfeição ás mais altas formas da existencia, crescer em altura e profundeza, frondejar, amadurecer e produzir os fructos mais ricos e succulentos — arvore da sciencia e arvore da vida, chamou-lhe o dinamarquez Georg Brandes — culminar emfim na personificação da mais completa e acabada humanidade, nisto reside propriamente a grandeza incomparavel de Goethe. Foi esse o milagre que elle realisou e a que se poderia chamar o milagre goetheano como dizemos o milagre grego. Mais que a figura de Goethe-poeta, e ainda que como poeta igualou os maiores de todos os tempos, é com effeito, a figura do homem-Goethe, projectada na attitude do seu "Prometheus" sobre as esteppes mornas do presente, que nos apparece hoje desmesuradamente agigantada e, á distancia de um seculo, digna da nossa admiração e do nosso culto.

Nunca o mundo esteve tão necessitado da contemplação de uma grande existencia nobremente vivida que o reconcilie com o seu destino terrestre; nunca a nossa pobre humanidade inquieta e doente precisou tanto do reconforto de um grande exemplo que nos advirta que o homem não é apenas esta carne triste e miseravel, este animal de presa e rapina, este ventre devorante e este cerebro ruminante, mas qualquer cousa de sublimavel e perfectivel, que é barro e póde tornar-se ouro, que é materia e quer ser espirito, que é noite e aspira á claridade do dia, e que em summa a natureza é capaz de produzir creaturas mais nobres, mais dignas, mais estimaveis que esses pequeninos seres rasteiros que cruzamos diariamente nos caminhos da vida.

Mestre da vida chamaram-lhe e elle o foi verdadeiramente como nenhuma outra creatura de essencia terrestre. Não á maneira de apostolos e philosophos, sinistros prégadores de abstrusas doutrinas e amargos preceitos desconformes com a fraca força humana, mas pelo ensinar com a pratica e com o exemplo como é possivel ao homem ainda o mais obscuro, ainda o mais apoucado, suscitar, estimular e aprimorar em si pelo exercicio de uma disciplina vigilante o elemento activo e a belleza interior, buscando-se, observando-se, completando-se, não se dispersando em abstracções nem vans ideologias mas sabendo querer e sabendo agir, precavendo-se contra a attitude de eterno descontentamento, contra o fanatismo e a intolerancia, contra a indolencia que cruza os braços, o desanimo que se resigna, a cobardia que recua e foge da lucta — porque ser homem, disse num verso celebre, é ser luctador — procurando a maestria na auto-limitação, tendendo sempre á unidade e, quando não lhe fôr possivel ser unidade, unindo-se como parcella efficiente á unidade e alcançando assim o equilibrio, a medida, a harmonia na complexidade.

Ensinou-nos que nada morre; que em nós evolue incessantemente a essencia eterna; que o homem ephemero é uma parcella da eternidade; que a natureza é sem-

pre sincera e veraz e que tudo quanto tende a affastar-nos da natureza é impostura e vil embuste; que a contemplação não basta e que só a acção importa; que o erro consiste em duvidar do certo e pretender fixar o incerto, quando precisamente o essencial é ater-se ao certo e "reverenciar em paz o incognoscivel"; que é necessario viver em alegria e praticar com amor e diligencia ainda os deveres mais humildes; que o dever é a obrigação de cada dia e tambem que é amar o que cada qual se prescreve a si mesmo; que o caracter é a base de todas as forças da alma; que as verdades se reconhecem pelo grau de capacidade que teem de suscitar a vida, e que só é verdadeiro o que é fecundo.

Quiz ser, em summa, e verdadeiramente foi — um libertador, ein Befreier *"A existencia deste homem, confessou Carlyle, foi para mim o evangelho dos evangelhos", e Berthold Auerbach faz da capacidade de comprehender Goethe* — goethereif — *a medida com que aferir o gráu de cultura de um homem ou de um povo.*

Não é certamente uma vida assim, modelo de proporção, equilibrio e harmonia, que se proponha como exemplo ao presente, aos homens do presente, muito menos nesta hora em que assistimos ao espectaculo de um mundo convulsionado pelo choque das paixões, minado pelo egoismo dos povos, envenenado pelo fanatismo das seitas, pervertido pela logomachia dos politicos, ameaçado pelo appetite grosseiro das massas, e quando os ouvidos mais apurados já percebem distinctamente o surdo rumor subterraneo do diluvio em que afundará na voragem do total nivelamento a civilisação ou o que por ventura subsistir ainda da civilisação na terra.

Um dia, serenadas as aguas, os que sobreviverem do naufragio encontrarão milagrosamente salvo na arca o livro da vida de Goethe, o evangelho dos evangelhos, na phrase de Carlyle, as Maximas, *as* Conversações com Eckermann, *que Nietzsche reputava o livro maximo da lingua alleman. Esse dia, talvez a humanidade esteja madura para Goethe*, goethereif.

ALBERTO RAMOS.

Francisco Xavier Junior — LICÇÕES DE LINGUA MATERNA — (Pedro Baptista, editor). João Pessôa, Parahyba do Norte.

O ensino da lingua vernacula entre nós tem sempre pecado pela sua orientação exaggeradamente theorica e grammatical. Quer nos cursos primarios, quer nos secundarios, consiste aquelle ensino sobretudo na memorisação de preceitos, regras, excepções, anomalias e outros factos da grammatica. A parte pratica consta dos torturantes exercicios de analyse lexica e syntactica e apenas uma pequena porção do tempo lectivo é reservada á leitura, á intepretação e explicação de textos, á redacção, ao manejo da lingua viva. O resultado desses abominaveis processos pedagogicos é fatalmente este: ou a creança se enthusiasma por esse genero de praticas, affeiçoa-se ao mister de desvendar sujeitos occultos e despistar gallicismos, e pertencerá mais tarde, depois de ler os classicos, á perigosa classe dos puristas, ou então, e é este o caso mais geral, deixar-se-ha vencer de um irreprimivel horror a tudo o que se relacione com a correcção da linguagem.

Não têm sido poucos os protestos já levantados contra essa desastrada maneira de ensinar a nossa lingua e alguns professores têm ousado reagir contra os excessos da grammatiquice esteril. Está neste numero o sr. Francisco Xavier Junior, que ao escrever as suas *Licções de Lingua Materna*, procurou reduzir ao minimo as explanações grammaticaes, não descurando de illustral-as com os abundantes exercicios de applicação que tornam o seu livro verdadeiramente recommendavel.

S. B. C.

CANTOS POPULARES DO BRASIL

Casual annuncio lido em jornal de Paris me deu a noticia de um livro chamado *Chants Populaires du Brésil — Première Série Recueillie et Publiée par Mme. Elsie Houston-Peret — Introduction par Philippe Stern.* A edição é da *Librairie Orientaliste Paul Geuthner — 13 Rue Iacob — Paris* 6.e. Encommendei-o logo ao meu livreiro. Com isso não perdi meu tempo, e a musica brasileira tambem luerou, como verão daqui a pouco.

Esta primeira série é um opusculo de 46 paginas, contendo letra e solfa de 42 cantos populares do Brasil, inclusive alguns dos nossos selvicolas, extrahidos da *Rondonia* do professor Roquette Pinto. A introducção, escripta por Mr. Philippe Stern, é muito intelligente, sympathica, cheia do desejo de comprehender para, por sua vez, fazer os outros comprehender. Ha comtudo nesse trabalho certas affirmações que nos desnorteiam um pouco. Como, por exemplo, quando M. Stern diz que o birimbáu é uma "petite trompe aux sons extrêmement fins et colorés, chargés d'harmoniques..." Ora o birimbáu, pelo menos o que eu conheço do norte de Minas, é tudo quanto ha de menos colorido, e portanto de mais monotono, isto sem dizer que é muito pouco sonoro, um simples brinquedo de criança e não dos mais hygienicos...

E' pena que a introducção, assim como tambem o texto de algumas canções, contenha persistentes e insistentes erros de orthographia como, por exemplo, *Xucalho, Modhinas* em vez de *Modinhas*. Seria tão facil e tão simples, em logar de graphar em mau brasileiro, escrever á franceza *Choucalio* e *Modigna*...

O instrumento africano que M. Stern designa pelo nome de *Puita* é conhecido na região diamantina (onde nasci) pelo nome de *N'Gomma-Puita*. Não sei a que dialecto pertencerá essa barbara palavra, mas não será, penso eu, de admirar que seja cabinda, congo, benguela, ou moçambique.

O introductor salienta sempre a prodigiosa influencia dos negros na musica brasileira. Essa influencia é, de facto, notavel, assim como tambem a que elles tiveram e têm ainda na nossa mentalidade supersticiosa e na nossa arte culinaria. Estas constatações, porém, devem causar arrepios de escandalo aos nossos aryanos côr de café torrado e ás nossas bellas e appetitosas circassianas côr de chocolate, isto para não fallar nos nordicos côr de charuto e nas nordicas côr de repolho rôxo, que manifestam um grande desprezo pelos seus parceiros e parceiras da mesma raça e côr...

Este livro me permittiu prestar um pequeno serviço á musica brasileira aqui em Hamburgo, que é cidade muito musical. A *Norag* (Nordische Rundfunk A. G.), deliberou proporcionar a seus assignantes uma noite brasileira em que se executassem e cantassem musicas da nossa terra. Onde, porém, encontral-as? Recorreram, como de costume, ao Consulado do Brasil. E eu tinha o livrinho, recentemente recebido de Paris. Emprestei-o e com que prazer! O successo foi tão grande que o director musical da *Norag* me mandou perguntar si podia conserval-o para irradiar uma *noite brasileira* de Berlim. Claro que accedi ao pedido. E ahi está como um modesto consul, apenas interessando-se pelo que se publica acêrca da sua terra, poude prestar um insignificante mas não desprezivel serviço á arte do seu paiz.

ANTONIO TORRES.

Somerset Maugham — LA RONDE DE L'AMOUR — (Texte français de Madame E. R. Blanchet) — Les Éditions de France — Paris, 1931.

Depois de muito viajar, Somerset Maugham fixou-se definitivamente na Côte d'Azur. E' ahi, entre o mar muito azul e a montanha sempre verde, numa aprazivel vivenda apontada, de longe, aos visitantes de Nice, que o victorioso escriptor inglez, cercado de flôres raras e plantas exoticas, dá corpo e alma ás visões que trouxe de outras terras, creando personagens cheios de tanta vida, possuidos de tal impeto interior, que, por vezes, ainda mesmo quando não foram destinados ao theatro, saltam vivos das suas novellas e vão commover as plateias das principaes scenas do mundo. Assim aconteceu com *Chuva*, drama extrahido de uma das mais empolgantes novellas do *Archipelago das Sereias*, o primeiro livro que lhe vulgarizou os excepcionaes dotes de escriptor entre o publico francez. Maugham, todavia, é um theatrologo perfeito e, ainda agora, o seu angustiante drama *O Cyclone*, numa adaptação de Carbuccia, mantem-se ha muito tempo no cartaz dos *Ambassadeurs*, em Paris.

Grande parte das producções de Somerset Maugham, como o livro de novellas já referido, e tambem os romances *Sortilegio Malaio*, *Passagem perigosa* e muitos episodios d'*O Enfeitiçado*, decorrem nos mares do Pacifico, entre a magia daquellas ilhas coloridas e perfumadas, em que a civilização se choca com a barbarie e o colonizador europeu é muitas vezes vencido pelo indigena de pelle fusca e alma tortuosa.

Maugham, entretanto, nem sempre soffre o appello do desconhecido e busca a fuga aventurosa. Elle é tambem um mestre do romance *cockney*, de aspectos citadinos e elegantes, e a sua ultima creação, *A Ronda do Amôr*, que acaba de ser traduzida para o francez, e cuja figura principal é uma grande personalidade das lettras inglezas, se desenvolve nos melhores meios sociaes de além Mancha.

Houve quem visse nessa obra uma deliciosa satyra ás vidas romanceadas, tão em moda hoje em dia, e dizem que, na Inglaterra, o romance causou algum escandalo, porque muitos perceberam, no retrato de Driffield, o heróe da narrativa, flagrantes traços biographicos de certo escriptor muito conhecido, que morreu não ha muito em avançada edade, — sem duvida Thomaz Hardy.

O romance de Somerset Maugham, difficil de ser resumido, mas de leitura attrahentissima, é feito de uma maneira muito original. Para uma vista de conjuncto sobre a discutida figura de Driffield, nelle se alternam, em varios planos, mas sem a habitual seriação chronologica, as impressões das pessoas que o trataram mais de perto, inclusive suas duas mulheres, e é curioso vêr como essa complexa personalidade se amesquinha ou avulta, defórma ou transfigura, de accordo com o angulo visual de quem a observa.

GASTÃO CRULS.

DE CRITICO A ROMANCISTA

Nicolas Ségur é hoje um nome bastante notorio em França, o que equivale a dizer que seus livros são lidos em quantos paizes acompanhem de perto a producção dos prélos de Paris.

De procedencia levantina — e isto explicará algumas das suas preferencias artisticas e o seu gosto pelas obras voluptuosas do Oriente — fixou-se muito cedo em França e, pouco mais que adolescente, foi-lhe confiada a critica litteraria de uma importante publicação gaulesa, ou seja a Revue des Revues *de Jean Finot, concorrente do celebre magazine inglez de William Stead. Finot era de origem polonesa e, com o seu optimismo e os seus pendores internacionalistas, póz sempre os collaboradores á vontade, concedendo-lhes a mais ampla latitude de opinião nas columnas do seu quinzenario. Mas, apesar disso, Nicolas Ségur nunca se distinguiu pela severidade de censor. Primou, ao contrario, pela amabilidade encorajadora, e lá por dentro de si mesmo estaria repetindo a celebre phrase de Gautier: "E' tão doce elogiar..."*

Amigo de Anatole France e frequentador assiduo da Villa-Said, onde encontrava madame de Caillavet, Paul Gsell, Jaurès e outros, Ségur redigiu sobre o mestre dois volumes de conversações das mais interessantes que, se não o guindam á altura de Eckermann, nem por isso compromettem a memoria do grande morto, differindo, portanto, das revelações escandalosas do aspero Brousson.

Todavia, no que Nicolas Ségur vae melhor é nos romances em que trata das "presas de Venus", dos cultores dos jogos sensuaes, das tragicomedias de alcova. Depois de haver historiado a ligação galante dos chamados amantes de Veneza, George Sand e Alfred de Musset, o memorialista de Anatole France entrou a redigir novellas em que o amor é estudado por um analysta desapreconceituoso que, todo impregnado das theorias philosophicas de Renan ou dos conceitos estheticos de Pierre Louys, nada vê de baixo ou repulsivo nos contactos sexuaes.

Le rideau rouge, que tambem decorre no ambiente febril e evocativo de Veneza; L'anneau sensuel, por onde perpassa o perfume das ilhas Borroméas, encanto de uma das melhores narrações de René Boylesve, e, finalmente, La chair, *titulo já aproveitado pelo nosso Julio Ribeiro, venderam-se aos milhares e o nome de Ségur tomou logar na lista dos mais agudos psychologos de* boudoir, *dos clinicos do Instincto, dos que comprehendem o verso de Musset referente a "Vénus toute entière à sa proie attachée".*

Leiam o sensacional romance

O MYSTERIO DE UM MORTO

a apparecer ainda este mez.

GIOVANNI PAPINI — A VIDA DE SANTO AGOSTINHO — Civilização Brasileira Editora — Rio, 1932.

Giovanni Papini, o grande polemista italiano, universalmente consagrado como historiador de Christo, dedicou tambem um bello trabalho a Santo Agostinho, que o nosso illustre patricio Godofredo Rangel traduziu com todo o cuidado. Nessa obra, admiravelmente estylizada e apoiada em documentação das mais substanciosas, resurge a figura estranha do filho de Santa Monica, daquelle que enxergava na religião um elemento de cultura, de civilização, e não achava, de modo algum, as bellas lettras incompativeis com a fé. Após uma juventude dissipadora, ao que se vê das suas desabusadas confissões, Santo Agostinho voltou-se para Roma e passou a combater os hereges e a disseminar os ensinamentos christãos em livros que lhe incluiram o nome entre os dos maiores classicos latinos. A biographia de um homem desses é fertil em exemplos preciosos e bem avisada andou a casa editora que se propoz a divulgal-a em lingua portugueza.

★

CARLOS ALBERTO — OS BRASILEIDAS — Editora Ltda. — S. Paulo, 1931.

O autor, que é natural do Maranhão, terra de estudos classicos, foi sagrado pelo sr. Afranio Peixoto "um grande poeta". Este primeiro tomo do seu poema épico encerra os setecentos versos relativos aos cinco primeiros cantos d'*Os Brasileidas*, uma especie de *Lusiadas* nacionaes. A linguagem é de um severo casticismo e a riqueza vocabular, não raro neologista, faz pensar em Odorico Mendes, outro filho do Maranhão, como os ornatos, os pormenores, a marcha lenta do poema, fazem pensar no minucioso *Colombo* de Porto-Alegre. A obra, cantando as bandeiras paulistas, revela sem duvida um grande esforço de estylização litteraria, que talvez não seja compensado pela attenção de um numeroso grupo de leitores, dada a indifferença do nosso tempo por qualquer modalidade de epopéa á antiga.

A correspondencia de Machado de Assis

O editor Americo Bedeschi vem de lançar, em boa edição, as cartas do romancista de *Quincas Borba* a Joaquim Nabuco, José Verissimo, Lucio de Mendonça, Mario de Alencar e outros, seguidas das respostas dos destinatarios, tudo em volume excellentemente colligido e annotado pelo sr. Fernando Nery.

E' este, ninguem o ignora, um especialista em taes assumptos e nada do que se prenda aos nossos homens de letras, especialmente aos immortaes do Syllogeu e do Petit-Trianon, lhe é estranho.

Após ter sido um transplantador castiço dos romances de Dostoiewsky e Bourget, o sr. Fernando Nery passou a coordenar e commentar escriptos de Ruy Barbosa, dispersos e de accesso difficil, e, apegando-se a um autor talvez ainda mais actual e de maior prestigio na massa dos leitores, offerece-nos agora esta collecção de missivas.

Collecção em que verificamos, entre outras cousas preciosas, já ser o *jeton de présence* motivo de cogitação dos nossos academicos desde 1899, e constatamos que José Verissimo, estando a villegiaturar em Friburgo e não sendo promptamente attendido pelo agente do correio de lá, escreveu a Machado de Assis, figura importante no Ministerio da Viação, para que o funccionario pouco zeloso fosse chamado á ordem...

Mas vejamos, o que vale neste epistolario a parte de Machado de Assis.

Todos sabem que Machado envelheceu tranquillamente, em paz com os homens e com o seu Ministerio, bom cidadão e bom funccionario publico, trabalhando, com o mesmo escrupulo e a mesma minucia, para o seu sub-director e para a posteridade, egualmente preoccupado com o livro de Xavier de Maistre e com o livro do ponto, os dois elementos de nutrição da sua vida intellectual e da sua vida economica. Compunha as suas narrações em sigillo e relutava em mostrar o manuscripto até aos mais intimos; compunha-as como fabricaria moeda falsa, ainda que as suas narrações fossem quasi sempre moedas de bom cunho, de bella effigie e timbre sonóro.

Avesso a manifestar-se sobre os contemporaneos, Machado só confessava a sua admiração ou o seu odio em relação aos mortos já muito distantes. Nunca ninguem soube direito o que o sareasta das *Varias historias* pensava de Pedro II e dos heróes da Abolição e da Republica. Talvez para evitar complicações, quasi que se abstinha de falar nos vivos e, se falava, não adjectivava.

Romancista, colleccionava as tolices humanas como outros collecionam sellos ou borboletas. Divertia-se immensamente com os seus titeres, e no gabinete de trabalho conversaria com elles, falando-lhes naquelle sussurro titubeante que o sr. Graça Aranha lhe observou na palestra. Aliás, o meio, o ambiente em que agiu, foi sempre inferior á sua intelligencia, á sua cultura e á relativa novidade da sua arte, o que lhe dá muitas vezes á vida um caracter de persistencia, de resistencia que chega a ser heroico.

Mas, de qualquer modo, forçoso é reconhecer que as cartas de Machado não são autographos de um cerebro, não trazem uma assignatura inconfundivel, sendo simples epistolas convencionaes. Haveria de seu lado, a conter-lhe as expansões de franqueza, o receio de que as missivas caissem sob olhos indiscretos e viessem a compromettel-o no Ministerio da Viação, na Academia de Lettras ou na livraria Garnier. Ah! a corajosa franqueza de um Flaubert em suas epistolas, seja no louvor ou na invectiva!

E quantos pleitos no Syllogeu, quanta cabala de votos a preoccupar o velho Machado, vendo-se que este, apesar de sceptico, possuia um certo genio eleitoral e gostava de allieiar votantes para os seus favoritos. Nas cartas fala-se tambem de alguns senhores que, importantes no tempo, estão agora muito longe de nós, já sendo preciso um esforço de memoria para lembrar o que elles significaram no planeta e tornando-se valiosas, em taes casos, as annotações esclarecedoras, exactas sempre, do Sr. Fernando Nery.

Todavia, algumas passagens salvam a correspondencia de ser uma longa decepção para os leitores. Entre ellas, figuram allusões á vida diplomatica ou litteraria de Joaquim Nabuco, Carlos Magalhães de Azeredo e Domicio da Gama, detalhes culinarios a proposito de um club de gastronomos, trechos de psychologia miúda sobre pormenores de burocracia e curiosos testemunhos sobre as revistas em que escreviam Machado de Assis e seus correspondentes.

AGRIPPINO GRIECO.

GOETHE

A 22 deste mez, centenario da sua morte, em todos os paizes cultos, mas sobretudo na Allemanha, serão prestadas justas e significativas homenagens á excepcional figura de Goethe.

O "Boletim de Ariel", associando-se a essas manifestações, sente-se feliz de inserir, nas paginas deste numero, varios trabalhos originaes relativos ao mesmo assumpto, bem como poesias e excerptos de prosa do grande poeta, que foram especialmente traduzidos para esta revista pelo nosso brilhante collaborador Alberto Ramos.

CHARLES LE GOFFIC

Filho de um impressor, Charles Le Goffic nasceu no ambiente dos livros e viveu sempre entre os livros. Muito cedo, uniu-se, na fundação de uma revista, a Maurice Barrès e a esse Jules Tellier tão commovidamente evocado na introducção de uma das melhores obras barresianas: Du sang, de la volupté, et de la mort. *Le Goffic inspirou-se, desde logo, nas legendas, nas canções populares, nas tradições da sua Bretanha. Encontrava a perfeição na simplicidade e extrahiu muitas obras de arte do folklore regional. Modernizando os themas de Brizeux, celebrou em verso a terra aspera e melancolica, rude e soffredora, humilde e combativa, que deu os typos mais desencontrados: os "chouans" e Renan, Lamennais e Chateaubriand. Tambem romancista, viu-se coroado, aos trinta annos, pela Academia Franceza, que, de resto, só se resolveria a acolhel-o entre os seus pares com mais de sessenta annos de edade, de modo a bem pouco lhe aproveitar a permanencia ali. Cella de longinquos atavismos italianos, Charles Le Goffic, o morto illustre da segunda semana de Fevereiro, foi tambem um fino historiador litterario e os seus dois volumes sobre os escriptores francezes do seculo XIX possuem aquella autoridade da persuasão, da boa dialectica, bem superior ás rispidas conclusões de um Nisard ou de um Brunetière.*

Leiam o extraordinario romance
O CÃO AMARELLO
a apparecer ainda este mez.

DE GOETHE

Lenda da Ferradura

(LEGENDE VOM UFEISEN)

Quando ainda obscuro e desconhecido
Nosso Senhor andava na terra
e muitos discipulos o seguiam
que raras vezes o comprehendiam,
amava doutrinar as massas
nas ruas amplas e nas praças,
pois á face dos céus a gente
falla melhor e mais livremente.
Alli dos seus divinos labios
fluiam os ensinamentos mais sabios;
pela parabola e pelo exemplo
fazia de cada mercado um templo.

Certa vez que, em paz e santidade,
com os seus chegava a uma cidade,
viu qualquer cousa luzir na estrada;
era uma ferradura quebrada.
Disse a S. Pedro com brandura:
"Pedro, apanha essa ferradura!"
Porém S. Pedro no momento
tinha occupado o pensamento;
absorto em extase profundo
sonhava-se o dominador do mundo,
rei, papa, ou tal que se pareça.
Aquillo enchia-lhe a cabeça!
E havia de dobrar a espinha
por uma cousa tão mesquinha!
Si fosse um sceptro, uma corôa,
mas uma ferradura atôa!
E foi seguindo distrahido,
como si não tivesse ouvido.

Curvou-se Christo com doçura,
celeste, angelica humildade;
ergueu do chão a ferradura.

E quando entraram na cidade
vendeu-a em casa de um ferreiro.
Comprou cerejas com o dinheiro,
guardando-as á sua maneira
na manga, á falta de algibeira.

Dalli sahiram por outra porta.
Fóra a campanha estava morta;
nem flor nem sombra; ao longe e ao perto,
era o silencio, era o deserto,
era a desolação; ardia,
torrava, o sol do meio dia.
Que não valia em tal seccura
um simples gole de agua pura!
Nosso Senhor caminha á frente.
Deixa cahir discretamente,
furtivamente, uma cereja
que Pedro apanha, salvo seja,
com cabriolas de maluco.
A fructinha era mesmo o succo!

Outra cereja no caminho
atira o Mestre de mansinho,
que Pedro apanha vorazmente.
E assim por diante, não uma vez sómente
fel-o o Senhor dobrar a espinha
mas tantas vezes quantas cerejas tinha.

Durou a scena um bom pedaço.
Por fim, disse o Senhor com ar prazenteiro:
Pedro, si fosses mais ligeiro
não tinhas tido este cansaço.
Quem cedo e a tempo ao pouco não se obriga,
tarde por muito menos se afadiga.

ALGUMAS NOVIDADES FRANCEZAS

Le Sortilège, de Eve Paul Margueritte, é uma historia que pinta, num scenario entre francez e hespanhol, o idyllio de Claude Sainville e de Maitena, a ferocidade de certa personagem, a obtusidade de outra, o silencio altivo em que se mantem a protagonista, a paixão infeliz de um sonhador. Tudo isso compõe um livro dos mais attrahentes, mesmo nas situações asperas. Felizmente, dentro da praxe dos bons romances, o amor triumpha e os leitores não sahirão descontentes com a autora.

— Trilby celebrizou-se pelas suas narrações eminentemente femininas. Optimista, affirma que o amor tudo deve perdoar ao objecto amado. Grandes são as suas qualidades de observação, e a emoção e finura patenteadas por Trilby cada vez se mostram mais persuasivas e seductoras. Em *Deux Cœurs*, estuda-se o caso de duas irmãs orphans educadas pela avó, com o carinho e a delicadeza proprios das velhas familias tradicionaes. O pae de ambas se compromettera numa escusa transacção de finanças e a esposa morrera de desgosto. Privadas do conforto materno, as meninas sabem affrontar corajosamente a adversidade e, indulgentes, acabam desculpando ao causador da ruina domestica todas as desgraças a que dera origem. Dois corações e dois caracteres nitidamente accentuados.

— Ninguem excede J.-H. Rosny Ainé nas suas evocações das edades prehistoricas. E' elle um pesquizador de ambientes immemoriaes e a selvageria da vida primitiva o encanta como a outros a vida elegante dos salões de Paris. *Les femmes de Setné*, uma das suas producções mais recentes, revive exactamente as épocas de barbarie, e as personagens, quasi todas de nomes complicados, caracterizam bem os attritos e as cobiças da terrivel luta por um logar ao sol. Mas, em certos trechos, sentimos que essas hordas sanguisedentas eram tambem sensiveis aos deleites da arte, das mulheres, das habitações confortaveis.

— Gyp continúa a escrever sem cansaço, mão grado os seus oitenta annos de existencia. Essa descendente de Mirabeau vem de lançar mais uma edição do romance *Le Crieri*, em que ha os subtis dialogos, a malicia, as situações nuançadas de sempre. A historia do commandante que teve de abandonar o exercito e fazer-se pintor, para sustentar os seus, e encontra na irmã e na filha o amoravel amparo para os dias amargos, conserva o mesmo ardor juvenil dos livros de estréa de Gyp, e a figurinha de Crieri, por todas idolatrada, é um mimo, uma dessas flores de encanto em que se especializou a arguciosa interprete da sociedade franceza no ultimo meio seculo.

— Jean-Jacques Brousson, que adquiriu fama universal com as suas indiscrições e irreverencias em torno a Anatole France, serve agora aos seus admiradores um volume intitulado *Les Fioretti de Jeanne d'Arc*. Tal assumpto interessou sempre a Brousson, que, segundo elle proprio confessa, collaborou, e grandemente, na obra de Anatole sobre a virgem de Orléans. Por ultimo, extractando das bibliothecas tudo quanto possa abastecer a respeito eruditos e historiadores, o feroz secretario do mestre de Villa-Said confeccionou um trabalho em que não deixa de haver qualidades pessoaes. Prova elle que Jeanne d'Arc possue tambem, como os santos da Umbria franciscana, a sua legenda, o seu anecdotario, as suas florinhas inconfundiveis. Esse livro de um gaulez irreverente, já o disse um critico, "ajunta não se sabe que luz á aureola da santa heroina".

A ULTIMA PAIXÃO DE GOETHE

Goethe não comprehendia a vida sem o amor.

Na velhice a paixão é tragica ou ridicula.

Depois de um longo repouso de viuvez, Goethe, aos setenta e cinco annos de idade, apaixonou-se por uma menina de dezoito, Ulrica de Levetzow.

Nas aguas de Marienbad, onde se encontraram, irrompeu no coração do poeta essa paixão terrivel que foi a ultima da sua vida. Goethe não poude resistir á fascinação de Ulrica; com ella passeava pelo parque, e quando muito mais tarde confessou Ulrica que nada havia entre ambos mais do que uma amizade respeitosa de pae ou de avô para uma filha ou para uma neta, houve scepticos que não acreditaram nessa ingenuidade.

A Goethe nada escapou da vida propria, e ha no seu livro uma notação em que descreve até o vestido della, á escosseza, de quadradinhos, da primeira vez que passearam juntos.

Georg Brandes acredita que ella fez algumas leves concessões amorosas: um beijo ou outros pequenos carinhos demasiados para uma netinha incauta. Como quer que seja disse-o o poeta na sua *Elegia de Marienbad*:

Selbst nach dem letzten Kuss
mich noch ereilte...

Quando Goethe resolveu casar-se com Ulrica, houve grande opposição domestica. Seu filho Augusto e sua nora Ottilia não receberam com agrado essa resolução e declararam que deixariam a casa paterna em favor daquella menina que vinha occupal-a.

Essa foi a primeira contrariedade que o poeta conseguiu vencer. Outra maior viria depois.

Goethe convenceu-se de que era amado por aquella menina. E por intermedio do seu amigo o Duque Carlos Augusto, que reinava em Weimar, fez o pedido de casamento.

Garantiu o Duque á joven promettida um lugar na sua côrte, e outras vantagens que lhe assegurariam o futuro, sendo provavel que sobrevivesse ao esposo.

A senhora Levetzow recebeu o pedido e transmittiu-o á filha.

Ulrica examinou em conselho de familia essa resolução de seu velho amigo Goethe, que ella tratava como "S. Excia. o ministro", com absoluto respeito, dizia, occultando sem duvida alguma cousa da intimidade de suas conversações. A noticia da opposição dos filhos de Goethe veio precipitar o desfecho.

Ulrica declarou que não queria casar (como de facto não casou nunca) e que ao parecer da familia era grande e desproporcionada a differença de idade.

Ella tinha dezenove annos, e elle, setenta e cinco, ainda que vigorosos e sadios.

Goethe, de facto, ainda era um pouco o Apollo dos outros tempos. A sua capacidade intellectual ainda era a mesma sob todos os aspectos, na poesia e no romance e nas sciencias que cultivava com entranhado amôr. Estava convencido, como disse o maior dos seus criticos, que Ulrica era indispensavel completamente á sua vida moral e physica, pois toda a sua existencia se definia pelo amôr, com as *Gretchens*, as *Lottes*, *Lilis* e *Fredericas* e *Christianas* que enchem e perfumam as suas paginas mais primorosas.

O — *não* — de Ulrica foi afinal a resposta mais dolorosa que podia esperar, e não a esperava de modo algum.

Goethe adoece gravemente; uma tosse convulsiva e uma pericardite (*Herzbeschwerden*) fizeram-no perder as forças e prostraram-no durante vinte dias entre a vida e a morte. Os medicos de Weimar desenganaram-no por uma vez.

A sua avançada idade não fazia crêr em qualquer esperança de restabelecimento.

Comtudo, o poeta possuia grandes reservas de força, e depois de tão grave golpe poude levantar-se para continuar com a mesma inspiração dos primeiros tempos.

Foi nesse momento que elle preparou a edição jubilar, a quinquagesima de *Werther* e para ella escreveu á maneira de prologo a maravilhosa *Trilogia da paixão* (*Trilogie der Leidenschaft*) em versos em que cantando a paixão que o desvairava dizia ter-se curado com a musica.

De facto, na sua convalescença uma pianista poloneza com a sua arte em Weimar trouxera-lhe essa consolação, um pouco tarde para sua poesia. O *amôr e a musica* são as ultimas palavras da trilogia apaixonada que parece de facto uma symphonia de Beethoven ou de Haydn.

Apesar desse golpe mortal na existencia e na velhice de Goethe, poude o grande genio compor o segundo *Fausto* nos sete ultimos annos que lhe restavam.

Ulrica viveu muito tempo ainda, como a Marilia do nosso Dirceu. Viveu quasi cem annos, reconhecida áquelle grande amôr que não soubera arrostar contra os preconceitos da familia. Lembrava-se, enternecida daquella grande paixão que suppuzera apenas com carinho paternal, não sem alguma hypocrisia de solteirona arrependida.

JOÃO RIBEIRO.

UM IDEALISTA

Arthur Guimarães, morto ha alguns mezes em Icarahy, era um homem em quem competiam modestia e cultura. Honesto, bom, desambicioso, esse eminente cultor dos estudos economicos, tão prezado por Sylvio Romero, de quem foi assiduo collaborador, passou pela vida quasi sem ruido, preferindo, ao estardalhaço da publicidade nos jornaes, o manuseio dos bons livros, a assimilação das idéas altas e o convivio com alguns leitores attentos através de escriptos de pouca rhetorica mas de polpa substanciosa e nutriente.

Servindo o Brasil em longes terras, no desempenho de funcções diplomaticas talvez inferiores ao seu merito real, foi examinando tudo com o sincero desejo de transmittir á patria distante, em opusculos bem documentados, os postulados da sua observação e da sua experiencia. O que elle escreveu sobre Tampico e a actividade industrial dali é algo destinado a perdurar na bibliotheca dos especialistas em taes assumptos.

Acima de tudo, era Arthur Guimarães um interessado pelo problema da paz universal. Avesso a fronteiras mesquinhas, esse nobre idealista sonhava com o advento de uma larga e imperturbavel fraternidade entre os homens, e os seus ultimos escriptos, que nos foram gentilmente communicados por um dos seus filhos, provam que elle morreu tal qual vivera: de penna em punho e a pedir para o mundo um verdadeiro christianismo, o christianismo do trabalho, da concordia, da solidariedade entre todas as criaturas.

Como ensinar Historia no Brasil

A degradação de Portugal póza sobre a Historia do Brasil em toda a sua longa miseria e multiplicada maleficencia...
M. Bomfim — *O Brasil na Historia*.

Tendo recebido, ha já mezes, o livro do prof. Manoel Bomfim — *O Brasil na Historia* — sobre elle nada escrevi por não dispôr então de jornal em que podesse com franqueza externar a minha, como sempre, independente opinião. O *Boletim de Ariel* me abre essa opportunidade agradavel.

Trata-se de livro util, patriotico, e portanto recommendabilissimo. Não é pamphleto, mas estudo sereno e austero das deturpações que, sob a influencia, clara, ou disfarçada, de portuguezes e seus amigos, tem soffrido a historia da nossa terra.

O prof. Bomfim é evolucionista-spencerista, como em geral os de sua geração. Durante a sua mocidade nada valia quem não jurasse pelos *Primeiros Principios*, os *Principios de Sociologia*, etc., de H. Spencer.

No seu philosophar notam-se tambem laivos, felizmente não muito accusados, de influencia comtista, e um ou outro traço, por felicidade bem attenuado, de tal ou qual anti-catholicismo...

Como não sei fallar a não ser com lealdade, devo declarar que não me agrada nada o methodo, ou melhor, a falta de methodo de que se resente este livro. Ha nelle digressões philosophicas e sociologicas perfeitamente dispensaveis, explanações innocuas e insipidas, repetições evitaveis, um espraiar de generalisações que só servem para fazer o leitor perder o fio precioso do desenvolvimento da critica. Creio que, supprimidas as digressões e repetições, condensada a exposição em limites razoaveis, embora severos, ganharia muito o livro si perdesse de 150 a 200 paginas, e isto tanto mais quanto o prof. Bomfim escreve durissimamente, muitas vezes tambem desataviadamente, de sorte que seu livro não é de modo algum leitura amena. E' preciso ter muita resistencia intellectual, prezar muito quer o assumpto, quer o autor, para, como eu o fiz, ler o livro até o fim. Grande pena, porque este merece a maxima divulgação e a mais attenta leitura. Feitas, porém, estas restricções, a que me força a imparcialidade, seja-me licito agora dar expansão a todo o meu enthusiasmo pelo honestissimo trabalho de Manoel Bomfim.

E' verdade que ás vezes elle nos desnorteia um pouco com opiniões contradictorias. Aqui Tiradentes é "o pobre homem de S. João d'El-Rey." Mais adiante já é um martyr... Entre parenthesis: Tiradentes é de São José d'El-Rey, cidade que hoje tem o seu nome, e não de S. João. Reconhece os serviços prestados pelos jesuitas á instrucção publica no Brasil, e entretanto ha no seu livro uma bôa dóse de anti-jesuitismo, não positivo, mas larvado, latente.

A proposito dos jesuitas, todavia, reduz Pombal ás suas justas proporções. Aquelle truculento e bronco marquez de pacotilha foi com effeito um dos portugas mais perniciosos a nossa patria quer do ponto de vista industrio-commercial (com os seus monopolios immoraes) quer do ponto de vista cultural, porque, expulsando os jesuitas, supprimiu os unicos estabelecimentos de instrucção publica que tinhamos no Brasil e que elle e seus successores não souberam substituir ao menos por algumas escolas leigas. Pombal, o Bruto, atrazou a instrucção e a educação no Brasil por mais de cem annos. Não sei como a colonia portugueza do Rio, com applausos da imprensa tamancóphila, ainda não levantou estatua a esse obscurantista que a sapiente Lisbôa considera um liberal! Já é mais que tempo...

Onde, porém, M. Bomfim é admiravel pela clarividencia e até pela originalidade da critica historica é na exposição do como se fez a chamada *Independencia do Brasil*. Eu tinha alguma suspeita, certa intuição dos factos, mas de modo confuso, esfumado. Para empregar expressão Paulina, eu via taes coisas *per speculum in anigmate*... Bomfim deixa tudo claro. Mostra como os portuguezes (15.000 tinham vindo de uma vez só com D. João VI ou *João Burro*, como lhe chamava José Bonifacio) renegaram a nacionalidade para não perder os empregos no Brasil e, intromettendo-se no movimento da Independencia, que devia ter sido retintamente brasileiro e republicano, velhacamente o transformaram, com a cumplicidade dos proprios Andradas e outros brasileiros, em movimento pró-throno de Bragança, de sorte que o Sete de Setembro, na realidade, não foi mais que uma *journée des dupes*. A demonstração serena e documentada de M. Bomfim parece-me convincente. O parasita portuguez continuou atracado no corpo do gigante Brasil até hoje, sugando-o e apodrecendo-o, e não ha meio de curar o nosso pobre paiz dessa atroz doença constitucional que é a *lusitanose*, tambem chamada *lusose*... A classificação é minha...

Bomfim devia escrever uma historia do Brasil para a juventude, mas compendio apenas, sem pedantismos sociologicos, exposição simples e clara dos factos, *sem labia*, como disse uma vez D. João IV ao padre Antonio Vieira. Nos Estados Unidos a historia patria que se ensina ás crianças das escolas primarias é ardentemente norte-americana. Os manuaes são terriveis para com a Inglaterra. Os publicistas inglezes reclamam contra isso, timidamente aliás, mas os norte-americanos não lhes dão importancia. No Brasil faz-se propaganda de Portugal desde a escola de primeiras letras! Eu aprendi a respeitar Portugal e a venerar o infame, ladrão e ignorante Pombal na minha infancia. Só mais tarde vi que tinha sido ludibriado. Por isso a minha revolta foi grande, profunda e eterna. Esse estado de coisas precisa ter fim. Já é tempo de termos nas nossas escolas primarias o ensino da *Historia do Brasil Brasileira*.

Hamburgo — 1932.

ANTONIO TORRES.

Jayme Coelho e Mario G. Naylor — HISTORIA EPISODICA E BIOGRAPHICA — F. Briguiet & C. — Rio — 1932.

Essa obra, de titulo talvez um tanto impreciso, destina-se, segundo esclarece o sub-titulo, á primeira série do ensino secundario nas nossas escolas, de accôrdo com o programma de 1931-33. E' uma successão de quadrinhos de historia universal feitos com muita intelligencia e segurança de toque, sentindo-se que os dois autores, verdadeiros especialistas, tratam de um assumpto extremamente familiar a ambos. Em menos de trezentas paginas offerecem elles aos estudantes uns cincoenta comprimidos de erudição historica, desde a civilização egypcia á revolução russa e suas consequencias na sociedade moderna. Apegando-se ao essencial e tudo contando em linguagem incisiva e clara, dão-nos um compendio que representa contribuição de valor aos nossos trabalhos didacticos, um resumo de que estavamos realmente necessitados e vem, por isso, em seu melhor momento.

DE GOETHE

M A X I M A S

Ha uma classe de plantas que os botanicos denominam *Incompletæ;* assim como ha homens de quem se pode dizer tambem que são incompletos, inacabados. São aquelles em quem os desejos e as aspirações não estão na proporção dos actos nem das obras.

*

Como aprender a conhecer-se a si mesmo? Pela meditação nunca, mas pela acção. Trata de cumprir o teu dever e saberás o que vales.

Mas qual é o teu dever? A obrigação de cada dia.

*

Tudo o que nos emancipa o espirito sem conferir-nos o dominio de nós mesmos é funesto.

*

Saber não basta, é necessario applicação; não basta querer, cumpre tambem fazer.

*

Em todas as épocas foram os individuos que trabalharam pela sciencia, e não a época. Foi a época que condemnou Socrates a beber a cicuta, foi ainda a época que lançou Huss á fogueira; as épocas foram sempre iguaes a si mesmas.

*

A felicidade é possuir na mocidade os privilegios da velhice e na velhice os da mocidade.

*

Hypotheses são canções de berço com que os mestres embalam os discipulos; o observador escrupuloso e probo capacita-se dos limites da sua intelligencia e reconhece que o numero dos problemas augmenta á medida que augmentam os conhecimentos.

*

Erro grave: suppôr-se mais do que se é ou estimar-se menos do que se vale.

*

Tudo quanto chamamos invenção ou descoberta no sentido mais elevado da palavra é a manifestação expressiva e o exercicio de um instincto de verdade primordial que, longamente e silenciosamente desenvolvido, nos leva com a rapidez do relampago a um conhecimento mais fecundo. E' uma revelação que irradia de dentro para fóra e faz o homem presentir que é feito á imagem e semelhança de Deus. E' uma synthese do Mundo e do Espirito que nos traz a bemdita segurança da harmonia eterna da existencia.

*

A superstição é da essencia mesma do homem, e refugia-se, quando se pensa tel-a estirpado de todo, nos mais escusos refolhos e esconderijos, donde inopinadamente resurge mal se suppõe em relativa segurança.

*

A religião christan é um plano de revolução politica abortada, que se fez moral.

*

A natureza é sempre Jehovah.
O que é, o que foi, o que será.

*

A mais nobre felicidade do homem que pensa é ter explorado o concebivel, é reverenciar em paz o incognoscivel.

*

A ninguem nesta época é licito calar-se ou ceder; é necessario fallar e agitar-se, não já para levar a melhor, mas para manter-se no seu posto; com a maioria ou com a minoria, pouco importa.

*

Sempre que ouço fallar em ideias liberaes admiro-me como os homens se podem entreter com o vão sonido de palavras ôcas; uma ideia lá póde ser liberal! Seja forte, solida, exactamente circumscripta e apta para preencher a sua divina missão de ser fecunda. Muito menos póde ser liberal o conceito, porque toda outra é a missão deste.

*

E' nas convicções que se deve ir procurar o liberalismo, porque é nellas que reside o sentimento vivo.

*

Mas as convicções são raramente liberaes, porque a convicção procede immediatamente da personalidade mesma, das suas relações mais directas e das suas necessidades.

*

Loucos e ajuizados são inoffensivos. Os semi-loucos e os semi-ajuizados esses é que são os perigosos.

*

Tão depressa a tyrannia acaba, começa o conflicto entre a aristocracia e a democracia.

*

Certos caracteres erigem a fraqueza em lei. Disse o sabio: "Juizo que leva o medo ás costas é invencivel." Acontece muitas vezes que os fracos teem espirito revolucionario; imaginam que lucrariam si não fossem governados, e não se capacitam de que não são aptos para se governarem a si nem aos outros.

*

Nada mais detestavel que a maioria; porque é composta de uns poucos chefes decididos, de patifes que procuram accomodar-se, de fracos que se assimilam, e da grande massa que os acompanha de cambulhada, sem saber absolutamente o que quer.

*

A cousa mais funesta: uma ignorancia em actividade.

*

Legisladores ou revolucionarios que promettem ao mesmo tempo a igualdade e a liberdade de duas uma: ou são visionarios ou são charlatães.

*

Antes uma injustiça que a ausencia de lei no mundo. Trate portanto cada qual de conformar-se com a lei.

*

O que ha de mais terrivel é quando acontece homens mediocres e incapazes se emparceirarem com visionarios.

*

Qual o melhor governo? O que nos ensina a governar-nos a nós mesmos.

*

Não vai longe quem já não sabe para onde vai.

*

As leis hão de ser feitas pelos velhos e pelos homens maduros. Moços e mulheres querem a excepção, velhos a regra.

*

O homem de acção não conhece escrupulos; escrupuloso só o contemplativo.

*

Não ha maior escravo do que aquelle que se suppõe livre sem o ser.

*

O valor de uma lingua, em materia de estrangeirismos, não está na capacidade de os rejeitar, mas na de os absorver.

*

O purismo pedante é a absurda negação do aperfeiçoamento do gosto e do espirito.

Goethe - naturalista

Elle deixou de si a tradição do "homem feliz". Segundo a propria phrase, é assim que devia ser lembrado pelos amigos e pela posteridade. Teve tudo: gloria, conforto, poder e até realisou o desejo do Fausto, gozando no seu intimo *was der ganzen Menscheit zugeteilt ist*.

Morreu octogenario. Mas não envelheceu. A sua grande magua foi durante muitos annos o relativo descaso que muitos faziam dos seus trabalhos de naturalista. Poucos tomaram em consideração, escreveu Goethe, estas observações realisadas sobre os phenomenos physicos e physiologicos, observados em silencio com o maximo cuidado e com uma perseverança que só a paixão póde explicar.

No entanto, até mesmo essa tristeza já o não devia pungir ao morrer. Zoologos como G. de Saint'Hilaire, botanicos como von Martius, expontaneamente clamavam no mundo sabio o valor das suas descobertas, emquanto Humboldt perguntava que povo não invejaria á Allemanha o poeta que tinha sabido convidar os homens a decifrar o sagrado enigma do Universo, renovando a alliança que na infancia da humanidade unia para uma obra commum, a philosophia, a physica e a poesia?

Em nossos dias, para Testut elle é o "illustre naturalista"; e em 1861, uns 30 annos depois da sua morte, Virchow consagrava-lhe a conferencia que tem o mesmo titulo desta nota.

Difficilmente será encontrado algum livro serio de biologia em cujo texto não figure o nome de Goethe. E' que a sciencia, positivamente, para elle não era um *violon d'Ingres*. Era preoccupação constante e apaixonada. Um sabio que *tambem* foi poeta — poderiamos dizer, si a sua influencia social, admiravelmente bem caracterizada por A. Comte, não tivesse promanado antes da litteratura do que propriamente da sciencia.

A philosophia scientifica de Goethe, porém, acha-se espalhada tanto na sua obra de pesquizador, quanto nos seus romances. Creio até que em nenhuma das monographias por elle deixadas sobre as sciencias naturaes, encontram-se conceitos mais profundos sobre a sciencia do que os existentes na ultima parte de *Wilhelm Meister*. Este livro é um romance interminavel. Ha nelle historias numerosas, entrelaçadas umas com as outras, divagações, dramas e comedias, philosophia e devaneios. Duas coisas, porém, dão-lhe a meu vêr um tom de obra immortal: a figura da Mignon, creatura em que o "eterno feminino" resurge, na mais encantadora das encarnações, confirmando os ultimos versos do Segundo Fausto:

Das Ewig — Weibliche
zieht uns hinan

e os pensamentos philosophicos de Goethe, espalhados no romance enorme. O livre exame do que nos legou o passado, diz elle, é uma indagação tão difficil quanto indispensavel, no estudo das sciencias naturaes. Tudo quanto nos foi transmittido pelos nossos maiores e elles consideravam exacto, deve permittir novas construcções, condicionando o progresso; ou então, não passava de simples asserções consuetudinarias, consagradas pela praxe, conduzindo ao estacionamento. Isso quanto á *sciencia feita*. E quanto ao que é *novo?*

O criterio de Goethe, neste caso, é indagar si a novidade representa, de facto, acquisição *real* e *efficaz*, ou si é apenas *formal*. As ideias dos homens de prestigio, diz o philosopho, espalham-se, por contagio, na multidão, e passam a ter privilegios de dominio — "o que para o verdadeiro pesquizador nada significa".

O Estado e a Igreja — diz Goethe no *Wilhelm Meisters Wanderjahre* — podem-se contentar com aquella dominancia; ambos tem de se haver com as massas rebeldes e desde que a ordem, por qualquer meio, seja mantida, para o Estado e para a Igreja tudo mais é o mesmo.

A' sciencia é indispensavel absoluta liberdade; ella não se constróe para o dia de hoje, ou para o de amanhã e sim para a serie intermina dos tempos.

Em sciencia, quando o erro domina, ha sempre uma minoria depositaria da verdade, ainda que seja um só espirito.

A verdade, então, ahi, silenciosamente, permanece incubada até o dia, que virá fatalmente, em que ella ha de preponderar.

Os trabalhos de Goethe como naturalista foram reunidos em muitas edições completas da sua obra immensa. Na *Goethes sämmtliche Werke*, em 30 volumes, ed. Cotta — 1850-51, elles se encontram nos vols. 27, 28, 29 e 30. Na edição moderna da serie *Pandora — Klassiker*, Verlag Ullstein — Berlin — formam o 20º volume — *Schriften zur Naturwissenschaft*. E' o volume que tenho á vista, graças á gentileza de um illustre amigo de *Ariel*. Traz um prefacio do celebre W. Ostwald, em que elle depois de definir Goethe como um *typo visual*, cita a serie theorica de A. Comte que denomina — *Pyramide Sämtlicher Disziplinen* — e acompanha a actividade de Goethe atravez todas as sciencias, a partir da mathematica.

Goethe era inimigo da *palavra;* para elle tudo estava no *sentido*.

Fausto, depois de ler: "Im Anfang war das *Wort*", confessa que para elle a palavra não vale tanto: "Im Anfang war der *Sinn*". Mas o que vale, realmente, é a acção: "Im Amfang war die Tat". Ora, a mathematica, para o poeta, era uma linguagem especial e nada mais. O mathematico, escreveu, somma igualmente bem guinéos *verdadeiros* ou *falsos*. E noutra passagem disse, quasi textualmente: os mathematicos são como os francezes. Ouvem o que se lhes diz e o traduzem para a sua lingua... Mas resulta sempre coisa differente.

Convem accrescentar que essa ogeriza era antes explosão do incontido despeito, á vista dos erros que no *Tratado das côres* Goethe queria, á fina força, prevalecessem sobre os indestructiveis acertos de Newton, no caso da decomposição da luz. O volume prefaciado por Ostwald começa pelo *fragmento*, realmente titanico, *Die Natur*, especie de hymno pantheista e sabio numas cento e vinte linhas, que são uma das maravilhas da litteratura de todos os tempos, fragmento que se póde collocar ao lado do ultimo canto da Divina Comedia, para compôr a biblia dos homens novos.

Entremeiados de ensaios philosophicos como aquelle em que Goethe mostra que a *sorte* condiciona o *descobrimento*, mas só o *espirito* condiciona a *invenção* (*Erfinden und Entdecken*) — seguem-se, no volume de que trato, monographias sobre a *meteorologia*, a *mineralogia* e a *geologia*, o *Tratado das Côres*, a *metamorphose*

das plantas, a *tendencia espiral da vegetação*, memorias de *anatomia comparada* em geral e sobre o *osso incisivo* (inter-maxillar), a *theoria vertebral do cranio*.

Nas edições correntes da obra goetheana (Stiehler, Kurz, etc., etc.) numerosissimas, a contribuição scientifica do sabio é posta de lado, de maneira indelicada, á vista do quanto elle prezava a sua vida de naturalista.

Em França e nos paizes latinos uma excellente edição de 1837, devida a C. Martins e Turpin vulgarisou os trabalhos de Goethe. Dessa edição o Museu Nacional possue o Atlas, devido a Turpin, offerta de Nicolau Moreira, antigo professor de Botanica daquelle instituto.

Turpin era membro do Instituto de França e Goethe o admirava tanto que tomou uma phrase sua para epigraphe de um dos seus trabalhos, a historia das suas pesquizas botanicas:

Voir venir les choses est le meilleur moyen de les expliquer.

Nada, porém, melhor para quem desejar conhecer a obra scientifica de Goethe do que o livro magistral de Ernest Faivre, professor da Faculdade de Sciencias de Lyon — *Œuvres Scientifiques de Goethe* — Paris, 1862.

Faivre fez um estudo exhaustivo do assumpto. Traduziu, annotou, discutiu tudo aquillo com carinho, erudição e proficiencia.

Applicando o criterio de Goethe, recordado no começo desta nota, a melhor maneira de poder apreciar com segurança o valor dos homens é verificar si elles foram *formaes* ou *reaes*.

Arranque-se, por um instante, Goethe do quadro da evolução humana...

Que seriam, sem elle, a *arte* e a *sciencia* dos nossos dias?

ROQUETTE-PINTO.

PAUL MORAND E O BRASIL

Regressando de sua recente viajem á America do Sul, Paul Morand viu-se assediado pela reportagem e, a respeito dos paizes por elle visitados agora, deu varias entrevistas á imprensa parisiense. De um dellas, em que se refere particularmente á Argentina e ao Brasil, extrahimos alguns topicos bastante elogiosos á nossa cultura, ainda que algo exaggerados. E' bom, entretanto, que para aqui os transcrevamos, ao menos para contrabalançar o que mais tarde, num livro já annunciado, talvez venha a dizer de nós o infatigavel viajante-escriptor, nem sempre receioso do commentario acidulo e da nota irreverente quando traceja os seus deliciosos *bouquins*. Haja vista o *Hiver caraïbe* que tantos protestos levantou entre os habitantes do Haiti e até poz em alvoroço a chancellaria franceza. Mas eis o que diz Paul Morand:

"Toda a America do Sul vive de uma maneira espantosa do pensamento francez. Isto não é novidade. Mas é ainda muito mais verdadeiro do que tudo o que se tem dito. Não somente ella o adopta no fundo, como ainda delle se serve como o melhor methodo para bem pensar, bem pesar, e penetrar tanto o pensamento sovietico como o dos Estados Unidos: assim a litteratura moderna da America do Norte só é muitas vezes conhecida na America do Sul atravez de traducções francezas; Waldo Frank, convidado, no anno passado, pelos "Amigos da Arte", foi o primeiro ponto de contacto entre as duas Americas.

Eu acreditei por muito tempo que o facto, para nós autores francezes, de não sermos protegidos pelo copyright *na America do Sul, nos trazia um grande prejuizo. Na verdade, a perda é quasi nulla. Como todo o mundo lê o francez e pensa em francez, prefere-se lêr os nossos livros antes que dos mesmos appareçam tardias e mediocres traducções espanholas.*

Rio de Janeiro e Montevidéo possuem livrarias, tão importantes, tão movimentadas, como as dos grandes boulevards. Os livreiros e empregados de livrarias são lettrados; em oito dias, por avião, as nossas ultimas novidades lhes chegam. Pode-se dizer que o Brasil possue dois tonicos: o café e a litteratura franceza.

. . . . . .

A crise economica que impede, neste momento, aos Americanos do Sul de virem a Paris todos os annos ou todos os dois annos como elles faziam em outros tempos, obriga-os agora a ter comnosco um contacto puramente intellectual. Tambem jamais foi tão grande a voga do livro e da revista francezes. Além disso, elles se desforram fazendo vir conferencistas. André Siegfried, não só por seu trato simples e affavel, como pela maneira imparcial por que expoz os mais graves problemas da hora presente, conheceu por lá um grande successo e soube conquistar a America do Sul depois de haver conquistado a do Norte. Deseja-se vivamente que Paul Valéry e François Mauriac venham tambem visital-os.

Isso que eu vos digo, refere-se principalmente á Argentina e ao Brasil. As Republicas da costa do Pacifico são menos favorecidas; Santiago possue apenas uma livraria, onde os nossos livros chegam atrazados, e disseram-me que a mesma é allemã; o Perú e a Bolivia são igualmente pouco beneficiados. O livro francez alcança-os com difficuldades. Os reabastecimentos são defeituosos. O que esses paizes pedem são, antes de tudo, livros de classe, de ensino, repertorios, diccionarios, theses, etc... A influencia da França nesses paizes (Perú e Bolivia principalmente), onde nós não contamos senão com sympathias, é comtudo consideravel. Se os nossos livros lhes chegassem, vender-se-iam admiravelmente."

ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175
VESTIDOS — CHAPEUS
LINGERIE
(da alta costura de Paris)
CARTEIRAS — COLLARES
FLORES, ETC.
(artigos da ultima moda, recentemente recebidos de Paris)

LEONIDE ANDREIEFF — OS SETE ENFORCADOS — traducção de Georges Selzoff e Origenes Lessa — Editor G. Selzoff — S. Paulo — 1932.

Nota-se, nesse autor russo, um constante pendor para o horrivel, para o macabro. "Andreieff quer fazer-nos medo", costumava dizer, ironicamente, o conde Leão Tolstoi. O homem do "riso vermelho" está muito bem fixado, em qualidades e defeitos, no seu famoso romance sobre o scientista que levava sopapos num circo de cavallinhos, romance transportado á ambiencia dos cinemas pela interpretação inolvidavel de Lon-Chaney. Mas tambem esta narração d'*Os sete enforcados* não deixa de fornecer a média da sua capacidade de escriptor, de fixador de almas que, se não valia um Dostoiewsky, um Turgueneff ou um Tolstoi, nem por isso é um semeador de tedio ou um fabricante de abortos.

★

SYLVIO FIGUEIREDO — CONTOS QUE A VIDA ESCREVE — Typ. S. Benedicto — Rio, 1931.

Eis ahi um escriptor de indiscutivel talento. Não lhe faltam dons de invenção e estylo, ductilizados talvez por uma longa pratica do jornalismo carioca. Pena é que o brilhante contista se recuse a olhar em cheio a vida circumstante e, á descripção directa do Real, prefira uma especie de idealização romanesca das almas e paizagens. Evidente é o seu gosto pelos symbolos tragicos, pelas allegorias nem sempre compativeis com a arte incisiva e synthetica dos tempos que correm. E essa sua tendencia para os typos de excepção e os episodios algo theatraes ainda é mais accentuada pela composição da capa, devida ao lapis fantasioso do artista Oswaldo Teixeira, cujo eclectismo estonteante é capaz de pendurar caveiras á 1830 nos fios telegraphicos de uma cidade vertiginosa á 1930...

"La Vie d'Alexandre le Grand"

por KONRAD BERCOVICI. — *Gallimard*, Paris, ~~1931~~.

As nupcias de Phelippe e Cleopatra, affirmavam os antigos, consumiram, por muitos seculos, o insenso da Arabia.

A provisão de incenso-espiritual em louvor de Alexandre se não exgotou até hoje.

O guerreiro genial seduz analystas, como seduzira soldados, pela variedade dos seus dons.

Ao mesmo tempo cruel e magnanimo, feroz e generoso, terno e brutal, decconcerta os historiadores. Estes só tiveram um recurso: tornal-o lendario.

Impellido por um dynamismo frenetico, elle destróe a Phenicia, domina o Egypto, derrota Darius, e faz de quasi todo o mundo antigo uma colonia macedonica.

Intelligencia robusta, mas epileptico e incontido, para dissipar uma bebedeira arrasava cidades, arremeçava escravos contra leões enfurecidos, matava os amigos mais intimos e, com as proprias mãos, apunhalava cavallos e elephantes. Depois, ante a terra empapada em sangue, sorria satisfeito sentindo o illimitado do seu poderio.

*

Aristoteles disse, certa vez, que a lenda é superior á historia. Fructo exclusivo da imaginação humana, a lenda é bem mais rica em suggestões do que o relato frio dos acontecimentos.

A phrase do philosopho positivo, que fixou o tempo sem relogio e observou os astros sem telescopio; o philosopho cujas idéas tiveram tão larga repercussão no pensamento universal, deve com essa phrase, reconfortar os artistas sempre incontentados diante dos narradores pobres de imaginativa.

Depois, quem sabe? A verdade não estará com os que sonham?

A obra de Konrad Bercovici é de pura ficção, sem nenhuma solidez historica.

O autor fez de Roxana a segunda mulher de Alexandre, quando foi a primeira; queimou, para maior effeito theatral, Cleopatra e seu filho numa vasta caldeira, embóra elles tenham sido prosaicamente assassinados; emprestou ao seu heroe olhos azues, no principio do romance, para depois arrancal-os e substituil-os por olhos negros; deu ao seu personagem pelle tostada, quando no dizer de Duruy, Arriano e Plutarcho, ella deveria ter sido alva; exagerou o genio politico de Stateiras (e não Statira como escreve o romancista) e de Olympias; citou os mestres de Alexandre occultando o nome de Lysimacho; finalmente: — não mencionou o bello gesto do conquistador destruindo Thebas, mas poupando a casa de Pindaro, gesto que dignifica muito mais o rei macedonio do que a poesia.

Estes senões, porém, realçam a perfeição do romance de uma intensidade dramatica que vae num crescendo até a final agonia do heróe, morto aos 33 annos incompletos, quando se preparava, talvez, para intentar a conquista dos astros.

Lamentamos, tão somente, que não venham reproduzidas, no livro, as cartas de Aristoteles ao seu discipulo, magnificas de altivez e independencia, escriptas em tom rude e aspero: a sabedoria affrontando a Omnipotencia.

Ha grande affinidade entre esses dois cimos: — Aristoteles e Alexandre. Dominava-os a mesma ambição desmedida. Mas o fundador da logica, a quem se devem paginas lucidas sobre a psychologia animal, creador de quasi todos os termos philosophicos hoje em vóga, espirito solar cujas obras, diziam seus contemporaneos, orçavam em 400 volumes, não resiste a um parallelismo com o brilhante senhor dos destinos humanos.

O homem de acção, utilisando-se de processos fulminantes, possuidor de excepcionaes qualidades — a bravura, a celeridade nas decisões, a energia nos infortunios e nas derrotas — enthusiasma muito mais do que o homem de pensamento, de habitos tranquillos, falando uma linguagem arida como um syllogismo, e exercendo a sua soberania em regiões inattingiveis onde habitam verdades abstractas.

MANLIO GIUDICE.

DE GOETHE

PROMETHEUS

Enfarrusca o teu céo, Zeus, e como criança que se diverte decapitando cardos, exercita-te em carvalhos e pincaros de montes!

Has de deixar-me a terra, que é minha, e a minha cabana, que não construiste, e a minha lareira com a sua chamma que te faz inveja.

Não conheço nada de mais mesquinho debaixo do sol que vós, deuses! Com o fumo dos sacrificios e o sopro das preces alimentaes miseravelmente a vossa majestade, e morreriéis de fome si não fossem as crianças, e os mendigos, pobres loucos cheios de esperanças.

Quando eu era menino, timido e inexperto, voltava angustiosamente os olhos para o sol, como si lá em cima houvesse um ouvido capaz de ouvir a minha queixa, um coração como o meu, que se condoesse do opprimido.

Quem me valeu contra a prepotencia dos titães? Quem me salvou da morte? da escravidão? Não foste tu que te ajudaste a ti mesmo no perigo, coração abrasado de sacrosanta flamma? E illudido, na tua bondade e juvenil innocencia, ainda rendias graças ao Dormente lá em cima!

Adorar-te, eu? Porque? Alliviaste jamais as dores do opprimido? Enxugaste jamais as lagrimas do afflicto? Quem me fez homem, sinão o tempo omnipotente e o eterno destino, meus e teus amos?

Suppunhas talvez que eu fosse odiar a vida e fugir para o deserto só porque nem todas as flores dos meus sonhos juvenis desabrocharam?

Aqui estou, homens fórmo á minha imagem, uma raça que se assemelhe a mim, para soffrer, chorar, gosar e alegrar-se da vida, e para despresar-te, como eu!

ALMEIDA COUSIN — ITAMONTE — Ed. Paulo Pongetti & C. — Rio, 1932.

Epopéa brasilista, diz o proprio autor. São poemetos e sonetos compostos em rythmos varios e todos elles ferindo lances notaveis da nossa historia. Desse trabalho, quando inedito, escreveu o sr. Coelho Netto: "... seu poema, no qual, além do thema, de tanta brasilidade, ha a fórma que o encarna, rica e em linguagem extreme. Aguardo-lhe a publicação para recebel-o com flores."

DE PARIS

Jean Fayard recebe o Premio Goncourt

Encerrou-se a quinzena dos grandes premios litterarios.

Goncourt, Femina, Interallié, Theophraste-Renaudot acabam de ser conferidos, coroando ou desfazendo esperanças, suscitando applausos, criticas, polemicas.

Mas tudo isso se repete todos os annos.

Edmond de Goncourt, que escrevera no seu testamento, "meu desejo supremo, desejo que espero jamais será olvidado pelos "jovens" futuros academicos, é que o premio seja dado sempre á mocidade, á originalidade do talento, ás tendencias novas e ousadas do pensamento e da fórma", viu este anno os seus votos plenamente realizados com a distincção conferida a Jean Fayard.

Já se não poderá mais dizer que a Academia Goncourt despreza a mocidade, nem que só escolhe excentricos.

Esse jovem, que é um menos de trinta annos, pois que nasceu em 1902, deve sentir-se perfeitamente feliz, dado que não contava com mais de um voto, talvez dois.

Jean Fayard estudou em Janson de Sailly, depois passou dois annos em Oxford, e esteve, por varias vezes, em Bruxellas e na Allemanha.

A experiencia trazida dos meios escolares inglezes deu-lhe assumpto para o primeiro livro, um livro delicioso, *Oxford e Margaret*, dos melhores romances que um francez haja escripto sobre a vida de além-Manche, e que o tornou celebre apenas com vinte annos. Seguiram-se depois: *Trois quarts du monde, Le monde où l'on s'abuse, Le journal d'un Colonel* e *Mes Maitresses*. Escreveu igualmente um grande numero de novellas, cheias de finura e bem parisienses.

Foi com um thema dos mais simples, que Jean Fayard conseguiu escrever um romance de real valor: a historia de um rapaz que ama pela primeira vez, mas que só reconhece o seu amôr, depois que a amada lhe fugiu para sempre. *Mal d'Amour*, como o nome está a indicar, é um verdadeiro romance de amor. Nelle um terno e delicado coração de mulher, bate e soffre por um rapaz que, havendo respirado em demasia o ar de seu tempo, tem um supremo desdem por tudo o que é sentimento.

Florence é amada por tres homens. Um delles, Dougherty, ama-a com um amor paciente, resignado, voluntariamente cego, quasi paternal, e é, por isso mesmo, o menos amado. Jacques Dolent tem vinte annos, e é uma creatura voluvel, sceptica, cynica mesmo. Até então o amôr e o capricho eram para elle uma unica e mesma cousa. Amando pela primeira vez, elle fica louco por Florence, emquanto suppõe não ser correspondido, mas uma vez que lhe conhece o affecto, torna-se indifferente e até covarde, pois que, sem razão alguma, numa noite de semi-embriaguez, chega a ser brutal e cruel para com ella. Vem dahi a sua desgraça. Florence abandona-o. A seguir, elle pensa em voltar atraz, mas já é muito tarde, o mal está feito, e ella não acceita qualquer reconciliação. Então, somente, elle comprehende o que é o amôr verdadeiro e começa a soffrer. Um dia, abandonando aquelles dois seres: um que lhe dava a felicidade, outro que lhe garantia a subsistencia, Florence parte, na companhia de um terceiro, mas ao lado deste apenas conhecerá miserias, queixas, ciume e crueldade.

Só a morte consegue afastar desses tres homens a creatura amada, permittindo que cada um delles possa encontral-a á sua maneira e possuil-a plenamente, com uma ternura infinita.

A despeito dos aspectos modernos que correspondem á educação sentimental do nosso tempo, o "amor" é sempre o "amor" e esse sentimento é sempre um "sentimento eterno". Assim, nada conseguirá arrancar do coração de Jacques Dolent o pesar e o remorso de haver magoado tão estupidamente uma mulher encantadora, sobretudo quando a culpa foi exclusivamente sua e elle não se poderá queixar de ninguem por havel-a perdido.

*

Jean Fayard compoz um livro amplo e poderoso, onde se encontra, todavia, a mocidade de quem o escreveu.

Numa linguagem clara, agil, matizada, com espirito, elle conduz as investigações psychologicas até aos mais secretos movimentos da alma, mas tudo isso com leveza e graça. *Mal d'Amour* está deliciosamente escripto, da primeira á ultima pagina.

Jean Fayard é igualmente jornalista e suas criticas independentes valeram-lhe uma invejavel situação nos dominios do cinema e do *music-hall*. Além disso, os trabalhos litterarios não o impedem de se occupar activamente com a casa de edições tão brilhantemente dirigida por seu pae, Arthème Fayard.

*

Acreditamos não commetter nenhuma indiscreção dizendo que foram Roland Dorgelès e Léon Daudet os principaes sustentaculos da candidatura de Jean Fayard, e que os Srs. Rosny, o velho e o novo, bem como Jean Ajalbert, Pol Neveux e Gaston Cherau igualmente lhe deram seus votos.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

Alfredo Severo — AS FALSAS BASES DO COMMUNISMO RUSSO — Flores & Mano — Rio — 1931.

E' um ataque ao regimen que subverteu a velha monarchia moscovita. O autor, tenente-coronel do nosso Exercito e professor do Collegio Militar, lança uma critica das mais rigorosas aos processos administrativos e economicos dos que, esquecidos dos factores moraes, apenas se preoccupam, na direcção dos povos, com os elementos de baixa materialidade. Discipulo confesso de Augusto Comte, em quem enxerga o maior sociologo de todos os tempos, o sr. Alfredo Severo invoca, de momento a momento, os postulados do *Systema de Politica Positiva* do mestre, obra que se lhe afigura uma congerie de verdades eternas, indestructiveis. Sem que entremos na discussão da parte propriamente combativa do volume do nosso patricio, não temos duvida alguma em reconhecer que se trata de um escriptor de grande cultura, de um argumentador coherente sempre com os seus principios e de um homem de caracter que se revolta contra tudo o que lhe parece diminuição dos nobres ideaes de solidariedade humana.

Goetheana

Nomeado, em 1791, Director do Theatro Ducal de Weimar, Goethe, durante vinte e dois annos, viveu ás voltas com actores e actrizes. E' curioso notar que no anno anterior, em 1790, elle publicára o mais importante dos seus trabalhos scientificos, *Versuch, die Metamorphose der Pflanzen zu erklären*. O poeta pertencia á raça dos que levam a serio tudo quanto se lhes confia. E em 1803 publicava algumas *Regeln für Schauspieler*. Um pequeno tratado da *arte de representar*, condensada em 91 paragraphos. A arte do actor, diz elle, no começo, consta principalmente de duas coisas: o idioma e o movimento scenico. Quanto ao idioma, o primeiro conselho resume-se na guerra aos provincialismos: *"Kein Provincialismus"*...

A pronuncia merece todo cuidado. Cita Goethe exemplos em que certas syllabas são facilmente deturpadas, pelo menor esforço: *"folgendem, nicht folgend'm"*.

Os actores que trocam o *b* pelo *w* soffrem a acerba critica do mestre: *Leben, nicht Lewen*. *P* por *b*, *t* por *d* — são outros tantos defeitos apontados. Dos ns. 18 a 30, tratam as regras de Goethe da Declamação. Conselhos, hoje, anachronicos e quasi sem prestimo.

Ha, porém, ali, exemplos objectivos bastante interessantes. Na interjeição, diga-se: *Ó! — meu filho!*

Nunca: *Ó! meu filho!*

No entanto, Goethe conclue esse capitulo da sua arte de representar, declarando que o declamador deve ter a mais ampla liberdade nas inflexões e nas pausas.

Os movimentos do actor em scena devem ser, pelo manual de Goethe, tão expontaneos como si fossem a sua segunda natureza. Comtudo, na regra 37, elle especifica a posição que deve tomar o corpo do actor, o peito, os braços, a cabeça... Coisa dos tempos, em que não se admittia que os actores déssem as costas ao publico. "Sempre fallar para o publico, nunca para a caixa do theatro" — escreve Goethe, na regra 40. As posições, nos dialogos, são marcadas na regra 42. Deliciosa, a regra 43 da *Schauspielkunst*:

"Linda posição para um galã: peito e corpo avançados, cabeça meio inclinada, olhos postos no chão, ambos os braços pendentes..."

A partir da regra 44, entra-se no estudo dos movimentos das mãos e dos braços. A posição do pollegar, do minimo e dos outros dedos — tudo isso está previsto na regra 48.

Depois, vem conselhos sobre as roupas, os calçados, o lenço, etc.

Nem todas as lições de Goethe aos actores são assim, tão objectivas e triviaes.

Ha, no seu tratado da arte de representar, algumas reflexões admiraveis. Transcrevo uma apenas, para concluir esta nota: "Na sua vida real, o actor deve pensar que, frequentemente, será visto em scena"...

ROQUETTE PINTO.

Contra "O FAUSTO"

No côro de louvores a Goethe, é bom que se ouça tambem, como a voz do Advogado do Diabo, o ataque que lhe fez o violento italiano de nome Giovanni Papini, que, por signal, completou cinco decennios a 9 de Janeiro deste anno e assim, carregando meio seculo no lombo, entra na velha geração e passa da galeria dos desancadores para a dos desancaveis...

No seu volume *Stroncature*, de 1916, Papini arrasa o *Fausto*, farça fabulesca posta no mundo, depois de sessenta annos de labuta, pelo Conselheiro Intimo Von Goethe, e que, segundo o povo e os criticos, biographa o typo germanico por excellencia, o seu "deputado heroico no mundo da phantasia", quando não é senão a variante guindada do "pédant joué" de Cyrano de Bergerac.

Depois de umas referencias desamaveis a Frederico II, tyranno de caserna e estrangulador da Polonia, e a Bismarck, diplomata de varias mascaras, junker e falsificador de telegrammas, Papini investe contra o titere metaphysico. O *Fausto* é obra mediana em que os ares mythicos servem unicamente para salvo-conducto da confusão, dos logares-communs exasperados, da reincidencia nas peores maluquices. Goethe foi poeta nos *lieder* e no *Divan*. Aqui não, e este, para falar em linguagem de chancellaria, será apenas o Livro Negro da Germania. Fausto é professoral, é o heróe-professor, como qualquer heróe que se preza em Berlim e Munich, e sua erudição compõe-se "de nomes e fórmulas como quasi toda a cultura tedesca". A Goethologia converteu-se em pão dos professores, em exploração de livreiros, em industria didactica.

Digno discipulo de Fausto, o cretino do Wagner, pae de Homunculus, é por sua vez "o inventor (teutonico) do homem artificial". Só Mephistopheles, "espirito livre e anti-allemão", talvez inspirado por Voltaire, se mostra sympathico, especialmente porque se diverte com a immensa estupidez de Fausto. No fundo, o doutor, em vez de Ideal, quer bebida e mulher, quer pandega. Bem considerado, não passará de um embrulhão e um charlatão á maneira de tantos máos imitadores de Paracelso, outro complicado producto da raça germanica. Gretchen é uma bobalhona e o seu idyllio no jardim uma babozeira. Segundo o resumo de Carducci, "faz-se ella engravidar pelo primeiro que encontra, depois estrangula o filho recem-nascido e vae para o céo". A essa altura só se torna interessante a figura da alcoviteira.

A segunda parte é "um baile de mascaras classico-romantico". E Euphorion, o filho de Fausto com Helena, cáe do alto e morre como todo allemão que pretenda interpretar a Grecia pedantescamente, que pretenda comprehender a cultura grega de oculos e sobrecasaca. Fausto concorre para a morte de um casal de velhos — Philemon e Baucis — por isso que lhes ateia fogo na cabana, afim de alargar os seus proprios dominios, e acaba latifundista, proprietario de vastos terrenos, de paludes bem drenadas, bem hygienizadas. E' elle o espelho, ora concavo, ora convexo, da Allemanha. E Deus, se o salva, é por desdem e dentro de uma solução sophistica, attendendo talvez á intercessão das mulheres, do "eterno feminino" (expressão de Goethe que desceu á reportagem dos jornaes). "O povo allemão — resume Giovanni Papini — admira a si mesmo nesse professor que, depois de haver estudado sem aprender nada e haver agido sem nada concluir, se refugia no paraiso christão a despeito do diabo e da logica".

AGRIPPINO GRIECO.

DE GOETHE

CONVERSAÇÕES (Extractos)

O enygma

Afinal que é o que sabemos com toda a nossa sciencia e o que adiantámos até hoje?

O homem não nasceu para decifrar o enygma do mundo; saiba fixar o ponto onde começa o problema e manter-se prudentemente nos limites do intelligivel.

As faculdades do homem não são capazes de medir as operações do universo e, com a estreita visão humana, pretender impôr o seu espirito ao grande Todo é empreza van. Razão humana e razão divina são cousas muito differentes.

Do momento que conferimos ao homem a liberdade, a omnisciencia de Deus deixa de existir, porque do momento que Deus sabe aquillo que vou fazer, a minha liberdade está tolhida e tenho de fazer necessariamente aquillo que Elle sabe.

Cito este exemplo só para mostrar o pouco que sabemos e que não convem tocar nos mysterios divinos.

Semelhantemente devemos evitar de pronunciar-nos de publico sobre tão altos problemas, salvo na medida que possam interessar e servir ao bem do mundo. O resto, guarde-o cada qual para si, consolando-nos com o brilho que esse conhecimento derramará sobre tudo quanto fizermos, bem como a doce luz de um sol occulto.

O "como" e o "porque"

E' natural no homem considerar-se como o fim da creação e fazer convergir para si todas as outras cousas de que possa tirar proveito e utilidade. Apodera-se do mundo vegetal e animal, e devorando á guisa de alimento as outras creaturas, compraz-se em reconhecer uma sollicitude paternal em Deus, cuja bondade proclama. Rouba o leite á vacca, á abelha o mel, á ovelha a lã, e com attribuir a todas essas cousas o fim que lhe é pessoalmente util, imagina que para isso mesmo foram feitas. Não lhe é possivel acreditar que a mais tenra hervinha não esteja alli senão para elle, e ainda mesmo que no momento lhe ignore a utilidade nem por isso deixa de estar convencido que ha de vir a sabel-o algum dia.

E o que o homem pensa no geral, pensa-o tambem no particular, e não deixa de transportar as suas vistas habituaes para o dominio das sciencias. Até mesmo em presença de um sêr organico o que o preoccupa é o fim, a utilidade.

Semelhante processo póde surtir effeito durante algum tempo e dar resultado mesmo nas sciencias; mas não tarda a vir o dia em que o homem esbarre com phenomenos que esse systema acanhado e estreito já não basta a explicar, e nesse caso, si não optar por um ponto de vista mais elevado, acabará fatalmente enredilhado num cipoal de contradicções.

Pretendem esses apostolos do systema utilitario que o boi si tem chifres é para defender-se. Mas, pergunto eu: porque não os tem o carneiro? ou si os tem, porque ha de tel-os enroscados nas orelhas de maneira que não lhe dão serventia?

Cousa muito outra é dizer: "O boi defende-se com os chifres porque tem chifres".

A questão do fim, do *porque* nada tem de scientifica. Muito mais adeanta a questão do *como*. Com effeito, si pergunto: como tem os chifres o boi? sou levado a examinar-lhe a organisação e chego a comprehender do mesmo passo porque não tem nem pode ter chifres o leão.

Assim é que o homem tem no craneo duas cavidades ôcas. Com a questão do *porque* não iriamos longe. Com a questão do *como*, o caso muda de figura; ella me ensina que essas cavidades são sobrevivencias do craneo animal, mais pronunciadas nos organismos inferiores, e que no homem, não obstante a superioridade deste, ainda não desappareceram de todo.

Os apostolos do systema utilitario receiam provavelmente perder o seu Deus si deixassem de adorar Aquelle que deu ao boi armas com que se defenda. Mas a mim hão de fazer-me o favor de permittir-me que adore Aquelle que nas suas portentosas creações se mostrou tão prodigo que depois de ter produzido milhares de especies differentes de plantas ainda fez uma em que estão contidas todas as outras, e, depois das mil variedades de especies de animaes, um sêr em que se conteem todos: o homem.

Adore quem quizer aquelle que aos animaes dá o pasto e ao homem de comer e beber com fartura; eu por mim reservo a minha adoração para Aquelle que espalhou no universo uma energia productiva tal que, muito embora a millionesima parte dos germens não vingue, ainda assim o universo pullula de tantos seres vivos que não prevalecem contra elle nem a guerra nem a peste, nem a agua nem o fogo. Esse é o meu Deus!

A segunda puberdade

Certos homens de idade, naturezas geniaes, apresentam esta peculiaridade notavel de viverem uma *segunda puberdade* ao passo que os outros homens só são jovens uma vez na vida.

Cada entelechia é um fragmento de eternidade e os poucos annos que passa unida ao corpo terrestre não a envelhecem nunca. Si essa entelechia fôr de natureza inferior, tanto que dure o seu obscurecimento corporeo, terá escasso poder; o

AOS NOSSOS LEITORES

Esta revista, que se circumscreve a assumptos de cultura e, por isso mesmo, se destina a um publico escolhido, vê-se forçada, por motivos imperiosos, a alterar, do proximo numero em diante, os seus preços de assignatura e de venda avulsa, conforme se poderá verificar na respectiva tabella.

Estamos certos de que o leitor, que tantas provas de apreço intellectual já nos tem conferido, continuará a prestigiar-nos, concorrendo para que se mantenha entre nós uma revista que não aspira senão ennobrecer o nosso ambiente cultural. Do nosso lado, procuraremos corresponder ao interesse publico, ampliando o BOLETIM, enriquecendo-o de novas fontes informativas e pondo-o á disposição dos leitores para consultas de caracter critico-bibliographico, acquisição de livros e tudo o mais que se prenda ás lettras, artes e sciencias.

predominio então será do corpo e, entrando este a envelhecer, não o poderá ella suster nem impedir-lhe a decadencia. Mas si a entelechia fôr de categoria mais elevada, como é o caso dos homens de genio, não só influirá no corpo graças a uma impregnação vivificadora, animando, fortalecendo e nobilitando o organismo, como ainda, em razão do predominio do espiritual, procurará constantemente fazer valer o privilegio de mocidade eterna. Dahi observar-se na velhice dos homens dotados de qualidades superiores como que um desdobramento de fecundidade: é como si incessantemente se produzisse nelles um rejuvenescimento temporario e é a isto que eu chamaria *a segunda puberdade*.

Ser Original

Em summa, que ha de bom em nós a não ser a tendencia e a capacidade de assimilarmos todas as riquezas do mundo externo e de as utilisar a bem dos nossos fins mais nobres? Julgo ter o direito de pôr-me em causa e de dizer o que sinto, sem exceder os limites da modestia. E' certo que na minha longa vida produzi e realisei algumas cousas de que poderia acaso envaidecer-me. Mas, francamente, que tinha eu de realmente pessoal e de meu proprio a não ser a capacidade e o gosto de vêr e ouvir, de discernir e escolher, de animar com um pouco de espirito aquillo que tinha visto e ouvido para o reproduzir depois com alguma habilidade. Não é ao meu proprio cabedal que devo as minhas obras, mas a milhares de cousas e pessoas extranhas a mim mesmo e que me forneceram os materiaes. Loucos e ajuizados, espiritos lucidos e espiritos obtusos, moços, crianças e homens maduros: todos me communicaram o seu modo de vêr e de pensar, contaram-me como viviam e agiam, a somma de experiencias que tinham accumulado; eu não fazia mais que abrir as mãos e recolher o que outros tinham semeado para mim.

No fundo, é rematada loucura pretender decidir si um homem tirou alguma cousa do seu proprio fundo ou de outrem; si agia por si mesmo ou por meio de outros; *o essencial é que seja dotado de uma vontade superior e de habilidade e perseverança necessarias para leval-a a effeito;* o resto é indifferente. Muito bem fazia, pois, Mirabeau de servir-se a seu talante do mundo exterior e das energias do mundo exterior. Tinha o dom de discernir o homem de talento, e o homem de talento sentia-se attrahido pelo Demonio daquella portentosa natureza, e se lhe abandonava confiante e seguro. Assim é que viveu rodeado de um pugillo de espiritos excellentes que elle penetrava da sua flamma e punha em movimento para alcançar os seus fins superiores. E o facto de ter sabido agir *com* os outros e *pelos* outros é precisamente o que constitue o genio, a originalidade, a grandeza de Mirabeau.

Homens novos

Si eu fosse principe nunca nomearia para os altos postos gente que veio subindo pouco a pouco tão somente graças á origem ou á ancianidade, e que, na velhice, continua a marcar passo lentamente e commodamente na senda rotineira; pouco ou nada ha que esperar de homens dessa especie. Havia de rodear-me de *homens moços*, mas dotados de capacidades eminentes, de clarividencia e de energia, de força de vontade e nobreza de caracter. Que prazer não seria então reinar e levar para a frente o seu povo! Mas onde o principe que tivesse esse modo de sentir, e mais ainda, que pudesse ser tão bem servido?

A obra de arte

Uma obra de arte, sobretudo um poema, que nada deixe a adivinhar, não é verdadeira obra de arte nem obra de real valor; porque o fim mais elevado da obra de arte é servir de estimulo á reflexão, e nenhuma obra póde agradar verdadeiramente si não incitar o leitor ou o espectador a interpretal-a segundo o seu sentir proprio, a continuar-lhe e a completar-lhe de algum modo a creação.

Signaes

Eu por mim quem me déra perder de todo o habito de conversar, e fazer como a natureza creadora, isto é, exprimir-me só por signaes. Aquella figueira, esta pequena serpente, esse casulo que alli está esperando tranquillamente que se cumpra o seu destino são outros tantos signaes que exprimem muitas cousas; aquelle que fosse capaz de os decifrar não tardaria certamente a perder o gosto de tudo quanto se diz e escreve.

Quanto mais reflicto, mais a palavra me parece qualquer cousa de tão inutil, de tão ocioso, estaria quasi a dizer de tão presumido, que se fica apavorado e perplexo diante da muda gravidade da natureza e do seu silencio quando se topa com ella diante do solitario muro de um rochedo ou nalgum deserto de antiquissimas montanhas.

Prismas

Pensa-se geralmente que é preciso envelhecer para ter juizo; no fundo, o difficil, com os annos, é conservar o juizo que se tinha dantes. O homem, nos diversos periodos da vida, muda, sem duvida, mas não se sabe si para melhor; em certas cousas póde muito bem estar com a razão aos vinte annos, como aos sessenta.

O mundo apparece outro quando olhado da planicie, outro quando olhado dos contrafortes da montanha ou das geleiras do massiço central. De um ponto descortinar-se-á uma porção do universo a mais que do outro, e não será facil decidir de que lado se tem uma visão mais exacta.

Assim, quando um escriptor deixa monumentos das diversas épocas da sua vida, o que importa sobretudo é que possua um fundo original e suscite sympathia, que veja e sinta com espontaneidade em cada uma dessas épocas, e que tenha dito exactamente o que pensou, sem nenhum outro fim accessorio. Então, si estiverem bem em harmonia com o momento em que os concebeu, os seus escriptos durarão, seja qual fôr o desenvolvimento que o pensamento do autor venha a ter ulteriormente.

REVISTA BRASILEIRA DE CIRURGIA

A nossa bibliographia medica acaba de ser enriquecida com o apparecimento de uma excellente publicação, a Revista Brasileira de Cirurgia. *Sob a proficiente e operosa direcção do Dr. Roberto Freire, e com um corpo redaccional em que figuram os maiores nomes da nossa cirurgia, esse mensario está fadado ao melhor exito. No seu primeiro numero, perfeitamente apresentado, figuram interessantes trabalhos dos Drs. Augusto Paulino, Gabriel de Andrade, Jorge de Gouvêa e Campos da Paz Junior, Maurity Santos e Armando Aguinaga, além de muitas analyses, resumos e notas, que formam ao todo um volume de quasi sessenta paginas com excellentes gravuras e magnificas trichromias.*

O duello de Duas Vozes

V. Ivanov et M. O. Gerschenson — *Correspondance d'un coin à l'autre* — Traduction du russe par Hélène Isvolski et Charles Du Bos. (Éditions R. A. Corrêa, — Paris, 1931).

Quando ainda o tumulto da revolução bolchevista enchia as ruas de Moscou, cortando com os vermelhos vivos de suas flammulas a pallidez da neve, travava-se num quarto triste de hospital, entre V. Ivanov e M. O. Gerschenson, essa bella e profunda cantata intellectual a duas vozes que é a *Correspondance d'un coin à l'autre* reunida agora num volume e publicada pelo editor brasileiro, de Paris, sr. R. A. Corrêa.

Como se os rumores populares de lá fóra tivessem a entrada rigorosamente prohibida pelo medico, o certo é que aquelle hospital de Moscou apresentava um ambiente de completa calma onde só o pensamento desses dois russos imprimia vibrações interiores. E difficilmente se imagina que entre as paredes de um hospital — numa atmosphera em que sobre os espiritos deveria pairar o echo pathologico dos corpos combalidos — possa haver tanta saude de idéas e mesmo tanta euphoria mental como essa *Correspondance* revela. E' verdade que ambos os interlocutores se encontravam numa phase de convalescença, o que, talvez, reparando-se bem, lhes difficultasse mais esse recolhimento beatifico das idéas do que mesmo durante a phase ascetica da molestia. Porque se a molestia é o refugio integral do mundo, a convalescença representa antes a volta voluptuosa do appetite faminto de viver, do desejo de se misturar novamente ás cousas e de matar meio selvagemente o jejum que se fez do mundo. E foi justamente quando Ivanov e Gerschenson deixavam o leito da dôr pela dôce *chaise-longue* contemplativa do convalescente, que os ruidos demagogicos da revolução entravam seductoramente pelos ouvidos slavos como a cantiga mais embaladora do Demonio.

E, embora se sinta, atravez das cartas de Gerschenson, um estado de espirito nitidamente revolucionario, o rythmo do seu pensamento é bem calmo e não reflecte em nada aquelle fragor de correrias da turba entontecida. E' que certamente as idéas de V. Ivanov o levavam para um plano de discussões transcendentes e obrigavam o seu forte espirito a um lento e subtil esforço de dialectica em favor da essencia mais intima da idéa revolucionaria.

Gerschenson mostra em suas cartas admiraveis o mais cinzento tedio da cultura e considera uma suprema felicidade poder "apagar totalmente da alma a lembrança de todas as religiões e de todos os systemas philosophicos, de todos os conhecimentos, de todas as artes, de toda a poesia". A noção de felicidade de Gerschenson depende, portanto, (aliás muito ingenuamente), dessa fallencia absoluta da "memoria ontologica das civilizações", como se o deserto de sabedoria, cavado pelo inteiro esquecimento cultural do passado, não viesse a exigir da eterna vaidade humana o sacrificio ainda mais pungente de tornar a povoal-a com uma nova multidão de conhecimentos, o que viria contradizer francamente aquella sua idéa duma paz edenica entre os homens. Gerschenson possue um claro e corajoso nihilismo, bebido em Rousseau, e é effectivamente com uma rara paixão que elle se bate por um "estado de bemaventurança, um estado de inteira liberdade, de alegria espiritual, de desprendimento paradisiaco".

Emquanto M. O. Gerschenson acredita na plenitude da ventura humana atravez dessa volta á innocencia primitiva, V. Ivanov, o seu companheiro de quarto, acha que somente pela fé é possivel uma total libertação: "sem a fé em Deus a humanidade não reencontrará o frescor perdido".

Mas Gerschenson descrê que o homem, esmagado por tantos seculos de cultura, seja capaz de captar o *absoluto*. E opina que a fé deste homem tem que soffrer "a sorte de todos os seus estados d'alma; será contaminada pela reflexão, tornando-se desfigurada e impotente." Aquelle desencanto terrivel de Fausto habita a alma de Gerschenson. Parecia até mesmo que era o enfado dramatico da cultura que o tinha conduzido áquelle caridoso quarto de sanatorio, tamanha era a insistencia com que maldizia o envenenamento deixado em seu espirito pelos vestigios deliciosos das leituras.

Ivanov affirma, no entanto, com a sua bella voz onde se poderia notar os accentos solennes dum orgão de benedictino, que a fé é "alguma cousa de exterior á cultura, alguma cousa de independente, de simples, de primordial, ligando directamente a pessôa do crente ao Sêr Absoluto". E não ha duvida que a razão está com Ivanov.

Um pouco dessa melancolia da cultura tambem a sentia V. Ivanov. Esse Ivanov que se refugiou das festas sensoriaes do seu antigo humanismo pagão no recolhimento intimo da crença, envolvendo a alma nessa fumaça mystica das preces que sobem em espiral indestructivel para Deus. Mas Ivanov, muito mais provavelmente do que o seu interlocutor, tinha uma complexidade de *eu* bem vasta em cujos recantos sabia guardar, cauteloso, as lembranças tentadoras dos livros, neutralmente, como em frios recantos de museu, para as horas coloridas de ocio, sem lhes deixar o alarido da erudição lhe perturbar o silencio fecundo de sua vida espiritual.

O facto é que esses dois russos, installados em dois cantos do mesmo quarto de sanatorio, se encontravam mais distantes um do outro pelo estado de espirito do que se um estivesse na Siberia e o outro na America.

A proposito, lembro-me que um meu joven amigo com quem conversava uma vez sobre o desolador abandono espiritual de Gerschenson, me perguntou, com um desejo visivel e desconcertante de *blague*, porque esse sr. Greschenson não se achava pelo menos em estado de graça para vêr o Diabo?

Ora, a sabedoria do Diabo consiste justamente em não apparecer a ninguem, nem ao seu melhor freguez de peccados, porque, se assim o fizesse, o peccador descrente a quem elle apparecesse, tendo uma experiencia objectiva do sobrenatural, não haveria de ser tão cretino ao ponto de preferil-o a Deus. Salvo se houver uma questão de perversão de paladar.

Aloysio Branco.

Podemos annunciar desde já, para o proximo numero, trabalhos de Oliveira Vianna, Antonio Torres, Jonathas Serrano, Valdemar Cavalcanti, Phocion Serpa, Bezerra de Freitas e Ubaldo Soares.

GOETHE e MARTIUS

Em missão custeada pelo rei da Baviera, Martius e Spix vieram ao Brasil em 1817. Partindo do Rio, viajaram através de varias provincias nossas e conheceram o Araguaya e seus maiores affluentes. Voltaram á Europa em 1820, levando collecções riquissimas e um enorme acervo de informações. Dados de geographia e ethnologia, e innumeros productos zoologicos e botanicos, opulentavam a carga dos dois naturalistas que tudo haviam examinado e colhido "in loco", com a mais rigorosa objectividade scientifica. Conservador de museu, professor, publicista, Martius sobreviveu a Spix, morto em 1826, e suas descripções do Brasil, feitas em edições de luxo, com gravuras e mappas valiosissimos, interessaram a todos os homens cultos da Europa.

Goethe, que a nada foi indifferente e, em 1827, já dizia cousas tão perspicazes sobre a abertura dos canaes de Suez e Panamá, — que, olhando e admirando as paizagens de Napoles, não se esquecia de estudar as pedras vulcanicas, e, depois de encantar-se nas estatuas das galerias de arte, se preoccupava com o exame de um osso do corpo humano, — Goethe não podia deixar de receber, de ouvir Martius, de permutar idéas com elle. Acolheu-o em Weimar, onde discutia philosophia e hellenismo com Riemer, historia da musica com Mendelssohn, historia da pintura e da esculptura com Meyer e historia social com o chanceller de Müller, tendo, segundo a definição de Sainte-Beuve, uma verdadeira Encyclopedia ou Instituto a domicilio. Com a mesma sympathia indagadora dispensada a visitantes como David d'Angers, Cousin, Ampère e Thackeray, que nunca se esqueceu dos seus bellos olhos e da sua expressão fascinante, palestrou longamente com o confrade de Spix. E nem por achar a sciencia humana bem pequena e os seus progressos bem lentos, deixou de pôr em contribuição o viajante que vira os nossos rios e as nossas montanhas e particularmente as nossas palmeiras, arvores sempre de tamanha seducção para Goethe, dados os seus persistentes, apaixonantes estudos de morphologia vegetal.

Eckermann é quem relata as duas scenas. A 6 de Outubro de 1828, Martius, então secretario perpetuo da Academia de Sciencias de Munich, jantou com Johann Wolfgang Goethe e — era obrigatorio — com o memorialista dos dez ultimos annos da vida do mestre. Ha varios dias já que Martius se encontrava em Weimar e conversava com o poeta do *Fausto* sobre assumptos de botanica. Digressionavam especialmente em torno á tendencia espiraloide das plantas. Martius fôra nesse terreno o garimpeiro de sensacionaes descobertas e as transmittira a Goethe, a quem ellas abriam novas janellas para um horizonte mais amplo. Ao ouvil-o falar, uma exaltação juvenil reanimava, retemperava o homem de oitenta annos, e o enthusiasmo tornava-o tão moço como quando subira a uma torre gothica para vencer o medo da vertigem ou quando correra deliciado os campos da Roma pontificia e pagã. Julgava a revelação importantissima para o conhecimento da physiologia dos vegetaes, elle que, mezes depois, se impressionaria mais com os effeitos da luta scientifica entre Cuvier e Saint-Hilaire que propriamente com os effeitos politicos da Revolução de Julho. Tanto mais quanto as observações do botanico coincidiam com a theoria das metamorphoses delle poeta, no caso bem mais proximo de Darwin que de Ovidio.

No dia seguinte, sentado Martius ao lado de Goethe, falou-se no *Moysés*, a ultima opera de Rossini. E que critico litterario e musical se reaffirmou ahi o dono da casa, censurando o absurdo do libreto a estragar a partitura, longe de formarem ambos o todo coheso indispensavel ao genero! E Goethe improvisou o entrecho que elle teria offerecido a Rossini... Discutiu-se, logo após, o Diluvio e a Creação vistos sob o angulo da historia natural. Martius era sempre pela tradição das Sagradas Escripturas, que desejava fortificar, robustecer como naturalista, "dentro do principio de que a natureza, em todas as suas producções, se mostra de uma economia extrema." Goethe, de opinião opposta, era pela generosidade, pela prodigalidade constante, crescente, da natureza e não acreditava num casal unico, em Adão e Eva, e sim em dezenas e dezenas de casaes. Acceitava a formação da terra como phenomeno puramente geologico, achando que, para o nascimento do homem, Deus influiu sómente onde circumstancias especiaes do sólo favoreciam essa influencia. Aliás pensava que qualquer conclusão nesse sentido é improvavel e mesmo superflua. Quanto a Martius, não sem argucia meio ironica, declarava que, se como scientista poderia estar com Wolfgang Goethe, como christão não poderia estar... O amphitryão resolveu o caso com uma pilheria, os ouvintes riram-se e tudo concluiu com polidez e elegancia.

No jantar de 27 de Janeiro de 1830, o sabio de Weimar falou com grandes elogios de Martius, voltando a alludir á tal tendencia espiraloide das plantas e só lamentando que o parceiro de Spix se mostrasse um tanto timido ao sustentar a sua these desse "phenomeno primordial". Exaltou, em Martius, a imaginação, qualidade indispensavel até aos naturalistas e sem a qual não se descobre cousa alguma, seja em poesia, seja em sciencia (affirmação que concorda de todo com um futuro postulado de Henri Poincaré). Não a imaginação que se perde no vacuo, mas a que segue apoiada no real e caminha para as boas idéas finamente presentidas, sem fugir ao "dominio do mundo vivo e suas leis".

A 28 de Março de 1831, um anno antes de morrer, Goethe dá a sua obra sobre a *Metamorphose das plantas*, onde ha o reflexo de certas theorias de Martius, como virtualmente concluida. E assim o Brasil, influindo em Martius, forneceu-lhe contingente para, por sua vez, abastecer o genio universal de Johann Wolfgang Goethe.

AGRIPPINO GRIECO.

PASCHOAL CARLOS MAGNO — ESPLENDOR — *Edições Forja* — Rio, 1931.

A principio o sr. Paschoal Carlos Magno foi accusado de ceder a influencias de outros poetas, contemporaneos seus, especialmente do admiravel Moacyr de Almeida. A leitura das *Chagas de sol*, trabalho de excessiva juvenilidade, parecia dar razão aos censores. Mas agora a leitura deste novo volume, *Esplendor*, vem provar que o brilhante artista não é apenas um parodista habil, não dispõe apenas de um talento imitativo de ave de canto eclectico. Aqui, já se lhe nota uma musica pessoal, um modo de sentir e de rythmar dentro de um feitio proprio, e não faltam imagens e cadencias em condições de satisfazer os julgadores mais severos. A terra e o amor, as arvores, os rios, as mulheres e as nuvens fornecem-lhe bellos motivos sentimentaes ou pantheistas, com certa pompa de phrases inevitavel no ambiente luxuoso e luxurioso dos tropicos. A luz é uma das suas obcessões e o prazer de extasiar-se nos dias de sol impede-o de viver de janellas fechadas...

ANTIGUA & NOVA GNONOMIA (*)

Nam he a Gnomonia brinco de frivolos, & desocupados, como soem decrarar lingoas peçonhentas, & escatimosas, que de tudo prasmam, & brasphemam, senam que he sciencia de cãas, & arte de sabedores, & gentes sages. Jaa aquelles antiguos povos de Judea, & Arabia, haviam da Gnomonia mui segura conhocença, & a praticavam com avondança antre si, do que copiosa noticia dam auctores antiguos, que muyta, & abalisada fee de nós outros devem de merecer. Em Arabia, muytos, & de muita prol, foram os fisicos, estrolicos, & filosofos, que della doctrinaram; & de Arabia foy trazida pera terras de Espanha, & Portugal, por aquelle famoso arabio Alcafif, que em Salamanca jouve por largos annos, ensinando & curando, té que, sendo jaa de proveeta idade, & como quer que houvesse filhado a esposa, a meyga & fermosa Cali Beb, em conversaçoens deshonestas com hum christam, em negra malenconia se finou.

Despois de Alcafif, muytos, & desvayrados foram em Espanha, & Portugal, os sabedores, que na arte gnomonica assaz de notaveis se fizeram, sendo que com ella andavam cosidas alta, & baixa crelesia, filhos d'algo, principes, & até reys de Portugal, & Castella. Muy commũas eram entam todalas usanças gnomonicas: nas igrejas, moesteiros, alcaydarias, & paços, nam ouvia homem senam aquelles ditos, & sentenças, com os quaes soem os gnomonicos ordinhar todolos viventes, & lhes dam ás vezes feiçam de desvariados, quando antre si se poem a praticar, por razam de os nam perceberem os leygos. Assaz de deleytoso, & instructivo, era ouvir naquelles bons tempos do Senhor Rey Dom Manoel, que Deus comsigo haja, dialogos desta guisa:

— Que pensaes, dom abbade, daquelle trovador Fernam da Silveyra?

— Que seja elle o mais vil dos *oxymelescos* (mozarlescos d'hojendia) jaa vos hei dito, & redito.

Todolos preceptos, doctrinas, ditos, & usanças da antigua Gnomonia sam no cartapacio daquelle rabi Isaac Ben Bazoque, que foy fisico do Senhor Dom Joam Segundo, & se chama — *Tractado de Cabala, Artes magicas, Sortilegios, Alchimia, Medicinas, Estrologia, & demais conhocenças da humanal, terreal, & celestial composiçam, tiradas em grande parte do Talmud de Babylonia*. Leiria, 1499. Pola leytura do capitolo XXXV do *Tractado*, o qual ha por titalo *De como se conhocem as perfeyçoens, partes, & manhas dos homens, & molheres, pola conjunçam das pranetas na hora em que foram paridos, & como se hão de poer em consonancia com as cinco taboas da Gnomonia*, ficaraa homem enteyrado do que seja esta sciencia. Mas porem me nam vou a tresladar pera as regras deste boleto todolo capitolo de Ben Bazoque, ca sendo o estilo do rabi proluxo, emburilhado, & senam que escassamente frolido, arreceio de anojar os ledores.

Abasta saber que o que o rabi ensina he que, posto que creatura divinal, como quer que nado seja, depende o homem (& a molher) das constellaçoens, & decrinaçoens do sol, da lũa, & de todalas pranetas, que polos espaços andam de tuna. Tanto que he nado hum infante, & se lhe ouve o primeiro vagido, ponha-se o astrolico, ou gnomonico, que hi assistir, a observar os pranetas, & segundo a conjunçam em que forem, pera logo diraa se a pessoa nada haveraa de ser *sabbat, seraphinica, bombarda, oxymelesca*, ou *santomé*. A estas cinco tabuas fazem accordo na NOVA GNOMONIA aquellas de — *exercito do Paraa, dantas, kerniano, mozarlesco, & onesimo*. Com o horoscopo *post-natalem* vem o ordinhamento gnomonico, de guysa que as manhas, & calidades, que hão de sinalar o individuo de cada huma daquellas tabuas, em sendo adulto, ficaram desde logo conhocidas. Assi, quando nasceu o senhor Dom Manoel, o venturoso, predisse Isaac Ben Bazoque que haveria de vir a ser *exercito do Paraa*, ou *sabbat*, como se entam dezia, & o foy. Se soccedia que algum nam havia lugar definido em nenhuma das tabuas, por obrar de desvayradas maneyras, com escambo de feytos, & aforrado nos dizeres, pera logo se escoldrinhava, com caleulos de arismetica, & astrologia, a tabua que ao certo lhe devera de caber. Foy assi com o gran Vasco da Gama, o qual jurava, batendo nos peytos, que era *dantas*, ou *seraphinico*, até o dia em que o estrolico Abraham Zacuto lhe decrarou que nam, que andava burlando os povos, ca nam passava de muito bom *sabbat*, ou *exercito do Paraa*. E assi soccedeu tambem com a Ines de Crasto, aquella que despois de morta foy rainha. Que era *seraphinica*, ou *dantas*, cuydavam quantos lhe conhociam o doce amor, & a fim tragica; mas veo o rabi Ben Bazoque, & desenganou os povos, decrarando, que a linda Ines era *sabbat*.

Nam conhoce homem a tabua gnomonica do senhor Dom Joam primeiro, mestre d'Aviz, mas a mi me quer parecer que era *kerniano* (*bombarda*), ca aquella ardideza de matar a punhal o conde Andeyro, amante da rainha D. Lianor Telles, & aquella molleza, que no mesmo dia, a hora de besporas, o levou a lançar-se-lhe aos pees, rogando-lhe humildosamente perdam, cousas sam de *kerniano*. Esta despejada raynha Dona Lianor nam teve tabua conhocida, sendo seu marido, o mal aventurado rey Dom Fernando, ordinhado na tabua dos *seraphinicos*, ou *dantas*. Dom Duarte, principe letterado, que compos aquelle grave tractado da *Arte de bem cavalgar toda sella*, foy posto na tabua dos *oxymelescos*, ou *mozarlescos;* ao passo que o senhor Dom Joam Segundo era legitimo *sabbat*, ou *Paraa*, como se ora diz. *Paraa* foram outrossi D. Numalvarez Pereyra, & Pedro Alvarez Cabral.

Tanto que viu a luz do dia aquelle sublime poeta Luis de Camoens, jaa ia leixando de florescer em terra lusa a Gnomonia, ca a Santa Inquisiçam, consiirando-a pratica de mouros, & judeus, entrara de defendela, & perseguila sem piadade. Poucos nam foram os miseros que houveram de expiar, com as santas purificaçoens polo fogo, a culpa de se darem secretamente a ordinhamentos gnomonicos. Foy um desses infelizes o christam novo Gil Eannes Gouvea, o qual, tendo tido o desvario de decrarar "que o Santo Padre Leam X lhe parecia como a modo de *santomé*" (*onesimo*), houve de comparecer em auto da fee, & hi foy chammuscado com todolos preceptos, qual gordo bacorinho. De guysa que assi condemnada, & perseguida, caiu a Gnomonia per quatro seculos em amortecido esquecimento.

Mas porem em dias d'hoje foy ella novamente ale-

(*) Vede sobre o que seja *Nova Gnomonia* o escripto de Mest. e Manoel Bandeyra impresso no *Diario Nacional* (de São Paulo), do dia 17 de Outubro de 1931.

PERICLES MORAES — **A vida luminosa de Araujo Filho** — Livraria Classica, Manáos, 1931.

Nada mais precario que a fama de um bom orador. Sabendo disso e desejando reter o mais possivel os triumphos tribunicios de um seu amigo, bastante conhecido no fôro da Amazonia, — o sr. Pericles Moraes, em linguagem rica de metaphoras, escreve *A vida luminosa de Araujo Filho*. O biographado era senhor de uma vasta cultura classica. Tendo sido professor de linguas e commentando, com desenvoltura, Dante e os gregos, conciliava as tarefas juridicas com os mais nobres pendores de artista e humanista cultivados desde a mocidade e que jámais pretendeu suffocar. Quanto ao autor do commovido "in memoriam", é um prosador sumptuoso e volumes anteriores, *Figuras & Sensações* e *Coelho Netto e sua obra*, já lhe haviam assegurados direitos de cidadania espiritual aqui no Rio.

★

AUGUSTO MEYER — LITTERATURA E POESIA — Typ. Thurmann — Porto Alegre — 1931.

E' uma collecção de ligeiros trabalhos em prosa de um dos mais bellos nomes da poesia gaúcha contemporanea. São arabescos descuidosos, esbocetos sentimentaes ou ironicos, tudo producto de um humorista lyrico, de um delicioso fantasista á Tristan Derème. "Para que publicou elle isto?" indagarão, meio amuados, os que se encantaram lendo o *Coração verde* e o *Giraluz*. Não concordamos. Em vindo de um espirito como o do sr. Augusto Meyer, nada, absolutamente nada é desdenhavel.

★

CARLOS LÉBEIS — NO PAIZ DOS QUADRATINS — Schmidt Editor — Rio — 1932.

Num bello volume, illustrado á moderna pelo pintor Candido Portinari, que voltou da Europa menos enthusiasta de Zuloaga do que daqui partiu, o sr. Carlos Lébeis, nome quasi inteiramente desconhecido para nós, publica uma suggestiva narração destinada a encantar os garotos do Brasil. O thema é rico em detalhes aventurosos e uma viagem inesperada faz com que a principal figura do livro attinja bruscamente o curioso Paiz dos Quadratins, cujos habitantes bizarros, de costumes tão diversos dos habitos cariocas, são

DE GOETHE

ROSINHA SILVESTRE

(Heidenroeslein)

Estava uma rosinha,
rosinha no silvado,
tão nova e tão fresquinha,
que linda côr que tinha!
Veio um rapaz malvado,
ah rosinha, rosinha,
rosinha do silvado.

"Vou colher-te, lhe disse,
rosinha do silvado."
Respondeu com meiguice:
— Bem bom que se ferisse!
Tenho espinhos, malvado!
Ah rosinha, rosinha,
rosinha do silvado.

Colheu o arteiro a linda
rosinha do silvado.
Arde-lhe o dedo ainda
e de chorar não finda.
Foi bem feito, malvado!
Ah rosinha, rosinha,
rosinha do silvado.

ferteis em surprezas que não deixarão de impressionar a nossa humanidade em miniatura, os nossos leitores de palmo e meio...

★

EDIGAR DE ALENCAR — CARNAÚBA — Offs. Graphs. do Almanack Laemmert — Rio, 1932.

O sr. Edigar de Alencar, que parece pertencer á terra e talvez á mesma familia de José de Alencar, fala com enthusiasmo algo ironico da região flagellada pelas secas: "O Ceará produz duas cousas notaveis: o cearense e a carnaúba: ambos páo para toda a obra." Do cearense possue o sr. Edigar de Alencar a ternura e o pendor sarcastico, e em seus versos misturam-se notas pantheisticas e silhuetas femininas recortadas em tom brincalhão. Nelle as effusões de lyrismo concluem não raro em pilheria e vice-versa. Quasi tudo em verso livre e sem nenhum respeito á metrica, mas, insensivelmente (não tivesse elle recebido um nome rimado: Edigar de Alencar), as suas estrophes vão entrando na contagem do tratado de Castilho e a rima, depois da simples ~~assonancia~~, vem chegando manhosamente...

★

BERNARDINO VIEIRA — O DESPERTAR DO GIGANTE SUL-AMERICANO — Soc. Impressora Paulista — S. Paulo.

Esse opusculo chega um tanto tarde ás nossas mãos, para que, dentro do criterio adoptado pela nossa revista, possamos estender-nós a respeito dos seus meritos. Mas um dever de polidez permitte-nos declarar que os versos do sr. Bernardino Vieira, de grande repercussão nas almas civicas, foram louvados por Hermes Fontes, Olavo Bilac, Jackson de Figueiredo, e pelos srs. Afranio Peixoto, Basilio de Magalhães, Claudio de Souza e Carlos Gôes.

★

EDGAR WALLACE — *O Milhão perdido, O Commandante de Almas, O Homem de Marrocos* e *O Gabinete nº 13* — Comp. Editora Nacional, S. Paulo, 1931.

Esse escriptor inglez, cujos romances estão sendo levados, graças a boas traducções a todos os recantos do Brasil, foi um fascinante urdidor de imprevistos, um verdadeiro mestre do mysterio. Seus livros são o Phantastico por assim dizer em caracter methodico, algebrico, e, apesar de innumeras apparições macabras, tudo é conduzido, no calculo das situações e na habilidade do desfecho, como que através de um rigoroso processo scientifico. Só os patricios de Chesterton conseguem dar assim a sensação de que conciliam o real com o irreal, o absurdo com a logica... Cerebro em fermentação continua, Wallace, que trabalhava por uma dezena de prosadores juntos, foi um talento que chegava ás vezes a intimidar pela sua fecundidade, pelos seus recursos, pelos seus golpes de theatro, pelas suas invenções inexhauriveis. Mão grado tudo, não era solidario com os criminosos que punha em scena e sempre uma linha de dignidade britannica se alonga entre o romancista e as personagens. Se ha leitores que reluctem em se recrear com um tal autor, tanto peor para os leitores, porque perdem algumas horas de fuga, de evasão ás dolorosas realidades circumstantes.

---

vantada, & reanimada, graças aa sabença, & aos cuydados daquelle manifico pessychologo, mestre Joam Pechvogel, lente na Universidade de Heidelberg, em Allemanha, o qual hi fundou a "Confraria pera estudo, meditaçam, & dilataçam da Nova Gnomonia." Capital desvayrança antre a antigua, & a nova Gnomonia, he que tira aquella fundamento da astrologia, emquanto que esta busca rezam na conhocença do humanal sprito, ou pessychologia, como soem dizer modernos. Pola antigua Gnomonia podia qualquer, em sendo estrolico, ordinhar um recem-nado, & decrarar: a conjunçam das pranetas he tal, ou qual, logo seraa *santomé*, ou *sabbat*. Na nova Gnomonia so he possivil decrarar que *A* seja *kerniano*, ou *B onesimo*, despois de haver visto como obram.

Cá aportou haveraa dezaseis semanas, vindo por alfaqueque da Confraria, com carta de crença, aquelle mestre Gilberto Freyre, do linhagem de Jacinto Freyre, o qual de par com aquelle jaa assaz de conhocido neugnomonico Manoel Bandeyra, anda a semear a nova doctrina. Como quer que ambos de dous tivessem ido ante a Academia Brasilica de Lettras, hi foram em cerimoneado acto recebidos, & lhe deu o deam o carrego de poer por obra o ordinhamento neu-gnomonico de todolos academicos, o que por certo se faraa com mui feliz soccesso.

BARAM D'ASCURRA.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Jayme Coelho e Mario G. Naylor — HISTORIA EPISODICA E BIBLIOGRAPHICA — (F. Briguiet & Cia.) — Rio, 1932.

Sylvio Figueiredo — CONTOS QUE A VIDA ESCREVE — (Typ. S. Benedicto) — Rio, 1931.

Edigar de Alencar — CARNAÚBA — Poesia — (Offs. Graphs. Alm. Laemmert) — Rio.

Pericles Madureira de Pinho e Demosthenes Madureira de Pinho — ESTUDOS DE CRIMINOLOGIA — (Separata da *Revista de Cultura Juridica*) — Bahia, 1931.

Francisco Xavier Junior — LICÇÕES DE LINGUA MATERNA — (Pedro Baptista, editor) — João Pessôa, Parahyba do Norte.

Tasso da Silveira — CANTICO DO CHRISTO DO CORCOVADO — (Edições Forja) — Rio, 1932.

Giovanni Papini — A VIDA DE SANTO AGOSTINHO — Trad. de Godofredo Rangel — (Civilização Brasileira Editora) — Rio, 1932.

Leonide Andreieff — OS SETE ENFORCADOS — (Georges Selzoff, Editor) — S. Paulo.

Fernando Diez de Medina — *IMAGEN* — Poemas — La Paz, Bolivia.

Paschoal Carlos Magno — ESPLENDOR — Poesias — (Edições Forja). — Rio, 1932.

Tasso da Silveira — DEFINIÇÃO DO MODERNISMO BRASILEIRO — (Edições Forja) — Rio, 1932.

Augusto Meyer — LITTERATURA E POESIA — Porto Alegre, 1932.

REVISTA BRASILEIRA DE CIRURGIA — Director Dr. Roberto Freire — Anno I, N°. 1, Janeiro 1932.

LA REVISTA AMERICANA — Buenos Ayres. Anno VIII. Tomo XXXVI. Janeiro, 1932.

Barros Ferreira — SEMEADORES DA VIRTUDE — Comp. Melhoramentos do Brasil — S. Paulo, 1931.

Eis ahi um autor que merecia da critica uma recepção bem mais enthusiastica. Narrando-nos, em fina linguagem, episodios da vida dos santos, esse escriptor modesto e simples, que não atropela os demais para a obtenção de um bom logar á mesa da fama, encanta adultos e creanças pela delicadeza, ternura e unção sincera e intima com que nos fala, sem nenhuma ironia e antes com um enternecimento inoccultavel, dos pacificos heróes da Igreja, dos bons frades de antanho, dos thaumaturgos que sabiam amar e perdoar. O sr. Barros Ferreira, que deve ser um leitor assiduo das legendas de Jacques de Voragine e das *Florinhas* de São Francisco de Assis, encontra-se perfeitamente á altura de continuar a biographar as figuras dos grandes tempos christãos, dos tempos de fé militante em que a Cruz era levada a todos os angulos da terra por homens que preferiam ser lacaios de Christo a ser lacaios dos outros homens.

DE TODA PARTE

— Depois de Marius André, biographo de Mistral, haver traduzido o *Catalan de la Mancha* de Santiago Rusiñol, os francezes se vêm tomando de interesse por esse adoravel escriptor catalão, pintor dos jardins de Granada, ironista que o truculento pamphletario dos *Fantômes et Vivants* não se cansa de elogiar.

Possuindo uma formosa cabeça a Alphonse Daudet e usando um chapelão de abas immensas á personagem de Velasquez, Rusiñol não dispensava um formidavel charuto e só deixava de fumar para pilheriar ou esgotar um copinho em goles lentos, voluptuosos. De uma raça de aventureiros e navegantes, profundamente latino e mediterraneo, era um narrador da boa familia do Cervantes das *Novellas exemplares*.

Seus jardins com cyprestes e loureiros ao luar são phantasmagorias de nuanças em que elle singulariza tanto as arvores quanto o Greco singulariza as creaturas. A architectura vegetal adquire nelle tonalidades de um poema de sonho ou de uma musica inaudivel.

Santiago como que se naturalizara cidadão de Montmartre. Amigo do pintor Utrillo e não menos bohemio e extravagante que elle, costumava curar-se das crises rheumaticas com garrafas de champagne e, cheio de suave bonhomia, affirmava que na vida tudo é como nas praças de touros da Hespanha, onde ha o lado da sombra e o lado do sol.

Generoso a valer, o autor da *Alegria que passa* apenas se retraía um bocado deante de certos sujeitos que lhe pagavam os favores com perfidias ou maçadas. Como de uma feita, certo mordedor profissional e ingrato lhe fosse pedir dois mil francos, o artista da Catalunha respondeu-lhe com um sorriso caricioso: "Não, meu velho, a minha amizade por você não vae até dois mil francos..."

A alguem que declarava não gostar de Toledo, devido a ser uma cidade muito suja, objectou Rusiñol com um ar de indefinida malicia: "E' suja mas é bella. Ao passo que você é limpo mas não é bello..."

Maximas de Goethe

Não ha palavra que fique inerte; com o uso, desloca-se do logar primitivo, antes para baixo que para cima, antes para peior que para melhor, antes para o restricto que para o complexo, e nessa instabilidade da palavra se manifesta a instabilidade do conceito.

*

Os autores mais originaes dos tempos modernos não o são por trazerem nenhuma novidade, mas unicamente porque são capazes de dizer as mesmas cousas como si nunca tivessem sido ditas.

*

Pedras são mestres mudos que reduzem ao silencio o observador, e o melhor que se aprende com ellas é mysterio que não se communica.

Classico é o sadio; romantico o doentio.

*

Nada mais prejudicial a uma verdade nova que um erro antigo.

*

Não digas que vais dar; dá logo. Com as melhores promessas nunca fartarias uma esperança.

*

Uma resposta judiciosa é como um beijo de amizade.

*

Quem por pouco se tem, tem-se por muito menos do que vale.

*

Contra a superioridade alheia só existe uma salvação, que é o amor.

*

A critica se parece com Arte: persegue os autores, mas coxeando.

*

Coagida, a natureza tranca-se a sete chaves. Mas interroguem-n'a lealmente e a sua sincera resposta será sempre: sim, sim, ou não, não! O resto é nada.

*

Até o lodo brilha quando lhe bate o sol.

*

No fundo, só se sabe quando se sabe pouco; com o saber augmenta a duvida.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | N. 7 - ABRIL 1932 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

Origem da Escravidão

O HOMEM é um animal maligno, como todos os animaes; viver é fazer mal. Não acho, comtudo, que tenha razão Horacio em lhe augmentar a dóse de malignidade, asseverando que ao menos os outros, os proprios lobos sanhudos, não a exercem senão contra séres differentes — nisi in dispar; *é o que mais tarde diria Voltaire — cada especie foi feita para devorar a outra. Certo o apuliano não teve occasião de surprehender touros em conquistas estraçoarem-se pelos campos, nem o pacato perú investir, de crista cyanotica empinada, contra elle mesmo num espelho. Todos são um, e se o homem parece o mais feroz é porque tem maior intelligencia, com a qual não cessou de accumular elementos de progresso para os apropriar em agentes de maldade. Tambem o pobre tigre de Bengala não gastaria as garras se soubesse manejar garruchas. No fundo de incoercivel fereza jaz em todos uma simples exigencia natural, mas inexoravel, a fome; os leões exhibidos nos circos para façanhas domadoras chegam empanturrados até á gorja.*

Desgraçadamente no homem ainda se vieram juntar os appetites, que não se contam, não se medem nem se acabam, requintados e centuplicados através das civilizações, no gozo dos cinco sentidos, — o gozo do luxo, dos vicios, do mando, das riquezas, para cuja posse cada um só se detem ante o rival pelo medo e delle só escapa pela força. Emfim e sempre o egoismo, o egocentrismo, o egometismo, o egolatrismo, o egophylismo, todos os implacaveis egos, unidos ou separados, no sub-sólo da natureza animal.

A rivalidade entre os homens por futeis motivos da ambição realizou-se, ao menos uma vez, até dentro do seio materno. E' o que conta o Genese, *no capitulo XXV, que eu prefiro trasladar no proprio espanhol archaico da* PARAPHRASIS SOBRE EL PENTATEUCO: "Concibió Ribca dos hijos tan desemejantes y contrarios qui hasta en el vientre de su madre començaram à tener recio combate. Sintiolo la ansiosa Ribca grandemente atormentada de la tenaz pelea, temiendo que de aquella guerra saliesse uno vencedor y otro muerto... La causa del combate qui sentia en el vientre era la oposicion de dos cabeças diferentes en condiciones y leys; y que cada uno de seus dos contrarios hijos pretenderia superar el otro por ser fundadores de dos opuestos Reynos que de su vientre se dividiriam, como experimentaria quando saliesse el uno assiendo por el calcañar al otro mostrando querer ser el primeiro, y el uno mas que el otro se enforteceria, ō como la nave que encontrando à la menor a maltrata, ō como el pez grande que siempre quer tragar al pequeño".

Como se vê, depois de varios mezes de corpo a corpo, ainda nenhum dos dois tinha acabado de nascer e já um se agarrava ao pé do outro e o empuxava com todas as ganas para chegar na frente ao poste do poder. Nada conheço mais symbolico.

O que é facto é que a primeira vez em que dois homens se defrontaram no mundo, que acabava de ser criado, um matou o outro, e dahi em deante até hoje o mesmo tem feito os que lhe succederam, agora milhões contra milhões. Da luta só por só á collectiva foi apenas o multiplicarem-se. Tanto assim que, logo depois, quando um grupo de homens soube que outro grupo, a certa distancia, gregariamente se entregou ao amanho e decrúa da terra, desmoitando-a e semeando-a com tal denodo e tanta fé, que a prosperidade lhes abendiçoara o suor e enchera a vida de alegrias, cahiu-lhe em cima de queixadas de burro em punho, e exterminou-os todos e comminuiu-lhes até ao ultimo osso, para se apoderar do fructo do seu trabalho. Este acto de pilhagem recebeu e conservou pelos seculos afóra a alcunha de — guerra. Um dia, porém, o homem foi tocado de piedade; após uma destas surgiu-lhe pela frente de mãos postas, — hoje é de mãos erguidas — um vencido escapo, debulhado em lagrimas que lhe corriam em cachões, e por entre soluços implorou que o poupasse. Numa scentelha de intelligencia o vencedor raciocinou: E se em vez de acabar tambem com este coitado, eu o fizesse ganhar por mim e para mim o pão de cada dia, burlando deste modo o castigo original? Se bem o pensou, melhor o fez; foi o primeiro escravo e com elle a escravidão.

MIGUEL COUTO.

O ESPOLIO LITTERARIO DE NIETZSCHE

Apezar dos seus oitenta e cinco annos, Frau Dr. Förster-Nietzsche, a dedicadissima irman do philosopho, continúa em perfeita lucidez de espirito e alimentando sempre o mesmo culto á memoria do seu illustre irmão. Em principios do anno passado organisou ella uma especie de *Commissão Scientifica* para tratar do *Archivo de Nietzsche*, cujo director technico (si assim me é dado dizer) é o Dr. Emge, professor de philosophia na Universidade de Iena. A esse respeito publicou elle dois artigos, na excellente revista *Die Literatur*, de Stuttgart, artigos esses que expõem o plano geral que tem em vista a commissão, cujo fim é organisar completa edição critica das obras de Nietzsche. A publicação será entregue á Verlag E. H. Beck-München. A dita commissão tem como membros principaes, entre outros, o Prof. Dr. Richard Oehler, Director Geral da Bibliotheca de Francforte, Dr. Oswald Spengler e tambem o Prof. Dr. Yesinghaus, como representante do ministerio da Thuringia. Póde, entretanto, ser augmentada e ampliada, pois está previsto o contracto de especialistas que estudem e expliquem cada zona de conhecimento explorada por Nietzsche, principalmente o que diz respeito á philologia em geral e idiomas antigos em particular. O espolio consta de 17 manuscriptos destinados a impressão, 38 mappas, 160 cadernos e alguma coisa como 1.500 cartas do philosopho, isto sem contar as suas composições musicaes e escriptos da primeira juventude. A quantidade de pequenas notas e garatujas deixadas por elle é enorme, porque já desde a sua infancia a mãe e a irman, com genial previsão do seu valor futuro, começaram a guardar zelosamente tudo quanto elle gatafunhava e Deus sabe si o fazia com abundancia. Basta dizer que elle tomava notas a lapis até pelas paredes... A publicação total das obras de Nietzsche perfará a somma de 50 volumes e será realisada num periodo de 15 a 20 annos, caso não se aggravem as condições economicas e financeiras da Allemanha. Si estas continuarem no mesmo rumo em que se acham, a execução de todo esse bello programma terá de ser interrompida e adiada *sine die*.

Desde os 17 para 18 annos já o futuro philosopho tem na mente a idéa do super-homem. Com effeito num dos seus cadernos desse tempo occorre o adjectivo *übermenschlich*. Em um dos seus apontamentos de 1861, entre varios vocabulos extrahidos da *Edda*, figura *Ueberhimmel* (super-céo). Em outras folhas annota Nietzsche todas as palavras que comecem pelo prefixo *über* e commenta succintamente o sentido commum desta particula.

Entre outras citações feitas no artigo do professor Emge figuram versos, dentre os quaes desejo offerecer duas estrophes arrancadas a pequeno canto genethliaco em honra de sua mãe e que traz a data de 2-2-1862, tendo o poeta, portanto, apenas 18 annos:

Und trennen uns auch Thal und Huegel,
Und haelt mich des Gesetzes Zwang,
Den Geist doch hemmen keine Zuegel,
Es schwingt sich auf der Liebe Fluegel
Zu Dir in ungestuemen Drang.
. . . . . .
O Gott im Himmel, hoer' in Gnaden
Mein innig heisses Flehen an,
Erfuelle, Vater, was wir baten,
Und gieb, dass einst ich auch mit Thaten
Der besten Mutter danken kann.

O Gott im Himmel... Como se vê, não sómente ha frescura juvenil nestes versos cheios de ternura filial, mas ainda estamos aqui bem longe do truculento atheu do *Zarathustra* e do *Anti-Christo*, do "bom europeu" revoltado que desejava ser sepultado "como um fiel pagão."

Não era, porém, sómente o lyrismo que lhe seduzia a musa, essa musa graciosa e aerea que desabrochava em inspirações sonoras como crystaes da Bohemia tangidos por teclas de prata. O genero faceto, tambem elle o cultivava *à ses heures*. Eis aqui, por exemplo, interessante amostra, que elle intitula *Phantasie 1*:

Weiter immer weiter
Habe feine Kleider
O Du schoene Leiter
Welch Gespenst ich dort erblicke
Mit dem Kopfe thut er nicke
An dem Schwanze haengen Maeuse
Katze Kinder und auch Streuse
Sagt mir du Ameislein
Was habet ihr da vur Wein
Es ist das Fett von einem Schwein
O seht dort jenen Harleki
Um die huebschen Beine
Thue ich sehr weine
Seht das goldne Faez
Ach es ist wohl naez
Will hinunter springen
Will mich nicht sehr zwingen
Plump, da lag ich unten
Hab mich noch geschunden
Wo bin ich denn
Ich will es nenn
Ich liege unterm Bette
Zerbrochen ist die Kette.

Como se vê, phantasia desenfreada. De pontuação nem sombra. D'onde se conclue que, muitos annos antes de Marinetti, de *Fauves* parisienses, dadaistas, etc., já Nietzsche fazia modernismo... De sorte que nada mais archaico do que o chamado modernismo, nada mais passadista do que o futurismo. Sempre tive esta opinião, aliás. Actualmente, segundo parece, os futuristas começam a reconhecer que já datam. Para mim sempre datáram. Quer se tratasse de pintura, quer de artes decorativas, quer de poesia, quer de musica, nunca lhes descobri sombra de novidade. Cabotinos impotentes e nada mais. Envelheceram depressa. Passaram. Envelheceram? Que nada! Já nasceram velhos. Os verdadeiros passadistas sempre foram elles. Nietzsche e W. Whitman ahi estão para demonstral-o...

Hamburgo — 1932.

ANTONIO TORRES.

MARIO DA VEIGA CABRAL — *Primeiro Anno de Geographia* — Livraria Jacintho — Rio, 1932.

Nenhum outro autor didactico foi acolhido entre nós com maiores applausos da critica, do publico e dos confrades. Trabalhador infatigavel, já tendo produzido, com menos de quarenta annos, uns vinte volumes, vê elle succederem-se as edições das suas obras, adoptadas muitas dellas em importantes estabelecimentos de ensino e louvadas quasi todas por esse conspicuo julgador que é João Ribeiro, mestre querido de todos nós. O illustre academico, com quem estamos inteiramente de accordo, enxerga no sr. Veiga Cabral um investigador e coordenador paciente de factos e acha merecidissima a reputação que elle proprio se assegurou compondo livros que, como este *Primeiro Anno de Geographia*, satisfazem plenamente a sua nobre finalidade educativa.

O Clima Ideal e o Problema da Acclimação Aryana no Brasil

(Fragmento de capitulo)

I

Esta determinação da area theorica da colonisação branca não esgota o problema da acclimação dos grupos europeus em nosso territorio. Ha ainda que resolver o problema da distribuição das diversas raças aryanas trazidas pelas varias ethnias affluentes em nosso territorio. Já vimos que cada raça tem o seu "clima optimo", dentro do qual ella prospera, floresce e repullula. Já vimos que o clima optimo do negro não é o clima optimo do branco. Já vimos tambem que o *optimum* das raças septentrionaes não é o mesmo das raças meridionaes.

Dentro da nossa immensa area aryanizavel, onde, de preferencia, deveriamos fixar os elementos que nos vêm das zonas frias da Europa: os suecos, os norueguezes, os finlandezes, os esthonianos, os lettões, os lithuanos, os grandes russos, os russos brancos, os polacos vistulianos e silesianos, os allemães da Pomerania, da Westphalia, do Holdenburgo, do Brandenburgo, do Holstein?

Onde fixar, em condições optimas de adaptação, os grupos da Europa Central e do sul: os tcheco-slovacos, os austriacos, os hungaros, os allemães do sul, os yugoslavos, os italianos do norte, lombardos, piomontezes, tyrolezes, gentes de climas temperados, em cujas ethnias já se começa a accentuar a presença das raças brunoides, menos susceptiveis do que a Nordica á acção dos climas quentes?

Onde, por fim, distribuir e fixar os grupos ricos em typos mediterraneos: os luzitanos, os hespanhoes, os italianos do sul, os insulares do Mediterraneo, baleares, maltezes, corsos, sardos, sicilianos, gentes de climas sub-tropicaes e de raça iberica na sua maioria? Eis o problema.

Em relação ao Nordico (*H. europeus*), que parece só prosperar dentro da humidade da caligem baltica, podemos dizer que não existe realmente em nosso meio colonizavel zona alguma em que esse robusto animal das brumas encontre realmente o seu *optimum* biologico. Este, para Taylor, é de 7° a 13° — e em nenhum ponto da area aryanizavel encontramos taes condições thermicas.

O Nordico é exigente em materia de clima: a sua "inelasticidade" torna-o, como vimos, extremamente susceptivel ás mudanças de habitat. Comprehende-se a delicadeza de transportar para climas tropicaes um organismo desta immaleabilidade adaptativa e desta susceptibilidade á insolação. Não existe, na nossa immensa area aryanizavel, nenhuma região "optima" de fixação para esse pesado animal, que parece só viver e prosperar dentro da humidade e dos nevoeiros septentrionaes. Dentro dos limites do padrão de Taylor, só deparamos dous centros aproveitaveis: a zona de Itatiaya, no Estado do Rio, com uma temperatura sensivel de 9°, e a zona dos Campos Jordão (Villa Jaguaribe), com 12.1°, tambem perfeitamente dentro do padrão anglo-saxonio. Ha mais dous ou tres centros, cuja temperatura se approxima muito do limite superior do *optimum* anglo-saxão: a zona de Curityba com 14,5° e a zona de Caldas (Minas), tambem com 14,5°.

Poderiamos distribuir, sem sacrificios inuteis de vida, por estes centros geographicos os grupos aryanos que aqui nos chegam, ricos em elementos nordicos: os norueguezes e os suecos? os lettões, os finlandezes e lithuanos? os allemães do norte?

Ha logar aqui para uma outra consideração: si estes sitios da area theorica de aryanização satisfazem as condições do padrão de Taylor, não satisfazem ás condições do padrão de Woodruff. Neste, ás condições de temperatura "optima" de Taylor, é preciso ajuntar certas condições de insolação tambem "optimas". O Nordico só vive bem, "optimamente", em climas, em que a media de horas de sol annual não excede de 1.250. Em regiões, cuja media de insolação attinge um maximo de 1.700, ainda o encontramos em condições de prosperidade e florescimento. Para além, a sua resistencia decresce e elle é, segundo Woodruff, lentamente seleccionado.

Ora, em nenhum ponto de nosso territorio as medias de insolação chegam ao baixo nivel exigido por Woodruff para o *optimum* biologico do Nordico. Só em Friburgo encontramos 1.678 horas de sol, mas já dentro do "limite de tolerancia" e não dentro do "limite do optimo". Mar de Espanha e Juiz de Fóra se approximam um pouco (1.748 e 1.738) e Curityba egualmente (1.910). O centro de Itatiaya, que, pela temperatura, está inteiramente dentro do padrão de Taylor, possue uma luminosidade altissima, cerca de 2.237 horas de sol por anno — o que o colloca inteiramente fóra do padrão de Woodruff.

Em conclusão: em nenhum ponto do nosso territorio os factores meteorologicos realisam o "clima ideal", em que possam subsistir e prosperar, em condições de vitalidade maxima, de fecundidade maxima e de efficiencia maxima, os individuos de raça nordica. O nosso campo de aryanização offerece nesta ou naquella região condições "toleraveis" de habitabilidade ao *H. europeus;* mas, não condições "optimas". E' esta a conclusão a que chegamos quando estudamos, em face dos dados climaticos, o problema da distribuição das varias ethnias immigrantes, vindas do norte da Europa: allemães septentrionaes, lettões, lithuanos, finlandezes, scandinavos.

II

No Brasil, ha, com effeito, alguns exemplos historicos desta inadaptabilidade dos individuos de typo Nordico aos nossos climas tropicaes. Poderiamos inquerir si para o fracasso dos hollandezes em Pernambuco não teria collaborado esta invisivel, mas terrivel, acção selectiva dos tropicos, já que Pernambuco, como vimos, está fóra das condições do *optimum* nordico? Poderiamos tambem inquerir si os normandos, que tentaram fixar-se no Maranhão, não acabariam, afinal, sendo expulsos pelo clima, si não o tivessem sido antes pelas nossas armas? Poderiamos ainda perguntar si seria preciso tanto esforço dos governos coloniaes para erradicar da Guanabara o nucleo de Willegaignon, quando o proprio clima do Rio, de typo tropical e humido, teria, por si mesmo, destruido, com a selecção progressiva dos ele-

mentos povoadores, os fundamentos da propria Antartida?

O que se passou com os colonos anglo-saxões, vindos nos meiados do seculo passado, dos Estados Unidos para o Brasil, parece dar um colorido de razoabilidade a essas conjecturas. Em 1864, por occasião da guerra da secessão, um nucleo numeroso de pioneiros norte-americanos deixou a patria e e veio fixar-se no Brasil. Eram em numero de 2.700, todos do typo commum do anglo-saxão, "dolico-louros, de espirito pratico e affeitos ao esforço rude": *hard-working, long-headed, pratical men*. Todos da raça audaciosa dos *frontiers* e dos *lot-jumpers* americanos. Distribuiram-se por todo o Brasil: no Pará — 200; em Pernambuco — 70; na Bahia — 100; no Espirito Santo (Rio Doce, Linhares e Guandú) — 400; em Minas (Rio das Velhas) — 100; no Rio de Janeiro — 200; em S. Paulo (Campinas, Capivary, Ribeira do Iguape) — 800; no Paraná (Morretes, Paranaguá, Curityba) — 200.

Destes pioneiros anglo-germanicos, os unicos que prosperaram realmente — diz Mark Jefferson — foram os que se fixaram em Curityba, no Paraná, zona, como vimos, dentro dos limites do padrão de Taylor. Os outros — ou não puderam trabalhar efficientemente, como os de S. Paulo, ou foram seleccionados, como os que se fixaram na região equatorial (Pará).

Em contraposição com estes exemplos, temos outros, tambem de casa, tambem da nossa experiencia interna, e que parecem desmentir estas conclusões limitativas do campo de distribuição das ethnias nordicas em nosso paiz. E' o caso das colonias allemãs do Rio Grande do Sul. E' o caso das colonias allemãs de Santa Catharina. Umas e outras foram formadas, pelo menos inicialmente, com typos puramente Nordicos, vindos da Prussia, do Palatinado, das duas Hessias, do Holdemburgo, do Westphalia, como as do Rio Grande do Sul; a que se juntaram mesmo, como acontece com Joinville, alguns contingentes vindos até da longinqua e fria Islandia, que é centro onde o Nordico adquire a sua mais pura caracterisação.

O Rio Grande, pelo que se colhe do testemunho de Adalberto Jahn, parece constituir um clima "optimo" para os typos louros do grupo germanico. Jahn escreve em 1871 e nos diz dos centros coloniaes formados nos arredores da actual cidade de S. Leopoldo. Para elle, os allemães se dão maravilhosamente bem no Rio Grande do Sul. Não passam siquer pelas difficuldades preliminares do processo da acclimação.

Em Santa Catharina, a acclimação do grande dolicocephalo baltico, é ainda mais surprehendente. Em Blumenau principalmente, onde a temperatura media é de 19,8°, com um indice hygroscopico altissimo (88,2). Nesta região, tão fóra do padrão anglo-germanico de Taylor e de Woodruff, pela alta temperatura, pela alta humidade e pela alta insolação (1.918 horas de sol), os colonos allemães, vindos da Planicie Saxonia, do Mecklemburgo, de Hannover, da Westphalia, da Pomerania, zonas caracteristicamente nordicas, ahi se fixaram, ahi vivem e ahi têm todas as apparencias de florescer.

Como se explica isto? E' possivel que as frequentes tempestades, que açoitam a costa catharinense, vindas do suéste, concorram para dar áquella zona esta condição de agitação do ar, de *storminess*, que Huntington considera essencial aos climas salubres e estimulantes. Os proprios observadores locaes reconhecem, de facto, que estes ventos do sueste exercem alli uma acção benefica, correctora da acção depressiva resultante das altas temperaturas. E' preciso tambem não esquecer a enorme amplitude das oscillações thermicas, variando entre 41° e 0,2°, amplitude que só encontramos no planalto do Paraná (Curityba) e na planicie riograndense (Santa Anna do Livramento, Santa Maria, etc....).

Não teriam sido estas peculiaridades meteorologicas que permittiram formar-se, na faixa costeira de Santa Catharina, uma zona climaterica, onde tudo parece indicar ser um centro, sinão "optimo", pelo menos "toleravel" para a vitalidade dos typos nordicos?

III

Não é prudente, entretanto, concluir pela affirmativa, independentemente de quaesquer outras considerações. O conceito da acclimação, de Trewartha, é que um typo ethnico só deve ser considerado acclimado a um novo meio quando consegue manter, nos elementos immigrantes e *nos seus descendentes*, as mesmas condições physicas, physiologicas e psychologicas dos centros originarios. Karl Sapper e Dumlop ajuntam que é preciso tambem, para que se possa considerar acclimada uma raça, que ella haja podido conservar-se no novo meio em condições biologicas "optimas", *sem que para isso tenha concorrido a acção regeneradora dos novos immigrantes e dos novos sangues*.

Ora, não sabemos quaes os sacrificios de vida que o processo adaptativo impôz alli aos primeiros colonos. Não sabemos qual o papel representado pela renovação trazida á população pelos immigrantes que alli constantemente affluem. Não sabemos qual o indice de mortalidade dos colonos alli fixados. Não sabemos se o seu indice de morbilidade é o mesmo do da sua patria nativa, si augmentou ou reduziu-se. Não sabemos si o coefficiente longevidade é alli egual ou inferior ao dos centros originarios. Tambem não sabemos nada das condições morphologicas, physiologicas e psychologicas dos "descendentes": do seu indice de morbilidade, do seu indice de mortalidade, da sua vida media, dos seus indices de robustez, dos seus coefficientes de "efficiencia".

Não ha nenhuma pesquiza neste sentido, nenhuma pesquiza realizada com criterios clinicos, biometricos e demographicos rigorosos sobre os elementos humanos que alli habitam. E' sómente depois destas pesquizas que poderemos opinar sobre o sentido verdadeiro da acclimação dos elementos allemães do typo Nordico (não diremos os de typo Celta) nas terras baixas de Santa Catharina, mesmo na planicie rio-grandense. Na Australia e nos Estados Unidos (zona do sul), estes elementos de typo Nordico foram alli os iniciadores da colonização; ahi viveram nas condições apparentes de maior prosperidade; mas, nada disto impede que, por processos selectivos, cujo mecanismo a sciencia ainda não conseguiu aprehender inteiramente, estejam sendo substituidos pelos typos brunoides, caracteristicos do Centro e do sul da Europa.

Como a Providencia, as selecções telluricas empregam, ás vezes, meios subtis e obscuros para realisar as suas leis...

OLIVEIRA VIANNA.

KATHERINE MANSFIELD — **Lettres** — *traduites par Mme. Guérite. — Librairie Stock.* Paris, 1931.

Lembro-me sempre de um dia do ultimo inverno, em que visitei a Igreja de Sto. Antonio. Arrastava-me pela larga escadaria, ruminando o mau humor especial de quem andou fazendo compras. Fazer compras é um dos purgatorios femininos. Nos ultimos degraus, impedindo a passagem, mendigos amontoados, numa repugnante exposição de chagas. Evocavam algum sinistro pateo dos milagres. Mas, lá em cima, de repente, erguendo os olhos, senti-me livre dos caixeiros impertinentes, da miseria medievalmente sordida, do meu ennervamento, de tudo. O ceu e o mar, debruando os recortes das serras, eram tão azues, tão serenos... A belleza da tarde, fresca como uma brisa, entrava pelos olhos a dentro, banhava tudo. Nunca mais me esqueci desse momento; havia tanta doçura em volta de mim, e eu não via — porque estava presa demais á terra.

Julguei revivel-o agora, sentir a mesma sensação de pureza, de limpidez victoriosa atravez das cartas de Katherine Mansfield. Ella revela-nos thesouros ignorados, que estavam ao nosso alcance — e que nós não sabiamos vêr! Descobre a belleza escondida, humilde. A que não está *acima* das cousas, mas *dentro* dellas *"Trouvez-vous vraiment que toute beauté soit gâtée par la laideur comme celle de la jolie femme par de vilaines dents?"* pergunta a um amigo. *"Ce n'est pas tout è fait mon avis. Car il me semble que si la Beauté devait être absolue, elle ne serait plus la Beauté! Il faut qu'elle triomphe de la laideur dans la vie."* (Cito em francez porque só conheço a traducção).

São paginas tão luminosas, de uma luz tão suave, que não se póde precisar de onde lhes vem o encanto, qual o seu valor dominante. Não encerram um só trecho de "bravura", nem uma unica tirada de anthologia. E' difficil destacar um pedaço. Uma harmonia continua, diffusa, toda tecida com meiguice, de minucias translucidas. Ha uma canção de fonte, muito clara, a evolar-se de tudo, em surdina. Tem-se a impressão de estar lendo junto de um regato, á sombra de arvores acolhedoras, cheias de ninhos e de flôres. A belleza *exterior*, tanto quanto se póde julgar por uma traducção, surge como um acompanhamento, não é o fim. (Dahi talvez a superioridade das cartas sobre a sua obra litteraria — finissima, profunda, limpida — mas onde ha forçosamente maior esmero no tom). Na correspondencia a belleza vem ao lado, como uma cousa natural. Que não precisa ser procurada. A verdadeira perfeição está no sentido — e no sentimento. Ella escreve livremente, espontaneamente, ao marido, ao editor John Murry, e a alguns amigos. E como é amavel, no velho sentido da palavra, a sua simplicidade! *"Nous vivons, causons, lisons le journal ensemble,"* diz uma vez ao marido, *"et pendant ce temps quelque chose croît — des merveilles profondes comme des bougainvilliers, qui s'entrelaceraient de votre fenêtre à la mienne!"* Não se pode explicar mais delicadamente a intimidade de duas pessoas que se querem bem — nem a communhão que se vae estabelecendo entre essa admiravel Kate e os seus leitores. Não se sabe como — nada se passou de extraordinario — mas fecha-se o livro com saudades della. Não da autora, mas da mulher, da amiga.

"Le regret de ce qu'on n'a ni vu ni éprouvé — de ce qui est passé près de nous — sans que nous le voyions... diria ella."

Pena de não a ter conhecido, a ella que viveu — chronologicamente — tão perto de nós.

As cartas começam em 1915, quando já se passou o que parece ter sido o drama da sua existencia: a morte, no campo de batalha, de um irmão querido. São portanto escriptas por quem soffreu. E comprehendeu o soffrimento. Foi esta a sua suprema lição — e talvez a sua grande força: ter acceitado e amado a vida tal qual é. E essa acceitação profunda, inteira, generosa, se vae sempre fortalecendo, fazendo mais consciente, á medida que a doçura lhe traz maiores motivos de tristeza. No principio a sensibilidade se nos afigura mais cerebral, menos humana do que no fim.

Se a correspondencia datasse de mais cedo, se abrangesse o periodo da primeira mocidade, talvez pudessemos seguir-lhe melhor a ascensão, e o trabalho constructivo da dôr nessa personalidade rica, ardente, facetada. Teve uma juventude movimentada. Nascida na Nova Zelandia, educada em Londres, obrigada a trabalhar para viver, experimenta diversas profissões antes de se dedicar á litteratura — canta, toca violoncello, dá lições de musica, percorre a Inglaterra numa companhia de operetas. O seu livro de estréa, *German Pension*, escripto sete annos antes dos outros, esgotou-se, e ella propria impediu-lhe a reedição. Achava-o muito "juvenil e mentiroso." Não é um indicio? Antes da dôr ella devia ter sido um pouco superficial, muito impressionada pelas apparencias. E' o defeito das suas qualidades, da attenção carinhosa que dispensava a todas as cousas. Nada lhe parecia sem importancia. Alegrava-se, por exemplo, porque a criada tinha um gesto elegante ao fechar a janella: as vidraças dobravam-se como duas asas. A sua cosinha era uma "soberba natureza morta". E as flores, então! como lhe enchiam a vida! Mas nada a transportava como a sympathia pelos seus semelhantes. *"Oh! la beauté de l'âme humaine — cette beauté — cette beauté! Ne l'oublions jamais!"*

Um nada a fazia feliz, intensamente, porque dava-se, toda, a tudo. Sabia ver, e, sobretudo, não parecia ter pressa. Lendo-a, chega-se a ficar com inveja, pensando em tudo o que a fazia vibrar — e que nós outros nem percebemos. Os seus melhores annos, passou-os a errar pela Europa, em busca de clima para a tuberculose que a victimou, raramente conseguindo uma melhora, condemnada a só estar de pé cinco horas por dia, quasi sempre isolada. E viveu mais, muito mais do que a maior parte das creaturas normaes.

Involuntariamente, vejo-a curvada, numa attitude de *glaneuse*. Vae percorrendo o campo da vida atraz dos outros, dos sadios, dos que ceifam insolentemente a messe farta. Vae atraz, apanha as sobras... e as espigas abandonadas, que recolhe: são as melhores, as mais graciosas e doiradas...

E nesse deslumbramento, nesse extranho dom de descobrir a harmonia quotidiana, não ha nem um laivo de materialismo. Ao contrario. Apenas, o elemento espiritual mistura-se á vida de todos os dias, faz corpo com ella. Não transcende das cousas banaes; antes parece transfigural-as. Elisabeth Browing tinha razão: *"Nature is supernatural"*.

O seu amor pela vida, porém, não lhe bastou, apezar de muito forte. Ou talvez por isso mesmo. Amava demais para se contentar com este

mundo. A angustia de viver "desunida" foi a sua tristeza secreta, segundo confessou ao marido. Mas não cria — pelo menos não cria num Deus pessoal. Uma crise mais forte joga-a a uma colonia theosophista em Avon. Teria conseguido, afinal, a paz? Não o sabemos, porque falleceu quasi repentinamente, tres mezes após a sua entrada, em plena experiencia. Mas esperemos que sim, que tenha morrido como viveu — *"en beauté!"*. *"Ce qu'il faut savoir"* dizia Péguy, *"c'est que la géographie, la carte du catholicisme, de l'Église, ne recouvre pas la carte des créatures graciées."*

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

Leiam o extraordinario romance
O CÃO AMARELLO

GEORGES SIMENON

René Lalou é um dos mais prestigiosos criticos da França de hoje. Da sua *Historia da litteratura franceza contemporanea*, sahida em 1922, já se haviam vendido em 1928 uns cincoenta milheiros, e successo não menor obteve o seu *Panorama da litteratura ingleza*, onde ha algumas irreverencias para com Chesterton, Shaw e outros figurões de além-Mancha.

Pois esse mesmo Lalou, bem mais propenso á restricção que ao louvor e cujos conceitos decidem de muita carreira artistica em seu paiz, acaba de referir-se, da maneira a mais sympathica ao romancista Georges Simenon, autor d'*O Mysterio de um morto* e do *Cão amarello*, traduzidos agora por Ariel, Editora Limitada. São estas as palavras do criterioso julgador, mundialmente divulgadas pelas *Nouvelles Littéraires* de 20-2-32:

"Vae para um anno, Georges Simenon cumpre a sua promessa e publica, cada mez, um novo romance policial. Desde a estréa, sua originalidade tornou-se evidente: elle não visava deslumbrar-nos através de golpes de theatro ou de demonstrações methodicas; esforçava-se, ao contrario, em crear atmospheras espessas e sordidas, onde o crime, o inquerito e o castigo fossem egualmente privados de exaggero. Ora, desse esforço para renovar um genero litterario, a *Sombra chineza* não me parece unicamente o testemunho mais caracteristico; trata-se de uma realização quasi perfeita. Por toda a narração, o commissario Maigret (protagonista habitual de Simenon) avança com difficuldade na nevoa peganhenta que occulta o assassino de Couchet; elle dissipa o mysterio aos retalhos, domesticando ou exasperando os demonios que se escondem em sêres de apparencia mediocre. A tensão tragica é mantida aos nossos olhos pela certeza intuitiva de que existe uma mentira apaixonada por traz de cada fachada banal. A *Sombra chineza* merece ser assignalada como o typo do romance policial que, desdenhando o arbitrario, arranca todos os seus effeitos da paciente decifração das miserias humanas."

Pobreza da Lingua

A fabula da pobreza da lingua — nunca é demais repetir — procede da nossa ignorancia, que não se manifesta unicamente nas camadas inferiores do povo, mas sobretudo com ostensivo caracter de prerogativa nacional nas chamadas classes cultas ou intellectuaes. E neste appellativo generico se comprehende a infinita escala que vae do infimo dos amanuenses ao mais graduado dos manipanços do Estado. Um trecho de litteratura official, a lucubração de um magnata da politica, a prelecção de algum mestre provecto dos nossos institutos sabios, o discurso de algum dos nossos oradores mais em voga, deixam a quem quer que prese os fôros da boa e san linguagem consternado e perplexo. No dominio das lettras propriamente ditas é bastante frisar esta circumstancia que a critica no Brasil se exerce mais commumente sobre os erros e destemperos de syntaxe do escriptor. Nada mais facil que autorisar em bons exemplos este conceito; mas não polemiso, advirto.

Os que no Brasil ainda se singularisam pelo culto acendrado da lingua — note-se que não fallo de fanatismo archaisante ou alfarrabisante nem de nenhuma especie de fanatismo por igual detestaveis — os que acreditam que exprimir-se bem, claro e simples, com propriedade e decoro, é attributo do aceio moral de um povo, aquelles sobretudo que entendem que o idioma commum constitue a argamassa insubstituivel com que sustentar e manter a prumo os andares periclitantes do edificio nacional não pódem reprimir um movimento de revolta diante deste symptoma alarmante do descalabro do estylo, phenomeno que bem poderia filiar-se áquella praga do mulatismo ha pouco denunciada com saborosa acrimonia pelo meu eminente contemporaneo Alberto Rangel.

Não ha de que formalisar-se nem se veja nisto o proposito de ferir os melindres da nossa brava mestiçagem indigena. O que se faz preciso, o que sobretudo importa a bem das gerações futuras (si ha por ahi alguem que leve as suas preoccupações alem do interesse immediato do presente) é que na taboa de valores do Brasil novo se inscrevam como imperativo de salvação publica estes preceitos capitaes: que a consciencia de um povo se reflecte na sua linguagem; que fallar e escrever bem é pensar bem; que o destino da nação está ligado ao destino da lingua e que, em summa, servir a lingua é servir a patria.

Mas o Brasil, viveiro de oradores e doutores, desconhece e desestima a sua. Nos paizes cultos, que diligenciamos imitar (antes no peior do que no melhor) o estudante consagra ao idioma vernaculo sete, oito, dez annos consecutivos. Ha quem o pratique por mais tempo; ha mesmo muito quem lhe dê o tempo todo e não o dá por mal empregado.

E' bem verdade que ainda hoje o nosso admiravel João Ribeiro pompeia o singelo e glorioso titulo de estudante. Mas quem lhe segue o exemplo? E não será precisamente essa a pedra de escandalo que no Brasil tem votado systematicamente ao ostracismo os melhores, os mais dignos?

ALBERTO RAMOS.

DI CAVALCANTI — A REALIDADE BRASILEIRA — Estabelecimento Graphico São Paulo — S. Paulo, 1932.

E' um album de desenhos em que o ousado pintor das nossas Favellas e Salgueiros, o original decorador do Theatro João Caetano, nos apresenta "doze ensaios" de um lapis mordente e de uma arte cuja irreverencia attinge por vezes á ferocidade. Com uma technica toda moderna e uma indiscutivel personalidade de traços, Di Cavalcanti passa em revista, nas suas figuras, as attitudes de effeito em que se comprazem certos homens de systema, certos homens de programma, mettidos a offerecer Chanaans e Eldorados aos pobres brasileiros de 1932...

O Sr. Sebastião Fernandes, autor já laureado em varios concursos litterarios, e que, em 1930, nos dos Destinos, *publicará brevemente uma collectanea de contos regionaes sob o titulo* Cuité.

Em publicação postuma, completam-se agora as reminiscencias de René Boylesve sobre as ilhas Borroméas, tambem lindamente descriptas por Maurice Barrès. Boylesve, segundo os seus criticos, soube conciliar galanteria e psychologia, e da calma da vida provinciana, dos encantos do idyllio num parque, das recordações de uma criança que, mal abrindo os olhos para o mundo, adivinha terriveis segredos de familia, conseguiu extrahir paginas que os seus admiradores reputam já agora perfeitamente classicas.

O Phenomeno D. H. Lawrence

O freudismo é a "confissão" dos paizes protestantes. O "recalque" é um phenomeno dos paizes frios. Sob a neve, no interior das casas apertadas, o olhar e o movimento limitados pelo horizonte estreito das ruas escuras ou pela sombria perspectiva dos bosques desnudos, sonham os moços e guardam os seus sonhos no coração. Pelos longos canaes da sensibilidade balançam-se lentamente as vibrações recebidas do exterior como ondas molles de um rio sem correnteza. No fundo do sêr, como num lago immenso, desaguam pouco a pouco as impressões. Ahi se accumulam e ahi ficam depositadas.

A primavera quando chega, produz um alvoroço. Ellas expluem então em fervores candentes, em arrancadas vivas, em risos e em lagrimas. Como aquecidas pelo calor, em evaporações mais densas, tral-as o verão á luz da vida.

Como esses agentes physicos, o trabalho, a acção, as agitações do pensamento e os mil accidentes e incidentes da existencia determinam effeito semelhante — o de dar expansão ao deposito interior.

Mas são como gottas de agua. São como uma chuva que não esgotta ou exhaure o manancial. E se alguns individuos conseguem realizar-se integralmente (extrospectar-se) por obra de circumstancias ou de formação excepcionaes, a maioria é de concentrados, de silenciosos, de melancolicos, de sonhadores, que não podem exteriorizar a massa espessa das impressões *refoulées* no fundo de si mesmos. Dahi a densidade da vida interior dos individuos de raça germanica e dos povos septentrionaes em geral, que vivem larga parte do tempo em climas frios e sob ceus pardacentos.

Freud na Italia seria impossivel. Não ha recalques na alma do italiano. Tudo o que elle tem dentro de si sae em gritos, em gestos, em movimento. E para o que elle não pode gritar, ha a confissão, o admiravel instrumento de extrospecção com que a Egreja Catholica precedeu á sacarolha psychologica de Freud.

Como na Italia, o mesmo se observa em todos os paizes de sol que são no occidente, de maneira geral, paizes catholicos. Aliás, em materia religiosa, quem diz sol diz catholicismo. O surto da Egreja romana na Allemanha e nos Estados Unidos representa mais uma adaptação desta do que uma catholização absoluta daquelles paizes.

A confissão é a psychanalyse *avant la lettre*. Com ella a religião catholica expurga as almas e as restitue limpas, vasias, de novo, ao peccado.

*

O caso de escriptores como D. H. Lawrence, o estranho romancista inglez que faz hoje justamente dois annos falleceu aos quarenta e cinco annos de idade, já na plenitude da gloria, deixando uma obra que é o maior escandalo da litteratura moderna, é um exemplo do que pode produzir, em certas naturezas profundas, comprimidas pelo meio, a falta de confissão no sentido amplo, de expansão, de communicação. Em França, na Italia ou em qualquer outro paiz mediterraneo, ou tropical, Lawrence não daria aos problemas secretos (!) a importancia que lhe deu na Inglaterra. O seu mysticismo erotico ou a sua erotomania mystica não se teria formado. O collegio interno, as conversações "livres" no recreio, as ferias no campo ou á beira-mar, a leitura precoce dos romances realistas, fesceninos ou mesmo pornographicos que entram em tão grande parte na "educação" dos moços em nossas terras, o contacto prematuro com as realidades sexuaes o teriam tornado "normal". Cedo estaria elle libertado dos espectros da carne. A sua "libido" não houvera fermentado na longa maceração dos silencios britannicos e da reserva e "delicadeza" dos costumes da sua gente.

A confissão de D. H. Lawrence, isto é, sua obra, é um protesto violento do fundo contra a superficie, uma irrupção vulcanica quebrando subita a crosta do puritanismo estratificado na Inglaterra pelas accumulações do *cant*. A vasa recalcada em camadas successivas rematadas pelo duro revestimento da hypocrisia victoriana explodiu de repente, pela primeira vez na Inglaterra com a brutalidade de um cataclysma. Não a arranca por meio de processos technicos subtis um doutor no seu gabinete de Vienna ou numa cella de hospicio. Não a obtem o sacerdote catholico sentado no confessionario colorido pelo reflexo dos vitraes numa Egreja italiana. Essa confissão prodigiosa se destaca pela espontaneidade. E a sua grosseria explica-se pela propria sinceridade.

Ha quanto que as questões sexuaes são *improper* na Inglaterra!

Perguntado por mim uma vez, ha alguns annos, em Londres, sobre a maneira por que em inglez se deviam dizer certas cousas comesinhas no nosso falar, cousas referentes á pratica do amor e aos actos que o effectivam, um professor me respondeu com simplicidade:

— Não se dizem!

— Mas Shakespeare, objectei.

Shakespeare foi no tempo do livre falar elisabethiano, antes de Cromwell, antes do puritanismo — concluí das suas explicações algo confusas.

Com effeito, o *cant* fez murchar nas boccas inglezas a sensação das palavras gordas de sentido e pelo bico de uma penna ingleza o vocabulario de um Rabelais nem filtrado ou purificado de longe escorreria. A Censura conserva na Inglaterra o pudor da Rainha Victoria.

Como nunca houve Rabelais, na Inglaterra nunca houve naturalismo ou realismo. Nunca houve um Zola na Inglaterra.

O amor nos romances inglezes sabemos todos o que tem sido: um naufragio de anjos num lago de leite. As blasphemias e jurões de Byron ficaram no terreno politico, moral e social. Shelley — o mais independente dos seres humanos — escondeu suas revoltas e sua conducta na bruma aerea das suas nuvens divinas. Swinburne serviu-se do disfarce grego. Oscar Wilde pagou na cadeia crimes negados e não provados, de que Gide se vangloria sem perder o prestigio e sem ser inquietado. Frank Harris não poude publicar suas memorias na Inglaterra e só fóra da Inglaterra são publicadas e vendidas. Os livros de Lawrence não puderam tambem ser impressos na Inglaterra.

Mas nelles a reacção esteve á altura. Tudo o que na êra victoriana não podia siquer ser imaginado, tudo o que se acha comprimido pelo peso de tantos seculos de conveniencia, de *pruderie* e de reserva, rebentou com uma força inesperada. Uma alma miraculosamente sensivel, apta a registrar as impressões mais finas da vida exterior e de ligal-as ao fio multicapillar de um foco de irradiação intima incomparavel, achou-se de improviso,

O novo romance de Rachel de Queiroz

Depois que as paginas harmoniosamente amargas e tranquillas do *Quinze* foram ficando para traz na nossa memoria e que ao primeiro encanto e á primeira critica succederam os novos encantos das leituras repetidas e as novas criticas, mais profundas, mais detalhadas, restou apenas deante da affirmação do novo nome surgido na nossa litteratura uma unica duvida que perseguia a muitos: — seria Rachel de Queiroz realmente uma romancista? Ou fôra apenas a autora de um romance, a escriptora feliz que conseguira dar de inicio em um unico livro tudo o que possuia, sem ter possibilidade de se renovar? Ou, mais precisamente ainda: Rachel de Queiroz só nos daria o *Quinze* ou conseguiria se firmar como romancista em *João Miguel* e nos possiveis romances que lhe succedessem?

E' tão raro encontrar no Brasil um verdadeiro "romancista" que não estranha que muitos tenham duvidado de que Rachel de Queiroz — ainda mais tratando-se de uma mulher — conseguisse mais do que já déra, renovar-se, ella que parecia ter dado tanto de si.

Prefira-se ou não *João Miguel* ao *Quinze*, o que parece entretanto indiscutivel é que *João Miguel* vem affirmar em Rachel de Queiroz isso que se tem de chamar: um romancista. O *Quinze* poderia ter sido uma excepção, um "caso" bem contado. Certamente foi mais do que isso, foi um "romance" escripto por um "romancista", mas é só agora com o apparecimento de *João Miguel* que se torna bem claro o incrivel phenomeno succedido ao Norte do paiz: surgiu um novo romancista no Brasil.

João Miguel é indiscutivelmente um grande romance. Seus defeitos não têm proporções... — ou talvez só haja um de importancia a assignalar: falta-lhe um pouco de ar. Não pelo facto de se passar numa prisão, mas pela natureza dos proprios personagens — almas fechadas á luz que vivem aprisionadas no fundo das suas miserias — pelo proprio thema — esse estranho peso do destino sobre o individuo incapaz de vencel-o e de se levantar contra elle no seu fatalismo que a falta de civilização leva aos extremos que conhecemos.

Prende-se tudo aliás á visão que Rachel de Queiroz tem dos nossos problemas sociaes. E' o nosso deserto de civilização que nos apresenta com as classicas injustiças da justiça e os preconceitos dos camponezes — e com todo o peso do destino nacional a exigir grandes refórmas.

Não é possivel condemnar essa bandeira dos grandes romancistas russos chamando a attenção da nossa "intelliguenzia" para o deploravel estado social do paiz. Ao contrario, é preciso admirar-lhe a coragem e a habilidade, reconhecer-lhe a nitidez da visão que nos apresenta o homem do nordeste, dominado pela materia que naturalmente reveste a fórma commoda de um destino inevitavel.

Grande romance indiscutivelmente. João Miguel passa como um heroe de Tolstoi, grande e banhado em aguas cada vez mais puras, soffrendo uma purificação tingida de "natureza" (que não sei bem com que pejorativo qualificar) — afastando-se com o desenrolar da acção da amante que o levou á prisão e caminhando para a figura de anjo que lhe abriu horizontes novos. (Se essa ultima mulher não impressiona e é mesmo nossa velha conhecida desde os romances de Florence Barclay até os filmes de Lillian Gish, em compensação, o outro typo de mulher é a figura mais bem construida do romance, um typo extraordinario que merece realmente um estudo mais demorado, impossivel aqui — como aliás o do romance todo).

Muito bem construido, com os typos perfeitamente cuidados, sem falhas de technica, *João Miguel* parece-me no entanto inferior ao *Quinze*. Tem como elle o mesmo ar "puro", que lembra por vezes a intenção moralizadora dos filmes americanos, a mesma simplicidade que tanto encanta no *Quinze*, mas prefiro ainda o primeiro romance de Rachel de Queiroz.

O *Quinze* parece-me de facto mais perfeito em verdadeira technica por isso que se sente menos a *technica do romance*. Mais expontaneo talvez... Menos preoccupado em "reproduzir" a realidade nos seus detalhes mais nús. Ha de facto no novo romance de Rachel de Queiroz certos "realismos" que não me parecem naturaes, inadmissiveis num romance do valor de *João Miguel*. Não lhe turvam no entanto o valor que é indiscutivelmente dos maiores desses ultimos tempos.

OCTAVIO DE FARIA.

---

por obra de circumstancias personalissimas, no centro mesmo do problema sexual num momento da historia humana em que as pesquizas psychologicas, estimuladas pelas iniciativas da escola de Vienna, procede á revisão de todos os tabús, de todos os dogmas, de todas as idéas recebidas sobre o assumpto.

O resultado é esta obra formidavel que vae de *Sons and lovers* até *Lady Chatterley*, cujo lemma é a velha palavra da *Imitação*: *Magna res est amor*, o amor "que é uma cousa a ser ensinada á humanidade, *love is a thing to be learned*, numa lição que demandará seculos de paciencia e de esforço, amor sempre igual a si mesmo desde a paixão maternal ("que é da mesma qualidade de todo amor") até a furia dos espasmos lubricos e aos surdos extases do desejo. Nenhuma das faces do amor lhe é repugnante. O amor embelleza tudo. O ascetismo, sim, é que ella combate." O ascetismo é uma mutilação da especie humana. "O que é preciso é reconciliar o espiritual e o carnal para rehabilitar o corpo, immolado á alma ha tanto tempo." Dessa reconciliação pensava Lawrence ser o apostolo.

*

Essa obra que occupa hoje mais do que nenhuma outra a attenção publica no mundo inteiro é o facto capital da litteratura, depois de Proust.

Ella é tambem o primeiro grande resultado da influencia da Escola de Freud no campo do pensamento creador. Nada nessa obra, digamos de passagem, tem o ranço technico ou scientifico.

Ella é viva e bruta, sadia e doente, alegre e triste, obra poetica, obra humana.

Encanta-nos e revolta-nos, exalta-nos e magoa-nos. Para uns seu autor será um martyr, um santo. Para outros um monstro, um degenerado. Obra que prescinde do applauso dos homens e sobretudo que despreza o respeito dos que vivem mentindo, — da miseravel maioria — ella canta na sua dôr um claro hymno de fé na redempção dos seres pela verdade na acclamação da vida.

GILBERTO AMADO.

UMA FAMILIA AGITADA

Bettina Brentano, cujo nome está abusivamente ligado ao de Goethe, devido a uma correspondencia cheia de interpolações que constitue divertida mystificação litteraria, pertencia a uma familia das mais exaltadas.

A avó materna de Bettina era uma senhora de Laroche, doida pela leitura de Rousseau e que transformou a casa do marido em centro de convergencia de todos os poetas malucos da Allemanha do tempo. Foi a maior das paixões juvenis do delicado Wieland, e ella e o autor do *Oberon* choraram nos braços um do outro ao rever-se após longos annos de afastamento, isso em presença de um numeroso grupo de amigos e talvez mesmo em presença do esposo, contagiados todos pelas lagrimas dos dois e entrando todos a inundar lenços deante do commovente espectaculo.

A filha dessa matrona, e digna continuadora das suas paixões patheticas, chamava-se Maximiliana e veiu a casar-se com um prosaico commerciante de Francfort, vivendo entre barris de vinho e saccos de cereaes, depois de haver sido em menina cortejada por Wolfgang Goethe, que a reencontrou já unida a Pier'Antonio Brentano e de bom grado a haveria corrompido, se o negociante não se mostrasse ciumento e não procurasse afastal-o da casa ameaçada... Aliás, para desforrar-se do meio insucesso, Goethe, que se vingava fazendo no papel aquillo que não podia fazer em pessoa na vida, incluiu Maximiliana entre as duas ou tres creaturas reaes de que extrahiu o typo ideal de Carlotta.

Do casal Maximiliana-Pier'Antonio resultou a frenetica Bettina, em quem, dada a sua procedencia italo-germanica, se casavam a sentimentalidade do Norte e a vehemencia passional do Sul. Resultou ainda o poeta Clemente Brentano, lyrico delicadissimo que teve tambem as suas crises de religiosidade e passou largo espaço de tempo a estudar as visões mysticas de Catharina Emmerich, a estigmatizada que antecedeu essa Thereza Neumann tão bem examinada por um dos mais fervorosos goetheanos deste paiz, o illustre clinico Silva Mello.

Accresce que Bettina se fez, aos vinte e poucos annos, noiva do escriptor Archim d'Arnim, que gostava de retratar-se com os cabellos em desordem e uma sumptuosa capa byroniana. E explica-se que, resultando de um tal ambiente e nelle permanecendo, procurasse ella envolver o velho Goethe numa paixão romantica e procurasse tirar ainda partido delle deante da posteridade, graças a uma correspondencia que já agora não inspira a menor confiança aos criticos de bom senso...

AGRIPPINO GRIECO.

Joseph Barthélemy — LA CRISE DE LA DEMOCRATIE CONTEMPORAINE. — Paris, 1931.

O encanto do livro de Barthelemy encontra-se sobretudo no modo elegante e leve com que discute os mais graves e sérios problemas da direcção politica das nações. A graça de suas apreciações, talvez uma fórma de timidez, um meio de disfarçar sua grande erudição e de evitar o pedantismo da dissertação que arriscaria tornar-se professoral, longe de reduzir, reforça o poder de convicção de seus argumentos.

O auctor salienta a existencia de um verdadeiro paradoxo na epoca actual: existem no mundo muito mais republicas do que existiam no momento de estalar a guerra, em 1914; entretanto, o ideal democratico mostra-se debilitado nos espiritos. O parlamentarismo, se não morreu, passa por um collapso; seu prestigio, essa autoridade quasi indiscutida que possuiam as assembléas eleitas pelo povo e representando a vontade popular, — a primeira das aspirações que os povos opprimidos formulavam, como inicio da manifestação de sua soberania — encontra-se enfraquecido, oscillante.

A crise da democracia é, pois, uma crise do espirito democratico. Os factos a evidenciam de modo insophismavel. Em muitos paizes installaram-se dictaduras. Como se caracterizam ellas? O que têm dado, o que se pode esperar como proveito real, de suas tendencias? Barthelemy analysa com imparcialidade as mais importantes fórmas de governo: o fascismo na Italia, o Riverismo na Hespanha, o Pilsudskismo na Polonia, a dictadura sovietica na Russia.

Mostra em seguida discretamente o que se passa em França, e o que o paiz deve de grande á organização de seu estado. Não esconde os pontos fracos do regimen parlamentar, as deficiencias de uma machina administrativa creada ha muitas dezenas de annos, e que continúa a funccionar, apezar de tudo, tendo a enfrentar difficuldades e problemas muitas vezes multiplicados. Para Barthelemy, porém, o ponto essencial está em aperfeiçoar e desenvolver essa technica politica, sem destruir ou desprezar as suas bases. Preliminarmente elle se declara "indefectivelmente liberal, resolutamente democrata, incorrigivelmente parlamentar".

Com essas convicções, que se reforçam á medida que prosegue em suas considerações, o escriptor francez propugna, não uma reforma do estado, mas reformas no estado. Reformas sadias e sensatas, solidas e beneficas, sem a influencia das formulas pomposas e de mysticismo politico. Deante d'essas formulas elle reflecte: é preciso *procurar o grão das coisas na palha das palavras*. Commentando o mysticismo arrebatado de certos espiritos, elle conclue com Léon Berard: *é o não reconhecimento enthusiasta da realidade*. E suas conclusões, serenas, conscientes, emanando de sua experiencia e de suas meditações, apparecem revestidas de uma singular seducção: a attracção que exerce um espirito liberto de preconceitos.

Barthelemy recorda um dos conceitos de Machiavel: seria facil fazer politica se se tratasse sómente de escolher entre o bem e o mal; na realidade, a escolha tem de ser feita entre o máo e o peior. Segundo elle, o regimen liberal e democratico póde não ser optimo, mas, comparado aos outros, ainda é o que offerece mais vantagens para os povos adeantados e civilizados.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

ANNAES DO MUSEU PAULISTA, *tomos IV e V — Diario Official* — São Paulo, 1931.

Felizmente, essa notavel publicação, interrompida alguns annos, reapparece agora para alegria e proveito dos que amam a historia do Brasil. Dirigida, ainda e sempre, pelo eminente polygrapho Affonso de E. Taunay, que é de resto o seu principal collaborador, a série dos *Annaes*, organizada com um escrupulo infalseavel, persiste em transmittir-nos excellentes monographias sobre o passado nacional.

B E R I M B A U

Antonio Torres, tratando dos *Chants Populaires du Brésil* de Elsie Houston, pelo numero de março desta revista, se confessa desnorteado pela maneira com que o prefaciador da anthologia, Felipe Stern, define o berimbau. Diz o musicologo francez que berimbau é "uma *petite trompe* de sons muito agudos e coloridos, cheios de sons resultantes." Antonio Torres commenta: "Ora, o birimbau, pelo menos o que eu conheço do norte de Minas, é tudo quanto ha de menos colorido, e por tanto de mais monotono, isto sem dizer que é muito pouco sonoro, um simples brinquedo de crianças e não dos mais hygienicos..."

Ora os dois estão certos, tendo entre ambos apenas uma differença de especialização. Com a expressão "*sons extrêmement colorés*" Felipe Stern quiz indicar sons muito caracteristicos, muito bem timbrados, isto é, muito bem dotados de timbre, do que os allemães chamam de *Klangfarbe*. Em nossas artinhas ainha se explica que o timbre "é a côr do som".

E si entre nós o berimbau veio importado para brinquedo de criança, esse instrumento musico universal na civilização christã, nem sempre foi de uso infantil. No Brasil parece que foi. Pelo menos o instrumento *de que se trata*. Assim o refere Antonio Torres pro norte de Minas, assim o empreguei aqui em S. Paulo, e assim o dá Juvenal Galeno pro Norte, no romance *O Jornaleiro*. Leite de Vasconcellos (*Ensaios Ethnographicos*, IV, 303) o enumera tambem entre os instrumentos musicos da piasada portuga; e provavelmente de Portugal nos veio a tradição.

O principio sonoro do berimbau é conhecido universalmente. Nas suas fórmas primarias o encontramos nas ilhas de Salomão, nas Marquezas, em Hawaii, no Oeste africano, em Niassa, na Nova Guiné, no Congo. E é curioso de verificar que muitas vezes tambem adstricto ao mundo infantil (Curt Sachs, *Geist und Werden der Musikinstrumente*, cap. 8). Mas nem sempre.

Na Europa o berimbau é de uso geral; e se chamou *trompe* (ant.) e agora *guimbarde* na França, *tromp* entre os escossezes, *jew's harp*, entre inglezes, *birimbao* na Espanha, *guimbarda* ainda na Espanha e na Italia, onde o conhecem ainda por *tromba*, ao passo que na Allemanha o chamam de *Maultrommel*, de *Brummeisen*, de *Mundharmonica*, de *Judenharfe* e finalmente de *Aura*, pelo que me ensinam os meus livros. E o Rieman de 1929 ainda me ensina o nome latino delle, *Crembalum*.

Ora este berimbau europeu, que é o nosso infantil, muito diverte os adultos da Europa, especialmente nos descanços das batalhas. Entre nós elle parece "monotono" como diz Antonio Torres, porque a criança pouco está se amolando em fazer musica, apenas quer ter a sensação dynamogenica do som e nada mais. Ora está hoje assente que o berimbau não produz apenas um som e seus harmonicos, com excepção dos tres primeiros, mas que pela confirmação da bocca, póde produzir mais sons e com isso melodias mirins, muito agradaveis. Se conta dum soldado de Frederico o Grande que cahiu na graça deste, tocando musiquetas em dois berimbaus, como não sei. O rei não só o libertou do serviço militar, como lhe disse um adeus em dinheiro que foi o principio duma carreira de virtuose munificente. Tambem na ultima guerra o berimbau foi muito usado pelos allemães. Nas admiraveis cartas de soldados publicadas recentemente pela N. R. F. (novembro, ps. 674, 681) o berimbau vem referido como doce consolação.

Mas donde nos viria essa palavra berimbau? Não sei. E' usual na peninsula iberica, mas podia bem ter partido daqui. Apenas por curiosidade lembro que Lucas Boiteux a considera em nossa terminologia geographica, como de origem amerindia, fusão de *Yby*, terra, morro, e *Embá*, furado: morro furado. Mas Theodoro Sampaio nem pensa nisso! E de facto a palavra já era commum em Portugal no sec. XVI. Jorge Ferreira (L. de Vasc., loc. cit.) escreve na *Aulegraphia* que as mulheres... "si não são (...) sobejamente recolhidas, com um berimbau se enganam". Mais interessante para nós é a documentação do padre Fernão Cardim na *Narrativa Epistolar* de 1593. Com ella ficou pra sempre celebre o irmão Barnabé Tello, talvez o primeiro, e unico sabido, virtuose de berimbau nestes Brasis: "Tivemos pelo natal um devoto presepio na povoação, aonde algumas vezes nos ajuntavamos com boa e devota musica, e o irmão Barnabé nos alegrava com seu berimbau". O que prova definitivamente o conhecimento largo que se tinha da palavra em Portugal.

No Brasil, porém, a palavra soffreu sérias deformações no sentido e dicção. Alem de se pronunciar tambem *brimbau* (informação que colhi em Araraquara, São Paulo), foi corrente pelo Brasil falarem *marimbau*, em que é evidente a contaminação com *marimba*. Figueiredo (4ª edic.) dá *marimbau* como instrumento musico talvez de origem africana, sem o identificar com o berimbau. E a palavra não vem registrada nem no Moraes verdadeiro, nem no Teschauer, nem no Rodolpho Garcia, nem no Constancio, nem no *Dialecto Caipira*. O falso Moraes de 1878 consigna a voz, referindo-a a certo peixe. Em S. Paulo marimbau por berimbau foi corrente. N'uma quadra velha, de meninos, dizia-se aqui:

Chocolate, café, marimbau,
Uma correia na ponta dum pau,
Manejada por minha mão,
No teu lombo não será mau.

Até hoje inda corre tambem:

Minha mãi é uma coruja
Que saiu do ôco do pau,
Meu pai é um negro velho
Tocador de marimbau.

Pereira da Costa (*Folklore Pernambucano*, 203) dá o marimbau entre os instrumentos dos negros do Brasil, distinguindo-o, porém, do berimbau.

Ora o compositor paulista Carlos Pagliuchi me descreveu um instrumento muito curioso, que encontrára em Coatá, sertão paulista, nas mãos dum bugre legitimo da região. Era exactamente um arco de flexar com a corda feita de embiroçú. O bugre collocava o arco, uma ponta no hombro esquerdo, a outra segura pela mão esquerda, ficando pois o instrumento ao longo do braço, a haste recurva encostada neste e a corda livre pra cima. Bugre curvava a cabeça prá esquerda, encostava os dentes na corda e *mexendo com a bocca*, que servia de caixa de resonancia, batia na corda com uma varinha que a mão direita manejava. Conseguia só dois sons, tonica e dominante, "que eram obtidos pelo contacto dos dentes e do beiço na corda". A voz do bugre, resmoneando, aju-

Alberto Rangel pelo Mundo Espanhol

De certo tempo para cá começaram a cair no gotto dos amantes da leitura, e a gozar de muita voga, as producções litterarias que pintam a vida na floresta e da floresta amazonica.

Hontem — 1928 — foi a novella — *Vorágine* — do colombiano — José Eustasio Rivera; hoje é o livro — *Green Hell* — que circula no mundo saxão; isto é, o mesmo *Enfer-Vert* do mundo latino, sob o nome de Julian Duguid, seu traductor. Passou a moda de Asia e Africa com os Ossendowski e os Pierre Benoit; e toca a vez á America do Sul.

Pois esse renome de obras extrangeiras sobre a Amazonia inspirou-me a coragem, quasi temeraria, de verter para o castelhano a obra precursora de toda essa litteratura exótica e heroica dos albores deste seculo — o *Inferno Verde* — de Alberto Rangel, com a esperança de que renasça em outro mundo ethnico, embora com outras vestes, mas sempre com o mesmo corpo fortemente cinzelado, e pintado das côres do sol. Quem sabe si lhe não tocam tambem bafejos de crástina gloria! Quem sabe si ao primeiro *Inferno Verde*, já com mais de vinte annos, não pertencerá ainda o dia de amanhan! Seria ao menos de inteira justiça a celebridade que a critica extrangeira se dignasse emprestar ao nosso robusto sertanista, ao sertanista de verdade que, como o engenheiro Souto do ultimo conto, si não morreu physicamente, viu exinanirem-se suas illusões, e esperanças de fortuna facil, envenenadas pelas rosas e acúleos da realidade florida e risonha, mas lethal, dessa região do nosso paiz.

Como o engenheiro Souto, Alberto Rangel foi um aventureiro da Amazonia; e, como ninguem, pintou-a para sempre, com o merito de ter sido dos seus reveladores aquelle que primeiro soube elevar o espirito á altura do objecto versado. Em Alberto Rangel achou a Amazonia o seu *amazonico* interprete.

Não podendo fugir á tentação de incluir um *Prólogo do Traductor*, no limiar de um livro que já tem por umbral o *Preambulo* de Euclydes da Cunha, tracei-o, não obstante isso, para servir de simples aldraba nesse portico. Algum leitor que queira entrar no nosso Inferno com calma, paciencia e cerimonia, ha-de bater á porta usando della. E é o quanto basta para ouvir cousas como estas:

"Al mundo español, sobretudo a su parte americana, ofrezco la traducción de este libro — *Infierno Verde* — que es la primera interpretación completa de la Amazonia, puesto que ciñe en sus páginas la vida física como la vida social de esa enorme región de nuestro continente.

Al hablar de Amazonia no me refiero sólo a un peda-o de la tierra brasilera, pero también a una porción considerable de América, a toda esa zona portentosa, en donde la imaginación de algunos hombres ha situado el Paraíso terrestre, lo que vale decir la urna de la humanidad.

De *Infierno* la bautizó Alberto Rangel. Pero no admira que, después de su desencanto, por el pecado de nuestros padres, se volviera ese Paraíso, por su mismo excesivo esplendor vegetal y animal, la tierra más inhospitalaria del globo. Que la degradación del hombre tocase también a la tierra no es de extrañar; y menos aun que su cuna se convirtiese en *abiótico* ataúd.

¿ Acaso no quedó mortal el ser que tenía para si la vida eterna?

Este es casi el caso de la portentosa Amazonia, que pinta Alberto Rangel con los tonos literarios fuertes e indelebles que se reflejaron en su intelecto de matemático y en su alma de poeta.

No es justo que el mundo español desconozca el escenario y algunas escenas épicas de la tragedia humana desencadenada en el corazón de América."

E, linhas adeante, ainda matraca a aldraba encaixada pelo traductor na porta monumental do *Inferno Verde*:

"No por la forma, no por ese valor literario, que no le puede prestar un simple *diletante* del idioma de Ruben Dario; mas por su tenor mismo, que es a un tiempo resumen y detalle de un interesante rincón de la existencia americana, podrá tener alguna significación el *Infierno Verde* en su versión española, a través la cual me empeñé por dejar centelleando tanto cuanto posible, en la grandilocuencia del estilo originario, ese reflejo de la grandeza misma de la Amazonia y de la lucha de los Brasileros por explotarla y poblarla. Los lectores por si mismos, leyendo la crítica, en el Preámbulo, con que Euclydes da Cuña lo presentó al mundo portugués, y lo presenta ahora, con voces más familiares, al mundo español, los lectores por si mismos se convenceran de que efectivamente, en su estilo, como en los lucios y esteros del Amazonas *"hay trechos en donde uno diria que se incienden candelabros."*

E' com essa mastigada explicação do traductor, no frontespicio do *Inferno Verde*, que o nosso Alberto Rangel, transformado em escriptor exótico, irá perambular, em breve, por outros povos.

E ninguem mais no caso de annuncial-o do que o *Boletim de Ariel*.

F. Contreiras Rodrigues.

---

dava o som do instrumento, obtendo o conjuncto uma especie de zumbido melodico com os dois unicos sons de dominante e tonica. A esse instrumento o bugre chamava de marimbau.

Não é novidade e tem sido muito descripto já entre nós por viajantes e estudiosos brasileiros. Wetherell (*Brazil Stray Notes from Bahia*, 106) o descreve sem nomeal-o. A mesmissima coisa faz Schlichthorst pro Rio de Janeiro, dando a differenciação de sons como proveniente da maior ou menor curvatura que o instrumentista imprime ao arco. Mello Moraes Filho (*Factos e Memorias*) descreve o mesmo instrumento e o denomina *urucungo*, porém o desenho não o conta como apoiado ao hombro e executado com qualquer collaboração da bocca, mas afincado na barriga do instrumentista e provido duma cabaça, identica ás usadas nas marimbas, e com a mesma finalidade da de caixa-de-resonancia. E pra desesperante atrapalhação final, Manuel Querino, que era preto e a vida inteira dedicou ao estudo e explicação dos pretos, nos descreve esse mesmo instrumento (*A Bahia de Outrora*, 63) e diz que se chama *berimbau*, entre os capoeiras bahianos!

Diante disso não concluo nada. Só fico pensamenteando é que a gente pega numa coisinha de nada, num mesquinho berimbau, "pensa que berimbau é gaita", quer estudal-o, trabuca, queima as pestanas pra só acabar patinhando numa ipueira de hypotheses e escurecido em suas verdades.

Mario de Andrade.

MACHIAVEL

L. Gauthier Vignal — *Payot, Paris.*

O pae de Niccolo di Bernardo Machiavelli queria fazel-o advogado; a mãe desejava vel-o monge. Mas elle foi um extraordinario escriptor politico.

Poeta da acção e psychologo, desdenhando céo e terra, mas observando incessantemente o elemento humano, as ruas foram os seus primitivos mestres e a sua grande escola. Nos muros rabiscou, a carvão, periodos saborosos, embora indigentes de syntaxe; escreveu estrophes sem rythmo; delineou os primeiros retratos. Nas ruas elle viu uma multidão delirante lynchar os Pazzi, accusados de assassinio contra os Medicis; viu um povo cheio de panico applaudir Carlos VIII, inimigo commum, mas poderoso; viu queimadas as carnes de Savonarola, o monge que o seu espirito, refractario a espectros, não poude admirar.

Certo dia, ás margens do Arno, dois bandos de garotos travavam encarniçado combate. Não faltavam armas. As margens do rio eram um vasto arsenal. Arsenal de pedras; — havia-as de todo o feitio e adequadas para esse genero de guerra: redondas, duras e pesadas. Ajustavam-se bem nas mãos, perfuravam facilmente e, arremessadas, descreviam grandes parabolas no espaço. Niccolo fazia parte de um dos bandos antagonistas: justamente do mais fraco (Machiavel nunca teve sorte). Porque suggeriu não atacar os inimigos de flanco? Tenho um plano, disse, se o acceitarem, a victoria será facil e segura. Não foi comprehendido (elle nunca foi comprehendido). Os seus companheiros, vencidos, vingaram-se nelle, surrando-o. O plano aconselhado era excellente: — lêra-o em Tito Livio.

Mais tarde elle assistia áquella sorte de combates debruçado de uma janella. Notava a coragem de uns, a covardia de outros; louvava os bravos, invectivava os fracos. Não tomava, porém, parte nas brigas. Como todo o homem de bom senso, diz Prezzolini, Machiavel tinha mêdo. Possuia "esse mêdo salutar que constróe casas, faz leis, Caixas Economicas e para-raios"... Além disso não entrando na luta podia melhor observar e reflectir. Reflectindo, semeava no seu espirito a futura — *Arte da Guerra* — e a futura organisação das milicias italianas. Que faltaria á Italia, pensava, para ser o primeiro povo do mundo? Genio ou acção? — Faltava-lhe acção.

A Marcello Adriani, orador sempre inclinado a distribuir elogios e a receber applausos, deve Machiavel ter sido nomeado secretario da segunda Chancellaria de Florença. Adriani, embora humanista profundo, foi apenas amigo de Machiavel e não seu mestre como entenderam alguns historiadores superficiaes: Machiavel foi um autodidacta. Era por demais original para se limitar aos ambitos estreitos do academicismo. Os latinos eram seus autores preferidos. Foram elles que lhe ensinaram a conhecer os romanos. Os romanos dos antigos tempos, fortes, destemidos, audazes e perseverantes, ainda não enfraquecidos pelo christianismo. Os outros, que vieram depois, não lhe interessavam: não sabiam querer: "não fitavam mais o sol, fitavam sombras."

Um condottieri por aquella epoca exaltava as imaginações — era Giovanni delle Bande Nere. O capitão e o escriptor encontraram-se certa vez e conversaram. Conversaram naturalmente sobre guerras e planos de batalhas. Admirado das suas extraordinarias theorias, o soldado offereceu ao seu interlocutor 3.000 milicianos afim de que elle as puzesse em pratica immediatamente. Pelo espaço de duas horas Machiavel manteve a tropa sem conseguir fazel-a evoluir. O sol abrasava. Percebendo a impaciencia dos soldados, o commandante mandou rufar tambores, e alinhando os homens fez com elles varias circumvoluções, surprehendendo os presentes.

Logo depois Machiavel, Delle Bande Nere e os capitães de suas milicias sentavam-se á mesa, onde o florentino, mais talhado para manobrar espiritos, maravilhou-os pela verve imprevista e suggestivo poder de evocação.

Vignal compraz-se em evocar o encontro de Machiavel e Cezar Borgia. Emquanto Cezar exaggera a propria belleza adornando-se, o vestuario de Machiavel, singelo como a sua prosa, augmenta-lhe a fealdade. Machiavel é apenas espirito; Cezar é tambem esplendor e poderio. A eloquencia de Cezar nunca encontrára ouvinte mais digno. Durante a palestra os olhos negros do escriptor fuzilam reflectindo, como em superficie d'agua polida, a figura do Duque de Valentino, cujos gestos abundantes dão mais vigôr ás palavras articuladas pela bocca delicadamente feminina, mas decidida e firme. Nos labios apropositadamente finos do florentino alinha-se, vez por outra, a suavidade de um sorriso ironico. Esse dialogo é a semente do Principe, obra prima da litteratura politica, especie de missal dos poderosos: Napoleão levava-o sempre comsigo para pôr, talvez, um pouco de harmonia nas suas chacinas.

Nesse livro, o seu maior livro, elle assenta as bases do estado e da sociedade modernas e revela-se a um tempo, admiravel politico e artista da palavra escripta.

O florentino genial não é unicamente um precursor da politica moderna, é tambem um precursor da prosa moderna, descarnada e núa. Em arte Machiavel é unilateral. Só lhe interessa a belleza litteraria; as artes plasticas deixavam-n'o insensivel.

Machiavel foi o unico dos contemporaneos de Cezar Borgia a decifrar aquelle personalidade, a mais complexa do tempo.

Analysta subtilissimo, elle vislumbrou nos crimes do seu personagem uma finalidade ideal, uma finalidade politica. Cezar, definindo-se a si mesmo e á sua politica, poderia ter proferido a phrase do estadista allemão: — "o fim santifica os meios." Elle era o unico capaz de realizar os sonhos patrioticos de Machiavel (Machiavel foi um grande patriota): a unificação da Italia, a grandeza da Italia.

A exiguidade de espaço e mesmo carencia de mais ampla informação não nos permittem analysar, uma por uma, as obras de Machiavel. Contentemo-nos em citar ainda os *Discursos*, as *Historias Florentinas* e a deliciosa comedia *Mandragora*, tão exaltada por Voltaire.

Os ultimos annos de Machiavel transcorreram na aldeia de S. Casciano, em companhia de "sua tropa", para empregar uma expressão sua. As pessôas com quem conversava e jogava cartas eram padeiros, açougueiros, estalajadeiros. Alli viveu exilado. Quando lhe permittiram voltar a Florença tentou rehaver o posto perdido. Não o conseguiu. Esse desgosto apressou os seus dias. O monge, que lhe trouxe a extrema-unção,

encontrou-o morto, apertando nas mãos crispadas uma joia preciosa, regalo de Cezar. Supremo ultraje: o monge era imbecil.

As suas obras, como todas as obras interessantes, alinharam-se no Index; os criticos deram-lhes mil interpretações e nenhuma acceitavel. A incomprehensão durou seculos. Por ultimo, justamente os inglezes superindividualistas, espargiram um pouco de luz na confusão das exegeses e affirmaram, com espanto do planeta, que a obra do florentino, synthese prodigiosa e espelho de toda uma epoca, era sincera e verdadeira. Finalmente, depois da morte: — a apotheose, a immortalidade e a lenda.

MANLIO GIUDICE.

— Entre os melhores hellenistas vivos da França encontra-se Mario Meunier, que escreveu sobre as legendas e a historia grega com uma forte documentação que, ao invés de suffocal-a, ainda servia para mais augmentar a belleza dos mythos e dos symbolos da raça que foi, sem duvida, a juventude e a primavera do mundo. Agora, Meunier, commentador de textos elogiado pelos juizes mais severos, procura engrandecer o prestigio de uma creatura em tudo digna do "milagre hellenico", essa inolvidavel Sapho, que, com uma sensibilidade pre-romantica, soube dizer a ternura das presenças adoradas e a desvairante angustia dos adeuses sem remedio, casando o sal das lagrimas aos deliciosos beijos da paixão sexual.

*

— O *George Washington, gentilhomme*, de Bernard Fay, prova que a carreira militar do libertador da America se caracterizou por uma série de derrotas, mas que estas não o desencorajaram para a obtenção de uma grande victoria, que seria victoria definitiva.

PEQUENO PROBLEMA DE FOLKLORE

Nos *Cantadores*, de Leonardo Motta (Ed. de 1921 — pags. 122 e segs.) ha uma poesia cantada pelo cego Aderaldo, que é, segundo parece, um dos maiores bardos do nordéste. Essa composição começa assim:

Era um soldado francez,
Que se chamava Ricarte, etc.

Severamente reprehendido por estar a brincar com um baralho durante a missa, explica ao tenente que aquellas cartas são o seu livro de devoção. E a explicação é minuciosa, carta por carta. Diz Leonardo que o autor desses versos é certo Leandro Gomes de Barros, cearense, segundo creio. Ora, lendo ha tempos, um livro chamado *Nouvelles Récréations Litteraires et Historiques*, de Albert Cim (Hachette, 1921), encontrei a mesma historia como sendo um conto francez do seculo XVIII. Creio que o melhor é transcrevel-o todo tal qual está no livro (pags. 142 e 143) inclusive as referencias. Ahi vae elle:

"Peut-être, pourrait-on ranger à la suite des ecclésiastiques ce soldat qui, étant de service dans une église, s'amusait avec un jeu de cartes, au grand scandale de ses camarades. Dénoncé par son sergent, et appellé devant le lieutenant, à l'issue de la cérémonie, il se justifia en ces termes:

"Ce jeu de cartes, mon lieutenant, me sert de livre de prières et je le porte toujours avec moi.

"En tirant un as, je me rapelle qu'il n'y a qu'un seul Dieu, créateur de toutes choses.

"Le deux me fait ressouvenir des deux larrons crucifiés avec Notre-Seigneur.

"Le trois me représente les trois personnes en Dieu: Le Père, le Fils et le Saint-Esprit.

"Le quatre m'annonce les quatre évangélistes: saint Mathieu, saint Marc, saint Luc et saint Jean.

"Le cinq, les cinq plaies du divin crucifié, notre Sauveur.

"Quand je considère un six, je me souviens que Dieu a créé le ciel et la terre en six jours.

"Si c'est un sept que je retourne, je pense encore au Tout-Puissant, qui, la création terminée, s'est reposé le septième jour, et je me rapelle aussi qu'il y a sept sacrements.

"Si mes yeux se fixent sur un huit, les huit justes échappés au déluge me reviennent à l'esprit.

"Le neuf me fait songer aux neuf vierges qui vinrent adorer Jésus-Christ.

"Le dix, aux dix commandements de Dieu.

"Chaque valet est pour moi un des indignes suppôts de Caïphe et de Pilate, qui osèrent cracher au visage de notre Rédempteur.

"La reine, c'est la reine de Saba, accourue de l'Orient pour admirer la sagesse de Salomon.

"Le roi me remet en mémoire les rois mages se prosternant dans l'étable aux pieds du Céleste Enfant, preuve de tout le respect et du culte qu'on lui doit.

"Si je compte le nombre des points dans un jeu de cartes, je trouve qu'il y en a 365, autant qu'il y a de jours dans l'année.

"Si je considère le nombre de cartes, j'en trouve 52, autant que de semaines.

"Enfin les douze figures me représentent les douze apôtres.

"Ainsi, vous le voyez, mon lieutenant, mon jeu de cartes me sert tout à la fois de livre de prières et d'almanach."

(Cf. *L'Independance de l'Est*, 18 octobre 1888. Voir aussi le *Larousse mensuel*, décembre 1919, p. 966-967, où "ce vieux conte du dix-huitième siècle" se trouve reproduit avec quelques variantes).

E agora? O tal Leandro de Barros saberá francez? Será dado a ler o *Larousse Mensal?* Não sabe francez? Então como se explica ser elle o adaptador dos versos? Não sou capaz de desembaraçar esta meada, mas o bom Leonardo Motta, que é dado a essas intrincadas pesquisas, talvez o consiga. Eu pediria o auxilio do nosso eminente mestre João Ribeiro, que é grande sabedor em assumptos folkloristicos e outros. Sinto não ter aqui á mão os *Cantadores* para comparar as duas composições afim de apreciar as variantes, si as houver. Tambem não sei si esta minha descoberta será novidade ou não para os folkloristas da minha terra. Em todo o caso, não faz mal nenhum tratar do assumpto neste ecletico mensario.

Hamburgo — 1932.

ANTONIO TORRES.

SOCIEDADE CONFERENCIAS E CURSOS

Funda-se neste momento, com este endereço e este titulo, uma associação litteria e educativa que pode ter grande influencia social em nosso meio. Não se trata daquelle esporte de sociedade, mais ou menos divertido, mais ou menos frivolo, de discursos sobre o pé e as mãos, as flores, as mulheres da Biblia ou de Shakespeare, como, ha vinte annos, foi moda aqui no Rio de Janeiro. Mas de assumpto serio, de sciencia, de lettras, de historia, sociologia, politica, originalidade ou divulgação. A' frente da iniciativa estão os srs. Rodrigo Octavio Filho, Fernando Magalhães, Afranio Peixoto, Paulo Prado, Guilherme de Almeida, Tristão de Athayde e outros, que taes. Pensa-se em convidar e trazer ao Rio, para conferencias, Edouard Herriot, André Maurois, Giovanni Papini, Ortega y Gasset, o Revmo. Padre Sanson, Claude Farrère e é bastante, até para uma aspiração. A inauguração será dada ao Ministro da Educação, Sr. Francisco Campos, que celebrará Goethe. Como as festas centenarias, na Allemanha, estão comprehendidas entre 22 de março e 28 de agosto, datas anniversarias da morte e do nascimento do Poeta-Sabio, todo um curso goetheano, de quatro a cinco conferencias, caberá ao sr. Prof. Frões da Fonseca, um dos nossos mais profundos germanistas, em sciencia e em lettras.

Depois, haverá cursos do Revmo. Padre Leonel Franca, do sr. Tristão de Athayde, do sr. Lourival Fontes... Depois, romancistas, criticos, sociologos, medicos, juristas, reverentes e irreverentes, poesia, musica, religião, sociologia... Emfim, um bello programma. Lembra a Universidade dos "Annaes", que, em França, creou Yvonne Sarcey, e que seu filho, Pierre Brisson, desenvolve em Paris, com tanto brilho. Para não faltar nada á comparação, uma revista: "Conferencias e Cursos", publicará, na integra, para os que não tiverem o prazer da audição, taes discursos ou lições artisticas. Assim seja. As boas coisas se imitam.

PIERRE DE LA GORGE — **LOUIS PHILIPPE** (1830-1848) — Paris, Plon, 1931.

Pode-se affirmar, sem receio de erro, que este volume nasceu naturalmente do trabalho até aqui realizado pelo historiador eminente que, na Academia Francesa, representa com tanto brilho a intellectualidade catholica, ao lado de Goyau, Bremond, Baudrillard, Bazin, Bourget, Bordeaux, Claudel — para só lembrar os mais conhecidos. Digo naturalmente, porque da *Histoire religieuse de la Révolution Française* até a *Histoire du Second Empire*, Pierre de la Gorce teve de acompanhar o fio, ou melhor, a trama intrincada dos acontecimentos, pesquizando a complexidade das causas, a influencia dos grandes vultos, para comprehender, por exemplo, a revolução de Julho (1830) ou a de Fevereiro (1848). Dahi os seus volumes sobre Luis XVIII e Carlos X e a sua *Histoire de la Seconde Republique française*.

O periodo de 18 annos que vae da queda de Carlos X ao fim da monarchia de Julho é magistralmente estudado neste volume. Sem apparato de erudição, apenas com discretas notas e citações aqui e alli, a obra revela ao leitor que por acaso não lhe conhecesse outros trabalhos, a elegancia, penetração e admiravel equilibrio do verdadeiro historiador.

Desde o primeiro capitulo mostra de la Gorce qual a origem, e por isto mesmo a fraqueza da monarchia de Julho. O duque d'Orleans é guindado ao throno, não pela revolução, mas antes como o melhor meio de conter a revolução. Interessantissima a analyse dos factos e sobretudo das apparencias ruidosas que illudiram os contemporaneos. Não menos interessante o exame das qualidades e defeitos de Luis Philippe: a sua simplicidade, a tendencia ao poder pessoal, o ciume ou despeito que lhe provocam os elogios feitos aos seus ministros, a sua humanidade, não obstante o numero de attentados contra a sua vida, dos quaes é bem conhecido o de Fieschi.

O livro quinto, porém, é sem duvida o mais interessante de todo o volume. Sente-se ahi a mão de mestre do autor da *Histoire religieuse de la Revolution Française*. Estudando o renascimento catholico na França no reinado de Luis Philippe, traça-nos de la Gorce o perfil de Lamennais, o de Mme. Swetchine, o de Lacordaire, o de Ravignan, o de Montalembert. Têm sabor especial, de viva actualidade, as paginas referentes ás medidas do governo contra os Jesuitas (256-262). Guizot é julgado com serenidade e até com sympathia. E o proprio reinado considera-o de la Gorce *"l'un des meilleurs que la France ait connus"*.

JONATHAS SERRANO.

A R I E L

Um leitor amigo escreve-nos perguntando por que démos á nossa revista o nome de um diabo. Sim, com effeito, Ariel era o nome do idolo dos moabitas e delle fizeram, com o correr dos annos, a designação de um anjo máo. Isso, todavia, occorreu ha muitos seculos, nos velhos tempos do Oriente, de Booz e Ruth, por signal que esta era uma moabita, se não nos enganam a Biblia e o Victor Hugo do *Booz endormi*. Mas, ainda depois disso, Ariel foi melhorando de categoria e tornou-se um espirito benefico do ar, "ligeiro, gracioso e humano", e é nessa funcção que apparece na *Tempestade* de Shakespeare, obedecendo aos dictames de Prospero, oppondo-se ás brutalidades de Caliban e defendendo os sonhos castos de Miranda. "My Ariel", chama-lhe Prospero e elle se declara disposto a tudo para contentar o mestre, a nadar, a voar, a mergulhar no fogo e a cavalgar as nuvens tempestuosas, a servil-o, em summa, com todos os seus talentos: "I will be correspondent to command, and do my spriting gently", ou, em máo portuguez: "Serei o instrumento docil das tuas ordens e farei gentilmente o meu mistér de Espirito".

*

E ainda agora, como que a affirmar que não nos equivocámos dando o nome do genio alado a um boletim destinado a espalhar, a semear nomes de autores e de livros, vimos de receber de Paris, de um editor de gosto que ali está publicando, em finas edições, escriptores de elite como Arland, du Bos, Jaloux, d'Ors, Maritain, Cassou, um volume que, em texto francez, nos reconta todas as bellas aventuras de Ariel a serviço de Prospero. O editor, R.-A. Corrêa, é um patricio nosso e foi á França, não em caracter de documento exotico como os nossos selvagens exhibidos, no seculo de Montaigne, numa festa em homenagem aos reis em Ruão: foi á França para trabalhar em prol da cultura, dos livros, e de lá nos manda, neste momento, uma formosa traducção gauleza, a um tempo litteral e litteraria, da *Tempestade* de Shakespeare, da maravilhosa feeria dramatica a que a presença do mar empresta "qualquer cousa de rico e estranho". A traducção é de Pierre-Louis Matthey e é em prosa rythmada, só sendo rimadas as canções, ironicas ou doces, de Ariel. Antes disso, tinhamos, entre as melhores transplantações do genero, a versão algo romantica de François-VictorHugo, feita sob as vistas do pae, junto ás vagas e acs rochedos de Guernesey, e a de Guy de Pourtalès, escripta para o actor Jacques Coupeau. Por signal que este, prefaciando o trabalho de Matthey, garante que, no caso, a "belleza shakespeareana" passou a ser, sem nenhum prejuizo, "belleza franceza".

*

Em summa, Ariel não representa da nossa parte enthusiasmo algum por qualquer aspecto de demonologia. Tranquillizem-se as almas candidas. Procurámos apenas um symbolo do Espirito para uma revista que não aspira senão servir honradamente o espirito brasileiro. E ficaremos muito contentes se merecermos um dia o elogio de Prospero ao seu servidor, tal qual se encontra na harmoniosa transposição de Matthey: "O, mon Ariel, tu t'es surpassé dans ton rôle!"

A. G.

FERNANDO DIEZ DE MEDINA — IMAGEN — Editorial America — La Paz (Bolivia) — 1932.

Louvado pela uruguaya Juana de Ibarborou, pelo argentino Manuel Ugarte e pelo nosso patricio Ronald de Carvalho, esse poeta boliviano já desfruta de uma reputação verdadeiramente continental. Reputação merecida, por se tratar de um artista "noble, melodioso, limpio e pensativo", como bem o definiu alguem que tambem se distingue em materia de rythmos e imagens.

Sobre um livro de Jean Cassou

Memoires de l'Ogre — Librairie Plon — Paris.

O papão de que Cassou, iniciando a Collecção de Chronicas sobre personagens imaginarios, escreveu uma auto-biographia tão coloridamente interessante, é menos um papão do que um poeta. Um poeta com a sensibilidade aberta para o soffrimento e para o amor. Dentro destas 150 paginas, apenas uma vez se encontra o papão de Cassou comendo carne humana: é quando elle volta de Paris para o castello do pae, um gigante guloso, depois do seu desastre passional. Mas explica-se: afastado do seu hereditario vicio anthropophagico durante toda a vida de ligações amorosas com Millie, a feiticeira, o papão procura pôr-se em harmonia com o habito paterno como uma maneira de esquecer o passado e os seus doentios delirios. Porém fóra disto o ogro deste livrinho é um homem cheio de ternura.

Estou certo mesmo de que aquella legenda *"l'homme n'a été créé et mis au monde que pour dévorer son prochain"*, não dava certo de fórma alguma com o temperamento lyrico deste papão em fastio. O gigante pae delle é que pensava caberem mathematicamente dentro dessa divisa todos os papões do mundo. Ajustando assim numa bitola os instinctos de seus semelhantes, como numa luva elastica.

Vivendo dentro daquella mallarmeana penumbra de ternura, o joven papão biographado tem suas crises interiores, suas angustias. E em biographia de gente de verdade ainda não encontrei pagina de tão dolorosa sondagem intima da alma como aquella em que Cassou (cap. XII) explora a dôr do abandono que o papão soffre com a morte de sua amante, a amiga do diabo.

Outra coisa curiosa é que o ogro consegue amar nessa amiga de infancia a carne apenas, odiando mesmo a sua alma endemoniada, sem que no entanto essa paixão desperte a sua tara ancestral. E' como se a carne dessa namorada sensual o afastasse inexplicavelmente da carne. Uma sublimação da volupia palatar com o auxilio dos outros gosos sensoriaes sobre a carne. E tanto assim que, num dia de zanga com Millie, se vê a lutar com aquelle horrivel appetite anthropophagico com a approximação da carne rosada de dois meninos de Paris. Só a sua immensa ternura consegue abafar essa fome diante dos meninos que se condoiam de sua ruina.

Entre o papão de Jean Cassou e os anjinhos de Jean Cocteau existe muita semelhança. E' que tanto o papão como os anjinhos são differentes de todos os anjos e papões do mundo. O ogro de Cassou é um pobre diabo sentimentalissimo, amorcso dos luares e dos passeios em derredor dos pequenos lagos. Um donjuan doente de um romantismo que lhe servia para occultar aquella "fome singular, insaciavel e peremptoria" que formava *"le fond obscur des pensées de son estomac"*. E os anjos de Cocteau? Não se trata de aereos anjinhos catholicos, desses harmoniosos anjinhos de catecismo. Elles teem asas de alluminio. Fazem piruetas no ar como aviadores bohemios. Teem vicios, fazem blagues, esses anjos "manchados de tinta e de neve". Pensando bem, o papão de Cassou é muito menos perturbador que esses anjos endiabrados. No papão existe alguma coisa da angelitude que falta justamente a estes anjos. Por isso elles se parecem entre si.

Ora, com tal poder de sympathia contagiante Cassou pode escrever a biographia do monstro com a certeza de que nelle o mundo acreditará mais do que na Biblia. O seu livro, lido por crianças, rehabilitará para sempre a espantosa figura do papão. E serão as crianças que começarão a comer o bicho brabo.

Memoires de l'Ogre ainda nos dá noticias do Gato de Botas, do Marquez de Carabas, do Buffalo Bill (decrepito aventureiro, aproveitando a velhice num grupo de saltimbancos), de toda essa gente que andou povoando a nossa imaginação infantil.

Esta curta historia de papão é como aquellas que a velha Barbara contava, na bibliotheca da torre, e que tanto agradavam a Millie: pequena historia cujo fim nos deixa saudades. O ogro não gostava destas historietas de Barbara: *"non pas qu'elles achevassent toujours bien: mais elles s'achevaient."* E' o nosso caso tambem a respeito desta deliciosa biographia, desta travessura de Cassou.

Maceió, Fevereiro de 1932.

VALDEMAR CAVALCANTI.

GOETHE E A EDUCAÇÃO

Goethe educador... A cada philosophia pessoal de vida pode corresponder uma theoria de educação. Goethe, com a universalidade do seu genio, não podia deixar de ter uma e outra.

Assim inspirou elle uma das grandes escolas novas, uma dessas admiraveis *Landerziehungsheime*, da Allemanha, com que o mundo se vae renovando, para tempos melhores. E' a Escola de Odenvald, fundada por Paulo Geheeb, na região evocativa do Rheno, a meia distancia de Heidelberg e Francfurt.

Discipulo de Lietz, creou Geheeb a sua communidade educativa, em pleno campo, entre collinas, doze casinhas alegres. Conta hoje, apenas 180 creanças, meninos e meninas, a partir de 3 annos, vivendo com 30 professores, mulheres e homens, a vida de trabalho de um pequeno mundo encantador e risonho.

Ha 20 annos, inspiradas nas idéas de Goethe, sobre a comprehensão mutua profunda e a solidariedade entre todos, cerca de 250 creaturas realizam, bem longe do mundo, uma nova maneira de viver.

O ponto central da sociedade de Odenvald é a *responsabilidade* de cada qual comsigo mesmo e com os demais.

Duas vezes por mez o *Parlamento escolar* reune adultos e pequenos sob a direcção dos mais jovens para discutirem as questões que interessam á Escola.

A disciplina que ahi reina é interior e decorre da sua propria organização. Não ha programmas, nem classes. O trabalho dos professores é despertar as actividades, em todos os ramos da educação, theorico ou pratico, social ou artistico.

Em cada sala ha todo o material indispensavel: officina, laboratorio, bibliotheca e as creanças podem procurar na sala conveniente o que faltar, cabendo-lhes a arrumação e ordem de toda a casa.

E' um novo mundo que se gera nestas officinas do futuro. Mundo de mais belleza e de mais amor.

No momento em que os corações se voltam para a figura sideral de Goethe, não se deve esquecer que a educação lhe deve uma das maiores creações que os principios da "Escola Nova" têm inspirado aos homens.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

A reacção anti-modernista

A literatura moderna é um mysterio inquietante. Da educação sentimental classica, cheia de ternuras pantheistas e ardores sexuaes, deriva toda a opposição ao espirito dominante. Longe da realidade immediata da vida, essa educação gerou influencias lyricas, aventuras galantes e conflictos engenhosos. Depois da guerra, a Europa iniciou a grande reacção. Uma atmosphera de forte curiosidade envolveu as obras de Gide, Mauriac e Maurois. Faltava o novellista da gente do mar, dos contrabandistas, dos piratas, das mulheres publicas, das almas diabolicas, e surgiu Pierre Mac Orlan. Faltava o romance do ar, e Antoine Saint-Exupéry deu-nos uma impressão da vida dos pilotos, entre o oceano e o deserto, na tragica Mauritania, ainda inexplorada, ainda homicida, ainda fanatica. O espirito academico amava as narrativas de Rosny, feitas de paixões e de massacres, pequenos quadros para uso de intelligencias primitivas, schematicas, em que tudo terminava na apologia do amor ou da morte. Coube ao rumeno Panaït Istrati renovar as linhas essenciaes do romantismo da *rive gauche*, com os seus ciclos de heroinas de alma ardente, os seus dialogos entre o homem e a natureza, creando uma poesia profunda e mysteriosa da vida. A renovação da prosa seria o inicio da reconstrucção da poesia. O tambor cadencioso da rima já fatigava os espiritos e os themas preciosos ou puramente descriptivos não podiam subsistir ante os appellos emotivos, reaes, dramaticos, da hora actual do mundo. A poesia declamatoria foi a poesia sem alma, como a sua época, em que tudo era rude, obscuro, imperfeito, e os estados musicaes, as notas vivas do espirito ganharam expressões grandiloquentes. O modernismo estancou as fontes sonoras do romance e do poema. A' verdade formal alliou-se a expressão agil, independente, rica de sentido. Contra essas idéas estranhas, ergueu-se a critica tradicionalista, classificando de arbitrarios os theoremas estheticos modernos e emprestando á pintura o caracter de equação algebrica. Essa critica defende o canon classico da belleza — os motivos extrahidos da legenda, da historia, da mythologia — e se mostra adversaria de toda a inspiração leve e ardente. A critica academica, reflexo da reacção anti-modernista, não acceita a controversia e só admitte as audacias dos mestres dos seculos dezesete e dezoito. E' um espectaculo melancolico, sem duvida, porque falta ás obras escolasticas, além da technica livre, um sentimento e uma consciencia. Na pintura, o colorido intenso de Monet e Renoir domina inteiramente os espiritos, fugindo ao byzantinismo gracioso para nos dar a vibração da luz, o aspecto subjectivo da belleza e a synthese das idéas do mundo visivel. Póde-se dizer que as artes plasticas prepararam a sensibilidade da nossa época, seja pelo impressionismo, imagem do realismo integral, seja pelo individualismo agora interessado em diminuir o realce dos volumes e tornar o estylo das figuras cada vez menos literario. A pintura moderna é impressionista, procura fundir o homem e a natureza, o subjectivismo e o realismo, envolvendo paizagens e sensações para maior rigor e effeito da technica. O tom classico da pintura latina actual está em todas as creações de Derain e Pissarro como no individualismo de Seurat e Demeurisse. A architectura, clara e simples, conduzida em França por Corbusier, orientada na Allemanha por Mies von de Rohe, illuminada na Italia por Sartoris, guiada na America do Norte por Frank Lloyd Whright tambem se aproveita dos materiaes novos, da verdade objectiva, do clima e dos costumes de cada povo, para nos dar uma fulgurante renascença da actividade humana. A musica, enriquecida de elementos fortes e originaes, extrae do folklore os mais bellos e altos motivos de inspiração, marcando novos rumos á technica e côres saudaveis em todas as direcções. Sem duvida, os romances intimistas conquistaram aquellas intelligencias normaes que Jean Dorsenne disciplinára atravez as suas epopéas polynesianas, as suas bayaderas hindús, as suas legendas de sabor oriental, celebrando violentas decorações de harens e kalifas de morbida sensibilidade. Grimanelli descreve a immensa volupia da natureza tropical, as resonancias da vida exterior, fantasia singular que serviu afinal para revelar as relativas conquistas do espirito moderno. O momento é ainda indeciso para a literatura modernista, onde se accentuam vozes de todas as procedencias, desejosas de vencer o resto de tristeza que o passado nos deixou como vestigio da nossa irremediavel angustia lyrica.

BEZERRA DE FREITAS.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES, *por* FRANCISCO VENANCIO FILHO *e* EDGAR SÜSSEKIND DE MENDONÇA — Comp. Edit. Nacional, S. Paulo, 1932.

O professor Venancio Filho é um dos mais esclarecidos e esforçados propagandistas das modernas idéas pedagogicas e dos novos methodos de ensinar. Engenheiro, estudioso de questões de physica, espirito educado nas sciencias de experimentação e observação, tem-no preoccupado sobretudo o aperfeiçoamento dos processos didacticos empregados no ensino dessas sciencias. Tendo já publicado, de collaboração com Pedro Pinto, os *Problemas de Physica e Chimica*, e, com Jonathas Serrano, *Cinema e Educação*, estampou posteriormente o interessante livrinho *Educar-se para educar*. Agora vem a lume mais um dos seus conscienciosos trabalhos — *Sciencias physicas e naturaes* — escripto de parceria com Edgar Süssekind, e editado em volume com excellentes gravuras pela Companhia Editora Nacional.

O ensino das sciencias de observação e experimentação tem, no plano geral da educação intellectual, um duplo objectivo. Primeiro: o conhecimento exacto dos aspectos e phenomenos da natureza, pelo menos daquella que nos rodeia. Segundo: o adestramento das nossas faculdades de observação e da nossa capacidade de procurar causas, discernir effeitos, concatenar factos, deduzir ou induzir consequencias. Baseados nessa concepção do valor educativo das sciencias physicas e naturaes, syntheticamente expressa nas epigraphes, de Roquette Pinto e Paul Bert, que figuram na primeira pagina do livro, explicam os professores Venancio Filho e Süssekind uma larga série de phenomenos physicos, chimicos e biologicos observaveis na vida quotidiana e no ambiente em que vivemos. Essas noções, expostas em linguagem simples e concisa, são sempre acompanhadas de exercicios experimentaes, tendentes a despertar na criança o gosto de aprender por si e a fixar-lhe ao mesmo tempo na memoria, com mais vigor, os factos estudados.

Organizado com tão lucido espirito critico, o compendio dos dois illustres pedagogos vem naturalmente prestar magnifico auxilio aos nossos educadores.

S. B. C.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

VESTIDOS — CHAPEUS
LINGERIE

(da alta costura de Paris)

CARTEIRAS — COLLARES
FLORES, ETC.

(artigos da ultima moda, recentemente recebidos de Paris)

DE PARIS

CHARLES LE GOFFIC

"Quand je mourrai, que ce soit chez vous, ma Bretagne"

Eis o que escrevia Charles Le Goffic poucas semanas antes de morrer. Esse desejo foi satisfeito. A Bretanha inteira está de luto pelo seu poeta e com ella a França Litteraria. Com o amor do paiz natal foi a litteratura a paixão de Charles Le Goffic.

Nascido em 1863, em Lannion, nas Côtes du Nord, descendia pelo lado materno de uma familia de gondoleiros trazida a Versalhes por Colbert para fazer navegar no Grand Canal Luiz XIV e sua côrte, e era filho de um editor de Lannion que costumava receber todas as noites em torno da lareira familiar os bardos de passagem. Fazia-os recitar e cantar.

Chegado á idade de tomar rumo na vida, depois de solidos estudos classicos no Collegio de Lannion e mais tarde na Faculdade de Caen, entrou para a Universidade, mas tão sómente para seguir uma carreira que o approximasse da vida litteraria.

Em Paris, para onde veio depois, fundou com Maurice Barrès e outros amigos uma revista, *Les Croniqueurs* e publicou varios volumes de poemas de inspiração e forma puramente parnasianas, mas nos quaes se reflectiam o seu idealismo e a sua sensibilidade de celta: *Amour Breton, Le Bois Dormant, Le Pardon de la Reine Anne.*

O professorado a que se dedicou em differentes Lyceus não o reteve por muito tempo e não tardou a abandonar o ensino para consagrar-se inteiramente ás lettras e ao jornalismo. As suas excellentes qualidades de critico revelaram-se em estudos magistraes especialmente sobre Saint-Simon e Racine, e, como romancista, affirmou-se sobretudo em *Crucifié de Keraliès, Broc d'Argent, Madame Prugellon.*

A guerra fel-o apparecer como historiador de mérito invulgar com *Les Marais de Saint-Gond, Bourguignottes et Ponpons Rouges* e *La Chouannerie;* mas foi na epopea dos fusileiros navaes nas planicies da Flandres, relatada em *Dixmude*, que realizou uma das mais empolgantes monographias que inspirou a Grande Guerra.

Mas Charles Le Goffic era antes de tudo poeta e os versos que deixa ficarão sendo o mais bello florão da sua corôa de escriptor. Na poesia de inspiração bretã, repassada de tristeza e doçura, occupa um logar á parte.

Costumava perguntar: "Sabe o significado do meu nome?" E explicava: "E' um diminutivo de Le Goff, que quer dizer "o ferreiro": mas no sentido lato e profundo do termo, isto é o trabalhador, o artifice." Le Goffic, esse ferreiro-poeta malhou até o ultimo instante a sua bigorna de ouro e morreu justamente no momento em que apparecia o segundo volume das suas *Poésies Complètes*, que lhe teria grangeado, si vivo fosse, a mais pura gloria.

Si este poeta regional mergulhava raizes no mais profundo do torrão natal, o seu canto projectava-se para além do horizonte da sua provincia; era mais e melhor que um poeta descriptivo aquelle que tinha para celebrar o rouxinol accentos como estes:

Si pur, avec son timbre ancien
Doux comme un lied, lent comme un thrène,
Le chant du noir musicien
Tantôt plane et tantôt se traine...

Précurseur des derniers apprêts,
Rossignol des nuits sans aurore,
Qu'on sera bien sous les cyprès
Où tour à tour monte et s'éplore

Ton chant d'extase et de regrets!

Charles Le Goffic tinha sido chamado em 1922 á Presidencia da Société des Gens de Lettres, e em 1930 eleito para a Academia Franceza na vaga de François de Curel; a 4 de junho do anno passado fôra recebido "sous la Coupole" por Henry Bordeaux.

Não gosou por muito tempo o titulo de Immortal que tão ardentemente ambicionára e que foi a consagração de uma longa e honesta carreira de escriptor quasi exclusivamente dedicada á exaltação da sua terra natal. Uma filha adorada fôra-lhe arrancada pela morte na idade de dezoito annos; para choral-a achou Le Goffic admiraveis accentos de profunda e mal contida angustia:

L'hymen ne t'a pas ouvert ses portiques;
Nul choeur, dans le soir vaporeux et doux,
Au son cadencé des flûtes celtiques
Ne t'aura conduite au seuil de l'époux.
.....
Mais, ô brune enfant dans l'ombre endormie
Les beaux lieux, objet de ton jeune émoi,
N'ont pas oublié leur petite amie,
Et tout ce pays est peuplé de toi.

Elle mesmo tinha marcado o logar onde queria ser enterrado no cemiterio de Lannion, onde agora repousa ao lado da filha. Gostaria de dormir alli, costumava dizer, porque assim ficaria perto della e no seu torrão natal.

Amis, je veux vieillir et mourir parmi vous,
L'hiver même et ses dards cruels me seront doux
Si je puis abriter ici mon dernier songe...
....Je ne me plaindrai pas des rigueurs de la Parque
Si, quand le noir Passeur me prendra dans sa barque
Un peu de vous, Bretagne, y descend avec moi.

Em Charles Le Goffic a Bretanha chora um dos poetas que melhor souberam exprimir-lhe a alma complexa e absorvente onde a necessidade do sonho se allia a um despreso fatalista da morte.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

— D. H. Lawrence, que Katherine Mansfield tanto admirava ("He is a living man", escrevia ella), vem de ter uma nova obra traduzida para o francez. *L'Amant de Lady Chatterley* apresenta, na traducção de Roger Cornaz, um prefacio de André Malraux, ainda ha pouco vencedor de um importante premio litterario, e, segundo um leitor brasileiro que vem de percorrer o livro, encerra trechos de um agudo erotismo que devem ter escandalizado enormemente os consumidores de novellas puritanas de Londres e adjacencias.

— Marcello Auclair acaba de levar ás margens do Sena o *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Guiraldes, novella que muitos consideram a melhor até agora composta em terras sul-americanas. Guiraldes, o escriptor argentino morto ha pouco e que tão grandes louvores recebeu de Valery Larbaud, adquire assim uma irradiação cosmopolita, elle que immortalizou, em Don Segundo Sombra, uma figura regional de grande significação na alma e nos costumes do pampa, realizando uma arte que é bem de seu tempo e de seu paiz.

— O ex-conde Tolstoi e Maximo Gorki vão redigir, de collaboração, libretos para operetas de caracter communista.

P E D R O I I

A PROPOSITO DE DOIS LIVROS RECENTES

"Como no Brasil tudo é tendencia" (a phrase é do meu querido Gilberto Amado), deixem-me antes de entrar no assumpto desta nota, fazer uma profissão de não-fé. O abaixo assignado declara ao publico, á praça e aos seus amigos que não é nem monarchista nem republicano, pois para elle as fórmas de governo não têm, por si mesmas, a menor importancia. O rei George V é tão bom presidente da Republica como o sr. Paul Doumer. Na Inglaterra, sendo monarchia, é o inglez mais livre do que o norte americano nos Estados Unidos com todo o seu Washington e toda a sua estatua da Liberdade. A Dinamarca, cujo rei governa com os socialistas, é uma democracia pelo menos tão admiravel como a Suissa, cujo verdadeiro rei é o plebiscito.

Mas porque não sou monarchista? — pergunta esta que raros brasileiros devem ter feito a si mesmos... Por ser radical-nacionalista, partido que não existe nem existirá tão cedo... Não temos dynastia nacional em primeiro logar, como a têm a França, por exemplo, na familia Orleans, e a Allemanha nos Hoenzollern e nos Wittelsbach. Consequencia desta razão que dou do meu não-monarchismo: não comprehendo que um principe que se diz brasileiro e rege seus compatriotas, quando chegue o momento de casar-se, tenha de importar do estranjeiro uma consorte, como si no meio de tantas e tantas brasileiras distinctas não houvesse uma só digna de cingir o diadema de Imperatriz do Brasil. Isso eu não posso tragar.

E porque não sou republicano? Porque não ha Republica. De 89 para cá tem o Brasil oscillado entre a anarchia e o despotismo, entre a tyrannia e a mashorca, mas isso não é Republica. Dizem os monarchistas que Republica é isso mesmo. A Suissa, porém, os desmente. Em resumo, não tendo preferencia por nenhuma fórma particular de governo, digo: no dia em que tivermos dynastia genuinamente nacional, serei monarchista, reservando-me, porém, o direito de ser republicano no dia em que se fundar a Republica. Entretanto, a continuarem as coisas pelo rumo em que vão, creio que nem d'aqui a duzentos annos a teremos entre nós...

* * *

Escorreram-me do bico da penna estas caturrices depois de ter lido dois livros bem interessantes que recebi do Brasil: *A Vulgarização do Saber*, pelo prof. Miguel Osorio de Almeida, e *Figuras do Imperio*, pelo dr. Baptista Pereira.

Não venho aqui fazer a critica de taes livros, até porque não sou critico litterario. Ambos me inspiraram dizer alguma coisa acerca de Pedro II em relação ao seu meio e nada mais. Comtudo sempre tecerei louvores á simplicidade e elevação com que escrevem ambos os autores, sendo que o sr. Baptista Pereira merece parabens por ter abandonado quasi de todo o séstro de pastichar Ruy Barbosa, o qual por sua vez, podendo ser *elle mesmo*, preferiu passar parte da vida pastichando Vieira (que nem sempre tem bom gosto) e Latino Coelho, um dos generaes de artilharia, ou engenharia, mais pedantes e mais cacetes que já têm marchado pelas casernas deste planeta. Neste livro o sr. Baptista Pereira *é si proprio* e isto brilhantemente, embora, por vezes, tenha ainda suas recahidas do mal do purismo excessivo. Mas não posso deixar de colher na pagina 262 do livro, ao tratar de Rudyard Kipling, uma *naïveté*, que é esta: "Anatole France foi mais feliz do que o autor do *Junggle's Book*, Ruy acolheu-o na Academia de Letras com um estudo maravilhoso, etc.". Esta de quasi lamentar Kipling por não ter conhecido o velho jurista Ruy... Kipling, poeta imperialista, estava muito mais preoccupado com a *Victoria Regia* e com os nossos tatús. O liberalismo seredio de Ruy o deixaria indifferente, ou, no maximo, com um sorriso ironico á flôr daquella boccarra horrifica, para empregar adjectivo tão querido de Rabellais.

O prof. Miguel Osorio, com a autoridade do seu talento e do seu saber, faz a Pedro II a justiça a que tem direito aquelle grande brasileiro e grande principe, aquelle Chefe de Estado que nos governou 49 annos a fio sem decretar estado de sitio nem amordaçar a imprensa — *res miranda populo!*... Como reconhece o prof. Osorio, elle não estudava só pelo egoismo de saber ou por tola vaidade, e accrescenta: "Tendo a formar o Brasil, nada lhe poderia ser extranho. Era necessario que toda a vasta cultura humana fosse delle conhecida, e foi assim que se esforçou por tudo conhecer, para ao menos saber do valor de cada coisa." Exactamente. O meio, porém, era, como ainda continúa a ser, hostil á intelligencia. E o caso da passagem de Venus pelo disco do sol em 1882 é typico. Está no livro do dr. Baptista Pereira.

O Imperador pediu ás Camaras nesse anno um credito de 60 contos (leiam bem, senhores, apenas 60 contos ao cambio de 27 d. e em paiz solidamente prospero) para facilitar aos nossos astronomos os meios de fazer em torno do phenomeno as suas observações scientificas, Pois só por isso, foi Sua Majestade combatido, troçado, chasqueado, vilipendiado, póde-se dizer, em plena Camara! E por quem? Por algum ignorantaço, algum labrego, algum boçal? Não: por Ferreira Vianna, homem intelligente e culto. O sr. Baptista Pereira classifica como "flechas de ouro" os chistes de Ferreira Vianna. De ouro, não. Latão dourado, sim. Puro pechisbeque. Eis uma "flecha de ouro" acerca da equatorial: "São coisas, senhor presidente, mesmo de astrologia. Si dissesse, V. Exeia. poderia talvez soffrer como eu soffri, quasi tive uma syncope, quando soube que ha ali um vidro, a que chamam objectiva e custou 20:000$000!" (Riso).

Ahi está! Quando o monarcha deseja incrementar a alta sciencia no seu atrazadissimo Imperio, começando por esse modo a formar uma elite, apparece um homem instruido e criva-o de soezes sarcasmos!

Homens taes, como Ferreira Vianna, Silveira Martins e outros, que chegavam a injuriar a pessôa do Principe, fizeram muito mais pela Republica do que o punhado de republicanos mais ou menos vagos que andavam por ahi. Não fallo de Ruy, porque este, segundo elle proprio o confessa no prefacio da *Quéda do Imperio*, não era republicano, embora atacasse o Gabinete de 7 de junho. E não seriam os artigos bombasticos de Quintino nem as arruaças de Silva Jardim que teriam derrubado o throno, si este se tivesse cercado de homens

LETTRAS HESPANHOLAS

"Où sont les neiges d'antan?" — perguntava, ha seculos, François Villon. "Onde estão os senhores da velha geração litteraria?" — perguntava, ha dias, um publicista de Madrid.

Que é feito do retorcido Valle Inclán, "este gran don Ramón de las barbas de chivo", como dizia Rubén Darío?

Oriundo do Mexico, tendo sido monge, espadachim, guerrilheiro, Valle Inclán celebrizou-se pelos seus romances historicos sobre a guerra carlista e pelas suas *Sonatas* e *Sonatinas* em prosa deliciosamente rythmica, que ás vezes não significava cousa nenhuma, embora fosse uma caricia para os ouvidos do leitor. Enthusiasta de Eça de Queiroz, que verteu para o castelhano, esse descendente de fidalgos gallegos é o interprete de uma raça audaz e aventurosa. Não comprehende historia sem arrepios de epopéa. Fala frequentemente em punhaes e em brazões. O marquez de Bradomín, uma das suas creações mais typicas, é o derradeiro representante de uma velha estirpe aristocratica, nauseado pela mediocridade, pouco decorativa, dos contemporaneos.

Extremamente personalista, querendo impressionar tanto pelas attitudes de gentilhomem quanto pela pompa verbal dos periodos, Valle Inclán passeou muitos e muitos annos pelos cafés e botequins de Madrid uma longa figura magra e espectral que os caricaturistas costumam collocar nos cemiterios, á guisa de cypreste, entre corujas, morcegos e outros bichos presagos. Gosta bastante da Hespanha dos caudilhos e dos contrabandistas, dos bandidos e dos mendigos pittorescos. Suas paizagens estão sempre borradas de sangue.

Barbey d'Aurevilly, — eis, sem duvida, um dos autores de cabeceira do escriptor do *Cofre de sándalo* e do *Jardín novelesco*.

— Quanto a Salvador Rueda, que andou aqui pelo Rio entre 1913 e 1915, é um poeta delirante de sol, ao menos no que escreve, porque, se realmente o fosse como homem, teria morrido logo de insolação. Feio a valer, nunca o elevaram a modelo de elegancia, ainda que, nos seus poemas, descreva diversos sarãos nobres, torneios cavalheirescos e se gabe de haver saboreado os beijos das princezas. Indo a Cuba, ali se fez coroar de louros, em festa publica, segundo se constata em photographia collocada á frente de um volumosissimo volume de Rueda.

— Eduardo Marquina, dramaturgo e poeta, lançou um tomo de *Elegias*, por signal que bastante prosaicas, de um lyrismo de burguez de bom senso, que converte as lagrimas, habilmente, em vidrilhos commerciaveis.

— Juan R. Jiménez tossiu longamente uma tuberculose romantica adquirida na juventude, e é um dos rimadores predilectos da declamadora Berta Singermann. Artista do outomno e do crepusculo, vae muito bem nos entretons, nas notas fugitivas que recordam a decomposição de um prisma lunar.

— De inspiração mais classica, mais de accôrdo com os mestres do Parnaso Castelhano, Antonio Machado jámais dispensa a mythologia grega e as suas allegorias bucolicas não ficariam mal entre os pastores e os carneiros da Arcadia.

— Ramón Pérez de Ayala, bem maior como romancista que como versificador, está tendo agora um grande relevo na politica republicana, e cremos que foi mesmo escolhido para alta funcção diplomatica no estrangeiro.

— Finalmente, em Enrique Diez Canedo subsistiu sempre um pouco de creança e um pouco de mulher. Enamorado das lendas da Peninsula, ouviu as vozes mysticas de Luiz de León. Trabalhando demais as suas estrophes, matou-lhes a espontaneidade, annullando a vivacidade do primeiro jacto com a sobrecarga de imagens e a visivel mania da rima opulenta. Desde a estréa, não lhe foram estranhas as litanias de Rossetti e as arietas de Verlaine. Cantou o inverno, as aguas e as arvores, os grillos e os bandos de ciganos...

L E I A M :

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

A VULGARIZAÇÃO DO SABER

(Ensaios)

A R I E L , e d i t o r a l t d a .

A AMERICA VISTA POR UM CRITICO EUROPEU

Depois da grande guerra, cuja repercussão sobre a America do Norte foi mais economica que cultural, alguns espiritos, talvez pouco argutos quanto ás relações de interdependencia entre os povos, começaram a fallar na existencia de uma nova ideologia, baptisada sob o pomposoto titulo: civilização americana.

Ao nosso vêr não existe uma civilização americana particular diversa da européa, e, muito menos, a esta superior, sob qualquer aspecto que se estude a grave questão.

De facto, quando se examinam objectivamente as idéas dominantes na Europa occidental e nos Estados Unidos, vemos que o paiz dos yankees reproduz completamente a velha concepção do Estado baseada sobre a propriedade.

Temos assim, nesse ponto capital, a mais perfeita identidade entre os dois mundos.

Em verdade, se dissemelhanças existem, reduzem-se, apenas, a systemas economicos orientados sob a nova fórma dos grandes *trusts*. As differenciações são, em consequencia, differenciações de processo. A Europa não adopta o *standard* americano, rege-se, portanto, por outros methodos de producção e redistribuição de riquezas.

No dominio cultural a America continúa sendo uma filha bastarda do velho mundo. A Europa é mais espiritualizada, emquanto os Estados Unidos, paiz da massa, revoltam-se contra o espirito, para idealizar a machina e o dinheiro.

A Europa é mais livre, emquanto a America é a restricção do verdadeiro liberalismo. A Europa é o individualismo, a America a tyrannia quasi absoluta do Estado: lei secca, eugenia, e, por fim, não ha muito, a expulsão do parlamento de deputados eleitos pelo partido communista, e o conhecido caso dos professores impedidos de expôr a doutrina de Darwin.

São todos esses aspectos muito estudados no livro sagaz, livro sincero e honesto, de Georges Duhamel, *Scènes de la vie future*, Paris, 1931, edição do *Mercure de France*, em que o europeu, justamente se rebella contra a hypothese de, no futuro, vir o velho continente a reproduzir o quadro da America dos nossos dias.

UBALDO SOARES.

á altura do momento. Muito menos ainda os conciliabulos daquelle melancolico *raté* chamado tenente-coronel Benjamin Botelho. (Não o designo por outro nome por não querer irritar os manes do autor do *Adolphe*). Mais tarde, quando já não havia remedio para as devastações que praticava a Republica, pozeram-se a lamentar-se como Jeremias. Tarde demais. Nas monarchias constitucionaes, desde o momento em que a pessôa do rei deixa de ser "sagrada e inviolavel", desde que comece a ser visada pelos seus proprios servidores, rue por terra o throno. Por isso, em 89, bastou que a soldadesca se indisciplinasse e se amotinasse para que o Imperio desapparecesse. Preso o ministerio, achou-se o Imperador sózinho! Singular paiz, o nosso, em que a Monarchia morreu por falta de monarchistas e a Republica se fez sem republicanos!

ANTONIO TORRES.

— A litteratura de viagens continúa a interessar os europeus. Não só os productos contemporaneos, dos Chadourne, dos Malraux, dos Fauconnier. Tambem os productos de outros seculos, como essa viagem ao interior da Africa, do naturalista Le Vaillant, que o amor ao estudo das plantas e dos bichos conduziu a paragens de difficil travessia e onde ninguem commetteria a loucura de esperar as delicias do conforto parisiense.

— Já chegou ao nono volume a *Historia do sentimento religioso em França*, do abbade Brêmond, tão exaltada por Edmond Jaloux. Brêmond, um dos campeões da poesia pura, é por alguns reputado um fino degustador de livros, emquanto outros o comparam aos abbades preciosos que, nos salões do hotel de Rambouillet, ajudavam a compôr bilhetes e rondós galantes para a guirlanda de Julia.

— Emile Guillaumin sempre foi um enthusiasta do seu recanto e num bello romance *A tous vents sur la glèbe*, apresenta-nos, ao invés dos fantoches ruraes em que se comprazem os mãos descriptores da vida do campo, creaturas reaes, absolutamente fidedignas nos vicios e virtudes que as acompanham. Movido por uma especie de idealismo activo, Guillaumin não esquece nunca o "valor de alma" que existe em certos cultores da gleba.

Charles Nicolle — BIOLOGIE DE L'INVENTION. — Librairie Félix Alcan, Paris, 1932.

Charles Nicolle, microbiologista conhecido no mundo inteiro, premio Nobel de Medicina em 1928, escolheu um assumpto difficil para um homem em sua posição, e portador de um nome consagrado. Escrever sobre as caracteristicas essenciaes do homem de genio, é tarefa quasi inabordavel. Si o auctor não é e não se julga um d'elles, só póde fazer um trabalho de documentação e de analyse o mais das vezes superficial, sem possibilidade de penetrar fundo no segredo d'essas mentalidades extranhas.

No caso contrario, se está inteiramente convencido de sua superioridade e não duvida de se vêr incluido na classe restricta d'esses entes excepcionaes, não escapa á tentação de se descrever a si proprio, tomando como modelo o seu caso pessoal, e demorando-se em uma mal disfarçada admiração de suas qualidades e mesmo de seus defeitos. Insensivelmente uns e outros são generalizados, apresentados como caracteristicas do grupo. Apezar de todas as suas precauções — e esse é mesmo o titulo de um de seus primeiros capitulos, onde o auctor trata de definir sua posição pessoal — Nicolle não poude escapar a esses perigos. Em todas as paginas de seu livro sente-se sua personalidade sempre presente. Os exemplos de grandes descobertas que apresenta são quasi todos tirados de sua propria actividade scientifica, e quando não, procura-os entre os seus collegas ou os seus mestres, cultores das mesmas sciencias.

Assim, esse pequeno volume tem todo o interesse e toda a vivacidade de um depoimento pessoal, escripto antes com benevolencia que com imparcialidade. Mas, em seu desenvolvimento, está longe de corresponder ao seu titulo geral. Todas as vezes que Nicolle procura expôr um thema menos restricto, como o papel das differentes raças no progresso dos conhecimentos, a capacidade intellectual da mulher, ou o futuro da sciencia, deixa-nos insatisfeitos. Nenhuma documentação, apenas algumas idéas, ou antes, impressões um pouco vagas, senão essencialmente discutiveis.

Essas pequenas restricções não tiram ao volume o seu valor proprio, desde que seja comprehendido em sua verdadeira natureza. A personalidade do auctor, que a cada passo encontramos, ainda mais se realça em seu estylo, um tanto duro, mas por isso mesmo penetrante e incisivo. Algumas paginas merecem registro, e entre ellas, as que se referem á velhice e decadencia do homem de genio.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

UM ACTOR BRASILEIRO

Leopoldo Fróes, que eu, muito pequeno, vi desempenhando em Parahyba do Sul o papel de protagonista do Assassino de Macario, *peça original ou "arreglo" de Camillo Castello Branco, fará sem duvida falta a um theatro, qual o nosso, em que pullulam os Pintos Filhos e os Brandões Sobrinhos.*

Venho de alludir a uma das suas representações no interior do Estado do Rio, quando ainda não era figurão do palco e ainda não fôra prestigiado por uma estadia em terras da Europa. Mas é evidente que, depois disso, tive ensejo de conhecel-o melhor aqui mesmo no Rio, acompanhando-lhe as passadas e os dialogos no tablado, ás voltas com peças de Bernstein, de Croisset, de França Junior. Dono de um prospero guarda-roupa e gesticulando com menos exuberancia meridional do que nos tempos de Parahyba do Sul, quando os seus punhos quasi attingiam os espectadores da primeira fila do theatrinho da cidade, — Fróes expressava-se, já então, em syllabas claras, e não lhe faltavam felizes lances de fina percepção psychologica.

Filho de um lente de direito, queridissimo da estudantada e proprietario dos maiores bigodes que já admirei neste paiz, e sobrinho de um amavel bibliophilo, mestre do sorriso que dispunha de uma technica especial para cumprimentar o proximo, — Leopoldo sabia vestir-se e nunca appareceu em scena com as roupas muito novas e os sapatos muito rinchantes.

A rigor, poderiam apenas observar-lhe certa monotonia de caracterização, certa impossibilidade de mudar de cabeça, como os "caracteristicos" francezes á Signoret que surprehendem o publico com uma physionomia sempre differente da da vespera, sendo hoje um notario, amanhã um general e depois de amanhã um cura com todos os traços e tiques da funcção, da profissão.

Fróes, que não era ignorante da boa litteratura theatral, foi tambem um traductor de peças gaulezas, além de haver composto uma canção intitulada Mimosa, *que foi popular aqui mais ou menos um semestre, pondo em contribuição todas as almas e todos os pianos romanticos. Pequeno delicto bem desculpavel, partindo como partia de quem foi, nos dois ultimos decennios, o maior dos nossos actores e tão tristemente vem de morrer agora num sanatorio da Suissa, longe da familia, dos amigos, dos confrades...*

AGRIPPINO GRIECO.

RODRIGO OCTAVIO FILHO — OSORIO — Imprensa Nacional — Rio, 1931.

Membro do Instituto Historico, o sr. Rodrigo Octavio Filho, que é autor da série de poemas *Alameda nocturna* e vae dedicar um ensaio ao nobre poeta Mario Pederneiras, dá-nos, em bella fórma oratoria, o seu opusculo sobre um dos melhores servidores do paiz. A vida de Osorio é fixada com enthusiasmo civico, e a popularidade que o sagrou um dos grandes nomes da nossa historia militar, os seus ditos pittorescos, as suas attitudes de creatura a um tempo voluntariosa e bôa, as suas virtudes de homem da paz e os lances épicos que justificam o epitheto de legendario com que adultos e creanças o rememoram entre nós, — tudo isso o sr. Rodrigo Octavio Filho disse em linguagem clara e honesta, estando bem á altura do assumpto e da sua dignidade de brasileiro enthusiasta de um dos maiores brasileiros de todos os tempos.

★

ALBERTINO MOREIRA — TERRA DE NINGUEM — Revista dos Tribunaes — S. Paulo, 1932.

O sr. Albertino Moreira é um pessimista que não occulta a tristeza com que encara os aspectos de inercia ou — ainda peor — os aspectos de ruim actividade dos nossos patricios. Mas o seu pessimismo vem paradoxalmente saturado de certo enthusiasmo constructor e, longe de representar a baixa irritação de um misanthropo, de um negador esteril, representa apenas a sinceridade, a lealdade de quem, nem por ver o paiz atacado de graves endemias moraes, desiste de tratal-o, de cural-o. Ainda que a vaidade não o leve a propôr-se o papel de clinico de um doente de tamanhas proporções, não deixa elle de trazer as suas achegas para o diagnostico dos males que nos affligem. Moço, muito moço sem duvida, e mal sahido da poesia lyrica, o sr. Albertino Moreira póde ás vezes equivocar-se nas conclusões, mas o certo é que o faz sempre com o mais nobre desinteresse e apenas movido pelo seu desejo de bem servir o Brasil.

Leiam ainda este mez:
O ANEL SENSUAL

FIALHO D'ALMEIDA

A gloria de Fialho d'Almeida está, toda ella, preservada do caruncho do tempo e do esquecimento dos homens, porque a sua obra representa, com todas as suas falhas, um dos legitimos florões da lingua portugueza.

Indiscutivelmente, como acontecêra ao seu companheiro Eça de Queiroz, ninguem poderia affirmar, sem injustiça, que os seus escriptos não possuam, tambem, um certo perfume profano, daquillo a que os grammaticos chamam *gallicismo*, e é, na realidade, o entalhe, a mistura ou o mosaico com que enfeitaram ou afeiaram a lingua materna, mesclando-a de certos termos ou expressões que lembram e definem outros meios e outras civilizações.

Por muito rico e seivoso, porém, que seja um idioma, nenhum delles dispensa, já não direi a intromissão indebita de estrangeirismos inuteis e insolentes, mas aquella outra achega ou imitação que, collaborando na construcção syntatica, dá a uma pagina de arte, certa elasticidade e desenvoltura de que ha carencia na construcção natural dos classicos.

O celebre artigo de Eça de Queiroz, acerca do *francezismo*, esclarece e esgota o assumpto, maravilhosamente. De um certo periodo litterario para cá, todas as civilizações são, mais ou menos, subsidiarias da terra de Voltaire.

Fialho d'Almeida, da mesma época, não poderia fugir ao epitheto, aliás muito justo, de escriptor impuro, com que o designaram os criticos de sua geração, não só pelo artificialismo estrangeiro enxertado em suas producções, mas, ainda, pelos termos obscenos, plebeus ou obsoletos, catados nos diccionarios, ou recolhidos á lingua depravada do povo para, com elles, movimentar as suas construcções ou, ainda, dar realce e ambiente do dia, aos seus pamphletos e objurgatorias.

Estudada por essa face, a obra formidavel e caracteristica do illustre escriptor, representa, innegavelmente, um diagramma exacto, sensibilissimo, uma verdadeira physionomia litteraria, viva e movimentada, da época em que viveu. Nella deparam-se todos os termos do baixo calão portuguez, todo o linguajar crespo das esquinas ou das espeluncas, retalhos crús da mouraria, um plebeismo de fazer corar aos mais despejados, de mistura com as expressões mais singelas e eloquentes desse neologismo popular que, através os tempos, vae, aos poucos, formando e enriquecendo um idioma. Ao lado, porém, dessa censura que acompanha e ferreteia, particularmente, a parte jornalistica dos seus volumes, é preciso não esquecer, tambem, a collaboração immensa, inestimavel, de Fialho, em relação aos neologismos, ás expressões e modismos por elle criados, inventados e introduzidos na lingua portugueza.

Pondo, portanto, de parte, muitos dos seus pamphletos vermelhos e iracundos que não mereciam a perennidade do livro, o que fica é ainda um trabalho vultoso, digno sob todos os aspectos, da acclamação e do applauso da critica mais exigente e severa.

Fialho d'Almeida é um escriptor em cuja formação entram, subsidiaria e simultaneamente, varios e multiplicados temperamentos e feições, que, por si sós, isoladamente, dariam saliencia a varios artistas. E', estranha e diabolicamente, uma mistura de anjo e demonio, que faz rir e chorar e faz pensar tambem.

Sua obra é toda nuançada, numa arcoirização phenomenal, de côres e imprevistos, do relampago da phrase causticante que estala, ás vezes, como chicotadas rispidas, ao arminho avelludado, manso, de uma ternura e de um conchêgo feitos de pennugens acariciadoras e fofêzas singulares de ninhos e de sêdas.

Releiam-se certas paginas de *O Paiz das Uvas*, da *Cidade do Vicio* e outras tantas, onde *A Madona do Campo Santo* avulta como um romance interrompido. E o que espanta, justamente, em Fialho, é esse polymorphismo, essa volubilidade, a possibilidade de construir com a mesma penna, quero dizer, com a mesma alma sabendo a fel e a vinganças, aquelle mundo á parte, onde a psychologia se acolchêta á vida e á realidade, ou sobe ao sonho e ao irreal, na phantasia, passeando por essas leiras onde se misturam os perfumes das plantas e das flores e onde se agglomeram, em symphonia, as melodias diversissimas de tantas vozes humanas e de tantos passaros canoros. Isso, denuncia em Fialho, mesmo sem aquella pagina autobiographica, o homem nascido no campo, acostumado ás longas caminhadas, aos longos repousos ou ás longas contemplações, entre as gentes simples e campesinas dos eirados nativos.

E' preciso, portanto, ao lado das excepções com que o analysam, não esquecer a contribuição immensa desse visual-auditivo, em cuja penna resplandecem os trechos de prosa que podem figurar ao lado dos mais lindos da lingua portugueza que elle soube orchestrar como ninguem.

A medicina tomou, á sua conta, a figura do grande escriptor, dissecando-lhe os soffrimentos e alinhando os seus males com a mesma volupia com que a critica investigou e analysou a sua obra. Uma explica o genio pela doença, outra explica a producção pela nevropathia do escriptor. Que ficará, de sobra ou de quebra, para a intelligencia do homem?!

Isso, porém, pouco interessa á Arte.

Fialho d'Almeida, elle mesmo, se desnuda intellectualmente deante do publico que o applaude ou apupa e da critica que o festeja e o aggride, para definir-se tal qual é, sem subterfugios, como esses carros carnavadescos vistos á luz crúa do dia, ou esses fundos calamitosos de theatro, com scenarios em folga, amontoados entre sarrafos, despidos da coloração e da pompa das gambiarras.

Soffrendo a depuração natural do tempo, a obra de Fialho d'Almeida, como acontece ao carvão subterraneo, perderá em extensão para augmentar na synthese das paginas eternas que vencerão os seculos incorporadas á immortalidade da lingua em que elle trabalhou e soffreu.

No momento em que um pugillo de admiradores vae erguer-lhe em Villa de Frades, sua aldeia natal, o pequenino bronze votivo, é de justiça que, todos nós que aprendemos a amal-o através o genio de suas paginas, applaudamos o gesto desses homens quasi fóra do nosso tempo tão ingrato ao sonho e ás lettras, rememorando e engrinaldando de flores uma das figuras mais illustres e discutidas de uma geração em que figuram no mesmo pé de igualdade — Anthero de Quental, Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz.

PHOCION SERPA.

HISTORIAS DE RASPUTIN

Num dos ultimos numeros da excellente revista berlinense *Der Querschnitt* encontro algumas notas interessantes a respeito das relações e palestras de Rasputin com Aronson, o celebre esculptor russo ha muitos annos residente em Paris.

Achava-se o artista em visita a San Petersburgo (era no segundo anno da Grande Guerra) quando um bello dia recebeu da imperatriz o surprehendente pedido de que esculpisse para ella um busto de Rasputin! Kowalewsky, o grande mathematico russo, conjurou Aronson a não perder aquella occasião. Este aceitou a encommenda, e Rasputin, o verdadeiro senhor de todas as Russias, começou a ir posar para o esculptor, no proprio atelier deste. Ia lá sempre acompanhado de mulheres. A sua alegria e orgulho de ver-se modelado por tal artista eram de uma criança. Fallava de seu busto por toda a parte e a todo proposito. Queria que toda a gente caisse em extase deante do gesso que figurava o seu focinho de labrego. Certa vez achava-se elle no atelier, como sempre acompanhado de damas, e notou que estas, sem ligar muita importancia á effigie delle, preoccupavam-se mais com outros trabalhos e principalmente com o busto do escriptor russo Yassinski. — "Quem é este?" — interrogou já raivoso. — "Um escriptor" — respondeu Aronson. — "Escriptores ha por ahi aos milhares, mas Rasputin só existe um!" — exclamou o camponio furioso, ao mesmo tempo que avançava para o busto com a intenção evidente de reduzil-o a migalhas. Foi difficil contel-o nesse dia.

A audacia desse labroste enxugador de garrafas e mais garrafas de vinho Madeira não conhecia limites. Outra vez deita elle os seus olhinhos claros e penetrantes sobre o busto da joven princeza Galitzin, uma das mais nobres e mais formosas fidalgas de San Petersburgo. As visitantes de Aronson contemplavam embevecidas a obra d'arte. "Que é que estais olhando? — bradalhes Rasputin. *Isto*, sim, é que deveis contemplar. (Aponta para seu busto). *A mim* é que deveis amar e não a essa criada de quarto!" Assim, esse Sileno bronco e sujo trazia por dentro da sua casca de rusticidade aggressiva a alma de um Narciso...

D'outra feita convidára Aronson duas senhoras de amigos seus para tomar chá no atelier. Rasputin compareceu, trazendo tambem outras duas. Mas á mesa, si o esculptor dirigia a palavra a qualquer das quatro damas, encontrava logo os olhos de Rasputin despedindo contra elle chispas de odio — tão ciumento era o medonho rustico! Terminou afinal o chá e todos se retiraram. No dia seguinte veio ter com Aronson a sua caseira, velha feissima, e lhe disse: "Até em mim o Apostolo Rasputin deu beliscões aqui atraz!" Mulher nenhuma escapava á furia libidinosa do monstro...

Outras anecdotas dá ainda o *Querschnitt*, mas já são minhas conhecidas por tel-as lido em differentes livros, cuja noticia talvez interesse ao leitor.

O principal delles, o que até hoje tenho lido de melhor sobre Rasputin é o do teuto-russo René Füllöp-Miller e tem por nome: *Der Heilige Teufel — Rasputin und die Frauen*. Está traduzido numa porção de linguas. O autor, como se vê pelo sobrenome, deve ter ascendentes britannicos, ou norte-americanos. O nome de baptismo é francez. A esposa sei que é alleman. Affigura-se-me uma especie de *mixtum compositum* ethnico. Isto, porém, não tem importancia. O seu livro, sim, é que é bem importante. Pelo methodo, pelos processos, pelo desejo evidente de exactidão e objectividade, assim como pela serenidade da exposição, ás vezes recorda J. Lucio de Azevedo. O autor teve do governo sovietico permissão para rebuscar a seu gosto todos os archivos russos onde podesse haver documentos, mesmo officiaes, que se referissem ao assumpto. O resultado das pesquizas foi um livro de primeira ordem. Diz elle que o livro de Bienstock não merece confiança. Rasputin é estudado por Füllöp-Miller sem prevenções, ás vezes até com certa dóse de sympathia que não exclue a imparcialidade, como Euclydes da Cunha estudo Antonio Conselheiro, esse casto Rasputin das brenhas. O monge fatidico é acompanhado calmamente pelo historiador desde os seus primordios como *mujik* pertencente á detestavel seita dos *Klysti* na Siberia até os seus triumphos na côrte, dominando o monarcha e sua consorte, e desde estes triumphos até o seu assassinato, a revolução e o desterro do tzar para Tobolsk.

Quem quizer completar os seus conhecimentos a respeito daquelle periodo da vida russa leia tambem *Le Règne de Raspoutine* pelo sr. Rodzianko, o antigo presidente da Duma. Este é inimigo acerrimo do *staretz*, mas seu livro esclarece certos factos politicos. Leia-se tambem o livro do principe Yussupoff *La Fin de Raspoutine*. Este joven principe narra sem pedantismos nem fanfarronadas, como se contasse uma simples viagem de recreio ao Caucaso, o modo como preparou e executou o exterminio do "Santo" com a collaboração de seu parente o gran-duque Dimitri, o deputado Purichkevitch e o doutor Lazovert, que se incumbiu de fornecer, como forneceu, o cyanureto de potassio para matal-o, veneno que não produziu o menor effeito no organismo do villão. O livro do principe Yussupoff é um dos mais sinistros que eu tenho lido. E' pelo menos tão sinistro como a *Sonata a Kreutzer* de Tolstoi. Leiam-no e verão.

ANTONIO TORRES.

— Um dos typos mais complexos da historia litteraria e politica da Europa é, sem duvida, Benjamin Constant, figura aliás de tanta repercussão no mundo que no Brasil uma familia burgueza não vacillou em dar o seu nome a alguem que tanto viria a influir na formação da nossa ideologia republicana. Apesar de filho da austera Suissa, o futuro amante de madame de Stael nada possuia de austero nos costumes. Jogador, politico venal e, logo versatil, esse homem estranho, grande orador parlamentar e grande psychologo nas paginas do *Adolpho*, vê-se agora discutido de novo graças á publicação das suas cartas á familia, obra pullulante de uteis detalhes biographicos e de confissões valiosas que representam um testemunho nada negligenciavel por parte dos que se dão a estudar aquelle que um severo censor declarou ter vivido sempre e sempre "avido de desconsideração".

PELA CULTURA HESPANHOLA

Os catalogos da firma Salvat, de Barcelona, que nos foram gentilmente enviados, dão bem idéa do gosto artistico, do apuro graphico, da perfeição, em summa, que caracteriza as edições de uma das mais importantes casas de livros da Hespanha de hoje. Obras consagradas á astronomia, á historia dos povos, á evolução das artes, mereceram, todas ellas, o mesmo carinho aos esforçados semeadores de cultura que tanto prestigio trouxeram á Catalunha que escreve e trabalha. Seja pela selecção dos autores, seja pela impeccavel technica da impressão, os volumes que sahem da casa Salvat são em tudo dignos da Hespanha progressista que viu florirem, nos ultimos trinta annos, espiritos de eleição como Ramon y Cajal, Unamuno e Ortega y Gasset.

DOS COMERES, E BEBERES

Haverá obra de dois meses imprimiu este *Boletim d'Ariel* escrito daquele senhor Antonio Torres, varão de aguçado engenho, que ora jaz em Europa, e sempre se amostrara grand'amigo d'antiguidades lusas. Jornadeando per desvairadas terras, e vivendo antre povos estranjeiros, vai-se agora aquele insigne varão leixando sojugar por usanças forasteiras, e nefandas apetencias. Lastima é que assi seja. Por rezão desto lança naquele escrito ruidosos louvores á maneira como comem, e bebem, em terras de França. Mas porem hemos nós mister de que nos apregoem franceses aquilo, que haveremos de comer, pera matar a fome, e de beber, pera mitigar a sede?

Decrara o leterado Antonio Torres, que, em lendo o cartapacio dos *Nouveaux Régimes*, do Paulo Reboux, conhecerá homem muitas, e saborosas comidas, e bebidas, as quaes hi vem apontadas á guisa de mezinhas, pera uso de enfermos, e achacados. Pois pera saber, que alimentos devemos de preferir, quaes as leis da boa dieta, e quaes os manjares que se melhor cozem nos estamagos, dando vigor aos espritos corporeos, e purificando os humores, temos nós prata de casa, e da fina. *De francelhos, nem conselhos nem trebelhos*. Enchemnos a nossa fermosa, e casta linguagem de dições espurias, e vergonhosas, e ao cabo inda pertendem danarnos os estamagos co as suas *pâtes, purés, sauces, ragouts*, e quejandas nemigalhas, mais proprias pera servir de regalo a donzelas de baixa idade, do que pera nutrir varões de boa cepa lusitana.

A's ensinanças do Paulo Reboux desejo, pois, de contrapoer aqui os perceptos do doutor Francisco da Fonseca Henriques, que foi fisico do augustissimo Rei Dom João V, e cuja é a *Ancora Medicinal*, livro esse assaz de parelho c'os de Hipocrates, Galeno, Avicena, Celso, e outros subidos mestres da arte de curar. E nem se diga que seja livro demasiado antiguo, ou mal escrito, ca foi impresso em 1749, sendo seu estilo prenho de graças, e louçainhas, como adiante verá o leitor, assim como haverá tambem de ver os feos enganos em que caiu o Reboux. Diz-se que ha no cartapacio do francelho *régimes* pera toda sorte de achaques; pois na *Ancora Medicinal* tambem nos ha. Aquellas pessoas que padeçam accidentes de mal de bofe, froxos, almorreimas, alporcas, bebedice, proidos, gota coral, ou artetica, podagra, flatos, esquinencias, estrangurias, parlesias, tenesmos, estilicidios, etc., hi encontrarão seguro conselho pera seus comeres, e beberes. Ao achacado de gota artetica, ou podagra, aconselha o Reboux que haja de comer ao jantar: *poularde en pâte, salade verte*, e *brioches à la framboise*; e á ceia: *potage aux crevettes, pommes de terre aux cèpes, salade au roquefort*, e *pruneaux au riz!!* Assaz de errado andaes vós, *sieur* Reboux! Pera gota artetica a dieta deve de ser outra, que não essa. Não se hão de dar ao padecente de tal achaque senão tubaras de cabrito, ou de chibarro, bem cozidas em banho de Maria, ovas de peixe gallo, de melroa, ou de tremelga, uma pouca d'hortaliça fativa, tramoços nevados, algumas nesporas, ou janipapos bem maduros. Beberá uma botelha de vinho de meia-idade. Isto pera o jantar; á cea deverá de comer com parcimonia quatro ou cinco postas de budião, com pirão de farinha de pau, hortaliças (pimpinela, borragem, cerefolio, perrexil), medronhos cozidos com mel, quejo, mas não se ha de esquecer que *caseus est sanus, quem dat avara manus*. Assi não comerá delle mais de uma libra. Pera beber, só agua da rainha da Hungria, e café. A esta classe de achacados lhe defende a *Ancora* que não frequentem animaes volateis (exceptas as berboletas de Mazulipatão), e outrossi os mariscos, conchas, cranguejos, berbigões, e lobagantes, ca sendo a vianda desses animaes mui quente, e crassa, tem analogia cos humores corporeos dos arteticos. Manjares são estes assaz de proprios pera varões de grande idade, que tendo humores frios, e humidos, necessitam de nutrição quente, e seca. Aos varões dessa condição aconselha-se que frequentem os porcos, leitões, pacas, capigoaras, e dos peixes prefiram os salmões e as pataroxas| Aster-se-hão dos capões, por serem frios, e anodinos, e bem assi dos pombos torcazes, dos quaes decrara a *Ancora* "que tem virtude pera impedir o uso de Venus, polo que já dissera o Marcial: *non edat hanc voluerem, qui cupit esse salax.*"

Assaz de propicio manjar pera pessoas idosas são outrossi os mandobis, o caraz, as castanhas do Maranhão, os nabos, o gergelim; e bebida de prol é o hydromel vinoso. Em se tratando de molheres, porem, não hão de passar do capitolo dos alimentos pitagoricos.

Disse eu que com ser grande sabedor de medicinas, e das virtudes de todolos comeres, e beberes, é tambem o autor da *Ancora* tão elegante, e frolido no escrever, que emparelha co aquele fisico, e vate, muito da nossa conhecença; e assi pera aqui treslado, por deleitação do leitor, uma amostra do seu estilo: "Não he a belancia menos fermoso fruito que o melão; a natureza a cobriu de verde, e a forrou de encarnado; com que assim inteira, como partida, se faz sempre agradavel objecto da vista, emquanto não passa a ser deliciosa lisonja do gosto, e gracioso emprego do apetite."

De guisa que na *Ancora Medicinal* filhará o leitor sucosa leitura, e aprenderá as regras do bem comer, do bem beber, e do bem escrever.

BARÃO D'ASCURRA.

Nota da redacção. — Pretendendo apresentar-se brevemente candidato a uma cadeira na Academia Brasileira de Lettras, e precisando por isso de captar-lhe as boas graças, resolveu o sr. Barão d'Ascurra adoptar a actual graphia academica, que só por nimia gentileza para com o illustre titular esta revista manteve no escripto acima.

Leiam ainda este mez:

A CORTINA VERMELHA

J. H. DE SÁ LEITÃO — ENTRE MONTANHAS — Estab. Graphico Fernandes & Rohe — Rio, 1932.

Está em jogo o livro simples e despretencioso de um homem que, para empregar uma das suas proprias expressões, se compraz em viajar pelo "jardim da memoria". Tendo estreado, ha mais de vinte annos, com um volume de versos delicados e sobrios, de um elegiaco subtil, o sr. J. H. de Sá Leitão passou depois a fornecer aos jornaes, em curtos artigos, a synopse das suas impressões de leitura. Lendo de tudo, tanto nos falava elle de questões puramente litterarias, como de pormenores de philosophia, ethnographia, politica e outros affins. Desses trabalhos escapam agora os melhores á vida precaria das folhas volantes, graças á selecção escrupulosa de uma collectanea em que reapparecem suggestivos conceitos em torno aos memorialistas de Anatole France, ao conflicto das raças, ao determinismo geographico, ás paginas de Abel Bonnard sobre o Brasil, á morte de Balzac, etc., etc.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Rodrigo Octavio Filho — OSORIO — (Imprensa Nacional) — Rio, 1931.

Oswaldo Aranha — A REVOLUÇÃO NÃO SE FEZ PELO PODER, FEZ-SE PELO BRASIL — (Discurso) — Rio, 1932.

Pandiá Calogeras — O MARQUEZ DE BARBACENA — (Comp. Edit. Nacional) — S. Paulo, 1932.

Jonathas Serrano — LUDOVICO — Romance contemporaneo — (Editora Vozes de Petropolis), 1932.

Viriato Corrêa — GAVETA DE SAPATEIRO — (Comp. Editora Nacional) — S. Paulo, 1932.

Ribeiro Moreira — TERRA DE NINGUEM — (Empreza Graph. da Revista dos Tribunaes) — São Paulo, 1932.

Francisco Venancio Filho e Edgard Süssekind de Mendonça — SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES — (Comp. Editora Nacional) — São Paulo, 1932.

Di Cavalcanti — A REALIDADE BRASILEIRA — 12 ensaios. Album de desenhos. — S. Paulo, 1932.

Rafael Sabatini — A VOLTA DO CAPITÃO BLOOD — (Comp. Editora Nacional) — S. Paulo, 1932.

Elias Ehrenbourg — AS AVENTURAS DE JULIO JURENITO — (Civilização Brasileira Editora) — Rio, 1932.

P. C. Wren — *BEAU SABREUR* — (Comp. Editora Nacional) — S. Paulo, 1932.

Pierre-Louis Matthey — *LA TEMPÊTE DE SHAKESPEARE* — (Éditions R.-A. Corrêa) — Paris, 1932.

Jean Cassou — SARAH — (R.-A. Corrêa) Paris, 1931.

Edmond Jaloux — *AU PAYS DU ROMAN* — (Éditions R.-A. Corrêa) — Paris, 1931.

Marcel Arland — *UNE ÉPOQUE* — (R.-A. Corrêa) — Paris, 1931.

François Berthault — *LE MONDE EST IMAGES* — (Éditions R.-A. Corrêa) — Paris, 1932.

CORRÊSPONDENCIA

Sr. José Palmerio, *Araguary (Minas). — Em portuguez, só poderá achar de prompto, das obras de Goethe, o Fausto na traducção do Visconde de Castilho e em edição do "Annuario do Brasil", ou na traducção do sr. Gustavo Barroso e edição da livraria Garnier (rua do Ouvidor n.º 109, Rio). Do* Hermann e Dorothéa, *na traducção de Fernandes Costa, restavam ha tempos varios exemplares na livraria João do Rio, á rua Ledo n.º 72. Do* Werther *já está esgotada a traducção de João Theodoro Monteiro, mas sahiu, este anno, uma outra do sr. Elias Davidovich, na collecção Benjamim Costallat, em que tambem acaba de sahir um volume de pensamentos selectos de Goethe, aos cuidados do sr. Miguel Costa Filho. Essa traducção do sr. Davidovich traz o famoso estudo de Sainte-Beuve sobre o* Werther *e, para adquiril-a, póde o senhor dirigir-se á livraria Freitas Bastos, rua Treze de Maio n.º 74. Quanto ás traducções castelhanas do* Fausto *e de outros escriptos de Goethe, aconselhamol-o a entender-se com o livreiro Samuel Nuñez Lopez, estabelecido á rua Treze de Maio n.º 17. Passando ás traducções francezas das obras goetheanas, é escusado dizer que são innumeraveis. A propria livraria Garnier, cujo endereço já lhe indicamos acima, editou a traducção do* Fausto, *devida a Gérard de Nerval e seguida das melhores poesias lyricas de Goethe, e editou tambem o* Werther, *seguido de* Hermann e Dorothéa, *tudo em excellente transplantação gauleza de Sevelinges e Bitaubé, com um substancioso prefacio de Sainte-Beuve. A livraria Charpentier editou o theatro de Goethe em dois volumes, na traducção de A. Stapfer, revista por T. Gautier Fils, que é, por sua vez, o traductor do* Wilhelm Meister, *em dois volumes. Henri Blaze deu a unica traducção completa do* Fausto *e a traducção litteral de muitas lyricas do mestre. Existe ainda um* Werther *francez na traducção de P. Leroux, seguida da traducção de* Hermann e Dorothéa *de X. Marmier. A baroneza de Carlowitz traduziu as* Memorias *do genio de Weimar, sendo que E. Délerot póz na linguagem a mais limpida, com uma introducção de Sainte-Beuve, essas maravilhosas* Conversações *recolhidas por Eckermann, o discipulo fiel. Não ha muito, o editor Grasset estampou a primeira redacção do* Wilhelm Meister. *Para a acquisição de todos estes volumes, que será difficil encontrar logo nas livrarias do Rio, especialmente agora que todos se voltam para a leitura de Goethe, póde o senhor escrever á livraria Briguiet, rua S. José n.º 38, livraria essa que costuma acceitar a encommenda de livros europeus.*

BRIAND

J. Ernest-Charles, sempre infenso aos theoristas e aos profissionaes da politica, era um grande enthusiasta dos discursos de Aristides Briand.

O autor dos Essais critiques *declara que, nas refregas parlamentares, o illustre orador vencia não tanto pelo seu sangue frio inextinguivel quanto pela nitidez e solidez da sua cultura juridica. Passando pelo "barreau", Briand trouxera ás sessões da Camara ou do Senado finissimos dons de ironia e dialectica. A palavra era-lhe apenas um pretexto para a acção immediata, e só a fascinação da sua presença representava um argumento precioso a remover centenas de obstaculos irremoviveis para outros.*

Os velhos companheiros de socialismo podiam acoimal-o de transfuga, de apostata, mas elle dizia servir á França e não aos partidos e bem sentia lá por dentro de si mesmo que, á chegada dos primeiros cabellos brancos, todo revolucionario se faz conservador.

Com uma fleugma de quem houvesse nascido entre os nevoeiros londrinos, enrolando o seu eterno cigarro, nunca foi um doutrinario feroz, um desses sectarios carrancudos que desencorajam os partidarios mais doceis, e, com a sua malicia encoberta de gaulez á antiga, sabia adaptar-se elasticamente ás circumstancias, para não ser devorado por ellas. Em dado periodo ministerial, concorreu para que a França se distanciasse do Vaticano e, em outro, collaborou para que de novo a Santa Sé se approximasse de uma das suas filhas dilectas, mãe por sua vez de São Vicente de Paulo e Santa Joanna d'Arc.

Caso curioso: ao invés de queixar-se das suas tarefas, do seu excesso de operosidade, Briand (segundo Jean Piot) era o primeiro a occultal-as, quasi não se referindo aos trabalhos que ia desenvolvendo no Parlamento ou nas reuniões de ministros. Dahi ter dado a muitos a impressão de ser um indolente, apenas amigo de pescar a linha nos pequenos rios provincianos. Mas os intimos bem sabiam quanto elle se esfalfava deante dos "dossiers" que lhe cumpria discutir e as muitas noites de insomnia devem ter concorrido para que elle rebentasse agora de tanto trabalhar, privando a França, a Europa, o mundo, de alguem que, acima de um "homem francez", era um "homem humano".

Agrippino Grieco.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS & ARTES & SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | N. 8 - MAIO 1932 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

HOMEM ANTIGO

ELLE creou escravos de aço. Deu-lhes, ao mesmo tempo, força quasi infinita e delicadeza sem limite. Soube educal-os, no torno, ajustando orgãos, modelando aptidões. ELLE passou aos seus escravos de aço, repetindo na idade moderna o gesto do que foi acorrentado, a scentelha da intelligencia. A cellula photo-electrica é olho sem igual no mundo vivo; não ha ouvido mais sensivel que um microphone. Na hora em que trepidam mil teares e as lançadeiras, rapidas como flechas atiradas por musculos titanicos, compõem na urdidura a trama subtil, um fio, em milhares, ao romper-se por acaso, promove a parada instantanea do systema. Como si um regimento, em passo de parada accelerado, fizesse alto bruscamente, á queda de um soldado. ELLE creou escravos de aço, que brincam com a luz visivel e com a luz que ninguem vê; e acabou com a geographia abolindo a distancia, approximando os sólos e misturando as gentes. ELLE mandou seus escravos de aço escalavrar o seio da Terra, para que as forças humicas latentes fizessem jorrar das pedras, das areias e das argillas, mais numerosas do que as estrellas, os fructos da riqueza.

Os escravos de aço cumpriram tudo, submissos, intelligentes, sem protestos.

Por isso ELLE vive hoje, num Mundo que fez differente, tão igual a si mesmo como si não houvesse creado os seus escravos de aço.

A avalanche dos bens o atropela. ELLE começa a morrer de fome, dentro da comida. Grita a sua maldição para os escravos de aço que tão bem o attendem. Mas a desharmonia provém delle mesmo. Transformou a Terra sem pensar que no mundo moderno, *não podem* viver homens antigos. *Antigos — no egoismo de que sua alma anda enxarcada; antigos — nos preconceitos infantis de que os seus costumes vivem maculados; antigos — porque se servem do saber para crear o conforto e o gozo requintado, mas decidem da sua vida e da sua sociedade como si a lei natural nada dissesse a respeito; como si apenas a fé ou o acaso tivessem conselhos a dar nos assumptos da moral humana; antigos — por que não vigiam os seus instinctos de accordo com os principios que a sua propria sciencia formulou, em face da Vida e buscam, fóra de si, a força transformadora que no entanto dentro delles espera latente a hora de as modernizar tambem. Antigos porque não quizeram aproveitar o tempo, que os seus escravos de aço tanto lhe deixaram, para cultivar a expontanea e debil fraternidade — salvação da especie humana. Então, ELLE invectiva as machinas. São ellas, as creadoras da riqueza sem tamanho, malfazejas serviçaes, que atiram á miseria milhares de homens habeis! São ellas! Toda ingratidão é uma injustiça. Ingratos! Os escravos de aço libertaram o homem, do maior e mais implacavel inimigo da vida: o tempo, devorador da existencia. Si a Terra não é o paraiso possivel, que as machinas conseguiriam construir, é só porque o egoismo do homem não quer paraiso para muitos. No velho Eden havia um Adão só... Attribuir a desgraça mundial desta hora triste á sciencia e á arte — é dar aos canhões as culpas da guerra. Um operario em oito horas faz, com a machina, serviço de cinco. Pois que trabalhe um; e quatro morram de fome! E' a voz do Homem Antigo, senhor da machina e patrão. Trabalhem todos, algumas horas, diz o Homem Moderno e no resto do tempo cada qual que se melhore no corpo e na alma, que aproveite os instantes que a machina lhe deixa livre para polir a sua personalidade, tomando conhecimento directo do que a vida tem de nobre; aprendendo que a existencia não é só, nem póde ser, dormir, comer e trabalhar e offerece outros encantos além dos gozos da reproducção, unicas alegrias dos que desfructam hoje a* delicia *das oito horas... Não são os doceis escravos de aço, que estão matando o Mundo. E' o egoismo do seu creador.*

Os estadistas *acham-se, diante do cataclysmo, como cartomantes na hora critica: culpam certas figuras do baralho. Amaldiçoam a machina bemfazeja! Os escravos sempre serviram para carregar, entre outros fardos, as culpas dos Senhores. O Mundo morre estrangulado pelo Homem Antigo...*

1º de Maio de 1932.

ROQUETTE-PINTO.

G O E T H E (Excerpto)

Escrever sobre a obra de Goethe com pretenção de dizer algo de novo nesta latitude com a superficialidade caracteristica da nossa formação sob os tropicos, digamos a palavra, com a nossa falta de cultura, com o nosso habito das approximações apressadas, o nosso habito do "pouco mais ou menos" (uma das raras cousas que Goethe odiava), habito a que são forçados todos os autodidactas que somos, — seria tentativa absolutamente graciosa. Teria até, sem exaggero podemos dizer, um pouco de ridiculo.

A immensa bibliographia goethiana formada por criticos e especialistas de todas as universidades e de todos os centros de preparação litteraria e de aperfeiçoamento cultural do mundo, não deixa lugar senão a contribuições complementares fundadas em documentos novos, a apreciações de analystas especializados num ou em varios dos ramos do pensamento e das realizações goethianas.

Aliás, o brasileiro mais culto, que tenha maior numero de idéas geraes sobre a Vida e sobre o Mundo e o maior numero de informações sobre todos os assumptos é, e não pode deixar de ser, pela força das cousas, em face da Cultura Humana, um innocente, um incompleto em comparação com os homens treinados desde meninos nos grandes campos de lavoração intellectual.

Nossa formação feita á custa de esforços individuaes isolados, resultado não raro de simples intuição ou de adivinhação pessoal, mesmo quando honesta, não nos habilita senão incompletamente ao trato dos grandes problemas da intelligencia.

Estamos ainda, a esse respeito, numa phase de contemplação espantada. Podemos dizer que somos nesse particular um povo boquiaberto. E isto é natural. Sobre o assumpto que nos reune aqui, sobre Goethe, por exemplo, ha milhares de individuos do extremo oriente da America ao extremo oriente da Europa, na Allemanha, que cultivam, dia a dia, não excepcionalmente por motivo da data que celebramos ou por qualquer outro motivo, mas dia a dia, todos os dias, obedecendo a methodos variados, de pesquiza e de demonstração, o espirito e a lettra da obra de Goethe. Como a de Goethe, são estudadas, ensinadas, discutidas nas universidades e outros centros de cultura, as obras de todos os grandes poetas, que tem tido o mundo, as obras de todos os homens que trouxeram uma mensagem, um evangelho, disseram alguma cousa nova, abriram novos caminhos á humanidade. Não preciso dizer que em certos paizes extremados na cultura, como a França, a Allemanha, Hollanda, Suissa, Scandinavia, estudos semelhantes são emprehendidos até sobre os poetas menores, os pensadores e escriptores de segunda ordem, em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

A nenhum dever essas sociedades se reconhecem mais vinculadas do que esse de suscitar perante as novas gerações o estudo das obras dos creadores e ornamentadores da vida, do que o conhecimento e o commentario das suas interessantes existencias não raro cortadas pela dôr e illuminadas pela belleza.

Não obstante leitor de Goethe desde os primeiros dias da mocidade como se pode ver já no meu primeiro livro, mas representante typico dessa cultura a que alludi, e que é a unica que podem possuir os que aqui vivem lutando debaixo do sol inimigo da cultura, eu não commetteria o desrespeito de aggredir com uma dissertação pretenciosa a obra que mais admiro.

Ha, porém, uma cousa que com autoridade pode dizer honestamente o mais humilde dos sêres humanos deante de um monumento de grandeza ou de belleza. E' a felicidade, a alegria, o bem que lhe deu a contemplação, o exame, o estudo desse monumento, o que lhe ficou na alma da observação dos elementos que o compõem, do entretenimento com as figuras que nelle se acham gravadas, com as maravilhas que dentro delle vivem.

Assim talvez o pobre insecto zumbirá a sua gratidão deante do roseiral deslumbrante que o envolve e o alimenta na effervescencia da manhã luminosa. Tambem assim o passarinho insignificante no espaço azul terá a sensação do universo que elle celebra, do seu galho, no alvoroço do amanhecer.

Goethe, ó grande luz reveladora! Si eu, como tantos outros homens, sou, na miseria e tristeza de meu destino, menos desgraçado, eu pobre insecto em face da luz, eu passarinho perdido na frondação das arvores escuras — é a ti, espaço azul, é a ti, universo tranquillo, que o devo, em grande parte. Porque foste tu que mais do que qualquer outro sêr humano me ensinaste a comprehender. Deste-me a chave de Salomão para abrir o palacio da vida interior. A tua experiencia pairando sobre a pequena experiencia de nossa vida é como uma projecção de sol na estrada que trilhamos. Do ponto onde nos achamos, graças ao clarão que extendes deante de nós, podemos distinguir já no futuro os mil accidentes do terreno, as subidas e descidas, os tropeços, os obstaculos, os desfiladeiros, as abertas de repouso, por onde havemos de passar. Sabemos que em toda a parte estará a dôr em torno de nós e á nossa frente. Mas graças a ti sabemos que a dôr tambem é necessaria, nasce e vive dentro da natureza como nós e que nenhum poder evitará que ella venha nos ferir. Mas graças a ti sabemos que ella pode ser minorada pela *comprehensão*, que della nos podemos *libertar* pelo pensamento e que ella nos pode *servir* tambem, como tudo que é natural, para o enriquecimento da nossa natureza e da nossa vida.

Graças a ti aprendemos a não ter esperança fóra da terra e a divinizar tudo que encontramos ao alcance da nossa mão, para o nosso bem, dentro da terra. Graças a ti sabemos que, aconteça o que acontecer, "tudo irá bem. Role embora o céo, uma cotovia ao menos escapará!" Graças a ti sabemos que "todos os nossos ideaes não nos impedirão de sermos o que somos — bons e máos como a natureza", mas que devemos em toda hypothese "nos affirmar e desafiar todas as forças do destino, nunca nos dobrar, mostrarmo-nos fortes para que os deuses venham em nosso soccorro.

O' grande luz reveladora, ó Goethe, ó modelo dos homens, ó homem total, a quem nada do que é humano repugna ou contraria, ó archetypo!

Chegando a formar-te, a nossa especie mostrou o seu poder. O ideal do super-homem tornou-se realidade. Em ti a nossa especie poude sobrepujar-se a si mesma, ficando a si mesma sempre identica, mostrando que o maior dos homens é o mais humano.

Ah, se o mundo pudesse tornar-se goethiano! Ah, se

o mundo pudesse comprehender! A alegria seria a lei da vida. Quando a felicidade nos fosse negada, a sabedoria (*Klûg*) nos consolaria.

"*Willst du mich nicht glücklich lassen. Sorge, nun, so mach mich Klûg.*"

Porque o mundo não póde tornar-se goethiano, é que o mundo é o que é: um agglomerado de sêres avidos, duros e crueis, anciosos por se devorar e se destruir uns aos outros. Na atmosphera do mundo goethiano o homem moderno, saturado de pontos de vista estreitos, se atrapalha e se confunde como Mephistopheles, na atmosphera grega, entre os demonios gregos.

Com suas machinas, seus discursos, sua sciencia applicada, elle faz o papel do pobre diabo medieval, diabo para barbaros deante dos grandes mythos classicos cheios de silencio e de ironia. Mas façamos justiça a Mephistopheles.

Elle é o "espirito que nega, para quem a destruição é justa, pois tudo que existe é digno de ser destruido e melhor seria que não existisse." Mephistopheles reconhecia a esterilidade e inanidade da destruição.

"Nada fiz ainda de grande na realidade, diz elle; o que se oppõe ao nada, esse alguma cousa, esse mundo de materia, por mais que lute contra elle, não pude ainda attingil-o. Em vão contra elle desencadeei ondas, tempestades, terremotos, incendios. O mar e a terra ficaram tranquillos. Nada tenho podido contra essa maldita semente, de que nascem animaes e homens. Quantos não tenho eu já enterrado! E sempre um sangue novo e fresco a circular! Eis a marcha das cousas. E' de enlouquecer!"

Façamos justiça a Mephistopheles, que elle proprio desesperou da destruição. O homem moderno parece dominado por uma furia cega que não desespera do mal, que confia sempre na destruição. O centenario da morte de Goethe é celebrado assim no momento menos goethiano da historia humana. Tudo em nossos dias é a negação de Goethe: as armas dos exercitos, as competições das democracias, o estardalhaço das massas, a desordem sob todas as fórmas, a ameaça inquietante de novos desatinos, o vicio, o martyrio injusto de populações inteiras, de creanças e de velhos, o desequilibrio em summa, a tristeza, o desespero, — tudo o que Goethe desestimava, eis o que em torno delle se reune hoje. A menos goethiana das Allemanhas, uma Allemanha agitada, uma Allemanha faminta, uma Allemanha triste com a garganta enrouquecida pelos gritos na praça publica, uma Allemanha contrafeita. Uma Italia tão differente da que elle amou, se é possivel mudar-se o que é eterna belleza. Uma França em que morreu o espirito do seculo XVIII, que foi o seu espirito, seu alimento principal, sua lição. Uma jovem Amerida que elle, cheio de esperanças, cantou:

Amerika, du hast es besser als unser Kontinent...,

essa, então, tão pouco goethiana, verdadeiro contraste, com sua mistura de puritanismo anglicano, de babittismo colossal, de corybantismo africano e de banditismo sem qualificação... Eis o mundo que encontra Goethe cem annos depois da sua morte, eis o ambiente em que o commemoramos. Ambiente anti-goethiano por excellencia.

A litteratura que o acclama, é a que lhe causava horror. Litteratura pregadora, com fins moraes, com pontos de vista subjectivos, litteratura de seita em que até a poesia é sectaria e dominada pelo espirito de partido, litteratura de decadencia, de fadiga, litteratura anti-goethiana.

Um ideal confuso erguido sobre os povos em fórma nevoenta embaça a atmosphera. Aquelles ascetas hindús que elle não amava, concreções fantasmaticas de um ideal absurdo contrario á ordem natural, propõem sua moral ao mundo com toda a seriedade. Do seio do Occidente, homens da propria raça goethiana, espiritos penetrados de sensibilidade goethiana, os Spengler, os Kaiserling, os Romain Rolland, sem falar nos mil indianistas inglezes, e nas onze mil *vierges folles* que correm de todas as partes do mundo atraz de Gandhi, namoram esse ideal anti-goethiano, ideal anti-natural, de não cooperação, de renuncia, de humildade triste que é um orgulho feroz, ideal desintegrado da fórma e da acção, ideal extatico e estatico, opposto ao ideal goethiano da transformação, do movimento, da curiosidade, ideal que não reconhece nem affirma Helena, desapprova a belleza, ideal contrario em tudo e por tudo ao de Goethe que no fim da sua vida o confirma e resume no Segundo Fausto nas seguintes palavras:

"Volupia de agir e belleza!"

E o amor, o amor goethiano, o divino desejo, aquelle immenso fervor de grandes dias, aquelle profundo viver de longas horas — onde o encontrarmos? Em meio ao zaragalhar dos jazz-bands? no desconsolo universal da crise? no leito dos desempregados? no coração da mocidade *politica* de nosso tempo?

* * *

Mas cousa curiosa! Se apparentemente assim é, se *grosso modo* este mundo actual não é um mundo goethiano, a influencia pessoal de Goethe ainda é, paradoxalmente, a maior de nosso tempo. A sciencia está toda embebida do seu espirito. A philosophia racionalista, a philosophia agoethiana, está vencida. O transformismo de que elle foi o precursor, dominou o pensamento moderno.

O methodo inductivo alarga cada vez mais a esphera de acção da experiencia humana. O seu phenomenismo recebe a sancção das concepções mais modernas. Das suas prophecias scientificas grande parte se realizou e se realiza. Até em politica muitas das suas previsões se confirmaram. Um dos seus biographos recorda o espanto com que foi recebida pelos vencidos, na noite de Valmy, sua palavra de que ahi se mudara a face do mundo. Suas reflexões sobre a organização social produzidas antes de qualquer socialismo, no alvorecer do seculo XIX, são ricas de soluções positivas ao problema da conciliação dos interesses humanos em sociedade. E se no que se refere ao sentimento, em certas camadas, um mysticismo agoethiano ameaça envolver de novo os espiritos, o caminho para a natureza não se fechou de todo. Um movimento naturalista, de fundo goethiano, retoma força, irrompendo em meio á confusão religiosa.

De qualquer modo nenhum homem deixou tantas opiniões. Nenhum homem deixou tão grande prole intellectual, tão grande descendencia de espiritos.

GILBERTO AMADO.

GUILLAUME APOLLINAIRE

Wilhelm Apollinaris de Kostrowitzky, chamava-se elle. Sua mãi, poloneza, dizem que era filha dum general. Seu pai, clandestino, dizem que foi o bispo de Monaco. Nascido em Roma, viveu principalmente em Paris, fez a Grande Guerra, que o mutilou, e veiu a morrer da grippe hespanhola no proprio dia do Armisticio. Conta a biographia, onde me informo, que nesse momento, sob as suas janellas, as multidões em delirio cantavam e vociferavam contra o seu homonymo famoso: *"Conspuez Guillaume!"*

Homem errante, mysterioso, doloroso e encantador, como a propria poesia. Elle era a poesia. Se o verdadeiro poeta é um cantador de canções verbaes, contendo a luz interior das cousas, Apollinaris foi o poeta por excellencia, como Villon e Verlaine. Emquanto os outros trabalham um jardim geometrico, elles produzem simplesmente uma flôr intangivel.

Não é docemente melancolico, nem sombrio. E' secretamente tragico. Sorri, mas daquelle sorriso quasi imperceptivelmente desesperado que passa na alegria de certas dansas hespanholas e nos quartetos de Omar Khayam. Ha nelle um curioso mixto de masochismo slavo e de ironia parisiense. E esta creio ser a nota distinctiva da sua arte.

Esta e uma nostalgia atormentada e inquieta, que o leva a sondar os recantos ambiguos da alma humana e a evocar fantasmas urbanos e perversos.

Entrou para as letras e logo para a fama com aquella extranha *Chanson du mal aimé*, que resume a sua obra e o seu senso da vida.

Un soir de demi-brume à Londres
Un voyou qui ressemblait à
Mon amour vint à ma rencontre
Et le regard qu'il me jeta
Me fit baisser les yeux de honte.

A qualidade symphonica deste poema apparenta o seu autor ao Rimbaud do *Bateau Ivre*. Mas a technica e a melancolica malicia mostram que elle é tambem irmão de Laforgue.

Tu pleureras l'heure où tu pleures
Qui passera trop vitement
Comme passent toutes les heures.

Como Laforgue em sua geração, Apollinaire desarticulou alguns metros, libertou mais uma vez a poesia, e enriqueceu o sonho dos homens.

TRISTÃO DA CUNHA.

O Roubo de Briseis

Nada depõe tanto contra um povo, contra a cultura de um povo, como a desestima em que tem os seus artistas, os seus poetas, os seus escriptores. Em todas as épocas, as nações que foram livres, fortes, autonomas, que tiveram bons governos, um exercito aguerrido e disciplinado, recta justiça, probidade e zelo na administração, ordem nas finanpas, e na republica cidadãos capazes de acções grandes e bellas produziram simultaneamente e *necessariamente* um nucleo de individuos superiores, verdadeiros Principes do Espirito, que celebraram e perpetuaram esses feitos que não podiam desapparecer da memoria dos homens sem que o mundo se sentisse despojado da sua tunica de Belleza, subitamente empobrecido e miseravel. Que seria da Grecia e Athenas, Roma não seria Roma, quem mais se lembraria de reis, papas e heroes mumificados nos seus sarcophagos millenarios; onde estariam aquelles soberbos capitães, famosos condottieri, politicos e estadistas insignes, sagazes ordenadores das cousas confusas do mundo e tambem astutos emmaranhadores das cousas simples do mundo, rapidos meteoros, poeira ephemera, si o genio do artista, do historiador, do poeta, mais forte que a morte e que os proprios deuses immortaes, não os tirasse do nada para a eternidade do bronze, do poema, do monumento? Nações mortas ha seculos revivem assim maravilhosamente na divina euphoria dos bellos versos, dos largos periodos harmoniosos, das columnas, dos templos, dos marmores eternos.

Ao contrario, as nações decadentes, embotadas ou estioladas, vivem e passam ingloriamente sem suscitar em torno de si o rumor illustre e a milagrosa floração das lettras e das artes. Incapazes de mando, muito mais incapazes de obediencia, os cidadãos dessas nações decadentes caracterizam-se pelo menosprezo de todas as virtudes civicas que são o apanagio dos povos soberanos. Abolida a autoridade e a lei proliferam no Estado os germens dos maus fermentos; surdem inopinadamente os ventos da discordia, desencadeia-se a tormenta da demagogia; a mediocridade gera as competições, a corrupção e a cubiça, o medo a intolerancia e o despotismo. O arbitrio de um é a lei dos mais, o desatino de poucos a demencia de todos.

Comprehende-se que não ha de ser nesse clima inhospito que medre e viceje a delicada flor da poesia e das artes. Nações taes não podem produzir artistas nem poetas, desestimam necessariamente os seus artistas e os seus poetas. Por isso mesmo, estão condemnadas a expiar obscuramente o crime da sua pusilanimidade. Feito para cantar as festas da existencia, para celebrar os grandes homens, as cousas altas, nobres e bellas, affrontado e humilhado de só deparar no presente homens pequeninos e cousas mesquinhas, o artista, o escriptor, o poeta, como que tocado de instinctivo sentimento de recato emmudece e absorve-se na contemplação do passado, dos homens e das cousas do passado. Privado da presença augusta da Belleza, que é a razão suprema do seu canto e da sua arte, como Achilles irritado recolhe-se á tenda e cruza os braços.

ALBERTO RAMOS.

CONFERENCIA DO LIVRO

Esta revista não póde deixar de lavrar um protesto — e com que magua o fazemos! — contra o acto do Governo Provisorio que vem de confiar poderes ao sr. Conde de Matarazzo, um estrangeiro illettrado, para que represente o Brasil no Congresso do Livro, a reunir-se proximamente em Florença, o que fere profundamente a quantos trabalham nesta terra por vêr o nome do seu paiz prestigiado e engrandecido no estrangeiro.

Um amigo de Anatole France

Nicolas Ségur, autor dos romances *A Cortina vermelha* e *O Anel sensual*, já agora transportados á lingua portugueza, foi um grande amigo de Anatole France, que lhe prefaciou, em palavras effusivas, uma bella narração intitulada *Nais au miroir*.

Ségur, sem chegar a ser propriamente secretario do mestre, era um dos seus visitantes diurnos e nocturnos, devendo mesmo provocar ciumes a Paul Gsell, o attento memorialista que parecia desejar a exclusividade dos ensinamentos de Anatole France, recolhidos dos proprios labios deste. Seja nos dominios tranquillos da Villa-Said, seja no bulicio meio aristocratico do salão da avenida Hoche, onde o romancista de *Thaïs* desenrolava as suas anecdotas, em voz meio balbuciada e meio fanhosa, — Nicolas se viu sempre bem acolhido por aquelle a quem consagraria mais tarde um nobre volume de *Conversações*. O joven critico tornou-se, em poucos mezes, o companheiro de Anatole France em muitas caminhadas sem rumo através desse velho Paris que conserva indestructiveis tonalidades medievaes, como nos desenhos de Robida em que dentre as torres e os cadafalsos parece surgir ainda o perfil famelico de Villon ou Gringoire.

Marchando lado a lado com o mais fino tecedor de paradoxos dos ultimos cincoenta annos, Ségur fez-se, ainda que sem exorbitar da sua modestia, o "assistente" dos pensamentos do escriptor sexagenario e os foi recolhendo no canhenho da memoria, de modo a recompôl-os mais tarde num volume que nada tem de superfluo e que os "annatolianos" de verdade não pódem em absoluto desdenhar.

E é curioso como aquelle que, através das maldosas reminiscencias de Brousson, nos apparece quasi sempre como um epicurista burguez, como um anecdotista rabelaiseano, apenas preoccupado com as aventuras frascarias, os in-folios preciosos e a ença meio sacrilega aos velhos objectos de egreja, assuma, ao contrario ,no livro de Nicolas Ségur, uns ares por vezes fortemente melancolicos. Muito commum é ouvil-o falar, pela bocca do seu interprete, da tristeza de envelhecer, da inutilidade da gloria, da precariedade das affeições mais intimas.

Em redor do patriarcha das lettras francezas, agglomeravam-se os patricios ou os estrangeiros que queriam conhecer de perto o homem da callota de seda e da barbicha de militar em disponibilidade. Jaurès e Clemenceau embrenhavam-se em discussões politicas, o primeiro fazendo-se o poeta lyrico da egualdade e abrindo os diques á sua eloquencia torrentosa, o segundo talhando de manso as suas flechas de sarcasmo que levavam uma boa dose de curare na ponta. Loti exhibia-se em roupas complicadas que davam a idéa de um eterno disfarce, e surgia, não raro mais pintado do que uma antiga cortezã de Veneza. Ferrero digressionava sobre a Roma antiga, que era bem a das aguias dos legionarios, emquanto a moderna parece ser apenas a dos gansos do Capitolio. Lemaitre, precocemente envelhecido, deixara de apresentar-se depois do caso Dreyfus, que separara os dois espiritos mais subtis da França. Mas Ludovic Halévy, o historiador burlesco da familia Cardinal, e Georg Brandes, numa rapida visita a Paris, encontravam-se junto ao defensor dos judeus e logo ao defensor da raça de que procediam Halévy e Brandes.

Taes, entre outros, os homens que ouviam Anatole France. E calcule-se o dispendio de espirito que não faria o amphytrião de tantas intelligencias para não decepcional-os com tiradas á Homais ou á mr. Joseph Prudhomme. As notas jocosas predominariam, mas, de onde em onde, a aferir pelas reminiscencias de Nicolas Ségur, o mestre enturvava-se um pouco, talvez em consequencia de qualquer má digestão, e começava a discretear sobre a inanidade de todas as philosophias, os engodos da vida, a fragilidade da belleza e a horrivel nausea que é o castigo da carne saciada, do "animal triste", como diziam os gozadores de Roma. A fidelidade das pretensas viuvas inconsolaveis soffria terriveis golpes do epigrammista implacavel, que revivia a proposito um conto de Voltaire e a pagina de Petronio sobre a matrona de Epheso.

A caducidade do romantismo e as doçuras da ignorancia eram, por assim dizer, os dois themas predilectos do Anatole France do fim da vida...

Os Jornaes e Mirbeau

Quem foi mesmo que disse que quasi todos os homens são velhaços e, quando um delles se mostra honesto, a gente acaba por verificar, não sem alegria, que se trata de um imbecil? Não sabemos se o conceito representa uma solida verdade humana, mas sabemos que delle veiu mais uma confirmação no caso pittoresco e pathetico do sujeito da carteira.

Esse sujeito aberrativo, achando uma carteira repleta, leva-a sem demora á delegacia, privando-se de algumas farras no Leblon ou na Lapa, e o commissario do dia não tem difficuldade em constatar que se trata, não de um paradigma de honradez a desconcertar a mediocridade dos tempos em materia de restituições heroicas, mas apenas de um louco evadido do manicomio de Jacarépaguá. E como a virtude, mesmo involuntaria, é sempre castigada, ao contrario do que affirmam os autores de novellas e melodramas, o pobre diabo se vê, sem maiores rodeios, devolvido á casa de doidos do longinquo arrabalde carioca.

Isso appareceu nos jornaes do Rio. Muito antes, porém, de apparecer nos jornaes do Rio, figurava, mais ou menos, numa comedia franceza, *Le Portefeuille*, de Octave Mirbeau. A celebre "boutade" wildeana de que a vida é que imita a arte, "boutade" tantas vezes repetida — e logo desvalorizada — pelos collaboradores do *Fon-Fon*, tem plena razão de ser no caso.

Com effeito, o acto satirico de Mirbeau trata analogamente de um mendigo de Paris que, indo confiar ás autoridades uma carteira de marroquim negro, com angulos dourados e, o que é melhor, com dez pellegas de mil francos lá por dentro, acaba processado em consequencia mesmo do seu nobre impulso de altruismo.

Mas como? Deviam dar o premio Montyon a esse inditoso Jean Guénille, que estende o chapéo ensebado á duvidosa caridade dos parisienses e, havendo encontrado tanto dinheiro na rua, nem assim se resolve a destacar delle dez "sous" que sejam para um café ou um punhado de batatas fritas, e, ao invés disso, o processam?

E' que o commissario, pessoa dada a leituras tragicas e mettida a tudo classificar de shakespeareano, já tendo visto talvez o *Hamlet* representado em "travesti" pela genial Sarah Bernhardt, vem a conhecer, no decurso do dialogo, que Jean Guénille, o abnegado, o heróe, o santo, não tem profissão catalogada entre as que a sociedade permitte e prestigia, e dorme num banco de praça publica, á sombra de uma arvore hospitaleira. Ora, um typo assim, se se mette numa questão de carteira com dez mil francos, torna-se logo suspeito, sendo um possivel violador do codigo, representando uma inquietante ameaça para a serenidade dos burguezes que digerem beatificamente o seu jantar e o seu jornal vespertino.

E, como a lei não obriga ninguem a achar dinheiro na rua e a restituil-o ao seu legitimo possuidor por intermedio da policia, mas persegue os que não possuam meio de vida seguro e liquido e não possuam domicilio regular, Jean Guénille — precursor, desde 1902, do maluco de Jacarépaguá — vae para o dominio das grades e será, a seguir, convenientemente processado por delicto de vagabundagem...

AGRIPPINO GRIECO.

Grasset, e a morte do romance francez

Num momento de profunda infelicidade, Bernard Grasset resolveu decretar que o romance francez estava morto. A affirmação do editor francez foi tão desastrada, tão contrariada logo pela realidade e pelas promessas de futuro que hoje nem mesmo como prophecia póde ser defendida.

Grasset, é bem verdade, falou em um momento de crise. Os grandes romancistas que tinham vindo durante varios annos marcando aos olhos da critica cansada de cabotinismo litterario esse como que renascimento do romance profundo, importante, (romance-construcção), tinham parado de produzir e dirigiam agora suas forças em direcções differentes. Muitos mesmo estavam fallindo nos esforços que tentavam, como o Gide de *L'École des Femmes* que era a renuncia á grandeza desordenada do Gide dos *Faux Monnayeurs*, como o Morand de *Champions du Monde* que era a traição ao Morand do *Boudha Vivant*, como o Barbusse de *Élevation* onde nem mais havia uma sombra do Barbusse do *Feu*, como o Malraux da *Voie Royale* que era quasi a negação do Malraux dos *Conquérants*.

No momento em que Grasset falou era portanto normal que houvesse duvidas no espirito de muitos. Giraudoux, Mauriac, Green, Bernanos, todos esses grandes romancistas que tinham dado tanto, estariam já esgotados? Estariam voltados para outras fórmas de actividade intellectual por nada mais terem a dar ao romance?

A duvida era mesmo perfeitamente justificavel. Pois, além dos que tinham fallido, havia tambem os que se afastavam e pelo menos apparentemente se distanciavam cada vez mais do romance.

Assim, depois dos seus tres romances extraordinarios, Julien Green voltava-se para o conto e inexplicavelmente a sua força — que de commum ia muitas vezes além do que era de desejar — desapparecia como que por encanto.

Bernanos, esse, conservava sem duvida todo o vigor de espirito que os seus romances tinham patenteado, mas já agora era utilizado em direcção differente, numa biographia — nessa vida de Edouard Droumont (*La Grande Peur des Bien-Pensants*) com a qual esse moderno (e catholico) destruidor nietzscheano ousou gastar uma força e um enthusiasmo que só os super-homens da historia poderiam justificar e mesmo supportar.

Mauriac, depois de um ultimo romance menos forte evidentemente do que se esperava, voltava-se mais e mais para Deus, contando os seus soffrimentos de christão, as suas esperanças, a historia das almas que como a de Pascal viveram com a preoccupação constante da divindade, continuando assim em varios livros essa sua admiravel comprehensão de Deus que nos vem seduzindo e absorvendo ha tanto tempo.

Muito mais longe da divindade — mas igualmente afastado do romance — Jean Giraudoux, depois do admiravel *Aventures de Jérôme Bardini*, voltava-se para o theatro explorando mais intensamente possibilidades que *Siegfried* revelára já tão grandes e que, depois do realtivo successo do *Amphytrion 38*, *Judith* veio agora evidenciar de um modo que não creio possa nunca vir a ser mais positivo.

Como Mauriac, como Giraudoux, como tantos outros, André Maurois explorava o ensaio, a biographia, o conto, a especulação philosophica e parecia satisfeito com a experiencia de *Bernard Quesnay* no passado remoto e de *Climats* no passado recente.

Talvez como reflexo dessa attitude de abandono e recuo, as traducções dos aristocraticos romances inglezes e dos romances allemães de guerra iam aos poucos invadindo e dominando o publico habitual da França e das suas colonias intellectuaes.

Parecia de facto que o momento de grandeza do moderno romance francez passára, que não fôra senão um acaso, uma coincidencia momentanea e que se estava voltando ao periodo de esgotamento e de saciedade dos annos que tinham precedido a Grande Guerra.

Deante de uma apparencia tão seductora, Bernard Grasset não soube resistir. Quiz falar, quiz mostrar o que lhe parecia coisa certa. Declarou solemnemente que nada mais havia a fazer, que o romance francez morrera...

* * *

Em momento nenhum seria possivel acceitar o ponto de vista de Grasset, mas só agora nesses ultimos mezes é que estamos comprehendendo toda a leviandade da sua affirmação.

Pois de facto, como a querer desmentil-a palavra por palavra, raramente se tem verificado em tão pouco tempo uma serie tão feliz de grandes romances. E como são mais ou menos os mesmos autores em que se falava ha dosi annos, e como esses romances de hoje se ligam aos de hontem collocando os mesmos problemas, usando uma technica semelhante, comprehende-se emfim perfeitamente que a interrupção soffrida durante alguns mezes não tinha sentido definitivo algum, que não fôra mais do que um accidente. Ahi estão de novo Green e Mauriac, Maurois e Chardonne, Giono e Chanson e já sentimos proximos os novos romances de Malraux e de Bernanos — e o de Giraudoux — essa *Bellita* de que já lemos tantos trechos finissimos, perfeitamente comparaveis aos melhores de *Églantine* e de *Bellà*.

Foi Grasset elle proprio quem se encarregou de desmentir a sua affirmação. Deu-nos pouco depois da sua phrase o novo romance de Jacques Chardonne — essa *Claire* que sinto que me ha de ficar na vida como um grande momento de tranquillidade, de repouso interior que nada mais poderá perturbar, nem mesmo as paginas desesperadas da tragedia que Green construiu mais uma vez sobre a fraqueza das naturezas humanas atiradas na vida umas de encontro ás outras no mais miseravel dos destinos — esse das *Épaves*...

Incomparavelmente superior a *Les Varais*, melhor construido e mais profundo que *Eva*, *Claire* parece representar a plenitude do talento de romancista em Chardonne. Ha certamente obras mais interessantes, muito mais brilhantes, sem a menor duvida. Poucos romances terão no entanto as linhas de construcção mais puras, mais perfeitas.

Ha de facto muito de perfeito, de "classico" nesse romance de tranquillidade, de bom-senso, de bom-gosto — sem grandezas excessivas, sem dramas tenebrosos — romance "francez" que os francezes parecem ter sabido comprehender. Um delles, Edmond Jaloux, lembrou com grande felicidade e precisão a proposito des-

se romance classico os grandes classicos francezes que Nietzsche tanto amava: Montaigne, La Rochefoucauld, Vauvenargues, Chamfort, etc.

Tão interessante quanto o romance de Chardonne é o de Jean Giono: — *Le Grand Troupeau*. E' a altura das grandes paginas de *Colline* (que nem *Un des Baumuges* nem *Regain* conseguiram comprometter) que vemos aqui reconquistadas e ás vezes mesmo ultrapassadas. Os criticos francezes falaram em Mistral. Alguns mesmo, como Bailly, chegaram a lembrar que em certos momentos era do proprio Virgilio que Giono se approximava. Se a comparação fere a muitos por exaggerada, o certo no entanto é que o romance de Giono tem uma amplidão poucas vezes attingida. Seu pantheismo naturalista é de um effeito esthetico extraordinario. Nunca, creio eu, se sentiu com tanta nitidez o homem perdido no meio da natureza. E Giono conseguiu mostral-o tão intimamente unido a ella (tão mais ainda do que em *Colline*) que se comprehende sem difficuldade que nem mesmo com a Grande Guerra tenha conseguido existir independente della, separado da sua immensidão. Aqui até a propria Grande Guerra dos livros sangrentos de Remarque e de Renn desapparece deante da immensidade da natureza.

Muito menos importante e bem mais imperfeito *como romance*, *Vol de Nuit* revela em Saint Exupéry um escriptor com quem nem Chardonne nem Giono, nem muitos dentre os melhores, devem ser comparados. Gide não se enganou lançando-o com toda a violencia que conhecemos. *Vol de Nuit* póde não ser um romance perfeito (falta-lhe amplidão, proporção, technica), seu autor póde mesmo não reunir todas as condições do grande *romancista* na accepção rigorosa da palavra — mas o que é innegavel é que com elle a litteratura franceza tem um novo escriptor, especialmente um *narrador* como poucos. Como narração, *Vol de Nuit* é o que se póde exigir de mais perfeito. Aqui é a sensação de "classico" que reapparece.

Evidentemente não poderia ainda aqui analysar, mesmo de leve, os outros romances a que me referi, obras bem mais importantes como o *Nœud de Vipères* de Mauriac, *Épaves* de Green ou mesmo *Le Cercle de Famille* de Maurois. Ficam provavelmente para proxima occasião. Mas, de qualquer modo que se as encare, o que parece indiscutivel é que uma litteratura que fornece á critica em poucos mezes essa meia duzia de grandes livros, que outros de importancia, (de Chamson, de Morand, de Lacretelle, de Schlumberger), acompanham de perto, não póde, senão por séria leviandade, ser considerada como morta, nem mesmo como estando em crise. Bernard Grasset evidentemente falou de mais...

OCTAVIO DE FARIA.

Oswaldo Aranha — DISCURSO — Posse do Ministro Mauricio Cardoso. — Rio, 1932.

Amigos que nas horas adversas surgem de peito exposto e nas felizes escondem os nomes com delicadeza, fizeram imprimir o discurso de Oswaldo Aranha, feito ás pressas e dito no empossamento do segundo Ministro da Justiça do novo cyclo republicano do Brasil.

A eloquencia de Oswaldo Aranha está gravada a fogo nessa oração. Différe de qualquer outra neste paiz.

Não é a dos grandes homens de parlamento e de Estado, no regime imperial: Jequitinhonha, Bonifacio o Moço, Octaviano, Cotegipe, Gaspar, Ferreira Vianna, saturados de romantismo. Não é a da pleiade dos abolicionistas e republicanos: Nabuco, Silva Jardim, Patrocinio, inflammados de 79. Menos ainda a de Ruy e seus imitadores: sonóra, sacerdotal, syntaxica.

E' uma eloquencia nova na Republica. Tem os accentos vigorosos de uma geração desencantada de ficções, de taboas senectas, fremente de acção, de marcha, de rapidez, de elasticidade. Geração que tem pressa de chegar com o Brasil á vanguarda do mundo. Geração que não consente mais que o paiz fique para traz, sesteando, estremunhando, bocejando.

Sente-se que este estadista que ainda não attingiu quatro décadas está embebido de ideaes modernos e que ha de realizar as necessidades do jovem Brasil, porque tem força de querer, sabe o que o Brasil quer e o seu constante objectivo é o bem do povo brasileiro, a força e a gloria do Brasil, acima de castas e de facções.

O tempo perdido no passado, a urgencia das grandes reparações e realizações é que reflectem na eloquencia de Oswaldo esse tom de vertigem, essa impressão de aeronaves que rasgam o ether, azas que batem horizontes, rumor de guindastes, helices, locomotivas, aço, cachoeiras, terra, matto, producção, trabalho, energia — brasilidade.

Nada de adjectivos buscados. Nada de verbos passivos. Nada de estylo descriptivo, paizagens, saudades.

E' tudo veloz, activo, directo. Periodos que assoviam e attingem como fléxas. Metralhadora, ou eine. Movimento, vida, marcha.

Critica o passado com bravura e arrebata. Desvenda o futuro com firmeza e seduz. Leiam-se as pequenas obras primas, que são aquelles capitulos *A fórma de governo da virtude* e *O absurdo das revoluções esquematicas*. Não personaliza, mas, á sua voz, passam réos cabisbaixos e sombras de heroes, que a imaginação individualiza, repudia, ou exalça.

Quando quer empolgar pelo sentimento, fala com aquella emocionante graça do *O julgamento dos revolucionarios*. Commove, então, pela sinceridade dos conceitos, sem o recurso classico á pieguice nativa.

A divulgação deste discurso será, apenas, carinhosa homenagem de amigos a Oswaldo Aranha? Cremos que antes é um bom serviço ao povo brasileiro, um appello aos homens de boa vontade para que formem ao lado da geração nova e evitem que o Brasil volte a ser presa dos profissionaes da politica.

PAULO LABARTHE.

NEHEMIAS GUEIROS — O ESTADO E A EGREJA — Recife, 1931.

A obra do sr. Nehemias Gueiros foi composta no sentido de refutar as theorias economicas do nosso eminente collaborador Tristão de Athayde, attingindo naturalmente os aspectos religiosos que o segundo acha inseparaveis de qualquer estudo social que se preze. Andamos longe de encampar as conclusões do volume, extremadas sempre, mas forçoso é reconhecer que está em lide um prosador dos mais cultos, um argumentador vehemente e, logo, um polemista de meritos invulgares.

Passeio em torno da vida de Freud e da Psychanalyse

Esse empolgante Siegmund Freud, que ha alguns mezes agoniza, devorado por um cancer implacavel, foi, nos ultimos annos, a celebridade mais surprehendente do mundo. Nenhum heroe, nenhum santo, nenhum poeta, nenhum sabio conseguiu, no nosso tempo, a notoriedade que conquistou, em todos os centros civilizados do universo, o fundador da Psychanalyse. Negado e combatido universalmente, a principio, Freud logo depois dominou e arrebatou os seus adversarios, impondo-se, de modo definitivo, á admiração e ao respeito de todas as intelligencias e de todos os espiritos. Para fixar, porém, o perfil excepcional desse homem admiravel, que o mundo ainda contempla com espanto e surpreza, bastará narrar bem singelamente a sua vida. E é o que pretendemos fazer neste rapido artigo.

* * *

Siegmund Freud naseeu no dia 6 de maio de 1856, em Freiberg (Moravia), numa pequena cidade da Tchecoslovaquia de hoje. Seus paes foram judeus, e elle mesmo se conservou fiel á religião e ás idéas dos seus maiores. Indo para Vienna com 4 annos de edade, alli fez toda a sua educação. Apesar de modesto e pobre, o pae fazia questão de assegurar-lhe a carreira que a sua vocação lhe indicasse. As doutrinas de Darwin, então em grande voga, exerceram sobre Freud uma incoercivel fascinação, porque lhe facilitava uma comprehensão razoavel dos problemas do universo. Mas foi um ensaio de Goethe — *A Natureza,* que o levou, resoluto e apaixonado, ás portas da Faculdade de Medicina.

* * *

E' na Universidade, onde ingressa em 1873, que elle encontra a sua primeira decepção. E essa decepção nasce do preconceito que existia entre seus collegas e mestres contra a sua condição de judeu. Diz elle: — "Eu encontrei na Universidade esta estranha exigencia: eu devia me sentir inferior, e excluido da nacionalidade dos outros, porque era judeu. Não me submetti a essa imposição violenta. E não pude jamais comprehender o motivo por que devia eu ter vergonha da minha origem, ou como se dizia então — da minha *raça.*"

* * *

Tendo entrado para o laboratorio de Physiologia de Ernest Brück, onde permaneceu de 1876 a 1882, Freud fez um curso medico, alem de lento, — negligente e imperfeito, formando-se em 1881.

Deixando em 1882 o seu mestre de Physiologia, teve elle o seu primeiro contacto directo com o hospital, no Allgemeines Krankenhaus, onde foi interno do serviço de Meynert, cuja obra e cuja personalidade o fascinavam desde os tempos de estudante. O mestre, sentindo-se velho, e adivinhando-lhe as qualidades excepcionaes de clarividencia e cultura, quiz transmittir-lhe o exercicio da cathedra. Mas Freud não acceitou.

* * *

Lá longe, em Paris, brilhava o nome grande de Charcot, cuja escola, na Salpetrière, era centro de gravitação de todos os neurologistas do mundo. Freud concebe o seu plano de vida: conquistar a docencia de Neurologia e ir a Paris frequentar o curso de Charcot.

O que, entretanto, apressou a ida de Freud a Paris foi um facto extremamente curioso e significativo. Na Allemanha não se conhecia ainda o conceito das neuroses. E Freud, um dia, dando um curso a medicos americanos, apresentou a seus discipulos um neuropatha, que padecia d'uma cephalalgia obstinada, fazendo o diagnostico de "meningite chronica circumscripta". Os medicos americanos, que já haviam frequentado Charcot, e conheciam o quadro clinico das neurasthenias, ficaram revoltados com o grosseiro erro de diagnostico e abandonaram o joven professor, cuja docencia foi assim, segundo elle mesmo conta, prematuramente interrompida. Esse incidente apressou e decidio a sua viagem a Paris, onde foi, mais tarde, o discipulo amado de Charcot.

* * *

Regressando a Vienna, em 1886, Freud quiz fazer, na Sociedade dos Medicos, um relatorio do que viu e aprendeu em Paris. Mas encontrou ahi outro dissabor: foi mal recebido. Expondo as theorias novas de Charcot sobre a hysteria, elle ouviu, de autoridades como Bamberger, que presidia a Sociedade, a declaração franca e clara de que aquillo que elle narrava não merecia fé. E os medicos dos hospitaes lhe recusavam permissão para observar doentes hystericos, de ambos os sexos, afim de documentar as suas idéas. Um medico de Vienna chegou mesmo a exclamar, cheio de escandalo e indignação:

— "Mas, meu caro collega, como póde o sr. dizer taes absurdos? *Hysteron* quer dizer utero. Como explica, pois, o sr. a hysteria no homem?"

E deram-lhe o *brevet* de charlatão...

* * *

Sempre entregue á clinica neurologica, Freud observava, attento e curioso, todos os methodos therapeuticos do tempo: a suggestão de Charcot, a electrotherapia de Erb, o magnetismo de Hansen, o hypnotismo de Liebault e Bernheim, etc. Depois de longas observações, elle instituiu um processo pessoal de pesquiza e tratamento das molestias nervosas: a exploração e suggestão em vigilia, que é, de resto, o ponto de partida para o processo "cathartico" da Psychanalyse.

* * *

Entrando, então, para o serviço de Brener, e observando com este alguns casos singulares de hysteria, é que Freud descobre a Psychanalyse. As suas investigações e theorias eram de tal modo surprehendentes e revolucionarias, porém, quer do ponto de vista moral, quer do ponto de vista scientifico, que Brener se negou a acceital-as, e separou-se do discipulo e do amigo. Comtudo, Freud tinha descoberto esta coisa simples e rara: uma verdade nova. E a Psychanalyse, depois de agitar o mundo inteiro, desencadeando uma terrivel tempestade de anathemas e odios contra o sabio de Vienna, acabou se tornando uma doutrina universal, que empolga e conquista todos os espiritos.

PEREGRINO JUNIOR.

A respeito de Vampiros

Si houvesse premio Nobel para o crime considerado como uma das bellas artes ou como uma das sciencias exactas, tal premio teria cabido á Allemanha em 1930, na pessôa muito notoria e muito famosa de Peter Kürten, o Vampiro de Düsseldorf, cidade artistica.

Um vampiro! Em edades antigas acreditava-se na existencia desses extranhos sêres que á noite vinham chupar o sangue ás crianças, como os morcegos ainda hoje o fazem aos cavallos nas estribarias mal cuidadas. Na nossa infancia — ó meus conterraneos! — quando á noite, na nossa cidadezinha mineira, se contavam historias de vampiros, não faltava nas nossas casas alguem com bastante autoridade e falla grossa que dissesse á bôa avó: "Para que é que a senhora está mettendo essas caraminholas na cabeça desse menino?" E com segurança scientifica continuava, dirigindo-se á criança: "Olhe, meu filho, tire da idéa essas bobagens de vampiros, ouviu? Isso é coisa que nunca existiu. Um menino intelligente não acredita em taes tolices!" Grande engano. Os vampiros existem e vivem nesta nossa edade, com a luz electrica, o aeroplano, o zeppelin, o submarino, o radio e todas as chamadas maravilhas da sciencia. Os vampiros existem e estão classificados (pelo menos provisoriamente, como é balda da sciencia) na categoria dos criminosos de typo sexual. Ha pouco mais de tres annos, na cidade de Hanover, foi executado um delles chamado Haarmann, que attrahia a seu antro rapazinhos já mais ou menos viciados, praticava com elles actos que não se descrevem e finalmente, na vertigem da sua nefanda volupia, rompia-lhes com os dentes uma arteria e com a sua bocarra calibanica sugava-lhes o sangue a longos haustos refrigerantes, monstruosos e beatificos. Mais de uma dezena desses infelizes foram vampirisados por Haarmann, o qual, por sua vez, condemnado pelo jury, foi degollado. Os vampiros existem, portanto. Não são apenas "contos de velhas donas."

O de Düsseldorf, que trouxe aterrorisada a bella cidade rhenana, patria de Heine, chamou a attenção do mundo inteiro. Ao jury que o julgou estiveram presentes mais de sessenta correspondentes de jornaes allemães e estranjeiros e quasi outros tantos criminalistas e psychiatras de varios paizes, interessados em penetrar o mysterio daquelle homem de traços physionomicos regulares, habitos apparentemente normaes, no qual os psychiatras, que longamente o observaram durante o tempo da sua prisão, não notaram o menor symptoma de paralysia, nem de epilepsia, nem dessa modalidade da demencia precoce que os allemães chamam *Schizophrenie*.

O caso de Kürten acaba de ser explicado (pelo menos foi uma tentativa) perante a *Forensisch-psychologische Gesellscraft* de Hamburgo pelo Prof. Dr. Hübner, psychiatra da Universidade de Bonn, que foi um dos peritos medico-legaes no processo contra o enigmatico assassino. O vampiro confessou ter commettido oitenta e tres crimes entre os annos de 1899 e 1930, embora no intervallo delles tivesse cumprido sentenças que orçam por 20 annos de prisão. Nem todos esses crimes foram de homicidio, é claro. Houve incendios, tentativas de incendios, tentativas de morte, aggressões, etc. Elle declarou que durante um incendio, quando via homens e mulheres fugindo espavoridos, o espectaculo lhe proporcionava um prazer ineffavel. Matava de preferencia moças e meninas. Dizia que o espectaculo da morte das suas innocentes victimas, attrahidas por elle a seu antro com presentes (ás vezes de bonecas) e palavrinhas doces, proporcionava-lhe sensações singulares. Uma vez chegou a atacar um rapaz numa estrada remota, isto porque (confessou perante o jury) certos dias elle tinha necessidade urgente de derramar sangue, ver sangue, cheirar e provar sangue! Os magistrados de Düsseldorf pozeram de lado a maior parte dos crimes confessados e deram por provados apenas dezeseis assassinatos. Apenas. Para que mais?...

Kürten vinha de uma familia de ebrios. O avô era bebado habitual. O pae, além de bebado, foi condemnado por crime de incesto — um horror! Aos 16 annos fugiu elle com o dinheiro do pae e ganhou a sua primeira sentença de seis mezes de prisão. Em 1913, tentando commetter um roubo e sentindo-se observado por uma menina, matou-a. O crime nunca foi descoberto, mas a morte dessa criança impregnou-o do desejo de matar mais crianças... Depois de ter cumprido varias sentenças, passou quatro annos em Altenburg, vivendo honradamente, isto devido a sua mulher que, sendo naturalmente bôa e tendo educação superior á sua, exercia sobre elle uma influencia benefica. Era, porém, dado a crueldades para com os animaes, como cães e porcos que podesse apanhar a geito. Muito cedo iniciou as suas relações sexuaes e teve a desgraça de cair nas garras de uma infeliz mazochista. Este facto é importantissimo. Somme-se agora a hereditariedade pezada desse desgraçado com as experiencias colhidas nesses ambientes putridos e ter-se-ha o resultado logico: um criminoso que bate o recorde de Haarmann e deixa a perder de vista Landru.

Kürten foi degollado. Sendo catholico, quiz ser assistido por tres padres, que o acompanharam até o patibulo. Eu não sei si a presença desses tres santos homens terá sido bastante para livral-o de um certo logar cujo clima, segundo garantem os theologos, é muito mais quente do que o da ilha de Fernando de Noronha. Em todo o caso, Deus tenha piedade da sua attribulada alma...

O Professor Hübner conclue a sua conferencia dizendo que, como no caso de Haarmann, o Estado não podia deixar de pronunciar a pena de morte, porque ninguem poderia assumir a responsabilidade do perigo que representaria para a communidade uma fuga ou um eventual indulto desse criminoso sexual.

ANTONIO TORRES.

"DESCOBRIMENTO"

Na excellente revista lisboeta do sr. João de Castro Osorio, o Brasil continúa a occupar um posto de relevo. Assim é que, no "numero de inverno" do *Descobrimento*, surgem duas poesias de Manoel Bandeira, de um tom entre moderno e archaico, um ensaio de Ronald de Carvalho sobre a machina e sua philosophia, um trabalho de Caio de Mello Franco allusivo ao inconfidente Claudio Manoel da Costa, de quem se dá tambem um drama inedito, e um estudo de Helio Vianna referente ao revolucionarismo americano.

Frank Harris — **Bernard Shaw** — Collanz — London — 1932

G. B.-S. (para nomeal-o com as iniciaes famosas) desdenha o prazer dos sentidos, affirma Frank Harris, cheio de compaixão. Até aos vinte e nove annos conservou-se virgem e antes de casar só teve uma aventura forçada. Palestrador habil, vivendo na intimidade de actrizes appetitosas e laçando mesmo algumas nas espiraes da phrase ungida de imagens, poude, apezar de tudo, resistir ás tentações. Não abonando o pan-sexualismo de Freud, pensamos que esta falha no homem é a causa profunda da aridez da obra onde a insatisfação do instincto poderoso disfarça-se pela opulencia das ideias. As mulheres de Shaw, diz Harris, são insexuadas. Falta-lhes portanto aquella attracção e mysterio que sobram nas creações femininas de Ibsen. Nora e Hedda Gabler são dois imans irresistiveis. As mulheres de Shaw não commovem, nem exaltam — antes fazem pensar. Candida, na opinião do citado escriptor, é a melhor creação do comediographo irlandez. A trama da peça é singela. Uma mulher, Candida, vê-se amada e desejada por dois homens: o marido legitimo, pastor protestante e socialista, e um jovem de dezoito annos, poeta. O poeta se desespera ante as virtudes domesticas de sua musa cujas mãos, certa vez, surprehendeu descascando batatas. O sentimental resolve confessar ao proprio marido a sua paixão. Este trata-o, de inicio, paternalmente, depois exaspera-se e põe-no fóra de casa, algo enciumado. Mas o amoroso é renitente. Volta. Exige que Candida faça a escolha entre ambos. Ella apparece, então, decidindo permanecer com o mais fraco — o marido. Dizendo adeus a Eugenio, o poeta, Candida define-se com esta phrase: "Ora bem, meu rapaz; mas eu me não poderia ver casada, aos cincoenta annos, com um marido de trinta e cinco." As batatas estão alli para symbolizar concretamente o prosaismo desta vida e a reflexão sobre a edade representa os interesses mesquinhos. Candida é um mixto de grandeza e calculo.

Outra comedia caracteristica de Shaw é *Mrs. Warren's Profession* onde justifica, senão defende, as proxenetas e cortezãs. Citemos ainda: *Arms and The Man, Man and Superman, Heartbreak House, Methuselah*, etc.

Os londrinos, contemporaneos de Shaw, recordam-se daquelle jovem mal enjambrado, sujo, suarento, fallando, com desperdicio de gestos, uma linguagem inedita, entrando na liça das discussões revestido da couraça de ferro dos argumentos e armado com a ironia de Luciano, o sarcasmo de Swift e o humour de Dickens. Montado numa tribuna improvisada, o bohemio de vinte e tres annos dava largas á indole iconoclasta, atacando, aggressivo e violento (Shaw é um devoto da violencia) as instituições seculares. A multidão desprezou-o, a principio, por aquella barba vermelha, cabelleira em desalinho e calças cujos exaggerados diametros esforçavam-se por encobrir a miseria dos sapatos. Desprezou-o, diziamos, para depois, delirante, applaudil-o, sentindo que atravez daquelles labios ardentes, extremamente moveis, respirava toda a alma popular.

Os que conhecem o dynamismo de Shaw não se surprehendem com o fracasso das suas novellas, livros de sua minoridade como elle o affirmou. No romance os personagens são, por assim dizer, estaticos. No Theatro não. Elles se agitam, se exhibem, fallam, tomando cambiantes varias consoante a indole artistica dos interpretes: são, numa palavra, dynamicos. O theatrologo é um deus tangivel creador de vidas. Vejam Ibsen e Shaw. Mas essas duas expressões do theatro de idéas, embora tenham pontos de contacto, são substancialmente diversas. Emquanto o comico, o paradoxo, a graça, a ironia e a satyra constituem a coloração dominante nas comedias de Shaw, ellas se ausentam do drama de Ibsen, mais serio, menos sarcastico, menos ironico e, por isso mesmo, como pensador, mais systematico.

Os commentadores de Shaw tratam-no como um polichinelo, chocalhando guizos. Os guizos são as idéas com que elle tem procurado perturbar o somno dos soberanos e dos nababos insolentemente ricos.

Na verdade, esse grande demolidor, forasteiro do planeta, fez delle seu palco, onde, escoltado pela gloria, ha quasi meio seculo, representa.

MANLIO GIUDICE.

De Lingua Ingleza

★

MARGARET AYER BARNES — *WESTWARD PASSAGE* —(*Houghton Mifflin Company, Boston and New York*, 1931).

A autora de *Years of Grace*, com o qual obteve o "*Pulitzer Prize novel*" de 1930, dá-nos agora um bello livro, original na forma e interessante no enredo. Divide-se em sete capitulos que são sete dias de uma vida. Escripto subjectivamente, seguindo os actos e os pensamentos de uma mulher durante uma semana, revela-nos esse livro todo o romance, toda a tragedia de uma existencia. Extremamente humana e essencialmente feminina, Margaret Ayer Barnes começa nos descrevendo o sentimento de tedio que invade a alma ao approximar dos quarenta annos, o *trouble* em descobrir um coração ainda sensivel, a angustia de ter que decidir entre a aventura do amor e o bem estar da familia, e acaba... acaba como devia acabar: a volta á prosaica realidade. N'essas paginas admiraveis Margaret Ayer Barnes faz-nos seguir, com uma arte incomparavel, todos os movimentos d'alma de sua heroina, e de tal modo a faz vibrar e viver dentro de nós que a comprehendemos sempre, até no que tem de absurdo.

ALDOUS HUXLEY — *MUSIC AT NIGHT AND OTHER ESSAYS* — (*Bernhard Tauchnitz*, Leipzig, 1931).

Uma serie de ensaios conscienciosos, mostrando-nos que a bella cultura do autor em nada perturba a sua espontaneidade. Em *Music at night and other essays*, Aldous Huxley trata de assumptos os mais diversos, muito honesta e pessoalmente. Assim, ao lado de meditações sobre El Greco, traça-nos algumas notas sobre a liberdade e os limites da Terra Promettida e faz-nos sermões sobre gatos... Si nos ensina muita cousa sobre esses varindos assumptos, revela-nos sobretudo a sua personalidade de homem culto, ponderado, independente e um tanto ironico. Descobrimos nelle um inimigo da estandardização e da industrialização, nada sujeito ao engodo pela machina, tão frequente nos modernos. E' o homem de outra epocha que se serve das conquistas da actual para condemnar o que nella acha errado. E' um sensivel que reflecte e sonha, e acaba sorrindo.

BERNARD SHAW — *THE APPLE CART: A POLITICAL EXTRAVAGANZA* — (*Brentano's — New York*, 1931).

Como todas as peças de Shaw, quando lidas, esta tambem parece ser apenas um pretexto para escrever um prefacio, no qual o autor, mais detalhadamente que na propria peça, expõe e defende o seu pensamento. Em *The Apple cart* o prefacio é primoroso e irrefutavel. A peça, a peça é de Shaw: humana, divertida, espirituosa, cheia de typos perfeitamente reaes e inconvencionaes. Nessa satyra a victima é a democracia, essa sombra que já falliu e na qual tantos persistem em acreditar. O quanto este livro poderá influir no espirito de seus leitores, depende unicamente da sinceridade desses e da opinião que tiverem sobre a sinceridade de Shaw.

JACK SAMPAIO.

Uma Historia da Litteratura Portugueza

Vive em Lisboa, lá para as bandas de S. João do Estoril, um inglez quinquagenario que votou a sua vida ao estudo da litteratura portugueza, sobre a qual certa vez opinou ser a maior que um pequeno povo tem produzido, exceptuada a Grecia antiga.

Nasceu pobre num condado do norte da Inglaterra, aos cinco annos passou a residir na Irlanda e aos oito no meiodia da França. Aos 19 annos fez estudos classicos em Oxford. Conseguiu por concurso um logar de bibliothecario no Museu Britannico.

Mais tarde achou de fixar residencia em Portugal e ser correspondente de jornaes londrinos na peninsula hispanica.

Como não tem papas na lingua e diz alto e bom som o que pensa, ás vezes desgosta os hospedeiros, que se não dão conta de que entre elles vive, sob color de jornalista, um sabio inglez.

Aubrey Fitz Gerald Bell chama-se esse homem singular. Faz alguns annos, publicou um manual da historia da litteratura portugueza (*Portugaise Literature*, 1922), que agora acaba de ser traduzida pelos snrs. Agostinho de Campos e J. G. de Barros e Cunha e posto assim ao alcance de todas as mãos.

Repetir mais uma vez a phrase feita de que veio preencher uma lacuna seria talvez exaggero, porque os manuaes de Mendes dos Remedios e Fidelino de Figueiredo, feitos com erudição e elevado ponto de vista, orientavam perfeitamente no estudo daquella litteratura.

O livro do sr. Aubrey Bell differe de ambos e sem o proposito de fazer uma como revisão de valores, deixa aqui e alli transparecer sua opinião pessoal sempre muito justa e obtida inductivamente.

O sr. Bell tem em alto gráo a faculdade synthetica e é capaz de com quatro pinceladas pintar um sujeito no seu meio.

Evocado por elle, um Garcia da Orta nos apparece vivo, satisfeito, cercado de livros, em sua ilha proxima a Bombaim, numa casa rodeada de jardins, onde muitas vezes recebeu a visita de Camões, como um grão senhor servido de numerosos escravos. Ha quem julgue que a ilha dos amores, nos *Lusiadas*, é a idealização da ilha do botanico lusitano.

Di-se-ha, por ventura, que as pesquizas do Conde de Ficalho facilitaram a pintura do retrato. Mas, no manual ha outros individuos apanhados da vida, ou, melhor, dos tumulos e trazidos para a nossa convivencia.

Quem é, por exemplo, Garcia de Rezende para os historiadores da litteratura portugueza? Um nome escoteiro. Vago poeta que organizou um *Cancioneiro*, no tempo do glorioso rei D. Manoel.

Vem o sr. Bell, dá-lhe a mão e elle se levanta lepido, gorducho, obsequioso, baixote e vermelho. E' o poeta que inspirou Camões no episodio de Ignez de Castro e reuniu para nós sensaborias dos cortezãos que faziam verso, em nossos dias destinados ao talho grammatical. O *Cancioneiro* é uma mina de expressões hoje archaicas, em Portugal, mas conservadas aqui na linguagem do povo sertanejo.

Tenho para mim que o methodo de trabalho do senhor Bell consiste em juntar sobre certos assumptos montes e montes de cascalho. Depois atira-se á tarefa herculea de procurar os melhores para lapidar. Feita a escolha, de um grande calhau tira uma amethista, de outro verde esmeralda e ás vezes de um seixinho humilde lindo brilhante, que irradia como se fôra pequeno sol.

Como elle occulta a cascalhada, e não nos diz que suou noite e dia no labor da lapidação, somos levados a pensar que lhe foi facil fazer luzir a pequenina pedra.

O nosso homem reune a erudição ao bom gosto. Sua probidade litteraria é tal que chegou a ler todas as epopeias posteamonianas para nos informar que "sobrevivem apenas para serem o mais terrivel tormento que pode victimar um critico litterario que lê e não se limita, como fazem muitos, a escrever". Esse desabafo não se encontra no compendio, mas no opusculo — *Alguns aspectos de leteratura portuguesa*.

O historiador britannico tem em elevada conta a litteratura medieval portugueza, cujo estudo occupa quasi a terça parte do seu livro.

Segue-se-lhe o exame minucioso da epoca de Camões e Gil Vicente, considerando este o mais nacional dos escriptores portuguezes. O ultimo terço dedica-o aos tempos modernos, que conhece completamente, embora não lhe vote igual sympathia.

Consoante o pensar do sr. Aubrey Bell, a litteratura portugueza apresenta as seguintes caracteristicas: ausencia de espirito epico e genio dramatico, feita a necessaria excepção dos *Lusiadas*, que podiam ser menos altieloquentes e das cartas de Mariana Alcoforado que sobrepujam todos os dramas; excellencia litteraria dos livros de historia, mas falta de historia scientifica, exceptuando Herculano; abundante lyrismo; mysticismo; ausencia completa de critica, que assume sempre o aspecto de diatribe politica, religiosa, mas nunca o de apreciação justa, sympathica, scientifica, orientadora.

Explica o lyrismo pela vida simples do povo, que não se aglomerou ainda em grandes cidades. Paiz agricola, de bom clima, de bons ares, fertil, esse ambiente influiu na floração bucolica e lyrica.

A veia satirica teria um fundo racial: denuncia a influencia celtica. O sr. Theophilo Braga insistiu muito nessa tecla, o que lhe valeu forte critica do nosso Sylvio Romero, no livro *Patria Portugueza* feito para demolir outro de igual nome do historiographo lusitano. Não julgo o sr. Aubrey Bell capaz de se deixar levar facilmente por influencia de outrem, muito menos do apressado Theophilo, cuja obra merece integral revisão ou commento para ser lida sem perigo.

Demais, o autor inglez não insiste no celticismo, e acha mesmo que as theorias explicativas devem ficar de lado num manual objectivo.

O genio satirico não me parece ser de fundo racial, antes denota um estado de cultura, a ausencia de preoccupações mais sérias e elevadas.

Tambem do humor se dizia ser especialidade britannica, theoria hoje em dia desacreditada.

O humor pode repontar em todos os climas e florir em todas as raças.

Gostaria que o Sr. Bell tivesse aprofundado certos problemas, como o da autoria da *Arte de Furtar*, o das *Cartas de Mariana de Alcoforado*, até hoje sem solução. Reconheço, todavia, ser impossivel ao mesmo tempo cuidar de tudo, do geral e do particular. O seu fito, que era um apanhado do conjuncto, exacto, sereno, toman-

AS GOETHEAS

Para o *Boletim de Ariel* pediu-me Gastão Cruls uma nota sobre as *Goetheas*, genero de plantas brasileiras, ora focalizado pela Academia.

De inicio devo dizer que minha qualidade de botanico me priva de predilecções exageradas por estas ou aquellas plantas; todas me interessam por egual; mas se um especimen de nosso flora é posto em destaque, de fórma solemne, como o foi *Goethea cauliflora* na Academia, então, o que especialmente me interessa é a alta finalidade desse gesto, como exemplo de amor ás cousas da Natureza!

A Protecção á Natureza é bem uma prerogativa das Lettras e das Artes; os esforços dos litteratos e dos artistas nesse sentido sempre foram muito apreciados pelos naturalistas; haja vista os Congressos Internacionaes para a Protecção da Natureza, como iniciativa de Associações Litterarias e Artisticas na Europa.

Na Botanica, tenho feito especialização em Phytogeographia que, estudando o factor humano, accusa-o, de um lado, de grande devastador de florestas, a titulo de desbravamento, civilização; de outro lado, reconhece-lhe a capacidade e o dever de reconstruir, racionalmente, o patrimonio florestal de cada paiz.

Divulgar esses dados technicos é uma necessidade, porque reflorestar não é trabalho facil, quando se deve fazel-o segundo as boas normas, com finalidade economica e esthetica.

Para que um tal trabalho se realize, na justa medida, com a boa technica e a devida continuidade, é preciso preparar preliminarmente o ambiente favoravel, chamando para elle a attenção publica e captando a sympathia da opinião geral.

E' funcção da Agronomia o reflorestamento, mas impossivel na devida escala, emquanto a opinião publica não o tonifique com o seu apoio indispensavel.

Vejamos agora quanto é ainda indifferente a opinião publica, inerte ante essa serie de morros pellados que se encontram por todo o Brasil e todas essas tapéras que estão esperando um Volney para descrevel-as, como ruinas de antigos fastigios.

Por toda parte a devastação, o fogo, o machado nas derrubadas, e como philosophia o conhecido "Quem vier depois que se arranje!"; os autores francezes usam em vez a expressão: *"Après moi le Déluge!"*

No emtanto, a contingencia mundial, segundo os maiores technicos no assumpto, é a de ser hoje preciso *replantar florestas como se planta milho!*

Vamos transcrever a proposito a asserção de Lauri Ilvessalo e Matti Jalava, relatores do inquerito finlandez, sob o titulo *Forest Resources of the World*, segundo o *Geographical Review*, Jan. 1932, New York, p. 159:

"If the world's future demand for wood is going to be filled, rational forest care and cultivation must replace the present wasteful use of the forests so that a yearly harvest can be raped from them just as from the grain fields."

A' vista destes dados, cada manifestação em favor de uma planta florestal brasileira tem um valor enorme; é que levada agora a *Goethea* a um jardim academico, ella ahi fallará como uma *dryade*, nympha das selvas que sae a correr mundo, pedindo protecção para a floresta em que nasceu.

Eis a grande finalidade da *Goethea* na Academia, finalidade cuja importancia pratica o turismo vae agora revelar.

E' que em sua actuação benemerita e que já tardava, o Touring-Club vae defrontar-se, d'ora em diante e de uma forma especial, com os nossos "morros pellados" ao longo das estradas sem arvores! E com as tapéras!

O problema floristico, já agora, não preoccupará apenas os naturalistas e outros amigos da Natureza, mas tambem e de um modo premente o turismo, como em todo mundo tem acontecido, e a tal ponto que em França o Touring-Club é o maior promotor de reservas florestaes, reflorestamento, protecção a sitios, paizagens, monumentos naturaes, tendo mesmo a iniciativa de organisar em sua séde, em seu palacio de l'Avenue de la Grande Armée, em Paris, *Congressos Internacionaes de Silvicultura*.

Ahi tem o *Boletim de Ariel* como se ligam os factos, partindo-se da *Goethea* no Jardim da Academia.

Como conciliar estas cousas tão diversas: Turismo, Tapéras, Morros Pellados? Reflorestando e aprimorando os nossos primores naturaes.

E tanto mais agora que a *Goethea* na Academia repetirá, a quem ouvil-a, o Poema de Goethe á Natureza.

A. J. DE SAMPAIO.

---

do conhecimento das buscas da erudição e confrontando-as com as fontes, conseguiu-o cabalmente.

Do exame minucioso, não sahiu diminuida a litteratura portugueza. Os portuguezes devem estar satisfeitos com o julgamento, que me parece justo naquellas partes em que posso acompanhar o aquilatador.

Sem ser hospede no assumpto, nem sempre pude evocar da memoria reminiscencias de leituras para confrontar os julgamentos. Pelo contrario, tive de ficar na posição de discipulo, fiado na palavra do mestre que se revelou o sr. Aubrey Bell.

Oxalá quizesse elle fazer para a nossa balanço semelhante ao que fez da litteratura portugueza. O seu manual vae tornar-se livro indispensavel na banca dos estudiosos. E' o melhor trabalho de conjuncto, o mais sereno e o mais erudito.

ALCIDES BEZERRA.

Osorio de Oliveira — DIARIO ROMANTICO — Editorial Attica — Lisboa, 1932.

Abrindo este volume de confidencias, o sr. Osorio de Oliveira diz-se cansado de tão só reflectir impressões de leitura e quer ver mais directamente "o homem, a natureza, o universo e o proprio Deus", quer em summa que os livros deixem "de ser uma finalidade para ser, apenas, pretexto de considerações sobre almas humanas". Ideal quasi sempre realizado nestas formosas paginas, onde existem tantas cousas suggestivas em relação a poetas, á musica, ás viagens, aos cães e ás lindas tardes de Lisbôa. O sr. Osorio de Oliveira declara, a certa altura: "Eu tenho a mania, que acabarei, certamente, por perder com a edade, de me interessar pelos outros". Mas, a nosso ver, não ha inconveniente algum em conservar essa mania, logo que nos traga sempre saborosos trechos como os do *Diario Romantico*. E antes interessar-se por um Duhamel, um Miró, um Maeterlinck, do que, Narciso burguez, ficar absorvido na beata contemplação do proprio ventre...

A actualização do gosto antigo no Theatro

D'onde vem esse vézo arraigado dos modernos de quererem tudo modernizar? Em si mesmo, tudo é moderno. Basta, para isso, pôr na moda os mais velhos assumptos, os mais velhos estylos, as ideas mais velhas. Essa mania nasceu no dia em que Adão e Eva decidiram não mais chorar, saudosos, o Paraizo perdido, mas, antes, conformar-se com o seu novo modo de existencia e pôr-se ao rythmo da vida nova.

Passaram os seculos, e a moda ainda consiste em fazer coisas novas com elementos velhos. Entre 1920 e 1930, quantas estheticas surgiram, que pretendiam esquecer o passado! Ellas tambem, cortadas, passaram, sem se apercebererem disso talvez, deixando em nós a lembrança de uma época atormentada mas já sediça.

Hoje, é precisamente o gosto antigo que está na moda. Sem embargo daquelles a quem a roçagante época de 1900 irritava pela sua falta de relevo, o "estupido seculo XIX" volta a pouco e pouco a merecer as honras da actualidade. Por outro lado, a crise economica — perfeito juiz de talento — póz abaixo muitos falsos genios que pretendiam ser innovadores, já na pintura, já na poesia, no romance ou no theatro, afim de os substituir pelos mestres verdadeiros de que todos se haviam inspirado. A pintura moderna, por exemplo, — industria da qual productores e vendedores tiraram lucros fabulosos — está hoje reduzida a esse grotesco Salão das Trocas, em que naturezas mortas são pagas com as mercadorias que ellas representam...

No theatro, notadamente, a actualização do gosto antigo se acentua cada vez mais. As salas litterarias de Paris produzem, desde alguns annos, esforços louvaveis para montar, com scenarios schematicos e com adaptações modernas, os themas da antiguidade, do renascimento, e do começo do nosso seculo.

O primeiro dos directores que a tal empreza se arriscaram foi Charles Dullin, montando, no Atelier, e representando, *Os Passarinhos* de Aristophanes, peça adaptada por Bernard Zimmer, com musica de scena de Georges Auric.

Mais tarde, o mesmo grande actor e director audacioso representou, segundo um texto adaptado de Ben Johnson por Jules Romains, *Volpone*, que se manteve em scena durante dois annos a fio, sempre com um successo enorme.

Em 1930, a Comédie des Champs Elysées, affirmando uma tradição muito sua de elegancia e de intellectualismo, levou essa obra-prima de Giraudoux que é *Amphytrion 38*. Louis Jouvet, actor perfeito e ao mesmo tempo que enscenador impeccavel, montou essa peça finissima com um gosto de estheta e uma solidez de mestre. Ao lado da diaphana L. Bogaert, Valentine Tessier, deliciosa Alemene vestida por Jeanne Lanvin, evoluia, leve, leve, e com certeza mais appetitosa e mais virtuosa do que o foram as interpretes de Plauto, de Rotrou e de Molière. (Comprehendo a incomprehensão de certos estrangeiros deante *d'essa flor de civilização que é uma peça de Giraudoux — flôr extenuada, ao fim da seiva*. São dos que comem *escargots* com cerveja preta... Escapa-lhes, nessa obra de arte, qualquer coisa que é essencial, e que elles não poderão perceber durante alguns seculos ainda. O mesmo quanto a *Volpone*, em que cada scenario, cada gesto, e todo o substracto da ironia *se dirigem á intelligencia pura, reclamam a collaboração e a cumplicidade do publico;* para essa percepção é necessaria alguma coisa mais do que o simples *sens of humour* do "Ballyhoo" de New York).

Mais recentemente, a velha "Opéra de Quat'Sous" ("Beggars' Opera") foi arranjada ao gosto moderno e representada no Théâtre Montparnasse por esta troupe gloriosa de Gaston Baty, que creou *Têtes de Rechange, Maya, L'Amour Magicien, Déparis*...

Essa fórma nova de um theatro antigo, foi alvo, tanto no palco como na téla, de um successo universal.

Emfim, a Grande Opera leva actualmente *Erôs vainqueur*, musica de Pierre Bréville sobre um libretto de Jean Lorrain. Jean Lorrain! toda a época de 1900. As mascaras de *Monsieur de Phocas*, o pieguismo de Maeterlinck, os máos dentes de Oscar Wilde, as olheiras e os espartilhos de Sarah Bernhardt, os *boulevards* que já não apanhámos mais, a Exposição que não era colonial e a Torre Eiffel virgem da publicidade de Citroën, e esses graves senhores barbados, de cartola, apertadinhos em rabonas muito curtas... Ridiculo? Um pouquinho, talvez. Mas é que 1900 ainda está muito perto de nós. Pois já não levam as mulheres modernas a indulgencia pelo encanto da *Vie Parisienne* (em 1850) ao ponto de usarem chapéus de plumas, vestidos longos e luvas até o cotovêlo, mesmo *mitaines, manchons* e jaquetas de corte archaico? Pouco falta para que voltem as anquinhas... Já se vêem, entretanto, na avenida das Accacias, cavalgadas como as que só apparecem nos velhos films de actualidades das cercanias de 1912. E as charrettes que rodam pelo Bosque de Bolonha já não ostentam mais sómente a velha nobreza, de *guimpe* preta e de chapéu ornado com violetas, phantasma ao lado de um cocheiro mumificado; mas, antes, são aquelles vehiculos anachronicos guiados pelas mulheres mais bellas de Paris e mais em voga.

* * *

Tudo portanto é novo, com a condição, não de revivermos o instante passado, mas de o vivermos intensamente. Pois, em verdade, cada um de nós é espectador daquillo que passa, e caminheiro naquillo que fica. Transcrevo de uma lição de Alain a nota seguinte: E' preciso lermos, ou melhor, ouvirmos ler um velho poema para que, cada vez que o leiamos, elle possa infiltrar-se num tempo novo; só deste modo o velho poema vem a ser algo mais do que apenas a sua propria lembrança. Fóra desta percepção ,o poema é com effeito velho e usado. Ha uma illusão commum aos que se aborrecem, como diz Stendhal, em esperança, e que consiste em pensar: "Eu já li isto. Eu já vi isto." Agir assim é aborrecer-se tambem em memoria, por falta de um objecto.

"O proprio tempo é um objecto usado. Isto quer dizer que as coisas, consideradas em relação ao tempo, são tão approximadas umas das outras que acabam por não mais existirem de per si. E' preciso separal-as, si se quer actualizal-as, situal-as num momento determinado que se chamará: época. Mas não julguemos que o tempo caminha depressa ou devagar. O movimento, sim, é que é rapido ou lento. Para um pedestre, tal cidade está situada a duas léguas daqui; para um avião, ella está a dois minutos. Este ganha a distancia sobre o espaço e não sobre o tempo."

Da mesma fórma, uma época es-

CASA MAROC

Dans le sable gris, j'ai mis ma maison,
En face de la mer vivante.
J'ai mis tout autour des fleurs à foison,
Belles comme ton âme ardente.
Et puis, autour de mon jardin,
J'ai planté, de ma propre main,
La plante rude à mon image:
Des buissons de cactus sauvages.
J'ai fait un centre à l'horizon:
Dans le sable gris j'ai mis ma maison.

Cette maison, c'est ta maison,
Et ces fleurs sont tes fleurs.
L'horizon partout, c'est ton horizon.
Le ciel, les vagues, ces splendeurs,
Cet hymne joyeux des couleurs,
Le Soleil devant qui tu te mets à genoux,
Tout cela c'est pour Toi, c'est à Toi, c'est à nous.

Allonge Toi bien dans le sable chaud,
Les deux bras en croix, face à la poussière...
Sens-tu palpiter l'âme de la terre
Contre tes seins nus? Sens-tu, comme un flot,
Monter doucement, dans Toi tout entière,
L'emprise immense de sa voix?
Ferme les yeux pour mieux entendre.
Et là, sous le Soleil, offerte à la lumière,
Immobile, ardente à la fois,
Sous mon regard captif et tendre,
Fais brunir, fais brûler ton corps.

Ton idéal d'un corps de bronze
Vaut bien celui d'avoir de l'or.
Tes muscles et tes dents, tes yeux sont des trésors,
Et tes mains sont plus belles
Que les joyaux du prince et les temples du bonze,
Et les autres honneurs encor...
Laisse les autres y prétendre,
Et se battre: ce sont des fous.
Nous, de notre bonheur, sommes plus riches qu'eux,
Et nos richesses sont réelles,
Puisqu'elles sont en nous.
Tout l'azur pour plafond,
La terre pour décor,
Le vent dans tes cheveux,
Vis intégralement, et puis contente Toi,
Corps et âme — tu veux?
D'être Toi-même auprès de moi.

Dans le sable gris j'ai mis ma maison
En face de la mer vivante.
J'ai voulu pour Toi ce calme horizon,
Loin de la bataille incessante,
Loin de l'humanité jalouse et malfaisante.
J'ai fait pour nous cette prison,
Avec des jardins de fleurs à foison,
Et mille grands cactus, tout autour, pour cloison.
Pour y cacher ton âme ardente,
Dans le sable gris j'ai mis ma maison.

EDGARD LIGER-BELAIR.

---

tará a alguns seculos do nosso, si devermos voltar a ella pelo caminho percorrido entre ella e nós. Mas depressa o nosso pensamento nos colloca dentro della sempre que o quizermos. Em pensamento podemos viver essa época sem mesmo ser preciso mudarmos de sapatos. As botas de sete léguas são, na verdade, um bello symbolo.

Paris, 1932.

MAURICIO WELLISCH.

O SOBRINHO E O TIO

Charles Gide, sociologo e economista retratado pelo nosso patricio Contreiras Rodrigues num dos ultimos numeros do Boletim de Ariel, *mereceu do seu sobrinho André Gide, uns dez annos antes de morrer, duas paginas curiosissimas do livro de confissões autobiographicas* Si le grain ne meurt.

Conta André Gide que, muito novo, de visita á casa da avó, costumava encontrar o tio debruçado no rebordo de uma janella, absorvido em estranhas culturas: hastes rigidas emergiam, crystallizadas, de mysteriosos bocaes que pareciam pertencer a um gabinete de alchimista á moda medieval. O parente explicava-lhe, em tom grave, que eram saes de zinco, de cobre e de outros metaes e que, segundo o nome do metal, essas ambiguas vegetações se denominavam arvores de Saturno, de Jupiter, etc.

Não se occupava elle ainda de economia politica e não redigira um tratado sobre o assumpto, que se tornou classico, sendo traduzido para todas as linguas e vendendo-se consequentemente ás dezenas de milheiros. Tinha-se mesmo a impressão de que, na época, ao menos a aferir pelas suas raras confidencias, um sincero pendor o impellia para os estudos astronomicos, numa vocação robustecida pelo amor ás cifras, pela taciturnidade de contemplativo e esse desdem de toda a iniciativa individual e de toda a psychologia que o tornaram "o sêr mais ignorante de si proprio e dos demais", dentre todos os que conheceu o sobrinho André, segundo declaração explicita deste.

Quando o futuro autor do Amyntas, *ainda garoto, ensaiava, com outros parceiros da mesma edade, as suas aventuras e os seus jogos corydonescos, Charles Gide já era um rapagão de cabellos negros, compridos e bem arumados em mechas atraz das orelhas, um bocado myope, com algumas exquisitices, longas crises de silencio e um aspecto intimidante a mais não ser.*

A mãe de André irritava o moço taciturno sempre que pretendia quebrar a espessa camada de gelo em que o seu temperamento o envolvia. "Havia nella mais boa vontade que geito", e Charles, inteiramente incapaz de decifrar as nobres intenções debaixo da attitude canhestra, só se deixava empolgar pelos falsos amigos lisongeiros e habeis.

Dir-se-ia (conclue o memorialista do Si le grain ne meurt) *que o pae delle André confiscara toda a amabilidade, toda a dóse de amenidade de que podia dispor a familia, de maneira que os demais, roubados na herança, appareciam todos com uns ares coriaceos e carrancudos...*

Leiam o extraordinario romance

O CÃO AMARELLO

UM POETA FRANCEZ

Acha-se de passagem entre nós, um joven poeta francez, do qual temos hoje o prazer de inserir duas producções bastante expressivas da sua maneira e da sua personalidade litterarias. Edgard Liger-Belair, pouco affeito ao ruido em torno do seu nome, não é de modo algum um estreante em poesia, uma vez que, em seu paiz, já estampou varias obras, com lisongeiro successo de critica, sendo que uma dellas, Les Iris Noirs, *foi mesmo laureada pela Academia Franceza, em 1924. Receando atraiçoar-lhe o pensamento e o rythmo, preferimos conservar-lhe os trabalhos na propria lingua em que foram escriptos e na qual poderão ser melhor apreciados pelos nossos leitores.*

Um Romance

"LE CERCLE DE FAMILLE" — de ANDRÉ MAUROIS — *Grasset* — Paris, 1932.

Com a publicação de *Cercle de Famille*, André Maurois readquire o seu prestigio intellectual, ou mais propriamente desautoriza e desmente a opinião que delle se estava fazendo, como a de um simples profissional do *bem escrever*, biographo facil de vidas romanescas, destinado á gloria ephemera de agradar a todo o mundo, e por isso mesmo, passar rapidamente, destino implacavel aliás de quem faz litteratura de successo.

Já não era muito para ser citado o nome de Maurois nos circulos mais avançados. Como o heroe shakespeareano que á força de amar amou demais, o autor dos *Aspectos da Biographia*, á força de escrever bem, escreveu bem demais, tornando-se assim um *virtuose*, preciso, harmonioso, senhor de um apurado instrumento expressional, mas, e por consequencia talvez, artificial. Para a critica exigente André Maurois já era, aos poucos, considerado um *estylo*, um modo de dizer limpido, ondulante, com um temperamento que o estylo espelhava. Publicado o *Cercle de Famille*, porém, temos algo de differente, que faz mesmo esquecer as taes *excellentes qualidades* do escriptor, qualidades que tornam as obras desinteressantes. Sendo, talvez, o que de melhor tenha sahido da penna de André Maurois, *Le Cercle de Famille* está longe de ser o que de mais bem feito tenha elle produzido.

* * *

O que é bom só é bom porque é verdadeiro. Um romance só é grande quando realiza a sua realidade, o seu rythmo natural, a sua ambiencia em que os acontecimentos se desenrolam possivelmente.

O romancista não copia a vida, nem a imita, pois é elle — ou deve ser — um creador de ambientes e de existencias. Nada mais real do que a vida dos personagens de Dostoiewsky, todos, no emtanto, inerivelmente hallucinados. E' que não houve transposição de personagens para determinado meio preestabelecido — mas, nascimento de um mundo e de seus habitantes. De quando em quando sentimos a *verdade* no que acontece, dos grandes romances. E vivemos o romance como um encontro.

Le Cercle de Famille é um livro triste, em que a ideia de *passagem dos sentimentos e das coisas* impregna tudo de uma lassidão que, se não chega a corromper as almas, as atira a um clima de grande melancolia. A personagem, que é o centro do livro, Denise Herpain, tem a vida marcada por uma grande revolta, revolta que ella traz da sua infancia mais remota. Essa revolta é contra sua mãe, que ella detesta, porque tornou seu pae um homem profundamente infeliz, e cuja desventura conjugal é conhecida de toda a cidade em que os Herpain viviam. Esse horror á mãe é partilhado pelas irmãs de Denise tambem. Morto o pae, emquanto a mulher estava ausente, em viagem com o amante, as filhas a prohibem, ao voltar, que entre no quarto em que o morto se encontra. (E' esta scena das mais admiraveis do livro).

A vida se processa. A viuva Herpain se casa com o amante. E a heroina, ella mesma se casa com um homem um tanto parecido com seu pae, e a quem por sua vez, engana causando nos filhos o mesmo soffrimento que a mãe causára nella e nas irmãs. No entanto, Denise Herpain é um typo superior de mulher differente, com uma grande bravura moral. E' que a vida póde mais do que a nossa fidelidade ás ideias e sentimentos ou nós não temos força bastante para defendermos essa fidelidade. E o tempo reduz ás suas proporções todas as tragedias deste mundo.

Denise Herpain guardou intacto o seu soffrimento. A lembrança da noite em que surprehendeu sua mãe sendo beijada pelo amante, não se lhe apagou da memoria. Olhamo-nos porém de uma maneira differente da que olhamos os outros. E o que nos acontece é sempre differente do que acontece aos outros, porque temos uma logica, uma construcção interior, que justifica o que fazemos por peiores que sejam objectivamente os nossos actos. Assim Denise Herpain chegou quasi ao mesmo ponto de sua mãe, deante do marido e dos filhos, embora com outro espirito e outra delicadeza.

O romance é vasto, de largos quadros. Nelle diversos meios são fixados. Innumeras figuras masculinas atravessam o livro, algumas apenas esboçadas, outras nitidas, recortadas, vivendo realmente.

E' um romance de verdade, dos melhores deste anno, que é o grande anno do romance francez.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

Rodrigo Octavio — LES SAUVAGES AMÉRICAINS Librairie du Recueil Sirey — Paris, 1931. — **ALEXANDRE DE GUSMÃO**, idem, idem, 1930.

Dentro da sua cultura e da sua operosidade de jurista, o nosso illustre patricio, figura de destaque no mais alto tribunal do paiz, consagrou um substancioso estudo ás relações do selvagem americano com o direito internacional. Ou melhor, historiou elle o que esse direito pôz em pratica no sentido de defender um elemento humano por vezes tão maltratado e injustiçado pelos contingentes que mascaravam a sua cobiça com o nobre titulo de civilizadores. O ministro Rodrigo Octavio viu bem que os nossos indios possuiam leis, rudimentares que fossem, tinham o sentimento da disciplina, o culto da familia e outros sentimentos de que os europeus, nem sempre bem avisados, se julgavam os detentores exclusivos. Entre os proprios catechistas, nem todos traziam para estas plagas a santidade de Anchieta ou a bondade meio ironica de Vieira ,e nem todos se oppunham á ganancia dos estrangeiros. E assim o nobre filho da terra, despojado de tudo, foi sendo supprimido aos poucos, sem que a metropole o defendesse e sem mesmo que o Brasil livre, monarchico ou republicano, fizesse por elle tudo quanto lhe cumpria fazer.

Não menos util do que essa monographia de caracter por assim dizer collectivo, é o trabalho do sr. Rodrigo Octavio sobre Alexandre de Gusmão, em quem enxerga um precursor de Monroe, pela profundeza do sentimento de americanismo. O Secretario d'El-Rey recebeu louvores até do rispido Camillo, que o deu como o verdadeiro creador de todas as idéas que fizeram a fortuna politica do marquez de Pombal. Suas victorias diplomaticas, especialmente num tratado que assegurou immensas vantagens a Portugal, incluem-no, sem favor, entre os grandes estadistas da Europa do tempo. E ainda mais sympathico se torna elle, o admiravel filho de Santos, se considerarmos o seu fim estoico, a sua coragem christã deante de tantos lutos domesticos e do incendio que lhe devorou a casa, os livros, os manuscriptos.

A politica geral do Brasil

José Maria dos Santos — *Editor, J. Magalhães* — S. Paulo.

A historia politica do Brasil era, até bem pouco tempo, terreno extremamente arido. Poucos estudavam-na. E nem mesmo existiam fontes limpidas para dessedentar os sequiosos de informações. Está, porém, aberta a éra dos estudos politicos entre nós. Dentre os cultores do genero avulta o nome de José Maria dos Santos, autor brilhante e erudito d'*A Politica Geral do Brasil*. Dá-nos este livro uma larga visão penetrante da politica brasileira, desde o Primeiro Imperio até os nossos dias. Ninguem, antes, havia siquer procurado esboçar tamanho quadro. Merece especial destaque a primeira parte do volume, na qual o autor estudou a obra do segundo reinado, que o impressionou vivamente, talvez por haver exercido mais decisiva influencia na formação da nacionalidade. Para José Maria dos Santos essa phase avulta no sentido da affirmação do sentimento nacionalista, nella definitivamente crystallizado. E' tão completo o balanço da acção politica, neste periodo da vida brasileira, que só elle bastaria para dar excepcional valor ao livro.

Outro prisma, além desse da sedimentação da unidade nacional, acuradamente estudado, foi o da montagem do apparelho parlamentar, ao qual dedicou o escriptor minuciosa analyse realizada sobre a sequencia ininterrupta dos factos occorridos no scenario politico do paiz. Acompanhou o autor a lenta metamorphose do systema que creou raizes entre nós, tornando-se, afinal, malleavel no jogo dos interesses maiores da nação e attingindo o nivel conseguido nos paizes mais cultos da época. Prestou attenção especial ao embate entre o poder pessoal e a actuação das camaras, surprehendendo o crescente retrahimento da esphera pessoal, representada pelo monarcha, e o accrescimo correspondente das attribuições parlamentares. E o fez para firmar que Pedro II não abusou do chamado poder pessoal, mas, antes, no seu sereno liberalismo com elle não se preoccupou. Ao contrario do que se proclamava durante o periodo da propaganda republicana, o segundo Imperador procurava attender á opinião publica, que elle identificava ao parlamento. E foi assim que operou o milagre de uma longa paz interna, cimentando ao mesmo tempo os alicerces da solida economia desbaratada na primeira Republica.

Encontrou esta, como innegaveis caracteristicos da administração que derribou, o equilibrio financeiro, uma apreciavel educação parlamentar e, acima de tudo, a unidade da nação. Duas destas conclusões detêm longamente o autor no sentido de chamar, neste momento, a attenção dos que se preoccupam em transformar as instituições: o retorno á elevação nos debates e o resguardo do sentimento nacional. Conclue o autor que o abandono de uma e de outra dessas directrizes seria funesto para o Brasil.

Effectivamente, a cultura accumulada durante a vigencia do segundo reinado foi prodigamente dissipada em quatro decadas de regimen federativo presidencial, quer no sentido primordial da unidade patria, quer quanto á influencia da opinião nos negocios publicos. O divorcio entre o mundo politico e as atmospheras da opinião, tornando o primeiro exotico e artificial, e a segunda cada vez mais retrahida e impotente, foi a causa preponderante da queda da primeira Republica. Para restaurar a harmonia destes dois factores, propõe José Maria dos Santos que se restabeleça o governo parlamentar e se fortifiquem os élos que devem ligar as differentes regiões do paiz.

Não sabemos até que ponto poderemos creditar em favor da opinião publica as parcellas do exito do segundo Imperio. Certo é da essencia do regimen parlamentar a actuação vigilante da opinião do povo. O scenario de largos, magnificos debates que representa o parlamento nos regimens representativos desse matiz cria uma escola de estadistas, homens de nivel cultural elevado, que cada vez mais se apura no trato constante dos negocios, e em condições portanto de serem os orientadores da opinião. Esta, sem duvida, seria vigilante na côrte e nas capitaes das provincias mais importantes, mas as antennas que deveriam recolher e captar as criticas, conduzindo-as até o seio do parlamento e aos conselhos da coróa, não seriam nem tão sensiveis nem tão longas, que permanentemente se pudesse crer no seu contacto e fiel reflexo dos interesses publicos. Sem duvida foi o regimen parlamentar o mais propicio para crear, educar e orientar a opinião reinante na época, em beneficio dos verdadeiros interesses da nacionalidade. E, talvez, que um parlamentarismo moderado, á feição do que foi delineado nas modernas constituições da Europa, fosse uma das medidas mais salutares para a reorganização das nossas instituições. Mas não só o aspecto estructural da politica nos deve preoccupar nesta hora trepidante. A politica, hoje mais do que nunca, deve brotar do solo economico, e no elementar equilibrio entre as utilidades creadas e as necessidades humanas se deverá encontrar a possivel felicidade dos homens sobre a terra. E' certo que na hypertrophia do poder executivo se acha a fonte envenenada dos nossos gandes males. Mas na desorganização do trabalho, na exiguidade dos meios de transporte, no systema rudimentar e multiplice da tributação, nos vicios do nosso systema monetario, poderemos surprehender as origens de muitos dos nossos males. No estudo das diversas phases da tradição parlamentar, na observação das nossas idiosyncrasias e das exigencias ineluctaveis do ambiente brasileiro, poder-se-ia talvez colher uma solução para o caso nacional.

Gaspar Saldanha.

D. MANOEL DE MELLO

A respeito do seu artigo sobre D. Manoel de Mello, inserto no n.º 5 desta revista, o nosso distincto collaborador Alcides Bezerra recebeu do historiador Edgard Prestage, a seguinte carta:

— Sixteen Holland Street — Kensington — Londres. W. 8 —, 2 de março de 932. — Ex.mo Snr. — Mão amiga enviou-me o numero de Fevereiro da revista Boletim de Ariel, *que traz um artigo de V. Ex. accrca de D. Francisco Manuel de Mello. Este artigo sobremaneira me interessou, por trazer um elemento novo para a biographia do eminente escriptor, elemento que eu desconhecia, e que deve ser verdadeiro, attento o nome que assigna a communicação. — Se percebo bem, os amores de D. Francisco Manuel com D. Maria Cavalcanti foram divulgados por Jaboatão, o "frade linhagista" mencionado, e gostaria de saber se a sua nobiliarchia foi impressa. Agradeço a V. Ex. muito penhorado as amaveis referencias a meu respeito e com toda a consideração peço-lhe me creia — De V. Ex. Muito attento venerador e obrigado* — Edgard Prestage.

DE PARIS

A SOCIEDADE DOS HOMENS DE LETTRAS

DE LOUIS DESNOYERS A VICTOR HUGO

O Sr. François Mauriac acaba de ser eleito por unanimidade, logo no primeiro escrutinio, Presidente da Sociedade dos Homens de Letras, onde vae succeder ao Sr. Gastão Rageot. Para 1º Vice-Presidente foi eleito o Sr. Paul Chack.

A sessão foi presidida pelo decano do Comité, cercado, entre outros, dos Srs. Auguste Bailly, Paul Chack, Edmond Jaloux, André Demaison, e das Sras. Camille Marbo, Marcelle Tinayre e Isabelle Sandy.

O autor do *Nœud de Vipères* nasceu em 1885; é pois um "menos de cincoenta annos". Em 1909, o Sr. François Mauriac publicou as *Mains Jointes*, ardente recolta de poemas, que valeu ao poeta um retumbante artigo de Maurice Barrès. Em 1926 a Academia Franceza conferiu-lhe o grande premio do Romance pelo conjuncto das suas obras, que comprehende *L'Enfant chargé de Chaines*, o *Baiser au Lépreux*, *Genitrix*, *Thérèse Desqueyroux*, *Le Désert de l'Amour*, *Destins*, o *Fleuve de Feu*, *Pélerins*, e *La Chair et le Sang*.

Romancista sensivel e delicado, possuindo um accento muito pessoal, François Mauriac escreveu uma longa série de romances e póde-se dizer que consagrou a vida ás lettras. Pela pureza do estylo, e pela inspiração nas melhores tradições da vida intellectual franceza, tomou lugar entre os chefes da nossa litteratura. A Sociedade dos Homens de Lettras honra-se assim com a escolha feita. O momento em que a illustre Sociedade elege o seu novo Presidente parece-me opportuno para fallar-vos da sua origem, da sua vida, da sua acção, graças aos elementos que devo á obsequiosidade do Sr. Jules Perrin, Secretario Geral do Syndicato dos Homens de Lettras.

A Sociedade dos Homens de Lettras nasceu a 31 de Dezembro de 1837, por occasião da reunião de um grupo de escriptores cuja fortuna material consistia unicamente em algumas cadeiras compradas por meio de rateio. Foi-lhe preciso percorrer longa estrada para chegar a ser a personalidade civica que é hoje em dia e foi Louis Desnoyers, o autor de *Jean Paul Choppard* e de *Robert Robert*, quem teve a idéa da fundação desta Associação profissional dos Homens de Lettras com o proposito de combater a pilhagem a que se entregavam impunemente os jornaes da época, que reproduziam sem nenhuma retribuição as obras dos escriptores francezes. No dia 10 de Dezembro de 1837, Desnoyers reuniu em casa certo numero de redactores litterarios dos jornaes parisienses, os quaes, adherindo á idéa, votaram as bases do projecto e nomearam uma commissão preparatoria encarregada de redigir os estatutos da futura associação. A 16 de Abril de 1838 a Sociedade dos Homens de Lettras, definitivamente constituida, nomeava uma commissão de dezoito membros, em cujo numero figuravam Louis Desnoyers, François Arago, Alexandre Dumas, Léon Gozlan, Victor Hugo, Lamennais, Louis Reybaud, etc. A presidencia coube a Villemain. Tratava-se agora de ir para a frente.

Apenas constituida a Sociedade, o numero dos membros subiu a vinte e quatro, renovaveis todos os annos; só em 1853 é que foi adoptada a renovação do terço.

O ardor do conselho redobrou logo no fim do anno com a adhesão de um novo socio que era nada menos que Balzac, o qual logo pretendeu conquistar, com o auxilio da Sociedade dos Homens de Lettras, senão o mundo, pelo menos a França. O desejo de Balzac era que a Sociedade dominasse todos os poderes, indicasse os candidatos á Academia, collaborasse discricionariamente no Diccionario desta; a leitura das actas das sessões dessa época fervilha de passagens divertidas. Balzac propoz certa vez organizar uma conferencia com os editores com o fim de pôr um paradeiro aos desastres de livraria: era já naquelle tempo a crise do Livro!

Infelizmente, tudo leva a crer que não poucos obstaculos entravavam o caminho glorioso por onde Balzac sonhava levar a Sociedade; pelo menos o seu genio possante e impaciente acabou por desanimar. Mais de uma vez pediu demissão, que lhe foi sempre recusada. Mas o certo é que desistiu do papel de Animador e foi-se affastando da Sociedade.

Para combater os jornaes que, cynicamente, se intitulavam: *O Pirata*, *O Corsario*, *O Ladrão*, tornava-se preciso, ás vezes, intentar processos, gastar dinheiro; ora, o dinheiro era escasso, tão escasso que, como não bastassem as cotizações, chegou-se a lançar uma taxa de 50 % sobre os direitos de reproducção. Achar recursos é o problema de cada dia; e, para isso, não são as idéas que faltam. A começar por Louis Desnoyers, que propoz e fez adoptar o projecto da publicação de uma obra em que collaborariam todos os membros da Sociedade em proveito da caixa commum, até Charles Tellier, o genial inventor do frio artificial, que devia, quarenta annos mais tarde, offerecer-se para repartir os lucros da exploração da sua descoberta em troca de publicidade, póde-se dizer que a historia da Sociedade dos Homens de Lettras é feita de variações sobre um thema unico: achar dinheiro para viver. Ainda ha quem se lembre das aventuras do *Album*, uma collecção de autographos que andou dez annos de um para outro negociante, chegou a transpôr o Mancha, voltou á França, extraviou-se, tornou a ser achado, até que finalmente foi comprado por um banqueiro que tinha um coração de Mecenas.

Com tudo isto a Sociedade resistia á tormenta; vivia, ia atravessando os mais duros periodos de sua carreira. A pouco e pouco iam-lhe chegando os auxilios. Em 1846 um dos membros, o ministro Salvandy, ajudou-a a obter do governo, tirada da verba concedida ás Sociedades Sabias, uma somma annual destinada a ser distribuida a titulo de soccorros aos associados. Mais tarde appareceu um anjo protector, tomou pela mão a creaturinha fragil e obstinada, para guiar-lhe o passo e assegurar-lhe a subida definitiva da ladeira: com effeito, a 13 de Novembro de 1848, o barão Taylor entrava para a Sociedade dos Homens de Lettras. Esta data, este nome, são memoraveis: porque o novo Societario foi a bem dizer o salvador da Sociedade e soube fazer jorrar dinheiro do chão. Delle data verdadeiramente a era de prosperidade definitiva da Sociedade; graças á iniciativa delle tenta-se tudo: conferencias, publicações colectivas, bailes, loterias, que sei eu!

Consolidada pelos donativos, sustentada por subvenções, progressivamente enriquecida pelos recursos que

lhe chegavam de toda parte, a Sociedade foi-se organizando pouco a pouco: por meio de adiantamentos, de auxilios pecuniarios, começou a soccorrer os seus e, a partir de 1846, já lhes assegurava os cuidados de um Conselho medico que em sua maioria se compunha dos grandes mestres da época.

A Chronica da Sociedade dos Homens de Lettras, projectada em 1844 e que mais de uma vez se tentára inutilmente pôr em execução, começou regularmente em Maio de 1866 e desde então vem registrando uma situação cada vez mais prospera.

Parallelamente, consequencia logica de uma crescente fortuna, a Sociedade vê crescer a sua autoridade moral e o seu prestigio, e toma uma parte cada vez maior nas manifestações da vida nacional de que já agora se tornou orgão importante. Nas horas dolorosas do Anno Terrivel, participa não só do luto como da defeza da patria; na irradiação do grande nome de Victor Hugo, organiza aquellas matinées, aquellas soirées de arte e poesia cujo extraordinario exito lhe permittiu offerecer á França dois canhões; abre uma subscripção a favor dos feridos e inscreve-se logo com cem mil francos.

Passada a tormenta, volta ao labor, buscando sempre alcançar o ideal que se impuzera: a união solidaria e fecunda dos escriptores da França; e, em 1878, quando a França mortificada se reergue de novo e extende os braços ao universo que a ama e admira, a autoridade adquirida pela Sociedade dos Homens de Lettras é tal que lhe permitte organizar e patrocinar o primeiro Congresso litterario internacional. O congresso abriu-se com uma imponente assembléa de trezentos delegados, a 11 de Junho de 1878, perante a qual Edmond About, presidente do Comité, annunciou que a sessão seria presidida por Victor Hugo. Póde-se dizer que o mundo inteiro estava alli representado: o discurso então pronunciado pelo illustre poeta teve uma repercussão immensa. O clarão do genio acariciava com um raio dos seus a fama crescente da Associação da qual tinha sido elle um dos fundadores e continuava a ser então a mais gloriosa testemunha: conhecera-lhe as difficuldades do começo, sabia os tropeços dos primeiros passos, assistia agora á alvorada do dia da victoria.

Em proximo artigo retraçaremos a marcha ascendente da Sociedade até os nossos dias.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

O PARIA

A mala do homem que tinha vivido uma geographia
do homem que tinha andado como uma carta sem endereço,
estava deserta de roupas e cheia de distancias.

O lenço do homem que tinha vivido uma geographia,
limpou a poeira de todos os caminhos,
mas nunca enxugou uma lagrima de adeus.

Os mastros dos navios, como dedos indices enormes e vagabundos,
lhe apontaram os mares de todas as latitudes,
mas nunca lhe apontaram um pedaço affectivo da terra
onde os seus pés errantes de ancora
sentissem a volupia dos passos que conhecem a repetição das paizagens, sem tedio.

ALOYSIO BRANCO.

TURATI

Nada peor do que a humilhação de sobreviver á propria fama. Por exemplo, esse Filippo Turati, que vem de morrer na Italia, foi, ha uns trinta annos, um dos nomes mais populares da Europa e hoje é quasi necessario fatigar a memoria para não confundil-o com um seu homonymo que é figura de relevo nas hostes do fascismo.

E os dois são tão differentes... O Turati acolyto de Mussolini bate-se pelo Estado-deus, pelo Estado omnipotente, emquanto o outro, com suas barbas e seus cabellos duros de mouro, seus labios grossos de "fauno triste" e suas mãos finissimas de fidalgo, foi um incansavel pregoeiro da egualdade e, em certo periodo, um arrastador de homens inebriados pelas miragens da Chanaan socialista.

Habitando em Milão, exactamente em frente ao Duomo, o bello templo de tantas agulhas de marmore e de uma arte gothica vistosamente adaptada aos habitos luxuosos da Peninsula, elle o olharia da sua janella e, empunhando o livro de um dos seus theoristas predilectos, repetiria intimamente a celebre phrase da *Notre-Dame* de Victor Hugo: *"Ceci tuera cela!"*

Mas os dias passaram, veiu a grande guerra e os socialistas italianos foram para os Alpes, de sabre em punho, dispostos a furar a barriga dos outros socialistas de Vienna ou Praga. Veiu, ainda depois, a bancarrota do sovietismo, e esse lutador de mascara sombria ,de ares atormentados, foi mergulhando num altivo e amargo silencio, sem saber o que oppôr de prompto ás arengas napoleonicas do Duce ou — o que é bem mais prosaico — receoso talvez de uma das sovas ou de uma das purgas violentas em que foi prodigo o fascismo dos primeiros tempos.

De resto, sempre se confessara Filippo Turati um tanto avesso a parolar nas praças publicas, preferindo agir pela lenta infiltração subterranea das idéas a remar e bracejar nos comicios á maneira desse turbulento Ferri, em quem haveria algo de rabula, de tenor e de prestidigitador.

E isso explica que nem tudo se haja perdido da obra de Turati, ficando, além da lembrança da sua campanha em favor das mulheres e das creanças exploradas pelos industriaes gananciosos, o écho, por vezes desafinado, do seu *Hymno dos trabalhadores*, que foi longo tempo a Marselheza dos homens do malho ou da charrúa.

A. G.

W. Berardinelli — NOÇÕES DE BIOTYPOLOGIA — Schmidt, editor — Rio, 1932.

Será possivel discordar das theorias expostas pelo distincto clinico neste volume de quasi duzentas e cincoenta paginas. Com effeito, as asseverações de Nicola Pende em torno á biotypologia, nome creado para designar a sciencia das constituições, temperamentos e caracteres", podem ser discutidas e os scientistas puramente objectivos que só se inclinam ante as verdades demonstraveis, ante as experiencias de laboratorio, acharão algo de precario nessa revivescencia modernizada de certos methodos de Lavater e outros que mesclavam realidade e phantasia. Mas, esquecendo o que exista de combativel nessa "sciencia da personalidade", nessa "sciencia das differenças individuaes", forçoso é concluir com o nosso patricio dr. W. Berardinelli, figura das mais estimaveis da nova geração medica, escreve sempre com clareza e bom gosto e que o seu trabalho, de uma vasta documentação bibliographica, constitue, no assumpto, verdadeira novidade em nosso paiz.

E. Roquette-Pinto — GOETHE — Sociedade Pro-Arte — Rio, 1932.

Trata-se da allocução proferida pelo illustre membro da Academia de Lettras por occasião do inicio das homenagens de um dos nossos centros de cultura á memoria de Johann Wolfgang Goethe. O trabalho é de uma nobre linha de simplicidade, sem emphase academica e sem atavios e rebuscas de rhetorica. Dizendo, em começo, o indispensavel sobre a obra litteraria do autor do *Fausto*, o nosso eminente collaborador estende-se, de preferencia, sobre o Goethe homem de sciencia, o Goethe naturalista, que tanto se preoccupou com a theoria das côres e a metamorphose das plantas e, escrevendo cousas propheticas no tocante á morphologia comparada, foi em muitos detalhes o feliz precursor de Darwin e Haeckel. O sr. Roquette-Pinto, não sem laivos de subtil ironia, confronta a visão desafogada do mestre de Weimar com as observações rotineiras e timidas de alguns de seus contemporaneos e conclue, *cum grano salis*, que mesmo em sciencia sempre vale mais quem possua a flamma do genio.

Tiradentes e o sr. Julio Dantas

Aos leitores do *Boletim de Ariel* ha de parecer estranha, pelo menos á primeira vista, a junecção destes dois nomes, pertencentes a individualidades tão distanciadas no tempo quão dessemelhantes no caracter.

Com effeito, nenhuma relação chronologica, nenhuma affinidade moral, nenhuma circumstancia historica poderia approximar o viril e desgraçado inconfidente do fatal litterato de Lisboa, afeminado cantor do cardeal Gonzaga e amigo urso dos brasileiros. Tiradentes sonhava com a conquista da independencia politica e economica do seu povo, e isso, sabia-o elle de sobra, poderia leva-lo á forca ou a ter de passear atado á cauda de um cavallo a galope, como succedera a Felippe dos Santos. O sr. Julio Dantas não tem sonhado em toda a sua vida senão com a conquista de viscondessas e marquesas, *ladies* de cabello á *Eton-Crop*, unhas em ogiva, pésinhos de fada e sobrancelhas de sepia. E a conquista dessas supercivilizadas damas lhe corre tão pacifica, que nem sequer experimentou ainda o amargo revés de uma surra de pau. Bem diversos foram, pois, os ideaes e os destinos desses dois homens. O motivo que os reune nestas linhas é apenas o juizo, juizo decisivo e synthetico, em duas palavras, que, a respeito do primeiro, emittiu o segundo em recente discurso.

Commemorando o 150º anniversario da sua fundação, realizou a Academia das Sciencias de Lisboa uma sessão solemne, na qual o sr. Dantas proferiu o discurso principal. Esse discurso figura nas primeiras paginas do volume (1) que aquella corporação litteraria e scientifica publicou o anno passado e já provocou, na Academia de Lettras, reparos do sr. conde de Affonso Celso. Mas os reparos desse academico não lograram a repercussão que mereciam, sendo necessario repisar o assumpto, para que os brasileiros conheçam a opinião que acerca de um dos vultos mais expressivos da nossa historia politica forma o sr. Julio Dantas, presidente da Academia das Sciencias de Lisboa e socio correspondente da Academia Brasileira.

Depois de descrever, com a maestria de um alfaiate reunida á de um estofador, a indumentaria dos dois fundadores da Academia e o mobiliario da sala onde ambos se reuniram, diz o sr. Julio Dantas, referindo-se a Luis Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, visconde de Barbacena:

"ninguem diria que elle era o mesmo duro capitão-general de Minas, sob cujo governo, dez annos depois, havia de ser levado á forca *o pobre louco Tiradentes*."

E' difficil saber se o academico lisboeta fala como um subdito de D. Maria I ou como um homem do seculo XX. Os juizes e desembargadores que processaram e julgaram o alferes Xavier, entre os quaes figurava por signal o poeta Cruz e Silva, tambem empregaram a palavra *louco*, applicada não só a Tiradentes, mas a alguns outros conspiradores. A loucura, porém, a que se referiam os esbirros da rainha de Portugal, não era a loucura no sentido technico, a loucura pathologica, como a que poucos annos mais tarde accommettia para sempre a mesma rainha. A loucura da linguagem virulenta dos joizes portuguezes é uma loucura em sentido metaphorico, que para elles equivalia a perfidia, traição, desobediencia, mas que para nós brasileiros significava coragem, abnegação, heroismo.

Se é esse o sentido que no seu discurso dá o sr. Dantas á palavra loucura, está certo. O sr. Dantas é portuguez e talvez ainda sinta hoje, por um phenomeno atavico, electrizar-lhe os nervos a onda de despeito e raiva que sentiram os seus maiores, quando lhes tiramos do alcance das avidissimas garras as riquezas do nosso solo.

Se falla como historiador, está redondamente enganado. A conspiração em que tomaram parte Tiradentes e mais vinte e oito pessoas, na maioria brasileiros, foi um facto social claramente explicavel por factores de varias especies, sobretudo de ordem economica. (Cfr. Antonio Torres, *As Razões da Inconfidencia*).

Portugal só queria de nós os proventos. A administração era pessima; a justiça morosa e venal; o commercio monopolizado pelos reinoes; a instrucção publica nulla. E' a esse respeito muito illustrativa a seguinte observação do historiador Handelmann: "os mais simples conhecimentos elementares eram tão pouco espalhados, que, não raro, ricos fazendeiros do interior encarregavam seus amigos do littoral de lhes arranjar um genro que, em vez de quaesquer outros dotes, apenas soubesse ler e escrever."

Diante desse estado de oppressão, ignorancia e miseria em que jazia o Brasil, era logico que todos os filhos desta terra que já tivessem conseguido escapar ao geral embrutecimento, pensassem, como o alferes Xavier, que: "Minas estava em desesperação por lhe quererem lançar a derrama, e que era muito má politica o vexar os povos, porque poderão fazer como fizeram os inglezes, muito principalmente se se chegarem a unir as capitanias do Rio de Janeiro e S. Paulo..."

Eis ahi um dos mais graves symptomas da *loucura* de Tiradentes. O processo da conjuração, com todos os longos e torturantes interrogatorios a que por dois annos o submetteram, foi impresso e publicado no Rio de Janeiro em 1872. Nenhum psychiatra que se preze será capaz de vislumbrar nos seus depoimentos o mais leve traço de desequilibrio mental, no sentido technico da expressão. Contradições em algumas das suas affirmativas é somente o que se notará. Tiradentes era habil e generoso. A principio, procurou innocentar-se, o que é humano e sensato. Depois, reconhecendo-se perdido, buscava não comprometter os companheiros. De todos os condemnados, talvez por ser o mais humilde, foi o unico a quem coube pena capital.

O sr. Julio Dantas, que é medico, impinge de vez em quando aos seus leitores diagnosticos retrospectivos. São-lhe, assim, familiares a nymphomania da rainha Leonor Telles e a incapacidade matrimonial de D. Affonso VI.

Tiradentes, porém, não póde ser incluido nos quadros da sua nosographia historica, porque era um um homem integralmente são. E fóra dos dominios da pathologia tambem seria impossivel ao sr. Julio Dantas estudar-lhe a esplendente personalidade. Não a comprehenderia. Tiradentes nunca foi colleteira.

SAUL BORGES CARNEIRO.

(1) *III Jubileu da Academia das Scicacias de Lisboa*. Coimbra, 1931.

"JALOUSIE"

Maurice Martin du Gard accentuou, ha tempos, nas *Nouvelles Littéraires*, que são innumeros os medicos escriptores.

Sainte-Beuve foi externo dos hospitaes e, por isso mesmo, o austero Guizot, loadolhe as lamurias dos primeiros versos, chamou-o de "Werther-carabin". Musset haveria tentado iniciar-se nos segredos da autopsia, mas, ao defrontar o cadaver em que lhe cumpria metter o bisturi, sahiu correndo do amphitheatro.

Mais recentemente, Léon Daudet e Duhamel formaram-se em medicina, conhecendo-se as paginas deste em torno a dolorosas scenas dos hospitaes da guerra e as agudas satiras daquelle aos seus proprios confrades, os temerosos "morticolas".

Tambem Luc Durtain — o que nem toda gente sabe — é o pseudonymo de um especialista em oto-rhino-laryngologia.

Mas o clinico que, nos ultimos tempos, mais tem interessado os leitores dos dois mundos é o que, com a publicação da *Jalousie*, tornou famoso o nome de René-Albert Guzman.

Alternando os trabalho de seu consultorio com o trato dos livros, Guzman, ardoroso bibliophilo, sempre a fariscar edições de luxo e in-folios raros, escreve sem esforço, obedecendo ao primeiro impulso feliz da observação ou da intuição psychologica. A condessa de Noailles, ao prefaciar-lhe o romance em que se analysa — quasi diriamos se disseca — um tão estranho caso de ciume, accentuou a dramaticidade, o potencial de emoção desse fremente retalho de vida.

Já tendo traduzido para o francez o *Inferno* de Dante, e com uma perfeição a que não foi insensivel o exigente d'Annunzio, o dr. Guzman (chamemol-o assim) é tambem um viajante infatigavel, attrahido pelas paizagens classicas, e na *Jalousie* encontram-se reflexos da sua travessia pelo harmonioso ambiente da Grecia eterna.

Nada possuindo de pedante, sabendo confortar os seus enfermos, ao invés de desesperal-os com tragicos prenuncios, e distribuindo as horas de lazer entre os poetas e os musicos de sua predilecção, esse dedicado servidor da saude alheia tomou logar, pela sua serenidade e pela sua humanidade mesmo, entre os melhores ficcionistas da França de hoje. E isso occorreu sem que elle o desejasse ostensivamente, tanto mais quanto nunca foi um fascinado pela grande reputação litteraria e até agora só se distrahira, no tocante ás lettras, redigindo pequenos volumes mais ou menos ironicos sobre singularidades historicas.

Quanto á *Jalousie* em si, verão muito breve, os que a percorrerão em traducção brasileira, ser um livro discreto mas intenso, de um pathetico contido mas que nem por isso detem menos o interesse do leitor seduzido pelos amores da figura central, victima daquelle terrivel ciume que um poeta classificou de "monstro de olhos verdes". O romance, sem nunca deixar de ser essencialmente artistico, é a monographia da mais allucinante das paixões, capaz de levar um homem de sciencia — o protagonista — a esfrangalhar os nobres preceitos da sua profissão e a vingar-se animalmente do marido de Brigitte, a saborosa creatura que se interpõe entre os dois homens de almas tão diversas, de tão oppostos temperamentos.

Contando-nos a expiação do medico assassino, que fizera de uma sciencia de vida sciencia de morte e matara a coberto do codigo, com uns ares de bemfeitor da sua propria victima, — o fecho do livro é composto de phrases e lances simplesmente inolvidaveis. "A belleza deste romance — assignalou um critico — não é que o amor do heróe tenha sido ou não partilhado, e sim que elle possa, até á morte, duvidar da mulher que o inspira. Inquietude, odio, angustia, desgraçados ardores que são bem dos dias que passam..."

DE TODA PARTE

— O mysterio Shakespeare continúa a preoccupar os eruditos, os decifradores de in-folios, os esmerilhadores de archivos. Entre outros, Abel Lefranc, professor do Collegio de França, affirma nada encontrar de commum entre a obra immensa de Shakespeare, de um caracter universal e formando um verdadeiro epitome da alma humana, e a biographia do homem rude e ignorante a quem essa obra é attribuida. Para elle, o autor de todo o theatro shakespeareano é William Stanley, sexto conde de Derby, que tinha as suas razões politicas para manter-se incognito e até procurou fazer de algumas peças o vehiculo para as suas ambições partidarias.

— Dizem que Mussolini conserva ineditos varios trabalhos theatraes que se filiam nitidamente ao genero grão-guignol. E' compondo ou retocando esses pequenos melodramas que elle se distrâe das agitações da politica. "Das tuas grandes dores faze pequenas canções", — recommendou um mestre de sabedoria. Pois o Duce, ao que narram os seus intimos, consolou-se das amarguras do caso Matteoti urdindo os dialogos e as scenas de effeito de uma curta tragedia em condições de sacudir os nervos da plebe italiana.

— Apenas com meio seculo de existencia, desapparece das lettras um dos maiores biographos dos ultimos tempos, Lytton Strachey, em quem André Maurois reconheceu um precursor e um mestre das vidas romanceadas. Seus estudos sobre duas grandes figuras femininas da historia ingleza, a rainha Victoria e a rainha Elisabeth, permanecerão em todas as estantes selectas.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

VESTIDOS — CHAPEUS
LINGERIE

(da alta costura de Paris)

CARTEIRAS — COLLARES
FLORES, ETC.

(artigos da ultima moda, recentemente recebidos de Paris)

"BADÚ"

Como não raro acontece áquelles que mais tarde formarão entre os bons prosadores, o autor desta novella, jovem medico patricio que se occulta sob um pseudonymo, ha alguns annos atraz surgiu no scenario das nossas lettras com um livro de versos: *A mulher dos cabellos azues*.

Não tive opportunidade de lhe conhecer a poesia e por isso ignoro se a sua estreia de então, no convivio das Musas, teria sido tão auspiciosa como esta em que Arnaldo Tabayá se nos revela um fino e delicado romancista.

E' verdade que ainda aqui reponta a cada passo o poeta e sem duvida o maior encanto da pequena narrativa, de entrecho singelo e personagens a meias-tintas, é a nota de ternura, o resaibo romanesco, a atmosphera de sonho e phantasia que impregna todas as suas paginas e faz com que tenhamos a impressão de que, se aquillo não é bem a vida, a vida seria bem mais bella se fosse assim, tal como uma paizagem a espelhar-se, indecisa e ondulante, num bocado de aguas placidas.

Aliás, sem o saber, Arnaldo Tabayá, numa das passagens mais attrahentes do seu livro, quando o narrador se refere a Badú e tambem a certas esculpturas toscas que lhe acabam de ser mostradas, tem alguns conceitos que poderiam ser applicados integralmente á novella:

"Emquanto eu descia pensava no modo de ser tão gracioso e tão natural de Badú. Qualquer gesto enfeixava mais poesia, que versos e versos dos melhores lyricos e o encanto daquelle Camerino, pintor e esculptor desconhecido, appareceu-me original e forte. As figuras estavam mal levantadas, mas por isso mesmo o geito era mais dengoso, havia uma escondida angustia e aquelle corpo de mulher jovem numa attitude de abandono que eu não atinara com a significação voltou-me ao pensamento."

Pois tudo isso a gente tambem sente ao voltar a ultima pagina de *Badú*, que mereceu prefacio de Afranio Peixoto e está enfeixada num elegante volume, trazendo á capa bella xylogravura de Cornelio Penna.

GASTÃO CRULS.

MANOEL BOMFIM

Com o desapparecimento de Manoel Bomfim perde o Brasil um escriptor que honrou como poucos o espirito brasileiro e, além do mais, foi um nobre exemplo de trabalho, por isso que, mesmo em dolorosas perspectivas de morte brusca, ás voltas com successivas operações cirurgicas, nem assim se desencorajou e soube dar condigno remate aos seus volumes de pesquiza em torno ao passado nacional.

Sociologo e pedagogo eminentes, collaborador de Bilac e professor de psychologia, Bomfim levou a cabo, nos ultimos tempos, no dramatico ambiente de uma casa de saude, varias obras de revisão dos nossos valores historicos, obras justiçadoras, de quem pretendia, e pretendia bem, fosse a historia do Brasil escripta sob o angulo americano, em opposição aos que, desde Rocha Pitta a Rocha Pombo, sempre a escreveram sob o angulo portuguez.

Nativista esclarecido, sem furores anthropophagicos, senhoreando não só um bella cultura litteraria como uma vasta erudição geral, o talentoso sergipano fez-se até o animador de um semanario illustrado para creanças. Isto o differencia dos intellectuaes pedantes e seccos e prova que, em muito e muito do que redigia, punha elle o calor do seu coração, de um coração purissimo de homem sensivel aos poetas, ás rajadas épicas de Castro Alves ou ás confidencias romanticas de Alvares de Azevedo.

Creatura de indiscutivel pórte moral, Manoel Bomfim ignorava os odios preconcebidos e as suas investigações de historiador eram sempre enriquecidas por uma grande, uma infinita ternura em relação ás almas e ás tradições do nosso paiz.

EM DEFESA DAS ARVORES

Num dos ultimos numeros do Boletim de Ariel, *o sr. A. J. de Sampaio, illustre naturalista, protestou contra a falta de defesa a certas especies botanicas preciosas.*

E' esse um assumpto que, directa ou indirectamente, sempre interessou aos homens de lettras. Sim, em muitos romances nossos é frequente ver-se o carinho, a piedade, o enternecimento com que o autor se refere a arvores golpeadas por mãos ferozes, que não conhecem o quanto ha, numa paineira ou numa amendoeira, não só de bello, de esthetico, mas tambem de hygienico, de salutar.

No Livro de Tilda *do sr. José Vieira, assistimos á demolição de um dos mais formosos especimens vegetaes de Petropolis, apenas para facilitar o movimento em dada rua, embora privando o recanto de uma dessas maravilhas que, consoante a expressão de um novellista do Norte, compõem o "céo verde" da cidade.*

E, ainda agora, o delicado poeta Thomé Guimarães, em estrophes repassadas de sincero calor pantheista, vem de protestar, num jornal de Campos, contra a derrubada de algumas palmeiras das proximidades da Matriz de lá, lindas palmeiras com mais de sessenta annos de edade.

Os versos do presidente da Academia Fluminense de Lettras são em tudo dignos daquelle que, sobrinho de um dos maiores humanistas da terra goytacá, não perdeu nunca o amor ás bellas sentenças latinas e agora, no recesso do seu lar, está aprendendo, melhor que ao ler os poemas hugoanos, a nobre "arte de ser avô"...

INFORMAÇÕES LITTERARIAS

Vendeu-se em leilão uma carta de Rabelais a Guillaume Budé por 61.000 francos.

— Gabriel Faure constituiu-se um especialista em obras sobre a Italia amorosa e romanesca. Suas paginas sobre os casaes estrangeiros que vão permutar caricias á sombra dos loureiros-rosas são das mais estimadas em França e, o que é melhor, não irritam os italianos, tão susceptiveis sempre em se tratando de francezes que alludem ás cousas da peninsula. Mas agora, talvez por haver esgotado o seu filão mediterraneo, Faure toma outro rumo e, em seu trabalho *Sur les routes de Bohême*, trata de regiões provavelmente menos civilizadas que a Italia mas nem por isso menos prodigas em notas sensacionaes.

— Ernest Raynaud não estuda propriamente a Bohemia paiz. Estuda aquella admiravel Bohemia abstracta, que as cartas geographicas não registram, mas que tem sido a nação predilecta de tantas gerações de artistas, desde Villon a Banville, que escreveu o famoso verso: *"Et vive la Sainte-Bohême!"* Fazendo-se uma especie de brazonista da nobreza dessas terras imaginarias, em que foram soberanos Murger, Glatigny e Gérard de Nerval, Raynaud, outróra zeloso commissario de policia, liga o seu nome a um excellente volume intitulado *La Bohême sous le Second Empire*. Ahi figuram, sob aspectos os mais sympathicos, dois typos de bohemios dos dois sexos que o destino reuniu em aventuras só comprehensiveis num periodo de agitação desabusada como foi o do reinado de Napoleão III. O homem é Charles Cros, autor de monologos que a interpretação de Coquelin Cadet tornou famosos e scientista de entrevisões geniaes que muitos dizem haver sido o real inventor do phonographo. E a mulher é Nina de Villard, pianista de grande alma e de incomparavel dextreza manual, generosa esbanjadora de francos, irmã de todos os artistas pobres que lhe entulhavam a casa e lhe esvaziavam soffregamente o guarda-comida.

Leiam o romance:

A CORTINA VERMELHA

GOETHE

*A' deferencia de Gilberto Amado devemos a publicação, neste numero, de um dos mais bellos trechos da sua conferencia realizada na Sociedade Pró-Arte, por occasião das commemorações goethcanas. Esse notavel trabalho, reunido a outros escriptos, sahirá muito breve, na integra, num volume que virá satisfazer os reclamos dos muitos admiradores do estylista d'*A Chave de Salomão.

"O CÃO AMARELLO" E O CINEMA

Acha-se quasi prompto o filme extrahido de um romance de Georges Simenon, ou seja desse mesmo *Cão Amarello* que, em escrupulosa traducção, tanto successo está obtendo agora em lingua portugueza. A acção da fita, como a do romance, decorre em Concarneau, pittoresca localidade situado á beira do mar selvagem da Bretanha e onde são innumeros os marujos e os pescadores, e as mulheres usam ainda a indumentaria tradicional da região.

Simenon, mettido no seu hiate, em companhia da esposa e da criada, andara navegando por essas paragens e dahi, sobre um fundo novellesco, desentranhou as figuras comicas ou dramaticas do *Cão Amarello*. Sabe-se até que o escriptor quasi foi victima de processo, dada a veracidade flagrante, directa, com que aproveitou diversos typos locaes.

Isso explica que, no ser desenvolvido o filme de agora, toda a população se puzesse a fervilhar, a rumorejar em torno dos actores e actrizes vindos de longe para animar na téla o que Simenon já vivificara com tanto calor nas paginas da sua empolgante narração policial. Houve, é certo, alguns incidentes divertidos entre os administradores da cidade e os cinematographistas, no sentido de evitar allusões muito ferinas, muito claras, aos habitos e ás personalidades culminantes de Concarneau. Mas, de qualquer modo, esse recanto da Bretanha interessou-se immenso pela caravana de artistas.

O Hotel do Almirante converteu-se em centro das operações e, quando o actor Abel Tarride, a fazer a sua estréa nos dominios do filme falado, apparecia com um eterno cachimbo fumegante, via-se seguido de dezenas de homens de blusa e de mulheres de touca.

Arranjou-se para o "papel" de "cão amarello" um lindo especimen da raça baptizado com o suggestivo nome de Whisky o que todos acharam um animal impressionante. A banda local propôz-se a ajudar o empresario em determinadas passagens sonoras. E, nos cafés, os que fingiam não dar importancia a tudo isto jogavam, ainda que meio distrahidos, o seu jogo de damas ou de cartas.

A obtenção de scenas nocturnas, com effeitos de luzes, correrias bruscas pelo mar, apitos estridentes e agitações de borrascas, tambem attrahiu muita gente ao cáes. Os episodios em que surgiam policiaes fartamente bigodudos intimidavam um tanto os pescadores de sardinhas, que só se acalmavam quando viam os representantes da lei arrancarem o bigode postiço e restituil-o ao "maquilleur". E tudo acabava num bom "grog" revitalizador, sorvido ás pressas no botequim mais proximo...

Robles e Cogumellos - Felix Pacheco

Rio, 1932.

Numa linda monographia, Felix Pacheco evoca, de modo brilhantissimo, a figura desconcertante de José do Patrocinio. Lendo *Robles e Cogumellos* senti que renasciam alguns aspectos de meus tempos de estudante. Revivi, durante alguns minutos, dias dos meus quinze annos, a existencia atropeladora dos calouros de 1900, os *trotes* e os *perús*.

Não sei se ainda hoje subsistem os *perús*. Hão de ter morrido, como tanta cousa velha: os *tilburys*, os *kiosques*, as vaccas de cincerro ao pescoço, passeando pelas ruas de Botafogo e dando leite *quente*, espumoso, á porta de casa... Sumiram, de certo.

Bem cedo, no começo das aulas, gritos do segundo anno enchiam o pocilguento casarão de Santa Luzia:

— Perú! Perú!

E os calouros que iam entrando, desconfiados e assustadiços, escorregando nas cascas das laranjas que a Sabina e a Angelina vendiam á porta da Faculdade, eram recebidos pelos veteranos, sedentos da desforra. No pateo onde mais tarde levantaram uns pavilhões envidraçados que lá existem, preparava-se o *perú*: viravam-se os casacos, para dar aos calouros o arrepiado ar dos gallinaceos pathonimicos, arregaçavam-se as calças até os joelhos, e já na rua, enquadrados pelos algozes, era composta a fila dos novatos, que desandava a passo-procissão, pela rua da Misericordia e pela do Ouvidor até o Largo de S. Francisco.

Cantos de ladainha acompanhavam a theoria cabisbaixa dos suppliciados. De vez em quando, uma parada. Um calouro subia a um tamborete e era obrigado a falar ás massas, sob pena de cascudos.

No caminho succedia que o *perú* encontrava alguma figura litteraria ou politica das que moravam no coração da mocidade: Barbosa Lima, Bilac, Patrocinio... Então — que sorte! — estrugia a manifestação espontanea ao homem illustre e, no meio da algazarra, os calouros fugiam, barafustando pelas casas de negocio da vizinhança, onde recompunham o vestuario e de onde sahiam mais tarde, arrependidos de ter entrado para uma escola de desalmados.

Muitas vezes o proprio cidadão, alvo dos applausos, interferia, sollicitando a liberdade dos calouros. Mas, no anno seguinte, as antigas victimas transformavam-se em carrascos terriveis para os que entravam.

Foi num *perú* que conheci Patrocinio, dono da *Cidade do Rio*, jornal que se publicava na Rua do Ouvidor.

— Viva Patrocinio! Viva!

E, no meio da gritaria, vi de longe, um preto gorduchote a gesticular...

*

* *

O livro de Felix Pacheco, *Robles e Cogumellos*, é um ensaio ao mesmo tempo erudito e emotivo. Paginas cheias de saudade. Documentos. Prosa tersa e agil. Livro sincero. Felix Pacheco soube animar a figura de José do Patrocinio. Os que o conheceram de longe e lhe ouviram um só discurso, encontram no ensaio de Felix Pacheco uma leitura captivante. Os outros, que só o nome souberam, têm no livro toda a personalidade do *Zé do Pato* rediviva.

Devo confessar que não fui dos maiores admiradores do orador negro, tão applaudido, mesmo no fim da sua carreira, pelos estudantes do meu tempo. No entanto reconheço que Patrocinio tinha um singular dom de eloquencia, facilmente arrebatadora. A ultima vez que o vi, foi no velho Theatro Lyrico. Francisco Braga voltára da Europa trazendo, entre outras lindas cousas, a partitura *da Jupyra*. Apresentava-se aos seus patricios nessa noite regendo o drama lyrico. Cantavam, bem me recordo, a soprano Tromben e o barytono Archangelli. Nas *torrinhas*, endiabradas torrinhas do Lyrico! — todos frementes de patriotismo, glorificando Braga, a estudantada. Numa varanda, á direita, Patrocinio.

Na hora em que serenaram os gritos, alguem, dentre nós, divisou Patrocinio.

— Patrocinio! Fala, Patrocinio!

Relutou um pouco. Depois, ergueu-se e encheu a plateia com a voz redonda, articulando bem as palavras. A arte é como as arvores, disse. Nasce por toda a parte. Mas nem sempre é grande e frondosa como a que ali se glorificava.

Durante uns cinco minutos o negro falou, dizendo cousas bonitas. Pensamentos. E terminou com esta phrase, que até hoje me canta na lembrança:

— *Um povo não morre quando tem artistas.*

ROQUETTE-PINTO.

"L'ESPRIT FRANÇAIS"

O sr. Georges Normandy, que foi amigo intimo e persiste em ser um dos biographos mais fieis de Jean Lorrain, está assegurando vida prospera a uma bella revista mensal intitulada L'Esprit Français. *Trata-se de uma publicação de caracter eminentemente divulgador, em que convizinham trabalhos sobre poesia, musica, politica, ethnographia, etc. Criticos de merito estudam os ultimos romances, as questões religiosas e os movimentos regionalistas. E nem esqueçamos que os numeros desse brilhante mensario correspondentes a Janeiro e Fevereiro ultimos trazem as duas partes de um ensaio de Georges Normandy sobre a pintura brasileira e onde, a proposito de um volume de memorias do paizagista Antonio Parreiras, são lembradas figuras pittorescas ou dolorosas da nossa antiga bohemia artistica.*

UM PRECURSOR DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES

Certo publicista de Varsovia dedica um substancioso artigo á actividade intellectual e moral de Etienne Buszezynski, escriptor polonez morto em 1897. Sociologo perspicaz, dispondo mesmo de qualidades de propheta, esse analysta de postulados politicos legou uma obra intitulada *A decadencia da Europa*, que, vertida para o francez em 1867, interessou grandemente o mundo dos scientistas e pensadores do tempo. Antecipando-se a muitos outros que na época o taxavam de visionario, Buszezynski lançou no papel as bases da collaboração reciproca que se deviam os povos da Europa, sob pena de ver perecer a civilização occidental. Logo, a Sociedade das Nações e o actual movimento pan-europeu lhe devem muito e muito.

WALDEMAR DE VASCONCELLOS — A VISITA DAS HORAS TARDIAS — Edições Pongetti — Rio, 1932.

★

Estamos de pleno accôrdo com o eminente ensaista Alcides Maya quando, traçando o perfil do autor, vê nelle invulgares qualidades de poeta sentimental e poeta meditativo. Lyrismo e mysticismo congraçam-se neste artista gaúcho de finas tonalidades crepusculares, amigo das carícias arminhadas e dos vibrantes estados de alma subtilmente diluidos em pequenos poemas em surdina. Poemas que seriam simples arietas musicaes se um nobre pensamento, pensamento de amor e de orgulho, de melancolia e de altivez, não estivesse presente sempre nesse cantor nostalgico e outomnal que por vezes nos rerorda o seu almiravel conterraneo Alceu Wamosy.

Bibliotheca de Cultura Medico-Psychologica

Director: Dr. Neves Manta. (Flôres & Mano). — Rio.

Iniciativas da ordem da *Bibliotheca de Cultura Medico-Psychologica* são merecedoras dos melhores applausos e estão a denotar progressos de cultura de que ha muito necessitavamos.

Justamente num instante em que o Brasil atravessa uma phase de grandes choques sociaes e todas as attenções se voltam para o desenrolar dos acontecimentos politicos, é bastante significativa essa tentativa de Neves Manta, como a auscultar a capacidade cultural do nosso meio, ao mesmo tempo que busca despertar o gosto para estudos até ha pouco confinados ao ambito das especializações, mas já hoje indispensaveis áquelles que se destinem ás elites orientadoras.

E' bem de vêr que não queremos dizer com isso se haja cada um de transformar num verdadeiro professor de psychologia, campo por demais vasto e a requerer todas as actividades dos que a ella se dedicam. Todavia, mesmo nesse terreno, noções existem, das mais basicas e elementares, que se tornam imprescindiveis á formação de uma bôa cultura geral e dahi o interesse de divulgal-as o mais amplamente possivel e de uma maneira que as faça accessiveis ainda áquellas intelligencias menos voltadas para essa ordem de estudos.

Sabendo, como sabemos — e sobre isso ainda diriam melhor autores, editores e livreiros — dos innumeros obices que difficultam a publicação de obras de alta cultura no Brasil, sempre destinadas a um reduzidissimo numero de leitores, não ha de ser mal comprehendido o nosso jubilo quando vemos surgirem, quasi ao mesmo tempo, duas empresas votadas á mesma finalidade e que se propõem a uma mais vasta divulgação de conhecimentos scientificos, taes sejam a já citada collecção dirigida por Neves Manta e, tambem, em S. Paulo, a *Bibliotheca Pedagogica Brasileira*, entregue ao alto criterio de Fernando de Azevedo.

Reunindo nomes já por si bem significativos, como os de Antonio Austregesilo, J. P. Porto-Carrero e Pernambuco Filho, aos quaes veio juntar o seu numa memoria de não menor interesse, lançou Neves Manta a primeira serie da sua *Bibliotheca*, sob a fórma de pequenos ensaios, em volumes-folhetos de aspecto agradavel e preço assaz modico (o que não é para desprezar quando se visa a larga diffusão) e, ainda mais, trabalhos a um só tempo claros e syntheticos, que longe de assustar os menos dispostos a penosas peregrinações por assumptos cuja applicação não lhes parece immediata, antes os atraiam a novas e mais acuradas incursões na esphera dos mesmos conhecimentos.

O Meu e o Teu de A. Austregesilo, *Criminologia e Psychanalyse* de Porto Carrero, *Venenos Sociaes* de Pernambuco Filho e *O Alcoolismo na Arte e na Psychiatria* de Neves Manta, que constituem as publicações inauguraes da *Bibliotheca*, revelam bem a sua opportunidade.

Desenvolve o prof. Austregesilo em *O Meu e o Teu* a these das *Forças Psychologicas*, que nos levam para um conceito só differente do de Freud em sua fórma, pois que no fundo é tambem um reconhecimento psychanalytico, flagrante e evidente quando lemos: "A educação sexual deve iniciar-se desde a primeira infancia, porque o instincto da funcção reproductora se desperta com a vida", como escreve o autor.

Ainda que bem justificada aqui a approximação desses conceitos, de inicio, entretanto, o prof. Austregesilo aborda o assumpto á maneira de Adler, estabelecendo a formula *"o meu* melhor do que *o teu*, como uma necessidade, uma "affirmação de poder", fonte dos comportamentos sociaes, em que avulta o egoismo, a chefiar a hierarchia psychologica.

Se de facto assiste razão a Le Dantec em proclamar "o egoismo, a base da sociedade", fica, todavia, esta affirmativa aquem do phenomeno biologico, o que conduz o autor d'*O Meu e o Teu* a dizer que "a organização de todas as sociedades é baseada no egoismo, *especie de força impulsora, mysteriosa, ascendente e constante* (os gryphos são nossos), etc.", ao que poderiamos indagar de que provem esta força e por que assim é, se não fôra encontrar-se, no proprio ensaio do prof. Austregesilo, a resposta natural e que, aliás, é a sua conclusão: "afastae o mais possivel dos vossos pensamentos o *egoismo*: (como?) *conduzi o instincto da nutrição e da reproducção* ao bom caminho da hygiene racional e tereis a realidade da phrase acima enunciada".

Portanto, não é o egoismo um elemento fundamental. Elle é apenas a consequencia de um máo "caminho da hygiene racional", que carece de ser corrigido, como exhorta o autor, já agora ao lado de Freud.

Muito a proposito, tal como se fôra cuidadosamente escolhido, deparamos a seguir o volume *Criminologia e Psychanalyse*, em que Porto-Carrero, com elegancia e proficiencia, vem completar os dados dessa nova orientação psychologica, numa attrahente summula psychanalytica, capaz de interessar os menos affeitos ao assumpto, e que, cheia de um optimismo sadio, incute no leitor a esperança de melhores dias para a humanidade, ainda que em futuro não proximo, mas para o qual devemos todos contribuir, fugindo ao *egoismo* amaldiçoado por Austregesilo.

O trabalho de Pernambuco Filho, *Venenos Sociaes*, é a synthese das observações que este jovem e acatado psychiatra tem expendido em varias opportunidades. Especializando-se humanitariamente, nos estudos attinentes aos toxicos entorpecentes, as suas publicações transpiram o espirito pratico do autor, servido por bôa cultura, que se alicerçou ao contacto dos casos concretos.

Finalmente, em *O alcoolismo na arte e na psychiatria*, Neves Manta traça com leveza e precisão os contornos dos maleficos effeitos do alcool sobre a personalidade.

Para dar uma idéa da necessidade cada vez mais imperiosa de esclarecer technicamente o que sejam para a humanidade os perigos e ameaças decorrentes do uso dos alcooes, assignale-se a benemerita campanha desenvolvida por Ernani Lopes, presidente da "Liga Brasileira de Hygiene Mental", e á qual nunca será demais auxiliar e prestigiar.

E' o que faz tambem Neves Manta no seu trabalho, encarando o momentoso problema por essa e outras faces. Releva ainda notar que o autor realiza a apresentação psychanalytica da questão, revelando a mesma evolução das tendencias psychologicas actuaes, já evidentes em Austregesilo, radicaes em Porto-Carrero, e apontadas por Neves Manta, — movimento bastante significativo e que lentamente se vae impondo pela força da verdade.

CARNEIRO AYROSA.

Leiam ainda este mez:

O ANEL SENSUAL

"PEQUENO PROBLEMA DE FOLKLORE"

A proposito do artigo de Antonio Torres, inserto, com o titulo acima, em nosso ultimo numero, mandou-nos o sr. Pedro Baptista, residente em João Pessôa e membro do Instituto Historico e Geographico Parahybano, a seguinte nota, elucidativa do assumpto:

"Antonio Torres, escrevendo de Hamburgo um Pequeno Problema de Folklore, *refere-se a uma versalhada que Leonardo Motta inseriu em seus* Cantadores *como tendo-a ouvido do cégo Adheraldo, contando certa aventura de um soldado francez. Diz Leonardo que o seu verdadeiro autor é um tal Leandro Gomes de Barros, ao passo que Torres transcreve um conto popular francez do XVIII seculo sobre o qual foi feita a versalhada, para terminar perguntando se acaso Leandro sabia francez.*

E' essa resposta que venho aqui trazer.

Leandro Gomes de Barros, natural do municipio de Pombal, creado na serra do Teixeira, da Parahyba, residiu em Recife 30 annos até quando falleceu em 1918. Era dotado de forte intelligencia e grande espirito inventivo. Deu-se ao serviço de explorar a sua faculdade poetica e escreveu mais de um milhar de folhetos differentes, que elle mesmo vendia a 200 réis cada um e com os quaes mantinha a familia. Estes folhetos, começados a se imprimir em 1893, formaram o lastro mnemonico dos cantadores que daquella época até hoje perambulam pelo sertão. Quasi todos os livros de Leonardo Motta, neste assumpto, são uma prova frisante desta affirmativa; os cantadores modernos repetem muito mais do que improvisam realmente.

Leandro não sabia francez, mas, dono de uma intelligencia pouco commum, aprehendia facilmente o que ouvia ou lia, e assim terá ouvido ou lido qualquer traducção do conto que promptamente reproduziu em verso, em 1910, com o titulo de O Soldado Jogador.

O montante dos versos populares de Leandro reproduzido, hoje, daria algumas dezenas de volumes e registaria com absoluta fidelidade tres decennios da vida do nordeste.

E' o que, talvez, ainda tentarei fazer."

BOLETIM DE ARIEL

O numero do Mercure de France *de 15 de março deste anno consagra, na secção intitulada* Lettres brésiliennes, *dirigida por Manoel Gahisto, as seguintes linhas á nossa revista: "Dans le* Boletim de Ariel, *dirigé por Gastão Cruls, une revue bibliographique très complète dresse l'inventaire des livres dont on parle entre lettrés, à Rio, de quelque pays qu'ils proviennent."*

* * *

L'Amérique Latine, *de 27 de março, transcreveu na integra, traduzido para o francez por Georges Raeders, um artigo do nosso collaborador Saul Borges Carneiro a respeito do "accordo orthographico", estampado no n. 3 deste* Boletim. *Georges Raeders, que já esteve entre nós, em companhia de D. Pedro de Bragança, é um sincero amigo do Brasil e um estudioso da nossa vida espiritual. Jornalista, homem de lettras, autor de um romance passado na região amazonica, G. Raeders tem promptos dois livros que muito hão de interessar aos brasileiros —* Le romantisme brésilien *e* Gobineau et Dom Pedro II.

* * *

Do numero do Boletim de Ariel *dedicado a Goethe foram transcriptos na imprensa estadoal varios artigos e fragmentos. A* Deutsche Zeitung, *de S. Paulo, de 22 de março, traduziu integralmente para o allemão, reproduzindo-o tambem em portuguez, o estudo do nosso brilhante collaborador Alberto Ramos sobre a significação cultural da obra de Goethe.*

A todos esses confrades os nossos agradecimentos pela sympathia com que nos têm acolhido.

A PROPOSITO DAS ACTUAES TENDENCIAS DO SURREALISMO

Todos os prós e contras do surrealismo acham-se excellentemente analysados pelo sr. A. Rolland de Renéville em artigo para a *Nouvelle Revue Française*, nº de Fevereiro de 1932.

Desse artigo verifica-se, antes de tudo, que o surrealismo ultrapassou as suas primitivas fronteiras lyricas, servindo agora á propaganda revolucionaria internacional da União das Republicas Socialistas Soviéticas. Os ultimos numeros da revista *Le Surréalisme au service de la Révolution* marcam o seu abandono da posição idealista em proveito do materialismo dialectico, conforme as proprias palavras do sr. A. Rolland de Renéville.

Quanto ás actividades propriamente poeticas do surrealismo, o sr. A. Rolland de Renéville regista a tentativa da arte collectiva (sempre o *poncif* marxista) iniciada pelo *Ralentir Travaux*, livro de poemas simultaneamente compostos por Breton, Char e Eluard. Além disso, em *L'Immaculée Conception*, Breton e Eluard propuzeram-se a reproduzir, pela composição automatica, os estados typicos da debilidade mental e de outros delirios. (*Ensaios de simulação da demencia precoce*).

A cousa não nos parece assim tão *automatica*, uma vez que premedita reproduzir um delirio especial, — o dos loucos. Aliás, o sr. A. Rolland de Renéville observa não ser possivel sentir passageiramente os estados de consciencia de um debil mental ou de um paralytico, a menos que se seja de facto um desses doentes.

O que ha, porém, de mais curioso na informação do sr. A. Rolland de Renéville é o que se refere á attitude verdadeiramente *dictatorial* de Breton em relação ao surrealismo. Textualmente o articulista nos diz:

"Un observateur attentif du mouvement surréaliste n'aurait plus l'occasion d'entendre Breton et ses amis défendre avec la même intransigeance les Maîtres qu'ils s'étaient autrefois reconnus, Poe, Baudelaire, et Rimbaud ne jouissent plus que d'une faveur limitée auprès d'eux."

Vejamos, por exemplo, em que consiste o actual *desprestigio* de Rimbaud. Eis o terrivel, o inexoravel *veredictum* de Breton a seu respeito: Rimbaud *"est coupable d'avoir permis, de ne pas avoir rendu tout à fait* impossible (o grypho é nosso) *certaines interpretations de sa pensée, genre Claudel."*

Isto é, positivamente, o cumulo. Isto significa que o *dictador* Breton considera Rimbaud um *contemporaneo* e, como tal, exige delle uma obediencia absoluta á disciplina ferrea da "evolução" surrealista, — cousa que Rimbaud jamais poderia fazer pelo simples facto de estar... morto.

Como se vê, ha muito ridiculo nesse actual estado do surrealismo. E o proprio sr. A. Rolland de Renéville muito lucidamente lamenta que poetas capazes de nos conduzir a *"un dépassement de nos limites spirituelles"* voltem-se exclusivamente para as diversas modalidades da loucura, *"alors que l'experience mystique la plus simple leur livrerait à cet égard des aperçus sans bornes."*

E esta é, precisamente, a causa que nos faz repellir agora a odiosa limitação surrealista.

Si Breton não nos *permitte* mais a menor incursão pelo seu territorio, nós, que sabemos renunciar a outras solicitações mais fortes e tentadoras do nosso *esthetismo*, renunciaremos tambem á *delectatio* surrealista, não obstante reconhecermos a grande lição poetica das primitivas experiencias.

Recife, Março de 1932.

WILLY LEWIN.

"La Guerre est pour Demain"

Ludwig Bauer — Paris. Grasset, 1932.

Os complexos problemas mundiaes e particularmente europeus, creados pelas consequencias da grande guerra, ainda não encontraram, a despeito de quasi tres lustros de paz, interpretes dotados da serenidade necessaria á sua elucidação. A litteratura do após guerra ainda se resente dos odios e preconceitos nacionaes que, não só impedem o exame imparcial dos acontecimentos como determinam a desconfiança dos que, sem preferencias, desejam orientar-se no conhecimento dos factos por ella focalisados. O livro do austriaco Ludwig Bauer, referendado pelos elogios de Einstein, Thomas Mann e Stephan Zweig, profundamente sincero e objectivo, constitue o depoimento de maior valia sobre o problema que a todos atormenta: a visão sinistra d'uma nova guerra. O autor está longe de ser, ainda que germanico, um bellicista impenitente. Pacifista, elle quer, precisamente, prevenir a catastrophe e, nesse livro de indispensavel leitura e meditação, denuncia os autores e estuda as causas do desastre que prognostica para amanhã. As causas necessariamente são multiplas. Ludwig ,porém, as considera como derivadas do erro de redacção de um dos artigos do Tratado de Versalhes, pelo qual foi imputada á Allemanha a responsabilidade no desencadeamento do conflicto e obrigada, em consequencia, ao pagamento das reparações.

Para elle, os vencedores teriam agido com mais acerto se tivessem imposto, em razão do triumpho, indemnisações de guerra, sem fazel-as depender d'aquella perigosa constatação. De facto, semelhante proceder teria evitado a origem das difficuldades subsequentes, manifestas na grande victoria dos leaders allemães sobre seu povo convencendo-o de que não cabe á Allemanha aquella responsabilidade.

O desejo da nova guerra, resulta dessa convicção, plenamente alcançada por todos os meios e processos.

Ao livro de Ludwig os germanicos decretaram a conspiração do silencio, e, mesmo na França, ao que parece, não teve a divulgação que seria de esperar conquistasse. As nobres idéas do autor ficarão, assim, em breve, relegadas a plano secundario no tumulto dos acontecimentos e da geral desorientação. E' pena que, a Ludwig, não se fizesse um pouco dessa "americanisação litteraria" que se fez, com escandalo, a Remarque e a Sieburg, ambos anti-pacifistas, e, com espanto, mal comprehendidos pela maioria dos litteratos de Paris. O silencio, nas margens do Spree, é o silencio significativo do odio dos tedescos pela aspera verdade que, em cada pagina, resalta desse livro, atravéz da nobreza do autor em ser justo antes de ser germanico e trabalhar pelo ideal da paz que não é o ideal da Allemanha hitleriana dos nossos dias. A argumentação é cerrada, irrespondivel.

Examina a questão das responsabilidades dos Imperios Centraes, accentuando a preponderancia dos factores psychologicos que circumscreve na expansão do militarismo que embriagou os espiritos.

Passa aos factos materiaes que foram a consequencia do phenomeno psychologico e, ao envez de pesquizas historicas do passado, friza as circumstancias immediatas da semana tragica, relembrando a attitude do Reich no apoio á politica austriaca de esmagamento da Servia. Evidencia a defraudação consciente desses factos, aos poucos transformados, e hoje substituidos pela palavra de ordem da innocencia allemã.

D'ahi o repudio ao Tratado de Versalhes manifesto na sua revisão. Esse ardente desejo não póde ficar no platonismo contemplativo: eis a nova guerra para amanhã, a guerra scienfica, a guerra dos gazes que será facil e decisiva. O autor, porém, acredita que a Allemanha não triumphará. Tal a conclusão desse livro, escripto com rara elegancia e eloquencia, livro benemerito, que annunciando tão sinistro futuro, talvez possa prevenir a humanidade contra o grande crime que, avidamente, um povo d'ella transviado, prepara, com o fim de reduzir a ruinas um grande patrimonio da cultura solidificado pela marcha dos seculos.

UBALDO SOARES.

Este mez:

CIUME

admiravel romance de

RENÉ-ALBERT GUZMAN

ALGUMAS PUBLICAÇÕES EUROPÉAS

Edouard Tromp estuda a vida e a obra de *Gustave Doré*. Isso prova que anda longe de haver cahido em esquecimento a abundante, a copiosa producção daquelle que foi o illustrador typico dos livros famosos, das grandes machinarias épicas, das visões allucinadas de Dante, das aventuras tragicomicas de Sancho e Quixote, dos bichos sentenciosos de La Fontaine e dos contos drolaticos de Balzac. Doré trabalhava com a riqueza incoercivel de um mestre da Renascença e as suas reservas de fantasista decorativo não iam sem aturdir um tanto os confrades, vencidos, humilhados por essa imaginação plastica de um Veroneso do "crayon".

— Analysando as *Lettres philosophiques* de Voltaire, Albert Lantoine, humanista ás direitas, destôa de Faguet quando classificava o discipulo de Locke, o enthusiasta de Newton, o admirador e depois detractor de Shakespeare, de "espirito superficial". Para Albert Lantoine, superficial era Faguet, que escrevia em "estylo belga" e que de tanto "pensar" não se dava ao trabalho de "reflectir"...

— De Franz Hellens vêm de ser estampadas as *Realidades phantasticas*, série de contos escolhidos. Ha casos em que escolher é repellir tudo. Mas na obra de Franz Hellens ha realmente o que seleccionar e a idéa de uma anthologia nada tem de ironica no caso de um tal escriptor. Porque esse bello artista da Belgica, um dos predilectos de Camille Lemonnier, é bem superior á pequena fama de que desfruta. Maneja um francez dos mais puros e as suas qualidades de narrador são uma das realidades menos discutiveis da geração que o tem por chefe. Franz Hellens, dado o seu atavismo flamengo, não se mostra insensivel á fantasia germanica, embora se expresse sempre com a clareza e a simplicidade dos latinos. Ninguem cultiva melhor aquella "logica do absurdo" que Théophile Gautier declarou ser a marca de fabrica dos autores do norte da Europa. Um dos seus livros, *Œil de Dieu*, figura entre as melhores parodias inspiradas até agora pelo romance policial e é simplesmente impressionante a odysséa, entre pathetica e burlesca, de um infeliz que se mette a repetir as proezas de Sherlock Holmes e, como seria de prever, acaba no manicomio.

ALARICO CINTRA — LIÇÕES DE ROBERTINHO — Typ. S. Benedicto — Rio, 1932.

Eis ahi um livro que as creanças, no caso o publico mais autorizado, lerão de uma assentada, indifferentes, ao menos por algumas horas, a qualquer outro genero de brinquedo. O sr. Alarico Cintra sabe narrar com simplicidade e ternura e os seus attrahentes episodios jámais fatigarão os garotos. Ou muito nos equivocamos ou, apesar dos pruridos de nacionalismo frequentes no volume, o inspirador do nosso patricio foi esse encantador Edmundo de Amicis, autor do *Coração*, obra de um poeta que, mesmo envelhecendo, permaneceu no delicioso Paiz da Infancia, eterno menino em relação a varias gerações de meninos da sua querida Italia.

"CIUME"

Sob este titulo, apparecerá muito breve a traducção que do magnifico romance *Jalousie*, de René-Albert Guzman, acaba de realizar o sr. Gastão Cruls.

Esse trabalho será prefaciado pelo sr. Gilberto Amado que, por estas mesmas columnas, já teve opportunidade de chamar a attenção dos nossos leitores para os meritos excepcionaes do jovem escriptor francez, numa luminosa chronica que muito sensibilizou ao sr. René-Albert Guzman, de quem o nosso eminente collaborador recebeu recentemente uma expressiva e attenciosa carta.

Jalousie, na edição original, foi apresentado ao pubilco francez pela grande poetisa Sra. Condessa de Noailles, com as bellas palavras que se seguem e que constarão tambem da traducção ora a ser publicada:

"Nada mais raro do que um bello romance; a obrigação que nos impõe o escriptor de travar conhecimento com creaturas estranhas, de sobrepol-as a nós mesmos, póde deter os espiritos activos, creadores ou sonhadores, logo á entrada do livro. "Não leio romances porque não faço visitas", dizia espirituosamente um velho amigo de minha infancia. E' pois para essa fórma do pensamento que o leitor não ocioso se mostra mais severo, mais exigente. Quantos Paulos, Henriques, Gisellas, Brancas e Antonietas não tentaram apoderar-se da nossa solidão, invadir-nos, installar em nós a sua precaria existencia, sem duvida inferior á nossa, os seus conceitos que não suscitavam em torno de nós qualquer scenario plausivel ou acção que fosse além do ambito da nossa propria vida! E' que esses sêres apenas se retratavam a si mesmos, não propagavam essas ondas que vêm ferir um ponto intimo do nosso coração, incitar-nos, como faz a musica, o desejo de uma subita e agitada aventura.

Com effeito, a musica, a viagem, o theatro, o romance, têm o poder de nos afastar dos nossos habitos, de interromper nossos projectos, de pôr em lugar da nossa ponderaçã a miragem ou o delirio. O que pedimos a uma narração que nos deve tornar prisioneiros são qualidades poderosamente humanas, é uma promessa de sentimentos cuja presença, echo ou temor vibrem em nós; é a exposição de um caso de consciencia pelo qual tomamos partido, como todo individuo honesto que abandona suas occupações e vem immiscuir-se nos debates e julgamentos que lhe sollicitam exame, rectidão e fraternal justiça.

O livro que hoje apparece sob pseudonymo, e para o qual escrevo estas linhas, leva-nos a adivinhar, devido a pormenores impressionantes, que o autor, homem de sciencia, vive nos hospitaes e clinicas, cuja imagem nos apresenta com a nitidez das photographias. A escolha de um medico para heroe do romance, o apparecimento da doença, dos diagnosticos, dos tratamentos neste volume, não podem ser apenas de um observador. Sente-se aqui a mestria e a destreza que dão o habito diario, a virtuosidade subconsciente.

Além disso, rapidos mas empolgantes aspectos da paizagem grega, autorizam-nos a acreditar que o escriptor incognito, a despeito de haver nascido ás margens do Sena, mereceria o titulo de "cidadão de Athenas". Bello e honroso titulo que eu tanto invejaria áquelles que o possuem se tambem não me prendesse, por laços sanguineos, ao solo privilegiado.

Aliás, as deusas que presidem á tragedia antiga parecem conduzir aqui o drama inexoravel do ciume. Apenas, a fatalidade assume aspecto mais moderno; a fallaz vontade do homem representa, nestas paginas palpitantes, um papel que caberia, na antiguidade classica, á Esphynge, aos oraculos, ao inevitavel embate das creaturas com as circumstancias aggressivas.

"Tudo o que se refere ao amór fica para além do bem e do mal", escreveu Nietzsche. E isso é tão verdadeiro que os pensamentos, os gemidos, as coleras, a propria iniquidade das paixões do amór encontram em quasi todos os espiritos uma indulgencia e uma piedade que não se concedem á vaidade, ao lucro, ao orgulho, á ambição. O livro que tenho a alegria de poder louvar tão sinceramente, não é apenas um cantico de desespero, de odio — até onde este ultimo possa ser levado — mas antes devemos pensar na hostilidade do homem contra seu rival, tal como a descreve Spinoza, com uma rudeza sem par. Não, nesta obra, a reflexão anciosa, a vingança verbal não bastam. Age-se, faz-se mal, e não só a premeditação do homicidio como até o proprio homicidio são motivos de alegria e revigoramento. As indolencias e as crueldades de Adolpho, as offensas feitas por Julien Sorel, a firmeza implacavel do fraco Gastão de Nanteuil, amante de Madame de Beauséant, e que morre de nostalgia em uma das obras primas de Balzac, La femme abandonnée, *não attingem a lucida nocividade do heroe deste livro, cuja vocação foi soccorrer a humanidade, encarniçar-se na cura de suas doenças e suas taras, mas que, subito, se transmuda elle mesmo em flagello.*

Dois enigmas, durante a narração, se apresentam ante nossos olhos alçados para a extensão bem ordenada dos pensamentos perspicazes, para os cimos ponteagudos da analyse a mais consciente. Cada detalhe é de tal modo evocador, que longe de termos necessidade de fazer aquellas visitas *que repugnavam ao amigo sedentario da minha infancia, achamo-nos transportados a lugares bem illuminados e passamos a ser um espectador intrigado, inquieto, horrorizado, mas perfeitamente satisfeito. Porque uma vez que não somos obrigados a acreditar na realidade desse conflicto sangrento, mas somente a apreciar-lhe as côres e o rythmo, sentimo-nos em estado de graça, ainda que em pleno peccado. Um duplo enigma, disse eu, domina todo este romance. Enigma de Brigitte, amante "agua morna", cuja graça, hesitações e, finalmente, o abandono sem embriaguez duradoura, nos são descriptos com viva limpidez — tal como ella mesma se prepara e efeita ás pressas, usando pós e unguentos — mas mais frequentemente ainda por meio de reflexos, como os da lua sobre a agua e não como seria o proprio astro metallico na amplidão infinita. Brigitte, frivola, prudente, avara de sua pessoa, não é nem Berenice, nem Hermione, mas seu poder mysterioso inspira um desejo que desfaz de hora em hora a estructura de um homem. Enigma desse homem, amante obsecado. De uma intelligencia superior, possuindo, no minimo, essa moral que protege a nossa vida intellectual, que nos colloca ao abrigo do crime e do remorso, é arrastado para um attentado inaudito. Culpado, elle se castiga até o aniquilamento, sem que jamais a sua piedade para a victima seja o movel de uma tão tenaz resolução. Sem duvida, é a paixão imperecivel, da qual esse infeliz se torna escravo embrutecido, que ainda povôa de visões voluptuosas a pobre palhoça africana onde habita com elle, nelle, a doença inexoravel.*

Seria preciso desconhecer a demencia inspirada pelo amór — pelo amór que não é nem devassidão nem libertinagem, mas a necessidade que tem um sêr de outro sêr — para ficar indifferente a essa pungente historia. Posso terminar a apresentação dessa rude narrativa com uma phrase que escrevia justamente ha poucos dias: "Problema transcendente tanto para o espirito scientifico como para o espirito religioso, é sobre o amor exclusivo, sobre a virtude terrivel e mortal do amór unico, que se abate a colera dos deuses vingativos."

— André Billy vae consagrar um volume a Diderot. J. Kessel estudará as noites de Montmartre. Maurois dará aos prélos uma especie de ensaio politico. P. de Lacretelle tratará de um salão da Terceira Republica. A vida dos boulevards será examinada por Abel Hermant. As proezas da Europa comilona não escaparão a Paul Morand. Pierre Benoit pretende desvendar o mecanismo das sociedades secretas. Os irmãos Tharaud, especialistas no assumpto, dedicarão um volume á Europa dos ghettos. O ambiente dos portos fornecerá a Pierre Mac Orlan ensejo para novas digressões. Mauriac, bem conhecido em suas convicções catholicas, descreverá o mundo dos peregrinos. Dorgelès continuará a falar-nos das suas viagens. O ex-ministro Herriot fará uma resenha do ensino na França dos ultimos annos. O general Weygand, que Foch tanto prezava, lançará uma visão panoramica do militarismo francez de 1870 a 1930. Antoine completará as suas reminiscencias de actor e ensaiador. Maurice Garçon, advogado famoso, persistirá em aclarar para nós outros leigos os mysterios da Justiça e as manhas e virtudes dos que servem a Justiça. Thibaudet não poderia escolher outro assumpto, que não o concernente á litteratura de idéas. E tudo isso sahirá, no decorrer de 1932, da casa *Les Editions de France*. Casa que tambem servirá aos seus milhões de freguezes um novo romance de P. Bonardi sobre a Corsega, uma novella de Sommerset Maugham sobre o sortilegio da vida malaia, um volume de Paul Achard allusivo aos cachorros, uma narração de Carco em que se evoca a gente suspeita de Paris, etc., etc.

D A N S E

Toi dont la grâce ondule ainsi qu'une chanson,
Toi dont les yeux sont doux comme un ciel plein d'étoiles,
Et le sourire est clair comme l'envol des voiles,
Des voiles blanches sur la mer;
Toi qui connais d'instinct la divine façon,
Veux-tu, danser, danser pour moi,
Danser pour moi tout seul, danser n'importe quoi,
Avec ton cœur, avec ta foi,
Avec ton rêve, avec ta chair,
Dans tout l'essor de ta jeunesse?
Ecoute, la musique est comme une caresse,
Et son emprise est un émoi.
Vibre avec elle, et laisse Toi,
Laisse Toi tout entière emporter par l'ivresse.

Danse pour moi tout seul des danses affolantes,
Balance ton corps souple aux rythmes des tangos,
Module avec tes pas les spasmes des banjos,
Et des guitares indolentes.
Danse dans la pénombre, à peine perceptible,
Étrange démon séducteur.
Sois furtive comme un voleur,
Sois câline comme une fleur,
Sois vive comme une douleur,
Offre Toi, tourne, glisse, enjôleuse et flexible...
Danse comme tu le ressens,
Fais ondoyer tes bras comme de doux serpents,
Des serpents qui ne font pas peur.

Les yeux demi fermés de rêve et de désir,
Evoque pour moi seul l'indicible plaisir
Des étreintes victorieuses,
Et dans les nuits silencieuses,
L'immensité des abandons.
Et danse aussi pour moi les chagrins, les disputes,
Les mensonges, l'adieu, les chutes,
Les prières et les pardons.

Aux branches de tes bras, que tes mains soient des palmes,
Aux étangs de tes yeux mystérieux et calmes,
Que tes beaux regards soient des feux-follets d'amour!
Que ton souffle soit la tempête,
Que tes cheveux mêlés, au rocher de ta tête,
Soient les algues de mer emprisonnant les bords!
Que tes seins soient des fruits à l'arbre de ton corps,
Ton corps couleur de fin du jour!

Et puis après une heure ardente,
Lorsque ton beau corps brun sera las de danser,
Lasse ton âme de glisser
Sur la vertigineuse pente
De l'illusion d'or,
Tu viendras dans mes bras te blottir, sans penser,
Pour trouver le bonheur d'y vibrer mieux encor
Que dans ton rêve en plein essor.

Et puis... O Toi qui sais la divine façon,
Pour qui mon désir brûle ainsi qu'un encensoir,
Danse dans le soleil et dans l'ombre du soir,
Grise Toi de danser, grise moi de te voir,
Toi dont la grâce ondule ainsi qu'une moisson,
Toi don la grâce ondule ainsi qu'une chanson.

EDGARD LIGER-BELAIR.

VARIOS ESCRIPTORES

Grazia Deledda, a admiravel interprete dos costumes da Sardenha, vem de lançar o volume *Il Paese del Vento*, onde trata de delicados pormenores do periodo nupcial. Deledda, que já mereceu o premio Nobel, é uma das boas escriptoras regionalistas da Europa de hoje. Tudo quanto diga respeito á sua Sardenha, onde tantas creaturas se insulam duplamente em habitos e tradições não obliteradas pela civilização continental, encontra nessa narradora honesta e simples, o equivalente de uma descripção que não sacrifica a verdade ao interesse da vã ornamentação litteraria.

— Morreu em França o historiador Albert Mathiez, adorado pelos seus discipulos, embora, nos seus cursos de historia, mantivesse uma certa solemnidade, uma certa gravidade sacerdotal, e jamais se prodigalizasse em anecdotas, evitando o mais possivel as definições pittorescas. Eloquente nos seus melhores instantes, nem por isso Mathiez procurou fazer da eloquencia um instrumento de persuasão. Era dos taes que, satisfazendo a exigencia de Fustel de Coulanges, se apresentam sempre com um documento em punho. Tratando da época, tão controvertida, da Revolução Franceza, manteve um sereno meio termo entre as affirmações categoricas, e por vezes dispares, dos seus confrades Taine e Aulard. Evitou tambem o lyrismo de Michelet e, a inspirar, a provocar polemicas que lhe trouxessem aguda popularidade, preferiu pesquisar nos archivos, remexendo nos papeis velhos, vendo o Passado com os seus proprios olhos, examinando-o com o seu proprio cerebro. Nada rotineiro, não quiz nunca pôr o pé nas pégadas alheias. Apesar de tudo, foi um creador e, sem pretensões a poeta, suggeriu novas perspectivas na paizagem historica. Religiões, politica, diplomacia, arte militar, tudo elle aclarou nos seus trabalhos retrospectivos, em que existem a um tempo largos paineis e finissimas miniaturas.

— Franc-Nohain, fabulista e humorista, deixa por alguns momentos as suas pilherias e os seus bichos allegoricos e traça a bella vida romanceada de São Luiz, grande rei, grande coração, grande francez.

Pedro Calmon — O CRIME DE ANTONIO VIEIRA — Editora Cia. Melhoramentos — São Paulo — 1931.

O sr. Pedro Calmon, que tem o nome ligado a varias obras de ficção e de reconstrucção historica, não perdeu nunca o contacto espiritual com a sua terra de origem, a formosa e tradicional Bahia. Já lhe dedicou uns quatro ou cinco volumes e, agora, nestas paginas sobre o maior orador da lingua portugueza, prova que, para estudar efficientemente a actividade de Antonio Vieira, é preciso conhecer direito o ambiente e a gente bahianas, o que não occorria com os seus talentosos biographos João Lisboa, J. Lucio d'Azevedo e Eduardo Prado. A attrahente região nortista foi, por assim dizer, o recanto predilecto do jesuita glorioso e alli proferiu elle, do alto do pulpito, "as mais bellas orações do nosso idioma". Alli, no pittoresco e complicado seculo XVII, lutou elle, trabalhou pela Cruz e pelos homens, "viveu os melhores dias, da infancia e da mocidade, e os dias peores, da sua attribulada velhice". Attribulada, sim, esclarece, em linguagem limpida e com uma documentação das mais persuasivas, o sr. Pedro Calmon, se se considerar que, entre outros amargores, incidiu sobre o padre a accusação de ter mandado assassinar o alcaide-mór Francisco Telles de Menezes. E o supposto crime de Vieira constitue exactamente a trama deste livro, com a final desaffronta e desaggravo do semeador de bençãos que pretendiam transformar em semeador de odios.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

E. Roquette-Pinto — GOETHE — Discurso Inaugural da Exposição Goetheana — Rio, 1932.

Arnaldo Tabayá — BADU' — (Editora Guanabara) — Rio, 1932.

Demosthenes Madureira de Pinho — ORAÇÃO DE FORMATURA — Bahia, 1932.

Alarico Cintra — LIÇÕES DE ROBERTINHO — (Typ. S. Benedicto) — Rio, 1931.

Paranhos Antunes — IDEIAS HETEROGENEAS E CONTRADICTORIAS — (Of. Gr. da Livraria do Globo) — Porto Alegre, 1932.

Guilherme de Almeida — O GITANJALI DE RABINDRANATH TAGORE — (Comp. Editora Nacional) — S. Paulo, 1932.

Gerson de Macedo Soares — A ACÇÃO DA MARINHA NA REVOLUÇÃO PAULISTA DE 1924 — (Editora Guanabara) — Rio, 1932.

Osorio de Oliveira — DIARIO ROMANTICO — (Editorial Atica) — Lisbôa, 1932.

Herman Lima — TIGIPIO' — (Civilização Brasileira Editora) — Rio, 1932.

Pedro Calmon — O CRIME DO PADRE ANTONIO VIEIRA — (Comp. Melhoramentos de S. Paulo) — 1932.

A. Austregesilo — O MEU E O TEU — Bibl. de Cultura Medico Psychologica — (Flores & Mano) — Rio, 1932.

Pedro Pernambuco — OS VENENOS SOCIAES — Bibl. de Cult. Medico-Psychologica — (Flores & Mano) — Rio, 1932.

Porto Carrero — CRIMINOLOGIA E PSYCHANALYSE — Bibl. de Cult. Medico-Psychologica — (Flores & Mano) — Rio, 1932.

Neves Manta — O ALCOOLISMO — Bibl. de Cultura Medico-Psychologica —(Flores & Mano — Rio, 1932.

Guy Gay — O POKER — (Comp. Ed. Nacional) — S. Paulo, 1932.

Edgard Wallace — O LEÃO DA BOLSA — (Comp. Edit. Nacional) — S. Paulo, 1932.

Jack London — A AVENTUREIRA — (Comp. Ed. Nacional) — S. Paulo, 1932.

Mathilde Aigueperse e Roger Dombre — AMAR E VIVER — (Editora Guanabara) — Rio, 1932.

Maurice Leblanc — A AGENCIA BARNETT & CO. — (Editora Guanabara) — Rio, 1932.

Maurice Leblanc — A CASA DOS MYSTERIOS — (Editora Guanabara) — Rio, 1932.

Rodrigo Octavio — *LES SAUVAGES AMÉRICAINS DEVANT LE DROIT* — (*Librairie du Récueil Sirey*) — Paris, 1930.

Rodrigo Octavio — *ALEXANDRE DE GUSMÃO ET LE SENTIMENT AMÉRICAIN DANS LA POLITIQUE INTERNATIONALE* — (*Librairie du Récueil Sirey*) — Paris, 1930.

Eugénio d'Ors — *AU GRAND SAINT-CHRISTOFLE* (*Éditions R.-A. Corrêa*) — Paris, 1932.

Daniel Rops, André Chamison, Ramon Fernandez, etc. — *LE RAJEUNISSEMENT DE LA POLITIQUE* (*Éditions R.-A. Corrêa*) — Paris, 1932.

Waldemar George — *LASAR SAGALL* — (*Éditions "Le Triangle"*) — Paris, 1932.

POLITICA — Archivos de estudos politicos juridicos e economicos. N.º 2. Março-Abril, S. Paulo, 1932.

NOSSAS EDIÇÕES

"VIDA LITTERARIA

A Ariel editora inicia com este volume uma bibliotheca para os amorosos da novella agitada: a Collecção *Os Mestres da Aventura*.

Para inauguração da bibliotheca nenhum nome mais bem escolhido do que o de Simenon, o conhecido explorador das nevoas do mysterio.

Agilissimo nessas bohêmias fugas de imaginação ás acres realidades da vida, Georges Simenon é um homem que nos proporciona as mais deliciosas sensações, quasi nos põe em contacto com o diabo, sem sairmos de uma cadeira de balanço.

Um crime commum, ninguem o romanceia melhor do que Simenon. Manipulando as côres de tragedia com artes de pintor estroina de tintas, elle transforma acontecimentos vulgares de factos policiaes de jornal em verdadeiros dramas.

Um cadaver não é para Simenon, um cadaver simplesmente: é um heroe de romance.

Esta deliciosa novella *O Cão Amarello* foi traduzida especialmente para a Ariel, editora, pelo sr. Donatello Grieco, filho do sr. Agrippino idem. A edição da nova editora carioca é muito attrahente.

Rubens Cardoso."

(Do *Jornal de Alagôas*, 29-3-932).

* * *

Tal é o poder de imaginação de Georges Simenon que o crime mais banal torna-se em suas mãos um acontecimento incrivel.

Um assassinato, que o faro dos reporteres maneja em quinze linhas dos factos policiaes, é materia plastica de um exquisito valor para Simenon. Porque elle transforma esse assassinato numa historia deliciosamente coberta de véos, emprestando seducções de mysterio ao caso com um carinho especial.

Ninguem, neste caso, mais bem apparelhado para criminoso. No dia em que Simenon quizer matar um cidadão qualquer será um trabalhão para a policia franceza penetrar no sombrio do seu negocio. Aliás tenho, não sei por que, um presentimento de que todos os escriptores de novellas de crimes terminam grandes criminosos: é que eu acredito que o tedio de frissonar de emoção aos seus milhares de leitores os leve de uma vez a um mais intimo contacto com o crime. E os leve a escolher para victimas de sua imaginação bohemia os agentes policiaes.

O Mysterio de um morto foi traduzido do francez pelo sr. Donatello Grieco.

Como informação tambem: nos Estados Unidos esta novella recebeu o premio *Stoke Mac Clure Detective*, de 10.000 dollares. Mais ou menos 160 contos em nossa moeda.

Rubens Cardoso."

(Do *Jornal de Alagôas*, 30-3-932).

— Waldo H. Dunn relembra o conflicto surgido entre Froude e Carlyle. Claro e sem prolixidade, explica a razão da ruptura e da controversia que liga a memoria desses dois inglezes aos olhos dos amigos de debates e de enigmas psychologicos. Mas é impossivel concluir em favor de Froude, que, para amesquinhar a gloria de Carlyle, não vacillou em soccorrer-se de escabrosos detalhes de caracter intimo, trazendo á baila, sem absoluta necessidade, o nome de Jane Carlyle. Froude, narrador e conferencista escorreito, distinguindo-se mais pela facilidade que pela solidez, historiador sem philosophia da historia e sem visão de conjuncto, como que se vingou, com essas picuinhas e esses mexericos, do renome sem macula do escossez rigido que era Carlyle, historiador e prosador titanico, capaz de forjar elle proprio a lingua em que se singularizaria e de tornar-se um mystico do Passado, ouvindo as vozes dos mortos, ligando indissoluvelmente a santidade e o heroismo e sendo naturalmente grandioso e épico. Mas o certo é que as indiscrições de Froude em nada compromettem o escriptor rico de metaphoras, o correspondente de Emerson, o enthusiasta que instituiu o Culto do Genio e riu com um riso tempestuoso, riso de Polyphemo ainda meio selvagem, dos medioeres do seu tempo, fulminando-os, á swiftiana, em pamphletos de um *humour* gigantesco...

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS & ARTES & SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | N. 9 - JUNHO 1932 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

Alguns momentos de fadiga

HA vinte dias cheguei ao Rio de Janeiro, depois de uma ausencia de cinco mezes. Vinte dias talvez sejam sufficientes para retomar o contacto com os amigos, avaliar o estado medio dos espiritos, reiniciar os trabalhos interrompidos, em uma palavra para a reintegração do meio. Sempre é difficil chegar a uma conclusão que tenha algumas probabilidades de não se afastar por demais da realidade. Keyserling pretende conhecer os traços essenciaes de um povo ou de uma sociedade, na primeira semana após as observações iniciaes. Julga-se guiado por uma especie de intuição mais segura e mais certa que os longos raciocinios feitos sobre dados cuidadosamente colhidos. Mas essa especie de visão instinctiva não é dada a todo o mundo, e eu estaria muito longe de suppôr possuil-a.

O traço essencial do estado dos espiritos no momento actual, e aqui fallo só dos meios intellectuaes, é uma fadiga, uma necessidade de repouso, que em grande parte o domina. Não chega a ser o desanimo, a descrença do futuro. Felizmente não; apenas esse momentaneo desejo de relaxar a tensão excessiva dos nervos, de esquecer por momentos as preoccupações que por tanto tempo dominaram sem cessar. Alguns momentos de tregua, em que as incertezas sejam esquecidas, alguns instantes de calma para que os organismos se retemperem, algum tempo de serenidade para que os espiritos retomem alento e se revigorem.

Os ultimos annos foram duros de passar, sobretudo para os intellectuaes. A grande cultura da intelligencia não póde ser separada de uma hypertrophia mais ou menos accentuada da sensibilidade, e d'ahi as reacções mais dolorosas e mais profundas, mais agudas e deleterias, caracteristicas dos que vivem a vida do espirito. Ao lado da inquietação geral, cresce a angustia abstracta, e por isso mesmo muito mais penosa, da incerteza ácerca do futuro da cultura, do estudo, das possibilidades de aperfeiçoamento. Que sorte estará reservada a esses delicados e frageis fructos de uma civilização que ensaia os seus primeiros passos?

Esse problema é a grande interrogação que, preoccupa a todos. A organização da vida intellectual, ou, em um sentido mais largo e mais geral, da vida do espirito, o aproveitamento dos valores isolados, a diffusão progressiva e lenta da arte, da sciencia, das lettras, todas essas questões se encontram como a base das meditações dos intellectuaes brasileiros. E' um traço apparente, accessivel logo á primeira vista, ou guardado mais intimamente, esse de um patriotismo superior: por emquanto, no Brasil, os ideaes de cultura não são desligados dos ideaes brasileiros. Os mais largos d'entre os nossos espiritos, os mais livres d'entre os nossos homens de estudo ainda aspiram a uma cultura na qual se distingam os tons claros e luminosos de um sentimento brasileiro. A grande alma brasileira, cuja superior formação é fugitivamente entrevista por entre as brumas que fecham o horizonte, encontra-se esparsa e diffusa n'esses solitarios estudiosos, que procuram sentil-a, tratam de organizal-a, e, attentos, ouvem os seus vagos e indecisos appellos.

E' natural, pois, que nos periodos difficeis, o sentir das ameaças se accumularem contra essas inilludiveis aspirações, seja um soffrimento que abate. As difficuldades de todos os dias absorvem, exigem o melhor dos esforços. Nenhum tempo resta para esses instantes de vida livre e profunda, em que, por cima das tarefas immediatas, inadiaveis, se contempla a grande e fecunda corrente das idéas que ininterruptamente circulam. Um penoso sentimento de privação, pouco a pouco se insinua e prosegue em seu trabalho de corrosão.

E entretanto, com um certo esforço sobre si mesmo, cada um pode collocar sua vida do espirito — acima das contingencias externas. Que a confiança não se abale, que a tranquillidade não se perturbe, é isso o essencial. Alguns momentos de fadiga, eis como eu desejaria caracterizar essa depressão. Mas de uma fadiga salutar e benefica, que permitta refazer as forças para trabalhos fecundos. Que os intellectuaes tenham alguns momentos de recolhimento, durante os quaes possam volver os olhos para o passado, e uma grande lição se lhes imporá, imperiosa e forte: a unica coisa irremediavel é a perda de coragem, a desistencia ou a abdicação dos esforços a fazer.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

Do livro "AMERICA"

Homens e livros. Reminiscencias duma palestra no Corcovado. As pontas dos fios. A riqueza da bibliotheca do Congresso. Hercules e Omphale. Como se formam palavras.

Um paiz se faz com homens e livros. Minha visita aos monumentos de George Washington e Lincoln provou-me que a America tinha homens. Ter homens, para um paiz, é ter Washingtons e Lincolns, individualidades tão marcantes que sobre seus vincos não pode a morte. Viva quanto viver a America, seus dois heroes viverão com ella, dia a dia mais sublimados. Já não são homens hoje, decennios passados do desapparecimento da scena, mas semi-deuses. Crescem sempre. Divinizam-se. Em torno dessas pilastras a America se crystalliza. Nas maiores crises moraes nunca lhe faltará o apoio do general que não mentia e do lenhador que impediu a destruição da obra do general.

Com homens e livros. Nos livros está fixada toda a experiencia humana. E' por meio delles que os avanços do espirito humano se perpetuam. Um livro é uma ponta de fio, que diz: Aqui parei; toma a ponta e continúa, leitor. Platão pensou até aqui: toma o fio do seu pensamento e continúa, Spinoza.

Mr. Slang certa vez me disse que o homem só tinha duas creações, a invenção do alphabeto (com suas naturaes consequencias, livro, imprensa, etc.) e a descoberta do fogo. O alphabeto permittiu o accumulo da experiencia individual; o fogo abriu caminho para a dominação da natureza.

— Comprehendo bem a primeira parte mas tenho duvidas sobre a segunda, objectei eu.

Fôra isso no Rio, no alto do Corcovado, por uma linda tarde de ar parado. Mr. Slang não me respondeu de prompto. Fez uma pausa. Por fim disse:

— Basta por hoje que comprehenda a primeira parte. A segunda comprehenderá por si mesmo se acaso fôr ter a um paiz de alta civilização industrial. Só num paiz desses a cousa se fará tão evidente que você a apprehenderá sem que necessite dos meus oculos.

O Destino me havia posto na America, paiz de alta civilização indusrial e pois estava proximo de, ou pelo menos apto para comprehender a segunda parte do axioma do meu amigo. E afinal a comprehendi, sem o auxilio dos seus oculos. Sim, fôra realmente o fogo a descoberta que... Mas não antecipemos. Fique o fogo para mais tarde. Estavamos a caminho da Bibliotheca do Congresso — o maior templo que ainda se erigiu ao livro, não convindo alli lidar com fogo. Pensasse deste modo aquelle sultão Omar de terrivel logica e a maior bibliotheca da antiguidade não se teria reduzido a cinzas.

— Eil-a, disse Mr. Slang apontando para o colossal monumento que ao entrarmos no Capitol Grounds se nos fronteou. Ha lá dentro, catalogados, á disposição de quem os queira consultar, 3.890.096 pontas de cousas impressas, como sejam livros, mappas, musicas e "prints", sem contar os manuscriptos. Ora, isso quer dizer que ha alli mais de quatro milhões de pontas de fio. Quatro milhões de vidas passadas no estudo e na elaboração escripta da experiencia pessoal armazenam nesta bibliotheca a summula do seu esforço. Philosophos, scientistas, artistas — a gente toda que faz uso do cerebro e, havendo tomado as pontas dos fios ligados pelos avós, proseguiu na obra e legou aos netos nova ponta por onde continuem o novello sem fim.

Admirei o monumento com todos os impetos da minha capacidade de admiração architectonica, embora sua real grandeza não estivesse na fachada, sim no miolo. Quatro milhões de pontas!...

— E porque a chamam Bibliotheca do Congresso? perguntei.

— Parece-me que a idéa foi não permittir excusa de ignorancia aos legisladores. Com tal base de experiencia humana accumulada, se não legislam a contento não será por falta de meios informativos. O "não sei", o "não sabia" desse modo fica prohibido. Esta mole immensa de livros, deliberadamente erecta deante da casa dos legisladores, põe-n'os em bem dura situação. Talvez a malicia de Lincoln haja collaborado nisso...

Tudo alli eram symbolos. A casa das pontas é uma casa de symbolos. No topo do domo central, que compõe ao modo classico a massa do edificio, flammeja a "Torch of Science" — a chamma da sciencia. Sobre as janellas vêem-se esculpidas 33 cabeças representando as raças humanas e no pavilhão de entrada, enormes bustos de granito de grandes filhos duma dessas 33 raças, a unica que conta para a America. São elles Emerson e Irving, o primeiro grande pensador americano e o escriptor de maior perfeição de forma e idéa de que a America se orgulha. Irving! Quem não leu "The Stout Gentleman" é feliz — tem em reserva algo delicioso a fazer. E, depois, Goethe, e Franklin, e Macaulay, e Hawthorne, e Scott, e Demosthenes, e Dante. Poe não está lá, por castigo. O espirito puritano nunca lhe perdoou a bohemia alcoolica.

Portas de bronze nas tres entradas representam a Imprensa — "Minerva presidindo a diffusão dos productos da arte graphica". E paineis com allegorizações da Intelligencia Humana, da Escripta, da Verdade, da Pesquiza, da Tradição, da Memoria, da Imaginação.

Mais adeante, um vestibulo com esculpturas de Minerva na sua feição dual de deusa da Guerra (defensiva, note-se) e deusa da Sabedoria.

Depois, "The stairway". Esplendido. Altas columnas corynthias supportando arcadas ricas de ornamento esculpido dão fundo á escadaria de marmore, desdobrada em dois lanços, com luxuosos balaustres. O tecto em abobada ergue-se a 72 pés e o chão figura a rosa dos ventos irradiando dum sol estylizado e rodeado dos signos do Zodiaco, tudo de bronze embutido em marmore. Um arco commemorativo, com figuras de estudantes, por Warner. Supportes de lampadas de bronze, magestaticos. E citações famosas. E nome de autores. E esvoaçantes figuras symbolicas de Martiny, no "plafond". E as marcas usadas pelos mais celebrados impressores. Um mar de symbolos, uma ansia de juntar tudo quanto a imaginação humana pode conceber para adorar o Livro e a arte do Livro e os autores de livros famosos. Tudo isso obra da collaboração de centenares de artistas tomados dos mais notaveis da Europa e America, pintores, esculptores, imagistas, paineladores, architectos, entalhadores... Positivamente estavamos na Cathedral do Livro, uma outra S. Pedro de Roma em que o Deus honrado era a Ponta do Fio, como o queria o meu inglez.

— Estou meio tonto, Mr. Slang. Acho que quem

vem a esta bibliotheca não tem tempo de abrir um livro. Ha cousas demais para distrahil-o e occupar-lhe a attenção.

— E' que a bibliotheca em si é um livro — o primeiro a ser consultado. A unica differença está em que não é um livro composto em papel, na forma classica. Não está lendo mil cousas nestes marmores e bronzes? Acho que esta bibliotheca foi o primeiro grande livro que a America compoz. Só tem um defeito: para que o possamos *ler* é mister havermos lido alguns dos livros de papel que estão dentro. Sem isso limitamo-nos a *vel-o*.

— Pois subamos a escadaria para *ver* o primeiro capitulo. Isto aqui me parece apenas prefacio.

Subimos ao South Hall. Continuava alli a orgia symbolica. Deram-me logo na vista o grande painel em que Walker celebra a Poesia Lyrica, e os outros seis que commemoram as victoriosas adolescencias pintadas em poemas de fama, o Uriel de Emerson, o joven de Winander, de Wordsworth, o Comus de Milton, o Adonis de Shakespeare, o Ganymedes de Tennyson, o Endymion de Keats.

— Terra da mocidade, estou gostando de ver esta homenagem á mocidade, exclamei eu, sempre ansioso por deitar fóra as vulgaridades que me occorriam.

— E alli está um bello symbolo da Alegria e da Memoria.

— A Alegria... murmurei alegrado de a ver afinal tomada em conta. E foi sorrindo que me dirigi para o South Courtain Corridor, onde surgem os heroes gregos pintados por Mac Ewen — Páris na côrte de Menelau, Theseu abandonando Ariana adormecida, Prometheu prevenindo seu irmão contra a malicia de Pandora, Achilles ao ser descoberto por Ulysses quando se disfarçou em rapariga, Minerva dando a Bellerophonte o freio de Pégaso, Perseu com a cabeça da Gorgona, Jasão mobilizando os argonautas para a conquista do tosão de ouro, Orpheu assassinado pelas Bacchantes, o pobre Hercules segurando a róca de Omphale...

— Bello, Mr. Slang! exclamei eu arregalando o olho alvarmente. Isto aqui está o perfeito symbolo da America. O Homem de cá, este hercules, não faz outra cousa. Não acha a americana uma perfeita Omphale?

— A primeira impressão é essa, respondeu elle. Com mais demora no paiz verá que ambos seguram a róca. Talvez seja a America o unico paiz no mundo em que o carro da vida é igualmente puxado a dois.

Adeante, ala de leitura dos congressistas. Mosaicos de Dielman representando a Lei e a Historia. No "plafond", pinturas de Gutherz figurando as sete côres do espectro.

Quiz observar que talvez alli houvessem elles cozinhado a Dry Law, mas falhei. Mr. Slang dera duas pernadas em direcção do East Hall.

— Alli, disse elle apontando, vê você pinturas de Alexander representando a Evolução do Livro. Toda uma série. Primeiro, um monte de pedras erecto pelo homem prehistorico — unica forma de fixar qualquer cousa de que dispunham. Depois, a Tradição Oral — um contador de historias, do Oriente. Adeante, os hieroglyphos dum tumulo egypcio. E a Pictographia, isto é, a escripta por meio de pinturas, dos indios americanos. E o manuscripto da Idade Media. E, finalmente, o prelo de impressão. Está contente?

— Estou com fome. Um "coffee" agora com sandwich de "peanut butter" me sabia melhor do que mais uma duzia de paineis.

— No alto temos uma cafeteria. Procure dominar o estomago.

— Por falar em cafeteria, Mr. Slang — sabe como se formou essa palavra? Vejo a America inteira coberta de cafeteriás, que todos os brasileiros recemchegados teimam em pronunciar á brasileira — *cafeteria*.

— Formou-se como se formam todas as palavras — por necessidade. Um sujeito em New York abriu, certo dia, um restaurant dum typo novo, lá imaginado por elle. Como não fosse restaurante igual aos outros, vacillou em dar-lhe esse nome. Como vacillou em dar o nome de café, porque um café é outra cousa. Em vez de consultar alguma academia de lettras, esse homem engenhoso compoz elle mesmo a palavra necessaria, tomando como ponto de partida o Café. Mudou o final da palavra para indicar que era Café e mais alguma cousa. Sahiu cafeteria, como poderia ter sahido cafécomeria ou barbaridade parecida. Conduziu bem a casa, teve successo commercial. Abriu outra, attribuindo ao nome pintado na taboleta alguma virtude magica. Venceu. Prosperou. Foi imitado — e temos assim a America inteira coalhada de cafeterias — o restaurante onde o freguez se serve. Não posso saber como o inventor da palavra a pronunciava, talvez o fosse como vocês recem-chegados querem. Mas o freguez americano passou logo a pronuncial-a de accordo com o genio da lingua do paiz — *cáf,-tiria*, e assim ficou. Mas vejamos o lobby desta sala de leitura, que é curioso.

Lá mostrou-me Mr. Slang cinco paineis de Elihu Vedder, cujo thema era o Governo da Republica. Representam o Governo, a Boa Administração, a Paz e a Prosperidade, a Legislação Corrupta e a Anarchia.

Gostei da originalidade quanto á penultima, tão frequente e nunca lembrada. Gostei mais que dos paineis do North Hall, cujos themas me pareciam um tanto surrados — Familia, Religião, Trabalho, embora já não o fossem os dois restantes, Recreação e Descanso. Depois, no North Curtain Corridor, dei com as nove musas classicas na tralha toda dos seus attributos.

— Para a cafeteria agora, Mr. Slang? perguntei ainda com o painel do Descanço na retentiva e já farto de musas.

— Inda não. Temos o segundo andar.

MONTEIRO LOBATO.

FERNANDO NERY — RUY BARBOSA E O CODIGO CIVIL — Imprensa Nacional — Rio — 1931.

Depois de haver traduzido romances de Dostoiewsky e Bourget, de haver dado uma edição commentada dos *Apologos Dialogaes* de d. Francisco Manoel de Mello, o sr. Fernando Nery liga o seu nome a esta bella edição critica de um dos principaes trabalhos da jurisprudencia patricia. E' o nosso *Codigo Civil*, com as apostillas de Ruy Barbosa, Clovis Bevilaqua, Carneiro Ribeiro e outros. Todos os reparos philologicos que foi despertando a discussão do importanet texto de lei são invocados pelo sr. Fernando Nery, o que dá a este ponderoso volume de quasi 600 paginas um caracter verdadeiramente historico, tornando-o indispensavel nos cultores do direito e aos curiosos de questões vernaculas. E' obra que muito recommenda a operosidade, a dedicação e a honradez mental de um dos nossos mais authenticos homens de cultura, interessado especialmente em tudo quanto, de longe ou de perto, se prenda á egregia figura de Ruy Barbosa.

A Flauta de Pan e o arco de Ulysses

Fazer uma pagina de prosa como quem faz uma estatua, disse Nietzsche. Não é possivel conferir maior dignidade á arte da prosa. Pretende-se significar com isso que é superior ao verso? De modo nenhum. Mas *é differente*. Advirta-se que não entra aqui nenhum conceito de effusão lyrica, sabido como é que tanto póde haver na prosa poesia como no verso prosa. Exemplo: a prosa de Zarathustra, onde ha infinitamente mais poesia que em todos os milhares de versos que se publicam annualmente no Brasil e mesmo fóra do Brasil.

Verso e prosa são simplesmente fórmas distinctas de expressão verbal. A differença essencial procede directamente da materia, do *ens primum*, que implica necessariamente uma ou a outra das fórmas. Daqui a abolir as fronteiras que separam o verso e a prosa é um passo. "Prosa não ha, disse Mallarmé, ha o alphabeto e ha versos mais ou menos compactos e diffusos." E Flaubert desesperava-se da impossibilidade de comprimir uma ideia sem que lhe vazasse da penna um verso.

O numero governa, no estylo como na mathematica, e para o artista, prosa ou verso, o que sobretudo importa é o rythmo, que não deflue de circumstancias fortuitas ou arbitrarias como poderia parecer aos nossos plumitivos bisonhos mas é uma alchimia perigosa e terrivel que se opera nos mais secretos recessos da consciencia do artista com muitos ritos e mysterios.

Dante quando imaginou a *Comedia* não escolheu *a priori* a fórma do terceto sinão que o Poema na sua elaboração interior e successiva se transfundiu e cristallisou em tercetos: Dante havia de pensar necessariamente em tercetos. Como aquelle esculptor de Oscar Wilde, *que não podia pensar sinão em bronze*. Semelhantemente o cosmico, tumultuoso e primitivo Whitman para vazar a sua alma torrencial e vulcanica preeisou do largo estuario do versiculo biblico.

Segue-se dahi que o poeta que adoptar a fórma do terceto dantesco escreve como Dante? ou que aquelle que imitar o versiculo biblico é poeta como Walt Whitman? Nunca! E o bardo tropego e esbaforido que vier declamar-nos emphaticamente do mais alto pincaro dos Andes: "Eu vejo isto! eu vejo aquillo!", á maneira de Walt Whitman, o mais que consegue pôr a descoberto é o váeuo immenso de uma imaginação doentia ou a furia furiosa de arremedo ingenita no Brasileiro.

Não basta a flauta de Pan sem o folego de Pan. Não basta o arco de Ulysses; é necessario o pulso de Ulysses.

ALBERTO RAMOS.

GEORGES SIMENON

Transcrevemos, ha tempos, a opinião elogiosa de Lalou, critico exigentissimo, em relação ao escriptor Georges Simenon, cujos romances *O Mysterio de um morto* e *O Cão Amarello* vêm de ser transportados, com tanto exito, á lingua portugueza. Pois agora, para demonstrar ainda uma vez que Simenon, mesmo ferindo o genero policial, se está impondo ao escól dos intellectuaes europeus, temos os louvores de John Charpentier, severo critico litterario do *Mercure de France*, ao volume *L'Ombre chinoise*, do brilhante romancista de aventuras. No numero de 15-3-32 dessa importante revista, mundialmente divulgada com a sua capa violeta e a sua figura symbolica, Charpentier, depois de examinar trabalhos de Dumur, Lucie Delarue-Mardrus, Thierry Sandre e outros, reconhece que o autor do *Cão Amarello* possue reaes qualidades de psychologo, e lembra, com sympathia, que a acção de *L'Ombre Chinoise*, romance meio parisiense, meio provinciano, decorre em parte num ambiente dos mais apropriados, ou seja a tradicional praça dos Vosges. Quanto á heroina do livro — é Charpentier quem o accentua — faz pensar em Balzac e em *L'Ascension de M. Baslèvre*, de Edouard Estaunié. Como vêem, é approximação das mais honrosas.

Um Actor Francez

Maurice de Féraudy era um actor modelado á maneira classica franceza, mas nem por isso incapaz de adaptar-se ás necessidades e ás mutações da scena contemporanea. Indo muito bem nas figuras de comedia antiga em que um tio indulgente ou um cura de aldeia, repletos ambos de bonhomia envolvente e fina, dão conselhos aos parentes ou aos amigos confiados á sua guarda, sabia tambem, quando preciso, interpretar uma dessas peças vivazes em que se atropelam difficeis problemas de psychologia, reflexo de uma sociedade que, pelo seu excesso mesmo de cultura, parece estar querendo reverter á ferocidade do gorilla ancestral.

Aqui no Rio, vimol-o, ha varios annos, fazer o protagonista do Les affaires sont les affaires, *de Octave Mirbeau, ou seja esse ganancioso Isidore Lechat, director de jornal e homem de negocios, capaz de sobrepôr a sua avidez de moeda aos mais puros sentimentos domesticos. O episodio final em que o argentario, não obstante saber o filho victima de um desastre de automovel, ainda encontra presença de espirito para impôr aos seus associados um contracto desvantajoso para estes, era de uma intensidade de pathetico inolvidavel e a mascara de Féraudy, a sua* carrure, *os seus ares apoplecticos sacudiam a platéa num fremito a um tempo de admiração e horror.*

AMOSTRA DA SCIENCIA BRASILEIRA

O homem vivia tranquillo
em paz com a vida e com elle.
Um bello dia, entretanto,
resolve escrever um artigo
sobre o Brasil, bem cuidado.
Mas Brasil se escreverá
com s mesmo, ou com z?
Elle vai ao diccionario:
dá com s e dá com z.
Telephona á Academia:
"ninguem sabe não senhor,
talvez com s, ou com z".
Tira dinheiro do bolso,
n'umas notas vem escripto
com s a palavra Brasil,
n'outras vem mas é com z.
O homem bate no vizinho,
sujeito modesto e sabio.
"Não sei dizer não senhor,
só sei que meu filho Pedro
esteve um anno no hospicio
porque queria saber
justamente o que você
quer saber e não consegue."
O homem perde a paciencia,
tira uma faca do bolso,
bôa faca pernambucana.
— Não quero mais me amolar,
Aqui deve estar escripto
"fabricado no Brasil".
Conforme estiver aqui,
d'agora em diante, afinal,
mesmo que seja com s
(prefiro que seja com z)
escreverei a palavra;
a faca será juiz. —
O homem olha pra faca,
Era meide in Germani.
O homem segura na faca,
a faca enterrou no corpo
e o philologo morreu.

(Da *Historia do Brasil*, no prélo.)

MURILO MENDES.

Goethe e a America

Goethe, que se preoccupou com tudo, não podia deixar de preoccupar-se com a America. A's vezes, revelou mesmo sentimentos divinatorios em relação aos costumes do Novo Mundo, como quando, numa das suas obras da juventude, compôz o desenlace de uma comedia fazendo com que um rapaz, indeciso entre duas raparigas, acabasse atirando-se a ambas, o que não deixa de ter certa analogia com o ardor polygamico dos mormons... De outra feita, uma das suas amantes declarou-lhe, fogosa, que por elle abandonaria tudo e seria até capaz de acompanhal-o á America, cousa que, como se vê, lhe parecia um sacrificio extremo...

Mas em tudo isso o continente de Colombo entrava de modo indirecto ou episodico. Foi necessario que Wolfgang Goethe aprendesse com Alexandre de Humboldt a importancia que adviria para a America do Norte da abertura do canal do Panamá, isto em 1827, ou — como accentuei em artigo anterior — trocasse idéas com Martius, o autor da *Flora Brasiliensis*, sobre as observações de um naturalista que tão bem conhecia a America do Sul, para que o grande genio, o espirito universal por excellencia, se fosse integrando no que occorria de admiravel por esta parte do planeta, seja na natureza, seja na sociedade.

Não sei se lhe appeteceu alguma vez transportar-se para aqui, como aconteceu a Balzac, que, em dias de penuria, pretendeu vir tentar fortuna no Brasil, e a Napoleão, que, se não nos enganam alguns chronistas, pensou em evadir-se da ilha de Santa Helena e vir refugiar-se em nossa terra. Sei, sim, que na sua casa de Weimar, em cuja frontaria havia, em lettras visibilissimas, um "Salve" acolhedor, recebeu, em 1825, a visita de um americano, cinco annos antes de receber a visita de Thackeray, facto esse registado nas Conversações com Eckermann. Talvez os americanos fossem então, porque ainda não muito ricos e não muito importantes na politica do mundo, menos insolentes e exhibicionistas do que os yankees que vivem agora a espalhar moeda pelos cabarets de Paris, multiplicando-se em festas esbanjadoras e em phrases e gestos á altura de divertir aquelle mesmo Thackeray que haveria conhecido algum outro patricio de Washington na romaria á casa e ás paizagens goetheanas.

De qualquer fórma, Goethe sympathizaria com os rebentos dessa raça em plena infancia, jovial e mettediça, sem o ar sisudo dos puritanos inglezes e tambem sem os excessos mexeriqueiros daquelle novellista Monk Lewis que se referiu com tão pouco caso á côrte de Weimar. E, em 1830, pouco antes de morrer, o autor do *Wilhelm Meister* compunha, falando aos americanos, uma poesia em que, sem o menor pedantismo e sem a menor presumpção prophetica, elle se antecipava a Walt Whitman e muito mais ao nosso Ronald de Carvalho, dizendo, em rythmos puros, o seguinte: "America, tua situação é melhor que a do nosso velho continente! Ao menos tu não tens nem castellos em ruinas, nem basaltos. Aproveita o presente! E, se teus filhos se metterem por acaso a escrever poemas, que um feliz destino lhes poupe as historias de cavallaria, de bandidos e de phantasmas!"

Viram como é simples e ao mesmo tempo como é profundo e denso de significados? Quasi sem querer, não se dando ares de innovador, Goethe, nessas linhas summarias, precedeu os que vivem a declarar que na America os preconceitos não devem, não pódem florescer, porque estamos num sólo virgem de tradições fidalgas e de velhos credos litterarios ou artisticos. Só depois delle é que o ancião da Pensylvania se pôz a apregoar, com os seus vaticinios e as suas barbas de apostolo, que na America seria tudo novo, e a idéa nova e o homem novo sahiriam della para a conquista do mundo, para impôr a concordia e a liberdade ao mundo.

Mas o peor é que um e outro não podiam calcular que os nossos poetas e prosadores, ao invés de aproveitarem os elementos de belleza local e realizarem a arte surprehendente que a terra exigia, se voltassem tão submissamente para os figurinos europeus, repetindo os povos fatigados, chorando como os fadistas portuguezes, evocando as nevoas de Bruges, os loureiros da Attica ou os doges de Veneza, falando em trigo, neve e rouxinóes onde a rigor tudo isso está longe de ser cousa muito frequente... O espirito academico, indo contra os desejos de Goethe, do mais livre dos homens, incrustou-se aqui e foi como se o amigo de Wieland houvesse escripto: "America, tua situação é peor que a do nosso velho continente, porque não tens nem castellos em ruinas nem basaltos. Volta-te para o passado e, se teus filhos se metterem por acaso a redigir poemas, que não deixem de aproveitar as historias de cavallaria, de bandidos e de phantasmas!"

AGRIPPINO GRIECO.

INFORMAÇÕES

Marie Léneru, tão maltratada pela vida desde o berço, conseguiu impôr-se á admiração de uma elite franceza, não grado os seus defeitos de visão, a sua dicção confusa e por vezes informe. Com periodos de cegueira e mudez quasi completas, era, todavia, uma enthusiasta das tôlas gregas de Ménard, adorava as excursões pelas montanhas e escreveu para o theatro peças memoraveis. Dominando uma forte cultura, penosamente adquirida em dias de adversidade, foi Marie Léneru um bello e nobre exemplar de operosidade feminina.

— No *Courrier d'Afrique*, de Maurice Martin du Gard, ha um sopro intenso de exotismo, a comprehensão honesta e exacta dos ambientes e temperamentos das terras predilectas de Haggard e Frobenius, embora calumniadas por tantos outros. O escriptor andou por ali observando tudo com cautela, submettendo á logica as impressões de sensibilidade, auscultando bem o enfermo antes de diagnosticar. Acima de um viajante sensacionista, procurou ser o sociologo directo, se bem que não seja indifferente, bom patriota que é, aos esplendores da "epopéa franceza na Africa".

— A commemoração do centenario do nascimento de Lewis Carroll está despertando um grande interesse entre as creanças britannicas. E' que esse idolo da petizada (aliás chamava-se Lotwige Dogson e era pastor protestante) soube immortalizar-se com a publicação de um simples livro, mas um livro encantador, esse *Alice no Paiz das Maravilhas*, que Monteiro Lobato transportou admiravelmente á lingua portugueza.

— A *Judith*, de Giraudoux, não sendo rigorosamente biblica, talvez o seja mais que a Salomé de Wilde. Ao menos se encontra ali um espirito de grandeza, uma intensidade de pathetico, uma vibração de corações heroicos que é bem da mais complexa das raças orientaes. A linguagem é de altos accentos propheticos e as allegorias e symbolos alados, como a apparição do Archanjo, illuminam a scena, enriquecem o dialogo e ampliam a atmosphera em que respiram as almas. Qualquer cousa, como accentuou um critico, de quem escreve obedecendo a um dictado interior.

— Aristides Briand é chorado, num volume que custa doze francos, pelo seu admirador Victor Marguerite, pae da "garçonne", a authentica, a parisiense...

O romance de Jackson de Figueiredo

Por mais credito que fizesse á riqueza de personalidade de Jackson de Figueiredo, mesmo nos momentos em que o enthusiasmo pelo homem que então desapparecia tão estupidamente attingia em todos os que o conheciam proporções tão grandes, mesmo então, confesso, não acreditei muito nas suas possibilidades como romancista.

Falava-se então de um romance de grande valor em que Jackson de Figueiredo reflectia todos os seus soffrimentos, todas as suas queixas contra a vida desses homens que sem ter uma finalidade definida, passavam pela vida num vasio tremendo. E affirmava-se que esse romance marcaria no Brasil um momento...

Confesso que o meu scepticismo deante do romance annunciado foi bem grande. Já então admirava muito a existencia do *homem* para acreditar na possibilidade do *artista*. Tudo parecia indicar mesmo que a sua obra poderia ser uma confissão admiravel, mas nunca um grande romance.

Foi de facto o homem — e por vezes o homem de acção — que sempre me impressionou em Jackson de Figueiredo. O que admirava era o homem que "sentia", cem vezes antes do que o homem que "pensava". Era sobretudo o homem que sabia sentir todo o nosso drama brasileiro e toda a nossa tragedia de individuos perdidos num meio dissolvente, cheio de ridiculos, de tibieza, de incredulidade.

Vivendo nesse meio, conhecendo-o melhor do que ninguem, soffrendo delle do modo mais intenso que é possivel imaginar, trazia já em si uma carga muito pesada para poder se libertar inteiramente e caminhar á vontade no terreno do pensamento e da cultura.

Soffreu muito de mais para poder ainda *conhecer*, pelo menos tanto quanto se exige em geral dos homens que se aventuram nas regiões mais elevadas do pensamento. E sua grandeza parece ter sido precisamente essa: deante da miseria da alma humana privada de verdadeira fé, deante do individuo brasileiro naufragado numa sociedade como a nossa, Jackson de Figueiredo *não se poude* abstrair desse soffrimento todo para se entregar ás bellezas da cultura pura.

Num Brasil como o que conheceu, ao lado de individuos como os milhões e os milhões que a sua grande sensibilidade via e sentia sempre ao seu lado soffrendo por falta de amor de Deus, não poude *fugir*... Preso a tudo isso, viveu o drama de todos os milhões que o rodeavam e a grande tragedia do paiz infeliz a que pertencia. Não foi um "sabio" mas um "homem de soffrimento"...

De facto, tudo em Jackson de Figueiredo (falo naturalmente do que conheço de sua obra) mesmo as "tentativas de cultura pura", se assim se póde dizer, tudo se prende e se justifica por essa posição inicial que parece ser o elemento fundamental na sua natureza.

O romance annunciado parecia-me portanto só poder ser realmente grande nesse sentido de reflexo do soffrimento do sociologo, do moralista, do catholico-Jackson de Figueiredo deante da sociedade que encontrava deante de si e do individuo que fôra antes de encontrar a fé.

O credito que fazia ao seu romance era, portanto, como documento das nossas angustias, sociaes e individuaes. Era como *testemunho* que o julgava possivel de "grandeza".

* * *

Hoje, que o romance está publicado, confesso que me enganei um pouco, que fui demasiadamente pessimista. Sem duvida as posições-limite são as mesmas — pois creio que se não se póde discutir que é como testemunho que o romance é maior, tambem por outro lado, é forçoso confessar que não se trata de um romance-obra de artista, de "romancista".

Entre os dois extremos, entretanto, é preciso dizer que *Ævum* apresenta qualidades de "romance" que surprehendem...

Falta sem duvida "construcção" ao romance. Não ha uma "acção" seguida, mas uma serie de situações commentadas, longa e ás vezes exhaustivamente commentadas. Falta mesmo á obra um certo movimento interior proprio que me parece indispensavel a qualquer romance.

Por outro lado, no modo de escrever, os defeitos são frequentes e por vezes não passam facilmente despercebidos, como por exemplo a riqueza "facil" de adjectivos e de imagens usuaes, a repetição de idéas, etc.

Mas se tudo isso nos leva a concordar com o Snr. Tristão de Athayde quando assegura em carta ao autor (citada no Prefacio) que se lê o seu romance "como a obra de *um homem que não sabe fazer romances*, ha em *Ævum*, indiscutivelmente, qualidades de "romance" que me parecem notaveis e que não esperava absolutamente encontrar nesse Jackson de Figueiredo-homem de acção, nesse nosso Edouard Drumont que, apezar de toda a litteratura que já provocou, ainda espera o Bernanos (*) que lhe escreva a "biographia violenta" que realmente merece.

Reaes qualidades de romance, não ha duvida... Não se consegue emocionar tanto (certos capitulos) sómente pela reproducção da realidade, pelo testemunho prestado. E' o artista que tem de explicar a obra realizada. Assim o romancista aqui e ali se affirma em momentos de grande felicidade.

O proprio "caso" de Antonio Severo (o heroe), com toda a sua riqueza interior, a sua marcha para a luz atravéz toda a miseria da sua vida que vemos narrada passo a passo, é "construido" de modo que emociona fundamente. Essa marcha do heroe atravéz do romance, segura, firmemente conduzida, é de "romancista" realmente.

E antes de terminar essa pequena nota (onde naturalmente não pretendo analysar o livro, apenas mostrar como o vejo, como o sinto) quero approximal-o de um outro romance sahido ha pouco, "testemunho" tambem elle: *O Paiz do Carnaval*, de Jorge Amado.

Em ambos o romance inteiro é dominado pela "passagem" do heroe pela sua marcha atravéz a vida. Em ambos o heróe é um desilludido, um sceptico que se lança de braços abertos e que naufraga porque não se satisfaz com cousa alguma, porque sempre quer mais... Em ambos o heroe deixa o Rio — isto é: a sociedade onde vive, perdido, dissolvido, em busca de uma solução, — do seu caminho...

São porém romancistas de gerações differentes, individuos de for-

(*) v. G. Bernanos — *La Grande Peur des Bien-Pensants (Edouard Drumont)*.

mação e de crenças bem diversas. Suas soluções não poderiam ser as mesmas. Jackson de Figueiredo dá no seu romance o primeiro passo para a salvação do seu heróe. E' um catholico que não hesita em mostrar o mundo e as forças do mal porque deixa bem visivel no livro toda a presença de Deus chamando Antonio Severo, empurrando-o na sua marcha pelos despenhadeiros, seguro do ponto de chegada. Jorge Amado termina o seu romance sem nenhuma salvação á vista para o seu heróe — apenas vagas esperanças.... E' um sceptico que mostra inteiramente núa o mundo e as coisas da vida, tudo vivendo ao acaso, sem nenhum Deus orientando ninguem. No seu cháos não ha nem mesmo uma esperança séria de ordenação futura.

Um e outro são homens de testemunho — mas não creio que sejam mais do que *duas excepções* em duas gerações bem differentes...

OCTAVIO DE FARIA.

EM POUCAS LINHAS

O actor-empresario Jacques Copeau faz, em Paris, tres conferencias elogiando o theatro de Musset.

— Celebra-se o centenario da publicação dos primeiros trabalhos jornalisticos do inflammado pamphletario catholico Louis Veuillot.

— Faz dez annos que morreu o novellista siciliano Giovanni Verga, autor da *Cavallaria rusticana*, de que extrahiram o libreto da famosa opera de Mascagni.

— O philosopho russo Léon Chestov acha que, em seu estudo sobre Shakespeare, o critico escandinavo Brandes fez trabalho de dilettante e não foi ao amago das obras do genial poeta.

— O escriptor viennense Arthur Schnitzler teria morrido de desgosto, por haver perdido uma filha, como o seu amigo Hofmannsthal em relação a um filho.

— O *Hors les murs*, de Paulette Michel-Cote, decorre no ambiente romano, tal qual *L'Unique objet*, de Marion Gilbert.

— Fortunat Strowski explica, em *L'Homme moderne*, "o segredo de nossa inquietação".

— Edmond Jaloux declara que excepluados os volumes de Proust, que a rigor não chegam a ser romances, *La Montagne magique*, de Thomas Mann, premio Nobel de 1926, "é o romance mais importante que appareceu na Europa depois de 1900" e talvez o mais bello.

— E' como ver uma fita de cinema ler as quinhentas paginas em que Edna Ferber (*Le Navire à Mélos*) narra a historia de um grupo de comediantes que representam para gente das margens do Mississipi.

— A atmosphera do Chile, com todas as suas miragens de montanha, surge em *Mon associé Mr. Davis*, de Jenaro Prieto, obra de tonalidades humoristicas.

O FRONTEIRO

Elle foi um dos actores mais suggestivos do drama da conquista.

O pae, na previsão do seu destino, ensaiou-o, desde creança, nas campeiradas e nos entrevêros sangrentos, onde aperfeiçoava e desenvolvia o instincto innato da guerra.

Nos raros intervallos das pelejas se exercitava nos torneios do campo. A existencia do campeiro é um risco constante — o rebentar de um laço, a investida de um touro, a rodada de um cavallo habituam o homem ao perigo creando nelle superior desdem pela vida e admiravel capacidade de renuncia e sacrificio.

Filho do pago, este lhe deu a bravura do touro, a astucia do sôrro e o faro do indio. Vaqueano, não havia canhada ou cochilha, sanga ou curso de rio que se não tivesse gravado na sua retina; rastreador, tornou-se lendario: a imaginação collectiva refugia-se na lenda toda vez que defronta nos sêres qualidades inexplicaveis. Dizia-se, por exemplo, que ao provar hervas do campo sabia onde estava, dando orientação aos commandados, heroes anonymos em cujos rostos de bronze a dedicação havia entalhado cicatrizes. Estes seguiam-no attrahidos pelo mysterioso poder de fascinação do caudilho.

Era entroncado e forte como o umbú cujas raizes mergulham fundo na terra, estreitando-a num abraço que não se desprende mais.

Luctando contra o hespanhol, a gleba, alliada inconsciente, favoreceu-o sempre, esprestando-lhe o esconderijo das mattas, o atoleiro dos pantanaes, a enchente dos arroios e até mesmo troncos que elle fardava, alinhando-os como soldados. Suppria assim a invariavel deficiencia numerica da sua tropa.

Trazia á cabeça, augmentando-lhe a estatura, o largo chapéo de brigadeiro, adornado de um pennacho, sorte de cocar desse cacique branco, guerreiro intuitivo como Viriato, inculto e barbaro.

A' estrategia complicada dos generaes oppunha a fertilidade de seus estratagemas.

A's vezes, aproveitando o silencio da noite, arremessava pandilhas de potros contra o acampamento dos inimigos que dormiam. Cahia depois sobre elles, diminuindo-lhes o numero; e, aos primeiros clarões da manhã, cançado de punir, retirava-se, deixando, atraz de si, ensanguentado, o mar tranquillo da planicie verde. Os sobreviventes viam-no sumir-se, surpresos. Tentavam perseguil-o, mas em vão. Raphael Pinto Bandeira roubara-lhes, além de vidas, quasi toda a cavalhada. E os hespanhoes, contemplando-o de longe, commandando a rectaguarda de reduzido bando, permaneciam algo perplexos sob a hynose da façanha. Estas proezas foram muitas vezes renovadas. Os planos de acção variavam, apenas, consoante a topographia do logar ou a situação do adversario.

Nesse soldado, expressão do cavalheirismo creoulo, já se encontram as caracteristicas da raça: impeto, coragem, agilidade mental, robustez physica, e até mesmo certo senso da belleza.

Contam que nos seus ultimos dias, opulento e glorioso, mal podendo montar a cavallo devido á desmesurada obesidade, na hora das refeições, bandas de musica tocavam dobrados marciaes, consolando-o da inacção.

Era governador da Provincia quando a morte o veio procurar, vencendo-o pela primeira vez.

MANLIO GIUDICE.

— Os "félibres" da Corsega estão lendo com grande enthusiasmo *I Profumi di l'Isula*, de Carulu Giovoni.

— Léandre Vaillat escreve *Paysages d'Annecy*, bella descripção de pittorescos recantos da Savoia.

— Toulouse continúa a distribuir os premios dos seus Jogos Floraes, instituidos por Clémence Isaure.

— A innocencia tem tambem as suas impurezas? E' o que Albert Marchon se propõe a demonstrar em *Les Demons de l'aube*.

— Benjamin Crémieux esforça-se para que se divulguem em França as novellas de Panzini, Bontempelli, Moretti e outros não muito conhecidos entre os Pyreneus e o Rheno.

— Succedem-se mundo a fóra as edições dos discursos de Staline sobre o "plano quinquennal".

— Gonzague Truc, em *Introduction à la lecture de René Boylesve*, fornece valioso contingente á interpretação dos romances daquelle que evocou os velhos costumes de galanteria franceza e foi tambem um psychologo de agudeza bem moderna.

A OBRA DO SEGUNDO REINADO

A opposição á carta constitucional de 24 de fevereiro de 91 estalou de maneira violenta com a revolução federalista do Rio Grande do Sul, em 1893. Nesse mesmo anno, um critico, historiador e polemista de nomeada, Sylvio Romero, publicou o opusculo *Parlamentarismo e Presidencialismo na Republica Brasileira*, no qual, ás excellencias theoricas do systema parlamentar contrapunha os inconvenientes do regimen presidencial. A argumentação de Sylvio Roméro, comquanto já se baseasse em certos acontecimentos recentes, observados em dias da nossa estréa presidencialista, era quasi toda colhida na experiencia alheia, na vida politica da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos.

Com o fracasso da revolução federalista e a chamada consolidação da republica, pelo marechal Floriano, calaram-se os debates em torno das duas fórmas de governo representativo. Nem mesmo os monarchistas se preoccupavam seriamente com o assumpto. Apenas Joaquim Nabuco, tratando, na *Minha Formação*, das fórmas de governo dos americanos e dos inglezes, lançou aquella comparação, depois muito repteida, desses dois systemas a dois relogios. O systema presidencial era como um relogio que marcasse as horas da opinião publica, ao passo que o systema parlamentar seria um relogio que marcasse tambem os minutos.

Em 1914 Medeiros e Albuquerque tentou reabrir a discussão em favor do parlamentarismo e o seu livro *O regimen presidencial no Brasil* é um caloroso libello contra esta fórma de governo. Mas tanto Sylvio Romero como Medeiros e Albuquerque estudaram o caso theoricamente. Nenhum delles analysou miudamente, e nem mesmo havia ainda tempo e serenidade para isso, a nossa historia politica, na monarchia e na republica, para extrahir della a lição que a pratica dos dois systemas nos revelaria.

Além disso, á proporção que nos iamos chronologicamente distanciando da monarchia, a nossa maneira de julgar o antigo regimen ia-se tornando imparcial e desapaixonada. E as modernas gerações convenceram-se afinal de que o reinado de Pedro II marcou a época mais brilhante e mais fecunda da vida nacional.

Entretanto, á proporção que aprendiamos a bem julgar o papel da monarchia, a figura do monarcha ia avultando, engrandecendo-se, enchendo a scena, dominando. As instituições constitucionaes, o apparelho parlamentar, os canones governativos ficaram em segundo plano. De facto, a monarchia foi apenas uma aristocracia, na accepção etymologica da palavra. Quem governava era uma pequena *élite* sabiamente chefiada por D. Pedro II, representante do poder moderador. Democracia, não no sentido de simplicidade de costumes e ausencia de protocollos complicados, mas em sentido politico, nunca houve, nem poderia haver no Brasil. A nossa enorme massa de analphabetos e de escravos não o permittiria. (Quem quizer informar-se a esse respeito leia *O Abolicionismo*, de Joaquim Nabuco, e o *Grão de Areia*, de Gilberto Amado). D'ahi o esquecimento em que foi caindo o parlamentarismo.

Desse esquecimento veiu tirál-o agora a *Politica Geral do Brasil*, do sr. José Maria dos Santos. Antigo jornalista, dispondo de um estylo directo, claro e firme, capaz de prender o leitor atravéz das quinhentas e muitas paginas do seu volume, tinha entretanto o autor uma contraindicação para escrever um livro desse genero. As exigencias da profissão de jornalista politico deformaram-lhe naturalmente o espirito, habituando-o a ver e julgar os factos sociaes do ponto de vista quasi sempre estreito e apaixonado da politica partidaria. Por isso, não soube emprehender o estudo da nossa historia posterior á Independencia, sem ter, *a priori*, um alvo a attingir. E esse alvo foi para o sr. J. M. dos Santos provar que o parlamentarismo é o melhor systema de governo. Differindo dos methodos de Sylvio Romero e de Medeiros e Albuquerque, preferiu o novo defensor do parlamentarismo procurar provar que elle REALMENTE já existiu no Brasil, e que fez, nos cincoenta annos em que o tivemos, a nossa perfeita felicidade politica. No empenho de attingir a sua finalidade, o autor da *Politica Geral do Brasil* viu-se na contingencia de deturpar factos, esconder provas, falsear acontecimentos. O historiador apologetico é ás vezes obrigado a palmilhar caminhos tortuosos. Bastarão tres ou quatro trechos da sua obra para mostrar que o nosso historiador não escapou dessa regra.

Logo no primeiro capitulo, interpreta sophisticamente o 7 de abril. Para elle, o sentimento nacionalista foi factor secundario: a causa principal da abdicação foi a luta com a camara. D'ahi a censura que faz á Regencia, de não ter tido "a elevação necessaria para encarnar o espirito real e profundo do movimento de 7 de abril". Ora, a verdade é que o principal motivo de animosidade contra aquelle monarcha era o facto de ser elle portuguez, como acertadamente observou Rio Branco. Por ser portuguez estava Pedro I a pique de lançar o Brasil na aventura de repôr no throno de Portugal sua filha D. Maria II, aventura que viria por certo aggravar ainda mais a nossa já pessima situação financeira e originar talvez serias complicações internacionaes. O visconde de Itabayana, de parceria com o marquez de Barbacena, e por ordem de Pedro I, já havia mesmo chegado ao desplante de desviar uma somma destinada a pagamento, em Londres, de compromissos do nosso thesouro, empregando-a no custeio de uma expedição militar á ilha Terceira. O illustre apologista do parlamentarismo não allude nem de leve a esses factos na *Politica Geral do Brasil*, mas é certo que elles produziram no animo dos patriotas brasileiros muito mais indignação do que as desavenças do imperador com a camara, ante a qual já se ia habituando a ceder.

Tambem as revoluções brasileiras da época da Regencia pretende o sr. J. M. dos Santos encaixar no quadro da *luta pelo parlamentarismo*, que, a seu ver, incarna a finalidade da nossa historia até á maioridade. As aspirações federalistas, que o naturalista Saint-Hilaire tão finamente observou, e já se tinham manifestado na constituinte de 23, não representam para o nosso apologista senão uma revolta contra o *poder pessoal* dos homens da Regencia.

*

Uma das *marottes* do autor é o culto, inteiramente desarrazoado, da personalidade politica do conselheiro Zaccharias. O sr. J. M. dos Santos parece que tomou a peito criar o *zachariismo*. Como, porém, o seu idolo não possue, na realidade, nenhum assignalado serviço

que o recommende á gratidão dos posteros, resolveu conferir-lhe o melhor quinhão de gloria no surto abolicionista de que saiu a lei do ventre-livre. "O primeiro que, com as responsabilidades de homem de governo, encarou francamente o problema da abolição, acceitando-o como base de programma governamental e de acção politica geral, foi, de facto, o grande ministro Zacharias de Goes." A *base do programma governamental* consistia apenas nesta timida suggestão, incluida na falla do throno de 1867: "O elemento servil no Imperio não póde deixar de merecer opportunamente a vossa consideração, provendo-se de modo que, respeitada a propriedade actual e sem abalo profundo em nossa primeira industria — a agricultura — sejam attendidos os altos interesses que se ligam á emancipação." Era esta a revelação da "grande politica" de Zacharias. Se as intenções expressas nessas palavras tivessem sido fructos dos ideaes de Zacharias, justo seria que o glorificassemos. Mas nem isso era. A manifestação da falla do throno fôra inspirada pelo Imperador, que já fizera amplamente discutir a materia em duas sessões do Conselho de Estado. Tanto o desejo de melhorar a sorte do elemento servil era uma idéa do alto, pairando acima das facções politicas, que, apesar da opposição dos conservadores, foi afinal um gabinete desse partido que fez a lei de 28 de setembro. Mas para isso o Imperador teve de derrubar dois ministerios...

A essa questão do elemento servil liga o sr. J. M. dos Santos a ruidosa queda dos liberaes em 68. Proseguindo no seu plano de transformar Zacharias em heróe *manqué* do abolicionismo, e defendendo a these da não intervenção do poder moderador na subida e descida dos partidos, discute elle mais uma vez o já debatidissimo caso Caxias-Zacharias.

O gabinete de 3 de agosto caiu, no seu entender, exclusivamente porque era abolicionista, nada tendo com isso a questão Caxias. E' claro que os conservadores, entre os quaes havia grandes proprietarios de escravos, não desejavam que se mexesse na questão do elemento servil, mas faltava-lhes, como de facto lhes faltou, bastante força para se opporem á vontade imperial. Quem provocou a demissão de Zacharias foi o Imperador, não para ser agradavel a conservadores escravocratas, mas por causa de Caxias, ou melhor, da guerra do Paraguay, e quem o declarou foi elle proprio.

Em 1886, no auge da campanha abolicionista, Joaquim Nabuco publicou um opusculo, *O Erro do Imperador*, onde accusava o monarcha de ter retardado, com a inesperada quéda dos liberaes, em 68, o desfecho definitivo do problema da emancipação. Pois D. Pedro II escreveu do proprio punho nas margens desse livrinho a seguinte nota: "Foi pelo desejo de terminar a guerra com a maior honra e proveito (com relação ás nossas relações externas) para o Brasil que não cedi na escolha do senador. O ministerio liberal não podia continuar com a permanencia de Caxias á testa do exercito, e eu não pensei em meu genro senão em ultimo caso." (J. Nabuco, *Um Estadista do Imperio*, vol. III, 118). O autor da *Politica Geral* não faz a menor referencia a essa declaração; limita-se a citar os discursos de Caxias e Zacharias, em julho de 70. Nesses discursos, o primeiro extranha que, tendo sempre recebido do segundo os maiores elogios, passasse, depois de julho de 68, a receber os mais desabridos ataques. Zacharias affirma que a sua campanha contra Caxias não era de modo nenhum motivada pelo despeito. E quereria o sr. José Maria dos Santos que o orgulhoso conselheiro viesse confessar perante o senado aquelle "deselegante" sentimento?

*

A base de uma verdadeira democracia devem ser as eleições, disse-o o conselheiro Accacio. E o que eram eleições no tempo do Imperio? Pelo que nos informa a *Politica Geral do Brasil*, "o processo indirecto da eleição de dois graus, apoiado inicialmente no alistamento seleccionado, constituia um triplice systema de comportas, através do qual o sentimento nacional attingia o parlamento e o governo, no seu mais justo e perfeito equilibrio." Isto era, em resumo, a theoria do systema eleitoral que vigorou até á lei Saraiva. Mas o que era elle na pratica? O sr. J. M. dos Santos abstem-se cautelosamente de nol-o dizer, e nem tenta sequer esboçar qualquer defesa aos ataques feitos outr'ora á realidade eleitoral brasileira por pessoas da mais absoluta autoridade. João Francisco Lisboa, o conhecido escriptor maranhense, dedicou um livro inteiro á descripção das nossas praticas eleitoraes. E taes praticas nada tinham de recommendaveis, como se verá destes dois pedacinhos que aqui vão: "As falsificações fazem um grande, senão o primeiro papel nas nossas eleições; começam no primeiro dia, acabam no ultimo, revestem todas as fórmas, tomam todas as dimensões, são de todas as especies, materiaes e moraes, delicadas e grosseiras, maximas, médias e minimas, geraes, parciaes e pessoaes, absolutas ou relativas, exclusivas e adquisitivas, de augmento e diminuição, e tem, como os papas, o poder de ligar e desligar." (*Obras*, vol. I, pg. 323).

Excluida a rhetorica, peculiar á época em que essas linhas foram escriptas, tudo o mais é altamente instructivo. E a pgs. 346 narra ainda o *Jornal de Timon*: "A violencia parece ser uma das condições indeclinaveis do nosso systema eleitoral. Durante a crise, e sobretudo no dia da eleição, o espanto e o terror, reinam nas cidades, villas e povoações; os soldados e caceteiros percorrem armados as ruas e praças; ha gritos, clamores, tumultos de todo genero; dir-se hiam os preparativos de uma batalha, não os de um acto pacifico, e a scena de feito termina ás vezes com espancamentos, tiros e descargas." Menos pomposo na maneira de expressar-se, mas não menos verdadeiro é o conselheiro Francisco Belisario Soares de Souza, autor do *Systema Eleitoral no Brasil*, em cuja pag. 2 nos confessa sem rebuços: "Esta politica de partidos officiaes assenta no facto de serem as eleições producto meramente official. Os candidatos não se preoccupam com os eleitores, mas com o governo, cujas boas graças solicitam e imploram. Ser candidato do governo é o anhelo de todo individuo que almeja um assento no parlamento; proclamar-se e ser reconhecido como tal é o seu primeiro e principal cuidado. Ninguem se diz candidato dos eleitores, do commercio, da lavoura, desta ou daquella aspiração nacional, mas do governo."

Eis o que eram as bases do systema parlamentar tão fervorosamente louvado pela *Politica Geral do Brasil*. *O polichinello eleitoral dansava segundo a fantasia de ministros nomeados pelo Imperador.*

A obra realizada pelo segundo reinado, objecto da primeira parte do livro, foi realmente notavel e superior á da republica. Mas o seu merito não proveiu da democracia, porque esta ainda não se realizou no Brasil.

SAUL BORGES CARNEIRO.

MISCELLANEA

EUGENIO D'ORS — *AU GRAND SAINT-CHRISTOPHE — Éditions R.-A. Corrêa*, Paris, 1932.

Eugenio d'Ors, escriptor catalão, tem hoje renome universal, graças ás muitas traducções que lhe divulgam as obras pelo mundo inteiro. Intelligencia versatil, alma inquieta, é das mais variadas a sua producção, onde se encontram o philosopho amavel, o critico arguto e o ensaista original. A arte, sobretudo a pintura, tem-lhe merecido paginas das melhores e, além dos estudos consagrados a Césanne e Picasso, Goya, o demoniaco aragonez, deu-lhe ensejo não só a uma deliciosa vida romanceada, como a subtilissimos juizos criticos. No trabalho a que ora nos referimos e que acaba de ser lançado em traducção pela casa de edições do nosso patricio R.-A. Corrêa, Eugenio d'Ors reuniu parte da sua collaboração espalhada por varios jornaes quotidianos e, assim, á mercê das opportunidades, saltando de um thema para outro, vamos travando conhecimento com um dos espiritos mais curiosos entre a belle pleiade dos escriptores espanhóes contemporaneos.

LÉON DAUDET — *LES BACCHANTES — Flammarion* — Paris, 1932.

Com um titulo bastante attrahente e, alem disso, uma excommunhão papal em bôa hora sobrevinda, esse romance logrou certo exito de livraria, mas sem duvida ephemero, pois que nas suas paginas mais uma vez se evidenciam os precarios attributos de que foi dotado Léon Daudet para a litteratura de ficção. O vigoroso pamphletario, o lucido critico de arte, o inexcedivel chronista dos meios sociaes francezes até hoje não conseguiu dar corpo e alma a um só dos personagens creados pela sua fantasia, ainda que méros fantoches da vida real, figuras, por vezes, sem qualquer relevo nos scenarios em que se agitam, resaltem vivas dos retratos e, principalmente, das caricaturas que delles traça a penna agil e o espirito mordente de quem escreveu *Fantômes et Vivants* e toda a inesquecivel serie dos *Souvenirs*. A bôa acolhida que teve *Les Morticoles*, um dos primeiros livros de Léon Daudet, não desmente aquella affirmativa, pois que aqui, por se tratar de um romance *à clef*, o escriptor nada mais fez do que mudar o nome aos *gros bonnets* do mundo medico de então, que se lhe tornaram bem familiares, ao tempo em que cursava a Faculdade de Medicina de Paris. O thema das *Bacchantes* é de plena actualidade e a necessidade que sentia o seu principal personagem, grande cerebral, eminente homem de sciencia, de entregar-se a uma vida de dissipação e sensualismo intenso para que mais fecundas lhe fossem as especulações da inventiva, é perfeitamente acceitavel, sobretudo depois que Freud mostrou não ser a *libido* apenas uma questão sexual. Infelizmente, o Romain Segetan, o grande physico, o Edison francez que Léon Daudet procurou fazer viver, e que havia descoberto as "ondas do tempo", surge-nos apenas como um ridiculo hystrião e, por mais que se esforce, não nos consegue interessar nas suas dissaboridas libidinagens. Que pena que um tal assumpto não houvesse sido aproveitado por um Stephan Zweig ou mesmo Sommerset Maugham!

ALDOUS HUXLEY — *DEUX OU TROIS GRACES — Librairie Stock* — Paris, 1931.

Depois de *Contraponto*, a sua obra de maior vulto e onde o autor, numa successão de vastos quadros, procura retratar a sociedade londrina de após guerra, Aldous Huxley escreveu *Duas ou tres Graças*, novella recentemente traduzida para o francez e que Edmond Jaloux, no prefacio que lhe faz, classifica de "repouso a um formidavel trabalho", pois que, embora bem interessante, não pode soffrer confronto, ao menos no seu ambito muito mais restricto, com aquelle outro romance, que tornou realmente notavel o nome do escriptor inglez. Foi talvez á falta dessa gloria, que pouco repercutiu nos meios litterarios francezes a traducção de *Amarello Chromo*, bastante anterior á de *Contraponto*, mas pela qual muita gente só se interessou depois que já travara conhecimento com o Huxley deste ultimo livro. Aliás, poucos são os pontos de contacto entre essas duas obras e até no estylo, na *maneira* do escriptor, vamos encontrar divergencias profundas. Se Edmond Jaloux acha grande influencia de Joyce e Virginia Woolf no Huxley de *Contraponto*, difficil será que se leia *Amarello Chromo* sem que muitas vezes nos venha a lembrança de Oscar Wilde, sobretudo o Wilde de *Dorian Gray* e das comedias. Em ambos o mesmo horror á vulgaridade, o mesmo espirito de cynismo e irreverencia, o mesmo desejo de dizer cousas bellas e crear ambientes estranhos. Apenas em Huxley, sem a fulguração constante dos paradoxos, haverá a preferencia (não fosse elle parente proximo do grande naturalista) para as imagens biologicas, emquanto Wilde, mais artista, ficará no campo das comparações puramente estheticas. Em todo caso, o que não resta duvida, é que o Huxley de *Amarello Chromo* tem tambem aquelle estylo que André Ransome, referindo-se ao autor de *Salomé*, classificava de "decorativo", em opposição ao "realista", dizendo que neste o escriptor se limita a vêr e reproduzir o que existe na natureza, emquanto que naquelle não só vê mas ainda interpreta o que vê atravez de uma fina sensibilidade esthetica.

RICARDO GUIRALDES — *RAUCHO — Espasa Calpe* — Madrid, 1932.

Coincidindo com o apparecimento, na França, de uma traducção de *D. Segundo Sombra*, o admiravel romance de Ricardo Guiraldes, a Casa Espasa, de Madrid, acaba de reeditar a sua novella *Raucho*, ainda de assumpto regionalista, mas onde já se encontram todas as qualidades que fariam desse escriptor, cuja morte é de hontem, uma das figuras de maior projecção na litteratura argentina contemporanea. *D. Segundo Sombra* é, talvez, um dos melhores estudos que tenhamos do gaúcho (ao menos na extensão e sem esquecer as bellas paginas que lhe dedicaram alguns escriptores patricios, como Simões Lopes Netto, Alcides Maia e outros), — esse gaúcho que é um só, habite embora em Rosario de la Frontera ou tenha a sua querencia á beira de qualquer arroio da campanha rio-grandense. Dahi o livro de Guiraldes ser tambem um pouco nosso e não sabermos por que, até hoje, nenhum confrade brasileiro, sobretudo entre os sulinos, se viu tentado a vertel-o para o nosso idioma.

GASTÃO CRULS.

"Le Rajeunissement de la Politique"

Éditions R. A. Corrêa — 1932. Paris.

Ninguem mais lê tratados de politica. Obras de unidade, como as de Bluntschli e de Croce, são apenas de consulta. E de enjôo. Politica é acção e paixão. Como vibrar e agir, lendo calhamaços de sabios que ignoravam o auto, radio, aviões? A humanidade está inquieta. A rapidez dos meios de transmittir paixões está provando a mutação de todas as creações do espirito. Idiomas, religiões, artes, escolas, partidos, tudo gyra no redemoinho magnifico.

Os factos se commentam no planeta, como se passados em familia. A terra é quasi um bairro do infinito. A gente soluça aqui pelo assassinio do innocentinho roubado e do velhinho ferido, talvez antes que os paes de Charles, em Hopewell, e a esposa do Presidente, em Paris. Alegrias e dôres rasgam as almas no universo todo e desapparecem, como faiscas. Estamos sob a dictadura dos nervos. Ha impaciencias no ar. A civilisação está por dar á luz uma edade.

Nesse estado de trepidação homogenea dos espiritos, é provocação, imprudencia, ou crime, publicar obras longas e unas. Esperem um pouco os publicistas á antiga. No momento, só se consegue a gloria aos pedaços. Porque nós queremos condensações, novidades, miniaturas de obras de espirito. Não ha tempo para extensões. Intensidade, intensidade!

Este livro é bom, porque é assim. Variedade encantadora de opiniões. Ha brilho, graça, anciedade. Ha revoltas — pregões de revolução — dentro de panoramas de paz, de trabalho, de amor. Toxicos e antidotos. Em summa, audacia juvenil e clarões de madrugada. Nasceu o livro de um inquerito a intellectuaes. Não podiam ter menos de 30 annos. Poderiam fazer travessuras. Nem mais de 40. Diriam chôchices. Foi a *Revue des Vivants* que fez o inquerito e aproveitaram-se respostas de quatorze escriptores.

Vale a pena resumir os depoimentos. Não como fim. Mas meio. Meio de conciliar a élite de leitores do *Boletim de Ariel* a adquirir e saborear o interessante livro.

DANIEL-ROPS — Aponta os males da França e os defeitos do francez. O regime está, como dizemos do que aqui desabou, — carcomido. Pergunta: "Deve ser destruido? ou apenas reformado?". Rops não se pronuncia. Faz diagnosticos e não indica remedios. Suggere a intervenção de intellectuaes, quando fracassem os politicos. Não gosta, já se vê, da intervenção do ferro. Descreve o após-guerra na França e parece um quadro do Brasil post-outubro. Continuaram a exigir soluções os politicos responsaveis pelos erros do passado. Tudo como aqui. Em lugar de prestar contas dos proprios erros, as exigem dos novos governantes. Estes se submettem á audacia dos velhos culpados. Não é o caso de certas mumias de nossas "frentes-unicas"?

RAMON FERNANDEZ — O intellectual deve persuadir-se que só as suas funcções differem das do homem do povo. A natureza é a mesma. Deve, pois, sentir-se homem da rua, até no trabalho de gabinete. Torres de marfim? Não existem mais. O que ha é tendencia para socialização do pensamento. Por salario, se exige do escriptor pensamento immediatamente negociavel. Prega a intervenção dos escriptores na politica, para defeza dos seus direitos, que a ignorancia dos mediocres — maioria da sociedade — tende sempre a violar. Interessa-se mais pela sua classe do que pelo remoçamento politico da França. E' hespanhol, Ramon.

ANDRE' CHAMSON — Não quer que os homens de espirito intervenham na cousa publica, a não ser como juizes. As massas não comprehendem os problemas do espirito. São surdas aos conselhos dos intellectuaes. Só exigem destes cantos de glorificação para os seus fetiches e para a ordem existente. Não admittem que os intellectuaes mandem, ou dirijam. Toleram aos escriptores a critica. E' subtil e ironico em toda a resposta.

JEAN MAXENCE — Ha brilho e profundeza no seu depoimento. Condemna o isolamento em que vivem os escriptores, responsaveis pela ruina das forças do numero e do dinheiro. As massas se agitam. Gritos apenas? Já tilintar de armas? Esta geração quer e verá mudanças. O escriptor não póde ter o privilegio da paralysia da acção. Não ha mais "itinerarios de fuga". Todos estão ameaçados e têm de agir para viver e durar. Não é fazer côro com o officialismo; não é ser "alguma cousa" no governo. E', sim, mergulhar nas correntes mais profundas do povo, decifrar a vontade dos humildes. Litteratura de officiaes de gabinete é ignominia. E' preciso que o escriptor aja. Senão, fará "diarios intimos"; obras, nunca.

ANDRE' WURMSER — E' contrario á acção politica dos intellectuaes. Politica é obra de partidos. Ser partidario é renunciar á liberdade de investigação. Por disciplina, o politico deve contentar-se com verdades approximativas, esquecer o que tenham de provisorio, proclamal-as certas e eternas, condensal-as em pequenas formulas e, se necessario, falsifical-as. Galileu, partidario militante, cidadão eleitor, votaria contra o principio da rotação da terra, se o partido mandasse. Outr'ora, o interesse da dynastia exigia mentiras, como hoje os interesses da metallurgia exigem a farça do patriotismo e os dos partidos a fieção do suffragio. E' um tremendo demolidor.

PIERRE COT — A França, ha um seculo, é governada pela burguezia, que está exgottada. Dessa burguezia se escolhem os macrobios para o governo... Nada fizeram, nem fazem, nem poderão fazer. Nem se adaptam, nem renovam. Não dirigem os acontecimentos. Não os comprehendem mesmo. Tão velhos... Cot é, talvez, o mais bravo dos deponentes. Ataca a imprensa franceza. Mais da metade do povo é da esquerda. E não ha um grande jornal esquerdista em Paris. E' que a imprensa não reflecte a vontade do povo. Não se dá o mesmo aqui? A maioria do povo é revolucionaria. Ha, no emtanto, no Brasil, um grande jornal revolucionario? Lá, como entre nós, a imprensa reflecte outras influencias, que não as da massa. Seria tolice dizer quaes essas influencias...

JEAN MISTLER — Diz que os partidos falliram. Despreza programmas. Crê em homens. Homens de in-

telligencia e de acção. Esses é que são capazes de um golpe de Estado para destruir o que está velho e reconstruir. E' preciso escolher homens moços e realizadores para as posições. Os partidos não têm espirito da medida. Cita o que se deu com as incubadoras da industria ingleza na India. Mandavam fôrmas para ovos das veneraveis gallinhas do Lancashire. Os miseraveis ovinhos das gallinhas da India, cahiam das fôrmas. A industria allemã importou ovos de gallinhas buddhistas e conquistou para sempre o mercado hindú. E' preciso escolher moços fortes e lucidos para os postos. Não velhinhos mirrados.

GUY LA CHAMBRE — Respondeu com raro brilho e coragem. Prova que os velhos não devem ter a supremacia no governo, como têm. Tiveram-na no 2º Imperio e levaram o paiz a Sedan. Luiz XIV tinha razão: "A fortuna ama os moços". Perguntarão: E Thiers, e Gambetta, e Clemenceau, e Poincaré? Ora, Thiers foi ministro aos 35 annos e chefe do Conselho aos 39. Gambetta — alma da França invadida — tinha 32 annos. Clemenceau não tinha 40 e era o esteio da esquerda. Poincaré aos 33 annos foi ministro da Instrucção e aos 35 da Fazenda.

THIERRY MAULNIER — Não se deve esperar o rejuvenescimento nas sociedades modernas por evolução e probabilidades. Se o esperamos, tal momento não chega. Deve agir-se. E quem deve agir é a juventude. E, victoriosa a revolução, não se espere tambem o rejuvenescimento da revolução. As revoluções estão cheias de velhos, que impedem a obra renovadora. E' preciso, pois, rejuvenescer tambem a revolução, para que se rejuvenesça a politica. Só depois disso é que se devem apoiar os governos revolucionarios.

MAURICE PAZ — Para que remodelar esta politica? Convém é matar o capitalismo para que morra a politica "actual". A tendencia é para o universalismo. Não mais economia nacional, nem mesmo continental, mas mundial. Seja o mundo um corpo economico unico. Todo isolamento é um anachronismo idiota. Pensar á européa é reacção. A outra tendencia é para o collectivo. O homem não trabalha, não pensa, não age mais isolado, mas de modo collectivo. Assim o exigem a amplidão e a complexidade dos problemas sociaes e economicos. E' o instincto da solidariedade no esforço. Um homem só, por mais eminente que seja, nada vale. Sobretudo em politica. Só terá importancia como guia e expressão de uma collectividade. Subsistem ainda rivalidades de nações e grupos de nações pelas barreiras alfandegarias. A producção é anarchica. As necessidades dos consumidores soffrem pelo appetite dos que produzem e pela sordicia dos intermediarios. A producção é collectiva, mas a distribuição continúa submettida ao privilegio individualista. Assim se assiste a este escandalo: certos paizes destróem a producção e o seu povo morre de fome. Ha necessidade urgente de "outra cousa". E como a sociedade (é a licção da historia) não dá á luz por intermedio de parteiras, mas quando o ferro intervem, é preciso ajudar o "longo parto".

MARCEL DÉAT — E' a guerra que decidirá a lucta entre os dois grandes blocos. Os acontecimentos estão preparando a provação tremenda. Tambem para as guerras civis appellaram os povos, em dados momentos. E' preciso que a fatal balança accuse o peso real dos contendores. Um deve ser esmagado, para que haja uma nova ordem. A politica fará a economia do conflicto pelo conhecimento exacto das forças antagonicas.

ROGER NATHAN — Os velhos que governaram a França nem souberam evitar a guerra, nem fazer a paz. Proclama a supremacia da politica no combate ás crises economicas e sociaes. Faz o elogio de uma "demagogia benefica", na solução dos problemas modernos. Poincaré salvou o franco pela habilidade politica e pela imaginação. Não por obedecer a technicos financeiros, formalisticos e frustres.

ROBERT GARRIC — Distingue a acção social da politica. Uma é generosa e pacificadora. A outra discola e apaixonada. A politica excita odios e divisões. A social quer a união. Ataca as competições eleitoraes.

PIERRE D'EXIDEUIL — Quer que o pensamento, a cultura politica, intervenham permanentemente na vida publica. Faz um hymno á juventude. Combate a intervenção dos velhos, que difficultam a renovação de todos os valores. E' profundo e subtil.

Todos elles se queixam da influencia dos velhos, depois da guerra. Aqui é a mesma cousa. Os dois Estados mais fortes e populosos da Federação foram entregues a homens de edade avançada: Minas e S. Paulo. O terceiro está entregue a uma frente unica de dois partidos, chefiados por dois anciões: é o Rio Grande. Sommando a edade desses quatro leaders, obteremos quasi quatro seculos, isto é, quasi o tempo passado sobre a descoberta do Brasil. Todos os governadores de todos os outros Estados da Federação não reunem tantos annos como os daquelles quatro varões.

Não se dará tambem aqui um encontro entre os dois blocos?

PAULO LABARTHE.

"Capehart"

A MAIS LUXUOSA E CUSTOSA MACHINA-FALANTE DO MUNDO.

O unico apparelho que toca automaticamente discos de qualquer tamanho ou marca, de ambos os lados.

Motor proprio para os novos discos de 33 rotações.

Dois altos-falantes para sons agudos e graves.

EM EXPOSIÇÃO NA

A MELODIA

40, RUA GONÇALVES DIAS

Sinclair Lewis e a Litteratura Yankee

Ha uns dois mezes, recebemos o volume publicado pela Fundação Nobel (Academia das Sciencias da Suecia, Instituto Carolin, Academia Sueca), relativo aos premios de 1930. Todo mundo sabe que os laureados foram C. V. Raman, physico hindú, Hans Fischer, chimico allemão, Karl Landsteiner, biologista austriaco, Nathan Soderblom, arcebispo pacifista de Upsala e Sinclair Lewis, litterato U. S. A.

O volume de 1930 é um dos mais interessantes da serie Nobel, porque reune as *Conferencias Nobel* realizadas pelos notaveis laureados, nas solennidades do premio. A de Sinclair Lewis, divulgada no tempo pelas agencias telegraphicas, tem por titulo *The American Fear of Literature*...

Elle principiou avisando que seria um tanto indiscreto tratando de certas instituições e pessoas de sua patria. Apezar de ameaçado de lynchamento — por causa de *Elmer Gantry* — não tem de que se queixar. Quanto á litteratura, em geral, o caso é differente. Na sua patria as artes realmente são a architectura e o cinema. Na *American Academy of Arts and Letters* chegou-se a dizer que a outorga do Premio Nobel a um escriptor que tanto pilheriou com as instituições nacionaes, tinha sido um insulto. No entanto a sua mais irreverente asserção era que a republica Norte Americana, com toda a sua riqueza e todo o seu poder, ainda não tinha produzido uma civilização capaz de satisfazer as mais profundas aspirações humanas.

"Na America, tanto leitores como autores têm horror da litteratura que não seja glorificação nacional." Para ter leitores e ser realmente estimado, o escriptor tem de affirmar que todos os americanos são altos, bellos, ricos, honestos e eximios jogadores de golf; que todas as cidades da provincia estão cheias de gente que só trata de ser amavel, uns com os outros; que embora as raparigas americanas possam ser um tanto livres, transmudam-se sempre em perfeitas esposas e mães; e que, geographicamente, a America é composta de New York inteiramente habitada por millionarios; do Oeste, que conserva o mesmo heroismo de 1870; e do Sul, onde cada qual vive numa fazenda perpetuamente acariciada pelo luar e perfumada pelas magnolias. Os romancistas, os poetas, os dramaturgos, os esculptores, os pintores, nos Estados Unidos, diz Sinclair, têm de trabalhar isolados, no meio da confusão, sem assistencia. No entanto, o artista americano não conhece a pobreza ou a miseria de um François Villon. Ao contrario. "Pagam-nos bem, até demais; o escriptor que não tem mordomo, auto, chacara em Palm Beach, onde possa misturar-se, de igual para igual, com os barões bancarios, é um fallido. Todavia, para o escriptor norte-americano, peior do que a pobreza é a oppressão que sente, "verificado que, seja qual fôr a sua creação, o que se quer é apenas um *clown*..."

"And he has no institution, no groups, to which he can turn for inspiration, whose criticism he can accept and whose prise will be precious to him."

A *American Academy of Arts and Letters* conta apenas cincoenta membros; não póde, pois, agasalhar todos os homens de merito. *"But the fact is that while most of our few giants are excluded, the Academy does have room to include three extraordinarily bad poets, two very melodramatic and insignifiant playwrights, two gentlemen who are grown only because they are University presidents, a man who was thirty years ago known as a rather clever humorous draughtsman, and several gentlemen of whom — I sadly confess my ignorance — I have never heard."* A Academia é um exemplo do divorcio que na America do Norte separa a vida intellectual de todos os verdadeiros valores correntes. *"Our Universities and colleges, or gymnasia, most of them exhibit the same infortunate divorce."* Um bom jogador de *foot-ball* é posto em pé de igualdade *"with our greatest and most admired heroes — even with Henry Ford, President Hoover, and Colonel Lindbergh."*

Nas sciencias os *lords of business* ainda prestigiam um Millikan ou um Michelson. Mas a litteratura, continúa o indiscreto Sinclair Lewis, é algo de morto. Ella tem de ser *"clear and cold and pure and very dead."*

Depois de tanta demolição, o *enfant terrible* do Premio Nobel de 1930 termina affirmando que acredita no futuro da litteraura americana. "Estamos sahindo do provincialismo", diz elle. E cita alguns "novos" que lhe parecem pioneiros de valor: Ernest Homingway, Thomas Walfe, Thornton Wilder, John Dos Passos, Stephen Benet, Michael Gold, William Faulkner. Todos esses e alguns mais darão aos Estados Unidos da America do Norte — *"as strange as Russia and as compled as China"* — uma litteratura digna da sua grandeza.

ROQUETTE-PINTO.

ALBERT BRASSEUR

Filho de um comediante e quasi tendo nascido nos bastidores de um theatro, Albert Brasseur era bem o que os francezes chamam de enfant de la balle. *Nenhuma duvida podia haver quanto á sua vocação, ao menos por pendor hereditario, e muito cedo começou elle a seguir no palco o exemplo do pae. Parisiense dos que mais soffrem daquelle "parisianismo" que Roqueplan catalogou entre as molestias incuraveis, o illustre actor encarnou, com grande successo, innumeros papeis comicos e entre elles um de evidente destaque na peça* Le nouveau jeu, *de Henri Lavedan, pintura caustica dos habitos contemporaneos e onde um dialogo mordente fazia esquecer as lacunas do entrecho e a fraqueza dos caracteres postos em scena.*

Illustrações, capas de livros:
Paulo Werneck — Tel. 5-2388

A POETISA

O poeta João, meu vizinho,
olha pro céu ha tres annos
vendo si pesca nas nuvens
um palpite camarada.
Não pensem que elle procura
um bom palpite de bicho:
o poeta procura em vão
mas é palpite de verso.
De repente sae correndo,
gritando pra cosinheira:
"Arranjei imagem nova,
vi borboleta nas nuvens
parecida com mulher,
vou comparar a mulher
com o vulto da borboleta."
Cosinheira afina o ouvido,
fechou muito bem a bocca.
Tomou nota, fez a lista,
chegou logo mais de tarde
ganhou quinhentos mil réis.

(Da *Historia do Brasil*, no prêlo.)

MURILO MENDES.

Henry Massis - ÉVOCATIONS, (1905-11)

PLON, Paris, 1932.

Um genero litterario perigoso, o das recordações. A miragem das saudades, a lenta deformação dos factos pelos seus effeitos, das emoções do momento pelas reacções que provocam, forçam insensivelmente a mão do escriptor, e levam-no a corrigir um pouco a realidade. A essa tentação, não parece haver cedido o probo espirito de Henri Massis. O ensaio dedicado aos seus vinte annos, e aos dos companheiros mortos, mortos na maioria, é um livro honesto. E sereno. Occupa um lugar á parte na obra do pensador da *Défense de l'Occident*. Desta vez, elle despe a rude couraça de combatente, de lutador de lança em riste, escrevendo sempre contra alguma cousa. Não tem fito nem these, não visa atacar nem defender. Conta simplesmente o que foi a geração que precedeu a guerra, procurando fixar-lhe as directrizes.

E, porque são fieis, essas reminiscencias nada têm de alegres. Arejadas, isso sim, e vigorosas; mas sem bohemias garotas. A classicamente risonha primavera da vida é uma phrase feita. A verdadeira mocidade, a mocidade consciente, póde ser ruidosa, mas no fundo é grave. Ninguem se toma mais a sério do que um moço. Elle traz em si, pesado e inquietante, o futuro immenso. E o borbulhar de tantas aspirações, o fervilhar de tantas possibilidades, tornam-no attento, quasi crispado. Um recolhimento promissor. Tambem é triste a ante-manhã, na espera do sol.

Era um grupo de escól o de Jacques Maritain, Jacques Rivière, Émile Clermont, Charles Demange, o torturado sobrinho de Barrès, Ernest Psichari, o mystico do militarismo, neto de Renan, Henri Franck, o levita espiritual, "a alma de todos" e tantos outros, tantas esperanças massacradas pela guerra.

Ellas desfilam deante de nós, adextrando-se e se armando como para um combate, com a audacia de jovens campeões, surdamente prescientes talvez do sacrificio proximo.

Em alguns trechos, a narração lembra uma frisa grega, tal a nitidez das attitudes. Assim a partida para a Africa de Psichari, a sua primitiva existencia de conquistador, no deserto; e a vigilancia funebre de Barrès junto ao corpo de Demange, o paladino de Maria Bashkirtseff, victima das emboscadas de uma sensibilidade inquieta demais — a mesma inquietação que o tio soubera transformar em arte e em vida activa...

A luta desses rapazes contra os seus professores na Sorbonne, em defesa da cultura classica, a revelação maravilhosa que tiveram nos cursos de Bergson, mostram bem o que foi o seu espirito. Um espirito excessivo, mas lucido e sobretudo avido de regras e de affirmações. Um espirito ainda não domado, não canalizado, mas que busca sêl-o. Todos esses moços reclamam pontos de apoio solidos, numa reacção violenta contra a geração hesitante, amadora, que precedeu a sua. Numa França ainda abalada pela questão Dreyfus, são nacionalistas e militaristas. Depois de Anatole France e de Renan, sentem-se sequiosos de imperativos, de dogmas. Fervorosos adeptos da acção, não se desinteressam das idéas. Ao contrario, Mas querem vivel-as. Ir até ás ultimas consequencias. Experimentar-lhes o valor pela sancção dos actos.

No amago, a sua revolta contra os seus mestres vem de não haverem encontrado nelles educadores. "O ensino, mesmo o mais objectivo, diz Massis, tem uma repercussão moral." Essa falta foi, segundo elle, o drama da sua mocidade. Drama que se resolveu na morte para alguns — na morte no campo da honra, na morte "servindo", e na volta á Igreja para outros.

Mas, toda acção trará comsigo o germe da impureza vital de que fala Durtain no seu estudo sobre a Nova Russia?...

Massis, fiel a si e á sua formação, doutrinario e convicto, procurando construir, ser para os outros o que lhe faltou — um guia, é apontado por Benda como um dos clerigos trahidores.

E, no prefacio do seu livro, elle mesmo confessa, quasi desencantado, estar mais longe da mocidade de hoje do que os seus predecessores da sua.

O tragico desentendimento se repete — por causas oppostas. Serão cathegoricas demais, as soluções dos mestres de agora...

Ou — quem sabe? — cada geração deve refazer o cyclo, e lutar com suas proprias forças na ansia de desvendar o divino mysterio da vida.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

A' MARGEM DOS LIVROS

Paul Gsell contentou-se longo tempo em borboletear em torno dos homens celebres, em ser o reflexo dos conceitos de um Rodin, de um Anatole France, sobre télas e estatuas, sobre livros antigos e modernos. Era mesmo bastante cioso dos seus idolos e, quando alguem queria metter mão profaaa no seu trigal dourado, elle protestava furioso, com ares de quem não admittia partilhas... Todavia, com o tempo, esgotaram-se os genios a entrevistar, morreram todos os deuses, e Paul Gsell, ainda indignado com as maldades de Brousson em torno a mestre Anatole, tratou tambem de fazer-se autor por conta propria. Dahi trabalhos como esse *Les Clés d'or*, "historia maravilhosa para os garotos de seis a cem annos". Não faltam ao livro graça e subtileza, mas, evidentemente, Gsell era muito mais interessante reproduzindo que creando directamente...

— A fertilidade de J. Kessel é das mais impressionantes. Sem cahir na producção meramente commercial, lança elle com frequencia escriptos de valor como o intitulado *Fortune carrée*, publicado inicialmente nas columnas do *Gringoire*, periodico de tanto prestigio entre litteratos e homens do povo.

— Succulento o volume que Robert Courau vem de dedicar a *Ferdinand de Lesseps*, nome tantas vezes invocado pelos nossos academicos quando querem justificar a discutidissima theoria dos expoentes. Lesseps, com effeito, pertenceu á Academia Franceza, mas isso em nada o honrou. Honrou-o, sim, o ser "o abridor de isthmos", "o homem que modificou a carta do mundo". Vida curiosa a desse engenheiro, que manejou tão vultosos capitaes, influiu no curso das navegações, inspirou tamanhos enthusiasmos e, finalmente, foi arrastado nas miserias e nas ignominias em torno ao caso do Panamá, que ficou sendo typico para exprimir complicação e trapaça. E é bem provavel que já então, nesses dias de declinio e de repulsa, a Academia Franceza não mais se ufanasse delle, de contal-o entre os quarenta da instituição de Richelieu... De qualquer modo, para nós outros, Lesseps teve a vantagem de inspirar algumas das mais bellas paginas da lingua portugueza, ou sejam aquellas em que Eça de Queiroz descreve as festas da inauguração do canal de Suez.

O S T W A L D

Acaba de desapparecer uma das maiores figuras da sciencia occidental: Ostwald. Guilherme Ostwald foi dos maiores, senão o maior chimico do seu tempo. Da sua cadeira de professor, em Leipzig, fez um dos principaes fócos de irradiação scientifica da Allemanha. Os seus 79 annos foram fecundos de actividade, constante e proveitosa.

Premio Nobel de Chimica, em 1909, pelos seus trabalhos de chimico-physica, não ha, talvez, de seu cerebro pujante, a serviço de uma technica experimental acabada, nenhuma dessas grandes descobertas que terminam uma serie de pesquizas ou dessas outras que abalam as idéas estabelecidas, creando novos mundos. Não ha na sua obra nenhum principio como o de Gibbs, o de Vant'Hoff, o de Lechablier, por exemplo. Mas não ha em todos os dominios da chimica e da physico-chimica nenhum recanto que a sua actividade não tenha perlustrado. Seja na chimica mineral, organica, industrial, analytica, no terreno puro ou applicado, onde a cada momento se encontra o seu nome, seja no aspecto pedagogico.

A clarividencia do seu genio transfigurava todas as idéas, dando-lhe feitio proprio, de tal sorte que era como se jorrassem, originaes, frescas, vivas, em estado nascente.

Dahi a sua formidavel influencia na renovação do ensino da chimica.

O seu compendio de chimica inorganica foi o primeiro dos livros que deram á chimica um sentido philosophico claro, tirando-lhe aquelle aspecto de manual de receitas, que ainda se encontra no Brasil... O seu volume, traduzido na Bibliotheca Flammarion, sobre a *Evolução da Chimica* é uma dessas syntheses que dão a impressão de clarão de holophote sobre todos os quadrantes. A *Evolução da Electro-Chimica*, *As Bases Physico-Chimicas da Chimica Analytica*, o *Resumo da Chimica Geral*, *As Medidas Physico-Chimicas*, em collaboração com um dos seus discipulos, são os seus livros mais conhecidos e que propagaram a chimica, tão maltratada ainda.

Fez epoca a sua intransigente doutrinação contra o atomismo. Voltou, mais tarde, do exaggero, mas ficou um dos seus livros caracteristicos, que é outra synthese genial — *A Energia*.

Os grandes homens constitue, igualmente, uma obra fundamental, em que se encontram reunidas todas as suas qualidades de cultura e senso critico e... certa injustiça com as mulheres.

De igual tomo o seu pequeno ensaio sobre a *Philosophia das Sciencias*. Escreveu ainda, em fórma socratica, para creanças, dois livros sobre o ensino da chimica: *Como se aprende a chimica* e *Como se estudam os corpos*, que renovaram os processos do ensino no mundo inteiro. Além de suas obras em allemão, de monographias, artigos de revistas, communicações a sociedades sabias e a collecção de *Classicos das Sciencias Exactas*, que é modelo no genero.

Terminou os seus dias nos arredores de Leipzig, na villa *Energia*, onde procurava applicar a "sua chimica" á agricultura, cercado do respeito e admiração dos contemporaneos.

Sabio, no mais elevado significado do vocabulo, um dos quatro membros da Commissão Internacional de Pesos Atomicos, foi accusado, sobretudo no Brasil, de ter assignado o manifesto dos intellectuaes allemães, durante a guerra, talvez por muitos patriotas que ainda hoje cultivam o odio contra Solano Lopez ou alimentam a idéa estulta de uma guerra com a Argentina... por patriotismo.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

L. AMBARD — La Biologie — *E. de Boccard, éd. - Paris*

O pequeno fasciculo de Ambard faz parte de uma collecção destinada a estudos historicos, e publicada sob a direcção de Cavaignac. O volume XIII é dedicado á civilização européa e comprehende estudos sobre as sciencias, as artes e o Estado.

O trabalho de Ambard, claro, simples e modesto, de leitura facil, só póde ser instructivo para o grande publico leigo. Mais uma vez se patenteia a difficuldade em que se encontram os pesquizadores ao tomarem sobre si a tarefa de lançarem um olhar de conjuncto sobre os dominios de uma sciencia por demais vasta. A escolha dos assumptos obedece ás preferencias decorrentes da especialização do auctor. No caso de Ambard, a tendencia foi toda para collocar em primeiro plano algumas questões medicas, e principalmente alguns problemas que elle proprio abordou, e para a solução dos quaes collaborou, aliás com proficiencia. Ao terminar o pequeno volume, o leitor desprevenido arrisca-se a guardar uma impressão inteiramente injusta: a de confundir as preoccupações e os fins da Biologia, como sciencia independente e perfeitamente constituida, com os problemas praticos da Medicina e da Hygiene. As grandes questões biologicas, como a herança, não são sequer mencionadas; as grandes questões physiologicas, como as funcções de regulação, as coordenações, a excitação nervosa, a contracção muscular, as secreções internas, as oxydações, etc., são passadas em completo silencio.

Apezar de ter restringido o campo de suas meditações sobre o conjuncto da Biologia, Ambard nem sempre poude evitar algumas pequenas incorrecções no modo de citar os auctores, ou na maneira de expôr certas descobertas. São pequenas falhas que podem passar facilmente despercebidas, e sobre as quaes não é conveniente insistir.

O que interessaria sobretudo a um leitor culto e intelligente, seria uma exposição breve e simples das grandes linhas de pesquizas, e dos methodos postos em acção para chegar ás soluções procuradas em Biologia. Uma sciencia, quando bem comprehendida, não pode ser totalmente abstrahida e separada d'aquelles que a cultivam e n'ella trabalham diariamente. O que pensam, o que fazem, o que procuram, o que querem os biologistas? Taes seriam, talvez, as questões essenciaes a estudar, no momento de querer dar uma idea do que é a Biologia na época actual.

Apezar de tudo, a leitura do ensaio de Ambard é util. Algumas observações sinceras e engenhosas, algumas vistas parciaes mas interessantes, dão ao livro um cunho pessoal e o tornam recommendavel.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

O Idioma Brasileiro

Ultima flôr do Lacio, inculta e bella.

O. Bilac.

Fala-se o idioma brasileiro, desde o Yapock, nas Guyanas, até o arroio Chuy, no Uruguay, e nas terras interiores que formam a planicie amazonica e o grande planalto do Brasil.

Lingua natural de quasi quarenta milhões de individuos, occupa consideravel parte da superficie habitada do globo.

Assim como o portuguez se originou do latim popular falado na antiga Lusitania, tão bem descripta por Strábão, o brasileiro proveio do portuguez popular trazido para a America do Sul pelos colonos lusitanos do Seculo XVI.

Posto em contacto com as linguas dos amerindios, o portuguez adquiriu no seu novo *habitat* perto de tres mil vocabulos indigenas, muito mais do que lhe adviera da influencia do arabe, que apenas lhe herdou cerca de oitocentos.

Os habitos gloticos dos selvicolas e mais tarde dos africanos para aqui trazidos influiram na pronunciação, que se tornou mais lenta, harmoniosa e clara. Muitas palavras adquiriram outra significação. Outras, que, no paiz de origem se archaizaram, manifestam aqui a mais exhuberante vitalidade.

A lentidão da pronuncia, como era natural, transmuda o rythmo da phrase, de sorte que o brasileiro, quando pronuncia, differe immenso do portuguez actual, seu codialecto, que como elle representa a lingua commum do seculo XVI. Duas vergonteas distinctas da mesma arvore genealogica...

Essas modificações de pronuncia, de rythmo oracional, e de semantica não podiam deixar de ter repercussão nos dominios da syntaxe.

A syntaxe brasileira differe já apreciavelmente da syntaxe portugueza hodierna e, facto curioso, approxima-se da do periodo anti-classico e da quinhentista.

O desconhecimento dessas verdades comesinhas da philologia romanica tem levado alguns escriptores, mesmo de alto cothurno, como o saudoso conselheiro Ruy Barbosa, a se revoltarem contra o que elles chamam o dialecto brasileiro, "surrão amplo, diz aquelle, onde cabem á larga, desde que o inventaram para socego dos que não sabem a sua lingua, todas as escorias da preguiça, da ignorancia, do mau gosto, rotulo americano d'aquillo que o grande escriptor lusitano tratara por um nome angolez."

Para desviarem o gosto publico das producções americanas, genuinamente nacionaes, os puristas, ou pseudos taes, recommendam a leitura dos classicos portuguezes, notadamente de Camillo, Herculano e Castilho, por considerarem os maiores exemplares de vernaculidade.

Ora, esses celebres escriptores floresceram no outro ramo da lingua bifurcado no Seculo XVI e não podem falar intimamente ao nosso espirito, nem despertar as mesmas cordas da sensibilidade. Lardear, por exemplo, a linguagem de modismos de Camillo, que abusava de emprestimos ao linguajar dialectal das aldeias, constitue a mais requintada prova de mau gosto que pode dar um escriptor brasileiro.

Precisamos, não ha negar, de formar o gosto na leitura dos classicos, não para os imitar nesciamente, mas para observar as suas insufficiencias e fugir dellas.

Precisamos lêl-os, na ordem da filiação historica, para ver as tendencias do idioma e evitarmos, cautelosos, as formas de expressar o pensamento que tendem para a archaização. As palavras como as phrases são folhas que amarellecem e caem, emquanto a arvore idiomatica permanece viva para florir em novas primavéras.

Estudemos a lingua nacional nas obras dos nossos grandes escriptores, aprofundemos esse estudo nas suas origens remotas lusitanas e latinas, sem nos esquecermos, porém, que nada temos que ver com os escriptores portuguezes posteriores ao seculo XVI, que para nós, linguisticamente, são tão estrangeiros quanto os espanhoes, os francezes e italianos do mesmo tempo.

Remontemos dos nossos aos lusitanos do grande seculo, a Camões, a Bernardim, a Moraes, a Gil Vicente, e passemos do bucolismo melodioso de Christovão Falcão á poesia dos cancioneiros.

Quem tiver feito essa subida ás nascentes, saberá as razões e sentirá o porque se fala no Brasil um idioma neo-latino, rico, opulento, melodico, cujas tendencias analyticas se prendem ás forças psychologicas que norteiam o evoluir das linguas aryanas.

Não é um dialecto que falamos, é o idioma que transpoz o Atlantico para lançar raizes no solo americano e fecundal-o com a seiva da latinidade.

Os seus thesouros não podiam ficar numa estreita faixa de terra, embora gloriosa, porque os bens do espirito prendem-se aos homens e não ás coisas, incorporam-se ao patrimonio biologico hereditario.

Quando se deu a independencia nacional, já eramos dois terços e elles apenas um da população do reino, e com o correr do tempo, a proporção augmenta cada vez mais em nosso favor. A independencia politica veio consolidar no campo linguistico o trabalho silencioso de tres seculos, producto de novo ambiente, de outras misturas raciaes e outras tendencias de caracter.

Fomentar a differenciação não implica em hostilidade, visto como o seu fim é tornarmo-nos cada vez mais nós mesmos, desenvolver sem peias, sem contrafacções, a propria personalidade.

Façam os outros o mesmo, que nos encontraremos no campo santo do passado commum para levar flores aos tumulos dos enamorados trovadores medievaes, dos grandes navegadores, que devassaram o oceano e abriram nova phase da historia occidental, dos grandes classicos do seculo XVI, glorias immorredoras da raça.

Não só no idioma conservamos as acquisições culturaes do renascimento e os resquicios medievaes. Já houve quem prendesse o lyrismo brasileiro ás redondilhas dos cancioneiros. Esse estudo merece ser levado avante por quem reuna os dons do folklorista ao conhecimento aprofundado da epoca anti-classica.

Mas, a maior necessidade nossa é termos coragem de ser nós mesmos, de escrever dando vasa á espontaneidade sem nos preoccuparmos de comprimir o pensamento nos moldes de além-mar, mesmo nos dos grandes romanticos.

E mandemos ás favas todas as regrinhas de grammatica lusitana e todos os grammaticographozinhos d'a-

ANDRÉ SIEGFRIED — LA CRISE BRITANNIQUE AU XXe SIÈCLE — *Librairie Armand Collin, 1931.*

André Siegfried, sociologo, economista, depois de ter estudado não sómente em suas viagens, mas tambem em sua vasta documentação os principaes problemas inglezes, a evolução politica e economica do Imperio britannico, dá-nos n'esse pequeno volume, a essencia de suas conclusões e o melhor de suas observações. E' com prazer que se acham de novo n'essa leitura as qualidades essenciaes reveladas pelo auctor em suas obras anteriores, e que firmaram sua bella reputação. Siegfried sabe vêr e sabe observar. Em questões tão complexas como as que aborda, dá-nos a impressão de estudar tanto quanto o necessario para firmar os seus juizos sem nunca recuar deante dos maiores esforços a despender. E suas opiniões não são apresentadas como algo de definitivo e immutavel. Todos os elementos para sua formação são expostos com minucia e serenidade, auctorizando d'esse modo o leitor a formar por si uma opinião differente, se a isso o levar sua maneira differente de pensar.

O estudo da hegemonia e da predominancia da Inglaterra em meiados do seculo passado, permittiu a Siegfried vislumbrar os primeiros germens da decadencia que ora se accentua. Entre as causas d'essa decadencia encontram-se factores externos, independentes da vontade e da consciencia collectivas da Inglaterra, e outras que decorreram da alteração lenta e quasi insensivel das virtudes e das caracteristicas psychologicas dos Inglezes. Ao successo e solidez de uma posição privilegiada entre todas as nações, successo que foi o resultado de um esforço continuado e inexoravel, succederam as concessões excessivas, uma especie de relaxamento decorrente de uma demasiada confiança em si proprios. Os Inglezes não mantiveram no periodo de conservação da potencia britannica, as mesmas qualidades de indomavel energia no trabalho, de invencivel pertinacia, que lhe tinham permittido construir a grandeza do paiz. Para os paizes, como para os individuos, o successo e a gloria são a pedra de tóque da verdadeira superioridade...

Ao lado d'esses factores de crise, appareceram os outros, inevitaveis, fataes. A predominancia ingleza foi devida em grande parte ás suas riquezas mineraes, á precedencia tida pelo paiz na industrialização moderna da fabricação dos productos. Em um dado momento, a Inglaterra não tinha concurrentes. Mas estes vieram e cedo se mostraram superiores a ella em apparelhamento material e em preparação technica. Desappareceram para os inglezes as vantagens adquiridas pelo facto de terem sido os primeiros.

A Inglaterra de hoje luta com difficuldades extraordinarias. Toda a sua estructura como potencia colonial e economica mostra-se antiquada e insufficiente. E um povo de tradicionalistas, habituados a uma fé sem limites nos principios de sua organização, soffre em consequencia da necessidade inilludivel de ter deante de si um esforço de adaptação a fazer. Não se trata sómente de uma adaptação ás novas condições materiaes de existencia. Ha sobretudo a considerar sériamente uma reeducação, uma nova mentalidade a formar, mais elastica, mais malleavel, mais de accôrdo com o estado actual do mundo.

Entretanto, o segredo do inglez typo, talvez tenha sido até hoje a capacidade de dominar suas emoções, de não exaggerar os perigos e de não agir precipitadamente. Em todas as crises, a Inglaterra, attenta, concentrada, mantém uma imperturbavel serenidade apparente. Ella conta com o tempo para desmanchar as intrincadas rêdes de nós em que por vezes pode se envolver. A Historia tem-lhe dado razão. Os que acreditam no papel essencial da Inglaterra na manutenção de um sadio equilibrio do mundo, participam d'essa confiança. Siegfried, depois de uma analyse que não raras vezes o leva ao desalento e ao pessimismo, fecha o seu livro com phrases de calma e esperança. Falando do Imperio britannico, escreve: "Quando elle muda, dizemos que elle morre, e isso nunca é verdade. Como as plantas, de cuja natureza participa, assim como o proprio espirito inglez, elle tem um illimitado poder de adaptação e de vida."

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

---

qui e de alem mar que nos queiram ensinar *o que se não deve dizer*.

Fallar differente não é fallar errado.

Prefiramos *errar* com Alencar e Castro Alves a acertar com Herculano e Camillo.

Quasi sempre os erros dos escriptores são factos interessantes que os grammaticos velho typo não sabem explicar.

O idioma brasileiro existe, sahiu do passado e da historia, principalmente por transformação lenta do portuguez quinhentista. O povo que o falla e a sua já brilhante litteratura lhe garantem um lugar ao sol.

ALCIDES BEZERRA.

JOÃO RIBEIRO — GOETHE — *Rev. da Lingua Portugueza* — Rio, 1932.

Deliciosa malicia a do nosso velho mestre João Ribeiro! Para falar-nos de coisas que conhece como ninguem entre nós, toma um ar modesto, não sem ironia, um ar de quem não deseja escandalizar o proximo com a sua erudição, de quem não deseja de modo algum ferir, pelo excesso de talento, a egualdade democratica. E, entanto, as novidades, os nobres axiomas, os conceitos saguzes lhe vão fluindo sem conta da penna de ensaista á européa. Assim nos bellos estudos sobre Goethe, a que chama, brincalhão comsigo mesmo, de "notas apressadas de um jornalista".

E. A. P.
Empreza de Administração Predial
Sociedade Civil
Administração de bens.
Todas as garantias.
As melhores referencias
Direcção de
WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA
AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

DE NEW-YORK

A Relatividade do Cinema de Eisenstein

Ha cousa de uns dois annos, liamos casualmente um jornal da tarde, quando nelle se nos deparou a noticia de que Sergio Eisenstein, de passagem para Hollywood, ia fazer uma conferencia no auditorium da Columbia University sobre o palpitante assumpto: Cinema como Arte.

Convidámos Monteiro Lobato, que ao tempo ainda cá estava, e fomos ouvir o mais caracteristico director de cinema de todas as Russias.

O moço cinematographista foi-nos apresentado por um professor da Columbia, que lhe fez a merecida apologia, deixando-o depois ao desempenho do seu papel.

Eisenstein, que é louro, de rosto cheio, olhar sincero, e no todo muito sympathico, falou em correcto inglez durante uns tres quartos de hora, sobre a sua comprehensão da arte do cinema, que elle com bastante acerto colloca acima das ambições mercantilissimas do "box-office". O realizador de *Old and New*, filme que foi uma consagração da machina moderna na agricultura collectivista dos Soviets, exalçou o valor dos symbolos cinematographicos, por elle intelligentemente usados, frisando ainda que os seus actores são homens e mulheres tomados á turba, sem nenhuma experiencia do "officio", e cuja unica funcção é *viver* no filme tal qual na vida commum, cabendo a elle, Eisenstein, concatenar as suas attitudes e typos de modo que, na totalidade, formem uma obra cinematographicamente artistica.

Para exemplificar o que dizia, fez Eisenstein passar pela téla do auditorium trechos dos seus filmes de multidão, em que, com effeito, se moviam typos do mais caracteristico "sabor" russo: barbas e grenhas hirsutas, boccas desdentadas, olhares chispantes de revolução, num total visceralmente anti-photogenico, para não dizermos desagradavel.

Entretanto, como amostra de novidade cinematographica, os filmes de Eisenstein marcavam, e ainda marcam, uma visivel "departure" das normas estabelecidas pelo cinema-industria, como o comprehende e pratica o norte-americano.

Mas, essa novidade, digamol-o de começo, é muito relativa.

Eisenstein botou-se para Hollywood, afim de filmar a famosa obra de Theodore Dreiser — *An American Tragedy*. Mezes depois noticiavam os jornaes que elle rescindira o seu contracto com a Paramount e voltava para Paris, sem nada fazer. Ainda que as gazetas nada mais adeantassem sobre o caso, parece que o motivo dessa rescisão se firmara no facto de os personagens de Dreiser, como bons americanos, fazerem uso das Gilettes... Na ausencia das barbas russas não quiz o nosso director arriscar a sua fama.

Eisenstein foi á França, renovou o passa-porte, e voltou á America, desembarcando em porto mexicano.

Nove mezes foram por elle consumidos na gestação de um grande filme ethnico-cultural, que se intitula *Viva Mejico!*

Passando agora por Nova-York, de volta para a Russia, declarou Eisenstein em duas entrevistas publicadas pela imprensa: "Paiz grandioso, o Mexico! Alli é que está a columna mestra da America! Tradição, paizagem, "back-ground" humano, typos completos para um filme como o que fiz. Em oito rôlos de celluloide enfeixei quatro mil annos da evolução daquelle povo."

E não duvidamos que, como repositorio de pesquizas ethnographicas, seja o filme de Eisenstein um monumento de coisas novas e surprehendentes. Aguardamos a sua apresentação em Nova York, para delle tratarmos minuciosamente.

Falando ao grande semanario *Variety*, disse Eisenstein numa critica cerrada á mentalidade de Hollywood: "Não tenho que dizer dos americanos, principalmente daquelles não ligados ao negocio de filmes. Trataram-me muito bem. Em Hollywood, porém, vi-me cercado por um halo tal de pavor, que a mim mesmo começava a metter medo. Todos, no studio, me olhavam com marcada suspeita, temerosos de que eu lhes pregasse uma surpresa. Mas esse terror dos americanos do filme não se ligava á minha procedencia russa, nem ao bolchevismo do meu credo politico: tinham medo de que eu fizesse um filme fóra dos moldes de Hollywood, creando algo de novo — porque Hollywood tem horror á novidade. Pobres magnatas! Esquecem-se de que são os arrancos de louco (*mad gestures*, como disse elle) que fazem o progresso nas artes. E o cinema, antes de ser um negocio, é uma arte!"

Continuando com a palavra, affirmou Eisenstein que hoje em dia, a unica esperança do cinematographo repousa sobre o filme russo...

E' aqui que discordamos delle.

O cinema russo, como o futurismo nas lettras, é uma reacção transitoria. Ambos têm os seus aspectos interessantes, e como movimento rebelde, como acção revolucionaria, servem para — quem sabe? — fundir novos padrões. Mas um e outro andam á procura de um "methodo" de expressão sedimentada, e esse methodo, quando fixo, leval-os-á invariavelmente ás bases estabelecidas pelo consenso das massas, principalmente no que toca ao cinema, pois para a comprehensão do povo e seu entretenimento é que elle é produzido.

Quem descreve — seja com a camara ou com a penna — só o faz para ser entendido. E a sua fabulação e engenho hão de tambem concorrer para esse entendimento. As metaphoras aberrantes e o abuso dos symbolos, que ultrapassam o limite de um certo nivel da intelligencia collectiva, dão no filme o cinema russo, e na litteratura nativista os excessos do futurismo.

Ambos ficam sem ser entendidos.

Os filmes russos estão muito bem para a Russia e, de certa maneira, para uma elite cheia de curiosidade, que os vae ver como complemento da sua cultura; a grande massa, porém, ha de sempre preferir o cinema alegre e optimista da America (ou mesmo da Europa occidental), por cujas scenas pavoneiam essas mulheres tentadoras, que Hollywood canoniza em rôlos de celluloide e todo o mundo gosta de vêr.

Não ha duvida que a renovação dos methodos é que produz o progresso; mas essa renovação tem que se cingir a uma certa pauta, para poder filmar o seu padrão. A producção anarchica, seja no cinema ou nas lettras, requer sempre um excesso de esforço mental para ser comprehendida, e no cinema, pelo menos, é isso contraproducente, porque o povo quer a diversão ligeira, bimbalhante e pf-

"Menino de Engenho"

Novella de JOSE' LINS DO REGO

De José Lins do Rego a fama que corre, até hoje, é a de grande critico do norte. Com um poder raro de penetração analytica, fez-se na critica litteraria numa vocação decidida. Mas é de fieção, no entanto, o seu primeiro livro, a sahir breve — *Menino de Engenho*, novella de memorias infantis da vida rural nordestina. Bem parece que se deu ahi um phenomeno curioso de registrar: o tempo que o meu querido amigo levou a olhar para o fundo das obras alheias era o das sondagens intimas de suas possibilidades criativas; uma especie de ricochête de visão critica, que o fazia penetrar mais fundamente em si mesmo, quando mais intensa era a sua preoccupação com livros e autores. Justifica-se a affirmativa com clareza: dentro do seu moderno conceito de critica, suas perspectivas eram as de um collaborador da obra de arte e não as do registrador do bom e do ruim, de milagres e defeitos. Assim, procurando no romance e na poesia dos outros aquillo que mais de perto se harmonizava com o seu gosto, José Lins estava forçando, num estranho processo experimental, o seu talento de romancista, recalcado subtilmente nas suas astucias de critico. Por ahi andando, teremos de concluir então que a sua primeira novella será a collecção de paginas, de achados e subtilezas, que elle não poude encontrar nos livros dos outros.

Menino de Engenho são as memorias de um pequeno heróe sentimental, de uma timidez de virgem, que teve o seu candor infantil afogado pela vida á solta dentro de um banguê. Memorias que discam um grito de desespero por toda a herança de fealdades psychicas e toda a monstruosidade da educação da infancia dos campos, um grito sahido da bocca de um adolescente picado de irremediaveis remorsos, de um quasi nojo pela liberdade excessiva gosada com appetite doido pelos seus cinco sentidos assanhados de criança.

Do menino de engenho, posto desde cêdo ao contacto das mais acres realidades do mundo, sujando a sua pureza de alma com as lições de coisas da natureza abrindo caminho para os seus verdes instinctos (o sexo cresce então mais do que as pernas e os braços, para usar de uma intensa expressão do autor), pinta José Lins uma vida com muito colorido, muita força de realidade. O seu Carlinhos vive em carne e osso, nós o sentimos espojando-se innocentemente em immundicies sexuaes, accumulando material para os seus nojos de rapaz. E emquanto isso o quotidiano rural se fixa como que a branco e preto.

A forte impressão do real que nos deixa essa novella estranha deve-se, entretanto, a José Lins do Rego não se distrahir com a natureza, não se perder no puro interessa paizagistico: della elle nos mostra o sufficiente para fixar sua gente de romance em terra firme. Desse abandono do escriptor perante as seducções de côr e fórma da paizagem brasileira, defeito de todos os nossos photographos regionaes, soube José Lins eximir-se com agilidade espantosa. A natureza não lhe apparece com a simples funcção decorativa: ella se integra em sua novella como forte elemento documentario. Como um testemunho atmospherico.

De approximação mais intima com o elemento humano, dessa especulação de todos os choques de contacto do homem com a vida, é que *Menino de Engenho* nos offerece um admiravel contingente de documentos psychologicos.

O Carlinhos de José Lins é o filho de um psychopatha que chegou ao crime e ao hospicio, e de uma menina timida, de uma candura bôa para aproveitar-se em lithographias de santas. E' aos quatro annos que elle vê o grande quadro de sua vida: a mãe morta e o pae preso como doido. Numa indefinida projecção lhe fica, na sensibilidade infantil, o tragico desse espectaculo sempre fluctuando na memoria em subtis associações. E nessa somma de "affekt", nessa exhibição de muitos complexos se alvoroçando, é que vamos encontrar então no *Menino de Engenho* uma grande attracção para pesquizas psychanalyticas.

Doloroso é vermos depois, com uma clareza que é caracteristica da pintura psychologica de José Lins, o horror dos passos errados a que é levado, constante e inconscientemente, o menino Carlinhos, entregue já ao desvelo maternal interino de uma tia quasi angelica vigiada por uma velha Sinházinha meio anjo máu. Das melancolias, das acres decepções desse herdeiro infeliz de taras, nós temos a historia bem completa. E é assim que este Carlinhos se torna differente de todos os outros meninos de litteratura, de Rousseau, de Pompéia, de Loti, de Anatole, de Machado de Assis.

Do que José Lins do Rego nos expõe da vida do "Santa Rosa", com abundancia de detalhes num delicioso frescor de tintas — frescor devido ao seu admiravel poder evocativo — póde-se vêr, como em nenhum outro livro brasileiro, o que é o quotidiano nos engenhos banguês do nordeste, hoje ameaçados de um tragico "lock-out". E do que soffrem as terras e as gentes dessas zonas assucareiras estão como albuns coloridos as paginas do grande livro, que eu quasi vi dia a dia o meu querido amigo escrever.

Maceió, Maio, 932.

VALDEMAR CAVALCANTI.

---

cara, para o deleite da vista, e não o matar-se de canseiras com a decifração de symbolos inextricaveis. Se querem dar-lhe alguma dóse de moral ou de politica por meio do filme, terão sempre de pratear a pilula com o chumbilho da alegria, inda que ephemera, pois do contrario o povo cospe-a e não a engole.

Dizer-se que a unica salvação do cinema está no filme russo é querer affirmar que só nelle ha arte, renovação e bom gosto, o que não é verdade. Essa affirmação, levada a um plano mais amplo, implicaria tambem dizer que só na Russia se faz arte de bom cunho, em litteratura, musica, esculptura, etc., o que seria reincidir no disparate.

O cinema russo, em que isto pese ao genial Eisenstein, é uma manifestação transitoria da arte do filme na propria Russia, reflectindo unicamente aspectos economico-sociaes do novo regimen, e como tal, de interesse bastante relativo.

Senão, que o diga Einstein, o mago da Relatividade...

ARTHUR COELHO.

Um Grande Romance

FRANÇOIS MAURIAC — LE NŒUD DE VIPÈRES — *Grasset, Paris, 1932.*

Ao escrever o titulo desta nota — *Um grande romance* — me lembrei do pudor com que os criticos europeus tratam das maiores obras que lhes chegam ás mãos, pela primeira vez. O receio de augmentar, de exceder a medida, não é de certo a nossa qualidade aqui nestas bandas. Vivemos de impulsos. Agora mesmo com o *Le Nœud de Vipères* me senti como que arrebatado por uma pressa e um enthusiasmo justiceiro, terrivel, como se Mauriac viesse de um pequeno Estado do norte, e dependesse de mim, que elle não lerá, e que nada poderei accrescentar á sua gloria. Foi tão innocente o meu enthusiasmo (talvez necessidade de admirar eternamente sem motivo) que resolvi, antes de tratar desse livro, sem duvida admiravel, registrar esse movimento, para que os leitores de *Ariel* sorriam de mim como eu proprio sorri.

*

Le Nœud de Vipères é um grande livro realmente! Nelle, talvez, François Mauriac tenha conseguido subir até onde queria, no equilibrio da fórma e de força creadora que os seus livros anteriores annunciavam, alguns fortissimos, de realização já *conseguida*, de extrema belleza poetica, mas que davam sempre a impressão de que o autor poderia dar mais ainda e de que o seu livro ainda não tinha chegado. Assim *Le Nœud de Vipères* póde ser considerado o livro do *esplendor* mauriaquiano.

O proprio processo do romance, que a muitos pareceu diminuir a significação do livro *como romance*, é mais uma demonstração da sabedoria com que esta verdadeira obra prima foi creada. Só mesmo um diario, uma confissão nos poderia situar de maneira tão profunda no coração do personagem do livro, que é todo o livro, que é toda a humanidade do livro.

Trata-se de um avarento que odeia sua familia e despresa a si mesmo. Sua idéa fixa é evitar que o seu dinheiro vá ás mãos dos que as leis determinam serem seus herdeiros. Sua vida é isto. Assim, estamos diante de um *leproso*. De um homem abandonado a si mesmo. Que recebeu de fóra apenas a comprehensão das coisas más e hostis. De um homem que se fechou e caminha dentro do escuro, conduzido pelas suas impressões terriveis e contrarias. E' o *leproso moral*, que Mauriac creou desde o seu primeiro romance e vae repetindo e firmando cada vez mais nos outros. E' o *leproso* de *Genitrix*, de *Le baiser au Lépreux* e deste livro fortissimo *Le Désert de l'amour*, livro desalentador, cortado pelas rajadas de um vento de morte, em que o Amor não se communica, em que os homens sentem continuamente os limites, as suas proprias fronteiras, livro que ao terminar nos deixa na alma um resaibo de tedio, como se tivessemos penetrado de maneira inesperada no que foi o nosso passado e sentissemos a diluição de tudo o que foi a nossa alegria e o nosso tormento, e vissemos em toda a sua immensa inutilidade o que já vivemos. E' o leproso de novo esta personagem de Mauriac, que se confessa — ás vezes sem palavras — á sua filha Marie, tão cedo morta, e a um adolescente que parecia amal-o e morre tambem na guerra. Mas esses dois encontros ajudaram ao caminho da Luz naquelle coração confundido com a treva. Foram, possivelmente, as sementes que o vento trouxe até áquella terra esteril, porque não tratada, esteril porque abandonada e entregue á sua propria confusão. Esse advogado sombrio — cuja possibilidade de gloria a mulher não estimulou nem amou — esse avarento, que encontrou apenas avarentos diante de si — avarentos de amor, de solidariedade, de confiança — esse avarento para quem o dinheiro era uma defesa e um instrumento de oppressão — talvez seja elle a grande creação do typo *leproso* que Mauriac procura expulsar do seu mundo interior, para o exterior, para a objectivação de um personagem, do inarticulado para o expresso.

Ha sempre em nós um *leproso*. As contingencias da vida ora o têm acordado, ora o deixam dormindo esquecido. Mas ha sempre um momento em que elle domina a nossa vida. E' então que nos sentimos perdidos, que desconfiamos da solidez de tudo (e não será esse momento o grande momento lucido do homem, em que damos conta da ficção contínua que é a nossa vida?) e principiamos a odiar o que nos cerca precisamente porque nos cerca.

A critica de si mesmo induz ao erro, porque a critica é a malicia. O homem que analysa continuamente, que apanha as coisas menos sensiveis para alimento da sua necessidade de não se enganar — é um *leproso*. O personagem de *Le Nœud de Vipères* não teve quem se abandonasse a elle inteiramente, não teve o Amor, não teve o engano. Ha uma scena no livro que é de uma importancia absoluta para a explicação do desenvolvimento da personalidade do *leproso*. E' a scena em que deitados marido e mulher, elle se convence de que a mulher amára a um outro e tem a revelação de que ella não chorára por elle, certa vez, quando noivos. Esta scena do chôro da mulher tinha ficado na sua vida de uma maneira consoladora. Elle tinha guardado o lenço com que lhe enxugára as lagrimas como reliquia. E rasga então esse lenço. E a esterilidade se accentúa no seu coração. E' um pequeno detalhe que esclarece toda uma psychologia.

Le Nœud de Vipères é mesmo um grande livro. O fim parece um pouco dramatico demais. Um pouco forçado. Mas quem dirá que não seja assim na vida, que continúa a ser o romancista mais inesperado e imaginoso?

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

SABINO DE CAMPOS — SYMPHONIA BARBARA — Flores & Mano — Rio, 1932.

Esse joven poeta bahiano permanece insensivel ás innovações modernistas. Seja reeditando as estrophes do *Jardim do silencio*, tão bem acolhidas pela critica carioca ha dez annos passados, seja apresentando-nos muitas e muitas producções ineditas, faz-se elle ler com sympathia, especialmente pelos que amam os rythmos tradicionaes e não sentem nenhuma indignação contra o soneto e o verso alexandrino. São reaes as suas qualidades de lyrista e vae egualmente bem na pintura dos nossos aspectos naturaes. Já é menos feliz nas quadras épicas e, cantando os grandes feitos e datas patrias, será um desses Tyrteus de gabinete que não convencem ninguem, não arrastam ninguem ao campo da lucta. Preferimol-o em trabalhos puramente sentimentaes, como nas composições dedicadas á sua progenitora, em que ha uma graça de imagens, uma doçura de notas caseiras eminentemente nortista.

"CIUME", de René-Albert Guzman

(EXCERPTO)

Uma manhã, achava-me no banho, quando ouvi soar o telephone. De longe, escutei as phrases habituaes: "O doutor não pode attender agora. Quer deixar algum recado? Da parte de quem? Está bem... de Madame Vincente."

De... Saltei da banheira, joguei aos hombros um roupão e corri ao telephone. Brigitte! Doente? Ferida? Para telephonar-me tão cedo... ella mesma!

— E' você, Brigitte?

— Sim.

— Que é que ha? Diga depressa.

— E' Jean que não está passando bem e deseja muito que você venha vêl-o. Se puder vir já.

— Não ha duvida. Posso passar ahi antes de ir para o hospital.

Ainda bem que era Jean! Acabei de vestir-me, tomei café, dei ou recebi alguns telephonemas, depois segui para a Avenida Charles-Floquet.

Não tenho bem presente se, em caminho, as minhas disposições eram particularmente hostis ou benevolas. Idéas vagas passavam-me negligentemente pelo cerebro, tão fugidias como a fumaça de um cigarro. Mas por que cargas d'agua elle se terá lembrado de mim? Certamente, não foi porque lhe dei alguns conselhos, umas quatro ou cinco vezes. Antes o seu medico era o Florentin. E' verdade que Jean me disse não andar muito satisfeito com elle. Emfim, não era possivel recusar. Que diabo terá elle? Eu devia ter perguntado. Seria mesmo mais delicado de minha parte."

E era assim, cheio de indifferença, que eu acompanhava o curso banal das minhas idéas, sem siquer suspeitar que acabava de ser fisgado pelo primeiro dente da mais terrivel das engrenagens.

Cheguei. Brigitte estava á minha espera. Vestia um *peignoir;* parecia inquieta. Meu Deus! Sem duvida, eu sei bem que uma mulher, mesmo sem amal-o, pode mostrar certa solicitude por um homem; todavia, aquella Brigitte familiar me irritou. Procurei ser o mais "profissional" possivel.

— Bom dia, Brigitte. Que é que ha?

— Obrigada por ter vindo tão depressa. Jean, desde de manhã, está com uma dôr no ventre e faz questão de ser examinado por você.

Entrei no quarto e vi ao mesmo tempo o doente e as camas.

O doente? Historia classica. O inicio brusca como uma facada, a dôr á direita, a resistencia muscular ainda localizada, mas o facies já um pouco alterado, o pulso rapido demais. Uma crise typica de appendicite aguda! Como sempre acontece em taes casos, o doente suppunha ter apenas uma indigestão: as taes indigestões que matam em tres dias.

Mas emquanto o medico cumpria com lucidez a sua tarefa, emquanto a machina de diagnosticos funccionava com aquella regularidade bem lubrificada que dão vinte annos de pratica hospitalar, um outro individuo se formava, como nesses arranjos cinematographicos em que o phantasma transparente de um personagem se destaca do corpo vivo e se põe a andar: — o amante.

Olhava á volta de mim. Então, era ali! Duas camas iguaes e lado a lado, separadas apenas por poucos centimetros. Aqui, nessa que estava desfeita, e cujo travesseiro guardava ainda um cavo onde eu poderia encontrar o delicioso perfume dos seus cabellos, deitava-se, todas as noites, aquella que, havia longos mezes, enchia a minha vida. E ali, na outra, deitava-se aquelle sujeito que entregava a barriga ao meu exame. E do mesmo modo que elle estava agora sob o meu poder, que eu podia manipulal-o como um frango que se compra, apalpal-o, fazel-o abrir a bocca, collocal-o, caso quizesse, de quatro patas ou sobre o ventre, do mesmo modo elle era, sobre aquellas duas naves gemeas, depois de Deus o senhor absoluto.

Ali, defronte de mim, ficava o gabinete de *toilette*. Sobre o tapete de lã espessa, percebia-se distinctamente, pela direcção dos fios pisados, uma pista habitual do leito até a porta entre-aberta. Nas prateleiras de vidro, em potes, frascos, caixas, repousavam os artificios daquella *toilette* nocturna que me era desconhecida; sobre os ladrilhos brancos da parede, destacava-se um irrigador suspenso.

Empolgou-me de subito uma vaga de odio primitivo; de olhos baixos, evitando o olhar de Jean, com todos os musculos tensos afim de dominar a violencia prestes a irromper, eu fingia continuar o exame já terminado.

— E se eu te estrangulasse, porco! Hein? Que espanto se visses o teu "caro doutor" inclinar-se, de repente, com as duas mãos abertas... E se eu te deixasse aqui, com a tal "indigestão" e o appendice quasi a estourar? Garanto que eu te preparava uma bôa e que amanhã, de manhã, já não estarias mais em estado de pensar nas tuas libidinagens com Brigitte. Grandissimo porco!"

Era-me de todo impossivel continuar assim, entregue ao instincto. Recompuz-me, de novo voltei a dominar e, emquanto a vasa dos abysmos secretos acabava de volver lentamente as suas ondas pastosas, levantei-me, falei.

— Meu caro, você já sabe o que tem, não é verdade? Uma pequena crise de appendicite sem nenhuma importancia, e que daqui a oito dias estará esquecida.

— E a operação poderá ser evitada?

— Não... Mas esta operação não vale nada, quando feita a tempo, como é o seu caso. Olhe, o melhor é você ser operado hoje mesmo, daqui a pouco. Isso é menos perigoso do que atravessar a pé um dos nossos *boulevards*.

— Mas isso é o diabo. Não se poderia esperar ao menos até amanhã, de manhã, e, caso eu não estivesse melhor, então operar?

Brigitte pensava do mesmo modo e interveio com uma voz ligeiramente tremula, que eu ainda não conhecia.

— Sim, Jacques, pelo menos esperar até hoje de tarde. Você passaria de novo por aqui e então decidiriamos.

Dar-se-ia que ella o amasse? Entre uma crise de appendicite em Jean ou em mim, sobre quem recahiria a sua escolha? Qual dos dois seria por ella entregue ao destino com o coração mais desafogado? Amal-o-ia? Era mesmo por *elle* que ella tremia, ou pelo seu proprio luxo, seu auto, as suas joias? Soffreria mesmo

DOUMER

Paul Doumer era bem um representante do meio termo, do "juste milieu" á Thiers. Filho da provincia e descendente de operarios, evitou sempre as situações extremas, mantendo-se equidistante de todos os exaggeros partidarios ou administrativos.

Começando jornalista, trabalhou com o politico Floquet, o tal que se celebrizou por ter, deante do Czar em visita a Paris, soltado o escandaloso grito de "Viva a Polonia!"

A visão dos interesses coloniaes da França, patenteada desde moço, explica a sua escolha para governar a Indo-China e ali, durante seis annos de trabalho ininterrupto, foi elle o servidor de seu paiz distante, mas tambem das necessidades da região, sem furores de proconsul ou de cubiçoso donatario de capitania, abrindo estradas, defendendo os monumentos, suavizando os impostos, não escorchando ninguem, não diminuindo o pequeno prato do faminto e não arrancando os ultimos trapos ao misero farroupilha.

E foi após esse periodo de administrador que Paul Doumer esteve aqui no Rio e aqui fez, com uma dicção macia e uns ares de distribuidor de agua benta, conferencias sobre assumptos varios, ao mesmo tempo que andou pelo Brasil, falando de Roma, o grande Ferrero e, num theatro do Paschoal Segreto, os conferencistas Moreira Guimarães e Pedro do Couto davam beliscões de civismo na dignidade nacional adormecida...

Com o seu nariz afilado, que os caricaturistas como Léandre afilavam ainda mais, e os seus gestos lentos de "benisseur", Doumer demonstrou, em tantos decennios de actividade publica, possuir a média das melhores virtudes gaulezas e, se não obteve os louvores tributados a Delcassé, a Millerand e a Briand, tambem não recebeu as formidaveis tundas com que estes foram tantas vezes mimoseados pelos pamphletarios e oradores adversos.

Oppoz-se ás demasias do gabinete Combes. Não se zangou quando, no pleito presidencial de 1906, foi vencido pelo mediocrissimo Fallières, fabricante de vinhos e burguez pançudo de gravata borboleteante á moda dos pintores do Bairro Latino, e mostrou-se de uma polidez nada ironica deante do concorrente Briand, ao vencel-o no pleito de 1931.

Mas, a rigor, se a morte de Paul Doumer merece um registo especial no Boletim de Ariel, *é que elle era tambem escriptor. Naturalmente, escriptor pedestre, de finalidade puramente didactica, falando um tanto "pro domo sua", seja ao tratar da Indo-China, seja ao traçar um volume de* Souvenirs *ou ao compôr* Le livre de mes fils, *de que ha traducção portugueza, obra em que se dirigia aos rapazes robustos que a guerra de 1914 lhe roubou ao casinholo pacifico de um arrabalde de Paris.*

E ainda por cima recorde-se que Doumer foi ferido de morte exactamente ao visitar uma exposição de livros e que ao seu assassino, o russo Gourgouloff, attribuem a autoria de um volume, O filho da monja, *romance autobiographico...*

A. G.

LINDOLFO GOMES — A AUTORIA DAS CARTAS CHILENAS — Typ. Brasil — Juiz de Fóra, 1932.

Esta memoria põe em evidencia a argucia de pesquizador do illustre membro da Academia Mineira de Letras que, desde 1912, vem attribuindo, com logica e documentação, a autoria das *Cartas Chilenas* a Claudio Manoel da Costa. Mão grado as discussões abertas em torno ao assumpto, e em que se empenhou um erudito como Alberto Faria, a these do sr. Lindolfo Gomes acabou tornando-se plenamente victoriosa, graças á recente descoberta, feita pelo poeta Caio de Mello Franco em Paris, de elementos bibliographicos que não deixam mais duvida quanto a serem as *Cartas*, não de Gonzaga como se suppunha, mas desse admiravel Claudio que senhoreava cultura e elegancia, homem viajado, de superior distincção intellectual e não menos dextro no manejo da satira que no dos sonetos de puro lyrismo.

★

ALCIDES GENTIL — AS IDÉAS DE ALBERTO TORRES — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1932.

O sr. Oliveira Vianna, indiscutivel autoridade no assumpto, reconhece que, se alguem penetrou no Brasil, em todos os seus detalhes, a vida e a obra de Alberto Torres, esse alguem é o sr. Alcides Gentil, "torrista" como nenhum outro, conhecedor infalseavel da sociologia e da politica do mestre. Emquanto os demais discipulos se faziam mais ou menos hereticos, elle, Gentil, "ficou sendo o orthodoxo do grupo". Intimo de Alberto Torres, não perdendo um dos seus serões hebdomadarios em Copacabana ou em Laranjeiras, inebriando-se na eloquencia do sociologo, naquella eloquencia que Farias Brito comparava a um "banho de estrellas", o joven estudioso captou perfeitamente as idéas do grande pensador politico. E dessas idéas offerece-nos elle agora, em livro muito bem harmonizado, a synthese completa, utilizando-se, com a maior fidelidade, das proprias palavras de Alberto Torres.

---

o horror do drama brusco que entrava na sua vida, ou simplesmente, talvez, o aborrecimento do imprevisto que lhe perturbava os planos!

Olhei-a, buscando com alegria descobrir no seu rosto a marca dos mais baixos sentimentos e temendo que qualquer cousa, mesmo de leve, me denunciasse uma expressão de amor.

Percebi que ella notara a minha perturbação. Abaixou a cabeça e disse:

— Então, é melhor seguir o seu conselho.

— Meu conselho! Pelo amôr de Deus! Meu conselho? Estou apenas indicando o que é preciso fazer. Nesses casos a operação se impõe immediatamente.

Mais um passo... Telephonar ao meu mestre Mossey... para a casa de Saude... um quarto... para um amigo. Vêr Brigitte fazer festinhas nos braços de Jean; dizer a Brigitte palavras de encorajamento... de encorajamento! Partir.

Na ante-sala, Brigitte tomou-me a mão e disse-me baixinho: "Adeus, querido." Depois, quando eu já abria a porta:

— Mas você está certo que é preciso mesmo a operação, assim com esta pressa...

— Pois então? Você acha que eu seria capaz de brincar com uma cousa destas?

(Trad. de *Gastão Cruls*).

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

VESTIDOS — CHAPEUS
LINGERIE

(da alta costura de Paris)

CARTEIRAS — COLLARES
FLORES, ETC.

(artigos da ultima moda, recentemente recebidos de Paris)

DE PARIS

A SOCIEDADE DOS HOMENS DE LETTRAS

De Jules Simon até hoje

Em 1872 Jules Simon, então ministro da Instrucção Publica, concede á Sociedade, para o filho de um dos membros desta, uma bolsa annual em um Lyceu do Estado. A essa liberalidade não tardou a juntar-se em 1902 a do sr. Georges Leygues, que instituia em favor da Sociedade uma bolsa completa num Lyceu de meninas. Entrementes, a generosa iniciativa do Khediva Ismail-pacha tinha creado outra bolsa perpetua no Collegio Chaptal em beneficio de filha de societario, com uma somma que deveria, mais tarde, ser scindida em duas partes iguaes em beneficio de duas filhas de societarios. Finalmente, seis annos mais tarde, um alto funccionario da Administração do Gaz, o sr. Hervé, legava á Sociedade dos Homens de Lettras uma somma de 50.000 francos cujos juros deviam ser applicados a duas bolsas, uma no Lyceu Louis-le-Grand, outra no Collegio Chaptal.

Donativos e legados vieram assim augmentar os recursos da Sociedade mas, de todos os beneficios, o mais importante foi o da Loteria dos Bonus da Imprensa, que permittiu um encaixe de 1.877.807 francos e 92 centimos (sejamos exactos). Graças a este augmento de recursos, a Sociedade dos Homens de Lettras poude augmentar o bem-estar daquelles de seus socios cuja actividade começava a ser entravada pelos annos. Ainda recentemente, por iniciativa do sr. Pierre Decourcelle, foi possivel fundar o *Denier des Veuves*, para auxilios ás companheiras dos escriptores que morrerem pobres no exercicio da profissão; a prosperidade desta obra foi desde logo assegurada por um primeiro donativo, e em seguida por um legado magnifico de uma generosa societaria, a senhora Baratin, graças á senhora Daniel Lesueur, dedicada presidenta da obra, que conseguiu immediatamente duplicar o capital com o producto de uma festa de beneficio.

Sem duvida muito ha que fazer ainda. Actualmente os direitos de reproducção estão sendo percebidos no mundo inteiro, graças aos tratados assignados com mais de 1.800 jornaes, aos quaes a Sociedade assegura, a preços razoaveis, uma collaboração interessante e variada; mas a Sociedade não pretende limitar a isso o seu papel; visa fins mais directos e mais vastos, e, de accordo com a ideia outr'ora publicamente emittida por um dos seus presidentes, Emile Zola, em 1896, occupa-se do inédito, entende velar pelos interesses da producção mesma e, para fazer face á concorrencia sempre crescente das obras que caem no dominio publico, vae esforçar-se por obter a passagem de uma lei que permitta perceber uma taxa, por minima que seja, sobre essa fonte de receita que até agora só não aproveita aos escriptores.

Assim, a julgar só pelos resultados materiaes, póde-se dizer que aquelles que desde os primeiros difficeis começos até hoje se foram transmittindo, de anno em anno, a tarefa iniciada por Louis Desnoyers e seus amigos, não desempenharam mal o seu papel.

E todavia, acima desse exito material, ha um ideal que a Sociedade dos Homens de Lettras, graças aos esforços dos seus dirigentes, procura esforçadamente realizar em beneficio de todos os escriptores, cujos interesses e renome representa.

Personalidade forte e bemfazeja, a Sociedade tem, e entende justifical-a, a pretenção de symbolisar na familia franceza, aos olhos do mundo, o pensamento da raça e a nobreza do verbo nacional. Mais que uma reunião de interesses, ella quiz ser uma expressão viva e activa da litteratura franceza em seus multiplos aspectos e em suas mais variadas manifestações. Forte da autoridade de todos os grandes nomes que vieram a ella, pareceu-lhe que lhe corria o dever de affirmar, sempre que se lhe offerecesse o ensejo, o poder moral do concerto de valores que ella representa. Tal foi a tarefa que assumiram os homens eminentes que, em todos os tempos mas sobretudo estes ultimos annos, se succederam na presidencia da Sociedade. Foi isso que fizeram todos esses grandes trabalhadores que, de Jules Claretie ao sr. René Doumic, houveram por bem consagrar-lhe uma parte da sua infatigavel actividade; foi o que de modos diversos realisaram com tanta felicidade o saudoso Paul Hervieu, cujo caracter e cujo talento se equilibravam na mais nobre figura de homem de lettras francez, e aquelle escriptor encantador e encantador collega que é o sr. Marcel Prevost, cuja presidencia, feliz e fecunda, ficou sendo um modelo para os seus successores. Foi finalmente e acima de tudo o papel que tentou Georges Lecomte, cuja incançavel dedicação não conheceu tropeços nem esmorecimentos na tarefa que emprehendeu e em cujo serviço empregou o melhor da sua intelligencia de romancista vivo e robusto e os dons preciosos que possuia de orador eloquente e persuasivo. Assim, é de todo ponto justo que o acaso lhe tenha reservado a honra de sentir publicamente a solidez da obra commum, em que a parte que lhe cabe terá sido decisiva, deixando-lhe o cuidado de organizar, em julho de 1913, as bellas festas que commemoraram o 75º anniversario da Sociedade dos Homens de Lettras.

Vinte e cinco annos antes tinha-se celebrado o cincoentenario numa simples intimidade confraternal. Desta vez, a festa revestiu caracter official, com a participação das mais altas autoridades governamentaes e dos grandes Corpos do Estado reunidos na Sorbona sob a presidencia do sr. Raymond Poincaré, Presidente da Republica.

Póde-se dizer que nesse dia foi consagrado o caracter de autoridade moral da Sociedade, nesse dia foi marcado pelo chefe do Estado o logar que ella occupa "no primeiro plano entre os que contribuem para o desenvolvimento pacifico da grandeza nacional."

Nas horas difficeis e penosas da ultima guerra, a Sociedade dos Homens de Lettras de França procurou sempre justificar essa confiança pela sua attitude: acompanhando dia a dia a lenta evolução dos acontecimentos donde devia sahir a victoria, juntando, quando se fazia preciso, a sua voz ao concerto vivificador das energias francezas, soube com uma das mãos reconfortar na rectaguarda os que as necessidades daquelles tempos crueis opprimiam, ao passo que estendia a outra para a frente aos filhos da nossa familia litteraria que tinham partido em defeza da independencia do genio nacional. Dessa maneira se esforçava em realizar aos olhos do mundo a nobre figura maternal que ella quer ser; quantas vezes mesmo, fóra do circulo social em que legalmente deve circumscrever o seu esforço, não tem ella soccorri-

Henry de Monfreid - Les Secrets de la Mer Rouge, *Grasset*. Paris, 1932.

Que venha a aventura, mas a bôa aventura!

Algum tempo antes da guerra, um francez, um homem, um verdadeiro homem, com um nome de heroe de romance: Henry de Monfreid, enojado da mentira social, resolveu procurar na natureza socego aos seus resentimentos. Então abandonou tudo: familia, affeições, posição, bem-estar, fortuna... e partiu ao encontro dos homens que ainda eram simplesmente homens, para viver com elles a mesma vida que elles levavam.

A esse coração selvagem e forte, mas em revolta, eram precisas lutas sadias, daquellas em que o corpo trabalha e soffre e em que os musculos têm tambem a sua parte. E foi ao grande selvagem, sempre rebelde e prompto a fazer mal, ao mar, que elle foi pedil-as, escolhendo justamente para seu abrigo o oceano que, entre todos, tem as ondas mais bravias e mysteriosas: o mar Vermelho.

Povos simples e primitivos habitam as suas bordas rudes, todos descendentes de civilizações antigas, oppressoras e falsas, mas restituidas á verdade: egypcios, sudanezes, arabes, somalis... toda uma mistura de raças estas mesmas por vezes misturadas, dando uns typos ora de alma estranha e tenebrosa como os asperos recifes de que o seu mar está cheio, cruel e má como elle mesmo, mas ora tambem bella como as perolas que nascem nas suas aguas transparentes.

O mar Vermelho! A' simples enumeração deste nome, toda a nossa imaginação fervilha de visões fantasticas de sol, de esplendor, de riquezas, de guerras, de majestade, de milagre, de poeira confusa d'um immenso passado. Que temeridade no emprego de um tal nome para titulo de um livro! Que compromisso ao augmentar-lhe ainda a evocação associando-lhe a palavra mysterio!

Dahi não ser sem certa apprehensão que se abre o grosso volume, em cuja capa, de permeio a lettras negras e azues, solta as multiplas e ponteagudas velas ao vento, uma pesada barcaça rustica. E se a obra se fosse mostrar inferior ás promessas suggeridas? E se a sua leitura viesse a ser, como para tantos outros livros de titulos attrahentes, uma nova desillusão?

Mas, não. Kessel quando descobriu Henry de Monfreid, por occasião da sua viagem ao Oriente, e quando lhe pediu que narrasse algumas das suas aventuras, tinha observado com justeza. Esse homem, porque é preciso ser um homem para mudar repentinamente de vida como elle fez, para tornar-se voluntariamente um aventureiro, e que aventureiro! um *descivilizado* posto fóra da lei de um só golpe por todos os outros milhões de prisioneiros da civilização, que não perdôam aquelles que tiveram a ousadia de abandonal-a,— esse homem, eu ia dizer esse homem do diabo, contando-nos o filme brilhante de suas aventuras extraordinarias, prende-nos sob um encanto tão grande, feito sobretudo de sinceridade, que a ultima pagina do livro parece ficar muito proxima da primeira.

A vida é sem duvida o mais formidavel dos romances. Henry de Monfreid, nessas linhas apaixonantes, limitou-se a nos revelar um pouco da sua nos paizes totalmente ou muito pouco conhecidos do Oriente, e isso tudo sem attitudes, sem fanfarronadas, sem dissertações, quasi sem commentarios, como se repetem historias passadas com outros, como se contam historias a creanças. E tanto os homens como as creanças ficam embevecidas.

Pescador de perolas, contrabandista, corsario, pirata, presa, caçador, juiz, prisioneiro, fugitivo, rico, mendigo, roubado, vencedor, veneido, victima... esse inerivel rebellado, eterno cavalleiro da justiça, destruidor de administrações e de regulamentos, successivamente conheceu todos os papeis, sempre simples, nobre, generoso, jamais abatido, enthusiasta e forte, fraco, entretanto, algumas vezes, se a bondade e a piedade são fraquezas.

Li essas paginas vivas, cheias do ruido das vagas e do grito dos selvagens, verdadeiras como o vento do largo nas velas dos barcos audaciosos, e surprehendi-me a desejar tornar-me, lá longe, o companheiro de Henry de Monfreid, seu autor modesto, seu excellente narrador, seu heroe digno da lenda e já lendario.

Disputas, cupidez, crimes, fugas, perseguições, vinganças, intrigas, accidentes, massacres, naufragios, tempestades, batalhas, generosidade, bellos gestos, thesouros materiaes e moraes... aventura — oh, sim! — mas a bôa aventura!

Henry de Monfreid, para quando a continuação?

EDGARD LIGER-BELAIR.

---

do a infortunios que vão bater-lhe á porta! Eloquente homenagem prestada ao seu prestigio e á sua força!

A influencia e a autoridade da Sociedade dos Homens de Lettras augmenta e cresce dia a dia; esta associação de escriptores, que com o andar dos tempos se foi tornando uma das mais altas expressões do pensamento francez, viu o seu alto caracter officialmente consagrado pelos poderes publicos, penhor precioso de uma diffusão sempre maior da sua influencia e do seu crédito com que todos os homens de lettras de França tem o dever de ser solidarios.

Actualmente a séde da Sociedade é no formoso "hotel de Massa" transportado dos Campos Elyseos á sombra dos jardins do Observatorio.

Os jardins do Observatorio!

Estas palavras representam toda a minha mocidade, todo um passado; deixem-me evocar aqui tudo o que ellas suscitam na minha alma.

Quando ainda muito moça cheguei ao Rio de Janeiro, meu pae, então director do Observatorio de Paris, deu-me uma carta de apresentação para o dr. Luiz Cruls, então director do Observatorio do Rio. Foi graças ao carinhoso acolhimento a mim dispensado no "Morro do Castello" que fui animada e festejada de toda a sociedade brasileira. Até hoje conservo desses tempos commovida lembrança. E é esse o motivo do grande prazer que tanto sinto hoje de collaborar no *Boletim de Ariel* cujo director é o meu joven amigo Gastão Cruls. Mas será preciso dizer-lhes a intensa emoção que senti quando fui inscrever-me na Sociedade dos Homens de Lettras naquelle "hotel de Massa" transportado dos Campos Elyseos para o *meu jardim* do Observatorio, berço da minha infancia?

Apresentada á Sociedade por dois padrinhos taes como Marcel Prévost e Raoul Mortier, fui logo favoravelmente acolhida e sinto-me agora feliz e orgulhosa de pertencer a esta casa e a esta grande familia.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

NOTAS MUSICAES

No Instituto Nacional de Musica apresentou-se pela primeira vez depois de sua viagem de estudos á Europa, o pianista Arnaldo Rebello. O concerto, que foi promovido pela Associação Brasileira de Musica, constituiu, sem duvida alguma, um triumpho para o talentoso artista.

Em Paris, onde esteve, sob a direcção do grande Casadessus, Arnaldo Rebello, muito trabalhou e estudou. Exhibindo-se n'um programma difficil e interessante, onde houve, visivelmente, o proposito de afastar-se das peças muito ouvidas e tocadas, o joven pianista demonstrou logo, ao executar o *Concerto italiano de Bach*, o aperfeiçoamento de sua technica e o enriquecimento de sua sonoridade. A sonata op. 22 de Schumann teve uma interpretação esmerada, que fez resaltar todas as bellezas contidas naquella pagina primorosa. Na segunda parte do programma, Arnaldo Rebello tocou, em 1ª audição para o Rio, *Les biches*, de Poulenc, *Valsa Suburbana* de Lorenzo Fernandes e *Capricho* de Dohnanyi, ao lado de *Retour des muletiers* de D. Severac e *Farrapos* de Villa Lobos. Não nos agradou *Les biches* de Poulenc, banal e desinteressante. Devemos, entretanto, salientar a maneira impeccavel por que foram executadas todas estas composições.

A sala repleta applaudiu-o sincera e calorosamente. Para corresponder a estes applausos, Arnaldo Rebello tocou extra-programma, *Valse-Scherzo* de Chabrier, *Estudo* de Scirahim e *Valse* de Listz. Para o talentoso artista, o seu recital foi um successo incontestavel.

* * *

O segundo centenario do nascimento de Haydn foi commemorado em todo o mundo civilizado com festas excepcionaes. No anemico ambiente musical do Rio não passou, felizmente, desapercebida essa data notavel. A Associação Brasileira de Musica promoveu um concerto, no qual foram executadas diversas composições do grande mestre, e o professor Charles Lachmund, realizou no Studio Nicolas, uma interessante conferencia.

A gigantesca obra de Haydn, atravessando dois seculos, não necessita de analyses e julgamentos. Ella forma com a de Bach e a de Beethoven o monumento intangivel e eterno da musica classica.

Comprehendendo-o assim, o professor Lachmund, na sua conferencia, afastando-se da critica, limitou-se a narrar, encantadoramente, os principaes episodios, sobretudo pittorescos, da vida de Haydn, prendendo enlevado com a sua palestra o escolhido auditorio que enchia o salão.

Charles Lachmund é, sem favor, uma das maiores culturas artistico-musicaes do nosso meio. Vivendo da musica e para a musica, costuma refugiar-se, egoisticamente, durante mezes, quasi annos, em sua casa, verdadeiro templo de arte, em companhia dos seus amigos inseparaveis: o piano, os pinceis e os livros. E só apparece, como agora, para homenagear um dos seus deuses.

Eu desejava accrescentar á conferencia de Lachmund sobre a vida de Haydn, um episodio tetrico, occorrido após a sua morte e citado por F. Melgar na revista *Miroir du Monde*. Haydn falleceu em Vienna no anno de 1809, quando esta cidade estava occupada pelas tropas napoleonicas. Alguns dias depois do seu fallecimento, cinco homens penetraram, mysteriosamente, no cemiterio até o seu tumulo. A terra foi retirada, o caixão aberto e a cabeça de Haydn seccionada e roubada. Esta scena macabra permaneceu absolutamente desconhecida em Vienna.

Alguns annos mais tarde, começaram a surgir, em toda a cidade, commentarios sobre inexplicaveis factos que se teriam passado no cemiterio onde repousava o grande autor da *Creação*. Taes foram os boatos que o Principe de Esterhazy, que havia sido grande amigo e mesmo protector de Haydn, resolveu exhumar o cadaver. Com espanto geral, constatando a profanação, encontraram o esqueleto desprovido de craneo. Querendo abafar o escandalo deste achado, o principe de Esterhazy fez transportar os ossos preciosos, accrescidos de um craneo adquirido na Faculdade, para o seu castello d'Essenstadt, onde Haydn vivera longos annos, como chefe de orchestra. Os inqueritos realizados n'aquella data, 1820, como de regra, nada apuraram. Só em 1870, foi desvendado todo o mysterio. N'aquelle anno morreu o director das prisões do Estado, Johann Peter, e no seu testamento havia uma clausula sensacional. Dizia:

"Eu lego um craneo que se encontra no meu gabinete de trabalho, e que eu guardei preciosamente até esta data, á Sociedade dos Amigos da Musica, de Vienna. Juro pelo meu repouso eterno que este craneo pertence a Franz Josef Haydn, illustre compositor nascido em Rohrau. Fui eu que, em companhia de Rosenbaum, um dos alumnos preferidos de Gall, de Jakob Deniuth e de dois empregados do presidio, penetrei no cemiterio onde estava enterrado Haydn e cortei-lhe a cabeça, para poder estudar, n'aquelle craneo prodigioso, a estructura e os elementos de um cerebro que produziu tantas obras primas". Na época do famoso legado já estavam mortos todos os cumplices da extraordinaria profanação e o craneo de Haydn começou a viajar para todos os lados, até que em 1896 foi repousar definitivamente no Museu dos Amigos da Musica, de Vienna, onde ainda hoje se encontra.

* * *

A Sociedade Polono-Brasileira Kosciuszko, commemorando uma data nacional poloneza, realizou no Theatro Municipal, na noite de 12 de Maio, um grande Concerto symphonico e vocal. Festa de arte, sob o patrocinio do Ministro da Polonia e das figuras mais representativas do mundo official e destinada a obter auxilios para a construcção de um monumento a Chopin, não obteve dos innumeros admiradores do genial artista o apoio que deveria merecer. Porque, innegavelmente, Chopin possue no nosso meio musical um numero consideravel de apaixonados. E nenhum compositor, como elle, é tão tocado e... profanado. Tocar Chopin é a ambição maior das meninas que, horas a fio, martellam sem piedade as teclas indefesas de um piano, na ansia febril de interpretar um nocturno, ou então, a setima valsa.

Ah! esta setima valsa! Ella se assemelha, na obra de Chopin, á *Vingança da Porta* na poesia de Alber-

Machado de Assis, discipulo de Lycophron...

Machado de Assis vae resistindo galhardamente á critica, o que é muito, e á acção do tempo, o que é muito mais ainda.

Ainda nos seus dias, assistira impassivel, como um estoico, ás investidas demolidoras de Sylvio Roméro, especie de gigante das lettras nacionaes, em quem tudo é desproporcional: qualidades e defeitos. Veria tambem, guardando a mesma tranquillidade, a defensiva de Lafayette, interpondo-se intrepidamente entre ambos, como um guerreiro que offerece á mira do inimigo o coração generoso. A investida do primeiro não lhe trahio uma queixa, e ao segundo, em termos medidos e serenos, agradeceu a nobreza do sacrificio.

Morto, Machado de Assis recebeu a glorificação, por intermedio da maior potencia verbal da lingua, á beira da eternidade, e cujas palavras e conceitos irradiam ainda sobre os seus despojos. As gerações novas, porém, são indifferentes aos fiadores das glorias e aos louvores dos homens de outros tempos; mais astuciosos que desconfiadas, ellas não passam á beira de nenhum delles imitando o poleá, "sem comparar nem reflectir", mas como elle, tambem, examinam detidamente a *mosca azul*... Por força do mysterio, entretanto, ellas vão realizando ao vivo, a sentença do sabio quando definia a eternidade dos pensadores pela attracção incessante e permanente de novas curiosidades, cuja busca representa o presente: "Livros relidos são livros eternos"...

Ainda agora, autorizando a affirmativa, aqui estou eu, após tanta busca e rebusca, após tão porfiados bateadores, buscando e rebuscando no mesmo veieiro, a cuja borda se accenderam os fachos da biographia, as lanternêtas da bisbilhotice anecdotica e as aferições scientificas que pesquizaram na alma dos seus escriptos, as segundas intenções reconditas que as palavras mascaram, ajudados por Freud que lhes acena com apparelhos e ferramentas de sua recente invenção.

Machado de Assis que passeou uma curiosidade insatisfeita através de quasi todos os generos litterarios: da chronica ao theatro, do conto ao romance, do soneto ao apologo, teria sido, tambem, discipulo de Lycophron? Essa qualidade, ou esse defeito, ficaria, até agora, occulto aos mineiros da sua intelligencia?

Pelo menos, que eu saiba, nenhum dos seus criticos a elles se referio.

Vejamos. Tomando-se em consideração a vasta galeria dos typos femininos, nas obras de Machado de Assis, o que prende logo a attenção do leitor são os nomes e os appellidos, quasi sempre feios, dessas heroinas. E' verdade que elle possue uma Helena, que elle nos fala em uma Yayá Garcia, mas, contrabalançando essas poucas excepções, quantas Valerias, quantas Virgilias e Emerencianas... Nenhuma dellas, porém, possue a singularidade de *Dona Carmo*.

Que Capitulina fosse, na intimidade, Capitú, quem é que o não crê? Estamos habituados, no Brasil, com esses *appellidos* caseiros, ás vezes tão dissemelhantes do nome proprio, ou, quanta vez, synthetizados por uma ou duas syllabas delles, como em Flôr ou em Clô, encontrados na realidade e tambem nos livros de João do Rio ou de Arinos.

Dona Carmo, porém, é que não. Nossa Senhora do Carmo é a unica senhora que eu conheço, até hoje, com o mesmo nome da matrona do *Memorial*. Carmo seria, acaso, abreviação de Carmita ou Carmosina? O romancista não o disse.

E' facto sabido e remexido pela critica que esse livro, o derradeiro de Machado de Assis, é um relato, mais ou menos completo e romanceado, da vida conjugal do celebre autor. Alli estão, senão todos, pelo menos os pontos capitaes da existencia de um casal solitario, soffrendo da mesma "orphandade ás avessas", e ligado, entretanto, pela mais harmoniosa das vidas passada no Cosme Velho, em que o diplomata aposentado mal encobre uma dualidade engenhosa e explicavel.

O romance não poderá, desde que aspire á Arte, circumscrever-se aos limites da realidade. Os dois personagens do *Memorial* são, indiscutivelmente, Carolina e Machado de Assis.

Dahi, quem sabe, o anagramma que se poderia descobrir em *Dona Carmo*. Descoberta casual, ou encontro procurado, o certo é que Machado de Assis e sua mulher pódem ser achados, como duas metades, dentro da mesma palavra, formando um nome unico.

Se ella era a participe de sua vida e da sua gloria, como não poderia ser tambem a socia delle, figurando com elle na mesma palavra?

Para mim, as tres primeiras lettras de Carolina e as duas lettras, a inicial e a derradeira do nome de Machado, compõem, indiscutivelmente o nome de *Dona Carmo*.

Não teria sido essa, afinal, a intenção subtil desse subtilissimo e astuto criador do *Memorial de Ayres*? Por mim estou convencido de estar com a verdade... não fôra eu o autor de um tal achado!...

PHOCION SERPA.

---

to de Oliveira. Em regra geral é a primeira citada e muitas vezes a unica conhecida. Segue-se depois a *Marcha Funebre* que todos já ouviram e que todos adoram. Era natural, portanto, que a sala do Municipal não ficasse, como ficou, quasi vasia e, que todos os admiradores do immortal polonez, mesmo aquelles que só têm sciencia da setima valsa e da *Marcha Funebre*, fossem levar para um fim de tanta belleza o seu auxilio e a sua homenagem. No programma organizado somente com composições polonezas, destacava-se o *Concerto* para piano e orchestra, em fá menor, de Chopin. Tocou-o a notavel artista Xenia Prochorowa, figura de primeira grandeza entre as actuaes *virtuosi*. Da sua optima execução devemos salientar o celebre "larghetto" e o "allegro vivace", final. Pena é que a orchestra não estivesse, no acompanhamento, á altura da brilhante pianista. A parte vocal do programma foi confiada á Sra. Léa Azeredo da Silveira. Conhecida professora de canto, dizendo e phraseando com muita arte, a Sra. Léa da Silveira interpretou uma série interessantissima de composições, quasi todas ineditas. Destacamos d'entre ellas, pela originalidade, *Berceuse* de Kucharski, *L'herbe pousse* de Koulovie e *Hymenée* de Ladomis Rozycki. Antes da parte musical, o professor Aloysio de Castro disse algumas palavras sobre o incomparavel romantico. Uma esplendida noite de arte.

EDGARD CÔRTE REAL.

Leiam os romances:

A CORTINA VERMELHA

— e —

O ANEL SENSUAL

POETA E JORNALISTA

Num dos mais prestigiosos diarios de La Paz, o illustre poeta boliviano Fernando Diez de Medina mantém um bello supplemento litterario que constitue verdadeira anthologia de producções, em prosa e verso, de escriptores do seu paiz e do estrangeiro.

UM POETA GAUCHO

O sr. Olmiro de Azevedo, que publicou, ha varios annos, um livro de versos bem recebido pelos seus conterraneos e por alguns criticos do Rio, tem em preparo uma nova série de poemetos em que fére assumptos de interesse local e ao mesmo tempo de nobre significação humana.

RACHEL DE QUEIROZ — JOÃO MIGUEL — Schmidt, editor. — Rio, 1932.

Num dos ultimos numeros do *Boletim de Ariel*, o illustre critico Octavio de Faria já teve ensejo de manifestar-se, com louvores, sobre esta segunda narração da victoriosa autora d'*O Quinze*.

EXUPÉRO MONTEIRO — DISCURSO ACADEMICO — Officina Graphica da "Voz do Operario" — Aracajú.

Palavras proferidas por um joven escriptor nortista ao tomar posse, na Academia Sergipana de Lettras, da cadeira "Pedro de Calasans", vaga com a morte de Hermes Fontes. A proposito de Calasans, que foi um poeta popularissimo em sua provincia, e do autor das *Apotheoses*, de um tão amargurado fim de vida, após tantos dias de gloria e prestigio intellectual, tem o sr. Exupéro Monteiro expressões das mais vibrantes, citando versos patrioticos de um e estrophes pantheistas do outro.

TENENTE-CORONEL ALFREDO SEVERO — O ESFORÇO DA POLONIA EM 1920, EM DEFESA DA CIVILIZAÇÃO EUROPÉA — Livraria Leite Ribeiro — Rio.

O titulo do livro indica bem do que se trata, ou seja de pôr em fóco a bravura com que um dos povos de mais nobres tradições da Europa se oppoz á marcha do exercito moscovita e, logo, á invasão e propagação das idéas sovieticas em grande parte do Occidente. Especialista em questões militares, o autor examina como um technico a famosa batalha do Vistula, decisiva no litigio russo-polonez, e tem sempre palavras de grande enthusiasmo pela obra politica e administrativa do marechal Pilsudski.

ARCHIVOS DO INSTITUTO MEDICO-LEGAL E DO GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO — N. 4, Abril de 1932. — Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

Sob a esclarecida direcção dos Drs. Miguel Salles e Leonidio Ribeiro, respectivamente directores do Instituto Medico Legal e do Gabinete de Identificação da Policia do Districto Federal, acaba de apparecer mais um volume dos *Archivos* dessas duas prestigiosas instituições scientificas e onde os cultores do assumpto encontrarão, num alentado volume de mais de duzentas paginas, trabalhos dos mais

Leiam:
CIUME
admiravel romance de
RENÉ-ALBERT GUZMAN

interessantes assignados pelos melhores nomes da especialidade, como sejam A. de Almeida Prado, Aloysio de Paula, Flaminio Favero, João de Barros Barreto, W. Berardinelli, além de valiosas contribuições dos proprios organizadores do volume.

ALVES CERQUEIRA — BELMIRO BRAGA — Editora Cia. Dias Cardoso — Juiz de Fóra, 1932.

Mão grado a superflua digressão inicial, este opusculo, que não tem pretensões a um alto estudo critico, faz-se ler com satisfação, pelos dados biographicos e anecdoticos com que se refere ao chamado João de Deus mineiro, transcrevendo-lhe algumas poesias lyricas ou satiricas, igualmente deliciosas.

ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS — HISTORIA DO AMAZONAS — Manáos — 1931.

O autor deste trabalho — notavel ensaio que tanto prestigio lhe traz no nome — é um distincto escriptor amazonense, apaixonado das coussas de sua terra, e que tem em elaboração varias outras obras de não menor alcance para um mais perfeito conhecimento da região que ainda hoje é motivo de attenção e estudo para scientistas de todas as partes do mundo.

A *Historia do Amazonas*, feita com grande criterio e probidade, á luz de copiosa e exhaustiva bibliographia, é trabalho como ainda não possuiamos e no qual se abordam com minucia os principaes episodios desenrolados no majestoso scenario do Rio-Mar, desde a sua descoberta por Orellana, durante a atormentada viagem que o trouxe de Quito, no Perú, até a installação do seu primeiro governo após a proclamação da Republica, — isto para não falar nas interessantes paginas dedicadas a Pedro Teixeira, Ajuricaba, Tenreiro Aranha e outros vultos de relevo nos fastos gloriosos daquellas immensas e ricas terras que ao extremo norte nos limitam com outros povos.

COMMANDANTE EUGENIO DE CASTRO — A EXPEDIÇÃO DE MARTIM AFFONSO DE SOUZA — Editores F. Briguiet & Cia. — Rio — 1932.

Conferencia realizada a 20 de Janeiro de 1932, na Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, em commemoração do 4º centenario da fundação de S. Vicente. E' um trabalho notavel, como tudo o que se deve á actividade erudita e honesta de um dos nossos mais cultos officiaes de marinha. Com o mesmo apuro, tacto e segurança com que commentara o *Diario da navegação de Pero Lopes de Souza*, elucidando-o, completando-o sob todos os aspectos e procurando infundir-lhe um cunho rigorosamente scientifico, o commandante Eugenio de Castro estudou agora o caso do povoado de S. Vicente e evidenciou, com larga cópia de documentos, que á fundação official de Martim Affonso precedeu um agrupamento de aventureiros, piratas ou degradados, que não deixaram de ser uteis á nossa civilização incipiente, chegando até a lançar uma bandeira pelo sertão a dentro, isto em 1531, ou seja um anno antes do desembarque do emissario de d. João III. Entre outras, as referencias a um Bacharel enigmatico que fizeram descer em Cananéa e acabou uma especie de cacique de numerosa tribu de genros, são das mais pittorescas e emprestam certa amenidade a uma conferencia de caracter forçosamente austero.

HERMAN LIMA — TIGIPIO' — Civilização Brasileira Editora — Rio, 1932.

Só o facto de ter este livro de contos chegado á terceira edição é bastante significativo. Talvez objectem tratar-se de uma obra facilmente romanesca e que seja, por isso, soffregamente acolhida por uma clientela inferior. Mas não é de modo algum assim e o volume foi distinguido por uma tal quantidade de opiniões elogiosas, partidas de intellectuaes como Humberto de Campos e Medeiros e Albuquerque, que nenhuma duvida póde restar quanto á sua importancia litteraria. E, para citar uma opinião de casa, lembraremos que o nosso redactor-chefe escreveu a proposito do sr. Herman Lima, quando appareceu o *Tigipió*: "Ha colorido e intensidade nas suas descripções e algumas das suas figuras são expressivas mesmo na hediondez. Numa ou noutra passagem, mostra-se elle forte na analyse sentimental."

DJACIR MENEZES — DIRECTRIZES DA EDUCAÇÃO NACIONAL — Typ. Gadelha — Fortaleza, 1932.

O autor é um enthusiasta dos novos methodos de ensino. Acha que não tardará a desapparecer o regimen escolar em que persistem os cerebros rotineiros e proclama que até hoje a escola tem sido, quasi sempre, um "factor de desadaptação social". Crendo na sciencia e julgando importantissima a "contribuição da biologia moderna á pedagogia", o sr. Djacir Menezes quer uma "educação que produza valores, não parasitas". Como se vê, é um espirito combativo e disso ha prova nas respostas, de caracter polemico, que dá a certos conceitos pedagogicos do nosso insigne collaborador Tristão de Athayde.

DRS. R. DAVID DE SANSON E JOSÉ KÓS — A VIA EXTERNA — UNICA E VERDADEIRA VIA DE ACCESSO NA CIRURGIA DO FRONTAL E DO ETHMOIDE — Pimenta de Mello & Cia. — Rio de Janeiro, 1932.

Trata-se de uma interessante monographia, acompanhada de bellas gravuras e numerosas observações clinicas, que esses dois reputados oto-rhino-laryngologistas haviam publicado na *Revista Brasileira de Cirurgia* e apparece em *separata*, já indispensavel entre as mãos de todos aquelles que se dedicam a essa mesma especialidade.

ZULEIKA LINTZ — PRELUDIO — Edições Pongetti — Rio, 1932.

Uma série de poesias, com todas as qualidades e naturalmente com todos os defeitos — invejaveis defeitos! — de quem ainda se acha no feliz periodo da adolescencia.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Arthur Ramos — OS HORIZONTES MYTHICOS DO NEGRO DA BAHIA — Bahia, 1932.

Alcides Gentil — AS IDÉAS DE ALBERTO TORRES — (Comp. Editora Nacional) S. Paulo.

Lindolpho Gomes — A AUTORIA DAS CARTAS CHILENAS — Juiz de Fóra. Minas.

A. S. Q. — O ANEL DE NOIVADO — (Edição do Bureau Atlas) — S. Paulo.

Nicolas Ségur — A CORTINA VERMELHA — (Ariel, editora ltda.) — Rio.

Nicolas Ségur — O ANEL SENSUAL — (Ariel, editora ltda.) — Rio.

Oliveira Vianna — RAÇA E ASSIMILAÇÃO — (Companhia Editora Nacional) — S. Paulo.

Dr. Ernestino de Oliveira — UMA VIAGEM AO PITTORESCO PAPURI — Manáos, 1932.

Exupero Monteiro — DISCURSOS ACADEMICOS — Aracajú, 1932.

Alves Cerqueira — BELMIRO BRAGA — (Editora Comp. Dias Cardoso) Juiz de Fóra, 1932.

Arthur Cezar Ferreira Reis — HISTORIA DO AMAZONAS — Manáos, 1931.

Caio de Mello Franco — O INCONFIDENTE CLAUDIO MANOEL DA COSTA — (Schmidt) — Rio, 1932.

Fernando Nery — RUY BARBOSA E O CODIGO CIVIL (Critica e defesa) — Imprensa Nacional, 1931.

Rachel de Queiroz — JOÃO MIGUEL (Schmidt) — Rio, 1932.

Commandante Eugenio de Castro — A EXPEDIÇÃO DE MARTIM AFFONSO DE SOUZA — (Editores F. Briguiet & Cia.) — Rio, 1932.

João Ribeiro — GOETHE — (Revista da Lingua Portugueza) — Rio, 1932.

A FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA EM 1932 — Relatorio do Prof. Bernardino José de Souza — Bahia, 1932.

Arthur Ramos — OS HORIZONTES MYTHICOS DO NEGRO DA BAHIA — Extr. dos *Archivos do Instituto Nina Rodrigues*. — Bahia, 1932.

Exceptuados os valiosos estudos de Nina Rodrigues, que a morte veio interromper, e, mais recentemente, uma interessante monographia do Sr. Manoel Quirino, ambos bahianos, o negro, no Brasil, jamais mereceu, como devia, a attenção dos homens de sciencia, para um estudo longo e pormenorizado, que tanta luz poderia trazer sobre o problema da nossa formação ethnica. Infelizmente, com o evolver dos tempos e o rapido caldeiamento de sangues que se opera entre nós, vamos perdendo a melhor opportunidade para isso e, a não ser, talvez, mesmo na Bahia, onde, por uma maior condensação do elemento africano, ainda hoje persistem alguns nucleos mais puros da raça primitiva, difficil será encontrar outro campo de observação para taes estudos. Ainda bem que o Sr. Arthur Ramos, em bôa hora, acompanhando os passos dos seus illustres conterraneos, começa a se dedicar a esses mesmos assumptos, dando-nos agora, num trabalho que diz ser introducção a obra de mais alento, curiosas observações sobre a mythica afro-bahiana.

Dr Ernestino de Oliveira — UMA VIAGEM AO PITTORESCO PAPURI' — Manáos, 1932.

Acompanhando, como medico do Exercito, algumas das turmas que, sob o commando geral do General Rondon, fizeram, nestes ultimos annos, a inspecção das nossas fronteiras, o Dr. Ernestino de Oliveira, embora ainda muito moço, já teve opportunidade de conhecer largas faixas do nosso *hinterland*. Espirito culto e curioso, não apenas voltado para os interesses da sua profissão, nessas longas e penosas viagens, algumas com o aspecto de verdadeiras bandeiras, pois que rumavam a regiões até então inattingidas, poude o nosso patricio trazer bôa copia de observações acerca de tudo quanto viu, aspectos geographicos, elementos da flora e fauna e, sobretudo, preciosos informes acerca dos selvicolas que habitam nessas remotas paragens. No trabalho a que ora nos reportamos, assumpto de uma conferencia realizada em Manáos e depois publicada em opusculo, o Dr. Ernestino de Oliveira se refere especialmente a uma expedição ao rio Papuri, affluente do Uaupés, em territorio que nos limita com a Colombia, e onde ainda vivem varias tribus indigenas merecedoras de estudo. Sobre essa mesma região, o autor ainda nos promette, para muito breve, outros trabalhos, como *Papuri Quêrti* (Lendas do Papuri), *Estudo ethnographico da região do Rio Negro* e *Lendas Colombianas*, que serão recebidos com vivo interesse pelos estudiosos das cousas do Brasil.

★

Oliveira Vianna — RAÇA E ASSIMILAÇÃO — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1932.

O illustre escriptor fluminense é sem duvida uma das forças mais vivas, mais activas, do pensamento brasileiro. Seu livro *Populações meridionaes do Brasil* collocou-o entre os nossos primeiros manejadores de idéas e de factos, entre os clinicos dos nossos males sociaes, entre os balanceadores exactos da evolução historica do paiz. Os *Pequenos estudos de psychologia* fazem-se ler como obra de pensador e obra de arte e conceitos por vezes asperos e algo pessimistas foram conduzidos de manso pela penna disciplinada de um ensaista de gosto e cultura, em tudo digno dos émulos europeus que tanto o apaixonam. O *Occaso do Imperio* e o *Idealismo na Constituinte* filiam-se a um genero de historia palpitante e viva, com um pouco de impetuosidade polemistica, que não é menos saborosa, provando que o analysta objectivo, o estudioso do passado não leva, de modo algum, a sua imparcialidade ao ponto de tornar-se um narrador apathico, um reflector mecanico, um asexuado da intelligencia. E, agora, este volume *Raça e assimilação*, talvez um bocado technico para os leitores communs, evidencia a solidez, a segurança por assim dizer profissional dos estudos do sr. Oliveira Vianna em tudo quanto se prenda aos factores ethnicos e aos problemas de immigração. A parte de estatistica é das mais completas e a linguagem é sempre a daquelle prosador delicioso que sabe não ser necessario maçar o proximo para obter honrarias de scientista profundo...

★

Caio de Mello Franco — O INCONFIDENTE CLAUDIO MANOEL DA COSTA — Schmidt, editor — Rio, 1931.

Este volume é em verdade uma surpresa para os que apenas conheciam do autor os bellos livros de versos, as estrophes nostalgicas da *Urna* ou os poemas mais optimistas da *Vida que passa*. Surpresa porque não julgariam o sr. Caio de Mello Franco tão dedicado, apesar das constantes viagens pelo estrangeiro, ás coisas do Brasil e á nossa litteratura classica. E o seu conhecimento dos nossos escriptores é simplesmente notavel. Attribuindo a Claudio Manoel da Costa a autoria, já agora, irrefutavel, das *Cartas Chilenas*, offerece-nos uma documentação de todo convincente, pelos textos examinados, pela finura da dialectica, pelo exacto criterio das conclusões. Mas é que o Inconfidente, o traductor de Metastasio, o primeiro dos nossos sonetistas coloniaes, não apparece isolado no volume do sr. Caio de Mello Franco e este, com uma forte cultura geral e uma nobre visão critica, soube integral-o em seu meio, entre os seus pares, na projecção exacta de uma obra lyrica ou satirica de tanta repercussão no tempo e em épocas subsequentes. O livro é trabalho de poeta e de erudito e filia-se ao que de melhor se tem produzido entre nós em materia de humanismo creador.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | N. 10 - JULHO 1932 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

A "PERPETUA METROPOLE"

O SR. *Agostinho de Campos, brilhante chronista portuguez que tem collaborado em jornaes brasileiros, naturalmente com a boa remuneração que merece, persiste, generosamente, em educar, em civilizar o Brasil. Não ha muito, com solicitude realmente paternal, esse escriptor inseriu, no* Commercio do Porto, *um artigo intitulado* Portugal lá fóra, *em que se refere á urgente necessidade de uma missão de "estudos portuguezes" pelo estrangeiro, estudos sobre a historia lusa no que ella possue de universal, sobre as condições moraes, politicas e economicas do seu paiz, bem como sobre o "renascimento da sua funcção colonizadora". Para o Brasil, o sr. Agostinho de Campos, que lamentará não ter vindo para aqui em outros tempos na qualidade de donatario ou almotacé, deseja a vinda de um grupo encarregado de defender "os interesses especiaes da conservação da unidade da lingua commum", ameaçada "pela hostilidade que a tradição litteraria e linguistica ali (aqui) encontra por parte daquella (a nossa) MENTALIDADE COLONIAL RETARDATARIA a que muita vez temos (tem elle) feito referencia, e que no separatismo da expressão acaricia puerilmente um sentimento de independencia muito sympathico, mas nunca satisfeito".*

Esse artigo, do benemerito que quer trazer cultura ao Brasil analphabeto, em nome da MENTALIDADE METROPOLITANA AVANÇADISSIMA, foi transcripto num jornal publicado, em lingua portugueza, na America do Norte. Felizmente, a transcripção não passou sem protesto de um distincto patricio nosso ali installado, o sr. Arthur Coelho. Este sr. aproveitou o ensejo para accentuar que o que parece atrevimento em certas expressões dos lusitanos para comnosco é simplesmente ignorancia: Portugal ignora de todo o Brasil de hoje, não o estuda e, consequentemente, não o respeita, pensando delle bem pouco melhor que da Angola ou Lourenço Marques.

Os Estados Unidos conhecem-nos bem melhor que a chamada mãe-patria. "De 1921 a esta parte — assignalou — publicaram-se na America do Norte mais de doze volumes de peso sobre homens e cousas brasileiras, sem falar em repetidos artigos (ainda em Maio appareceu um no Courrent History)", *e em tudo ha boa substancia de informação, justeza critica, vontade, em summa, de entender-nos e explicar-nos leal e honradamente. E em Portugal? Os livros que vêm de lá, encyclopedias e historias litterarias, vêm cheios de dislates que não me tenho fartado de pôr em fóco: jaboticabeiras frutificando na ponta dos galhos, Castro Alves autor dos* Sertões, *café bebida venenosa, etc.*

Dedicando-se de preferencia a assumptos de cinema e lendo quasi tudo quanto se prenda á materia, o sr. Arthur Coelho refere-nos o seguinte: "A Paramount fez tres filmes falados em linguagem e actuação barriguda de Portugal. Esses filmes correram integralmente em Nova York, dando prejuizo, é certo. Num delles — A dama que ri — por necessidade de enchimento, metteu o estudio norte-americano de Paris um pequeno numero de brasileiros por lá colhidos a dente de cachorro. Mas quasi todo o elenco era portuguez. Pois bem, quando esse filme teve de ser exhibido no Porto, sabem o que fez o gerente do cinema Aguia d'Ouro? Cortou-lhe fóra todos os logares em que appareciam e falavam esses pobres brasileiros! E o galã da fita, o sr. Raul Costa, ainda louvou o homem por ter livrado o filme desses "defeitos". Isto sahiu em entrevista publicada pela revista Invicta-Cine, *do Porto."*

*Mas, voltando ao artigo do "cultural" sr. Agostinho de Campos, que quer uma nova emigração com sabedoria philologica nos alforges, só se póde louvar a bella attitude do sr. Arthur Coelho mandando um expressivo protesto, a respeito, ao semanario que transcreveu o artigo do novo "portador da luz". Escrevendo ao director d'*O Colonial *de Fairhaven, Massachussetts, accentuou elle, finamente, que o interesse "universal" da historia da Lusitania é hoje muito restricto, é quasi excavação paleontologica, visto como se trata de paiz absolutamente inactual, de paiz sem presente e que Bossuet e Renan não incluiram de modo algum, mesmo em relação ao seu passado, entre os paizes essenciaes, indispensaveis, como a Judéa, Grecia e Roma.*

Depois, aos portuguezes, para embrenhar-se em despesas e complicações que exigiria a tal missão civilizadora, falta, como em tudo o mais, a base economica e, como dizem pittorescamente os napolitanos, sem dinheiro não se cantam missas e os bancos não acceitam conversa a fiado.

Roma reviveu na Italia de hoje, com os seus estaleiros, universidades, cidades populosissimas. Mas Por-

Louros Litterarios

Os louros litterarios tentam o Brasileiro como as contas e os vidrilhos o silvicola. No fundo, publicando o magro folheto de versos juvenis ou o grosso tomo compilado de sciencia alheia, o brasileiro visa o preconicio banal que os jornaes businam com criminosa impudencia e por elle o rendoso cargo — administração, politica, diplomacia, quando não o casamento rico e a Academia. Obtida a prebenda, adeus musas, lettras, estudos. Porque a primeira lição que o brasileiro recebe ao iniciar-se na vida publica é que as duas condições essenciaes para vencer no Brasil são a ignorancia e a improbidade.

No tempo do Imperio, a magnanimidade, o empenho de dar pompa e luzimento á corôa, a necessidade de celebrar e perpetuar os fastos da dynastia eram outros tantos incentivos á munificencia com que se liberalisavam graças e recompensas a artistas e homens de lettras. Nascidas em clima adequado, cultivadas pela sollicitude avisada do principe, as lettras e as artes floriram e perfumaram os paços da monarchia indelevelmente.

Com a republica, a pequenina lampada de ouro apagou-se dispensadora de premios e favores, que ardia ao pé do throno. A democracia no Brasil baniu irremediavelmente as cousas do espirito. Os orçamentos republicanos consignam annualmente verbas e dotações para asylos, hospitaes, leprosarios; cégos, lazaros, tuberculosos, invalidos e mentecaptos, todos teem o seu quinhão. Onde a verba destinada a recompensar um nobre artista, um escriptor de talento que tenha honrado e enriquecido as lettras patrias? Este, cuja portentosa creação litteraria lhe valeria em outra terra nomeada e fortuna, verga ao peso dos annos e da indifferença, titão humilhado e vencido; aquelle, o trabalhador indefesso, o mestre primoroso da lingua, espelho e guia de estudiosos, vegeta obscuramente nalgum mofino professorado; o historiador provecto dos feitos e gestos da nossa gente, o próbo e paciente annalista da nossa incipiente nacionalidade, viverá reduzido ao exercicio de mesquinhas obrigações que opprimem o espirito, sinão o caracter, e estancam as fontes vivas da intelligencia; outro, cuja penna é a clava de Hercules que faz tremer os velhacos e os impostores, expiará nalgum consulado distante, solitario e esquecido, o duplo crime de ter talento e ter nascido no Brasil. Outros ainda, como esse suave, angelico, irrealissimo Decio Villares, preferem fazer á sua arte o supremo sacrificio de deixar-se morrer de fome.

Porque o Estado, no Brasil, prodigo com os tarados e os imbecis, só se mostra parcimonioso e sovina com o talento. Faça-se a caridade a loucos, enfermos e estropeados, aos degenerados de toda especie, ainda bem. Mas, por honra nossa, cuide-se daquelles que representam a força e a saúde da nação, os seus valores mais productivos, a sua riqueza mais solida e mais duradoura, cujo cerebro creador de vida e belleza é a officina onde se forjam as unicas armas capazes de assegurar a grandeza e a prosperidade de um povo.

Em pleno debate do orçamento da Fazenda no senado de França o sr. Henri de Jouvenel invocou certa vez perante uma assembléa electrisada *o prestigio artistico e intellectual do paiz;* na Roma fascista o primeiro cuidado de Mussolini é crear a Academia da Italia, installando-a no sumptuoso ambiente da Villa Farnesina, soberbamente decorada de frescos de Raphael, Giulio Romano, Sebastiano del Piombo, Miguel Angelo, e conferindo a cada academico um estipendio annual de cêrca de quarenta mil liras e, na ordem de precedencia na Côrte, um logar conspicuo ao lado de generaes, almirantes e presidentes de Conselho. E' assim que a nova Italia se dignifica honrando os seus sabios, os seus artistas, os seus escriptores.

Provavelmente isto fará rir os nossos politicos e estadistas bisonhos. E comtudo são esses mesmos politicos e estadistas, insignes illettrados, portentosos trauteadores de logares-communs, que amanhan mandarão imprimir á pressa a vil brochura de coxos versos ou pifias arengas com que mendigar uma cadeira na Academia de Lettras. Esta, si quizesse impor-se á nossa gratidão e acatamento, si tivesse consciencia da missão tutelar que lhe incumbe, si quizesse ou soubesse usar das suas altas prerogativas em defeza da dignidade intellectual do paiz, deveria exigir de taes candidatos não já o inexpressivo folheto de prosa ou verso, mas uma prova positiva e concreta de que nos cargos da administração por onde houverem passado honraram e serviram efficazmente as lettras e as artes. Quando não, fechar-lhes implacavelmente a porta.

Incuravel cegueira da nossa gente, que não lhe permitte vêr que o perigo do proletariado intellectual tem sido em todos os tempos e em todos os paizes infinitamente mais funesto ás instituições que o desse outro proletariado que tanto apavora o Estado e a burguezia.

ALBERTO RAMOS.

---

tugal tem apenas o fado, as capas romanticas dos estudantes de Coimbra e ufana-se, segundo contou ironicamente Alain Gerbault, de possuir os navios de guerra mais velhos do mundo. Até as suas revoluções são das mais incruentas e Valery Larbaud ficou contentissimo ao ver estourar uma dellas, murmurando a esfregar as mãos: "Agora sim, posso trabalhar tranquillo..."

Indica o sr. Arthur Coelho que Portugal se deixou distanciar nessa competição de povos, porque não assimila a sciencia moderna e essa sua indifferença pela technica, pela usina, pelo laboratorio, tambem explica que o mundo se haja tornado indifferente á Lusitania. Estamos na época da sciencia experimental, tendo passado como passou "a época das descobertas empiricas, dos grandes acasos *historicos". Sim, no seculo do telegrapho sem fio, do avião e do "dreadnought", o "maravilhoso" camoneano não mais encontra razão de ser.*

Quanto a receber o Brasil a tal missão instructora de grammaticos, suggerida pelo sr. Agostinho, para defender a "unidade da lingua commum", é perspectiva tão burlesca, e de resto tão improvavel, que nem merece sombra de debate. Os Martim Affonso e os Antonio Diniz da philologia chegariam aqui muito tarde. Evidentemente os barbaros dos tropicos não querem falar como os educadissimos lisboetas e quarenta e dois milhões de selvagens de tanga e tacape difficilmente se deixarão derrotar por cinco milhões de lusiadas exhaustos pelas suas proezas em Aljubarrota ou em Alcacer-Kibir...

AGRIPPINO GRIECO.

O ultimo drama de Gerhart Hauptmann

Nos principaes theatros da Allemanha está sendo representado o ultimo drama escripto por Gerhart Hauptmann e intitulado *Vor Sonnenuntergang*, isto é, *Antes do Occaso*. Tive opportunidade para lel-o e depois vel-o aqui no *Schauspielhaus*, theatro que muito me agrada quer pelo seu estylo barocco já velhote, quer pelo conforto das suas poltronas de velludo carmesim.

O sr. conselheiro de commercio Mathias Clausen, septuagenario, culto, bem cuidado, viuvo, avô e grande editor, depois de longa crise de dôr pela morte de sua esposa, é salvo do seu martyrio intimo pela dedicação de sua filha Bettina, rapariga doente, debil, cachetica, um pouco manca, mas de coração angelico. Uma especie de Cordelia para aquelle rei Lear da viuvez. O velho conselheiro resuscita com tamanha alegria, é tal a plenitude com que regressa á vida, que se apaixona loucamente por uma menina do mais puro typo nordico, Inken Peters, papel este feito pela suavissima, deliciosa loura que é Fräulein Emy Percy. O papel assenta-lhe como luva fina em mão aristocratica. Inken póde ser neta delle pela edade. A propria mãe della, ao saber daquella paixão, declara não comprehender como homem de tamanha edade se apaixone por uma simples *Backfisch*. Este é o termo com que os allemães designam mocinhas ainda muito verdes e corresponde ao *flapper* dos inglezes.

A etymologia deste vocabulo, que julgo ter descoberto ha poucos dias por acaso, lendo o *Queerschnitt*, merece conhecida. Os pescadores inglezes chamam *backfish* ao peixinho miudo que vem na rêde juntamente com os grandes e bons. E' o peixinho que não tem valor commercial e por isso é de novo atirado ao mar. *Back* quer dizer *para traz; fish, peixe*. Donde *backfish*, isto é, *peixe que se devolve*. Os allemães vestiram a palavra á germanica — *Backfisch*, e a applicam ás moças muito novas, com as quaes é até perigoso brincar por causa do rigor das leis protectoras de menores... São peixinhos que ainda não entram no commercio livre. Entretanto, na Inglaterra a palavra não tem essa significação figurada, preferindo os inglezes o vocabulo *flapper*, ao qual, quando se trata de mocinha muito petulante, costumam associar o adjectivo *flippant*. Offereço esta etymologia pelo que valer...

Cá temos, pois, o nosso veneravel conselheiro perdido de amores pela lourinha *Backfisch* Inken Peters, que a principio, como é natural, não corresponde a esse amor senil, mas depois, pouco a pouco, talvez commovida por tanta dedicação, acaba amando sinceramente o bom velho. Este tem um filho já professor de philologia numa Universidade e casado com a terrivel senhora Paula Clothilde, *née* von Rübsamen, muito orgulhosa por ser filha do general deste appellido, creatura aspera, fabricante de cartas anonymas, hirta, maldizente, que emfim nos faz lembrar daquella intrigante causadora de toda a tragedai descripta na peça de Paul Hervieu *Les mots restent*.

Esta situação moral de uma joven apaixonar-se por um velhote tambem não é nova em theatro, pois que na comedia de Bataille *Les Flambeaux*, por exemplo, para só fallar nesta, ella já apparece. O que eu não sei é si na vida real existe. Si não me engano foi La Rochefoucauld que disse que com o amor se passa o mesmo que com almas do outro mundo, das quaes toda a gente falla mas nunca houve quem as tivesse visto...

Outra filha do conselheiro Clausen é Ottilia, 27 annos de edade, creatura sem fibra, amorpha, casada com o sr. Klamroth, director de todos os negocios do sogro e individuo que typifica perfeitamente certa parte da alta burguezia alleman, ou, si o quizerem, européa, isto é, homem orgulhoso, de espirito limitado, escrupuloso, cumpridor dos seus deveres, mas, fóra do circulo desses deveres, tacanho, estupido como um perú: Herr Direktor Klamroth!

Quando a familia Clausen sabe que o pae está apaixonado pela pequena Inken, que escandalo! Imaginem só: annos antes o pae da menina fôra preso, accusado de ter incendiado sua mobilia, por occasião de uma mudança, com o fito de receber o dinheiro do seguro, e suicidára-se na prisão ainda durante a phase de inquerito policial! Debalde o excellente conselheiro sanitario doutor Steynitz, medico da familia Clausen, explica que o carro que transportava o mobiliario ardeu accidentalmente, que o pobre Peters não tinha sombra de culpa, e o seu suicidio fôra apenas acto de nervosismo e tambem de desespero por se ver deshonrado immerecidamente. Paula Clothilde está alerta! Encastellada no seu orgulho de ser uma *geborene von Rübsamen* e actual *Frau Professor Doktor Wolfgang Clausen*, atira-se bravamente á heroica pugna dos postaes anonymos dirigidos á innocente Inken, recordando-lhe que seu pae era um patife, um incendiario, etc., etc.

Aqui entra em scena certo personagem não sympathico mas tambem não demasiadamente odioso: é o sr. conselheiro de justiça Hanefeldt, amigo da familia Clausen e que, em nome desta, vem offerecer a Frau Peters, mãe de Inken, quarenta mil marcos para que ella mude de terra com a filha e assim liberte o velho Clausen de tão perigoso feitiço. Honrada, a bôa senhora recusa nobremente o dinheiro e diz-lhe: "Si Inken, minha filha, soubesse que eu acceitei semelhante arranjo, me cuspiria na cara!" Inutil, a insistencia do conselheiro Hanefeldt.

Abandonemos, porém, pormenores e precipitemos a narrativa, pois, o espaço não é vasto neste *Boletim*. A familia Clausen está contra Inken. Esta, convidada certa manhan para o *Frühstück* em casa do conselheiro, é desfeiteada por seus filhos, genros e noras! O velho rompe immediatamente com a familia toda! Esta requer que elle seja posto sob tutella e o juiz defere o requerimento. Aqui a furia do velho attinge ao auge. Ao ter conhecimento da decisão judiciaria, em virtude da qual elle, homem intelligente, integro e respeitado, não póde mais dispôr nem de um pfenig, tem uma crise de colera durante a qual, com um canivete enorme, despedaça o bello retrato a oleo da primeira mulher e destróe a murros e pontapés todos os retratos dos filhos. Destes, isto é, dos filhos, o unico que não é contra elle é o mais joven, Egert, bello rapaz de 20 annos, amante de esportes e que comprehende o amor... Egert é o unico que elle não odeia hoje, pois foi tambem o unico que não concordou com a collocação do pae em regimen de tutella. *Kinder?* — exclama em desespero o conselheiro. *Wo sind meine Kinder? Ich war nie verheiratet, ich habe nie eine Frau, nie Kinder gehabt. Höchstens Egert. Aber es ist*

"Judeus sem Dinheiro"

Quem leu *Judeus sem dinheiro*, de Michael Gold, e não se commoveu, é um imbecil ou um miseravel. Eis porque eu o recommendo a todos os homens de intelligencia e de sensibilidade.

Nesse livro poderoso, talvez o mais intenso de toda a litteratura norte-americana, surge um Dostoiewski novo, exprimindo, a uma luz nova, tudo o que existe de humano na humanidade. Ha um humorismo crispante nas suas paginas tintas de sangue e molhadas de lagrimas. A dôr mais verdadeira do seculo, a dôr da grande cidade moderna, soluça entre gargalhadas enormes, nesse paradoxo tragicomico que é a vida dos simples, torturados pela complexidade contemporanea. E' um livro que deveria ter sido escripto por Charles Chaplin, se a penna de Carlito tivesse o mesmo poder dramatico de sua mascara creadora.

Mas, nesse livro de miseria e de humilhação, ha o que difficilmente se encontra numa novella moderna — esperança. Não só esperança para as personagens, mas esperança para o mundo inteiro, para todos os desesperados da terra.

E ahi se revela o maravilhoso poder da intelligencia. Só ella — a alta e verdadeira intelligencia — não desanima de crear, não perde o gosto da esperança. Só ella não conhece o tedio, essa fadiga das intelligencias pequenas, esse castigo dos homens sem imaginação. A alta intelligencia não murcha diante da brutalidade e da aridez da vida. E' uma fonte clara que não se exhaure e ha de sempre encontrar o seu caminho. Contrariada no seu curso limpido, póde arredondar-se num lago calmo e reflectir o céu. Será, então, a intelligencia serena do philosopho que medita os ultimos mysterios da existencia. Mas, póde tambem atirar-se contra o obstaculo e, então, despenca em cachoeiras afflictas e rumorosas. E' a intelligencia desses grandes rebeldes amargos, que rebenta no riso gelado de Swift, que estala nesse humorismo angustioso de Michael Gold.

E' principalmente pela expressão dessa força de intelligencia heroica e transfiguradora que *Judeus sem dinheiro* figura como um dos maiores livros da actualidade. Um menino israelita creado num bairro miseravel de Nova York; educado na rua sordida de East Side, convivendo com bandidos e bebados, mulheres perdidas e creanças tuberculosas; aspirando o acre cheiro da pobreza proletaria e presentindo, desde cedo, o drama da vida que o esperava quando crescesse; esse menino desenvolve-se, briga nas ruas, rouba laranjas, vende jornaes, soffre e passa fome e de tudo isso faz um grande livro, um livro de belleza e de heroismo, que é uma redempção e uma vingança.

Foi essa a vida de Michael Gold que a sua novella espelha. Emquanto isso, nos bairros opulentos de Nova York, outros meninos eresceram entre brinquedos caros, professores illustres, esportes deliciosos, parques esplendidos, ar livre, vida livre. Esses meninos são hoje homens tristes, millionarios angustiados, tremulos de medo deante da crise economica, desilludidos, murchos. Foi áquelle garoto perdido do bairro judeu que o capricho da Natureza quiz dar esta cousa terrivel e fascinante — a intelligencia.

E porque teve intelligencia, a sua imaginação creadora fez do seu bairro immundo um reino encantado. Ha heroes entre os moleques de East Side que Michael Gold evoca. A sua fantasia veste agora das roupagens da poesia até os vagabundos que andavam em andrajos. E' um lirio de divinos jardins a costureira suja que costumava dansar ao som dos realejos mendigos e bohemios. E é em Michael Gold, filho de um pintor de paredes sempre desempregado, que está ainda hoje a alegria, a graça, a esperança de viver, emquanto na gente que naseeu na grande burguezia próspera só ha tristeza e desespero.

Quem lê os livros dos escriptores de bôa familia, como John Galsworthy, Sinclair Lewis e John Erskine, só encontra a afflicção das almas desilludidas. Mas, no menino desgraçado, que a intelligencia salvou, ainda floresce, como uma grande rosa vermelha, essa poesia do futuro, que a novella conta no seu ultimo e inesquecivel capitulo.

GENOLINO AMADO.

---

nicht möglich, dass er von der gleichen Mutter wie die anderen geboren ist. Siebzig Jahre, und wiederum Junggeselle! Sim! Setenta annos de edade e... sózinho de novo como si ainda fosse solteiro!

E' a vida. Anatole France já o disse: faça o homem o que quizer, sempre se achará sózinho no mundo. A experiencia de cada dia nos ensina que isto é verdade incontestavel. Amor, familia, amizade... illusão, scenario, phantasmagoria, bolhas de sabão... E a propria vida, como doutrina o apostolo Sant'Iago, não é apenas uma fumacinha que, mal tendo apparecido, já desappareceu? *Vapor est ad modicum parens...*

A situação torna-se, pois, insustentavel. O conselheiro não póde continuar a ter em casa aquella joven noiva e, ao mesmo tempo, brigado com a familia, continuar sob curatella. Qual o desfecho? O suicidio. O velho envenena-se.

A ultima palavra quem a diz é um amigo de infancia de Mathias Clausen, o professor Geiger, conversando com o reverendo pastor lutherano Immoos: "A familia teve o que desejava..."

Que dizer deste drama? Pareceu-me, si me é licito empregar um epitheto inglez, *unconvincing*. Cochicha-se por aqui que a peça é apenas a justificação do romance do proprio autor. De facto, Hauptmann, já velho e com filhos homens, casou-se, não ha muito, com uma senhora que, si já não era *Backfisch*, como Inken Peters, era em todo o caso muito mais joven do que elle. Entretanto, não houve tragedia alguma e ambos continúam a viver suave e gloriosamente... O quinto acto póde perfeitamente ser supprimido, pois não passa de pura divagação sem sombra de theatralidade. Foi aliás o que intelligentemente fez a empresa do *Schauspielhaus*, condensando em quatro actos o drama. O dialogo da peça, posto que um tanto rhetorico aqui e ali, tem vivacidade e brilho, mas a acção arrasta-se, por vezes, com enervante morosidade.

Será este drama o canto do cysne de Hauptmann? Pergunto-o, porque o seu primeiro drama, que introduziu o naturalismo e o socialismo no theatro allemão, chamava-se *Vor Sonnenaufgang*. Assim, não será temerario suppor que este um pouco diffuso *Vor Sonnenuntergang* seja o fecho da obra do illustre dramaturgo...

ANTONIO TORRES.

PRO' E CONTRA

Não são opposições, nem, como dizem os grammaticos, regencias diversas. Casar, por exemplo, pede a preposição "com": só se casa "com" alguem. Pois bem, conheci um velho pessimista que, a qualquer noticia de casamento ou noivado, de sujeito ou moça conhecida, perguntava: — "Contra" quem?

Tambem, litterariamente, louva-se "pró" e louva-se "contra". São o mesmo peccado litterario. Vale a pena consideral-os.

O louvor "pró" excede-se em enthusiasmos e demasias. Os grandes homens e grandes obras são victimas desses louvores. Dizia Socrates, sorrindo, á leitura de certos dialogos de Platão: Quanta coisa me attribue este rapaz! Os Christãos medievaes, imbuidos de latinidade, cansados do latim sacro, desalteravam-se em Vergilio e, para justificarem a leitura de um pagão, chegaram á fraude pia de achar na IV Ecloga uma prophecia christã. Vergilio louvado pelo que não fez... A Dante, Cervantes, Camões, acontece o mesmo. Os interpretes da *Divina Comedia* fazem, desse poema humano e pessoal, theologia, symbolismo, politica pelo Imperio ou pelo Papa, e até, *mirabile dictu*, pró Mussolini... No *Quijote* já se achou um ataque contra a Virgem, uma critica á Inquisição; e symbolos por toda a parte: Sancho Pansa é o Povo ou os Politicos; Maritornes é a Igreja; os Moinhos de Vento são o Erro; o Cavalleiro manchego é o Idealismo... Cervantes jurista, philosopho, reformador politico, asceta... De Camões, outro tanto: já Luciano Pereira da Silva descobriu nelle um astronomo e eu mesmo (*mea culpa, mea culpa...*) um medico... Entretanto, a Eckermann, respondia Goethe: "Perguntais-me que idéas quiz encarnar em *Fausto*, como se eu soubesse ou podesse dizer"... O que não importa, em um seculo, até agora mesmo, se tenham escripto dezenas de volumes sobre as intenções da contradictoria e complexa obra-prima...

A tal conduz o louvor "pró". Neste instante escreve-me um amigo, de São Paulo, perguntando-me se Euclydes da Cunha não tivera em mente uma réplica americana da *Iliada*... Respondi-lhe que, reporter do *Estado de São Paulo*, escrevera, com a sua exaltação, com um cipó (dissera Nabuco) a chronica da guerrilha: louvada, junta, impressa em livro, ora glorificado... Qualquer dia, num ensaio, por ahi, Canudos e Troya se hombrearão...

Ha tambem o louvor "contra" e este é mais humano ainda, porque é mau: querendo aggredir alguem, louvamos a outrem... Tiro por elevação. Aristophanes louvava Eschylo, para deprimir Euripedes, só o que visava. Sainte-Beuve xingava o Seculo XIX, engrandecendo o XVI, XVII, XVIII... Querendo agradar ao velho Corneille, ao contrario, a Sevigné investia contra Racine: *"Racine passera comme le café"*. Dois erros... de critica.

O mais interessante, porém, dessa justiça literaria é o caso Shakespeare. Investem contra elle legiões: é Bacon (innumeros na Inglaterra, nos U. S. A. e até o meu querido Baptista Pereira...); é o Conde de Derby, para Abel Lefranc; é Lord Rutland, para Celestin Damblon... Destroem-no. Outros comparam, para humilhar. Tal Paul Verlaine, o pobre e devoto Lelian, que louva, "contra" Shakespeare, a Calderon de la Barca, que nunca havia lido, nem leu jamais... Ha admirações humilhantes: Goethe chorava, lendo Calderon... não percebendo bem o espanhol; Verlaine daria exemplo das admiraveis inimizades amando, até a injustiça, "contra" Shakespeare, a um doce poeta fecundo, e virgem de seu convivio.

A justiça da critica é semelhante á justiça da historia, ou á justiça da sociedade: é humana. Ensina scepticismo, conformismo, talvez benignidade. Ensina aquelle supremo desprendimento de João Huss, na fogueira, á velhinha que lhe arrastava mais uma acha: "santa simplicidade!" Mais alguns annos, seculos... uns e outros, odio e amor, pró e contra, mystificação, negação, nada, nada. Será a vingança final contra a "humanidade".

Mas, não é para dizer mal da critica, que sempre me tratou bem (talvez "contra" alguem) que escrevo isto. Occorre-me apenas a uma palavra profunda, que leio, de Faguet. Não na escreveu, mas guardou-a a lembraça fiel ("pró") de Chaumeix: "Quereis renovar uma citação? Fazei-a exacta." Com effeito. As traducções por não poderem ser exactas, são sediças traições. O melhor de certas glorias litterarias não "é", não "são" ellas mesmas, senão a impressão que dellas tem os contemporaneos e os posteros. *Pro captu lectoris habent sua fata libelli.* (Este distico de Terenciano Mauro dá razão a Faguet: citado na ultima metade — *habent sua fata libelli*, até os livrinhos têm seu destino, renova-se, citada exactamente, na integra: dependem os livros do que entendem os leitores...) O pobre e grande Willy é exemplo. No Seculo XVII foi um autor dramatico, como qualquer outro; no XVIII, um gothico, selvagem, de rudes sons naturaes; no XIX, o mais magnifico dos artistas conscientes do mundo (o maior romantico antes do romantismo); que pensará delle o Seculo XX, pergunta Sir Edmund Gosse. Talvez não seja mais Shakespeare, como querem Lefranc, Demblon, Baptista Pereira...

O mais interessante exemplo do que empresta o louvor "pró" é o *sunt lacrymæ rerum*, do I Canto da *Eneida*. Os romanticos o traduziram, diz Lemaître: "as proprias coisas têm lagrimas". Ou, na variante, de Hugo: "as lagrimas das coisas, isto existe". Ou, na de Lamartine: *Objets inanimés, avez-vous donc une âme?* Têm, sim, affirmam Estaunié e Octavio Tarquinio em dois livros muito interessantes. Ora, a citação "exacta" de Vergilio diz "apenas" outra coisa. Enéas vê em Carthago, no templo de Juno, pinturas allusivas a Troya, vê as desgraças dos seus e verifica que ahi, aqui, *sunt lacrimæ rerum*, ha lagrimas (ou compaixão) para os acontecimentos (infelizes ou desgraçados...). Nada mais. O mais foi dado apenas, a Vergilio, pela admiração "pró". Contra quem?

AFRANIO PEIXOTO.

— Traduziram para o francez o *Criticon* de Baltasar Gracian, com os seus dialogos de philosophia satirica, as suas agudezas e as suas malicias. E' esse um dos grandes livros da Hespanha, lido e relido por Schopenhauer e adorado pelo homem azedo e retorcido que é o caricaturista André Rouveyre. Facto curioso: o exito desse immigrante litterario em terras de França coincide com a intensificação all dos estudos em torno a Cervantes e ao *Quixote*. O que quer dizer que os gaulezes encontram muitas affinidades entre as duas obras-primas ibericas.

Litteratura Infantil

CARLOS LÉBEIS — *No paiz dos Quadratins* — Schmidt, Rio, 1932.

GINA CARVALHO — *Historias da Casa Grande* — Emp. Grap. Rev. dos Tribunaes, S. Paulo, 1932.

No La femme et l'Amour — *um livro falso e mediocre, cujo unico interesse é justamente ser máo, pois assim explica a extraordinaria incapacidade do seu fogoso autor para escrever romances, para tratar das mulheres e do amor — conta Léon Daudet um subterfugio deliciosamente perfido de Lemaître. Querendo evitar os pedidos de um candidato á Academia, o historiographo Ségur, descendente da velha e sempre nova escriptora infantil, elle só o entretinha dos livros da Condessa. Não lhe deixava brecha onde encaixasse a menor allusão ás suas pretensões ou aos seus trabalhos. Mal conseguia abeirar-se de Lemaître, logo ficava o infeliz pretendente afogado por uma torrente de arrebatados elogios ás* Mémoires d'un Âne *ou a* L'Auberge de l'Ange Gardien. *Com as historias da avó, conseguia o academico livrar-se do neto historiador.*

Não é, evidentemente, pela mesma razão que falo hoje de leituras infantis: não sendo importante, nem academico, não preciso fugir aos importunos. Mas, de facto andam de parabens as creanças. Appareceram-lhes dois optimos livros.

No Paiz dos Quadratins, *de Carlos Lébeis, illustrado com uns impagaveis bonecos de Portinari, já seduz pelo aspecto do volume. E depois vai seduzindo cada vez mais. O melhor elogio que se lhe póde fazer é dizer que, não fôra tão bem escripto, poderia ser tomado como trabalho de algum menino. E' uma grande obra — mas uma grande obra para gente pequena. O que não diminúe em nada o seu valor, aliás. Poder escrever, não só para creança, mas ainda como creança, é um precioso dom. Todos nós polluimos tão depressa a frescura de imaginação, a espontaneidade necessarias para isso. E sobretudo perdemos o sentido do illimitado, das possibilidades sem fim, quasi do milagre, que torna immenso e riquissimo o universo infantil.*

Carlos Lébeis sabe contar cousas maravilhosas sem se espantar; qualidade rara num adulto, gente habituada a tudo medir pela propria bitola. Mas as creanças não se espantam nunca, — no que se assemelham a certos velhos experimentados...

As aventuras extraordinarias de João Papinho, tão vivas — ia quasi dizer tão reaes... — fazem-nos voltar, por um instante, aos tempos das meias curtas, aos bons tempos em que eramos bastante ingenuos, ou bastante sabios, para acreditar que a vida era isso: uma historia cheia de imprevistos, onde tudo acontece — até a felicidade: a derrota dos Quadratins e a volta aos braços carinhosos da tia Genoveva.

* * *

Historias da Casa Grande *é um livrinho finissimo, que talvez agrade mais aos adultos. Ao lel-o, tem-se a impressão de abrir uma gaveta fechada ha muito, uma dessas mysteriosas gavetas das avós, cheias de reliquias pueris e commoventes, com um perfume muito suave, quasi imperceptivel... a gente fica a sentil-o, esse cheirinho de antigamente, a sentil-o... e vai se lembrando de tanta cousa velha, que parecia esquecida...*

E' o nosso passado, a nossa meninice, que surgem dessas paginas ingenuas. A nossa meninice que parecia de hontem, mas que, assim evocada ficou de repente tão longinqua, tão longinqua... Foi tão diversa da infancia de agora... Fomos talvez a ultima geração das casas grandes, das grandes familias, das mães que quasi não sahiam... de todo um mundo que se acabou de um momento para o outro. Num abrir e fechar de olhos, tudo mudou. Para peior? para melhor? Não sei, mas mudou. Por isso, o livro de Gina Carvalho talvez seja apenas, para as meninas modernas, uma historieta fóra de moda... mas, para nós, é um delicioso instante de emoção e de saudade.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

GOG — GIOVANNI PAPINI, *traducção de René Paris* — Flammarion, 1932.

Chega-nos agora, via Paris, um novo livro de Papini. São as idéas de Gog, rei de Magog — um paranoico milliardario, mestiço emigrado para a America, que passeia pelo mundo uma curiosidade sadica, entremeiada de accessos de loucura furiosa.

"Não se trata, avisa o autor no prefacio, de um livro de memorias, e ainda menos de uma obra de arte. Mas é documento singular e symptomatico, creio eu: horrivel talvez, mas de algum valor para o estudo do homem do nosso seculo."

Gog é o individuo solto, sem leis nem crenças, entregue apenas aos seus instinctos. Um monstro. Mas um monstro feito de pedaços de civilização, nutrido de intellectualismo. Papini chama-o bestial, com muito exaggero; o seu primitivismo é antes o néo-primitivismo artificial, quasi paradoxal dos modernos. Todas as manias que campeiam pelo mundo numa sarabanda infernal, elle as recolhe; procura o inedito, o absurdo, o gigantesco a todo transe.

Entretanto, não consegue ser um monstro typico. De facto, reflecte a desorganização que vai pelos espiritos; mas reflecte-a em linhas indecisas, como uma lente deformante e baça.

Gog, o homem que tem o tranquillo cynismo de ir até o fundo dos seus desejos os mais ferozes, que não possúe o senso do bem e do mal, podia ser um typo immortal, fixando os desmandos de uma época desvairada. Não possue, porém, envergadura para tanto.

E' apenas um manequim desarticulado, desengonçado e quasi ridiculo. Falhou a execução desse livro de plano tão interessante. Só o prefacio é realmente forte. Talvez seja um pouco culpa do traductor. Traduttore, traditore, *dizem os patricios de Papini; mesmo no original, todavia, o assumpto não deve estar bem aproveitado. Falta aos italianos em geral, e a Papini em particular, o "humour" indispensavel para uma critica dessa ordem. E' pena... podia ser tão bóa. Terminada a leitura, com um sentimento de decepção, fica-se a pensar na grande obra, na obra profunda e saborosa que faria Chesterton com o mesmo thema.*

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

Erasmo Braga

As religiões pretendem ligar os homens. Sob este aspecto poucos espiritos foram, no Brasil, tão religiosos, tão superiormente religiosos, como Erasmo Braga, que desappareceu ha pouco, no meio da quasi indifferença brasileira, pelo que não seja a politica de cada dia...

E Erasmo Braga foi um desses raros padrões de cultura e de humanidade.

A sua cultura humanistica se ajustava bem ao grande homem que elle era. Conhecedor profundo de linguas, desde a propria ao grego e ao hebraico, professor de inglez, por concurso, do Gymnasio de Campinas, sabia as sciencias physicas e naturaes, que tambem professou.

Era extraordinario ainda o seu conhecimento das questões de educação. Raramente se bateria á sua porta que não se voltasse enriquecido de informações, de dados novos, de notas uteis, de livros.

E não raro elle proprio mandava-os buscar de longe, e os enviava, cumprindo promessas de que nunca se esquecia.

Era figura proeminente do protestantismo no Brasil. Mas, no homem sério e amavel que elle era, não se sentia o alto dignitario de um culto religioso, tal a tolerancia, a longanimidade affectuosa, que irradiava de sua formosa personalidade. Por isso poude ser um nobre agente de acção social, por todos os meios em que actuou. Fosse no Conselho Internacional de Missões, a que pertencia, fosse no Rotary-Club, fosse na Associação Brasileira de Educação; em toda a parte Erasmo Braga era sobretudo um admiravel factor de ligações. Quantas amizades e relações elle não reuniu, por toda a parte em que passou, procurando approximar intelligencias e corações affins.

Era, por isso, principalmente, um grande edueador, desde os livros de linguagem, ricos de informações, novas e avançadas no seu tempo, até a sua cultura e a sua acção social de procurar entre os homens os pontos de contacto, as convergencias, os ideaes communs, na suprema preoccupação e esperança de os unir num grande ideal de fraternidade universal.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

Caderno de Esthetica

AS MISSES NO RIO

Ainda uma vez, a proposito deste concurso, disputam os homens e as mulheres sobre a insoluvel questão da belleza.

Miss Grecia? Miss Brasil? Ambas. Ambas e as outras: Miss Hollanda, porcellana de Saxe; olhos sylvestres e fluviaes de Miss Hungria...

Não ha a belleza, ha mil bellezas. As que revivem a harmonia antiga, as que vivem a belleza activa do momento, e as que são promessa de belleza.

Ao lado da belleza acabada, que dá ao homem a nostalgica volupia do sonho esthetico, passa a belleza viva, que lhe dá a resurreição no desejo.

Belleza grega, claridade perpetua, os thezouros adquiridos.

Belleza brasileira, sol novo e inquieto, prodigiosa affirmação de amanhã, gloria matinal das possibilidades.

Inedita belleza tropical dos rapazes e das raparigas douradas, do mar alegre e da areia pura, das aves que são flores e das flores quasi animadas. Belleza imprevista das grandes massas de edificios cyclopicos, mergulhando no azul.

No Rio, como na Attica, a existencia é bôa dentro da Natureza, e uma luz ditosa modela as imagens e acaricia as formas.

POESIA-PROSA

Uma associação que convém desmontar de quando em vez é a que assimila poesia a versificação, e prosa a prosaismo. Todos conhecemos composições em verso inteiramente ermas de poesia, e outras, em prosa, transbordantes della. Ficaram famosas as locubrações pedagogicas do Abbade Delille como exemplo daquellas. Destas lembram-me logo o Centaure *e a* Bacchante, *de Maurice de Guérin, maravilhosos poemas.*

Isto encontra-se ás vezes num mesmo autor, que usa os dois instrumentos, e cuja expressão metrificada não tem mais poesia que a outra. Não raro a tem menos. Ha certas paginas de Thaïs, *de* L'Ile des Pingouins, *que, oppostas aos poemas regulares de Anatole France, amplamente o demonstram.*

E já me aconteceu encontrar esta demonstração num mesmo volume de um mesmo autor. La Musique Intérieure, *do Snr. Charles Maurras, é uma collecção de pequenos poemas, precedidos de um longo prefacio auto-biographico. Os poemas são correctos, frios, academicos. O memorial é cheio de poesia: a grande, indefinida e peremptoria poesia da vida. Aos versos falta-lhes musicalidade, aquella projecção no invisivel e no indivisivel que é o signal da verdadeira poesia. Mas quanta poesia naquella prosa! que fecunda inquietude, que nostalgia harmoniosa, que illuminado mysterio!*

Em definitiva, a arte de escrever é uma. O artista authentico, poeta ou prosador, ha de buscar a mais alta valorisação do estylo. Não vai nisso apenas questão de gozo esthetico, mas imperativo de honestidade intellectual, escrupulo de operario que faz bem o seu officio.

Quando chega a bem fazer o seu, o prosador é poeta.

TRISTÃO DA CUNHA.

J. WEINSTEIN — *HAUTE SILESIE. PAYS DE CONTRASTES* — Paris. Wolff, 1932.

As questões territoriaes européas, em geral, pelo aspecto arido que as caracterisa, apenas interessam aos povos querellantes e, no extrangeiro, aos geographos e eruditos. O grande publico impreparado para perceber-lhes o alcance difficilmente se abalança ao estudo de suas complexidades.

A da Alta-Silesia, entretanto, constitue um capitulo emocionante da resistencia moral e material dos polonezes ao jugo dos allemães. Ha alguma cousa de épico na lucta secular entre duas raças, duas mentalidades, duas civilizações, duas culturas! O autor, objectivamente, retrata os mais flagrantes episodios da pendencia, decidida, afinal, por intermedio da Sociedade das Nações, com o voto favoravel do saudoso diplomata patricio, Dr. Gastão da Cunha. O livro em questão é repleto de mappas coloridos e farta informação de detalhes.

UBALDO SOARES.

"Essai sur la France"

ERNST-ROBERT CURTIUS — Traducção do allemão por Jacques Benoist-Mechin. — *Editions Bernard Grasset*, 1932.

A França é um dos paizes mais visitados e mais commentados pelos outros povos, e entretanto talvez seja o menos comprehendido em sua estructura, em sua formação e em seus caracteres. As apparencias amaveis de que se reveste difficultam a penetração de sua verdadeira alma. Sua profunda mentalidade, seu incomparavel equilibrio, a solidez de sua formação occultam-se sob o seu encanto e o que se convencionou chamar a superficialidade de seu espirito. Sem o querer, por um instincto natural de sociabilidade, ella dá a illusão de se achar ao alcance de todo o mundo. Mas a surpreza dos que a estudam profundamente, dos que, irresistivelmente attrahidos pelo que ella representa de unico e precioso na historia da Humanidade, procuram os seus incomparaveis segredos, está no seu altivo e quasi inaccessivel caracter verdadeiro. Grande e mysteriosa, para a França sentem-se attrahidos os espiritos de todas as raças, de todos os paizes, que acceitam e cultivam um ideal humano; e ella é difficil e exigente. Desperta reflexões sem fim, suscita esforços de observação, que devem ser indefinidamente renovados, eternamente recomeçados. Desconcertante e multipla, ella é de uma constancia e uma continuidade que, quando descobertas e comprehendidas, se impõem e forçam o nosso respeito e a nossa admiração.

Escrever sobre a França, exprimir toda a grandeza e descrever os traços essenciaes d'esse paiz singular, é uma tarefa difficil, mais que difficil, quasi inexequivel. Uma vida de homem não basta para estudal-a. E n'esse estudo, se se quer manter uma linha invariavel de imparcialidade e de objectivismo, sente-se, a todo instante, a necessidade de lutar contra as seducções que arrastam insensivelmente os juizos. Quem viveu em França, quem se familiarizou com a litteratura e com o pensamento francez, quem respirou na atmosphera creada pela alma franceza, nunca mais póde manter em relação a ella uma attitude de indifferença: ama-a ou odeia-a, mas não a ignora e não a esquece.

O livro de Curtius é um excellente depoimento sobre a França. Curtius, professor de litteratura franceza, a principio em Marburg, depois em Heidelberg e actualmente em Bonn, esforça-se por guardar a serenidade e a frieza que devem presidir aos trabalhos de um consciencioso universitario allemão. Mas sua admiração, diriamos mesmo sua fascinação pela França, é mais forte que tudo e vem constantemente á tona em phrases dignas de registro. Fallando das provincias francezas, escreve: "Quando se sente a necessidade de escapar ao tumulto e de fugir á agitação dos tempos presentes é á França que é preciso ir. Mesmo nas maiores cidades da provincia o homem se sente cercado de uma atmosphera de paz contemplativa e de profundo bem-estar, que lhe dá a illusão de se achar transportado para outra época." E mais adeante: "A França apparece então o que é na realidade: uma terra antiga, mysteriosa e cheia da mais augusta maturidade; uma terra á qual os destinos e as forças millenares conferiram uma physionomia eterna." E fallando de Paris, com Roma o unico logar onde, segundo Gregorovius o homem "se sente viver no centro de um universo humano", Curtius diz, em uma pagina que seria necessario transcrever por inteiro: "Aqui o estrangeiro não sente só a magestade de um passado millenar como em Roma, nem o desenvolvimento frenetico do dynamismo contemporaneo, como em Berlim. O que o impressiona é antes a fusão estreita do passado o mais longinquo com o presente o mais immediato." Retomando um pensamento de Michelet, Curtius considera a França como uma pessoa que "vive, na consciencia franceza, sob os traços de uma mulher heroica ou encantadora."

O estudo de Curtius inicia-se por um capitulo sobre a idéa franceza de civilização. Por uma evolução muito lenta, por sua posição geographica, pelas vicissitudes de sua historia, a França constitue hoje o unico paiz que sabe alargar os seus ideaes patrioticos e nacionaes, confundindo-os com uma larga e profunda aspiração humana de civilização. Herdeira do espirito grego e das virtudes romanas, ella sentiu sempre em si uma accentuada tendencia para a comprehensão de tudo que é peculiar á Humanidade, e mostra um admiravel tacto em procurar sob os traços regionaes ou particulares, tudo que depende de uma innegavel manifestação humana, tudo que se anima de um largo sopro de vida humana.

Os dados naturaes e os dados historicos formam o objecto dos dois capitulos que se seguem. A sua collocação geographica, como um paiz central, faz da França um fóco de attracção para os estrangeiros, muitos dos quaes n'ella se fixam. Por vezes, uma tal proporção de elementos estranhos poderia fazer temer pela vitalidade e pela solidez de sua unidade. Mas Curtius adverte: "Não ha seculo em que a França não tenha attrahido e assimilado massas consideraveis de estrangeiros. Este poder de assimilação do sólo francez está intacto ainda hoje. A França amolda seus habitantes á sua imagem, e estes por sua vez trazem atravez dos seculos o destino e as virtudes especificas da França."

A historia da França explica a sua perfeita unidade, que se firmou no tempo e no espaço. A litteratura e a vida intellectual, que formam o assumpto do quarto capitulo, são inseparaveis da vida intima e da vida social do francez. A litteratura traduz do melhor modo a necessidade inherente á raça, de uma expressão esthetica do pensamento, do sentimento, da vida intima ou da vida de sociedade. E' o homem, são as paixões humanas o seu objecto preferido. Mas, ao lado d'isso, o papel da litteratura na evolução politica do paiz é patente. Em nenhum paiz encontra-se uma tão grande influencia do homem de lettras. E aqui poder-se-ia notar ser isso um indicio da elevação da grande litteratura franceza, tão pouco conhecida dos outros povos, apezar das apparencias em contrario. Isso denotaria talvez uma fusão perfeita entre os escriptos litterarios e a verdadeira mentalidade do paiz.

"A Religião", "Paris", "Caracteres essenciaes do genio francez", são os tres ultimos capitulos do li-

"A Deformação Republicana"

O abbade Jeronymo Coignard, discreteando certa vez com o seu fiel discipulo Jacques Tournebroche acerca do governo dos povos, assim glosou uma idéa de Montesquieu: "un même peuple ne peut être gouverné que d'une seule façon dans le même temps, pour cette raison que, les nations étant des corps, leurs fonctions dépend de la structure de ses membres, et de l'état de ses organes, c'est à dire de la terre et du peuple et non des gouvernements qui sont ajustés à la nation comme des habits au corps d'un homme." E a desgraça, commentou o solerte abbade, é haver povos que se vestem como Arlequim quando ia á feira. As roupas lhes vão ou muito frouxas, ou muito apertadas, o que os torna sempre ridiculos e lastimaveis. Os autores das constituições politicas do Brasil nunca travaram conhecimento com essas elementarissimas verdades. Em 1891, achando que a elegante casaca "restauration", que seria, na technica do abbade Coignard, a constituição de 1824, era demasiado aristocratica para um povo sul-americano, substituiram-na por um fraque de modelo *yankee*.

E' certo que tanto em 24 como em 91 a indumentaria que nos impuseram foi infeliz. Mas em 24 havia ainda um meio de illudir e disfarçar a inadaptabilidade das vestes politicas ao corpo social: o manto imperial, que tudo encobria. Com a constituição republicana, mescla de positivismo e presidencialismo americano, os aleijões se mostraram em toda a sua desconsoladora hediondez. Inaptos para realizar a democracia, mesmo a democracia liberal, de base burgueza, durante a monarchia, continuamos inaptos durante os quarenta annos dessa republica, cuja historia nos conta o sr. José Maria dos Santos na segunda parte da *Politica Geral do Brasil*.

Já vimos, no passado numero deste *Boletim*, que a idéa central do sr. J. M. dos Santos é a existencia real de uma democracia parlamentar durante o segundo reinado. Sendo assim, a implantação do presidencialismo acarretou entre nós uma "deformação". Na historia dessa "deformação" revelou o autor da *Politica Geral* as mais altas qualidades de narrador politico. Os antecedentes da proclamação da republica ahi apparecem em toda a sua clareza de movimento quasi exclusivamente militar. Não ha mais nenhuma duvida de que é ao grupo de Benjamin que cabem as glorias e as responsabilidades da quéda, talvez prematura, das instituições monarchicas.

De 15 de novembro de 89 a 15 de novembro de 94 mostra-nos o autor o predominio militar, com Deodoro e Floriano, e as sangrentas revoluções de 93. Na genese da revolta da Armada talvez tenha o autor desprezado um factor, muito em voga naquella época, e invocado num livro por Felisbello Freire: as ambições do almirante Custodio. Para a difficil psychologia da grande personagem dessa tormentosa quadra — o marechal Floriano — não traz o sr. J. M. dos Santos nenhum esclarecimento novo. Para elle, o marechal de ferro é o militar desejoso apenas do predominio da sua pessoa, que só não pactuou com os companheiros de armas para continuar no poder porque os seus "achaques", dia a dia aggravados, não lh'o permittiriam.

Depois de 95, amnistiados os revoltosos, anniquiladas pela serena energia de Prudente de Moraes, as ultimas ambições militares daquelle ceyclo, foi o governo do estado caindo aos poucos nas mãos da olygarchia politico-industrial-cafeeira de que foi ultimo representante, na republica velha, o sr. Washington Luis. A historia da politica brasileira durante esses 35 annos cifra-se apenas na luta interna, dentro do grupo dominante, pela posse das posições. E o traço principal da vida publica nessa quadra é o divorcio entre o estado e a sociedade.

O melhor elogio que se póde fazer á segunda parte da *Politica Geral do Brasil* é reconhecer a sua admiravel exactidão. Resta porém saber si, como desejaria o sr. José Maria dos Santos, e como era mesmo mais logico que acontecesse, em lugar do systema presidencial, tivessemos mantido o parlamentarismo, o resultado seria differente. Para um parlamentarista convencido, o advento do presidencialismo traduziu-se numa "deformação". Para os que consideram em primeiro lugar a realidade social brasileira, no imperio e na republica, não houve, na essencia, senão um reajustamento dos methodos proprios ás democracias de ficção.

SAUL BORGES CARNEIRO.

L'Amour, terre inconnue, pondo em jogo detalhes, ora subtis, ora escabrosos, da tragicomedia conjugal, incluira o nome de Martin Maurice entre os daquelles que o publico deve reter, para não privar-se do encanto das futuras obras do mesmo autor. Agora, o seu volume *Heureux ceux qui ont faim*, se não decepciona os que lhe esperavam a promoção litteraria, tambem não o fará subir muito alto na carreira de romancista. Certas pretenções de philosophia humoristica, certas revivescencias de Swift e Sterne mal applicadas aos nossos tempos e certos problemas de sociologia transportados ao plano sentimental, não deixam de aturdir um tanto os leitores que amam os generos definidos, os valores humanos muito bem catalogados.

---

vro. O catholicismo ainda exerce em França uma influencia de primeira ordem, e o que impressiona profundamente o observador é a semelhança dos moldes de pensamento, as analogias de linguagem e de fórmas de expressão, entre o catholico mais fervente e o mais livre dos livre-pensadores. Ainda aqui a homogeneidade do paiz se encontra como uma das fontes de seu poder. Paris exereeu sobre o espirito de Curtius uma indescriptivel fascinação; aliás, em geral, ella é tanto mais forte quanto maior é a finura e a sensibilidade de quem a experimenta. Por fim, os caracteres essenciaes do genio francez traduzem-se nas qualidades peculiares a uma serena e consciente maturidade de espirito, que poderiamos resumir no seguinte: uma forte razão, um sabio equilibrio, a sensibilidade contida dentro dos severos limites de um dominio vigilante, d'ahi resultando um sentido absoluto da medida, do gosto, um quê de frieza apparente...

O livro de Curtius apparece-nos, em resumo, como uma admiravel introducção ao estudo da França. Elle não pretende ser completo nem poderia sel-o. A alguns, como a mim, elle poderá proporcionar momentos deliciosos: aquelles em que se interrompe a leitura, que no fundo é um tanto abstracta e é pouco descriptiva, e se permitte que as recordações affluam...

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

Um Poeta Campeiro

J. O. Nogueira Leiria — CAMPOS DE AREIA — *Livraria do Globo* — Porto Alegre, 1932.

Nem mesmo a horrivel edição da livraria do Globo esconde a belleza desse livro.

J. O. Nogueira Leiria é um cantor de extranha exuberancia. Creador de estados d'alma, poeta no sentido original da palavra (do grego *poiein*: crear), confidente da natureza mais parece uma das suas *forças elementares*.

Lendo-o transportamo-nos aos pagos e vêmol-os retratados pela singular objectiva desse artista dotado de excepcional capacidade de selecção e bom gosto.

Ha medida e proporção nos poemas, instincto psychologico, habil utilização dos motivos, avareza no emprego dos termos creoulos.

Accrescentem a tudo isso ternura vegetal, analyse penetrante do humano, comprehensão intima das cousas e da gente rio-grandenses e terão formado a individualidade do mais pessoal e moderno dos nossos poetas campeiros.

A sensibilidade do cantor illumina a face do seu mundo, onde surgem reflectidos em bizarro kaleidoscopio: a planicie, a cochilha, a lagôa, o matto espesso, toda a paizagem da querencia, pobre e monotona para olhos indifferentes, mas cochichando inexgotaveis segredos ao artista.

O poema *Tirana* descreve, em traços rapidos, uma *china* bailando enlouquecida pela cordeona. Em derredor os gauchos a contemplam, mostrando, nas physionomias rusticas, a marca animal do desejo. Mas na alma do poeta "luta a força de todos os rythmos heroicos".

Tem muita côr local a descripção do *Bolicho* num Domingo. A peonada vem beber. Ha muita alegria. Lenços colorados adornam os pescoços. Beber, insinua o poeta, desprezando superiormente conceitos moralistas, torna a gente melhor; pensa como Ferrero: "o alcool abre uma janella para o infinito". O *Bolicho*, elle o define: "coração cheio de barbaros impulsos".

Cinamomo revela o enamorado da forma vegetal. A feitura do poema é simples: uma arvore frondosa encobre com a ramaria o firmamento para, não sem vaidade, exhibir as estrellas desenhadas nas suas folhas. No chão esparrama-se a sombra, a quietude — aspiração de muitos heroes sem nome.

Negro é uma creação admiravel. Trata-se de um preto atrevido, alegre "como um sol de Março". Aquelle atrevimento e alegria têm uma explicação freudiana: o negro é amado por uma mulher branca.

* * *

Daniel Rops, estudando as causas da inquietação contemporanea, mostra a humanidade dominada pelos mythos do dinheiro, do conforto, do progresso e da velocidade.

Não ha, pois, mais logar para a tristeza que entibia o homem, impossibilitando-o de tomar parte na luta darwiniana dos mais aptos. Não ha mais logar para o mytho do sonho preferido pelos antepassados contemplativos.

Ainda assim a obra de Nogueira, ajudando a demolir, mercê do seu modernismo, a *bastilha das rimas*, pela sua alegria, harmonia e força constitue um microcosmo incendiado, donde todos os que quizerem atiçar dentro de si sentimentos sadios e vigorosos poderão arrancar labaredas.

Manlio Giudice.

ALBERT LONDRES

Num accidente que impressionou longamente os seus collegas europeus e americanos, vem de desapparecer o grande jornalista Albert Londres.

Era elle, sem duvida, o maior dos reporteres no momento actual e, morto Jules Huret, nenhum outro se lhe avantajava em argucia, mobilidade, capacidade de ferir e affrontar os themas, os homens, os ambientes mais diversos. Sempre de malas promptas entre duas viagens, quasi não era visto pelos seus confrades parisienses, tantas as correrias em que varejava as terras proximas ou distantes. Em navio, trem de ferro, avião, atirava-se ás explorações mais audazes, ora em Marselha, ora na India, ora na America do Norte ou do Sul. Nada lhe era defeso e mettia o bedelho em tudo, com essa multipla curiosidade que todos reprovam nas comadres de estalagem, mas acham preciosissima nos garatujadores da imprensa. Não podia enraizar-se em parte alguma e mesmo o seu vestuario, segundo assignalou um dos seus amigos mais intimos, era dos mais heteroclitos, denunciando a versatilidade de gosto a que o forçavam as fugas pelo planeta. De uma feita encontraram-no composto á maneira de um figurino cosmopolita, trazendo um chapéo comprado em Alexandria, uma camisa oriunda de Mitylene, um sobretudo adquirido em Riga e um terno amanhado ás pressas por um alfaiate de Constantinopla.

Albert Londres andou aqui pelas nossas paragens. Esse homemzinho irrequieto, que não receiou metter-se entre combatentes de guerras perigosas, arriscando-se a ter o couro perfurado pelas balas, só para não perder um recontro sensacional que lhe encheria depois umas vinte ou trinta laudas de papel, tambem não teve receio de vir perder-se aqui pelo nosso paiz de selvagens, como dizem amavelmente os ironistas de Montmartre e Montparnasse.

E no Rio de Janeiro encontrou elle em pleno rumor "o caso Dieudonné", caso que, se não valia evidentemente o processo Dreyfus, nem por isso deixou de fornecer alguns titulos vistosos e algumas considerações humanitarias aos jornaes cariocas.

Dieudonné, accusado de fazer parte do bando criminoso de Bonnot, fôra desterrado para Cayenna, de onde se evadiu mais de uma vez, mas só na terceira com successo. Depois de mil complicações e aventuras pelo Estado do Pará e adjacencias, o pobre diabo que rompera o circulo de ferro do peor dos presidios vê-se a braços com a policia brasileira e, como a diplomacia franceza lhe desejasse a extradicção, acaba no Rio de Janeiro, ás voltas com o ministro da Justiça.

E, no sentido de remover as enleantes trapalhadas judiciarias, Albert Londres, em generosissima attitude, foi bastante util a Dieudonné. Defendido este pelos advogados Pareto Junior e Beaumont (possivelmente de egual procedencia franceza), viu abrirem-se em seu proximo futuro as mais risonhas perspectivas de liberdade plena e teria verificado que ás vezes um simples reporter póde ter, nos dominios policiaes ou forenses, idéas e suggestões que não occorreriam ao mais sensato dos causidicos.

O livro em que Londres narra o seu encontro com Dieudonné e consequentes episodios algo romanescos intitula-se L'Homme qui s'évada *e delle já se venderam proximamente uns cincoenta milheiros mundo em fóra.*

ELEGANCIAS

Acaba de receber uma fina Collecção de Vestidos e Chapéos. Modelos das grandes Casas de Paris. Lingerie, Carteiras, Almofadas, etc., etc.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

BERÇO DE SAUDADES

Noite de S. João. No céo, nuvens claras, esfarrapadas, como se um garfo enorme, espalhando clara de ovo batida, houvesse lambuzado o azul. Lua preguiçosa. Poucas estrellas, parecendo fugir, medrosas dos balões que furavam o céo, deixando, ao subir pelo caminho do espaço, grossas lagrimas rubras de estopa em chammas. Um vento frio, intermitente e atrevido. Só, no meu quarto que tem porta e janellas para o jardim cheio de plantas verdes, um arremedo de floresta feito para dar-me, á noite, a illusão de estar bem longe. Noite de S. João — incubadora de saudades! Meus tempos de menino! Negros alegres arrumando a fogueira immensa, mais alta que a varanda da fazenda... Toda a familia, todos os vizinhos. Padre Megále vinha de longe, no lombo da burra empaceadeira e sabida. Padre Megále era um rubicundo sacerdote italiano, gordissimo vigario da freguezia mais proxima. Comprára a Ruana de uns ciganos. Lindo animal. Mas empacava de legua em legua. Descansava um pedaço. Não havia meio de o arrancar contra a vontade. Então o padre apeava, sentava-se á beira da estrada, balançando a cabeça e ameaçando a Ruana com a mão espalmada. Depois a burra começava a procurar alguns fiapos de capim. Era bom signal. Padre Mégale podia recomeçar a viagem. Um dia, porém, o vigario descobriu um processo infallivel para vencer a Ruana. Tirou do bolso o Breviario, logo que a burra empacou, e em voz alta dirigiu-se á teimosa:

— Benone! Ecco il Breviario! Aspettiamo.

E deixou-se ficar, montado, lendo calmamente as paginas do dia. O padre era pezado. A Ruana, ao fim de alguns instantes, surprehendida com a novidade, poz-se a agitar-se, mollemente, um tanto desapontada. Daquella vez o cavalleiro não descia... E ella achou que seria melhor continuar a caminhar. Dahi por diante, mal a Ruana ameaçava empacar, Padre Mégale sacava do bolso o livro magico. Afinal nem mais delle precisava. Bastava-lhe gritar a phrase admiravel:

— Ecco il Breviario!

A burra murchava as orelhas e seguia viagem, balançando a cóla nervosamente.

Logo que o padre chegava, ardia a fogueira, nas primeiras horas do crepusculo. Aos poucos, achas grossas de lenha cheirosa iam virando rubis magnificos; depois, desfaziam-se entre flócos de cinzas esbranquiçadas e grandes brazas vermelhas, junto das quaes estouravam, como bombas, gomos inteiros de taquarussú. Na quentura do borralho os moleques enfiavam cannas, carás, batatas e aipins.

Ao redor da fogueira suavam os negros no batuque, marcado em cabambús, ganzás, pandeiros e maracás:

Sinhô mandou
nós trabaiá
chegou a hora
de capiná...

Garrafões de cachaça enchiam os coités apressados. Fôgo para os olhos, fôgo para o sangue — era a festa de S. João, temperada de barulho, delicia daquella gente criança.

Algumas violas fanhosas, sanfonas de pouco alento e violões trastejantes, a um canto da varanda, onde os brancos se reuniam queimando fógos de Bengala, chuveiros, estrellinhas, acompanhavam cantos menos barbaros que um abarytonado capataz entoava:

Vancê vai pr'aqui abaixo...
Ond' é que eu m'irei ranchá?
"Pirigoso" chegou — Vae-s'imbora já...
Eu sou um tristi boiadêro,
Não tenho tempo de amá!
Di dia — é cercando o gado...
Di noite — é pera ranchá!

Do "salão do piano" — muito longe, vinham até a fogueira écos de cantigas italianas e francezas que algumas raparigas entoavam, acompanhadas pelo "Seu Tavares", nosso mestre de musica e professor de A B C de todos os moleques. Que mais? Foguetes e busca-pés... Barulho... Alegria.

Nos desvãos dos canteiros do grande jardim da "Bella Fama", as moças e as mucamas escondiam cópos dagua com um ovo fresco, para tirar a sorte. Na manhã seguinte cada qual lia, nos arabescos da albumina: um navio — viagem; um caixão de defunto — enterro; um véo de noiva — era o mais commum — casamento. Quando a fogueira, na decrepitude, desmoronava e virava um grande brazeiro, alguns rapazes, de sóla espessa, atravessavam-na. S. João protegia...

Meu avô tinha o porte de um velho fidalgo. Era muito alto, robusto, de olhos verdes excepcionalmente dominadores. A sua voz não era nada aspera. Mas era redonda, cheia, muito grave e forte. Quando os negros brigavam, nas excitações do alcool ou do ciume, elle interrompia na "sala do bilhar" o voltarete ou o xadrez e chegava até a varanda com o seu nobre passo natural e firme. Mal o velho se levantava, irritado pela algazarra, havia um corre-corre de molecotes, espalhando a noticia da intervenção do "Senhor"... E tudo serenava, pelo prestigio daquella presença magnanima. Nunca precisou castigar para ser obedecido. A natureza tinha feito delle um ser de bondade. Dera-lhe o corpo olympico e o caracter de um heroe. Para nós todos, era o "Paisinho".

Noite de S. João da minha infancia!

Eu a evocava hontem, neste meu quarto cheio de livros, ouvindo os soluços de um violino de New York, transportado no dorso das ondas curtas!

O vento tornou-se incommodo. Fechei a porta e as venezianas, atravez das quaes ainda se podia divisar o cascalho do jardim, mal branqueado pelos raios do luar escasso. Ao longe o ronco dos foguetes foi-se espaçando. A noite tornou-se silenciosa. Na quietude, só o radio cantava. Uma voz de mulher, muito branca e muito doce. Depois falou um sujeito de voz grossa. Disse umas coisas em inglez. E o radio voltou a espalhar, baixinho, um solo de violoncello.

Nessa hora, ouço, distinctamente, um passo muito leve roçar o cascalho do jardim.

Apuro o ouvido. Continúa. Desligo o radio, para ouvir melhor o passo do insolito visitante que entrou sem abrir o portão, sem annunciar... Cão ou gato? Não póde ser. Alguma coisa, positivamente, attricta as pedrinhas do saibro grosso. Parece sem nenhuma duvida, o pisar, de alguem que anda muito de leve e muito de vagar. Percorre toda a rua do jardim que margeia o meu quarto. Vae agora para a direita. Pára. Volta. Quem será?

— Quem é?

Grito, forte. Ninguem responde. Mas pára de andar na areia. Silencio. Olho o relogio. Uma hora da manhã.

— De certo foi o vento, digo bocejando, mas, no intimo, inquieto.

O passo, porém, recomeça, tritu-

F A R R È R E

Claude Farrère, que, ao lado de Paul Doumer, foi baleado na exposição de livros a que compareceu como presidente da Liga dos Autores, não se chama propriamente assim. Chama-se Fréderic-Charles-Pierre-Edouard Bargone e com esse nome authentico é que foi official de marinha, tal qual o seu mestre e superior Pierre Loti, Julien Viaud na armada franceza.

Da mesma fórma que François Coppée tornára Pierre Louys famoso, graças a um artigo sobre a *Aphrodite*, Pierre Louys, por sua vez, celebrizou Claude Farrère graças a um estudo enthusiasta sobre a *Fumée d'opium*, obra publicada em 1903.

Isto quer dizer que esse navegante das lettras (commodoro para uns, flibusteiro para outros) já chegou aos trinta annos de serviço no romance. Premiado pela Academia Goncourt, em 1905, á publicação do romance *Les Civilisés*, historia da degradação dos europeus em contacto com os habitantes da Indo-China, foi elle alteando cada vez mais a sua pilha de livros e, como quasi sempre acontece, de creador acabou passando a manufactor, de trabalhador intellectual a trabalhador braçal. Em summa, o homem da marinha de guerra, á mingua de combates heroicos em pleno oceano, passou a fazer muito calmamente a sua navegação costeira...

Na *Fumée d'opium*, despoetizando certos aspectos fascinantes das confissões de Thomas de Quincey, mostrou elle o mulambo humano em que se tornam as victimas da droga "poderosa e subtil". Mas o caso é que jámais deixou de ser sensivel aos ambientes exoticos, ás almas dubias, aos typos de viciosos e anormaes .

L'Homme qui assassina desnuda, na magnifica composição scenographica de Constantinopla, o criminoso que dormita em toda a creatura civilizada. *Mademoiselle Dax, jeune fille* evidencia como a educação á antiga póde tambem conduzir a uma candida salafrarice. *La Bataille* evoca momentos culminantes da guerra russo-japoneza. *Les Petites alliées* é a descripção de um lupanar de provincia, phalansterio amavel, em que ha detalhes de solidariedade de classe verdadeiramente christãos. O problema da revitalização da especie (cremos que antes de Voronoff) foi estudado pelo romancista na *Maison des hommes vivants*. A velha pirataria de normandos e bretões revive em *Thomas l'Agnelet*. Finalmente, *Dix-sept histoires de marins* explora a gente e a movel paizagem predilectas do autor, mais feliz certamente quando a bordo do que movendo-se um tanto desgraciosamente nessa terra firme que os marujos tratam desdenhosamente de *plancher des vaches*...

A. G.

---

rando levemente a areia. Repete o caminho já feito. Parece approximar-se da janella. Será para espiar-me? Espio, por minha vez, atravez da veneziana. Nada. Tanto quanto posso ver, o jardim deserto, cheio de verdura. Ninguem. Mas o passo volta mais forte. Estou só nesta casa enorme. Tenho na gaveta o meu revolver. Veremos. Mas devo ser prudente. Logo que o passo desse malandro se dirigir para os fundos da casa, abro a porta e atiro, para o espantar. Será algum pobre diabo que talvez hoje não tenha comido. Si pudesse atirava-lhe uns nickeis com o meu revolver...

Dito e feito. Mal o ruido se afasta, abro a porta, devagarinho, devagarinho... Preparo o tiro...

Balouçando-se, como um ebrio que errou a casa e entrou por engano no jardim do proximo, roçando na areia os fios de arame que sustinham o *gaz* já desfeito, cheio de fumaça, mas ainda assim illuminado pelos ultimos estertores da estopa em fogo — um grande balão vermelho, de papel de seda, passeiava aos boleos, nos vae-vens do vento frio.

Uma visita cheia de recordações para alegrar, no meio do susto, a minha amada solidão.

Deixo a arma sobre a mesa. Corro. Apago as ultimas chispas que o ameaçam e ponho-me, contente como um garoto, a ver bamboleante e fumacento, o presente do céu, no dia de S. João. Nisto, uma voz de criança, offegante, como a de quem acaba uma corrida louca, passa atravez das trepadeiras do portão:

— Moço! O'! Moço! Me dá esse balão?

— Você, tão pequenino, a estas horas da noite, no deserto desta rua!

— Eu fiquei esperando que os garotos fossem dormir, só para ver si pegava um balão... Sinão elles tascam. Me dá esse, Moço.

— Que é que você vae fazer com elle?

O garoto, descalço, de cara suja, cabellos compridos e desgrenhados, vestia apenas um casaco de homem, cujas mangas estavam arregaçadas, ajustando-se ao comprimento dos braços. Retorcia os dedos e com o olhar ancioso repetia a supplica:

— O Senhor não precisa delle...

— E você?

— Amanhã eu vendo esse balão pr'o filho do quitandeiro...

— Então quer ganhar dinheiro a custa do meu balão?

— E' pr'a mamãi, moço. Eu sou filho daquella pobre que tira esmola no ponto dos bondes... O Senhor já deu esmola á gente... Aquella magra, que tosse muito... Mamãi hontem botou meia bacia de sangue pela bocca... Lá em casa não tem comida... O Senhor póde ir commigo, si pensa que é mentira... O Zézinho da quitanda me compra o balão por quinhentos réis... Me dá esse, Moço. O Senhor não precisa delle para nada...

A lua, agora, clareava tudo. O garoto, franzindo a testa, com o olhar ancioso, continuava a baralhar os dedos.

O balão murchava aos poucos, golfando grandes flocos de fumaça negra, que o vento frio, esgarçando depressa, carregava e destruia.

Qual de nós dois foi mais feliz naquella noite de S. João? O garoto ancioso que recebeu com o balão outras coisas que lhe dei, ou eu que não retive o mensageiro de saudades, porque guardando-o ficavam nelle, commigo, remorsos e tristezas? As melhores coisas da vida são assim mesmo. Cahem inesperadamente no meio da folhagem do nosso jardim. Assustam-nos. Mas trazem surprezas boas. Remexem-nos o coração, com as lembranças felizes que suscitam. Depois, palpitam junto de nós alguns instantes e partem, para sempre. Dão uns toques de alegria á nossa vida que passa correndo e vão levar-a felicidade a outras almas distantes e desconhecidas.

ROQUETTE-PINTO.

Contra o Coração

Quando ouço dizer-se de alguem: — "E' um homem sem coração" — faço logo um esplendido juizo sobre o individuo. Começo a admiral-o, a vêr nelle um amigo em que se póde confiar, uma personalidade que inspira respeito.

Porque não ter coração é uma qualidade muito rara de encontrar-se num brasileiro... Não ter coração indica quasi sempre honestidade intellectual, respeito a convicções profundas. Embora pareça um paradoxo, o certo é que a falta de um coração significa muitas vezes, neste paiz, a existencia de uma sensibilidade agudissima, inclinada ao bem, amiga da belleza.

Sempre tive antipathia pelos chamados homens bons do Brasil. Porque esses costumam ser os peiores homens do mundo. Um coração grande é uma fonte de injustiças, de maldades, de covardias. E' claro que me refiro á comprehensão commum do que seja um grande coração. Essa comprehensão constitue um dos mais terriveis erros do julgamento brasileiro, uma das falhas mais flagrantes do nosso temperamento.

Coração, no Brasil, não quer dizer amor ao que é bello, mas tolerancia com o que é feio. Não representa desejo de premiar a intelligencia, mas inclinação a acceitar e mesmo a premiar a estupidez. Não se manifesta por meritos positivos, mas por qualidades negativas. E sabe-se que uma qualidade negativa não é mais do que a visão optimista de um defeito.

O Brasil nunca terá a sua cultura, emquanto o Brasil persistir em guardar o seu coração. O Brasil nunca terá arte propria, uma litteratura acceitavel, um ensino decente, emquanto existir esse detestavel musculo sentimental que estraga a vida do paiz e impede todo surto puro da intelligencia.

Se um amigo publica um livro, sem o menor valor, não se deve atacal-o.

Porque isso seria, na noção brasileira da vida, não ter coração. Se por amor á verdade, por invencivel respeito ao gosto litterario, por elementar honradez, alguem tiver a coragem de dizer mesmo que o livro não presta, todos passarão a consideral-o um sêr perigoso. Se, entretanto, trahindo ao pensamento, mentindo aos que o lêem, affirmar que o livro é admiravel, todos, inclusive os que acham que o livro é uma bobagem completa, julgarão que fez muito bem... Que diabo, tratava-se de um amigo... A gente precisa ter coração...

E, com isso, por ter coração, enganaria a milhares de leitores. Faria murchar nas intelligencias novas e verdadeiras o estimulo para crear. Porque ficariam sabendo que o elogio não depende do valor da obra, mas de ter bôas relações com os criticos. E quando essas intelligencias recentes e reaes quizerem tomar a sua posição de realce, já encontrarão todos os lugares occupados pelas mediocridadezinhas bem relacionadas, pelos bons rapazes sem talento que sabem ter amigos na imprensa e são tão delicadozinhos, tão attenciosos, que commovem o coração de todos...

Se uma peça theatral não me agrada, arrisco-me, ao critical-a, a passar por um sujeito temivel, em cuja alma nunca morou um sentimento de piedade e de solidariedade humana. Todos os autores desde então me consideram um inimigo do theatro. Ser amigo do theatro é, para elles, concordar com todos os seus erros, não apontar um só defeito, aconselhar o publico a assistir a baboseiras somnolentas. E como quasi todos os criticos têm bom coração, os autores não se envergonham de escrever as peiores comedias do mundo e os artistas não sentem necessidade de estudar os papeis. Mas, que importa tudo isso? Para que é que existe o coração? Não é para applaudir?

Ainda ha poucos dias, li o espanto nos olhos de um amigo só porque lhe disse que ia atacar a obra de um poeta que me dedicára um dos seus sonetos. Não viu no gesto a imparcialidade. Pelo contrario, só notou a ausencia de bom coração. Porfim, perguntou: "Você brigou com o autor?" Não podia elle comprehender que eu atacasse um livro continuando a ser um camarada sincero de quem o escreveu. Ainda recentemente, um poeta lyrico, que não conheço pessoalmente, fez uma peça que me pareceu tola. Disse o que pensava della. E o homem está convencido de que o detesto profundamente. A razão que não admitte é a de que eu não gostei da peça... Por isso só, ninguem escreve mal de uma comedia.

Eis porque, a partir de hoje, declaro guerra ao coração. E convido todos os homens bons, bons de verdade, que não mentem á sua intelligencia, que não ajudam a mediocridade a assaltar os postos de commando reservados aos espiritos superiores e que sabem resistir ás amizades pessoaes, quando se trata de defender o bem geral, a tomar parte nesta grande batalha.

GENOLINO AMADO.

JOÃO NEVES — A JORNADA LIBERAL — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1932.

O sr. João Neves foi, sem duvida, uma das maiores affirmações de eloquencia da chamada Alliança Liberal. Não dizemos "revelação", porque os seus vehementes dons oratorios, a sua dialectica e o seu perfeito dominio dos debates do parlamento ou mesmo, sem baixezas plebéas, dos comicios, eram de ha muito conhecidos. Mas foi necessaria aquella campanha partidaria para collocar em plena evidencia a impetuosidade civica e os consequentes arranques verbaes do joven deputado gaúcho, convertido, pelo imperativo categorico das circumstancias, em interprete das aspirações do seu Estado, num reatamento ás velhas tradições tribunicias dos Felix da Cunha, dos Silveira Martins, dos Pedro Moacyr. E, agora, alinhados no papel ironico e frio, que costuma ser o sudario de tantos figurões rhetoricos, os improvisos do sr. João Neves estão longe de compromettel-o e até fornecem melhor ensejo para examinar-lhe as qualidades de cultura, os attributos de humanista sempre amigo das bellas lettras e capaz de intercalar o nome de Pirandello numa contenda de caracter eminentemente politico. Sabe-se que Silveira Martins não permittia jámais que lhe retivessem as orações e teria coragem de escorraçar a bofetadas o estenographo que se approximasse delle para eternizar-lhe as imagens e metaphoras de espavento. Já o sr. João Neves não se mostrou possuido de egual furor e, a nosso ver, dada a excellencia litteraria dos seus discursos, que, se mereceram ser ouvidos, tambem merecem ser lidos, andou ás direitas e só póde fazer jús aos nossos applausos.

DE PARIS

O premio dos Wikings 1932 foi conferido a Henry de Monfreid

Em 1927, a Academia Goncourt premiou um romance de Maurice Bedel, *Jerôme, 60º latitude Nord*, cheio de verve satyrica, muito pouco elogiosa ao mundo escandinavo de hoje. Essa brilhante distincção, conferida a um livro que os Escandinavos tinham o direito de considerar injusto, despertou uma viva emoção entre os homens do Norte domiciliados em França. Um delles, o sr. Trygve Noer, cuja actividade em Paris já se havia revelado de varias fórmas, achou uma maneira espiritual de protestar contra a satyra malfazeja do jovem escriptor francez: fundou a favor dos escriptores e artistas francezes e escandinavos, um premio de dez mil francos, que em pouco adquiriu bella nomeada. Esse gesto generoso, graças ao espirito de actualidade em que se havia inspirado, merecia bem o exito que o acolheu.

O premio de litteratura é dado de dois em dois, sendo que o do anno intermediario fica reservado a um pintor ou esculptor.

O livro a ser premiado deve ter apparecido no curso dos dois ultimos annos, e entram tambem na apreciação as outras obras do mesmo autor. Não só os romances, mas ainda os ensaios, narrativas de viagem, vidas romanceadas, grandes reportagens, etc., podem ser tomados em consideração. O jury esforça-se por discernir os livros capazes de incentivar o gosto da acção, da aventura, das qualidades de audacia, de energia, de iniciativa, evocadas pela lembrança dos homens do Norte, partidos á conquista dos Paizes do Sol e dos quaes o premio conservou o nome.

Recebeu-o pela primeira vez um poeta normando, Charles Théophile Feret, por um volume de versos em que a epopeia dos seus antepassados era exaltada. Coroou-se em 1930 o sr. Edouard Poisson pelos seus livros *Courrier de la Mer Blanche, Hans le Marin* e *Balero*.

Foi ainda uma narrativa de aventuras no mar que acaba de conseguir o premio dos Vikings em 1932. Por 18 votos sobre 29, o jury escolheu o sr. Henry de Monfreid pelo seu livro *Os segredos do Mar Vermelho*. Nelle o autor conta as suas peripecias no curso dos longos annos que passou a barlaventear entre as costas da Asia e da Africa, afim de exercer o mais perigoso dos commercios. Monfreid mereceu ser chamado o Viking do Mar Vermelho, o que justifica plenamente a escolha do jury, que aliás, por pouco, coroava, tambem com muita felicidade, uma mulher-escriptora, Titayna, cujas reportagens exoticas são a melhor prova de muita audacia e muito vigor.

Poucas existencias haverá tão ricas de aventuras como a de Henry de Monfreid, catalão francez. Filho do pintor Daniel de Monfreid, o grande amigo de Gauguin, Henry de Monfreid fez seu aprendizado de marujo ao largo do Cabo de Leucade e toda a sua infancia se passou entre pescadores. Aos doze annos, elle já entendia mais de navegação a vela do que muitos dos membros dos grandes clubs nauticos.

Alguns annos antes da guerra, offereceram-lhe uma situação de agente commercial na colonia franceza da Costa dos Somalis. Monfreid partiu então para Djibouti; mas em pouco apercebeu-se que não estava talhado para a vida da burocracia colonial. Suas economias foram-se na compra de uma pequena embarcação a vela, que deveria ser o ponto de partida de innumeras aventuras destinadas a celebrizar o nome de Monfreid.

A despeito do clima inhospito e da falta de recursos naturaes, a costa dos Somalis foi uma das colonias francezas mais florescentes, pois ella tirava sua riqueza do commercio das armas. Todos os cartuchos e bayonetas sem uso, as espingardas Gras reformadas pelo Ministerio da Guerra eram dirigidos para Djibouti, onde a administração os vendia aos traficantes indigenas. Não se cogitava do destino desse material e não se visavam os papeis dos navios carregados com a mesma mercadoria. Se os cruzadores inglezes faziam parar uma dessas embarcações, a administração franceza não podia ser tida como responsavel pelo armamento encontrado a bordo, pois que sobre o mesmo não havia qualquer indicação da sua proveniencia. Em tal commercio, eram muitos os riscos a correr, mas os beneficios valiam a aventura. Monfreid descartou-se rapido do seu lugar de agente de café e couros para entregar-se amplamente ao contrabando das armas. Despojado das vestes citadinas, apenas de tanga e turbante, falando todos os dialectos, bronzeado como um arabe, fez-se então perfeito navegador num mar sem duvida o mais perigoso do mundo, pois que é um verdadeiro corredor onde se engolpham todos os ventos, onde as tempestades são tanto mais inesperadas quanto mais violentas, e lançam os navios sobre infindaveis escolhos á flôr d'agua...

Não lhe faltaram, porém, inimigos. Os turcos, porque elle vendia armas aos arabes; os inglezes, porque elle as fornecia á Somalandia; os italianos, por causa da Erythreia; os francezes, porque elle fazia ás claras um commercio que deveria ser secreto; mas os mais inquietantes eram certamente os piratas e contrabandistas arabes, que se sentiam prejudicados por essa concorrencia. Monfreid tinha uma meia duzia de marujos dankalis e um pequeno veleiro, um "butre", como se diz no Mar Vermelho. Suas aventuras são quasi inacreditaveis: varias vezes prisioneiro dos inglezes, prestes a ser fuzilado, mas conseguindo sempre escapar-se, lutando contra a abordagem de piratas saranings, constantemente alerta e disposto a romper fogo, Monfreid teve uma vida mais que agitada. Quando era necessario transportar dez toneladas de haschisch de Bombay para Port Said, era para elle que sempre se appellava. Toda a policia ingleza estava a postos; acreditava-se poder apprehender a droga, os detectives já sorriam victoriosos, Monfreid era preso, abriam-se os saccos e encontrava-se areia... o haschisch desde muito tinha chegado á destinação.

Monfreid é hoje, depois de mais de vinte annos de façanhas inauditas, um dos personagens mais importantes da Abyssinia. Agrada-lhe essa terra livre e de civilização primitiva. Elle ahi vive uma grande parte do anno, mas durante dois ou tres mezes, vem sempre a Paris, pois que é casado e tem tres filhos. De pelle tostada, corpo muito magro e ligeiramente acurvado, uns olhos fundos mas de expressão singular, bigode mal cuidado e cabelleira densa,

mas já grisalha, esse homem, ainda que vestido como qualquer um de nós, tem qualquer cousa no seu todo que trae uma personalidade mysteriosa.

A Inglaterra fez-lhe offertas fantasticas, que foram despresadas; durante a guerra a Allemanha acenou-lhe com honrarias e fortuna, mas teve como resposta a prisão dos seus emissarios. Elle é muito mais forte que o famoso Coronel Lawrence, que tem atraz de si o "Intelligence Service" e o poder britannico. Monfreid tem todo o mundo contra elle e os governadores coloniaes movem-lhe processos absurdos, tanto temem a independencia desse homem que se lhes torna impossivel comprehender na mediocridade dos seus horizontes burocraticos.

Monfreid escreveu suas memorias, cujo primeiro volume, recebido com grande exito, foi editado por Grasset e tem por titulo *Os Segredos do Mar Vermelho*.

Em *Aventuras no Mar*, que é o seguimento daquelle e deve apparecer muito breve, encontramol-o ás voltas com os espiões britannicos que atrapalham sua acção e vemol-o na imminencia de ser fuzilado (por erro); a seguir, intervem numa tragica historia de escravidão; depois, vae libertar pela força um dos tripulantes do seu barco, que fôra feito prisioneiro. Aqui se adentra pela Abyssinia, emquanto flexas envenenadas voam sobre a sua cabeça; ou, então naufraga e perde o naviozinho que por elle mesmo fôra construido. E já corre uma lenda em que os golfinhos lhe trazem até a porta de casa, em Obok, os destroços do seu querido "butre".

Quando elle vae occupar "officiosamente" para a França as ilhas Farsan, cujas costas são ricas em perolas, deixam-no sem apoio e essas ilhas são hoje inglezas.

Mas em tudo isso elle se conserva simples, sem amargor, desde que seja vencido apenas pela natureza e não pelos homens. E' que sabe soffrer calado e tem sempre piedade para os pobres, os fracos e os opprimidos.

A critica foi unanime em saudar o autor d'*Os Segredos do Mar Vermelho*. Henry de Régnier disse delle: "Ao lêl-o, tem-se a impressão de sentir as queimaduras do sol, os furores do vento, a aceridez da salsugem, a perfidia da correnteza, mas tambem o esplendor das calmarias, a suavidade dos accordos momentaneos que se fazem entre o céu e os mares. Os "mares" de Henry de Monfreid são sempre os de um grande pintor, e foi elle mesmo quem o disse no curso de um entrevista: "gósto da pintura como meu pae, mas preciso explicar-lhe as razões". Adoro a natureza e a vida levada por mim é disso uma prova. Adoro, sobretudo, na natureza, os elementos que não se alteram, que recusam tudo ao homem, as aguas do mar que açoitam com um rythmo de eternidade os rochedos immoveis. Defronto-os como um Deus. Domina-me o Pantheismo. Então, pintar, para mim, é entrar em communhão com todas essas cousas. E escrevo como pinto, com o mesmo desejo da côr verdadeira..."

Seu livro é tambem um livro verdadeiro, e é isso que faz a força e a belleza desse documento unico, escripto em prosa viva e colorida. André Therive diz a seu respeito o seguinte: "Escriptor notavel, narrador de primeira ordem, cujo livro é verdadeiramente o mais apaixonante do anno."

Ernest Gaubert accrescenta: "Esse homem que correu cem vezes em busca do perigo, que jogou a vida em vinte travessias maritimas, que sentiu assobiar junto dos seus ouvidos as balas dos povos do deserto, dos piratas costeiros e dos guardas alfandegarios... esse homem conservou-se um escriptor de grande linhagem."

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

"L'EUROPE EN MORCEAUX"

PIERRE DAYE — *Éditions de la revue* Plans. — Paris, 1932.

Pierre Daye é um escriptor belga, de pouco mais de trinta annos. Escrevo que é belga, não sem receio. De Ramon Fernandez, avancei com audacia que era hespanhol. Lêra-o não sei onde. Ouvira-o de Manlio Giudice, que conheceu Ramon em Paris. O que não cabe duvida é que o proprio Ramon se considera francez. Mas o douto homem de lettras, sr. Alfonso Reyes, que é embaixador do Mexico em nosso paiz, affirma que a nacionalidade primitiva de Ramon Fernandez é a mexicana. Foi o que publicou "Peregrino", em uma de suas chronicas no *O Jornal*, a 12 de Junho.

O livro de Pierre Daye é de retalhos, recortes. Se o intitulasse *Livre en morceaux*, era mais apropriado do que *A Europa em pedaços*. Viajante infatigavel, dotado de espirito subtil, reuniu, em longas peregrinações pela Asia, Africa, duas Americas, Russia, Hespanha, Allemanha, Balkans, França, Inglaterra, Italia, Polynesia e Australia, abundante material de notas vistas e ouvidas.

Assim, Daye discorre sobre todos os assumptos da actualidade, sem exgottar nenhum delles. Ergue o thema e quando este o espera de frente, Pierre treme, tartamudeia e foge, como lebre. Affirma que ha tres tendencias no mundo: o sovietismo internacional, de Lenine, o nacionalismo corporativo de Mussolini, e o supercapitalismo-typo, de Wilson.

Nem combate, nem acceita nenhuma dellas. Em vez de atacar o bolchevismo, censura Nietzsche e louva o socialismo de Vandervelde, Bauer e Blum. Detesta o fascismo, mas não se anima a aggredil-o. Censura Georges Sorel, porque escreveu *Reflexões sobre a Violencia*, livro de cabeceira do Duce. E faz um hymno ao patriotismo dos fascistas.

Abomina os excessos do capitalismo yankee. Focaliza o contraste entre o nababismo da minoria de argentarios e a miseria das massas... para elogiar Henry Ford. Com todas as suas subtilezas e hesitações, não póde occultar de todo que é um timido burguez catholico, procurando puxar as brazas das novas creações do espirito humano para a sardinha de seus interesses religiosos. Quer o triumpho universal de Roma. Não a Roma dos Augustos, dos Cesares, dos philosophos e dos artistas. Mas a Roma dos Pios, Benedictos e Leões. E' com manha, esfregando as mãos, sorrisos de mel, que Pierre Daye insinúa as suas aspirações.

Não sei, mas desconfio muito que o brilhante autor formou o seu espirito em algum collegio da Companhia...

PAULO LABARTHE.

LETTRAS URUGUAYAS

Já se póde fazer um julgamento quanto á producção litteraria correspondente a 1931. Pensa um critico da propria terra que a qualidade, no caso, foi prejudicada pela quantidade. Difficil será a attitude dos julgadores benignos, que não queiram ferir a ninguem... Poucos livros bons, e raros os merecedores de qualquer especie de premio, a não ser que intervenha um favoritismo sempre condemnavel em assumptos de arte.

— Fundou-se em Montevidéo a Sociedade Bolivariana do Uruguay. Tem ella por finalidade estabelecer um vinculo de solidariedade intellectual entre os varios paizes da America. A Commissão Provisoria ficou constituida de nomes realmente prestigiosos nas lettras do paiz, entre os quaes se destaca o poeta Ildefonso Pereda Valdés, cantor da alma lyrica dos pretos e enthusiasta de Claude Debussy. O representante diplomatico do Brasil por aquellas paragens, é parte condigna do gremio collocado sob os auspicios do grande libertador dos Andes.

— O reputado novellista uruguayo Carlos Reyles, autor do livro *El embrujo de Sevilla*, publicará em breve uma narração de verdadeiro interesse nacional: *El gaucho florido*, que obterá, sem duvida, o mesmo exito das suas producções anteriores.

Signaes de Rebeldia

No empenho de destruir as construcções livres do espirito moderno, os mais autorizados representantes do academismo francez têm insinuado em inqueritos, estudos e conferencia, a decadencia dos modelos estheticos dos nossos dias. O prestigio literario dessas vozes de maldição e rebeldia empresta ao movimento anti-modernista o caracter de uma insurreição espiritual violenta, de amplitudes imprevisiveis. Os artistas e pensadores francezes identificados nessa luta de morte — Marcel Arland, Maxence, Daniel Rops, Pierre Bost, Dandieu, Emmanuel Berl — pretendem defender aquella cultura passadista, uniforme, melancolica, apagada, que tanto se oppoz á realização dos valores essenciaes da vida humana. As aspirações de liberdade desencadeadas sobre a terra contra os velhos salteadores da belleza, contra os rudes ciganos do estylo, repellem, entretanto, todas as investidas do academismo trivial e amorpho. Os conservadores insistem no louvor á decrepitude artistica e á infecção literaria. Reduzem assim a esthetica a uma simples luta entre dous principios, um choque entre anjos e demonios, onde tudo se resume no mysterio, na rhetorica ou na monstruosidade dos elementos naturaes. A' juventude que quer vêr, viajar, vencer o tempo e o espaço; á mocidade que transmudou a poesia, creou o amor ao perigo e á velocidade, tornando-se o espelho sensivel das cousas, a essas forças magnificas, nascidas sob os contrastes do seculo, não póde interessar a "belleza em si". O que interessa é a vida. A vida frenetica e excitada dos nossos dias vibrando sobre a carcassa do velho mundo.

"O espirito moderno é uma abstracção. No momento em que o definimos e o captamos, entrou no passado. Os ephemeros humanos sentem esta impossibilidade absoluta, mas persistem fatalmente em buscar na mobilidade a eternidade." Podemos transformar a musica, a pintura, a esculptura, a poesia, porque ellas passam no seu objectivismo dynamico, nas suas fórmulas illusorias, mas devemos contrariar a volta aos canones classicos em que se moldaram e dissolveram. Que importa á nossa época os mythos exhumados pelos arcades, o lyrismo dos snobs, o systema metrico dos parnasianos ou os erros da antiguidade? Somos do nosso tempo. Trocar as syntheses exasperadas de Morand e as narrativas implacaveis de Mauriac pelos frisos convencionaes dos pequenos burguezes do romantismo seria uma traição ao sentimento da perpetuidade universal. Maxence já não encontra ambiente para as suas fantasias de luz. E o fardo artistico de Daniel Rops enche de máo humor as multidões ávidas e inquietas. Voltar ao signo dos deuses gregos e á pintura anatomica para satisfazer a Daudieu e Pierre Bost seria voltar ás raizes da nossa escravidão espiritual. A sensibilidade activa que negou Chateaubriand e muito mais tarde dissolveu velhas imagens e symphonias teve a virtude de fragmentar o presente, explicando-o nos seus movimentos, nas suas conquistas mecanicas. A França renova as suas idéas no seculo de Maurois como as renovou ao calor do drama renaniano. "A base da reconstrucção está na idéa de patria, que a fortalece e se organiza em culto. A idéa se faz sentimento, para ter vida. Essa força ideal foi a que em primeira linha se oppoz aos barbaros e os venceu". Mas, a França é a morada graciosa da alma latina. Seus pensadores e artistas, seus sociologos e homens de negocios não se pódem incorporar aos creadores de novellas americanas, onde o indio, o gangster e o caudilho constituem figuras predilectas. O espirito latino não regressará á edade dos romances de proveito e exemplo nem invadirá os desertos do oéste americanos. Porque esse espirito é uma synthese do universo.

BEZERRA DE FREITAS.

LETTRAS INGLEZAS

Philip Dutton Hurn, em *The truth about Wagner*, traça um retrato do compositor da *Tetralogia*, formado de confissões do proprio Wagner, extrahidas de cartas suas, mas em detalhes compromettedores que até hoje haviam sido cuidadosamente omittidos pelos biographos do mestre, nas biographias *ad usum Delphini*. As epistolas eram dirigidas á primeira esposa de Wagner, creatura que, se não valia a filha de Liszt, essa admiravel Cosima que foi tantos annos, na ventura e na desventura, indefectivel companheira do genio, não parece tambem ter merecido os excessivos ataques com que a mimoseiam os wagnerianos fanaticos.

— Um diptyco attrahente é o consagrado por Walter Jerrold a Thomas Hood e Charles Lamb. Hood, máo grado a reputação de humorista, escreveu cousas tragicas e a sua celebre *Canção da Camisa*, que trata do triste destino das costureiras inglezas que tecem a camisa das mulheres ricas como se tecessem o proprio sudario da sua miseria, é um symbolo eterno. Embora apparecida num jornal satirico e burlesco, o *Punch*, essa poesia provocou na Inglaterra um verdadeiro movimento popular em favor das operarias exploradas pelos capitalistas vorazes. Assim, os caprichos e singularidades de Hood não o impediram de trabalhar em proveito das classes menos favorecidas, e o divertidor figurou, quasi sem querer, entre os grandes philanthropos locaes. Quanto a Charles Lamb, é um ironista de jerarquia mais alta. Amigo de Keats e de Leigh Hunt, como tambem do austero Wordsworth, que lhe temia os diabolicos imprevistos de *enfant terrible*, Lamb, irmão da encantadora Mary, detestava as creanças, ainda que puzesse no alcance dellas, em paraphrases admiraveis, os dramas e as comedias de Shakespeare. Empregado da Companhia das Indias, aproveitava os seus lazeres para emborrachar-se valentemente e para vender pilherias aos jornaes britannicos, a poucos shillings cada uma. Achava a agua cousa muito boa, mas com o accrescimo de um pouco de gelo e de whisky, reputando-a, isolada, o peor dos drasticos, o peor dos toxicos. Incansavel remexedor de idéas, mostrou-se curioso de tudo, sequioso de factos como de gim e de rhum. Paraphrasta habilissimo, divertia-se com o jogo de imitações litterarias, sendo tambem um critico de arte dos mais engenhosos e lucidos. Conversando, apesar de gago, era um improvisador esfusiante, e ia perdendo a gagueira á medida que se ia embebedando, só falando a correr quando baldeara para o pipote da barriga o conteúdo de varias botelhas. Havia nelle um pouco de Sterne e um pouco de Goldsmith, da malicia fagulhante do primeiro e da bohemia burgueza do segundo.

— No volume *Ur of the Chaldees*, Leonard Woolley trata da notavel descoberta da cidade de Abrahão, de que tanto se occupam os livros santos e cujo nome figura num verso famoso do *Booz endormi* de Victor Hugo. O autor teve o dom e a habilidade de converter um severo assumpto de historia e archeologia numa especie de excitante historia policial, romanceando admiravelmente um assumpto de sciencia qual se a figura central da obra fosse um arguto detective á Sherlock Holmes.

— Miss Bapsy Pavry, em *The Heroines of ancient Persia*, reconta a vida das cooperadoras illustres de uma das grandes civilizações do Oriente. O papel das mulheres na historia, na legenda e na lenda da Persia é muito bem fixado, com imaginação e senso critico simultaneos. Bastante destaque é concedido ás inspiradoras e ás guerreiras dos poemas épicos da terra, especialmente nos cantos de Firdousi, bardo elegante e cavalheiresco que se fez o ensaiador de uma longa epopéa em que homens e allegorias se movem num ambiente de eternas surpresas.

A Immortalidade da Alma em face da Sciencia Contemporanea

A Humanidade compõe-se de homens e de "macacos". Os primeiros tomam as coisas pelas apparencias, e contentes com estas, tecem em tôrno dellas os mais complicados systemas, em que o mysticismo e as abusões adumbram a realidade. Deu-lhes um trabalhão enorme para acceitar o movimento cosmico e outros factos constatados pelos segundos, mas como a realidade era ahi irreductivel, abaixaram a crista, convencidos.

O outro ramo da especie, porém, muito mais atilado, conserva ainda o germen da "scentelha divina", que deu ao mundo os formidaveis macacos que, a partir do symbolico Adão, se desdobraram nos Aristoteles, Galileu, Descartes, Leonardo, Laplace, Newton, Darwin e tantos outros super-simios que não quizeram tomar as coisas pelo seu restricto "face-value", aprofundando-lhes as origens tanto quanto possivel.

Para exemplo:

Um macaco mira-se sobre a lamina prateada de um espelho e vê-se reproduzido sobre o fundo do mesmo. Mas o velhaco não se deixa vencer por isso. A primeira coisa que faz é virar o espelho ao revés ou passar-lhe a mãosinha por trás, para tirar a limpo a verdade.

Só neste facto se evidencia a perspicacia dos macacos sobre os homens. E não ha duvida que o pouco que temos conquistado ao desconhecido é obra do mono que ainda habita em alguns dos bons exemplares da nossa grey.

Para termos de comparação temos, de um lado, um homem: é Sir Oliver Lodge. O sabio inglez mira-se figuradamente no espelho e julga a imagem que se reflecte sobre o aço alguma coisa mais que a sua propria figura; julga ser ella essa mesma essencia imponderavel que anima o corpo — a Alma.

Do lado opposto está um "macaco" experimentista na pessôa de Sir Arthur Jeith. Repete-se o "intelligence test". O nosso cercopithecus não se satisfaz com a apparencia da realidade; vira o espelho por trás e descobre o engano, como é vezo antigo dos simios.

Tudo isto vem á balha a proposito de um debate ferido nas paginas do *Times* de Nova York, sobre a tão velha e ainda não esclarecida questão da immortalidade da alma. Haverá razão fundamental que prove a continuação desse *something* que nos anima, depois de interrompida a nossa existencia terrestre?

Sir Oliver Lodge posta-se do lado affirmativo. O seu methodo de exposição é por demais incerto. Entretanto, dando uma amplitude mystica á sua famosa theoria do ether como factor do universo, conclue por apontar os phenomenos espiritas como provas da existencia e immortalidade da alma.

Sir Keith, mais scientifico na sua maneira de argumentar, não nega a immortalidade da alma... universal. "Para mim, a vida é como uma infindavel teia, e é immortal. Essa urdidura de vidas humanas, que passam e repassam no tear do tempo, é apenas um termo do immensuravel padrão que a machina fia e deita para o abysmo do passado, emquanto outras vidas projectam a urdidura pelo futuro a dentro, até onde mal alcança a nossa mirada investigadora."

Sir Keith diz que para podermos lançar um pouco de luz sobre o mysterio da alma, temos que começar pelo estudo da vida no corpo e no cerebro do homem. "Antes de considerarmos o que é a vida e as possibilidades da sua existencia de além-tumulo, vejamos primeiramente o que dizem e sabem os medicos ácerca da morte".

E depois de expôr, como eminentissimo medico que é, que varios orgams e cellulas de um homem, cuja certidão de obito já foi passada, continuam ainda a viver e podem até ser scientificamente conservados com vida, independentes do resto do corpo, quando este já se vae transformando em lama — conclue confiante o sabio inglez que a morte não é, como parece, um accidente instantaneo. E accrescenta: "O homem morre por um mais ou menos lento processo de attenuação de suas fontes vitaes, tal como se dá com a população de uma cidade sitiada — baqueiam primeiro os habitantes mais fracos; os fortes duram por mais tempo".

"Se a morte sobreviesse como resultado da subita exhalação de um espirito immaterial — como suppõe Sir Lodge — então devia ser a morte constatada como um acontecimento instantaneo. Ora, muito contrario a isso, sabemos que se morre aos poucos, cellula por cellula. E se essa essencia que dá vida ao corpo humano é um espirito immaterial, como é então que tem esse espirito de depender para a sua subsistencia de coisas materiaes como ar, pão e agua? Se um phantasma entra-me em casa, á noite, e pela manhã eu noto que elle fez uso do meu pão e bebeu do meu vinho, sou eu forçado a concluir que elle era bem material, e não immaterial, como talvez parecesse.

"E' isto, precisamente, o que o biologista é forçado a admittir da alma humana. A consciencia, os sentidos, a memoria, a vontade — attributos que passam por serem partes da alma — desapparecem do cerebro humano á medida que lhe vão faltando as rações de oxygenio e energia. A vida, como nós a constatamos, não é possivel quando lhe falta a materia. Se a nossa mente ou alma tem de subsistir ha de ser com o auxilio do corpo.

"Um cadaver é uma vela que se apagou. Nós sabemos como a candeia da vida se accende — por intermedio de outras vidas. Começamos, em principio, por uma cellula microscopica, e chegamos á culminancia de milhões e milhões de cellulas vivas. Mas, no proprio processo de manutenção da vida ha morte; certas unidades estão-se plasmando para a vida, emquanto outras, findo o seu cyclo vital, entram no processo de decomposição, que as desinvidualiza e anniquila.

"Como poder-se-á explicar esse processo e proposito pelo qual se transforma o protoplasma em homens e mulheres? Será verdade — como quer Sir Lodge — que uma entidade etherea e mysteriosa penetrou o ovulo fecundado simplesmente para o transformar em sua morada terrestre? E se assim é, por que então tão prompto se estabelece esse fóco de vida, ahi mesmo surge o processo reverso, e mais cedo ou mais tarde todo o edificio é transformado em ruinas?

"Não; muito mais facil — e mais satisfactorio á nossa razão — é explicar os factos conhecidos da vida como um processo puramente material, do que inventarmos que isso assim se dá por influencia de uma entidade mysteriosa e immaterial, como procura provar Sir Oliver Lodge.

"Para o biologista, a Humani-

NIETZSCHE

STEFAN ZWEIG, traducção de Alzir Hella e Olivier Bournac, Livraria Stock, 1931.

Já se tem escripto muito sobre Nietzsche, e, na verdade, é estranhamente fascinante a figura tragica desse genio megalomano, desenfreiado e doentiamente sincero. Entretanto, ainda deve haver muito a dizer, pois o livro de Stefan Zweig, vindo depois de tantos outros, emociona como se contasse um facto novo.

A lucta titanica do philosopho — Zweig reclama para Nietzsche o titulo de philaleta, amigo de Aleteia, a verdade; Sophia, a sabedoria equilibrada, não poderia tentar esse demoniaco irreverente — contra o silencio que o envolvia, pesado e denso, — é talvez o mais pungente drama do espirito humano.

E Zweig deixa de ser biographo, sabe fazer-se poeta para evocal-a.

O livro é todo uma vibrante epopéa, cujo rythmo se vai moldando ao assumpto. Sente-se passar por elle como um fremito de horror; vê-se, como dizia Novalis, "luzirem os olhos do chãos atravez do véo da ordem". Calmo a principio, como o foi a primeira mocidade do heróe, vai se apressando e se fazendo trepidante, offegante, oppressivo á medida que se desenha a crise, para explodir afinal, tumultuario e quasi triumphal, na phase euphorica que precedeu a loucura.

A imagem de Nietzsche, delirante, a desafiar um mundo que o ignora, comparada á de Napoleão — esse outro destruidor — lançando deante do Kremlim incendiado as suas mais audazes proclamações, rodeado apenas dos destroços miseraveis de um exercito perdido nos desertos de neve, fixa como um symbolo o perfil do solitario de Sils-Maria.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

E. A. P.
Empreza de Administração Predial
Sociedade Civil
Administração de bens.
Todas as garantias.
As melhores referencias
Direcção de
WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA
AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

dade é apenas um dos élos da cadeia universal da vida, cuja origem perde-se já na profundissima noite dos tempos. Se buscamos uma essencia immaterial para explicar a vida no homem, não podemos negar que os animaes — até mesmo os unicellulares — participam da mesma origem. Se concedemos a immortalidade ao espirito do homem, como negal-a, pois, a todas as outras coisas que vivem?

"Só temos dois caminhos a seguir: Immortalidade ou Evolução. E devemos estudar os dois casos com toda a honestidade e coragem de que somos capazes.

"Linhas acima comparei a vida a uma urdidura fiada no tear do tempo. Mas quem será o tecelão? De accôrdo com o que o biologista pode perceber, a trama tece-se por si mesma, automaticamente; — essa é uma propriedade sua. Essa urdidura, porém, no que se refere ao homem, differe de toda a vida universal em um ponto de magna importancia: é que sómente o homem pode alterar o padrão da tela com o alterar a maneira de fiar. De accôrdo com o que elle hoje fia, assim será o desenho da urdidura no futuro...

"Mas as urdiduras que tecem as plantas e os animaes está tambem pejada de vida. Além do mais, não goza todo o universo desse mesmo influxo vital? Os astronomos falam-nos de estrellas que nascem e de estrellas que estão a morrer ou já morreram. Os processos de vida e de morte da materia são regulados automaticamente, segundo as condições reinantes, tanto para a materia organica como inorganica.

"As leis que governam a vida são na verdade infinitamente complexas, mas não estão fóra do alcance do poder descobridor do homem. O biologista não pode precisar com exactidão quando a vida teve começo na terra e não sabe ainda qual é a sua significação e real proposito. A missão do biologista é apenas investigar os phenomenos da vida e dar uma explicação racional dos mesmos. E ahi está a parte mais difficil da sua tarefa — porque a Humanidade anseia e sempre ansiou por uma explicação definitiva, inda que falsa, do grande enigma da nossa existencia no plano universal.

"Mau grado seu a grande falta de dados, o biologista não pode, criteriosamente, em face do que já sabe, vê, estuda e lhe revela a sciencia, acceitar a theoria dual para a vida, theoria que considere o corpo e a alma separadamente — falemos dos homens ou dos animaes. Para o biologista, o corpo e a alma são inseparaveis.

"Se o espirito da verdade é o vero imo da religião, então os scientistas são verdadeiramente religiosos. Elles não só acreditam na immortalidade do homem como estão convictos de que esta immortalidade é material."

Teremos com esta quasi-nova concepção da immortalidade dito a ultima palavra sobre o velho problema do homem, sua origem e finalidade? O futuro o dirá. Do que não resta duvida é que de Platão a esta data já avançamos alguma coisa...

Nova York, 1932.

ARTHUR COELHO.

Versos viajantes

No n. 7 do *Boletim de Ariel* o sr. Antonio Torres perguntou se Leandro de Barros sabia francez. Encontrara em Albert Cim um conto repetindo o *Soldado Jogador*, poema popular de Leandro. No n. 8, Pedro Baptista, que sabe na ponta dos dedos a historia dos poetas nordestinos, explicou que não. Conheci Leandro Gomes de Barros, baixóte, grosso, risão, sereno, admiravel de alegria, de expontaneidade e de satira. Um dos melhores engenhos poeticos que conheci.

Mas o thema dos versos viajantes é vasto. Max Muller dizia que o maravilhoso era justamente essa viagem atravez de tempos e de raças.

Nós temos outros exemplos curiosos. Toda gente sabe o *Booz endormi* de Victor Hugo. Até o sr. Afranio Peixoto localizou a influencia hugoana e fixou a copia da imagem em Castro Alves. A imagem é aquella em que o velhão sonoro comparava o crescente da lua a uma foice, a foice recurva e fina dos ceifadores. Castro Alves versejara, dez annos depois de Hugo:

E qual a foice que no ceu fulgura
Mostrava a Lua o sinte circ'lo de ouro.

Está nos *Murmurios da Tarde*. Depois delle é que Antonio Nobre lembrou o distante mestre francez:

Via a Foice no céu quando era Lua Nova

Está no *Só, males de Anto*. Citação de memoria que possivelmente escorregue nas rectas.

No *Cancioneiro Guasca*, de J. Simões Lopes Netto, ahi canta uma trova recordadora:

S'eu soubesse que morria
Mandava fazer a cova,
E roçava o matto bravo
Co'a foice da lua nova.

Outra nota daria esta decima que o sr. Leonardo Motta registou de Anselmo Vieira de Souza:

Triste sina de quem nasce
Porque, depois de nascer,
Não escapa de mamar,
Depois de mamar, viver.
Depois de viver, peccar,
Depois de peccar, morrer.
Depois do corpo peccar,
A alma é quem vai soffrer.

Na collectanea de quadras populares portuguezas feita por D. Carolina Michaelis de Vasconcellos já existe a variante aos geito dos "fados". A "sina" brasileira estaria inicialmente como "sorte":

Triste sorte é a nossa,
Depois de nascer, peccar.
Depois de peccar, morrer.
Depois de morrer, penar.

* * *

A "quadra" primitiva, ponto de partida de todos os versos, é trabalho de frade culto, ex-capitão de cavallos, autor de livros e fundador de seminarios, além de martyr de um conto patriotico do sr. Julio Dantas a quem Deus haja na immortalidade da rua do Arco a Jesus em Lisbôa.

Antonio da Fonseca Soares, solido alemtejano de Vidigueira, depois de bater-se contra toda versidade de inimigo, professor em maio de 1663 no convento de Evora. Instituiu o seminario de Varatojo que El-Rei D. Affonso V fundara em convento. Morreu em 1681 com 51 annos. Depois de 1684 publicaram-lhe os livros. Entre elles a famosa *Carta a um amigo*, que appareceu em 1738. Tomara o nome de frei Antonio da Chagas.

Nesta *Carta*, a velha maneira portugueza das epistolas litterarias entrechadas de versos soporiferos, ha uma quadra que serve de mote a quatro decimas piedosas. A quadra é:

Grande desgraça é nascer,
Porque se segue o peccar,
Depois de peccar, morrer,
Depois de morrer, penar.

Della partiu o fio inspirativo do longinquo cantador no sertão cearense...

Natal, maio, 1932.

Luis da Camara Cascudo.

MARITAIN E DESCARTES

Já assignalámos que nosso patricio R.-A. Corrêa não foi fazer-se editor em França movido apenas pelo desejo dos lucros polpudos. O seu catalogo está a indicar claramente que elle, ao invés de estampar livros grosseiros para o consumo de um grande publico, prefere deter-se nos escriptores componentes daquella nobreza litteraria que um estheta francez classificou orgulhosamente de "aristie". Não é evidentemente um simples cunhador de moeda quem lança, em finas edições, obras de intellectuaes puros e avessos aos reclamos estardalhantes.

Um dos ultimos volumes sahidos da brilhante casa editora é de Jacques Maritain e intitula-se *Le songe de Descartes*. Trabalho de boa substancia erudita, de desenvolta dialectica e de paginas merecedoras de longa e séria meditação.

Maritain, afilhado de Léon Bloy, trouxe á Egreja, convertendo-se, o contingente de um coração ardentissimo, só comparavel aos dos christãos dos velhos tempos, e trouxe-lhe tambem um cerebro de argumentador lucidamente implacavel para com os negadores dos dogmas catholicos. Thomista dos mais vehementes e cultos, vive a prégar a necessidade da integral resurreição dos principios e postulados do Doutor Angelico. Aqui, nesta robusta série de ensaios, quer elle, antes de tudo, purgar a sociedade contemporanea dos máos effeitos do cartesianismo a todo transe. Não nega elle a consideravel importancia da contribuição de Descartes na provincia philosophica. Acha que, já agora, ninguem mais poderá cancellar esse nome na historia do pensamento humano. Mas combate os que lhe acceitam o perigoso systema integralmente. Reconhecendo o potencial de genio do homem que dominou tres seculos com os seus aphorismos e julgando inesgotavel a significação universal do idealista do "cogito", nem por isso encampa o excessivo enthusiasmo, por vezes deturpador, de certos discipulos seus. A proclamar, sem ambages, a fallencia do racionalismo, "gerador de resultados absurdos" quando em opposição á sabedoria interior e ás lições da natureza, Jacques Maritain faz obra de fé religiosa e ao mesmo tempo de alta cultura creadora, constructora.

— Mario Meunier traduziu para o francez os versos de Sappho. Traducção magistral, de um dos maiores humanistas vivos. A mulher estranha, que deslumbrou Platão e foi, em seu sexo, a unica figura hellenica digna de ser opposta a Homero, continúa assim a interessar as creaturas do nosso seculo. Reinach e Carcopino já haviam, aliás, demonstrado que a legenda da Sappho cortezã e do salto de Leucade era de fabricação bastarda e que a poetisa não perde, antes avulta em fervor lyrico e em nobre exaltação creadora, se a despojarmos das flores perversas e dos pendores anormaes com que a compromettera tantos seculos os falsos admiradores e os exegetas inescrupulosos.

O QUARTO DOS SANTOS

Do romance a apparecer: MENINO DE ENGENHO

Nos dias de festa tiravam um panno que cobria o oratorio preto de jacarandá e accendiam as velas dos castiçaes. O quarto dos santos ficava aberto para todo o mundo. Não havia capella no Santa Rosa como nos outros engenhos, talvez porque ficassem pertinho dalli as duas matrizes do Pilar e do São Miguel. E, mesmo, o meu avô não era um devoto. A religião delle não conhecia a penitencia e esquecia alguns dos mandamentos da Igreja. Não ia ás missas, não se confessava, mas em tudo que procurava fazer lá vinha um si-Deus-quizer ou tenho-fé-em-Nossa Senhora. Minha tia Maria cuidava de ensinar a mim e aos moleques as rezas que ainda hoje sei. Meu avô, nunca o vi rezando. Com elle, porém, contavam os padres das duas freguezias nas suas festas e nas suas necessidades. Elle que morria pelas suas mattas, mandara uma vez que os carpinas botassem abaixo a madeira que o padre Severino quizesse para as obras da igreja.

Quando accendiam as velas do quarto dos santos nós iamos olhar as estampas e as imagens. Havia um menino Jesus que era o nosso encanto, um menino bonito com os olhos azues da prima Lili e um sorriso bonzinho na bocca. Trazia numa mão um longo bastão de ouro e na outra a bóla do mundo.

— Si aquella bola caisse o mundo se acabava.

Mas o nosso menino, vestido de manto azul estrellado, trazia por debaixo de suas vestes uma rolinha bicuda de criança. E nós levantavamos o seu manto de quando em vez, espantados que a gente do céo tambem precisasse daquellas cousas.

— Os meninos estão bolindo no santuario.

Vinham brigar com a gente. As estampas das paredes contavam historias de martyres. Um São Sebastião atravessado de settas e com os seu milagres em redor do quadro. O anjo Gabriel com a espada nos peitos de um diabo de azas de morcego. São João com um carneirinho manso. São Severino fardado, estendido num caixão de defunto. Um santo comprido com uma caveira na mão. Os moleques então nos mostravam uma santa mulata com uma criança no braço, uma que tinha no rosto uma marca de ferro em braza.

— Ella era uma escrava, contavam os moleques. E a senhora queimou o rosto della com um garfo quente.

Eu pensava sempre na tia Sinhazinha quando os moleques falavam nesta senhora malvada. Mas o quarto dos santos vivia fechado. Não havia no engenho o gosto diario da oração. Talvez que o exemplo de meu avô, justo e bom como elle era, mas indifferente ás praticas religiosas, arrastasse os seus a esses afrouxamentos da devoção. Pagava-se muita promessa, dava-se muito dinheiro para as festas de Nossa Senhora. Mas nunca vi ninguem do engenho numa mesa de communhão, nem mesmo tia Maria. O povo pobre do eito só se confessava na hora da morte, quando, a revelia delles, mandavam chamar o padre ás carreiras. E no emtanto não tiravam Nosso Senhor da bocca e faziam novenas a proposito de tudo.

A não ser tia Maria, que me ensinava o Padre-Nosso, ninguem ali me falava de catecismo. A religião que eu tinha vinha ainda das minhas conversas com a minha mãe. Eu sabia que Deus fizera o mundo, que havia céo e inferno e que a gente soffria na terra por causa de uma maçã. Os moleques tambem não sabiam mais do que eu. Nas missas de festa, que assistiamos na villa, pouco viamos o padre no altar. Andavamos pelos botequins no capilé ou tirando sorte de papeizinhos enrolados.

Pela semana santa contavam-nos as malvadezas dos judeus com Nosso Senhor, da corôa de espinhos, da lançada no coração, e do sangue que correu da ferida e abriu os olhos de um cego que ficara em baixo da cruz. Na sexta-feira santa só se comia uma vez no engenho. Vinha peixe fresco da cidade e parentes de outros engenhos para jejuar comnosco. O almoço era mais tarde e comia-se muito mais do que nos outros dias. As negras na cozinha falavam do martyrio de Jesus com uma compaixão de dentro da alma e diziam que se o padre na missa do sabbado não achasse a Alleluia o mundo se acabaria de uma vez. Os moradores vinham então pedir o jejum em bando. Davam-lhes bacalhau e farinha. Elles sahiam com a mulher e os filhos rotos, de sacco nas costas, como se estivessem fazendo um numero de Via-Sacra. O dia todo era triste e o trem de ferro não corria na linha. A's vezes vinha ao engenho por este tempo uma velha Totonha, que sabia uma Vida, Paixão e Morte de Jesus Christo em versos e nos deixava com os olhos molhados de lagrimas com a sua narrativa dolorosa.

A velha Sinházinha dizia que a Semana Santa bôa era a do Itambé. O padre Julio beijava os pés dos pobres, fazia procissão de encontro e um sermão de lagrimas que todo o mundo chorava na igreja. As negras ficavam pela cozinha, sentadas, conversando em coxichos sobre o dia. Não se tomava banho de rio para não se ficar nú na frente um do outro. Não se judiava com os animaes. Não se chamava nome a ninguem. Um canario que eu tinha pegado me fizeram soltar. E as nossas conversas avançavam até em corrigenda á vontade de Deus. Nós achavamos que Jesus Christo devia ter liquidado todos os judeus e tomado conta de Jerusalem. Não atinavamos com a grandeza do sacrificio. Queriamos a victoria material sobre os seus algozes.

Abriam por esse tempo o quarto dos santos. O santuario coberto de preto e as estampas viradas todas para a parede. Os santos estavam com vergonha de olhar para o mundo.

Era assim a religião do engenho onde me criei.

José Lins do Rego.

LEIAM:

CIUME

admiravel romance de René-Albert Guzman

Traducção de GASTÃO CRULS
Prefacio de GILBERTO AMADO

PREÇO — 6$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

A secca e o Romance Nordestino

A secca deste anno, de uma quasi inedita intensidade dramatica, está fornecendo material do bom para o romance nordestino.

O tragico espectaculo da immigração sertaneja, com os seus aspectos de epopéa, espera pelo temperamento de escriptor capaz de transformar esse elemento em bloco da desgraça humana em obra de arte. Capaz de fazer dessa harmonia da dôr collectiva a massa para o grande romance "nosso" e ao mesmo tempo universal. Um romance da proporção daquelle extraordinario *Fome* do norueguez de genio que é Knut Hamsun.

Desde o exodo até o choque das decepções em sua adaptação ao littoral, o homem sertanejo é todo um heróe de novella em carne e osso. Um heróe cujo constante contacto comnosco e com a realidade amortece um tanto a capacidade de irradiação emotiva de seu immenso drama.

E' preciso agora ir um pouco mais além das pinturas de Euclydes da Cunha, um homem para quem existiam em primeiro plano os virtuosismos verbaes.

E a contribuição de José Americo de Almeida e Rachel de Queiroz não foi um limite: foi antes um ponto de partida. Marcos é o que são *A Bagaceira* e *O Quinze*, si bem que de uma proporção gigante, donde só se pode partir para uma obra de genio, quasi.

O impressionante de todo esse conjuncto de miserias da secca está no contraste que o quadro urbanista salienta: o seu caracter de "forte antes de tudo", annulla-se em parte no sertanejo, ao contacto do meio estranho. Homem, a que erros ancestraes collocaram humildemente numa posição de escravo da terra, vê-se de repente reduzido á dolorosa funcção da mendicancia, dependendo da caridade publica o seu destino de pária accidental.

O caso mesologico, a adaptação do sertanejo ao ambiente urbano, se faz com tanta força de tragedia como o daquelle desgraçado Mendel Singer, o judeu simples e vulgar de Joseph Roth, atirado ao mais triste destino num recanto agitado da U. S. A.

Sob um ponto de vista sociologico, a immigração actual forçada pela secca tem uma clara utilidade humana: a de pôr o povo da cidade, tão cheio de appetites immundos, de tanta gula financeira, em mais intimo contacto com a miseria do povo do interior, pondo-lhe mais dentro dos olhos os aspectos de dôr e humilhação que se pensava fossem visão deformada de individuos suspeitos. E' uma approximação que servirá para fazer boiar muita angustia recalcada, muita ansia, muito nojo dessa desigualdade social, onde uns recebem destinos felizes e outros apenas desgraças hereditarias.

Vale mais a secca, nesse ponto, como acção experimental de uma época calculando chronometricamente a duração de uma éra social e digamos arithmeticamente a capacidade de sympathia humana de nosso povo.

Só para uma especie de gente não tem a secca o tetrico colorido: a dos patrões. Porque ainda ahi elles têm uma espectativa de lucro. Com a abundancia de braços sem trabalho, podem, sob o titulo de uma benemerencia hypocrita, lançar ás suas officinas mais operarios e pelo salario minimo. Esses braços miseraveis a tudo se sujeitarão servilmente para dar á bocca, uma vez por dia, o gozo desgraçado de um pedaço de pão.

Meio cães, feitos animaes pela bruteza da situação, nossos "chômeurs" conseguem, assim, variar a sua especie de morte: em vez do supplicio lento da fome, se obrigam ao suicidio anonymo do trabalho bruto sem compensações.

Nesse rythmo de desgraças successivas, a que o instincto fatalista da massa inculta ainda mais tinta de epopéa fornece, tem o romancista nordestino o barro mais molle, o elemento mais plastico para a sua grande obra. A questão é não estar elle embebedado com as doçuras do mysticismo, desse sentimento de solidariedade que apenas exige um pequeno dispendio de preces e uma certa intimidade com o poder sobrenatural...

Maceió, 1932.

VALDEMAR CAVALCANTI.

MARCEL BOULENGER

O irmão de Jacques Boulenger era, no momento, um dos raros sobreviventes da velha polidez e galanteria francezas. Mesmo approximando-se dos sessenta annos, não transigia em materia de elegancia, mantendo-se aprumado e erecto como um adolescente.

Amigo intimo de d'Annunzio, que, num bello livro, lhe retratou a figura agil e nervosa e a fronte ampla que tambem comportava os nobres pensamentos, Marcel amava os esportes. Não os esportes esmurrantes ou escoucerantes em que se comprazem os barbaros instruidos de uma época de moedomania aguda. Suas diversões predilectas eram a esgrima, a equitação, a natação não exaggerada. Todas as manhãs fazia exercicios de florete, cuidava de um bando de lebréos ou conduzia o seu alazão por um discreto recanto dos arrabaldes de Paris, fugindo aos sitios poeirentos em que os automoveis fumegavam e ameaçavam os pedestres.

Todo requintado, parecendo mesmo aos desaffectos um "precioso" digno do Hotel de Rambouillet ou um pagem extraviado de Versalhes, só se recreava, como romancista, em evocar o grande seculo francez, e os jogos e enredamentos da psychologia moderna, especialmente no que se prende á vida plebéa, deixavam-no um tanto frio.

Historiador, voltava-se para os feitos e as phrases do duque de Morny, para os detalhes macabros ou burlescos da conspiração de Orsini, para os dias épicos do turf *de Longchamps.*

Tudo nelle (accentúa o seu confrade Vaudoyer) rescendia a um cavalheirismo dos velhos tempos, que outros julgam mofado e irritante. Susceptibilissimo nos contactos intimos, tudo o ulcerava, tudo lhe doia no coração ou nos nervos. Purista extremado, zelador das boas tradições grammaticaes, era capaz de cortar relações com quem lhe desfechasse um solecismo á queima-roupa.

Viajava muito, mas não se dissolveu num cosmopolitismo inferior e jámais perdeu de vista a doçura do horizonte familiar. Admirando immensamente a Italia, especialmente a Italia dannunziana, amou até o fim as bellas e nobres cousas da sua França, lembrando o tempo em que ella era reino e, no dizer de um monarchista, o mais bello de todos os reinos, depois do reino dos céos...

Frédéric Soret esteve em Weimar antes de Eckermann e conversou com o mestre antes de apparecer por lá aquelle que foi apenas o docil calligrapho das opiniões de Goethe. Isso, todavia, não impede que todos leiam, do maior poeta allemão, as *Conversações com Eckermann* e poucos relembrem a prioridade que cabe, no assumpto, a Soret. Mas agora, por occasião do centenario da morte de Goethe, os francezes, penitenciando-se de velha injustiça, dão ao memorialista esquecido o posto de relevo que lhe cabe, publicando-lhe as *Conversações* em edição de luxo e tratando longamente da sua estada nas paragens que o genio de Goethe illuminou para todos os seculos.

Corrigindo a historia de Byzancio

Byzancio foi como uma mulher muito bonita que não quiz sacrificar todas as deliciosas possibilidades, offerecidas pelo destino, ao amor proprio da mediocridade que a rodeava. Ella não amou a todos, e deixou de amar a muitos... A maledicencia profanou-a, e a historia (como senhora feia e cincoentona) passou seculos a crear preconceitos errados e máos, sobre a trajectoria do grande Imperio do Oriente. De ha alguns annos para cá, entretanto, o ruidoso processo byzantino vae sendo revisto.

Os conquistadores turcos, durante quatro seculos, nem sempre deixaram que se contemplassem direito os encantos d'aquella mulher, que teria na sua propria formosura a desculpa de muitos dos seus erros... Na atmosphera hostil creada pelo fanatismo mahometano os esthetas pouco podiam se impregnar do ambiente byzantino e penetrar-lhe a belleza.

Byzancio foi essencialmente feminina e os historiadores maltrataram-n'a como sempre têm maltratado as mulheres. A historia foi escripta para os homens... (Através de um livro didactico qualquer, vem-se a conhecer Agnès Sórel, a "belle Agnès", como uma simples concubina de Carlos VII. Quem fôr a Loches, entretanto, e ler gravado no marmore preto do seu tumulo "*Cigit dame de beauté et de coquetterie*", ficará muito tempo pensativo e tenderá a reconsiderar o que a vulgarização historica diz daquella mulher. Descobre-se, então, uma "belle Agnès" admiravel, a quem a França deve muito pela expulsão dos inglezes na guerra dos cem annos!).

Infelizmente para Byzancio, os historiadores levaram muito tempo antes de visitarem os seus bellos vestigios e lerem no marmore funebre do seu tumulo: "*Ci-git dame de beauté et de coquetterie*". E só hoje estão enaltecendo devidamente os seus grandes valores e redimindo os seus possiveis peccados.

O Occidente vulgarizou a historia byzantina baseado no testemunho daquelles que, partindo para o Oriente nas cruzadas, conviveram com o grande Imperio, ora ambicionando-lhe o poderio, ora esmolando-lhe o apoio. As fundações latinas na Asia Menor foram emprehendimentos arrojados e precarios que Byzancio ou abandonou á desgraça de sua propria sorte ou, se lhes deu amparo, guardou para si o quinhão da victoria. Nada, pois, de extraordinario que o Imperio Byzantino tenha sido detratado pelos historiadores occidentaes.

Actualmente, entretanto, Charles Diehl, do Instituto de França, e Iorga, presidente do Conselho Rumeno, têm se dado com enthusiasmo e talento á reconsideração de certos estudos byzantinos, proseguindo assim a obra regeneradora dos orientalistas, taes como Rambaud, Sehlumberger, etc. E o velho conceito occidental do "Baixo Imperio" vae perdendo aos poucos o seu sentido pejorativo. Byzancio já não é considerada como o vestigio decrepito de Roma, onde um Belisario, um Narses, um Tzimiscès, um Bazilio II ou um Manoel Comnème representavam apenas curtos lampejos de uma luz que já se havia quasi apagado, quando, passada a época de Justiniano o Grande, Byzancio deixou definitivamente de ser uma tardia manifestação grandiosa e massiça do Occidente Romano para se tornar um producto autochtono, subtil e rendilhado, de um Oriente todo de coloridos.

Charles Diehl, numa recente conferencia realizada em Bucarest, pinta-nos a Sociedade Byzantina sob os Comnèmes, no seculo XII. Elle mostra como Constantinopla era então um centro incomparavelmente requintado de cultura e de arte. Embora a "capital do Oriente" já não fosse a cidade unica, "o Paris dos seculos IX, X e XI", ella, no emtanto, só admitte confronto com Veneza. Aliás todo o encanto da cidade das lagunas — os ricos palacios, as ricas indumentarias e o fausto da côrte dos Doges são reflexos puramente byzantinos. O occidente todo começa a sahir da rusticidade monacal da Idade Média por influencia exclusiva de Byzancio, que insinua aos varios povos europeos como embellezar as banalidades da vida quotidiana, e desvenda ás formidaveis corporações de artifices medievaes, as modalidades constructivas que, vindas da Persia ou da Armenia, florescem em Constantinopla ou ahi mesmo se engenham.

Iorga, num dos seus ultimos estudos sobre "os historiadores das cruzadas", mostra como pelo Occidente medieval ecoava o prestigio de Constantinopla. Naquella época, já faltava a Byzancio o grande poderio militar dos tempos aureos, sob os Imperadores armenios da dynastia dita Macedonica. E os cruzados vinham certos disto quando se apresentaram tão arrogantes em frente das muralhas da cidade de "cûpolas de ouro". Todavia, meio atordoados pelo fausto byzantino, todos esses espiritos rebeldes se intimidam ante esplendores nunca vistos, e o proprio duque da Lorena, o altivo Godofredo de Bouillon, ajoelha-se diante do "Imperador glorioso e todo poderoso", para jurar-lhe fidelidade e submissão.

Anna Comnème, que testemunhou a chegada dos cruzados, nos conta, na *Alexiade*, como os "chefes barbaros" ignoravam toda a civilidade e desconheciam os menores detalhes do protocollo da côrte. E são estes chefes que, sentindo-se pequeninos diante da grandeza de um Basileus, abdicam da chefia absoluta dos exercitos de peregrinos e embrenham-se pela Asia Menor a dentro, arvorando, como verdadeiros "mercenarios a serviço do Imperio", as aguias bicephalas dos imperadores Comnème.

Lendo-se Iorga, todo o brilho do Imperio dos Basileus apparece mais puro, e o significado de "Byzantino" deixa de ser deprimente, pois não se póde considerar como traição e falsidade o que hoje chamariamos elogiosamente de bôa diplomacia. E o facto de Byzancio gastar o seu ouro inexgotavel em prodigalidades sem nome — evitando assim muitas vezes o inutil sacrificio dos seus exercitos — não deve implicar em corrupção nem tão pouco em suborno...

MIRAN M. DE BARROS LATIF.

Illustrações, capas de livros:
Paulo Werneck — Tel. 5-2388

Leiam os romances:
A CORTINA VERMELHA
— e —
O ANEL SENSUAL

"Outras Revoluções Virão"

No livro do sr. Mauricio de Medeiros ha duas cousas distinctas: uma grande verdade no titulo e um escriptor que não acredita nella. O observador politico, que se reconhece no autor de *Outras revoluções virão*, analysa a paizagem administrativa do Brasil desde os primeiros governos republicanos, confronta-a com as organizações estrangeiras, critica-a, commenta-a e chega a uma conclusão: "o mal unico, o mal essencial, o mal a curar no Brasil é esse proprio regime presidencial, que a surpreza de 1889 conseguiu implantar na Constituição de 24 de fevereiro".

Vê-se logo que falta ao sr. Mauricio de Medeiros uma visão sociologica mais aguda para penetrar a fundo no caso brasileiro. Eu quero acreditar que não tivesse havido, da parte do autor, nenhuma preoccupação em fazer do seu livro um estudo sério do aspecto social do Brasil. Nem podiamos esperar uma contribuição tão grande de um politico patricio. Mas, um livro atôa que fôsse, deveria estar limpo desse frivolo raciocinio sobre politica passando por cima da ordem economica e social.

Longe andaria o autor attribuindo ao presidencialismo meia porção das torpezas que a revolução outubrista pretendeu extinguir. Chegar a culpal-a do nosso desastre economico, da desmoralização dos nossos homens publicos e de todas as nossas mazellas, é deduzir com demasiada simplicidade. E' mesmo muito simples o sr. Mauricio de Medeiros. Crê no parlamentarismo como um remedio heroico, definitivo; faz fé no suffragio universal e ainda tem esperança nas realizações democraticas do actual regime. Isso, como politico. Como escriptor, *Russia* mostra-o deslizando sobre a paizagem, placido e distrahido como um bom turista, e pisando docemente no novo regime como que receiando atolar-se nelle na passada seguinte.

O caso do Brasil é bem mais complexo do que o pinta o livro do sr. Mauricio de Medeiros com a sua sobriedade psychologica. Para desenvolvermos aqui o assumpto teriamos de nos estender a uma longa série de observações economicas até attingir uma logica politica. Nem mesmo bastaria citar a coincidencia da installação da Republica com a época da passagem da industria manufactureira para a machinofactureira, do primitivismo agricola para a racionalização, da applicação dos utensilios de madeira para a utilização dos apparelhos de ferro e, finalmente, da accumulação feudal dos lucros faceis da servidão para a acção absolutista do capitalismo estrangeiro. Já fomos uma frota respeitavel no tempo que se faziam navios de madeira e a politica nunca interveio no desenvolvimento da navegação a vapor.

Por justamente coincidir o desapparecimento de uma ordem economica com a eliminação de um systema de governo se confundiram os nossos observadores. O desmoronamento de uma economia nas portas do suicidio, que teria fatalmente de succumbir, quer continuassemos monarchia ou republica, foi attribuido á causa mais proxima e mais brilhante. Os phenomenos economicos actuam silenciosamente; o barulho politico suggestiona como espectaculo.

E' bem esta fascinação pela determinante politica que tem tapado os olhos dos economistas burguezes. Vêem e proclamam, elles, a predominancia do elemento politico sobre o factor economico. Tal como a eterna pendenga entre o capital e o trabalho. Sabe-se que o capital decorre do trabalho e que o trabalho não decorre do capital. Sabe-se que a politica decorre da economia e que a economia não póde decorrer da politica. O capital inclue o trabalho da mesma maneira que a politica inclue a economia.

Mussolini cansa-se de affirmar que a economia é forçosamente dominada pela politica. Eu me dispenso de discutir as condições em que foi levado ao poder o Duce para que se reconheça que, na Italia, o governo é um aggregado de forças provisorias que se approximam por instincto de conservação. Lá se estabeleceu um systema administrativo de transição.

Assim como falharia o fascismo em doutrina, o sr. Mussolini falha em conclusões. Aliás ahi ha redundancia, porque Mussolini e fascismo são uma só cousa. Por isso mesmo é que nem o fascismo falha para Mussolini nem Mussolini falha para o fascismo. O regime é uma consequencia de Mussolini. E o sr. Mussolini é um typo creado por elle proprio para a historia do seu povo. O dictador fascista deveria affirmar que, elle mesmo, domina politicamente a economia da Italia. Mas que não transforme suas observações sobre uma experiencia provisoria em idéas geraes. Que a politica domina a economia Mussolini só provará se contiver os dois milhões de desempregados do seu paiz e se conseguir que a sua dictadura sobreviva aos apertos desta crise e de outras peores que virão.

•
• •

Olhando o phenomeno brasileiro assim pela porta dos fundos, o sr. Mauricio de Medeiros não podia acertar. Dahi ser levado em todas as suas observações a um absolutismo critico muito maior que o absolutismo politico que elle condemna: "Quem introduziu a desordem economica no paiz? A que facto se deve attribuir semelhante perturbação? Foi o presidencialismo! E foi o presidencialismo com a errada orientação que o fez encaminhar o paiz para uma politica de industrialização prematura e artificial." (Pg. 153).

Antes de tudo, cumpre notar que o presidencialismo não é um *régime*. E sendo como o parlamentarismo apenas um systema administrativo não póde ser culpado de um modo geral pelos prejuizos economicos que permittiu ou que não pôde evitar. Mas no que o sr. Mauricio de Medeiros insiste é em ser o presidencialismo uma organização pouco democratica e por conseguinte distanciada da *opinião publica* e inacessivel ao *povo*. Nisso elle poderia ter razão se ao mesmo tempo não pretendesse demonstrar que com o parlamentarismo se dá o contrario e se não apontasse como exemplo a nossa monarchia.

A influencia da *opinião publica*, todo mundo o sabe, está em immediata relação com o nivel cultural do povo e com a elevação do seu *standard* de vida. O primitivismo do brasileiro tem forçosamente que nos deixar á margem de qualquer interesse politico. E, quer com parlamentarismo, quer com presidencialismo, o desmembramento politico da nação se dará. Isto é, emquanto o povo não PUDER ou não SOUBER ser politico, dentro do

paiz tem de haver, necessariamente, dois organismos: um organismo politico e uma massa indifferente. A fusão desses dois poderes é que será, ao que se sabe, a Democracia.

Mas o autor de *Outras revoluções* não enxerga bem a democracia e vai por isso confundir opinião publica com a vontade dos chefes politicos e dos latifundarios do Imperio. E assevera que com o parlamentarismo de antes de 89 o *povo* interferia.

E' differente julgar o "caso" de uma nação SENTINDO o que o povo aspira, de observar as necessidades geraes CRITICANDO o que a politica precisa.

Entre o que sente e o que observa parece-me estar a differença de um politico para um idealista.

A simples visão politica das cousas (viria isso do presidencialismo?) que persegue todos os nossos estadistas do Brasil e de fóra, a qual se póde attribuir ás forças occultas do governo (imperialismo, conveniencias pessoaes e partidarias, etc.) deturpa o SENTIMENTO NACIONAL dos homens publicos e exerce uma forte parede ás realizações effectivamente democraticas. Dá-lhes portanto, uma percepção sempre unilateral de tudo.

E' bem desse mal que está contaminado o sr. Mauricio de Medeiros e todos os outros observadores politicos tambem.

* * *

Os abalos da nossa sequencia politica hão de prestar-se ainda a muitas divagações. O que, porém, as diversidades interpretativas provam é que os males não estão na superficie, não andam boiando como se suppõe.

As condições de exito de uma revolução não se fundam nestas antipathias facciosas nem nestas bofetadas que os homens trocam adjectivamente pela imprensa. As causas são bem mais profundas e já se foi o tempo de se ignorar quaes ellas sejam. E por serem profundas, mais profundas do que os politicos pensam, é que ellas permanecem ainda accesas dentro deste povo de estomagos vazios.

Outras revoluções virão, é certo, mas não será pelo parlamentarismo que ellas deixarão de vir.

* * *

O livro do sr. Mauricio de Medeiros é, finalmente, um livro interessante. Tem muitas revelações. Mas devia ser lançado pelo menos vinte annos antes. Principalmente por tel-o editado depois de uma viagem á Russia o sr. Mauricio de Medeiros se torna anachronico, visionario, ingenuo. A situação do parlamentarismo está, depois do presidencialismo, tão desmoralizada no mundo quanto o regime capitalista com suas derivações social-democratas, social-burguezas, fascistas, etc. E, se tem o sr. Mauricio de Medeiros um verdadeiro empenho em encontrar o Brasil, mergulhe pelas necessidades do povo e ao menos comprehenda as suas ansias sociaes, o que já é um meio de se tornar humano e de servir ao mundo.

ALBERTO PASSOS GUIMARÃES.

VARIOS ESCRIPTORES

Rachilde, a matrona que o nicaraguense Ruben Dario, em "gaffe" memoravel, suppunha uma virgem e quiz converter numa especie de Jeanne d'Arc do symbolismo, persiste, mão grado a edade, em pôr no mundo os seus pimpolhos de boa estirpe gauleza. Ainda que o pessoal do "supra-realismo" a tenha apupado num banquete, a velhota não esmorece e é romance após romance, com uma fertilidade de quem não quer ver transportados á litteratura os perigosos conselhos de Malthus.

— No volume *Acrobaties*, Lugné-Poe, actor a quem o Rio de Janeiro é bastante familiar, prosegue em suas recordações e impressões de theatro. Evocação dos tempos difficeis da arte symbolista nas batalhas em presença do grosso publico, scenas burlescas e scenas dolorosas, o applauso das elites e a repulsa dos burguezes rotineiros, dos criticos fakirizados nas falsas tradições de ribalta. Que de sonhadores e tambem de cabotinos desfilam nessas paginas, a que não faltam ironia e piedade, deante dos que venceram, deante dos que fracassaram, sympathicos uns e outros no seu desejo de renovar a dramaturgia da Europa!

— André Maurois não deixará tão cedo de ser um dos homens mais disputados da França. A Inglaterra, a America do Norte requestam-no o mais possivel e agora esse ditoso filho de Israel é até solicitado para fazer conferencias no Cairo.

— De David Herbert Lawrence, que Paul Morand reputa o maior romancista inglez contemporaneo, sáe, em traducção franceza, *Amants et Fils* (*Sons and Lovers*), livro que certos patricios de Anatole France, com o seu amor á sobriedade classica, á concisão voltaireana, não deixarão de achar um tanto extenso, soltando a velha phrase que equivale a uma condemnação macia: *"Il y a des longueurs!"*

— Fromentin, em bella versão ingleza, está adquirindo centenas de admiradores do outro lado do Mancha. Mas em França não falta quem o desanque e Léon Daudet e Vandérem, a proposito da recente commemoração desse pintor e escriptor, não tiveram duvida em incluir o seu *Dominique* entre as falsas obras-primas, ao lado do *Gil Blas*, de Le Sage, e de *Mon Oncle Benjamin*, de Claude Tillier.

— Com um desenho de Véra Willoughby, F. W. Bateson reedita as comedias de Congreve, recolhendo ineditos e alguns poemas injustamente desdenhados em edições anteriores. Fidalgo e arbitro da moda, brilhando por direito de familia, pelo gosto do luxo e pela vivacidade dos epigrammas, Congreve obteve sem esforço a protecção dos maguatas londrinos e apoderou-se de logares de remuneração polpuda que soube conservar até a morte. Aos trinta annos de edade abandonou as glorias do paleo, limitando-se á tranquilla colheita dos seus emolumentos de alto funccionario do Reino. Suas peças, longe de ser puritanas, de pretender melhorar o proximo, visavam unicamente ajudar a digestão dos burguezes com algumas chalaças de sal não muito attico e alguns episodios grotescos em que os homens eram caricaturados quasi sem nenhuma ferocidade e sem os dramaticos subentendidos de um Molière ou de um Aristophanes.

"AMERICA"

MONTEIRO LOBATO — *Comp. Editora Nacional* — São Paulo, 1932.

Só póde dar prazer aos leitores de bom gosto a noticia de que o sr. Monteiro Lobato está reingressando plenamente na vida das lettras. Silenciara elle durante a sua longa estada em terras norte-americanas e, retornando ao Brasil, lançou um livro sobre o *Ferro*, sem duvida interessante, mas ainda de caracter um pouco technico, de quem, deslumbrado pelas miragens de ouro de Wall-Street, sonhava com a introducção de mil industrias rendosas em nosso paiz. Agora, porém, com a publicação da *America*, a preexcellencia litteraria supera, no escriptor, qualquer outro merito. A obra, mesmo impressionista, mesmo filiando-se a um genero que facilmente resvala para a producção inferior, é boa litteratura, é em tudo digna da velha litteratura do sr. Lobato, muito fazendo auspiciar da "rentrée" do notavel prosador das *Cidades Mortas*. As considerações de mister Slang sobre a paizagem tropical, os saborosos detalhes sobre cachorros, a descripção das riquissimas bibliothecas de lá, os pormenores em torno aos artistas de cinema, as discretas ironias a proposito da dominação feminina em paragens *yankees*, ou a proposito do conflicto entre o puritanismo e o modernismo a todo transe, fazem-se percorrer com o mesmo gosto regalado com que foram percorridas os trechos do Lobato chronista dos melhores dias, do Lobato da *Onda Verde* e das *Idéas de Jeca-Tatú*.

Os Parnasianos do Cinema

Quando, nos meus antigos passeios ao Rio, via passar na Avenida o secular e ineuravel poeta Alberto de Oliveira, hirto e longo como uma palmeira, em cujo cimo se destacam, como franças espessas, os lyricos e aggressivos bigodes, me vinha a invencivel impressão de que era o fantasma do parnasianismo que por alli arrastava a sua grotesca solennidade.

Nas viagens mais recentes, encontrei ainda o bardo imperturbavel, atravessando com os seus lentos passos lithurgicos a avenida moderna, na estridencia da sua vida vertiginosa. O contraste entre aquelle evadido das alturas serenas do Olympo e a cidade tumultuosa e vulgar ainda me encanta a sensibilidade, sempre enamorada dos paradoxos saborosos. Mas, não vi mais no tragicomico rhapsodo do fraque cinzento, que consegue ser em pessôa mais passadista ainda do que nos versos, o espectro do parnasianismo. E isso porque não creio mais que o parnasianismo seja uma sombra. Pelo contrario, estou convencido de que ainda é uma poderosa realidade artistica.

Com effeito, o ideal da arte pela arte, que ha tanto tempo deixou a litteratura, encontrou na téla animada um novo elemento de preservação. Alberto de Oliveira póde ser o ultimo parnasiano da poesia, mas já existem milhares de parnasianos do cinema. Lecomte de Lisle resurge na surprehendente encarnação de "fan" de Hollywood.

E' realmente impressionante a modificação de pontos de vista que se operou na critica cinematographica. No periodo romantico do cinema, tal como aconteceu na phase romantica da litteratura, todo o interesse se concentrava no conflicto humano apresentado. Não se cogitava da "fórma", mas do sentido do espectaculo cinematographico. O cinema, com um seculo de atrazo sobre a litteratura, reeditava agora as mesmas historias de amor e de ambição, de aventura e de gloria, que estão nos romances de Dumas e nas novellas de George Sand. A semelhança era perfeita até na feição simplista dos caracteres humanos, com os seus heroes convencionaes, as suas ingenuas, os seus cynicos, as suas "vampiros". De vez em quando, por esse oceano de romantismo cinematographico, passava a corrente energica de uma grande intelligencia realista e Carlito surge em Hollywood na mesma fórma por que Balzac surgiu em Paris.

Veiu, finalmente, a reacção parnasiana. Os sonetos de Heredia traduzem-se em pellículas de technica perfeita. A "fórma" passa a predominar... O principio da arte pela arte, da esthetica pura, sem finalidades humanas ou sociaes, firma-se entre os grandes directores...

E é interessante notar como esse movimento se reflecte na sensibilidade do "fan". Ainda hontem, alguem me dizia de um filme tocante pela sua verdade sentimental, pelo seu poder de suggestão emotiva, que não valia nada porque lhe faltava a "technica". O homem fôra ao cinema descobrir a fórma perfeita. Não seguiu o curso da historia. Estudou apenas os effeitos da photographia, os angulos caprichosos apanhados pela objectiva, a exactidão rigorosa do ambiente, a fria e calculada disposição das scenas.

Fiquei surprehendido. E esse exemplo me fez recordar observações já quasi esquecidas de outros companheiros. Comprehendi, então, que uma verdadeira revolução artistica se processara em torno de mim, sem que o percebesse. E puz-me a registrar as expressões dessa nova consciencia critica. Os seus indicios me alarmaram. O cinema entrou na sua phase peior, no periodo do preciosismo expressional, da superstição da "fórma". O mesmo espirito que levava os poetas a buscar, em vez de intensas sensações da vida, o arranjo torturado das rimas ricas, dirige agora a producção cinematographica. E do mesmo modo por que ha trinta annos, se desprezava a espontaneidade emocional de Castro Alves pelos alexandrinos limados do marmoreo Alberto de Oliveira, os "fans" da hora presente tendem a desdenhar o interesse humano do cinema pelos preconceitos novos da "technica".

Lubisch, Raoul Walsh, Cecil de Mille passam a ser caricaturas arrepiantes de Coelho Netto. O Parnaso instituiu succursaes em Hollywood. Os ultimos hellenos, que nem na Academia Brasileira podem ficar, estão se mudando agora para os estudios da "Metro" e da "Paramount". O passadismo não poderia exercer maior vingança do que tomando de assalto a arte mais nova do seculo.

GENOLINO AMADO.

VERSO E PROSA

Sáem em edição de luxo os poemas de Marceline Desbordes-Valmore. Sappho castissima, com os seus arrulhos e queixumes de pomba apunhalada, essa mulher admiravel interessa, ainda e sempre, centenas de devotos de uma capella em que não ha charlatanice nem simonia. Exaltada por Victor Hugo, o genial avarento que, de resto, nunca lhe procurou mitigar a pobreza, Marceline mediu-se com Lamartine na força dos vôos elegiacos. Sainte-Beuve, que se apaixonou por uma filha da Musa, a formosa Ondina, e esteve prestes a desposal-a, amordaçou a ironia para estudar a creatura incomparavel, cujos amores com o mysterioso Olivier, que alguns suppõem ter sido o caolho Latouche, enriqueceram a lyrica franceza das suas inspirações mais puras. A mulher que tantas vezes rimou "pleurs" e "fleurs" é por assim dizer a mãe espiritual de Verlaine. Rodenbach recitava-lhe as estrophes no "grenier" Goncourt. Robert de Montesquiou não a declamava senão em salas forradas de velludos mordorados e Lucien Descaves, um dos seus ultimos biographos, só a chama enternecidamente de Nossa Senhora das Lagrimas.

— Vêm de ser publicados os tomos nono e decimo da *Correspondance* de Louis Veuillot. Confidencias, gritos de enthusiasmo ou de rancor, louvores á Egreja, deslouvores aos máos christãos, aos religiosos timidos, aos cultores de um catholicismo mediocre. O jornalista combativo, o feroz contendor de politicos e argentarios, o filho de um humilde tanoeiro, aquelle que, segundo elle proprio dizia, espalhava o Evangelho de cacete em punho, resurge nessas confissões intrepidas, que lhe sahiam, no primeiro impulso da emoção, de uma penna avessa a mentir. Com a face vitriolada pela variola e os seus ares de pastor de almas que por vezes não reluctava em metter o cajado nas ovelhas rebeldes, Veuillot foi uma das creaturas mais typicas e uma das almas mais altas do seculo XIX. Foi o precursor de Léon Bloy, mas é curioso como este o haja esbordoado com tanta furia numa das sua collectaneas de "empreiteiro de demolições".

A. G.

MAETERLINCK E A ARGYRONETA

L'ARAIGNÉE DE VERRE, de MAURICE MAETERLINCK. — *Fasquelle* — Paris, 1932.

Vivendo sobre uma terra que ainda não terminou a sua evolução, estamos sujeitos a toda sorte de imprevistos. Uma mudança qualquer na superficie de nosso planeta nos obrigará talvez a buscar um refugio dentro das aguas e a procurarmos ahi os meios de subsistencia e a melhor commodidade possivel.

Essa possibilidade de tragedia imaginada ultimamente por Maeterlinck não toma o aspecto de uma derrocada irremediavel. Pelo contrario. Si tal coisa acontecer estaremos promptos e quasi tranquillos, dependendo tudo apenas de um leve esforço de precaução. Resta-nos por emquanto, deante de uma eventualidade tão tragica, juxtapôr á nossa força instinctiva de manutenção da vida os processos usados pela Argyroneta. Resta-nos imitar uma aranha.

Pouco importa a Maeterlinck que se trate dum arachnideo, dum insecto ou dum mammifero, ou mesmo dum crystal. Elle possue a propriedade miraculosa de descobrir vestigios de almas, almas mesmo, nas coisas que para nós são as mais despidas de nervos. A sua obsessão de viver entre affectividades attinge até a propria aranha. O que distinguiamos de mais interessante nos arachnideos era a capacidade que possuem as teias na ornamentação dos recantos abandonados. Fóra dessa virtude scenographica, dessa architectura diaphana, não lhes presentiamos nenhuma outra utilidade...

Tal falta de sympathia não impede, entretanto, que as aranhas nos sirvam de exemplo. Graças a Maeterlinck, teremos que as considerar como sêres privilegiados, capazes de revelar-nos muita cousa do seu interiorismo fragil porém vibratilissimo. Doravante ellas merecerão o titulo sabio de orientadoras para nós, de padrões para a nossa conducta.

A Argyroneta manifesta desejos, ardencias, queixumes, todo um fundo emocional subtilissimo que estavamos habituados a encontrar somente em nós mesmos. Ha uma verdadeira estructura espiritual, cujo sentido se exterioriza para as outras argyronetas e para a perceptibilidade de Maeterlinck, como uma perfeita linguagem.

Não sabemos com certeza o motivo que levou o escriptor belga a destacar a Argyroneta, de preferencia a outras aranhas mais familiares e consequentemente mais interessantes para nós. Em lugar de uma das nossas companheiras de tecto, elle passou annos e annos debruçado sobre a susceptibilidade de um arachnideo vivendo em meio aquatico. E' que Maeterlinck procura sentir a alma precisamente dos animaes menos revelados, tendendo mesmo, ás vezes, para o exaggero: *les mineraux même sont moins loin de nous que les insectes*.

(Bem symptomatica como pesquisa de almas foi aquella visão do passado que elle evocou ao percorrer o Egypto, onde tudo o que avistava era inexpressivo, nada valendo para elle as ruinas, feissimas e grotescas.)

Raramente deparamos com uma qualidade tão receptiva quanto esta de captar sentimentos humanos no que permanece fóra de nós. E notamos uma emanação de affectividade, ou melhor, um transbordamento de vida interior, que parte do proprio Maeterlinck e a sua intelligencia distribue generosamente pelos corpos vazios de alma humana.

E o que é notavel nesse transvasamento de interioridade é que se trata de um homem em plena velhice, que em vez de esterilizar-se em sentimentos de egoismo, se sente ainda capaz de distribuir a sua curiosidade entre os mais humildes animalejos.

EVALDO COUTINHO.

Leiam:
CIUME
admiravel romance de
RENÉ-ALBERT GUZMAN

A PROPOSITO DE UM LIVRO

ALCIDES GENTIL — AS IDÉAS DE ALBERTO TORRES — *Editora Nacional* — S. Paulo, 1932.

Publicando a synthese completa das idéas de Alberto Torres, o sr. Alcides Gentil prestou apreciavel serviço ás novas gerações brasileiras. Mais: realizou uma tarefa de certo alcance nacional. Complexa e profunda, pouco, e, as mais das vezes, imperfeitamente conhecida, a obra do estadista fluminense estava mesmo a exigir o complemento de um resumo, de leitura mais accessivel á nossa intelligencia média, como esse que acaba de fazer o sociologo paraense.

Somos, já se disse, um paiz onde se lê pouco, e, mesmo assim, mal. Apenas uma restricta minoria, aqui, tem a nobreza de perlustrar o autor, conservando-lhe, puro, o pensamento. E aquillo que, não ha muito, Julien Benda attribuia á *politique d'abord, politique toujours, politique uniquement*, isto é, o direito de romper as leis do espirito, já se constituiu um simples logar commum da nossa vida intellectual.

O volume devido ao louvavel esforço do sr. Alcides Gentil, veiu, aliás em tempo, salvar o pensamento de Alberto Torres das inevitaveis deturpações a que, certamente, o haveria de sujeitar a nossa malandragem mental, *snob* e dogmatica. E' um dos seus dois maiores meritos. O outro, a sua opportunidade, como o sr. Oliveira Vianna teve occasião de observar no prefacio.

Depois das grandes lições do Soffrimento, os povos começam a pensar mais em si mesmos. Com o Brasil, hoje, é um pouco assim. Boquiabrimos deante de tudo quanto não nos pertencia. Em politica, sahimos do parlamentarismo inglez para cahir, servilmente, no individualismo frenetico da cartilha democratica norte-americana. Litterariamente, voltámos os olhos para a França, cansados do jugo espiritual portuguez, por isso que o Homem barbaro teimava em não comprehender a Terra, como elle, barbara.

Ironizamos a alma brasileira. Escarnecemos dos nossos costumes, que um cosmopolitismo dissolvente anniquilava. Eramos tudo: "latinos no Mediterraneo, germanicos no Baltico, pragmaticos na Broadway", como um critico affirmou, depois. Mas talvez nem fossemos, ainda, senão por "pose" intellectual forçada, "contemplativos na *jungle*..."

Endeusámos Comte, para quem podem, coherentemente, reivindicar as glorias de fundador da republica. Quizemos violentar — e fomos a tanto! — as tendencias da alma profundamente religiosa do nosso povo. E, sob o peso de tantas loucuras, a patria, que caminhava para o cáhos de todos os imprevistos...

Foi preciso que Alberto Torres viesse falar aos homens de bôa vontade. A principio, a sua palavra, serena e prophetica, logrou diminuta repercussão. Pouca gente poude sentir-lhe a verdade, e, pouca, comprehendel-a. Hoje, todavia, operou-se o milagre esperado; com as inevitaveis restricções, ella interessa, de maneira notavel, as elites, e orienta os moços brasileiros. E' a palavra de combate do nosso Nacionalismo. Dessa Angustia que sentem as intelligencias sadias do paiz em integrar o Brasil no rythmo complexo das suas realidades. Em fazel-o uno, viril, distincto e humano.

Dahi, a opportunidade da synthese que o sr. Alcides Gentil elaborou, com invulgar escrupulo, diga-se de passagem. Irão lêl-a, para seguir-lhe os bons ensinamentos — e são quasi todos! — aquellas consciencias ainda não anesthesiadas pelos democratismos theoricos. Percorrerá as suas paginas quem ainda crê no Brasil. E cerra fileira ao lado dos moços que, em São Paulo, fundaram a *Sociedade de Estudos Politicos*, que dirige Plinio Salgado, "a revelação sociologica do anno", na feliz phrase do sr. Tristão de Athayde.

*
**

Ha, hoje, para nossa felicidade, uma batalha terrivel de idéas, que empolga a todos os espiritos brasileiros. Assistimos mesmo, como já se escreveu, a um adeus tragico, a uma dramatica despedida de mentalidade. O Brasil se ergue, e, conduzido pelos ideaes generosos da sua Consciencia nacionalista, caminha para a fatal realização dos seus designios. E, agora, como sempre, S. Paulo se põe á frente do movimento, que se alastra, ininterrupto, pela imprensa, pela tribuna, na escola e em cada lar bandeirante. E' uma civilização que acórda; um novo sentido de Vida que se impõe. E' o reflexo desse violento anseio de affirmação nacional, de hoje. E de que as idéas de Alberto Torres — elle que, milagrosamente, sabia vêr o Brasil com olhos de brasileiro, — são a mais pura origem.

Affirmei ter o autor da obra que motiva estes ligeiros commentarios realizado tarefa de alcance nacional. Não exaggéro. Diffundir o pensamento do estadista fluminense é trazer, a cada espirito e a cada coração brasileiros, uma palavra de fé e de conforto. Conforto, porque tem a virtude de communicar a confiança nos incomprehendidos destinos da Patria, que, mão grado tudo e todos, ainda é digna de si mesma e será um dia — praza aos numes brasileiros que seja logo! — aquillo que, infelizmente, ainda não poude ser: a patria brasileira...

OSMAR PIMENTEL.

NOTAS MUSICAES

A grande série de concertos no mez de Junho foi brilhantemente iniciada com a apresentação do maravilhoso Quartetto de Londres.

Difficilmente poder-se-á reunir quatro artistas que, possuindo como não póde deixar de ser, sensibilidades differentes, consigam, num dominio extraordinario de temperamentos, uma fusão tão absoluta. A individualidade, nelles, desapparece e trabalham, esmeram-se visando unicamente a perfeição do conjuncto. Nos seus concertos, primores de execução, Mozart, Haydn, Ravel e Debussy são interpretados no mais puro estylo.

O successo obtido foi immenso e o publico, numa alta comprehensão artistica, encheu os seus recitaes, applaudindo e ovacionando-os com sincero enthusiasmo.

* * *

Ignaz Friedmann o famoso pianista novamente nos visita. O notavel virtuose classificado no mundo, entre os quatro maiores mestres do teclado, é bem digno deste prestigio. Dotado de um brilho prodigioso e de uma technica insuperavel, transforma, pelo perfeito jogo dos pedaes, o piano em orgão quando executa a *Chaconne* de Bach-Busoni, sonora e majestosa. Em seguida, sob os seus dedos magicos, o *Carnaval* de Schumann brilha, espirituoso, leve, cheio de poesia e de belleza. Os estudos de Chopin não encontrarão talvez, igual interprete. O extraordinario artista tem recebido, do publico que frequenta os seus concertos, os applausos que merece.

* * *

Para os cultores da bôa musica, trouxe o telegrapho uma informação desoladora. Foi dissolvida, por falta de publico, a Philarmonica de Nova York que contava 41 annos de existencia. Custa-se a acreditar em tal noticia.

A Philarmonica de Nova York, era sem duvida uma das maiores organizações musicaes da actualidade. A perfeição de suas execuções, dirigidas sempre pelos maestros mais notaveis e conhecidas no munto inteiro, atravez dos discos phonographicos, foram sempre ouvidas com admiração e respeito.

Nos Estados Unidos, um auditorio numeroso e sincero prestigiava com a sua presença os seus concertos maravilhosos. Porque, então, agora, este abandono do publico?

Bem sei que se allegará, como motivo unico, a crise, senhora de costas largas e responsavel por tantas cousas feias e desagradaveis. Acredito, entretanto, que outras sejam as causas que motivam o afastamento de ouvintes aos concertos da notavel Philarmonica. A agitação diaria na lueta pela vida e o movimento incessante da civilização actual, reflectem-se no homem, modificando-lhe insensivelmente os nervos, o temperamento, o gosto e tirando-lhe a paciencia para, n'uma sala de concertos, ouvir em profundo recolhimento uma Symphonia de Beethoven ou um Choral de Cesar Franck. São estes, a meu ver, os factores principaes deste phenomeno.

Os rythmos, ou melhor, a falta de rythmo e os barulhos da musica moderna mais de accôrdo com a vida ambiente, exercem, não ha duvida, uma enorme influencia na geração actual. E, para o homem da época, abarrotado de civilização e que atravessou o dia em intenso dynamismo, é mais facil, como sequencia logica, acabar a noite dansando e pulando um fox-trot, aos sons barulhentos de uma infernal "jazz-band", do' que ouvir immovel, em tranquilla meditação, as paginas soberbas da musica classica. Para provar o que affirmo, lembro que os theatros e os cabarets, ao menos nos Estados Unidos, nunca se fecharam por falta de publico. O facto é lamentavel mas é verdadeiro.

EDGARD CÔRTE REAL.

UM NOVO IMMORTAL

Abel Bonnard, que vem de ser eleito para a Academia Franceza, entrou nas letras triumphantemente, obtendo em 1906 o premio nacional de poesia, instituido por Briand.

Seu volume de estréa, Les Familiers, *era trabalho de relativa originalidade, com algumas cousas bellamente encontradas ou ao menos restauradas com intelligencia. Tratando de um assumpto grato aos gaulezes, desde o tempo dos bestiarios medievaes, cantou de modo pittoresco os bichos, compondo uma galeria zoologica das mais interessantes, a descrever o faisão, o gallo velho, o coelho, os seus habitos, as suas diversões, as suas manhas.*

Evidenciando que nascera para ser premiado, Bonnard embolsou tres annos depois uma polpuda somma da academia que viria a acolhel-o entre os immortaes francezes vinte e tres annos mais tarde.

De resto, a vida sempre lhe correu como sobre rodelas macias. Sem as desgraças dos chamados poetas malditos, dos cultores da Musa tragica, foi desde o berço um mimado da fortuna. Adulto, mereceu a protecção de um millionario meio exbanjador, que o escolheu para seu secretario particular e o tem feito correr mundo num hiate luxuoso, que por signal já ancorou em aguas da nossa bahia.

Assim confortavelmente accommodado no planeta e nada encontrando a repulsar-lhe os pendores de artista, nunca deixou de escrever, e sobre assumptos os mais diversos, com uma plasticidade ou mesmo virtuosidade que os seus criticos não se cansam de assignalar. Traçou um supplemento a certo livro de Stendhal. Fez paradoxal e ironicamente, o elogio da ignorancia. Sobre a amizade e o dinheiro teceu aphorismos engenhosos. Tratou da vida amorosa de Henri Beyle, que, como se vê, é uma das suas obsessões intellectuaes. De São Francisco de Assis disse cousas encantadoras, que os enthusiastas do Poverello e da Umbria collocam entre as mais poeticas da litteratura franciscana. Viajante, fixou as suas impressões transoceanicas num ementario discretamente colorido, como ao reportar-se á China ou ao falar longamente do nosso paiz (Océan et Brésil), expendendo conceitos de poeta e até ás vezes de sociologo a proposito do Rio, de Ouro Preto, de Curytiba e da Bahia.

THOMAS MANN — *EARLY SORROW — Traduzido do allemão por H. T. Lowe — Porter — Martin Secker — London.*

E' o retrato de uma familia da burguezia allemã no periodo da inflação. E' um retrato e, portanto, não tem enredo. Thomas Mann conta a vida dessa familia durante um dia. Pinta os caracteres de cada um, dá uma idéa das suas aspirações, das suas crenças, dos seus sentimentos. Tudo isto com uma elegancia de estylo, uma precisão de detalhes e uma fineza de sentimentos que encantam e fazem desse livro uma obra prima, verdadeiro poema em prosa.

VICKI BAUM — *GRAND HOTEL — Traduzido do allemão por Basil Creighton —Doubleday, Doran & Company, Inc. — New-York,* 1931.

Grande Hotel, como um transatlantico, é um mundo em si. São quatro dias da vida de diversos entes que se cruzam, que se encontram ás vezes. Quatro dias de incidentes, de accidentes, de drama. Uma phrase estupenda: "a vida não vale pelo seu comprimento e sim pelo que ella encerra." Personagens humanos, cada qual symbolizando uma maneira de ser, um modo de viver. Em uns, fé. Em outros, descrença. Nestes, esperança. Naquelles, resignação ou revolta. São phrases de vida, trechos e quadros, dispersos, encruzilhados, e no entanto dando uma significação final. E' cinematographico. E' vivido. E' real. Como a propria vida, é feito de retalhos, de periodos não acabados e de capitulos inteiros; de notas isoladas, de accordes e de discordes. E' muita cousa e não é nada, porque continúa sempre.

JACK SAMPAIO.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

René-Albert Guzman — CIUME — Ariel, Editora Ltda. — Rio, 1932.

Pereira de Assumpção — CANTIGAS — Recife, 1932.

REVISTA DE CULTURA — Anno VI — N. 65 — Maio, 1932.

Monteiro Lobato — AMERICA — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1932.

Menotti del Picchia — A TORMENTA — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.

Coran O. Roland — KISMET — Lenda Arabe — Civilização Brasileira Editora. Rio.

Edgard Wallace — O VINGADOR — Comp. Editora Nacional.

Rafael Sabatini — SCARAMOUCHE, FAZEDOR DE REIS — Comp. Edit. Nacional. S. Paulo.

Arthur Conan Doyle — A CIDADE SUBMARINA — Companhia Editora Nacional, S. Paulo.

Baroneza Orczy — ROSAMARIA — Comp. Editora.

Paul Geraldy — EU E VOCÊ — Comp. Edit. Nacional.

J. Alcides de Avellar — MANIFESTO EDUCACIONISTA — Oliveira Costa & Cia. Bello Horizonte.

Jacques Maritain — *LE SONGE DE DESCARTES — Éditions R.-A. Corrêa.* 1932.

VICTORIA-RÉGIA — Anno I, N. 4, Manáos.

Kurt Klâber — PASSAGEIROS DE 3ª — 2ª edição — Editorial "Pax" — S. Paulo.

I. Worski-Riera — O DESPERTAR DA ASIA — (1º vol.) — Editorial "Pax" — S. Paulo.

Stanislas André Steeman — *LE MANNEQUIM ASSASSINE' — Librairie des Champs-Élysées* — Paris.

Steeman — *LE DOIGT VOLE' — Librairie des Champs-Élysées* — Paris.

Sintair et Steeman — *LE TREIZIÈME COUP DE MINUIT — Librairie des Champs-Élysées* — Paris.

Leonidio Ribeiro — A IDENTIFICAÇÃO NO RIO DE JANEIRO — Imprensa Nacional — Rio, 1932.

Benedicto Costa — A CONQUISTA DE HELENA — Edições Pongetti — Rio, 1932.

VIDA LITTERARIA

André Savignon, que já obteve o premio Goncourt com as *Filles de la pluie*, é um enthusiasta das cousas do mar. Poucos entendem e descrevem como elle as scenas da vida bretã. Agora, consagra o bello narrador um substancioso estudo a *Saint-Malo, nid de corsaires*, onde são fixados os tempos aventurosos dos flibusteiros audazes.

— Rosny Jeune, desligando-se de Rosny Ainé e entrando a trabalhar sózinho, publicou varios romances de caracter cosmopolita e em que os detalhes de lubricidade senil não concordam em absoluto com os nobres ideaes de arte elevada de que o escriptor se julga pioneiro. E' uma litteratura de segunda ordem, talvez inferior á do proprio Marcel Prévost e outros cultores de um fescenismo suspeito. Vê-se que o Rosny mais novo não fez bom negocio desfazendo a sociedade com o Rosny mais velho...

— *Belle Rose*, de Renée de Brimont é um volume em que se mesclam notas reaes e notas fantasmaticas. A rigor, não se sabe onde acaba a verdade e onde intervem o sobrenatural. Os espectros, as sombras de antepassados misturam-se com tal facilidade aos gestos e ás attitudes dos vivos que a narração acaba decorrendo numa atmosphera indefinivel, que não deixa de offerecer certos pontos de contacto com os vagos delirios, as entrevisões deliciosamente inquietantes de um Gérard de Nerval.

— Antigamente os nomes de Max e Alex Fischer vinham sempre reunidos em obras burlescas que corriam mundo. Até mesmo quando fizeram critica theatral para um jornal de Paris, os dois não separavam as suas impressões e os conceitos sobre o ultimo drama ou a ultima comedia de effeito lá vinham subscriptos ao mesmo tempo por esses xiphopagos do humorismo. A certa altura, porém (teria morrido o Alex?), Max desandou a apparecer isolado nas capas dos livros. Tal num volume de viagem allusivo á Grecia e tal, não ha muito, numa série de novellas intituladas *Anneaux de la chaine*, novellas de indiscutiveis meritos psychologicos e em que, de simples divertidor, o novellista se converte em authentico creador de valores humanos.

AUTORES E LIVROS

Raymond Escholier, que é conservador de um museu consagrado á memoria de Victor Hugo, continúa a publicar artigos e volumes sobre o poeta. Funccionario zeloso esse e bastante interessado em mostrar-se á altura das suas funcções burocraticas. Bom exemplo para o zelador da casa Ruy Barbosa.

— Sobem a centenas os livros consagrados a Hollywood. Pois agora vem de ser accrescentado mais um ao curioso ambiente cinematographico, com suas silhuetas de industriaes e actores, de visionarios e cabotinos, de celebridades que se desfazem com a mesma vertiginosa celeridade com que as fabricam imprensa e publico. O novo trabalho é do escriptor d'Estournelles, não sabemos se parente do pacifista Estournelles de Constant, que tanto se distinguiu nos congressos platonicos de Haya. Descrevendo muito bem o febril recanto norte-americano, com seus genios confeccionados em série, Paul d'Estournelles é sempre attraente, embora devesse ser mais arejado, mais batido de luz, mais desafogado no que diz respeito ás perspectivas psychologicas. O narrador é talentoso, mas as almas são demasiado fugitivas e as scenas atropelam-se um tanto, como em certos filmes mal conduzidos, mal rythmados.

— *Le Rossignol du Japon*, de Maurice Betz, vale mais por alguns esbocetos suggestivos, algumas entrevisões e alguns perfis incabados do que propriamente pela solidez e organicidade do conjunto.

— Não haveria um certo fundo de velhacaria em George Washington, como em Franklin, e a moral do libertador da America não seria, a rigor, a moral commodamente burgueza e mais ou menos elastica do Bom Homem Ricardo? O Catecismo da Utilidade não preoccuparia o grande norte-americano um pouco mais que o Decalogo? E' o que Bernard Fay não occulta num livro desabusado e que apresenta o heróe sob aspectos absolutamente novos.

— Albert Londres, que narrou a evasão do forçado Dieudonné rumo de terras brasileiras, trata agora dos *Comitadjis* balkanicos. Obra de reporter cosmopolita, dado a evocar por vezes detalhes horrendos, mas dando a sua palavra de honra de que tudo é exacto, de que tudo foi visto de perto, colhido nas proprias fontes...

— Hugh Walpole prosegue, no romance *Judith Paris*, uma série de romancista cyclico á moda balzaquiana. Walpole converteu em facto central das suas cogitações a vida de uma familia tradicional da Inglaterra, estudando a cadeia das gerações e provando que, em ultima instancia, estas não passam de simples parcellas de uma addição eterna. Seus heroes, de uma bella tonalidade fidalga, movem-se com desenvoltura num ambiente austero que a gente se habituara a prezar desde a leitura dos romances de Walter Scott. E, se as paizagens, de lineamentos classicos, recordam as pinturas de Crome e Constable, as bellas figuras femininas são traçadas por um pincel maneiroso de quem houvesse praticado num atelier de Reynolds ou Gainsborough.

— Na collecção das *Grandes ordens monasticas e institutos religiosos*, dirigida por Edouard Schneider, fervoroso admirador de Eleonora Duse e theatrologo de finas intenções symbolicas, vem de apparecer o volume de Geneviève Duhamelet, *Les Petites-Sœurs de l'Assomption*.

— Aloysius Horn estampa *Trader Horn*, livro que já era meio conhecido nosso através de uma interessante fita de cinema e que John Galsworthy tanto exaltou, dizendo que ha muito tempo não lia nada que tão fortemente o empolgasse.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | N. 11 - AGOSTO 1932 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

Trancinhas de interesse publico

VIRIATO Corrêa é um dos mestres do conto no Brasil. Ha tempos, como se tratasse de organizar uma pequena anthologia de contistas nossos em francez, Jean Duriau, Georges Raeders e eu fomos escolher nas Novellas Asperas *a parte que devia caber a Viriato. Verificamos que Viriato estava na maneira européa e jogava, nesse livro, com elementos sempre interessantes, mas que não feriam a retina curiosa do leitor francez. Já nas* Novellas Doidas *(aliás o seu melhor livro, o seu grande livro) ha contos, passados na atmosphera do sertão, que não só representam a força e o engenho admiraveis do escriptor brasileiro, como revelam ao leitor de fóra uma vida nova, matinal, um pouco barbara. Num desses contos, então, se fixou a escolha dos traductores.*

Ha uns doze annos escrevi sobre as Novellas Doidas *e lembro-me de que, enthusiasta desse livro, os contos sertanejos eram os que menos me prendiam. Foi preciso atravessar o oceano para dar a essa parte da obra de Viriato o valor que ella tem, como documentação de ambiencias locaes.*

Ha dias, indo a uma livraria procurar os Contos do Sertão, *que ainda não conheço (todos nós andamos com peccados desses na consciencia), tive a surpresa de não encontrar mais nenhum exemplar á venda. Esse livro, entretanto, ha de interessar profundamente os traductores europeus.*

Ao contrario de confrades meus que julgam sem importancia a curiosidade de alguns lettrados, em Paris, pela nossa vida espiritual, acho imprescindivel animarmos por todos os modos essa curiosidade.

Nesse sentido, seria util que possuissemos (no Ministerio da Educação ou no das Relações Exteriores) uma organização — a technica administrativa chama a isso: uma secção — destinada somente a irradiar para o estrangeiro a nossa vida mental em livros, revistas e jornaes, devendo tambem servir de ponto de contacto entre os nossos escriptores, lettrados e homens de sciencia, e os de fóra. A proposito, e como detalhe relativo ao assumpto, lembro-me de que o Ministerio da Educação Publica do Mexico publica uma lista de endereços de intellectuaes mexicanos, para distribuição no estrangeiro. Não parece nada á primeira vista: mas já é muito, uma lista de endereços; é um grande ponto de partida para as viagens do espirito.

Entre nós, nada se tentou ainda de official afim de pôr os representantes da nossa vida mental em contacto permanente com os do estrangeiro. Que difficuldade, quando se está lá fóra, para obter livros destinados a mãos amigas, a olhos amigos, que não pedem nada senão materia para descobertas!

Os poucos homens que na Europa, principalmente na França, em Portugal, na Allemanha e na Espanha, desejam conhecer a nossa litteratura, recorrem a alguns raros conhecidos daqui — mas esses, por uma tendencia normal nestes tropicos, pouco respondem a cartas...

Estou certo de que si de Paris eu tivesse pedido a Viriato Corrêa as Novellas Doidas *para a traducção que de alguns contos estão fazendo Jean Duriau e Georges Raeders, elle pensaria todos os dias em mandar-me uma longa carta: mas, seria um projecto de carta tão longa, que o iria deixando para um vago amanhã.*

Sabendo disso é que em vez de pedir o livro a Viriato, solicitei-o a Helio Vianna, que apezar de bacharel em direito e brasileiro, mandou-o immediatamente. A elle devo tambem a remessa, a meu pedido, a Rafael Heliodoro Valle (director de um departamento de Educação no Mexico) de alguns livros de historia, que este desejava: e Helio Vianna enviou alguns volumes de Capistrano de Abreu.

Tudo isso, todo esse obscuro e difficil trabalho, que fica á mercê da eventual generosidade privada, não poderia ser centralizado num organismo official de expansão intellectual?

Aliás, si esse centro fosse creado, era bem capaz de ser entregue não a homens de lettras, mas a inefficientes burocratas, desses que sugam tranquillos a têta das aposentadorias virtuaes.

RIBEIRO COUTO.

Qual o recorde litterario deste anno?

De certo não faltará quem deseje saber qual o livro, apparecido este anno, que bate varios recordes. Em primeiro logar o recorde do tempo que levou a ser escripto: cerca de 300 annos. Em segundo logar o recorde do numero e qualidade dos seus autores, isto é, 40 plumitivos. Finalmente o recorde de venda: 50.000 exemplares no proprio dia em que appareceu nas janellas dos livreiros.

Trata-se da *Grammaire de l'Académie Française*. Com effeito, só neste anno da graça de 1932 dá a Academia Franceza a primeira edição da sua grammatica redigida de conformidade com os arts. 24 e 26 dos seus Estatutos, datados de março e abril de 1634. O art. 24 diz claramente ser a principal funcção da Academia trabalhar cuidadosa e diligentemente para dar regras certas á lingua franceza e *à la rendre pure, eloquente et capable de traiter les arts et les sciences*.

Agora sáe este volumezinho de 238 paginas (excluido o indice) que a gente lê de uma assentada, como eu as li. Está bem visto que não é livro para principiantes. Nelle estão, em synthese bem caracteristica do espirito francez, as regras fundamentaes, ao mesmo tempo elementares e superiores, do idioma, desse idioma que o fallecido Severiano de Rezende, conversando commigo certa vez em Paris, dizia, e com grande razão, ser a terceira lingua classica da humanidade, sendo as outras duas, está visto, o grego e o latim.

Dizem os mais eminentes hellenistas que nenhuma lingua até hoje egualou em belleza ao grego. Para mim, embora nada valha a minha opinião, nenhuma eguala em majestade e imperio ao latim. E póde ao observador superficial parecer que ao francez faltam a harmonia e a doçura do italiano, o espirito de exactidão e synthese do inglez, o impeto quasi sempre dramatico e muitas vezes comico do hespanhol, a capacidade de desdobramento até ao infinito da lingua alleman. E' que as obras de arte classicas, mas verdadeiramente classicas, não entregam logo o seu segredo ao primeiro que apparece. A Venus de Medicis é uma mocinha de corpo bem feito quando a vemos pela primeira vez. Só mais tarde, depois de nos concentrarmos na contemplação do prodigio, é que verificamos que os contornos daquellas fórmas perfeitas, parecendo destacar-se de si mesmos, animam e vivificam todo o ambiente em torno com a sua belleza abstracta, platonica. Semelhantemente, quando estudamos com mais applicação, mais seriedade, a lingua franceza, vamos percebendo que na realidade ella possúe todos os attributos, dons e qualidades dos demais idiomas cultos modernos sem os exaggeros e deficiencias que nelles se encontram.

Embora a Academia Franceza reconheça e proclame ser sua missão defender a integridade da linguagem, diz comtudo no prefacio: "L'Académie Française n'a qualité ni pour la créer (a grammatica) ni pour l'amender. Elle s'est elle-même intitulée "le greffier de l'Usage" mais avec un droit de regard." E' a unica posição que deve e póde tomar uma academia que não fôr composta (como uma do nosso intimo conhecimento) de macacos, macaquinhos, macacoides e macacões de libré mais ou menos esverdeada.

O precioso livrinho (cuja posse devo á inexgottavel munificencia do meu eminente amigo Sr. Dr. Souza Dantas, nosso dignissimo embaixador em Paris, a quem de publico agradeço o valioso presente) contem as rubricas usualmente encontradas em todas as grammaticas bem feitas, isto é, desde a definição de grammatica, sons e signaes até a concordancia dos tempos dos verbos, passando por todas as partes do discurso, tudo feito com rigoroso methodo e sem sombra de pedantismo.

Pois apezar disso já ha quem a critique... Uns acham que ella não é sufficientemente clara — asserção esta que me parece perfeitamente absurda. Outros a acham deficiente, o que se me afigura tambem julgamento apressado, pois, usando com calma e discreção do indice alphabetico appenso ao fim, tudo se póde encontrar para esclarecimento dos ignorantes, entre os quaes bravamente me inclúo, caso não seja com desprezo repellido do gremio pelos srs. membros da Academia de Lettras Brasileiras... Não podendo desaninhar passaro de mais colorida plumagem, proclamam contradicção entre certa regra da *Grammatica* e certa phrase do prefacio. Trata-se do emprego do adverbio *ne* expletivo nas proposições introduzidas pela conjuncção *que*. A regra geral é esta:

"*Ne* s'emploie d'une manière explétive: 1°. — Après les verbes exprimant l'empêchement et la crainte: *Empêchez qu'il ne s'expose inutilement. On craint qu'il n'ait été victime de son imprudence.*"

Depois de enumerada uma excepção a esta regra, vem a segunda, conforme a qual o *ne* expletivo emprega-se sempre depois do verbo *nier* e ás mais das vezes (le plus souvent) depois do verbo *douter*, desde que estes dois verbos venham acompanhados de uma negação. Exemplos dados: *Je ne nierai pas que je n'aie été étonné. Personne ne doute qu'il ne réussisse.* Os grammatiquistas já descobriram que o prefacio da *Grammatica* deroga esta regra quanto ao verbo *douter*. O que allegam como prova é o que se segue: "Depuis le temps de sa fondation, elle (a Academia) n'a jamais varié ni sur l'utilité ni sur l'ordre des travaux où l'obligeait son dessein "de rendre la langue capable de la dernière eloquence." *Elle ne doutait pas que le plus utile fût la* Grammaire, *qui comprend* etc.." Acham esses srs. criticos que a *Grammatica* se contradiz. Mas não se lembram de que ella diz que o *ne* expletivo se emprega *toujours* depois do verbo *nier*, ao passo que depois do verbo *douter* esse adverbio expletivo se emprega *le plus souvent*. Ha ahi, pois, uma nuance a considerar. O expletivo póde ou não apparecer na phrase.

Seja, porém, como fôr, a Academia Franceza prestou á cultura universal excellente serviço dando-nos o seu manualzinho. Eu quizera que se fizesse um assim do nosso idioma. Ahi só vejo um homem capaz de realisal-o: João Ribeiro. Não se metta a nossa impagavel academia de medicos e advogados nesse assumpto. O 1° fasciculo do seu diccionario foi um desastre. Ou talvez seja melhor irmos continuando como estamos, isto é, sem diccionario e sem grammatica. Aprenda cada um por si...

ANTONIO TORRES.

A revolta dos escravos

Usa-se agora na imprensa, nos salões e na propria Academia malsinar a França e a imitação das cousas francezas. Pretende-se com isso preservar a nossa "autonomia de nação", o nosso "typo de civilisação", a nossa "individualidade internacional". E' tempo de chamar essa brava gente, sinão ao respeito de si mesma, pelo menos ao sentimento exacto das distancias: uns poucos seculos de cultura, como polidamente advertia certa parisiense a uma americana confiada.

Esses poucos seculos de cultura representam tamanha somma de riquezas accumuladas no dominio moral e intellectual, uma tão prodigiosa reserva de força, heroismo e disciplina, tanta copia de graças, finuras e perfeições reunidas, que si o mundo viesse a desapparecer, como no tempo de Noé, tragado pelas ondas de um novo diluvio e por milagre de um deus amavel e precavido só se pudesse salvar a França, póde-se dizer que do thesouro commum da humanidade, daquillo que constitue os seus haveres mais preciosos, os seus mais legitimos titulos de nobreza, tudo estaria salvo e nada estaria perdido. De que outro povo, si exceptuarmos a Grecia de Pericles e a Italia da Renascença, se poderia dizer outro tanto?

Note-se que temos vivido a imitar servilmente a França — artes, sciencias, lettras, modas e costumes, até mesmo vicios francezes — a ponto de ser o Brasil hoje em dia uma imagem da França, mas imagem reflectida num espelho deformante, caricata e grotesca. Não se imita impunemente a flor suprema desabrochada da cultura de um grande povo. Não se imita o genio de um povo; não se imita, em summa, o inimitavel.

Poderiamos e deveriamos, sim, imitar as virtudes excellentes graças ás quaes esse povo, na sua lenta e gloriosa ascensão, attingiu os cimos inaccessiveis onde o contemplamos hoje com admiração, e inveja, que não deve excluir o respeito. Essas virtudes, para nomear algumas e as mais essenciaes, foram a coragem, a paciencia e a perseverança; a energia e a moderação; a frugalidade e a diligencia; o culto da honra e da justiça; da elegancia e das boas maneiras; a ordem e a disciplina nas cousas domesticas e nas cousas do espirito e a invencibilidade na boa como na má fortuna. Comecemos por imital-as. Emquanto o não tivermos feito continuaremos a ser, como até aqui, nas lettras, nas sciencias, nas artes, um povo de vis imitadores.

Amaldiçoar as cadeias, sem ter educado musculos capazes de quebrar cadeias, é proprio de escravos. E' a isso que eu chamaria "a revolta dos escravos".

ALBERTO RAMOS.

UM ROMANCISTA DO NORTE

Rodolpho Theophilo, que vem de morrer no Ceará, era um dos veteranos das lettras do Norte.

Austero de costumes, foi o melhor dos amigos. Envelheceu e morreu em seu Estado, quasi sem sentir necessidade dos prazeres e dos rumores do Rio. Christão á antiga, poucos comprehenderam como elle a atmosphera moral da sua região, esse mixto de orgulho e ternura, de ingenuidade e malicia que torna o cearense um dos valores mais significativos do Brasil.

Escriptor de bem maior alma que tantos outros apenas affeitos a explorar o sertanejo num sentido de ostentação litteraria, deixou-nos uma obra que patenteia a mais severa unidade de pensamento. Pensamento de amor á sua terra e á sua gente, e, mão grado toda a bondade desse homem apostolico, pensamento de odio a quantos infelicitassem a sua terra e a sua gente. Profunda compaixão pelos trabalhadores, pelos mujicks sertanejos, pelas humanas bestas de carga, victimas dos máos patrões, da inclemencia do clima, de todas as fatalidades reunidas.

Professor de historia natural, disseminador da vaccina, pela persuasão e sem obrigatoriedade que a tornasse antipathica, Rodolpho Theophilo foi ainda o fabricante de um excellente vinho de cajú.

Mas elle vale, acima de tudo, como romancista. Seus romances são archivos de documentos sobre o homem e o ambiente do Ceará, sobre os dias de fartura e, especialmente, sobre os annos terriveis da fome e das migrações desvairadas. Os flagellos locaes não encontraram nunca quem os examinasse com tanto interesse e tamanha emoção.

Pena é que, nelle, o estylista nem sempre estivesse á altura do observador. Mas, escrevendo bem ou mal, esse nortista de longas barbas e magreza de arabe pensava e sentia sempre bem. E suas paginas inspiradas pelas seccas ficarão em nossa historia litteraria, incluindo-o, de certo modo, entre os robustos romancistas em que a sua região tem sido fertil: os Alencar, os Franklin Tavora e os Domingos Olympio.

RENE' BAZIN

René Bazin desapparece do mundo quasi aos oitenta annos de edade. Advogado e professor de direito numa universidade catholica, foi, acima de tudo, como ficcionista que elle se impôz, chegando á Revue des Deux Mondes *e á Academia Franceza. Romancista de costumes seculares, campestres ou citadinos, exprimiu, com ternura pudica, a fidelidade de certas zonas, de certas familias, ás tradições religiosas ou patrioticas. Escreveu tambem sobre viagens e a proposito da Italia legou-nos tres volumes de impressões muito argutas, muito finas. Todavia, a maior parte dos leitores corria para os seus romances, especialmente para* Donatienne, *retrato de uns bretões de raça antiga, e* Les Oberlé, *historia de um grupo de alsacianos que reluctа em submetter-se á dominação allemã. Cumpre accentuar que o seu catholicismo era dos mais orthodoxos e em nenhum dos livros se lhe encontrou jámais uma dessas paginas audaciosas que tornam os geniaes d'Aurevilly e Léon Bloy suspeitos a tantos subditos da Egreja.*

OLYMPIO GUILHERME — HOLLYWOOD — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932.

Ignoramos quaes possam ser os meritos do sr. Olympio Guilherme como artista cinematographico. Mas, se não conseguiu elle fixar-se no ambiente de Hollywood, o certo é que trouxe de lá uma narração das mais interessantes e, se não venceu como actor, ao menos poderá vir a crear, em breve tempo, um invejavel renome de romancista. A introducção do livro, referente aos retratistas ambulantes dos jardins da Luz, em S. Paulo, é de uma leveza, de uma graça, de uma ironia deliciosas, e o romance em si, mão grado algumas minucias dispensaveis e o desfecho um tanto lento, parte de um observador de caracteres que soube ver claro num dos meios mais complicados que existem presentemente no planeta: essa fabrica de glorias artisticas mais ou menos precarias que é o rumoroso recanto norte-americano.

"Le Désarmément Moral"

Julien Luchaire — Librairie Valois — Paris, 1932.

Ha alguns annos para cá, muitos observadores dos phenomenos sociaes e das grandes questões internacionaes estudam esse problema grave e profundo: desarmar os espiritos, destruir nas consciencias essa instinctiva má vontade contra o estrangeiro, combater todo esse conjuncto de preconceitos ou de idéas que levam as populações, ou pelo menos certos povos, a considerarem outros como os seus inimigos naturaes e praticamente irreconciliaveis. As grandes iniciativas para a reducção dos armamentos e effectivos militares esbarram quasi sempre contra esse obstaculo até agora inamovivel: pouco adeanta limitar as armas, se a mentalidade geral não se altera, se no intimo da consciencia collectiva permanecem os germens da desconfiança, e se se entretem essa attitude sempre prompta a acolher idéas de hostilidade.

As guerras modernas caracterizam-se pela total mobilização das populações. Todas as classes collaboram mais ou menos directamente nas actividades da defesa nacional. Evidentemente, um tão complexo movimento só pode ser desenvolvido, se as populações se acham preparadas para isso. Os armamentos, os meios concretos de acção, não poderão ser postos em movimento, sem que para isso concorra a vontade collectiva. Uma nação armada só póde existir quando o espirito d'essa nação se acha armado e preparado para a luta.

Quaes as razões de existencia d'essa mentalidade? Até que ponto pode ella ser influenciada ou modificada? Quaes as linhas de conducta a adoptar para obter por fim aquillo que se convencionou chamar o desarmamento moral?

A questão do desarmamento moral impõz-se por si propria. Theoricamente seria facil resolvel-a. Entretanto no terreno das realidades, ella nos apparece eivada de difficuldades. E' um problema de psychologia collectiva, trata-se até certo ponto de modificar um modo de pensar, que se mostra profundamente enraizado.

Julien Luchaire estuda em seu pequeno livro os principaes aspectos da campanha a realizar para obter o fim almejado. O valor d'essa leitura está em grande parte no seu caracter suggestivo. Cento e oitenta e sete paginas não poderiam exgottar o assumpto. E no tratal-o mais minuciosamente, o auctor se arriscaria a cahir frequentemente no logar commum. Mas, por vezes, são os logares communs que representam verdades esquecidas á força de repetidas. Querendo constantemente fugir ás verdades elementares e geraes, por consideral-as conhecidas demais, arriscamo-nos a deixal-as na sombra; ellas perdem de sua força e de seu poder. Em acção social ou politica não se deve temer a banalidade. Ella se impõe e torna-se preciso ter a coragem de tratal-a com respeito, esquecendo a vaidade, deixando de lado o desejo de brilhar.

Luchaire acredita que, por um trabalho de grande envergadura, por uma propaganda feita em grande estylo, tratando de esclarecer os aspectos moraes da questão, empenhando n'essa campanha os incomparaveis recursos de publicidade e de acção sobre os espiritos de que se póde dispôr na época actual, muito se conseguirá. Trata-se, no fundo, de instruir as massas, de refazer uma educação viciada. A reeducação deverá começar pelas escolas, visando a formação de gerações novas capazes de sentirem e raciocinarem de modo differente, e, ao lado d'isso, de transformar tanto quanto possivel a mentalidade actual das gerações já formadas. Essa obra de reeducação não pode ser limitada a um unico paiz. O desarmamento moral será uma obra internacional, representará a resultante de uma acção combinada e dirigida por certos espiritos, existentes em todos os paizes, e que por sua largueza de vistas e serenidade, podem se collocar acima das paixões nacionalistas. Ha necessidade, na campanha de desarmamento, de utilizar um plano consciente e preestabelecido. E' preciso que se empregue uma technica efficiente e bem estudada. O problema carece de cultivo e de amadurecimento. As condições actuaes não são totalmente infensas ao inicio de execução do plano. A Humanidade tem soffrido demasiado e instinctivamente certos grupos procuram se organizar em moldes mais amplos.

Ao lado, entretanto, da acção espiritual das intelligencias puras, o papel dos Estados, principalmente dos grandes Estados, mostra-se preponderante. A elles caberia a iniciativa do movimento.

Não seria conveniente, n'esta simples noticia, qualquer estudo critico. Não nos seria possivel desenvolver objecções sobre taes ou taes pontos das theses defendidas por Luchaire. O problema do desarmamento moral, uma vez assignalado e admittido ao estudo, uma vez passando a ser objecto de meditação, impõe-se-nos em toda sua incomparavel magestade. Podemos limitar-nos, por emquanto, a consideral-o em blóco, e já seria um enorme passo se se conseguisse que cada homem tivesse ao menos a consciencia clara de sua existencia, e a elle dedicasse alguns momentos de reflexão. E o livro de Luchaire fornece preciosos elementos para esse fim.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

AUTORES E LIVROS

A's portas de uma velhice difficil, o pobre Camille Mauclair está sendo obrigado, para viver, a metter-se em alguns trabalhos de carregação. Mas nem por isso desce elle muito na hierarchia das lettras e, mesmo em escriptos de caracter apenas divulgador, mantem uma relativa nobreza de idéas e um estylo a que não faltam os necessarios contornos plasticos. Assim num dos seus ultimos volumes, intitulado *La majesté de Rome*, onde, tal qual fizera em volume anterior relativo á Hespanha, procura exaltar, ainda e sempre, o genio latino, suas creações de arte, seu prestigio historico, seus ensinamentos de civilização e civilidade. A Roma pagã e christã, dos cezares e dos papas, dos carros de triumpho e do sangue dos martyres, encontra nelle um historiador apaixonado, dos que sabem resuscitar as sombras augustas e os marmores mutilados.

— Émile Baumann é por assim dizer um especialista em ambientes monasticos, em psychologia clerical. Muito mais profundo que o regionalista Ferdinand Fabre, que não perdeu jámais o seu sotaque de provinciano, Baumann é por vezes rude, aspero, voluntariamente secco e desdenhoso de quaesquer effeitos de ornamentação litteraria. E' antes de tudo um retratista de almas, de almas atormentadas, de creaturas que se sentem impellidas para a vida do clero e hesitam em fazer-se tonsurar. Seus medalhões de santos á moderna são sempre impressionantes, apesar das innumeras deficiencias do escriptor, do artista propriamente dito. Agora, fala-nos elle, com uma compunecção e um fervor de oblato, de *Le Mont Saint-Michel*, onde tanto se assignalaram as tradições catholicas e que elle visitou tres vezes, e com largos intervallos, de modo a poder sempre controlar honradamente as impressões anteriores.

G Y P

O mais longo dos nomes: Sibylle-Gabrielle-Marie-Antoinette de Riqueti de Mirabeau. O mais curto dos pseudonymos: Gyp. Vida tambem longa: morre aos oitenta e dois annos de edade. Longuissima producção: muitas dezenas de volumes, toda uma bibliotheca, segundo accentuava um critico meio tropego que se confessava impossibilitado de acompanhal-a através de tantos e tantos livros.

Quasi sempre em dialogos esses livros, producto de quem, não tendo talvez coragem de affrontar o publico de um modo mais directo, transportava ao romance certos methodos de ribalta. Pouca paizagem e raras digressões psychologicas, sendo que as personagens se encarregam de explicar-se a si proprias e aos demais, quando chegam a explicar-se, tarefa em que raramente perdem tempo... Porque a autora preferia scintillar, rebrilhar, encantar, a ser profunda. Tudo em effervescencia de vinho espumante que nem sempre era champagne.

A condessa de Martel-Joinville era uma especie de memorialista de saias, de Saint-Simon-snobinette, a descrever em quadrinhos graciosos ou em esbocetos mordentes a sociedade aristocratica da Terceira Republica franceza, os residuos de orleanismo e bonapartismo ás voltas com os residuos de Gambetta e Thiers. Quasi tão politica quanto madame Juliette Adam, madame de Loynes e outras donas de salões famosos, metteu-se a condessa a boulangista, toda enthusiasta do militar a cavallo que emocionou longo tempo os parisienses, antes de ir suicidar-se em Bruxellas junto ao tumulo da amante, mostrando não ser um heróe de batalhas e sim um heróe de romança, mais pela florinha azul dos romanticos que pela flor de liz dos monarchicos.

Pertencendo a uma familia de soldados e descendendo do trovejante tribuno que invectivou os tyrannos e escreveu cartas amorosas a Sophia, Gyp estava sempre com o Exercito, contra os paizanos, e achava muito natural que os sabres se embainhassem na pança dos burguezes pagadores de impostos. Teve a religião do képi, como outros a têm da blusa do operario, e ao ver um marechal sentiria os mesmos arrepios voluptuosos de Louise Collet ao ver Hugo e Vigny. Gostava de usar chapéos emplumados, ao menos para imitar assim, em parodia de tempos prosaicos, o aventuroso "panache" dos seus antepassados.

Foi anti-semita feroz, rilhando os dentes quando lhe falavam na innocencia de Dreyfus. Muitas das suas satiras eram contra os argentarios que se mudavam do ghetto para os palacios dos nobres arruinados, e estaria disposta a tomar parte, ao menos como vivandeira, em qualquer guerra santa que applicasse ao povo de Israel o mesmo tratamento que lhe applicaram em outros tempos os egypcios e os philisteus.

No fundo, tudo isso seria pretexto para fazer litteratura, "pour faire de la copie", não se podendo esperar attitudes de Jeanne Hachette de quem era apenas uma divertidora da gente rica e, com as maldades do pequeno Bob, que não cresceia nunca e não sahia nunca das calças curtas, ou com as tiradas sarcasticas do *raisonneur* Folleuil, não visava senão distrahir os leitores numa viagem de trem de ferro ou junto a uma barraca de estação balnearia. As suas guerras eram só de penna e tinteiro e a contendora de judeus ricos, a retratista do barão Sinai, tornava-se bem mais interessante quando, esquecida de estupidos odios de raça, tratava, com philosophia epidermica, das *passionnettes*, das complicações conjugaes, quasi sempre burlescas, das suas personagens, ou se divertia á custa dos fidalgos de provincia ou da matreirice dos camponios que, sob a mascara da ingenuidade, embrulham os pretensos espertalhões da metropole.

Um dos seus melhores typos foi o de "Bijou", a eterna negaceadora do amor, *allumeuse* terrivel, das que excitam rapazes e velhos e ficam depois a divertir-se de longe com os ardores e os furores da victima. Mais engraçado, porém, é quando a fria calculista, a estrategista do amor, encontra um cidadão rude que nada entende de galanteios e vae logo á acção concreta, tornando a zombeteira Denyse mãe de um idiota em que se reflectem todos os estygmas da brutalidade e da estupidez paternas...

E estamos a ver daqui o fino sorriso com que Gyp animaria todos esses fantoches dos dois sexos, sempre vestida de branco, com a mesa florida de um ramo de rosas e trabalhando sempre com todas as janellas abertas, mesmo no outomno, mesmo no inverno...

AGRIPPINO GRIECO.

PEQUENAS NOTAS

De Manuel Galvez, que alguns academicos nossos desejam ver laureado pelo premio Nobel, mesmo em detrimento do fecundissimo sr. Coelho Netto, acaba de sair em francez um romance que, nessa apresentação européa, se intitula *Les Chemins de la Mort*. O trabalho é prefaciado por Benjamin Crémieux, especialista, com Miomandre e Gahisto, em cousas sul-americanas. Os reclamistas do livro falam em riqueza de movimento e côres, em profunda intensidade dramatica, e declaram que o volume, sob a mascara da ficção, faz conhecer como poucos a verdadeira terra argentina.

— Marcel Prévost ainda não se resolveu a acceitar a disponibilidade com que lhe acenam insistentemente os escriptores das gerações mais novas. De monoculo no olho e penna em punho, lá está elle, em Paris, a desovar tranquillamente as suas novellas, ás voltas sempre com as suas semi-virgens e com o seu homem supervirgem. Depois de haver dado tantos conselhos e escripto tantas cartas a Françoise menina, rapariga, noiva, casada e mãe, Prévost que, mão grado dezenas de paginas eroticas, foi tão bem acolhido pelos austeros anciãos da Academia Franceza, lançou, não ha muito, mais um romance, com o suggestivo chamariz de *Marie-des-Angoisses*.

— Multiplicam-se as criticas elogiosas a *Le Chateau des Brouillards*, de Roland Dorgelès, membro da Academia Goncourt. Raras vezes os louvores coincidem de maneira tão expressiva. Prévost elogia-o como romancista do amor, sempre cheio de calorosa ternura nos trechos idyllicos. Cahuet declara que, a pretexto de historiar corações sensiveis, Dorgelès é na realidade o historiador de toda uma geração de espiritos. Larguier affirma que até a ironia irrompe, no joven escriptor, das melhores fontes da sensibilidade. A technica do ficcionista é posta em relevo por Noel Sabord, e André Billy, que não pecca pela frouxidão complacente, assignala que Dorgelès progride de volume para volume.

— Vladimir Kirchon é o dramaturgo do sovietismo, o que melhor encarna as aspirações e tendencias do movimento politico que subverteu todos os valores sociaes do tempo. Os proletarios ouvem-no como á mais autorizada das vozes russas do theatro do momento.

Acaba de apparecer:

GILBERTO AMADO

ESPIRITO DO NOSSO TEMPO

Preço: 5$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

UMA MULHER DE AMOR

MARIA ELEONORA: *romance por* C. DA VEIGA LIMA — *Edições Pongetti* — Rio.

O Sr. C. da Veiga Lima continúa em *Maria Eleonora* um numeroso romance de dissociação sentimental. Diz-nos que é o segundo episodio do recente *Veneno Interior;* mas nós preferimos pensar que é antes o quarto de uma série, cujos primeiros foram *Cidade Harmoniosa* e *Depois do Paraiso*. Com effeito, os quatro livros podem ser contados como quantidades da mesma somma. Um romance em romances successivos. E a sua denominação mesma de romance, o que a justifica é a modalidade vária que o genero adquiriu modernamente.

Neste escriptor é singular o poder de synthese. Tal caracteristica é uma das suas qualidades irreductiveis e a que torna distante o seu pensamento para o commum leitor que não lhe conhece os caminhos.

Como os tres livros precedentes, *Maria Eleonora* possue os attributos de um ensaio romanceado. Os seus personagens são typicos. Afóra os comparsas menores, surgindo e desapparecendo como simples supportes do quadro social onde se desenrola a historia, cada um desses personagens representa individualmente um temperamento-typo. Mas, acompanhando o analysta arguto e sinuoso, é elle proprio quem mais nos interessa, ao sentil-o como o animador de um mundo que se entremostra sob o véo de uma névoa luminosa. Não raro, temos a impressão de phantastico jogo de espelhos, cujo mechanismo fosse ao mesmo tempo inexplicavel e simples. Depois da leitura, e só depois, é que a unidade da obra se affirma para nós: e então o que parecia fragmentario, solto e alheio, entra no todo como partes essenciaes. Sentimos fóra da nuvem a realidade que a perspectiva dá, e sorrimos das hesitações que eram o temor da confusão e do erro.

Nessas paginas, cada phrase é a concentração de um pensamento, e, através de todas, a idéa amorosa se exalta e attinge, frequentemente, a plenitude lyrica. Imagens creadas do desejo e da saudade ahi se expandem, animadas, vivas, quasi palpaveis; e por vezes emana, da intima, subtil, anciosa intenção da phrase, uma eloquencia voluptuosa, macia e morna, que tonteia a mente, como se fôram effluvios de um rosal invisivel.

Pela necessidade de definir, diriamos que o romance do Sr. C. da Veiga Lima é alguma cousa como novo discurso sobre as paixões do amor. Não queremos alludir com isto a affinidades de conceito ou de fórma, que não existem, mas apenas notar, longe da attitude pascaliana e moralista, a preoccupação que lucta por desvendar na agitação da vida moderna o temperamento amoroso, tal como elle pode apparecer nos ocios e na perversão do conforto social, onde as artes e a litteratura favorecem todas as excitações. O autor dissocia e explica ardores, tendencias, movimentos que nas sensações physicas procuram emoções espirituaes. Os seus personagens, ou pelo menos aquelles que concentram o nosso interesse, querem todos decifrar as variantes do mesmo problema, do eterno problema levantado entre os dois sexos. E' Carlos Eduardo, o amante-artista, egoista desencantado a quem os annos bem cedo ensinaram lições de amargo e cynico scepticismo, e que encontra na analyse o bordão do seu desconsolo. E' Claudio, o ausente apenas invocado, amante extasiado e suave que faz da união physica um acto religioso. E' Fernando, o amoroso da acção, marido que não sabe, mergulhado na actividade dos negocios, sempre atrás de fartos ganhos para depositar aos pés da mulher como offerenda de amor, se não só, inconscientemente, pelo prazer de alcançal-os. Mas é sobretudo Maria Eleonora venusiana e languida, Maria Eleonora ardente e bella, cujos sentidos não precisam de excitantes artificiaes para colher as sensações agradaveis da realidade.

E' a historia sensual dessa Maria Eleonora sem arrependimento, e portanto sem culpas, pois todos os seus gestos são espontaneos e livres, que domina o romance. O que se conta são as suas experiencias, realizadas longe do marido. E essa estonteante Maria Eleonora, esteril, inquieta e activa, que desposou Fernando sem gosto, e estremeceu aos beijos loucos de Carlos, e embalou nos braços a doçura sentimental e a adoração mystica de Claudio, e se entregou ao faustoso e alegre Jorge Davis, em um sitio campestre, onde se encontravam pela segunda vez, e que sempre preferiu o prazer ao amor — essa esplendida e dadivosa Maria Eleonora vai afinal achar a felicidade tanto tempo procurada, e vai achal-a onde menos a esperava, no proprio leito conjugal: achou-a por acaso, depois que o marido, já perdida a fortuna nos negocios que lh'a tinham dado, deixa com ella o palacio magnifico, perto do mar, pelo abrigo da velha casa meio rustica, onde nascêra.

O abalo moral, trazido por circumstancias novas, e a intimidade, que se estabelece entre ambos, longe da antiga agitação tão faustosa e vã, produzem o milagre. E' então que a mulher desperta para o "seu" homem, de cujo amor tantas vezes se tinha escapado furtivamente, arrastada no molle declive das sensações que lhe offereciam os amantes successivos; é a revelação que se faz, para ella mesma, na sua propria alma, na sua propria carne. Agora, repleta de outra realidade, commove-se ao lado do marido que outrora a entediava, esse marido moreno e saudavel em quem a sensibilidade e a força do caracter animam sempre a independencia do espirito, ainda cheio da ambição de realizar um destino confortavel; e ella comprehende — comprehende? — que os espasmos ligeiros, os momentos de lascivo abandono, as fantasias do desejo exaltado tinham sido vasios e acres... Vazios e acres pelo menos agora, porque agora ella sente e sabe o que é amor. O mundo continuará incerto e vário, mas a sua felicidade lhe parece um dom absoluto, pessoal e inalienavel — o bem do amor unico.

Esta conclusão, que o romancista nos apresenta, será talvez legitima. Quando assim acontece, a bella Maria Eleonora já recebeu dos annos o signal que manda repousar. A mutação é logica e natural. Podiamos notar que o autor não se deteve bastante para dar, no ultimo lance do livro, os pormenores da crise em que se operou tão grande transformação. E' pena que a historia acabe tão depressa. Mas acceitemos que assim seja, ao menos para tranquillidade desse "bello animal" de Fernando Mario, que desbaratou na voragem dos negocios tanta confiança, tantos

calculos, tanto esforço diligente e ingenuo.

E por que não seria assim? Maria Eleonora é profundamente mulher. Bem a vimos nas scismas solitarias, nos estios passionaes, nas lembranças que lhe deixavam cair os braços langues, como si ainda fôra na desordem do leito. As suas noções litterarias e artisticas são mais sentimentos que idéas, e mais sensações que sentimentos. E nisso ella é tambem do seu sexo, differente, differente dos seus amantes-esthetas, seja Claudio, o ausente apenas invocado, que sabe sublimar as realidades contingentes e confunde amorosamente a fórma e o espirito, ou seja Carlos Eduardo, cujos transportes ardorosos não enganam a fria razão, só occupada em distinguir e separar os élos da trama sem começo e sem fim onde surgem, como de um mar indefinido, e mergulham de novo, e desapparecem e reapparecem em perpetuo jogo, as suas sensações, mal tocadas de luz em intervallos de sombras. Differença de sexo, fundamental e essencial. A grande amorosa, que vive o deleite na variação, encontra uma fórma definitiva para a sua sensibilidade, e ajusta-se a ella commodamente — interpretando ao modo do seu corpo a mystica da *Imitação de Christo*. Eis o que ainda é real e feminino.

Ao fim de tudo podemos louvar ao Sr. C. da Veiga Lima a sua arte de escrever. O habito das lettras franceezas deram-lhe talvez um gosto excessivo pela harmonia dessa lingua quasi familiar. Por que citar em franceez Santa Thereza de Avila, Santo Agostinho, Novalis? Si não fosse um proposito bizarro, pareceria uma limitação. Todavia isso e certa nomenclatura, alheia á esthetica litteraria, não prejudicam nem o valor do seu formoso livro, nem o vigor e a originalidade do pensamento que affirmam qualidades excepcionaes.

AMERICO FACÓ.

Acaba de apparecer:

TRAJANO DE MIRANDA VALVERDE

A FALLENCIA NO DIREITO BRASILEIRO

Preço: 25$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

B A D Ú

Badú é a novella de uma sombra de mulher que passa como uma sombra. Historia de um dia do coração. Todo coração tem uma historia e um dia assim. Badú fica, por isso, em nossos olhos como uma névoa, fica em nossas mãos como um perfume...

Compararam Arnaldo Tabayá a Machado de Assis. Para Tabayá, essa comparação é uma gloria. A quem seria comparavel Machado de Assis, quando publicou o seu primeiro livro? Eu por mim, acho Badú infinitamente mais interessante que Capitú. Em Badú ha uma tragedia de Sinceridade. Em Capitú ha apenas uma comedia de Falsidade.

Além disso, não desejo comparar Tabayá a ninguem. Ninguem se parece com outrem, quando comsigo proprio se parece. E a physionomia intellectual deste artista é inteiramente caracteristica, podendo mesmo affirmar-se que elle tentou crear uma nova expressão de novella entre nós: a novella desenhada directamente e rapidamente. Tabayá não se preoccupa com os adornos das imagens litterarias, com a festa alegre dos vocabulos, com os fogos de vista dos adjectivos. Como escriptor, é elle um desenhista. Não escreve, desenha. Sua novella é, assim, um album animado de imagens vivas e o seu autor o temperamento de romancista que as nossas lettras modernas estavam precisando: o *temperamento* que produz vida, que produz alma, que produz *destino*.

Badú é uma alma e um destino. E' feita de todas as cousas da vida: — sonho, caricia, ternura, humildade, melancolia e gloria do amor. E feita de nenhuma cousa da vida — da morte.

Porque Badú morre — a novella se fecha como um caixão coberto de rosas. E, nesse caixão, que é que está morto? A vida...

Morreu a Vida. Toda gente ao ler *Badú*, não faz mais que ir revendo dias da sua alma. Velhos sabbados, velhos domingos, velhas segundas-feiras molhadas de neblina e scisma que foram rolando na lama da memoria e nessa estranha poeira de esquecimento, que é onde enterramos a vida, antes de enterrarmos o nosso corpo, resurgem, de repente, como cadaveres do Tempo, reabrindo todas as covas que pareciam fechadas dentro de nós...

Badú é, assim, para toda gente, um pouco mais que uma novella anonyma e simples. E' um espelho deante do qual remoçamos ou envelhecemos. Lendo-a, ella nos diz: "fui feita da cinza de todas as memorias e do silencio de todos os esquecimentos."

E quando fechamos a sua ultima pagina, sentimos passar em nossos olhos, tristes e deslumbrados, a imagem de sombra daquella mulher de sombra que sahiu hontem da nossa vida ou que vai entrar amanhã no nosso destino...

THOMAZ MURAT.

NOVOS LIVROS DO SR. THÉO FILHO

Muitos milheiros se têm vendido dos livros do sr. Théo Filho. *A grande felicidade*, *As virgens amorosas* e o *Perfume de Querubina Doria* foram bastante divulgados entre os leitores do paiz, que não se cansam de recompensar a actividade litteraria desse brilhante romancista. Não se esqueça tambem o seu volume de contos *Dona Dolorosa*, mixto de sciencia e ficção, apresentado ao publico pelo grande Sylvio Roméro, que teve para com o sr. Théo Filho palavras das mais enthusiasticas. Agora, o escriptor patricio lança, em breve espaço de tempo, tres volumes novos e todos elles ferindo assumptos do mar: *Impressões transatlanticas*, *A ilha selvagem* e *A fragata Nictheroy*. O primeiro é de chronicas e ensaios e os dois outros, mesclando historia e legenda, tratam de marujos de alma aventurosa, analogos aos que enchem tantos livros de Marryat, Stevenson e Farrère.

ERICO VERISSIMO — FANTOCHES — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1932.

Ha nesse volume de contos e dialogos a indubitavel revelação de um escriptor fóra do commum. Embora reincida em certos processos de Pirandello já agora um tanto fatigados, como no caso do dramaturgo que vem á ribalta discutir as suas personagens com o publico, offerece-nos o autor, em outras passagens, trechos de uma phantasia, de um *humour*, de uma verve encantadoras. Mesclando malicia e ingenuidade, misturando o real e o irreal, falando-nos ao mesmo tempo como um poeta romantico e como um observador escarninho das miudezas quotidianas, o sr. Erico Verissimo, cujo nome nos era totalmente ignorado, traz um bom peculio de talento e é dos que se destinam a fazer algo de duradouro em favor das nossas lettras. *Chico*, *Malazarte* e *Fausto* são narrações, entre lyricas e sarcasticas, de quem poderá vir a ser, muito breve, o Alcantara Machado da sua região.

D E G O E T H E

Liberdade e amor da patria.

O sentimento da liberdade e do amor patrio, que se imagina tirar dos antigos, degenerou na maioria dos povos em risivel caricatura. O que naquella época era o resultante do estado geral da nação, da sua mocidade, da sua situação perante as outras e da sua cultura, tornou-se entre nós grosseiro arremedo. As condições actuaes da vida não nos induzem de modo nenhum a separarnos nem a isolar-nos dos outros povos, mas muito pelo contrario, a conviver com elles o mais intimamente possivel. A nossa vida civica já não é a mesma dos antigos; de um lado, a nossa vida é muito mais livre, mais independente, menos parcialmente circumscripta que a dos antigos; e de outro lado, as exigencias do Estado já não são de natureza a aguçar em nós o appetite das recompensas officiaes e a assentar nessa base uma nobreza patricia. Toda a marcha da nossa cultura e da propria religião christan nos induz a communicar-nos assiduamente uns com os outros, a pormos tudo em commum, a submetter-nos e a cultivar todas as virtudes sociaes de tolerancia e renuncia, mesmo com sacrificio dos nossos proprios sentimentos e affeições, até mesmo com sacrificio de direitos que nos caberiam no estado inculto natural. Resistir a um superior, mostrar-se intratavel com o vencedor, unicamente pelo facto de termos sido nutridos de grego e de latim, ao passo que elle pouco ou nada entende disso, é absurdo e pueril. E' prosapia de pedagogo, do mesmo modo que ha uma prosapia de artifice, uma prosapia de camponio e outras prosapias tão ridiculas quanto prejudiciaes aos que dellas fazem praça.

Martello e bigorna.

Ha virtudes de que ninguem faz caso emquanto as possue — como por exemplo a saúde —; com as quaes ninguem se preoccupa sinão no dia em que inopinadamente veem a faltar; que ninguem se lembra de gabar nos outros porque a essencia dessas virtudes é soffrimento e paciencia. Onde quer que se encontrem, parecem consistir unicamente em uma carencia de força e de actividade; e comtudo não ha força mais portentosa, mas força voltada exclusivamente para dentro e só utilisada como meio de resistir ás avanias do mundo exterior. Ser martello parece a todos mais desejavel e mais glorioso que ser bigorna. Mas quanta força não é precisa para resistir a tantos golpes incessantemente repetidos!

*

A estupidez é o maior dos infortunios, porque torna os homens incapazes de presentir e muito menos de reconhecer no homem o que elle traz em si de mais elevado, de eternamente divino. Contenta-te com oppôr sempre á baixeza e á vilania o sentimento de que tu, ao menos, não és nem baixo nem vil; de que, sem te deixares transviar pelas pequenas ou grandes calamidades da vida, aspiras a alcançar a méta que a ti mesmo te prescreveste. E finalmente não te esqueças de que existem ainda muitos homens bons no mundo.

*

Os homens extraordinarios, como Napoleão, saem do quadro da moralidade. Acabam por agir á feição de forças elementares, como o fogo, a agua.

Do mesmo modo que todo homem que rompe com a subordinação, — pois ahi é que reside a moral — torna-se nesse sentido immoral.

*

Só ha dois caminhos para alcançar um grande objectivo e em geral para fazer alguma cousa de grande: a violencia e a perseverança. Aquella torna-se facilmente odiosa, provoca reacções e além disso só está ao alcance de poucos seres privilegiados. Mas a perseverança, uma perseverança inabalavel e severa, pode ser praticada pelo mais pequeno e raramente falha, porque a sua força silenciosa augmenta irresistivelmente com o tempo. Onde não se pode agir pela perseverança e exercer uma influencia constante, é preferivel desistir de todo da acção; do contrario é pretender oppôr-se á marcha natural das cousas, que traz em si o seu proprio remedio, sem ter a certeza de poder imprimir-lhe uma direcção melhor.

*

Do mesmo modo que em Roma, além dos Romanos, se encontra um povo inteiro de estatuas, assim tambem existe, ao lado do mundo real, um mundo da demencia que parece quasi mais poderoso ainda: é neste que vive a maioria dos homens.

*

Si contendo com outro homem, nunca posso saber com absoluta certeza qual de nós dois está com razão; com a natureza, sei de antemão que quem está com a razão é ella.

(*Trad. de Alberto Ramos*).

NOTAS AVULSAS

Eugène Dabit, Marc Bernard e Louis Guilloux são movidos pelo desejo de uma especie de "humanismo popular". Foram mesmo chamados de "populistas" e os seus romances, após os livros de entrecho mais ou menos aristocratico dos Bourget, dos Boulenger, dos Vaudoyer, voltam a tratar de preferencia das classes proletarias, como nos dias mais agudos do naturalismo. O critico André Thérive, que succedeu a Paul Souday no rez-do-chão de *Le Temps*, é o theorista do novo grupo litterario, cujas obras visam restituir ao camponio e ao obreiro a dignidade, tantos annos perdida, de heróe de romance, não sendo elles dos que acham, consoante uma satira famosa, só haver psychologia em personagens que tenham no minimo cem mil francos de renda.

— Continuam a remexer nas intimidades de Tolstoi, lavando-lhe a roupa suja em publico e raso. Jean Cassou lança, a esse proposito, um livro de sensação, em que se fala na "grandeza e infamia" do genial romancista, isso depois de um dos traductores francezes do mestre haver longamente commentado o diario intimo da esposa de Tolstoi, cheio de revelações compromettedoras quanto ao caracter do apostolo de Iasnaia-Poliana. O proprio filho do novellista já dissera cousas que não redundavam em plena glorificação moral do pae e, no conflicto domestico, sente-se que elle tomava nitidamente o partido da progenitora. Todos esses escriptos, em summa, visam provar que Leão Tolstoi, apesar das suas barbas e das suas prégações de patriarcha e dos conselhos de abstinencia e santidade que dava ao proximo, era, na vida intima, um impulsivo, um colerico, e não lhe faltavam até os lances sensuaes, as ligeiras aventuras frascarias.

— André Baillon, morto não ha muito, foi um escriptor bizarro que se comprazia na descripção da vida dos manicomios e encontrava um especial prazer, uma especie de voluptuosidade sadica em evocar os typos de anormaes, de tarados, de taciturnos. Elle proprio dava aos seus amigos a impressão de um nervoso, de um neurasthenico devastado por uma existencia irrequieta. Tinha uma impressionante figura de flamengo e, nas horas mais amargas, como que se observava a si mesmo para um proximo livro, com uma força de dualismo deveras desconcertante.

O Lenine de François Porché

Para quem não conhecia a obra de François Porché e contentava-se em admiral-o como o ensaista feliz de *L'Amour Qui N'Ose Pas Dire Son Nom* ou como o biographo sensivel que conseguiu seguir bem de perto a *Vie Douloureuse de Charles Baudelaire*, a revelação de um François Porché bom dramaturgo é um acontecimento dos mais agradaveis.

Poeta lyrico affirmado desde que celebrou durante a guerra a luta nas trincheiras, dramaturgo sempre preoccupado em libertar o theatro das suas cadeias, ensaista fino que soube comprehender como poucos a significação da invasão dos typos homosexuaes na litteratura moderna e não hesitou em enveredar no seu estudo critico pela obra e pela vida de poetas como Baudelaire, Verlaine ou Valery, François Porché apparece agora já quasi no terreno dos estudos sociaes querendo synthetizar em um drama (*Tsar Lénine*) a vida e a obra de Lenine.

* * *

Desde a publicação em 1918 do famoso artigo de Georges Sorel, os estudos sobre Lenine têm sido incessantes e frequentemente contradictorios. Entre o extremismo de alguns autores burguezes que se recusam a medir o tamanho impressionante a que Lenine attingiu, e o extremismo da endeuzação de certas brochuras de propaganda communista, vem se collocar uma serie de estudos, mais ou menos imparciaes, alguns delles realmente de grande interesse.

Lenine tem sido aliás especialmente feliz nos biographos que tem tido. Gorki pintou-lhe o explendido perfil que talvez seja a sua obra prima. Nadia Kroupskaia recordou-lhe os annos de luta com a fidelidade e a precisão de um espirito formado á imagem do do marido. Trotsky conseguiu um dos seus melhores livros fixando de Lenine momentos de vida inesqueciveis. Sobre elle Guilbeaux construiu a sua obra segura e firme, visão de partidario convicto de que está realmente com a razão. Outros autores, burguezes agora, tentaram fixar o retrato do reformador. E se Pierre Chasles não conseguiu synthetizar perfeitamente toda a sua vida, já o ensaio de Pierre Lafus: *Lénine ou le Mouvement* apresenta a imagem de um revolucionario que, se aqui e ali é um pouco forçada no sentido da these do autor, em linhas geraes já é perfeitamente acceitavel.

Com o seu *Tsar Lénine*, François Porché nada traz de novo ao debate. O seu Lenine parece não ser mais do que uma composição, uma reunião de traços diversos, bem equilibrados, arrancados habilmente tanto á admiração de uns pela força e pela violencia do reformador social, como aos preconceitos de outros quanto á falta de escrupulos do politico, do homem de acção.

Não revela nenhum Lenine novo, mas recompõe um Lenine acceitavel que parece se approximar muito do real, pelo menos em alguns momentos. E é esse mesmo o maior merito do drama.

* * *

Em si, como drama, não tem valor excepcional. Agrada ler, é mesmo bem feito, mas ao terminar deixa o leitor terrivelmente insatisfeito.

O defeito, sem dúvida, é mais do assumpto focalizado do que da realização do autor. Escolhendo Lenine para materia do seu drama, François Porché collocou deante de si um obstaculo quasi intransponivel.

Deante das difficuldades que acompanham a producção de um drama e que provêm da sua natureza mesmo, a vida de um Lenine surge, no innumero dos seus desdobramentos, na variedade dos acontecimentos a assignalar, como um desses obstaculos que os talentos communs são incapazes de vencer.

Debalde François Porché procura alargar o quadro das possibilidades do theatro. Imagina duas scenas com personagens se communicando e passando de uma para outra, heroes reaes e heroes symbolicos, descobre processos technicos diversos para augmentar o movimento, para dynamitar a acção, mas no fim o esforço é vão. Perde-se quasi todo. O drama não conseguiu prender e dominar a personalidade de Lenine e todo o mundo que surgiu da sua acção.

Lenine escapou ao drama. Deixou nelle imagem fiel de alguns dos seus momentos mais interessantes, deixou que se percebesse alguma coisa da sua força, mas não ficou inteiro no drama de François Porché — que assim terá falhado muito por culpa propria talvez, mas mais ainda por culpa do theatro, incapaz de exprimir certas "grandezas", certa complexidade, certos "movimentos" como esse que a historia conhece rotulado com o nome de Lenine.

OCTAVIO DE FARIA.

A' MARGEM DOS LIVROS

Julien Benda publica a *Histoire des Français*. Simples "esquisse", diz elle, com aquella modestia meio ironica de que ás vezes deita mão para aturdir os leitores. Porque Benda, philosopho paradoxal e amigo da polemica, anda longe de ser um sisudo reitor da Sorbonne. Sua metaphysica não vae sem algumas anecdotas e sem uma boa dose de malicia á metaphysica official, dos cursos solennemente academicos. Trazendo no sangue fortes residuos judaicos, Julien Benda gosta de pôr pelo avesso os valores da philosophia e a sua maior volupia consiste em proceder á revisão de processo de uma gloria do pensamento humano, austeramente estabelecida pela admiração dos seculos. Ficaram celebres as suas paginas sobre a "traição dos clérigos", contrarias aos que deixam os dominios da intelligencia pura e se mettem a batalhar na politica ou nas finanças. E a sua troca de ironias com Paul Souday, a proposito de um volume sobre Propercio, não deixou de encantar os que, na época dos murros de Dempsey e Firpo, ainda amam essas pugnas abstractas, de murros apenas metaphysicos...

— Um dos ultimos volumes de Jacques Boulenger é sobre Corfú, a ilha de Nausicaa, a ilha de Homero, a ilha em que a pobre Elisabeth d'Austria, chamada por uns a Imperatriz errante e por outros a imperatriz do silencio, procurou pacificar a sua grande alma atormentada. Bello trabalho esse de Boulenger! Nelle se respira toda a velha alegria, toda a velha ebriedade mediterranea. E' a fuga á lama de Paris e o contacto, de novo, com as lembranças de uma civilização velhissima. Lindas descripções de zonas que constituem refugios para os escravos brancos das grandes metropoles e silhuetas de companheiros de viagem, tambem possuidos do mesmo desejo de retornar ás fontes classicas da belleza. Nada de archeologico ou de estrictamente baedekeriano e tudo animado por uma força de humanismo realmente vivificadora.

— Sáe em francez um livro de Lloyd George contendo a verdade sobre as reparações e as dividas de guerra. Mas parece que a verdade é sempre o opposto do que dizem os diplomatas e os homens de governo...

MANET E O BRASIL

Commemorando o centenario de Manet, fez-se recentemente, em Paris, uma exposição retrospectiva das suas obras, apresentadas ao publico francez atravez das admiraveis paginas com que Paul Valery lhe enriqueceu o catalogo.

O que nem todo mundo saberá, entretanto, é que o Brasil tambem contribuiu para essa maravilhosa festa dos olhos, pois que como dizem os criticos, foi daqui, do nosso sol esplendente e das nossas paizagens luxuriosas, que esse grande mestre da pintura franceza no seculo XIX, durante uma viagem feita na mocidade, levou a luz e as côres vivas que se espalham por todas as suas telas.

Na verdade, em 1848, quando contava apenas dezesete annos, veio ter ao Brasil, entre os alumnos do navio-escola *Havre-Guadeloupe*, o jovem Eduardo Manet, cujos pendores artisticos eram evidentes e já muito haviam desgostado a seu pae, um austero magistrado parisiense que não comprehendia para os filhos, principalmente aquelle, o mais velho, outra carreira que não fosse qualquer honrosa profissão liberal.

Essa viagem, motivo de não poucas lagrimas para sua mãe, nasceu mesmo do fracasso que, para Eduardo, fôra o exame de admissão á Escola Naval. E' que uma vez realizada, segundo haviam informado ao Sr. Manet, maiores facilidades teria o filho para insistir nas provas que lhe abririam as portas da Marinha. Dahi a sua obstinação, de todo alheia aos rogos da mulher, em vêr o rapaz ausente por alguns mezes, arriscando-se mesmo sobre a onda perfida e as terras longinquas, mas entregue á sabedoria de um velho lobo do mar.

Do que foi essa viagem e como o futuro autor de *Olympia* e outras obras inegualaveis viu a nossa terra, dizem-nos algumas cartas que o bisonho marujo escreveu aos parentes, mas sobretudo a sua mãe, e que foram colligidas, não ha muito, pelos editores Louis Rouart et fils, de Paris, sob o titulo *Edouard Manet, Lettres de Jeunesse, 1848-1849, Voyage à Rio*. Esse trabalho vem accrescido de varios croquis, pequenas manchas impressionistas, em que Manet, ainda durante a travessia, ia ensaiando as suas disposições picturaes, mas já com um talento tão flagrante que o commandante do navio acabou por confiar-lhe um curso de desenho aos companheiros.

Partido do Havre a 9 de Dezembro de 1848 e passando por Madeira e Teneriffe, mas sem atracar, o navio ancorou na Guanabara em 4 de Fevereiro do anno seguinte e ahi permaneceu até 10 de Abril, tendo portanto a sua guarnição tempo de sobra — dois mezes e pico — para conhecer não só o Rio e seus arredores, como ainda Nictheroy e algumas ilhas do fundo da bahia, pois que nos domingos os alumnos tinham permissão de ir á terra e todas as quintas-feiras, deixando o navio bem cedo, em botes, passavam o dia fazendo excursões e piqueniques "do lado opposto da cidade".

Datam desse ultimo periodo as mais curiosas observações de Manet, cujos olhos guardaram para sempre aquelles aspectos da nossa cidade, apontados aqui e ali, em notas rapidas, na sua correspondencia — um Rio de ruelas sujas e estreitas, de senhoras carregadas em palanquim, de mercado de escravos e diligencias, de pretas com o torso desnudo e vistosas saias de rodaça...

Nada, entretanto, o surprehende mais do que o nosso carnaval:

"O Carnaval do Rio tem um encanto muito particular. Durante o domingo gordo, passeei o dia inteiro pela cidade. A's 3 horas, todas as brasileiras vêm para a porta ou a sacada de suas casa e jogam nos homens que passam bolas de cera de todas as côres, cheias d'agua e a que chamam *limons*.

Em varias ruas, fui assaltado conforme o costume do paiz. Eu tinha os bolsos cheios de *limons* e respondi da melhor maneira, o que é bastante agradavel. Essa brincadeira durou até ás 6 horas da tarde, quando tudo entra em ordem e ha um baile a fantasia, copiado dos bailes da Opera, e onde o Francez é o unico que se distingue."

Mais tarde, todas essas scenas, occorridas sob o azul do nosso ceu e entre uma paizagem muito colorida, terão influencia sobre as suas telas.

Será, talvez, do nosso mercado o papagaio que apparece no *La femme au perroquet*. *Olympia* tem uma dolencia tropical e a preta que lhe traz o ramo de flores pode ter sido uma das muitas que elle viu por aqui. A *guitarre* que empunham algumas das suas figuras tanto provirá da viagem que o levou, annos mais tarde, á Espanha, como dos violões que certamente ha de ter ouvido gemer sob o luar das languidas noites cariocas.

E assim, toda a sua obra está cheia de reminiscencias brasileiras, como muitos versos do seu amigo Baudelaire, tambem cedo levado a paragens exoticas, traem o perfume das Ilhas Mauricio e reflectem o sol voluptuoso do Oceano Indico.

Infelizmente, e ainda de accordo com aquelles que lhe descreveram a vida, não foi só o enriquecimento da sua palheta que Manet ficou a dever ao nosso paiz. Para elles, a ataxia que o victimou aos cincoenta e poucos annos e em pleno fulgor da sua arte, prendia-se remotamente a certa escapada nocturna que o jovem e inexperiente marinheiro do *Havre-Guadeloupe* tivera feito a qualquer beco escuso do Rio.

GASTÃO CRULS.

SANTOS DUMONT

Santos Dumont deixa uma vaga na Academia Brasileira de Lettras, mas, com a sua morte, pouco perde a litteratura propriamente dita. Mais do que um autor, era elle um homem, e, mais do que uma gloria brasileira, um dos poucos cidadãos de gloria universal que o Brasil já produziu em todos os tempos. Interessavam, sem duvida, as paginas e as palestras em que elle narrava as suas primeiras experiencias de aeronauta, o insuccesso inicial, a rumorosa victoria posterior, o vôo em torno á Torre Eiffel, a obtenção do premio Deutsch, as ovações de um Paris enthusiasta, a popularidade nos salões, ao lado da condessa de Noailles, e nas corridas de Longchamps, ao lado do caricaturista Sem ou do poeta Robert de Montesquiou. Mas, acima de tudo, as realizações directas desse grande homem de acção, que precedeu os irmãos Wright e cujo nome ficará na historia da sciencia e nos tratados de physica, é que representam o seu livro de genio, livro vivído e não escripto, livro que foi, antes do de Rostand, o verdadeiro "cantico das azas"...

Sinclair Lewis e a Nova America

Na litteratura norte-americana da hora que passa o realismo está magnificamente representado pela personalidade vigorosa e opulenta de Sinclair Lewis.

Escriptor de qualidades invulgares, a sua arte é exuberante e forte; o enredo de cada um de seus romances é seguro e harmoniosamente desenvolvido; e o estylo de todas as suas paginas é ironico, duma ironia conformada e risonha, vagamente triste.

O realismo do creador de Babbitt é, no emtanto, bastante diverso do realismo classico dos mestres da Escola de Medan e egualmente distante do realismo atormentado dos romancistas russos. Nunca se debruçou horas perdidas sobre as miserias do individuo e da sociedade, gastando-se na contemplação e analyse de mazellas, corrupções e paixões rasteiras — bem como não se tortura em pesquizas psychologicas de grande intensidade, buscando as paixões primarias no recesso das almas e no estudo de typos allucinados. Elle é um realista dedicado ao *homo vulgaris*. Os seus olhos observam o individuo em sua totalidade, examinando-o nos altos e baixos, sempre como componente da estructura social. Jamais Sinclair Lewis abstraiu do individuo para desenhar a sociedade, como o fazia Zola; assim como jamais se atreveu a architectar o typo humano fóra do quadro social, como gostava de o fazer Dostoiewsky. Elle encara o homem em funcção da sociedade, situando-o em diversos meios e ambientes para fazer surgir a imagem do homem integral, com virtudes e defeitos...

E essa imagem é benedictinamente pesquizada, retratada com abundancia de detalhes, com minuciosa exactidão — desenhada a bico de penna, com probidade artistica como jamais houve.

Ahi está a maior grandeza do escriptor de Minnesota, o seu maior titulo de gloria. Dahi o encanto e humanidade dos seus livros e a sua insuperavel mestria no retratar o homem médio, o anonymo das ruas.

•

Nas paginas dos seus romances, na voz dos seus personagens principaes palpitam os anseios e aspirações da jovem America, soffrega de espiritualidade e cultura. E' o organismo robusto que procura a nova forma cultural do mundo moderno e já se faz respeitar pela intelligencia de alguns dos seus filhos. E' a America de Irving Babbitt, Mencken, John dos Passos, Michael Gold e muitos outros...

"Espero que o meu filho não desejará ser um millionario", diz Arrowsmith, um dos personagens de Sinclair. E todos os novos americanos começam a desprezar e abominar a riqueza como finalidade em si mesma.

Os personagens de Sinclair Lewis, como vanguardeiros da futura civilização americana, são homens divorciados do meio ambiente, alheios ás suas alegrias e aspirações embora curvados ás suas injuncções poderosissimas. São espiritos inquietos, sentindo invenciveis pruridos de rebellião interior — fortes bastante para não amar cegamente o meio social e assáz fracos para delle se libertarem! Assim vivem em perpetua tragedia intima, com o cáos dentro da alma, victimas da propria impotencia, sem a coragem de bradar suas revoltas, atroando os céos e terras yankees com os rugidos da rebeldia. Angustiados e irrequietos, debilitam-se numa negação quasi melancolica do meio exterior. Seres de transição, ainda não se desprenderam interiormente do mundo que os viu nascer e já presentem no horizonte a aurora duma nova éra de cultura, prenhe de esperanças... E' Babbitt — George F. Babbitt — vendedor de terrenos a prestações, presumido orador politico, debatendo-se entre o cuidado do seu bungalow, sua ansia de ascensão social, o fanatismo pela sua cidade natal, Zenith, e as tentativas de evasão do clan puritano e mercantil, pela amizade inquietante de Paul Riesling, o amor e o alcool. E' Babbitt insurgido contra os tabús da vida norte-americana e logo abandonado dos amigos, encarado como malfeitor, prejudicado nos negocios, e obrigado a volver á estrada larga que todos trilham. E' Sam Dosdsworth, afastado dos negocios, viajando a Europa, lutando com o snobismo da esposa, sentindo o vazio na alma, não sabendo como empregar os momentos de ocio para vencer a ausencia da vida interior. E' Martin Arrowsmith e o seu sonho de sciencia, refugiado na admiração do professor Gottlieb e do Dr. Sandelius, affirmando-se contra a rotina dos collegas de Winnemac, contra o meio ambiente. Todo um grupo de descontentes, lutadores em embryão, indecisos, hesitando ante cada passo fóra da rotina, pelejando com o meio ferozmente standardizado, com os companheiros que os não comprehendem, com as instituições que os coaretam — emfim! contra os tabús, os censores da vida norte-americana no sentido de Waldo Franck. E todos, então, procuram escapar á realidade do meio hostil, fugindo do cáos e de si mesmos em busca duma integração superior, duma harmonia e felicidade intimas. Como soffrem e lutam, como procuram liberdade, os homens que serviram de modelos a taes personagens certamente serão salvos!

A todos elles, como unica felicidade e unico consolo, Sinclair Lewis só póde apontar, sem ironia, a fauna dos felizes e dos adaptados, dos que se submettem passivamente ao padrão medio. E esses, traçados com flagrante exactidão, fazem fundo em grandes paineis, movendo-se no scenario esplendido das sumptuosas realizações materiaes. E' a série extraordinaria dos Tub Person, Claf Clawson, Angus Duer, Dr. Tubbs, Holabird, Dr. Pickerbaugh e os seus formidaveis methodos pickerbaugheanos. Americanos 100 %... Magnificos retratos, desopilantes caricaturas.

Todos os personagens secundarios vivem felizes, na absoluta tranquillidade duma felicidade animal, contentes comsigo mesmos e seguros dos outros e na beata adoração das instituições que lhes garantem a prosperidade. Surgiram para a vida dentro do typo standard, honra e gloria da nação.

E Sinclair Lewis, pela artistica e verdadeira evocação desses dois typos extremos, em fortissimo contraste, revela e define a inquietude das almas sensiveis e differenciadas querendo fugir ao clan puritano e mercantil em proveito de maior riqueza de vida interior e buscando a libertação do proprio *eu* e ansiando pela creação da nova alma e cultura americanas.

VIRGINIO SANTA ROSA.

A GLORIA DE EUCLYDES

Habent sua facta homini... Tambem os homens...

Ha trinta annos precisamente, em 1902, nascia Euclydes da Cunha para a gloria, com *Os Sertões*, compostos e escriptos em S. José do Rio Pardo, formosa cidade do oéste paulista. O esplendor da obra, entre admiração e espanto, provocou, desde logo, a curiosidade sobre o autor.

Euclydes, ao contrario da maioria, senão da totalidade dos homens de pensamento, scientifico ou artistico, teve este contraste flagrante: — a profissão, com que sustinha os seus dias era, senão adversa, opposta, ás preoccupações de intelligencia. Quasi todos os que escrevem no Brasil, ou são professores ou funccionarios publicos, de occupação tranquilla e estavel. A engenharia profissional do autor d'*Os Sertões* oscillava, como elle proprio dizia, "entre o estylo aleijado dos officios, e a alma tortuosa dos empreiteiros."

A' critica pareceu demais que fosse elle homem de genio no pensamento escripto e engenheiro capaz.

Começou, então, sobre o profissional uma lenda, que veio até agora.

Ouvi-a a primeira vez do prof. Pacheco Leão, bom euclydeano, com esta phrase a elle attribuida: "a mathematica, sciencia dos numeros não falha, mas a engenharia, que a explora, póde falhar", justificando, deste modo, a primeira quéda da ponte, durante cuja reconstrucção escreveu *Os Sertões*.

O facto não era verdadeiro. Nenhuma ponte por elle feita, ruira. Entretanto, a lenda surgia de algum episodio, preciso de investigar, porque onde ha fumo ha fogo...

•

Nos tempos passados da Livraria Scientifica, chegou-me um dia Capistrano de Abreu, a quem nada escapava e disse-me: "procure o Mario Bhering, porque, na secção de manuscriptos da Bibliotheca, ha um precioso copiador de cartas do Euclydes. Vá vêr."

Fui. Mas estava em catalogação, de modo que não me foi possivel, então, consultal-o.

Os dias e annos correram; a vida continuou e não voltei mais á Bibliotheca. Em Abril do anno passado, o meu prezado amigo Fernando Nery, que é euclydeano historico, mandou-me copia de dois relatorios de Euclydes, a elle enviados por Arthur Motta, de accôrdo com os originaes existentes na Secretaria de Obras Publicas de S. Paulo sobre a construcção e desabamento da ponte de S. José do Rio Pardo.

As informações que se colhem nestas notas permittiam logo ligar os outros pontos esparsos e fixar de vez o episodio, esclarecendo-o.

Havia nos relatorios referencias diversas a um copiador. Fui ver o da Bibliotheca e era, de facto, o a que se referia Euclydes.

Conversando, nesta occasião, com o saudoso Dr. Octavio Carneiro, que o conhecera em Campanha, ouvi delle outra fórma da lenda: Euclydes, como a justificar-se, lembrava o caso do grande Navier, cujo insuccesso em construcção analoga, desviara-o da profissão para o magisterio.

Possúo ainda outros elementos. Um folheto da questão, contendo as razões do processo movido pelos empreiteiros da ponte, contra o Estado de S. Paulo, que me foi dado pelo maior collaborador dos *Sertões* — o querido mestre e amigo Francisco Escobar. Depõe ainda a correspondencia com este seu grande amigo.

•

Contractada pelo engenheiro civil Arthur de Montmorency a primeira construcção da ponte de São José do Rio Pardo, dentro do Districto de que era Euclydes chefe, em Agosto de 1896 esteve elle pela primeira vez naquella cidade para examinar o inicio das obras. Outro engenheiro foi designado para acompanhar os trabalhos e Euclydes com incumbencias diversas de responsabilidade, ficava impedido materialmente, pela propria distancia, de visitar sequer as obras em andamento. Assoberbado de trabalhos da propria repartição, não fôra, entretanto, desligado daquella missão, mas os proprios documentos de seus serviços, por determinação de chefes, exoneravam-no da responsabilidade da fiscalização da ponte.

Esta ruiu, um mez após a inauguração, pelo abatimento de um dos encontros.

Euclydes vai immediatamente ao local, em companhia do Director de Obras, Dr. Gama Cockrane, e se propõe á reconstrucção da obra. E'-lhe, afinal, confiada. Os detalhes technicos encontram-se no Relatorio do Secretario da Agricultura do Estado, Dr. Candido Rodrigues, de 1901.

Depois de tres annos de actividade sem pausa, foi a ponte completamente restaurada, com um minimo de custo. A amizade sem par daquelle benedictino de coração e intelligencia, culto até a sabedoria, modesto até a humildade, que era Francisco Escobar, creara-lhe o ambiente de carinho, de conforto, de estimulo, material e moral, para que escrevesse *Os Sertões*.

Mas isto constitue outra linda historia...

Euclydes, que não perdia o idealismo romantico de sempre, terminada a construcção, quiz reviver o episodio do architecto, mestre Domingues, de Herculano: ficar sob a ponte, para que, se ruisse, o esmagasse...

Escobar prepara-lhe uma festa de carinho e agradecimento, em que toda a população collaborou, offerecendo, ao engenheiro, um tacheometro.

S. José do Rio Pardo é hoje a cidade euclydeana. Vive da sua tradição. Ergueu-lhe um monumento á margem da ponte e conserva, cuidadosamente protegida, a barraquinha que lhe fôra escriptorio. Euclydes da Cunha conservou sempre suave e enternecida lembrança pelo formoso recanto paulista, onde lhe nascera a gloria. A ponte, que elle erguera, e que lá está até hoje, merecia-lhe cuidados. Constou um dia, em S. Paulo, que ella ameaça ruir. Euclydes escreve a Francisco Escobar: "— Agora, um serio, um reservadissimo favor. Tão reservado que te peço não o boquejes, nem mesmo junto ao ouvido da tua filhinha mais nova. Lá vae: constou-me (não preciso dizer quem foi o desalmado), que ha no encontro direito, lado do Pompeu, da ponte, uma frincha descendo por todo elle até em baixo. Imagina como fiquei, e quanto cabello branco vae nascendo dentro desta anciedade... Pensei seguir logo até ahi. Infelizmente não posso agora. Por isso escrevo-te. Quero que — com a tua cautela habitual, sem que ninguem o perceba, — observes aquillo e indiques-me, num esboço qualquer, o logar, as dimensões approximadas da coisa e se é visivel, e se ameaça ruir, ou se é um recalque commum nestas obras. Não és engenheiro, mas que diabo — tambem

Sobre Nicolas Ségur

Um dos bons criticos francezes do momento, Marcel Augagneur, consagrou ultimamente, no *Gringoire*, longo e expressivo estudo á maneira litteraria de Nicolas Ségur.

Começou elle accentuando e deplorando a importancia excessiva que os escriptores modernos, especialmente os romancistas, concedem aos problemas da pura sensibilidade superposta ao pensamento. Tomam elles o impulso pela força, e isso conduz a uma lamentavel desorganização do mecanismo moral. Muitas molestias da alma são devidas a essa quebra da hierarchia interior. A hypertrophia do sentimento, afagada e mesmo endeusada pelos que se comprazem numa especie de morosa contemplação intima, redunda em verdadeiro narcisismo. E dahi a abundancia de livros agradaveis á egolatria de cada um, com detalhes microscopicos, visando converter em caso universal simples aspectos da miseria privada.

Já o esporte, tão rudemente atacado, e com razão, num dos ultimos livros de Daniel Rops, conduzira ao culto idolatra, á glorificação do nosso corpo, creando um paganismo em que nem sequer ha, a contrabalançal-o, o equivalente de alta espiritualidade ou de heroismo do povo grego.

Todos os vicios, todas as depravações, parecem hoje muito naturaes aos horticultores de sensações raras, e assim a litteratura, sob o signo de Freud, se está convertendo numa especie de clinica em que os doentes da vontade e todas as outras categorias de doentes, longe de occultar as suas inferioridades, como que se orgulham dellas, exaltando-as aos olhos de todos. Sob o pretexto de fazer litteratura introspectiva, os mãos discipulos de Proust alongam-se em fastidiosas monographias da sua propria decadencia, dissociando impressões, fragmentando tudo, descendo á analyse imponderavel.

De resto, isso não é só defeito da arte litteraria propriamente dita. A sciencia, que devia manter-se num plano de austeridade á antiga, tambem transige com o fetichismo de si mesmo, e psychiatras e physiologistas dos tempos mais recentes não fazem outra cousa senão autorizar e prestigiar esse morbido personalismo a todo transe.

Aliás, toda a sociedade de após-guerra como que está contagiada pela sêde e fome de individualismo sem peias. E' uma segunda febre romantica, e a sensualidade, accrescida da cobiça de ouro, para gastar muito numa época em que a sensualidade custa tanto dinheiro, devasta uma geração sem ideaes desinteressados. E, sendo assim a sociedade, a litteratura que, consoante uma definição famosa, não é senão a reflectora dessa mesma sociedade, não podia deixar de ser a litteratura complexa, malsã, atormentada e atormentadora que é. Até as mulheres, dantes ainda um tanto timidas nas suas confidencias, falam hoje sem rebuços e dizem aos homens cousas que estes não teriam coragem de dizer entre si, num grupo de homens...

Figura bem significativa destes tempos litterarios é Nicolas Ségur, que estampou não ha muito o volume *La Chair*, já traduzido para o portuguez e prestes a ser lançado em nosso paiz pela Ariel, Editora Ltda.

Ségur possue uma physionomia curiosa — assignala Augagneur — e seus traços finos e torturados e, não raro, sua expressão do pensamento surprehendem e retêm a attenção. Seus olhos, de um azul pallido, são bem os olhos de um observador. Embora de uma polidez irreprochavel, nota-se-lhe uma certa hesitação na palestra, mal occultando um sentimento contradictorio de orgulho e de duvida a respeito de si mesmo.

Consagrando varios volumes ao estudo do instincto, das presas de Venus, esse homem estranho, de tantos residuos levantinos, não esquece nunca a repercussão dos sentidos na alma e o seu maior desejo será talvez encontrar o secreto accôrdo que existe na dualidade que a natureza deixou em cada um de nós, para alegria e tristeza de todos nós.

E explica-se que o autor da *Cortina Vermelha* e do *Anel Sensual* não hesitasse em escrever, no portico de um dos seus livros, esta sentença tragica: "Bem comprehendi quanto os nossos sentidos determinam, crêam o nosso destino, tanto ou mais que nossa intelligencia e nosso coração". E um pouco adeante este conceito que é um concentrado de sabedoria amarga e não deixará de interessar as mulheres que, contrariando a opinião dos moralistas, percam mais tempo com os problemas da alma que com o polimento das unhas: "Deus quiz que nos dirijamos de preferencia á carne das mulheres, quando desejamos ser ouvidos por ellas..."

Sobre o entrecho de *La Chair*, que obteve um tão ruidoso successo de livraria e de critica, Marcel Augagneur não se alonga muito, mas insinua tratar-se de um romance da sexualidade e da sensibilidade não menos attraente que o mais complicado dos romances policiaes. Existe ahi um enigma que o autor lança no primeiro capitulo e só resolve no ultimo. Certa situação, imposta por uma idéa geral, como que sacrifica tudo o resto. E as evocações das paizagens italianas, as descripções incisivas e finas que o romancista tanto explora sem nunca se tornar monotono, não deixarão duvida alguma de que Nicolas Ségur *"est un écrivain d'un très grand talent"*.

---

estas coisas não são tão transcendentes... De qualquer modo aguardo a tua resposta contando os dias. Esta chegará ahi na 2ª ou 3ª á tarde. Poderei ter aqui a resposta 5ª ou sabbado. Não faltes — sobretudo se tiveres de confirmar meu presentimentos."

Não aguardou a resposta. Pouco depois da carta, chegava elle e immediatamente, antes de mais nada, na companhia do amigo incomparavel, verificava que a frincha, que lhe sulcava amargamente o coração, era apenas um risco de colher de pedreiro...

Regressou para os seus dias tormentosos, de lutas e trabalhos, glorioso e infeliz.

E, dentro desta gloria, "engenheiro andante", teve de viver no contraste da actividade — a um tempo penosa e rude — da "arte de corrigir e rectificar a Natureza" e em que nem tudo era "golpeantemente decisivo na profissão de numeros e diagrammas"...

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

ELEGANCIAS

Acaba de receber uma fina Collecção de Vestidos e Chapéos. Modelos das grandes Casas de Paris. Lingerie, Carteiras, Almofadas, etc., etc.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

JOSE' JOAQUIM NUNES

Falleceu em Lisboa, no dia 21 do mez passado, o dr. José Joaquim Nunes, socio da Academia das Sciencias de Lisboa e professor da Universidade.

Era o morto de agora bastante conhecido e apreciado entre nós por todos aquelles que tiveram ensejo de estudar a historia da nossa lingua e a litteratura medieval portugueza. Pertencendo áquella brilhante phalange de linguistas e philologos, capitaneada por Adolpho Coelho, Epiphanio Dias, Carolina Michaelis, Julio Moreira e Leite de Vasconcellos, J. J. Nunes começou a tornar-se conhecido em 1906, com a Chrestomathia Archaica, *selecta onde pela primeira vez apparceiam em edição rigorosamente scientifica textos da velha litteratura lusa. A introducção a essa selecta continha um seguro estudo da evolução phonetica e morphologica do portuguez, e sendo mais tarde ampliada, formou a* Grammatica Historica Portugueza, *publicada em 1919. Esse livro, merecidamente elogiado por Meillet, é hoje a melhor fonte de conhecimentos para todos os que procuram aprofundar o estudo da historia do nosso idioma.*

Além dessa obra de feição puramente grammatical, deixa ainda o illustrado philologo portuguez varias edições criticas de antigos monumentos da lingua escripta e investigações acerca de problemas litterarios e linguisticos. Dentre os trabalhos daquelle genero sobresaem a edição da Chronica dos Frades Menores *e as* Cantigas d'Amigo, *extrahidas dos cancioneiros da Ajuda e Colloci-Brancuti. As suas ultimas indagações no dominio linguistico foram não ha muito enfeixadas nas* Digressões lexicologicas.

SAUL BORGES CARNEIRO.

Historia de um grande drama interior

"MÉMOIRES POUR SERVIR À L'HISTOIRE RELIGIEUSE DE NOTRE TEMPS"

Por Alfred Loisy — 3 vol. — Paris — Emile Nourry.

Estes tres alentados volumes in-4º, que perfazem um total de 1.800 paginas massiças e cerradas, contam a emocionante historia de um dos maiores dramas intellectuaes e moraes dos nossos tempos. Não constituem litteratura amena. Quem não tiver ao menos algumas noções de critica biblica e de historia antiga em geral não abra nenhum destes livros, escriptos aliás em lucido estylo que nos arrasta de principio a fim.

Loisy, outróra acclamado *leader* do chamado *movimento modernista* da Egreja de França, tem escripto muito para explicar as suas idéas e a sua posição perante a sciencia e perante a religião. Já desde 1902, tendo publicado o seu brilhante ensaio *L'Evangile et l'Eglise*, contra o protestantismo liberal de Harnack, viu-se obrigado a defendel-o e a defender-se com outro livro, que teve por titulo: *Autour d'un Petit Livre*. Depois, emquanto ao mesmo tempo publicava trabalhos de mais solida erudição, vieram as *Simples Réflexions* e *Quelques Lettres*. Pouco depois de ter sido excommungado, deu-nos abreviada auto-biographia: *Choses Passées*. Entretanto muita coisa ainda lhe restava por nos contar da grande lucta que as idéas novas, baseadas na sciencia pura, tiveram e têm ainda que sustentar contra papas, cardeaes, geraes de ordens religiosas, bispos, theologos do Santo Officio e tambem leigos interessados em manifestar a sua impolluta orthodoxia (nem sempre desinteressadamente) emfim um mundo de almas complexas, interessantissimas, que elle descreve com habilidade de consummado historiador, que o é, e analysa como psychologo. E o mais picante na vida deste sábio eminente é que, apezar da excommunhão maior com que o fulminou a Egreja, nem por isso teve elle de seu lado os chamados livres-pensadores, muitos dos quaes o atacaram com a mesma furia dos ultramontanos. E' que o livre pensamento (um dos pensamentos mais escravisados que eu conheço) tambem possúe lá suas egrejolas e capellinhas, cada qual mais intolerante. Quantas coisas desagradaveis e injustas não disse, por exemplo, Anatole France contra Loisy, só porque este se atreveu, como critico, a discordar do *Orpheus* de Salomon Reinach! Entretanto, si ha homem que merece respeito, quer pelo seu immenso saber, quer pela dignidade da sua vida, é Loisy. Não commetteu a leviandade do celebre padre Jacyntho Loyson, que se casou... Nem fez como outro ecclesiastico de valor, Albert Houtin, que, despedindo-se da Egreja, caiu no mais reprovavel anticlericalismo. Loisy manteve-se sempre na recta linha do decoro intellectual e moral. Elle não aspirava á posição de heresiarcha, pelo contrario, queria apenas reformar o ensino da religião, conservando-se catholico. Por isso diz elle: "Eu não sahi da Egreja, foi a Egreja que me expulsou, tornando-me excommungado vitando." Nem é sem sua pontinha de ironia ligeiramente acidulada que o autor dessas memorias, referindo-se ás "servidões" da vida sacerdotal, diz: "Inutil explicar-me longamente sobre o que eu chamo as "servidões", isto é, as regras especiaes da vida ecclesiastica, e, para começar, o celibato. Felicito-me por ter podido observar esta ultima: a menor infracção della teria sido explorada pelos advogados da Egreja como prova da authenticidade mosaica do Pentateucho e da authenticidade johannica do quarto Evangelho."

A sua posição de candidato a reformador era insustentavel, porquanto a Egreja é orientada não por criticos, não por sabios orientalistas, mas por theologos. Ora a theologia é um systema ou, si o preferem, um conjuncto de systemas artificiaes, mas solidamente construidos, muito bem ligados entre si e de uma dialectica irrefragavel. O theologo só comprehende a critica da Biblia e todas as demais sciencias *si et in quantum* se enquadram dentro dos postulados thomisticos. Assim, o conflicto entre o sabio investigador do passado e os assessores e mais dignidades do Santo Officio era fatal e impossivel de dirimir. O theologo — esta, a opinião de Loisy — nada tem a ver com o exegeta, nem este com aquelle. Theologia e critica são campos diversos e muitas vezes adversos... Assim como para o exegeta não ha o minimo interesse em conciliar o problema da graça sufficiente e da predestinação com o dogma do livre arbitrio, tambem o theologo, geralmente sem estudos especialisados do assumpto, não tem direito de discutir com o critico sobre a authenticidade do livro de Tobias ou sobre a authenticidade dos capitulos VII e XXXVI — XXXIX do propheta Isaias. Tal, porém, não é a opinião da Egreja, e, como ao proprio Loisy dizia o seu amigo, o grave, illustrado e bom Mons. Mignot, arcebispo de Albi: "Cuidado! O Santo Officio não morreu! Continúa vivo..." E o illustre memorialista teve desta asserção a mais rude experiencia.

De todos os personagens descriptos nestes tres volumes é sem duvida Mons. Mignot o mais sympathico. Vem depois o Barão von Hügel, mystico de difficil leitura, segundo Mons. Mignot, sempre ás voltas com o *transcendente* e abominando o immanentismo. Apezar de todos os ataques, injustiças e brutalidades de que foi victima, conserva Loisy bôa dóse de optimismo e de sympathia humana para com seus adversarios. Com excepção do algum tanto voltaireano Mons. Duchesne e do impetuoso, athanaziano Mons. Batifol, pelos quaes Loisy não alimenta sympathia alguma, julgando-os calculistas, perfidos e injustos para com elle, traça perfis muito bondosos de varios adversarios intransigentes, mas honestos. E' o que succede com o rigoroso (em materia de dogmatica) Monsieur Icard, Superior de São Sulpicio, e com o cardeal Richard, arcebispo de Paris, virtuoso velhinho, de que a Egreja prepara a canonisação, prelado que gostava muito mais de abençoar do que de amaldiçoar, mas que, devido á sua posição de sentinella da fé, se via obrigado a lançar contra os herejes os seus hoje em dia pouco efficientes raios theologicos...

Excommungado e ainda mais *vitandus*, retirou-se Loisy para sua pequena propriedade de Ceffonds, onde continuou a estudar e poz-se a criar gallinhas para entreter-se e ter ovos frescos, distracção util. A excommunhão nominativa, porém, não impediu que personalidades eminentes da Egreja (Mons. Mignot, Mons. Lacroix) continuassem a ser seus amigos. Os fieis do pe-

DE GOETHE

Deus

Os homens tratam a Deus como si esse Ente incomprehensivel e que ninguem póde conceber não passasse de um seu igual. Não fosse assim e certamente não diriam: "o Senhor Deus, o Deus do Amor, o bom Deus". Para os homens, e muito especialmente para os padres, que andam constantemente com a bocca cheia de Deus, Deus reduz-se a uma phrase, um simples vocabulo sem sentido. Se estivessem mesmo penetrados da grandeza d'Elle ficariam mudos e de respeito e veneração nem se atreveriam a proferir-lhe o nome.

*

Tudo quanto nasce quer espaço e duração: por isso mesmo arreda do logar a outro ser e lhe encurta a vida.

*

O homem vive rodeado de effeitos e não póde eximir-se de indagar das causas; com a sua natural indolencia, propende a tomar por melhor a causa que tem mais á mão e dar-se por satisfeito; nem de outro modo procede em particular o senso commum.

*

A mulher mais prendada é a que estaria em condições, quando vem a faltar-lhe o marido, de fazer-lhe as vezes junto dos filhos.

*

Com impaciencia se castiga dez vezes a impaciencia; imagina-se apressar o fim e augmenta-se a distancia.

*

O que se imprime nos orgãos governamentaes é cousa somenos: porque o dever do governo é agir e não fallar. Que os liberaes escrevam admitte-se; porque ao inferior que não póde agir resta-lhe ao menos o recurso de manifestar-se pela palavra: "Deixe-os cantar comtanto que paguem", era a resposta de Mazarino quando lhe exhibiam as canções satyricas sobre a creação de algum novo imposto.

*

"Creio em Deus!" Bella e estimavel palavra. Mas reconhecer Deus onde e como elle se manifesta é a suprema ventura.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.

Todas as garantias.

As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4º, s. 419
(Edificio Guinle)

O bem é uma manifestação das leis secretas da natureza, que, sem elle, ficariam eternamente occultas.

*

Autoridade.

O homem não póde existir sem ella, e comtudo ella traz comsigo tanto de erro quanto de verdade; perpetúa no individual aquillo que devia desapparecer individualmente, affasta e faz desapparecer aquillo que devia ser conservado e manifesta-se como a causa principal que faz com que o homem permaneça estacionario.

*

O que se inventou, faz-se com amor; o que se aprendeu, com segurança.

*

O homem deve perseverar na fé que o incomprehensivel é comprehensivel; sem o que, renunciaria á pesquiza.

*

Antes enganar-se com os amigos que enganar os amigos.

(*Trad. de Alberto Ramos*).

HEITOR MONIZ — ASPECTOS DA HISTORIA BRASILEIRA — Livraria Editora Freitas Bastos. — Rio.

O Sr. Heitor Moniz, estudioso do nosso passado, vem se especializando num genero, muito apreciado do publico, e ao qual já dedicou varios trabalhos, que lograram grande exito. Trata-se do aproveitamento, em pequenas narrativas algo romanceadas, de authenticos episodios da nossa historia, aliás bastante pobre em lances verdadeiramente interessantes, ao menos no que nos resta entre a poeira dos archivos. No volume que ora publica, o Sr. Heitor Moniz aborda os mais variados assumptos e tanto se reporta á Revolução Bahiana de 1712, ao 7 de Abril ou á Sabinada, como fala no Duque de Caxias, em Porto Alegre ou no Barão de Uruguayana, mas tudo isso com muito tacto e leveza e sem jamais fatigar o leitor.

---

queno povoado a que se acolheu, apezar de o saberem excommungado, continuaram a tratal-o respeitosamente. O Collegio de França, de cujas cathedras não preleccionam nullidades (bem longe disso), elegeu-o professor de Historia das Religiões. Teve elle assim a possibilidade de continuar a viver vida muito modesta, mas honrada e laboriosa.

A sua autobiographia, não é, como os *Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse* de Rénan, suave livro em que amavel philosopho, escrevendo no mais seductor estylo, nos conte sorrindo a bondade de sua mamãe, a gravidade dos seus mestres, o seu idyllio infantil com a pequena Noemi e outros episodios strictamente pessoaes. O livro de Loisy é muito mais do que isso: é a historia de uma grande crise espiritual que percorreu a Europa e dilatou-se ainda por outros continentes.

A crise passou. A energia brutal do Santo Officio, excommungando meia duzia de modernistas (si tantos), atterrou os outros, (os encapotados e os conhecidos) reduzindo-os todos á obediencia. Depois disso veio a Grande Tormenta de 1914-1918, cuja resaca ainda continúa perigosa, neste momento mais do que nunca. E o modernismo falleceu. E' hoje heresia tão morta quanto o jansenismo, o gallicanismo, o quietismo e outros muitos ismos. A sciencia, porém, continúa seu caminho sem medo de anathemas...

Hamburgo — Junho — 1932.

ANTONIO TORRES.

"Brasil - prosa e verso"

(Pamphleto de PINHEIRO VIEGAS)

Pinheiro Viegas, atirado, ha alguns annos, pelos azares da sorte, da sua roda bohemia do Rio para junto dos poetinhas "tradicionalistas dynamicos" (sic) da Bahia, está hoje cégo e pobre, soffrendo o castigo de ter talento numa terra onde é crime possuir cousas como esta.

Alguns dos seus amigos reuniram e publicaram em folheto artigos e versos do admiravel mestre da satira e da ironia. Os criticos da terra da oratoria e do acarajé silenciaram sobre o livro de Viegas. E' que a inveja e o despeito dos doutores que dominam a Bahia nunca desculpou a Pinheiro Viegas os epigrammas e as phrases de espirito, especie de "fita da legião de honra" com que o poeta de *Chipp* condecorava a estultice patricia.

Lembro-me de uma quadra de Viegas sobre Edgard Sanches, professor de philosophia da Faculdade da Bahia, gordo positivista de collarinho alto. Ninguem tinha coragem de discordar do collarinho alto de Edgard Sanches, actualmente aqui no Rio. Pinheiro Viegas, para escandalo de todos os estudantes e doutores brindou-o com o seguinte epigramma:

Sanches ou Sancho? De accôrdo.
Pansa ou pansismo? Percebo.
Tem o sebo de homem gordo.
Sebo. Sebo. Sebo. Sebo.

A imprensa tambem não falou no pamphleto de Viegas. Elle affirmava que não lia os jornalistas bahianos e as redacções estavam fechadas para Pinheiro Viegas, desde que escrevera um artigo contra a pseudo litteratura do academico e ex-ministro Octavio Mangabeira. Reuniram-se todos os litteratos da cidade de Thomé de Souza e juntos escreveram uma peça extraordinaria de tolices, atacando Viegas. Um pharmaceutico assignou o artigo em tróca de uma passagem para o Rio. E fecharam a imprensa ao homem que tinha a audacia de criticar o "successor" de Ruy Barbosa.

Pinheiro Viegas ficou fazendo então o que elle chamava o "jornal falado". Apparecia pelos bars com aquella linha que sempre conservou e tomava conhecimento de todos os ridiculos do dia. Tinha acerca de tudo uma phrase de espirito. Henrique Cancio, redactor-chefe do *O Imparcial*, jornal em que Viegas trabalhara, foi nomeado para uma sinecura de uns tres contos por mez. Cancio fazia umas chronicas assignadas com o pseudonymo de Maria Lucia. Falaram do emprego do jornalista ao Viegas e elle, batendo com a bengala no chão (bengala com estoque, que elle quizera certa vez enfiar num poetinha que lhe roubara um Baudelaire ricamente encadernado), improvisou o epigramma:

Sou Maria Lucia, ás vezes,
Na Bahia ou em "Byzancio".
Barriga de nove mezes,
Enriquecendo, eu sou Cancio.

Agrippino Grieco disse que Viegas é um rimador millionario. Elle o é de facto. Poeta dispersivo, de uma poesia fragmentaria, recordo-me de que certa vez empregara a mesma imagem para Jesus Christo e para o Corvo de Poe.

Em *Brasil — prosa e verso* (tal é o titulo do pamphleto agora publicado), encontram-se alguns dos melhores versos de Viegas. *O absintho*, e *Viagem* são duas pequenas obras primas. Cito o ultimo terceto de *O absintho*:

De chofre vejo então todas as suas baldas,
Seus verdes olhos mãos são duas esmeraldas
Sob o esplendor lunar das lampadas electricas.

Ha um certo humor macabro nos seus versos irritados. O poeta ri das cousas, mas com um riso onde ha muito tristeza, muita desolação:

Ora, morrer de amor é tragico e ridiculo:
A musa, o poeta, o ideal, fóra do meu cubiculo,
Sómente, para rir, em meus quatorze versos!

Na parte em prosa, o melhor é o trecho de ensaio (que a cegueira não deixou que concluisse) sobre Castro Alves, de quem nota o "soberbo perfil apollineo". Ao relembrar o odio que devotava ao poeta o sergipano Tobias Barreto, chama a este de "fusco pensativo allemão".

Perdendo tudo que tem publicado, dizendo as suas melhores cousas nas mesas dos bars (Alves Ribeiro já fez notar que muitas vezes os inimigos de Viegas o atacam usando as phrases que delle ouviram pelas praças e livrarias), não se dobrando jámais, este homem que nunca aprendeu a bajular está fadado a morrer como todos que possuem esses "vicios" na Bahia, terra de grandes doutores illetrados, esquecido na sua pobreza, gloria de uma vida decente.

JORGE AMADO.

Luiz Edmundo — O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis — Imprensa Nacional — Rio — 1932.

Representa um duplo acontecimento a publicação deste livro do sr. Luiz Edmundo. Acontecimento nos dominios da arte, por se tratar de um volume esplendidamente illustrado por alguns dos nossos melhores desenhistas e pintores: os srs. Henrique Cavalleiro, Carlos e Rodolpho Chambelland, Marques Junior e Wasth Rodrigues. Acontecimento litterario, devido a estar em jogo a prosa de um chronista admiravel, que não raro ascende á categoria de verdadeiro historiador. Tendo reunido, aqui e em Lisbôa, onde habitou dois annos, uma farta provisão sobre tudo quanto se prenda ao Rio antigo, o poeta da *Rosa dos ventos* elaborou com todo o cuidado esta série de estudos em torno ao ambiente colonial, e a graça do seu estylo, a desenvoltura do narrador por vezes anecdotico e pittoresco, accrescentam raro encanto a um texto que poderia ser austeramente objectivo e, logo, horrivelmente maçador. Tudo repousa, no livro, sobre documentos solidos e tudo é lepidamente contado, destacando-se, destas 550 paginas substanciosas, os trechos allusivos ao mercado de pretos do Vallongo, ás ceremonias religiosas, ás festas officiaes, ás modas masculinas e femininas e ás companhias theatraes em que representavam comediantes de segunda ordem, como a tal Passarola, que haveria representado uma farça, ao menos para a platéa portugueza, no mesmo dia em que foi suppliciado o nosso Tiradentes...

"IN MEMORIAM"

Bastante expressiva a homenagem que os amigos e admiradores de Felicio dos Santos lhe prestaram neste commovido *In Memoriam*. Graças ao devotamento do jornal *A União*, aqui se encontram intelligentemente reunidos os melhores artigos e discursos provocados pelo desapparecimento do velho batalhador da Egreja, do notavel polemista, do homem que levou á extrema ancianidade uma prodigiosa lucidez de intelligencia e, segundo affirmação do cardeal Arcoverde, estará "entre os nomes de maior merecimento quando se escrever um dia a historia da vida catholica do Brasil".

DE PARIS

G Y P

Quando, em 1850, nasceu no castello de Cöet-Sal, perto de Sainte-Anne d'Auray, no Departamento do Morbihan, Sibylle-Anne-Marie-Antoinette de Riquetti de Mirabeau, houve uma grande decepção na familia, pois que todos queriam um herdeiro masculino. Consolaram-se, entretanto, como puderam, dando á creança uma educação de rapaz. Sibylla foi, então, entregue á pratica de todos os esportes, mesmo os mais violentos, e foi dessa rude escola que lhe advieram a independencia de espirito e a liberdade de julgamento.

Com dois annos e meio, ella deixou a lande desolada, vizinha do mar rabugento, e da qual, aliás, guardou sempre a marca. Dahi foi levada á Lorena, onde passou a sua mocidade fantastica. Amazona precoce, mais lhe agradavam as cavalgatas na floresta que o estudo ou mesmo as faceirices do seu sexo. Ella havia vivido a adolescencia no tempo dos cabellos e dos cavallos (*des cheveux et des chevaux*, dizem os parisienses brincalhões).

Em 1875, Sibylle tornara-se, pelo casamento com um gentilhomem apaixonado de equitação e outros esportes, a Condessa de Martel de Janville. A esses nomes illustres, a esses titulos cubiçados, ella preferia, porém, as tres lettras do seu pseudonymo Gyp. Este nome, tirado a um cão familiar na obra de Dickens, cortante como um chicote, não podia ser mais curto para quem tinha um nome tão longo. Será, entretanto, esse vivo e alerta pseudonymo que a historia litteraria reterá, pois que a ella ha de pertencer daqui por diante a escriptora que assignou mais de 150 volumes.

Foi por volta dos vinte e cinco annos, quando acabava de casar-se com o Conde de Martel, que a vocação litteraria lhe veio de repente e até o seu ultimo instante a penna lhe correu com uma abundancia e uma frescura de expressão que assegurariam o successo de uma obra litteraria relevante.

Gyp estreara nas lettras publicando em *La Vie Parisienne* contos e fantasias em que se affirmavam de um jacto a verve brilhante e a desenvoltura de attitudes que jamais a abandonariam. Sempre se interessou ella pelas lutas civis. Não temia as opiniões corajosas. Mesmo em *Le petit Bob*, seu primeiro volume, apparecido em 1882, e que lhe firmou a reputação, vê-se um garoto de 8 annos que não vacilla em emittir conceitos que fazem o desespero de seus paes e do padre que lhe serve de preceptor. Nunca se fatigou a escriptora de desfechar as suas agudas settas contra os figurões do alto mundo, que ella conhecia tão bem. Mas, se atirava para longe os preconceitos de casta ao justiçar os ridiculos da aristocracia, nem por isso deixou de permanecer fiel aos seus sentimentos de grande dama, fazendo, não raro, pensar numa heroina da Fronle vivendo em nossos dias.

Escreveu muito, mas quasi não sahiu dos salões, parisienses ou provincianos, pintando-os com uma minucia ironica que não lhes poupava as vaidades e as futilidades. Foi ainda na moldura das tagarellices mundanas que ella tratou das questões sociaes, e sua obra resistirá, valendo, sob certos aspectos, por um excellente resumo da maneira algo ingenua por que, num seculo de vida facil, se pretendeu transmudar pequenas contendas de partidos em grandes lutas politicas.

Depois de *Petit Bob*, Gyp publicou dezenas de tomos de um tom ameno, epigrammatico, por vezes audacioso, que lhe valeram, de prompto, a celebridade. Não é preciso recordar titulos que ficaram em todas as memorias. Mas convem dar um lugar á parte á adoravel *Totote*, em que Gyp parece ter attingido o maximo do seu esplendor pela synthese perfeita de um espirito que todos sabiam scintillante, mas poucos desconfiavam possuisse tão fortes reservas de sensibilidade. Ella via e sublinhava o ridiculo, fazia-o, porém, sem amargor, e não chegava nunca a ser perversa. A romancista guardara de sua passagem pela *Vie Parisienne* essa subtileza de pensamento, essa finura de toque, essa arte de uma execução perfeita que conservou a despeito dos annos. Com sua calligraphia volumosa, que parecia traçada com palitos de phosphoros, não cessou de publicar, num successo crescente, romances e estudos de costumes, sempre de uma palpitante actualidade em relação ás aventuras do mundo e da politica. Sua observação era justa, seu bom senso robusto, e ella marcava os homens e as cousas de modo tão divertido, que todos se sentiam arrastados por seu bom humor e por um espirito que lhe fazia desculpar e perdoar a vehemencia da satira. Muitas vezes illustrou ella mesma os seus livros, com desenhos assignados pelo seu predilecto Bob e que completavam e enriqueciam o texto, de modo a duplicar-lhe o interesse, e a tornal-o um documento illustrado de merito inapreciavel.

Essa mulher espiritual, de *face-à-main* inclemente, tinha thezouros de ternura no coração quando se propunha a traçar um caracter de rapariga: toda a mocidade da epoca tornou-se apaixonada de *Chiffon*, *Friquet*, *Napoleonette*, diabinhas terriveis e encantadoras, que tudo dominavam em redor de si pela audacia, franqueza e cortezia, attributos de verdadeiras raparigas francezas. Se ella nunca pintou grandes composições ou largos afrescos, foi sempre servida por uma infatigavel visão caricatural e, empilhando croquis sobre croquis, seus romances dialogados poder-se-iam comparar a esses albuns de debuxos em que gostamos de procurar, de tempos a tempos, a imagem de rostos desapparecidos. Toda a obra de Gyp é um quadro de costumes e poderia ter por titulo *A Sociedade sob a Terceira Republica*.

Gyp, nestes ultimos annos, começára a escrever as suas memorias e era com encanto que se liam essas saborosas recordações da sobrinha-neta de Mirabeau, que tanto pela sua situação mundana, como por um talento singular havia tomado parte activa e sempre dirigida no sentido das tradições nacionaes, em todos os movimentos politicos. Agradaram os seus ultimos trabalhos: *Les souvenirs d'une petite fille* e *La joyeuse enfance de la IIIème. Republique*, em que ella se esmerou em compor tantos quadros cheios de força e de espirito e com traços essenciaes da mais elegante desenvoltura. Ella evocou os longinquos annos da sua infancia e ha paginas repassadas de uma emoção discreta e ternamente ironica em que o estylo guarda a naturalidade da conversação. Nessa idosa e respeitavel senhora, havia qualquer cousa de gavroche. Infelizmente ficaram incompletas essas

DE NOVA YORK

O ultimo filme de Greta Garbo

Corria na téla do *Capitol* o filme *As You Desire Me*, versão da peça *Come tu me vuoi*, de Pirandello, já conhecida do publico de Nova York, que agora a tem no cinema para medir as differenças.

Arrastavam-nos esses dois nomes: Greta Garbo e Pirandello. Fômos ver o filme que, por ser de quem é, mantinha a casa cheia.

A historia, como se sabe, é a de uma duqueza que perde a memoria, nos fins da guerra, alheiando-se de si e dos seus, e longe do marido, deslembrada da vida anterior, conquista para si um mundo de novas sensações, uma existencia outra, livre, despreoccupada, independente. Dir-se-ia uma alma virgem, nascida daquelle primeiro impulso vital — liberta de preconceitos, alheia aos tabús e não-farás com que futilmente se reblinda a citadella social.

Terminada a guerra, o marido, senhor de vastos latifundios em certo rincão da Italia, dedica-se inteiramente a buscar a esposa adorada. Envia agentes e mensageiros a toda a parte, mas não ha o mais leve indício da desapparecida. Decorridos dez annos, um dos emissarios do duque suppõe descobril-a na pessoa de uma cantora de Budapest — dama de alto circulo de adoradores, esplendente de belleza, arredia, bizarra, inalcançavel nos vôos da sua imaginação sempre fugidia.

E' assim, de cabelleira de prata, incomprehensivel, abstracta, impalpavel, quasi volatil, que nos apparece Greta Garbo como sendo a supposta duqueza.

Levada para o solar do duque, ella permanece como que fluctuando num sonho, toda alheia á vida anterior... — Quem sou eu? De onde vim?... pergunta-se a si mesma, sem poder libertar-se da duvida.

Os velhos criados, que tanto a estimavam, lembram-se daquella noite tragica, cheia de attribuladas buscas, todas infructiferas, em que a sua linda senhora desapparecera. Mas nenhum delles pode, sem sombra de duvida, identificar essa mulher, que lhes vive na lembrança, com aquella que acaba de chegar. Ha na sala um grande retrato da desapparecida, pintado logo após o casamento della, e é essa a prova mais forte contra uma possivel identificação das duas senhoras: a do retrato, que é authentica, e a outra, centro talvez de um grande embuste.

E' ahi que começa o verdadeiro drama interior dessa mulher, magnificamente personificada em Greta Garbo.

Deslembrada de tudo, dessa existencia que talvez nunca tivesse experimentado, ella esforça-se por se integrar na moldura do amor resuscitado que lhe offerece o marido, mas, contra todos os seus anseios, lá está na effigie da outra, — da mulher realidade — jovem, bella, esplendida, o desmentido de todos os seus sonhos! E' aquella, a imagem que o esposo venera... E' aquella, a que lhe vive na lembrança! Ah, pudesse ella despir-se agora das roupagens desta vida presente, cheia de duvidas sobre si mesma, e enquadrar-se na moldura daquelle retrato — viver em pessoa, para jubilo do esposo, toda essa plastica sublime, e tambem a alma, que o artista alli deixara impressa!

Para o fim do filme, vemos realizar-se o milagre. Já não ha mais duvidas. As duas mulheres se identificam uma com a outra — a real, a do retrato, e a ex-cantora de Budapest, que é agora o objecto de adoração do duque. Mas, nesse ponto, introduz Pirandello uma especie de ante-climax na pessoa de uma victima de amnesia, descoberta num asylo, a qual dizem ser a verdadeira desapparecida...

Esta versão cinematographica termina ao revés da peça, porque é Greta Garbo, magicamente metamorphoseada na esplendida dama do retrato, que permanece ao lado do esposo. Mas a gente fica na eterna incerteza sobre quem seja a verdadeira mulher desapparecida — e nessa duvida da assistencia, que entra a experimentar o mesmo estado dubidativo da personagem do drama, é que está toda a genialidade da obra de Pirandello.

Milhares de vezes tem o cinema se valido da amnesia para focalizar dois estados de existencia, mas sempre o fez da maneira mais chã. Na obra de Pirandello é que os effeitos dessa perturbação mental se tornam verdadeiramente penetrantes, porque ahi vemos — ou sentimos — a funcção da memoria como matriz da realidade-consciente. Por entre dois abysmos passa essa linha recta da lembrança, ligando os acontecimentos, e a um simples falsear do pé, apagada a memoria, rolamos no despenhadeiro da morte, inda que continuemos com vida...

ARTHUR COELHO.

---

emocionantes memorias, tão cheias de frescura e mocidade que, ao lel-as, a gente mal póde imaginar que a morte viria interrompel-as.

Durante a grande guerra, que lhe roubou o neto, emquanto seu filho, o Dr. Martel dirigia uma ambulancia no *front*, ella perseguiu com sua verve acerba os derrotistas e aproveitadores.

Gyp, que estava em vesperas de completar 84 annos, morre no momento em que deveria ser celebrado o seu cincoentenario de vida litteraria. Raramente carreira nas lettras foi tão cheia como a sua. Havia nella, ao lado da escriptora de valor e bem parisiense, uma mulher de coração e a respeito da qual disse Anatole France: "Para mim, Gyp é um grande philosopho, e se me perguntarem como eu a comprehendo eu rsponderei que a comprehendo como ella deve ser comprehendida."

Acolhedora para todos, Gyp reconhecia o talento dos seus mais ardentes adversarios. Ella morre sem ter jamais interrompido a sua producção e conservando até o seu ultimo sopro essa alegria de escrever que lhe encheu toda a vida.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

Apparecerá brevemente:

GEORGES SIMENON

UM CRIME NA HOLLANDA

Preço: 5$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

BURGUEZES E PROLETARIOS

De Linneu a Marx, a Systematica simplificou-se sobremaneira. A tal ponto, que as innumeras especies, generos, familias, ordens, classes, ramos se reduzem hoje apenas a dous grupos ou classes de seres vivos: oppressores e opprimidos; burguezes de um lado, do outro proletarios. E' pelo menos isso o que se conclue da tendencia que manifestam os vulgarizadores actuaes do materialismo historico e do leninismo a tudo examinar, a tudo julgar, a tudo medir pela craveira da luta de classes. Trata-se de apreciar o valor de um corypheu das artes, das lettras, da propria sciencia? A primeira questão que se impõe é a de saber a qual das duas classes pertence o espécimen. Não faz muito tempo, continuando e desenvolvendo Marx, o sociologo da revolução proletaria, Nicolau Buchárin derivava dessa formula simplista toda uma sociologia, senão toda uma philosophia, em que oppunha a uma "sciencia" burgueza uma "sciencia" proletaria. Imaginem uma geologia burgueza e uma geologia proletaria! uma chimica proletaria e uma chimica burgueza! uma thermodynamica b u r g u e z a e... basta!

Agora é o sr. Paul Nizan que, repetindo o mestre russo, vem medir, com o mesmo estalão, a philosophia e os philosophos, uma diatribe de cabotino, que se revela já no titulo: *Les Chiens de Garde*.

Essa divisão da humanidade actual — e não só da humanidade, mas ainda, como vimos, da sciencia e de quanto lhe constitue o objecto — em duas unicas classes é de uma ingenuidade sem limites e reflecte nitidamente a mentalidade muçulmana, que só distingue entre os sectarios do propheta e a caingalha infiel, ou a dos primeiros christãos, que só viam, de um lado, as "ovelhas de Christo" e, do outro, os idolatras. Todos sabem que as cousas são muito mais complexas do que suppõem esse dualismo simplista, que existe hoje uma infinidade de conflictos de interesses e, portanto, de lutas mais ou menos occultas, que as classes em luta são varias e sem uma linha divisoria precisa e definida e que essa complicação, essa indeterminação, contrariamente á previsão marxista, cresce cada vez mais com a evolução social. Ha interesses de grupos varios e de varias classes, ha sentimentos collectivos e sentimentos individuaes, ha interesses nacionaes, que muitissimas vezes se têm mostrado mais fortes que os interesses de classe ou outros, como foi recentemente o caso da Guerra Mundial, e que penetram o proprio socialismo, razão por que ha um socialismo francez (Proudhon) differente de um socialismo "scientifico" a l l e m ã o (Marx) e de um socialismo inglez (Owen, Bernard Shaw); ha interesses religiosos e em luta, já contra outros interesses religiosos, já contra interesses irreligiosos ou anti-clericaes, os quaes, todos se armam de copiosissima litteratura... Todos sabem disso. Os factos ahi estão para o provar. A sociologia objectiva tambem ahi está para explicar os factos. Mas quer lá saber de factos o sr. Paul Nizan? Não é elle quem mofa de Durkheim por se ter este occupado dos factos que determinaram a prohibição do incesto, ou por haver estudado o Facto Moral em sua essencia e especificidade, ao invés de admittir *a priori*, com os marxistas, que a moral é uma superstructura da economia? Utilizar-se dos factos é perder-se em digressões academicas, que só convêm aos bonzos universitarios que estudam, pensam, philosopham de encommenda, a soldo do Estado, como "cães de guarda", que são, da burguezia.

O profundo autor desse admiravel estudo de sociologia que é *Le Suicide*, fazendo obra de encommenda a soldo do Estado burguez! Como pilheria, não está mau.

Nesse capitulo pilheria o livro do sr. Paul Nizan enche as medidas. Lá está, para exemplo, a pagina em que o autor, com ares de amante trahido, chama á Intelligencia femea passiva, concubina sem vergonha que se acasala docilmente com *tutti quanti*: honestos e deshonestos, pacifistas e militaristas, mathematicos e sensualistas, revolucionarios e reaccionarios, galfarros e prisioneiros, e conclue que não ha de ser essa criada de todos que permittirá uma definição unívoca da philosophia. Ha que concordar que não. Sobretudo quando em cada passo se observa que, para o autor, a philosophia é eminentemente normativa. Que o é, infere-se da confusão que da philosophia geral faz o nosso homem com a philosophia da moral e, ainda, desta com a propria moral. E fal-o adrede, por conveniencia, para poder chegar a conclusões preconcebidas: é preciso provar que toda a philosophia é visceralmente burgueza, que os philosophos têm por missão conservar e defender uma minoria exploradora contra uma maioria de explorados e dahi a necessidade de um nome commum para psychologos, logicos e moralistas, como tambem da confusão da moral ou seja um systema de regras typicas, *sui-generis*, com a philosophia da moral ou estudo dessas regras. Dahi ainda a necessidade de confundir philosophia e sociologia. "Ha de um lado — diz elle — a philosophia idealista, que enuncia verdades sobre o Homem e, do outro lado, a carta da repartição da tuberculose, que diz como os homens morrem." O autor queria que a philosophia tratasse disso. E' não querer ver que o problema é sociologico e que sómente quando *doublés* de sociologos é que os philosophos o têm estudado, os quaes sobre o assumpto muita cousa poderiam ensinar ao sr. Paul Nizan, não pertencesse já elle á *élite* dos "avançados".

Por causa dessa concepção toda especial da philosophia é que o autor tem frouxos de riso ao ver o philosopho Lalande tratar da Razão Constituinte e da Razão Constituida. Lê-se nos manuaes de psychiatria que é rindo assim que muita gente começa...

A um materialista historico, para quem a vida do Espirito se acha, como aliás tudo mais, subordinada ao modo de producção da vida material, parece que não fica bem collocar-se nesse ponto de vista moral e normativo, qual seja o de apreciar a Intelligencia pelos seus effeitos bons ou maus e adoptar o criterio "do que deve ser", criterio muito do gosto e da conveniencia dos defensores do livre-arbitrio, bastião atraz do qual se acoitam os exhumadores actuaes do pensamento medieval, quando acossados, não pelo determinismo economico de Paul Nizan, mas precisamente pelo determinismo philosophico. Ainda nesse ponto de vista normativo ou moral se colloca o autor quando se insurge contra a gratidão que merece dos homens a sociologia, a historia do criticismo ou a logistica. E aqui ha uma confusão propositada: o autor finge ignorar que o reconhecimento ou o applauso ás obras philosophicas resulta do que ellas valham individualmente e não do facto

apenas de serem philosophicas, e que o merito de um *agrégé de philosophie* em virtude de sua funcção é simplesmente presumptivo, como o é o de qualquer profissional. E' certamente innegavel, como pensa o autor, que a opinião tem em maior consideração ao cultor da philosophia que ao technico industrial, como é egualmente irrecusavel que essa maior consideração deriva do primado do Espirito na opinião geral. Esse primado é uma realidade? E' o que contesta o sr. Paul Nizan. Mas sejamos claros. Toda actividade humana, quer intellectual, quer material, é, em maior ou menor grau, uma actividade do Espirito, minima no que se sóe chamar o trabalho "puramente" manual, maxima na elocubração philosophica. E visto que a actividade espiritual, ainda, ali onde ella é infima, indispensavel, não ha como negar o seu primado, primado que, como facto real, não se pode verificar nem medir pelo criterio da utilidade do trabalho, porque essa utilidade depende de um juizo normativo e não pode portanto servir de medida ao real, senão ao ideal. O criterio tem, pois, que ser, não o d eutilidade, mas o de indispensabilidade; e a medida tem que ser a maior ou menor contribuição do Espirito na actividade humana. E' isso o que explica o valor do genio artistico, ainda quando sua obra seja — peor do que inutil — nociva. Ora, em nenhuma actividade humana o Espirito é mais activo e operante do que na philosophia, o que explica, não o facto, mas apenas a presumpção de ser *o agrégé de philosophie* um "terra-nova", como lhe chama o autor. Porque um "terra-nova" é sempre mais intelligente do que um cão vulgar...

Obnubilado pela these dualista da luta de classes, dos oppressores de um lado, dos opprimidos do outro, o autor protesta contra "a exploração presente dos operarios, a anarchia da terra, a corrupção dos politicos, a miseria sentimental, etc.", e entretanto admitte que taes factos "não são desvios actuaes dum destino beatifico da Humanidade em si." Porque, então, protesta? Bem sabemos que o faz por motivos de ordem moral, sentimentos de justiça, de ordem, de honestidade, de igualdade. Mas vá a gente dizer isso a um materialista historico a Marx, a Lénin, a Buchárin...

Contrariamente ao que insinua o sr. Paul Nizan, nunca nenhum philosopho moderno, a não ser um Maritain, affirmou jamais a existencia da Philosophia-em-si. Mas os Maritains não são philosophos, por esta simples razão, que a philosophia é, em ultima analyse, o espirito critico, e o Maritainismo, a carencia de todo espirito critico. O facto de ter sido o Thomismo uma philosophia da Idade Media não implica que os thomistas actuaes sejam philosophos, pela mesma razão por que não seria philosopho, mas um simples imbecil, quem pretendesse em pleno seculo XX resuscitar a philosophia pre-socratica, por mais geniaes que hajam sido — e o foram — os Thales, os Pythagoras, os Zenos e os Democritos.

Para o sr. Paul Nizan, não existe materia philosophica. Mas se, como elle quer, o que ha é uma reunião de affirmações, não constitue o objecto de taes affirmações, precisamente, a materia philosophica? Se o Thomismo e o Kantismo, como o autor parece estranhar, "fazem parte, com igual direito, da philosophia", é que um e outro são series de hypotheses versantes a mesma materia, isto é, a materia philosophica.

Confundindo sempre, o sr. Paul Nizan diz que os philosophos actuaes em geral affirmam a existencia de leis de excepção para o pensamento e o consideram uma actividade exercida por seres subtraidos aos espaço e ao tempo e independentes de um corpo. Ora, todos sabem que a Psychologia, erigindo-se hoje em sciencia, se constróe com subsidios já physiologicos, já sociologicos. E, mais que todos, sabem-no os constructores da Psychologia, que são, precisamente, a generalidade dos philosophos actuaes. Todo o arrazoado do sr. Paul Nizan neste terreno é, portanto, desarrazoado. E quando elle nos vem dizer que as condições sociaes influem nas idéas philosophicas não traz novidade nenhuma, senão que repete o que a sociologia "burgueza", a sociologia dos "cães de guarda", já nos ensinara. Mas o que o autor não vê, ou faz que não vê, é que essas influencias não são factores, não são condições favoraveis, senão desfavoraveis ao objectivismo das cogitações philosophicas. E é dessa falta de objectivismo que é accusada a philosophia marxista, não de se ter Marx "informado de sua posição terrestre", nem de ter dito que "o que cumpria era transformar o mundo e não interpretal-o." A phrase é bonita. Mas não ha como querer transformar cousa alguma sem previa interpretação. E é, repetimos, essa interpretação marxista do mundo que é accusada de subjectiva. A transformação do mundo é outra questão: é acção e não cogitação; do dominio da vontade, mais que da intelligencia; determinada pelo sentimento, mais que pela razão; da competencia da arte politica e não da sciencia politica. Da cogitação á acção só se pode passar obedecendo a um imperativo moral, que subentende um ideal. E', assim, o idealismo de Carlos Marx que dita a phrase supra. O que não impede que o sr. Paul Nizan considere idealistas sómente os philosophos anti-marxistas, o que o leva a dizer que "toda a historia idealista da philosophia perde o seu latim". Como se elle e, com elle, todos os marxistas não fossem tambem idealistas...

Ainda contrariamente ao sr. Paul Nizan, a marca de authenticidade da Philosophia não está no fugir, no fechar os olhos ás miserias humanas ambientes, mas no saber contemplal-as á maneira, por exemplo, de um Lucrecio. A decisão de sómente contemplar o mundo será, tanto quanto a vontade de o transformar, uma decisão terrestre da Philosophia? Da Philosophia, não. De certos philosophos, sim. Apenas, os que o fazem, fazem-no em virtude do "homo sum", de Terencio. Esses philosophos são conservadores. E' um direito que lhes assiste? Não, se bem que, por um sophisma subtil, se possa allegar que o direito de pensar em opposição a Marx implica coherentemente o direito de querer o opposto do que Marx quer. Ha ahi duas capciosidades: uma, a de admittir um "direito de pensar", direito que existe tanto quanto o direito de digerir ou o de secretar, pois as funcções vitaes, quer organicas, quer psychicas, não comportam a noção de direito, em que se pese aos theoricos do direito natural; a outra está em confundir o élo logico que existe entre a intelligencia e a vontade e que lhes é intrinseco, com o élo moral, que lhes é extrinseco. Eis porque ha que conceder isto ao sr. Paul Nizan: que não é justo, na epoca actual da civilização, ser conservador, pois vale isso querer a oppressão, a exploração, todas essas miserias humanas contra as quaes se insurge a moral de hoje. Eis porque o fidelissimo retrato do burguez, que a certa altura nos pinta o sr. Paul Nizan, merece-

ESCULPTURA

No movimento de renovação que soffreram todas as artes depois da guerra, foi sem duvida a escultura aquella que mais avançou, procurando obedecer a canones bem demarcados, embora os artistas, num profundo recúo ao passado, fossem buscar suas fontes de inspiração ao archaismo grego, á frontalidade egypcia e mesmo ao primitivismo negro.

Na verdade, muito mais do que a pintura beneficiaram as artes plasticas do cubismo de Braque ou Picasso, preoccupado com as fórmas geometricas, o jogo claro das massas, os planos nitidos e o traço linear e puro.

Tudo isso nós pensavamos ha poucos dias, visitando a exposição que de algumas das suas esculpturas fez, no Palace Hotel, a Senhora Adriana Janacopulos. Artista perfeita e cheia de attributos muito pessoaes, essa nossa distincta patricia, longos annos ausente do Brasil, já teve o seu nome consagrado em varios salões europeus e não foram poucos os criticos autorizados que se voltaram com interesse para os seus trabalhos.

Especializada sobretudo no retrato, é verdadeiramente notavel o conjunto de bustos e cabeças que nos foi dado admirar e dentre os quaes difficil seria escolher algum que mais se destacasse, tanta é a mestria da sua technica, sempre de uma grande sobriedade, mas admiravel na harmonia das suas linhas.

*

Apenas, com um justo desvanecimento de brasileiros, destacaremos a bella esculptura em que nos apparece a figura energica e expressiva do nosso patricio Villa-Lobos, esculptura que muitos admiradores desse compositor desejam permaneça no Brasil, já tendo sido para isso organizada uma commissão de que fazem parte os srs. Ribeiro Couto, Renato Almeida, Gastão Cruls e outros intellectuaes e artistas.

---

ria a mais ampla divulgação. Mas eis tambem porque o ideal revolucionario não resulta da concepção marxista do mundo, mas pode coexistir com qualquer philosophia geral, porque uma é do dominio da cogitação, e o outro, um phenomeno moral; uma é producto da *consciousness* e o outro se processa na *conscience* e são, assim, conciliaveis porque independentes.

Em conclusão: afora um ou outro ponto, o que nesse libello contra a philosophia não é mentira, nem confusão, nem tolice, é phrase para armar ao effeito. Mas o direito de taes phrases não o tem toda gente. Do facto que Nietzsche tinha esse direito não decorre de modo algum que tambem o tenha o sr. Paul Nizan. Nietzsche era Nietzsche. O sr. Paul Nizan é o sr. Paul Nizan.

V. de Miranda Reis.

Leonidio Ribeiro — A IDENTIFICAÇÃO NO BRASIL — Imprensa Nacional, Rio, 1932.

Commemorando o 1º anniversario da sua gestão na chefia do Gabinete de Identificação, o autor dá á publicidade essa interessante monographia onde se assignalam os varios methodos de identificação — photographia, bertilhonagem, dactyloscopia — e se estuda a sua applicação entre nós, desde as primeiras iniciativas, que datam de 1889, até a perfeita organização emprestada recentemente a esses mesmos serviços pela reforma Baptista Lusardo e já sob a esclarecida orientação do Dr. Leonidio Ribeiro. O trabalho traz prefacio de Afranio Peixoto, que é mestre nesses assumptos e já dirigiu o nosso Gabinete Medico-Legal.

Benedicto Costa — A CONQUISTA DE HELENA — Edições Pongetti, Rio, 1932.

Trata-se de uma nova edição de interessante trabalho que, quando dado pela primeira vez á publicidade, mereceu amaveis referencias de Francis de Miomandre, numa das suas scintillantes chronicas das *Nouvelles Litteraires*. Livro em que se agitam conceitos e onde a cada passo transparece o pensamento do autor, todo voltado para a cultura greco-latina, nas suas paginas não encontrará o leitor a fabulação habitual aos romances, mas um polido jogo de idéas e motivos de harmonia e belleza conceitando-o a um fino prazer intellectual.

Castello Branco de Almeida — GOSTO AMARGO — Edições Pongetti — Rio — 1932.

Ainda que poeta parnasiano retardado, o sr. Castello Branco de Almeida é um excellente poeta, dentro já se vê da pauta em que culminaram no Brasil os mestres de que é saudavel sobrevivente o sr. Alberto de Oliveira. Seus sonetos são correctos e não sabemos se seria possivel colhel-o em qualquer deslize de metrificação. E esse apego aos rythmos e ás rimas tão desdenhadas pelos modernos explica que o sr. Humberto de Campos, o notavel autor da *Poeira*, haja lido, com tanto enthusiasmo, na Academia de Lettras, algumas producções do *Gosto amargo*, despertando sincero interesse em torno do sr. Castello Branco de Almeida.

LEMBRANDO UM MORTO

O sr. Calzareth Pinto, recentemente fallecido, mostrou, desde o nosso primeiro numero, um grande interesse pelo exito do *Boletim de Ariel*, divulgando-o, com o maior devotamento, nos circulos burocraticos em que exercia a sua honesta actividade.

Aliás, esse trabalho em favor de uma revista de cultura é bem explicavel em quem foi sempre um enthusiasta das bellas lettras e, sob o pseudonymo de Delmo Aragão, publicou, ha cinco annos, o volume intitulado *Gente suja*.

Mão grado o titulo, que póde fazer esperar uma obra de escandalo, de dissecção violenta dos aspectos malsãos da sociedade, essa collectanea de contos e novellas veiu de um conhecedor directo da existencia dos humildes, dos ambientes pobres, dos recantos de ignorancia e miseria em que tantas vezes irrompe, da mão callosa do obreiro, uma delicada flor de ternura. Entre outros, *O Remedio* é um retalho de vida que, pela verosimilhança do thema e pelas subtis intenções humanitarias, deixa entrever a fina sensibilidade e os dons de observador attento que caracterizavam esse escriptor modesto e honrado.

ANNAES DA ASSISTENCIA A PSYCHOPATAS — Imprensa Nacional. Rio, 1932.

Sob a direcção dos Drs. Waldemiro Pires, Helion Póvoa e L. Costa Rodrigues, apparecem estes *Annaes da Assistencia a Psychopathas*, num alentado volume de 200 e muitas paginas, que ha de interessar grandemente á nossa classe medica e onde assignam trabalhos nomes dos mais prestigiosos na especialidade, como os de Henrique Roxo, Odilon Gallotti, Jefferson de Lemos, Genival Londres e muitos outros, além das proprias contribuições devidas a seus organizadores.

Gondin da Fonseca — CONTOS DO PAIZ DAS FADAS — Livraria Quaresma, Rio.

A petizada de hoje é muito mais feliz do que aquella que ensaiava as suas leituras ao alvorecer deste seculo. Então, bem minguada era a nossa litteratura infantil e, á falta de producções genuinamente nacionaes, os livros da Condessa de Ségur, já vertidos para o portuguez, andavam de mão em mão. Agora, muitos dos nossos escriptores dedicam-se a esse genero de ficção e não são poucas as historias que hão de trazer ás tenras gerações actuaes o entretenimento que ás de antanho trouxeram as traquinices de Sophia e as desventuras de Gela e Adalberto, d'*A Casa do Saltimbanco*. Ainda no nosso ultimo numero, Lucia Miguel Pereira, numa das suas melhores chronicas, exaltava dois livros recentes, o *No paiz dos Quadratins*, de Carlos Lébeis, e as *Historia da Casa Grande*, de Gina Carvalho, ambos cheios de graça espontanea e dos mais attrahentes no genero. Hoje, queremos tambem aqui louvar os *Contos do Paiz das Fadas*, maravilhosas historias colhidas ao folklore de outros paizes, mas que Gondin da Fonseca soube adaptar com fino engenho ao nosso idioma e, numa bella edição da Livraria Quaresma, apparecem illustradas pelo perfeito artista que é Henrique Cavalleiro.

Barão de Studart

Está aqui um medico que pouco cuidou de medicina, preferindo o convivio quotidiano com os alfarrabios historicos aos sinapismos e emplastros. E arrastou-o a essa tarefa, que lhe absorveu os dias da vida, premiando-o com uma afecção da vista bem proxima da cegueira, a contingencia de reconstituir a arvore genealogica de sua familia, a evocação dos seus ancestraes de prol que os habitos de Christo e São Thiago destacavam.

Esse primeiro contacto com a papelama remota, os escriptos onde a tinta caparrosa começava a oxydar, decidiu-lhe da carreira. Traçou directrizes novas á sua vida que foi, sem interrupção, um eterno rebuscar de papeis velhos, roidos pela traça e pelo tortulho... Deixou de curar doentes para curar de historia... Trocando assim o bloco de receitas pelos alvarás massudos e a lanceta pela penna...

Logo aos seus ensaios iniciaes explorando o assumpto, conquistou um lugar de relevo entre os seus contemporaneos historiadores de polpa. E' que nenhum historiagrapho lhe levava as lampas em verismo, em authenticidade. Tudo isso fruto de uma pesquiza incessante, de um amor entranhado pela minucia, de um carinho todo especial pela certeza das datas. E, devido á essa probidade na averiguação de um facto qualquer, de minima importancia que fosse, tornaram-se os seus trabalhos uma especie de "palavra de ordem" na materia.

Abeberando-se em fontes puras, deu-nos a vida do homem que elle alcunhou de "fundador do Ceará", o capitão-mór Martim Soares Moreno, tão calumniado pela prosa bonita de José de Alencar...

Ao Barão de Studart deve-se a publicação da copia da *Relação do Maranham*, lettras devidas á penna do padre Figueira, escapo da furia anthropophagica da indiada da serra de Ibiapaba. E' um traslado precioso do original esquecido num desvão de prateleira no Limburgo hollandez, documento que veio provar ser o seu autor melhor chronista que grammatico tupy...

Quando do tricentenario do Ceará, em 1903, a sua opinião autorizada, pondo os pontos nos *ii*, foi a verdade sobre a figura, espiritualizada pela lenda, de Pero Coelho de Souza, o primeiro homem que sentiu as agruras da secca. O Barão de Studart apresentou-o, amparando-se em papeis da época, medido pela craveira vulgar: um simples "descedor de bugres". Roubou-lhe assim a personalidade heroica e romantica que lhe haviam emprestado Rocha Pitta, Porto Seguro e Southey.

Sobre a luta fratricida dos Montes e Feitosas, que ensanguentou por uma decada as ribeiras do Jaguaribe, reedição das rixas dos Pires e Camargos, não existiam senão vagos episodios recolhidos á tradição por Teberge e Katunda. Eis que Studart, após remexer os archivos do defunto Senado de Aquiraz, traz, á luz do sol, toda a documentação necessaria para reconstituil-a por miudo. Era um acervo de editaes, cartas reinões, bandos, prosas chôcas e chilras, é exacto, mas veridicas até o miôlo...

O seu trabalho de folego, obra alentada, não só pela grossura dos tres tomos que a compõem, mas tambem pelo que representa no dominio da Historia (deixem passar a maiuscula...) são as *Datas e Factos para a Historia do Ceará*. São tres volumes abordando, separadamente, os periodos de capitania, provincia e estado, com taes esclarecimentos e detalhes que não só se fica ao par da revolução de 17 como de passagens as mais comezinhas: o enforcamento do preto Benedicto no Largo da Matriz de Aracaty, por exemplo.

A respeito da primeira parte desse copioso estudo escreveu Capistrano de Abreu uma critica onde, com aquella visão de conjunto e observação penetrante que só elle tinha, demonstrou que a éra capitanial se podia resumir numa contenda entre marinha e sertão, ambos empenhados em predominar sobre o antagonista.

Levado pelo seu apaixonamento e benedictinismo, o Barão montou uma typographia para edição de seus livros e, tamanha era a sua capacidade de trabalho, que só os desarranjos dos prelos, ou as folgas dos graphicos, a paralyzavam.

Attestado de seu labor proveitoso, ahi ficam varios tomos com as biographias das personalidades da sua terra, especie de "nobiliarchia cearense" para o approximarmos do identico trabalho de Pedro Taques...

A sua longa existencia permittiu-lhe apreciar o seu fastigio, que o gosou tempos atraz, e o seu esquecimento de agora. E estas desalinhavadas lettras chegam a tempo, uma vez que, pouco avisados rabiscadores andam a lhe esmiuçar o estylo, a cata de imperfeições... Como se fosse possivel, a quem commentou e escreveu, consumindo-se em buscas exhaustivas, mais de um centenar de trabalhos, andar a limar phrases, pondo-as ao geito e gosto dos ouvidos apurados, seduzidos pela musica verbal dos apaixonados da Fórma...

HEITOR MARÇAL.

JONATHAS SERRANO — A ESCOLA NOVA Schmidt, editor — Rio, 1932.

"Uma palavra serena em um debate apaixonado", diz o autor, em sub-titulo, e diz bem. Trata-se, com effeito, do testemunho de um homem culto e equilibrado, honesto e leal, em torno ás controversias suscitadas pelas ultimas reformas pedagogicas. Professor e historiador eminente, affeito ao trato dos livros e dos discipulos, possue o sr. Jonathas Serrano, para bem expressar-se em taes assumptos, uma vasta documentação theorica e aquelle "saber de experiencias feito" que um classico luso parecia collocar acima de todos os outros.

Leiam os romances:

A CORTINA VERMELHA

— e —

O ANEL SENSUAL

CORRESPONDENCIA

S. S. G. — *O Sr. não nos diz qual é o genero de ficção que mais lhe agrada. Vae, portanto, ahi, uma lista de modernos escriptores inglezes, dos mais heteroclitos, mas todos de real valor e já com obras que se distinguiram entre a immensa producção de além-Mancha.*

Para não falarmos em Joseph Conrad, Arnold Bennett e John Galsworthy (os dois primeiros já fallecidos), cujas obras são hoje assaz conhecidas, citaremos: Aldous Huxley, Maurice Baring, Somerset Maugham, Frank Swinnerton, David Garnett, James Joyce, D. H. Lawrence, E. M. Forster e J. D. Beresford. Entre as mulheres, merecem menção: Virginia Wolff, Clemence Dane, Rosamond Lehmann, Rebecca West, Dorothy Richardson, Margaret Kennedy, Katherine Mansfield e Norah James.

— Sr. Ivan de la Vallée. — *Recebemos o seu* Petit Almanach des lettres. *Achamos interessantes algumas das suas definições, mas preferiamos que as suas vistas se voltassem para os escriptores nacionaes. Nada publicaremos, entretanto, sem um conhecimento pessoal do autor. Na vida litteraria ha tantas mystificações...*

Um anachronismo que corre mundo

O advento do regimen sovietico, na Russia, ao trazer modificações radicaes nas condições de vida dos povos que habitam a vastissima região do outr'ora imperio dos czares, envolveu num manto de mysterio o scenario onde se agitam as mais violentas paixões que o mundo tem presenciado nos tempos que correm, consubstanciadas nas reivindicações sociaes extremistas do bolchevismo.

Jornalistas de todas as partes se têm transportado ao paiz dos "soviets", afim de se pôr em contacto com as differentes camadas da população, para em seguida explanar os anceios e o pensamento destas em relação ao actual estado de coisas. Desnecessario se torna dizer que as mais desencontradas opiniões foram impressas a esse respeito. Nem podia deixar de ser assim. O jogo de interesses contrariados divide os homens em dois campos: os que applaudem a presente organização, enaltecendo-a sem reservas, julgando-a o ideal em materia de administração publica, e os que a repudiam systematicamente, taxando-a de retrocesso á barbarie, estado anarchico dominado apenas pela sede de vingança, representada pela trucidação em massa dos que não commungam no credo vermelho. Verdadeiras bibliothecas pró e anti-sovieticas têm sido lançadas aos quatro ventos pelos prélos do mundo inteiro. Cada vez mais a controversia politica augmenta, deixando aquelles que se interessam, sem partidarismo, pelo conhecimento da verdadeira situação russa, em estado de completa desorientação.

Depois de ter lido algumas dezenas de brochuras, dos mais variados matizes, ácerca do systema bolchevista, escriptas por individuos cuja probidade me era inteiramente desconhecida, foi com verdadeira satisfação que perlustrei o volume, recentemente dado a lume, pelo Prof. Mauricio de Medeiros. Tendo ido expressamente á União Sovietica, ha cerca de 3 annos, estudar, na qualidade de sociologo e observador neutro, as instituições fundadas pelo regimen communista, dissertou o illustrado medico patricio sobre varios assumptos que tornam attraente o fio da narração. Ao lado de muitas coisas que já me não eram estranhas, por tel-as deparado em outros auctores lidos anteriormente, fiquei a par de novidades, como aquella que se refere ao caso das libras esterlinas, surripiadas pelos russos ao nosso paiz, na occasião em que socializaram os bancos. Por isso mesmo que dediquei a maxima attenção á leitura de tal brochura, descobri nella certo anachronismo já por mim observado em outro volume do mesmo genero. E' assim que, ao iniciar o capitulo *Os estrangeiros na Russia*, escreve o A.: "Nesse mesmo dia em que fui procurado pelo jornalista de Leningrado, deveriamos partir para Moscou, *tomando um trem daquella famosa estrada que Pedro o Grande traçou, com uma regua, sobre o mappa...*" Esperei que alguem, dando pela incoherencia, apontasse este *cochilo* ao Dr. Medeiros, e elle o corrigisse. Entretanto, rapidamente esgotadas as tres primeiras édições da obra, surgiu ha pouco tempo a quarta, conservando a mesma falta. Resolvi então traçar as presentes linhas, afim de desfazer esse equivoco.

A versão explicativa da formidavel tangente que une Leningrado a Moscou, consigna que, não havendo os technicos encarregados da construcção da citada ferrovia chegado a accôrdo quanto ao rumo que deveria tomar a mesma, cada qual querendo "puxar mais brasa para sua sardinha", como diz o brocardo, isto é, olhando mais os seus interesses privados que os da collectividade, procurando favorecer mais esta ou aquella região, o czar de então, chamado a resolver o litigio, traçou a formidavel recta ligando as duas cidades e ordenou que deste modo se fizesse a construcção. Não é preciso accrescentar que tão intempestiva solução só acarretou desvantagens, obrigando a estrada a passar por zonas menos importantes, distanciando-se de outras mais prosperas e futurosas, com prejuizo evidente de sua efficiencia. Procurei esmiuçar a época em que tal facto deve ter-se passado. Que não foi no reinado de Pedro, o Grande, salta logo á vista. Este soberano, o primeiro revolucionario russo na ordem chronologica, fundador da actual Leningrado, o qual arrastou a civilização occidental até ás margens do Neva, tendo trabalhado na Hollanda como carpinteiro para ensinar aos seus subditos a arte de construir navios, governou a Russia de 1682 a 1725. Ora, a primeira locomotiva, posta a funccionar por Stephenson, na Inglaterra, data de 1811 (Larousse Universal), precisamente um seculo depois daquelle reinado. Superfluo se torna qualquer commentario a este respeito. Entretanto, após cuidadosas e pacientes pesquisas, consegui apurar o que desejava, como passo a expôr: a primeira via ferrea inaugurada na Russia, foi a Tsarkoe-Seló, em 1838, tendo sido a de Stockton a Dorlington, na Inglaterra, em 1825, a primeira entregue ao trafego publico, no mundo (*). Compulsando a *Enciclopedia Universal Ilustrada* (Espasa-Calpe, S. A.) — Tomo 53 —, no capitulo ácerca de San Petersburgo, achei á pag. 1029 algumas linhas que elucidam o assumpto em apreço. Na parte em que se trata da historia dessa cidade, vem a affirmativa de ter sido Nicolau I quem estabeleceu a communicação ferroviaria com Moscou. Havendo este autocrata governado a grande nação eslava, de 1825 a 1856, facil é concluir agora que a occurrencia de que estou a occupar-me occorreu entre 1838 e 1856, não me sendo possivel obter maiores esclarecimentos em torno do mesmo.

Como disse linhas atraz, o anachronismo que acabo de focalizar, tambem se encontra no livro de Carlos Santos, *Como eu vi a Russia*, publicado em Lisboa, em 1927. E' assim que, á pag. 138 da 2ª edição, dada á publicidade em 1928, se lê: "A manhã seguinte despertou-nos em meio da viridente embriaguez da campina russa. E' um mar de relvados e de florestas a longa planicie em meio *da qual Pedro Grande determinou que a linha S. Petersburgo-Moscovo rompesse em inflexivel recta.*" A semelhança de conceitos faz suppôr que os dois auctores, embora separados pela immensidão atlantica, beberam o alludido informe na mesma fonte.

Santos, Maio de 1932.

EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO.

Leiam:
CIUME
admiravel romance de
RENÉ-ALBERT GUZMAN

(*) *Geografia de la Rusia Soviética*, por E. F. Lesgaft, traducção hespanhola de Tatiana Enco de Valera e José Maria Quiroga y Plá — Tomo I, pag. 195.

QUEIJOS, PAPAGAIOS E MAJORES...

Confiou-me Humberto de Campos que, no seu manuscripto de *Memorias*, ha um capitulo inteiro dedicado aos *Papagaios*.

Quando elle soergueu, de manso, essa pontinha da cortina, sob a qual adivinhei, furtivamente, um faiscar de recordações rendilhadas á sua maneira, pensei num velho capitulo de minha infancia que, não tendo o direito de appellar para a posteridade — póde ser reduzido a cinzas agora mesmo.

Nem só os Humbertos de Campos brincaram com papagaios. Eu possui, tambem, as minhas estrellas... Em Campos, onde passei a infancia e a mocidade, as estrellas, conforme a sua configuração, tinham, cada qual, a sua designação especial. *Papagaio*, alli, era uma estrella rudimentar, de duas flechas e que, na maioria das vezes, se arrastava ao chão num meio vôo. Era brinquedo de crianças pequenas. As crianças grandes, preferiam a estrella, isto é, um papagaio de tres flechas, com o seu formato de seis lados iguaes e varias hastes de cauda, a que nós chamamos *rabo* ou *rabada*.

Além destes, existiam outros typos intermediarios, entre a estrella e o papagaio. O *queijo*, para exemplo, construido por quatro flechas, arredondando-se nos seus oito lados pequeninos e geometricamente iguaes; o *major*, com duas, de modo que a haste transversal ficasse no terço superior da outra, mais proxima desse vertice e sem cauda; o *pilão*, de tres flechas, sendo que a mediana era menor que as demais; a *estrella de bico*, com ou sem franjadura circular, feita de papel e que rufava ao vento, como um tambor...

Eu nunca imaginei que essas cousas fossem muito mais faceis de construir que de descrever! A linguagem dos *soltadores de estrellas*, que, em outros logares, são chamados *empinadores de papagaios*, devia merecer a curiosidade dos nossos *folk-loristas*, como João Ribeiro, pela sua graça e especialidade.

Assim, uma *estrella* ia passeiar, quando cortada, propositadamente, por meio da *lasca*, o cordél que a sustinha; dava *bambãos*, isto é, ficava irrequieta, intranquilla, instavel, quando, por deficiencia de peso na *rabada*, ou por imperfeição da rêde, não se mantinha nos ares; *dar manteiga* correspondia a afrouxar o cordão; *rêde*, dizia-se das tres pernas de barbante que fixavam o cordél, tomando-se medidas exactas nas flechas, do centro á extremidade de cada uma; *comer uma estrella* significava fazel-a descer, violentamente, embaraçada no fio da atacante; *lasca* era a lamina de vidro, occulta no panno do *rabo*, e extrahida de um fundo de garrafa velha...

Que sei eu, meu Deus, a respeito dessa immensa constellação?!

A mais curiosa das modalidades de estrellas, que conheci, e não sei se Humberto de Campos chegou a vêr, era a *estrella* — de *cara*. Essa estrella representava, meudamente, as feições de uma cabeça humana, quasi sempre de mulher, ostentando a sua cabelleira em cachos pendentes que esvoaçavam ao vento, os olhos pintados no papel, a bocca rasgada, e brincos pendurados ás orelhas.

As estrellas como os homens têm o seu dia de declinio e extincção.

Certo dia, por signal que era sabbado, de volta do collegio, preparei o canivete, roletei as flechas, armei-me de tesoura, barbante, grude de farinha de trigo, e paciencia, para construir o mais lindo *queijo* de que havia memoria entre o *Bêcco*, a estrada do *Capão* e a Praça de *S. Benedicto*. Sua cauda, em quatro longos ramos, da mesma largura e sem um nó, fôra costurada pacientemente por minha Mãe, naquella mesma *Singer* antiga em que ella pospontava, cantando e recurvada, as minhas primeiras calças e toda a roupa dos meus sete irmãos menores. O chicote de barbante hamburguez, afamado pela sua resistencia, passara do novello para o tolete de páo apropriado, aguardando no seu canto a hora de ligar-se á rêde do *queijo*, que eu preparara com as cautelas de um engenheiro que lança os fundamentos de uma grande ponte.

Com que anciedade não esperei o nascer do domingo e as sombras primeiras da sua tarde. Dormi, confesso, com aquella estrella na cabeça, vendo-a, já caminhando nas alturas, airosa, linda na sua brancura, os pannos da cauda trementes lá em cima e motejando das arvores e desafiando os fios da estrada de ferro, tão ingratos ás *estrellas!* No dia seguinte, o sol ardia ainda sobre os cannaviaes visinhos tombando em fogaréos para os lados da *Caixa-Dagua*, e eu já estava no largo fronteiro junto á venda do italiano pae da pequena Menecuche, misturado no alvoroço da criançada, sobraçando o meu *queijo* com o cuidado de um sacristão que levasse nos braços os paramentos de um vigario.

Dahi a instantes, estava elle nos ares, magnifico, pompeando a sua cauda, tal qual um cometa. Mil estrellas differentes, grandes, pequenas, de todas as côres, ricas e pobres, vestidas de seda ou andrajosas no seu papel de jornal, bambeantes ou fixas, enfeitavam o véo daquella tarde, em minha terra socegada.

Subitamente, divisei ao longe, por cima das copas altas do arvorêdo, a *estrella-de-cara*, de uma formosa vizinha. Senti, immediatamente, um estremecimento de uma pancada no coração. Imaginai! E sabei que o meu *queijo* como um lacráo do diabo, levava á ponta da cauda a sua lasca disfarçada e fina. Não refleeti mais. O vento naquelle dia estava desfavoravel á vizinha. Colhi o cordel a braçadas vigorosas e nervosissimas, queimando os dedos ao attricto do barbante reteso.

Mas, quando o *queijo* espanejou a cauda venenosa sobre o cordel daquella estrella que attraía as iras e a inveja de toda a população infantil da redondeza, e eu dei o empuchão fatal, valente e violento, com todas as regras de um cathedratico no offieio, saudou-me um uivo de alegria feito de não sei quantas vozes, como um clangor de victoria. A estrella *cortada* foi-se, meneando, sem direcção nem prumo, some-não-some, até perder-se por detraz do escuro das arvores, como uma desapparição encantada. Escurecia já. Estrellas de fogo, do céo, tremiam nas alturas.

Minha vizinha, naturalmente, chorava enraivecida deante da nossa maldade. Chorou, com certeza, porque, pouco depois, tambem eu chorava como um doido, vendo desapparecer na mesma direcção o meu *queijo* cortado por uma estrellinha sem graça, feita de papel sujo.

PHOCION SERPA.

Leiam o extraordinario romance

O CÃO AMARELLO

ASPECTOS DA ALLEMANHA ACTUAL

Entre as poucas noticias da Allemanha que se espalham por todo o mundo encontramos sempre o pequeno capitulo de turbulencia e lutas nas Universidades. No entanto, — posto que em todos os combates da Allemanha, por dentro e por fóra, os estudantes tenham formado as primeiras linhas de batalha, — pode-se dizer que até hoje as escolas superiores não servem só e exclusivamente de tribuna politica; nem pode a agitação actual impedir ou escurecer o trabalho paciente dos investigadores, sabios, technicos, estudantes ou mestres.

Nos vastos edificios das universidades acontece muitas vezes que um grupo de alumnos fanaticos se occupa em gastar a sua abundancia de energia no jogo politico de protestar e promover disturbios, quebrando cadeiras, mesas e outros objectos perfeitamente innocentes, ao passo que os estudantes serios, nos laboratorios e outras salas de estudos e trabalho, nem sequer se apercebem da agitação dos demais collegas. Continúa o progresso das sciencias nos campos de pesquisa, bem distantes da turbulencia politica.

De outro lado, porém, é verdade que os proprios objectivos dos estudos, assim como as tendencias do ensino e da educação em geral, soffrem a influencia da situação economica e social, principalmente porque as exigencias da vida actual prescrevem a formação dum novo typo de trabalhadores energicos, concentrados num só escopo e capazes de vencer difficuldades nunca dantes experimentadas na existencia da Europa.

O novo typo não possue talvez a cultura esthetica, a erudição universal dos seus predecessores, — mas é mais robusto. As lutas de caracter partidario têm por verdadeira origem as difficuldades da economia: a affluencia de "academicos" em roda dum numero de profissões cada vez mais limitado, dá vehemencia aos pendores de repellir os estudantes não agradaveis a certos circulos; a pobreza cada vez mais ruinosa do Estado obriga a outras medidas de restricção, á suppressão de importantissimos institutos, á diminuição radical dos honorarios e dos recursos financeiros para bibliothecas, laboratorios, estações de observação, e outros meios de estudos absolutamente necessarios ás actividades universitarias ou scientificas em geral.

Tanto mais admiraveis são os esforços do mundo intellectual na Allemanha quanto se desenvolvem entre tantas difficuldades e lutas pela existencia. Taes lutas — é verdade — entram tambem no proprio campo dos estudos; o combate entre as differentes tendencias, correntes e methodos: de um lado, vemos os representantes do "materialismo positivo", do outro lado os discipulos dum novo "idealismo mystico-realista" que procura explicar tudo pela influencia do "inconsciente na alma da raça" e na "alma do individuo", (como particula dependente daquella); e entre as duas tendencias, prosegue o trabalho dos sobrios investigadores que não se deixam desencorajar nem arrastar pelas lutas e difficuldades, mas procuram continuar a obra da grande época das invenções e descobertas, caracterizada pelos nomes de Hertz, Helmholtz, Robert Maier, Mommsen, Oncken, Robert Koch, Virchow, Brugsch, etc., — a linha das idéas desenhada por Kant, Hegel, Schopenhauer e Nietzsche.

Os representantes das sciencias actuaes — pensemos em Einstein, em Planck ou Ewald — reconhecem sempre nesses grandes predecessores os homens typos, os guias para o pensamento critico e para os methodos de investigação. Fala-se, por vezes, num excesso de especialização e os criticos apressados censuram o que nos especialistas se lhes afigura um limite, uma restricção condemnavel a insignificantes particularidades. Mas essa especialização malsinada é exactamente a tarefa que coube ás gerações mais recentes. Passada a grande epoca dos inventos e descobertas em que influiam acaso ou genio, estamos num mundo de minucias technicas, em que cada qual deve levar á extrema perfeição o seu instrumento de trabalho, não desdenhando pormenor algum.

Já agora ninguem se envergonha de ser um estudante de detalhes e é pelos detalhes que vamos ao fundo de tudo, indo a quasi tudo exactamente atravéz daquillo que parece quasi nada. Muito louvavel entre os novos da sciencia o desejo de controlar todas as theorias querendo saber o porquê de todas as cousas, no mundo do pensamento, no mundo da materia. Estabelece-se uma grande intimidade com as machinas, vive-se mais no laboratorio que no ambiente domestico.

Quanta fadiga em torno á destruição de um atomo ou á observação dos signaes produzidos na chapa sensivel pelo vôo de um electron! Nenhum phenomeno nos escapa, queremos tudo explicar do que sentimos. Entre outras sciencias enriquecidas pelos modernos, encontra-se a physica mathematica, que incentivou, na Allemanha, a tendencia de explicar todos os acontecimentos physicos ou naturaes mediante certas relações mathematicas, na construcção da materia ou na coordenação dos elementos.

Estas poucas palavras estão a indicar que a especialização é indispensavel á sciencia dos nossos tempos, resultando, não de myopia intellectual, mas de um nobre desejo de alargamento de vistas...

Seria interessante falar tambem dos problemas que occupam actualmente a attenção dos medicos na Allemanha e em outros paizes; mas devemos limitar estes conceitos a uma questão fundamental: a luta entre os representantes da "medicina materialista" que tendem a reduzir toda a sciencia do medico ao calculo da transformação das substancias, — sem admittir influencia psychica qualquer, e o grupo que aspira á explicação e "utilização medica" da influencia reciproca entre todos os factores psychicos e todos os factores somaticos, — physicos, e outros.

Nessas lutas entram — infelizmente — as paixões politicas dos partidos, facto que não cabe num ligeiro esboço.

Tambem os problemas da educação e do ensino são objecto de agitação vehemente na Europa Central dos nossos dias. No momento lembramos apenas que a Allemanha carece effectivamente dum novo typo de trabalhadores e cidadãos; presentemente, porém, é difficil, senão impossivel, reconhecer qual o melhor ou mais pratico dos differentes methodos propostos, ensaiados ou projectados. A vida pratica e a technica alardeiam os seus direitos e as suas exigencias; o idealismo tradicional e profundamente arraigado na alma germanica, tambem exige at-

LETTRAS ITALIANAS

A analyse de uma obra do historiador Mario Missiroli sobre o fascismo veiu pôr de novo em actividade a figura desse interessante manejador de idéas. E' Missiroli um mussolinista vehemente e proclama que a tarefa do Duce está correspondendo em tudo ás necessidades historicas da Italia. Tendo nascido em Bolonha, a tradicional cidade das bellas arcarias, da Universidade famosa e da excellente mortadella, esse nobre cultor de estudos politicos e philosophicos não chegou ainda aos cincoenta annos de edade. Dirigiu varios jornaes, e entre elles um grande quotidiano milanez, e é um polemista da mais extrema lealdade, não descendo jámais a excessos de pamphletismo destruidor.

— Giuseppe Antonio Borgese acaba de dar uma nova edição do seu estudo sobre *Gabriele d'Annunzio*. Borgese, que é siciliano, filho da formosa ilha de paixões vulcanicas, tornou-se conhecido muito cedo, não só pelas suas substanciosas obras de critica como pela cavalheiresca defesa que tomou da rainha Margarida, ultrajada por um jornalista leviano que elle, Borgese, chegou a esbordoar num café frequentadissimo. Distinguindo-se como redactor de um dos mais importantes diarios de Napoles, recebeu o encargo de estudar a politica e as lettras de varios paizes europeus, e o seu volume sobre a Germania moderna, mais que uma simples reportagem incolor, representa um trabalho denso de factos significativos, um inquerito dos mais attentos ás fontes de vida e cultura da grande nação do norte. Especialista em litteratura allemã, que já tem ensinado em estabelecimentos publicos, Borgese é um mestre do ensaio, sendo tambem um romancista de idéas, capaz de fundir pensamento e ficção, ao que se deduz das paginas vigorosas do *Rubé*. Os francezes admiram-no grandemente, traduzindo-o e divulgando-o com a maior solicitude. Não ha muito, de passagem por Paris, foi elle festejado, banqueteado pelos confrades, entrevistado por Frédéric Lefèvre e até falaram em transplantar para lá a sua creação dramatica sobre uma ligação clandestina que acabou enlutando a casa d'Austria.

— Está circulando entre nós uma boa traducção do *Gog* de Papini, feita pelo escriptor sul-rio-grandense De Souza Junior. Papini nasceu em Florença em 1881. Descendente de uma familia de camponios e filho de um garibaldino que lutara em Aspromonte, quasi não teve professores, aprendendo sózinho nas bibliothecas publicas. Muito cedo metteu-se em tumultuosas aventuras intellectuaes, redigindo revistas de vanguarda como o attraente *Leonardo*. Fez parte da phalange futurista, indo a Roma discursar contra os gansos do Capitolio, contra os cicerones e os archeologos locaes. Mas não foi nunca um indolente, um simples demolidor de mesa de café. Seus livros succederam-se, ininterruptos, chamando a attenção, provocando polemicas em torno ás suas affirmações ousadas, dando causa ás censuras do austero Croce, aos applausos de Soffici ou ás restricções ainda assim amistosas de Prezzolini. Estudou os philosophos tedescos, estampou as *Memorias de Deus*, tratou do *Homem Carducci* e, antes de ser o historiador de Christo e o biographo de Santo Agostinho, narrou a sua propria tragedia numa obra prima indiscutivel, *L'Uomo finito*.

— O volume *Viaggi nel tempo*, de Vincenzo Cardarelli, foi transportado ao francez, numa collecção de escriptores de real expressão modernista. Tendo tomado parte de destaque na *Ronda*, revista litteraria que tantos germens renovadores espalhou na Italia, Cardarelli ufana-se de conhecer perfeitamente os classicos. Mas o poeta Vincenzo Gerace, premiado pela casa Mondadori graças a um volume de versos intitulado *La fontana della foresta*, asseverou que Cardarelli é, nesse terreno, de uma ignorancia de camponio. Se de uma feita escreveu sobre Leopardi algumas cousas estimaveis, é que as notas lhe foram fornecidas por elle, Gerace, uma vez que Cardarelli jámais se perdera na leitura do atormentado corcunda de Recanati.

---

tenção e não se deixa esmagar, nem preterir. Dahi os esforços simultaneos de crear a "escola do trabalho pratico", a "escola do espirito germanico", a "escola classica", a "escola moderna", a "escola da educação hygienica", a "escola nacional", etc., etc. Estão procurando o caminho, mas, apesar da apparente confusão, — é certo que ao fundo de tudo está lavrando um formidavel impulso de saneamento e reerguimento collectivo — a ferrea vontade de um povo resoluto e capaz de continuar a marcha na primeira linha da civilização.

LINA HIRSCH.

Illustrações, capas de livros:
Paulo Werneck — Tel. 5-2388

O ROMANCE HESPANHOL

Jean de Joannis consagra um excellente estudo ao romance hespanhol contemporaneo.

Lembra elle que, nas immediações de 1900, os melhores narradores do paiz eram de tendencias francamente regionalistas.

Pereda evocou as montanhas de Santander, e o seu famoso *Peñas arriba* não teria sido sem influencia sobre *A cidade e as serras* de Eça de Queiroz. A condessa de Pardo Bazan celebrou a Gallicia natal, os dias de chuva tediosa, a tristeza dos antigos solares envoltos em brumas espessas. Em Valera, que percorreu tantas paragens do mundo e soffreu o influxo do ritual diplomatico, não podia deixar de ser um tanto vago o sentimento localista e só uma ou outra nota de ambiente andaluz apparece em sua vasta obra, onde, de resto, accentuemol-o com alguma satisfação, até o Rio de Janeiro é lembrado em recortes de paizagem e episodios sociaes bastante sugestivos. Palacio Valdés não se esqueceu nunca de que é asturiano e a pequena patria lhe inspirou defalhes os mais commovidos, em que se lhe sente a saudade dos rincões da infancia.

Mais perto de nós, Blasco Ibañez, pintor que parecia trabalhar a espatula, colorio télas violentas em que os pescadores, os ciganos, os cultores da "huerta" de Valença tomam, talvez abusivamente, proporções de figuras épicas. Valle Inclán, conduzindo-nos de novo á Gallicia, descreve a existencia nostalgica dos gentishomens em decadencia, presos a tradições immemoriaes que os impossibilitam de atirar-se aos ganhos da lavoura ou da industria. Azorin mescla as scenas ruraes de hoje a uma natureza como que entrevista, coada através dos livros classicos e não estará muito longe de concluir numa especie de scenario arcadiano. Gabriel Miró situa as suas personagens nos logarejos em que ficaram cantando os doces nomes arabes e onde as casas alvissimas se espelham garridamente num mar azul, tudo numa deliciosa confusão de notas orientaes e occidentaes, latinas e mouriscas.

Todavia, com a revelação do romance russo, alargou-se o sentido do romance em terras de Hespanha e veiu um desejo de universalismo, de creação de valores mais fortemente humanos.

Pio Baroja, apesar do seu gosto pelos typos picarescos e pelos aventureiros á moda cervantina, fere problemas moraes e politicos, entra pela propaganda egualitaria, discute todos os assumptos que preoccupam o homem culto do seculo.

Ninguem esquece, sem duvida, os painéis historicos de Perez Galdós, o seu desejo de uma epopéa em prosa para o seu paiz. Mas o romance de caracteres, os estudos psychologicos vão triumphando, sem exaggeros realistas, sem excessos de inquirição pathologica.

Vejamos alguns outros aspectos. Insúa, Pedro Mata e Hoyos y Vinent servem paginas aphrodisiacas a uma clientela talvez senil, proseguindo no roteiro de Felipe Trigo, que tanto escandalizou os leitores pudicos, fazendo tamanho rumor em seu tempo, para hoje estar quasi totalmente esquecido por parte do grosso publico. Persistindo nas descripções retrospectivas, Ricardo Leon prega o retorno ao classicismo, a volta ao espiritualismo dos melhores tempos christãos. A ironia encarna-se saudavelmente em Gomez de la Serna, manejador de um *humour* personalissimo, fabricando dezenas de paradoxos rendilhados a que deu o nome de *greguerias*, mescla de epigramma, caricatura e pensamento burlesco.

Concha Espina mantem-se numa serena atmosphera fidalga e mesmo as suas dissecções do amor são veladas por um nobre pudor de palavras.

Quanto á personalidade de Unamuno, de uma complexidade atordoante, invade tambem a provincia da novella. Esse homem de cultura integral, philosopho, erudito, ensaista, não podia deixar de metter-se pela ficção, mas é evidente que as suas invenções novellescas não valem os poderosos ensaios do mestre sobre Cervantes e sobre o "sentimento tragico da vida". Seu romance historico allusivo ao cerco de Bilbao em 1874 lembra o Tolstoi da *Guerra e Paz*, mas o autor hespanhol é quasi sempre eschematico, sem contingente descriptivo, e, voluntariamente secco e pobre, não dá ás invenções que procura transmittir-nos a dóse de fantasia indispensavel aos romancistas.

Venha, finalmente, uma referencia aos romances de Perez de Ayala, forte na ambiencia provinciana mas tambem no livre jogo das idéas universaes.

LITTERATURA E CINEMA

O cinema continúa a explorar cada vez mais os romances de aventuras. Jack London e Curwood desdobram-se em peliculas de sensação. Conan Doyle teve o seu Sherlock interpretado até numa fita de procedencia germanica, nos palpitantes episodios em que passa, uivando e a despedir flammas pelos olhos, o cão de Baskerville. Gaston Leroux e o pae de Rafles tambem emocionaram as platéas, o primeiro com o phantasma da Opera, terrivelmente interpretado pelo inolvidavel Lon Chaney, e o segundo com as rapinagens maneirosas do rival elegante de Arsène Lupin.

E, agora, Georges Simenon, um dos favoritos dos leitores do tempo, está sendo egualmente transportado ao mundo cinematographico. O *Cão Amarello* reviveu scenarios e acontecimentos da Bretanha, região tradicionalmente austera, mas onde não faltam por vezes os lances comicos que um bom filme não dispensa, para quebrar a monotonia das passagens dramaticas. Ainda depois disso, Simenon, francamente attraido pela ambiencia dos *studios* e pela pittoresca mobilidade dos acampamentos de *estrellas*, trabalhou ao lado de Inkijinoff, artista de mascara enigmatica, afim de bem oriental-o na comprehensão de uma personagem delle romancista, a ser transportada á mais recente de todas as artes.

Inkijinoff, que tem na physionomia qualquer cousa de tartaro ou malaio, devia fazer um papel de condemnado á morte, e essa perspectiva de perder a cabeça na guilhotina, ainda que por simples simulação litteraria, não deixava de impressional-o um pouco, atrapalhando-o nas felizes cachimbadas com que costuma recrear-se debaixo de uma arvore bem sombria. Para melhor desenvolvimento do entrecho, o autor e o actor passaram duas semanas numa linda propriedade de Simenon, lá para as bandas de La Rochelle, zona famosa na historia de França pelo heroismo de seus filhos.

O novellista, ao que se vê, deixou algum tempo o hiate em que tem feito tantas travessias pelos canaes e mares da Europa, á cata de assumptos para as narrações engenhosas em que o commissario Maigret, mais esperto do que Zadig, desvenda todos os mysterios e descunovella os crimes que nenhum outro conseguiria desennovellar.

E, a proposito da operosidade do escriptor nesses dias de trabalho em commum, asseverou Inkijinoff: "Simenon é um homem extraordinario. Sua actividade não quer treguas e não conhece limites. Quando elle não escreve, racha lenha, obriga o seu cachorro a fazer piruetas, dá lições de sociabilidade á sua cabra ou vae pelos caminhos assim com o ar de quem procura mais uma personagem para um novo livro. E, quando descansamos juntos, de uma scena bem puxada que fará o encanto ou a irritação do publico de amanhã, Simenon, para evidenciar que tambem tem espirito em particular e gratuitamente, conta-me historias em nada inferiores ás dos seus livros. E é de vel-o, de gaforina revolta, em mangas de camisa e a thuribular-se com a fumaça do proprio cachimbo..."

Outro, cahiria em dissertações philosophicas a proposito do temperamento dos seus heróes, fazendo bocejar os ouvintes. Elle, não. Bom gaulez que é, prefere narrar anecdotas aos seus companheiros eventuaes de labuta cinematographica. Pensa elle — e pensa bem — que um estado de alma não se explica por palavras e sim por actos. As reacções dos seres em face dos acontecimentos é que explicam melhor os segredos da alma de cada um. Assim, o seu cinema, como a sua litteratura, é todo de acção directa, continua, sem ostentações de pura technica, sem allegorias fatigantes. Psychologia, sim, mas psychologia humana, e não livresca. Melhor é recorrer ás fontes da vida que ás bibliothecas.

Sente-se que Simenon pegou bem a maneira de expôr o lado psychologico de um caso criminal, apenas pela sucessividade dos factos e sem postulados e illações absurdas, em que se percebe mais o autor que as personagens. E tudo exposto com a maior lisura, numa perfeita indifferença pelas apparições macabras, pelas mãos negras, pelas vozes de além-tumulo, pelas trovoadas que parecem maldições de Jehovah. E' um inquerito policial desenvolvido aos olhos de todos.

E Inkijinoff, que tanto impressionou as platéas num notavel filme de caracter asiatico, ama o lado de analyse interior desse drama e o caracter romanesco dos scenarios de La Rochelle, cidade de legenda, com restos de muralhas que fazem pensar nos tempos feudaes e onde, a cada instante, de dia e de noite, passam senegalezes encarapuçados de um fez côr de sangue...

DE VARIAS TERRAS

Alfred Bruneau publica *A l'ombre d'un grand cœur*, série de reminiscencias em torno á sua collaboração com Emile Zola. Bruneau, artista severo, compôz a partitura para alguns libretos de Zola, sendo, por assim dizer, o musicista official do grupo de Médan. Ainda hoje, derrama-se elle em elogios á memoria do autor do *Germinal*, em quem enxerga um romancista destinado a perdurar nas lettras francezas e um dos mais nobres corações que já atravessaram os peores conflictos litterarios e politicos.

— De H. F. Amiel surgem os *Essais critiques*. O homem taciturno do diario intimo encontrou afinal um attento exegeta que lhe fosse revolver em partes até agora esquecidas do seu espolio de escriptos menores e de lá extractasse uma collectanea de ensaios sobre homens e cousas de evidente influencia no espirito de Amiel. Certo, esses escriptos bem pouco accrescentam ao renome do pensador suisso, tão bem estudado em outros tempos pelo seu amigo Scherer e pelo ainda então joven Paul Bourget. Os *Essais* não valem evidentemente as confissões avulsas do *Journal intime*, mas, ainda assim, elucidam alguns recantos obscuros de uma das almas mais enigmaticas que já appareceram na pacifica Helvecia.

— Os *Intermedios*, de Pio Baroja, são observações fragmentarias, desparelhadas, de um prosador que começou medico e conservou sempre uns ares austeros de quem está auscultando, examinando enfermos moraes. Apesar de germanophilo durante a grande guerra, Baroja é muito estimado pelos inglezes. Talvez estes prezem nelle, de preferencia, o romancista que, fazendo romance á maneira dos autores picarescos de Hespanha, tambem o faz á maneira de Fielding e Smollet. Meio pessimista e nem sempre artista, o creador de Zulacan é um attrahido pelas figuras de aventureiros, de vagabundos, de gente fóra da lei, e em seus livros mesclam-se notas de historia, de folk-lore e — por que não? — de singular psychologia.

NOTAS AVULSAS

Em artigo publicado nas *Nouvelles Littéraires* de 6-2-32, Etienne Burnet, falando de uma cidade asiatica, tem esta phrase que não deixa de ser amavel para a nossa capital: "Hong-Kong fait penser à Rio de Janeiro: c'est une ville-réussite, l'un des plus beaux sites que l'homme ait choisis dans le monde."

— Accentua-se que, em seu romance *La Terre*, Emile Zola se utilizou de muitas informações recebidas do doutrinador socialista Jules Guesde, que foi um conversador delicioso, só comparavel, segundo Wyzewa, a Diderot. Guesde era mesmo bem mais admiravel palestrando num grupo de amigos que propriamente discursando na tribuna parlamentar, onde, de resto, tinha a resposta prompta, não se deixando nunca encontrar desprevenido pelo interlocutor. Barbacudo como um mercador de tamaras e cabelludo como um pianista polonez, esse agitador das turbas exerceu uma real influencia em Zola e, aliás, tomou a defesa do romancista quando este, durante o processo Dreyfus, foi conspurcado pelas multidões e obrigado a refugiar-se na Inglaterra, para não soffrer os amargores de um processo, devido á sua attitude em favor do judeu accusado de trair a França. No entender de Guesde, o *"J'accuse"* de Zola constituiu o "acto mais revolucionario do seculo".

— Bernstein, agora um tanto emmudecido como autor dramatico e, logo, um tanto esquecido pelas platéas, elogia as peças de Marcel Achard. Depois da sua ligeira polemica com o inglez Shaw, em que certamente não levou a melhor, Bernstein proclama que Achard escreve comedias encantadoras, com vivacidade de replicas e, o que é mais, com intimas qualidades de psychologia, de vivacidade humana. Os sêres sahem-lhe vivos dentre os dedos e os caracteres emergem-lhe, inconfundiveis, da urdidura de um dialogo sempre ameno e faiscante.

— Desejam, na Argentina, o premio Nobel de litteratura para o romancista Manoel Galvez e, no Brasil, ha tambem quem o deseje para o romancista Coelho Netto.

C. DA VEIGA LIMA — MARIA ELEONORA — Edições Pongetti — Rio, 1932.

Veneno Interior, o penultimo trabalho do sr. Carlos da Veiga Lima, obteve o mais brilhante successo de critica e sobre poucos romances se escreveram tantos artigos nos ultimos tempos. Nestas mesmas columnas do *Boletim de Ariel*, o sr. Orris Soares, cujos meritos de ensaista ficaram patentes na bella introducção aos versos de Augusto dos Anjos, publicou uma carta aberta ao illustre novellista, fixando-lhe as tendencias e as modalidades de escriptor. Tendencias e modalidades que se desdobram nas paginas de *Maria Eleonora*, provando a sinceridade e a perfeita coherencia dos propositos litterarios do sr. Carlos da Veiga Lima.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O BOLETIM DE ARIEL *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Gilberto Amado — ESPIRITO DO NOSSO TEMPO — Ariel, editora ltda. — Rio.

Luiz Edmundo — NO TEMPO DOS VICE-REIS — Imprensa Nacional. Rio.

C. da Veiga Lima — MARIA ELEONORA — Edições Pongetti. Rio.

Théo Filho — A FRAGATA NICTHEROY — Adersen Editores — Rio.

P. Alvares Coutinho — CORAÇÃO NA AREIA — Editora Guanabara — Rio.

Gondin da Fonseca — CONTOS DO PAIZ DAS FADAS — Livraria Quaresma. — Rio.

Castello Branco de Almeida — GOSTO AMARGO — Poesia — Edições Pongetti. 1932.

Erico Verissimo — FANTOCHES — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre.

Jadyr — LIGEIRAS REFLEXÕES — Rio.

J. Alcides de Avellar — MANIFESTO EDUCACIONISTA — Bello Horizonte.

Jonathas Serrano — A ESCOLA NOVA — Schmidt — Rio.

Trajano de Miranda Valverde — A FALLENCIA NO DIREITO BRASILEIRO — Ariel, editora ltda.

Heitor Moniz — ASPECTOS DA HISTORIA BRASILEIRA — Livraria Editora Freitas Bastos. Rio.

J. G. Menegale — O QUE E' E O QUE DEVE SER A BIBLIOTHECA PUBLICA — Imprensa Nacional — Bello Horizonte.

ANNAES DA ASSISTENCIA A PSYCHOPATHAS — Imprensa Nacional — Rio.

VIDA LITTERARIA

Pierre Hamp é o romancista da vida industrial. Fez-se elle o animador, o idealizador das machinas modernas e suscitou uma porção de symbolos em torno aos rudes misteres que dão ao homem um pão nem sempre abundante. Suas obras sobre o linho e a lã infundem por vezes um caracter eminentemente poetico, sem quebra das notas realistas, ao labor dos que cultivam a terra ou criam os vastos rebanhos para vestir o proximo. No entender de Pierre Hamp as fabricas de hoje não são menos interessantes que as antigas arcadias.

— Pierre Champion é por assim dizer um contemporaneo de François Villon. Poucos conhecem como elle o Paris antigo, com as suas muralhas, as suas viellas, as suas alfurjas, os seus vagabundos. Agora, fazendo a historia de um simples bairro (*Mon vieux quartier*), Champion, que pertence a uma familia de artistas e bibliophilos, como que vae recuando no Passado, vae viajando pelos velhos tempos e, quando menos espera, está na época e no ambiente que prefere entre todos, o Paris feudal e medieval em que os principes não se envergonhavam de falar de perto a bohemios impenitentes, precursores do famelico Gringoire.

— *Pipe en Bois, témoin de la Commune*, põe novamente em fóco um dos periodos mais controvertidos da historia franceza. Como que para desencorajar os historiadores da antiguidade, é esse um periodo relativamente recente e sobre o qual, todavia, os chronistas e os romancistas andam longe de estar de accôrdo. Uns, possuidos de ideaes communistas, exaltam as barricadas e os batalhadores sangrentos que tanto tempo apavoraram a burguezia de Paris e Versalhes. Outros, conduzidos por sentimentos reaccionarios, só enxergam, entre os fautores desse levante tumultuoso, bandos de energumenos, de ferozes incendiarios, de depredadores da propriedade alheia. Mantendo-se serenamente equidistante dos dois extremos, Léon Deffoux, que é um memorialista de rica informação e senso critico apurado, trata da Communa com uma imparcialidade de narrador que pretende ser o mais objectivo possivel.

— O livro de Léon Werth, consagrado á *Cour d'Assises*, é de um discipulo de Forain, que sabe fazer com a penna as cousas mordentes e ferozes que o outro sabia fazer com o lapis. E' a Justiça desenhada (outros dirão caricaturada) por alguem que não occulta as suas tendencias fortemente libertarias.

A sair brevemente:

UM CRIME NA HOLLANDA

Preço — 5$000

Pedidos desde já a
ARIEL, EDITORA LTDA.

MUSA PARLAMENTAR

Jean-Émile Bayard fez, em Paris, uma conferencia sobre os deputados-poetas.

Aqui no Brasil não seria difficil realizar uma palestra analoga. Porque nunca nos faltaram congressistas fertéis em sonetos e poemas.

O maranhense Souzândrade, autor da *Guêsa Errante* e democrata dos mais ardorosos, foi candidato á senatoria para o Congresso Constituinte de 1890, não sendo, todavia, eleito. Mais felizes que elle, os seus contemporaneos Francisco Octaviano de Almeida Rosa e José Bonifacio, o *Moço*, haviam fulgurado no parlamento imperial, onde o primeiro classificou a provincia de Minas de Estrella do Sul e o segundo proferiu orações que constituiam, para a seleeta assistencia, verdadeiras festas de arte e elegancia.

Na Republica, o pernambucano Martins Junior, paladino da escola do Recife e propagador do scientificismo poetico, representou o seu Estado na chamada Cadeia Velha e ficou memoravel uma sua allocução em que falava de aguias que iam quebrar o bico de encontro a um grupo de estatuas de marmore.

O sr. Medeiros e Albuquerque tambem se viu eleito por Pernambuco e foi um dos mais assiduos á tribuna parlamentar, discutindo todos os assumptos com aquella agilidade e aquella força de assimilação vertiginosa que bastante o favorecem como periodista. Mais duradoura ainda a actividade de legislador do sr. Augusto de Lima, que tantos e tantos annos se distinguiu na bancada mineira, como, na sergipana, o nobre pensador Gilberto Amado.

No que diz respeito ao sr. Assis Brasil, não convém esquecer, a par dos seus discursos de ancião, nos dominios da Camara baixa, os sonetos que rimou nos dias de rapaz, figurando como figurou numa geração academica de S. Paulo a que não faltaram romanticos da ultima hora e pernasianos da primeira.

Lamente-se que o sr. Affonso Celso, tão eloquente nos debates do fim do Segundo Imperio, não tenha tido ensejo de illustrar as controversias oratorias do Legislativo da Republica velha. Já o poeta Faria Neves Sobrinho, uma das mais puras expressões lyricas do Norte, falou algumas vezes em nome dos eleitores de Pernambuco.

O ex-deputado sr. Xavier Marques, embora não fosse versejador em caracter permanente, rediglu tambem os seus sonetos em moço e não é difficil encontrar um delles nos florilegios bahianos.

Quanto ao sr. Goulart de Andrade, andou apenas entre os paredros na qualidade de redactor de debates e não chegou nunca a enthronizar-se no veneravel recinto dos nossos Lycurgos. Raul de Leoni não passou de deputado estadoal lá do outro lado da bahia de Guanabara, deputado de segundo *team*, como elle proprio dizia humoristicamente, e Augusto dos Anjos só veiu á Camara federal na pessôa de um membro da familia, trazido ao Congresso na ultima fornada de representantes da Parahyba.

BOLETIM de ARIEL

Mensario Critico-Bibliographico

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

ESCREVEM NESTE NUMERO:

Agrippino Grieco
Alcides Bezerra — Alberto Ramos
Antonio Torres — Eugenio Gomes
Francisco Venancio Filho — Gastão Cruls
Gilberto Amado — Heitor Marçal
Henrique Pongetti — Hilario Cintra
João Dornas Filho — Jonathas Serrano
Manlio Giudice — Marguerite Picard-Loëwy
Miguel Ozorio de Almeida
O. B. de Couto e Silva — Saul Borges Carneiro
Theodemiro Tostes — Valdemar Cavalcanti
V. Miranda Reis

Rio de Janeiro, Setembro 1932 **N. 12 - Preço 2$000**

BOLETIM DE ARIEL

DIRECTOR: — GASTÃO CRULS

REDACTOR-CHEFE: — AGRIPPINO GRIECO

EXPEDIENTE

Preços para todo o Brasil

Assignatura, 12 numeros	18$000
Numero avulso	2$000
Numeros atrazados	2$000

Os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O *Boletim de Ariel*, em sua parte editorial, só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o *Boletim* só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos doze mezes.

O *Boletim* não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

Não ha restituição de originaes.

São correspondentes desta revista:

Na França — Sra. Picard-Loëwy, Paris.
No R. G. do Sul — Sr. Paulo Arinos, Porto Alegre.
No E. S. Paulo — Dr. Waldmir Malheiros, S. Paulo.
Em Alagôas — Sr. Valdemar Cavalcanti, Maceió.
Em Pernambuco — Sr. Aloysio Branco, Recife.
Na Parahyba do N.— Dr. Adhemar Vidal, J. Pessôa.
No Pará — Dr. Gastão Vieira, Belém.

Direcção, Redacção, Publicidade:

ARIEL, EDITORA LTDA.

Rua 1° de Março, 105 - 1° andar, Sala 3. Tel. 3-1310

Endereço telegr. *Ariel* (Western)

RIO DE JANEIRO ——— BRASIL

Litteratura — Artes — Sciencias — Direito.

Livros sobre todos os assumptos.

LIVRARIA AMERICA

ASSEMBLÉA, 92 TEL. 2-9423

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livreiros Editores e Importadores)

166 — Rua do Ouvidor — 166

RIO DE JANEIRO

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49-A, S. Paulo | Rua da Bahia n. 1052, Bello Horizonte

AOS EDITORES E AOS ESCRIPTORES

Desejando V. S. collocar seus livros nas melhores livrarias da Bahia, procure

GALDINO LOUREIRO

DA LIVRARIA GALDINO — *Rua do Lyceu n. 9*

——— E ———

DA LIVRARIA ECONOMICA — *Rua da Loiça n. 4*

BAHIA

ARIEL, EDITORA LTDA.

acaba de lançar a collecção

"OS MESTRES DA AVENTURA",

encetada com os seguintes romances do sensacional escriptor francez GEORGES SIMENON:

O MYSTERIO DE UM MORTO
O CÃO AMARELLO
UM CRIME NA HOLLANDA

——— e tambem a collecção: ———

"OS MESTRES DO AMOR",

publicando os seguintes romances do finissimo psychologo das ligações galantes

NICOLAS SÉGUR:

A CORTINA VERMELHA

——— E ———

O ANNEL SENSUAL

Pedidos a

ARIEL, EDITORA LTDA.

105 - Rua 1° de Março, 1° andar, Sala 3. Tel. 3-1310

Rio de Janeiro

A NOSSA CORRESPONDENTE EM PARIS

Mme. M. Picard-Loëwy

234 FAUBOURG SAINT-HONORE'

(Téléphone Carnot 19.73)

encarrega-se de trabalhos de traducção do portuguez para o francez, de rever traducções já feitas, de auxiliar conferencistas na preparação de conferencias em lingua franceza e no aperfeiçoamento da sua pronuncia.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | N. 12 - SETEMBRO 1932 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

Theoria dos gallicismos

UMA das causas da evolução e transformação das linguas é a force d'intercourse, *já assignalada por Ferdinand de Saussure. E' em virtude della que cada modificação operada em dado ponto de uma area linguistica se propaga a todos os outros, vencendo a força contraria, o* esprit de clocher.

A mesma force d'intercourse, *que aliás não influe sómente nos phenomenos da linguagem, mas em todos os outros factos da vida social, leva naturalmente a todos os pontos de um circulo cultural as ondas irradiadas do respectivo centro. Com habitos, costumes, instituições politicas, creações artisticas e especulativas vão simultaneamente os vocabulos, os processos syntacticos, os meios de expressão. D'ahi o incoercivel poder de penetração que possuem certas linguas, a força irradiadora das linguas culturaes.*

Na época de Cicero, por exemplo, já se haviam radicado no latim familiar as palavras epistula, poeta, pirata, historia *e muitas outras de proveniencia grega. E o grande orador, apesar de purista como todos os romanos educados e de esmiuçador de picuinhas grammaticaes, não desdenhava de todo os grecismos. Não ousava emprega-los nos seus discursos, mas a sua correspondencia mostra que, como o gallicismo em nossos dias e em nosso meio, o grecismo tinha tambem um certo sabor de fruto prohibido. Recorria ao grego, explica-nos um especialista em latim ciceroniano, "tantôt pour exprimer une idée qui n'a pas son équivalent exact en latin, tantôt pour n'être pas compris des indiscrets,* tantôt pour donner à son style plus de variété et de piquant".

Para nós, que fallamos e escrevemos o portuguez, o estrangeirismo por excellencia é, desde o seculo XVIII, o gallicismo. Temos gallicismos antiquissimos, como dama, buffete, esgrima, charrua, *já arrolados em* 1600 *por Duarte Nunes do Leão, e temol-os recentes, ainda com a roupa da viagem, como* chauffeur *e* front. *Ha gallicismos lexicos, syntacticos e estylisticos A esta ultima especie pertencem as locuções* em ultima analyse, fazer época, a voz do dever, o homem do dia, *"francezismos de idéas que se incorporaram suavemente á linguagem quotidiana", no dizer de João Ribeiro.*

Entretanto, ao passo que com as idéas francezas vinham os gallicismos invadindo a nossa lingua, o esprit de clocher *ia tambem resistindo, oppondo embargos, reagindo. E os doestos, as ironias corrosivas não poupavam os* tarelos, *os* gallicíparlas, *como chamava o famigerado Felinto Elysio aos indifferentes aos canones do purismo.*

A verdade é que todas as pessoas que aprofundam conhecimentos de vernaculo sem terem conveniente preparo linguistico se tornam, em geral, puristas intolerantes e, como tal, encarniçados inimigos dos estranjeirismos. Os philologos e grammaticos bem orientados são sempre mais cordatos. Ruy Barbosa, que não era nenhum gallicíparla, *e tão amargamente censurou as* cigarettes *e os* goches *de Eça de Queiroz, não hesitava, como Cicero, em recorrer ao estrangeirismo, uma vez por outra, "pour donner plus de varieté et de piquant à son style". Não raro se encontrarão em seus escriptos os* et qu'est-ce que cela prouve, *ou os* malgré tout et quand même.

No Brasil, um dos mais fecundos antifrancelhos *de que existe noticia foi o dr. Castro Lopes. Latinista, vernaculista, etymologista, deu-se ao trabalho de forjar innumeros neologismos para substituir estranjeirismos da linguagem corrente. Aqui vão para amostra alguns dos seus* neoligismos indispensaveis: nasoculos (*pince-nez*), focale (*cache-nez*), lucivéu (*abat-jour*), protophonia (*ouverture*), ruminol (*avalanche*), ancenubio (*nuance*), hauricanulação (*drenagem*), postridio (*lendemain*), peniludio (*charivari*), premagem (*massagem*), coribel (*carnet*), plutenil (*parvenu*), fádico (*feerico*), costeagem (*cabotagem*), preconicio (*reclame*), sobrecarta (*enveloppe*), cardapio (*menu*). *De todas essas criações castrolopescas salvaram-se apenas quatro.* Sobrecarta, cardapio, preconicio *e* protophonia *lograram até certo ponto o assentimento collectivo. As outras não sairam nunca das paginas onde foram impressas ha mais de quarenta annos.*

Arrostando embora fundas malquerenças, o gallicismo tem vivido e viverá na bocca e na penna de todos os que herdamos da lusa gente "a lingua clandestina", pelo menos emquanto a França fôr o centro do nosso systema cultural.

SAUL BORGES CARNEIRO.

Reminiscencia

Na minha meninice humilde nunca soubera que vinha a ser escravo, e muito menos que vinha a ser castigo. Uma vez, entretanto, passava as ferias da Semana Santa numa fazenda e fui testemunha da seguinte scena: Quinta-feira, um fazendeiro rico atravessava a estrada montado no seu ginete, em andadura de viagem, quando um molecote da casa, dos seus 18 a 20 annos, fazendo das mãos trombeta, repetiu-lhe o trote tão banal quanto inoffensivo da roça "Olá, vai para o Egypto? Dê lembranças a Pharaó, mas olhe o rabicho". O cavalleiro importante, fulo de raiva, estacou o animal, virou-o de um arranco sobre as patas trazeiras e disparou a queixar-se.

— Fique descansado, amigo, elle vai tomar uma tunda mestra, para se lembrar toda a vida de Pharaó.

Como, porém, effectual-a em Endoenças se o atrevido era bem capaz de faltar com o respeito ao silencio, pôr a bocca no mundo, fazer barulho? Offertou o saerificio da espera ao Deus de infinita bondade e suprema misericordia cuja paixão se commemorava, acorrentou o desgraçado numa columna de ferro que escorava a cumieira da cozinha e o deixou a pão e agua até ao romper da alleluia. A' primeira badalada do meio-dia de sabbado num velho carrilhão fanhoso, começaram a cantar os bolos, puxados por dois pretos espadaúdos, um para cada mão. Não valia a pena contal-os; quando das fendas entreabertas espirrou o sangue, foi ordenada a segunda parte, a dos açoites. O verdugo fumava a um canto o seu cigarro, e brandia de vez em quando um pingalim para activar os braços esmorecidos, ou talvez piedosos, dos flagelladores. Por uma janella debruçada sobre o terreiro eu via, mas fugia para não ver, as contorsões inuteis do torso nú, que quando encolhiam o corpo de um lado, mais o entregavam do outro; ouvia, mas corria com as mãos nos ouvidos para não ouvir, a musica rythmada do zunir e estalar das vergastadas, em symphonia com os roncos gutturaes grunhidos pela victima. O horror me arremessava para longe, mas a curiosidade me attrahia para o espectaculo inedito e infindo, que ainda hoje estou vendo e ouvindo como naquelle dia, em que se descerrou á minha alma virgem de infante a maldade humana em toda a sua hediondez.

Esta fazenda estava destinada a me fornecer a compensação de um facto joco-serio, muito mais jocoso do que serio. A creoula Felippa, ainda moça, trintona, reforçada e decidida, bonita na sua pretidão, já havia produzido uma messe regular de rios-brancos espertos para o serviço; agora vivia estirada dia e noite sobre os frangalhos remanescentes de uma esteira, sob os gemidos de dôres cruciantes. O medico de partido diagnosticara tumor abdominal e só via a possibilidade da cura numa intervenção cirurgica. Já adiantada a campanha abolicionista, as casas de caridade não recebiam mais escravos para obrigar os senhores a libertal-os, e os operadores pediam pela operação mais do que valia a operanda. Demora, reluctancia, indecisão, e o tumor a crescer e a preta a gritar, até que afinal é passada a carta de alforria e a doente transferida sob dores cruciantes para o Hospital de Misericordia. Foi o ultimo dia em que gritou; os soffrimentos passaram por encanto, e mezes depois vinha ao mundo, coberto de glorias, um gibi rechonchudo, libertador da sua mãe. Sob o instincto da liberdade, toda esta simulação ella havia intelligentemente machinado e heroicamente cumprido até ao fim, disposta a correr os riscos, naquelle tempo infalliveis, de uma laparatomia desnecessaria.

Felippa, nascida escrava, preferia a morte ao captiveiro, como aquella orgulhosa princeza de Euripedes. Em vez de seguir os conselhos maternaes de Hecuba, e rojar-se aos pés do algoz para obsecrar ao menos a vida, Polyxena, ao contrario, affronta-o impavida com apostrophes tremendas de pundonor offendido: Vejo-te, Ulysses, occultar a mão direita sob as vestes e afastar o rosto com medo de que eu o alcance. Approxima-te e apruma-te, que não invocarei contra ti as vinganças de Jupiter, o deus dos supplicantes. De que me serve a vida, a mim filha do rei de todos os phrygios, a mim destinada a monarchas, ambicionada por grandes rivaes que disputavam a gloria de me possuir ao seu lado nos thronos, a mim, hontem soberana entre as mulheres de Troia, invejada por todas as jovens, igual aos deuses em tudo, menos na immortalidade, e hoje escrava! Ah, este nome tão novo para mim me faz amar a morte. Quem sabe se irei cahir nas mãos de um senhor cruel, que me comprará com o seu ouro, a mim, irmã de Heitor, e me mandará a mando heríl coser o pão, brunir a casa, pôr a mesa, uma vil escrava, emfim. Oh! Não. Não. Fere a tua victima, Ulysses!

MIGUEL COUTO.

KEYSERLING E O BRASIL

O conde de Keyserling, que esteve aqui no Brasil vae para uns tres annos, offerece agora aos europeus as suas *Meditações sul-americanas*.

Vêm ahi naturalmente referencias á nossa terra. Interessantes são as que se prendem ao problema ethnico.

Keyserling accentua que em certas regiões da America do Sul "o contingente de sangue negro passa por favorecer o desenvolvimento dos dons naturaes. Tanto quanto o facto seja verdadeiro, elle se explica provavelmente assim: a inercia do sangue do indio e a frieza creada pelo continente do Terceiro Dia da Creação são compensadas pela vitalidade tempestuosa e o grande calor emocional do sangue negro, de maneira a disso resultar, como sob o effeito de um catalysador, um nivel melhor. O Brasil demonstra em todo o caso que uma leve cooperação do sangue negro — o Brasil torna-se de anno em anno mais branco, e não mais negro — não é necessariamente prejudicial no fim das contas, mas póde conduzir á formação de uma raça nova e superior. Em todos os imperios africanos da historia, as circumstancias foram sem duvida analogas; a celebre *Nephrétété* egypcia, se nascesse em nossos dias, não poderia ser senão brasileira. A questão importante não é: "mistura ou não-mistura", mas esta: "sairá da mistura um novo equilibrio favoravel?" E o chefe da Escola de Sabedoria de Darmstadt inclina-se, nas entrelinhas, a responder affirmativamente, elle que, como se vê, não nos julga tão pretos assim...

Faz o mestre uma longa digressão sobre o factor "sangue", com algumas observações pittorescas e algumas passagens obscuras, como convém a um philosopho germanico.

Em summa, não foi elle dos mais ingratos comnosco, e mostrou um certo reconhecimento aos deliciosos pratos brasileiros com que aqui lhe festejaram o bom appetite de neto de guerreiros mongóes. Apenas a theoria de que a collaboração africana é sempre util ás raças brancas não se nos afigura muito nova, parecendo-nos que já está nas obras a um tempo bizarras e justas desse admiravel remexedor de idéas que foi o conde de Gobineau.

Recordando Bergson

Aproveitando esses dias de melhor temperatura em que o esforço da attenção é menos penoso e pode coroar-se de mais ricos resultados, e na ancia de levantar o espirito a uma atmosphera differente daquella em que vivemos em meio a tantas emoções e soffrimentos — andámos a percorrer de novo o maravilhoso paiz bergsoniano. Oh! o encanto da lenta e prodigiosa viagem atravez das meandrosas estradas, dos valles profusos e das encostas illuminadas desse pensamento numeroso de cujas alturas tantos novos mundos se descortinam, tantas obscuridades se esclarecem, e horizontes immensos se desvendam aos nossos olhos!

Que prazer mergulhar a vista na agua crystallina da fonte de onde emanam tantas das idéas que nos circumdam, em nosso tempo!

Que animação, que excitação, que felicidade nos communicam ainda hoje, estas paginas egregias! Quantos encontros, quantas revelações!

Aqui toda a Biologia, toda a Psychologia modernas no seu nucleo palpitante. Aqui a parte capital das actuaes concepções anewtonianas sobre á duração e o tempo; ali os fundamentos da liberdade fornecidos pelos dados immediatos da consciencia levantados nas ruinas do determinismo e do livre-arbitrio amontoadas em conjuncto; ali essa formidavel theoria da vida creadora, que se ajunta em cada instante a si mesma no mysterio da persistencia universal dos seres; ali as bases dessa *metaphysica positica* que deve fazer tremer de espanto lá no Empyrio nosso bom mestre Augusto Comte erguidas sobre a concepção da intelligencia libertada do molde material dos conceptos fornecidos pelos elementos geometricos do raciocinio logico; refutação do Intellectualismo que desde Descartes, Leibnitz e Kant vinha prendendo o pensamento nos limites arbitrarios das categorias da razão; aqui o novo transformismo, o novo evolucionismo, Darwin e Spencer chamados a considerar a materia á luz de uma nova methodologia que mostra a imprecisão dos dados em que se fundam as concepções da adaptação e da selecção, e a precariedade da theoria da passagem do homogeneo ao heterogeneo. Emfim, para não continuar enumeração que nem livros esgottam — aqui vemos o borbulhar das idéas que deram a Le Roy os principios, aliás precipitadamente deduzidos, do seu néo-catholicismo; além, a origem dos postulados da politica soreliana; logo adeante o conjuncto de elementos protoplasmicos da nova Esthetica e toda a parte embryonaria, ainda não scissiparisada em novos germens no caldo de cultura do nosso tempo, de uma Moral bascada no conhecimento da natureza especifica do phenomeno vida.

No meio das *sensações* de toda especie que suggere uma leitura como a de Bergson, insinuam-se considerações de ordem individual que nos obrigam a um estudo de nós mesmos, das condições do nosso *devenir* pessoal. Forçados a fazer um inventario do nosso proprio sêr interior, idéas e sentimentos em conjuncto, deparamos com estados de alma singulares, os mais caracteristicos possiveis da evolução da nossa vida. Tomanos de improviso a visão — todo o lado artistico ou propriamente sentimental da nossa propria paizagem interna. Nosso céo, de coração ou de consciencia, nos reclama o olhar; astros, planetas, systemas solares, mundos varios da nossa cosmogonia intima, scintillando ou extinctos, apparecem de novo.

Ha vinte annos, quão differente o aspecto do nosso sêr interior, intelligencia, consciencia, e digamos a palavra — sensibilidade! Ha vinte annos o que não era phenomeno encadeado e determinado pela relação de causa a effeito não existia para nós. Para além da materia experimental, o Incognoscivel, o Absoluto nos fechava a porta do Conhecimento. Em nossa intelligencia tudo podia conter-se porque o que não podia chegar até ella pelos sentidos — não existia, nem era susceptivel de ser por ella apprehendido.

Com a lamparina pallida do methodo positivo, parte insignificante de um todo minimo, julgaramos haver illuminado o mundo por o haver reduzido ao circulo de luz formado por ella. Em vão, de dentro de nós, o estremecimento de forças obscuras nos denunciava a existencia de outras cousas, de outros mundos, de outras categorias que as encerradas na orbita precisa da Relatividade. Contentes, entretidos, pelo convivio com a realidade das suas entidades reveladas, viamos em torno de nós aquelles que não haviam perdido a Fé religiosa. Taine, Renan, os logicos inductivos (Stuart Mill, Bain), os psychologistas experimentaes (Wundt, Janet, Ribot), os philosophos menores da Critica do Conhecimento (Renouvier, etc.), e os historiadores da vida psychica e da vida social, não respondiam a nenhuma das nossas inquietações.

Bergson impoz silencio á maioria das interrogações secretas da nossa alma... A Intelligencia não era o que pensavamos. A Intelligencia não podia conter tudo que existe. Vivendo num ambiente exterior, ella quasi nada comprehende, fóra dos solidos. Dentro de nós, forças immensas continuam o trabalho terrivel da vida. O mundo não se distende num espaço vasio atravez de um tempo inesgottavel. O tempo é invenção, e se é um para a materia, é outro para a vida que não se subdivide, que é continua. Nossa existencia não está sujeita ao rythmo mecanico, nem obedece a uma finalidade; não somos um joguete no meio dos movimentos cegos do universo, nem os agentes conscientes ou inconscientes de uma vontade superior.

Mas no entanto somos livres. Podemos conhecer e sentir a nossa liberdade que é condicionada, mas que existe apezar de tudo dentro dos limites da vida...

Em torno da atmosphera *cerebral*, uma atmosphera *mental* superior áquella, e que aquella não explica nem pode conter, permitte a communicação do sêr atravez das energias psychicas com um mundo superior ao ou differente do mundo organico. O nosso instincto *vê* onde nossa intelligencia tacteia.

Mas deixemos espaço a *Ariel*. Outro dia continuaremos.

GILBERTO AMADO.

Claudio Manoel da Costa

(A proposito de um estudo do sr. Caio de Mello Franco)

Homens tem havido que parecem condemnados ao Mysterio pela garra fatidica e ao mesmo tempo desorientadora do Destino. Onde nasceu Homero? Onde está sepultado Alexandre, chamado o Grande? Onde foram parar os despojos de Carlos Magno? As reliquias que se mostram aos visitantes (e eu proprio tive occasião de vel-as) no Dom de Aachen serão authenticas?... Quem era o Homem da Mascara de Ferro? De que doença morreu Madame, isto é, Henriette de Inglaterra, esposa daquelle triste individuo, irmão de Luiz XIV e que acudia ao chamado de Monsieur? Paul Reboux é o ultimo, em ordem de tempo, que tentou, de brinquedo, resolver o mysterio em recente e agradabilissimo livro. Quem escreveu as obras de Shakespeare? Elle mesmo ou Bacon? Pergunta ociosa: foi elle mesmo.

Não faltou um Charles du Lys (1662) para dizer que Joanna d'Arc não nasceu em Domremy, que fica na Lorena, e sim em Ceffonds, que é na Champanhe. (1) E por fallar em Joanna d'Arc, de que côr eram os cabellos da heroina? Sepet, (2) apoiando-se nos *Aperçus Nouveaux* de Quicherat, diz ser quasi certo que eram pretos, sendo, pois, licito suppôr que a santa-martyr era uma graciosa *brunette*. As provas, porém, são insufficientes, segundo minha desvaliosa opinião.

Si parva licet componere magnis, Claudio Manoel da Costa (ou simplesmente o Dr. Claudio, como ainda hoje se diz nas velhas cidades de Minas), o mais fulgurante dos Inconfidentes, grande poeta sem a menor duvida, pertence ao grupo das personalidades celebres sobre cuja memoria adejam eternamente as cinereas azas do Mysterio. Do Dr. Claudio, com effeito, discute-se o logar do nascimento, o genero de morte que Deus piedoso ou os homens crudelissimos lhe deram, e discute-se por fim si é elle ou não o autor das famosas *Cartas Chilenas*, um dos mais antigos e mais mordazes pamphletos da nossa terra. Não ha que approximal-o, (o pamphleto) nem de leve, das chalaças grosseiras de Gregorio de Mattos. Claudio era um arcade, um aristocrata da intelligencia, talvez até, membro da Arcadia Romana e está tudo dito.

Que elle foi trucidado na prisão é para mim facto que não padece duvida, mas não é aqui logar para explanal-o e demonstral-o. Claudio, antigo secretario de governo, sabia de muita coisa, estava a par de muito segredo, que aliás, honra seja á sua memoria, nunca trahiu. Havia, porém, nas altas espheras do poder interesse em supprimir aquelle conjurado que, no arrocho de um interrogatorio, podia deixar escapulir confissões desagradaveis e até perigosas para a carreira, a liberdade, a honra e a propria vida do nobre Visconde de Barbacena, Governador e Capitão General das Minas...

Pelo que diz respeito a seu nascimento, si até hoje ainda laboramos, e creio laboraremos sempre, em duvidas, quanto ao logar delle, a culpa é do proprio poeta. Vejamos. No interrogatorio preliminar que lhe foi feito na prisão (2 de julho de 1789), declarou ser natural de Marianna. No prologo das suas *Obras Poeticas* escreveu: "...Ribeirão do Carmo, rio o mais rico desta capitania, que... dava o nome á cidade de Marianna, minha, patria, quando era villa." Nada mais claro, pois: Marianna foi seu berço. Entretanto, nos ultimos versos do seu poema *Villa Rica*, diz claramente que Ouro Preto (nome actual) é sua patria:

Emfim serás cantada, Villa Rica,
Teu nome impresso nas memorias fica.
Terás a gloria de ter dado o berço
A quem te faz gyrar pelo Universo.

Mais ainda, num dos seus mais bellos e conhecidos sonetos, diz ter nascido no meio de penhascos, o que mais se coaduna com Ouro Preto do que com Marianna:

Destes penhascos fez a Natureza
O berço em que nasci: oh! quem cuidára
Que entre penhas tão duras se creára
Uma alma terna, um peito sem dureza.

Como se vê, pois, não ha meio de derimir a contenda. A velha Villa Rica e a veneravel Marianna podem, portanto, disputar uma á outra o illustre poeta emquanto lhes restar folego... (3)

Passemos agora ás *Cartas Chilenas*, a respeito das quaes acaba de nos dar breve mas excellente monographia o sr. Caio de Mello Franco. E' nome este que até agora só tem apparecido subscrevendo bellos versos. O seu amor a Minas, á Minas antiga, fez delle um bom projecto de historiador litterario, consciencioso, attento á exactidão dos factos, lucido na exposição e sabendo argumentar sem absolutismos, isto é, com o senso mineiro das relatividades de todas as coisas deste mundo e... talvez tambem do outro. Este ensaio de restituição do seu a seu dono accumula criterios externos e evidencias internas de muito pezo na demonstração de que as *Cartas Chilenas* só podiam ter sido escriptas pelo Dr. Claudio. Deste facto, aliás, devo dizer, ha muitos annos estou convencido. O mavioso Dirceu jámais escreveria versos tão candentes. Ora, não sendo as *Cartas*, nem podendo ser, de Gonzaga, só poderiam ter sido concebidas pela indignação de Claudio Manoel, a primeira cabeça, a mais rica musa e tambem o mais tragico dos conjurados depois de Tiradentes. A Inconfidencia Mineira não é apenas um episodio da nossa historia politica: é tambem um marco na senda da nossa historia litteraria. E julgo ser caso para pedirmos a Caio de Mello Franco que, sem abandonar as musas, continue a nos dar trabalhos desse genero, elle que, emquanto outros collegas seus ahi em Paris fazem conferencias em franvez de Guadelupe, tranquilla e pacatamente estuda historia de Minas! Mello Franco da cabeça aos pés...

Como o Dr. Claudio, em 1759, escrevendo ao Censor da Academia dos Renascidos, confessava-se "o mais indigno", acode Caio: "Fórmulas de polidez que foram injustamente julgadas pela posteridade." Poderia ter dito mais si o quizesse. Era esse, com effeito, o estylo daquelle horrendo seculo XVIII portuguez, em que a abjecção, nos reinados de Dom João V, Dom José I e sua filha Dona Maria Maluca, foi erecta em categoria de virtude civica. Basta percorrer *O Secretario Portuguez* de Francisco José Freire, do qual tenho aqui a edição de 1745, que julgo ser a primeira. Neste volume estão compendiadas todas as regras para escrever cartas sobre todos os assumptos. Ora, já na

(1) Cf. *Jeanne d'Arc*, por Marius Sepet. (No Appendice).

(2) Cf. *Ob. cit.* — Liv. IV, Capitulo III.

(3) Cf. Xavier da Veiga — *Ephemerides Mineiras*, Vol. III.

dedicatoria do livro ao Cardeal-Patriarcha de Lisbôa, diz o autor: "Prostrada a minha honrosa servidão aos pés de V. Eminencia e beijando humildemente a extremidade da Sagrada Purpura, etc., etc.." Parecem-nos revoltantes ás formulas que elle ensina quer para inicio quer para fecho de cartas a potentados do tempo. Entretanto era o uso recebido e acceito. Nada, pois, a articular contra o caracter do Dr. Claudio por esse lado. Elle tinha a polidez da sua epocha. E a prova de que se insurgia contra as adulações e humilhações daquellas eras ahi está nas *Cartas Chilenas*. E como não se irritaria alma nobre como a do poeta contra governadores não só do estofo moral de Dom Luiz da Cunha Menezes, o *Fanfarrão Minezio* das *Cartas*, mas ainda contra manipanços como o general Antonio Carlos Furtado de Mendonça, que exigia venias e até genuflexões a quem passasse na rua, em frente ao palacio em Ouro Preto, si elle estivesse á janella? E mais ainda: intromettia-se Antonio Carlos nas ceremonias do culto, a querer regular ductos e ictos do thuribulo e até suspendendo missa cantada, como fez em dia da tradicional e solemnissima festa de N. S. da Conceição em Antonio Dias e isto com tumulto, como um tranca-ruas, um energumeno! O facto é historico. (4).

Ha na historia da nossa velhusca Minas um personagem curioso, que é o joven Conde de Valladares. Felicio dos Santos, nas *Memorias do Districto Diamantino*, o pinta simplesmente como um venal. Entretanto esse rapaz tinha idéas de estadista. Era um organizador e, até certo ponto, um revolucionario em materia de administração, pois não ligava importancia a preconceitos. Como simples exemplo: dois regimentos de cavallaria creou elle no Serro e um em cada comarca, dando-lhe o titulo de "cavallaria da nobreza". Além desses, creou tambem em cada termo regimentos de ordenanças de brancos, mulatos e pretos, cada classe com seus officiaes proprios. Escandalo! Officiaes negros! Officiaes mulatos! Revolução social! Entretanto, diz Diogo de Vasconcellos: "Essa gente de côr, que nunca teve representação, humilhada sempre, agora cheia de brios e estimulos, tornou-se o melhor e o mais grato apoio da autoridade legal." (5) Foi elle o grande amigo do Dr. Claudio, assim como de todos os homens de lettras que encontrou em Villa Rica. E talvez não seja exaggerado accrescentar que o Conde de Valladares, venal ou não, foi, em ordem chronologica, o primeiro abolicionista do Brasil, ou pelo menos, o primeiro homem de governo que, em tempo de paz (os negros de Henrique Dias, no seculo anterior, só serviram na guerra) fez a raça negra e os mestiços do Brasil darem um passo largo no campo das conquistas liberaes que conduzem á plenitude da cidadania.

ANTONIO TORRES.

(4) Cf. Diogo de Vasconcellos — *Historia Media de Minas Geraes* — Paginas 201-210.

(5) Cf. Diogo de Vasconcellos — *Ob. cit.* — Pag. 197.

Gaston Baissette — HIPPOCRATE — Bernard Grasset — Paris, 1931

Certas figuras do passado avultam tanto aos nossos olhos, que a sua existencia real passa a ser posta em duvida. Esse é o caso de Hippocrates, como é tambem o de Homero, Shakespeare e muitos outros. Comtudo, se a uns parece impossivel que tão maravilhosas obras, como aquellas attribuidas a taes genios, tragam o sinete de um só cerebro, outros defendem a personalidade una e indivisa desses mesmos creadores, — pincaros da intelligencia humana a projectar sobre os seculos a immensa luz do seu genio.

E' verdade que numa época como a nossa, em que tanto se abusa das vidas romanceadas e das biographias historicas, o escriptor zomba do palimpsesto, prescinde do documento authentico, e o que menos pede ao seu retratado é que lhe apresente a comprovação de nascimento. Foi assim que Francis de Miomandre poude escrever uma deliciosa vida de Venus, aquella que para encanto dos deuses, numa radiosa manhã de sol, surgiu da onda loura.

Ha tambem qualquer cousa de mythico na grande vida do sabio de Cós, e á medida que lhe acompanhamos a longa e fecunda carreira, vemos que mesmo para os seus coevos a figura de Hippocrates se fabuliza, cercada de mil lendas, como se já fôra um deus aquelle que, com mais de cem annos, ainda se detinha sobre a terra e era prodigo em recursos para combater a doença e alliviar os seus semelhantes.

Por mais que haja evoluido a nossa medicina, muito ha que colher e amassar na velha cepa hippocratica, cujos ensinamentos são ainda de hoje, quando não trazem o germe das mais momentosas questões, como a psychanalyse de Freud que lá está no seu *Livro dos Sonhos* ou, ainda melhor, na sua interpretação áquelle estranho mal de que fôra acommettido Perdiccas II, rei da Macedonia, e junto ao qual fracassára toda a sciencia da Escola de Cnido: — certo estado de angustia oriundo de um recalque da libido, e que Hippocrates conseguiu vislumbrar e conduzir a bom caminho, de novo trazendo o socego ao attribulado coração do monarcha.

Isso para não falar na sua previsão do pneumothorax de Forlanini, quando aconselhava, nos casos de tuberculose, a introducção, entre pleura e pulmão, de uma bexiga na qual o ar seria insuflado por meio de um canudilho adaptado á mesma. E a sua exacta percepção da luxação congenita da coxa, só dois mil annos mais tarde descripta por Dupuytren? E a sua descoberta acerca da absorpção de alguns remedios pela superficie da lingua, que outra cousa não é senão a *perfusão lingual* confirmada não ha muito com relação á adrenalina?

E dizer-se que de toda essa obra, num conjunto monumental de cento e muitos volumes, nem mesmo um terço poude chegar até nós, poupado aos aggravos do tempo!

Mas não haverá campo da medicina que não tenha beneficiado da clarividencia do divino discipulo de Apollo, conforme se poderá verificar do interessante livro que é motivo desta nota e que gostariamos de vêr entre as mãos dos nossos futuros esculapios, pois que nenhum breviario melhor á iniciação de uma carreira medica.

Além do mais, ao lado do sabio, resalta dessas paginas cheias de attractivos, a presença sempre sensivel e palpavel do grande homem que, vivendo num dos instantes mais felizes da Grecia, foi contemporaneo de Pericles, tratou com Platão, discutiu com Socrates, applaudiu Aristophanes e conheceu o claro sorriso de Aspasia...

GASTÃO CRULS.

"L'HOMME MODERNE"

Fortunat Stroswki — *Bernard Grasset* — Paris, 1931.

Strowski, pelo cultivo dos escriptos de Pascal, preparou-se para o estudo dos estados d'alma que se traduzem pela inquietação, pelo desassocego, e reune n'esse livro suas reflexões sobre o mal-estar contemporaneo. Uma larga visão de conjuncto sobre o homem antigo e o homem moderno leva-o a indagar das causas da actual anciedade humana. A vida do homem civilizado soffreu profundas modificações, mas a transformação se deu no sentido da melhoria. O perigo da doença foi consideravelmente reduzido. A perspectiva da fome e da miseria deixou de perseguir constantemente os mortaes. O conforto, as facilidades de organização material da existencia, não sómente cresceram como se diffundiram, sendo accessiveis a massas muito mais consideraveis. A vida é hoje mais harmoniosa e mais bella. Entretanto, o homem persiste em se julgar infeliz, e o que é peior, sente-se realmente angustiado e assustado. "Cada um, em si proprio e para si mesmo, atormenta-se e passa do sentimento da insegurança ao sentimento do tedio."

Strowski analysa as causas profundas da transformação da vida humana e põe em evidencia a relativa inadaptação do homem moderno á vida moderna. Dispondo de uma mentalidade e de um espirito ainda formados segundo os principios antigos, tradicionalmente adaptados a um estado de coisas que tende a desapparecer, o homem actual encontra-se mentalmente desarmado deante de riquezas e de possibilidade que ainda não aprendeu a utilizar. Dominado outróra pela natureza, elle aprendeu, graças aos esforços da sciencia, a dominal-a em uma parte já consideravel, mas ainda não sabe tirar partido d'essa força, d'essa capacidade.

Poucos percebem que as condições materiaes novas têm influido poderosamente sobre o ambito das coisas abstractas. A esthetica renova-se porque as impressões são differentes. A velocidade de movimento, não só permittiu encurtar as distancias, como facultou ao homem ter do mundo uma visão nova. A' sensação de estabilidade e repouso substituiu-se uma impressão de mobilidade. A perfeição completa das minucias, ideal da arte antiga, exige um tempo que não mais se dispõe, e os traços essenciaes, as linhas mestras, linhas rectas para as quaes tendem as outras, deformadas até o limite pelo movimento rapido, tornam inutil senão incomprehensivel essa perfeição. As impressões reduzem-se a eschemas, e, em consequencia, uma tendencia para a simplificação geometrica trata de se impôr, procurando seu caminho atravez innumeras tentativas, mas trazendo comsigo algo de real, de verdadeiro.

A éra industrial, sendo as industrias organizadas em grosso, se por um lado trouxe ao homem moderno facilidades innumeras, por outro, segundo Strowski, constitue uma das fontes de seu desespero. Não é impunemente que se transforma um sêr consciente, por mais rudimentar que seja essa consciencia, e livre, por menos apparente que seja essa liberdade, em uma especie de machina. A necessidade instinctiva de creação, o prazer de fabricar alguma coisa com suas proprias mãos, em uma palavra essa preciosa faculdade de pôr um pouco de sua alma na obra que está realizando, é hoje quasi inteiramente vedada á maioria dos homens. A antiga sujeição á natureza foi substituida directa ou indirectamente pela moderna sujeição á usina. Esta é mais penosa que a outra. A primeira ainda envolvia um quê de mysterio, não destruia a personalidade; era menos apparente, podia por momentos ser esquecida, dependia da propria condição humana. A segunda é visivel, está sempre presente, não offerece margem para a imaginação. Pesa e abafa, intangivel e inexoravel. O homem é sacrificado á usina, que perde assim todos os seus caracteres de humanidade, sobrepõe-se aos seus verdadeiros fins. As personalidades se diluem ainda mais na uniformização e estandardização dos productos em série. Poucos têm a impressão de possuir o que é seu, pois difficil seria distinguir os seus bens dos do vizinho.

Strowski acredita ser possivel sanar os defeitos da civilização industrial, voltando ao trabalho pessoal. Não seria mais o trabalho manual antigo, lento e pouco productivo, mas o labor realizado por machinas individuaes. A' usina massuda e gigantesca, substituir-se-iam as pequenas officinas de cada um, ou de pequenos grupos, dando de novo a consciencia e a alegria do trabalho fecundo. Essa grande transformação social seria difficil, e Strowski deixa comprehender que nenhum dos systemas actualmente chegaria a um resultado. Uma de suas phrases é bem caracteristica: "Só ha uma differença de palavras e de moeda entre a civilização Ford que se chama capitalismo e a civilização Staline que se chama communismo. Ford paga os operarios em dollars que se trocam por productos; Staline paga seus escravos em productos que amanhã se transformarão em rublos! Mas o operario de Ford, de facto, se é mais humanamente tratado que o escravo russo, não é mais livre!"

A vida moderna, pela multiplicidade de impressões, pela abundancia de excitações, é propria para produzir um exgottamento penoso e grave do systema nervoso. A media dos homens não supporta uma tal fadiga. Habituados por indole e por educação a uma relativa lentidão no succeder de sensações e de idéas, elles perdem-se e não se adaptam. Um permanente sentimento do provisorio tira-lhes a solidez das bases de vida, como outróra eram ellas imaginadas; e esse provisorio arrisca-se a se transformar em uma obsessão morbida e incuravel.

Strowski reserva a ultima parte de seu pequeno volume para as previsões, para a indicação do que elle pensa relativamente ao futuro. N'esses capitulos mostra-se particularmente optimista. "Devemos começar por curar o homem moderno, e mostrar a essa creança doente quanto o sólo é firme, quanto é suave a subida que leva ao futuro, quanto é facil o remedio para a sua anemia!" A luta entre o passado e o presente é um elemento difficil de fazer desapparecer. Mas os dois não são inconciliaveis, e o passado, longe de ser destruido, deve ser considerado como um meio de fortificar o animo, como uma preciosa fonte de instrucção e de sabedoria. As transformações nas condições de trabalho, a educação, o ensino, devem procurar readaptar o homem ao seu meio. E' necessario conhecer melhor a alma humana, perscrutar melhor as suas necessidades, as suas aspirações, para renovar o humanismo, aprofundando-o e res-

tabelecendo-o em suas verdadeiras funcções. "Um humanismo universal, alargamento do humanismo antigo, do humanismo da Renascença, e do nosso humanismo classico, envolverá a vida moderna como um manto quente, e a conduzirá, como uma luz, para o verdadeiro caminho da universal libertação."

A libertação da vida industrial como hoje é comprehendida, o desapparecimento da necessidade de ganhar o pão com o suor do rosto, pois que cada vez será mais reduzido o papel da energia muscular, crearão para o homem uma éra de outra luta muito mais abstracta e muito mais elevada: a conquista de si mesmo, a acquisição d'essa paz intima que necessita de um esforço sem tréguas e de uma boa vontade sem limites.

Taes são as idéas essenciaes de Strowski. Cada uma d'ellas necessitaria uma aprofundada discussão, pois que em sua maioria são ellas discutiveis. Mas a leitura d'esse livro é bemfazeja e util. Produz-nos por alguns momentos uma impressão de allivio, dá esperanças, impregna-nos d'essa superior serenidade que, mesmo não durando muito, deixa traços profundos. E actualmente, longe de querer destruir essas impressões, devemos procural-as e mesmo cultival-as. Para que, pois, discutil-as?

MIGUEL OZORIÓ DE ALMEIDA.

The Best Short Stories of 1931
N. 2 American. Editado por Edward J. O'Brien — 356 ps. — London Cape Ltd.

O critico de Oxford, Edward O'Brien, a exemplo do que fizera no anno anterior, reuniu, ao lado do volume dos melhores contos inglezes do anno, cerca de vinte e cinco dos melhores contos norte-americanos apparecidos em 31.

Londres, que ha 15 annos passados desconhecia Theodoro Dreiser, e que o applaude agora freneticamente, recebeu bem aos novos americanos. Alguns são conhecidos do *Harper's* ou *Scribner's* ou da revista de Mencken ou outra, como Don Marquis, Luis Adamic, etc... Muitos vêm do *Story* e são realmente recem-vindos e verdadeiramente novos. Esses ultimos (Kay Boyle, Whit Burnett, Martha Foley) marcam um episodio interessante na historia litteraria da America: a sua revista *Story* imprimiu, no primeiro numero, oito contos rechassados de todas as revistas litterarias do paiz e o successo foi realmente enthusiastico.

Tenho a impressão que realizam alguma cousa de substancialmente differente, com technicas individuaes e esquecidos das receitas que o Snr. Pitkins, da Universidade de Columbia, prescreve em seus grossos volumes. Essa realização, no entanto, é fructo de penosa evolução.

De facto, a renovação litteraria deixou todo o mundo aturdido. A tarefa de construcção é realmente difficil. O nosso caso brasileiro ainda é actual: os bellos fócos de São Paulo e do Rio crepitam apenas, e um anno litterario que consagra um *Quinzezinho* da Srta. Queiroz é positivamente fraco.

Parece de vantagem que á attitude tomada pelos nossos "novos" actuaes de envelhecer em uma inacção demasiadamente tropical, se devem oppôr os movimentos energicos de outros centros litterarios. Buscaram-se pontos de apoio, por exemplo, não differentes theorias psychologicas. Merecem referencia especial como "esforço", sendo obvio que ninguem pretende fazer obra viva apenas com os moldes psychologicos.

Esses moldes são variaveis. Nos paizes escandinavos, por exemplo, onde Sigmund Freud está em toda a parte, os romances psycho-analyticos fazem preamar. Correm mundo as versões inglezas de Sigurd Hoel (*Un dia de Outubro*), Gudmunsson e outros menos exclusivos como Christiansen com o seu *Dois vivos e um morto*. Na America predomina o "behaviourism" e Ernest Hemingway tem influido poderosamente como incontestavel chefe de grupo. Por mais que se divirja de Freud ou se encontre parcial o Watson com o seu "behaviourism", as doutrinas psychologicas modernas permittem um melhor e mais seguro manuseio do material humano e melhor aproveitamento desse material que o conseguido por tantos nacionaes com psychologia barata de porta de café.

A leitura desses contos "behaviouristas" uns, outros sem marca psychologica particular, revela essa evolução e concorda-se com O'Brien quando diz que "sem a antiga pretensão, de maneira clara e sem falsidade, sem attricto com moral alguma, elles descobrem e revelam a vida."

São rapidos, de 200 a 250 palavras (como está tão em uso na Inglaterra), poucas personagens, situação bem situada e viva. *Noticia de pasquim, Barulho que a geada faz*, e *Cura de repouso*, entre muitos, são typicos.

O. B. DE COUTO E SILVA.

UM AMIGO DO BRASIL

O illustre escriptor francez Manoel Gahisto, que tanto se interessa pela litteratura americana, entregou ao editor Messein os originaes do seu substancioso estudo intitulado Actrice et poête romantique au Brésil, *em que trata da romanesca ligação de Castro Alves com a comediante Eugenia Camara. Vê-se que esse brilhante critico não perde de vista as nossas cousas litterarias, achando-se, no Faubourg Poissonnière, 155, em Paris, prompto a acolher com a sympathia de sempre todos os nossos autores que lhe desejem mandar producções de sua lavra.*

Leiam:
CIUME
admiravel romance de
RENÉ-ALBERT GUZMAN

DUAS CANÇÕES

MOTIVOS DE TIRANA
(do popular gaúcho)

Tirana tira tirana
tirana do coração
me dá teu corpo maduro
com quentura de verão.

Um beijo de tua bocca
deve ter calor de sangue,
cheiro de fruto e de flôr
e este gostinho gostoso
tirana do teu amor

Deve ficar adoçando
na boca e no coração.

Tirana tira teu corpo
de perto da minha mão.

Tirana tira esta magua
tira este espinho tyranno
que me espinha o coração.

Ai o teu amor tirana
no meu corpo campo morto
com a frescura de uma chuva
na aridez dura do chão.

Tirana tira tirana
tirana do coração...

THEODEMIRO TOSTES.

DIALOGO DAS SOMBRAS

— Marquemos com uma pedra branca o mez litterario. Gilberto Amado acaba de dar-nos mais um grande livro. Ainda bem que não se apagaram todas as lampadas na noite e no deserto. E esta é verdadeiramente a lampada de Aladino!

— Saio agora mesmo da leitura do ESPIRITO DO NOSSO TEMPO. O autor é dos raros que sabem pensar e fazer pensar, numa terra e numa época em que o pensamento parece ser o privilegio das sombras, sombra! Rejubilemos os amigos das boas lettras com o retorno do filho prodigo. Pena que a politica o tenha apartado tanto tempo do convivio das Musas severas e silenciosas. Ganhou talvez a republica um senador entre os senadores, mas o thesouro intellectual do Brasil ficou certamente desfalcado de uma parcella de peregrina belleza. E é a belleza, amigo, o que sobretudo importa.

— A politica é uma arte perigosa e terrivel que desde Aristoteles tem seduzido os espiritos mais subtis, as imaginações mais ricas e luminosas. E em summa quem ha de governar a republica, num Estado bem constituido, sinão os mais doutos, os mais capazes, os mais prestantes? Que de admirar, pois, que artistas e poetas se sintam irresistivelmente fascinados pela bella e tenebrosa esphynge que se poderia chamar sem sacrilegio a decima Musa? Lembre-lhe, para citar exemplos memoraveis, Lamartine e Victor Hugo, que foram politicos sem deixar de ser grandes poetas. Goethe, de quem nos falla com tão soberba resonancia o livro de Gilberto Amado, exerceu tambem na politica a sua actividade omnimoda e omnipresente. Mesmo no Brasil, o nosso Alencar...

— Falle-me do Brasil! Ouça o que da politica e dos politicos do Brasil disse Pedro Lessa. Tenho precisamente á mão esse escripto, que veio cosido ás dobras da minha mortalha. (Lê:) "Hoje quando no seio de uma familia numerosa ha um joven que, por falta de vivacidade de espirito e de outros predicados naturaes, ou dos que se adquirem pelo esforço e pelo trabalho, não póde grangear os meios de subsistencias, e menos ainda obter qualquer collocação saliente, ou um ancião vencido na vida, para quem a fortuna foi descaroavel madrasta nas profissões que tentou, sem disposição alguma para o exercicio de qualquer mistér conhecido e licito, dá-se não raro uma expontanea conspiração entre os conjunctos por parentesco de um ou outro, os politicos militantes e os detentores do poder, para elevar o inclassificavel ás varias posições politicas, e então, com o mais bemaventurado jubilo dos chefes das aggremiações assim enriquecidas, esse vai ser legislador, esse vai ser estadista. Dahi essa numerosa grey de eunuchos de nova especie...

— Sombra, misericordia!

— Não antes que termine a leitura. (Continúa:) "de eunuchos de nova especie, irrisoriamente absortos nos interesses liliputianos de uma politica toda cifrada nas falsas eleições e nos pequeninos arranjos e tranquibernias; felizes quando alcançam a barata popularidade e as lisonjas dos dependentes e subalternos; absolutamente incapazes de bem observar os factos sociaes e generalisar com segurança, de um pensamento amadurecido pelo estudo de qualquer das prementes necessidades da patria, de uma ideia verdadeira, justa e util, incapazes de uma convicção externada e mantida com hombridade, de constancia e fidelidade aos principios adoptados, de um assomo de amor proprio; incapazes até de praticar systematica e abertamente, com a sinceridade dos convencidos, a peior e a mais baixa de todas as politicas, a da subserviencia e dos gosos materiaes, a politica denominada "animal", o que já fez em França um famoso ministro do segundo imperio." Isto escreveu da politica e dos politicos do Brasil Pedro Lessa, mestre provecto da mocidade, juiz dos mais austeros no tempo e, no consenso unanime, caracter de fibra espartana.

— Pedro Lessa foi um recluso, um solitario...

— E' da solidão que nascem as verdades eternas, que subvertem e renovam o mundo.

— Verdades de hontem, talvez, amigo.

— Verdades de hoje, lhe asseveno e, ai de nós!, si não nos acautelarmos, verdades de amanhã e de sempre.

— Razão de mais para reagirmos, penitenciando-nos e emendando-nos a tempo.

— Não ha de ser tão cedo, si julgarmos pela amostra do presente. Nunca o Brasil, como hoje... Mas que longe estamos do livro de Gilberto Amado...

— Ao contrario! O livro de Gilberto Amado é precisamente um grande ensinamento e uma advertencia salutar. E' tambem, como escreveu Agrippino Grieco no seu magnifico artigo sobre o ESPIRITO DO NOSSO TEMPO, uma lição de alto e fecundo idealismo constructor, que precisa ser lida e retida. Ella nos ensina a não desererrmos, a despeito das apparencias, a não desesperarmos da nossa gente, das nossas cousas, do nosso futuro.

— Quanto enthusiasmo de uma sombra por um fantasma! como lá diz o Socrates de Valéry.

— Fantasma que bem poderá tornar-se algum dia realidade palpavel. Assim o saibam querer os bons brasileiros e, passada esta hora de demencia, assim o permittam os fados! Assim tambem o espera esta sombra que sou e se desvanece...

— Fresca esperança! Foge, antes que me contamines!

— Adeus, pessimista!

— Adeus, visionario!

ALBERTO RAMOS.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Na certeza de que vimos envidando esforços para realizar o programma de cultura que é o unico escopo do "Boletim de Ariel", esperamos continuar a merecer o apoio daquelles que nos prestigiaram desde a primeira hora e cujas assignaturas terminam com a publicação deste numero.

Outrosim avisamos que ao nosso proximo numero será annexado um indice remissivo, de autores e materias contidas na collecção annual do "Boletim" e que muito facilitará a sua consulta, no caso em que alguem pense conserval-a ou mesmo transformal-a em volume.

O terceiro Portinari

Candido Portinari expõe os seus quadros no Palace-Hotel, na sala que fica defronte da escadaria da entrada. Elle não pagará nada aos que forem espiar os seus ultimos trabalhos, mas não cobrará mil réis por cabeça, como no "cine-tom" do Sr. Oswaldo Teixeira. Portinari é um pintor de nascença: acceita, sem reagir, todos os onus da sua predestinação. Não procura disfarçar a sua fatalidade. Expõe com o mesmo sangue frio dos nossos escriptores que se editam. Progride como se recebesse o estimulo do dinheiro e do elogio autorizado. Mas não brinca com a indifferença do nosso povo pela arte em geral e pela pintura em particular. Conheço um cavalheiro que foi ao "cine-tom" do Sr. Oswaldo Teixeira e que ficou furioso quando descobriu que a fita eram as telas inanimadas. Houve barulho. O pintor tentou acalmal-o offerecendo-lhe uma natureza morta. Foi peior. A calma só voltou ao "cinema" quando o "fan" illudido recebeu o dinheiro para ver Mary Dressler no Palacio... Quatro mil e duzentos de indemnização...

* * *

Candido Portinari reapparece modificado. Depois do Portinari academico, escondendo diabolicamente a sua personalidade para abiscoitar o premio de viajem; depois do Portinari revolucionario influenciado pelos mestres modernos que traduziam melhor o seu horror á tacanhez professoral da Escola de Bellas Artes, o terceiro Portinari é o começo de alguma cousa séria e definitiva na pintura brasileira. Deixemos que a burguezia compradora da *Morte de Desdemona* em oleogravura e que os pintores queridos dessa burguezia digam "bôas bolas" diante do seu *S. Francisco de Assis* e do seu *Circo*... Estes quadros ainda soffrem desse intellectualismo plastico, dessa interiorização intencional que admittem o vintenzinho de critica espirituosa do caixeiro viajante, do alumno fiel ao professor Bracet e da moça que pinta nas almofadas pudicamente fieis aos modelos... Ha no *Circo* do tempo em que o Sarrasani e o Hagembeck não vinham ao Brasil, além do palhaço deliciosamente bêsta que gritava "hoje tem marmelada" e dos gurys que respondiam "tem sim senhor", um burro azul que preoccupa todos os burguezes, visitantes premeditados ou occasionaes da exposição. Em torno da côr desse burro até o ex-senador Lopes Gonçalves, na minha presença e na do proprio Portinari, fez critica de pintura com certa confiança nos seus argumentos.

— Já estive no Texas onde ha muitos burros. Nunca vi um azul... Por que fez esse burro azul?

Estas phrases são textuaes no episodio authentico. Portinari não pensou na resposta que eu daria se tivesse pintado o quadro:

— Fiz esse burro azul porque, com a dictadura, seria impossivel fazel-o senador...

* * *

Nos retratos de Maria Portinari e de Jorge de Castro; nas naturezas mortas *Barcos de papel* e *Conchas*, o terceiro Portinari surge "elle mesmo": um classico que polemizou nas suas telas da phase intermediaria com os pseudo-modernos e com os pseudo-classicos, com os corruptores de Picasso e da renascença italiana. O paradoxo da pintura de hoje é este: só um verdadeiro moderno é digno de um verdadeiro classico. Em sinceridade e espirito, o academismo, com todo o seu respeito á perspectiva, ás leis chromaticas e ás proporções está mais longe da verdadeira pintura do que os varios *istas* que condemnaram ao ridiculo dos "salões" officiaes de Paris as glorias de 1800...

Portinari abandonou o desenho-pamphleto, a barricada da sua segunda phase. A sua pintura simples, clara, serena, onde as difficuldades são vencidas masculamente com uma technica que deixa em tudo um ar maravilhoso de espontaneidade, justifica o enthusiasmo que vem despertando. Enthusiasmo melancolico, convenhamos... No Brasil, os homens que gostam de bons quadros são pobres. Os ricos compram telas em Paris, na Galeria Lafayette ou nas "vassouradas" do salão official, depois da eliminatoria, em plenas loucuras dos Mathias de lá...

HENRIQUE PONGETTI.

DE TODAS AS PROCEDENCIAS

Arnold Zweig, num romance traduzido para o francez com o titulo de *Départ*, fere o problema do aborto criminoso ou não criminoso.

— Um dos melhores narradores da moderna litteratura austriaca é o romancista Karl Heinrich Waggerl, em cujas paginas, de um accentuado sabor montanhez, sentimos a luta do homem que revolve terrenos pouco ferteis, batendo-se rosto a rosto com a miseria, mas não se resolvendo nunca a abandonar os sitios nataes.

— Publicaram na Italia o diario e as cartas ineditas do rei Carlos Alberto, pae do unificador da Italia e figura das mais discutidas pelos biographos europeus, sendo que uns o dão como um soberano abulico, de um terror panico deante de qualquer decisão a tomar, e outros lhe reconhecem superiores qualidades de guerreiro e estadista.

— A critica avançada da America do Norte tem um representante dos mais valiosos em J.-E. Spingarn, autor de escriptos em que a nova geração encontrou um retratista de punho firme e um julgador dos mais equanimes. Seu trabalho *Creative Criticism* é de alguem que, detestando os dogmas litterarios, nem por isso desce a um ecletismo baixamente corruptor.

— O romancista Pierre Bost foi discipulo do pensador Alain e ainda hoje exalta as qualidades de formador de almas dessa creatura incomparavel. Para elle, o philosopho dos *Propos* sabe praticar como nenhum outro a "maieutica" de Socrates, e sem esse partejador de cerebros muitas obras primas não haveriam surgido entre os modernos.

— "Um romantico, um feudal, um republicano", eis a conclusão que tiraram do caracter de Washington, a proposito de um recente volume de Bernard Fay.

— Pedro Leandro Ipuche, poeta que desfructa de bom renome nas republicas de lingua hespanhola, vae estampar um novo volume, *Doña Fernanda*, scenas do campo e lembranças da juventude do artista. Assignale-se que, prezado pelos velhos, Ipuche é tambem queridissimo das gerações mais recentes, que o reverenciam como um dos valores mais nitidos da poesia do tempo.

— O centenario de Goethe foi festejado em Montevidéo com bellos estudos dos escriptores Oribe, Sabat Ercasty, Lange e Estable.

— Stefan Zweig estuda Freud. E' um caso em que o modelo e o pintor competem em força, em riqueza, em complexidade de talento e temperamento. O thaumaturgo da psychanalyse retratado pelo pincel de um Holbein das lettras.

NOÇÕES DE HISTORIA DE LITTERATURA GERAL — Afranio Peixoto — Liv. Alves, 1932.

Ao professor Afranio Peixoto pode-se attribuir, sem favor, a creação de um genero novo na nossa pobre litteratura didactica — o livro agradavel, que se oppõe ao genero mais commum, entre nós, o *"genre ennuyeux"*.

Realmente ninguem será capaz de ler, sem prazer, a sua *Hygiene*, ou *Medicina Legal*, ou *Psychopathologia forense*.

Quando se acaba a leitura de um destes livros a gente imagina o que seria um destes assumptos dissaboridos tratados por outrem e fica a desejar que o façam leccionar todas as disciplinas. Julga-se mesmo que se lhe déssem a propria arithmetica, elle a faria encantadora.

Os dois cursos que realizou, um de litteratura brasileira, para professores americanos, outro, — este — para estudantes brasileiros de litteraturas estrangeiras, representam o maior serviço que poderia prestar á nossa cultura.

Em ambos, do mesmo feitio, ha achados felicissimos. Cada época, ou cada aspecto, é apreciado em conjunto, nas suas linhas physionomicas geraes, de accordo com a historia e sociologia correlatas. A "nomenclatura", ao fim, contém os autores, com as fichas bio-bibliographicas, os dados condensados de cada qual, acompanhados de illustrações.

Ao par disso, o synchronismo social, permittindo a referencia á superficie de nivel dos acontecimentos coevos de cada época.

No volume sobre litteratura geral faz-se uma linda viagem pela civilização toda, da prehistoria aos nossos dias.

Começa-se pela representação do pensamento, desde as primeiras manifestações ideographicas até á cinematographia sonora dos nossos dias, que, mesmo com os "milagres da cellula photo-electrica" não eliminará da vida o livro — *"in angelo cum libelli"*. — Seria impossivel concentrar mais do que o faz este livro. Toda a velha rhetorica, em que se estudavam os generos e especies litterarias, está em um capitulo de uma duzia de paginas. E' livro sem par, talvez, em qualquer litteratura. Porque abrange todas, desde a dos povos primitivos aos norte e hispano-americanos, aos japonezes, chinezes, indianos da nossa época. E tratados por um autor de gosto e de rara cultura. Os manuaes do genero são, em geral, de segunda ordem, com endereço meramente didactico. Só as grandes litteraturas mereceram os cuidados de um Croisset, de um Lanson ou de um Taine.

O capitulo final das *Noções de Historia de litteratura geral*, sobre litteratura comparada, é magistral e dá uma visão panoptica e colorida sobre as manifestações do pensamento atravez da palavra escripta, chegando a esta definição admiravel: — "a litteratura é o sorriso da sociedade".

E conclue por esta sentença, cujas consequencias sociaes e moraes já começam a transformar e hão de transfigurar um dia o mundo: — "Tudo é de todos"...

F. Venancio Filho.

O amor de Frank Harris

A 26 de Agosto fez um anno que morreu Frank Harris, cuja vida oscillou entre o extremo esplendor e a extrema miseria.

Cow-boy, engraxate, creado e gerente de hotel, advogado, jornalista, novellista e critico, tudo foi esse homunculo quasi horrivel, mas a quem a natureza não regateára o dom mysterioso das palavras.

Egolatra, invejoso, aggressivo, inescrupuloso, assim o retrata Hugh Kingsmill, senhor diplomado em Oxford, num livro pintalegrado aqui e alli de episodios interessantes e escripto por quem tem a superstição do methodo.

O autor nega originalidade ao seu modelo, mas deixa transparecer que nesse duello de duração imprevisivel com o tempo Harris deve sahir triumphante.

O biographo de Wilde e Shaw resurge ahi humanizado, sobraçando algumas paginas cujo brilho exige a absolvição dos defeitos.

Para Kingsmill a novella *Montes, o Matador* é apenas um bello filme. Ora, achamos falsa a comparação. Intensamente vivida, a novella de Frank Harris não tem o artificialismo commum aos filmes. Harris, megalomano do amôr, embora se attribua mil conquistas em *Minha vida e meus amores*, sorte de homenagem posthuma de um velho á sua virilidade extincta, mais tarde o confessou, só teve uma grande paixão. Conheceu-a em Londres. A rapariga era bella. Alta e delgada, caminhando com meneios de garça, enamorada de si mesma, consciente da sua realeza. Harris fal-a sua amante em troca de muito dinheiro e muitas joias. Mas incontentada e voluvel — Laura era o seu nome — o trahia sempre. Frank Harris seguia-a pelas ruas e, surprehendendo-a em companhia de outros, soffria ciumes atrozes. O tormento durou annos. Tinha hallucinações. Via-a ao espelho, Yara emergindo das aguas, inteiramente nua, magnifica, toda illuminada pelo mysterio, graça e fascinação do sexo. Depois, a visão dissipava-se e o crystal reflectia apenas a imagem ridicula de um homenzinho de pernas tortas, mãos grosseiras e rosto mongolico. E Frank Harris atirava-se de bruços, como o anão de Wilde, a soluçar desesperado pela propria deficiencia. Foi ainda contando em linguagem colorida o seu infortunio que Harris logrou enternecer uma viuva rica. Casou-se, ou antes, empregou-se de marido. Já é famoso. A' sua mesa reunem-se celebridades e, de onde em onde, offuscando-as a todas com seus epigrammas, Oscar Wilde apparece. Vão á sua casa mulheres tentadoras. Mas elle permanece indifferente, ainda perturbado pela presença da ausente, corpo de seda e labios de braza... *Montes, o Matador* é a historia desse amôr infeliz. Um toureiro apaixona-se por uma bella mulher que se chama Clemencia. Faz toda a sorte de proezas para conquistal-a, mas em vão. Clemencia prefere um outro menos habil, porém bello. Eis, em poucas linhas, a summula da obra que valeu a seu autor o titulo lisongeiro de Maupassant inglez e Bennett considerava a melhor novella da litteratura ingleza. Temos a impressão de que ella foi escripta por alguem que mergulhasse a sua penna numa cicatriz sempre a sangrar.

Manlio Giudice.

Democracia "versus" Dictadura

A Representação profissional nas Democracias — José Augusto.

A Desordem — Virginio Santa Rosa.

Ha em todo o mundo lucta aberta entre a democracia e a dictadura, como uma consequencia das perturbações trazidas pela grande guerra e porque as dictaduras contrariam a evolução politica do seculo XIX toda feita no sentido democratico.

A facilidade das communicações tornou a terra pequena, de sorte que já não ha factos nacionaes isolados, mas tendencias universaes. Embora não existam ligações directas entre as correntes politicas dos diversos paizes ha entre elles phenomenos de synchronismo, de semelhança, de imitação. Já não nos causa estranheza quando vemos falar de um fascismo japonez ou allemão ou da bolchevização da America do Sul, muito embora as condições do Japão e da Allemanha sejam muito differentes das da Italia e as da America do Sul nada se pareçam com as da Russia. Felizmente ao lado dessas correntes extremadas, de um estatismo avassalador e tyrannico, ha nos povos saxonicos e na França modelos sadios de governo, onde os povos em formação podem ir beber lições proveitosas para a estructuração do Estado. Os povos verdadeiramente superiores ainda não abandonaram a democracia que tanto lhes custou a crear.

Acabo de ler dois livros brasileiros em que alguns aspectos do problema de governo se ventilam com sinceridade embora de pontos de vista diversos: *A representação profissional nas democracias*, do sr. José Augusto, e *A Desordem*, do sr. Virginio Santa Rosa, aquelle nome vantajosamente conhecido, este ao que me parece moço e estreiante.

O sr. José Augusto defende as ideias democraticas e estuda proficientemente a questão da representação profissional, desfazendo os sophismas e esclarecendo os postulados em que assenta aquella representação. Chama a attenção para o perigo que envolve certas formas de representação de classes, que nos lançaria em plena idade media, fazendo-nos retrogradar alguns seculos.

O sr. José Augusto chega ás seguintes conclusões:

"*a*) A representação profissional, ou a de classes, ou o governo de technicos e competencias especializadas, varios disfarces de uma só e permanente preoccupação, o combate á democracia, são resurreições inopportunas e inacceitaveis de idéas antiquissimas, de cheiro medieval, já postas de lado e abandonadas pelas modernas correntes do pensamento politico occidental ;

b) Nenhuma Nação democratica moderna acceitou-as ou incorporou-as ás suas instituições, todas ellas com raizes exclusivamente politicas;

c) Duas unicas Nações, presentemente, a Russia e a Italia, apparentam seguir a doutrina da representação de classes, a primeira, e de corporações a segunda, mas na realidade o que uma e outra têem é uma representação pura e nitidamente politica, visando a Russia o *primado politico*, a dictadura de uma classe social, a proletaria, e visando a Italia o *dominio politico de um partido*, o fascista, de que Mussolini é a unica e verdadeira encarnação;

d) Não ha argumentos, theoricos ou praticos, que justifiquem sejam entregues ao interesse particular de um grupo ou de uma classe, ou ás vistas unilateraes de um technico, assumptos, como os legislativos, que só podem resultar da acção e da deliberação de quem esteja em condições de traduzir as aspirações geraes e os interesses collectivos;

e) Mesmo que houvesse argumentos justificativos em theoria da representação profissional ou syndical, no Brasil impossivel seria pratical-a, de vez que lhe falta o elemento primario e essencial que são os grupos economicos e sociaes, as associações profissionaes, as corporações e syndicatos que só existem em pouquissimas capitaes ou cidades de maior importancia, e assim ficaria a Nação brasileira sem representação, ou governada apenas por limitados e raros nucleos urbanos."

Essas conclusões afiguram-se-me absolutamente justas.

O sr. José Augusto revela notavel conhecimento das organizações politicas da maioria das nações do mundo, esplanando o assumpto de maneira synthetica e substancial.

Apresenta-se-nos o Sr. Santa Rosa como psychologo dos acontecimentos que culminaram na revolução de 1930, que vê com enthusiasmo e cheio de esperanças. A sua analyse é por vezes penetrante. Ao contrario de varios outros, o nosso autor toma as correntes e deixa de lado os individuos. Não lhe interessam as personalidades, mas os factos, os acontecimentos, as directrizes geraes, que denunciam os vicios de estructura e as falhas da formação nacional.

E' menos feliz o autor quando aponta os remedios para os nossos males. Quer governo dictatorial, forte, prolongado, para exterminar os regionalismos e os patriotismos estaduaes que na vigencia da constituição de 91 iam dissolvendo a nacionalidade. Parece-me, porém, que o estreitamento dos laços entre as diversas regiões do paiz se fará pelos caminhos de ferro, estradas de rodagem, pelo radio e pela imprensa, e abandonando-se o actual regime de impostos interestaduaes.

Quer a federalização da justiça, medida justa, ideia victoriosa, que todavia, não trará, como pensa o joven sociologo, a morte da politicalha e do caudilhismo.

Quer a representação de classes. "E' a perfeita democracia". O sr. José Augusto que estudou *ex-professo* o assumpto pensa justamente o contrario: E' a morte da democracia.

Finalmente opina o sr. Santa Rosa: "O Estado moderno, governando deante dos individuos associados em syndicatos de classes, é o milagre supremo para o Brasil. Organiza e disciplina a opinião. Corrige a nossa anarchia e a nossa desordem."

Imputa o Sr. Santa Rosa á democracia o desenvolvimento do espirito regionalista e o enfraquecimento do principio da autoridade.

Ora, o regionalismo nasceu das condições geographicas e da historia colonial, como o provaram historiadores como Handelmann, Capistrano de Abreu, João Ribeiro e Euclydes da Cunha, e quanto ao principio da autoridade o que tem havido desde as mais remotas eras é a hypertrophia.

Foi precisamente essa hypertrophia uma das causas mais certas e

precisas da revolução brasileira de 1930.

Em summa, o que o Sr. Santa Rosa lembra para o Brasil é uma especie de fascismo, porque o remedio foi bom para outro doente da familia humana.

Theoricamente não ha formas de governo bôas ou más. O que as torna supportaveis ou não pelos povos é o gráo de cultura a que já attingiu a nacionalidade.

Resta a saber se o povo brasileiro com mais de um seculo de progresso no sentido democratico e que ainda ha dois annos fez uma revolução liberal supportará o mirifico drastico que lhe preceitúa o novel sociologo patricio.

ALCIDES BEZERRA.

DE PARIS

Santos Dumont morreu!

Um laconico telegramma de duas linhas nos trouxe a noticia nestes termos: "Annuncia-se a morte, em S. Paulo, do aviador aeronauta Santos Dumont."

Duas linhas para annunciar a morte de um dos homens a quem deve a aviação o ter nascido! Mas talvez seja melhor assim e o nome de Santos Dumont, sem qualquer outro titulo, se basta amplamente a si mesmo. E' o nome de um dos heroes que acreditaram e que ousaram. E' o nome de um intrepido pioneiro que, desconhecendo o medo e tendo-se firmado no proposito de realizar o que parecia impossivel, confiante em si mesmo, projectou-se nos ares. E' o nome de um apostolo que consagrou a maior parte da vida á ideia que encarnava a sua fé de homrem moderno. Santos Dumont, de chapeu coco, pilotando um dirigivel de bolso... Santos Dumont, de chapeu de palha, agarrado á alavanca tosca de um aeroplano que parecia feito com lençóes esticados sobre bambús... Santos Dumont, em casa, naquelle apartamento dos Campos Elyseos, onde cadeiras e mesas ficavam num estrado a tres metros do solo. "Isto é, dizia elle, para que eu me habitúe á vertigem das alturas."

Santos Dumont, que acaba de morrer, foi o homem mais popular de Paris de ha trinta annos. Os jornaes de então não falavam senão dos seus feitos, as revistas illustradas enchiam-se das imagens desse Icaro elegantissimo que desafiava a morte em apparelhos ainda infantis, mas que de experiencia em experiencia preparava a conquista do ar. Paris, onde elle esteve pela primeira vez aos 18 annos, e á qual tornou mais tarde para então fixar-se por muito tempo, ia permittir-lhe attingir a celebridade mundial. Estamos ás vesperas de 1900, o anno da Exposição Universal. O seculo da machina vai começar, Santos Dumont ousa... E' elle o primeiro que ousa utilizar um motor de explosão em baixo de um envolucro contendo gaz inflammavel. Já não fôra sem muito trabalho que o vencedor conseguira provar a dirigibilidade dos balões; elle se havia entregue a multiplas experiencias que, embóra em grande parte triumphantes, não raro terminavam por um accidente de que elle, felizmente, sahia sempre indemne. De uma feita, ao realizar um de seus vôos, prendeu-se-lhe a aeronave no telhado de uma casa do Trocadero, teve que aguardar que os bombeiros viessem livral-o de tão perigosa situação. Depois do balão, o inventor consagrou-se ao avião... (Outros dirão melhor do que eu os differentes typos que elle creou e procurou). Foi em Bagatelle que elle fez seus ensaios, e foi ahi que as mais celebres personalidades vieram vêr Santos Dumont. Quando elle conseguia elevar-se um pouquinho, o enthusiasmo attingia o auge. Certos figurões, de sobrecasaca e cartola, algumas damas elegantes, com vestidos de tufos e babados, não hesitavam em estender-se a fio comprido no chão para colher a impressão inebriante de ver um mais pesado do que o ar elevar-se a alguns centimetros do solo. Emfim, a 12 de Dezembro de 1906, Santos Dumont estabeleceu os primeiros recordes do mundo official: distancia — 225 metros: duração — 21 segundos: altitude — 1 metro 50. Ha disso 26 annos! Suas numerosas façanhas valeram a Santos Dumont differentes honrarias e premios, mas o arrojado aeronauta, sempre com o coração animado dos melhores sentimentos, em primeiro lugar beneficiou com 50.000 francos o seu muito popular mecanico Chapin, e, depois de haver generosamente recompensado o trabalho de todos os operarios que o tinham auxiliado, pediu ao Chefe de Policia que distribuisse o restante pelos pobres de Paris. Esse gesto mostra o que era o homem.

A celebridade daquelle que era conhecido por *Homem passaro* foi mundial, mas nem por isso o encheu de orgulho. Ao contrario, continuou sempre simples e modesto. Quando os Blériot, os Voisin, os Brégnet, os Esnault-Baltérie, os Farman, voaram por sua vez, Santos Dumont creou um pequeno apparelho, verdadeira maravilha, o *Demoiselle*, sobre o qual alguns dos nossos pilotos se tornaram celebres.

Muito rico, Santos Dumont vivia, ha muitos annos, num eterno verão, pois que, viajando continuamente entre a Europa e a America do Sul, procurava fugir aos invernos de França. Ardoroso amigo da França, elle deixa um nome que pertence não só á gloria mas tambem á anecdota parisiense, e são sem conta as suas caricaturas feitas por Sem, de quem era amigo intimo. Ambos passeavam juntos todos os dias no *Bois* e, á noite, com outros amigos como André Tardieu, Forain, Roberts de Flers e Abel Faivre, encontravam-se no Maxim's, onde todos não viam nelle mais que um jovem e rico brasileiro, avido de prazeres, pois ninguem suspeitava que elle se entregava desde muito á sciencia mecanica. Por isso mesmo foi com surpresa geral que um bello dia se soube que aquelle homem que era visto em toda parte, no *Bois*, nas corridas, nos restaurantes e salões da moda, escondia um cerebro preoccupado com a mathemativa e a mecanica, e que trabalhava por fazer triumphar a doutrina do mais pesado que o ar.

Condecorado, em 1929, com o grande officialato da Legião de Honra, Santos Dumont pertencia a essa aristocracia brasileira em que a cultura intellectual é de tradição. De descendencia franceza, com elle desapparecem não só um dos mais illustres precursores da aviação, como tambem um grande e sincero amigo da França.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

A BIBLIOTHECA DE D. MANOEL II

El-Rey Dom Manoel II de Portugal, cuja vida a morte tão cedo acaba de ceifar, merece artigo neste *Boletim*, pois era um intellectual, era "um dos nossos".

Não foi Dom Manoel o primeiro monarcha portuguez dado ás lettras. As anthologias portuguezas costumam abrir-se com uma pequena lyrica do seculo XII, attribuida a Dom Sancho I. Dom Diniz, no seculo seguinte, foi verdadeiro rei-poeta, rei-trovador, como disso dariam testemunho, si outros não houvesse, estes versos compostos por Joham de Leon, celebre jogral no seu tempo, quando falleceu o monarcha:

> Os namorados que trobam d'amor
> todos deviam gram doo fazer,
> et nom tomar em si nenhum prazer
> porque perderon tam boo senhor
> Com' el-rey D. Denis de Portugal.

Dom João I, o "da bôa memoria", é autor de uma obra sobre a caça, o *Livro da Montaria*, publicado pela primeira vez em 1918 e muito apreciado pelos entendidos na arte venatoria. Tambem escreveu, segundo é corrente, um *Livro de Horas de Santa Maria* e *Psalmos* para finados. Dom Duarte é famoso autor do *Leal Conselheiro* e do *Livro de Ensinança de Bem Cavalgar*. Dom Affonso V escreveu o *Tratado de Milicia* e *A Constellação do Cão*. Perderam-se ambas essas obras infelizmente. Para não estender demais estas pequenas informações (que toda a gente póde buscar em qualquer historia da litteratura portugueza) omitto varios outros principes da dynastia de Aviz e passo á Casa de Bragança.

Dom João IV, o fundador desta dynastia, a ultima que teve Portugal, era bom musico, tocava flauta e compunha. Dom João VI gostava de ir cantar canto-chão com os srs. conegos em Mafra. (Não se riam, porque o marechal Foch, vencedor em toda a linha, carregado de honras, ia á paizana todos os domingos, com toda a simplicidade, assentar-se entre os fieis, como um qualquer, munido do seu *Paroissien*, na egrejinha de Ploujean (Bretanha) e entoava devotamente os louvores do Senhor...) Entre os principes desta Casa brilha com fulgor autonomo pelo seu amor ás lettras, ás artes e aos seus cultores o nosso insubstituivel imperador Pedro II. Dom Carlos I era, como se sabe, um artista e um estudioso. Seu filho Dom Manoel, legitimo Bragança, gostava de escriptores, não desamava esportes, adorava os livros, tocava orgão e dizem que a sua suprema aspiração era reger uma grande orchestra! Difficilmente se encontraria principe tão sympathico nos tempos modernos.

Possuidor de invejavel bibliotheca, que elle ia enriquecendo constantemente com acquisições novas, resolveu Dom Manoel publicar, para uso dos estudiosos e bibliophilos, o catalogo completo da mesma em tres volumes. O primeiro veio a lume em 1929, lançado pela conhecidissima casa Maggs Bros — Londres e impressa na typographia da universidade de Cambridge em portuguez e inglez. A edição do trabalho é em tudo digna do seu regio autor. Além da riqueza do texto ha nella ainda a opulencia principesca dos fac-similes e reproducções, executados com artistico esmero, que toca as raias da perfeição. Contemplal-os é prazer para os olhos e para a intelligencia. O formato do livro é 33½ cm. × 27 cm. O texto é dividido em duas columnas por pagina (uma em portuguez e a outra em inglez) tendo cada pagina ampla margem quer na parte superior e na inferior, quer nas lateraes.

A orthographia usada pelo Rei é a usual e elle proprio se explica a respeito na *Introducção*: "Quanto ao texto Portuguez, conservamos, nas transcripções em linguagem, a orthographia usada por cada auctor — uma verdadeira charada para os impressores e ás vezes para nós mesmos — por julgar preferivel deixar a cada um, antigo ou moderno, morto ou vivo, a responsabilidade da maneira como escreveu, ou escreve, a sua lingua; por nossa parte, sem pretenção alguma, escrevemos simplesmente segundo a orthographia que os nossos mestres nos ensinaram."

O catalogo começa com o manuscripto em pergaminho, maravilhosamente illuminado, do *De Bello Septensi*, de Matheus de Pisano, em que se narra a guerra e conquista de Ceuta. Na realidade elle tem um percurso (o catalogo) que vae de 1489 até 1539. A primeira destas datas representa o anno em que foi impresso o segundo incunabulo publicado em Portugal. Existe incunabulo mais antigo, exactamente o primeiro, do qual existe uma unica cópia, que está na Bibliotheca do Museu Britannico. Portugal, sempre lerdo (vicio que nos transmittiu) quando se trata de coisas espirituaes, teve o primeiro livro impresso em portuguez só em 1495, isto é, quasi um quarto de seculo depois que na Hespanha já se imprimiam livros em vernaculo e tres annos depois que o celebre humanista Lebrixa tivesse publicado a sua grammatica hespanhola: foi a *Vita Christi*, de Ludolpho de Saxonia, traducção de frei Bernardo de Alcobaça, a qual saiu das prensas dos mestres allemães Valentim Fernandes da Moravia e Nicolau de Saxonia.

Outro livro precioso, cujo historico figura neste catalogo, é o *Perush Ha Tora* ou *Commentario sobre o Pentateucho*, por Moysés Ben Nahman, não a primeira impressão, que é de 1487 e de que só existe um exemplar conhecido, o do Museu Britannico, mas a segunda, que foi feita em Lisbôa em 1489 na typographia do Rabbi Eliezer Toledano. A primeira impressão é de Faro e saiu da officina de Samuel Gacon. A typographia hebraica mais antiga de que ha noticia em Portugal é exactamente a desta cidade, mas no seculo XV já havia dellas tambem em Lisbôa e Leiria. Judeus allemães de Spira passaram-se á Italia, onde estabeleceram typographias em Socino, Piobe, Pesaro, Bolonha e Ferrara. Da Italia foram alguns para Portugal, onde já havia muitos judeus tanto portuguezes como de outras partes, todos fervorosissimos no estudo das Sagradas Lettras, estudo esse que se fazia nas synagogas, sendo, pois, o pequeno reino bom campo para ganhar dinheiro imprimindo livros da religião.

A proposito deste *Commentario* traça o rei interessantissimo epitome da actividade quer espiritual quer typographica dos judeus em Portugal durante o seculo XV, por onde se vê quanto elles contribuiram ou tentaram contribuir, com a sua diligencia e a sua industria para educar a rude gente portugueza, que, ineducavel por indole, e avessa a toda especie de trabalho mental, lhes

retribuiu o beneficio massacrando-os, roubando-lhes os haveres, queimando-os vivos e expulsando-os...

Neste seculo XV deixou-se Portugal distanciar muito pela Hespanha, mas no seculo seguinte recuperou o terreno perdido. Livros de ficção, de versos, de humanidades, de sciencias, principalmente de sciencias nauticas, philosophia, theologia, tudo se imprimia lá. Aqui temos nós, por exemplo, a grammatica latina de João Pastrana — *Grammatica Pastrane* — saida dos prelos de João Pedro Bonhomini de Cremona logo no principiozinho do seculo, isto é, em 1512, *cum gratia et privilegio*. A fl. I é um primor de lisonja pois é toda occupada por uma gravura que "representa El-Rey Dom Manoel sentado no throno, com a Esphera e a legenda: DEO.IN. CELO. TIBI. AVTEM. IN. MUNDO."

Pastrana, cujo nome, não sei porque, passou a significar *idiota, banana, trouxa,* como o nome de outro grammatico, Dispauterio, passou a significar *tolice, erro crasso,* Pastrana era natural das Baleares, era malhorquino e não portuguez. "Quantos illustres portuguezes, exclama o rei, não terão aprendido o latim pela *Grammatica Pastrane!*" E accrescenta ser bem possivel que Dom Manoel, o Venturoso, por ella houvesse estudado, pois, como diz Damião de Góes na *Chronica d'El-Rey Dom Manoel*, este "foi muito inclinado a letras & letrados & entendia bem ha lingoa Latina em que fora doctrinado sendo moço, da qual sabia tão que podia julgar entre stylo bom, & mao..." Dona Carolina Michaëlis é da mesma opinião.

Agora temos aqui a reproducção e historico de um livro extremamente raro:

LIURO E LEGẼDA DOS SANTOS MARTIRES

E' tambem dos prelos de Bonhomini de Cremona em 1513. Esta obra é obscura quanto ás origens. Sabe-se pelo prologo, ou *plogo,* como lá diz o bom quinhentista que o garatujou com a sua bem aparada penna de ganso, que ella foi trasladada do latim para castelhano e deste idioma para o portuguez. Não ha porém a mais vaga indicação do nome do traductor. Quanto ao conteúdo do *Liuro & Legenda dos Sãtos Martires,,* delle pódem dar idéa estes dizeres da folha de rosto:

"Este he o livro & legenda que fala de todolos | feytos & payxoões dos Sãtos martires. em | lingoagem portugues. cõ apayxõ de nosso | senhor. assi como ha escreuerõ os sanctos | quatro euãgelistas. & assi com duas tauo- | as. s. hũa geeral. & outra particular que chamã | os capitolos & folhas. Per especial mãda- | do domuy alto & muy poderoso Senõr Rey | dom Manuel empremido. | Com preuilegio de sua alteza."

Deste livro existe um exemplar na Bibliotheca d'Ajuda em Lisbôa. Um havia na Bibliotheca Azevedo-Samodães, pois vem mencionado no catalogo da mesma, que se refere ainda a dois outros exemplares em existencia. Ha tambem um na Bibliotheca da Universidade Catholica de Washington. E finalmente este, já um pouco estragado, pertencente á Bibliotheca do sr. Dom Manoel II.

Como se perderiam tão desastradamente, tão irremediavelmente, esse livros antigos, pelos quaes dariamos hoje fortunas? Em grande parte perdiam-se nas missões, nos incendios, nos naufragios, nas guerras com os aborigenes e em outros desastres. Os missionarios os carregavam comsigo para as missões da Asia, da Africa e do Brasil. Sobre não serem as edições muito grandes, as perdas eram frequentes e faceis. Além disso os reis portuguezes, zelosos da salvação das almas dos infieis e pagãos, mandavam-lhes de presente taes livros. Dom Manoel, por exemplo, entre objectos de subido valor, como sejam paramentos sacerdotaes de ouro e seda, mandou de presente ao Rei do Congo, como refere Dom Jeronymo Osorio, um exemplar da *Vita Christi!* Que poderia entender o pobre Rei do Congo desse mysticismo edificante? Enfarpellou-se provavelmente nos faiscantes paramentos e atirou o livro aos formigueiros vizinhos da sua catinguenta cubata...

Curvemo-nos reverentes, amigo leitor, porque agora vem obra veneravel: *Cancioneiro Geral* do nobre Garcia de Rezende, das prensas do allemão Hermão de Campos (de Kempis) — Almeirim e Lisbôa — 1516. Não tenho, porém, espaço para alongar-me a respeito deste fidalgo, *Moço da Escrevaninha* de Dom João II, de quem elle com o intimo conhecimento que tinha do principe illustre, diz: "Foy desenuolto & muy manhoso em todalas boas manhas que hum principe deue ter." Ui! si as tinha! O duque de Bragança, o duque de Vizeu e o cardeal Dom Jorge da Costa que o digam...

Devo com pezar parar aqui. Dando os exemplos que ahi ficam, não fiz mais que metter a mão dentro de um sacco cheio das mais bellas pedras preciosas e arrancar de lá, a esmo, algumas para mostrar aos amigos.

Brevemente entreterei os leitores do *Boletim* com o conteúdo (não menos interessante como documentação) do segundo volume, que sahiu poucos dias antes de morrer o monarcha e que exactamente agora acabo de receber de Londres.

Hamburgo — Julho, 1932.

ANTONIO TORRES.

EM POUCAS LINHAS

— Em Villa de Frades, no Alemtejo, ergueu-se um busto a Fialho de Almeida, trabalho do esculptor Diogo de Macedo.

— Um filho de Thomaz Mann, e, logo, sobrinho de Heinrich Mann, escreveu a vida romanceada de Alexandre o Grande.

— Certo critico polonez desancou a peça italiana sobre Napoleão Bonaparte, em que se teria verificado a collaboração de Mussolini.

— De Ferdinand Denis, que tanto se interessou pelo Brasil, exhumaram agora um diario intimo em que ha indiscreções das mais saborosas.

— Manoel Gahisto é quem ajuda Philéas Lebesgue em muitas das suas traducções de autores de varios climas para o francez.

— Sabe-se que a mãe de Thomaz e Heinrich Mann era brasileira. Tambem a esposa do Sar Peladan era nossa patricia. E ha quem affirme que Odorico Mendes foi o pae de Catulle Mendès, descendente de uma familia de judeus portuguezes installada em Bordéos.

— O escriptor luso Osorio de Oliveira prepara um novo estudo sobre a litteratura brasileira contemporanea.

— Circulou por aqui uma pellicula cinematographica, *Tragedia americana*, extrahida de um romance de Theodoro Dreiser.

— O poeta patricio Murillo Mendes tem prestes a sahir do prélo uma historia do Brasil em verso.

— Está sendo exhibido em Paris um filme desentranhado do *Cão amarello*, a famosa novella policial de Georges Simenon.

— M. J. Jusserand, morto não ha muito, era um diplomata dos mais cultos, tendo escripto bellas paginas sobre a historia litteraria da Inglaterra. Foi elle o iniciador da optima série de perfis biographicos da livraria Hachette, em que cooperaram Lanson, Faguet, Doumic, Larroumet e tantos outros.

NOSSOS VISITANTES

Bastante nos honra a visita de um escriptor como Luc Durtain. E' elle, sem duvida alguma, um dos mais bellos nomes da litteratura franceza na hora presente e, depois, como viajante, anima-o sempre uma forte sympathia humana, uma nobre curiosidade comprehensiva em relação aos paizes que atravessa. Seus livros de turista não são apenas de um pintor, de um fixador de imagens, de um "manchista" da penna: são tambem de um sociologo, de um homem que, sabendo ver, sabe egualmente pensar.

Durtain começou poeta, figurando no grupo "unanimista" de Romains, Duhamel, Vildrac, Arcos, Chennevière e Jouve. Seus versos são um tanto duros, metallicos, reflectindo sensações violentas e movendo-se pesadamente á maneira de cetaceos. Além disso, não primam pela originalidade, parecendo mais productos de uma escola, de um momento litterario, que propriamente de um temperamento pessoal e forte. Como quasi todos os seus companheiros de unanimismo, andou elle direito em desistir de uma poesia rebelde e em voltar-se para uma prosa mais accessivel aos seus intimos pendores.

E, como prosador, deu-nos Luc Durtain escriptos de aguda psychologia, mostrando-se um modernista arejado e lepido, mas tambem um antigo capaz de explorar, com habilidade atavica, o eterno logar-commum do amor. Não se contentando apenas com a França, foi aos Estados Unidos examinar os suppostos homens novos e trouxe de lá dois volumes, Quarantième étage e Hollywood dépassé, *synopse de uma civilização materialista e talvez inhumana, com milhões de creaturas prestes a serem devoradas pelas machinas que fabricaram. Voltou-se, mais tarde, para a Russia de Lenine e escreveu* L'Autre Europe, *sentindo bem a transmudação de valores moraes que por lá se operou, comprehendendo bem a nova sociologia, a nova politica desses christãos vermelhos...*

*

O intercambio intellectual directo entre a Inglaterra e os paizes da America do Sul tinha até agora sido nullo ou quasi nullo. Emquanto a França, a Allemanha, a Italia e os Estados Unidos se preoccupavam em enviar-nos professores e conferencistas, e facilitavam as viagens dos intellectuaes sul-americanos, procurando desse modo tornar mais conhecidos os representantes autorizados de suas respectivas culturas, a Inglaterra mantinha-se indifferente a esse movimento. Agora, porém, ella iniciou alguma coisa de semelhante e, sob os auspicios de uma instituição de troca de professores, enviou ao Brasil e á Argentina dois scientistas eminentes.

O Professor William Henry Bragg notabilizou-se pelas suas pesquizas sobre a estructura dos crystaes. O emprego dos raios X, como meio de analyse, permittiu-lhe imprimir a essa questão um enorme progresso, e como consagração de seus trabalhos teve, conjunctamente com seu filho, o premio Nobel de Physica. Recebeu muitos outros premios e homenagens de Universidades estrangeiras, e exerceu o cargo de professor de Physica em diversas Universidades do Imperio Britannico. E' um dos grandes nomes da Physica contemporanea. Suas conferencias na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro foram altamente interessantes e seguidas por um numeroso publico.

O Professor Joseph Barcroft, physiologista, tornou-se vantajosamente conhecido por suas pesquizas sobre o mal das montanhas, sobre as funcções do baço e muitas outras questões de Physiologia. Os seus trabalhos se caracterizam por uma grande segurança dos resultados, e se revestem sempre de uma segura originalidade. Entre nós realizou duas conferencias, uma na Escola Polytechnica, outra na Academia de Medicina, e no laboratorio de Physiologia da Faculdade de Medicina fez uma instructiva demonstração das correntes de acção de diversos nervos sensitivos. Os dois professores inglezes partiram para Buenos Aires, onde tambem farão conferencias.

"Espirito do Nosso Tempo"

Sempre que leio uma nova pagina de Gilberto Amado, pergunto-me a mim mesmo — o que deve acontecer a quantos lhe desfrutam o convivio pessoal — onde estará o meu maior prazer: se quando lhe conheço as producções já passadas para o papel numa prosa perfeita ou em versos admiraveis, se quando o ouço, na intimidade de uma roda de amigos, todo gestos no vigor das suas emoções, temerariamente lucido, desconcertantemente original, mas sempre com o pensamento alto e amplo e as mais agudas reflexões, a discretear sobre uma cousa e outra, á medida que a conversa se acalora e acodem os mais variados assumptos.

E' que no seu caso não existe aquelle abysmo, aquella ponte-pensil como lhe chamou alguem, não raro encontrada entre a obra de um autor e a sua propria personalidade, e que faz com que frequentemente nos venham formidaveis decepções ao contacto dos escriptores que mais estimamos.

Na verdade, são bem poucos os Wilde e de Quincey, cujo espirito não foi apenas privilegio dos seus contemporaneos, e que ao fulgor verbal associavam tambem poderosos dons para a palavra escripta. Assim, do muito que se perdeu entre o fumo do cigarro e os vapores do alcool, á volta da mesa dos cafés onde ambos tanto gostavam de conversar, ficaram aquelles deliciosos livros atravez dos quaes a posteridade lhes póde cultuar a memoria.

A esta altura, não me confunde falar em bohemia — a insigne bohemia dos grandes espiritos — pois Gilberto, que não nasceu de fraque e chapeu côco como tantos brasileiros infelizes, e consagra até cordeal horror aos taes homens ponderados tão do agrado do nosso meio, mesmo quando exerce os mais prestigiosos mandatos publicos jámais se furta á saudavel alegria das bôas noitadas e das longas parolagens entre gente que se preoccupa com mais alguma cousa do que os titulos da Bolsa, os despeitos politicos ou as eleições da Academia.

Não ficará na rapidez destas linhas o que é o seu novo livro *Espirito do nosso tempo,* tres magnificos ensaios, ricos de pensamento e palpitantes de vida, e onde mais uma vez deparamos todos os attributos de uma intelligencia intensamente cultivada e superiormente dotada que, abrindo a flôr maravilhosa dos seus sentidos ás vibrações do mundo exterior e sempre voltada para a belleza, já nos dera em outras e muitas paginas inesqueciveis obras que têm hoje um lugar á parte na nossa litteratura.

GASTÃO CRULS.

Illustrações, capas de livros:
Paulo Werneck — Tel. 5-2388

"CIUME"

De René-Albert Guzman, o victorioso autor de Jalousie, *cuja recente traducção para o portuguez foi feita por Gastão Cruls e apresentada ao nosso publico por Gilberto Amado, estes dois escriptores patricios acabam de receber bellos exemplares da edição original da mesma obra, com dedicatorias summamente desvanecedoras e que não nos furtaremos ao prazer de para aqui trasladar:*

Diz o volume de Gastão Cruls:

"A mon confrère, et — par delà les mers — ami, Gastão Cruls / A mon admirable traducteur / En le remerciant d'avoir guidé dans son beau pays les premiers pas de Jacques et d'avoir donné a Brigitte cette belle robe brésilienne / son devoué ami, René-Albert Guzman".

E' esta a offerta feita a Gilberto Amado:

"A Gilberto Amado qui a mis au cou de Brigitte, comme un collier de diamants, son admirable preface, tout mes remercîements et l'assurance de ma reconnaissante amitié. René-Albert Guzman."

Escravidão e Abolicionismo

(Capitulo de um ensaio)

A velha madraçaria reinól, chegando na terra virgem em que a Natureza constringia o homem de todos os lados, lançou mão do gentio para trabalhar de graça. Porque, entre elles, os reinóes, a rapina chegou a tal ponto, que só uma testemunha ocular será capaz de nos contar com o necessario colorido:

"Quando tratavam uns com os outros, com tão pouco escrupulo se haviam, e tão longe foi a falta de confiança, que para obrigar á fidelidade os homens livres que se empregavam nos engenhos de assucar, era mistér fazel-os jurar, perante o senado municipal, que nada roubariam a seus amos." (1)

Era esse o estado moral da colonia. E os selvagens, que não estavam pela commoda decisão de serem escravizados, reagiram ferozmente, obrigando os conquistadores a se valerem da religião para amansal-os, tornando-os dóceis á canga. Os padres falaram-lhes de um Deus misericordioso e bom que não queria lagrimas e sangue. Prégaram-lhes mansidão e doçura, resignação e paciencia. E os indios, ingenuos e pacificos de animo, estenderam confiadamente os pulsos. Depois, foi facil a canga.

Muito cedo, porém, descobriram que tinham sido roubados. Como é que esse Deus de que lhes falaram não quer soffrimento entre os homens e consente que os portuguezes nos tratem a ferro e fogo? E revoltaram-se. Não conseguiram mais trazel-os ao jugo odioso, em que o trabalho servil era o menor castigo que se lhes impunha.

Foi quando, deante desse obice inesperado, se lembraram de que um patricio chamado Gilianes havia descoberto uma grande cousa: escravizar o negro da Africa! E não houve mais mãos a medir. Eram navios e mais navios de infelizes que chegavam ao Brasil. Eis um curioso documento official:

"Ao ser, a 13 de maio de 1888, assignala a lei aurea brasileira — n. 3.353 — que declarou extincta a escravidão no Imperio, os escravos existentes em Minas Geraes eram em numero de cerca de 230.000. Haviam sido matriculados na Provincia, por força da lei de 28 de setembro de 1871, que libertou o ventre escravo, 353.134. Até 1885 tinham entrado mais 103.435, sahido ..... 97.706 e fallecido 46.360. No mesmo periodo as manumissões registradas foram 14.231, das quaes 3.436 a titulo oneroso e 10.795 a titulo gratuito, existindo em Minas, em 1885, 298.272.

Este algarismo foi decrescendo sensivelmente todos os dias, pelo effeito das manumissões cada vez mais numerosas (por liberalidade particular e por força da citada lei e da de 28 de setembro de 1885), e pela acção da morte. Ainda assim, a lei de 13 de maio de 1888, complemento indispensavel das de 28 de setembro de 1871 (lei Rio Branco) e de 1885, foi a redempção abençoada para cerca de 230.000 infelizes em Minas Geraes e para quasi 800.000 no Brasil."

Para trazel-os da Africa, enganavam-nos com espelhos, cachaça, fumo, etc., e mettiam-nos no porão de navios infectos. Os que não morriam de fome, peste e sêde durante a viagem, chegavam aqui estropiados e eram vendidos no mercado como qualquer outra mercadoria. Os compradores escolhiam-nos como si comprassem cavallos. Examinavam-lhes os dentes, os braços e as pernas. Negro de canella grossa não presta. E' preguiçoso. (2)

E as torturas a que os submettiam? Vejamos o alvará de 3 de março de 1741, entre muitos outros:

"Eu El-Rei faço saber aos que este alvará virem, que sendo-me presentes os insultos que no Brasil commettem os escravos fugidos, a que vulgarmente se chamam calamobolas, passando a fazer o excesso de se juntarem em quilombos; e sendo preciso acudir com remedios que evitem esta desordem: — hei por bem que a todos os negros, que fôrem achados em quilombos, estando nelles voluntariamente, se lhes ponha com fogo uma marca em uma espadua com a letra F, que para esse effeito haverá nas camaras: e si quando se fôr executar essa pena fôr achado já com a mesma marca, se lhe cortará uma orelha, tudo por simples mandado do juiz de fóra ou ordinario da terra ou do ouvidor da comarca, sem processo algum e só pela notoriedade do facto, logo que do quilombo fôr trazido, antes de entrar para a cadeia".

Mais de um seculo depois, ainda se praticavam no Brasil crueldades dessas, embora sem mandado judicial e só pela prepotencia de alguns barbaros senhores de escravos, que não entendiam fosse applicado aos captivos a disposição contida no n. 19 do art. 178 da Constituição do Imperio, assim concebida: "Desde já ficam abolidos os açoites, a tortura, a marca de ferro quente, e todas as mais penas crueis."

Com a escravização dos gentios da Africa, os colonizadores resolveram dois grandes problemas, para os quaes os jesuitas sempre chamaram a attenção do Reino: o de ter burros de carga e o de ter mulheres, muitas mulheres. E de graça. Foi assim que começou o grande drama da nossa formação racial e economica. Bases erradas. A racial, tornou-se um producto inqualificavel no fundo e na fórma. A economica, feita de roubo e de aniquilamento moral.

Eram a tal ponto odiosos os processos de escravização no Brasil, que os negros, raça submissa por excel-

(1) Gaspar da Madre de Deus — *Memorias da Capitania de S. Vicente.*

(2) J. Itier, diplomata francez que visitou o Brasil em 1844, presenciou certa vez uma compra de escravos no Rio de Janeiro. O comprador, que era um seu compatriota, achegou-se ao navio negreiro e pôz-se a examinar a *mercadoria*. "Arregalava-lhes as palpebras, procurando possiveis inflammações, revistava-lhes cuidadosamente a dentadura, apalpava-lhes as pernas, certificava-se da boa confecção dos pés e conformação da bacia." O commercio era deveras rendoso. 220 negros vendidos uns pelos outros a 140$000, davam 30:800$! "Ora, esses pobres negros custavam na Africa 30 a 35 mil réis cada um, pagos em polvora, cachaça, tabaco, espingardas, machados, missangas, etc." Para fazer valer a mercadoria aos olhos do comprador, conta Itier que o capitão negreiro fazia dansar os negros. "A expressão de uma alegria extincta parecia por vezes illuminar aquellas physionomias acabrunhadas, mas vin-se que as almas partidas se mantinham alheias á convulsão dos musculos faciaes." E deante da ordem do capitão, "cujo olhar encerrava as promessas sinistras da chibata", os infelizes africanos só tinham que obedecer. (Taunay, trad. in *Jornal do Commercio*).

lencia, se revoltavam e fugiam. E appareceram os quilombos e os famigerados "capitães do matto". O dia 15 de abril de 1756 lembra uma pagina das mais negras da nossa vida colonial — a revolta dos escravos e grande hecatombe em que succumbiram cerca de 3.900 infelizes. Vejam como Oliveira Martins conta esse tragico episodio:

"O negro soffria o que não soffria o cão. Em meiados do seculo 18, victimas permanentes de maus tratos que soffriam resignadamente em sua maioria, sempre suspeitados, injustamente castigados, sem um unico direito de creatura humana, tendo a vida na mão dos seus senhores, alguns verdadeiros monstros de maldade, que della dispunham a seu bel prazer — os negros da capitania de Minas Geraes, aspirando como homens á liberdade a que tinham legitimo direito, resolveram um levante geral. A crueldade dos senhores gerara nelles o odio de morte a todos os brancos e dahi a resolução de, realizado o levante, exterminarem todos os brancos e mulatos, com excepção apenas das mulheres. Entre mil difficuldades, vencendo a vigilancia dos senhores e feitores, conseguiram combinar que o levante se effectuaria nas quatro comarcas mineiras e no mesmo dia. Fôra escolhido o dia 15 de abril de 1756, quinta feira santa. Os chefes da revolta pretendiam assumir o governo do paiz. Seria, triumphante a rebellião, estabelecida em Minas Geraes, á semelhança da Republica dos Palmares, um governo de negros em vastissimas proporções. Mas o movimento teve um delator. Ignora-se o nome do trahidor, assim como tambem não conhecemos os nomes dos chefes do atrevido movimento. Feita a delação, frustrou-se a revolta, mas vieram os castigos para os infelizes negros, para escarmento da população servil de Minas, "misero rebanho oppresso de trabalhos e privações indiziveis, mas habitualmente tão submisso que o projectado levante offerecia por certo a medida da propria angustia e desesperação."

O castigo foi o supplicio de... 3.900 negros. E, tristemente, nessa proeza cannibalesca não figurou apenas a metropole representada na pessoa de seu capitão-general José Antonio Freire de Andrade, irmão do primeiro Bobadella. Um paulista, valoroso tambem, Bartholomeu Bueno, de familia numerosissima e poderosa na época, collaborou nessa hedionda chacina. E' de Pedro Taques Paes Leme, o instruido autor da *Nobiliarchia Paulistana*, o seguinte trecho:

"Bartholomeu Bueno desempenhou tanto o conceito que se formava do seu valor e disciplina da guerra contra essa canalha, que se recolheu victorioso, apresentando 3.900 pares de orelhas dos negros que destruiu em quilombos, sem mais premio que a honra de ser occupado no real serviço, como consta dos acordãos tomados em Camara de Villa Rica".

Quando já haviamos importado quasi um milhão de negros, a Inglaterra resolveu prohibir a miseria. Ou melhor, decidiu monopolizar a patifaria, porque até nos nossos dias ainda escraviza e esmaga povos inermes (3). E obrigou o Brasil a assignar um tratado extinguindo o trafico africano. Já nesse tempo estavamos presos á gaveta de John Bull, e não tivemos remedio senão tratarmos. Mas não cumprimos o tratado. E' muito brasileiro isso. Essa semvergonhice nacional, porém, nos submetteu a outro grande vexame. A Inglaterra, descobrindo que não cumpriamos o accôrdo, resolveu submetter navios e subditos brasileiros, suspeitos de traficancia, ao julgamento dos tribunaes inglezes, sendo punidos como piratas! E' a afamada lei que tomou o nome do ministro britannico que a fez valer — Alberdeen.

Deante disso, nós que haviamos commettido a patifaria e não tinhamos força para reagir á affronta, deixámos de traficar. Depois de muitos annos de barbaria e de roubo, foi apparecendo, como relampagos de verão, um escasso movimento em favor do escravo. Veiu o "Ventre-livre", por exemplo, que, bem examinado, não passa daquellas afamadas pillulas do mesmo nome para prisão de ventre... Vejamos o seu art. 1º:

"Os ditos menores ficarão em poder e sob a autoridade dos senhores das suas mães, os quaes terão a obrigação de creal-os e tratal-os até a edade de oito annos completos. Chegado o filho da escrava a essa edade, o senhor da mãe terá a opção ou de receber do Estado a indemnização de 600$000 *ou de utilizar-se dos serviços do menor até a edade de vinte e um annos completos*. (O grypho é o da nossa estupefacção).

Mas o movimento foi crescendo. Castro Alves, Nabuco, Patrocinio, Ruy Barbosa e o grande, desinteressado e sempre esquecido actor Vasconcellos, abriram fogo contra a ignominia das senzalas. O Ceará percebendo o resultado da campanha, vendeu ás provincias do sul os seus 34.000 escravos e decretou logo a abolição. O Amazonas seguiu-lhe os passos. O Imperador, timido e indeciso, e prevendo o terremoto economico e politico, evadiu-se para a Europa, deixando o poder nas mãos frageis de Isabel, boa senhora casada com um pobre homem que, se tivesse tombado nos campos do Paraguay, morreria abraçado com uma virgem — a sua espada... E os abolicionistas, aproveitando a covardia do senhor D. Pedro II, deram o golpe.

E' assim que o 13 de maio de 1888 marca para nós duas consideraveis conquistas: a libertação dos escravos, e o mais rijo piparóte desfechado nesse sobradão velho e mal assombrado que era a Monarchia, habitado por um phantasma que sabia grego e tupy-guarany...

João Dornas Filho.

(3) O mesmo Itier, referindo-se aos inglezes, commenta: "estes, gente esperta e positiva, a quem era difficilimo ludibriar, haviam deixado de remetter os navios aprisionados ao Rio de Janeiro. Invocando circumstancias eventuaes de navegação, encaminhavam a sua captura para a Guyana ingleza. Ali, aquelles bemaventurados negros para sempre protegidos pela velha Albion, encontram, tambem, sob o honesto rotulo de aprendizagem civilizada, o trabalho forçado. Mas agora em proveito dos fazendeiros inglezes". (Taunay, idem).

Acaba de apparecer:

GEORGES SIMENON

UM CRIME NA HOLLANDA

Preço: 5$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

ELEGANCIAS

Acaba de receber uma fina Collecção de Vestidos e Chapéos. Modelos das grandes Casas de Paris. Lingerie, Carteiras, Almofadas, etc., etc.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

DE LINGUA INGLEZA

Entrevistado por um reporter francez, o romancista americano Ludwig Lewisohn, autor do *Crime passional*, confessou ser de procedencia judaica e asseverou que hoje na America do Norte ha uma lucta não mais politica e sim contra as tradições puritanas, contra os excessos de moralismo, contra os quakers da esthetica. Esse paiz, muito mais do que se pensa, é o paiz da censura, da lei secca estendida a todas as manifestações da intelligencia. Um pouco pela mobilidade propria da raça vagabunda entre todas e um pouco porque os preconceitos o suffocavam, Lewisohn deixou de fazer conferencias e de redigir uma revista em terras yankees e, dando-se ás suas melhores aspirações, destacou-se da America para ir escrever na Europa uma série de romances. Diz dever muito á França, ao seu espirito de ordem e dignidade, á attenção fraterna que dispensa aos litteratos, não os considerando simples divertidores ou excentricos como fazem em Nova York ou Chicago. Não gosta das montanhas e prefere as regiões circumvizinhas de Paris. Declara que a crise americana é explicavel em que lhe falta um "universo espiritual ou ethico", e os mais nobres de todos não sabem ali o que fazer de prompto; sabem o que não querem, mas não sabem direito o que querem, ou antes, querem com muita violencia mas não sabem propriamente o quê. Assim, Lewisohn deseja reintegrar-se em sua raça, porque esta ao menos possue um passado de idéas. Freudiano da primeira hora, crê que "as concepções particulares da vida amorosa de um povo se encontram em todas as manifestações da cultura desse povo". A seu ver, o cinema não attingiu ainda a categoria de arte, não passando por emquanto de simples diversão. No terreno das letras, Joyce será um psychopatha de genio, e o maior romancista de hoje é Thomas Mann, cuja *Montanha magica* é o symbolo do livro de amanhã. Finalmente, Ludwig Lewisohn protesta contra os que o chamam de Proust americano e affirma que o mais moderno dos seus mestres é ainda Flaubert.

— Anthony Berkeley offerece-nos, em *The Poisoned Chocolates Case*, um romance policial dos mais suggestivos, não tanto pelo enredo em si, que é quasi inexistente, quanto pelo jogo de probabilidades, pela esgrima de conjecturas em torno a um crime de que derivam as mais singulares perspectivas. O autor, sem nenhuma vaidade profissional, é o primeiro a divertir-se com o genero que versa e a ha um fino sorriso voltaireano na malicia com que elle põe varios detectives cultos e argutos em presença uns dos outros, sendo que sobre um delles recáe em dado momento a accusação da autoria do crime, chegando, mesmo, a verificar-se o facto pittoresco de um outro, á falta de melhor sahida, accusar-se ironicamente a si proprio. Em summa, parece tratar-se, mais que de um livro sincero, de uma satira aos Conan Doyle e aos Edgar Wallace, citados ambos no decorrer das pesquizas. E o final, em que o menos rumoroso e espectaculoso dos inquiridores descobre tudo, para surpresa de todos, constitue uma admiravel creação de intelligencia orientada talvez num sentido de parodia á gauleza.

A representação profissional nas Democracias

O Sr. José Augusto é um dos raros homens publicos, da velha como da nova (!) Republica, que têm a preoccupação dos problemas politicos e sociaes. Entre as victimas do passado regimen, isto é, aquelles que pensando o bem do Brasil pouco pelo Brasil puderam fazer — por motivo que só os ignorantes attribuem á culpa dos individuos — elle é um dos mais sympathicos. Tambem, é dos raros que sobreviveram á derrocada de 1930. Digo sobreviveram como pessôas vivas, como seres pensantes, como actividade humana, como gente. Na mecanica dos cargos não houve mortes. No oceano dos empregos não houve naufragios. A selecção da mediocridade continuará a ser feita no Brasil em todos os tempos, porque independe de regimens e de situações; está na massa do sangue do povo brasileiro, amigo por indole dos homens silenciosos, dos intellectualmente inertes, dos vasios, dos ineditos.

E' elle José Augusto um dos poucos homens publicos que *escrevem* no Brasil, e escrevem com acerto para dizer alguma cousa, e sobre os assumptos mais altos e mais necessarios á democracia: educação e organização politica. Seus pareceres e discursos na Camara e no Senado sobre esses assumptos são dos mais apreciados, e realmente das melhores cousas que possuimos na materia. Quero dizer que são trabalhos feitos com dignidade, com limpeza, modesta e honradamente.

José Augusto não soffre da molestia brasileira de querer ser mais do que é. Seus trabalhos não se destinam á reclame, á proclamação dos proprios meritos. Nelles não ha citações superfluas, nem exhibições ridiculas. Por isso José Augusto é sinceramente acatado por aquelles que, em nosso meio, não trahem o espirito nem sacrificam tudo á palhaçada.

Seu ultimo trabalho — *A Representação Profissional nas Democracias* — edição Pongetti — trabalho em que se põe de accordo com os pontos de vista por mim expostos em *Eleição e Representação* — colloca essa questão da representação profissional no seu devido logar. Sobre essa questão se tem dito aqui os maiores absurdos, e isto é de admirar, apezar de tudo, pois os livros sobre o assumpto são os mais claros possiveis, e as experiencias sobre o mesmo as mais faceis de seguir nos diversos paizes.

Queremos vêr o que irão fazer os innovadores brasileiros fóra dos padrões creados no estrangeiro em materia de representação.

A admittir-lhes exito, teremos de registrar a primeira *iniciativa* realizada em direito politico no Brasil, paiz de immigração de idéas, de fórmas e de formulas.

Essa iniciativa, a verificar-se, não será, porém, uma iniciativa. Será um disfarce serodio de velhas instituições ensaiadas em vão e destruidas logo depois ha mais de meio seculo nos ducados e principados da Allemanha anterior á unificação, e na Hespanha.

Fóra do quadro do regimen corporativo, do Estado totalitario creado pelo fascismo, e fóra da organização sovietica; dentro da democracia representativa, a representação profissional não poderá ter senão, como dissemos, como diz José Augusto, e como dirão quantos tiverem qualquer noção do assumpto, *um caracter* de collaboração technica, consultiva, com ou sem iniciativa mas collaboração sujeita ao controle definitivo e superior da assembléa *politica*.

GILBERTO AMADO.

— Joan Lowell vê-se transportada á França, graças a um romance de aventuras que recebeu, na mais civilizada das linguas, o titulo de *Le Berceau sur l'abîme*. Trata-se de uma obra em que tudo é recortado sobre o vivo, com um caracter de observação directa, de colheita em factos reaes de que a propria escriptora parece ter participado. São reminiscencias dos tempos infantis, mas sem nada de piégas, de pueril, uma vez que quasi tudo decorre na pequena cidade movel de um velho navio, e a narradora trata do tempo em que, vestida á marinheira, se fatigava nas cordagens ou procurava resistir aos sacolejos do temporal com a mesma energica tenacidade de um velho marujo. Ora os gelos ameaçando deter a embarcação, ora as noites entorpecentes do Equador... O cheiro da salsugem e do alcatrão retempera essas almas que, num seculo prosaico, se mostram ainda avidas das aventuras dos antigos flibusteiros, quando o mar ainda era épico e longinquas cidades opulentas esperavam, com os thesouros do resgate, os piratas ambiciosos.

Litteratura Proletaria

Lembro-me claramente hoje — e lá se vão bons mal vividos tempos — a impressão, forte e dolorosa que me causou a leitura de *Mi Vida*, drama da existencia attribulada de Tchecoff. Eu o li, menino ainda, numa edição rababú de um livreiro hespanhol, e das suas paginas poucas foram as esquecidas. Isto porque, em litteratura, eu me acostumara e me afizera, naquelle tempo, a digerir pelos ouvidos (os romances eram recitados em voz alta para a familia toda...) apenas Chateaubriand e Lamartine... Estes vinham embalsamados em pessimas traducções e apresentados pelos folhetins dos jornaes provincianos... A's vezes escutava-se alguma cousa de Coulevain ou George Sand e na escola copiavam-se as tiradas de cathecismo do Camillo com as suas genealogias... Mas, lugar commum nos serões familiares, á pouca luz dos candieiros modestos, só os dous primeiros, ouvidos commovida e religiosamente, havendo mesmo quem chorasse a cantaros... Ora, taes livros eram profundamente diversos da novella de Tchecoff. Nelles os figurantes não mettiam as mãos nos bolsos á cata de "sous", nem se atormentavam por ter de pagar a conta da pensão ou o aluguel do quarto... Todos os personagens eram uma especie de hospedes dos autores que, parecia, lhes pagavam as despezas por fóra, para nos livros elles poderem viver sem preoccupações de dinheiro e mesmo de vida. Davam a impressão de creaturas contractadas para amar, para se fazerem heroicas ou serem poetas. Em vista dessa qualidade de lettras pode-se avaliar naturalmente, o que foi, para mim, a vida desse russo encharcado de "vodka", ensaiando-se em todos os officios, trabalhando em todas as profissões, tudo muito amargo e muito melancolico.

A novella do autor da *Salle 6* foi, evidentemente, alguma cousa de novo, um sentido differente para meus olhos pouco habituados a ver a vida atravez de vidros defumados pelo pessimismo. Fez nascer em mim um sentimento de amor ao proximo humilhado, aos desgraçados, aos offendidos... Sentimento que, até então, eu só o sabia vagamente perdido no fundo de um dos itens do decalogo mosaico... Diga-se de passagem que já fiz melhor idéa desse livro do que presentemente faço, quando venho de relel-o. E' que uma segunda leitura do que se leu com enthusiasmos de adolescente, feita após um contacto mais directo com o mundo (mundo aqui vai no sentido christão...) é como beber, á tarde, requentado, o café que nos soube tão bem ao paladar pela manhã... Para mim o livro perdeu muito... E essa perda concorreu somente para tornal-o mais crú e mais azedo...

Taes evocações saem-me do bestunto depois de percorrer, com os olhos desencantados, as paginas de *Juifs sans argent* de Michael Gold, a novella de Kurt Klaber e uma infinidade de romances e contos, publicações fomentadas pela "Associação Russa dos Escriptores Proletarios". E' que nenhum desses livros conseguiu o milagre operado por *Mi Vida*: uma piedade muito humana por essas vidas em petição de miseria que enchem o mundo actual. Isso não importa em dizer que essa litteratura operaria "livre das tradições e influencias burguezas", phrase que eu tomo de emprestimo a um escriptor francez porque a define bem, não esteja produzindo os seus frutos. O romance mesmo, quer como technica, quer como expressão de vida, vai auferindo os seus lucros, passando de copia a photographia...

Aqui no Brasil, sob este molde, tão ao sabor da época, existe uma obra digna de se lêr. Refiro-me ao *Gororoba*, de Lauro Palhano. E' a historia de um homem que começou a vida feito aprendiz de ferreiro como o foi, em realidade, aquelle cearense, Luiz de Miranda, depois bebarrão e jurista e satirico nas horas de folga que lhe davam a cachaça e os papeis do fôro... No *Gororoba* o proprio scenario é uma paizagem humana e, apesar do seu meio barbarismo, e de um certo abuso de materia folk-lorica para composição de detalhes, é um bom trabalho. A movimentação da figura central do romance, do nordeste para a amazonia e dahi para o Rio permitte ao autor o estudo de todos os ambientes proletarios do Brasil. Ha paginas bem nossas como a que descreve o banho mystico da noiva. E julgo que, no assumpto, não sahiu ainda, dos prélos indigenas, nada que se lhe avantaje.

HEITOR MARÇAL.

CORRESPONDENCIA

SR. JOSE' N. CORRÊA, Sabará. — *Sem falar em diccionarios e encyclopedias de difficil accesso, por isso que exgottados ou muito caros, ha innumeras biographias de poetas e prosadores francezes no* Dictionnaire biographique des écrivains contemporains, *de Gubernatis, no* Dictionnaire universel des contemporains, *de Vapereau, nas anthologias (prosa e verso), de Van Bever e Léautaud (Livraria Mercure de France), bem como em* Le Mouvement poétique français de 1867 a 1900, *de Catulle Mendès. Não esquecer o* Dictionnaire des écrivains et des littératures, *de F. Loliée (livraria Armand Colin), consultando-se egualmente com proveito o* Panorame de la littérature française, *de Bernard Fay, edição da livraria Kra, que publicou tambem uma* Anthologie de la nouvelle prose *e outra de* la nouvelle poésie française, *bastante estimaveis. E, caso V. S. deseje, de prompto, informações bio-bibliographicas sobre um dado poeta ou prosador francez, queira escrever-nos.*

A respeito de Methodologia das linguas vivas, aconselhamos-lhe o livro de Ch. Schweitzer e Simonnot, intitulado Méthodologie des Langues Vivantes *(Librairie Armand Colin), que, além de actual e muito completo, traz abundante bibliographia.*

Na parte da Biologia applicada ao ensino, chamamos sua attenção para os livros Biologia Geral, *de Mello Leitão, edição Francisco Alves, e, em francez, para a* Biologie Générale *de Rabaud.*

No proximo numero, mais de espaço, diremos algo sobre a Historia do Ensino Secundario no Brasil e tambem sobre a psychologia applicada á educação.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.

Todas as garantias.

As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

Uma carta de René Bazin

Foi em Outubro de 1912, faz já vinte annos. Não estremecera ainda o mundo nas convulsões diabolicas da Grande Guerra. O sonho branco da Paz universal a muitos espiritos generosos parecia realidade proxima e definitiva. E se porventura alguem, prevendo um crime qual o de Saravejo, lhe annunciasse as tremendas consequencias, seria olhado como um pobre visionario.

1912. Ao reler as paginas amarellecidas pelo tempo, pequeninas folhas manuscriptas em que as linhas sobem ás vezes ligeiramente na desordem natural de um papel sem pauta, julgo ter entre as mãos algo de um mundo que já foi, proximo e todavia já tão longe de nós, em doloroso contraste com os dias que ora vivemos. O horrendo cataclysma de 1914 não logrou — bem o sabemos — destruir as forças que trabalhavam a parte mais nobre e admiravel da alma franceza. Ao contrario: algumas das esperanças de então, que vibram tambem nas poucas paginas desta carta que releio, são reconfortantes realidades de agora. Mas que tremendas lições e por que preço!

Desde 1905, com a leitura de *Donatienne*, vinha eu, em crescente interesse, acompanhando a obra de René Bazin. Os primeiros volumes não se haviam apresentado com o estardalhaço insolente dos profissionaes do annuncio. Serenamente, sem desvios, em sua marcha ascensional, foram elles impondo o proprio valor. E já em 1912 a obra de Bazin avultava, com as feições caracteristicas, inconfundivel, sem receio de perder-se, ignorada, no oceano formidavel do romance contemporaneo. Realismo psychologico, sadio e revigorante, observação meticulosa mas com admiravel senso da medida, visão de sociólogo sem a pedantaria dos meios-sabios, antes com a suave emoção dos verdadeiros poetas, — a technica de Bazin é, para quem a analysa com paciente labor, um prodigio de equilibrio e de finissimo bom gosto. Bem sei que não é a moda seductora destes dias de hoje, trepidantes, desequilibrados, de berros e explosões, de rangidos e dissonancias, de psychoses individuaes ou collectivas e de ansias que procuram expressões novas forçando os limites da propria linguagem humana. Que importa? O bello é intemporal. O arranha-céo não logra eclipsar a cathedral gothica. Daqui a 20, a 50, a 100 annos que terá ficado acaso de toda essa litteratura dynamica, dessa arte enamorada do feio, dessa producção febril, sem a belleza serena e viva do espirito e do coração? Não o saberiamos dizer exactamente. Certo é porém, que a obra de Bazin resistirá. Não apenas pelo encanto da forma: a magia musical dos vocabulos, o segredo do rythmo, as tintas da paizagem, a naturalidade surprehendente dos dialogos, como talvez só encontramos em Alphonse Daudet, e ainda assim nos seus livros mais felizes. Mas tambem e principalmente pelo proprio fundo. Presente e viva, a Natureza é por assim dizer, personagem principal nos melhores romances de Bazin. A floresta, a montanha, o mar. A's vezes um simples recanto escuro e pobre de cidade moderna. Sobretudo, porém, a Terra querida ou desprezada, *La Terre qui meurt*, a terra que Bazin teve a rara ventura de conhecer e amar desde a infancia no campo, a aprender o que não ensinam os livros: — ver e escutar o mundo indefinido das coisas. Elle proprio o contou uma vez: "Meus amigos se chamavam a neblina, o sol, o crepusculo, quando o medo nos acompanha em nossa propria sombra, as flores, cujas dynastias conhecia melhor que as dos reis do Egypto..."

Eis o segredo das mais bellas paginas de *Le Blé qui tue*, *Les Noellet*, *Davidée Birot* e tantos outros volumes, até este *Magnificat*, que é de hontem — 1931 —, derradeira obra de ficção do grande poeta da prosa, livro de finissima emoção que custa a crer tenha sido escripto por uma penna quasi octogenaria.

Relendo a carta de 1912, que tenho em mãos e jamais publiquei até hoje — comprehendo bem porque toda a obra de Bazin, do primeiro ao ultimo volume — romances, viagens, biographias, ensaios, conferencias — é sempre coherente, sem desfallecimentos nem desvios. E' que os inspirou, até o fim, a sinceridade. Ella foi a expressão fiel do seu formoso espirito e do seu grande coração de homem de fé.

O documento que offereço inédito aos leitores do *Boletim de Ariel* é, na sua apparente simplicidade, devéras expressivo. Bazin escrevia a um brasileiro que não tinha outros titulos á sua sympathia senão a communhão de ideaes. Veja-se o tom da carta: nenhuma vaidade do espirito. Não verá certamente o leitor nenhuma vaidade tambem em quem ora a publica: por vinte annos a conservei absolutamente inédita.

"Les Rangeardières, St. Barthélemy (Maine et Loire).

29 octobre 1912.

Monsieur,

J'ai été extrêmement sensible à la sympathie que vous m'avez témoingée, d'abord par votre bel article, puis par cette lettre qui est d'un chrétien zélé, je le reconnais à l'accent. Il me semble, monsieur, que nous serions d'accord en mille points, si j'avais le plaisir de vous rencontrer, et que nous jugerions le monde à peu près de la même manière, sans illusion, avec beaucoup de pitié, un peu de colère, et un peu d'espérance venue en nous du ciel. Je n'ai guère d'espoir de faire le voyage du Brésil, bien que, l'été dernier, je sois allé au Canada. Mais je puis avoir de vos nouvelles, si vous voulez bien m'envoyer quelques uns de vos travaux. Faites connaitre, monsieur, les hommes, nombreux, qui annoncent, chez nous, une renaissance religieuse, les Bourget, les Barrès, les Péguy, les Etienne Lamy, Bordeaux, Mauriac, Valléry-Radot, Claudel, et tant d'autres. Parmi les "intellectuels", combien orientent vers l'Eglise leur pensée lasse de déceptions et qui regarde la pure lumière avec délices!

Je ne verrai pas sans doute toute la gloire de cette rénovation. Mais nous sommes à l'heure où le grain germe dans la terre travaillée, boueuse et secouée encore par les rafales du vent.

Je vous envoie une photographie d'un portrait de moi. Que Dieu vous donne une belle carrière de défenseur du droit, de poète, de fraternel ami des pauvres!

Veuillez croire à mon meilleur dévouement.

RENÉ BAZIN."

Vinte annos depois destas linhas, ao deixar para sempre a sua França, — *la douce France* — Bazin pudera ver, em frutos magnifi-

LITTERATURA CUBANA

A litteratura cubana conta com varios titulos de gloria, representados por grandes escriptores, taes como José Antonio Saco, um dos intellectuaes que maior influencia exerceram na cultura do seu povo. Como apostolo infatigavel do abolicionismo, escreveu elle a *Historia de la Esclavitud*, obra sincera, imparcial, que foi o germen da liberdade da raça negra na heroica ilha de Cuba. Outro prosador de renome é Henrique Pineyro y Barry, tão erudito quanto Antonio Saco e autor de varias monographias historicas, entre as quaes uma sobre a escravidão e a liberdade nos Estados Unidos. E' trabalho conhecido e applaudido pela critica como um dos melhores sobre o assumpto.

A novella cubana floresceu a partir da emancipação politica. *Cecilia Valdés* é o titulo de uma excellente composição em prosa. Foi dada á publicidade em 1882. Seu autor é Cirillo Villaverde, a primeira figura litteraria que cultivou tal genero.

Tambem digna de menção é a novella *Francisco*, escripta por Suarès y Romero. Diz a critica a respeito della: — "Es uno de los numerosos alegatos que nuestros antepassados promovieron contra la inhumana institution de la esclavitud de los negros".

Emilio Bacardi Moreux, na famosa novella *Via Crucis*, deixou vibrar uma alma ardente de cubano, revivendo as tragedias da patria no periodo historico que vae de 1868 a 1878. Publicou, depois, *Magdalena*, cuja acção novellesca se desenvolve em Santiago de Cuba. Raymundo Cabrera, natural de Havana, ex-politico, jornalista e professor, passou quasi toda a vida a escrever. Enorme é a sua producção litteraria. Legou aos posteros um judicioso estudo critico sobre Don José de la Luz y Caballero.

Occupa, ainda, logar de destaque, na litteratura insular, Ramon Meza y Suarès Inclan. Pertence-lhe a celebrada obra *Mio tio el empleado*, que é indubitavelmente um grande livro, lido sempre com especial carinho pelas novas gerações da flor das Antilhas. Na novella podemos citar mais um nome de merito invulgar, Ramon Boa, que muitas narrativas compoz, baseadas na revolução cubana. O seu livro, que é um verdadeiro encanto, *A pie y descalzo*, são recordações, não só de gloria, como, tambem, de dôr.

A poesia patriotica nasceu com José Maria Heredia. Popularizaram-se logo os seus versos *A' Emilia*, offerecidos a uma immortal patricia, protectora do bardo revolucionario. E' impossivel citar todos os poetas rebeldes, entre os quaes avulta Concepcion Valdés, que soube rimar em estrophes bellicas sua incontida aversão á tyrannia.

Os lyricos constituem um importante grupo. Cultivaram todas as fórmas poeticas, a ballada, a elegia, as canções populares, o hymno, etc. José Manuel Carbonell y Ribeiro, critico eminente, autor de um bellissimo ensaio sobre a poesia local, inserto em sua preciosa obra de dezesete volumes, intitulada *Evolução da cultura cubana*, divide em cinco periodos a poesia de lá. No primeiro (1790-1820), aponta Manoel de Zequeira y Aranga, como principal instigador da cultura da ilha. No segundo (1820-1842), menciona Ramon de Palma y Ramay, nascido e morto em Havana, que, além de *Aves de paso*, versos, publicou diversas novellas e dramas. Os seus melhores livros são *Hojas caidas* e *Melodias poeticas*. O terceiro periodo (1842-1868) foi o mais florescente e, nelle, Cuba se orgulhou de ser berço de excellentes poetas, taes como Ramon de Palma, Ramon Velez, José Victorino e Miguel Tolon. Finalmente, nos dois ultimos periodos, que vêm de 1868 aos nossos dias, avultam Ricardo del Monte, periodista e critico, burilador de lindissimos sonetos, e Bonifacio Byrne, elegiaco de grande sentimento, autor das consagradas obras *Esfigies* e *Lyra y Espadas*, poemas.

Orgulha-se Cuba dos seus oradores de fama, como o padre Felix Varela Morales, que se distinguiu em varias modalidade da tribuna sacra: na eloquencia funebre, nos commentarios aos dogmas, na parabola e nas exhortações evangelicas. Na oratoria academica refulgiu um Luz y Caballero, director da geração intellectual de 68 e conhecido pelo cognome de *El Maestro!*

A critica está representada na pessoa de Aurelio Mitjas, um lucido julgador litterario. *Lope de Vega* foi o seu trabalho de maior exito, premiado com medalha de ouro. Falleceu em Havana, deixando uma das mais completas syntheses historicas da gente a que se ufanava de pertencer. E Antonio Bachiller y Morales é o memorialista de *Mis buenos tiempos*, livro dos mais ricos em informações sobre a sociedade havaneza.

Vê-se que Cuba, apesar da sua pequenez territorial, tem produzido os seus grandes homens, e que o facto de ser uma ilha jámais a insulou do contacto dos povos cultos.

HILARIO CINTRA.

---

cos, as sementes lançadas ao solo, não obstante a violencia das rajadas.

Les nouveaux Oberlé, apesar dos horrores do quatriennio sinistro, já podia confirmar (o volume é de 1919) as esperanças de Jean Oberlé. O renascimento catholico, a que allude a carta, cada vez mais se accentuou nesses vinte annos e, o que é bem singular, principalmente entre os jovens.

Leio a phrase que René Bazin escreveu, com lettra firme, no exemplar de *La douce France* que me enviou, em 1912, com a carta ora divulgada, e vejo que não se illudiu: *"La terre qui vit, et qui vivra."*

JONATHAS SERRANO.

Acaba de apparecer:

GILBERTO AMADO

ESPIRITO DO NOSSO TEMPO

Preço: 5$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

"MODERNA"

O primeiro numero da *Moderna*, de Recife, traz um estudo de José Geraldo Vieira consagrado a Hermes Fontes, varias paginas sobre novidades cinematographicas, uma carta de Tristão de Athayde a Alvaro Lins, trabalhos em prosa de Nehemias Gueiros e outros, além de diversas poesias de autores novos, entre os quaes se destacam os nossos brilhantes collaboradores Aloysio Branco e Willy Lewin, tambem ensaistas de merito invulgar.

TRAJANO DE MIRANDA VALVERDE — A FALLENCIA NO DIREITO BRASILEIRO — I Parte - Vol. II — Ariel, Editora Ltda., Rio.

Trata-se de um estudo systematizado do instituto da fallencia, e não de um simples e commum commentario á lei. Dahi o grande valor da obra, não só para os juristas, como tambem para os que se dedicam á vida forense, cujo tempo, quasi sempre escasso, não permitte o exame doutrinario, aprofundado, dos curiosos problemas que se apresentam quotidianamente e precisam de rapida solução. Este volume, segundo de uma obra vultosa e importantissima, comprehende a parte especial da fallencia, a sua organização administrativa e judiciaria, o processo de duração dos creditos, a classificação destes, a reivindicação, etc. O trabalho de critica é particularmenet notavel, evidenciando o autor os erros e desacertos da ultima reforma da lei de fallencia approvada em 1929.

I FIORETTI, DE S. FRANCISCO DE ASSIS — *Traducção de Durval de Moraes* — Livraria Catholica — Rio, 1932.

Conservando o titulo do original, que tem razão em julgar intraduzivel, o sr. Durval de Moraes, excellente poeta bahiano da geração de Francisco Mangabeira e Arthur de Salles, vem de transportar á nossa lingua um dos mais bellos livros já escriptos em qualquer lingua, ou sejam as "canções de gesta" dos "guerreiros-trovadores, armados, para a guerra santa do amor de Deus, pelo mais louco dos loucos da Cruz". A traducção é perfeita e mantem, num portuguez dos mais saborosos, a tonalidade de linguagem algo anachronica do texto primitivo. E assim dezenas, centenas de leitores brasileiros poderão agora encantar-se com a vida e os milagres do "Povorello" da Umbria, o "irmãozinho da Cinza", o "gonfaloneiro de Christo", bem como dos seus melhores cooperadores, Frei Junipero, Frei Egidio e tantos outros. Quanto á edição, é em tudo digna do assumpto e concorre para augmentar o valor desta "homenagem da Ordem Terceira de São Francisco no Brasil ao Setimo Centenario do transito de Santo Antonio".

JADYR — LIGEIRAS REFLEXÕES — Officinas de O. Côrtes, Botelho & C. — Rio, 1932.

Depois de varias considerações em torno á sciencia, ao determinismo, á familia e aos dogmas, o sr. Jadyr encerra este opusculo de dezenove paginas affirmando que "viver para outrem", sendo "o melhor processo de aperfeiçoamento", deve ser tambem "o lemma da sociocracia, que tomou o logar das religiões".

Deus os favoreça!

Tanto assumpto suggestivo tenho aqui deante de mim! E' preciso, porém, correr em auxilio á patria ameaçada de vermina litteraria. Inspira-me o artigo do nosso Grieco, intitulado *A Perpetua Metropole* e publicado no n. 10 do *Boletim*. Pois não é que o velhote caturra Agostinho de Campos deseja que o seu vetusto Portugal envie ao Brasil uma missão de graduados portugas encarregados de defender "os interesses especiaes da conservação da unidade da lingua commum!" Elle acha que essa unidade está ameaçada pela nossa "mentalidade colonial retardataria!"

Bem ignorantezinho, o sr. Agostinho, benza-o Deus. A differenciação das linguas não é fructo de estufa, não é producto artificial. A lingua do Brasil já é outra, como outra já é a lingua dos Estados Unidos, em virtude de determinismos biologicos contra os quaes nada poderão todos os Agostinhos da Lusitania, reunidos, sommados e amarrados uns com os outros.

Em todo o caso, nisso da "mentalidade colonial retardataria", estamos em muito bôa companhia, pois temos a nosso lado os Estados Unidos. Lá, na America do Norte, falla-se e até já se escreve tambem inglez differente do inglez da Inglaterra. Ha lá bibliothecas publicadas sobre a *American Language*. O norte-americano, provavelmente soffrendo tambem da tal doença da "mentalidade colonial retardataria", separa-se cada dia mais da Inglaterra quanto á lingua e quanto a tudo mais. O sr. Agostinho poderá, si sabe inglez, ler com proveito *The American Language*, de Mencken, e o ensaio do professor inglez J. Y. T. Greig: *Breaking Priscian's Head or English as She Will Be Spoke and Wrote*. Tire desses dois livros algumas tinturasinhas para não continuar a repetir tolices como essa da nossa "mentalidade colonial retardataria".

Quanto a mim, não pude deixar de rir ao ler esse membro de phrase citado no artigo do Grieco. Este mundo está para acabar, pensei eu. Estamos positivamente em vesperas do Juizo Final. Portugal nos acha coloniaes e retardatarios! Portugal, a mais atrazada das colonias inglezas! Portugal, ao qual o Brasil, exceptuada a arte de fazer tamancos, póde dar lições em tudo, desde os methodos de estudar philologia até o agradavel habito que em Lisbôa é considerado vicio) de tomar banho diariamente!

O sr. Agostinho, como todo patriota de paiz minusculo, quer ver a sua patria illuminando e dominando o mundo. Nada mais nobre. Não ha sentimento mais sympathico. Entre os portuguezes então chega a ser pathetico. Mas pergunto: que tem Portugal para offerecer á admiração do universo? Agostinho quer que ande pelo estrangeiro uma commissão "de estudos portuguezes", para tornar conhecidos: a historia de Portugal e tambem "o renascimento da sua funcção colonisadora." Valhanos Deus! Imagine-se uma confraria de portugas a peregrinar pela Inglaterra, pela França, pela Allemanha, pela Italia e a contar eloquentemente como D. João de Castro morreu sem ter um caldo de gallinha para beber; como Affonso de Albuquerque, si não mente Gaspar Correia, arrancou as barbas a um dos seus capitães; e como os portuguezes da conquista atiravam pelouros e bombardas nos frageis barcos dos mercadores malabares e depois, "com o nome de Jesus na bocca", segundo a ingenua expressão de Fernão Mendes Pinto, roubavam-lhes cavalheirescamente as sedas, os brocados, o aljôfar, o ambar, o almiscar, a pimenta e a canella! Porque, fóra desses actos de maldade e de pirataria, a confraria dos portugas só teria, para contar, as patifarias de Dom João V, a canalhice de Dom José I e as crueldades barbaras do bronco marquez de Pombal. O que Portugal, nestes tempos, ainda chama e considera o *heroico* não interessa hoje a mais ninguem.

Quanto ao "renascimento da funcção colonisadora" de Portugal, não sei bem o que poderá ser. As colonias portuguezas, com effeito, são tidas e havidas como as mais atrazadas do globo. Só ha uma região mais retrograda dos que as colonias de Portugal: é Portugal mesmo. Não ha duvida que Portugal tem bellas coisas a mostrar, mas infelizmente são immoveis. Si fosse possivel aos portuguezes andar pelo estrangeiro carregando ás costas os Jeronymos e o convento da Batalha, como carregam pianos no Rio de Janeiro, então, sim, a Lusitania brilharia...

Nós, porém, conhecemos muito bem os intuitos secretos dessa defesa da lingua commum. A *defesa* é outra... O que tudo isso visa é a protecção do livro portuguez, isto é, do operario typographico portuguez contra o operario typographico brasileiro. O ideal de todos esses senhores é que todos os livros destinados ao Brasil, incluindo os didacticos (principalmente estes) destinados aos milhões ás nossas escolas primarias, sejam manipulados em Portugal, como naquelles tempos ditosos em que o governo de Lisbôa nos destruia fabricas e typographias por meio de ordens regias.

Admira-me em tudo isso a apathia dos nossos operarios typographicos que, vendo os seus interesses ameaçados pela adopção dessa orthographia lisboeta, olham para todas essas combinas com indifferença! Existe ahi (existia pelo menos) uma *União dos Graphicos*, forte e briosa associação de classe, que devia estar mais vigilante na defesa dos seus interesses ameaçados pelas tentativas de concorrencia do operario portuguez, que se esforça por tirar o pão aos filhos e ás mulheres do operario brasileiro. E' preciso explicar esses factos aos nossos operarios para que elles se defendam emquanto é tempo.

Voltando, porém, á tal viagem de propaganda portugueza. Quem dará o dinheiro para isso? Portugal? Vão esperando... Pois si, para sustentar na Universidade de Londres uma caricata cadeirinha de litteratura portugueza, Portugal nos estendeu o seu chapéo á esmola e pediu e obteve que o Brasil concorresse com metade da paga para que um vago explorador chamado E. Prestage fallasse de vez em quando sobre o super-cacete Dom Francisco Manoel de Mello!... Si Portugal não teve nem para isso, imaginemos agora si teria para sustentar viagens de propaganda! Viriam logo os srs. Agostinho & Cia. pedir um auxiliosito ao Brasil. Mas ahi deveriamos responder-lhes: *Deus os favoreça!...*

Hamburgo — 1932.

ANTONIO TORRES.

A proposito de Laurindo Rabello

Ha uma poesia de Laurindo Rabello — *Adeus ao Mundo* — que se encontra em quasi todas as nossas anthologias. E' através de duas linhas della que o poeta sobrevive na memoria de seus leitores circumstanciaes:

Quem a morte encontrou no lar da vida
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Taes versos deviam ter sido vulgarissimos na época, a exemplo de outros versos fataes da nossa lyrica. Um amigo do poeta, o Bacharel Eduardo de Sá, que colligiu e fez publicar em livre as suas poesias, tráe, claramente, no panegyrico ampoloso, que as precede, a suggestão daquelle jogo de palavras, neste outro: "*E o pobre plebeu na vida, foi um principe na morte*". E não ficou nisto. Em poesia, que dedicou a Laurindo e que faz parte integrante da collectanea, o bacharel não disfarça a reminiscencia daquelles versos inevitaveis:

Adeus, não mais pranteio-te, Laurindo.
Que póde agora contra ti a sorte?
A morte achaste pelo lar da vida,
A vida encontrarás no lar da morte.

Não ha duvida, taes versos eram daquelles que asseguram, só por si, a immortalidade a um poeta. Estavam incrustados na memoria de todos. Affluiriam a todas as boccas. E, ainda agora, qual é o ledor de poesias brasileiras que os não terá de cór? Entretanto, a idéa que os nutre já havia occorrido a Coleridge, o inglez Samuel Taylor Coleridge, trinta annos antes do nosso vate. Está na integra do epitaphio que compôz para o seu proprio tumulo o sempre admiravel poeta de *Christabel*:

O, lift one thought in prayer for S. T. C.;
That he who many a year with toil of breath
Found death in life, may here find life in death! (*)

Como explicar esse phenomeno? Reencontro de idéas? Imitação? Talvez não seja erroneo optar pela ultima hypothese. Laurindo, cujo physico risivel suscitára a alcunha de "Poeta-Lagartixa", tinha a caracteristica dos bardos populares, de que elle foi apreciavel paradigma: era espontaneo e impetuoso no seu estro. Não obstante, possuia um solido rastro de humanidades. Verissimo, por via de regra, parcimonioso, acreditava que, nelle, a educação e a cultura não pareciam terem sido apuradas. Entretanto, apesar de medico, Laurindo applicava as sóbras do seu talento em torneios forenses e, professor, arrebatava os ouvintes, em suas aulas concorridissimas de francez. Certo dia, numa prelecção de grammatica, assistida pelo Imperador, discorreu duas horas exclusivamente sobre o adjectivo. Era, pelo visto, um talento versatil, dotado de extraordinaria capacidade de eloquencia, o que não exclue a idéa de cultura. Demais, é preciso frisar que a formação intellectual de Laurindo Rabello se fez numa época em que o estudo das linguas estrangeiras se tornara o escôpo da mocidade lettrada. Não é a outra circumstancia que Sylvio Romero attribue a universalidade litteraria do nosso romantismo. O trato dos livros allemães e inglezes, destes, sobretudo, facilitaria o conhecimento directo e, quanto possivel, immediato, dos escriptores e poetas em vóga, naquelles idiomas. Dahi, terem sido familiares a alguns romanticos brasileiros, a Alvares de Azevedo, principalmente, os Byron, os Southey, os Moore e outros. Em summa, todos os nossos poetas, daquelle tempo, mais ou menos avançados, denunciam, de alguma sorte, o influxo da litteratura britannica. E, pelo enunciado, era na propria fonte que elles iam desalterar a sua sêde de cultura. Seus livros trazem mesmo um indicio manifesto de tal influencia: as citações de versos inglezes precedendo uma ou outra producção. Podia ser um esnobismo commum á época, para o qual seria dispensavel o conhecimento do idioma, objectar-se-á. Tudo leva a crer, porém, quanto a Laurindo, que tal idioma estava no ról de suas acquisições culturaes. Na sua obra, duas vezes citou elle a poesia ingleza. Ambas, no longo poema *Septenario Poetico*. Uma das citações precede o Canto IV:

She went to meet her god.
(*Elegia á Rainha Carolina da Inglaterra*).

A outra precede o canto VII:

She is no more, but her memory
will last for ever.
(*Vida de Lady Kutingdon*).

Não ha menção do autor ou autores de taes versos. Admittindo, pelo exposto, que Laurindo houvesse conversado os poetas inglezes, teria elle travado conhecimento mesmo com o raro e surprehendente creador de *Kubla Khan?*

Não me recordo de ter visto jámais o nome de Coleridge apontado dentre os poetas de Albion que os nossos romanticos frequentaram. Haverá, não obstante, por onde se possa demonstrar a infiltração, por via directa, do "wonder" de Coleridge, em os arraiaes do romantismo brasileiro? Como me não empolga, no caso, aquella "febbri di esploratore", que arrastaria Farinelli ás suas *Divagazioni erudite*, ahi fica o assumpto, meramente esflorado, para a tentação de um espirito affeito aos labores da exegese litteraria.

EUGENIO GOMES.

(*) A rigor, não é bem de Coleridge a prioridade desse trocadilho poetico. E', antes, de Richard Crashaw, poeta do seculo dezesete, em cujo hymno a Santa Thereza (*A Hymn To the Name and Honor of the Admirable Saint Teresa*), se póde surprehender o primeiro matiz da idéa:

...who in death would live to see,
Must learn in life to die like thee...

Coleridge confessou, numa nota sobre o *Christabel*, que o hymno de Crashaw estava presente em sua memoria quando compôz a segunda parte daquelle poema. Que mais?

Na poesia *Cowper's Grave*, Elizabeth B. Browning denuncia, por sua vez, a reminiscencia do trocadilho de Coleridge, quando accentúa, referindo-se ao poeta de John Gilpin:

Earth surely now may give her calme
to whom she gave her anguish.

E — quem sabe? — talvez seja da mesma cêpa aquelle pensamento de Rodenbach, que encerra os versos de *Solitude*:

Pour vivre après ta mort, sois mort pendant ta vie!

Haverá outros...

LEIAM:
UM CRIME NA HOLLANDA
Preço — 5$000
ARIEL, EDITORA LTDA.
Rua 1º de Março, 105 — 1º andar - Salas 3 e 4

A Sociologia no Brasil

E' hoje convicção cada vez mais generalizada que estamos, os habitantes da parte civilizada do planeta, vivendo um momento critico, que nos encontramos entre dous mundos, entre dous typos sociaes, entre uma sociedade caduca e uma que, breve, a substituirá. Uma necessidade urgente se impõe, portanto, de achar e de mostrar o caminho que conduz á forma social futura. Toda a difficuldade está, todavia, em acertar com o verdadeiro rumo a seguir, e o grande erro, o grande perigo — em acorrentar os espiritos a uma formula apressada, a um postulado exclusivista que os obceque e fanatize. Os meios de realização dessa nova sociedade ainda não os descobrimos, ninguem — pese, embora, aos prophetas do socialismo scientifico — ainda os encontrou, a sciencia não nol-os aponta e mister se faz que nos valhamos, para tanto, de certo empirismo. O programma de acção tem que ser vago, tem que ser traçado sómente em suas grandes linhas, para ser sabio. Nessas condições, o que é licito affirmar é, tão só, que a construcção do edificio social futuro não poderá fugir a certas directrizes impostas pelas conclusões a que conduz a observação scientifica.

Uma de taes conclusões é, por exemplo, a ascendencia moral do grupo sobre o individuo, com a consequente limitação da liberdade individual pelo grupo. Isso porque, mais ainda do que factor, o individuo é um producto da sociedade, da qual por quasi tudo depende e, sobretudo, pela historia das invenções com que se realiza o progresso humano. Outra conclusão é a *união pela vida* como lemma opposto á *luta pela vida*, porque é da uniformidade, conformidade, communidade de sentimentos e pensamentos, de interesses, crenças, maneiras e costumes que fundamentalmente depende a constituição dos grupos sociaes. Desta ultima conclusão decorre uma terceira: a socialização *das pessoas*, como tarefa precipua e mais premente que a socialização *das cousas*. Tudo isso conduz, em summa, ao apego ao grupo, apego mascarado hoje por ideologias varias, muitas das quaes de apparencia individualista; mas apego explicado pelo facto de ser o grupo a fonte, através do rito, de todas as instituições sociaes.

Isso de um lado. De outro lado e ainda á guisa de amostra — e temos aqui o reverso da medalha — constituem tambem principios hoje acceitas pela sociologia objectiva a idéa e o sentimento de justiça como caracteristicos, na civililização contemporanea, de todo sentimento social, e o culto da pessoa humana como base desse sentimento e dessa idéa. O apparecimento desse culto como uma conquista da evolução social, visto que resultou da crescente differenciação, á medida que as sociedades se foram tornando mais volumosas e mais densas e, com isso, mais complexas, constitue igualmente doutrina scientifica. Outra conclusão que se impõe é a de que essa differenciação, tendendo á suppressão de um dos caracteristicos do grupo, isto é, de todo traço commum entre seus membros, encontrou no traço commum que é a condição de homem uma barreira, donde o culto da pessoa humana, ou seja, em ultima analyse, simples reacção do grupo, muito embora se haja tornado hoje, paradoxalmente, a sua razão de ser. Foi o que Ferdinand Buisson magnificamente synthetizou, quando disse que "o individualismo é a primeira condição de todo verdadeiro socialismo." E' que a pessoa humana se encarna em cada um dos individuos que compõem o grupo. Ha, pois, que concluir pela conciliação do espirito de associação com o espirito de iniciativa, que consiste em agir por si, mas não para si, que faz que os homens se distingam dos carneiros de Panurgio e o grupo humano nem sempre seja o "servum pecus" de que fala Horacio.

Todo edificio social que não preencher essas condições, que não assentar nesses fundamentos será um castello de areia. Eis porque um conhecimento ainda que summario de sociologia se impõe, como condição prévia, a quantos se abalançam a estudar esta situação de instabilidade, este periodo critico resultante de uma antinomia entre as necessidades economicas actuaes e o modo capitalista de producção. Accresce que tal periodo parece approximar-se agora de seu termo com passarem as doutrinas anti-capitalistas da discussão á acção, do terreno theorico para o das realizações praticas, com transformarem-se as crises, apenas economicas que antes eram, em politicas, com desprestigiarem-se cada vez mais os centros directores da sociedade, como mantenedores, que são, dessa antinomia.

O problema é maximo e para elle se voltam todos os espiritos, delle se occupam todas as classes, em palestras de esquina como em cursos e conferencias, em congressos que se organizam como em partidos que se fundam, mas, sobretudo, no livro e no jornal.

Realmente, a litteratura "sociologica" visante á solução do magno problema é hoje, assim na Europa como na America, simplesmente assoberbante. E é de ver como, neste momento, já ninguem quer mais, segundo o conselho de Voltaire, "fazer perucas"... Todos têm sua opinião a dar.

O Brasil, que já foi a terra dos poetas, é hoje, maiormente a partir da revolução de outubro, a terra dos sociologos. 1930, 31, 32 têm tido, têm visto surgir á ufa, que nem tortulhos, "as maiores revelações sociologicas do anno"... Ha os que ruminam Augusto Comte a vida inteira; ha os que propagam as "idéas" de Sylvio Romero, idéas que elle proprio declarou não serem suas, mas de Spencer, Le Play e Vacher de Lapouge (misture e mande!); ha os que "preparam á sociologia" e a baptizam de "catholica", tal qual os communistas (os extremos se tocam) quando descobrem uma "sciencia proletaria"; ha os que, mais argutos, conseguem entender a "sociologia" de Alberto Torres e, benemeritos, vulgarizal-a; ha os que vêem fundo, os que logram ver, com os proprios olhos ver "a realidade brasileira"; ha, *last not least*, o snr. Pontes de Miranda...

Os que, porém, não aberrem dos mais comezinhos rudimentos, das noções mais rudimentares de sociologia, esses não ha no Brasil. Todos os custosos e vistosos volumes que enchem hoje as nossas livrarias ahi estão para prova.

E' bem verdade que a sociologia não vae ainda muito além desses prolegomenos. E porque não vae, e porque se ensaia ainda como sciencia,

Albert J. Farmer — **Le mouvement esthétique et "décadent" en Angleterre (1873-1900)** — *Librairie Ancienne Honoré Champion* — Paris, 1931.

Nesta obra, mais um excellente volume da *Bibliotheca da Revista de Litteratura Comparada*, o Sr. Albert Farmer faz um penetrante e minucioso estudo do que foi, na Inglaterra do ultimo quartel do seculo XIX, o chamado movimento esthetico e decadente, ao qual deram o seu apoio, quando não lhe conduziram as directrizes, alguns nomes que são hoje dos maiores na litteratura ingleza.

A despeito das suas alentadas proporções, um in-4° com quasi quatrocentas paginas transbordantes de erudição e pesadas de notas á margem, o livro do arguto critico francez é de leitura agradabilissima e não será apenas util áquelles que se abalancem a um mais detido conhecimento da litteratura de além-Mancha.

O autor inicia as suas paginas mostrando que esse movimento "fim de seculo" empolgou os principaes paizes da Europa e se Keats, batendo-se pelo culto da belleza e antepondo a arte á vida e o sonho á realidade, deve ser considerado o seu mais remoto precursor na Inglaterra, mais tarde os que se alistaram sob a mesma flammula, como Swinburne, Pater e outros, já estavam fortemente impregnados do esthetismo francez de Gautier, Baudelaire e Flaubert.

A seguir, e antes que se detenha sobre a figura solar de Wilde, ao qual dedica tres longos capitulos, no seu dizer a parte essencial da obra, o Sr. Farner aponta a relevancia que outros vultos lograram na propugnação dos mesmos ideaes, como Ruskin, naquillo em que a sua religião da belleza podia fugir á acção da moral, mas sobretudo os chamados preraphaelitas que, tendo á frente individualidades da grandeza de Morris, Rossetti e Burne-Jones, trouxeram á arte um intenso sopro vivificador.

Deverá ser destacado, entretanto, o notavel estudo com relação a Wilde, o Wilde homem de lettras, cuja obra, cheia de originalidade e fulgor, é aqui analysada com carinho e justiça, ao contrario do que tem feito a maioria dos seus criticos, mais preoccupados com a fascinante figura do artista e a nota de escandalo que assignala os seus ultimos e amargurados dias.

E' á sua volta que se reunem os elementos mais brilhantes da nova geração, uma mocidade fremente e sequiosa de gloria que, livre de preconceitos e rebellada contra a tradição, quer a arte pela arte e corajosamente investe contra a hypocrisia ambiente. Nesse agitado periodo, decada que vae de 1890 a 1900 — as *Ninities*, como ficou conhecida — multiplicam-se os circulos litterarios e apparecem varias revistas de vida tão ephemera quanto brilhante. Por ahi passam então, algumas com a rapidez dos meteoros, as figuras de Beardsley, Symons, Dowson, Crackanthorpe, Davidson e não sei que outros, todos elles não mais felizes do que o seu eponymo, uns mortos ainda moços, pela doença, pelo alcool e até pela miseria, outros fugindo á vida pela porta larga do suicidio.

Desse montão de cinzas, passado ainda de hontem mas já longinquo, surge, porém, a silhueta impavida de Georges Moore, esthéta e decadente da primeira hora que, já octogenario, ainda vive lá pela Inglaterra e não faz muito publicou mais um romance.

GASTÃO CRULS.

---

por isso mesmo não faltam os que se dispensam de conhecer o pouco que de certo e positivo ella apresenta e se arrogam o direito de crear, *de toutes pièces*, a sua "sociologia" delles.

Como se Leibnitz, como se Newton, creadores ambos do calculo differencial, ignorassem as quatro operações fundamentaes sobre os numeros inteiros...

V. DE MIRANDA REIS.

PORTUGAL DE SONHOS E CONQUISTAS, por SILVEIRA DE MENEZES. — Edições Pongetti — Rio, 1932.

O sr. Silveira de Menezes, o poeta das *Labaredas*, vem de publicar em volume as suas impressões de uma viagem a Portugal. E' o proprio autor quem nos informa que "o livro é um *bungalow* franzino, bem leve, certamente, mas embora que delicado, está construido com a base de granito da historia e o cimento armado da estatistica".

Escripto *ad usum lusitanorum* e dedicado ao General Carmona e outros figurões de Portugal e Algarves, o novo livro do sr. Silveira de Menezes ha de encontrar generoso acolhimento por parte da laboriosa colonia.

O ULTIMO LIVRO DE MONTEIRO LOBATO

AMERICA — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo, 1932.

Bem distante do autor admiravel de *Urupês* anda o sr. Monteiro Lobato. Do escriptor de grande talento que naquelle livro de contos elle se revelou, apenas reapparecem no *America* algumas habilidades, mas não o mesmo halito fresco de intelligencia em pleno exercicio. Dons de verdadeiro escriptor — e dos maiores nossos — ha em *America*. Mas falta-lhe alguma cousa de intimamente pessoal, falta-lhe aquelle *élan* criador, aquelle viço que fez a atmosphera de *Urupês*. Naturalmente que ponho em contacto duas obras de materia differente. Porém não é do material que eu falo; é do escriptor. O viajante é pequeno demais para o contista. E não é que o sr. Monteiro Lobato tenha feito litteratura genero Morand, isto é, de frivolidade e passeio: é que o escriptor tão intensamente brasileiro daquelle *recueil* de contos tornou-se aqui o turista dos enthusiasmos a todo o panno. De sua antiga plasticidade verbal, de muito frescor de colorido, resta uma asexuada lingua de bedéquer, com uma inundação terrivel de gyria yankee. Parece que com isto quiz o grande escriptor paulista nos dar uma prova documentaria de sua longa estadia na U. S. A. Porém o abuso de tal processo deixa uma impressão cacête de pernosticismo, colloca-nos em prevenção involuntaria contra o autor.

Apesar de suas muitas virtudes, é esta chronica de viagem, dentre os seus ultimos livros, o menos feito por Monteiro Lobato. Entre *America* e *As Reinações de Narizinho*, torço por este derradeiro. Neste aqui o nosso criador da litteratura infantil brasileira se approxima bem do grande escriptor de *Urupês*.

Maceió.

VALDEMAR CAVALCANTI.

Leiam o extraordinario romance

O CÃO AMARELLO

ROMEU DE AVELLAR — NUMA ESQUINA DO PLANETA — Typ. Marques Araujo & C. — Rio, 1932.

Mão grado o seu apego a certos moldes naturalistas já agora caducos, sente-se que o sr. Romeu de Avellar possue uma verdadeira organização de romancista, de fixador de costumes. Este seu *Numa esquina do planeta* é evidentemente um romance *à clef* e os moradores da cidade em que decorre a acção do livro reconhecerão sem esforço as figuras alvejadas pela satira do escriptor. Satira que se multiplica em scenas e phrases das mais crûas, de modo a vedar o manuseio do romance aos seres pudicos; satira em que se adivinham os rancores com que o sr. Romeu de Avellar sahiu de contactos provincianos em franca discordia com o seu temperamento desabusado. Mas tudo faz crer que, passados esses impulsos de represalia, o autor desenvolverá, em obras mais serenamente objectivas, os seus incontestaveis dons de narrador.

AINDA A MUSA PARLAMENTAR

A' nossa lista de deputados e senadores poetas, publicada no ultimo numero do *Boletim de Ariel*, podem ser accrescentados muitos outros nomes. Especialmente no que diz respeito ao Maranhão.

Na monarchia, o maranhense Gentil Braga, traductor de Vigny e autor, com o pseudonymo de Flavio Reymar, de muitas poesias esparsas, além do poema inconcluso *Clara Verbena*, foi eleito deputado geral, em substituição a Gomes de Souza. Na republica, tivemos no Congresso o sr. Coelho Netto, burilador do celebre soneto *Mãe* e de libretos em verso musicados por Leopoldo Miguez. O sr. Domingos Barbosa, fabulista, e o academico Humberto de Campos, cujo volume *Poeira* foi um dos mais significativos do segundo periodo parnasiano, tambem representaram a terra da cultura classica, de Odorico Mendes, Henriques Leal e João Francisco Lisboa, no parlamento democratico.

Do Piauhy veiu a consagração eleitoral do sr. Felix Pacheco, um dos remanescentes do grupo de symbolistas floridos á sombra do genio de Cruz e Souza.

O Ceará elegeu o sr. Gustavo Barroso, que, em meio aos seus milhares de paginas em prosa, insinúa, por vezes uma ou outra passagem metrificada, em original ou traducção. Nem se esqueça que, no segundo imperio, passára pela tribuna politica, representando os cearenses, o glorioso Alencar, pae dos *Filhos de Tupá*, poema indiano e exactamente a parte menos poetica do maravilhoso poeta em prosa da *Iracema*.

O Rio Grande do Norte mandou ao parlamento o sr. Eloy de Souza, irmão da encantadora poetisa Auta de Souza, uma das nossas primeiras elegiacas, e do excellente Henrique Castriciano, homem de gosto e de idéas, affeito, nas horas de ócio, ao culto do alexandrino muito bem medido e impeccavel na cesura.

Pernambuco fulgurou, nos tempos de Pedro II, através do verbo de Nabuco, a quem cabe a gloria de tantos discursos anthologicos e a responsabilidade de um jogo de palavras rimado a proposito do Tempo. Tambem versejou o poeta pernambucano Floriano de Britto, florianista vermelho, como lhe cumpria, e contendor do sr. Carlos de Laet numa polemica famosa, além de professor de francez num dos nossos institutos secundarios.

Depois de reboar em allocuções de girondino extraviado numa época mediocre, a voz do sergipano Fausto Cardoso fez-se ouvir em sonetos de uma tonalidade egualmente impetuosa, de um leão que quizesse converter os rugidos em arrulhos.

No tocante á Bahia, não se esqueça que Ruy Barbosa tradu-zin Leopardi e teve tambem as suas composições pessoaes.

Fluminenses ou cariocas suffragaram os nomes de Luiz Murat, poeta indeciso entre o lyrismo e a epopéa, com uma mocidade batalhadora de d'Artagnan conspirador e uma velhice das mais repousadas nos dominios de um cartorio, e de Alcindo Guanabara, que soube converter o artigo de fundo em folhetim delicioso e proferiu sobre Machado de Assis um discurso nitidamente definidor. Isto sem remontar aos dias de ouro em que Pedro Luiz, amigo da vida sumptuosa, alternava o trato dos papeis politicos com as estrophes sonoras em que se referia á misera Polonia escravizada.

Não menos vultoso o contingente de S. Paulo, desde os triumphos oratorios de Antonio Carlos, que redigiu um soneto desdenhoso ao saber-se na perspectiva de ir parar ao cadafalso. Filho de Santos, o barão de Paranapiacaba, traductor de La Fontaine, foi congressista, embora representando uma outra provincia que não a sua provincia natal.

Luiz Delfino figurou como senador na Constituinte republicana, graças ao suffragio dos catharinenses, e o seu filho Thomaz, creador da theoria eleitoral do methodo confuso, foi tambem senador algumas legislaturas mais tarde.

O gaúcho Homero Baptista, a avaliar pela anthologia do sr. Laudelino Freire, não trepidou em fabricar no minimo um soneto. Ramiro Barcellos immortalizou-se no pampa com a sua maravilhosa satira ao sr. Borges de Medeiros, e o sr. Pinto da Rocha, formado em Coimbra, foi o mais romantico dos oradores e o ultra-romantico autor de *Talitha*, peça em verso com muitas reminiscencias de Rostand e Julio Dantas.

Minas deu as quadrinhas elegiacas do deputado Araujo Vianna, compungido pela morte precoce da filha.

E Goyaz foi não ha muito representado pelo sr. Americano do Brasil, recentemente assassinado, homem de cultura, senhor de um bom curso de humanidades e que, se não versejou por conta propria, foi o collector attento das mais bellas trovas da sua pittoresca região.

PSEUDONYMOS

Luc Durtain chama-se, na vida civil, André Nepveu.

Como elle, dezenas de escriptores francezes tiveram de mascarar um nome que julgavam excessivamente prosaico. Assim é que Francis Carco encurtou o seu appellido de Carcopino-Tussoli. Michel Corday, pertence á familia Pollet. Maurice Dekobra, deveria assignar-se, com mais humildade, Maurice Teissier. Pierre Lucchini, um dos bons narradores da moderna geração, passou a ser Pierre Dominique.

Compondo um lindo ensaio biographico sobre o poeta Toulet, J. Moreau de Bellaing preferiu apresentar-se com o falso nome de Jacques Dyssord.

Nem todos sabem que Marc Elder, laureado pelo premio Goncourt é, no registro civil, Marcel Tendron, como Pierre Hamp é Pierre Bourillon. Madame Perrault tornou-se conhecida como novellista de scenas orientaes através do languoroso pseudonymo de Myriam Harry. Quanto á formosa Gérard d'Houville, ninguem ignora que é uma das filhas do poeta Heredia e esposa do poeta Henri de Régnier.

Miguel Provins acóde, no ambiente domestico, ao chamado de Lagros de Laugeron. Não ha como separar o medico Louis Farigoule do escriptor Jules Romain. Os dois irmãos Rosny são, na realidade, os irmãos Boëx. Han Ryuner já foi Hans Ryner, depois de ter sido Henri Ner. Marcelle Chastean veio a tornar-se Marcelle Tinayre. Henri Gauthier-Villars reduziu-se ás duas syllabas do humorista Willy, e, finalmente, Xanrof representa o anagramma de Fornax, extrahido por sua vez de Léon Fourneau.

ARY MACHADO GUIMARÃES — SYLVIO ROMERO E QUERIDO MOHENO — Typographia do *Jornal do Commercio* — Rio, 1932.

Livro sobre "as fórmas de governo e o problema indo-latino-americano, especialmente o brasileiro e o mexicano, apreciados respectivamente por Sylvio Roméro, Querido Moheno e Arthur Guimarães". Innumeros documentos, muito bem coordenados, tratam do que "viu, aconselhou e previu" para o Brasil o grande sociologo sergipano, feliz adaptador ao nosso ambiente das theorias da escola de Edmond Demolins. As referencias a Querido Moheno retratam uma nobre figura de pensador da politica, em tudo digno do Mexico de Garcia Naranjo e José de Vasconcellos, e os trechos allusivos a Arthur Guimarães põem ainda uma vez em fóco o nobre apostolado civico e a ampla visão de fraternidade humana que absorveram a existencia de um dos homens mais generosos e cultos do Brasil dos ultimos tempos.

MECENAS DOURADO — CURSO DE PHILOSOPHIA — Bello Horizonte.

E' o primeiro fasciculo, já em segunda edição, de um longo curso que esse illustre professor elaborou de accôrdo com os programmas officiaes. Obra severamente didactica, mas que nem por isso deixa de interessar a quantos versem os problemas da alma e do espirito. Tudo, neste valioso opusculo, é bem estructurado e exposto com uma perfeita lealdade de raciocinio e linguagem. O sr. Mecenas Dourado, que dispõe de uma bella cultura de humanista, no que revelou no seu brilhante ensaio sobre *Macenas*, é um mestre que se fará sempre ouvir com attenção pelos discentes, dada a altitude mental em que se mantem, sem perder de vista o lado pratico, directamente humano, das pesquizas philosophicas, convertidas por elle numa synthese em que se mesclam as indagações desinteressadas e tambem as experiencias pragmaticas para uma segura caminhada através da vida.

UM DOS DEZ

— Jean Ajalbert, filho da Auvergne, região fecunda em carvoeiros e carregadores, é um regionalista ardoroso, vibrando sempre deante das tradições locaes, mas é tambem (dualismo mais frequente do que se suppõe) um grande amigo das viagens. Antes de vir fixar-se nas tapeçarias de Beauvais, onde defende a arte classica franceza contra as falsificações estrangeiras, correu a Indo-China e muitas outras zonas distantes em que o genio dos seus patricios andou abrindo estradas e semeando escolas. Homem saudavel e cordial, amigo de uma boa pilheria rabelaisceana, Ajalbert não desconhece um unico logar de Paris em que se coma e beba direito. Intimo de Clemenceau e membro da Academia Goncourt, de que foi o memorialista um pouco emperrado e pastoso, esse escriptor, a aferir pelos seus criticos, valerá mais visto e ouvido directamente que através dos seus livros.

"ESPIRITO DO NOSSO TEMPO"

E' este o segundo livro que nos dá Gilberto Amado depois da sua phase parlamentar.

Felizmente não saiu elle despolpado, dessorado pela terrivel Maritornes que é a politica, ainda bastante provinciana, dos tropicos, e não lhe foi difficil reencontrar o notavel ensaista, o notavel artista que em 1913 deslumbrou o Brasil inteiro com os magistraes estudos da *Chave de Salomão*.

Mas, accentue-se que, embora perdido nas landes do parlamentarismo, Gilberto Amado nunca se adaptou de todo á ambiencia de uma politicalha méramente eleitoral. Era mesmo de ver a ironia desabusada, a saborosa causticidade com que elle, quando parecia pertencer ao partido dos fartos, dos ventrudos, sabia fustigar-lhes a pacatez burgueza. Merecendo realmente a classificação de pensador da politica, malbaratada em relação a outros que apenas pensam com os cotovellos ou os calcanhares, Gilberto provou existir nelle um talento de imprevistas perspectivas e, até nas horas de unanimidade, de sujeição aos cacicques, um certo amor á poesia da luta.

Differindo dos falsos ideologos palradores, que viam apenas no Congresso uma Bolsa de interesses partidarios, com a mesma azafama e o mesmo alarido da outra, elle nem sempre discursava, mas, se discursava, era para insinuar, em deliciosas tiradas, que aos nossos congressistas faltavam educação scientifica, visualidade pratica, capacidade de fazer legislação experimental, faltando-lhes o senso das realidades circumstantes, o que os levava a adoptar aqui muita reforma que ficaria igualmente bem — ou igualmente mal — entre os persas e os croatas. Quanta discussão em torno á sua "boutade", não desrazoavel, de que no mundo moderno não ha mais espaço para os liberaes!

Até aquelles que, tendo lido Julien Benda, podiam censurar no Gilberto, em dados instantes, o esquecimento em que o politico deixava o publicista, e podiam falar em "traição dos clerigos", encontravam de quando em vez, a sua recompensa. Assim, quando morreu Carlos de Laet, e Gilberto, numa dessas arrancadas de improviso em que está o mais pittoresco da sua personalidade, accentuou perder então o Brasil um grande satirico e delle traçou um retrato em riscos celeres, desses que se fixam nas retentivas e aos quaes um pouco de caricatura não prejudica para a fiel reproducção da verdade physionomica.

Sem paixões delirantes, máo grado a sua mimica impetuosa, nunca transigiu demais com os republicanos vermelhos. Acha elle que Pedro II foi um verdadeiro milagre de tolerancia e benignidade humana, e, enxergando os defeitos da casa de Bragança, não sente que houvesse grande melhoria, como architectura social, na reconstrucção democratica.

Em summa, no terreno administrativo, sempre foi o Gilberto por uma elite de guias mentaes que organize a sociedade em moldes estaveis. Ainda no seu livro de agora, ha uma referencia a José Bonifacio, cuja acção benemerita lamenta elle fosse tão cedo interrompida.

Desdenhoso dos Pangloss de relatorios, dos Potemkine que criam miragens de papelão para simular cidades populosas, elle sorri de tudo isto, mas com uma superior ironia, uma finura de artista, não atraiçoando nunca a boa linguagem. No fundo, é ainda o dannunziano de 1913, o amigo dos homens multiplos, dos bellos felinos da Renascença.

Neste *Espirito do nosso tempo*, que o restitue de todo ás bellas lettras, á arte pura, vê-se o estylista, o escriptor que sabe ter um pouco de emphase, de nobre rhetorica, sem cair jámais na ostentação verbosa. E os borbulhantes impulsos de vida ainda mais interessantes se tornam quando certos residuos selvagens sacodem as tendencias classicas da phrase, sendo-lhe isto um accrescimo de riqueza.

O enthusiasta de um idealismo constructor, de um Brasil organico, de um Brasil que não faça sorrir os civilizados de outros climas, ahi reapparece de todo. Porque o Gilberto andou longamente pela Europa e não desconhece que a gente de lá vive sempre de emboscada para colher-nos num ridiculo, sempre com um sorriso engatilhado para nós outros deploraveis barbaros da America. Nada ignorando do Paris diurno e nocturno, havendo comido com Prezzolini e Pirandello numa dessas refeições do Pen-Club a que alguns ingenuos ligam tanta importancia, mas para elle é apenas a importancia de vinte ou trinta francos, Gilberto será dos poucos brasileiros que não façam o europeu rir de nós. Especialmente porque elle é o primeiro a rir-se de nós como dos europeus.

Elle, que não tem medo de elogiar um bom vinho e de contar que a sua maior volupia consiste em corromper um abstemio, mostra-se, no seu ultimo volume, um homem sem doutrina severa, sem affirmações contundentes, amigo, em litteratura, do livre jogo das paixões e das idéas, inimigo dos cilicios e das restricções intellectuaes de qualquer especie. As suas paginas sobre o "phenomeno arte" são de uma formosa exhuberancia pagã, de um formoso pantheismo goetheano, impregnado do encanto das coisas, dos instinctos nobremente satisfeitos. A arte para elle é um "banho matinal", o indefinido prolongamento da alegria que a natureza dá aos homens. "Ella se processa e se produz numa atmosphera superior áquella em que se move a vida moral, a vida social; e, ainda que os seus motivos possam ter origem nessa atmosphera, é naquella outra, mais alta, mais diversa e mais livre, que ella se realiza e se completa". A arte é libertadora, reivindicadora por excellencia. Nem se confundam idéas de belleza e idéas de justiça. "O bello é a vida toda; o justo é um pedaço da vida, recortado pelo arbitrio dos homens. O artista tem a vitalidade do animal joven respirando a frescura da manhã." A arte é contra todas as convenções, e "os motivos estheticos, os motivos de criação de belleza, quando se tornam notorios, *convencionaes*, deixam de ser bellos." Dahi converter-se o puritanismo em chacinador de artistas e não haver um poeta, um pintor de genio, em paizes bem disciplinados, bem arrumados como a Suissa. Tambem o contraste é muito em arte e o riso de Cervantes, que sacudiu o mundo, partiu de um povo triste. E a luz vale mais que muitas theorias religiosas ou politicas. "A escultura é obra da luz" e, sem o sol da Italia, Miguel Angelo não se teria aproveitado das pedreiras de marmore de Massa e Carrara para ser um productor de gente, fabricando o seu nobre povo de estatuas.

Essas e outras considerações, não raro aphorismos admiraveis, Gilberto as vae lançando através de uma das suas conferencias.

Em outra, affirma que "uma rua de Paris é um rio que vem da Grecia". Esse Paris obseda-o e ha-de estar elle sequioso por um regresso ao boulevard, onde se come tão bem, as mulheres são tão lindas e as tardes se diluem com uma tão civilizada poesia sobre as arvores do jardim de Luxemburgo. Não tem elle receio de passar por um rastacuéra nas allusões aos transatlanticos ricos em que viajou. (Por signal que, antes de metter-se num desses navios, comprou um exemplar dos *Lusiadas* para o reler a bordo, mas acabou atirando-o fóra, com receio, segundo confessou, de vir a naufragar como o proprio Camões naufragara com o manuscripto do poema...) Sente-se, sem esforço, que essa atmosphera de luxo lhe é mais grata que a vida sobria dos nossos nortistas, embora elle, talvez pensando no seu eleitorado, tivesse em outros tempos combatido a pécha de preguiçosos lançada contra os brasileiros, igualados aos habitantes de Hawai e dados como indecisos entre a rêde, a viola e a caboela. E ainda ha pouco não foi sem malicia que elle, preleccionando numa escola de direito, affirmou que só a incomprehensão do communismo póde fazel-o tão elogiado entre nós. E explicou-se: "Basta dizer que é um systema de governo que obriga toda gente a trabalhar..."

Mas, de qualquer modo, Paris é melhor, com esses parisienses que, segundo Nietzsche, os gregos comprehenderiam e amariam. Melhor é a terra em que até as mulheres feias dão um timbre especial ás palavras com que, pelo espirito, compensam as deficiencias plasticas, e, a certa altura, vejo nas entrelinhas a tristeza com que Gilberto deplora não ser no Rio permittido aos namorados beijarem-se em publico e raso...

Paris é bem melhor. Mas elle que vá aguentando isto por aqui como nós outros, na perspectiva de horriveis dias, aguentando o paiz do "pouco mais ou menos" e em que, como elle bem accentuou, se luta com um sol excessivo, "inimigo da cultura"; paiz que está longe de tornar-se goetheano pela serenidade, pela eurythmia, pelo gosto; paiz em que, com excepção delle Gilberto e poucos outros, tudo quanto ainda ha mezes se disse em relação ao proprio Goethe, foi apressada homenagem commemorativa, artigo ou discurso atrouxemouxado apenas para aproveitar o centenario famoso.

Ai do nosso Brasil, meu caro Gilberto, terra que por emquanto só se impõe ás outras pela sua maravilhosa natureza e onde, todavia, os homens outra coisa não fazem senão voltar-se contra a natureza! E isso, como você mesmo reconhece, é a negação de Goethe e, logo, a negação da belleza e do prazer, porque, sempre que "murcha no mundo a flor goetheana, a alegria murcha"...

AGRIPPINO GRIECO.

(Transcripto d'*O Jornal*, de 14-8-32).

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Virginio Santa Rosa — A DESORDEM — Schmidt, editor. — Rio.

Ribeiro Couto —ESPIRITO DE S. PAULO — Schmidt, editor. — Rio.

Dionysio Silveira — REVOLUÇÃO CONTRA A IMPRENSA — Spinola & Fusco — Cataguazes, Minas.

MODERNA — Revista do Recife — N. 1.

Georges Simenon — UM CRIME NA HOLLANDA — Ariel, Editora Ltda. — Rio.

I. Worski-Riera — O DESPERTAR DA ASIA — 2º volume — Editorial Pax — S. Paulo.

Walfrido Pilotto — ASSIS CINTRA E A TRAGEDIA DO KM. 65 — Refutação — Curityba.

S. Francisco de Assis — I FIORETTI — Trad. de Durval de Moraes — Ed. da Livr. Catholica — Rio.

Ruy Barbosa — DICTADURA E REPUBLICA — Prefacio e notas de Fernando Nery — Editora Guanabara — Rio.

REVISTA DO GREMIO EUCLYDES DA CUNHA — Rio.

Olbiniano de Mello — LEVANTA-TE, BRASIL! — Typographia Terra de Sol — Rio.

Miguel Ozorio de Almeida — A VULGARIZAÇÃO DO SABER — Ariel, Editora Ltda. — Rio, 1931.

O prof. Miguel Ozorio de Almeida — orgulho grande da cultura e da intelligencia da nossa terra — como se achasse que não era bastante para conquistar a nossa gratidão e a nossa admiração, a obra enorme de sciencia pura e de pesquiza original que está realizando com uma tenacidade infatigavel, acaba de publicar um livro utilissimo de vulgarização scientifica: *A vulgarização do saber* (ed. de Ariel Editora Ltda., Rio, 1931).

Não são muitos os livros deste genero em nossa litteratura, porque não são muitos no Brasil os escriptores capazes de realizal-os com brilho e proveito. Trata-se de um genero litterario ao mesmo tempo util, interessante e difficil. Mas o professor Miguel Ozorio, cujo espirito tão complexo e seductor se compraz em passear através das provincias e dos climas mais differentes e afastados, fazendo incursões no mundo da arte, com o mesmo brilho e elegancia com que viaja no mundo da sciencia, gosta de experimentar as suas aptidões intellectuaes no mallabarismo dessas fugas parascientificas. Os assumptos que elle versa, nas suas obras de vulgarização scientifica (e este é o segundo volume do genero que elle publica) são uma especie singularissima de trampolim, d'onde elle arma o pulo para longas e admiraveis digressões doutrinarias e philosophicas, em que revela o resultado das suas pesquizas, leituras e meditações. Este seu ultimo volume, que pode ser lido com igual proveito e prazer por um romancista como por um medico ou um engenheiro, é admiravel como synthese, clareza e elegancia. Alguns dos seus ensaios, taes como *Sophia Kovalewsky*, *A psychologia dos animaes*, *A proposito do jubileu de Miguel Couto*, *Alguns aspectos do estudo scientifico da morte* e *Eugène Gley* são modelares. Por tudo isso é que consideramos utilissima a actividade litteraria deste grande pesquizador brasileiro, cuja agilidade mental o põe tão á vontade junto d'um piano como dentro d'um laboratorio, fazendo-o tão respeitado pelos homens de lettras como pelos homens de sciencia.

Peregrino Junior.

(Transcripto d'*O Movimento Medico*, n. 6, Janeiro de 1932).

Christovam de Camargo — O GRAVE PROBLEMA DA INSTRUCÇÃO POPULAR NO BRASIL — Edições Alba — Rio, 1932.

O sr. Christovam de Camargo anda longe de ser um estreante em materia litteraria e já ligou seu nome a um romance e a dois volumes de contos bem acolhidos pela critica do paiz e de varias regiões platinas. Além do mais, é um homem de acção, enthusiasta de um serio intercambio intellectual entre as nações sul-americanas e, nesse sentido, falou em diversas conferencias ao publico de Buenos Aires. Agora, este seu volume sobre o problema da instrucção é de quem deseja que "a campanha pela alphabetização do Brasil" deseja, "de uma vez por todas, dos apices theoricos em que até aqui se librou, para o terreno das realizações". E a tal respeito o sr. Christovam de Camargo apresenta á Academia de Lettras, para quem a these é elaborada, suggestões vehementes que esta não poderá deixar de acolher com a maior attenção.

Walfrido Pilotto — ASSIS CINTRA E A TRAGEDIA DO KM. 65 — Typ. A Cruzada — Curytiba, 1932.

O sr. Walfrido Pilotto refuta, neste valioso opusculo, certas affirmações do sr. Assis Cintra no volume *Historias que não vêm na historia*, a proposito da morte do barão de Serro Azul e seus companheiros de martyrio. Entre outros detalhes, o autor accentua estar errado o numero das victimas, bem como as profissões destas, e prova que Moreira Cesar, dado pelo sr. Assis Cintra como se achando em Curytiba, se achava na realidade em Desterro, ou seja a actual Florianopolis... A capa do opusculo reproduz, com bastante nitidez, o desenho de Angelo Agostini inspirado pela horrivel tragedia que tanto impressionou os brasileiros do tempo.

Olbiano de Mello — LEVANTA-TE, BRASIL! — Typ. Terra de Sol — Rio, 1932.

Vibrante appello de um homem que sonha com uma nova organização nacional. O autor compraz-se em versar assumptos de sociologia politica e seus trabalhos anteriores obtiveram significativos applausos do embaixador Cerruti, dos criticos Tristão de Athayde e Oscar Mendes, do arcebispo Dom Joaquim Silverio, do romancista Plinio Salgado, etc., etc.

EUCLYDES DA CUNHA

Com o devotamento habitual, a 15 do mez passado, o Gremio Euclydes da Cunha *commemorou mais um anniversario da morte do seu grande patrono, levando-lhe, pela manhã, algumas flôres ao tumulo e realizando, á noite, uma sessão solenne em que falaram varios oradores e durante a qual foi distribuido aos presentes um interessante numero da sua revista, com collaborações de Alberto Rangel, Fernando Nery e outros, todas referentes ao glorioso escriptor d'*Os Sertões.

Dionysio Silveira — REVOLUÇÃO CONTRA A IMPRENSA — Editores Spinola & Fusco — Cataguazes, 1932.

Uma casa editora de Cataguazes, de que faz parte o joven poeta Rosario Fusco e á qual auspiciamos o maior successo, inicia agora as suas publicações com a these, amplificada, que o advogado sr. Dionysio Silveira apresentou, em 1917, num congresso de jornalistas realizado aqui no Rio. Como bem accentua o sr. Raul Pederneiras, professor de direito e prefaciador do volume, trata-se de um livro ricamente documentado sobre a imprensa militante e repleto de suggestões que muito poderão aproveitar á chamada ethica jornalistica. A confecção typographica é excellente e os editores annunciam para breve a apparição de outras obras, da autoria dos srs. Tristão de Athayde, Mario de Andrade, Henrique de Rezende, etc.

Rachel Prado — LEMURIA E ATLANTIDA — Officinas Graphicas Alba — Rio, 1932.

Essa escriptora paranaense, autora de contos infantis sympathicamente acolhidos pelo nosso publico, offerece-nos agora um interessante estudo de sessenta e cinco paginas "sobre os dois continentes desapparecidos" que tanto preoccupam geologos e historiadores. "Lenda ou realidade — diz ella — todos os estudiosos sentem-se fascinados ao suggestivo encanto da *Atlantida* mysteriosa e da não menos curiosa *Lemuria*, o continente primitivo, possivel berço da raça humana." E ao percorrer o volume da sra. Rachel Prado, agrada-nos a sua maneira despreteneciosa, de quem não presume estar fazendo revelações em assumpto de tamanha complexidade e apenas se propõe a lançar um trabalho de honesta divulgação.

A apparecer muito breve: DE AGRIPPINO GRIECO

Evolução da Poesia Brasileira

Série de ensaios critico-biographicos formando um longo estudo homogeneo

CLASSICISMO

Bento Teixeira, Santa Rita Durão, Basilio da Gama, Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Gregorio de Mattos, etc.

ROMANTISMO

Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias, Francisco Octaviano, Maciel Monteiro, Laurindo, Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Junqueira Freire, Casimiro, Varella, Luiz Delfino, Pedro Luiz, Luiz Guimarães Junior, José Bonifacio (o Moço), Souza Andrade, Tobias, Machado de Assis, Castro Alves, etc.

PARNASIANISMO

Raymundo, Bilac, Theophilo Dias, B. Lopes, Adelino Fontoura, Mucio Teixeira, Guimarães Passos, Fontoura Xavier, Azevedo Cruz, Arthur Azevedo, Francisca Julia, Murat, Vicente de Carvalho, José Albano, Amadeu Amaral, Emilio de Menezes, Augusto de Lima, Alberto de Oliveira, João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Luiz Edmundo, Adelmar Tavares, Bastos Tigre, Martins Fontes, Baptista Cepellos, Francisco Mangabeira, José Oiticica, varios poetas da Academia de Lettras, Gilka Machado e outras poetisas, etc.

SYMBOLISMO

Cruz e Souza, Pernetta, Silveira Netto, Mario Pederneiras, Alphonsus de Guimaraens, etc.

ENTRE O PARNASIANISMO E O SYMBOLISMO

Augusto dos Anjos, Moacyr de Almeida, Alceu Wamosy, Raul de Leoni, Eduardo Guimaraens, Amaral Ornellas, Theodorico de Brito, Hermes Fontes, Alberto Ramos, Pereira da Silva, Gilberto Amado, Belmiro Braga, Olegario Marianno, Pinheiro Viégas, Onestaldo de Pennafort, Da Costa e Silva, Cleomenes Campos, Paulo Gonçalves, Oliveira e Silva, Auta de Souza, Cecilia Meirelles, Lia Corrêa Dutra, etc.

REGIONALISMO

Catullo da Paixão Cearense.

MODERNISMO

Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Raul Bopp, Manoel Bandeira, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Alvaro Moreyra, Ribeiro Couto, Murillo Araujo, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Tasso da Silveira, Augusto Meyer, A. F. Schmidt, Murillo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Mario Peixoto, Emilio Moura, etc.

NEO-ROMANTICOS E NEO-CLASSICOS

Paulo Torres, Carlos Alberto, Francisco Campos, etc.

SONETISTAS FAMOSOS

Julio Salusse, padre Antonio Thomaz, Raul Machado, Annibal Theophilo, Jorge de Lima, etc.

TRADUCTORES

Eloy Ottoni, Souza Caldas, Odorico Mendes, Dante em portuguez, Porto Carreiro, Paranapiacaba, Octavio Tarquinio de Souza, etc.

PEDIDOS DESDE JÁ A

ARIEL, Editora Ltda.

Rua 1º de Março, 105 — 1º andar - Salas 3 e 4

RIO DE JANEIRO

Novidades que

ARIEL, EDITORA LTDA.

recommenda a seus leitores:

Francisco Venancio Filho:

EDUCAR-SE PARA EDUCAR ..... 6$000

Luiz Cruls:

ATLAS CELESTE ..... 15$000

Alceu Lobato:

ISENÇÕES E REDUCÇÕES DE DIREITOS ADUANEIROS ..... 15$000

Gastão Cruls:

A AMAZONIA QUE EU VI ..... 10$000

COIVARA — 3ª edição ..... 7$000

ELSA E HELENA ..... 6$000

Georges Simenon:

O MYSTERIO DE UM MORTO ..... 5$000

O CÃO AMARELLO ..... 5$000

UM CRIME NA HOLLANDA ..... 5$000

Nicolas Ségur:

A CORTINA VERMELHA ..... 6$000

O ANEL SENSUAL ..... 6$000

Civilização Brasileira Editora

POSSUE SORTIMENTO COMPLETO E FAZ A MAIS AMPLA DIVULGAÇÃO DOS LIVROS NACIONAES

RUA DO LAVRADIO, 160 — Teleph. 2-6773

End. Tel. *"Civilização"* — Rio de Janeiro

Leiam:

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

A Vulgarização do Saber

Preço: 7$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

ARIEL, EDITORA LTDA.

Rio de Janeiro

Acaba de apparecer:

GILBERTO AMADO

Espirito do nosso tempo

TRES MAGNIFICOS ENSAIOS:

ESPIRITO DO NOSSO TEMPO
COMPARAÇÕES
GOETHE

PREÇO: 5$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

Leiam:

RENÉ-ALBERT GUZMAN:

CIUME

uma das obras primas da litteratura franceza contemporanea

Traducção de GASTÃO CRULS
Prefacio de GILBERTO AMADO

Duas valiosas opiniões a respeito deste livro:

DE PAUL MORAND:

"Depois de Duhamel, depois de Durtain, que são mais ou menos da mesma geração, depois de tantos escriptores illustres sahidos da Escola de Medicina, René-Albert Guzman se colloca entre os nossos optimos romancistas."

DE GILBERTO AMADO:

"Para nós, *Jalousie* é uma obra extraordinaria, como ha muito não lemos, de sinceridade e de vida. E' a mais bella historia de uma crise de sensibilidade sexual que ainda foi escripta nesta época de psychanalyse."

Preço: 6$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

Encontram-se á venda:

TRAJANO DE MIRANDA VALVERDE

A Fallencia no Direito Brasileiro

1ª Parte — Volume I

PREÇO: — broch. 30$000 — Enc. 35$000

Desenvolvimento historico do instituto da fallencia; actos e factos denunciadores da fallencia; fôro competente para a declaração da fallencia; processo preliminar da fallencia e sentença declaratoria; patrimonio do fallido; deveres do fallido; fallencia das pessôas juridicas; a fallencia e os credores; das obrigações solidarias; do ingresso dos credores na fallencia; dos effeitos da fallencia nos contractos bilateraes; da retenção e da compensação; actos nullos, annullaveis e inefficazes; da prescripção e do prazo extinctivo.

1ª Parte — Volume II

PREÇO: — Broch. 25$000 — Enc. 30$000

A organização judiciaria e administrativa da fallencia; o processo declaratorio; a classificação dos creditos e os creditos da massa fallida; a reivindicação; a realização do activo e a liquidação do passivo; as fallencias de pequeno activo e das sociedades de credito real e a cessação e o encerramento do processo de fallencia.

EM TODAS AS LIVRARIAS

Acaba de apparecer:

Na collecção "Os Mestres da Aventura"

GEORGES SIMENON

Um Crime na Hollanda

Sensacional romance policial

★

PREÇO: 5$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

ARIEL, EDITORA LTDA.

RUA 1º DE MARÇO, 105-1º — RIO DE JANEIRO

OFFICINA INDUSTRIAL GRAPHICA — MISERICORDIA, 74 — RIO.